Miguel Osorio
Lisboa

IMAGEM
DA
VIRTUDE
Em o Noviciado da Companhia de JESU
NA CORTE DE LISBOA,

EM QUE SE CONTEM A FUNDAC,AM DA CAZA,
& os Religiosos de virtude, que em Lisboa foraõ Noviços,

OFFERECIDA

A'

VIRGEM SENHORA DA ASSUMPÇAÕ

Padroeyra do mesmo Noviciado.

PELLO

P. ANTONIO FRANCO

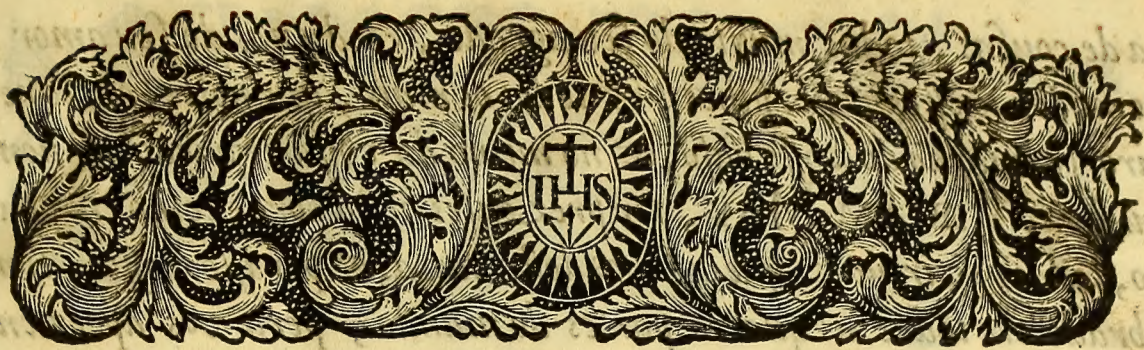
Da Companhia de JESU

Noviço, que foy na mesma caza.

COIMBRA:

NO REAL COLLEGIO DAS ARTES DA COMPANHIA DE JESU,

ANNO M. DCC. XVII.

Com todas as licenças necessarias.

A'
VIRGEM SENHORA
DA
ASSUMPÇAÕ
Padroeyra do Noviciado de Lisboa.

J A que a boa fortuna dos tres Noviciados desta Provincia foy, ſerem conſagrados a voſſo nome, MAY SANCTISSIMA, *pede a boa razaõ, naõ queira outros patrocinios eſta obra, mais que o voſſo amparo. Aſſim como eſtas ſanctas cazas com elle creceraõ tanto, & eſperaõ crecer cada dia mais, & mais, ſe pode eſte meu pequeno obſequio prometter todas as boas venturas; & quando naõ tenha outra mais, que a de ſer feito em honra voſſa, lhe baſta por todas as outras. Neſte meu trabalho vos offereço tantos Anjos pera o voſſo triumpho, quantas ſaõ as illuſtres vidas cheyas de maravilhoſas virtudes, que nelle ſe contem. Todas foraõ obra de voſſa maõ, na qual Deos como em tezouro depoſitou ſua Omnipotencia, & virtude ſingular obrado-*

ra de cousas, todas muyto do seu agrado, & dignas do seu amor, como foraõ estes vossos filhos, & todos os mais, que neste sancto retiro se criaraõ ao vosso baso, & no mimo da vossa devaçaõ. Quem pudera, VIRGEM MAY, *ter prezentes nesta obra, como em prato, todas as virtudes, que os filhos desta caza, & por isso vossos, tem obrado em todas as quatro partes do mundo, pera vos aprezentar huma iguaria pera vós das mais saborozas? Mas offerece a minha pouquidade, o que pode aver, pera que se conserve em obsequio vosso alguma parte do muyto, que infundio vossa liberal maõ em almas taõ sanctas. Vos, May amorosissima, com aquelles olhos, que fazem avultar as cousas, só com as ver, olhai pera este limitado offerecimento; & lhe dai, em quem por elle passar os olhos, tal agrado, que da sua liçaõ vos cobre hum amor, qual eu dezejo vos tenhaõ todas as as creaturas: & qual vos devemos ter todos, os que nesta caza nos criamos à vossa sombra, & com o leyte da vossa devaçaõ; a qual he nos filhos da Companhia de JESUS mais obrigaçaõ, que obsequio; pois por ser do filho, toda he Companhia da May, cuja mayor honra procura só esta obra, & só quer por premio seu Author.*

Vosso inutil, & indigno servo

Antonio Franco.

INTRO-

INTRODUCCAÕ.

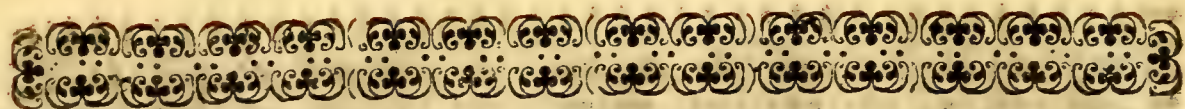
HUM dos tempos mais bem gastados he aquelle, que se occupa em escrever as vidas dos homens sanctos; & conservar os exemplos daquelles heroes, que assim como na vida espiravaõ virtude, assim depois da morte essa mesma estaõ inculcando nos sanctos exemplos, que nos deixaraõ. A nós pertence telos prezentes, pera com elles nos ajustarmos, procurando, que nossas obras sejaõ como as suas. Saõ as vidas escrittas humas como estatuas dos homens, que reprezentaõ: & tem sem duvida muyto mais energia, pera persuadir, do que achava Scipiaõ terem as estatuas dos seus Romanos, a cuja vista elle confessava conceber novos alentos, & espiritos capazes de se medir com todas as cousas grandes. Nas vidas dos homens sanctos aprendem, os que seguem semelhante instituto, o modo, que elles tiveraõ em o exercitar: o cuidado, & vigilancia, com que se ouveraõ, pera chegar aos apices da perfeiçaõ Evangelica, a que subiraõ. Os caracteres, que tem diante dos olhos, lhes estaõ mudamente repitindo a inscripçaõ, que os Athenienses tinhaõ aos pés das estatuas dos seus antepassados: *Sereis*, dizia a inscripçaõ, *como estes, se fizerdes como estes*. Continuando pois o meu trabalho em escrever as vidas de alguns dos muytos homens de virtude, que teve esta nossa Provincia de Portugal, ajuntei neste volume todos aquelles, de quem pude aver memoria, que em Lisboa foraõ Noviços nos diversos domicilios, q̃ naquella Corte ouve pera os deste estado; dando principio pella vida do Padre Mestre Simaõ Rodrigues fundador desta nossa Provincia. Vai toda a obra repartida em quatro livros. No primeiro a vida do fũdador, do primeiro Noviço da provincia, & de outros, que ou foraõ admitidos, ou passaraõ o seu Noviciado na caza de Sancto Antaõ o velho, que hoje he dos Padres de S. Agostinho. No segundo refiro as vidas de muytos servos de Deos, que fizeraõ seus Noviciados na caza de Saõ Roque, & na quinta de Campolide. No terceiro, & no quarto se contem

homens

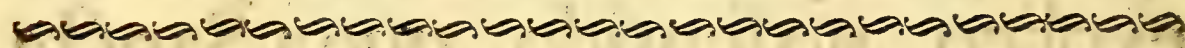
homens pertencentes à caza do Monte Olivete, em que hoje se criaõ os Irmaõs Noviços. No principio do terceiro livro escrevo a muy exemplar vida do Padre Joaõ Nunes, servirá de huma como mostra dos insignes Mestres de Noviços, que ouve nesta caza, cujas vidas por estarem jà escritas em outro lugar, as naõ repito. No principio se dà huma noticia dos domicilios, em que em Lisboa se criaraõ em diversos tempos os Irmaõs Noviços. No fim ajunto hum Catalogo dos que aqui foraõ Noviços, & escreveraõ livros. Naõ hà duvida, que foraõ muytos mais em numero os homens, que com suas virtudes podiaõ illustrar esta obra, porem com dizer, que ajuntei no corpo deste volume só as de que achei noticia, tenho dado satisfaçaõ. Quanto nesta obra escrevo, he recolhido de noticias fide dignas, dellas jà impressas, & as mais de manuscritos. Nas vidas, que andaõ impressas, he muy rara aquella, que naõ vai muyto acrescentada, & muyto diversa, do que antes andava; por tanto ouve nisto mais trabalho, q̃ tresladar, ou verter de huma em outra lingua. Algumas foraõ em todo trabalho meu, porque inquirindo de homens, que sabiaõ os bons exemplos dos tais servos de Deos, os uni todos em hum só corpo. O estilo he, quanto basta pera os nossos Irmaõs Noviços, a quem encaminho o meu trabalho, fogindo quanto posso em a narraçaõ das cousas de fazer digressoens, porque o Leytor dizem ser como o caminhante, que gosta mais do caminho igual sem rodeos: se estes, posto que apraziveis, saõ muytos, o enfado naõ he pouco. Aos nossos Irmaõs Noviços da caza de Lisboa, a quem consagro esta *Imagem da Virtude*, rogo muyto se lembrem de me encomendar a Deos, por este limitado obsequio, que fiz à caza, onde vivem, na qual tambem passei os ultimos mezes dos meus dous annos de Noviciado, & depois de professo vivi sinco annos ensinando letras humanas aos nossos Irmaõs estudantes, que entaõ alli estudaraõ; & sempre me fez Deos naquella caza muytas mercês, & favores; em agradecimento destes se sirva o Senhor de aceitar a limitaçaõ deste meo qualquer trabalho, o qual todo quero, que seja em sua mayor honra, & gloria.

PRO-

PROTESTAÇAÕ DO AUTHOR.

POrque toda eſta obra trata de homens de virtude, & muytas couſas, que parecem milagrozas, martyrios, revelaçoens, profecias; declaro, que ſó quero, ſe tomem eſtas couſas todas, & qualſquer palavras, com que me explico, no ſentido, que a Sancta Igreja as coſtuma permitir, ſogeitando tudo ao ſeu juizo, & diſpoſiçaõ, naõ querendo em nada encontrar os Decretos Pontificios, que hà neſta materia.

LICENÇAS
Da Ordem.

MAnoel Dias da Companhia de JESU Prepozito Provincial da Provincia de Portugal por particular commissaõ, que pera isso me foy dada por nosso Muyto Reverendo Padre Geral Miguel Angelo Tamburino, dou licença, pera que se imprima o livro intitulado *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESU em Lisboa*, cõposto pello Padre Antonio Franco da mesma Companhia, o qual foy examinado, & approvado por Pessoas doutas, & graves della, & por verdade dei esta por mim assignada, & sellada com o sello de meu officio. Lisboa 21 de Agosto de 1709.

Manoel Dias.

Do S. Officio.

CENSURA DO M.R.P.M. D. ANTONIO CAETANO de Souza C.R.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

VI por ordem de V. Illustrissima o livro intitulado *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESU na Corte de Lisboa*, que compoz o M.R.P.M. Antonio Franco da mesma Companhia, o qual naõ contem cousa alguma contra a nossa Sancta Fé, ou bons costumes; & me parece muy digno de que V. Illustrissima lhe dê a licença, que pede, pera q̃ o mundo admire juntas aquellas mesmas virtudes, que em diversos tempos tanto o edificou; & em taõ grande gloria da Companhia. Lisboa na caza de N. Senhora da Divina Providencia 6 de Fevereyro de 1710.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

CEN-

CENSURA DO M.R.P.M. Fr. ALVARO Pimentel.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

REví o livro, que se intitula *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESU na Corte de Lisboa*, composto pello Muyto Reverendo Padre Mestre Antonio Franco da mesma Companhia; & alem de naõ achar nelle cousa, que encontre nossa Sancta Fé, & bons costumes, leyo nelle taõ inumeraveis acçoens de virtude obradas pellos Filhos de Sancto Ignacio, que parece impossivel o publicaremse no prelo, sem que arrebatem as almas à imitaçaõ, & à constancia da fé, que professaõ. E assim me parece devido o despacho, que pede seu Author. V. Illustrissima fará o que melhor parecer. Lisboa, Graça 28 de Março de 1710.

O M. Fr. Alvaro Pimentel.

Do S. Officio.

VIstas as informaçoens podese imprimir o livro intitulado *Imagem da Virtude*, & impresso tornará pera se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrá. Lisboa 11 de Abril de 1710.

Carneyro. Moniz. Hasse. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barretto.

Do Ordinario.

POdese imprimir o livro intitulado *Imagem da Virtude*, & impresso torne pera se conferir, & dar licença que corra. Lisboa 7 de Mayo de 1710.

Bispo de Tagaste.

Do Paço.

CENSURA DO M. R. P. M. ANTONIO *Botelho.*

SENHOR.

MAndame V. Mageſtade,que veja o livro intitulado *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia na Corte de Lisboa*, compoſto pello Muyto Reverendo Padre Antonio Franco da Sagrada Religiaõ da Companhia de JESUS, pera que o cenſure; & bem poſſo dizer agora, o que em ſemelhante occaziaõ diſſe Caſiodoro: *Fruſtra ad cenſuram proponitur, qui tantis titulis approbatus videtur*, que he eſcuſada a cenſura em hum livro por tantos titulos approvado. He-o eſte livro pello Author, & pella materia de que trata. Pello Author tanto pellos talentos, com que Deos o dotou, como tambem por ſer filho da ſagrada Religiaõ da Companhia de JESUS,officina donde tem ſahido os melhores livros, que ſe tem eſcrito em todas as materias, & de officina taõ excellente naõ pode ſahir obra, que o naõ ſeja. E ſe he doutrina de Chriſto, que a arvore boa de força ha de produzir frutos bons: *Omnis arbor bona fructus bonos facit*; ſendo eſte livro fruto de taõ boa arvore, naõ pode deyxar de ſer bom. He tambem eſte livro approvado pella materia de que trata. He o ſeu aſſumpto as vidas dos Varoens, que floreceraõ em letras, & virtudes na Religiaõ ſagrada da Companhia de JESUS, tendo o ſeu Noviciado em eſta Cidade de Lisboa: & que obra mais approvada pera a Republica do que eſta? Porque ſe as Reſpublicas entaõ ſaõ mais felices, & ditoſas, quando nellas florecem Varoens de letras, & ſantidade, o melhor meyo pera eſtes florecerem ſaõ as vidas, & exemplos de outros, que em algum tempo floreceraõ; tanto, que ſe por impoſſivel faltaſſem os preceitos Divinos, que à virtude incitaõ, baſtariaõ os exemplos dos homens virtuozos. He doutrina de S. Izodoro: *Si ad boni incitamentum, divina, quibus admonemur, præcepta deeſſent, pro lege nobis Sanctorum exempla ſufficerent.* Nem pode diminuir eſta razaõ o teremſe jà eſcritos muytos livros de ſemelhante materia; porque ſempre foy conveniente em materias de grande importancia o haver muytos livros da meſma, pera poderem chegar às

Caſiodor. lib. 7. Epiſtol. 19.

Matth. 7. 17.

S. Izidor. lib. 2. cap. 11.

maõs

maõs de todos. *Expedit de eadem materia* (disse S. Agostinho) *fieri multos libros, quia non omnium scripta ad omnes veniunt.* Em hum livro pois taõ approvado, que tenho eu mais que dizer, se naõ que seu Author se faz muyto digno de que V. Mageſtade lhe conceda a faculdade, que pede? Com tudo V. Mageſtade mandará o que for servido. Lisboa, & Congregaçaõ do Oratorio 1 de Junho de 1710.

S. Agost. de Trinit.

Antonio Botelho.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Meza pera se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrá. Lisboa 16 de Junho de 1710.

Lacerda. Andrade. Costa. Botelho.

ESTà conforme com o seo original. Lisboa Occidental na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia 4. de Março de 1718.

D. Antonio Caetano de Sousa C. R.

VIsto estar conforme com o original pode correr. Lisboa Occidental 8. de Março de 1718.

Ribeyro. Rocha. Guerreyro. Portocarrero. Carneyro.

VIsto estar conforme pode correr. Lisboa Occidental 12. de Março 1718.

Cardozo.

TAxaõ este livro em dous mil reis. Lisboa Occidental 14. de Março de 1718.

Costa. Botelho. Pereyra. Galvaõ. Oliveyra. Noronha.

INDICE
DOS SERVOS DE DEOS, QUE SE contem nesta obra. O numero significa a pagina.

H

INDICE

PELLOS DIAS DOS MEZES DOS VAROENS Illuſtres, q̃ ſe contem neſte tomo do Noviciado de Lisboa. Os q̃ tem eſte final ✠ foraõ Martyres; os q̃ tem eſte C. morreraõ ſervindo em Contagios. Aquelles, de que naõ conſta o mez de ſua morte, vaõ juntos no fim.

JANEYRO

Anno da morte.

6. Irm. Gaſpar Lourenço. Lisboa. 1676.
8. Padre Antonio de Caſtellobranco. Coimbra. 1643.
10. Padre Doutor Antonio Ferreyra. Evora. 1676.
12. Padre Manoel Caſtellaõ. Evora. 1694.
19. P. Doutor Franciſco Soares. Jerumenha. 1659.

FEVEREYRO.

4. Padre Luis de Mello. Madure. 1691.
✠ 4. Veneravel Padre Joaõ de Britto. Maravâ. 1693.
5. Padre Joaõ Furtado. Coimbra. 1700.
12. Padre Affonſo Barreto. Lisboa. 1557.
13. Padre Ruy de Mello. Lisboa. 1663.
✠ 18. Padre Manoel Fernandes. Evora. 1555.

MARC,O.

1. Padre Nuno Rodrigues. Goa. 1604.
2. Padre Lourenço Rebello. Angra. 1679.
5. Padre Antonio de Monſerrate. Salſete. 1600.
10. Padre Joaõ Alvres. Evora. 1623.
19. Padre Antonio de Andrade. Goa. 1634.
20. Irmaõ Gaſpar Freyre. Evora. 1625.
22. Irmaõ Joaõ Carvalho. Evora. 1659.
C. 29. Padre Affonſo Freyre. Evora. 1659.

ABRIL.

4. Padre Gonçalo de Medeyros. Lisboa. 1552.
13. P. Doutor Antonio Fernandes. Lõdres. 1674.
14. Veneravel P. Doutor Sebaſtiaõ Barradas. Coimbra. 1615.
21. Padre Balthaſar da Coſta. Na Viagẽ da India. 1673.

MAYO.

1. Padre Frãciſco Lopes. Fremonâ. 1597.
2. Padre Amaro Fernandes. Evora. 1705.
5. P. Ignacio Rodrigues. Na Viagem da India. 1702.
11. Veneravel Irmaõ Domingos da Cunha. Lisboa. 1644.

17. Pa-

JUNHO.

JULHO.

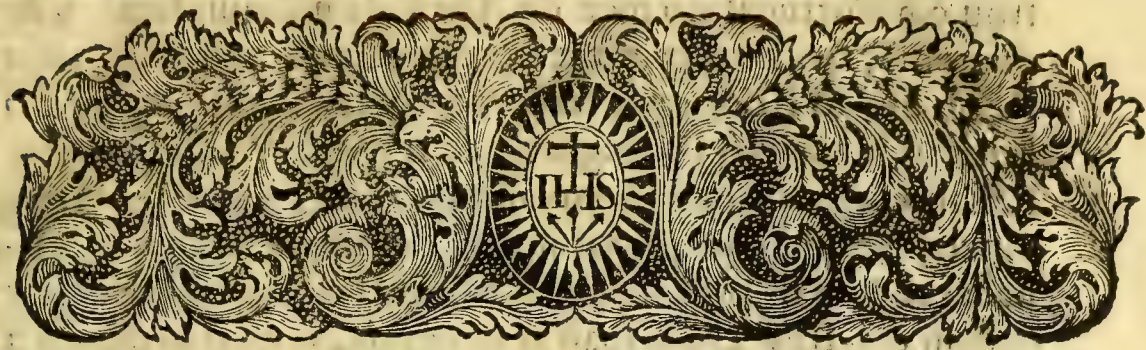
AGOSTO.

SETEMBRO.

OUTUBRO.

NOVEMBRO.

DEZEMBRO.

Os seguintes saõ em mes, & dia incerto.

LIVRO PRIMEYRO
DA
IMAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DE LISBOA
da Companhia de JESU.

DOS VARIOS DOMICILIOS, QUE TEVE ESTE Noviciado, Vida do P. M. Simaõ Rodrigues Fundador desta Provincia, & de alguns servos de Deos, que foraõ Noviços na caza de Sãcto Antaõ o velho.

CAPITULO I.

Da-se noticia das cazas, nas quais em Lisboa ouve Noviços.

1 PARECE, que dispoz a Divina Providencia com especial cuydado, que o Noviciado da Companhia em Lisboa assistisse em diversos lugares, athe tomar assento estavel no sitio, em que hoje se criaõ os Noviços, para que em todas as partes, onde saõ mais frequentes estes sanctos Irmaõs, tivessem, como despertadores do seu fervor, os exemplos dos antepassados, & Noviços primitivos da Companhia. Ainda que pellos bens de Deos, neste estado sempre o espirito primitivo se foy perpetuando, assim o conhecemos todos, os que procuramos ser filhos de may taõ sancta, qual he a Companhia de JESU.

2 Tomando mais atraz a agoa;a nossa Companhia entrou em Portugal no mez de Abril de mil quinhentos, & quarenta, sendo os primeyros, que vieraõ a este Reyno o P. M. Simaõ Rodrigues terceyro companheyro de Sancto Ignacio, de naçaõ Portuguez, & o Padre Paulo Camerte Italiano. Aportaraõ a Setuval,como tem a historia da Provincia, porque vieraõ por mar. Chegados a Lisboa se hospedaraõ no Hospital de todos os Sanctos. Vinhaõ elles por ordem del-Rey Dom Joaõ o terceyro, o qual ordenara a seu Apozentador, lhes tivesse cazas preparadas, porem elles segundo as direcçoens, que tinhaõ de Sancto Ignacio, buscaraõ o Hospital, agradecendo a El-Rey os outros cõmodos, & naõ os aceytando.

3 No mez de Junho do mesmo anno chegou de Roma Saõ Francisco Xavier em cõpanhia do Embayxador Dom Pedro Mascarenhas. Acõmodouse o Sãcto no mesmo Hospital com os outros dous Padres, que tinhaõ chegado em Abril. Morando estes Sanctos, & Apostolicos varoens no Hospital de todos os Sanctos, admittiraõ na Companhia ao P. M. Gonçalo de Medeyros, que em Pariz conhecera, & tratara a Sancto Ignacio,& a seus companheyros, o qual vendo em Lisboa seus raros exemplos, se lhes affeyçoou, como em sua vida mais largamente se dirà. Este foy o primeyro Noviço da Companhia em Portugal, a sua caza de provaçaõ o Hospital de Lisboa, seu Mestre de Noviços Saõ Francisco Xavier, & o P. M. Simaõ Rodrigues. Da grande caridade, & modestia,com que estes nossos primeyros Padres serviaõ na quelle Hospital aos enfermos, he razaõ se lembrem os nossos Irmaõs Noviços, quãdo alli vaõ, como he seu antigo costume, consolar os mizeraveis, & fazerlhes as camas. A quem nam affervorarà considerar, que andaraõ tais Irmaõs, & Pays nossos nas mesmas enfermarias, em que nòs seus filhos andamos.

4 Excepto algũ tẽpo,que assistio com a Corte em Almeyrim o Padre Saõ Frãcisco, & mais Padres,foy sua morada o Hospital, athe se embarcar para a India no Abril de mil quinhẽtos quarẽta,& hũ. Deste mez athe o fim do anno cõtinuou alli o P.M.Simaõ cõ o P M.Gonçalo no Hospital,& tambẽ acho memorias antigas, q̃ tem, morarẽ algũ tempo em humas cazas, que ficavaõ defronte do Hospital.

5 No principio de Janeyro de mil quinhentos quarenta, &

ta, & dous, tendo o P.M. Simaõ havido o Mosteyro de Sãcto Antaõ o velho, pello modo, que adiante em sua vida se dirà, se passou para elle, como para caza sua. Este Mosteyro foy da Companhia athe o anno de mil quinhentos noventa, & quatro, em que se largou por onze mil cruzados aos Padres Gracianos de Sancto Agostinho. Nesta caza recebeo o P.M. Simaõ alguns sogeytos na Cõpanhia, & depois morando ja os nossos em Coimbra, alli vinhaõ continuar algũs Noviços, para ajudarẽ às Missas, & outros ministerios domesticos. Destes foy hũ o Padre Affonso Barreto, o qual andou algũ tẽpo feyto na Ribeyra moço da ceyrinha, & entre os deste exercicio para os trazer a Deos, como se contarà em sua vida. Este raro exemplo de caridade em hum Noviço, fidalgo por seus pays, pode servir de incitamento sancto aos nossos Noviços, quãdo vaõ à Ribeyra, ou a ensinar a sancta doutrina, ou a trazer a seus hombros para caza o provimento, que se compra, considerando a grãde devoçaõ, com que aquelle, & outros seus Irmaõs se occuparaõ nestes exercicios.

6 No anno de mil quinhentos sincoenta, & tres pello mez de Outubro, teve seu principio a nossa caza de Saõ Roque em Lisboa. No principio do anno de mil quinhentos sincoenta, & oito comessou a haver nella Noviciado, para cuja fundaçaõ foraõ Noviços de Evora, & Coimbra, & por Mestre o Padre Antonio Correa, que em Coimbra fora o primeyro Mestre de Noviços depois de publicadas as constituiçoens, & introduzida a nova forma de criar Noviços, que hoje se uza.

7 Tenho diante de mim, quando isto escrevo, o livro antigo dos Noviços, que se receberam na caza de Saõ Roque, onde se nomeaõ, os que de Evora, & Coimbra vieraõ.

8 Da qui se vè em como nam he certo, o que tem o Padre Manoel da Veyga no seu memorial da caza de Saõ Roque, dizendo, que este fora o primeyro Noviciado, que ouvera em forma nesta provincia depois de promulgadas as Constituiçoens, sendo couza sem duvida, que foy o terceyro. Nem elle vio o livro antigo da entrada dos Noviços da caza de Saõ Roque, que tenho diante de mim, & se conserva no Cartorio de Coimbra, donde eu o encontrey. No cubiculo do Padre Mestre, & Reytor dos Noviços em Lisboa ha hum livro, que conta os Noviços da caza de S.

Roque desde Abril de 1556, & athe o mez de Junho cõta onze, que entraraõ, mas athe Março de 1558. nenhum refere, que alli entrasse de novo. Tambem por falta de semelhante noticia, ha na Historia impressa desta provincia algum descuydo nesta materia. O nosso Padre Alvaro Lobo, a quem quanto à substancia das couzas se encostou a Historia impressa, tem, que o Padre Antonio Correa começara a ser Mestre dos Noviços em Coimbra, tẽdo por Noviços, alem de outros, aos Padres Ruy Vicente, Luis de Molina, & Manoel Fernandes, que foy Missionario insigne na Ethiopia. O P. Mestre Balthezar Telles, com estes mesmos, diz, comessara a ser Mestre na caza de S. Roque; & conta alli huma mortificaçaõ, que fizera ao Padre Manoel Fernandes diante do Padre Provincial, & Preposito da caza, & mais communidade, mandandoo subir à cadeyra do refeytorio, & dizer certas confuzoens, que conto em sua vida. O certo he, que isto foy equivocaçaõ, confundindo o mesmo Mestre em S. Roque, comsigo mesmo em Coimbra, & o principio de hum Noviciado com o outro. O livro, que alleguei, tais Noviços naõ tem; & menos podia ser o Padre Manoel Fernandes, que no anno de mil quinhentos sincoenta, & sinco navegou para a India, antes de haver Noviciado na caza de S. Roque. E acho carta, que de Goa escreveo a Coimbra ao Padre Antonio Correa. O cazo das confuzoens, que no refeitorio disse, succedeo no Collegio de Coimbra.

10 He às vezes precizo nas Historias fazer estas anatomias dos annos, & tempos, para que a narraçaõ das couzas caminhe com a certeza, que he bem haja em as contar. E por eu nesta parte me fiar da Historia da provincia, descubertos documentos de mais certeza, me foy necessario refundir muytas couzas, que tinha escrito, & por ventura em tanta vastidaõ, me fique alguma por emmendar, & eu caya em outras, que outros emmendem em mim. Tornãdo ao fio, durou o Noviciado em Saõ Roque athe o anno de mil quinhentos sessenta, & nove; nelle por cauza da peste grande, com que Lisboa se consumio, foy necessario, mãdar os Noviços parte para Coimbra, parte para Evora, couza de hum anno, depois se tornou a povoar athe o anno de 1579. em que tornando a haver peste se desfez outra vez, & cessou aquelle Noviciado: attendendose, a ser mais util, ter na caza operarios, que Noviços. No

11 No anno de mil quinhentos, & ſetenta, quando eſtava dezerto o Noviciado de Saõ Roque, ſe hoſpedaraõ nelle por algumas ſemanas os Martyres do Brazil, que padeceraõ em companhia dos veneraveis Padres Ignacio de Azevedo, & Pedro Dias na viagem do Brazil. Ouve neſta caza Noviços muy Sanctos. Ainda hoje ſe vè ſobre a portaria do carro o edificio, que ſervio de Noviciado. A eſtes ſervos de Deos, em eſpecial aos Noviços Martyres do Brazil, devem trazer diante de ſeus olhos os Irmaõs Noviços, que vaõ ſervir na quella Sancta caza; paſſando pella memoria a modeſtia, compoſtura, & recolhimento interior, com que entravaõ, & ſahiaõ pellas meſmas portas, & andavaõ nos meſmos corredores, & officinas.

12 Ainda, que ceſſou o Noviciado em Saõ Roque, cõ tudo alli entraraõ depois alguns, em eſpecial Irmaõs coadjutores, & de vez em quando algum eſtudante, que era logo mandado para os outros Noviciados dos Collegios. Em todos os annos, que em Lisboa naõ ouve Noviciado, hiaõ ora de Coimbra, ora de Evora Noviços a ſervir na caza de Saõ Roque, como hoje o fazem os de Lisboa; tendo alli aſſiſtido algũ tempo, vinhaõ outros, que os rendiaõ. O noſſo Padre Franciſco de Araujo, que muytos annos correo com eſtes Noviços, que na quelle tempo hiaõ dos Collegios a S. Roque, fez delles hum grande catalogo, que eu li, em que hia eſcrevendo diſtinctamente os mezes, & annos, em que foraõ.

13 No anno de mil quinhentos oitenta, & ſete na Cõgregaçaõ, que ſe teve na caza de Saõ Roque, ſendo Provincial o Padre Sebaſtiaõ de Morais, ſe propoz, ſe era bem haver na provincia caza de Noviços ſeparada. Concordaraõ os Padres, que a ouveſſe. Aſſim o pediraõ a noſſo R.P. Geral Claudio Aquaviva, & que havendo de ſer em Lisboa, foſſe no Collegio de Sãcto Antaõ o velho. Ja neſte tẽpo o Collegio de Sancto Antaõ o novo tinha o ſeu edificio quaſi capaz de brevemente ſe paſſarem a elle os noſſos Religiozos, deyxãdo o Collegio velho. Em effeyto ſe mudaraõ para elle aos oito de Novembro de mil quinhentos noventa, & tres.

14 Feyta a mudança, logo no anno ſeguinte ſe fez a venda do Collegio velho aos Padres Gracianos. Ouve em quem governava o Collegio novo, grande fome de vender,

o que

o que bem se vio nas clausulas, com que se fez a escritura. Acodiraõ muytos Padres graves, & zelozos ao Padre Geral, para impedir a tal venda. Veyo de Roma obediencia, que se naõ fizesse; mas chegou esta tres, ou quatro dias depois de estar a venda celebrada por escritura. Cauzou isto na provincia muyto sentimento, & havia pera elle muytas rezoens, naõ tanto por ser a venda como de graça; pois se largou por onze mil cruzados, o que se avaliou em vinte,& sinco mil, quanto por ser aquella caza a primeyra propria, que teve em todo o mundo a Companhia,porque a de Roma era ainda de aluguel. E tambem porque tratandose de caza de Noviços, lhe ficava para estes em grande cõmodo.

15 Creceo mais esta magoa, quãdo havendo os Padres determinado fazer Noviciado em Lisboa, apalparaõ algũs vinte sitios, & nenhum tinha os cõmodos da quella caza,& os preços, que se pediaõ eraõ exorbitantissimos. Porem deyxando esta magoa, & o mais, que ouve sobre ella, digamos como teve sua origem o Noviciado de Campolide.

CAPITULO II.

Do Noviciado, que ouve em Campolide, & como se lançou a primeyra pedra à caza do Monte Olivete.

1 NO anno de mil quinhentos oitenta, & sinco comessou a ser da Companhia hũa quinta na quelle sitio, que se chama Campolide, na qual determinaraõ os Padres se desse principio ao Noviciado, em quanto se naõ edificava outra caza. O Senhor Fernaõ Telles de Menezes, que fora Governador da India,& era Regedor da Justiça, & a Senhora Dona Maria de Noronha sua mulher tomaraõ por devoçaõ fundar à Companhia em Lisboa caza especial para Noviços.

2 Deraõ para esta fundaçaõ quinhentos mil reis de rẽda, o capital delles eraõ vinte mil cruzados, seis na quinta do Monte Olivete no sitio da Cotovia, onde hoje està a caza dos Irmaõs Noviços. O mais se deu em juros bem parados, que naõ ha porque os especificar, basta saber, que de rais sò deu a ditta propriedade. Aceytada por nosso Reverendo Padre Geral a fundaçaõ,de que o ditto Senhor fez sua escritura em vinte, & seis de Dezembro de mil qui-

nhentos

nhentos noventa, & ſete, tendo ja feyto outra no Algarve, ſendo alli Governador, ſe deu ordem à dedicaçaõ da nova caza de Noviços.

3 Foy feyta eſta dedicaçaõ em dezoito de Dezembro de mil quinhentos noventa, & ſete, dia da Expectaçaõ da Senhora com titulo de ſua glorioza Aſſumpſaõ, a quem a nova caza era conſagrada, & tambem a capella da quinta, em q̃ ſe fazia. Mandara o Padre Provincial Chriſtovaõ de Gouvea vir de Coimbra, & Evora athe quinze Noviços, delles era Reytor o Padre Antonio Maſcarenhas. Diſſe Miſſa na capella o Padre Provincial, & deulhes a Communhaõ. Acharaõſe prezentes o Senhor Fernaõ Telles de Menezes fundador, o Padre Joaõ de Madureyra Prepoſito da caza de Saõ Roque, & Irmaõ do Padre Provincial, o Padre Luis Alvres Reytor do Collegio de Sãcto Antaõ, & outros Padres graves. Eſte Padre Luis Alvres naõ era o pregador celebre, que ja no ditto anno era fallecido, mas outro do meſmo nome.

4 A meza ſerviraõ na quelle dia o Padre Prepoſito, o Padre Reytor de Sancto Antaõ, & o Padre Secretario da provincia, outro Padre antigo leo à meza. Ouve em todos muyta conſolaçaõ eſpiritual, eſperando os grandes bẽs, que da quella nova caza haviaõ de reſultar a eſta provincia, & a todas as miſſoens deſta Coroa.

5 O primeyro Reytor, como ditto he, foy o Padre Antonio Maſcarenhas, homem illuſtriſſimo por ſangue, & mais por ſuas virtudes, as quais em ſeu lugar ſe eſcrevẽ em a Imagem da Virtude do Noviciado de Evora. Tres annos continuou aquelle governo, do qual foy promovido, a ſer Reytor do Collegio de Coimbra.

6 O primeyro Noviço, que em Campolide foy recebido, ſe chamava Antonio de Azevedo, natural de Lisboa, era Sacerdote, tinha de idade quarenta, & ſete annos, homem fidalgo, & que ſe achara na batalha del-Rey *D.* Sebaſtiaõ em Africa, & nella fora cativo. Era de muyta virtude, & havia dous annos pertendia ſer da Companhia, o que ſe tinha dilatado, por ſe duvidar, ſe poderia com o trabalho, por ſer enfermiço, & de tenues forças. Porẽ Deos, que delle ſe queria ſervir, o favoreceo, & depois andando annos, veyo a falecer cheo de merecimentos na caza de Saõ Roque aos 22. de Julho de 1632.

7 Ajudou muyto com ſuas eſmolas eſta nova fundaçaõ. Alem do movel de ſua caza, lhe aplicou huma pençaõ de cento, & vinte mil reis em cada hum anno, que lhe pagava o Arcipreſte de Lisboa, & outra, que tinha no Biſpado de Vizeu.

8 A Quinta de Campolide ſe dividio em duas partes, huma ficou dos Noviços, outra com ſeu pomar era da caza de Saõ Roque, que a poſſuia na forma, que as cõſtituiçoens permittem huma quinta às noſſas cazas profeſſas. No anno de mil ſeis centos, & vinte quatro, os noſſos Padres de Saõ Roque venderaõ tambem a outra parte à caza dos Irmaõs Noviços, como lhe tinhaõ vendido a primeyra. Delles he hoje toda eſta propriedade, & lhes ſerve de quinta ordinaria, em que vaõ paſſar ſeus dias de honeſta, & ſancta recreaçaõ.

9 Durou o Noviciado em Campolide couza de ſeis annos, por quanto no de ſeis centos, & tres, os Padres pediraõ a noſſo R. P. Geral ſe ſuſpendeſſe, para ſe gaſtarem os rendimentos em o edificio do Monte Olivete. Neſtes poucos annos ouve na quella caza Noviços, que foraõ, andando annos, huns Martyres illuſtriſſimos, como os Padres Joaõ Baptiſta Machado, Chriſtovaõ Ferreyra, & Miguel Carvalho, todos Martyres em Japaõ; & o Padre Apollinar de Almeyda Biſpo de Nicea, & Martyr na Ethiopia; outros Miſſionarios affamados, como o Padre Antonio de Andrade Apoſtolo de Tibet, o Padre Ioaõ Velaſco, & outros; de cujas virtudes ſe devem lembrar, & fallar os noſſos Irmaõs Noviços, quando alli os mandaõ ter o ſeu dia de allivio, conſiderando, que a terra, que pizaõ foy ſanctificada com os pès de tantos Martyres.

10 Neſte governo do Padre Antonio Maſcarenhas ſuccedeo alli huma couza muy notavel. Ha no fundo da quinta hum poço, que neſtes annos proximos ſe afundou, & ſe lhe buſcou agoa com huma mina, & fizeraõ outras induſtrias, com que ficou de gran de ſervintia, & proveyto, porem na quelles tempos alem de eſtreyto, como o conhecemos, era de pouca agoa, & às vezes ſe ſecava. Aconteceo pois, haver anno de ſeca, foyſſe alli buſcar agoa para o ſerviço da caza, & ſe achou ſem gota de agoa no fundo. Voltaraõ os Irmaõs ao Padre Reytor, o qual antes de fallarem, lhes diſſe: *Que he iſſo, naõ tem o poço agoa?* reſpondendo,

dendo, que assim passava; lhes ordenou, que voltassem a elle, & naõ a achando, fizessem o sinal da Cruz, & que logo teriam agoa. Tornaraõ, & vendoo seco, como o deyxaraõ, fizeraõ o sinal da Cruz, & logo começou a vir agoa, & nunca mais o poço em tempo do governo do Padre Antonio Mascarenhas se tornou a secar. Em acçaõ de graças foy la com os Noviços o Padre Reytor, & todos rezaraõ o *Te Deum laudamus.*

11 Logo, que se fez a dedicaçaõ assima referida, se poz todo o cuydado em buscar sitio em Lisboa pera a nova caza. Nisto se foraõ passando muytos annos, sem aparecer couza a contento, & cõ cõmodo. Dava suas queyxas disso o Fundador, que dezejava ver com seus olhos promovida a obra, que toda era sua. Por fim das diligencias rezolveo o Padre Joaõ Correa Provincial, & o aprovou nosso Reverendo Padre, que o edificio se levantasse na quinta do Mõte Olivete dada pello Fundador no sitio da Cotovia, por ser o lugar, em que menos inconvenientes por entaõ se achavaõ, antes ficava em bom cõmodo, por estar pouco distante da Cidade, & da caza de Saõ Roque, ser o sitio de bellos prospectos, lavado dos ventos, & sadio.

12 O que nesta eleyçaõ deu mais cuydado, foy a pouca firmeza do solo, por ser cortado com muytas minas, feytas pera tirar barro de oleyros; & sò se achou firme no lugar onde estava o monte. Alli se determinaraõ fosse a fabrica, naõ obstante o custo, que havia de fazer o monte em se arrazar, pera correr o edificio em pavimento igual.

13 Tomada esta resoluçaõ, se lançou a primeyra pedra dia de Saõ Jorge aos vinte, & tres de Abril de mil seis centos, & tres. A pedra tinha seis faces, era quadrada por todas as partes, no quadrado supremo tinha com letras goticas aberto este letreyro: *Deo Trino, Uni, & B. Virg. jactus 23. Aprilis, anno D.* 1603. *hora nona.* Em outro quadrado dizia o letreyro: *Ferdinando Telles de Menezes, & D. Maria de Noronha ejus* (& no seguinte lado) *Uxore Fundatoribus.* Noutro quadrado dizia : *Papa Clemente VIII. Rege Philippo II.* Em outro tinha : *Præposito Generali Societatis Claudio Aquaviva, Provinciale Joanne Correa.* No quadro sexto inferior naõ tinha letreyro, mas sò huma pequena concavidade, que se tapava, & enchia com çapa da mesma pedra feyta ao justo.

14 No dia de Saõ Iorge, veyo o Fũdador, & mais Padres autorizados de toda a provincia, que se acharaõ na Congregaçaõ, que se acabava de celebrar em Saõ Roque. Leraõse os letreyros, enramouse a pedra com flores, & tẽdo o Fundador na maõ hũ cordaõ de seda, & o Padre Provincial outro, que estavaõ atados nas pontas da taboa, sobre quem estava a pedra tambem atada, se começou a lançar devagar, dizendo o Fundador ao Padre Provincial, que lhe deytasse hũa grande bençaõ; & o Padre Provincial lhe disse certa oraçaõ. Nesta forma a som de charamelas foy a pedra assentada no fundo do alicerce.

15 Antes de hir abayxo, se lançaraõ na concavidade della algumas medalhas de nossa Senhora, de Saõ Pedro, & Saõ Paulo, do nosso Padre Sancto Ignacio, & Sancto Xavier, alguns reales de prata, & o Fundador lançou hum Portuguez de ouro, moeda da quelle tempo, & se tapou a pedra. Feyta esta solemnidade, se foraõ passar o dia em honesta recreaçaõ à quinta de Campolide, aonde viviaõ os Irmaõs Noviços, que, como fica ditto, em breve deyxaraõ o posto passando pera Coimbra, & Evora, em ordem a crecer o rendimento pera os gastos do edificio.

16 Depois do Padre Antonio Mascarenhas foy Vice-Reytor em Campolide o Padre Francisco de Araujo, que era muy espiritual, & de conhecida virtude. Fez na quinta os passos da Payxaõ do Senhor, de que ainda hoje se vem alguns vestigios. E os Irmaõs os corriaõ com singular devoçaõ. Achandose alli o Padre Alberto Laercio grande Missionario do Oriente, & que neste anno de mil seis cẽtos, & dous conduzio ao Oriente a mayor missaõ, que là passou da Companhia, pois eraõ alguns sincoenta, & oito, & elle mesmo ajudou a arvorar a Cruz, que se levãtou no passo do Calvario.

17 Depois de alli estar hum anno o Padre Francisco de Araujo, lhe succedeo com patente do nosso R.P. Geral o Padre Simeaõ Caldeyra, que foy Mestre dos Noviços em Evora, & Reytor do Collegio do Porto. Antes tinha estado alguns annos na secretaria de Roma. Depois de tomar posse do Reytorado, da hi a hum mez fez sua profissaõ de quatro votos na caza de Saõ Roque. Couza, que nos tempos prezentes, em que as couzas tem outras andaduras, sem duvida parece muy estranha; & por isso a quiz referir. Este

Padre

Padre foy homem de muyta virtude, & delle pode ter especial gloria a Villa de Niza no Bispado de Portalegre, onde naceo, & entrou na Companhia em Evora em sete de Mayo de mil quinhentos oitenta, & dous com dezanove de idade. Este Padre continuou, athe se suspender o Noviciado de Campolide, & foy a ser Reytor do Collegio do Porto.

CAPITULO III.

De como se continuou o edificio do Monte Olivete, & adiantou por meyo do Irmaõ Lourenço Lombardo, de quem se dà noticia, & do mais da caza, & mudança dos Noviços pera ella.

1 DEpois, que se lançou a primeyra pedra; foy continuando o edificio. Achouse pedreyra no fim da quinta, & do monte, que se arrazou se tirou muyta pedra pera cal, muyta area, & barro pera tejolo, que naõ foy pequeno adjutorio da obra. Algum tempo correo com ella o nosso Padre Ioaõ Delgado, que fora Mestre de Mathematica, pera os nossos no Collegio de Coimbra, & pera os de fora no de Sancto Antaõ em Lisboa.

2 No anno de mil seis centos, & sinco aos vinte de Março se lançou a primeyra pedra da Igreja pello Bispo de Malaca Dom Frey Christovaõ da Ordem de Saõ Ieronymo grande devoto da nossa Companhia. Era Provincial o Padre Antonio Mascarenhas. Neste tempo ainda vivia o Fundador, mas naõ acho, que assistisse. Athe seis centos, & sete correo com a obra o Padre Ioaõ Delgado; da-hi athe os principios do anno de seis centos, & nove teve della cuydado Balthezar Alvres Arquitecto das obras del-Rey, o qual fez nova traça da Igreja, & Capella mor, & a fez mais custoza, do que os Padres imaginaraõ. Achouse, que a obra hia devagar, & que a continua assistencia dos nossos lhe fazia grande falta; pois sò dous tinhaõ a seu cuydado obra, & fazenda, & moravaõ no Collegio de Sancto Antaõ.

3 Por tanto ordenou o Padre Vice-Provincial Martim de Mello com os Padres Consultores da provincia, ouvesse no Monte Olivete huma Rezidencia de quatro Religiozos

nossos, que tivessem cuydado das obras, & fazenda. Com esta assistencia começou a obra a luzir a olhos vistos. Quiz a Fundadora, que em primeyro lugar se fizesse com calor a Capella mòr da Igreja, porque queria trazer a ella, & collocar em hum nobre mauzoleo os ossos de seu marido Fernaõ Telles, que com beneplacito de nosso R. P. Geral estavaõ depozitados na Sacristia da caza de Saõ Roque.

4 Mandou esta Senhora fabricar hum magestozo mauzoleo de marmores, assentado sobre dous elefantes em hũ vaõ no lado do Evangelho da Capella mòr. He a obra neste genero grandioza, fez de custo tres mil cruzados. Nella estaõ os ossos dos dous Fundadores com o seguinte letreyro, que por dar huma noticia destes Senhores, & seus fallecimentos o quero aqui ajuntar com suas palavras: *Aqui jaz Fernaõ Telles de Menezes filho de Bras Telles de Menezes Camareyro mòr, & Guarda mòr, & Capitaõ dos Ginetes, que foy do Infante Dom Luis, & de D. Caterina de Britto sua mulher, o qual foy do Conselho do Estado del-Rey nosso Senhor, & governou os estados da India, & o Reyno do Algarve, & foy Regedor da justiça da caza da supplicaçaõ, & Prezidente do Conselho da India, & partes ultramarinas. E sua mulher D. Maria de Noronha filha de D. Francisco de Faro Vedor da fazenda dos Reys Dom Sebastiaõ, & Dom Anrique, & de D. Messia de Albuquerque sua primeyra mulher: os quais fundaraõ, & dotaraõ esta caza da Provaçaõ da Companhia de JESU, & tomaraõ esta Capella mòr pera seu jazigo. Falleceo Fernaõ Telles de Menezes a XXVI. de Novembro de MDCV. & D. Maria de Noronha a VII. de Março de MDCXXIII.*

5 Continuava a obra do edificio naõ com aquella pressa, que se dezejava, por ser o custo muyto, & os rendimentos limitados. Duraria por muytos mais annos, se Deos o naõ tomara à sua conta, trazendo à Companhia ao Irmaõ Lourenço Lombardo, no anno de mil seis centos, & doze, o qual foy, o que mais deu a esta caza, & mais ajudou a fundaçaõ do edificio. Sua vocaçaõ, & bemfeytorias foraõ na forma seguinte.

6 Havia em Lisboa hum Flamengo chamado Lourenço Lombardo natural de Envres. Este sahira, trinta annos havia de sua patria a buscar fortuna, veyo a Lisboa, & della navegou à Mina, ajuntou algũ cabedal. Cazou em Lisboa com huma filha de hum Flamengo, & de huma Portugue-

za.

za. Depois disto foy duas vezes à India. Por ser homem de grande meneo, & industria, tratando, & negoceando, enriqueceo de maneyra, que era dos homens estrangeyros hum dos mais ricos em Lisboa.

7 Sendo de idade de sincoenta annos pouco mais, ou menos, o foy tocando nosso Senhor com particulares dezejos de sua salvaçaõ. Frequentava os Sacramẽtos na Igreja de Saõ Roque, corrẽdo cõ alguns Padres da quella caza, atheque foy ter com o Padre Fernaõ Guerreyro, que entaõ alli rezidia. Como era cazado, & tinha hum filho, & huma filha, naõ passava a mais sua devoçaõ, que a receber os Sacramentos da confissaõ, & comunhaõ todos os oito dias, viver retirado, & muy cauto em conversaçoens.

8 Dos filhos o macho era incapaz, de nelle se fazer caza, por ser mẽtecapto, por isso o tinha em Flãdres, determinãdo fazer caza na filha. Com este intento edificou em hum outeyro, que chamaõ moinho de vento, assima de Saõ Roque, as cazas, que hoje saõ de Francisco Barreto, & a rua de cazas menores, que ficaõ de fronte dellas, pera viver alli, & as deyxar com a mais fazenda a sua filha, que determinava cazar.

9 Tendo as cazas quazi acabadas, estando pera se passar a ellas, dez dias antes de fazer a mudança lhe morreo a filha. Vendose sem herdeyra, tomando isto com grande animo começou a entrar em mais elevados pensamentos, & tratar com sua mulher de ambos se recolherem, á fazer vida perfeyta. Naõ se mostrava ella a isto taõ facil, como elle o estava. Passaraõse pera as cazas novas, dez dias depois de fallecer a filha. Outros dez dias havia, que estavaõ nas cazas, quando de repente deu hum accidente à mulher, ao principio pareceo couza de pouco momento, mas brevemente lhe tirou a vida.

10 Vendo elle como Deos o dezempedia, pera seguir a vocaçaõ divina, que o chamava. Tratou com o Padre Fernaõ Guerreyro da mudança de sua vida, & da dispoziçaõ, que faria de suas couzas. Pareceo ao Padre, que devia mandar vir o filho, que tinha em Flandres, pera que prezencialmente se visse sua incapacidade, & o que se havia de obrar na disposiçaõ. Assim o fez. Vindo o moço, & vista juridicamente sua incapacidade, tomou rezoluçaõ do estado de sua vida. Disse ao Padre, como queria entrar

na

na Companhia, & aplicar sua fazenda, ou a mayor parte della à obra, que se julgasse ser de mayor serviço de Deos na mesma Companhia.

11 Nestes termos, o Padre lhe reprezentou esta caza, declarou o fim, pera que se fundava, o qual era criaremse nella sogeytos, que fossem estudar aos Collegios, & depois se repartissem pellas missoens da India, China, Japaõ, & outras da gentilidade, pera pregar o Evangelho; donde resultava a Deos grande gloria, & augmento à fe Catholica. Porem como o titulo de Fundador se tinha ja dado a Fernaõ Telles, neste naõ podia haver mudança, mas que segundo a esmola, que aplicasse, se lhe fariaõ na Companhia os suffragios, que se costumaõ fazer aos Fundadores. Estava elle ja affeyçoado a esta caza pella vizinhança, que com ella tinha; por isso abraçou com mayor gosto o alvitre do Padre, & assentou comsigo de se empregar todo nesta caza.

12 Logo deu ordem à suas couzas, repartio cõ grandeza com os parentes de sua mulher, cazou hũa Irmaã della, que criara em sua caza, em que empregou muytos mil cruzados. Fez outras obras pias. Depois de fazer partilhas com o filho por rezaõ da legitima da may, que lhe cabia, fez tambem testamento por elle como por pupillo.

13 Aplicou a esta caza a legitima do filho em cazo, q̃ morresse no estado, em que estava. Logo o entregou aos Padres assinandolhe seus alimentos, pera que o tivessem em alguma Rezidencia do Collegio de Coimbra, como no Canal, ou Saõ Fins, fora, & longe de Lisboa. Quinze mil cruzados em dinheyro aplicou todos pera o edificio, que hia muyto devagar.

14 Nosso R.P. Geral Claudio Aquaviva lhe mãdou fazer os suffragios de Fundador vivo, como a taõ insigne bẽfeytor, que dava mais à caza, do que seu Fundador lhe dera. Tambem por ser ja de idade, & naõ poder hir fazer seu Noviciado a Evora, ou a Coimbra, & haver nisto outros justos respeytos, dispensou com elle o Padre Geral, que entrasse na Companhia na caza de Saõ Roque. Assim o fez em Julho de mil seis centos, & treze, tendo delle cuydado o Padre Fernaõ Guerreyro.

15 Na caza de Saõ Roque tomou os Exercicios de Sancto Ignacio, servio na cozinha, & esteve athe Março de seis centos, & quatorze. Neste mez se determinou pellos supe-

ſuperiores, que paſſaſſe pera a Rezidencia do Monte Olivete, & correſſe com as obras do edificio; que ſegundo ſua grande intelligencia, & deſpoziçaõ neſtas couzas, nenhum outro o poderia igualmente adiantar. Com elle foy o Padre Fernaõ Guerreyro, pera o dirigir, & ajudar em ſeu eſpirito.

16 Foy continuando ſeu Noviciado com a edificaçaõ, que delle ſe eſperava: acabados os dous annos de Noviço, por ordem do Padre Provincial Franciſco de Gouvea fez os votos dos eſtudantes conforme o Inſtituto da Companhia aos ſinco de Julho de mil ſeis centos,& quinze, na Capella de noſſa Senhora de S. Lucas da caza de Saõ Roque. Chamolhe votos dos eſtudantes, porque aſſim chamaraõ os noſſos antepaſſados, aos que ſe fazem no fim do Noviciado, por ſerem a mayor parte, dos que os fazem eſtudantes, ainda, que outros ſejaõ Irmaõs Coadjutores, como o Irmaõ Lombardo.

17 Parece, lhe quiz alli com eſte beneficio pagar a Senhora o ſerviço, que lhe tinha feyto,antes de ſer da Companhia, em ornar aquella Capella, em que gaſtara mil cruzados fazendoa quazi de novo. Moveoſe a eſta obra pia por entender, que eſtando no principio do primeyro corredor de ſima, & naõ longe da portaria, ſerviria muyto pera augmentar a devoçaõ à Senhora. Elle a poz no aſſeo, & limpeza, que hoje tem. Fazendolhe retabolo, tecto, pavimẽto, & o mais, que nella ſe ve. Naõ ſe enganou no ſeu penſamento,porque muytos ſenhores nobres lhe cobraraõ ſingular devoçaõ, vindo alli ouvir Miſſa, & cõmungar, & muytos Biſpos,& Sacerdotes graves goſtavaõ de dizer nella ſuas Miſſas.

18 Foy o Irmaõ Lombardo adiantando o edificio, & tudo a olhos viſtos crecia, nas ſuas maõs o pouco valia muyto, & os ſeus quinze mil cruzados diſpendidos por elle valeraõ outro tanto. O que antes ſe naõ fazia com ſeis centos mil reis, elle o fazia com duzentos, & ainda menos. O que bem ſe vio na ciſterna mais pequena das duas, que ha no pateo, que naõ a querendo hum official fazer de empreytada por menos de ſeis centos mil reis, elle a jornal a fez por menos de duzentos, & neſta forma eraõ outras couzas.

19 Em menos de tres annos, & meyo poz o edificio

capaz de se habitar; acabou a Igreja, que he muyto ayroza. Dia de todos os Sanctos primeyro de Novembro de mil seis centos, & dezaseis se poz nella o Sanctissimo Sacramẽto. Da hi a oito dias se tresladaraõ pera o tumulo os ossos do Fundador, que estavaõ na Sacristia de Saõ Roque, vieraõ com grande pompa funeral em hombros de seus parẽtes, & acompanhamento muy numerozo, de que toda Lisboa se edificou, por ver, quam agradecidos nos mostravamos a nossos bemfeytores.

20 Estando a Igreja acabada, & os dous corredores, que principiaõ no frontespicio quazi no fim, & o outro, que os faz a ambos communicaveis de todo acabado, pareceo ao Padre Provincial Francisco Pereyra, & aos Padres Consultores, se acommodasse o edificio feyto, em ordem a virem pera elle os Noviços; por quanto ja a demora lhes parecia muyta, &, por ser a renda pouca, dalli a muytos annos naõ poderia estar de todo acabada a caza. Por tanto ordenou ao Irmaõ Lombardo, que logo a ccõmodasse por entretanto officinas, corresse huma parede do fim de hũ corredor ao outro, cõ q̃ fechasse o pateo das cisternas. Fizesse refeytorio no quarto, que hia correndo ao Noroeste. E nesta conformidade se tratasse de alfayas, & mais couzas necessarias em huma caza, que ha de ser habitada.

21 Tudo foy pondo em execussaõ o Irmaõ Lombardo, & no anno de mil seis centos, & dezanove tinha accõmodado a caza em forma, que pudessem nella entrar a viver os Noviços. Por tanto se dispoz a nova dedicaçaõ em dia de Sancto Antonio do dito anno. Neste dia estava bẽ armada a Capella interior da caza nos corredores de sima. Nella se armou altar com imagem de vulto do gloriozo Sancto Antonio. Tinhaõ vindo de Coimbra nove Irmaõs Noviços, & seis de Evora, com os quais se deu principio ao Noviciado.

22 No dia de Sancto Antonio o Padre Antonio Mascarenhas Provincial disse a Missa da dedicassaõ na Capella interior, em que cõmungaraõ os Irmaõs Noviços; & o Padre Provincial lhe fez sua pratica espiritual accõmodada à prezente solẽnidade. Assistiraõ os principais Padres da caza de Saõ Roque, o Padre Prepozito Christovaõ de Gouvea, o Padre Manoel de Lima, o Padre Jeronymo Dias, &

& oûtros. O Padre Luis Lobo Reytor do Collegio de Sãcto Antaõ com outros Padres do mesmo Collegio, & tambem alguns Padres estrangeyros, como o Padre Francisco Marquesaldo Confessor da Princeza, & outros, porque estava entaõ em Lisboa El-Rey Philippe terceyro.

23 O primeyro Reytor foy o Padre Antonio de Morais, que havia ja annos, que era Mestre dos Noviços em Coimbra, & depois falleceo no Collegio de Evora. Neste anno de seis centos, & dezanove se extinguiraõ a primeyra vez os Noviciados de Coimbra, & Evora, passando todos os Noviços a viver nesta caza. Nisto tem havido em diversos tempos suas mudanças, ora extinguindose aquelles dous Noviciados, ora tornandose a restituir, como ao prezente estaõ.

24 Depois, que esta caza comessou, a ser habitada, naõ pode medrar mais o edificio, & assim o temos hoje imperfeyto com aquellas accõmodaçoens de officinas, com as quais no entretanto o dispoz o Irmaõ Lombardo. He a obra disposta em quadra de Sul a Norte. Està por fazer o corredor, que a devia fechar pella face do Norte, em que se tinha determinado ficarem officinas, & refeytorio. A Igreja, que fica no meyo da face, que cahe ao Sul, he obra muy linda, & concertada. Athe o prezente tem varias capellas dos lados sem ornato, por ser a caza pobre, & naõ haver, quem as tenha tomado à sua conta.

25 Nelle se vestio huma, toda de marmores com embutidos feyta com grande custo a expensas da Rainha Frãceza primeyra mulher del-Rey Dom Pedro o segundo. As mais, que estaõ ornadas, se fizeram por pessoas particulares, que nellas ordenaraõ suas sepulturas. No Cruzeyro à parte do Evangelho se venera a Imagem de nossa Senhora da Graça, que he na caza de muyta devoçaõ, & tem o Senhor por seu meyo feyto a diversas pessoas muytos favores. O mais assinalado foy ao Irmaõ Domingos da Cunha Pintor, cuja vida nesta obra vay escrita, a quem o Senhor diante desta Imagem revelou, que se havia de salvar. Tevelhe singular devoçaõ o veneravel Padre Joaõ da Fonseca, como tambem escrevo em sua vida. O retabolo de obra moderna lhe fez o senhor Manoel Lopes de Lavre, intervindo nesta sua devoçaõ o Padre Ioaõ da Fonseca entaõ Reytor da caza, & grande seu amigo.

26 He, geralmente fallando, toda esta caza muy dezabafada, & alegre, com dous andares de corredores assim hum, como o outro de aboboda. He muy sadia, lavada de todos os ventos; os prospectos saõ agradaveis. O do Nacente ve a Cidade, o do Sul goza a vista do rio,& das naos. O do Norte quintas. O do Poente tambem quintas; & montes. A cerca he espaçoza, parte bem povoada de arvores frutiferas, parte se semea de trigo, que o dà excellente, por ser toda ella de terra pingue. Sò de agoa he pouco abastada. Da pernene tem huma fonte de vea tenue, pouco mais de huma penna. Ha poucos annos, que no meyo desta cerca mandou edificar huma Capella de boa traça a Senhora Dona Caterina Rainha de Inglaterra, por gostar muyto da aprazibilidade deste sitio, aonde por vezes vinha espayrecer.

27 Quando o material desta obra estava acabado, como hoje se ve, acontecendo, formarse nesta caza estudo de letras humanas, que nella durou por seis annos, a ditta Senhora se esfriou na sua devoçaõ, imaginando, que os estudos tiravaõ à caza a quella Sancta solidaõ, que aqui a trazia; & assim ficou a obra sem a sua ultima perfeyçaõ; & a caza naõ perdeo pouco com o retiro desta Senhora, que athe alli muyto a favorecia com suas esmolas, de que bem necessitava, por ser, como ja disse, pobre de bens temporais.

28 Os seus principais bẽfeytores, depois do Irmaõ Lõbardo, foraõ algũs Religiozos da nossa Cõpanhia, que lhe deyxaraõ suas legitimas. Os Padres Antonio Mascarenhas, & Nuno Mascarenhas lhe doaraõ a herdade de Valfermozo no termo de Moura,& porq̃ o Irmaõ Frãcisco Mascarenhas, Irmaõ dos dittos Padres, por fallecer na caza de Saõ Roque, deyxou seis centos mil reis de sua legitima na mesma herdade à caza de Saõ Roque, o Noviciado lhos satisfez,& ficou senhor de toda esta fazenda. A qual por estar em paiz, que havendo guerras se naõ pode cultivar, se veyo finalmente a vender ao Conde das Galveas, o que resultou em dano da caza, que ainda hoje sente este dezacerto, & naõ he o unico, que nestas materias nella tem havido; por isso anda sempre alcançada, & mal pode sustentar hum pequeno numero de Noviços, com os mais Religiozos, que pera sua administraçaõ saõ necessarios.

29 Ouve outros bemfeytores, como foraõ o Padre An-

Antonio de Vafcõcellos Autor do livro, q̃ fe intitula Anacephaleofe dos Reys de Portugal efcrito em latim. O Padre Paulo de Oliveyra, que fendo ja profeffo de quatro votos foy pera a India. Tambem foy feu bemfeytor o Padre Simaõ de Almeyda Fundador do Collegio de Portalegre. E neftes tempos prezentes tem feyto muyto bem a efta caza o Padre Miguel Dias, natural de Lisboa, que fendo affiftente da Companhia em Roma, por feus achaques,& annos, deyxada a occupaçaõ, fe recolheo a paffar o ultimo quartel nefte fancto retiro, & nelle vive, quando efta obra fe imprime: tem gaftado, & gafta em utilidade da caza a cõgrua, que fe lhe paga, por ter fido Confeffor da Rainha de Portugal fegunda mulher del-Rey Dom Pedro o fegundo.

30 O Irmaõ Lombardo por fua humildade naõ quiz fer Sacerdote. Pediofe a noffo R. Padre Geral o fizeffe profeffo folemne de tres votos. A ifto refpondeo, como achey em apontamentos do Padre Diogo Monteyro, que fe o Irmaõ quizera fer Sacerdote, pouca difficuldade havia em defpachar a petiçaõ, mas que naõ o fendo, era exemplo novo; porem que achandofe exemplo difto, naõ tinha difficuldade. O exemplo fe defcobrio, & naõ achey alli apontado, qual foffe; & o Irmaõ Lourenço Lombardo fez fua profiffaõ de tres votos folemnes; o que lhe concedeo a Companhia em agradecimento do grande bem, que tinha feyto a efta caza; onde viveo fanctamente, & veyo a fallecer aos dous de Novembro de mil feis centos trinta, & quatro. Differaõfelhe as Miffas dos Fundadores. Deu a efta caza trinta mil cruzados,& no bom meneo das obras lhe deu muyto. Foy enterrado no meyo da Sacriftia: alli tem fua campa com letreyro, & fe lhe poz na parede hum paynel em q̃ eftà pintado pera eterna memoria do muyto, que lhe devemos.

31 Tem havido nefta caza grandes Meftres de Noviços. O Padre Diogo Monteyro, Simaõ Alvres, Joaõ Nunes, Luis Lopes, Bernardino de Sampayo, Joaõ da Fonfeca, & outros muytos. Em feu lugar fe farà delles mençaõ. Ainda,q̃ he de todas as dos Noviços a caza mais moderna, tẽ della fahido homens em virtude, & letras muy efclarecidos. De todos aquelles,cujas virtudes vieraõ à minha noticia, adiante fe efcreverà. De todos sò quatro, que nefta

caza do Monte Olivete foraõ Noviços, athe o prezente anno de ſete centos, & nove tem padecido Martyrio o Padre Joaõ Pereyra, o Padre Pedro Caſlui Japaõ, o Padre Joaõ de Britto, & o Padre Joaõ de Sequeyra, deſte ultimo eſcrevo em outro lugar. A eſtes ſe pode ajuntar o Padre Luis de Mello, como ſe verà da cauza de ſua morte. De todos eſtes ſervos de Deos, que aqui, como em paynel, reprezento, & offereço aos noſſos Irmaõs, que neſta caza ſe criaõ, he bem ſe lembrem muy de continuo, & procurem ſer, quais elles foraõ, conſiderando, que a cada paſſo os tem diante de ſeus olhos aſſim pera reprehender os defeytos, como pera os exhortar às virtudes. E com iſto paſſemos adiante, começando pella vida do Fundador deſta noſſa Provincia; pois em Lisboa lhe deu principio.

CAPITULO IV.

Vida do P. M. Simaõ Rodrigues Fundador deſta noſſa Provincia, terceyro Companheyro de Sancto Ignacio. Sua patria, pays, eſtudos, converſaõ a Deos, & modo primeyro de vida, que votaraõ noſſos primeyros Padres.

Em Lisboa 15. de Julho de 1579.

1 GRande injuria faria ao Veneravel P. M. Simaõ Rodrigues, Fundador deſta noſſa provincia de Portugal, & das mais, que della dependem, & ainda podemos dizer o foy das de Caſtella, como adiante ſe verà, ſe neſte meu limitado trabalho naõ tiveſſe elle hũa boa parer; pois delle, depois de Sancto Ignacio, ſe derivou toda a materia deſte meu emprego. Nem me parece tem lugar mais proprio, que o prezente, em que ſe falla dos primeyros Noviços deſta provincia, a quem elle em Lisboa aceytou, & de quem foy Meſtre, pois os tempos naõ tinhaõ outro.

2 Tambem entendo, que niſto faço obſequio a taõ bõ pay, cujas virtudes, & diſcurſo da vida, ainda que anda eſcrito por diverſos, nẽ todos trazẽ as meſmas couſas; & o que mais delle traz, que he o P. M. Balthezar Telles na primeyra parte da Hiſtoria deſta provincia, ſegundo o eſtillo chronologico, que guarda, mete entre humas, & outras couſas tantas digreſſoens, que ſe naõ ve, como em hum só

pay-

paynel a pintura defte grande Heroe; & ditas as coufas a pedaços, bem fe deyxa ver, que naõ avultaõ tanto, como quando fe referem todas em hum corpo, como eu pertendo fazer.

3 Naceo o P. M. Simaõ Rodrigues de Azevedo na Villa de Vouzella no Bifpado de Vizeu, a qual com muyta rezaõ fe gloria de tal filho. Seus pays fe chamaraõ Gil Gonçalves, & Catherina de Azevedo, ambos da gente mais nobre da quelle povo ;&, fegundo tradiçaõ, parentes do gloriozo Padre Saõ Frey Gil Rodrigues da Ordem de Saõ Domingos. A titulo defte parentefco concedeo o Bifpo Dom Jorge de Ataide licença aos parentes do P. M. Simaõ, pera levantar altar ao dito Sancto, & lhe fazer fefta todos os annos. Eftando feu pay pera morrer , & prezentes os mais filhos, tomou nos braços a Simaõ, que era menino,& entregandoo a fua may lhe diffe: *Encõmendovos fenhora efte menino, criayo com efpecial cuydado, porque Deos o tem efcolhido pera grandes coufas de fua gloria.* Parece, que Deos fallou nefta occaziaõ pella boca defte bom velho, pois o effeyto moftrou, que as fuas palavras naõ foraõ ditas a cazo.

4 Teve a may efpecial cuydado do menino Simaõ, & o criou com fanctos coftumes. Sendo ja de idade competente, o mandou eftudar à Univerfidade de Pariz em companhia de Sebaftiaõ Rodrigues de Azevedo feu irmaõ mais velho, que depois por fuas letras , & autoridade foy por muytos annos Phyfico mòr dos Reys de Portugal. Podiaõ muyto com El-Rey os merecimentos de Ioaõ Rodrigues de Azevedo Capitaõ do mar da cofta do Maluco, de quem fallaõ as Chronicas das coufas da India , & affim, que os dous irmaõs , como coufa de Ioaõ Rodrigues foraõ eftudar a expenfas del-Rey, como hiaõ outros muytos a Pariz, por naõ haver athe entaõ Univerfidades em Portugal, que deve efte grande bem a El-Rey Dom Ioaõ o terceyro.

5 Eftudou no Collegio de Sancta Barbara grãmatica, letras humanas,& depois Artes liberais. No anno de 1536. tomou alli o grao de Meftre em Artes, do qual tirou carta em 3. de Outubro do mefmo anno. Efta carta em pergaminho com feu fello pendente temos no arquivo de Coimbra, & a encontrey no cartorio das fazendas entre papeis, & pergaminhos rejectos. Dalli a paffey pera o arquivo, em que fe guardaõ coufas de edificaçaõ , pera fe naõ perder me-

memoria de taõ ſancto Padre, & que he de crer a tiveraõ em ſuas maõs S. Ignacio, & S. Franciſco Xavier. Era de todos muyto amado, & bem quiſto, porque tinha grande graça, & affabilidade na converſaſſaõ. Era de natural vivo,& por iſſo tido dos Portuguezes por traveſſo,& inquieto. E aſſim cõtou o Biſpo Dõ Antonio Pinheyro ao Padre Franciſco de Araujo, que o deyxou eſcrito, q̃ fizera grande eſpanto a ſua converſaõ entre aquelles,que o conheciaõ. Diſto foy teſtemunha de viſta o meſmo Biſpo, que entaõ eſtudava em Pariz, & algum tempo morou nas meſmas cazas com o Padre Sancto Ignacio. Eraõ as cazas de tres ſobrados, o Sancto morava no mais alto,& os eſtudantes traziaõ em pratica, que o ſobrado mais alto era o paraizo, o do meyo o Purgatorio,o ultimo o Inferno,pella deſinquietaçaõ, que neſte de bayxo havia, & que o P. S. Ignacio eſcolhera o de ſima por mais quieto.

6 Porem as deſinquietaçoẽs de Simaõ Rodrigues naõ eraõ das que daõ em vicios; porque ſendo taõ vivo, foy taõ caſto, que o Padre Ruy Martins ſeu Confeſſor, depois da morte do Padre declarou,em como ſempre guardara em ſeu ſer o dom da pureza. Nem lhe faltaraõ occazioens, q̃ quando mais eſtava no fervor dos annos, o procuraraõ arruynar. Huma criada da caza, onde morava, fingindo naõ ſey, que recado, entrou sò no apozento, em que eſtava Simaõ Rodrigues, & o provocou a mal; porem elle a deſpedio com tal rezoluçaõ, que a triſte ſe foy envergonhada do ſeu pouco pejo, & por fartar ſua ira, diſſe ao caſto mancebo muytas injurias, & afrontas.

7 Outra vez fazendo jornada por França, ſe vio fora de horas provocado pella hoſpeda. O ſeu remedio foy, o de que em ſemelhante cazo uzou o gloriozo Padre Saõ Bernardo, dizendo em voz alta, ladroens, ladroens, com a qual palavra a infeliz mulher temendo ſer apanhada no furto, mais que de paſſo ſe retirou. Quem ſe havia com eſta generozidade,ſendo ainda hum eſtudante havido por eſperto, menos he de admirar, rebateſſe depois de convertido a Deos ſemelhantes ondas. Eſtando pregando, & confeſſando em huma Cidade de Italia, certa mulher de boa fama, & que profeſſava virtude, teve modo pera entrar alta noyte no ſeu apozento, tentada, pera o tentar. Eſtava elle em pe vigiando, tanto que a vio diante de ſi, a apartou

tou dalli como a tiſſaõ do Inferno; vendoſe ella aſſim deſprezada, & perdido o bom nome, que della o Padre tinha, ſe foy taõ envergonhada, que nunca mais ſe atreveo a aparecer diante delle.

8 Neſtas, & em outras accazioens moſtrou bẽ o amor, que tinha a virtude taõ Angelical, como he a da Pureza. E Deos noſſo Senhor, que a hum eſtudante fogozo deu tais alentos, lhe tocou fortemente o coraçaõ, pera que deyxado o mundo, ſe abraçaſſe com Deos. Direy iſto com as palavras, com que o eſcreve o meſmo Padre em huma relaçaõ, que fez por ordẽ de Saõ Franciſco de Borja dos principios da Companhia, a qual tenho diante de mim, quando iſto eſcrevo.

9 Contando a vocaçaõ dos companheyros de Sancto Ignacio, depois de fallar em primeyro lugar do Sancto, em ſegundo do P. M. Pedro Fabro, & em terceyro do P. M. S. Franciſco Xavier, chegando a fallar de ſi, tem eſtas palavras. *O quarto foy outro de naçaõ Portuguez, o qual por ſuas muytas imperfeyçoens, & mizerias naõ merece ter nome entre taõ grandes ſervos de Deos, mas por ſeguir o diſcurſo, & ordem, de que ſe trata, ſomente direy, como eſte foy muy poderoſamente movido, & chamado de Deos, pera que mudaſſe a vida, & o ſerviſſe, & ainda que nunca havia tratado, nẽ fallado com o Padre Ignacio, toda-via pella noticia, que tinha de ſua ſantidade, determinou darlhe parte de ſeus dezejos, & alma, & ſem perſuaſaõ de ninguẽ, & ſem ainda entaõ ſaber a determinaçaõ, que tinhaõ os Padres aſſima ditos, de vizitar a terra Sancta, ſe determinou de vizitar a terra Sancta, & de empregar toda ſua vida (aſſim como tambem os outros tinhaõ determinado) em ajuda, & proveyto da ſalvaçaõ do proximo.* Athe aqui ſuas formais palavras.

10 Abrindoſe todo com Sancto Ignacio, elle o recebeo com grande amor, & confirmou em taõ ſanctos propoſitos, deulhe os ſeus exercicios, inſtroio nas couzas eſpirituais, por eſte modo obrou nelle tanto maõ a de Deos, que ficou muy outro, do que era ſem as verduras, que antes eraõ notadas dos outros eſtudantes. O mais, que fez antes de ſahir de Pariz foraõ couzas commuas aos mais dos companheyros do Sancto, & de conſelho cõmum; & como ellas tambem pertencem ao Padre, as quero contar cõ ſuas meſmas palavras.

11 Per

11 Perseverando os ditos sete Padres (diz o P. M. Simaõ) porque ainda entaõ os outros naõ tinhaõ a mesma determinaçaõ, & crecendo cada dia mais em novos dezejos, & amor de sua determinaçaõ, se começou entre elles a tratar do tempo, em o qual seria bem, que se partissem de Pariz pera começar a dar principio a seus dezejos. E porque conforme a determinaçaõ, que tinhaõ, de empregar sua vida (tornandoos Deos de Jerusalem) em serviço, & ajuda da salvaçaõ do proximo, pareceo, que requeria este ministerio alguma mais sufficiencia de letras, do que athe entaõ se tinha. E assim determinaraõ de estar ainda em Pariz tres annos, ou pouco mais, ou menos continuando seus estudos de Theologia, & sem fazer alguma outra mudança exterior de vida, & que cada hum estivesse assim, como athe entaõ estava.

12 Ajuntouse a isto parecer conveniente, que pois haviaõ de seguir huma empreza taõ grande, & de tantos trabalhos, & difficuldades, era bem, que primeyro por algum tempo encommendassem este negocio a Deos, & procurassem fazer alguma mais provizaõ de virtudes, pera o poder levar a diante, & resistir, & vencer os encontros, & tormentos, que depois haviaõ de succeder.

13 Atraz esta determinaçaõ se tratou, & pareceo, ser conveniente, pera mais firmeza da cousa, que todos fizessem voto de pobreza, & castidade, & de hir a Jerusalem, & depois tornandoos Deos della, de empregar toda sua vida em serviço de Deos, ajudando em qualquer occupaçaõ, que pudessem, a salvar o proximo, assim fiel, como infiel; principalmente pregando a palavra de Deos, ministrando sem nenhum estipendio os Sacramentos da Confissaõ, & Communhaõ.

14 E logo se declarou, que o voto da pobreza, naõ se entendesse, em quanto estivessem em Pariz estudando, nem taõ pouco os privasse do viatico, que era necessario pera a peregrinaçaõ de Jerusalem. Tambem fizeraõ voto de naõ tomar esmola pellas Missas, que dissessem, confessando toda-via, que era licito assim pellas Missas, como pellos outros ministerios receber esmolas, mas elles por quererem mais seguir a pobreza, & perfeyçaõ Evangelica, quizeraõ privarse daquillo, que lhes era licito; & tambem por em alguma maneyra furtar o corpo ás calumnias dos hereges, & occasiaõ, que poderiaõ, ainda que o faziaõ com pretexto, & cor de virtude, pera assim melhor ganhar sua vida, & se fazerem ricos.

15 E

15 *E por que alguns tinhaõ grandes movimentos, & fervores de pregar a infieis a fe Sancta de JESU Christo, começouse tambem a tratar este ponto. Como todos tinhaõ as vontades, & coraçoens promptos, & dezejosos de morrer, pello q̃ fosse mais serviſſo de Deos, todos vieraõ, quem mais, & quem menos, em os mesmos dezejos, toda-via se limitaraõ estes dezejos da maneyra seguinte. Que todos fossem a Ierusalem, & la de novo encommendassem este ponto a Deos: & que se a mayor parte delles fosse de parecer, que se pregasse a infieis (pois ja la estavaõ ao pe da obra) que assim se fizesse: & se fosse de parecer, que naõ convinha, que entaõ todos se tornassem, sem fazer entre si divizaõ alguma.*

16 *Logo se determinou, & se assentou, que se dentro de hum anno depois de chegados a Veneza (feyta toda a diligencia possivel) naõ podessem passar a Ierusalem, que entaõ ficassem livres da tal ida, & voto de ir a Ierusalem. Assentaraõ assim mais, que tornando de Ierusalem, & naõ podendo passar la dentro de hum anno, que entaõ todos fossem ao Papa, & que como a Vigario de Christo lhe dessem parte, & declarassem os dezejos, que todos tinhaõ de servir a Deos (o qual era firme determinaçaõ de empregar toda a sua vida em serviço de Deos, & bem do proximo da maneyra, que arriba ditto he) & lhe pedissem, que os aconselhasse, & endereçasse; & que approvando sua Santidade esta determinaçaõ, entaõ lhe pedissem (pera isto se poder melhor fazer) licença pera pregar, & ministrar os Sacramentos da Confissaõ, & Communhaõ por todo o mundo: & que tambem, se sua Santidade os mandasse pregar a infieis, que pera tudo se offereciaõ, & estavaõ aparelhados a fazer, sem replicar a nada.*

17 *Esta arriba declarada foy a primeyra traça, que a sabedoria divina deu à Companhia, & foy feyto este voto a primeyra vez, que se fez o anno (se bem me lembra) de mil quinhentos trinta, & quatro a quinze de Agosto dia de nossa Senhora de Agosto (festa de sua Sancta Assumpçaõ aos Ceos) a qual todos tomaraõ neste negocio por ajudadora, & protectora, & particular favorecedora diante de seu filho IESU Christo Senhor nosso: & tambem tomaraõ por intercessor ao Bemaventurado Martyr Saõ Dinis, em cuja capella fizeraõ os dittos votos.*

CAPITULO V.

Continua a mesma narraçaõ do mais, que passaraõ em Pariz nossos primeyros Padres.

1 E Legeraõ, & determinaraõ, que fosse o lugar, pera fazer este voto hum monte chamado o monte dos Martyres, que està como hum quarto de legoa fora de Pariz, & em huma Ermida de Saõ Diniz, por estar sollitaria em o meyo da quelle monte. Pera mais devotamente poderem fazer este sacrificio, q̃ de suas pessoas queriaõ offerecer a Deos, primeyro se prepararaõ com jejum, oraçaõ, confissaõ, & com algumas outras corporais affliçoens.

2 A este voto, que depois se fez por duas vezes, em o mesmo dia, & annos seguintes, & no mesmo lugar, & capella, ou hermida de Saõ Diniz, naõ se achou prezente o Padre Ignacio por certos respeytos, mas tudo se fazia com seu conselho, & parecer: & no segundo anno, que se tornou a renovar o dito voto, duvido se ainda entaõ se achou prezẽte o Padre Claudio Iayo, mas em a terceyra vez, que foy a derradeyra, se achou elle prezente, & tambem os outros dous Padres, que foraõ os ultimos, que Deos trouxe a mesma vocaçaõ.

3 Em fim estando todos juntos na quella Ermida, & sem nenhuma outra gente de fora, disse o Padre Fabro Missa, & antes de lhes dar a Communhaõ, tendo o Sanctissimo Sacramẽto nas maõs, diante delle, cada hum per si com os joelhos em terra, & o coraçaõ em Deos fez seu voto cõ voz distincta, & de todos ouvida, & depois todos receberaõ o Sanctissimo Sacramento, & o Padre Fabro tornando ao altar, tambem antes de commungar fez o mesmo voto com voz alta, q̃ todos ouviraõ.

4 Certefico a vossa Reverencia, que fizeraõ aquelles Padres este sacrificio de si a Deos entregandose a elle taõ de verdade, & com tanta renunciaçaõ de suas proprias vontades, & com tanta devaçaõ, & confiança em sua divina misericordia, q̃ algumas vezes depois cuydando nisso, me crecia nova devaçaõ, & admiraçaõ.

5 Depois de acabado o arriba ditto, a mayor parte, que ficava da quelle dia passaraõ aquelles Padres junto de huma fonte, que està ao pè da quelle monte da outra parte da Ermida, onde se fizeraõ os votos (em a qual fonte querem dizer alguns,

guns, que Saõ Diniz levando sua cabeça nas maõs lavou o sangue, que della corria) tratando com grande consolaçaõ, & gozo espiritual da determinaçaõ, & propozitos, q̄ tinhaõ de servir a Deos, & chegandose a noyte, se tornaraõ a suas cazas louvando a Deos.

6 Sempre os Padres depois, que começaraõ a tratar de sua vocaçaõ juntamente com os estudos, perseveraraõ em a frequentaçaõ dos Sanctissimos Sacramentos da Confissaõ, & Communhaõ todos os Domingos, & festas principais do anno, por cuja exortaçaõ, & exemplo se moveo grande copia, & numero de estudantes, & de outras pessoas da quella Cidade, & Universidade a frequentar tambem os mesmos Sacramentos.

7 Vendo o demonio esta novidade (devia de conjecturar, que da qui lhe devia succeder pouco proveyto) persuadio a certos estudantes Hespanhois, que fossem ao Inquizidor da quella Cidade, acuzar o Padre Ignacio, o que elles fizeraõ com mais zelo, do que deveraõ, sem ter pera isso mais argumento, que sua propria imaginaçaõ, & sospeyta, & tudo o que disseraõ, era em confuzo, sem dizerem cousa nenhuma em particular, mais que duvidarem, que o Padre Ignacio ensinasse secretamente alguma mà doutrina. Fazendo o Inquizidor suas diligencias, achou, que tudo eraõ sanctas devoçoens, & ficou taõ edificado, que dalli por diante foy grande amigo do Padre Ignacio, & dos outros mais Padres.

8 Deste trabalho tirou nosso Senhor hum grande proveyto, & foy, que a cabo de alguns annos, se levantou em Roma huma muy trabalhoza perseguiçaõ contra os ditos Padres, dizendo entre outras cousas, que eraõ fugidos de Pariz por hereges. Neste mesmo tempo quiz Deos, que a tudo provè, & soccorre com sua misericordia, que se achasse este mesmo Inquizidor em Roma, o qual testemunhou largamente em favor dos ditos Padres, dizendo, as diligencias, que em Pariz fizera contra elles, & que todos os achara innocentes, & catholicos, & que quando se partiraõ de Pariz, naõ se partiraõ por hereges, mas que antes deyxaraõ em aquella Cidade muyta edificaçaõ de suas pessoas.

9 Ja neste tēpo creciaõ muyto as indisposiçoens do Padre Ignacio, & principalmente dores muy intensas, & grandes do estomago, & por parecer dos Medicos, & persuasaõ dos mais Padres se foy a Hespanha a provar se a natureza o ajudava; porque da maneyra, que elle entaõ estava, naõ era pera poder

com nenhum trabalho corporal; mas os Padres ainda, que ſentiraõ muyto ſua auzencia, toda-via nem por iſſo enfraqueciaõ em ſeus ſanctos prepoſitos (erat enim eorum ſpes, & fortitudo in Deo poſita) *& aſſim como cada hum delles ſe determinou em a vocaçaõ aſſima ditta, ſem ſaber nenhum da determinaçaõ do outro, aſſim cada hum delles com grande firmeza, tinha aſſentado em ſeu coraçaõ de a ſeguir sò per ſi, ſem tornar a traz, ainda que os outros faltaſſem. De maneyra, que o Padre Ignacio foy pera Heſpanha hum anno, ou por ventura mais, antes, que os outros Padres ſahiſſem de Pariz, & de Heſpanha cobrando alguma mais ſaude, ſe foy a Veneza, eſperar os outros companheyros, aſſim como todos tinhaõ aſſentado.*

10 *Chegandoſe o tempo, em que tinhaõ determinado acabar ſeus eſtudos de Theologia, & partirſe de Pariz, & ſabendo por cartas do Padre Ignacio, que ja elle era chegado, & eſtava em Veneza, pareceo a todos os dittos Padres anticipar o tempo, que tinhaõ determinado partirſe de Pariz (que era vinte, & ſinco de Ianeyro de mil quinhentos trinta, & ſete, dia da Converſaõ de S. Paulo) & determinaraõ partirſe, & de effeyto ſe partiraõ em o mez de Novembro de mil quinhẽtos trinta, & ſeis.*

11 *A cauſa de anticipar eſta ſahida, foy cuydarem, que ſe poderiaõ deter no caminho mais tempo, do que convinha, pellas difficuldades, & perigos, que ſe offereciaõ entaõ, pera ſahir de França, por eſtarem os caminhos, & ſahidas da quelle Reyno pera Italia, & outras partes embaraçados com a guerra, que em aquelle tempo noſſos peccados levantaraõ entre el-Rey de França, & el-Rey de Heſpanha.*

12 *Determinaraõ antes de partirſe, dar parte de ſeus propoſitos a dous Doutores muy principais, que na quella Univerſidade liaõ Theologia, os quais louvaraõ, & approvaraõ ſeus dezejos, mas que a empreza era chea de muytas difficuldades. Outro Doutor tambem dos mais principais ſabendo, que o Padre Fabro (ſem ſaber nada dos outros) ſe queria hir da quella Univerſidade, lhe fallou, & diſſe, que o obrigava a peccado mortal, ſe ſe partia da quella Univerſidade, deyxando o fruto certo, que alli fazia pello incerto, & que ſe lhe dava licença, ajuntaria, & faria clauſtro de todos os Doutores Theologos, & lhes provaria, o que dizia: mas em fim Deos tinha determinado outra couſa. Iſto he, o que ſumariamente me lembra, ter paſſado em Pariz em os principios da Companhia,*

reme-

remettendome assim nisto, como no demais, a quem das dittas cousas tiver melhor lembrança.

CAPITULO VI.

Da viagem de Pariz athe Veneza, & cousas especiais, que nella aconteceraõ ao P. M. Simaõ.

1 *OFfereciaõse muytas difficuldades pella parte dos que eraõ Hespanhois, pera poder seguramẽte, & sem perigo sahir de França, por causa das guerras, que arriba digo, mas em fim considerando humas, & outras difficuldades, tomaraõ por caminho mais seguro passar de França ao Ducado de Lorena, que confina por huma parte com França (& he Estado, que estava entaõ neutral bem com França, & bẽ com Hespanha) & por outra parte confina com os Estados de Flandres, & por outra com os Suiços, & por esta parte de Alemanha determinaraõ os Padres sahir deste Ducado, & entrando em Alemanha ja ficavaõ mais seguros dos perigos de serem Hespanhois, ou Francezes.*

2 *Era este caminho de Pariz pera Italia muy comprido, porque se fez hum rodeo, & volta a modo de meya lua, ou a modo de duas partes de hum triangulo, naõ sendo necessario, se se ouvera de fazer por seu caminho direyto, fazer mais que a huma parte do triangulo, toda-via assim foy necessario, pera poder hir mais seguramente.*

3 *Sahiraõ os Padres vestidos com roupas compridas, & ja uzadas, a modo dos estudantes de Pariz, & com bordoens nas maõs, & sombreyros na cabeça, & cada hum levava huma bolsa de couro ao pescosso lançada a huma ilharga do corpo, em a qual levavaõ cada hum suas Biblias, & Breviario, & alguns outros escritos; & cada hum levava seu Rozario patente lançado ao pescosso, & porque as roupas eraõ compridas, as alçavaõ apertandoas com a cinctura, pera que dessem lugar a se poder andar, & caminhar a pè. Desta maneyra sahiraõ de Pariz entregues, & confiados em a graça, & providencia de Deos com tanto alvoroço, & gozo espiritual, que parecia, que naõ punhaõ os pès sobre a terra por obra de sinco, ou seis dias. Sahiraõ de Pariz primeyro alguns delles, & foraõ esperar os outros (que ficavaõ dando a pobres algumas cousas, que sobejaraõ) à Cidade de Meaus, que està doze legoas de Paris, se bem me lembra.*

4 *Acon-*

4 *Aconteceo a hum da quelles, que ſahiraõ primeyro, acharſe em a noyte da quella primeyra jornada com hum inchaço muy grande, & muy vermelho, como ſangue, ſobre hum hombro, de maneyra, que velo ſomente fazia eſpanto, & medo, & toda aquella noyte paſſou aquelle Padre com grande triſteza, & deſconſolaçaõ, dando voltas ſobre a terra, em que jazia, pello ſentimento, & medo, que tinha de poder eſte mal impedir ſua jornada. Sendo manhaã, & hora de partir, olhou como eſtava aquelle inchaço, & naõ achou inchaço, nem ſinal delle, como ſe nunca alli eſtivera.*

5 Athe aqui a narraçaõ do P. M. Simaõ, por ſuas palavras, agora ſerà neceſſario, naõ me ajuſtar a ſuas palavras, por fazer alguma declaraſſaõ das couſas, que neſta viagem foraõ ſpeciais do P. M. Simaõ, por quanto elle por ſua humildade, o naõ declarou neſta relaçaõ, mas por outros documentos nos conſta. Eſte cazo taõ prodigiozo do inchaſſo lhe aconteceo a elle, & foy hum dos companheyros, que ſahiraõ diante a eſperar em Meaus.

Orland. l. 1. n. 108.

6 Chegando os mais, conſultaraõ, ſe fariaõ o caminho divididos, ou todos juntos, ſe hiriaõ vivendo de eſmolas, dando o Viatico aos pobres, ou ſe viviriaõ delle. Aſſentaraõ, ſer em tais tempos mais conveniente hirem todos juntos, & ſuſtentarſe do viatico, por quanto haviaõ de paſſar por terras de hereges. Os Padres Fabro, Claudio, & Paſcaſio, que eraõ Sacerdotes, ſe havia cõmodo, diziaõ Miſſa todos os dias, quando naõ, a dizia hum sò, & cõmungavaõ, como o faziaõ todos os dias, os que naõ eraõ Sacerdotes.

7 O trabalho era; como os Heſpanhois ſe haviaõ de diſſimular, em quanto fizeraõ caminho por França, tiveraõ eſta ordem, que ſempre os Padres Francezes fallavaõ, a quẽ perguntava, & os Heſpanhois calavaõ, ſenaõ eraõ dous, que fallavaõ bem Francez. Se aos Francezes ſe perguntava, de que terra eraõ, reſpondiaõ, o que paſſava; ſe aos Heſpanhois, sò diziaõ, ſomos eſtudantes de Pariz. Huma vez, diz o Padre Simaõ, que achandoſe hum dos Heſpanhois, q̃ fallava bem Francez com hum ſoldado no caminho, veyo o ſoldado a apertar tanto com elle, de que terra era, & de que gente, que naõ lhe podia eſcapar, & ſempre reſpondia: ſou eſtudante de Pariz. O ſoldado apertava dizendo: ja vejo iſſo, mas de que terra ſois, & vendo que ſempre lhe di-

zia,

zia, ſou eſtudante de Pariz, reſpondeo com ira: Ora eu vos digo, que ſois huma groſſa beſta, & com iſto o deyxou.

8 Duas jornadas a diante de Meaus teve o P. M. Simaõ hum grave encontro; porque chegaraõ no ſeu alcance ſeu Irmaõ, & outro eſtudante ſeu parente, & lhe começaraõ a dar forte bataria, pera que ſe voltaſſe com elles, & deyxaſ-ſe aquella, que chamavaõ doudiſſe; mas o Padre lhes fallou taõ altamente de Deos, da pouquidade do mundo, do engano, em que viviaõ, perſuadindoos, que lhes fizeſſem companhia, que elles deſenganados de poder conſeguir delle alguma couſa, ſe voltaraõ muy triſtes pera Pariz.

9 A mayor parte do caminho ſe gaſtava em oraçoens, gemidos, ſuſpiros a Deos, & em ſanctas conſideraçoens. Aos que lhe perguntavaõ, onde hiaõ, reſpondiaõ, que em peregrinaçaõ a Saõ Nicolao de Lorena, onde tinhaõ tambem tençaõ de hir. A qualquer pouzada, que chegavaõ, ſe punhaõ logo em chegando de joelhos, ainda que foſſe diante de quem quer, que foſſe, dando graças a noſſo Senhor pellas merces, que lhes fizera, em os trazer alli com paz, & ſaude. Da meſma maneira faziaõ tambem oraçaõ, quando partiaõ da pouzada, pedindo a noſſo Senhor, que os guiaſ-ſe.

10 Sahindo de França como por deſpedida da terra, onde eſtiveraõ alguns annos, ſe confeſſaraõ, & commungaraõ. Em Lorena entraraõ em novos perigos de ſer roubados, & conhecidos por Heſpanhoes, por andarem na quelle Eſtado muy inſolentes os ſoldados Francezes, tanto que nem os naturais da terra, ſe atreviaõ a andar pellos caminhos, & quando viraõ, que os Padres paſſaraõ, ſem receber mal, o tinhaõ por couſa rara. Hum dia junto a Mez Corte de Lorena encontraraõ o exercito, & apenas com alguma gente, que fogia dos campos, ſe puderaõ recolher na Cidade, dizendo ſer eſtudantes de Pariz, que hiaõ em romaria a Saõ Nicolao. Quando chegaraõ à caza do Sancto, que he ja perto de Alemanha, toda agente ſe admirava, dizendo, que naõ podia ſer, que alli chegaſſem ſenaõ pello ar, porque pella terra naõ hera poſſivel.

11 Eſtando neſta Cidade entrou o P.M. Simaõ em dezejos de achar algum Ermitaõ Sancto, com quem trataſſe, porque ſempre teve propenſaõ à vida ſolitaria. *Soube*, diz o Padre fallando em terceyra peſſoa, *de algumas peſſoas da quella*

quella terra, que da hi a huma meya legoa pouco mais, ou menos, estava huma Ermida, & hum Ermitaõ, & sem dizer nada aos companheyros, se foy la, & achou huma Ermida quasi toda por terra, & sem ninguem.

12 *Tornando, quasi no meyo do caminho em hum certo lugar descampado de improviso se chegou a elle hũ homem robusto, & se lhe poz no caminho, convidandoo a huma mà occasiaõ, & se lhe punha no caminho, sẽ o querer deyxar ir a diante, dizendo, que por mais, que fizesse, havia de ir com elle. Em fim a porfia foy de maneyra, que elles vieraõ the a ferrar hũ com o outro, arca por arca, sem hum poder vencer ao outro, & andãdo nesta luta, disse aquelle homem: comigo, comigo ouzais vos a tomarvos; & a luta hia por diante, & o Padre trabalhava, & dezejava, podello sacudir de si, & fazendo pera isso hum grãde impeto de força, o apartou de si, mas elle sempre se lhe punha diante na parte do caminho, que hia pera a Cidade.*

13 *Em fim o Padre era soldado novo, & pouco experimẽtado nestas cousas, & cuydando de escapar, lançou a correr pera a Ermida donde vinha, & o homem tambem lançou a correr atraz delle. Entrando o Padre na Ermida, se poz de joelhos diante do altar, a orar, ainda que de pressa, & se levantou, & sahio por outra porta, & tornou ao caminho da Cidade, & o homem sempre atraz delle: outra vez no caminho tornaraõ aos braços, & tambem se tornou outra vez a soltar delle, & foy correndo pera a Cidade athe entrar correndo por huma rua do arrabalde da quella Cidade bem dentro, & a quelle homem sempre correndo atraz delle.*

14 *Ao Padre lhe parecia, que ninguem os via; porque ninguem olhava pera elles. Em fim o homem se deyxou ficar, metendose debayxo de hum balcaõ, que estava diante de humas portas, pondo hum dedo sobre a cara, ameaçandoo, como se dissesse em nosso commum modo de fallar: por esta, que vos mo pagareis: & o Padre se foy bem cançado, & suado (ainda q̃ fazia muyto grãde frio) pera os outros cõpanheyros, sem lhes dizer, o q̃ passara.* Este o trabalho do Padre M. Simaõ contado com suas mesmas palavras, adiante veremos outro em parte semelhante a este, que lhe aconteceo em Italia, pera que entendesse, que a sua vocaçaõ naõ era viver sò pera si.

15 Passados dous, ou tres dias de caminho, entraraõ em huma Cidade de Alemanha, que favorecia as partes do Imperador Carlos V. Os Governadores mandaraõ chamar

mar os Padres, pera se informar, que gente fosse, ficando na hospedagem os PadresFrancezes,foraõ sò os Hespanhoes, & perguntados responderaõ,serem estudantes de Pariz, que hiaõ visitar a caza da Senhora do Loreto. Esta mesma reposta era, a que cõmũmemente, davaõ nesta jornada, aos que lhe faziaõ semelhante pergunta. Hum dos Governadores herege começou em latim a disputar, reprovãdo aquella romaria, os Padres lhe responderaõ muy bem.

16 Dalli por diante athe entrar em Italia,q̃ seria caminho de mez, & meyo pouco mais, ou menos,sempre os Padres caminharaõ por neves, com grandes frios, entre hereges, sem saber a lingua, nem os caminhos, que estavaõ cubertos de neve, nem tinhaõ, quem os guiasse, senaõ Deos, à cuja confiança se tinhaõ de todo entregues. Todos os trabalhos lhes pareciaõ cousa pouca, pera o que dezejavaõ padecer. Chegaraõ a Basilea Cidade muy principal de Alemanha, cançados, & cortados dos caminhos, neves, & frios. Tres dias se detiveraõ alli, pera tomar algũ alento.

17 Nesta Cidade varias pessoas por vezes vieraõ disputar com elles nas materias da fé, aos quais os Padres cõtradiziaõ sem medo algum, desfazendo as mentiras dos hereges. Toda a Cidade era a mesma lastima, por serem todos hereges. A sua Igreja, cujo edificio era muy fermoso, em lugar de altares, & imagens de Sanctos tinha tres,ou quatro rodas de cordoeyros, que nella faziaõ cordas. Nem na Igreja, nem no cemeterio queriaõ os hereges enterrar seus mortos, tinhaõ pera isto hum campo fora da Cidade, onde os levavaõ, assim como os caẽs mortos se leuaõ aos lugares immundos, sem Cruz, nem velas, nem oraçoẽs, sem os encommendarem; & na verdade pera tais mortos tudo isto era escusado. Tal estrago tinha feyto na quella grande Cidade o contagio da herezia. Tudo isto cortava aos Padres o coraçaõ, porque naõ podiaõ porlhe remedio.

18 Continuando os Padres a viagem, por naõ saberẽ a lingua, erraraõ muytas vezes o caminho. Succedialhes, andar por campos, & valles, perdidos, & enterrados na neve athe os joelhos. Hum dia entre outros,errando o caminho, chegaraõ muy de noyte a hũa aldea grande, que começava de todo a deyxar a fé. Acharaõ a pouzada chea de gente com grandes muzicas, & banquetes, em que se gastou quasi toda a noute, toda a causa da festa era terse ca-

zado o ſeu Cura, o qual alli andava muy pago de ſi com ſua eſpada à ilharga, recebendo os applauſos, que ſe lhe davaõ.

19 Quatro legoas antes da Cidade de Conſtança tiveraõ hum grande perigo. Acharaõ alli o Cura, grande herege, cazado com mulher, & filhos, era mediocremente douto: là quaſi noute com ſeis, ou ſete dos hõrados da terra veyo a diſputar com os Padres, que eſtavaõ bem cançados. Durando a diſputa algumas horas, diſſeraõ os cõpanheyros do Cura, ſer tempo de cear, & que depois tornariaõ às diſputas. Quizeraõ elles comer com os Padres a hũa meza. Eſtavaõ ja os Padres taõ acezcos no zelo da fé, que diſſeraõ, naõ avemos de comer com voſco a hũa meza, que ſois hereges excommungados.

20 A iſto ſe rio o Clerigo, & com os ſeus comeo à outra meza. Depois de cear, ſe tornou à diſputa; & o Padre Diogo Laynes o apertou tanto, que elle naõ ſabendo ja, q̃ reſponder, diſſe: certamente eſtou concluido. A iſto diſſe hum dos outros Padres, pois logo porque enſinais hũa ley, que naõ ſabeis defender? Eſta palavra lhe cuſtou muyto, & levantandoſe com ira diſſe: amenhaã vos farey meter na cadea, & vereis, ſe vos ſey reſponder. E aſſim ſe foy com os ſeus hereges dizendo em Alemaõ humas palavras, que os Padres naõ entenderaõ; & ſe conſolaraõ muyto com entender, teriaõ occaſiaõ de padecer por Chriſto, sò os entreſticia, cuydarem, que os poriaõ em diverſas cadeas, onde naõ trataſſem huns com os outros.

21 Encommendaraõ a Deos eſte ponto, & logo em rompendo a Alva entrou na eſtalagem hum homem ao parecer de trinta annos, & na diſpoſiçaõ gentil, no roſto muy affavel. Eſte lhes diſſe em Alemaõ: vinde comigo, ſeguime, que eu vos enſinarey o caminho. Os Padres ſem lhe perguntar, nem replicar palavra, ſe foraõ com elle muy confiados. Levou-os por fora do caminho real couſa de duas legoas. Algumas vezes olhava pera elles ſorrindoſe, com que muyto os alegrava. Avia hum pedaço, q̃ parecia o mais trabalhozo de andar; neſte naõ avia neve, nem ſinais della, ſendo aſſim que tudo o mais eſtava della cuberto. Fez iſto aos Padres grãde admiraçaõ, pois nem aquillo era caminho trilhado, nem avia cauſa natural, que dalli tiraſſe a neve. E começou hum a cuydar entre ſi, que homem ſeria aquelle, que ſabia, ou fazia tais caminhos. Tanto, q̃ os

os meteo na estrada real, apontando com o dedo o caminho, que haviaõ de seguir, se despedio delles com a boca chea de riso. Tiveraõ pera si os servos do Senhor, que aquelle homem fora Anjo, pello qual Deos os livrara, & guiara.

22 Chegaraõ naquelle dia à Cidade de Constança, q̃ de commum consentimento tinha deyxado a fé. Huma sò igreja deixaraõ fora dos muros, com tal condiçaõ, que quem nella quizesse dizer Missa, havia de pagar certo tributo. Partindo dalli padeceraõ por alguns dias trabalhos, & frios muy rigorosos. Antes de chegar a certa Villa toda de hereges, hum quarto de legoa, encontraraõ hũ hospital ao parecer de lazaros, passando por elle sahio de dẽtro huma velha, & vendo os Padres com Rozarios ao pescosso, pareceolhe, que eraõ Catholicos, veose a elles, levantando os olhos ao Ceo, estendendo os braços quasi a modo de Cruz, dando vozes em Alemaõ, começou a beijar os Rozarios.

23 Sem os Padres a entenderem, julgaraõ ser catholica; & na verdade o era, & bem catholica. Fez sinal, que esperassem, entrou no hospital, & trouxe hnma grãde abada de Rozarios, maons, pès, & cabeças de Imagens de Santos, que os hereges quebraraõ. Pondose os Padres de joelhos sobre a neve, beijaraõ aquellas cabeças, & pedaços das Imagens. A velha estava taõ alegre, que tudo nella era prazer; foise com os Padres athe a Cidade, entrando pella porta começou em voz alta a dizer: Eis-aqui, mà gẽte, eis-aqui homens Christaõs, tinheisme ditto, que ja todo o mundo era herege, como vòs sois, vedes aqui como me quereis enganar. Depois souberam os Padres, como nem por dadivas, nem por ameaças, puderaõ acabar com ella, que fosse herege; & porque o naõ queria ser, a lançaraõ fora da Cidade, & puzeraõ naquelle hospital. Dizia hum daquelles malditos hereges, esta velha he huma douda, a mais obstinada, que creyo ha em todo o mundo, tanto, que ainda que todo o mundo receba a verdade (assim chamava seus erros) esta velha sempre ha de estar em sua opiniaõ.

24 Nesta terra tiveraõ grandes encontros com os hereges: trazendo os Padres alguns lugares da Escriptura, elles viaõ huma sua em Alemaõ feyta por Lutero, na qual

ou eraõ tirados de todo, ou estavaõ corruptos os lugares, que faziaõ contra sua perversa doutrina. Muytos outros trabalhos, & cazos (diz o P. M. Simaõ) passaraõ nesta peregrinaçaõ de Alemanha, que deyxava de contar, por naõ ser comprido. Pello meyo de tantos perigos fizeraõ nossos primeiros Padres esta sua primeira peregrinaçaõ, que foy hum como pronostico de quantas peregrinaçoens trabalhosas haviaõ de ter os filhos da Companhia, q̃ fundavaõ, a qual por meyo de trabalhos tanto tem avultado no mundo. Deos a conserve sempre entre elles, & cõ elles a augmente pera mayor honra, & gloria sua.

CAPITULO VII.

Como servio nos hospitais em Veneza, & dalli passou a Roma, apontaõse algumas cousas notaveis, & sua rara mortificaçaõ.

1 DEpois de tres mezes de caminho taõ rigorozo, como fica ditto, & de passar tãtos sobresaltos, & perigos chegou a Veneza o P. M. Simaõ cõ os mais cõpanheiros. Foi incrivel o gosto, que ouve, assim em Sancto Ignacio com sua chegada, como nos Padres com a vista de Sancto Ignacio. Começousse a tratar, do que fariaõ, athe chegar o tempo, que seria como meyo anno, de ir a Jerusalẽ. Determinaraõ gastar este tempo, parte em servir aos pobres nos hospitais, parte em ir a Roma, tomar a bençaõ do Summo Pontifice, esperando que o Senhor por meyo da bençaõ do seu Vigario, teria delles mayor providencia.

2 Repartiraõse por dous hospitais, hum dos incuraveis, outro chamado de S. Joaõ, & S. Paulo, neste ficou o P. M. Simaõ, onde bem mostrou sua charidade. O exercicio ordinario era, fazer as camas dos enfermos, varrer as enfermarias, acodir aos ministerios mais asquerozos no serviço dos doentes, alegralos com praticas espirituais, exortalos à confissaõ. Se algum morria, fazerlhe com o seu trabalho a cova, & com suas maõs enterralo.

3 Procurava cada hum vencer as repugnancias, que tais ministerios trazem consigo, & ouve nisto cazos muy notaveis, direy sò, o que pertence ao P. M. Simaõ, que he o que

o que faz ao meu intento. Sendo noyte, estando todos accõmodados, sem haver lugar vago pera enfermo algũ, bateo à porta hum leprozo, pedio agazalho. Disselhe o infermeyro mòr, que perdoasse, que o naõ havia no hospital. Instou huma, & outra vez o pobre, mas o imfermeiro cõtinuou na mesma desculpa. Ouvindo isto o P. M. Simaõ, lhe pedio, o deyxasse entrar, acodiolhe com a mesma reposta, dizendo, que nem cama havia em que o recolher.

4 Naõ seja esse o impedimento, diz o P. M. Simaõ, eu o agazalharey na minha. Entaõ se dobrou o infermeiro, abriolhe a porta, entrou o leprozo, & o Padre o recolheo consigo na mesma cama, acto, que naõ tem necessidade de encarecimentos, pera se ver sua estranheza. Pella menhã desapareceo o leprozo, sem se saber, como, nem por onde fora; & o P. M. Simaõ se achou cuberto de lepra. A novidade cauzou lastima, & desconsolaçaõ nos companheyros; mas o P. ficou muy alegre, dizendo: Naõ he nada, naõ he nada. Assim passou todo aquelle dia cõ grande dor, & sentimento dos companheiros: porem ao outro dia pella menhã se achou totalmente saõ, como se tal cousa por elle naõ passara. Com isto se ficou entendẽdo, qual podia ser taõ admiravel leprozo.

5 Dous mezes, & meyo gastou neste hospital o P. M. Simaõ. Depois ficando sò em Veneza Sancto Ignacio por certos respeitos, que traz a Historia geral da Companhia, se partiraõ os mais pera Roma a visitar os lugares Sanctos, & pedir a bençaõ a sua Santidade, pera com ella se partirem pera Jerusalem. Naõ hiaõ todos juntos, como quando vieraõ de Pariz pera Veneza, senaõ de dous em dous, ou de tres em tres, por mais commodo, & remedio de sua pobreza.

Orl. l. 2. *n.* 3.

6 O P. M. Simaõ fez seu caminho com dous companheiros, vivendo das esmolas, que pediaõ pellas portas aceitando sò, o que pera o prezente lhes era precizo, sem fazer provimento pera o seguinte dia. Algumas vezes passaraõ dous, & tres dias quasi sem comer. Desfaleciaõ cõ a fome, & cansasso, mas o Senhor os esforçava. Sua hospedagem eraõ os hospitais, ou cazas, onde se agazalhavaõ os pobres. Succedialhes chegar por vezes todos molhados assim da muita agoa, que chovia, como das ribeiras, que vadeavaõ.

7 Huma vez indo junto ao mar Adriatico, passaraõ hum rio, que por causa da chea saira da madre, & inundara os campos, & o barqueiro os lançou no lugar, onde, quando naõ havia chea, era o desembarque; pello que lhes foy necessario andar hum terço de legoa por agoa taõ alta, que em humas partes lhes dava assima do joelho, em outras lhes chegava athe os peitos. Sahiraõ desta lida mortos de fome, valeraõse de hum pinhal, derrubando pinhas, & comendo os pinhois. Vendo porẽ, que era fraco o remedio contra fome tamanha, & que nisto se gastava muyto tempo, se foraõ adiante seu caminho. Neste dia, que era a dominga da Payxaõ, sarou hum daquelles Padres de certa como sarna, q̃ havia muytos annos trazia em hum pè.

8 Neste dia chegaraõ a Ravena molhados, & mortos de fome. Foraõse ao hospital, nelle lhes deraõ pera todos tres huma cama com huns lançois por extremo immũdos, cheios de nodoas das chagas, & sangue de algum miseravel. Dos dous companheyros do P. M. Simaõ, por se mortificarem, hum se meteo na cama com o vestido, outro sem elle; mas o P. M. Simaõ teve tal asco, que se naõ quiz, nẽ atreveo a meter em tal cama. Depois ainda caindo em si, ficou notavelmente magoado, parecendolhe, que por mimo, & amor do seu corpo perdera taõ bella occasiaõ de se mortificar.

9 Dezejou grandemente recuperar o que aqui perdera, & brevemente o fez; porque indo o P. M. Simaõ seu caminho, chegando a hũa aldea, pedindo agazalho, a hospitaleira respondeo, q̃ naõ tinha outra cama, excepto huma, em que na quelle dia morrera hum pobre da doença, que se chama em latim *pedicularis*, mas que os lançois lhe naõ tinhaõ servido em vida, mas sò de pano funeral, em que depois de morto se puzer a o corpo, & assim estavaõ molhados com a agoa benta, que se lançou sobre o morto, quando o encomendaraõ a Deos, & alem disso, que tinha grandissima copia daquelles animalejos, que saõ effeito da tal doença. Teve o P. M. Simaõ a occasiaõ, q̃ se lhe offerecia por mui a proposito, pera recobrar o perdido. Meteose, sem cousa alguma sobre o corpo, entre aquelle horror, deraõ nelle aquellas pragas de bichos, & lhe davaõ tais ferrotoadas, q̃ o faziaõ suar. Passou a noy-

te

te neste tormento, & ficou muy alegre de ter vingado em si a covardia, que antes tivera.

10 Chegando a Ravena, pediraõ pellas portas assim o sustento, como alguma esmola pera pagar aos barqueiros, que os naõ queriaõ passar sem dinheiro. Succedia, por naõ terem outra cousa, dar aos barqueiros o gibaõ, ou alguma outra peça do uso necessario. Andando o P. M. Simaõ pedindo esta esmola; chegou, sem saber aonde batia, à porta de tres mulheres roins, que sahiraõ com descoco; ficou o Padre assustado, como se encontrasse com alguma serpente, & mais que depressa deceo a escada, & posto no lumiar da porta lhes começou a pregar o que por entaõ lhe ditou seu espirito contra a fealdade, em que viviaõ.

11 Chegaraõse ellas, mostrando contriçaõ, em especial huma, que começou a chorar. Estando nesta exhortaçaõ, apareceo à porta daquellas molheres hum frade sò, sem companheyro vestido em habito de S. Agostinho, era homem moreno, & sobrevelho; que mostrava mais de sincoenta annos, mui feio, & melancolico; tinha alguns dos dentes quebrados, outros quasi moidos, & comidos de si mesmos, & gastados, os olhos mui luzidios. Todo o gesto dizia, o que depois se entendeo ser. Começou em Hespanhol, com enfado, & como quem nisto tinha empenho, a dizer ao Padre: Senhor vasse da-hi, deixe essas mulheres, que quer agora, cuida, que as ha de converter? vasse, deixeas, porque perde tempo.

12 O Padre como estava cõ fervor, naõ deu pello ditto do fingido frade, foi continuando na exhortaçaõ. Aquella mulher, que começara a chorar, naõ podendo ter no peito a sua dor, disse entre muitas lagrimas: Padre eu sou perdida, naõ tenho remedio de salvaçaõ, senaõ hir com vosco a Roma, ahi me dareis ordem a algum modo de vida, porque me quero salvar. Dizendolhe o Padre, que buscasse outro remedio, q̃ a elle lhe naõ cõvinha levalla cõsigo; estava o frade ouvindo isto como triste, & melãcolico. Entaõ o Padre voltandose a elle o saudou, & lhe perguntou, donde vinha, & pera onde hia. Respondeo, que vinha de Roma, & hia pera Veneza.

13 Despediose o frade, & o Padre o vio hir, & andar em hũa rua jũto ao lugar, onde a gente se embarcava, a modo de quem negocea, ou anda espreitando de huma, em

outra parte, sem aquietar; & como nada fizesse, com tantas andanças, fez nisso o Padre grande reparo. Neste tẽpo estando o Padre a ponto de se embarcar, chegou chorando aquella peccadora, dizendo havia de ir com elle. Contou o P. M. Simaõ à seus companheiros, o que com ella lhe tinha acontecido. Ajuntouse com a novidade muita gente, & fallava nesta mudança. Quiz ella primeyro, que os Padres entrar na barca; porem elles disseraõ aos barqueiros, que se tal mulher fosse, naõ iriaõ naquella barca. Por tanto naõ foi admittida, & se ficou alli chorando, quando os Padres sahiraõ de Ravena. Do frade se entendeo, ser o Demonio, que sentia tirarselhe das unhas aquella alma.

14 De Ravena chegaraõ a certo porto, & determinavaõ sahir em terra, & ir peregrinando athe Ancona; porem sabendo, havia rios, que passar, tomaraõ outro conselho, metendose em huma barca, sem levar de comer, & sem dinheyro pera o frete. Passaraõ hum dia, & noite sem nada meter na boca, athe chegar à Cidade de Ancona. Aqui foi o trabalho com os barqueiros; porque dizendolhe os Padres, que naõ tinhaõ, com que pagar, se ascenderaõ em colera, jurando, & tresjurando, que nenhum sahiria da barca, sem o dinheiro estar na maõ. Por fim de contas se concertaraõ, que sahisse hum delles buscar algum remedio. Foi hum, que naõ era Sacerdote, nem o brigado a rezar o officio Divino, a caza de hum livreiro, & lhe vendeo o Breviario com condiçaõ, que se dentro de certas horas, lhe tornasse o dinheiro, seria obrigado, a lhe dar o seu Breviario. Deste modo satisfizeraõ aos barqueiros.

15 Em sahindo, foraõse ao hospital, alli acharaõ dous dos outros Padres, com que muito se consolaraõ. Dos sinco, ficando hum sò em casa, os quatro se repartiraõ a pedir esmola pella Cidade, huns por hũa, outros por outra parte. Andando neste sancto exercicio, o P. M. Simaõ encontrou ao P. M. Diogo Laynes com as abas da roupa levantadas athe os joelhos, & descalso pedindo em hũa praça entre certas vendedeiras, das quais hũa lhe dava isto, outra aquillo, do que estava vendendo.

16 Parou o P. M. Simaõ (como elle escreve) cõsiderãdo por hũa parte a pobreza, & humildade daquelle Padre, & por outra as letras, & partes, que tinha, pera valer no mundo,

mundo, que em verdade eraõ eſpantoſas, como os tempos o moſtraraõ, em eſpecial no Concilio Tridentino. Eſta conſideraçaõ penetrou tanto ao P. M. Simaõ Rodrigues, que fazendoa em outras occaſioẽs, & a reſpeito dos outros Padres, aſſentou conſigo, que naõ era digno de andar entre homens taõ ſanctos, como eraõ ſeus companheiros. De eſmola ajuntaraõ com abundancia, & puderaõ reſgatar o ſeu Breviario.

17 De Ancona chegaraõ à ſancta caza de Loreto, onde ſe detiveraõ dous, ou tres dias, cumprindo com ſuas devoçoẽs. De Loreto pera Roma por cauſa das muitas chuvas, lamas, & atoleiros padeceraõ grandes trabalhos. Hum dia aconteceo, que ſendo de jejum, & muita chuva, paſſaraõ todo o dia ſem comer, chegaraõ a Tolentim ja mui de noute, fazendo grande eſcuro. O P. M. Simaõ, sẽ ſe querer apartar a nenhũa parte das ruas foi entrando por lamas, & agoa, dizendo dentro de ſi, por mais chuva que venha, ou lama que haja, ja nem me poſſo molhar, nẽ enlamear mais.

18 Naõ mui longe da entrada no meio daquellas lamas, ſe lhe poz diante hum homem alto de corpo, & bem diſpoſto, embuçado com hũa capa, & ſeu chapeo na cabeça, sẽ dizer nada, tomou a maõ ao Padre, & pozlhe nella certas moedas de prata, & tornandolha a fechar apertãdo a maõ paſſou adiante. O Padre por entaõ naõ diſcorreo ſobre iſto, mas cuidou ſeria algum homem virtuoſo. Levou a maõ cerrada athe o hoſpital, aonde a abrio, & achou, quanto baſtava pera cearem, & ainda darem de eſmola.

19 Hum pobre, que alli eſtava lhes diſſe; he tarde, & vòs naõ ſabeis a terra, ſe quereis, vos irei comprar o ſuſtẽto. Tiveraõ iſto os Padres em tal tempo por ſegunda eſmola. Deraõlhe o dinheiro, trouxe paõ, vinho, & figos paſſados, de que cearaõ, & deraõ a outros pobres; dando a Deos as graças por ter delles taõ eſpecial cuidado, que athe quem lhes compraſſe o ſuſtento, lhes deparou em tal occaſiaõ.

CAPITULO VIII.

Do que lhes aconteceo, como voltaraõ a Veneza, & se ordenaraõ. De como S. Ignacio deu saude ao Padre Simaõ, & como Deos o livrou de hũa tentaçaõ.

1 ESta foy a primeira peregrinaçaõ, que o nosso P. M. Simaõ Rodrigues, & seus companheiros fizeraõ sem viatico, fiados unicamente na Divina Providencia, despidos de subsidios humanos. Depois de caminho taõ penoso chegaraõ a Roma, cada-hum se foi ao hospital da sua naçaõ. Sobre elles se fizeraõ varios discursos, huns diziaõ, que hiaõ pertender beneficios a Roma, outros que vinhaõ deixar os habitos fugidos de algũa Religiaõ. Os Padres perguntados respondiaõ, que vieraõ a visitar os Sãctos lugares daquella Cidade.

2 Assim o faziaõ, & com todos tratavaõ de Deos. Viviaõ de esmolas de porta em porta. Em poucos dias se cobrou delles boa opiniaõ; & alguns cortezaõs ricos Hespanhois tendo por descredito da sua naçaõ, que tais homens andassem pedindo pellas portas, os recolheraõ assim Hespanhois, como a Francezes no seu hospital de Sãtiago, & lhes davaõ o sustẽto necessario. Aceitaraõ-o os Padres, pera poder mais desimpedidos andar as Estaçoẽs, & Igrejas de Roma.

3 Estava em Roma Pedro Ortiz Hespanhol de naçaõ, & que em Pariz fora mui contrario a Sancto Ignacio, & o estar elle em Roma foi hũa das causas, porque o Sancto agora se ficou em Veneza, temendo naõ fosse pouco favoravel a suas cousas. Corria este Doutor com negocios do Imperador Carlos Quinto; & fallando com o Papa Paulo Terceiro, que entaõ governava, lhe disse, como estavaõ naquella Cidade nove Theologos de Pariz, que pareciaõ homens de grandes esperanças, que seguiaõ estreita pobreza, & hiaõ a Jerusalem.

4 Respondeolhe o Papa: Trazeios amanhã à minha meza, & fazei, q̃ venhaõ alguns outros Theologos, q̃ folgarei, em quanto como, de os ver disputar. No outro dia estavaõ à meza do Papa muitos Theologos, perguntaraõ, ora a hum

a hum, ora a outro dos Padres ſuas queſtoẽs, & ficou o Papa mui ſatisfeito delles. Quando ſe levantou da meza, ſe lhe lançaraõ todos aos pès, & lhe beijaraõ o pè. Eſtendeo o Papa os braços, como ſe a todos juntos os quizeſſe abraçar. Diſſelhes em latim, que recebia grande prazer, de ver tanta humildade junta com tantas letras, que viſsẽ ſe delle queriaõ algũa couſa. Reſponderaõ, que sò de ſua Santidade queriaõ a bençaõ, & licença pera irem a Jeruſalem. A bençaõ, diſſe o Papa, eu vola dou, mas naõ creio, que paſſareis a Jeruſalem. Iſto acreſcentou, porque ſabia, que os Venezianos eſtavaõ pera romper guerra com o Turco.

5 Deulhes mais licença, pera ſe ordenarem de Miſſa em tres feſtas, & por qualquer Biſpo, & que lhes dava ſuas letras por ſufficiente patrimonio. Mandoulhes por duas vezes dar boa eſmola de dinheiro. De modo, que entre o que lhes deu o Papa, & alguns Heſpanhois, paſſaraõ por letra a Veneza duzentos, & dez cruzados, pera pagar o frete da nào, em que haviaõ de paſſar a Jeruſalem, & pera outros direitos, que là ſe pagaõ ao Turco; os quais dinheiros, vendo depois, que ja naõ paſſavaõ a Jeruſalẽ, tornaraõ por meio do Doutor Pedro Ortiz a mandar ao Papa, & às outras peſſoas, que lho deraõ. Diſto ficou o Papa mui admirado, & edificado, mas naõ quiz mandar receber, o que tinha dado, nem taõ pouco quizeraõ uzar deſte dinheiro.

6 Voltaraõ os Padres a Veneza, ordenãdo o caminho, como à vinda o tinhaõ feito. Recolheraõſe nos hoſpitais, em que antes eſtavaõ. Fizeraõ voto de pobreza, & caſtidade diante do Nuncio do Summo Pontifice. Tomaraõ ordens ſete, dos quais hum era o P. M. Simaõ. Precedendo os mais graos ſe ordenaraõ de Miſſa dia de Saõ Joaõ Bautiſta. O Biſpo Arbenſe, que lhe deu as ordẽs, confeſſou, que tendo muitas vezes ordenado a outros, nunca ſentira a conſolaçaõ, que tivera em dar ordẽs a eſtes ſervos de Deos.

7 Neſte tẽpo ſe rompeo guerra dos Venezianos, Carlos quinto, & o Papa Paulo terceiro contra os Turcos. Vendo os Padres, que naõ podiaõ paſſar a Jeruſalem, determinaraõ, conforme o ſeu voto, eſperar por eſpaço de hũ anno, & por tres mezes, pouco mais, ou menos, retirarſe a

diversos lugares solitarios, pera com a oraçaõ, & meditaçaõ se disporem, pera dizer a sua primeira Missa. Nestes lugares solitarios foi a primeira vez, que começaraõ a querer viver em obediencia, ainda que voluntaria. Em quanto andavaõ dous, & dous, ou tres, & tres cada-hum era superior por sua semana. Esta obediencia guardavaõ com tanta sugeiçaõ, como se della tivessem feito voto.

8 Em Roma, quando ja estavaõ juntos, estenderaõ esta obediencia a espaço de hum mez; isto durou athe Sãcto Ignacio ser eleito Geral. Toda-via, ainda que o Sancto no mez, que os outros mandavaõ, obedecia, sempre os mais lhe tinhaõ, como a Pay, grande reverencia. Na repartiçaõ dos lugares solitarios, coube ao P. M. Simaõ Rodrigues, & ao Padre Claudio Jayo a Cidade de Bassaõ.

9 Morava na Ermida de Saõ Vito naõ longe de Bassaõ hum Ermitaõ por nome Antonio de vida exemplar, o qual tinha consigo dous discipulos imitadores do seu exemplo. Os Padres se determinaraõ, a ir viver tambem naquelle retiro. Pediraõ licença ao velho, pera alli se recolherem alguns dias. Estava elle escandalizado de alguns, que tinhaõ alli vindo com semelhante petiçaõ, & depois provaraõ mui mal; por esta causa tinha proposito, de mais naõ permittir, nem querer outros companheiros. Porem vendo diante de si aos dous Padres, assim se lhes affeiçoou em seu animo, que disse à seus discipulos, que se os naõ agazalhara, cuidaria fazer nisso grande peccado.

10 Aqui gastavaõ a maior parte do dia, & da noite tratando com Deos na meditaçaõ, & oraçaõ. Dormiaõ sobre hũa taboa, guardavaõ grande rigor no comer, & mais tratamento de suas pessoas. Serviaõ ao velho com muita humildade, indo por vezes com hum jumentinho, pera lhe ajudarem a recolher as esmolas, que pedia nas eiras. Porem naõ o tinhaõ por Mestre, nem mudaraõ traje, andãdo sempre no vestido de Sacerdotes honestos.

11 Cada-hum dos dous era superior do outro às semanas. Neste rigor de vida teve o P. M. Simaõ tal doença, que os Medicos desconfiaraõ de sua vida. Nesta occasiaõ estava Sancto Ignacio de cama com grandes febres em Vincencia. Tendo o Sancto novas do trabalho do P. M. Simaõ, se levantou da cama, & em companhia do Padre Pedro Fabro se poz em caminho pera Bassaõ, fazendo a jor-

a jornada com tal diligencia, que sempre hia diante do companheiro.

12 Neste caminho, ao parecer humano taõ fora de tẽpo, fez Deos à nosso Sancto Padre dous grandes favores, o primeiro, que havendo, fallando naturalmente, a febre de se alterar mais, de todo se tirou ao Sancto; o segundo, que lhe revelou Deos, que o P. M. Simaõ naõ morreria da prezente doença. Fez elle oraçaõ à Deos, & della se levãtou mui alegre dizendo ao Padre Fabro, que bem podiaõ ir mais devagar, & sem cuidado, que Deos concedia a vida ao M. Simaõ.

13 Entrando na caza do velho Antonio, achou o seu enfermo muito no cabo da vida, estava elle vestido, & deitado sobre hũa desabrida taboa. Abraçou-o Sancto Ignacio, & lhe disse: *Alegraivos M. Simaõ, que Deos se quer servir de vossos trabalhos, naõ morrereis desta em Bassaõ, tendes ainda muito, que andar, & fazer por quem vos estende os annos de vida.*

14 Logo deu ordem por via do Ermitaõ, a haver hũa cama, em que o fez deitar, & despir; & lhe assistio com sua costumada charidade. Com tal enfermeiro desappareceo a doença, & dentro de pouco tempo, sarou o enfermo, & pode tornar a seus costumados exercicios.

15 Daqui ficou o P. M. Simaõ notavelmente mais affeiçoado à vida eremitica: duvidou em seu pensamento, qual seria mais do agrado de Deos, se continuar na vida solitaria, ou naquella, que com os mais companheiros determinara fazer. Cõ esta duvida se sahio de Bassaõ, & quiz ir tomar conselho com o velho Antonio. Sem dizer palavra a S. Ignacio, parte pera a Ermida de Saõ Vito. Pouco distante estava ja da Cidade, quando se lhe poem diante hum homem armado, no aspecto feròz, & terrivel com a espada nua na maõ: ameaçando-o com estranha braveza: era o Padre animoso, & ainda que no primeiro encontro se perturbou, tratava de romper a diante. Aqui o homẽ tomou nova ira, & colera, com a espada feita vai endireitãdo com o P. M. Simaõ, o qual toda-via parecendolhe, que a cousa era de veras, se encheo de assombro, em effeito deu em fugir pera a Cidade, indo sempre o homem no seu alcãce, athe o meter na caza, onde os Padres se recolhiaõ.

16 Tudo isto vira em espirito Sancto Ignacio, & pondo

do os olhos no Padre Simaõ, que vinha cançado da lida, & fazia por dissimular a causa do seu cansasso, lhe disse cõ rosto alegre: *Simaõ porque duvidaste?* alludindo às palavras, que o Senhor dissera a Simaõ Pedro: *Modicæ fidei quare dubitasti?* Estas palavras penetraraõ o coraçaõ do P. M. Simaõ, & ficou entendendo, que Deos revelara o succedido a Sancto Ignacio. Tambem se persuadio, ser aquelle homem armado algum Anjo, que Deos mandara pera seu bem, pois vindo ambos correndo por meio da Cidade de Bassaõ, estando as ruas cheas de gente, nenhum delles foi visto de pessoa viva; porque em tal novidade naõ podia deixar de haver grande reparo, & o Padre notou, que nenhum ouve. Com este segundo aviso do Ceo, ficou de todo confirmado em sua vocaçaõ.

Matt. 14 31.

17 Depois destes quarenta dias, que tomaraõ nossos primeiros Padres, pera se preparar mui de veras pera dizerem suas primeiras Missas, se ajuntaraõ todos em Vincencia, com Sancto Ignacio em huma caza, em que o Sancto estivera cõ os Padres Pedro Fabro, & Diogo Laynes. Era summo o desabrigo da caza, de noute serravaõ a janela com huns pedaços de ladrilhos velhos, de dia os tiravaõ pera ter luz, a porta sempre estava aberta, porque naõ tinhaõ com que a serrar. Viviaõ das esmolas, que pediaõ pellas portas, a cama, em que dormiaõ, era hũa pouca de palha. Alguns disseraõ em Vincencia suas primeiras Missas, o P. M. Simaõ a dilatou pera mais se preparar, & depois a disse em Ferrara.

CAPITULO IX.

Do que obrou em Ferrara, & Padua.

1 CHegou o fim do anno de mil quinhentos trinta, & sete, que era o termo do voto, que tinhaõ feito de ir a Jerusalem. Consultaraõ os Padres, o que deviaõ fazer, & resolveraõ, que Sancto Ignacio com os Padres Pedro Fabro, & Diogo Laynes fossem a Roma fazer offerecimento de suas pessoas, & dos mais companheiros ao Papa, pera que sua Santidade se servisse delles assim na cõversaõ dos infieis, como no bem espiritual dos mais proximos.

ximos. E que os outros ſe repartiſſem pellas principais Cidades, & Univerſidades de Italia, & com pregaçoẽs, & doutrinas frutificaſſem nos povos, & fizeſſem, com que Deos moveſſe alguns moços de preſtimo, pera ſeguirem o meſmo inſtituto.

2 Eſta repartiçaõ, que fizeraõ noſſos primeiros Padres, foi revelada por Saõ Jeronymo a noſſo P. Saõ Franciſco Xavier. No hoſpital de Vincencia eſtava doẽte Saõ Franciſco Xavier, & o P. M. Simaõ, ambos em hũa cama muito eſtreita, muitas vezes com cezoẽs deſencontradas. Acontecia eſtar hum com o frio batendo o dente, & o outro com o crecimento ardendo em febre, hum dezejando mais roupa, outro nem podendo aturar a pouca, q̃ ſobre ſi tinha. Aſſim eſtavaõ ſobre hum xergaõ eſtes dous admiraveis Padres, quando hũa noite appareceo ao Sãcto Xavier o Doutor Maximo da Igreja Saõ Jeronymo; & com roſto alegre lhe diſſe, que tiveſſe bom animo, fortaleza, & paciencia pera os trabalhos: que Deos o tinha eſcolhido pera grandes emprezas, que Bolonha o eſperava aquelle anno; que dos companheiros huns iriaõ a Roma, outros a Padua, outros a Sena, outros a Ferrara, a fazer gente pera Deos naquellas Univerſidades. Iſto ditto deſappareceo.

3 O meſmo, que o Sancto revelou, diſpuzeraõ entre ſi os mais Padres, ſem o communicar aos enfermos, nem ſaber da revelaçaõ. Deixou o P. M. Simaõ Rodrigues eſcrita eſta appariçaõ de Saõ Jeronymo, que devia contarlha o Sancto Xavier, ſe a cazo elle naõ foi tambem teſtemunha de viſta, pois eſtava na meſma cama.

4 Neſta diviſaõ coube aos Padres Simaõ Rodrigues, & Claudio Jayo a Cidade de Ferrara, onde paſſaraõ o inverno, que foi mui frio, & tempeſtuoſo. Recolheraõſe no hoſpital, que era hũa caza terrea, humida, & mal telhada. A hoſpitaleira era hũa velha de condiçaõ azeda, & mui determinada, a qual com grande rigor lhes fazia guardar certas leis meudas; andava ſempre com os olhos ſobre elles, porque a naõ enganaſſem, como outros lhe deviaõ ter feito, vigiavaos com particular circunſpecçaõ.

5 Notou, que no maior ſilencio da noite, cortando pello ſono ſe levantavaõ, feriaõ fogo, punhaõſe de joelhos, tinhaõ oraçaõ, & faziaõ ſuas devoçoẽs. Confrontãdo

do ella eſtas vigias, & depois o cuidado, com que de dia tratavaõ dos enfermos, & enſinavaõ aos pobres a doutrina Chriſtaã, cobrou delles ſingular opiniaõ de virtude. A bocca cheia dizia pella Cidade, que em ſua caza tinha dous Sanctos. Iſto repetio tanto, contando as boas obras, q̃ nelles via, que chegou a fama à Marqueza de Peſcara Senhora de muita virtude, que ſe achava entaõ naquella Cidade. Dezejou certificarſe, do que ouvira. Vendo hum dia na Igreja ao P. M. Simaõ, lhe perguntou, ſe por ventura era algum de huns Theologos Parizianos, que em Veneza eſperavaõ occaſiaõ de paſſar a Jeruſalem.

6 Reſpondeo o Padre, que ſim. Soube delle, onde ſe recolhiaõ. Por mais ſaber a verdade, foi hum dia ao hoſpital, eſtando os Padres auzentes. Fallou com a hoſpitaleira, & lhe meteo pratica dos ſeus hoſpedes; a velha, ſem ſaber o fim da Marqueza, lhe diſſe mil bens dos Padres, & o que nelles obſervava. Conſolouſe muito a Marqueza de a ouvir, & vendo a pobreza, com que os Padres alli viviaõ, os mandou paſſar a outro lugar de melhor cõmodo; & todos os dias lhes mandava o ſuſtento neceſſario, pera poderem mais deſembaraçados acodir à pregaçaõ do Evãgelho.

7 Athe eſte tempo naõ tinha o P. M. Simaõ ditto a primeira Miſſa, receando com hum ſancto temor, chegarſe ao Altar; porem vendo, que dizendoa, ficava mais expedito, pera ajudar aos proximos, aqui em Ferrara, ſe venceo, & a celebrou com inexplicavel conſolaçaõ de ſeu eſpirito. O fervor, com que em Ferrara pregavaõ, fez no povo grande abalo. Naõ era o P. M. Simaõ ainda mui verſado na lingua da terra, mas aquellas ſuas palavras toſcas, & mal limadas tinhaõ tal eſpirito, que moviaõ a devoçaõ os ouvintes. Havia muitas confiſſoẽs, porque as pregaçoẽs sò ſe empenhavaõ, em cauſar nos ouvintes dor dos peccados.

8 Louvavaõ todos o zelo dos Padres, & os admiraveis effeitos do ſeu trabalho. Porem muitos murmuravaõ, de modo, que vindo eſtas couſas todas à noticia do Biſpo, nunqua elle lhes deu favor, por muito tempo, nem os quiz ver, nem ouvir. Hia o prudente Prelado devagar, athe q̃ tendo viſto por larga experiencia da Cidade, ſua recta intẽçaõ, & fervoroſo, & deſintereſſado zelo ſe lhes affeiçoou gran-

grandemente, elle em peſſoa os foi buſcar, fezlhe grandes offerecimentos. Vioſe obrigado, a darlhes rezaõ da ſequidaõ, que athe o prezente tinha moſtrado a ſuas couſas.

9 Convidou-os a jantar à meza, & ſobre meza lhes diſſe; que a cauſa de ſe ter com elles havido na forma, que ſabiaõ, fora, por naõ ſe expor a perigo de authorizar os màos, como lhe tinha acontecido nos ſeus tempos em Ferrara, aonde ouvera hum pregador de tanto nome, & ao parecer de tanto zelo, que aſſim nobres, como plebeos ſe hiaõ atraz delle, & o reſpeitavaõ. Eſte, ao parecer Sancto, era de vida taõ eſtragada, que trazia em ſua companhia em trajos de homem, hũa mulher, a qual hia por companheiro ſeu ao pulpito, & lhe ajudava à Miſſa. Hum dia pregando foi tal a ſua efficacia, que a mulher perdida aſſim ſe penetrou, que alli diante de todos, começou a chorar o ſeu peccado, & com o impeto da dor deſcobrio o ſeu fingimento. Neſta forma confundio Deos alli diante de todo o auditorio ao pregador, & moſtrou quam poderoſa era a ſua palavra, ainda na bocca dos pregadores de vida perdida. Eſte ſucceſſo, dizia o Biſpo, o tinha obrigado, a ir de vagar, porque às vezes debaixo de hũa capa de virtude ſe encobre hũa refinada malicia. Dalli por diante foi o bom Prelado hum perpetuo elogio dos Padres, moſtrando ter delles ſingular eſtimaçaõ: fazendo por vezes, que jantaſſem com elle, & ajudandoſe dos ſeus preſtimos em todas as obras de piedade, & do ſeu officio paſtoral.

10 Dos companheiros de Sancto Ignacio tinhaõ hido a Padua os Padres Joaõ Coduri, & Ozes, eſte foi o ultimo, que em Veneza ſe ajũtou a Sancto Ignacio, & o primeiro da Companhia, que Deos levou pera ſi. Tendo pregado na praça de Padua ſobre as palavras: *Vigilate ergo, quia neſcitis, qua hora dominus veſter venturus ſit*: Vigiai, que naõ ſabeis, quando morrereis: lhe deu a doença, de que ſanctamente morreo, & Sancto Ignacio, eſtando em monte Caſſino, vio ſer ſua alma levada ao Ceo em grande triumpho.

11 Sabendo o P. M. Simaõ da morte do Padre Ozes, ſe partio logo pera Padua, a conſolar, & ajudar ao Padre Joaõ Coduri. Julgou o P. M. Simaõ, ſer de maior ſerviço de Deos em Padua, que em Ferrara, & aſſim ſe deixou ficar naquella Cidade, aonde lhe ſervio de novo eſtimulo a

memoria do gloriofo Sancto Antonio feu natural.

12 Succedeo logo adoecer o Padre Ioaõ Coduri. Foi a doença grande, & feria maior o defemparo, fenaõ viera o P.M. Simaõ. Hum nobre Ecclefiaftico levou pera caza o doente, & o curou com fingular caridade. Pagoulhe Deos efta obra de mifericordia, porque a fancta converfaffaõ do enfermo, lhe caufou hum grande temor de offẽder a Deos. Vivia elle de portas adentro com a occafiaõ da fua ruina, de que ja tinha filhos; tanto que fe deixou penetrar da infpiraçaõ de Deos, fe abfteve de cahir na fua miferia, tendo ainda a mulher em cafa. Porem os Padres acabaraõ com elle, que fe apartaffe de viver com ella na mefma cafa, pello perigo, & efcandalo, que niffo havia. Elle a cazou, & ficou livre defte embaraço fervindo dalli por diante a Deos com exemplo, & edificaçaõ dos que fabiaõ feus màos coftumes.

13 O P. M. Simaõ nefte tempo fe agazalhava em caza de hũa viuva nobre, a qual tinha dous filhos, hum era Doutor, & homem de muito refpeito. Foi notavel a mudança, que naquella caza fez com feu bom exẽplo, & converfaffaõ. O filho Doutor entrou em Religiaõ edificando toda a Cidade, por fer homem de refpeito entre feus naturaes, & abundante de fazenda. Teve diffo a may grande confolaçaõ pello ver taõ dado a Deos. Defpedindofe da may lhe pedio, tiveffe por filho em feu lugar ao P. M. Simaõ. O outro filho fe entregou tambem de veras a Deos, vivendo como fancto, em caza de fua may. Dentro de pouco tempo teve doença mortal, nella efteve mui conforme com a divina vontade. Eftando pera morrer, pedio tambem a fua may, tiveffe por filho ao P. M. Simaõ. Vendo ella, que Deos dera à feus filhos taõ boa fortuna por meio do P. M. Simaõ, lhe cobrou grande amor, & afsim à elle, como à feu companheiro os provia do neceffario, fentindo muito, que naõ admittiffem mais, que a preciza fuftentaçaõ.

14 Quando os Padres fe ouveraõ de partir pera Roma, os quiz efta nobre fenhora prover do viatico, elles o naõ aceitaraõ, de que teve fua defconfolaçaõ; inftou, que pello menos haviaõ de receber alguns lenços, naõ puderaõ refiftir a efta petiçaõ. Meteo-os na maõ ao P.M. Simaõ Rodrigues, o qual à noite defenrolando o envoltorio, lhe

cahiraõ

cahiraõ aos pès algũas moedas de ouro, & prata, que a devota matrona lhes dera com esta dissimulaçaõ; & foraõlhe bem necessarias pera acodir às necessidades, que lhe sobrevieraõ.

15 Deixaraõ estes sanctos Padres saudosa memoria em Padua. Muitos os dezejaraõ acompanhar, de que os Padres os escusaraõ, sò naõ poderaõ acabar, que o naõ fizesse hum Conego illustre em sangue, que com os Padres foi athe Veneza, dalli a Ancona, & athe Loreto. Admirouse muito de ver, que dormiaõ no chaõ, & que de noite se levantavaõ a orar, & reprehendiase a si mesmo, por se naõ atrever a imitar tal rigor, que o uso tinha feito aos Padres taõ familiar.

CAPITULO X.

Do que lhe aconteceo, & obrou em Roma, & de duas visoẽs, que teve à cerca da Companhia.

1 CHegaraõ o P. M. Simaõ, & seu companheiro a Roma, aonde ja estavaõ os mais Padres, & elles se tinhaõ dilatado por acabar em Padua algumas cousas do serviço de Deos, que naõ convinha deixar em aberto. Ajũtaraõse todos em Roma depois da Paschoa do año de mil quinhentos trinta, & oito. Pousavaõ entaõ em hũas casas de aluguel, naõ longe do mosteiro dos meninos, que chamaõ da Sanctissima Trindade, eraõ estas mais accõmodadas pera os nossos ministerios, que as casas de Quirino Garzonio devoto da Cõpanhia, aonde os Padres ao principio estiveraõ.

2 Pregavaõ os Padres com geral edificaçaõ em diversas Igrejas da Cidade, o P. M. Simaõ pregava na Saõ de Angelo *in foro piscario*. Exhortavaõ pellas praças a gẽte a frequentarem os Sacramentos. Era tanto o concurso aos Sãtos Sacramentos, que os Padres naõ podiaõ suprir com o trabalho, porem andavaõ nelle taõ embebidos, que se naõ lembravaõ do comer. Quando se recolhiaõ a casa, naõ havia, que meter na bocca. Entaõ, ainda que em tempos naõ convenientes, sahiaõ a pedir o sustento pellas portas. Dous delles liaõ no Collegio da Sapiencia duas liçoẽs,

hũa de Escriptura,outra de Theologia especulativa.O Papa os mandava por vezes chamar à sua meza, & alli disputar, em quanto elle comia, & lhes mostrava grande amor. E diz o P. M. Simaõ Rodrigues na sua Relaçaõ, que era neste tempo cousa taõ nova, & desacostumada, ver pregar Clerigos, que com grande espanto diziaõ alguns: Nos cuidavamos, que naõ podiaõ os Clerigos pregar, & que sòmente os Frades o podiaõ fazer.

3 Entre as innumeraveis cousas do serviço de Deos, que os Padres obraraõ em bem dos pobres foi hũa, q̃ havẽdo no inverno grandissima falta de trigo, assim por causa da fome, como do frio os pobres morriaõ de noite pellas ruas; compadeceraõse os Padres, sahiaõ de noite pellas ruas, a buscar os pobres, que nellas dormiaõ, traziaõ-os a casa, haviaõ esmolas de pessoas devotas, com que lhes davaõ fogo, pera se aquentarem, & palha, em que dormirẽ, & algum pouco de paõ. Ensinavaõlhes a doutrina, & orações, que eraõ obrigados a saber. Pella menhã os deixavaõ ir buscar sua vida.

4 Chegou o numero destes pobres a trezentos, & ja naõ cabiaõ nas casas, que os Padres tinhão. Esta obra moveo tanto a muitas pessoas ricas, que dizião consigo, grãde confusaõ he nossa, que huns Clerigos pobres, que naõ tem, que comer, fação tal obra, & que nòs podendo, não olhemos por ella. Acodirão com muitas esmolas, os Padres buscarão pera os pobres outras casas mais capazes. Não sòmente remediarão, aos que andavão pellas ruas, mas aos que estavão em suas casas, & não podião pedir, que serião mais de duas mil pessoas. Este exemplo moveo tambem aos da Cidade, pera fazer maior diligencia por trigo, com que esta falta se remediou.

5 Antes de fazerem esta obra, tendose acabado o tempo do aluguel das casas, em que moravão, lhes offerecèrão hũas casas, que estavaõ deshabitadas, por ser fama, andavão nellas Demonios. Disto nada se disse aos Padres. Mandarão pera là certos bancos, & mezas, & foi o P. M. Simão là dormir a primeira noite sò, pera ter cuidado daquella pobreza. Entrada bem a noite, estando as portas fechadas, sentio grande estrondo, & desasossego, & disse dentro de si: se saõ ladroẽs, pouco tem, que furtar, se saõ Demonios, não podem fazer mais, do que Deos lhes permittir: se

Deos

Deos quer, que elles me matem, seja feita a sua vontade; & assim se aquietou, & continuou seu sono, deixando fazer os Demonios, o que quizessem.

6 Depois de virem todos os Padres pera esta casa, continuou o Demonio com extraordinarias matinadas; parecia cahir toda a casa, quebrarse tudo. Eraõ infinitas as perturbaçoẽs, que fazia; contando o P. M. Simaõ este dessassego, tem estas palavras: *O que mais agora me espanta saõ duas cousas: hũa he ver a pouca conta, que os Padres faziaõ daquelle espirito, fallando, & rindose muitas vezes das invençoẽs, que elle fazia. A segunda he, que nunca lhes passou pella memoria, querelo esconjurar. Em fim os* Padres *como naõ se curavaõ delle, deixavaõno andar por alli, como cousa impertinente.*

7 Em hũa noite cuidouse, que quizera o mào espirito afogar a Saõ Francisco de Xavier, porque acordou dizendo palavras de devoçaõ, & despedindo pellos narizes hum torno de sangue; perguntado, que fosse, calou por entaõ; dahi a tempo perguntandolhe, o P. M. Simaõ, que cousa fosse aquella, lhe respondeo, fora hum sonho ruim, & que cõ a resistencia, que em sonhos fizera, pera o apartar de si, lhe arrebentara aquelle torno de sangue.

8 Nesta casa consultaraõ os Padres o modo, que haviõ de ter em fundar a Companhia. Disto parece se doía tanto o mào espirito, & prevendo o mal, que se lhe seguiria, fazia todos estes espantos, por ver se podia perturbar os Padres.

9 Como o Demonio vio, que por este caminho nada effeituava, levantou grande tormenta na Cidade contra os Padres por meio de hum Frade de certa Religiaõ, Pregador herege, & de dous Clerigos tais como elle. Publicaraõ dos Padres, que eraõ hereges; porẽ elles puzeraõ tudo em pratos taõ limpos, que o Frade foi queimado por heresiarca, dos Clerigos hum, que fugio, foi queimado em estatua, o outro condenado a carcere perpetuo, veio a morrer confessando seus erros, & tendo à cabesseira hum Padre da Companhia. Ouve nesta occasiaõ huma rara providencia de Deos, porque se acharaõ em Roma os Juizes, que em Alcalà, Paris, & Veneza tinhaõ examinado, & inquirido o modo de proceder de Sancto Ignacio, que testemunharaõ, o que lhes tinha acontecido com o Padre.

10 Da-

10 Daqui creceo nova estimaçaõ aos Padres. Tendo determinado entre si o modo de vida, q̃ haviaõ de seguir. No mez de Setembro de mil quinhentos trinta, & nove, estando o Papa em Tibuli, por meio do Cardeal Gaspar Contareno Veneziano, propuzeraõ a sua Santidade o instituto, que dezejavaõ seguir, pedindolhe o approvasse, & lhes desse nome de Companhia de JESU. Ouvindo elle, o que lhe propunha o Cardeal, fazẽdo hũa bẽçaõ disse: *Benedicimus, laudamus, & approbamus.* Depois ao passar das bullas da confirmaçaõ do nosso Instituto, ouve grãdes difficuldades, que todas com a graça divina se venceraõ.

11 Por este tempo teve o P. M. Simaõ duas visoẽs mysteriosas acerca da Companhia, q̃ elle em nome de terceiro escreve com as palavras seguintes. *Estando hum Padre em oraçaõ encommendando este negocio a Deos, se lhe reprezentou em seu entendimento ver hũa vinha, como ja em mortuorio, chea de herva, & com as vides envelhecidas, & por podar, & com as folhas das vides pouco crecidas. Em hũa parte desta vinha entre as outras videiras mal medradas se lhe reprezentou com grãde viveza, & claridade ver hũa videira com muitas folhas grandes, & mui frescas, & verdes, cõ hũas varas mui compridas, & com alguns cachos de uvas mui fermozos, mas naõ ainda maduros: & via que aquellas varas cõ suas folhas, & cachos se hiaõ metendo, & estendendo mui fortemente pello meio daquella herva, ou feno, que era bem crecido, & pello meio daquellas outras videiras, & atraz isso por aquella vinha em mortuorio, & chea de herva, & por podar.*

12 *Pareceolhe entender, que aquelle era o estado, em que entaõ estava a Igreja; & pella videira, & varas com cachos verdes entre aquella vinha mal medrada, lhe parecia, entender o estado, em que a Companhia entaõ estava no mundo; & pellas varas compridas daquella videira, que se metiaõ fortemente, & estendiaõ por meio daquellas hervas, & vinha envelhecida, lhe parecia, que assim se havia de estender, & meter pello mundo a Companhia.*

13 *Da mesma maneira estando outra vez em oraçaõ, se lhe reprezentou no entendimento ver hũa arvore mui fermoza, & de mediocre altura, & o tronco, ou pè da arvore a modo de hũa columna mui redonda, mui bem proporcionada, em sima com seus ramos verdes fazia hũa copa, & roda mui graciosa,*

ciosa, & bem ordenada. Estando cuidando, que arvore seria aquella, veolhe ao entendimento, que era pereira, & de pereira discorreo dizendo: pereira, Petrus, Petra *: & atraz isto fez hũa conclusaõ, dizendo: Em fim por esta arvore se reprezenta a Igreja.*

14 *Atraz disto vio ao pè desta arvore hũa videira ainda nova, & delgada, mas bem comprida, a qual se abraçava, & cingia com o tronco, & pè daquella arvore, & começava a dar volta ao redor della, & a subir, & trepar por ella arriba: & logo atraz isto se lhe reprezentou, que aquella nova videira era a Companhia, que de novo crecia na Igreja, & com ella se ajuntava. Este ajuntamento sentia aquelle Padre dentro de si ser hũa grande cousa.* Athe aqui as visoẽs do P. M. Simaõ por suas mesmas palavras.

CAPITULO XI.

Como foi mandado a Sena, & o que alli obrou.

1 PEllo mesmo tempo, q̃ se tratava com calor da confirmaçaõ da Companhia, se servio o Papa Paulo terceiro dos Padres Mestres Simaõ Rodrigues, & Pascazio Broet, pera acodir ao bem espiritual da Cidade de Sena, em que havia algũas cousas, que necessitavaõ de remedios: destas era hũa certo mosteiro de Freiras, que viviaõ com pouca clausura, & exemplo bem differente do seu estado. Tinha dado muito, em que entender ao Bispo de Sena, & ao Doutor Ambrosio Caberino, Irmaõ da Abbadessa, & outras pessoas graves. Chegando os Padres a Sena, a primeira cousa foi, procurarem o favor de Deos por meio da oraçaõ, depois começaraõ a tratar espiritualmente as Religiosas, pregaraõ por vezes no seu Convẽto, fizeraõ muitas exhortaçoẽs, ouviraõ-as de confissaõ; ouveraõse com tal destreza, que ellas de sua vontade abraçaraõ a reformaçaõ Religiosa, & se sogeitaraõ ao q̃ ordenava o Pontifice. Causou isto geral edificaçaõ, & grangeou grande opiniaõ aos Padres, por acabarem com tanta suavidade, o que todos tinhaõ por negocio mui difficultozo.

2 O outro ponto era hum diabolico embuſte, com q̃ o demonio tinha como enfeitiçada toda a Cidade. Havia naõ longe de Sena hũa Ermida da juriſdiçaõ dos Cavaleiros de Saõ Joaõ de Malta, da qual Ermida correo pella Cidade grande fama de milagres: nacceo eſta fama da avareza de hũ eſtalajadeiro alli vizinho, & outros vendeiros, imaginando, que do concurſo creceria o ſeu intereſſe, levãtaraõ eſta voz commua, de ſer a Ermida milagroſa.

3 Como tudo tinha ſeu principio no Demonio, permittio Deos, que elle fizeſſe alli muitos dos ſeus embuſtes. Começou com a fama dos milagres a concorrer innumeravel gente de toda a ſorte, cobriaõſe della os campos, homens, & mulheres ſem o divido reſguardo entravaõ, & ficavaõ na Ermida, & fora della. O que punha maior eſpanto era, ver ſahir eſta gente toda da Ermida, bradando como fora de ſi, & repetindo a grandes vozes, Milagres, milagres.

4 Logo com hum deſatino furioſo corria a hum penedo, que perto eſtava, & ſe lançava de coſtas, ſem demora entrava o Demonio nos que aſſim ſe deitavaõ, & ficavaõ de todo enfeitiçados. Ja eſta diabrura hia entrãdo nos Conventos de Religioſas, & caſas de gente recolhida. Como naõ podiaõ ſahir de caſa, inquiriaõ os paſſos, que havia da Cidade à Ermida, & deſta ao penedo, punhaõ em ſuas caſas certas balizas, que andadas, & tornadas a andar faziaõ aquelles paſſos; &, feita a negra romaria, ficavaõ enfeitiçadas bradando como loucas Milagres, milagres.

5 Eſta illuſaõ deſterraraõ os Padres por meio dos Sãctos exorciſmos, a que ajuntaraõ muitas oraçoẽs, jejuns, & diſciplinas. Pregaraõ contra o vicio da avareza, donde naſcera taõ abominavel embuſte. De todo o ponto desfizeraõ eſte enredo, & a Cidade com o favor de Deos ficou deſaſſombrada.

6 Eſtes dous pontos, porque o Pontifice os mandara a Sena, naõ tiravaõ occuparemſe no bem da mais gente da Cidade, em eſpecial dos eſtudantes. Tomou o P. M. Simaõ a ſeu cargo ler hũa liçaõ da ſagrada Eſcriptura ſobre as Epiſtolas de São Paulo, pera com a curioſidade da ſciencia melhor entrar a exhortação à virtude. Succedeo iſto ao Padre à medida do ſeu dezejo, concorreo grande numero de moços nobres, os quais tomavão ſua doutrina,

&

& como o Padre era mui affavel, assim os grangeou pera Deos, que em tudo seguiaõ o regimento, que lhes dava.

7 Frequentavaõ a Confissaõ, & Cõmunhaõ, serviaõ aos enfermos nos hospitais, faziãolhes as camas, ajudavaõ-os a bem morrer. Succedeolhes hũa vez assistindo a hũ enfermo, que estava ja com a voz sumida, duvidar elle da immortalidade da alma, dizendo, provaime, que a alma naõ acaba com o corpo; então vendo os devotos estudantes o erro, em que estava, assim trabalharaõ com elle, que o fizeraõ crer, & dezejar a felicidade, que quasi de todo tinha perdido.

8 Alguns destes moços dezejosos de alcançar a perfeiçaõ, quizerão confessarse geralmente, pera resarcir alguns descuidos, ou negligencias, que ouvessem tido nas confissoẽs passadas. Pera este fim lhes alugaraõ os Padres hũas cazas fora da Cidade, aonde recolhidos em seus aposentos à parte huns dos outros, tomavaõ os Exercicios de Sancto Ignacio, que lhes hia dar o P. M. Simaõ. Invejou o Demonio esta obra, & fez crer aos da Cidade, que seus filhos com capa de virtude estavaõ alli enganados, levantaraõ hum motim, pera dar na caza, & tirar dalli aos moços. Quando nisto andavão, deu Deos hũa forte inspiração ao P. M. Simão, que o não deixou socegar, de que logo, logo, fosse àquella caza, & mandasse ir dalli os estudantes pera a Cidade.

9 Escassamente se tinha isto effeituado, quando o povo posto em motim veyo à casa, & de tropel entrou correndo de hum em outro apozento; & naõ achando o q̃ se dizia, tão facilmente se applacou, quam ligeiramente se tinha amotinado. Não se esfriarão os bons estudantes, antes dissimulando alguns dias com seus Pays, se partiraõ secretamente pera Roma, pera alli deixar o mundo; porem sendo no caminho assaltados por seus Pays, & trazidos a Sena; dahi a pouco pondo em si mais cautela, puderão fugir, & chegar a Roma, aonde huns entrarão na Companhia, outros em diversas Religioẽs.

10 De mais admiração foi a conversaõ de hũ Sacerdote, aquem o P. M. Simão fez com suas exhortaçoẽs dar hũa volta à vida. Este homem esquecido do seu estado era mui nomeado em Sena por farcista, & grande comediante. Não contente com elle gastar o tẽpo, em compor

comedias, & entremezes de materias mui levianas, elle mesmo em pessoa entrava a reprezentar no teatro papeis ridiculos, & de figuras baixas, & indecentes. Tratou este com os Padres, os quais lhe mostraraõ, quam fea cousa era hũ Sacerdote pella menhã no Altar,& à tarde no teatro.

11 Conheceo o seu escandalo, & pedio ao P. M. Simaõ, que se queria por alguns dias recolher naquella casa, onde se recolheraõ os estudantes, pera fazer hũa confissaõ geral, & chorar a perdiçaõ de sua vida passada. Alli lhe deu o P. M. Simaõ as meditaçoẽs da primeira somana dos Exercicios de Sancto Ignacio. Deulhe o Senhor por este meyo grandissima contriçaõ, nenhuma cousa mais dezejava, que descobrir modo, com q̃ desse a toda a Cidade hũa geral satisfaçaõ.

12 Depois de ter nisto consigo muita lida, se resolveo entrar na Igreja, quando estivesse chea de gente,em corpo, pès descalços, & hũa corda ao pescoço, & nesta forma pedir a todos perdaõ de seus escandalos. Antes de o fazer, se aconselhou com o P. M. Simaõ, este lhe disse, o naõ fizesse sem primeiro consultar o Vigario geral da Cidade. Louvoulhe o Vigario muito seu sancto proposito,em quercr dar tal satisfaçaõ.

13 Dizendo isto ao P. M. Simaõ, elle lhe disse, fosse ter com hum Religioso de S. Francisco pregador da Cidade, & communicãdo seu intento, lhe pedisse, significasse ao povo, acabada a pregaçaõ, que esperasse hum pouco. Assim o fez o pregador, & o Sacerdote em habito de penitencia na forma, que o tinha considerado, subio ao pulpito,& com grande impeto de lagrimas pedio a todos perdão dos escandalos passados. Foi tal a commoçaõ no auditorio, que se desfez em pranto à vista de espectaculo taõ pouco imaginado. Pedio a pos isto ser admitido dos nossos, o que elles naõ quizeraõ fazer, assim porque a infamia da vida passada naõ desse mào nome à Companhia, entre aquelles, q̃ naõ tinhaõ visto sua conversaõ, o que lhe naõ estava bem,por ser tenra, & mui perseguida, como porque julgaraõ,lhe seria melhor professar vida retirada dos olhos dos homens. Por tanto se recolheo na Capucha de Saõ Francisco, onde viveo, & acabou sanctamente.

14 Do immenso trabalho, que teve em Sena o P. M. Simaõ,lhe sobreveio hũa doença,que o chegou às ultimas, a bom

a bom livrar ficou della com hũas quartans, com as quais foi mandado vir a Roma por Sancto Ignacio, pera partir pera Portugal. Este foi o theor, & ordem da vida deste bẽdito Padre antes de vir pera Portugal, patria sua, aquem por seu meyo Deos havia de fazer tantos bens, & merces.

CAPITULO XII.

Como o P. M. Simaõ Rodrigues veyo a Portugal, apertou a Setuval, como foi recebido del-Rey, occupase com S. Francisco Xavier nos ministerios da Companhia.

1 TEndo el-Rey Dom Joaõ o terceiro de Portugal noticia do muito, que em Roma, & Italia obravaõ no bem das almas os filhos da Companhia, achou, que naõ podia escolher melhores obreiros, pera trabalharem nos dilatados Reynos do Oriente. Esta noticia lhe deu assim o seu Embayxador em Roma Dõ Pedro Mascarenhas, como o Doutor Diogo de Gouvea Portuguez natural de Beja, que em Pariz fora Reytor no Collegio de Sancta Barbara, & conhecera bem a Sancto Ignacio, & a seus companheiros.

2 Entaõ lhe encarregou el-Rey, que pois elle conhecia a Sancto Ignacio, lhe escrevesse sobre este negocio, de lhe mandar alguns Padres. Respondeo o Sancto, que elles todos se tinhaõ posto nas maõs do Summo Pontifice; por tanto, que na maõ de sua Santidade estava toda a disposiçaõ de suas pessoas, & que com o Summo Pontifice se havia de tratar este negocio.

3 Logo el-Rey escreveo ao seu Embayxador, que da sua parte falasse com o Summo Pontifice, & com Sancto Ignacio, à quem os mais tinhaõ certa sogeiçaõ filial, por elle ainda naõ ser Geral, nem a Companhia confirmada pella Sè Apostolica. Falando o Embayxador a Sancto Ignacio, & pedindo seis Padres; segundo os poucos, que eraõ, foi Sancto Ignacio de parecer, que fossem dous pera a India, por ter muito, a que accodir com os outros.

4 Communicou o Embayxador este negocio ao Papa, & tambem a reposta de Sancto Ignacio, com a qual o Summo

mo Pontifice se conformou. Passavaõ estas cousas pellos fins do año de 1540. O Embayxador estava quasi de partida, naõ o queria fazer sem os Padres; assim por dar gosto a seu Rey, como porque estivessem em Portugal a tempo da viagem da India. Apertou com Sancto Ignacio, que nomeasse os dous. Logo o Sancto Padre mandou vir de Sena ao Padre Mestre Simaõ, que por ser Portuguez, lhe pareceo ser mui a proposito pera esta empreza, em que tanto havia de tratar com Portuguezes.

5 Veyo logo o P. M. Simaõ, ainda que lhe continuavaõ as quartãs. Naõ quiz esperar pello Embayxador. Partiose por mar com o Padre Paulo Camerte. Foi esta sahida de Roma aos sinco de Março do anno de mil quinhentos, & quarenta, quando ainda a Companhia sò estava approvada *Vivæ vocis oraculo*. Embarcou em Civitâ vecha, porto no dominio do Summo Pontifice. Foi a viagẽ mui prospera, porque dentro de oito dias chegou a Portugal. Aportou na enseada de Setuval, que he aquelle porto, em que, segundo dizem as antiguidades de Portugal, sahiraõ os primeiros povoadores de Hespanha, depois do diluvio de Noe. Neste modo de contar me vou ajustando ao que anda impresso, deixando pera outro lugar, o que tem o Padre Alvaro Lobo na sua historia manuscrita, de que o P. M. Simaõ viera de Barcelona por terra, que nas arrayas esperara por S. Francisco Xavier, & que ambos pella Beira vieraõ pera Lisboa, & que o P. M. Simaõ passando naõ longe de sua patria, naõ quizera vizitar sua may.

P. Tell. Hist. de Ethiopia liv. 2. cap 3. onde retrata o que tinha escrito na sua Cronica.

6 Por ordem particular, que o Padre trazia do Embayxador, se retirou à sua quinta da Palma, pera alli descançar da viagem, & convalescer das quartãs. A Palma, que he Villa hoje titular dos Mascarenhas Condes da Palma, fica entre Setuval, & Alcacere do sal, junto do rio Sado, que he o que desemboca no mar em Setuval. Tinha alli o Embayxador suas casas de campo mui nobres, por ser o sitio mui bom pera passar os invernos, & tempos de primavera. Muitas oportunidades pera a recreaçaõ assim de caça na terra, como de pesca no rio, ou braço de mar.

7 Por ventura, que tambem o Embayxador alli mandasse parar ao P. M. Simaõ, athe elle chegar de Roma; donde fazia o caminho por terra com Saõ Francisco Xavier. Daqui se ve, que naõ vai fora de caminho hũa tradi-

çaõ,

ção, que ha na Villa de Setuval, de que Saõ Francisco de Xavier desembarcara em hũ grande penedo, q̃ està no fim da Villa na praya contigua ao monte do Castello de Saõ Philippe; por ser alli o antigo desembarcadouro, aindaque com os tempos as areas desviaraõ o mar, & hoje o tal penedo està em seco, & sò chegaõ a elle agoas vivas.

8 Hũ anno destes, a tempo, que lançavaõ alicerse ao seu Convento, que fica naõ mui longe deste penedo, os Religiosos de Sancta Theresa, querendose aproveitar daquella penha, desfazendoa, se lhe disse, tal cousa naõ fizessem, por haver naquelle povo a sobredita tradiçaõ; portanto elles deixaraõ o penedo em seu ser. Vesse, que naõ ha cousa, que encontre a tal tradiçaõ; porque pode ser, & estava cousa mui natural, vir o Embaixador, quando cõ o Sancto veyo de Roma, a descançar nesta sua quinta da Palma, em quanto dispunha a sua entrada na Corte: naõ era grande o rodeo; & porisso se faz esta conjectura crivel: & que dalli desceria em algum bargãtim pello rio abaixo athe Setuval, que era viagem mais cõmoda, & dahi por terra iria pera Lisboa. O certo he, que naquelle povo se tem ao Sancto Apostolo singular devoçaõ, & o tem escolhido por seu especial padroeiro.

9 Naõ permittio el-Rey por muito tempo a ausencia do P. M. Simaõ, maudou-o visitar por hum gentil-homem da Corte com ordem, que o conduzisse pera Lisboa, que era lugar mais sadio, & aonde poderia melhor convalescer; entrou em Lisboa aos dezasete de Abril, el-Rey o recebeo com singular agrado. Ordenou a seus ministros, q̃ lhe assistissem com tudo o necessario pera o gasto de sua pessoa. Vendo o Padre a liberalidade del-Rey, lhe agradeceo muito, pedindolhe por primeiro favor o deixasse seguir o costume, que os da Companhia athe entaõ observavaõ, de se hospedar nos hospitais. Nisto fez tais instancias, que o Rey, ainda que com difficuldade, veyo no que o Padre pedia, permittindo, assistissem no hospital, em quãto lhes naõ assinava casa propria.

10 Havida licença del-Rey, se recolheo com seu companheiro no hospital de todos os Sanctos, & esta foi a primeira casa, que neste Reyno teve dentro de si de assistencia aos Padres da nossa Companhia. Naõ obstante continuarem as quartans, o Padre Simaõ em nada se poupava,

pre-

pregando, confessando, ajudando os enfermos, & edificãdo a todos.

11 Tres mezes havia ja, que estava em Portugal, sem o largarem as quartãs, quando nos principios de Junho de mil quinhentos, & quarenta chegou a Lisboa Saõ Francisco Xavier, que por terra viera com o Embayxador. Logo se foi ao hospital a visitar ao P. M. Simaõ, que nesta hora estava com a sua quartã: abraçaraõse, como dous cordeais amigos, que eraõ. Foi tal a virtude daquella vista, & abraço do Sancto Xavier, que a quartã se despedio, & nunca mais voltou.

12 Os tres primeiros dias se aliviaraõ entre si, & alegraraõ estes dous fidelissimos companheiros. No fim dos tres dias el-Rey os mandou ir à sua prezença. Naõ he explicavel a benevolencia, cõ que os recebeo, & tratou, como Pay a filhos mui amados. Perguntoulhe com meudeza pellas cousas da Cõpanhia, deulhe relaçaõ do governo de sua casa, & das suas conquistas, dos filhos, que tivera, dos que eraõ mortos, & dos que viviaõ, mandou alli vir ao Principe Dom Joaõ, & a Princeza Dona Maria.

13 Depois lhes encõmendou, que, em quanto naõ chegava o tempo da navegaçaõ pera a India, tomassem a seu cargo doutrinar todos os moços fidalgos, que andavaõ no seu Paço, porque queria se criassem em costumes sanctos. Eraõ estes meninos illustres, & moços fidalgos quasi cem, & vinha a ser toda a flor de Portugal. Esta occupaçaõ, que então el-Rey encõmendou aos Padres, durou athe o tempo del-Rey Dom Sebastiaõ, em que o companheiro do Padre Confessor del-Rey se occupava em ensinar estes meninos, & moços fidalgos. Contava depois o Padre Miguel de Souza da nossa Companhia, que se achou prezente, porque era menino fidalgo do serviço del-Rey, que neste dia concorrera gente innumeravel ao Paço, pera verem, como diziaõ, os Padres Sanctos vindos de Roma; & que depois de se despedirem da prezẽça del-Rey, este ficara dizendo: *Saõ varoẽs Apostolicos, saõ varoẽs Apostolicos*: & que deste ditto (que tem grande força os dos Reys) se originou o glorioso nome de Apostolos, com que Portugal honra aos da Companhia.

14 Viose, quam bem lhes quadrava este nome nas obras, que depois fizeraõ, com que o confirmaraõ, & adqui-

quirirao no povo. Tratou logo o Apofentador del-Rey de dar ordem, a que os Padres fe mudaffem pera hũas cafas, que lhes eftavaõ cuftofamente preparadas, aonde haviaõ de fer tratados, como peffoas tanto do agrado del-Rey.

15 Porem como ja o P. M. Simaõ eftava apofentado no hofpital, & nelle paffara os tres dias de hofpede o Padre Saõ Francifco, nenbuma diligencia baftou, pera mudarem de hofpedagem. Por tanto fahindo do Paço, que entaõ era o edificio, aonde hoje no rocio de Lisboa eftà o Tribunal da Sancta Inquifiçaõ, fe foraõ ao hofpital, que eftà no mefmo rocio.

16 Logo trataraõ os dous Padres de exercitar em Lisboa noffos minifterios. Fizeraõ, com que os meninos, & moços fidalgos fe confeffaffem, & commungaffem todas as feftas feiras. Os Padres os ouviaõ de confiffaõ, & depois lhes davaõ a Sagrada Cõmunhaõ. O bom exemplo dos filhos feguiraõ muitas peffoas illuftres; a muitas deraõ os Padres os Exercicios de Sancto Ignacio. Começoufe a introduzir a frequencia dos Sacramentos, que antes sò fe chegava a gente a elles pella quarefma, & havia nefta materia notavel defcuido, q̃ pouco a pouco fe foi pella Cõpanhia defterrando em todo efte Reyno de Portugal, como na mais Chriftandade: & foi hum dos fingulares frutos, que nefte mundo fez a Companhia.

17 O theor da vida dos dous Padres era mais de Anjos do Ceo, que de homens da terra. Grande parte da noite fe lhes hia em vela, oraçaõ, liçaõ efpiritual, o menos tempo era do defcanço. Vifitavaõ os enfermos logo de menhã. Tambem frequentemente vifitavaõ os carceres; pregavaõ, & doutrinavaõ, tudo cõ grande moçaõ do povo. Ouve delles geral opiniaõ de virtude, & a fua fingular modeftia, com que eraõ viftos nas praças, & ruas, era hũa efficaz pregaçaõ a toda a forte de gente: dezia delles o povo, que eraõ de tanta virtude, que tinhaõ paffado o Tejo a pè enxuto. Tal era a opiniaõ, que delles corria, que naõ achavaõ fer coufa fora da fua virtude efte prodigio, que em verdade naõ tinha acontecido.

CAPITULO XIII.

Do grande affecto, que el-Rei mostrou aos Padres. Como se resolveo, que fosse pera a India hum, & ficasse o outro em Portugal.

1 EM certa occasiaõ estando el-Rey a hũa janela com o Marquez de Villa Real Dom Pedro de Menezes, passaraõ por defronte os dous Padres com tal compostura, & modestia, q̃ el-Rey disse pera o Marquez: *Que vos parecem estes homens?* Respondeo o Marquez cõ grande abonaçaõ da virtude dos Padres: tornou el-Rey: *A mim, vos digo, que me parecem huns Apostolos.* A repetiçaõ deste nome na bocca del-Rey vindo à noticia do povo nos ratificou nome taõ authorizado.

2 El-Rey se affeiçoou de tal sorte a todos os da Companhia, que logo procurou do Sũmo Pontifice Paulo terceiro, que confirmasse a Companhia: pera isto escreveo a seu cunhado o Emperador Carlos quinto, & a el-Rey Francisco de França seu grande amigo, que diante do Sũmo Pontifice procurassem a mesma confirmaçaõ.

3 No mesmo tempo continuavaõ os Padres nos seus Apostolicos ministerios. Ajuntouselhes alli no hospital o Padre Gonçalo de Medeyros, que foi o primeiro Noviço da Companhia em Portugal, de cujas virtudes em seu lugar se farà a devida mençaõ.

4 Confirmada a Companhia em 27. de Setembro de 1540, em cuja gloriosa obra tanto se deve a el-Rey Dõ Joaõ o terceiro, movido com a virtude, que vio nos dous Padres, tratou de nos dar morada, edificandonos hũ grandioso Collegio, em que se criassem Missionarios pera a India, & sogeitos, que em Portugal aproveitassem aos pòvos.

5 Neste tempo chegandose o inverno, el-Rey, segundo o costume dos Reys de Portugal, se retirou ao seu Paço da Villa de Almeyrim defronte de Santarem. Mandou ir em sua companhia aos Padres; alli os fez hospedar em hũas cazas vizinhas à horta do Paço. Estas cazas depois se accomodaraõ melhor por ordem del-Rey Dom Sebastiaõ,

tiaõ, & nellas ſe recolhiaõ os noſſos Padres, que ſeguiaõ a Corte. Todos os dias hiaõ dizer Miſſa a hũa Ermida de Saõ Roque. Quatro eraõ ja os Padres, a ſaber Saõ Franciſco Xavier, o P. M. Simaõ, & os Padres Paulo Camerte, & Gonçalo de Medeyros. Todos em Almeirim faziaõ os meſmos miniſterios, que em Lisboa.

6 Vindoſe ja chegando a primavera, que he o tempo ordinario da viagem da India, el-Rey ſe moſtrava menos affeiçoado a deixar partir os Padres pello muito affecto, q̃ lhes tinha cobrado, por cauſa do fruto, que faziaõ no povo, & na mais gente do ſeu Reyno. Como os Padres inſtaſſem, em ordem a por corrente a ſua viagem, poz el-Rey em conſelho de Eſtado, ſe deixaria ir aos Padres, ou ſe os deteria em Portugal.

7 Neſte conſelho foraõ diverſos os pareceres. O Infante Dom Henrique, julgou, que el-Rey deixaſſe ir aos Padres pera a India, dizendo ſerem eſcuſadas em Portugal Religioẽs novas; & que ſe devia ir muito attento com os Padres, pois tinhaõ andado nas regioẽs do Norte, por aquelles miſeraveis tempos taõ corruptos com a herezia. Eſtava o Infante ja neſte tempo com algũas tintas menos ayroſas das couſas da Companhia, por iſſo naõ goſtava tãto dos Padres. A eſte parecer ſe encoſtaraõ outros, dando por rezaõ, que em Portugal naõ havia delles a neceſſidade, que na India.

8 Outros com o Infante Dom Luis foraõ de parecer, que os Padres deviaõ ſer retidos em Portugal, porque alẽ de outras rezoẽs, aſſim ſe acodia melhor à India, porque os Padres admitiriaõ outros, & informados no meſmo eſpirito, poderiaõ ſucceſſivamente ir acodindo à India, & ſervir ao Reyno, que pera tudo haveria, fundandolhe el-Rey caſa, & dandolhe rendas. Eſte parecer, que entendiaõ ſer o del-Rey, teve por ſi os mais votos. E neſta reſoluçaõ ficou por entaõ el-Rey. O Padre Saquino na ſegunda parte da hiſtoria geral, livro quarto, numero cento & ſetenta & dous, tem, q̃ Bento Uguecieno Caſtelhano filho de pays Florentinos, que nos edificou o Collegio de Bellimar junto a Burgos, pello grande amor, que cobrara aos Padres, dandolhe o P. M. Simaõ os Exercicios de Sancto Ignacio fora o primeiro, que dera conſelho a el-Rey, que deyxaſſe antes ficar os Padres em Portugal, mas que depois ſe ti-

vera por melhor conſelho ir hum, & ficar outro.

9 Tanto que os Padres, muito antes deſte conſelho, entenderaõ a inclinaçaõ de ſua Mageſtade, fizeraõ aviſo a Sancto Ignacio, o qual communicou tudo ao Summo Põtifice, cujo parecer foi, que os Padres em tudo ſe accõmodaſſem à diſpoſiçaõ del-Rey; & eſte parecer era tambem o de Sancto Ignacio; & logo aviſou aos Padres, deixaſſem correr as couſas, ſegundo a vontade del-Rey. Porem na carta, que o Sancto Patriarca eſcreveo a Dom Pedro Maſcarenhas, falando ſobre eſte negocio, dizia; que ſe ſua Mageſtade no caſo prezente lhe perguntaſſe, o que ſentia, ſeria o ſeu parecer, que o Padre Meſtre Franciſco foſſe pera a India, a tratar da converſaõ dos gentios, & o P. M. Simaõ ficaſſe em Portugal, pera fundar o Seminario, que ſua Mageſtade intentava fazer. Lendo Dom Pedro a el-Rey eſta carta, ſem demora mudou a reſoluçaõ, ſentindo ſer o parecer de Sancto Ignacio em tudo mais prudente, & acertado, porque com elle ſe acodia a ambas as partes.

10 Chamou aos dous Padres, & lhes declarou a ſua reſoluçaõ. Foraõ os effeitos mui diverſos. Saõ Franciſco ficou alegriſſimo com a nova, & o P. Simaõ triſte, & magoado. Deu a entender a el-Rey eſta ſua pena com palavras cheas de rendimento, & ſubmiſſaõ, acreſcentando, q̃ ainda que por entaõ naõ hia; naõ perdia as eſperanças, de no tempo adiante conſeguir eſta boa dita.

11 Chegado o tempo, & dia de ſe embarcar o P. M. Saõ Franciſco, foi cõ elle a bordo o P. M. Simaõ, alli quaſi entre os ultimos abraços, deſcobrio o Padre Saõ Franciſco ao P. M. Simaõ hum ſegredo, que sò entaõ quiz manifeſtar, por ver ſe lhe começava a dar cumprimento. *Lembrado eſtareis*, diſſe o Padre Saõ Franciſco, *daquelles brados, que me ouviſtes em hum hoſpital de Roma, quando com voz em grito dizia*, mais, mais, mais; *muito dezejaſtes entaõ ſaber, que brados eraõ eſtes; agora volos declaro: reprezentoume Deo os trabalhos da India, cuja navegaçaõ hoje começo, & foi tal o animo, que entaõ me deu, que ſahi naquelles gritos. Rogay por mim a Deos, que pois me deu tãto animo, quãdo os ſonhei, daqui por diante, que os começo, me aſſiſta, pera os padecer.* Finalmente deu à vela Saõ Franciſco de Xavier pera o Oriente aos ſete de Abril de mil quinhẽtos quarẽta, & hum, havẽdo eſtado em Portugal dez mezes: & neſte Reyno fez ſua profiſſaõ de quatro votos. CA-

CAPITULO XIV.

Mudase o P. M. Simaõ pera a casa de Sancto Antaõ o velho, passa a fundar o Collegio de Coimbra.

1 DEpois que Saõ Francisco Xavier se fez à vela pera a India, naõ deixou logo o seu hospital o P. M. Simaõ. Dalli continuava nos exercicios, que antes fazia. Vendo elle, que a fundaçaõ do Seminario, porque ficou em Portugal, senaõ effeituava, & o negocio estava em calmaria, entrou de novo em pensamentos, de no anno seguinte se partir pera a India. Deu conta a Sancto Ignacio, que naõ veyo em tal resoluçaõ.

Tell. 1. p. cap. 16. n. 2.

2 Succedeo neste meyo tempo vagar o Mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, que fora dos Conegos Regrantes de Sancto Agostinho. Naõ esperava el-Rey outra cousa, senaõ ter renda, que dar pera o novo Collegio: por tanto logo deu esta ao P. M. Simaõ, & assentou, q̃ o Collegio se fundasse em Coimbra, aonde o Rey havia fundado antes a Universidade, a cujos estudos concorria o melhor de toda a flor deste Reyno. O ditto Mosteiro he no Bispado de Lamego. Pouco depois o trocou o P. M. Simaõ pella commenda de Sancto Antaõ de Benespera: a rezaõ, que pera isto teve, foi a seguinte.

3 Dezejava o Padre ter casa em Lisboa, aonde receber sogeitos, com que dar principio à fundaçaõ do Collegio de Coimbra, & tambem pera se agazalharem os nossos, que haviaõ de ir pera as Missoẽs, & em Lisboa haviaõ de tratar os negocios da fundaçaõ, & tambem pera naõ faltarem nossos ministerios na Corte. Todas estas rezoẽs, como se ve, eraõ mui forçosas.

4 Junto ao Castello de Lisboa havia hum Mosteiro de Conegos da ordem de Sancto Antaõ, sogeito ao de Benespera, que estava reduzido a cõmenda, & a lograva hũ Bispo por nome Dom Ambrosio, que era Religioso dos Conegos de Sancto Antaõ. A origem desta casa, & o mais das mudanças, que nella ouve, antes de vir a ser da Cõpanhia, refere o Padre Telles na primeira parte da historia desta provincia, nem ao meu intento serve mais, que hũa

noticia muito pello grosso destas cousas, por naõ correr a narraçaõ defeituosa, & della trato difusamente na fundaçaõ do Collegio de S. Antaõ.

5 Com o ditto Bispo fez troca o P.M. Simaõ, dandolhe o Mosteiro de Carquere, que hoje he do Collegio de Coimbra, por esta commenda de Sancto Antaõ, onde entrava a casa de Lisboa. Feito este contracto, & tomada a posse, o P. M. Simaõ se mudou pera esta casa aos sinco de Janeiro de mil seiscentos quarenta, & dous, deixando o hospital, aonde athe entaõ assistia. A escritura desta troca se fez no anno seguinte, depois de se porem as cousas expeditas em Roma.

6 Isto he o que nesta materia tem a historia desta provincia; & os mais documentos dos nossos cartorios; dõde se ve a fallencia de naõ sei que tradiçaõ, que ouço dizer ha na casa de Sancto Antaõ o velho, de se mostrar alli o o cubiculo, aonde morava Saõ Francisco Xavier; pois o Sancto, excepto o tempo, que esteve em Almeyrim, assistio no hospital, & no mesmo esteve o P. M. Simaõ, ainda depois de ir o Sancto pera a India, quãto vai de Abril athe sinco de Janeiro de 1542, em que os Padres da Cõpanhia começaraõ a morar naquella casa. Succede às vezes nascerem semelhantes tradiçoẽs de algum principio ligeiro, &, como dizem tanto com a piedade, se abraçaõ facilmente, & muitas vezes prevalecem, quando naõ ha cousa, que as encontre, o que esta naõ tem.

7 Nesta casa recebeo o P. M. Simaõ alguns bons sugeitos, homens ja de idade feita, & expeditos pera em breve exercitarem os nossos ministerios. Naquella casa, como em propria, se começaraõ a por em ordem os governos domesticos de hũa communidade. Esta foi em todo o mũdo a primeira casa, que teve a Companhia, excepto a de Roma, que foi may de todas. Era hũa como residẽcia pertencente ao Collegio de Coimbra, que no mesmo anno teve seu principio. Este edificio, depois da fundaçaõ do novo Collegio de Sancto Antaõ, se largou aos Padres de Sãcto Agostinho, que hoje saõ delle moradores.

8 Com alguns dos sugeitos, que aqui recebeo na Cõpanhia o P. M. Simaõ, & outros, que Sancto Ignacio lhe enviou, deixando o governo da casa ao Padre Gonçalo de Medeyros, em nove de Iunho deste anno de mil quinhentos

nhentos quarenta, & dous ſe partio pera Coimbra a dar principio àquelle Real, & grandioſo Collegio, q̃ foi o primeiro de toda a Companhia; porque a caſa de Sãcto Antaõ sò era hũa reſidencia a elle ſugeita.

9 Chegaraõ a Coimbra em treze de Iunho, & por ordem del-Rey foraõ hoſpedados no Real Moſteiro de Sancta Cruz de Coimbra. Depois diſpõdo em forma de Collegio algũas caſas no ſitio, em que hoje ſe ve aquella Real fabrica, dia da Viſitaçaõ da Senhora ſe paſſou a ella cõ ſeus companheiros, aquem poz por Reytor ao Irmaõ Diogo Miraõ, que ainda naõ era Sacerdote. Diſpoſtos aſſim os principios do Collegio de Coimbra, o P. M. Simaõ ſe voltou a Lisboa, como el-Rey lhe ordenara, pera dar calor aos augmentos do novo Collegio, & mais acreſcentamẽtos da Companhia.

10 No anno de mil quinhentos quarenta, & tres por rezoẽs mui forçoſas tirou o Summo Pontifice a limitaçaõ, que tinha poſto na Companhia, de que os Profeſſos naõ paſſaſſem de ſeſenta. Foi o P. M. Simaõ dar eſta nova a el-Rey, que a feſtejou, como quem era Pay da Companhia. Perguntoulhe entaõ: que ſubditos tinha no ſeu Collegio de Coimbra? Reſpondeo o Padre, que eraõ vinte, & ſinco. Tornou el-Rey: & porque naõ ſaõ mais? A iſto reſpondeo o Padre: Senhor naõ chegaõ a mais as rendas. Entaõ diſſe el-Rey: Padre naõ ponhais termo algum ao Eſpirito Sancto, recebei na Companhia quantos quizerdes, q̃ eu darei a ſuſtentaçaõ pera todos.

11 Com eſta Real liberalidade o Collegio, aquẽ athe entaõ sò dava el-Rey o ſuſtento pera vinte, & ſinco, de ſorte ſe foi augmẽtãdo, q̃ por vezes chegaraõ a eſtar nelle duzentos, & ſincoenta Religioſos, como tẽ a hiſtoria deſta Provincia. A extençaõ de poderem os Profeſſos na Cõpanhia paſſar de ſeſſenta ſe deve em boa parte ao P. M. Simaõ, porque, vendo noſſo Sancto Padre os progreſſos da Companhia em Portugal, pedio ao Summo Pontifice tiraſſe a ſobredita limitaçaõ. Eſta meſma tinha ſido a cauſa em parte de o Padre Meſtre Simaõ naõ receber em Coimbra mais ſugeitos; por quanto era taõ curto o numero, que pera toda a Companhia sò havia licença pera ſeſſenta Profeſſos.

CAPITULO XV.

Como o P. M. Simaõ rejeitou o Bispado de Coimbra, he Mestre do Principe Dom Joaõ. Referese sua grande humildade, desapego de parentes, & merces, que el-Rey lhe fazia.

1 ERa o P.M. Simaõ homem de grandes talentos. O trato taõ affavel, & feiticeiro, que lhe cobravaõ notavel amor os que o tratavaõ. El-Rey Dom Joaõ o amou tanto, que naõ sofria tello ausente de si. Apenas pellas Paschoas principais lhe dava licença pera ir visitar o Collegio de Coimbra. Com elle abria sua alma, communicavalhe as cousas de mais importancia, pera ouvir o seu conselho, por ser mui prudente, & avizado.

2 Succedeo vagar o Bispado de Coimbra em 25. de Julho do anno de 1543. por morte de Dom Jorge de Almeyda. Dezejou el-Rey darlhe este Bispado, assim por ser elle pessoa, que enchia semelhãte dignidade, como pera maior adiantamento do seu Collegio, & da Universidade, que tudo estava nos seus principios. Descobrio esta sua vontade, & motivos della ao P. M. Simaõ.

3 Ouvindo este cousa, de que estava taõ longe, teve notavel pena; reprezentou a el-Rey com grande efficacia as suas rezoẽs dizendo, que naõ queria elle na Companhia dar semelhante exemplo, pois sabia naõ podia fazer cousa mais encontrada ao gosto de Sancto Ignacio. Vendo el-Rey as suas lagrimas, & sanctos propositos se deixou deste provimento. Foi o P.M. Simaõ o primeiro na Companhia, que rejeitou dignidades, sendo assim, que ainda naõ faziaõ os Professos voto de naõ aceitar dignidades.

4 Como o P. M. Simaõ naõ quiz aceitar este Bispado, el-Rey o proveo em Frey Joaõ Soares seu Pregador, & Mestre do Principe Dom Ioaõ seu filho. Por causa desta promoçaõ, ficando o Principe sem Mestre, escolheo el-Rey pera esta occupaçaõ ao P. Simaõ Rodrigues. Cõcorriaõ nelle as boas prendas, que el-Rey podia dezejar; alem da sua conhecida virtude era Philosopho, & Theologo excellente. Sabia as linguas Latina, Grega, Italiana,

&

& Franceza. Tinha corrido muitas terras. Todas estas cousas faziaõ muito pera a occupaçaõ, que se lhe encarregava.

5 Aceitou o P. M. Simaõ este cuidado, por naõ ser desgostoso a hum tal Rey, & entender, ser esta a vontade de Sancto Ignacio, pera melhor se acodir às cousas da Cõpanhia. Nesta occupaçaõ, & trato mais familiar com os Senhores da Corte se fez senhor dos coraçoẽs de todos. Em especial do Infante Dom Luis, Duque de Aveyro, Conde da Castanheira, & outros muitos Senhores de grãde ser, aquem o bom modo, & virtude do P. M. Simaõ tinha como enfeitiçados.

6 Esta honra em nada mudou a este servo de Deos, antes lhe servio pera sahir mais sua pobreza, & humildade. Naõ quiz aceitar algũa tença, ou rendimento, conforme de ordinario daõ os Reys aos que tem semelhantes occupaçoẽs. Ao Paço hia pobremente vestido com hũa roupeta velha, & algũas vezes parda, atada no collar com hũa ataca de couro branco. Reparandolhe alguns Cortezaõs nesta humildade de vestido em hum Mestre de hum Principe, respondia, que os ruins vestidos nos Mestres naõ tiravaõ o dar bons avisos aos discipulos.

7 Os seus caminhos, ou indo a Coimbra, ou seguindo a Corte eraõ em cavalgaduras de albarda, naõ querendo admittir as mulas bem aparamentadas, que por causa da sua occupaçaõ se lhe offereciaõ. Caminhando elle nesta forma de Evora pera Coimbra, succedeo encõtrarse com o R. P. Frey Antonio Moniz Reformador do Convento de Tomar, que hia com outras pessoas pera a sua quinta da Cardiga.

8 Logo que deu com os olhos no P. M. Simaõ, se apeou, & o mesmo fizeraõ os mais. Foise a elle, abraçou-o, deixa o caminho da Cardiga, volta a Tomar, pera o agazalhar no seu Convento. Cõ hũa urbanidade cortez, & de amigo lhe estranha ir cõ tãto incõmodo, pedindolhe, naõ quizesse desautorizar aos Principes, de quem era Mestre, sò por se mortificar a si. A volta desta queyxa lhe fez força, pera aceitar hũa bem preparada mula. Sorriose a tudo o P. M. Simaõ; & lhe disse estas palavras: *Bem sabeis, Senhor Frey Antonio, quanta honra Deos poz no desprezo della, & quanto tẽ authorizada a humildade, da qual eu me quero valer,*

ler, pera responder a Alteza do Principe; que pois em mim naõ ha outra cousa, com que o possa authorizar, justo he, que o honre com mostras de pobreza, & com sinais de humildade: a esta conta, com vossa boa licença, hey de continuar o caminho na postura, em que o tenho começado. Assim o fez, como o disse, edificãdose muito aquelle gravissimo Religioso de humildade taõ singular.

9 Sendo Mestre do Principe, & Provincial da Companhia hia muitas vezes pello meyo de Lisboa vestido de pardo com hũ caldeiraõ ás costas levar de comer aos prezos. A obrigaçaõ de assistir no Paço lhe era mui penosa, hũas vezes lhe chamava o seu purgatorio, outras o seu cativeiro. Escrevendo ao Reytor do Collegio de Coimbra, lhe dizia em hũa carta, que de melhor vontade seria Carreiro do Collegio, que Mestre do Principe. Por vezes se lhe ouvio dizer, que a maior mortificaçaõ, que tivera depois de ser da Companhia, fora naõ ir pera a India com o P M. Francisco, & a segunda andar na Corte entre honras do mundo.

10 Tendo tanta entrada no paço, nunca pertendeo cousa algũa pera seus parentes, nem por sua via tiveraõ despacho algum, ainda que intentaraõ aproveitarse do seu valimento. As suas intercessoẽs eraõ, no que tocava a sua May a Cõpanhia, nesta materia tinha el-Rey singular gosto de lhe fazer merce, este se via no assinar as provisoẽs, cartas, & portarias estando em pè, por qualquer Religioso nosso, que ellas fossem escritas.

11 Hũa vez fallando a el-Rey sobre hum negocio da Companhia, que alguns grandes do Reyno encontraraõ; el-Rey o animou, dizendo: *Deixaios dizer, Mestre Simaõ, bom procurador tendes em mim: no que for necessario pera bẽ da Companhia, naõ acudais a outrem, senaõ amim, nem outrem me falle em vossas cousas, senaõ vòs.*

12 Em outra occasiaõ fallando com el-Rey lhe disse, em como o Collegio de Coimbra tinha crescido no numero de cem Religiosos, que eraõ necessarias alfayas, pera as quais pedia a sua Magestade, lhe mandasse dar algũa esmola. Mandou logo el-Rey, se lhe dessem cem mil cruzados. Agradeceo o Padre taõ Real merce, & liberalidade, beijãdo a maõ a el-Rey: porem replicou, que naõ era necessario tanto, que com dezoito mil cruzados se comporia tu-

do.

do. Fezſe a portaria, & ſe contou o dinheiro ao Padre.

13 Succedeo neſte tempo virẽ novas, de que o Turco intentava ir ſobre a Cidade de Ceuta, chave de toda a Heſpanha no eſtreito de Gibaltar, que hoje he del-Rey de Caſtella. Pareceo, ſer preciſo fortalecerſe, & proverſe bẽ aquella praça, o que naõ podia ſer ſem grandes deſpezas. Logo o P. M. Simaõ ſe foi ter com el-Rey, dizendo, que pois naõ tinha, com que ſervir a ſua Mageſtade, ſenaõ cõ as merces, que de ſua Mageſtade recebera: alli eſtavaõ em ſer os dezoito mil cruzados, que delles ſe ajudaſſe, pois eſtava primeiro o bem commum, que o particular do ſeu Collegio. Eſtimou el-Rey muito eſte offerecimento, & por ſer tal o aperto uzou delle. Depois fez ao Padre merces dignas de ſua liberalidade, dando todo o dinheiro neceſſario pera correrem as obras do Collegio, & pera ſuſtẽto dos Religioſos, ordenando ao Padre, que trataſſe logo de dar principio a fundaçaõ.

CAPITULO XVI.

Do zelo, que o P. M. Simaõ tinha do bem das almas, & quanto affervorou a ſeus ſubditos.

1 NO anno de 1543. chegou a Lisboa hum gentio da India por Embayxador de ſeu Rey ao de Portugal. Doeoſe el-Rey Dom Joaõ da cegueira daquelle homem, a quem por ſuas boas partes eſtimava. Encomendou ao P. M. Simaõ, que fizeſſe pello converter. Tomando o Padre iſto à ſua conta, ſe fez amigo do Embayxador, viſitou-o, & elle ficou taõ pago do bom modo do P. M. Simaõ, que lhe vinha à caſa de Sancto Antaõ pagar as viſitas. Depois deſta amizade mutua, o Padre ſe meteo no negocio da converſaõ. Foi o ſucceſſo, como ſe dezejava. O Embayxador abraçando noſſa fé ſe bautizou com geral applauſo de Lisboa, ſummo goſto del-Rey, & muito credito da virtude do P. M. Simaõ.

2 Naõ havia pera eſte ſervo de Deos couſa de maior goſto, que o bem das almas, poriſſo naõ obſtante a occupaçaõ do Paço, acodia frequentemente a fazer praticas nas

praças, a visitar os hospitais, & semelhantes ministerios. O seu dezejo de ir à India foi sempre mui notorio a Saõ Francisco de Xavier: porisso o Sancto, quando se embarcou pera a China escrevendo ao P. M. Simaõ lhe diz na carta estas palavras: *Irmaõ Mestre Simaõ, se nosso Senhor for servido de agora se manifestar entre gente taõ discreta, & engenhosa, parece, que naõ deveis deixar de vir à China, cumprir vossos sanctos dezejos. Se Deos là me levar, eu vos escreverei da disposiçaõ da terra: tanto dezejo tenho de vos ver, Irmaõ meu Mestre Simaõ, antes de acabar esta vida, que sempre ando cuidando, como poderei effeituar estes meus dezejos.* Athe aqui a clausula daquella carta.

3 Como o P. M. Simaõ naõ podia satisfazer na India ao seu grande dezejo de salvar almas, em Portugal o compria, quanto estava na sua maõ; fazendo, que os seus subditos fossem nesta materia mui zelosos. Em Coimbra tinha dado aviso, & se guardava inviolavelmente, que se algum nosso tratando com gente de fora, ao tempo do jantar naõ tivesse exhortado a algũa pessoa ao bem de sua salvaçaõ, antes de ir à mesa, fosse dar conta deste seu descuido ao superior, & sem isso naõ pudesse ir jantar. Que na verdade era bom despertador, pera ter nesta materia grãde lembrãça, & tal era a virtude daquelles servos de Deos, que naõ faltavaõ em executar, ou hũa, ou outra cousa.

4 Ordenava, que as missoẽs se fizessem a pè, sò com hum bordaõ na maõ, com o breviario debayxo do braço, & que as casas, em que se recolhessem, haviaõ de ser os hospitais.

5 No anno de 1543. foi com licença del-Rey passar a festa do Notal em Coimbra, aonde foi grande o alvoroço de todos, estavaõ na mesa ao tempo, que chegou à portaria; logo sem poderem ter maõ em si, interromperaõ o jãtar, & foraõ tomar a bençaõ a taõ amado, & Sancto Pay. Nesta occasiaõ teve seu principio a piedade, que nas noites do Natal ha nesta nossa Provincia, porque ouve presepio, & alli se foraõ offerecer a Deos Menino com suavissimos colloquios.

6 Muitas vezes ajuntava a todos na Capella, fazialhes praticas, os principais pontos eraõ, encommendarlhes a uniaõ fraterna, dizendo, que os da Companhia haviaõ de ser como hum coraçaõ, & hũa sò alma. Tambem exhortava

hortava muito, que os nossos fossem em tudo mui lizos, & homens de coraçaõ lavado, & sem refolho. Que no trato dos seculares fossem prudentes, & acautelados; porque naõ succedesse, meterse no Inferno a si, quando deviaõ meter a todos no Ceo. Que na materia da pureza fossem Anjos, dizendo, que Deos naõ permittia, perseverasse na Cõpanhia, quem nesta virtude lhe naõ era fiel.

7 Em hũa das noites da festa do Natal, em que estava com os mais na capella, ordenou a todos, que nenhum se movesse do lugar, aonde estava; levantouse elle do seu, & posto de joelhos no meio da capella pedio a todos com lagrimas, que pois elle era homem, & que errava; ou alli em publico, ou em particular, como mais quizessem, o advertissem dos seus erros nos officios, & occupaçoẽs, que tinha, pois delles havia de dar conta mui estreita a Deos. Apoz isto beijou os pès a todos, & a todos enterneceo.

8 Com estas sanctas praticas, & exemplos meteo no Collegio notavel fervor, & grande desprezo do mundo. Havia ja nelle pessoas mui authorizadas hũas por letras, outras por sangue, todas por virtude. Estes sahiaõ em corpo pobremente vestidos a levar recados à Cidade, como se fossem moços destinados pera este ministerio. Outros hiaõ buscar agoa com o carro do Collegio. Outros com as mullas hiaõ buscar o necessario pera o provimento do Collegio, como se pera isto sò os sustentasse a casa.

9 Estas mortificaçoẽs, que saõ indicio certo de amor à virtude, foraõ mui familiares naquelles bẽditos tẽpos; & o P. M. Simaõ nellas costumava exercitar naõ sò aos q̃ ja eraõ da Companhia, mas aos que nella pertendiaõ entrar: entendendo naõ ser sogeito capaz pera a Companhia, quẽ fazia cazo da estimaçaõ propria.

CAPITULO XVII.

He o P. M. Simaõ meio pera entrar a Companhia em Castella. Padece algũas perseguiçoẽs. He visitado del-Rey em hũa enfermidade.

1 DEzejava muito Sancto Ignacio, que a Companhia entrasse em Castella, pera comprimento destes dezejos do Sancto Padre, ouve hũa boa occasiaõ

no cazamento da Infanta Dona Maria filha del-Rey Dom Joaõ com o Principe Dom Philippe filho de Carlos Quinto. El-Rey Dom Joaõ tratou o ponto da Companhia com o P. M. Simaõ, dizendolhe, alcançasse de Sancto Ignacio dous de seus primeiros companheiros, os quais com titulo de acompanhar a Infanta, dilatassem a Cõpanhia em Castella. Escreveo ao seu Embayxador em Roma, pedisse os dous a Santo Ignacio, & naõ podendo ser, pello menos hum, que seria ou o P. Diogo Laynes, ou Pedro Fabro: & apontava mais dous Padres, que foraõ Capellaẽs das Infantas Dona Maria, & dona Joanna filhas de Carlos Quinto.

2 Tanto que em Alemanha, onde estava, se pode desocupar o P. Fabro, veyo por Lovaina a Portugal. Nesta occasiaõ veyo, alem de outros, o famoso Pregador Irmaõ Francisco Estrada, que ainda naõ era Sacerdote, & já com suas pregaçoẽs enchia de assombro as Cidades, onde prégava; & agora depois de assombrar Lovaina, fez grandes abalos na de Coimbra. Por causa dos mui abalizados sogeitos, que por seu meyo Deos trouxe em Coimbra à Cõpanhia, teve assim a Companhia, como o P. M. Simaõ neste tempo algũa molestia, que sò servio pera mais o ouro se apurar.

3 Corria o anno de 1544, quando vendo muitos da Universidade naõ sò seculares, mas Religiosos os muitos estudantes, que entravaõ na Companhia, os quais eraõ os olhos da Universidade, & as esperanças do Reyno, comessarem a murmurar de nossas cousas, & ainda a fazelas sospeitosas em pontos taõ vidrentos, como saõ os da fé; dizendo, que tais mudanças pareciaõ encanto, & que se podia temer, naõ occultassem as apparencias de virtude, que nos nossos se viaõ, alguma grande maldade, que quando rompesse tivesse mui difficultoso o remedio.

4 Sobre esta materia se fizeraõ papeis, nos quais apontavaõ as importancias, que avia, de que as doutrinas, & modo dos da Companhia fosse examinado, & apurado. Estas papeladas se enviaraõ ao Infante Cardeal Dom Henrique; sabiaõ elles, ser este Principe pouco affeiçoado á Companhia. Tomou elle o negocio a si, como quem era Inquisidor Geral, & tinha outros grandes poderes. Primeiro disse a El-Rey, que avia de ser servido, de se examinar a dou-

a doutrina dos exercicios, & do P. M.Simaõ, & ſeus companheiros, pera ſe tirar de hũa vez a verdade a limpo. El-Rey, que eſtava mui inteirado da liſura do P. M. Simaõ, & dos mais da Companhia, facilmente veyo em tudo.

5 A diligencia ſe cometeo ao Reverendo P. Frey Diogo de Murcia da Ordem de Saõ Hieronymo entam Reytor da Univerſidade: aquem ſe ordenou, que durante a diligencia, nem o P. M. Simaõ communicaſſe com os ſubditos, nem eſtes a elle tiveſſem recurſo. El-Rey mandou aviſo de tudo ao P. M. Simaõ, porque ſenaõ achaſſe novo, & que por bons reſpeitos aſſim o permittia. Agradeçeo o Padre a El-Rey a tal permiſſaõ, porque aſſim ſe veria melhor, quam ſaã era a Companhia: & de caminho pedio a El-Rey, quizeſſe Sua Mageſtade, que elle no entre tãto eſtiveſſe prezo, peraque ſaindo culpado, tiveſſe logo o mereçido caſtigo. Edificouſſe El-Rey deſta repoſta, que via nacer de conſciencia, que nem devia, nem temia.

6 Fez o Reytor a diligencia com as cautellas, que ſe lhe encomendaraõ, tomando tudo por eſcrito. Em eſpecial ſe informou daquelles, que entraraõ contra o querer de ſeus parentes; inquirindo, ſe nos Exercicios viaõ algũas viſoẽs, que eſte era hum dos capitais artigos. Perguntou ao Irmaõ Dom Rodrigo de Menezes, ſe nos Exercicios tivera algũa viſaõ? Sim tive, reſpondeo: cuidou o Reytor, que eſtava deſcuberta a caſſa; inſtou, que diſſeſſe a viſaõ. *Senhor*, diſſe Dom Rodrigo, *Vime a mim meſmo, que athe agora me naõ tinha viſto: eſta foi a viſaõ.*

7 Ficou o Reytor mui frio com tal repoſta, & dando os autos por concluſos, fechou a devaſſa, & a remeteo ao Cardeal. O primeiro, que abrio os olhos, foy o Reytor, que depois confeſſava o ſeu engano, & a muita virtude do P. M. Simaõ, & de ſeus companheiros. O ſegundo o Cardeal Infante, que daqui por diante começou a ver com outros olhos ao P. M. Simaõ, de quem antes ſe deſviava, & a naõ ter receos da doutrina, & vida dos religioſos da Companhia.

8 Neſte anno de 1544. por ordem de Sancto Ignacio mandou o P. M. Simaõ ao P. Diogo Miraõ a fundar o Collegio de Valença, tendo ja ido pera Alcalâ o Irmaõ Franciſco de Villanova, fundador daquelle Collegio. Ja em Caſtella tinha a Companhia o abrigo da Infanta dona Maria

ria, que dissemos cazara com o Principe Dom Philippe; ainda que este lhe naõ durou muito, por quanto esta Princesa morreo do seu primeiro parto com geral sentimento de todos, & mais dos Religiosos da Companhia, por terem entrado em Castella à sua sombra. Tudo por boas industrias do P.M.Simaõ pello muito, que cabia com El-Rey Dom Joaõ o Terceiro. Aindaque a Princesa morreo sedo, nesse tempo alcançou licença do Emperador Carlos Quinto, & do Principe Dom Philippe seu marido, peraque a Companhia ficasse de assento em Castella.

9 Outra grande perseguiçaõ a fora a Sobredita teve o P. M. Simaõ, & a Companhia em Coimbra. Faziaõ os nossos muitas mortificaçoẽs publicas, disto murmuravaõ muitos, dizendo, que era asoalhar a virtude, tudo invençoẽs de hypocresia. Ouve Religiosos, que nos pulpitos pregaraõ contra estas mortificaçoẽs. E porque os nossos varias vezes bradavaõ nas ruas, penitencia, inferno, juizo, morte, & outras palavras, que despertaõ a dor dos peccados, se puzeraõ por ministros Ecclesiasticos graves penas, peraque naõ bradassemos.

10 Pertenderaõ fazer da sua opiniaõ ao veneravel P. Luis de Montoya Reformador dos Ermitaẽs de Sancto Agostinho; oqual, porque via estas cousas com outros olhos, desenganou, aos que o pertendiaõ fazer da sua parte, com aquellas palavras de Saõ Paulo: *Spiritualis homo omnia judicat, ipse a nemine judicatur*. Que o varaõ espiritual julga todas as couzas, porem esse por ninguem he julgado. Dando a entender, que estas cousas naõ se aviaõ de tomar, como pareciaõ, mas como em si eraõ, que pareciaõ imprudencia, & eraõ Sanctidade muy apurada.

11 Fizeraõ varios papeis, & se atreveraõ a dar memoriais a El-Rey, & ao Cardeal, nos quais boliaõ com todo o edificio da companhia, dizendo; que toda era hum mero fingimento do P. M. Simaõ, que naõ tinha outras regras mais que o seu arbitrio: que era hum homem extravagante, que com as suas invençoẽs trazia enganados os melhores sogeitos da Universidade de Coimbra; que a Companhia naõ era Religiaõ: a este tom eraõ as mais calumnias.

12 Naõ parou aqui a demasia dos calumniadores, ouve hum Licenciado, que disse muitas afrontas ao P. M. Simaõ

Simaõ, & com diabolico atrevimento poz nelle as mãos, porque lhe tinha despedido da Companhia a hum seu Irmaõ, que era perturbador. Quanto no que tocava a companhia, se desfez tudo com mostrar as bullas, izençoẽs, & privilegios.

13 No que tocava à pessoa do P. M. Simaõ, naõ fallou elle per si palavra, calou, & sofreo. Porẽ El-Rey tendo noticia do desaforo, mãdou devassar, depois deu sentença q̃ fossem os agressores lãçados fora dos seus Reynos por toda a vida. Aqui se vio a charidade do P. M. Simaõ, pedio encarecidamente a El-Rey, perdoasse aos culpados. O mais que pode alcançar, foi, que em parte se lhe diminuissem as penas, & quanto ao desterro, nunca El-Rey se quis dobrar.

14 O muito, que este monarca estimava ao P. M. Simaõ se vio bem em Almeyrim, porque adoecendo o Padre, El-Rey o foy visitar acompanhado do Principe Dom Joaõ, & dos Prelados, que seguiaõ a Corte. Querendo Deos com esta honra ainda entre os homens authorizar a este seu servo pellas injurias, que tinha sofrido por seu amor.

CAPITULO XVIII.

Apontaõse algumas mortificaçoens publicas, comque o P. M. Simaõ provava aos seus subditos.

1 O Espirito de mortificaçaõ, q̃ o P. M. Simaõ meteo no Collegio de Coimbra, foi cousa mui admiravel. Porq̃ naõ fallando nas ansias de castigar com penitencias os corpos, que ouve tais, que no numero dos açoutes pertendiaõ chegar aos sinco mil, que o Senhor levou na sua Payxam, era grãde o dezejo, de se vestirem desprezivelmente com pelotes, que era certo modo de vestidos rusticos, & toscos, & assim vestidos sahiaõ pella Cidade.

2 Era o P. M. Simaõ mui liberal em conceder estas mortificaçoẽs publicas; & alem disso; elle os exercitava com outras. Apontarei algũas mais extravagantes. Chegara o Irmaõ Manoel Alvres, que depois foi missionario da India, com o Irmaõ Luis Gonçalves de hũa peregrinaçaõ;

çaõ; dando conta o Irmaõ Luis Gonçalves ao P. M. Simaõ do ſucceſſo da viagem, lhe diſſe em como paſſando pella Cidade de Vizeu nunca pudera acabar com o Irmaõ Manoel Alvres, foſſe a huma venda comprar dous reis de azeite, pera comerem hum pouco de peixe, q̃ ſe lhes dera de eſmola. Logo o mandou chamar o P. M. Simaõ, meteolhe na maõ huma moeda de cobre, & huma almontolia, ordenoulhe, foſſe logo a Vizeu, que diſta como treze legoas de Coimbra, & na meſma venda, onde repugnara entrar, compraſſe aquella moeda de azeite.

3 Abaixou a cabeça o bom Irmaõ, & ſe poz a caminho. Dizia elle depois; imaginar, que a couſa naõ era de veras, & acada-paſſo ſe perſuadia, lhe chegaſſe aviſo, de que ſe recolheſſe a caſa. Com eſte penſamento andou as primeiras duas legoas. Entaõ ſe deſenganou, que naõ havia, que eſperar redençaõ. Continua o caminho vivendo de eſmolas, chega a Vizeu, vaiſe à meſma venda, compra o azeite, tira certidaõ, de como alli chegara, & depois de ſinco dias appareceo outra vez no Collegio de Coimbra.

4 No Collegio havia hum Noviço naturalmente briozo, & convinha quebrarlhe aquelle natural, pera ſe fundar em humildade. Mandoulhe o P. M. Simaõ, que veſtido em hum deſprezivel pelote, foſſe como moço de recados à caſa de hum calceteiro, que morava na praça, & levaſſe a concertar humas meyas. Obedeceo o Noviço, & na volta ſuccedeo perder hũa meya, cuja falta ſe achou em caſa. Manda logo o P. M. Simaõ, que volte a buſcar a meya, & pergunte, aos que encontrar pello caminho, ſe deraõ fé della, & ſe ſabiaõ, quem a tiveſſe achado. Tudo cumprio à riſca, tendo muito, que offerecer a Deos nas zombarias, que delle pelas ruas ſe fizeraõ.

5 Mais celebre foi a experiencia, que fez da vocaſſaõ de Ambrozio Ferreyra, que pertendia entrar na Companhia pera Coadjutor temporal. Fora eſte homem inſigne Organiſta do Biſpo de Coimbra Dom Jorge de Almeyda. Por morte do Biſpo o paſſaraõ com partido avantejado ao ſerviço del-Rey: porẽ elle tocado de Deos ſe determinou a entrar em algũa Religiaõ, onde naõ foſſe eſtimado por ſua arte. Eſcolheo a Companhia. De Lisboa paſſou a Coimbra, foiſe ter com o P. M. Simaõ; deſcobriolhe o ſeu dezejo.

6 O Padre lhe disse, que naõ enterrasse a sua arte, em que era taõ eminente, na Companhia, que noutra Religiaõ a poderia aproveitar em serviço de Deos no culto divino. A isto respondeo, que pois naõ tinha outras riquezas, que deixar por Deos, lhe queria offerecer toda a estimaçaõ, que daquella arte lhe podia resultar, entrando em Religiaõ, onde ella nenhũa estimaçaõ tinha.

7 Visto isto, disse o P. M. Simaõ, pois entrais a fim de ser desestimado, naõ vos receberei sem provar esta vossa deliberaçaõ com algum acto publico, & seja, virdes de dia do Arnado, que he no fim da Cidade athe este nosso Collegio pelas ruas com a caveira de hum morto na maõ, detendovos, a fazer oraçaõ em todas as igrejas, que achardes no caminho.

8 Rigorosa condiçaõ foi esta pera Ambrozio Ferreyra. Era mui conhecido em Coimbra, mas tudo venceo o seu fervor. Armouse cõ a oraçaõ, sahio de casa com capa, & espada, tomou nas maõs a caveira, & comessou mui sezudo a ir devagar pelas ruas. Com tal vista foi na gente grande o alvoroço, tendo pera si, que endoudecera. Os meninos, & gente moça lhe fizeraõ a festa, que costumaõ aos doudos. Quando chegou a fazer oraçaõ na Igreja de Santa Cruz, era tanta a chusma de rapazes, & gentalha, q̃ pelo livrar de suas maõs, se interpuzeraõ alguns amigos compadecidos, da que imaginavaõ, ser loucura. Porém elle nem fazendo caso da benevolencia dos amigos, nem da gritaria dos rapazes, continuou com a mesma sesudeza athe chegar ao Collegio. Alli o recebeo nos braços, & na Companhia o P. M. Simaõ, & entre nòs viveo, & morreo depois sanctamente.

9 Outras vezes mandava à boca da noite a varios nossos pela Cidade. Chegando a certas paragens, hum delles tocava hũa campainha, & algum lançava este, ou semelhante pregaõ: *Lembraivos, irmaõs, que ha gloria pera bons, & Inferno, pera os que estaõ em peccado mortal.* Indo hũa noite neste exercicio sancto, se ajuntou a elles hum Sacerdote virtuoso, que sabia mui bem, onde havia roindades; & guiando aos nossos, em chegando a lugar competente, lhes dizia em voz bayxa, & porque o naõ entendesse o povo, em latim: *Fratres, clamate hic, clamate.*

10 Depois destes sanctos clamores no dia seguinte,

 man-

mandava diversos Irmaõs, que com a campainha convidavaõ a gente a ouvir a palavra de Deos, faziaõ exhortaçoẽs mui fervorosas, de que se recolhiaõ copiosos frutos.

11 Hiaõ cõ quartas às costas buscar agoa ao rio Mondego, & a outras fontes publicas: hiaõ pedir pellas portas vestidos pobrissimamente; & isto homens, & mancebos, q̃ havia pouco eraõ o brio da Universidade. Tiveraõ estas extravagancias sanctas muitas perseguiçoẽs de homens, q̃ naõ sabiaõ as delicadezas da sabedoria christaã, que nos olhos dos mundanos costuma ser avaliada por doudisse.

12 Sobre isto escreveo S. Ignacio, pera que ouvesse moderacaõ, por senaõ levantarem tantas tormentas, quãtas se experimentavaõ, dizendo, se reduzissem estas sanctas loucuras a hũa discreta mediocridade, regulada sempre pella obediencia. Naõ condenou o Sancto estes fervores, antes tem naquella carta estas palavras: *Naõ cuideis, que me descontentaraõ vossas mortificaçoẽs, que estas, & outras doudices sanctas, sei eu, que as usaõ os Sanctos com fruto, & saõ de muito proveito, pera hum se vencer a si mesmo, & adquirir mais copiosa graça, em especial nos principios.*

CAPITULO XIX.

Escusa el-Rey o P. M. Simaõ de ir a Roma. He feito Provincial. Lança a primeira pedra em Coimbra. Como se ouve contra os que se naõ acomodavaõ.

1 Corria o anno de mil quinhentos quarenta, & sinco, quando Sancto Ignacio, dezejando alliviarse do cargo de Geral, intentou, q̃ o P. M. Simaõ fosse a Roma, porque naõ queria tomar esta resoluçaõ, sem a tratar com seus companheiros. He cousa estranha, que sendo Sancto Ignacio dentro dos termos da virtude hum dos homens, que no mundo ouve mais politicos, athe o sobreditto anno nem hũa sò regra tinha escrito a el-Rey Dom Joaõ o Terceiro, sendo tais os favores, que delle a Companhia tinha recebidos, que naõ ouve, quem lhos fizesse mayores.

2 Elle a abrigou antes de ser confirmada, elle procurou

rou ſua confirmaçaõ, & pagou as letras della. A boca chea dizia Sancto Ignacio, que a Companhia mais era del-Rey Dom Joaõ o Terceiro, que ſua. Elle fez, com que entraſſe, & tiveſſe favor em Caſtella. Sendo tudo neſta forma, o S. Padre, quãto entendemos, por ſua humildade lhe naõ tinha eſcrito, dizendo, ſe tinha por indigno de eſcrever a taõ grande Senhor. Tudo o que ſe obrou athe eſte anno, foi por meyo do P. M. Simaõ, a quem Sancto Ignacio eſcrevia, pera que em ſeu nome ſe trataſſem as couſas com el-Rey.

3 Porem agora, como naõ tinha, por quem negociar com el-Rey a ida do P. M. Simaõ a Roma, ſe afoutou, a lhe eſcrever, & abrio caminho ao fazer da-hi por diante muitas vezes. Por ter entendido, dezejava el-Rey ſaber, a ordem das couſas, que lhe tinhaõ acontecido, de ſua converſaõ, das ſuas peregrinaçoẽs, & prizoẽs, de tudo lhe deu conta; & depois veyo a deſcahir na ſua pertençaõ, apontando as cauſas della.

4 Eſtimou el-Rey muito eſta carta, porque tinha alta opiniaõ da virtude deſte Sancto. No que tocava à ida do P. M. Simaõ, lhe ſignificou, ſerlhe couſa mui difficultoſa, deixalo ir; aſſim pella falta, que faria às couſas de ſua conſciencia, & governo, como pella que tambem faria ao enſino do Principe, & moços fidalgos. Acreſcentava, q̃ a Cõpanhia ſem tal eſtêo, poderia em Portugal ter algum detrimento. Naõ inſtou mais o Sancto Padre, & dilatou aſſim a pertençaõ de ſe alliviar, como da ida do Padre Simaõ Rodrigues athe o anno de 1550.

5 No anno de mil quinhentos quarenta, & ſeis declarou S. Ignacio a Companhia em Portugal por provincia, & foi a ſegunda, que ouve em toda a Companhia, que a primeira, & may de todas foi a de Roma. Della fez Provincial ao P. M. Simaõ. Pello Natal do ditto anno foi o P. M. Simaõ a Coimbra, aſſim pera alli, como outras vezes, gaſtar aquelle ſancto tempo, como pera ler a declaraçaõ da nova provincia. Leo a bulla, que de novo ſahira pera ſe admitirem coadjutores temporais, & eſpirituais; & por eſta occaſiaõ tentou o eſpirito de ſeus ſubditos, pera ver, ſe tinhaõ a indiferença, que nelles queria a Companhia.

6 Ordenou, que cada-hum, lhe deſſe por eſcrito o ſentimento, que tinha do grao, a que na Companhia mais

ſe inclinava. No dia ſeguinte cada-hum lhe levou ſeu eſcritinho. Elles ſe vinhaõ a reſumir, em sò querer, o q̃ foſſe vontade da ſancta obediencia, de quem ſe confeſſavaõ filhos mui obſequioſos.

7 No anno de mil quinhentos quarenta, & ſete eſtãdo a corte em Almeyrim, no mez de Abril foi o P. M. Simaõ a Coimbra; & em quatorze do dito mez lançou a primeyra pedra à quelle Real Collegio; & depois de lançar quatro, hũa com o nome de JESUS, de quem ſe chama o Collegio, outra do Papa Paulo Terceiro, outra de Sancto Ignacio, & a quarta del-Rey. Lançou mais duas, hũa em nome da Rainha Dona Catherina, outra do Principe Dom Joaõ. Finalmente tres fermoſas pedras em nome das tres virtudes, que conſtituem o eſtado Religioſo: Pobreza, Caſtidade, & Obediencia.

8 Por occaſiaõ das obras do Collegio, ouve em todos muito exercicio de humildade, ſervindo nas obras os Religioſos, como ſe foſsẽ trabalhadores, q̃ vivẽ do ſuor de ſeu roſto. Com tudo a alguns Irmaõs coadjutores ſoube mal tanta humildade, moſtraraõ diſto deſprazer. Era Reytor o Padre Luis Gonçalves da Camara, aviſou ao P. M. Simaõ, do que paſſava. A ſua repoſta he bem ſe refira cõ ſuas meſmas palavras, cheas de eſpirito, humildade, & reſoluçaõ: ſaõ as ſeguintes pera o Padre Reytor.

9 *Vede*, lhe diz, *ſe eſtaõ os Irmaõs, a que fallaſtes, aparelhados, pera andar com a carreta, ſenaõ vaõſe muito embora, que eu por eſta me offereço a ſer voſſo carreiro, & niſto levarei mais goſto, que em ſer Meſtre do Principe. Naõ temos neceſſidade de gente, que ſe reja por reſpeitos humanos: convẽ deſpir eſtes, & o mundo, & naõ curar de vaidades, que o que leva o carreiro, pode manter dous Irmaõs. Azemel parece neceſſario tomar de fora. A Cruz de Chriſto naõ foi ſenaõ às coſtas, nem a levou o Senhor dentro de caſa, ſenaõ pello meyo de Jeruſalem, & fora della. Prouvera ao Senhor, que tivera eu eſſa liberdade, que ſumamente amo, & dezejo. Quem naõ ama a Chriſto crucificado, ſeja havido por excomungado, & por abominavel: quem naõ ama as deshonras da Cruz de Chriſto, naõ he de Chriſto. Ja por muitas vezes vos diſſe, que era melhor ſermos quatro na Companhia: agora vos digo, que com hum sò me contentarei, & conhecerſehaõ, os que ſaõ deſta Companhia.* Qui non ſequitur Chriſtum anathema ſit, rece-

recedat, & abeat, ſeparetur a nobis: *aparteſe daqui, buſque outro Chriſto; porque nòs buſcamos a Chriſto crucificado.* Com eſta clareza de palavras ſe explicava neſta materia o P. M. Simaõ.

10 Neſta occaſiaõ enganou o Demonio a tres no Collegio de Coimbra: por ſuas faltas os caſtigou o Reytor. Elles ſentidos determinaraõ deixar a Companhia, quizeraõ levar conſigo a outro, que eſtava em Lisboa. Ao criado, que era do Collegio, fizeraõ grandes recomendaçoẽs, que deſſe as cartas em maõ propria, aſſim o fez. Lendo o Religioſo tais cartas, entrado do eſcrupulo as foi meter na maõ do P. M. Simaõ ſeu Provincial. Vendo elle taõ grande maldade, mandou logo as cartas ao Padre Luis Gonçalves, ordenandolhe, que em prezença de todos declaraſſe as culpas daquelles tres, hum era Sacerdote, os dous Irmaõs, & que os deſpediſſe da Companhia.

11 Chamou o Padre Reytor a communidade, poſto no meyo de joelhos pedio a todos perdaõ de ſuas faltas cõ muitas lagrimas, logo lhes encomẽdou, foſſem fieis á Religiaõ. A pos iſto o Padre Manoel Godinho Miniſtro do Collegio leo as cartas dos tres criminoſos. Depois leo hũa do Padre Provincial, pella qual os mandava deſpedir da Companhia; por naõ ſerem ſemelhantes eſpiritos, pera viver entre nòs, & que quem os imitaſſe, teria o meſmo caſtigo. Foi eſte eſpirito de alimpar a Companhia, com lançar fora aos de maos procedimentos, mui igual naquelles noſſos primeiros Padres, como meyo, que Deos dera neſta Religiaõ, pera ella ſe conſervar ſempre; nem ſabemos, que ella por aqui perca couſa algũa, antes ſe algum dia lhe faltar antidoto taõ preſervativo, o que Deos naõ permitta, ſem duvida chegarà a grande miſeria; como tem chegado muitas Religioẽs, por terem dentro de ſi homẽs, de cujos procedimentos naõ ha a devida ſatisfaçaõ.

CAPITULO XX.

Grande fortaleza do P. M. Simaõ, quando admittio na Companhia ao filho do Duque de Bragança.

1 AInda que alguns puſillanimes fraquearaõ na ſua vocaçaõ por cauſa dos exercicios de humildade, que

que

que se exercitavaõ nas obras do Collegio, ouve muitos, a quem estas mesmas cousas moveraõ, a se abraçar com Deos na Companhia. O principal foi Dom Theotonio de Bragança filho dos Duques de Bragança Dom Jaimes, & Dona Joanna de Mendoça.

2 Estudava entaõ em Coimbra, por vezes vinha elle ver os nossos, que trabalhavaõ nas obras: admirava a singular compostura, & modestia, que nelles resplandecia. Finalmente affeiçoado a seguir taõ sanctos exemplos, pedio ao P. M. Simaõ, o admittisse na Companhia. A reposta do P. M. Simaõ foi, que semelhantes mudanças, & em pessoas da sua qualidade, requeriaõ mais vagar, & conselho em tudo maduro.

3 Naõ obstante a repulsa, que lhe dava o P. M. Simaõ, instava Dom Theotonio com mais fervor, como se a mesma repulsa mais o assoprasse. Foi tal a tezidaõ do pertendente, que o P. M. Simaõ, considerado este negocio mui de espaço, pondo sò os olhos em Deos, cuja parecia a vocaçaõ, o admittio por Noviço na Companhia. Comessou Dom Theotonio com fervor, dando bons exemplos do desprezo do mundo.

4 Causou esta mudança grande desgosto no Duque seu irmaõ, tendo por injuria da sua casa entrar seu irmaõ em hũa Religiaõ pouco authorizada, & taõ nova, que ainda naõ cõtava dez annos de idade, corria entaõ o de 1549; & ella fora confirmada em Setembro de 1540. Sobre tudo, que se effeituasse esta cousa, sem ordem sua. O mesmo sentimento teve a Duqueza.

5 Logo foi a el-Rey seu tio, dandolhe grandes queixas do P. M. Simaõ, de que recebesse a Dom Theotonio sem ordem, nem licença de hum Rey seu tio, & de hum Duque seu irmaõ; que senaõ havia de permittir, que sendo a Companhia taõ nova, se quizesse fazer conhecida com pessoas illustres, enganadas com as suas invençoens, que à menhãa naõ estaria em Portugal seguro algum filho das pessoas illustres. A volta destas queixas pede a el-Rey, ou que logo lhe faça entregar a seu irmaõ, reprehendẽdo muito ao P. M. Simaõ por tomar tal confiança, ou ao menos lho mande depositar em algũa outra Religiaõ, aonde se lhe façaõ perguntas por Religiosos, que elle nomear.

6 Ouvida a pertençaõ do Duque, que el-Rey tinha

por

por mui justa; deulhe palavra de acodir por aquelle negocio, & pello menos fazer, que se depositasse, como pedia. Logo mandou chamar ao P. M. Simaõ, a quem recebeo cõ semblante carregado, fora do que costumava. Dislhe o seu sentimento, & o do Duque, perguntalhe, como se atrevera a tal cousa, sem lhe dar parte, ordenalhe, que logo o deposite.

7 Tinha o P. M. Simaõ previsto toda esta tempestade, & pera ella tinha ja feito o estamago; pedio a el-Rey licença pera dar rezaõ de si, & descarga de tudo, quanto neste ponto obrara. Havida a licença: disse a el-Rey, que nenhũa cousa mais sentia, q̃ ter a minima occasiaõ de dar dissabor a hum Rey, a quem devia a Companhia, quasi todo o ser, que tinha. Porẽ que o negocio, q̃ se tratava, era cousa sobre a jurisdiçaõ dos homens, pois era tirar a Deos, o que ja era seu; & que elle pera si escolhera.

8 Quanto às rezoens do Duque, que elle naõ podia negar ser a Companhia nova, mas quem naõ sabia contentarem mais as cousas novas, que as velhas: nem se podia dizer, que era pouco authorizada, estando ella no abrigo de sua Magestade, & sendo cousa tanto sua, q̃ por esta rezaõ, a julgava taõ nobre, que athe o Principe Dom Joaõ filho de sua Magestade, receberia honra, se nella entrasse.

9 Que naõ era cousa inaudita, que Dom Theotonio tomasse aquelle estado, pois estavaõ cheas as historias de semelhantes pessoas terẽ estas sanctas eleiçoẽs. Quanto ao dizer o Duque, q̃ elle Mestre Simaõ enganara a Dõ Theotonio, q̃ o contrario constava, pois era cousa mui sabida, q̃ Dom Theotonio o importunara. Que se o fizera, sem o fazer a saber a sua Magestade, & ao Duque, fora por entender, que tais vocaçoẽs naõ se haviaõ de dizer, a quem se sabia de certo, que as havia de encontrar, com aquella efficacia, com que obra o poder dos Reys, & grandes Principes. Que Dom Theotonio tinha ja dezoito annos, & capacidade pera saber, o que fazia, & que era senhor da sua liberdade, & mais quando tambem a empregava. Que Christo dizia, que quem senaõ desfazia de Pay, May, & Irmaõs, naõ podia ser seu discipulo.

10 Que naõ se lhe escondia, que poderiaõ dizer, que denotava pouca criaçaõ, naõ tomar primeiro Dom Theotonio a bençaõ a sua Magestade, & tivesse seu beneplacito; & se-

& ſemelhante termo guardaſſe com ſeu Irmaõ. Tudo iſto aſſim era bem foſſe, quando naõ ſoubeſſe de certo, que ſe tal fizeſſe, ficariaõ de todo fruſtrados ſeus intentos.

11 No que devia o Duque, que nenhum Senhor em Portugal teria ſeus filhos ſeguros da Companhia, provera a Deos, foſſem tais as inclinaçoens dos moços fidalgos, que sò pera alli os levaſſem; mas que a virtude naõ ſe pegava,como o contagio:por tanto, que naõ avia, que ter ſemelhantes receos.

12 No ponto capital, de ſer depoſitado Dom Theotonio, pera ſe lhe fazerem preguntas, lhe parecia couſa mui eſcuſada, pois elle por vezes lhas fizera per ſi, & per outros Religiozos da Companhia. Por tanto, que naõ convinha deſenquietar o noviço. E por reſoluçaõ, que por ordem ſua elle naõ avia de ſahir pella porta do Collegio, por onde tinha entrado a poder de lagrimas. E que neſte particular lhe era a elle M.Simaõ impoſſivel,obedecer a ſua Mageſtade, pois Deos eſtava primeiro. Que sò por força poderia Dom Theotonio ſahir do Collegio, mas que elle naõ eſperava de Rey tam pio tal violencia.

13 Aſſim arrezoou o P. M. Simaõ. Naõ ficou pago el-Rey deſta ſanѧta liberdade, & ſentio achar eſta reſiſtencia, tendo elle dado ſua Real palavra, em que era pouco decôro, tornar atras. Por tanto cheo de diſgoſto diſſe ao Padre, que pois nam queria com ſua vidade fazer o ditto depoſito, que o faria por força pois sò a ella moſtrava querer obedecer.

14 Conſiderando o Padre, que eſta violencia ſeria de deſdouro a Companhia, & que podia dar ouzadia a peſſoas de menor qualidade, pertenderem ſemelhantes depoſitos com grande perturbaçaõ da Religiaõ, replicou a el-Rey com notavel conſtancia: que ſe ſua Mageſtade mandava tirar a Dom Theotonio do Collegio, deſſe ordem aos miniſtros da execuſſaõ, que ſe entregaſſem do Collegio, & de todas as doaçoens, & provizoens Reais, que eſtiveſſem feitas à Companhia: porque naõ era juſto ficaſſe eſta em Reyno, onde ſe lhe fazia tal violencia.

15 Ditto iſto, ſe ſahio o Padre da prezença del-Rey. Logo eſcreveo ao Reytor de Coimbra, que em primeiro lugar mandaſſe a Dom Theotonio, aonde naõ pudeſſe ſer moleſtado por miniſtros Reais, nem perguntado por ou-

outros Religiosos. Em segundo lugar entregasse o Collegio, & suas alfayas com o mais, que lhe pertencia, aos ministros Reais, que fossem fazer a execussam, & que mandasse aos subditos do Collegio de dous em dous pera o Collegio de Salamanca, que entaõ principiava. Apoz esta carta o P. M. Simaõ se partio pera Coimbra, pera effeituar a mudança dos nossos, em cazo, que el-Rey persistisse na sua resoluçaõ.

16 Està o corassaõ dos Reys na maõ de Deos, elle os amolga como, & quando melhor lhe parece: assim trocou nesta occasiaõ o deste Rey, naõ permittindo se arruinasse a Companhia com a maõ, com que elle a queria exaltar. Naõ quis el-Rey passar adiante na sua deliberaçaõ, julgãdo naõ ser este bastante motivo, pera desfazer huma obra, em que a gloria de Deos, & a sua hiam tam interessadas. Ordenou ao Duque, se aquietasse.

17 Desta sorte se amaynou a tormenta, comque a pequena navesinha da Companhia esteve a pique de se afundir em Portugal, aonde tanto em taõ pouco tempo tinha surgido. Duas cousas neste successo foraõ espantosas, huma a inteireza, & magnanimidade do P. M. Simaõ, outra o amor del-Rey pera com a Companhia, pois faltou à sua palavra, por lhe naõ faltar a ella.

18 Desembaraçado Dom Theotonio dos sustos, que o sosobravaõ, se deu de veras às virtudes: era mui humilde, fora dos fumos, que em semelhantes pessoas infunde a natureza. Davase as mortificaçoens com excesso, & nisto veyo a dar em hum extremo mui perjudicial, que era sentir mal de o moderarem nas suas extravagancias. Era mui aferrado a sua opiniam. Pertendeo ser Irmaõ coadjutor temporal. De tudo se dava meuda conta a Sancto Ignacio, por ser tal a pessoa.

19 Dezejou o Sancto telo em Roma, por ver se o podia formar a seu geito, & modo da Companhia. O mesmo dezejava Dom Theotonio, por ver, & tratar a S. Ignacio. Por tanto foi Dom Theotonio pera Roma. Vio S. Ignacio de perto seus fervores, & tambem que os seus brios senaõ acabavaõ de por no estilo da Companhia. O que mais sevio no demasiado sentimento, que teve, & mostrou, quando por ordem de Sancto Ignacio, o P. M. Simaõ foi alliviado do cargo de Provincial, &

M man-

mandado ir a Roma, como veremos a bayxo.

20 Sete annos esteve este Principe na Companhia. Pareceo a Sancto Ignacio, que perseverando em seus brios poderia na Religiaõ causar algum notavel abalo, de muito dano à Companhia. Por atalhar isto o Sancto, depois de ter comprimento com el-Rey Dom Joaõ, & avido o seu beneplacito, alliviou dos votos a Dom Theotonio, que por tempos veyo a ser Arcebispo de Evora, mui exẽplar, & virtuoso, como se ve na sua vida, que anda impressa. Tomou tambem o sancto por pretexto de o mandar a pouca saude de Dom Theotonio. O certo he, que semelhantes pessoas assim como nas Religioens, se se a comodã, sam mui proficuas; assim saõ perjudiciais, senaõ dominaõ os seus arbitrios, & juizo proprio: pois naõ ha Prelado, que se lhes atreva, & elles se afoutaõ a tudo.

CAPITULO XXI.

Pertende o P. M. Simaõ, ir pera o Brasil. Vai a Roma, & na vinda passando por Evora deixa assentada a fundaçaõ do Collegio.

1 AInda, que o P. M. Simaõ estava com o corpo em Portugal, o corassaõ estava nas missoens da India, pera as quais viera de Roma. Mandava pera ellas todos os annos fervorosos Missionarios, ficando elle pezarozo de os naõ seguir. No anno de 1549. se lhe abrio huma boa porta, & foi a missaõ do Brasil. De pois que aquelle grande mundo se descobrira, sò alguns poucos Religiosos de Saõ Francisco, dos quais hum morreo afogado em hum rio, & aos outros comeraõ os barbaros, tinhaõ alli pregado a fê.

2 Dezejando el-Rey o bem daquellas almas, chamou ao P. M. Simaõ, pera que mandasse ao Brasil alguns Padres. Naõ quis elle deixar de ser hum destes, porem via a difficuldade; pois se el-Rey nisso naõ viesse, Sancto Ignacio lhe naõ daria liçença. Resolveose a fallar a el-Rey: disselhe, que pois atte o prezente nada tinha pedido pera si, agora queria pedir huma merce a sua Magestade.

Vi-

Vinha a ser, que pois viera de Roma pera a India, lhe desse agora licença, pera ir pregar a fe no Brasil: que a sua assistencia já naõ era necessaria, porque o Collegio, que fora a causa de ficar, ja sem elle podia crecer. Quanto ao ensino do Principe, que outros ávia; que o fariam melhor; & pera estas occupaçoens nunca faltavaõ homens, naõ os havendo pera ir cultivar gentios nos matos do Brasil.

3 Ainda, que el-Rey naõ era de tal parecer, por naõ tirar a seu filho tambom Mestre, nem se privar a si do gosto, que tinha de o tratar; foraõ as instancias do Padre tais, que el-Rey lhe ouve de dar a licença, mas sò por tres annos, no fim dos quais voltaria a Portugal. Logo deu conta a S. Ignacio da licença del-Rey, pedindolhe a sua. O Sancto lha concedeo; & o P. M. Simaõ sò esperava de Roma ao P. Martinho de Sancta Cruz, que la fora com negocios de grande pezo tocantes ao bem da Companhia. Quando estava nesta expectaçaõ, chegou nova da morte do ditto Padre. Logo ouve tais cousas, & circunstancias, que foi precizo, dilatarse a ida do P. M. Simaõ ao Brasil. Ficando o Padre mui sentido de naõ ir, enviou ao P. Manoel de Nobrega com outros nossos Religiosos, que deraõ principio à provincia do Brasil, & à conversaõ de innumeraveis gentios.

4 Estava o P. M. Simaõ em Portugal ao modo, que o Sol na sua esfera, da qual acode com seus influxos, & luzes às partes mais vezinhas, & às mais remotas; assim este Padre, ora mandava diversas missoens por todas as provincias do Reyno, ora distribuia sogeitos pera todas as regioens ultramarinas, da Africa, da Asia, da America.

5 No anno de 1550. chegou carta de nosso Sancto Padre, em que pedia a el-Rey, deixasse ir a Roma o P. M. Simaõ, por quanto queria comunicar aos Padres mais antigos as constituiçoens da Companhia, & tambem renunciar o Generalado. Estava el-Rey a este tempo, pera ir ver a sua Universidade de Coimbra, & de caminho o seu, & nosso Collegio, por isso naõ consentio em o P. M. Simaõ, se partir pera Roma, antes de elle fazer esta visita, na qual o P. o acompanhou. Edificouse muito el-Rey de ver a modestia dos nossos Religiosos, & taõ luzido a quelle seminario de missoens.

6 Tinha Sancto Ignacio escrito ao P. M. Simaõ, que

M 2 ne-

nesta occasiaõ fossem a Roma alguns Theologos jâ passantes pera verem a Companhia em sua fonte; por isso mandou diante a tres, que se formassem de doutores na Universidade de Gandia, era hum o P. Gonçalo da Sylveira, & que alli o esperassem. Mas depois de o P. Sylveira tomar o grao, & prégar em Valença, por ordem del-Rey, o P. M. Simaõ o mandou voltar a Portugal.

7 Logo o P. M. Simaõ dispos a sua jornada, deyxou por mestre do Principe em seu lugar ao P. Luis Gonçalves da Camara, & o cargo de Provincial proveo no P. Gõçalo de Medeiros, que era o primeiro Noviço, que entrara nesta provincia, homem de muita virtude. Fez el-Rey ao P. M. Simaõ seu Agente em negocios gerais, & particulares, pera assim ter melhores despachos nas cousas tocantes à Companhia; deulhe cartas de recõmendaçaõ pera o Papa Julio terceiro. Chegou a Roma, aonde Sancto Ignacio com grande amor o recebeo, & tratou, como a homẽ, a quem tanto devia seus augmentos a Companhia. Acabouse em breve a quella junta, na qual foraõ os dous Principais pontos, a renuncia, que Sancto Ignacio queria fazer; nisto naõ consentiraõ: o segundo foi approvarem as constituiçoens, que o Sancto tinha escrito; o que todos sem discrepancia fizeraõ. E o P. M. Simaõ voltou a Portugal.

8 Atte o anno de 1550 naõ avia em Portugal outro Collegio mais, que o de Coimbra, & as Residencias de Sancto Antaõ em Lisboa, & a de Saõ Fins na provincia de Entre Douro, & Minho: logo que o P. Simaõ voltou de Roma lhe cõmunicou o Cardeal Infante, em como queria fundar em Evora Collegio à Companhia. Este Principe fora antes mui pouco affeiçoado a nossas cousas por receos, que lhe tinhaõ metido na cabeça, de que em nos podia aver algumas doutrinas pouco sinceras, como de gente das partes do Norte, onde os mais, que nos seus principios avia em Portugal da Companhia, tinhaõ estado. Pezavalhe muito ver no paço ao P. M. Simaõ. No anno de 1550 acabou de deyxar esta sua opiniaõ, vendo o raro fruto, que por todo o Alemtejo fizeraõ os missionarios da Companhia, que elle tinha pedido ao P. M. Simaõ: & este foi o motivo, que agora o obrigou a nos fundar o Collegio, & Universidade, que a Companhia tem em Evo-

Evora. E com esta boa nova, que o Padre teve ao passar por Evora, quando vinha de Roma, lhe quis Deos allivi-ar as molestias do caminho, deu graças a Deos, por ter assim trocado o coraçaõ do Cardeal, sendo antes notoriamente pouco inclinado à Companhia, & em especial ao P. M. Simaõ.

CAPITULO XXII.

Deyxa o P. M. Simaõ o governo, & o que succedeo atte se retirar à Residencia de Saõ Fins.

1 NO anno de 1552 se dividio em duas a Provincia de Castella, na de Castella, & na de Aragaõ. Na de Castella ficou por Provincial o P. Antonio Araoz, pera a de Aragaõ nomeou Sancto Ignacio ao P. M. Simaõ Rodrigues. Muitas causas se apontam desta mudança, & outras somente por indicios se alcançaõ. Avia ja doze annos, que o P. M. Simaõ era superior, & como se aviaõ de publicar as constituiçoens, que faziaõ os governos trienais, quis o Sancto Patriarca, se começasse a por esta lei em praxe. Outra rezaõ mui forçosa era, que com a publicaçaõ das constituiçoens se aviaõ necessariamente de alterar muitos costumes, & modos introduzidos pello P. M. Simaõ, & ficaria a mudança menos difficultoza estando elle fora de Portugal. Quis o Sancto Fundador atalhar de huma ves todos estes inconvenientes, que eraõ quasi certos, sendo o P. M. Simaõ taõ amado de todos. O nosso Historiador geral tambem dá por causa alguma indulgencia, com que o P. M. Simaõ tratava a seus subditos, naõ accomodando o seu governo exactamente ao modo, que Sancto Ignacio em Roma praticava. *Orland. l. 12. n. 54.*

2 Na quelle tempo era mui ordinaria na Companhia a mudança dos sogeitos de huns pera outros Reynos, por isso menos estranhada. Logo que chegou a ordem de Sancto Ignacio o P. M. Simaõ, entregou o governo ao P. Diogo Miraõ, tendo disto inexplicavel alegria, pondo huma, & outra ves sobre a cabeça, & beijando a carta do Sancto Patriarca.

3 So se lhe fazia pezado, ir continuar os governos, que

que destes se queria totalmente ver livre. Logo que se divulgou na corte, que era o P. Simaõ mudado pera outro Reyno, se tomou isto mui mal. Os que mostraraõ maior sentimento foi o Duque de Aveiro Dom Joaõ de Alencastre, & o Conde da Castanheira valido del-Rey, & grãde amigo do Padre.

4 Estes Senhores por todas as vias procuravaõ estorvar esta mudança, offerecendose a fazer bayxar decreto del-Rey, que a impedisse. Outros pertendiaõ aver ordẽ, & ainda obediencia de Sancto Ignacio, em que de novo ordenasse ao P. o naõ sahir de Portugal. Outros sabendo dar nisto gosto a el-Rey, & ao Principe, tratavaõ de hir detendo o Padre, em quanto tiravaõ hum breve do Papa, pello qual o mandasse residir na Corte, & continuar no magisterio do Principe; & secretamente apertavaõ com el-Rey, que o obrigasse por via do Pontifice a aceitar algum Bispado.

5 Vendo Sancto Ignacio estas difficuldades de antemaõ, escreveo cartas a el-Rey, à Rainha, aos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, dandolhe as rezoens, que tinha, pera alliviar do governo ao P. M. Simaõ; & outras aos Padres Urbano, & Leaõ Henriques; em que lhes ordenava, assistissem à execussaõ deste negocio. Depois do P. M. Simaõ fazer a entrega do governo ao P. Miraõ, pedio a el-Rey licença, pera se retirar à Residencia de saõ Fins junto ao Minho, querendo na quelle retiro viver sò a si. Neste entretanto escreveo a Sancto Ignacio, escusandose do governo de Aragaõ: & dando por razaõ de naõ ir pera o Brasil, pera que o Sancto P. nas suas cartas lhe dava licença, os seus achaques, que ja naõ davaõ lugar a navegaçoens compridas.

6 Avida licença del-Rey, se partio pera o seu retiro com geral sentimento dos Senhores da Corte, de quem era taõ amado. Nesta nova mudança de governos, ouve no Collegio de Coimbra, que entaõ era toda a Companhia em Portugal, o demais avultava mui pouco, ouve digo grandes desconsolaçoens, porque o P. Diogo Miraõ Provincial, & o P. Manoel Godinho Reytor do Collegio eraõ homens de huma sanctidade rigorosa: queriam de repente por as cousas em outro andar, naõ avia officio na caza, onde se naõ metessem, parecendolhes, que se assim naõ era,

era, tudo hia perdido. Naõ eraõ homens, que fossem por partes; & as cousas assim alteradas tambem costumaõ alterar aos homens, com quem jogaõ.

7 Vinha-lhes à memoria a suavidade do P. M. Simaõ, & a consideraçaõ desta por tantos annos, experimentada, lhes fazia desagradaveis todas as disposiçoens dos novos superiores; as quais, quanto ao modo, tambem descontentaraõ a Sancto Ignacio, pois nem aviaõ de ser com tanto repente, nem metendose os superiores maiores em todas as meudezas da caza, mostrando, que desconfiavaõ dos subditos, como estes bons Padres o faziaõ.

8 Nesta perturbaçaõ estava o Collegio, quando o P. M. Simaõ, indo pera o seu retiro, nelle entrou de caminho. Bem se deixa ver, quanto esta vista, traria mais á memoria o seu modo de governar; por tanto se accendeo mais o tedio dos novos superiores, & creceo o dezejo, de que o fosse o P. M. Simaõ. Contando este successo hum Historiador estrangeiro; & fallando desta entrada do P. no Collegio, deyxa cahir huma palavra mui pouco a cautelada, dizendo, que ouve sospeita, que o P. M. Simaõ dera assopro a esta nova alteraçaõ, ou que a causara algum inimigo da Cruz de Christo, o que elle mais cria.

Orland. l. 12. n. 59. Tum vero Simonis adventu, sive admonente; ipso [ut suspicio fuit] sive aliquis ex maxime turbulẽtis, & crucis ozoribus, ut potius crediderim & c.

9 Naõ era o P. M. Simaõ Rodrigues homem, de quẽ tais cousas se pudessem sonhar, como era huma taõ grave como esta, de que fallamos: pois sabemos, que nas comunidades as culpas mais pezadas saõ, as que metem perturbaçaõ entre os Irmãos, & de homens taõ sanctos como o P. M. Simaõ, sonhar tais desordens, he fazerlhes injuria, & & se foi sonho de algum zelo imprudente, naõ parece bem se conte o sonho, sem se lhe ajuntar a inconsideraçaõ do sonhador.

10 O P. M. Simaõ continuou logo o seu caminho, & se foi meter no retiro de Saõ Fins. Crecia de cadaves mais a desconsolaçaõ dos subditos, muitos naõ queriaõ outro superior, mais, que ao P. M. Simaõ; naõ considerando, que os que nos sogeitamos a Religiaõ, hemos de ser governados como, & porquem ella quer; & naõ como, nem porquem nos queremos.

11 Neste retiro de Saõ Fins succedeo ao Padre huma cousa mui notavel, & a tras na quarta parte a Historia Geral da companhia. Succedia ao P. M. Simaõ no rezar o offi-

officio divino, enlevarſe todo nalgumas clauſulas, parando em contemplaçaõ. Eſtando rezando junto a huã fonte, que ſe chama de S. Maria Magdalena, chegou aquellas palavras: *Aſtitit Regina a dexteris tuis in veſtitu deaurato.* Aqui ſe enlevou todo em contemplar as perfeiçoens da Senhora, ficou em extaſi, & o impeto do eſpirito levantou ao corpo no ar, & depois veyo abayxo com tal fervor, que parecia deſencayxarenſe huns de outros todos os membros do corpo. Tal era a devaçaõ deſte Sancto homem.

CAPITULO XXIII.

Como ſahio de Portugal, & o mais, que lhe aconteceo atte em Roma ſe ver com Sancto Ignacio.

1 PEra que eſte ponto, que vou tratando, fique mais declarado, alem das rezoens, que ficaõ ditas, que tinha Sancto Ignacio pera alliviar ao P. M. Simaõ do cargo de Provincial, & o tirar de Portugal, avia algumas queixas, que hoje ſe teriaõ por couſa de pouco ſer, como em verdade o eraõ, mas o rigor dos tempos, & zelo ferveroſo de alguns as pintou como couſas medonhas, que cediaõ em grande perjuizo da rigida obſervancia, & vida auſteriſſima, que naquelle primitivo eſpirito da Religiaõ queriaõ alguns Padres homens de natural ſevero, & eſtudioſiſſimos da mortificaçaõ, & deſprezo proprio.

2 Culpavaõ ao P. M. Simaõ de ſer mui valido do Rey, Principes, & Senhores da Corte, dizendo, que por aqui podia entrar na Companhia algum eſpirito de ambiçaõ, aſſolador da humildade Religioſa. Creceo eſta poeira, vẽdo que atte o tempo, que o P. viera eſta ultima ves de Roma, ſendo Meſtre do Principe, ſempre ao perto andara a pe, & as jornadas fazia em beſta de aluguel, & que naõ era de ſella; porem agora depois de vir de Roma, às vezes andava em beſta de ſella. Naõ fazia o Padre iſto por authoridade, o que bem ſe via no moço, que ordinariamente hia veſtido de burel, & deſcalſo; mas andava ja taõ debilitado com as penitencias, & achaques, que lhe era preciſo uſar deſte melhor comodo.

3 Deu-

3 Deuſelhe tambem em culpa levar os Irmãos em ſua companhia a tomar alguma recreaçaõ na quinta de hum ſecular devoto do noſſo inſtituto. Iſto fazia o Padre mui raras vezes, aſſim por naõ termos ainda quinta propria, como por ſe afroxar algum tanto o arco, que em verdade na quelles tempos andava mui tezo, & ſenaõ tiveſſe eſta honeſta remiſſaõ, poderia eſtalar: porem aquelles Padres taxavaõ eſta indulgencia de muita largueza na obſervancia, que o ſeu eſpirito queria ſempre debaixo de huma continua mortificaçaõ.

4 Reparavaõ tambem no zelo do P. M. Simaõ em reſiſtir, a que vieſſem Padres, & Irmãos de outras naçoens, a eſtudar no Collegio de Coimbra, o que fazia Sancto Ignacio, pera com eſtes ſogeitos acodir a outros Reynos ſetemptrionais inficionados com a herezia. O motivo, que niſto tinha o P. M. Simaõ, era perſuadirſe, naõ ſe fazerem eſtes gaſtos conforme a tençaõ del-Rey, que edificara o Collegio, pera nelle ſe criarem obreiros pera a India, & naõ pera os Reynos do Norte. Sobre eſte ponto parece, que deixou cahir algumas palavras, em que ſignificava o diſgoſto, que diſto teria el-Rey, & como podia atalhar eſte inconveniente por meyo do Pontifice.

5 Bem verdade era, que tudo ficava ſuprido com muitos Padres eſtrangeiros, que Sancto Ignacio mandava à eſte Reyno, aſſim pera nelle ajudarem nos miniſterios da Companhia, como pera irem as miſſoens ultramarinas. Fazia tambem iſto o Sancto Padre, pera fomentar a caridade entre todos os da Companhia, q̃ com o mutuo trato, & converſaſſaõ de eſtranhos, & naturais muito ſe conſerva, amandoſe todos huns aos outros, como ſenaõ tiveſſem outra patria, & outros pays, ſenaõ a Companhia de JESU, onde viviaõ.

4 Eſtas, & ſemelhantes couſas eſcreveraõ por vezes a Sancto Ignacio, o qual eſtava mui certo da virtude do P. M. Simaõ, mas por atalhar eſtas delaçoens, & que naõ pudeſſe daqui nacer alguma deſuniaõ, que arruinaſſe a Companhia, tomou a ſobredita reſoluçaõ, ſendo occaſiaõ pera ella a publicaçaõ das conſtituiçoens, em que os governos ſe diſpunhaõ ſomente trienais. Fundava o Sancto os ſeus temores no muito amor, que todos tinhaõ ao P. M. Simaõ. O effeito moſtrou, como fica dito no capitulo

antecedente, quam bem fundados eraõ os temores de Sancto Ignacio.

5 Tendo elle em Roma avizo, de quam mal se tomara em Coimbra o novo governo; julgou, que naõ averia quietaçaõ, em quanto naõ sahisse de Portugal o P. M. Simaõ. Avia nisto gravissimas difficuldades. Porem o coraçaõ do Sancto Padre, que naceo pera vencer as mais arduas, quando via ser assim necessario pera maior gloria de Deos, com nada se acanhou.

6 Pera conseguir este fim, mandou ir de Salamanca a Portugal por vizitador ao P. doutor Miguel de Torres, que governava o Collegio de Salamanca. O pretexto da vinda era, dar a el-Rey Dom Joaõ o terceiro em nome de Sancto Ignacio, & de toda a Companhia as graças, pello muito favor, que tinha feito a nossas cousas.

7 Trazia o P. ordem, pera pedir a el-Rey, que aos favores passados acrecentasse outro, de dar licença, pera que o P. M. Simaõ sahisse de Portugal, a governar a provincia de Aragaõ. Foi o P. vizitador bem recebido, del-Rey; quanto ao P. M. Simaõ mostrou desprazer, pello muito cazo, que fazia de sua virtude, & bons talentos; porem que como esta era a vontade, & parecer de nosso Sancto Padre, elle cortava pello seu proprio gosto, & dava a licença, que se pedia. Na reposta á carta do Sancto comessa assim: *P. M. Ignacio, recebi vossas cartas, & com ellas muito contentamento, & ouve por serviço de nosso Senhor, o que me pedistes a cerca da mudança do* P. *M. Simaõ, o que se fes da maneira, que o* P. *Luis Gonçalves vos dirá.*

8 Esta foi huma das especiais occasioens, em que el-Rey mostrou, quanto amava a Companhia, & que a estimaçaõ, que fazia do Padre, se fundava toda no amor a Religiaõ, ainda que tinha muitas rezoens, pera assentar bem toda a estimaçaõ em homem taõ adequado, como este era, de cujo ensino fiava elle ao Principe seu filho, & sentia muito, que fosse privado de tal Mestre. Ouve fidalgo, que por explicar o muito, que el-Rey estimava ao P. M. Simaõ, disse, que o amava tanto, que se lhe pedisse ametade do Reyno, lha daria. Tambem acho escrito, que el-Rey quizera impedir esta sua ida a Roma, mas que o Padre tal cousa naõ consentira.

9 Logo que o P. Torres teve o consentimento del-

del-Rey, tratou de dar à execussaõ a vontade de Sancto Ignacio. Mandaralhe o Sancto de Roma muitas folhas em branco com a sua firma, pera nellas escrever, o que pedisse a occurrencia dos tempos conforme os negocios, que trazia a seu cargo. Em huma destas cartas ordenou ao P. M. Simaõ, fosse logo tomar o governo da provincia. Naõ constava ao P. do beneplacito del-Rey, à cujas ordens o tinha sogeitado Sancto Ignacio. Partio logo pera Lisboa em ordem a aver o seu beneplacito, & cumprir com a obediencia: naõ obstante, o naõ lhe ter chegado reposta da carta, que escrevera a Sancto Ignacio, na qual lhe pedia o escusasse do governo da provincia de Aragaõ, & lhe desse licença pera ir a Roma, a lançarse a seus pes, & se consolar com a sua vista.

10 Vindo o Padre de Coimbra, na villa de Thomar lhe foi entregue a carta del-Rey, que dizia assim: *Mestre Simaõ, eu el-Rey vos envio muito a suadar. O P. M. Ignacio me escreveo, como vos mandava huma sua comissaõ, pera irdes ao Reyno de Valença, a ser* Provincial *da Provincia daquelle Reyno: & porque eu receberia contentamento, de vos obedecerdes a dita commissaõ, & fazerdes, o que por ella vos he mandado, vos encomendo muito, que o queirais logo assim fazer, & muito volo agradecerei, & folgarei de me escreverdes sempre, o que la fazeis, que confio, serâ o que for mais serviço de nosso Senhor, & bem da Companhia. Feita em Lisboa aos vinte, & tres de Julho de mil quinhentos sincoenta, & dous. Rey.*

11 A' vista desta carta, por evitar inconvenientes, que pudessem nacer da sua ida a Lisboa, de Tomar endireitou seu caminho pera o Reyno de Valença. Tanto, que se divulgou esta sua partida, creceraõ em muitos tanto as desconsolaçoens, que deixaraõ a Companhia. O P. Diogo Miraõ em huma sua carta pera Sancto Ignacio lhe da conta desta tormenta com as palavras seguintes.

12 *A nossa tribulaçaõ* (dis o P.) *começou, quando por ordem de vossa* Paternidade *se mandou o* P. *M. Simaõ por* Provincial *a Valença.* Alter*araõ se muitos dos nossos, que estavaõ comnosco, & muitos dos de fora, os quais como ha parecido, lhe tinhaõ affeiçaõ mais chegada à carne, que ao espirito. Naõ consideravaõ, que bastava a vontade de vossa Paternidade, pera mudar hum Provincial, nem que os Provinciais segundo a or-*

a ordem da Companhia de ordinario haõ de ser por tres annos; & que aquella mudança a pedia a descrissaõ, & observancia do modo de proceder da Companhia sem nota de peccado.

13 *Foi o M. Simaõ à sua provincia. No Collegio de Coimbra se avia recebido tanta multidaõ, que nella foi difficultoso o delecto, & a ordem em governar. Alguns, ido o M. Simaõ, tomaraõ occasiaõ de sahirse sem licença, dos quais podemos julgar, que naõ tinhaõ aquelle ser de sua alma, & espirito, que a sua vocaçaõ, & votos pediaõ. Alguns, que de si eraõ ineptos pera a Companhia, inquietandose neste tempo foraõ despedidos. Os que de veras se deixaraõ possuir da graça de nosso Senhor, ficaraõ. Muitos de fora se perturbaraõ, parentes, & amigos, & algumas pessoas principais, & outros, & destes menos foi de maravilhar, por ser seculares, & naõ ter inteiramente entendido a Companhia.*

14 *Este estado de cousas, & tribulaçaõ naceo, de que cadahum fallava, & escrevia com liberdade, conforme a disposiçaõ, que em si tinha; de modo que alguns imaginavaõ ser destruida em Portugal a Companhia. Nos, Padre, nos davamos à oraçaõ, cumpriamos a obediencia, guardavamos a ordẽ de vossa Paternidade. Consideravamos, que atte entaõ este Collegio, & Companhia em Portugal avia tido principio, & havia mister grandes raizes; sentiamos, que entaõ se radicava.*

15 *Consolavamonos na virtude, que o Senhor ha dado grande entre outras a Companhia, que possa alimparse, como sabiamos ja antes, & avemos claramente visto na segunda parte das constituiçoens; & mais em sentir, que por tribulaçoens queria fundar o Senhor esta parte, como sua maõ benignissima hâ fundado a Companhia universal. Juntamente nos confortava o Senhor, que em tanta tribulaçaõ, nem o Rey, & Rainha, Principe, & Infantes se perturbaraõ, mas estavaõ taõ firmes, como os que dos nossos mais o estavaõ. Elles cada hum com o seu agrado guiavaõ todas as cousas, como Padres da Companhia.*

16 *Tornou o M. Simaõ da sua Provincia por enfermo, & por ordem de vossa Paternidade foi mandado a Roma, atte este tempo durou a perturbaçaõ. Daquella graça da tribulaçaõ, & daquellas raizes se começou a mostrar o fruto, & augmento da Companhia á maior gloria, & louvor de JESU Christo nosso criador, & Senhor.* Atte aqui parte da carta

do

do P. Diogo Miraõ, que foi dada em Outubro de mil quinhentos ſincoenta, & tres;& aquis aqui lançar por dar clareza a eſtas couſas, em que toda a culpa foi dos ineptos, & imperfeitos.

17 Tornando ao P. M. Simaõ, indo pera a ſua provincia, adoeceo em forma, que foi neceſſario vir a Lisboa, pera ſe curar. Chegou elle a portaria da caza de Sancto Antaõ o velho, deuſe recado ao ſuperior, o qual ſevio em grande aperto, por huma parte conſiderando, que o P. M. Simaõ era pay de todos os deſta Provincia, o queria meter na alma, por outra vendo, que naõ trazia patente, nem licença, pera tornar a Portugal, & quanto tinha cuſtado a Sancto Ignacio ſua partida, pellos eſtorvos, que niſſo ouve; lhe mandou dizer, fazendo grande força a ſi meſmo, por vencer a natural repugnancia, que ſe a ſua Reverencia naõ pareceſſe outra couſa, elle tinha eſcrupulo de o receber em caza, ſem ordem de ſeu Superior.

18 Sentio em extremo o P. M. Simaõ ferida taõ inopinada, vendo pera elle fechadas as portas da quelle Collegio, que tinha fundado. Sem dizer palavra, poz os olhos no Ceo, dando graças a Deos pello chegar a tal deſemparo, que nem ſeus proprios filhos em Chriſto o recebiaõ, conſiderando, como a Chriſto o deſconheceraõ os ſeus, & o naõ receberaõ. A ninguem culpou, antes louvou a fidelidade, que em tal cazo moſtravaõ, ſegundo o que ſe perſuadiaõ, aver obrigaçaõ de aſſim o fazerem. Deſpedioſe da portaria treſpaſſado de pena, & affliçaõ, que mais o penetraraõ, que os ſeus achaques, determinou, irſe curar ao hoſpital, que fora a primeira caza, que em Lisboa o recolhera. Sabendo diſto Dom Joaõ de Lancaſtre Duque de Aveiro, ſeu grande, & antigo amigo, tal couſa naõ ſofreo, nem que o P. M. Simaõ ſe curaſſe fora de ſua caza, onde o tratou com ſingular amor, & caridade.

19 Neſte tempo, que elle teve por de grande deſemparo, naõ por lhe faltarem cõmodos temporais, mas por ſe conſiderar aſſim apartado de ſeus Irmãos, & filhos em o Senhor, o ſeu allivio era o trato com Deos, com o qual ſempre nos achamos, & mais, quando mais nos deſemparaõ os homens. Eſcreveo por vezes a Sancto Ignacio; atte que delle recebeo a carta ſeguinte: *Meſtre Simaõ Rodrigues amado filho em o Senhor noſſo, lidas, & conſideradas as voſ-*

voſſas de dez de Fevereiro, de vinte, & tres, & vinte ſeis de Março, & doze de Abril, & outras muitas, que recebo de lâ, por ſentir, & conhecer, que muito em o Senhor noſſo convem, pera maior quietaçaõ, & conſolaçaõ eſpiritual, dos que perſeveraõ na noſſa congregaçaõ nos Reynos de Portugal, & tambem pera tratar de outras couſas univerſais, que tocam a toda a Companhia, naõ ſe podendo tratar por menos, que pella prezença, me hâ parecido em o Senhor, de vos por em hum pouco de trabalho corporal, vindo a eſta Roma; & aſſim em virtude de ſancta obediencia, como couſa, que muito importa, volo mando por parte de Chriſto Noſſo Senhor, por mar, ou por terra, como vos parecer mais conveniente, & iſto ſeja com a brevidade, que puderdes, de modo, que oito dias depois de viſta a prezente, vos ponhais em caminho, & continueis. Rogo a Deos Noſſo Senhor vos guie, & acompanhe, & a todos dê graça de conhecer ſempre, & fazer ſua ſanctiſſima vontade. De Roma vinte de Mayo de mil quinhentos ſincoenta, & tres.

20 *Filho Meſtre Simaõ, fiaivos de mim, que com voſſa vinda aqui, voſſa alma, & a minha ſeraõ conſoladas em o Senhor Noſſo, & todas as couſas, que vos, & eu dezejamos à maior gloria divina, teraõ bom fim, por tanto tomai com muita devaçaõ, que nos vejamos, & ſe naõ achardes tanta, Deos Noſſo Senhor vola darâ na perſeverança de vir pera câ, & lembraivos, que com tal boa vontade, pello que eu vos diſſe, ſem ter eu alguma authoridade ſobre voſſa peſſoa, foſtes com quartans a Portugal, & depois ſaraſtes, pois quanto mais agora por obediencia, & infermidades naõ aſſim ſeveras. Meſtre Simaõ, ponde-vos logo a caminho, como arriba eſtâ dito, & naõ duvideis, ſenaõ que nos gozaremos câ tanto da ſaude eſpiritual, como corporal à maior gloria divina, & fiaivos de mim em tudo, & ficareis mui contente em o Senhor Noſſo. Eſtamos aos doze de Julho. Ignacio.*

21 Parte deſta carta foi feita em Mayo, & o Sancto Padre a devia retardar, por examinar mais eſte ponto; ou por outras prudentes razoens, que naõ acho declaradas, mas ellas ſe deixaõ conjecturar do pezo deſte negocio, no qual o Sancto tomou a ultima reſoluçaõ no mes de Julho, & ſendo a mais carta eſcrita por ſeu ſecretario, eſte additamento foi todo da ſua maõ, como ſe adverte no treslado, donde eu aqui a eſcrevo.

22 Por força deſta carta o P. M. Simaõ tomando con-

comſigo ao P. Belchior Carneiro, ſe poz em caminho pera Roma fazendo a jornada por terra, durando ainda as ſuas indiſpoſiçoens, guardava com grande pontualidade a ordem dos ſeus exercicios eſpirituais. Quando chegou a Roma lhe meteraõ na maõ hum breve, pello qual o Papa Julio terceiro izentava ao P. M. Simaõ da obediencia da Companhia, & lhe dava licença pera poder reſidir na Corte de Portugal, ou onde foſſe mais conſolaçaõ ſua. Eſte Breve tinha agenceado em Roma o Duque de Aveiro, por Dom Affonſo de Alencaſtre ſeu irmaõ entaõ Embaixador de Portugal em Roma.

23 Recebeo o P. o Breve, por naõ parecer, que deſprezava, a quem o alcançara, ſendo peſſoa taõ illuſtre, & a quem taõ obrigado eſtava, porem ſentio muito aver, quem preſumiſſe, que elle poderia conſentir em tal izençaõ. Com o Breve na maõ ſe foi lançar aos pes de Sancto Ignacio, meteolhe nas mãos o dito Breve da izençaõ. Depois de o ler, lho tornou a dar o Sancto Padre, & recebendo-o o P. M. Simaõ, dizendo, que tal couſa nem queria, nem aceitava, em prezença do Sancto raſgou o Breve. Deſte tal exemplo de ſogeiçaõ ficou Sancto Ignacio conſoladiſſimo, & vio, com quanta rezaõ era digna de ſer eſtimada a virtude deſte ſeu amado companheiro.

24 Iſto he o que tem a cerca deſte Breve os documẽtos deſta noſſa Provincia, que ſe guardaõ no cartorio do Collegio de Coimbra, & os tenho diante de mim, quando eſtas couſas eſcrevo. E o tem a Hiſtoria deſta noſſa provincia no lugar citado a margem, onde conclue com eſtas palavras: *Eſta he a noticia, que entre nos hà deſte Breve, & a temos por mais certa, que a que daõ delle em outra forma mui diverſa alguns authores menos informados, & pouco affeiçoados as couſas de Portugal.*

Hiſtor. da Prov. 1. p. l. 3. c. 36. n. 3.

P. Alvaro Lobo na Chronica manuſcr. 1. part. liv. 5. c. 24. fol. 364. & outros documẽtos.

25 Depois continua o meſmo Hiſtoriador, em como Sancto Ignacio eſtimara, como era bem eſta ſogeiçaõ, & delle ſe informara meudamente das couſas da Companhia em Portugal. E que o P. M. Simaõ dezejozo de ſe livrar totalmente de negocios, pedira ao Sancto licença, pera ir a Jeruſalem, & que avida eſta, ſe partira pera Veneza, mas que adoecendo alli naõ pode continuar; & que depois avida licença fora viver em Heſpanha.

Orland. l. 14. n. 6.

Euſebio nos Varoens illuſtres.

C A-

CAPITULO XXIV.

Acodese, ao que nesta materia contaõ alguns escritores do P. M. Simaõ, & do mais, que lhe succedeo atte se retirar a Hespanha. E huã sua profecia destas cousas.

1 SE tivera destas cousas todas as noticias legitimas o Historiador geral da Companhia, sem duvida naõ daria á sua pena as largas, que deu tratando da veneravel pessoa do P. M. Simaõ. Custaraõ tanto ao P. Thomas de Villacastim bem conhecido por suas virtudes, & livros espirituais, que andaõ nas mãos de todos, estas cousas, que o Historiador geral tem do P. M. Simaõ, que escreveo ao nosso veneravel P. Diogo Monteiro, cuja carta se conserva no cartorio de Coimbra, pedindolhe como a Provincial, que era, lhe mãdasse fazer diligencia pellos documentos, que sobre isto avia na Provincia, porque queria desfazer com elles, o que do P. M. Simaõ se tinha escrito.

Orland. lib. 12. n. 60. & lib. 14. a n. 4.

2 O modo, com que o dito Historiador refere, o que diz, passou nesta materia, he o seguinte. No livro decimo segundo tem; que depois de partido o P. M. Simaõ pera Valença, o P. Miguel de Torres puzera todo o cuidado em aquietar as cousas; muitos, que naõ sofriaõ ser emendados, ou se foraõ da Companhia, ou foraõ lançados fora della. Treze dos mais moços do Collegio de Coimbra foraõ mandados com hum Mestre dos Noviços pera a Residencia de Saõ Fins, dos quais hum, ou dous somente perseverou na Companhia.

3 O P. Miguel Gomes, que era nesta provincia companheiro do P. M. Simaõ, & o acompanhara na de Valença, naõ pode sofrer por muito tempo a auzencia da patria, & lhe parecia ser de hum certo modo desterrado; por tanto tomando por pretexto os seus achaques se tornou a Portugal. Este em tendo occasiaõ, pera que fosse restituido a esta Provincia o P. M. Simaõ Rodrigues, se diz, que diante del-Rey, & dos grandes do Reyno dissera muitas cousas falsas contra Sancto Ignacio. Culpou-o, que por ambiçaõ cazara sua sobrinha com Dom Joaõ de Borja, do qual

qual Miguel Gomes affirmava ter ja feito os votos na Companhia.

4 Que tirava dinheiros desta Provincia de Portugal pera acodir a outras da Companhia, & porque o P. M. Simaõ nisto se lhe oppuzera, o tinha tirado de Provincial. Que tinha despojado esta Provincia de homens doutos, & naturais della, & que a tinha cheyo de rudes, & estrangeiros, os quais se fizessem letrados à custa da Provincia, reclamando sempre a isto o P. M. Simaõ. Com estas mentiras assim alienou os animos do Rey, & grandes, de Sancto Ignacio, & os mudou, que a mesma Companhia imaginou ser acabada em Portugal.

5 Porem naõ faltaraõ Padres, que tiraraõ a el-Rey este engano. Foraõ estes o P. Francisco Henriques, & o P. Luis Gonçalves da Camara. Logo aponta o Historiador as rezoens, & verdades, com que desfizeraõ as accusassoẽs do P. Miguel Gomes, & se restituio a Sancto Ignacio o bom nome, que este mao filho queria escurecer; nem ha porque eu aqui gaste papel em as tresladar, no dito Autor se podem ver. So quis de caminho referir isto, porque se veja que alguns homens turbulentos foraõ, os que com suas desordens fizeraõ, que fosse mordida a innocencia do P. M. Simaõ, cuidando alguns zelozos, & fervorosos, que elle intervinha nestas perturbaçoens.

Orland. lib. 12. n. 60.

6 No livro decimo quarto diz, em como no anno de mil quinhentos sincoenta, & quatro fora a Roma o P. Luis Gonçalves da Camara, pera informar a Sancto Ignacio do estado da Provincia. Que o P. M. Simaõ chamado do mesmo Sancto chegara tambem a Roma, & que se queixara de ter sido calumniado. Pareceo a Sancto Ignacio, pera de huma ves cortar todas as causas de perturbaçaõ pera o diante, naõ desprezar as cousas passadas, determinou certos Padres Professos por Juizes, os quais naõ ao modo forense, mas religioso tirassem sua devaça dos Autores desta perturbaçaõ, deixando o Sancto pera si sô o direito de castigar.

Lib. 14. an. 4.

7 Aprovou o P. M. Simaõ os ditos Juizes, fizeraõ elles no cazo exacta diligencia, & depois de encomendar isto a Deos, affirmaraõ com juramento, que parecia, que o P. M. Simaõ era a causa das perturbaçoens passadas. Ouvio o P. esta sentença com grande modestia, & com a

mesma se lançou aos pes de Sancto Ignacio, dizendo, estar aparelhado pera tudo, o que delle se fizesse. Alegrouse muito o Sancto Padre com tal modestia, & summissaõ. Nenhuma outra cousa determinou contra elle, senaõ, que por se tirar alguma causa a qualquer nova perturbaçaõ, naõ voltasse o P. a Portugal. Contentouse, com que o P. M. Simaõ conhecesse o seu defeito, & de ter com aquelle modo de juizo dado satisfaçaõ a todos aquelles, a quem a dissimulaçaõ poderia ser danosa.

8 Porem (continua a mesma Historia) o inimigo do genero humano naõ podia sofrer, que hum taõ fermoso exemplo de obediencia,& humildade passasse aos vindouros sem algum desar. Pareceo entre Sonhos ao P.M.Simaõ, & elle claramente o dizia, que sobia por hum outeiro ingreme; & como na sobida costa assima,& aspera lhe faltassem as forças, vira, que se chegara a elle o P. Ignacio, o qual o tomara aos hombros, & o levava com grande trabalho. Assás fez crivel este sonho a paciencia, & caridade de Sancto Ignacio bem exercitada pello P. M. Simaõ.

9 De pois daquella sentença imaginando, quanto perdia seu bom nome, senaõ voltasse a Portugal, fez todas as diligencias, pera alcançar hum Breve do Papa, pello qual ficasse izento da obediencia do Geral da Companhia, & se pudesse recolher a viver sô asi em algum retiro de Portugal.

10 Atte aqui o modo com que este Historiador refere o successo. Logo passando de Historiador a pregador comessa a fazer grandes, & por ventura escusadas ponderaçoens sobre o cazo, que eu tenho por taõ escusado referir, como era escusado o fazelas; se elle do Breve tivesse as legitimas noticias, livrarsehia desta sua pregaçaõ, & se desfaria nos elogios, que merecia hum acto taõ heroico, como fez o P.M.Simaõ em rasgar o Breve, sem delle querer usar.

11 De pois de fazer a sua pregaçaõ, conta, em como Sancto Ignacio vigiou sobre seu amado companheiro, tomou todas as vias, & quebrara as lanças de Satanás com as oraçoens, & sacrificios assim seus, como dos outros. Que chamara do campo Piceno ao P. Bobadilha, & de Napoles ao P. Salmeiraõ, & com elles dispos a cousa nesta forma: que o P. M. Simaõ fosse a Jerusalem, como no principio dezejara, & alli começasse a fundar hum Collegio da Com-

Cõpanhia, peraque avia licẽça. Deulhe cõpanheiro, & dinheiro pera a viagem, porem chegando o P. M. Simaõ a Veneza, como lhe ſobrevieſſe huã doença, naõ pode cõtinuar a jornada. Aqui acaba o Hoſtoriador com a narraçaõ pertencente às couſas do P. M. Simaõ Rodrigues.

12 Bem conſideradas eſtas couſas ſe deixa ver a innocencia do P. M. Simaõ. Quanto à ſentença, que contra elle ſe deu, sò dizia, que parecia ter culpa. Se crer he, q̃ ſe entendeſſe Sancto Ignacio, avia nelle culpa, o naõ faria Provincial de Aragaõ. Devéo Sancto Ignacio conhecer no ſilencio do P. M. Simaõ em naõ acodir por ſi, aſſim a modeſtia, & humildade do Padre, como a innocencia da cauſa; & por ventura eſſe foi o motivo de o naõ penitenciar. Pois o Sancto Padre o naõ deixou ficar por penitencia fora de Portugal, mas sò o fez, por ſenaõ perturbarẽ outra vez os fracos, & de pouco eſpirito. E naquelles tẽpos eraõ as provincias da Companhia, como patria de todos, por iſſo dos ſogeitos de hũas eraõ mui facilmente mãdados pera as outras; ſem aver niſſo reparo.

Lib. 14. n. 5. Cumque delecti judices cognoſcẽdis rebus accuratam, ut imperatũ erat, dediſſent operam, conſultoq̃ precibus Deo, jurati cẽſuiſſent, ſuperiorũ motuum culpã reſidere penes Simonem videri &c.

13 Se o P. M. Simaõ a cazo depois do parecer de Sãcto Ignacio, intentou voltar a Portugal, fallando humanamente merece ſua deſculpa; porque ſendo tal peſſoa, Meſtre, & Confeſſor do Principe, & homem em Portugal de grande opiniaõ, claro he, que ſeu bom nome ſe expunha a padecer algum deſdouro. Se elle tal pertendeo, naõ foi por meyo de Breves, pois o Breve paſſou na forma dita, ſeria propondo como a regra o conſente. Porem aſſáz moſtrou ſua muita virtude, em ſe acõmodar finalmente ao querer de Sancto Ignacio, & cortar pello que diriaõ as gentes. O certo he, que o Hiſtoriador, que taõ meudo foi neſtes, que eſcreveo por defeitos ſeus, bem pudera advertir, que o P. M. Simaõ ſendo taõ bem viſto dos Principes, & peſſoas, q̃ na Corte de Portugal podiaõ muito, nũca tratou de ſe valer dos ſeus patrocinios em ordem aos ſeus cõmodos. Sendo aſſim, que entaõ naõ avia as prohibiçoẽs, que hoje temos.

14 Eſta revolta foi naquelles tempos mui debatida, & ouve temores, de que a Companhia em Portugal, onde mais avultava, ſe queria governar ſobre ſi ſem algũa dependencia do governo de Roma: por iſſo Sancto Ignacio poz tanta vigilancia, & cuidado em atalhar qualquer prin-

cipio, donde pudesse brotar esta hydra, a qual naõ podia ter alento sem ruina da Companhia, cujo fundamento he a uniaõ em hũa sò cabeça. Por tanto a culpa destas perturbaçoens foi dos distrahidos; & o zelo de alguns Padres graves imaginou, que nacia do superior o desmancho dos subditos, como muitas vezes experimentamos nas cõmunidades, serem sem culpa sua mordidos os Prelados por causa da culpa, que he toda dos subditos.

15 He sem duvida, que a Companhia toda està em grandissimas obrigaçoens ao P. M. Simaõ; nem sei, que naquelles principios devessem os seus adiantamentos tanto a outro algum Companheiro de Sancto Ignacio; mas tãbem he certo, que as suas cousas devem bem pouco a alguns historiadores da Companhia, porem pode o P. M. Simaõ consolarse com outro dos principais companheiros de Sancto Ignacio, & de quem o Sancto disse, que era dos homens, a quem mais devia a Companhia, de quẽ a Historia Geral deixou em memoria alguma cousa bẽ escusada, & de que todos nos indignamos, quando a lemos. Nem tudo o que anda pellos cartorios he pera as Historias publicas, principalmente quando nenhuma utilidade resulta da tal noticia, & sô serve unicamente de desar ao sogeito, de quem se dâ. Dos defeitos naturais ninguem tem culpa, os morais podem ter muitas desculpas, & nos homens de virtudes excellentes de ordinario as tem, & he rezaõ, que quem delles escreve, assim como diz, o que se reprezenta ser defeito, aponte as rezoens, se as hâ, que desculpam aquelle, que parece desacerto.

16 Sahio a dita Historia a primeira ves a lus no anno de mil seis centos, & quinze, em que eraõ vivos muitos Padres graves, & Sanctos desta Provincia, que tinhaõ vivido, & tratado com o P. M. Simaõ, & olhavaõ pera elle, como pera homem do Ceo; & sentiraõ muito, como era rezaõ, que se imprimissem de tal homem semelhantes cousas, quais esta Historia refere: & se fez papel, que tenho na minha maõ, em que se mostra, deviaõ ser tiradas as tais cousas da Historia, porque naõ perdesse o seu credito, pois assim como era pouco segura, no que dizia do P. M. Simaõ, de quem se sabia o contrario, dava occasiaõ, a se cuidar, teria pouca firmeza em outras cousas.

17 Quanto aos intentos taõ imperfeitos de alcançar o Bre-

o Breve, fica dito, o que em verdade paſſou; & ſe a cazo tiveſſe acontecido, como a Hiſtoria o conta, couſa bem eſcuſada, & ſem fruto era, eſcrevelo, & aſſoalhar imperfeiçoens de hum dos primeiros pays da Companhia, que como filhos honrados deviamos encobrir, & lançar ſobre ellas alguma capa, como fizeraõ os Sanctos filhos de Noé.

18 Quanto á froxidaõ, que taxa no P. M. Simaõ Rodrigues, ſe o Hiſtoriador pezara de vagar os exemplos, que deu de ſua inteireza, tal nota lhe naõ paſſaria por penſamento. Huma ves mandou deſpedir a certos Irmãos, por ſenaõ acõmodarem a andar com as carretas, que ſerviaõ nas obras, que começavaõ no Collegio de Coimbra, & dizerem, que dentro de caza fariaõ todo o ſerviço, mas naõ por fora, por ſer couſa de grande afronta ſua.

19 Em outra occaſiaõ mandou deſpedir tres Irmãos, por mandarem cartas fora com grandes cautellas, & reſguardos dos ſuperiores, dizendo o P. neſta ſua carta: que aſſim ſe haõ de caſtigar com pena taõ grave os defeitos, que impedem o bem publico, & daõ occaſiaõ, a ſe fazerẽ das leis, corruptelas, & que a Companhia naõ tem neceſſidade de homens, que ſe recataõ dos ſuperiores. Ao P. Luis Gonçalves da Camara, tirou de Reytor do Collegio de Coimbra, & mandou ſervir na cozinha, peraque deſſe taõ bom exemplo de humildade, como o dera de bom ſuperior. Jâ a quelle valor inexplicavel, & ſancta fortaleza, com que reſiſtio a el-Rey Dom Joaõ, quando procurou, que ſahiſſe da Companhia Dom Theotonio, quem negarâ, que denotou hum animo mais que de homem?

20 O zelo de ſe conſervar puro, & inteiro o verdadeiro eſpirito, que Deos communicou a Sancto Ignacio, era tal, que em huma das ſuas cartas diz: *Que naõ importava á Companhia ſer numeroſa em ſogeitos, mas que lhe baſtavaõ quatro, & ainda hum ſó, que tiveſſe em ſeu vigor o tal eſpirito, & quando Deos permitiſſe, faltarem todos, que lhe dava Deos animo, pera de novo plantar a Companhia em Roma, & em Heſpanha.* Todas eſtas ſaõ palavras do P. M. Simaõ. Se eſtas couſas ſaõ ſer remiſſo, & froxo em fazer obſervar a diſciplina Religioſa, naõ ſei, quem neſta materia ſeja forte, & conſtante.

21 O certo he, que a forma, em que a dita Hiſtoria fal-

falla em algumas partes da veneraval pessoa do P. M. Simaõ, naõ somente sera sempre aborrecida a todas as nossas Provincias da Coroa de Portugal, das quais se pode o P.M. Simaõ chamar fundador, mas tambem ás de Hespanha, nas quais elle teve tanta parte, que o P. Araoz, diz em huma carta sua de 25. de Abril de 1549, *Que nosso Senhor tinha tomado o P. M. Simaõ por ministro pera Hespanha.*

22 E porque estas palavras naõ pareçaõ sô de cumprimento, cousa certa he, que fez com el-Rey, que pera a Companhia entrar em Castella, pedisse a Sancto Ignacio, mandasse o P. Fabro, pera ir a companhando a Princeza à Castella, quando foi cazar com o Principe Dom Philippe. Com este pretexto veyo a este Reyno o P. Fabro, & deste Reyno se partio pera Valhadolid, onde estava a Corte, alli deu grandes exemplos, dando com isso principio as fundaçoens de Valhadolid.

23 Pera a fundaçaõ do Collegio de Gandia mandou o mesmo P. M. Simaõ ao P. Andre de Oviedo com outros do Collegio de Coimbra; donde tambem mandou outros, & o P. Villanova, pera se fundar Collegio em Alcalâ. Depois ao P. Miraõ com outros a fundar o Collegio de Valença, & o mesmo P.M. Simaõ foi mandado pôr em ordẽ a Provincia de Aragaõ. Tambem mandou ao P. Pedro Domenec fundador das cazas dos Meninos orfaõs neste Reyno, pera ajudar a promover o Collegio de Barcellona em Catalunha.

24 Quanto a outras Provincias, a que el-Rey Dom Joaõ o terceiro fez grandes merces. & acodio com seu patrocinio em cazos apertados, tudo era meneado pello P. M. Simaõ. Os exemplos de sua pessoa, quam raros fossem, se deixa bem ver, do que nesta vida escrevo. Os Padres Diogo Laynes, & Affonso Salmeiraõ companheiros tambem de nosso Sancto Padre Ignacio, escrevendo de Trento ao P.M. Simaõ no anno de 1545, lhe daõ as graças *Pello bom odor das virtudes, que dava em Portugal*; Aonde rejeitara ser Bispo de Coimbra, & foi o primeiro da Companhia, que deu de maõ a dignidades.

25 Pera que se veja mais sua rara virtude, & a justa rezaõ do nosso sentimento, he de saber, que Deos lhe tinha revelado estas cousas da sua mudança pera Reynos estranhos. Quero aqui lançar com suas palavras, o que testemunhou

munhou Dinis Pinto, de quem ao diante contaremos, como nelle ſe cumprio huma profecia do P. M. Simaõ. Era eſte homem ainda da Companhia, de pois foi Juis dos Orfaons da Villa do Conde, era achacado, eſtudava na Reſidencia de ſaõ Fins.

26 *Mudandoſe* (dis elle no ſeu teſtemunho) *da quelle moſteiro pera Coimbra o P. M. Simaõ, me trouxe conſigo, & paſſando por eſta Villa, recolhido ja noite, pera repouzar em hum apozento das cazas de minha may, como vendo em eſpirito tudo, o que depois ſuccedeo, me diſſe: Irmaõ Dinis, voſſa diſpoſiçaõ naõ he pera a Companhia, ſois muito enfermo, & naõ aveis de ſer curado daqui por diante com os mimos, & remedios de atte aqui, porque na Companhia ha de aver huma grande mudança, & eu hei de ir a Roma, & la por eſſas partes hei de eſtar de vagar, vos cazareis neſta villa, & nella fareis humas cazas, & eu virei ter com voſco a ellas.* Atte aqui as palavras de Dinis Pinto, abaixo veremos, como ſe cumprio à riſca tudo, o que antes de ſucceder, diſſe a eſte homem.

27 Veſſe como Deos tinha revelado a ſeu ſervo toda a mudança, de que aſſima fallei, & ſendo tal ſua virtude, que merecia eſtes, & outros favores do Ceo, fica mais clara ſua innocencia. A carta de Dinis Pinto, em que refere o ſobredito, ſe conſerva no cartorio de Coimbra, & a tenho diante de mim, quando iſto eſcrevo.

28 Tambem naõ poſſo deixar de advertir, que os documentos principais pera àquella Hiſtoria, como ſe diz no prologo, & o tem Saquino na quarta parte livro quarto, numero vinte, & dous, foraõ de certo Padre, a quem na quarta congregaçaõ Geral da Companhia, os Padres Portuguezes deſviaraõ de ſer eleito Geral da Companhia, por certo achaque, que alli delle refere a Hiſtoria. E pode ſucceder, que quem tem rezoens pera eſtar menos affeiçoado a huma naçaõ, ſe della eſcreve, naõ ſeja taõ apurado no exame das couſas, como o fora, ſenaõ concurreſſem motivos de ſentimento. Os valimentos do P. M. Simaõ com el-Rey fizeraõ emulaçaõ, & della ſe ſeguio eſcreverenſe a Roma muitas couſas pouco certas, & eſtas cartas, que deviaõ ſer mais apalpadas deraõ occaſiaõ a muitas deſatençoens deſta Hiſtoria a cerca do P. M. Simaõ. Iſto baſte neſta materia, que julguei ſer precizo, por

aco-

acodir, como bom filho pello credito de hũ pay, a quem tã-tas, & taõ florentes Provincias da Companhia, & a mesma Companhia toda està taõ obrigada, pello muito, que a procurou plantar, & adiantar.

Orland. 14.n.52. Synops. 1. sec. pag. 53. Sacchin. 3. part. lib. 1. n. 31.

29 Naõ nos consta o tempo, que o P. M. Simaõ Rodrigues se deteve na Provincia de Aragaõ, he certo que naõ foi muito, como tẽ Orlandino. Em Italia se deteve esta ultima ves atte o anno de mil quinhentos sessenta, & quatro, no qual se retirou a viver em Hespanha. O P. Saquino na segunda parte da historia geral, livro quarto, numero cento setenta, & hũ tem, ꝗ o primeiro Provincial de Aragaõ, fora o Padre Francisco Estrada, o segundo o P. Baptista Barma, o terceiro o P. Antonio Cordezes, donde se ve, que o P. Mestre Simaõ naõ chegou a exercitar o cargo, ou foi taõ pouco tempo, que se reputou como senaõ fosse. Orlandino livro decimo quarto, numero sincoenta, & dous, tem estas palavras: *Nam tametsi perexiguo tempore Simon Aragoniæ præfuerat, nec eam divisionem valde probarat Araozius, ad eumque Simonis discessu administratio universa redierat, noluerat tamen B. Pater duarum provinciarum nomen extingui.* Acho huma carta sua dada em Genova aos tres de Outubro de mil quinhentos sessenta, & dous, que he reposta a huma, em que se lhe escreveo o Martyrio do P. Gonçalo da Silveira; da qual aqui quero apontar algũa parte, por significar bem as invejas sanctas, que lhe teve.

30 *Assim*, diz o Padre, *dezejo que todos sejamos aparelhados a fazernos empedaços por nosso* Deos, *& que naõ sejamos homens de manteiga: ora bem, Deos nos ajude, todos nos havemos de achar diante de Deos,* Unusquisque referet, quæ gessit, sive bona, sive mala. *Quem for carregado de palha, acharsehâ sem graõ, & quem for de manteiga, derretersehà no fogo. Em fim a virtude ha de ser dura como huma penha, & naõ se ha de deixar romper com picons de vento, & de vaidade, & de sensaborias, & parvoices, & imaginaçoens.*

31 *Quando li as novas da morte deste homem Apostolico, se em mim fora poder ir, & acharme ao seu sacrificio, sem duvida creyo, que de boa vontade me embarcara sobre huma cortiça; & senaõ pera ser participante de huma morte semelhante á sua, pois conheço, que naõ sou digno della, ao menos, pera me fartar de chorar, & pera ser como hum Eliseu, & me ficar com a capa de Elias nas mãos.*

32 *Mas*

32 *Mas eu achome com as mãos cheas de nada, velho, podre, misero, & miseravel. Ora vede, que consolaçaõ posso ter, os Filhos gozaõ da patria, & Cidade celestial,* Et pater manet exul, & peregrinus in regione tenebrosa, & in umbra mortis. Citius cucurrit, quia fortior me erat, fortior me erat, quia citius pervenit ad palmam. *Eu todavia, ainda que naõ seja tal, irmeei com hum bordaõ pouco a pouco peregrinando, atte que chegue a Santiago, & pois palavras naõ bastaõ pera chegar a Santiago, deixalasei, & pedirei a Deos hum bordaõ de fê, esperança, & paciencia, que bem cumpre, que a tenha, pois me vejo taõ longe da virtude de Dom Gonçalo.*

33 Atte aqui parte da sua carta: do que nestes annos fez em Italia, nada acho escrito, sô que se achou na eleiçaõ do P. Diogo Laynes em Geral da Companhia, em que avendo certa revolta, que refere a Historia geral, o P. M. Simaõ se desviou della. Tambem acho, que navegando em huma galè pella costa de Italia, juravaõ muito os marinheiros, o Padre lhes pedio, que naõ jurassem, a isto responderaõ, que tambem os Clerigos o faziaõ. Entaõ lhes fez este partido, que por cada juramento pagasse cada hum delles hum vintem pera certa obra pia, & que elle pagaria hum cruzado. Aceitaraõ com festa o partido, & o Padre recolheo huma boa esmola pera a obra pia, porque em quanto naõ puzeraõ boa cautela sobresi, sem querer, cahiaõ no que estavaõ habituados; porem quis o Senhor, que a traça tivesse bom effeito no cuidado, que puzeraõ, em se emendar; & era muito pera ver, como em todo este tempo espreitaraõ ao Padre, por ver se o colhiaõ em algum juramento, pera pagar o cruzado.

34 Tomando a galê porto em huma fortaleza, o Padre saltando em terra, se retirou como pobre mendigo a alimpar o vestido dos animalejos, que cria o corpo humano. Estando nesta funçaõ, deu sinal a fortaleza, a se recolher a ella toda a gente, por se virem chegando as galês dos Turcos. Viosse o P. em grande aperto, quando chegou, jâ estava fechada, & as chaves na maõ do Capitaõ. Valeolhe o sotocapitaõ, que era Portugues, ao qual contando os passageiros, em como o Padre era da mesma naçaõ, negociou hum cesto, que lançou pendente de huma corda, & por huma janela da torre o meteo dentro nella.

Assim o livrou Deos de ser cativo dos Turcos.

35 No anno de mil quinhentos sessenta, & quatro passou a Hespanha, naõ sei se nesta viagem, se na outra, que jâ de Roma tinha feito a Portugal, passando pellos montes Alpes em tempo, que tudo estava cuberto de neve, perdeo o caminho; quando estava nesta afliçaõ apareceo alli hum menino, que o guiou, & foi tido por Anjo do Ceo, porque depois de o por no caminho, de repente desapareceo.

CAPITULO XXV.

Como o P. M. Simaõ se retirou às Provincias de Castella, de como alli passou muitos annos. Volta a Portugal, duas cousas, que no caminho lhe aconteceraõ. Escusase de ser confessor del-Rey.

1 VEndo pois que naõ podia fazer a viagem a Jerusalem, ficou alguns annos em Italia, depois se recolheo a Hespanha. Viveo muitos annos no Collegio de Murcia, fundado por Dom Estevaõ de Almeida Portugues de naçaõ, Bispo de Carthagena, & em outros das Provincias de Castella, sendo a todos hum vivo exemplo de Sanctidade. Cometeolhe o P. Geral seus poderes, pera em todos os negocios de importancia se fazer, o que elle, & o P. Antonio Araoz determinassem. Porem o Padre se ouve sempre com tal retiro, & encolhimento, que sô usou deste poder em alguns cazos particulares, que lhe encomendou por rezoens especiais.

2 Hum se acha escrito, & foi, o litigio dos Reytores de dous Collegios, dizendo cada hum, que certa peça pertencia ao seu Collegio. Era de importancia, & por isso maior a fadiga dos litigantes. Este negocio por vezes se remeteo a nosso R. P. Geral, & sempre ouve replicas. Entaõ foi encomendado ao P. M. Simaõ a ultima decisaõ.

3 Depois de visitar ambos os Collegios, ouvir as rezoens dos Reytores, vendo a dificuldade, que havia em os aquietar, levou a cousa por traça. Mudou os Reytores cada hum pera o Collegio do outro; & os mandou de novo arrezoar: porem elles com a mudança de governos, mu-

daraõ

daraõ de opiniaõ, & ja cada hum acodia pello Collegio, onde era Reytor, fazendo escudo das rezoens, que antes tinha por nenhumas. Entaõ o Padre os convenceo de pouco constantes nos seus pareceres, & depois deu a sentença pella parte, que julgou ter mais firmes, & solidas rezoens.

4 Nesta quietaçaõ de vida particular esteve o P. M. Simaõ muitos annos, como se tal homem naõ ouvesse neste mundo. Finalmente avendo congregaçaõ geral no anno de 1573, em que foi eleito o P. Everardo Mercuriano, se fizeraõ instancias da Provincia, nos restituisse ao P. M. Simaõ. Ordenou o Padre Everardo, que todos os da Companhia, que estavaõ em Provincias diversas das suas, se recolhessem a ellas; porque nos primeiros tempos da Companhia, como naõ avia gente feita em todas as Provincias, foi costume, mandar os homens feitos de huns Reynos a outros, pera ir acodindo a tudo. Destes em especial eraõ muitos os de Hespenha, que por força desta disposiçaõ se recolheraõ às Provincias, a que pertenciaõ; pois avendo ja homens feitos naturais de cada Reyno, eraõ escuzados estrangeiros.

5 Por esta rezaõ tambem veyo o P. M. Simaõ pera Portugal no anno de mil quinhentos setenta, & tres. Estava entaõ em JESUS del monte de Alcalâ, onde despedindose dos nossos ouve grandes saudades, porque o amavaõ muito. Fizeraõ muitas coplas, & versos, em que declaravaõ o seu sentimento. Chegando a Portugal lhe aconteceraõ duas cousas notaveis. A primeira na villa do Conde na Provincia de Entre Douro, & Minho, chegou alli por lhe ficar no caminho: perguntou por Diniz Pinto Juis dos Orfaons, & o foi buscar a sua caza, ficou Diniz Pinto como assombrado com a vista do P. M. Simaõ, aquem passava de vinte annos, que naõ vira. A causa deste seu assombramento foi a seguinte. Sendo Dinis Pinto estudante Theologo da Companhia em Coimbra lhe profetizara tres cousas o P. M. Simaõ. A primeira, que ainda que era Theologo, naõ avia de tomar estado Ecclesiastico, & assim foi, porque se cazou, depois que por suas infermidades, naõ podendo servir de nada na Companhia, esta o alliviou dos votos, & elle foi viver em ares naturais. A segũda, que na villa do Conde avia de edificar humas cazas novas, pera nellas morar. A terceira, que elle M. Simaõ

depois de muitos annos o avia de vizitar nas mesmas casas; isto lhe disse o P. levandoo por companheiro, quando veio de saõ Fins como fica dito.

6 As duas primeiras se cumpriraõ, & vivia o homẽ mui consolado, entendendo serem as suas cousas agradaveis a Deos, pois assim antemaõ lhas tinha significado. Sobrevieraõ-lhe depois alguns desgostos;& sabendo que o P. M. Simaõ estava de assento em Reynos estranhos, teve o succedido por ditos casuais. Quando hum dia estando despachando hum feito sobre a meza, porque era Juiz dos Orfaons, ve entrar pella porta ao P. M. Simaõ, fica todo sobresaltado, occorrelhe o cumprimento da profecia, lançase aos pes do Padre, abraçao com gosto inexplicavel. Depois contava Diniz Pinto muitas vezes o succedido como cousa admiravel.

7 O segundo acontecimento foi, que à instancia de Dom Jorge de Ataide Bispo de Viseu grande devoto do P. M. Simaõ, foi a velo na sua cidade de Viseu. Neste caminho, que fez com dous companheiros mais, passou junto a Vouzella patria sua, onde vivia ainda huma sua Irmãa, & tinha muitos parentes, que eraõ dos principais da terra. Persuadiraõ-no seus companheiros, que os fosse consolar, pois avia tantos annos estava fora de Portugal: porem o Padre, naõ sô o naõ quis fazer, mas nem ainda mandarlhe recado algum, avendose com elles, como se os naõ tivera. Exemplo mui semelhante ao que nesta materia nos deyxou S. Francisco Xavier, quando indo pera à India passou por Navarra, sem querer ir ver sua may, por mais que lho pedio o Embaixador.

8 Entrou finalmente no Collegio de Coimbra aos 24 de Setembro de 1573, onde foi recebido, como taõ Sancto, & bom pay merecia. Em toda a Provincia ouve gosto inexplicavel, renovouse o antigo amor, que lhe tinhaõ os Senhores grandes. O mesmo Rey Dom Sebastiaõ, que jâ reynava, lhe mandou dar as boas vindas, & o quis tomar por seu confessor em lugar do P. Luis Gonçalves, que estava mui doente. Mãdoulhe pera isto fallar por Dom Jorge de Almeyda Arcebispo de Lisboa: mas o Padre se escusou allegando sua idade, & indisposiçoẽs: & muito mais o fazia, pello que elle sentia do paço, & costumava dizer: *Que o paço encantava, & que quando se queria deixar, naõ era possivel, fazelo.* C A-

CAPITULO XXVI.

Das virtudes do P. M. Simaõ.

1 FOi o P. M. Simaõ Rodrigues homem de ſingular devaçaõ em eſpecial, quando rezava o Officio Divino. Hum Padre, que com elle rezou muito tempo, notou que quando no hymno do Advento: *Verbum ſupernũ prodiens*, Chegava à quelle paſſo, que nos hymnos novos ſe emendou: *Judexque cum poſt aderis, rimari ſacta pectoris* &c. Se desfazia em lagrimas. Jâ aſſima contei, o que lhe a contecera junto a fonte de Sancta Maria Magdalena na Reſidencia de ſaõ Fins enlevandoſe todo na belleza da Senhora, rezando no Officio Divino as palavras: *Aſtitit Regina a dextris tuis in veſtitu deaurato.* Quando eſte meſmo Padre, que com elle rezava diſſe Miſſa nova, o P. M. Simaõ lhe diſſe eſtas unicas palavras: *Lembreſe Padre da conta, que ha de dar a Deos de taõ alto eſtado.* Iſto que encomendava, conſiderava elle muitas vezes; & eſta conſideraçaõ, o fazia chorar.

2 Vendo hum Irmaõ em Coimbra mui afligido com dores de eſtamago, o levou ao ſeu cubiculo, & fazendoo encoſtar ſobre a ſua cama, elle com ſuas mãos fez hum empraſto de certo unguento, & deſcobrindo o peito do achacado, fazendo o ſinal da Cruz lhe pôs o empraſto, & logo ſe lhe foraõ as dores.

3 No refeitorio, ainda quando vinha de longe, naõ conſentia lhe fizeſſem particularidades, nem puzeſſem ave, querendo, & conſentindo ſomente o comer ordinario, de que uſava a communidade. Se lhe punhaõ diante algum mimo, que pudeſſe ſervir aos doentes, o mandava tirar, & que lho deſſem.

4 Tendo algumas occaſioens de diſgoſtos graves com algumas peſſoas, que lhos cauſavaõ, diſſe a hum Padre: *Confeſſo vos, que nunca tive reſabio algum, ou amaritud em minha alma contra alguem.* O effeito moſtrava ſer aſſim, porque de tal modo ſervia, a os que o tinhaõ agravado, q̃ parecia ter delles recebido ſingulares obſequios.

5 Partindo de hum Collegio pera outro, quando jâ eſta-

estava na portaria, lhe lembrou, que por esquecimento se naõ despidira de certo Padre, o qual em outro tempo cuidando, zelava o bem da Religiaõ, tinha encontrado as cousas do P. Simaõ Rodrigues; logo tornou a sobir as escadas, & o foi buscar, & se despedio delle. A outro, que tivera semelhante zelo, estando enfermo, assistia o P. M. Simaõ com tais mostras de caridade, que bem mostrava, que o amava singularmente em o Senhor, & que seu animo estava mui longe de ter lembranças do passado.

6 Trabalhava de ter oraçaõ, & fazer suas devaçoens taõ encubertamente, que ninguem o pudesse sentir, nem ver. Por vezes foi nellas achado com huma postura, que parecia, estar mais no Ceo, que na terra. Sempre celebrava, ainda quando estava enfermo, se se podia ter em pe. Costumava dizer, que ja, que Nosso Senhor lhe tirara na enfermidade, o poder ter oraçaõ, lhe deixara a consolaçaõ da Missa, que era taõ grande, que ainda pera o corpo lhe fazia mais proveito, que o mantimento corporal.

7 Dizia quando fazia algumas praticas, que posto, que a Companhia era ordenada, pera tratar com o proximo em ordem a sua salvaçaõ, que com a gente de fora se avia de tratar com grande tento, & cautela, citando a este proposito o de Christo *Cavete ab hominibus*. Nas molestias, & perseguiçoens, que teve, nunca se vio, que sahisse daquella sua paz, ou mostrasse sinais exteriores de ter em seu animo alguma desenquietaçaõ. Notouse nelle, que naõ avia cousa, com que abafasse, porque a sua generosidade nadava sobre todos os contrastes. Em seus valimentos nũca tratou de adiantar parentes, avendose com elles, como se os naõ tivera. Nem huma sò palavra fallou por seu Irmaõ o doutor Sebastiaõ Rodrigues. As merces, que recebeo del-Rey Dom Sebastiaõ, todas foraõ no tempo, que o P. estava fora de Portugal. Quando entrou em Portugal, tem o P. Alvaro Lobo o fizera por terra, que passara por Fataunços meya legoa de Vouzella, sem visitar, may, & parentes. Nem ja mais a foi visitar, sendo que sua patria dista pouco mais de huma jornada do Collegio de Coimbra, onde vinha tantas vezes da Corte. Por tanto a nobre matrona o foi ver a Lisboa, onde as fidalgas lhe fizeraõ muitas honras tendoa por ditoza, por ser may de tal filho.

8 Quando se principiou o Collegio de Coimbra, fez,

que os fundamentos fossem muito maiores, que aquelles, sobre os quais depois se fundou, querendo fosse ainda maior, do que he, pera nelle se criarem muito mais sogeitos, com os quais a Companhia se augmentasse. Perguntandolhe, porque mandava fazer as paredes dos cubiculos taõ grossas? Respondeo: *Pera que os Irmãos possam dar gemidos, & suspiros ao Ceo, sem serem ouvidos.*

9 Tinha grande odio a escusas, dizendo, que homem, que se escusava, era impossivel emendarse, porque o amor proprio dava tal cor a falta, que tendoa por falta, lhe naõ parecia falta. Mandandolhe o P. Geral, que escrevesse a vida de S. Ignacio, elle o tomou tanto a peitos, que por muitas horas aturava a escrever: dizendolhe alguns Padres, porque se matava tanto? Respondia, que nas cousas da obediencia naõ se avia de ter mimo, especialmente na Companhia, cuja perfeiçaõ, toda consistia na obediencia. Supponho que esta vida era a Relaçaõ de que atras tanto fallei, que escreveo dos principios da Companhia, nem acho noticia, que escrevesse o P. M. Simaõ alguma outra vida de Sancto Ignacio.

10 Era taõ dado à oraçaõ, que todos os dias gastava nella duas, & tres horas. De noite sempre tinha a candea aceza, pera ver huma Cruz que diante de si tinha: dizia, que se acordando de noite, totalmente a naõ visse, morreria, pella grande consolaçaõ, que lhe vinha de pôr nella os olhos. Sò deixava de rezar o Officio Divino, quando o nimio rigor da enfermidade a isso naõ dava lugar algum.

11 Era taõ inimigo de si, que nenhum amor tinha a esta vida, a que outros andaõ taõ aferrados. Quando estava na doẽça ultima tinha grãdissimos dezejos de morrer, entre estes disse por graça a hum Irmaõ, que fosse buscar pera elle a morte; custasse, o que custasse, que a trouxesse. Nacia este dezejo de huã firme segurança, que tinha de se salvar, & desta lhe parecia estar taõ seguro, como o pertendente de alguma merce del-Rey, depois de ter na maõ a portaria. Dizendolhe hum Padre, que sua Reverencia naõ avia de morrer daquella doença, respondeo, que a morte naõ vinha dando brados, & que elle quando morresse, nenhum esgar avia de fazer, senaõ abrir a boca.

12 Cousa de quarto, & meyo antes da morte chamou ao Irmaõ, que o servia, & lhe disse, que morria. Respondeo

deo o Irmaõ, que visse sua Reverẽdissima naõ fosse imaginaçaõ; respondeo, que naõ. Dalli a meyo quarto tornou a dizer o mesmo, & o Irmaõ lhe deu a mesma reposta: passando outro meyo quarto repetio, que morria, & dizendolhe o credo, deu sua alma nas mãos de seu Criador, sem fazer mais que abrir a boca com muita paz, & socego, como dissera.

13 Com seus superiores se ouve sempre com grande humildade. No fim da Relaçaõ, que dos principios da Companhia mandou a Saõ Francisco de Borja entaõ Geral, conclue com estas palavras: *Digo, que minha intençaõ naõ foi escrever de ninguem em particular, senaõ em geral do progresso, & origem da companhia, & se nisto, ou em alguma outra cousa procedi indiscretamente, & com pouca consideraçaõ, vossa Paternidade cõ sua prudencia encubra minhas faltas, & as emende, & mande a penitencia, que ellas, & eu merecemos:* Et in omnibus exaltetur ille, a quo bona cuncta procedunt, & qui omnia operatur in omnibus.

14 Quando ultimamente veyo pera Portugal, trazẽdo todos os poderes do P. Geral, pera poder usar de superioridade nas casas, & Collegios, onde se achasse, ou quizesse estar, nunca por sua humildade, & modestia quis usar delles; nem descobrio estes seus poderes, senaõ a certo proposito fallando com hum Padre.

15 Entrando huma ves em o Collegio de Coimbra, quando era Provincial, depois de ter levado comer aos prezos em huma caldeira de cobre, que levara, & trazia as costas, o sahiraõ os Irmãos a receber na portaria lançãdo em terra suas capas, pera que passasse sobre ellas a imitaçaõ de Christo. Estranhoulhes o Padre este excesso, o qual nacia todo do respeito, que lhe tinhaõ. Na ultima doença, & poucos dias antes da morte declarou a hum Padre, o que passara a cerca da Crúz, que tinha no peito, de que abaixo se dirâ, porque achandose, quando o amortalhassem, naõ se cuidasse, que era cousa milagrosa. Por toda a vida, & em todas as occasioens procurou mostrar espirito de humildade. Nenhumas honras o entonaraõ, & de todas procurou fugir.

16 Por toda a vida se deu muito à penitentia de jejũs, disciplinas, & cilicios, com o que muito se attenuou. Todos os dias fazia alguma mortificaçaõ especial. Pergunta-
do

do huma ves, qual fora a maior mortificaçaõ, que tivera em ſua vida? Reſpondeo, que a primeira fora, naõ ir pera India, & a ſegunda andar no Paço ſendo Meſtre do Principe. Era naturalmente affavel. Daqui tomaraõ occaſiaõ alguns eſcriptores eſtrangeiros, pera eſcreverem delle com menos fundamento, que era remiſſo com os ſubditos.

17 O certo he, que elle ſabia temperar o rigor com a ſuavidade, uſando a ſeu tempo, do que pedia a occaſiaõ. Sendo neceſſario exercitava os ſubditos em couſas difficultozas. Por culpas muito leves dava pezadas penitencias, dizendo, que os Religioſos naõ aviaõ de eſtranhar as penitencias, pois naõ vieraõ à Religiaõ, pera levar vida folgada.

18 Facilmente ſe inclinava a deſpedir os inuteis da Companhia, dizendo, que o deſpedir tinha a virtude da ſangria,que tira o ſangue, mas dà ſaude.Dizia, que o Religioſo da Companhia avia de ſer de aço, pera aturar o trabalho. Explicavaſe acrecentando, que naõ ſerviaõ câ homens de manteiga, que com qualquer ar de tribulaçaõ ſe derretem; por iſſo queria, que os Irmãos ſerviſſem nos officios mais humildes atte de carreiro, & outros ſemelhantes.

19 Era taõ grande o reſpeito junto com hum amor filial, que todos lhe tinhaõ, que ainda os mais velhos eſtavaõ diante delle, como ſe foſſem meninos. De pouco tinha entrado hum ſacerdote, que fóra ſe tratava com brio, & aceyo no veſtir, mandandoo peregrinar veſtido com certo trage, que as memorias antigas chamaõ pelote, & por humildade o uſavam em ſuas peregrinaçoens os noſſos, o noviço moſtrou repugnancia. Chamouo o P. Meſtre Simaõ, diſſelhe ſô eſtas palavras: *Como aſſim Padre meu, & naõ vos lembrais de Chriſto deſpido por voſſo amor?* Ouvindo eſtas palavras aſſim ſe rendeo logo, que lançado aos pes do Padre lhe pedio perdaõ, & tomou o veſtido, a que tinha repugnancia.

20 Seu zelo do bem das almas foi notoriamente grãde. Sahia muitas vezes a pe a prègar, & enſinar a doutrina em huns, & outros lugares recolhendoſe em os hoſpitais, & vivendo de eſmolas. Teve neſta materia tanto eſpirito, & fervor, que o P. Saquino com muita rezaõ diz, que a elle principalmente ſe deve o conſervarſe neſte Reyno em

4.p.l.7. n.272.

em os da Companhia o nome de Apostolos, com que esta naçaõ nos autorizou sempre. Promoveo muito a frequẽcia da comunhaõ prégando no territorio Tarvisiano em Italia, em especial com hum caso, que elle bem averiguou, & pouco antes succedera no lugar Salzano. Indo hum Sacerdote sò com hum menino levar o Viatico a hum enfermo, passou por hum lugar, em que andava hũa manada de jumentos, os quais, como se tivessem conhecimento, se dividiraõ em duas fileiras, & puzeraõ de joelhos, ficou atonito o Sacerdote, & foi passando, os jumentos se levantaraõ, & em duas alas o foraõ seguindo athe a porta do ẽfermo, alli esperaraõ athe sair o Sacerdote, & lançandolhes a bençaõ tornaraõ ao seu prado. Com este prodigio despertou Deos a frieza dos fieis, & com a ponderaçaõ delle inflamou muito aos povos o P. M. Simaõ. Assim o refere Orlandino no livro segũdo da sua Historia. Todos os annos athe sua morte renovou em dia da Assumpsaõ da Senhora sua profissaõ solemne, em lembrança das renovaçoens, que com os mais Padres fizera em Pariz antes de se fũdar a Companhia. Finalmente elle foi no exercicio de todas as virtudes varaõ perfeitissimo, & de elevado espirito de oraçaõ, & mortificaçaõ.

CAPITULO XXVII.

De alguns favores, que Deos fez por meyo do P. M. Simaõ, & cousas, que predisse.

1 ALgumas cousas obrou Deos por meyo deste seu grande servo, com as quais manifestou, quanto lhe agradavaõ suas oraçoens. O Padre Vicente Rodrigues irmaõ do veneravel Padre Jorge Rijo era muito achacado, & sogeito a crueis dores de cabeça. Fizeraõselhe em Coimbra todos os remedios, sem delles resultar algum proveito. Ordenaraõ os Medicos, que o mandassẽ aos ares patrios. Era natural da Fonte da talha junto a Sacavem naõ longe de Lisboa, por serem os ares os mesmos, foi mandado pera a casa de Sancto Antaõ o velho de Lisboa.

2 Nem

2 Nem mudança de ares, nem repetiçaõ de Medicinas foraõ de algum proveito. Por tanto deraõ os Medicos a cura por desesperada, caminhando o enfermo a grande pressa pera a morte. Neste tempo chegou de Coimbra o P. M. Simaõ nosso provincial. Depois de visitar o Santissimo, foi logo, como tinha de costume, quando entrava de novo, visitar os enfermos. Entrou a ver o Padre Vicente, alegrouo, & abraçando-o lhe disse estas palavras: *Confiai, Irmaõ, que naõ aveis de morrer desta.* Foraõ as palavras de tanta efficacia, que logo ficou saõ, sem achaque, & sem dor, & se levantou. O caso foi tido, & havido por prodigioso, & como tal se escreveo a Roma. Orlandino o refere no livro oitavo da Historia Geral, numero oitenta. Alli mesmo conta o seguinte, que naõ he de menos admiraçaõ.

3 No anno de 1548. deu em Coimbra hum prioriz ao Padre Gonçalo da Silveyra. Ouve descuido em se descobrir a tempo, & foi tambem pouco nos Medicos o conhecimento da doença. Quando se lhe acodio, ja o mal se tinha apoderado em forma, que sendo chamado o Doutor Thomàs Rodrigues Lente de Prima de Medicina, advertio ao P. M. Simaõ, que mandasse aquella noite vigiar o enfermo, porque naõ podia chegar ao outro dia. Este desengano penetrou com dor a todos, por ser o Padre Gonçalo por todas as rezoens os olhos do Collegio. Ainda que a magoa custou a todos, mais atravessou o coraçaõ do P. M. Simaõ Rodrigues. A noite se lhe foi toda fazendo oraçaõ pello enfermo. Foraõ-no alentando com fomentaçoens, & substancias.

4 Chegou a menhãa, estando o P. M. Simaõ no cubiculo do enfermo lhe disse: *Irmaõ Gonçalo, tende bom animo, que eu vou dizer Missa por vossa saude.* Estando o Padre dizendo Missa de repēte se alvoraçou o enfermo ja deplorado. Disse em presença do Padre Reytor, & mais circunstantes: *Meu Senhor JESUS, eu estou saõ. o* P. *M. Simaõ me alcançou a vida.* Fez a novidade em todos grande abalo, comessaraõ a concorrer. Acabada a Missa chegou o P. M. Simaõ, disselhe o enfermo: *Eu estou saõ, sò me falta a licença de vossa Reverencia, pera me levantar.* Dissimulando o Padre, lhe naõ consentio, que se levantasse. Foi esta saude taõ inopinada, que temendo muitos naõ fosse

como a chama grande, que dà a candea, quando està pera espirar, mandaraõ chamar o sobredito Medico, o qual tomando o pulso, disse estava saõ, & que a saude fora sobrenatural. Cõ este desengano ficaraõ certificados, ser a saude effeito das oraçoens do P. M. Simaõ. Por succeder isto em dia de S. Sylvestre, usou o Padre Gonçalo por algum tempo do nome de Sylvestre em lugar do seu. Segundo se dizia, todos os annos ao diante no dia do Sancto acodia ao Padre Gonçalo alguma febre, como despertador do beneficio recebido naquelle dia.

5 Tambem foi maravilhoso o succedido com o Padre Ignacio de Azevedo no tempo, em que estudava Philosophia na Residencia de Saõ Fins. Ao estudo acrescentava excessiva mortificaçaõ, com a qual visivelmente se attenuou, & enfraqueceo por extremo. Indo o P. M. Simaõ a Saõ Fins, vendo ao Padre Azevedo taõ desfigurado, & debilitado, lhe disse: *Irmaõ, engordai, & tomai forças pera o divino serviço.* Foi cousa, que todos notaraõ por rara, que dentro de muito poucos dias tomou carnes, & cores; o que tudo se atribuio à virtude do P. M. Simaõ.

6 Estes successos foraõ em vida do Padre, os seguintes depois de sua morte. O Padre Vitto Liner da nossa Companhia de naçaõ Alemaõ vindo em peregrinaçaõ a Santiago de Galiza no anno de 1583. esteve na casa de S. Roque. Quando se ouve de partir, pedio hum bordaõ, porque havia de ir a pé. Por lhe fazerem favor, lhe deraõ hum, que fora do P. M. Simaõ, o qual por esta causa estimou com especialidade.

7 Chegando à Villa de Aveiro se hospedou em huma estalagem, onde estava enfermo hum menino ja desconfiado dos Medicos. Pediraõ ao Padre lhe rezasse o Evangelho. Pondo nelle o menino os olhos se alvoraçou. Cõ meneos, choro, maõsinhas, & acenos pedia o bordaõ, que o Padre tinha. Rogoulhe a may, que lho largasse. Assim o fez, dizendo, que fora de hum Padre de muita virtude. Abraçouse o menino com elle, & beijouo. Eis-que de repente o menino se acha saõ, & à vista dos prezentes se levantou dando saltos pella casa. Dalli por diante naõ quiz mais o Padre usar do bordaõ. Mette-o em huma bainha de pano, & o levava pendente do hombro. Nesta forma entrou no Collegio de Braga contando o succedido, & a causa de

ſa de eſtimar tanto o ſeu bordaõ, que levou conſigo pera Alemanha.

8 Entre os confeſſados do P.M. Simaõ foi hũ, o qual ſe eſqueceo da doutrina, & ſanctos aviſos do Padre em forma, que de nada vivia mais deſcuidado, que de ſua ſalvaçaõ. Sendo ja velho no ſeu deſcuido, & na idade, lhe appareceo entre ſonhos o P. M. Simaõ, & com palavras ſeveras lhe eſtranhou o letargo, em que vivia. Intimoulhe, ſe confeſſaſſe, pois havia trinta annos, o naõ fizera. Acordou aſſuſtado, & fez nelle o aviſo tal impreſſaõ, que emmendou o ſeu deſcuido.

9 Em muitas occaſioens ſe vio, como Deos lhe communicava couſas futuras, & occultas. Ja diſſe, como tivera revelaſſaõ da tormenta, com que Deos o provou, & como aconteceraõ as couſas, que muitos annos antes prediſſe a Diniz Pinto; todas moſtrou o effeito ſerem dittas cõ eſpirito ſuperior. Indo por Lisboa com ſeu companheiro ſe chegou ao ſaudar hum menino fidalgo da primeira nobreſa. Pondo nelle os olhos diſſe pera o companheiro: vedes eſte menino? entrarà na Companhia, nella ſerá hũ perturbador. Nem a idade, nem a indole tais couſas indicavaõ. Entrou na Companhia, nella viveo annos, ſem roim fama. Porẽ ſempre cauſou temor o ditto do P. M. Simaõ, o qual plenamente ſe cumprio quarenta annos depois, que o proferio. Fez tais obras, & perturbaçoens na Companhia, que ſó ſe aquietaraõ ſendo elle deſpedido. Fòra ſahio em tais exorbitancias, que foi preciſo taparlhe a bocca, & refrear ſua demaſia, por meyo de juſtiça, & por eſta via acodir pello bom nome da Companhia, que elle procurava infamar.

10 Poucos dias antes de morrer, entraraõ a lhe tomar a bençaõ tres Noviços, que hiaõ peregrinar, diſſelhes: *Ide, & vinde com Deos, que eu ja no Ceo vos hei de eſperar.* Eſpertando mais a voz repetio: *Adverti, no que vos digo: No Ceo, Irmaõs, vos hei de eſperar.* Quando já ſe apartavaõ, tornou a dizer as meſmas palavras, & acreſcentou: *Vede la, naõ me falteis.* Foi tal o modo, com que diſſe huma, & outra vez eſtas palavras, que os prezentes temeraõ algum infortunio. O caſo foi, que delles hum naõ perſeverou na Cõpanhia; & ſe entẽdeo, que à diſgraça deſte ſe dirigira o modo de fallar do Padre.

11 O

11 O Sancto varaõ Joseph de Anchieta tendo em seu noviciado rendidas as costas, encobria esta lesaõ, & andava muito desconsolado, imaginando podia por esta causa ser despedido. Penetrou o P. M. Simaõ com luz superior, o que passava em o Noviço, & pôdo nelle os olhos lhe disse estas palavras: *Filho Joseph, deixai esse cuidado, com que andais, porque Deos vos naõ quer com mais saude.* Com estas palavras socegou, entendendo, que Deos descobrira tudo a seu superior.

CAPITULO XXVIII.

Ultima enfermidade do P. M. Simaõ Rodrigues, exemplos, q̃ nella deu, & sua sancta morte.

1 NO Janeiro de 1576. ouve Congregaçaõ Provincial na casa de S. Roque. Nella se achou o P. M. Simaõ. Por estremo se alegrou vendo com seus olhos, que homens taõ sanctos, & doutos recebera na Companhia. Naõ foi menor o gosto de todos, pello terem diante de seus olhos. Os ultimos annos, que viveo em Portugal, depois que veyo de Castella, visitou todos os Collegios de espaço, consolando a todos com suas palavras, & exemplos.

2 Finalmente se recolheo na casa professa de S. Roque. Alli lhe sobreveyo huma febre lenta, que por espaço de hum anno o foi gastando, & consumindo, sem lhe deixar lugar a ter algum alivio. Andava ja muito attenuado com as penitencias, que nelle, como fica ditto, foraõ sempre continuas, & rigorosas. Com a febre assim se consumio, que naõ parecia ter mais, que ossos, & pelle. Neste tempo, quando o haviaõ de mudar de hũa pera outra parte, costumava dizer: *Mudai, pera onde quizerdes, esse costal de terra.*

3 Assim desfeito, & reduzido a huma ossada, viveo perto de tres mezes com espanto dos Medicos, que naõ entendiaõ, como podia viver. Sua paciencia era tal, que o explicala naõ cabe em palavras. Era pratica ordinaria dos Medicos, & enfermeiros, que nunca viraõ tal moderaçaõ

raçaõ de palavras, nem tal sofrimẽto entre ancias taõ agudas. Ardia em ferventissimos dezejos de ver a Deos, & à Virgem Senhora, de quem fora devotissimo, a Sancto Ignacio, & mais Padres, com quem fundara a Companhia. Repetia frequentemente o de David: *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est!* outras vezes dizia: *Grande bem he, Senhor meu, ter grande sede de vòs, & com ella beber, beber, beber, sem ja mais fartar.* Alguns mezes antes de fallecer, rogou a hum Padre seu amigo, que logo, que os Medicos tivessem qualquer desconfiança de sua vida, o avizasse, porque nisto lhe dava o maior gosto.

4 Dandolhe o Padre a seu tempo a nova, de como os Medicos diziaõ, avisinharse o tempo de se despedir desta vida. Perguntou, se havia de ser logo? Respondeolhe, dizerem, que duraria por todo o discurso da prezẽte lua. Mostrou sentimento de tanta demora, dizendo a Deos estas palavras: *Basta, Senhor, que ainda ei de estar tanto tempo, sem vos ver. Vinde, Senhor, vinde, Deos de minha alma, vinde, & naõ queirais tardar bom JESU.*

5 Nos ultimos dias de vida disse, que teria grande cõsolaçaõ de estar sò, sem estorvo das continuas visitas dos Padres, & Irmaõs, que se lhe naõ tiravaõ do cubiculo. Todos estes dias gastou em colloquios com Deos. Chorava de ternura, & devaçaõ abrazandose todo em dezejos da gloria. Como lhe dissessem os Padres, que attendendo a sua fraqueza deixasse de fallar, & tomasse descanso. Respondeo, que o seu alivio era com Deos, porque sò a este tinha por descanso, & sò a este dezejava.

6 O que a todos admirou muito, foi, que sendo taõ comprida, & de tal qualidade a doença, sempre guardou o rigor, que guardara por toda a vida, de sempre dormir vestido, tirando somente a roupeta. A qual severidade, & rigor, naõ se pode negar, ser cousa muito estranha, & penitencia excessiva. Pedio ao Padre Doutor Jorge Serraõ Preposito da casa, lhe mandasse tirar do cubiculo tudo, quanto nelle ouvesse das pobres alfayas, que tem qualquer pobre Religioso, dizendo, queria morrer despido de tudo, como Saõ Francisco. Logo se lhe deu esta consolaçaõ.

7 Pedindolhe alguns Padres, & Irmaõs algumas das cousas, que lhe tinhaõ servido, pera sua consolaçaõ, respõdeo: *Padres, & Irmaõs, eu naõ tenho nada meu, o de que usei,*

usei, tudo me tinha emprestado a Religiaõ, & ahi fica, isso, q̃ querem, peçaõ ao Padre Preposito seu superior, & meu.

8 A seu tempo pedio o Sancto Viatico, tendo-o nas maõs o Sacerdote, disse o enfermo: *Dissolve, Domine, jugum captivitatis meæ; complaceat tibi, domine, ut eruas me, festina, domine, & descende, & libera me.* Desatai, Senhor, o jugo do meu cativeiro, livraime, Senhor, apressaivos, libertaime. Avendo recebido entre muitas lagrimas o Sancto Viatico, pedio depois a Sancta-Unçaõ. Recebeo-a indo elle respondẽdo ao Sacerdote; por quanto sempre cõservou seu perfeito juizo, como de ordinario acontece aos tisicos.

9 Poucas horas antes de acabar, pedio ao Padre Preposito, lhe mandasse vir todos os Padres, & Irmaõs da casa, que pois estava de caminho, se queria despedir delles. Encheosse o sancto velho de alegria, vendo diante de si tãtos servos de Deos, & taõ acrescentada a Companhia, com tantos filhos, que elle gerara em Christo. De todos, & de cada-hum em particular se foi despedindo. Lançoulhes sua bençaõ, todos a tomaraõ, como de pay amoroso. Pedindolhe licença, lhe beijaraõ todos a maõ, sendo o primeiro o Padre Preposito, aquem sendo muito moço recebera na Companhia. Esta funçaõ se fez com aquella ternura, que ella de si està dizendo.

10 Encomendoulhes sobre tudo tivessẽ grande amor à Companhia, onde Deos os trouxera. Depois tornando a ficar com menos gente no cubiculo, tornou aos costumados colloquios. Chegando às duas horas depois da meya noite, olhando pera os prezentes, disse, que morria. Tendo na bocca o Santissimo nome de JESUS sem outro algũ movimento, entregou seu espirito nas maõs de Deos em a casa de S. Roque de Lisboa aos quinze de Julho de 1579. Acodiraõ os Padres, & Irmaõs, a lhe beijar a maõ, & tomar alguma reliquia. Descobriraõ no peito huma cruz, q̃ nos principios de sua conversaõ tinha aberto com ferro, pera se marcar por escravo de Christo Crucificado. Viose, que a haste tinha hum palmo de cõprimento, & a haste, que atravessava, era de meyo palmo, a largura de ambas era de hum dedo. Os que estavaõ prezentes a beijaraõ por sua devaçaõ.

11 Na mesma hora, em que falleceo, se vio sobre a casa de

ſa de Saõ Roque huma fermoſa luz. A peſſoa, que da Cidade a vio, ficou paſmada, ſem ſaber, que couſa foſſe. Pella menhãa foi á caſa, contou, o que vira, & as horas da noite, apontou a parte do telhado, ſobre que eſtava. Achouſe ſer o cubiculo do Padre, & na hora, em q̃ eſpirou. Querendo o Ceo com aquella luz ſignificar a gloria deſta ditoſa âlma.

12 As exequias ſe lhe fizeraõ mais com lagrimas dos olhos, que com vozes. Alem dos noſſos Religioſos acodiraõ outros muitos de diverſas Religioens. Acharaõſe prezentes tres Biſpos, Dom Jorge de Ataide Capellaõ mor muito ſeu amigo, eſte ajudou a rezar o officio com os Padres. Antonio Telles Biſpo de Lamego, & hum Biſpo de Parma, que ſe achava em Lisboa, & conhecera ao Padre em Italia.

13 Seu corpo foi depoſitado na capella mòr defronte do Sanctiſſimo das grades da Comunhaõ pera dentro, junto dos degraos do altar mòr. Sentio muito ſua morte o Arcebiſpo de Evora Dom Theotonio de Bragança, porq̃ o amava como a pay, depois que o recebera na Companhia. Pedio licẽça a noſſo R. Padre Geral Claudio, pera ornar com grandes marmores, & epitaphios ſua ſepultura. Quando chegou a licença, era ja morto o Arcebiſpo. Pella grande devoçaõ, que lhe teve, dedicou as cartas do Japaõ, que fez imprimir, a S. Franciſco Xavier, que ainda naõ era canonizado, & ao P. M. Simaõ.

14 Andando annos ſe tiraraõ os oſſos daquella ſepultura, meteraõſe em hũa pequena caixa de marmore quadrado, & ſe puzeraõ na parede da Igreja no cruzeiro junto à porta, que ſahe da via da Sancriſtia com ſeu letreiro: Eſte marmore razo no anno de 1705. mandou acompanhar o Padre Prepoſito Miguel Dias com hum fermoſo tarjaõ de marmore finiſſimo luſtrado, & ſe emmendou o letreiro, que por erro tinha ſer ſua morte aos quatorze. Diz aſſim: *Oſſa P. M. Simonis Roderici pia recordationis, qui provinciam hanc Luſitanam fundavit, primus in ea Provincialis, unus e novem B.* P. *N. Ignatij ſociis. Obiit in hac domo* 15. *Julij, anno* 1579.

15 Foi o P. M. Simaõ Rodrigues, quanto ao corpo dotado de todas aquellas perfeiçoens exteriores, de que os homens ſe prezaõ. A eſtatura proporcionada, o aſpecto

R vene-

veneravel, & composto, os olhos grandes, a cor branca, toda a correspondencia de membros, & gestos taõ cabais, quanto se podiaõ dezejar. Fazia seu grave aspecto veneraçaõ, em quem nelle punha os olhos.

16 A vida do P. M. Simaõ Rodrigues escrevem Eusebio nos varoens illustres, & a recolheo em parte de Orlãdino, porisso o seguio, no que menos ajustadamente escreveo do P. M. Simaõ. O Padre Saquino na quarta parte da Historia geral da Cõpanhia. O Padre Balthezar Telles na suaChronica misturãdoa cõ os mais successos da Provincia. O Padre Alvaro Lobo na Historia manuscripta. Destes Autores, & outros documẽtos antiguos dos nossos Cartorios de Coimbra, & Evora se ordenou esta vida mais copiosa, que todas as mais, q̃ delle andaõ impressas. Advirto, que algumas cousas se acharaõ aqui encontradas ao Padre Balthezar Telles, como dos annos, que esteve em Hespanha, que naõ foraõ tantos como diz, & consta, o que digo da Historia de Saquino, que o tem com documentos certos.

CAPITULO XXIX.

Vida do Padre Gonçalo de Medeyros. Sua conversaõ a Deos, entra na Companhia. Algumas de suas virtudes.

Em Lisboa aos 4 de Abril de 1552.

1 O Padre Gonçalo de Medeyros, que foi o primeiro, que em Portugal entrou na Companhia: era natural da Villa Mezamfrio na provincia de Trasosmontes, & no Bispado do Porto. Tinha hum irmaõ chamado Frãcisco de Medeyros escrivaõ da casa da India, homẽ de muitos prestimos, & grande intelligencia no meneo da fazenda Real. Por seus bons serviços el-Rey lhe fez merce, de meter a seu irmaõ Gõçalo de Medeyros em o numero, dos que à custa da sua Real fazenda estudavaõ em Pariz.

2 Naquella Universidade se achou, a tempo, que Sãcto Ignacio com seus cõpanheiros alli davaõ notaveis exẽplos, & eraõ assombro geral de toda a Corte de Pariz. Logo entaõ sentio impulsos de deixar o mundo, & em effeito se abraçou com huma vida mais ajustada; a causa foi huma cousa ordinaria, que em huma prégaçaõ ouvira. Disse o

Pré-

Prégador, que assim como as aves senaõ poem na mesa del-Rey senaõ mortas, depenadas, & assadas, assim tambem os homens, que quizessem contentar a Deos, aviaõ de mortificar seus corpos, & seus apetites.

3 Com esta semelhança entrou tanto em si, que determinou mudar de estilo. Cingiose com aspero cilicio, & começou a fazer vida mortificada, & dequem de veras se chegava à Deos. Muitos jejuns, disciplinas rigorosas, & outras austeridades, de que se aproveitaõ os homens de Deos, pera domar, & ter sogeito o corpo. Em o nosso estudante succedia, serem estas cousas, como oleo no fogo, porque as tentaçoens da carne o afligiaõ, & perseguiaõ terrivelmente, & senaõ podia, nem sabia dar a conselho com lida taõ importuna.

4 Chegou a tanto desamparo, como elle imaginava, que quasi desconfiou de sua salvaçaõ. Estando em oraçaõ lidando com estas ansias, que eraõ pera elle ansias de morte, lhe apareceo hum Anjo, que com sua vista muito o consolou, & lhe disse da parte de Deos estas palavras em latim: *Confide, tu salvus eris*. Logo desapareceo, & juntamente se abonançou toda a tempestade, em que lhe parecia fazer naufragio.

5 No fim dos seus estudos voltou a Portugal, continuando na vida melhorada, que abraçara em Paris. No anno de mil quinhentos, & quarenta chegaraõ a Lisboa S. Francisco Xavier, & o P. Mestre Simaõ Rodrigues. Naquella corte fizeraõ ambos grande comoçaõ com sua vida, & doutrina. Lembravase Gonçalo de Medeiros do bom exemplo, que os mesmos Padres tinhaõ dado em Paris. Persuadiose, que Deos o chamava pello mesmo caminho, por onde aquelles dous Padres caminhavaõ. Tratou-os, & pedio com fervor, o aceitassem em sua companhia. Vẽdo elles, quam bem fundado estava este seu dezejo, o admittiraõ na Companhia. Naõ sabemos o dia, nem o mes, que o anno foi o de 1540, no Setembro do qual confirmou o Papa a nossa Companhia.

6 Neste tempo moravaõ os dous Padres no Hospital de todos os Sanctos de Lisboa, & alli podemos dizer comessou, & teve seu Noviciado o P. Gonçalo de Medeiros: Sendo seu Mestre assim o glorioso Padre Saõ Francisco Xavier, como o P. Mestre Simaõ. No tempo do inverno,

ſe retirou el-Rey Dom Joaõ o Terceiro a villa de Almeyrim de fronte de Sanctarem. Levou conſigo aos Padres Saõ Franciſco Xavier, P. Meſtre Simaõ, Padre Paulo Camerte, & ao Padre Gonçalo de Medeyros, que tinhaõ recebido em Lisboa. Hiaõ alli todos os dias a dizer Miſſa a huma ermida da invocaçaõ de Saõ Roque. As cazas, em que el-Rey entaõ os mandou hoſpedar, eraõ junto à ſua horta; & depois el-Rey Dom Sebaſtiaõ as mandou acomodar melhor, pera nellas ſe hoſpedarem os Padres, que por rezaõ de ſuas occupaçoens ſeguiaõ a Corte.

7 Alli faziaõ os meſmos exercicios de ajudar aos proximos, que em Lisboa. Em Abril de 1541, deu à vela pera o Oriente Saõ Franciſco Xavier, ficou em Lisboa o P. Meſtre Simaõ Rodrigues, & o P. Gonçalo de Medeyros. Atte eſte tempo era a ſua habitaſſaõ no Hoſpital. Do Hoſpital em ſinco de Janeiro do anno de mil quinhentos quarenta, & dous paſſaraõ a morar na caſa de Sancto Antaõ o velho, que foi a primeira, que teve em Portugal a Companhia, & hoje he dos Padres de Sancto Agoſtinho.

Chron. da Prov. 1.p.c.16. n.2.

8 Foi o P. Gonçalo de Medeyros homem de ſingular virtude, & bom Letrado, & taõ inſigne Theologo, & afeiçoado à doutrina de Sancto Thomas, que ſabia como de còr as ſuas partes da ſuma theologica. Logo, que o P. M. Simaõ ouve de ſe partir, a fundar o Collegio de Coimbra, que foi em Junho do meſmo anno de 1542 deixou o governo da caſa de Sancto Antaõ ao P. Gonçalo de Medeyros. Aſſim meſmo indo o P. Meſtre Simaõ depois a Roma, o deyxou por Viceprovincial.

9 Fazia todos os noſſos miniſterios com edificaçaõ. Era homem de muito trato com Deos. A maior parte da noite ſe lhe paſſava em oraçaõ. De dia aſſim tinha diſtribuido o ſeu tempo, que eſtava de ordinario quatro, & ſinco horas em oraçaõ mental. Deſta muita continuaçaõ veyo a padecer grandes dores de cabeſſa, & foi neceſſario, que neſta materia o moderaſſem os ſuperiores. Das couſas eſpirituais teve tanta noticia, & ſciencia, que era conſultado ainda de muita gente principal: reparavaſe muito, que cõ poucas palavras reſolvia grandes queſtoens.

10 Amou ſempre as ſolidas virtudes, dizendo que o mais eraõ huns como fervores de panela, que eſtâ ao fogo, que logo eſcuma, & levanta fervura, mas em lhe faltando a quen-

a quentura de huma devaçaõ ſenſivel, logo ſe esfria, & torna, ao que ſeu era, & de ſi tinha. O ſeu principal exercicio foi aſſiſtir ao confeſſionario, em que era incanſavel, & em que fazia nas almas grandes frutos: porque teve pera eſte ſancto miniſterio ſingular modo, affabilidade, & conſelho.

11 Madrugava muito pera rezar, & ter oraçaõ, & em rompendo a menhã ſe punha no confeſſionario, a ouvir, quantos ſe chegavaõ a elle. Pellas onze horas dizia a ſua Miſſa, & dava a comunhaõ. Depois, que ao jantar tomava ſua refeiçaõ, rezava ſuas horas; & tanto, que de tarde ſe abria a Igreja, ſe tornava ao confeſſionario, onde aſſiſtia atte horas de ſe fechar a porta.

12 Se a caſo na Igreja faltavaõ penitentes, deyxavaſe eſtar aſſentado no confeſſionario eſperando por elles. E por naõ eſtar alli de vago, tirava hum livro de Sancto Thomas, ou a ſuma de Caetano, & eſtudava nas materias mais occurrentes nas confiſſoens. Sabendo os penitentes, quã certo o tinhaõ ſẽpre, a elle acodiaõ em grande numero.

13 No confeſſionario naõ ſe deixava levar de reſpeitos humanos, antes inclinava ſempre a aviar primeiro os penitentes mais pobres. Huma ves lhe mandou dizer por hum pagem Dona Antonia de Menezes molher de Diogo Lopes entaõ Governador da caſa do civel, aquelle, que por morte del-Rey Dom Henrique foi hum dos Governadores do Reyno; que a quizeſſe ouvir de confiſſaõ. Reſpondeolhe, que de boa vontade, mas que avia de confeſſar primeiro huma negra, que lhe precedia no tempo, & muito mais na neceſſidade; porque era eſcrava, & em caſa ſe poderiaõ agaſtar com ella, ſe foſſe tarde. Edificouſe muito a fidalga deſta Sancta Chaneza, & depois a contava em abono do Padre Gonçalo de Medeyros.

CAPITULO XXX.

Continuaõſe as mais virtudes do P. Gonçalo de Medeyros, & ſua ditoſa morte.

1 MUitas peſſoas de vidas perdidas confeſſandoſe cõ elle, tomavaõ notaveis reſoluçoens de ſervir de veras a Deos. Tinha o Padre com todos humas entranhas

de

de caridade, porque com os aflictos se afligia, como se as culpas fossem suas proprias, & naõ dos penitentes. Hum homem de credito contou de pois da morte deste servo de Deos, que sentindose carregado de culpas, se foi confessar geralmente com o Padre Medeyros. Esperava elle no fim alguma penitencia extraordinaria. O Padre lhe disse, rezasse sinco vezes a oraçaõ do Padre nosso, & outras tantas a da Ave Maria; acrecentando, que ficava mui consolado, por ver nelle taõ bons sinais de contriçaõ; & que a mais penitencia devida a tais culpas outrem a faria por elle tomando o Padre sobre si este cuidado. Fiçoulhe o penitente taõ afeiçoado, que depois de morto o Padre, todos os dias lhe hia lançar agoa benta na sepultura, & rezarlhe suas oraçoens.

2 Quando as dores de cabessa naõ davaõ lugar a assistir no confessionario, excercitavase em officios de humildade, como em varrer os dormitorios, & os cubiculos, ajudar os officiais de casa nos seus ministerios; & se lhe diziaõ alguma palavra, em que significavaõ, que senaõ cansasse, respondia: Que nem ainda doente lhe convinha estar ociozo; que pois a cabessa naõ podia aturar o confessionario, se exercitassem as mãos em varrer com a vassoura.

3 Naõ duvidavaõ os Padres, que as grandes enfermidades, que padecia, tinhaõ sua origem no trabalho incansavel do confessionario. Estando elle jâ desconfiado dos Medicos, lhe disse o Irmaõ Enfermeiro, que sua Reverencia morria do muito trabalho, que tomara em ouvir confissoens: a isto acodio com rosto alegre dizendo: Prouvera a Nosso Senhor, que minha morte tivera causa taõ sancta, & occasiaõ taõ ditosa, que acabara eu em meu officio, dando o ultimo espirito no confessionario, pera desta cadeira de penitencia merecer alcançar a da gloria.

4 A virtude da obediencia foi nelle estremada. Huma ves o mandou chamar de Lisboa a Coimbra o P. Mestre Simaõ seu Provincial. Logo se poz ao caminho a pe, & sem viatico. Chegando à portaria, mandou pello porteiro a sua patente, como he estilo, ao P. Provincial, esperando da parte de fora, que o mandasse entrar. O P. Mestre Simaõ, ao que parece, querendo deyxar este exemplo aos vindouros, lhe mandou dizer pello porteiro, que sua Reverencia

rencia jâ naõ era neceſſario, por tanto, que dahi ſe voltaſſe logo pera a caſa de Sancto Antaõ, donde viera. Foi tal a ſua prõptidaõ, que ſem deſcanſar, ſem entrar da portaria pera dentro, ſem fallar com outro Religioſo, excepto o porteiro, comeſſou logo a deſandar o caminho quaſi de trinta, & quatro legoas, que tantas fazem de Coimbra a Lisboa. Neſte paſſo repetio ao porteiro as palavras ſabidas de huma cantiga ruſtica: *Davalhe o vento no chapeiraõ, quer dé, quer naõ.* E com eſta ruſticidade affectada ſignificou, que elle era tanto do querer da obediencia, que com quais quer aſſopros ſeus ſe movia ſem reparo, como as abas de hum chapeo velho ſe movem ao compaſſo do vento.

5 Vendo os ſuperiores ſeus muitos achaques, por vezes o dezejaraõ paſſar pera outra terra, & inquirindo niſto a ſua vontade, ſo lhe tiravaõ eſta palavra: *Farei, o que me mandarem.* Eſtando doente em Coimbra, lhe diſſe o P. Meſtre Simaõ, ſe goſtaria de ir pera Lisboa, por ſer clima mais temperado? Reſpondeo, que elle naõ tinha outro querer, ſenaõ o de ſeus ſuperiores. Foi mandado aos ares patrios, mas como empeyoraſſe, voltou a Coimbra, & dali o mandaraõ pera Lisboa.

6 A ſua humildade foi mui conhecida. Quando o P. Meſtre Simaõ foi a Roma, quis el-Rey Dom Joaõ o Terceiro, que o P. Medeiros ficaſſe no tempo deſta auzencia por Meſtre do Principe Dom Joaõ ſeu filho: porem a humildade do Padre naõ pode acabar conſigo, accõmodarſe a tal honra, & reſiſtio tanto, que foi neceſſario nomear pera aquella honroza ſubſtituiçaõ ao P. Luis Gonçalves da Camara. Ficou neſta auzenſia por Viceprovincial; dizia, que ſo lhe ſervia o officio, & o eſtimava, pera ſe mortificar à ſua vontade.

7 A Rainha Dona Caterina fazia de ſua virtude ſingular eſtimaçaõ. Huma ves em Almeyrim eſtava elle em oraçaõ dentro em huma capella da horta del-Rey, pera aqual os Padres tinhaõ porta; paſſando por alli a Rainha, & vendoo aſſim em oraçaõ, lhe diſſe: *Encomendaime a Deos Padre Meſtre Gonçalo.* Eſtava elle de joelhos, & ſem mudar poſtura, lhe reſpondeo, que ſim, abayxando humildemente a cabeça. Querendo as damas, que ſeguiaõ a Rainha fazer a meſma petiçaõ, lhes diſſe: *Deyxai ao Sancto, que rogue a Deos por nos.*

8 Apu-

8 Apurou Deos sua paciencia com muitos achaques. Ordenou a Rainha pello muito, que o estimava, que lhe assistissem os melhores medicos da Corte, & que viesse de fora hum ecclesiastico mui afamado em fazer grandes curas. Mas nada lhe aproveitou. Quando lhe aplicavaõ na ultima doença varios remedios dizia: *Que naõ se cansassem, em curar hum tronco velho, que ja naõ podia reverdecer.* Atte o dia antes de sua morte disse Missa. Estando jâ nas vesporas de se ver com Deos, eraõ mui fervorosos os colloquios, que fazia. Vendo, que a morte se avizinhava, pedio a vela, & ajudandoo alguns Padres repetio o simbolo dos Apostolos, depois disse estas palavras: *Nesta fê me criaraõ, nesta vivi sempre, & declaro, que nesta morro: testifico nesta hora, que se com a agonia da morte me escapar alguma palavra indigna de peito Christaõ, ja de agora a hei por naõ ditta.* Logo estendendo o braço com a vela na maõ disse mais: *Assim como este lume allumia os olhos do corpo, assim creyo eu, que meu Senhor JESU Christo allumia todo o homem, que vem a este mundo, porque elle he lus verdadeira, & eterna.*

9 Dittas estas palavras continuou nos costumados colloquios com Deos, & com a Virgem Senhora. Tendo recebido todos os Sacramentos, acabou em bella pas, & soccego na casa de Sancto Antaõ o velho de Lisboa aos quatro de Abril de mil quinhentos sincoenta, & dous. A vida do P. Gonçalo de Medeyros trasem diversos lugares da Historia da Provincia na primeira parte o P. Balthezar Telles, mais asprayada, do que aqui a refiro, & o P. Alvaro Lobo na historia manuscripta. Tambem delle se fas lembrança na primeira parte da Historia Geral da Companhia; & Antonio Carvalho na Corografia Lusitana tomo primeiro folhas 430, aonde tem ser natural de Freyxo de espadacinta, com tudo as nossas memorias, a que se deve mais fê nesta materia, lhe daõ a patria sobredita.

CAPITULO XXXI.

Vida do Padre Manoel Godinho.

Em Lisboa aos 4 de Agosto de 1569.

1 NO anno de mil quinhentos quarenta, & dous no principio de Janeiro se mudou o P. M. Simaõ Rodrigues do Hospital pera a casa de Sancto Antaõ o velho.

Lo-

Logo comeſſou a admittir alguns na Companhia por ter ja caſa, onde os recolher. Deſtes que aqui recebeo, foi o primeiro o Padre Manoel Godinho. O P. M. Balthezar Telles na Hiſtoria da provincia diz, que era natural de Lisboa. O meſmo tem o Padre Orlãdino na Hiſtoria Geral da Cõpanhia. Porem o P. Saquino, que continuou a meſma Hiſtoria geral na terceira parte della livro quinto numero duzentos, & deſaſete diz, que fora natural da Villa de Viana do Arcebiſpado de Evora. Sem duvida he, que naõ emẽdaria, o que ja ſe tinha ditto na meſma Hiſtoria Geral, ſenaõ conſtando da verdade.

Tell. 1. *p.* *l.* 1, *c.* 28 *n.* 2.

Orland. *l.* 3. *n.* 81.

2 Era de gente nobre, & aſſiſtia no ſerviço del-Rey Dom Joaõ o terceiro deſte nome. Tratou em Almeyrim com os dous primeiros Padres Saõ Franciſco Xavier, & P. M. Simaõ Rodrigues. Movido dos bons exemplos, que nelles via, fez huma confiſſaõ geral com Saõ Franciſco de Xavier, & ficou taõ affeiçoado aos Padres, que nunca lhes ſahia de caſa. Andando ja abalado o moveo de todo hum Sermaõ, que ouvio ao Padre Frey Joaõ Soares Prégador del-Rey, que depois foi Biſpo de Coimbra. Foi o ſermaõ na Capella Real da Transfiguraçaõ do Senhor, no qual o Prégador fazia comparaçaõ entre os bens eternos, & temporais, ponderando a vileza deſtes, & excellencias daquelles, dos quais hũ quaſi nada baſtou pera ſuſpender ao glorioſo Apoſtolo S. Pedro.

3 Naõ dilatou mais o Padre Godinho a inſpiraçaõ divina, que o chamava. Tinha de idade vinte, & tres annos, quando aos onze de Março de 1542. foi admittido na Cõpanhia na caſa de Sancto Antaõ o velho pello P. M. Simaõ tendo vinte, & tres annos de idade. Quando hia pera entrar, paſſando pella Miſericordia, ſe preparavaõ os irmaõs, pera ir ſepultar hum defunto. Entrou em fervor de tomar hum dos habitos, de que neſtas funçoens uſaõ, & os acõpanhar neſta obra pia. Porem caindo em ſi entendeo ſer tentaçaõ de Demonio, por quanto, por ſer tarde, os Irmaons ſe recolheriaõ de noite, & o P. M. Simaõ em caſtigo o dilataria; logo por lugares eſcuſos, por evitar algum encõtro, que o impediſſe, ſe foi à noſſa caſa. Entrou em hum ſabbado. No dia ſeguinte o fez o Padre recolher em os Exercicios de Sancto Ignacio. Delles ſahio muito aproveitado. Fez logo ſeus votos de Irmaõ eſtudante. Achou

o P. M. Simaõ Rodrigues eſtar em ſeu eſpirito tambẽ fundado, que fiou delle huma trabalhoſa empreſa. Mandoulhe, que foſſe em peregrinaçaõ a Santiago de Galiza, & q̃ na volta ficaſſe em Coimbra no veſtido de ſecular; andaſſe entre os eſtudantes pera com ſeu exẽplo os affeiçoar à virtude; & pera que dando com ſuas praticas noticia da Cõpanhia naquella Univerſidade, depois os naõ eſtranhaſſem, quando foſſem comeſſar a fundaçaõ do Collegio de Coimbra.

4 Sem demora ſe poz ao caminho, q̃ fazia apé. Chegando a Coimbra ſe achou mui desfallecido aſſim do trabalho da jornada em peſſoa criada com mimo, como de hũas terçans, que totalmente lhe impediraõ continuar a jornada. Em Coimbra ſeguindo as ordens do P. M. Simaõ ſe poz no trajo de eſtudante. Aſſiſtia com hum ſeu Irmaõ Religioſo Carmelitano, que alli eſtudava; eſte por vezes o procurou perſuadir, que ſe queria ſer Religioſo, o foſſe de alguma Religiaõ conhecida, & naõ daquelles Clerigos, de quem ſe naõ ſabia, que couſa foſſem. Mas nada baſtou pera o tirar de ſeus ſanctos propoſitos.

5 Em treze de Junho do meſmo anno chegaraõ a Coimbra os noſſos Religioſos, pera dar principio à quelle Real Collegio. Ouve na Univerſidade grande materia pera diſcurſos ſobre eſta nova Religiaõ. Huns ſe admiravaõ, de que el-Rey fizeſſe caſo de gente idiota, que por tais entaõ nos tiveraõ. Outros athe nos faziaõ ſoſpeitos na fé, porque alguns daquelles primeiros Religioſos vieraõ das partes do Norte, nas quais fazia a hereſia extraordinarios eſtragos. Neſtas converſas ſe achava o Irmaõ Manoel Godinho, & como tinha pezo, no que dizia, & viera da Corte, ſempre ſe punha com boas rezoens a defender o partido da virtude.

6 Dizialhes os exemplos, que em Lisboa tinhaõ dado, quanto ſua modeſtia agradara às peſſoas Reais: que antes de os tratar, naõ cenſuraſſem ſeus procedimentos: que todas as couſas novas padeciaõ eſtes deſares, em quanto o uſo as naõ connaturalizava: que ſe os converſaſſem, logo haviaõ de mudar ſeus pareceres, & veriaõ, como eraõ errados. Neſte tempo o Irmaõ Manoel Godinho hia muitas vezes, confeſſarſe, & comungar ao Collegio. De caminho levava outros eſtudantes conſigo, ora huns, ora outros amigos,

migos, pera que fossem perdendo o medo; & vendo com seus olhos, quanto desdizia o nosso obrar do conceito, que de nòs se fazia na Universidade.

7 Este sancto disfarce do Irmaõ Manoel Godinho foi hum grande instrumento, por meyo do qual Deos nosso Senhor trouxe à Companhia gente mui assinalada da Universidade, entre os quais foi o veneravel Padre Gonçalo da Sylveira. Foraõ tantos em numero, que o P. M. Simaõ ouve de fechar a porta, a entrarem mais sogeitos, assim porque naquelle tempo durava a prohibiçaõ do Pontifice de naõ se admittirẽ á profissaõ, mais de sessenta em toda a Companhia, como tambem porque as rendas pera os sustentar, eraõ limitadas, por quanto el-Rey naquelles principios sò mandava dar, o que bastasse pera vinte, & sinco sogeitos.

8 Tendo o Irmaõ Manoel Godinho feito mui bem sua obrigaçaõ, foi mandado recolher ao Collegio, & depor o disfarce, em que andara, sem seu Irmaõ imaginar, o que havia. Da-hi por diante se deu de todo à perfeiçaõ. Foi homem grandemente amador do desprezo de sua pessoa. Sahio huma vez a peregrinar vestido pobremente, indo por seu companheiro o Irmaõ Rodrigo de Menezes. Veyolhe dezejo de imitar a desnudez de Christo no duro Lenho da Cruz. despiose da cintura pera sima, & muito roto, & descalço, foi pedindo esmola por toda a Villa da Certãa do Priorado do Crato. O seu intento era tirar boa esmola de afrontas,& zombaria de todos grãdes,& pequenos, & ser tido por homem sem juiso. Mas succedeolhe ao contrario. Todos se edificaraõ de tanta humildade, porque quis Deos entendessem a causa da Sancta Loucura. Por tanto em lugar de afrontas lhe lançavaõ mil bençoens, & lhe davaõ esmolas com maõ mais liberal.

9 Andando o tempo veyo este Padre a ser Reytor do Collegio de Coimbra em occasiaõ, que entrava por Provincial o Padre Diogo Miraõ, & acabava de o ser o P. M. Simaõ Rodrigues. Era o Padre Godinho muito mortificado em sua pessoa, & do mesmo modo era o Padre Miraõ, quizeraõ ambos meter no Collegio de repente aquelle rigor, que usavaõ com suas pessoas, de que se seguiraõ muitas desconsolaçoens nos subditos; em quẽ estava mui fresca a memoria do governo affavel, & benigno do P. M. Simaõ;

maõ; que foi homem, que tudo acabou com a suavidade, de que o dotou a natureza.

10 Pera prova de sua severidade naõ sò basta, mas sobeja huma extravagancia, que Sãcto Ignacio chamou loucura sancta, nem ella tem outra melhor desculpa. A sua origem foi esta. Ainda hoje se vé huma torre no muro da Cidade, a qual pertence ao nosso Collegio, & se lhe deu com o sitio, onde està. Fica sobranceira ao Mosteiro dos Reverendos Padres de Sancta Cruz. Havia queixas, que estas janellas os devaçavaõ, puzeraõ demanda aos Padres, pera que se tapassem. Acodiraõ os nossos pello seu direito, & se sustentaraõ na sua posse. Causou isto digosto em alguns Cidadoens de Coimbra, inclinados á parte contraria, & mal affectos á Companhia, por ter despedido alguns sogeitos, que eraõ cousa sua.

11 Quiz o Padre Manoel Godinho dar huma satisfaçaõ publica, como se em ter maõ no seu direito, tivesse cometido alguma grande offensa, contra os que injustamente se mostravaõ queixosos. Encomendou a Deos o negocio, q̃ meditava. Disse Missa, deu graças a Deos, & assentou na resoluçaõ, que tinha considerado. Fez logo ajuntar a Cõmunidade na Capella. Depois de juntos, lhes encomendou pedissem instantemente a Deos, desse forças, & ajuda a hum grande peccador, pera huma obra difficultosa, que queria emprender. O modo sentido, com que fallava, causou notavel suspensaõ em todos, & mais, quando lhes ordenou, se naõ levantassem da oraçaõ, athe elle naõ voltar àquelle lugar.

12 Ficando todo o Collegio em oraçaõ, se foi ao cubiculo, tomou huma veste de penitencia, & humas disciplinas mui asperas, & com o rosto descuberto sahio pellas ruas de Coimbra disciplinandose rigorosamente. Pasmava a gente com taõ novo espectaculo. Indo continuando se ajoelhou em doze lugares, & levantando a voz com grandes lagrimas, dizia. Senhores Conimbricenses, pellas chagas de Christo perdoai toda a offensa, que tendes recebido do Collegio de JESU, eu sou a causa de toda esta culpa: meus peccados mereceraõ este castigo.

13 Depois de assim correr a Cidade, voltando ao Collegio, entrou pella Capella, onde os mais estavaõ em oraçaõ, feriase rijamente com a disciplina. Vendo os Religio-

sos

sos ao seu Reytor assim ensangoentado, sem saber a causa da estranheza, todos se compũgirão, & comessarão a chorar.

14 No meyo desta confusão, o Padre Antonio de Quadros Ministro do Collegio se lançou aos pés do Padre Reytor, & lhe pedio licença pera elle tambem tomar hũa disciplina publica pella Cidade. Ateouse de huns em outros o fervor, & em breve tempo estavão preparados cõ vestes de penitencia, & disciplinas.

15 Ordenão huma procissão. Diante hia huma devota imagem de hum Crucifixo, logo se seguião dous Irmãos entoando a Ladainha. Os mais hião em duas fileiras, & diante o Padre Reytor. Concorreo todo o povo a cousa tão nova. Forão disciplinandose na forma, que antes o fizera o Reytor, que segunda vez repetia em si a crueldade dos açoutes. Chegarão à Misericordia, & postos de joelhos, pedio o Reytor a Deos misericordia; seguirãono os companheiros, & ajudandoos as vozes do povo, tudo era hum pranto desfeito. Finalmente se recolherão ao Collegio cõ a mesma solemnidade, de Ladainhas, & açoutes. Deste fervor sentirão muitos de diverso modo, huns tendo-o por imprudente, outros porem que não medião as comoçoens do Espirito Sancto pellos dictames da prudẽcia humana, o julgarão por acção edificativa, & daquellas sanctas extravagancias, em que o espirito de Deos faz muitas vezes dar aos homens sanctos.

16 O certo he, que o veneravel Martyr Padre Gonçalo da Sylveira, que então se achava fazendo Missão em Braga, ouvindo este cazo, sentio muito, não se achar em Coimbra, pera ser companheiro de seus Irmaõs nesta mortificação. Della se seguio no Collegio grande fruto, porque durando athe alli o dissabor, que fica tocado, ouvera na mudança de Provincial, dalli por diante entrarão todos em novo fervor, com o qual muito se adiantou o amor da observancia, & dezejo de exercitar os nossos ministerios. Tambem se seguio, q̃ os animos, que por causa da demanda, & despedidos, estavão mal affeiçoados, se forão amolgando, considerando, que quem fazia tais excessos, não teria obrado contra rezão.

17 Hum caso lhe aconteceo ja nos ultimos annos de sua vida, que bem confirmou o espirito de mortificação, que

q̃ nelle havia. Sendo Superior da casa de S. Roque o Padre Francisco Henriques entrou em todos notavel espirito de mortificaçaõ, entre outras mandaraõ ao Padre Godinho, que tivesse maõ em hum castiçal todo o tempo da mesa, o que fez alumiando aos que comiaõ, como se fosse insencivel.

18 Ainda que o Padre Manoel Godinho era consigo aspero, tinha pera com os fracos muita caridade, & se vio bem no caso seguinte. Hum mancebo, que entrara cõ fervor na Companhia, pouco a pouco foi desdizendo do primeiro fervor; & tambem se começou a desconsolar de viver na Companhia. Sentia as penitencias, que lhe davaõ, lançava a culpa aos superiores, que o vigiavaõ, & naõ ao descuido, com que procedia. Meteolhe o Demonio na cabeça, q̃ se passasse à outra Religiaõ mais apertada: moveose finalmente a tomar o habito de Saõ Francisco no Convento de Sancto Antonio dos Olivais.

19 Bem via o Padre Reytor Manoel Godinho, donde nacia este dezejo de mudança, que era apetite de largueza, como ordinariamente he em todos, os que tomaõ semelhãtes resoluçoens. O Padre cõ entranhas de Pay lhe descobrio o seu engano; & q̃ o seu dezejo era mais fastio da virtude, que amor á perfeiçaõ. Nada pode acabar com elle; athe que os Superiores levados de tantas importunaçoẽs, lhe deraõ a licença, que pedia. Doeose o Padre Manoel Godinho, de que o Demonio lhe fizesse preza naquella ovelha. Foi com elle grande parte do caminho, dandolhe conselhos, avizandoo do seu precipicio. Como visse a dureza, o deyxou, & se voltou ao Collegio. Chegou ao Cõvento, onde os Padres o receberaõ, como se lhe entrara por casa outro Sancto Antonio.

20 Naõ eraõ passados quatro dias, em que o tiveraõ como hospede, quando logo se enfadou; & disse aquelles Padres, em como estava arrependido, de ter deixado a Companhia. Com a mesma liviandade se veyo ao Collegio, pedio ao Padre Godinho, ser admittido. Querendo o Padre ver se trazia alguma melhora, o mandou hospedar em huma casa junto á portaria, onde secretamente o fazia vigiar; porque sem duvida achandose sò, sahiria em alguma liviandade, se a caso a mudãça naõ fosse de veras. Succedeo ter alli hum homem de fora deyxado a sua espada: tirou

tirou desta, & com ella na maõ andava esgrimindo por toda a casa, como senaõ tivesse outros cuidados.

21 Sabendo o Padre Reytor, o que passava, ordenou, a quem tinha cuidado do hospede, deyxasse a porta da casa aberta, pera se ver, que resoluçaõ tomava. Naõ quiz perder a occasiaõ; & sem demora se foi pera casa de sua may; que era, o que o Demonio pertendia com tantas andanças. A may, que tivera pena de elle entrar na Companhia, se alegrou muito de o ver em casa. Mandou-o estudar a Coimbra, onde seus procedimentos foraõ escandalosos. Indo nas primeiras ferias pera casa da may, que nelle se revia, hum dia diante della se poz a esgrimir com outro, o qual lhe metteo por hum olho a ponta da espada, & com tal successo, que logo alli cahio morto sem confissaõ. Assim castigou Deos a este mancebo taõ inconstante nos seus propositos, & com quem nada pode a muita caridade do Padre Manoel Godinho.

22 Ajuntou a estas virtudes huma singular humildade. No principio do Collegio de Coimbra, em quanto naõ ouve lugares comuns, elle tinha a seu cargo despejar todos os dias os vasos immundos. Era contrario ao trato dos nossos Religiosos em Palacio, dizendo, que nem servia ao bem particular, nem ao comum; & que sò se haviaõ de metter nelle, quando naõ pudesse ser de outra sorte. Assim sabemos, o fizeraõ muitos dos nossos Padres, que sò tomavaõ semelhantes occupaçoens obrigados das vontades dos Reys, depois de repetidas instancias. Sua profissaõ solemne fez aos vinte, & nove de Março de 1562.

23 No anno de 1569 se achava o P. Manoel Godinho morador na casa de Saõ Roque. Succedeo neste anno em Lisboa aquella peste, que se chamou grande pello excessivo estrago, que fes na Cidade. Sahiraõ os Padres de Saõ Roque a acodir aos proximos, no que deraõ notaveis exemplos de caridade. Entre elles o Padre Manoel Godinho, que foi dos primeiros, a quem ferio o mal estando ouvindo de confissaõ a hum ferido de peste. Delle diz o P. Antonio de Monserrate em huma sua carta pera o P. Doutor Miguel de Torres as palavras seguintes:

24 Em Agosto aos seis dias levou Nosso Senhor pera si ao Padre Manoel Godinho, o qual como vossa Reverencia sabe, era exercitado em andar sempre solitario, & tratar

tratar ſempre com Deos, sò, gemendo, & chorando *Sicut pullus hirundinis*, & cantando ſempre entre dentes louvores a Deos: de maneira, que ſe lhe pode aplicar, *Ducam eam in ſolitudinem, & loquar ad cor ejus*; E taõ eſmerado na humildade, & obediencia, ſe aſſinalou neſta doença muito na paciencia, eſtando como hum Cordeiro, quando lhe cortavaõ a carne viva ao redor do carbunculo, pera lho tirarem: agora ſe eſtà gozando das ſuas ſaudades. Atte aqui o P. Monſerrate, que neſta peſte foi operario incanſavel. Faleceo eſte Padre na caſa de S. Roque de Lisboa aos quatro de Agoſto de 1569, Nem obſta ter o P. Monſerrate nas palavras referidas, que falecera aos ſeis, porque foi equivocaçaõ, porque as cartas no meſmo tempo eſcritas da caſa de S. Roque tem, que ſua morte fora aos quatro; & o P. Monſerrate, eſcreveo dahi a dias do Collegio de Sancto Antaõ. Eſtas poucas couſas recolhi da Hiſtoria deſta Provincia, & da Geral da Companhia, & tambem de hum manuſcripto, que trata deſta peſte de Lisboa, & ſe guarda no cartorio do Collegio de Evora. Foi eſte Padre profeſſo de quatro votos ſolemnes, & fes ſua profiſſaõ aos 29 de Março de 1562.

25 No cartorio de Coimbra fui encontrar duas cartas de ordens do P. Manoel Godinho, das menores tomadas na Sê de Evora aos nove de Março de 1533, onde ſe dis ſer filho de Pero Lopes da Gaya, & Meſſia Godinha moradores na villa de Viana do Arcebiſpado de Evora. A outra carta he das mais ordens, que tomou ja na Companhia em Coimbra no mes de Abril de 1546, em que ſe lhe daõ os meſmos pays, & patria. Donde ſe vé a muita rezaõ, com que eſte ponto ſe emendou na Hiſtoria Geral.

26 O P. Franciſco de Araujo natural de Lisboa, que entrando na Companhia ſendo vivo Sancto Ignacio, o vio canonizado, em hum catalogo, que fes dos Padres de grāde virtude, que naceraõ na Provincia de Alemtejo, começa pelo P. Gonçalo da Sylveira, & logo o P. Manoel Godinho.

27 A demanda, de que aſſima falei com os Padres de Sancta Cruz, depois de alguns annos da dita diſciplina ſe terminou por cōpoſiçaõ, como vi na meſma eſcriptura de compoſiçaõ em o noſſo cartorio de Coimbra, & tambem me diſſe hum Religioſo grave daquella ſagrada Congregaçaõ

çaõ, que elle a vira em o seu cartorio de Sancta Cruz. O que me pareceo advertir por algumas cousas, que sobre este ponto andaõ impressas por modo differente, do q̃ em si foi.

CAPITULO XXXII.

Vida do P. Manoel Fernandes. De sua grande caridade antes de ser da Companhia, & do grande fruto, que fes com suas prègaçoens.

Em Evora 18. de Fever. de 1555.

1 AInda, que a vida do P. Manoel Fernandes anda escripta largamente no livro terceiro da primeira parte da Historia desta Provincia, encontrei em papeis antigos muitas cousas, que naõ he bem fiquem em esquecimento por conter em si muita doutrina, & exemplo Sancto. Naceo este ditozo Padre em Africa na Cidade de Tangere, que entaõ era colonia de Portuguezes. Seus pays, se chamavaõ Joaõ Fernandes, & Caterina Espinosa: eraõ nobres, & criaraõ a seu filho em costumes sanctos. Delle se pode dizer, que trouxe consigo das entranhas da may a caridade, & compayxaõ dos proximos.

2 De idade de tres annos comessou a mostrar esta propensaõ, & boa inclinassaõ aos pobres, & logo, que foi crecendo era nelle tanta, que os pays senaõ entendiaõ cõ elle, porque tudo, o que podia aver âs mãos, o dava logo aos pobres. Se pedia alguma cousa, pera dar aos pobres, & os pays lha negavaõ, chorava, atte que pera o acalentar os pays lhe davaõ, o que pedia. Muitas vezes pelejavaõ com elle por causa das sanctas extravagancias, que nestas materias fazia, mas nada bastava, pera reprimir esta natural propensaõ.

3 Mandandoo o pay arrecadar dividas de dez, & doze mil reis, achando ser gente pobre, se voltava dizendo com muytas lagrimas ao pay, que aquellas pessoas naõ tinhaõ, com que pagar, por tanto, que lhes desse os escritos de divida, & os desobrigasse; & naõ avia acabar com elle, que comesse, nem bebesse, atte que o pay naõ desse os conhecimentos. Movido o pay de suas lagrimas por vezes lhe fes a vontade.

4 Estudou latim, & se ordenou de ordens menores. As de Epistola, & Evãgelho tomou depois na Companhia em Coimbra no mes de Junho de 1546, como vi na carta de suas ordens, que temos no cartorio daquelle Collegio. Faço esta advertencia, por andar impresso, entrara com ordens de Epistola. Neste tempo lhe morreo o pay. Ficoulhe may, & huma Irmãa donzela. Tinha grande propensaõ a ser prégador; por esta causa importunou muito a sua may, que o deyxasse passar a Lisboa, dizendo: Que avia de ser prégador, ainda que muyto pezasse ao Demonio. Venceraõ suas sanctas importunaçoens, & passou a Lisboa. Succedeo isto em tempo, que vio, & tratou aos Padres Saõ Francisco Xavier, & Mestre Simaõ Rodrigues; & este o aceytou na Cõpanhia na casa de Sancto Antaõ o velho em Lisboa.

5 De Lisboa passou a Coimbra com o P. M. Simaõ, que hia fundar aquelle Collegio. Alli chegaraõ em treze de Junho de 1542. Na Universidade acabou de estudar Philosophia, & Theologia; exercitandose neste tempo em muitos actos de mortificaçaõ publica, como os mais moradores do Collegio, que nesta materia deraõ os exemplos raros, que se lem nas Historias da Companhia. Acho escrito, que fora em peregrinaçaõ a pê a Santiago de Galiza cõ o P. Belchior Carneiro, que depois foi Bispo, & que tres dias passaraõ sem ter outra cousa, que comer mais, que amoras de sylva.

6 A sua primeira prégaçaõ, que fes em Lisboa, teve pro fruto a conversaõ de hum Alfaqueque del-Rey, he nome, com que se declara o officio de tirar cativos de Africa, este homem era natural da Cidade de Tangere, & havia nove annos vivia em Lisboa com huma concubina, esquecido de sua molher, & filhos, que tinha em Tangere. Ficou taõ mudado, que logo se foi a Tangere, viver em sua caza, & fez voto de nunca mais ter tratos com a concubina, & assim o comprio. Estas foraõ as primicias dos frutos das prégaçoens do P. Manoel Fernandes.

7 No anno de 1550, sendo Arcebispo de Evora o Infante Cardeal Dom Henrique, pedio ao P. Mestre Simaõ Rodrigues alguns prégadores da Companhia, que discorresem em missaõ pello seu Arcebispado. Hum delles foi o P. Manoel Fernandes, o qual comessou a prégar por toda

da a Provincia de Alemtejo como hum novo Apoſtolo. Os povos onde entrava ſe abalavaõ todos, & ſentiaõ notaveis mudanças, tirava odios, abuſos, ſuperſtiçoens. Em tudo, no que metia maõ, tinha ſucceſſo igual ao ſeu dezejo.

8 Vendo o Cardeal effeitos taõ eſtranhos, entendeo faria grande ſerviço à Deos, & ao ſeu Arcebiſpado, ſe fundaſſe à Companhia hum Collegio em Evora. O zelo deſte Padre foi o primeiro incentivo, que teve eſte Principe, pera obra taõ glorioſa, como foi a fundaçaõ do Real Collegio, & Univerſidade de Evora; obra que em todos os tempos tem ſido de grandes utilidades ao bem eſpiritual dos proximos.

9 Avia naquelles tempos grande falta de douctrina, os prégadores poucos, os parochos ignorantes; á tudo ſe acodio por meyo do Collegio de Evora; & delle ſe ſeguio a grande cultura, que hâ nos parochos da Provincia de Alẽtejo, & bom enſino dos povos; que tudo foraõ como frutos das prégaçoens do P. Manoel Fernandes, em quanto nellas tiveraõ ſua primeira origem.

10 O ſeu modo era andar à pê, prégava muitas vezes; vivia de eſmolas como qualquer pedinte. Ardia em odios a Cidade de Beja, prégou contra elles com tanto zelo, que pondoſe huma ves junto àquella porta da Cidade, que chamaõ de Moura, fez com que alli ſe fallaſſem, & abraçaſſem mais de ſincoenta peſſoas, que andavaõ encontradas. Foraõ muitas as lagrimas de conſolaçaõ, todos com ellas nos olhos ſe davaõ os parabens da nova mudança, q̃ o eſpirito de Deos por meyo daquelle ſeu ſervo nelles tinha obrado.

11 Em Tavîra no Algarve foi tal a cõmoçaõ dos ouvintes, que todos os que viviaõ mal, ſe arrependeraõ, hiaõ às Igrejas fazer votos de melhorar as vidas, & depois ſe confeſſavaõ com o Padre. O meſmo lhe aconteceo na Villa de Avîs. Tanto que acabava de prégar, logo ſentia dentro de ſi, ſe tinha feito fruto na prégaçaõ; & mandava certas peſſoas, que eſpreitaſſem, ſe viaõ ir à Igreja algũmas peſſoas com moſtras de arrependimento; à eſtas fazia logo chamar, & as confeſſava.

12 Quando avia de entrar em alguma grande batalha de extinguir odios, ou deſterrar vicios eſcandaloſos, pri-

meiro dizia Missa, & se preparava com muyta oraçaõ. Da-
qual sahia taõ forte, que a nada punha hombros, que naõ
effeituasse. Nas prégaçoens naõ fazia caso de palavras,
mas de rezoens espiritosas, & cheas de Deos, donde se se-
guia no auditorio notavel compunçaõ. Prégando na sê de
Evora alternadamente com outro Religioso de certa Reli-
giaõ, prégador afamado, o P. Manoel Fernandes era o
que dominava os coraçoens. A caso sahindo dous fidalgos
da prégaçaõ hum perguntou ao outro, que sentia do pré-
gador, & qual dos dous mais lhe contentava? Respondeo:
que quando ouvia ao outro Religioso, vinha contente do
prégador; mas que quando ouvia ao Apostolo, vinha des-
contente de si. Tinha o P. Manoel Fernandes singular dõ
de lagrimas, com as quais abrandava duras pedras. Quan-
do no sermaõ tinha algum lugar de devaçaõ, lhe escrevia
à margem, *Emmanuel hic lachrymat.*

13 He digno de eterna lembrança, & agradecimento
das Religiosas do convento de Saõ Bento de Evora. Estas
mui Religiosas servas de Deos, se aproveitaraõ muito da
virtude, & doutrina deste Padre; & como depois de sua
morte, soubessem, lhe ficara huma sò Irmãa chamada Ma-
ria Espinosa, que vivia em Lisboa, a mandaraõ chamar, &
a receberaõ por Freyra no seu convento sem dote algum.
Que he exemplo alem de grande caridade, de extraordi-
nario agradecimento; tanto mais digno de todos os louvo-
res, quanto menos negociado foi: pois o Padre, sendo vi-
vo, tal cousa senaõ atreveria a pedir, & de pois de morto
ja as Religiosas delle naõ podiaõ esperar as consolaçoens
espirituais, com que vivo as alentava: mas quando os ani-
mos saõ taõ generosos, como se mostraraõ os destas san-
ctas Religiosas, naõ se esquecem por causa da morte, de
quem estavaõ penhorados em vida.

CAPITULO XXXIII.

Do fruto, que fez em Evora, & Elvas.

1 O Seu estilo ordinario era, hir pellas ruas de Evora
com seu companheiro, perguntando se avia do-
entes, pera os consolar, & ajudar a bem morrer. Nos
lu-

lugares, onde avia maior concurſo, fazia praticas eſpirituais. Inquiria, ſe naquella rua avia odios, ou eſcandalos; & ſe os achava, era o ſeu cuidado, remedialos; convidava a todos, pera ſe confeſſarem, & lhes aſſignava o tempo, & hora, em que os eſperava, pera os ouvir.

2 Aos dias ſanctos à tarde ajuntava toda eſta gente em hum apoſento das caſas, onde morava; alli lhes prégava com tanto eſpirito, que à todos enternecia. Iſto fez cõ mais cõmodo dos ouvintes, depois que os noſſos Religioſos paſſaraõ a morar no paço del-Rey; onde em huma ſala grande, que chamavaõ da Princeza, fazia eſtas praticas com notaveis concurſos de homens; porque naõ ſe permittia, entrarem molheres naquelle lugar.

3 No tempo que o Padre Manoel Fernandes fazia notaveis mudanças nos coſtumes da gente de Evora, aſſiſtiaõ na meſma Cidade aquelles dous excellentes homẽs os veneraveis Frey Luis de Granada, & Frey Barthola-meu dos Martyres, que de pois foi Arcebiſpo de Braga ambos mui eſtimados do Infante Cardeal. Eſtes dous Padres como homens ſanctos, que eraõ, & que sò dezejavaõ a maior gloria de Deos, ſe alegravaõ notavelmente com o muito fruto, que nas almas fazia com ſuas prégaçoens o P. Manoel Fernandes.

4 Trataraõ huma ves entre ſi de o irem ouvir ſecretamente, levados de huma ſancta curioſidade, & tambem, porque deſte modo naõ fariaõ algum abalo no prégador; que ſe poderia aſſuſtar achandoſe com tais ouvintes, & naõ entender com o auditorio com a coſtumada liberdade. Ouviraõ, & ficaraõ admirados, & ſentiraõ em ſeus animos huma ſancta compunçaõ; depois como ſanctos, & humildes, que eraõ, diziaõ muitas vezes: que o P. Manoel Fernandes com a ſua ſancta, & douta ſimplicidade acabava com todos, o que naõ poderia conſeguir a eloquencia de grandes prégadores.

5 Acrecentava o veneravel Padre Frey Luis de Granada; que indo elle prégar à Cidade de Elvas por mandado do Cardeal, nunca pudera arrançar os odios, & deſterrar os abuſos, nem remediar os peccados publicos daquella Cidade; mas que o Padre Manoel Fernandes logo que foi, reformara toda a Cidade, melhorandoa nos coſtumes, & adiantandoa na piedade. Tal era a humildade deſte veneravel

neravel Padre. Ajuntou mais estas palavras: senaõ fora este habito de Saõ Domingos, que me tem prezo, naõ entrara em outra Religiaõ, senaõ naquella, em que vive este servo de Deos, & varaõ sancto.

6 No veneravel Padre Frey Bartholamen dos Martyres foi igual a estimaçaõ, que daqui comessou a ter dos Religiosos da Companhia. Esta se vio bem entre as mais cousas no grandioso Collegio, que nos fundou em Braga.

7 O fruto, que com seus sermoens, & praticas fazia o P. Manoel Fernandes, naõ he explicavel. Parecia ter na maõ os coraçoens dos ouvintes. Teve grandes discipulos do seu espirito. O principal foi Simaõ Gomes, a quem chamaraõ o sapateiro sancto, cuja vida compôs, & imprimio o nosso Padre Manoel da Veyga. Naquelles tempos foi homem por suas virtudes, & espirito de profecia mui celebrado.

8 Elle era o principal instrumento, de que se aproveitava o Padre Manoel Fernandes. Elle lembrava as praticas, elle fazia o auditorio, rogando a seus conhecidos, que fossem tratar com o P. Manoel Fernandes, & que fossem assistir às suas prégaçoens. Entre outros sanctos costumes introduzio o Padre em Evora, que alguns homens pios, & devotos, fossem vizitar o hospital, as cadeas, & outros lugares necessitados de remedio. Repartiaõse por diversas partes da Cidade, segundo as ordens, que o Padre lhes dava, sendo de consolaçaõ a toda a sorte de affligidos. Elle foi o primeiro da Companhia, que na Cidade de Evora começou o sancto costume de acompanhar os padecẽtes, que morriaõ por justiça. Assistialhes de dia, & de noyte nos carceres. Depois de chegar ao lugar do supplicio, sobia ao mais alto da escada, & dalli fazia prégaçaõ ao povo, que nestas occasioens costuma ser numeroso. Depois hia acõpanhando a bandeira da Misericordia, atte se recolher a casa, como se fosse hum dos Capellaens.

9 O seu trato com a gente era mui affavel, especialmente com os que ouvia de confissaõ; parecia que os metia a todos dentro na alma. Porisso era grande a confiança, com que lhe abriaõ seus coraçoens. Elle naõ sò remediava as necessidades espirituais, mas tambem muitas vezes as corporais com esmolas, que negoceava. Tanto que acabava de jantar nos dias, que prégava, pedia licença, pera

pera ir fora acodir ao bem do proximo; & se attendendo ao seu trabalho, o superior lhe negava a licença, tanto rogava, que lha concedia. Viase, que o seu allivio era acodir ao bem alheo.

10 Contra o jogo prégava com grande fervor, reprehendendo os juramentos, de que elle he origem. Huma vez puxou no sermaõ por huma baralha de cartas, & começou a imitar os jogadores, como juravaõ, & arrenegavaõ. Mas como o P. disto nada sabia, deu muitos erros; o que foi de edificaçaõ, & lhe cobraraõ muito amor, & respeito a sua sanctidade: pois tal acçaõ sò homem, que a fazia com o seu espirito, & circunstancias, que naõ concorrem em outros, a poderia fazer com proveito, & sem alguma censura, como elle a fez.

11 Avendo na Cidade de Elvas muitas cousas, que cercear nos costumes, foi alli mandado o P. Manoel Fernandes, & com suas prégaçoens fez grande mudança nos costumes, cousa que outros prégadores afamados, & de muito espirito naõ poderaõ fazer. Entre outras cousas foi mui notoria a mudança de huma molher vaidoza.

12 Avia na Cidade huma molher das mais nobres, & ricas, toda a mesma vaidade, & apparato no seu trato de galas, & bizarrias, nem tinha outros cuidados. Ouvindo prégar ao Padre da vaidade do mundo, assim se trocou; que indo pera casa tirou as joyas, & brincos, & todos os mais ornatos, ficando em hum trajo honesto. Vindo de fora o marido, vista tal novidade, & entendida a causa, comessou a dizer mal do prégador, & da Companhia, sendo que lhe devia estar mui obrigado, pello muito, que lhe poupava. A molher lhe pedio, naõ dissesse mal do Padre, sem primeiro o ouvir pello menos huma sò ves.

13 Veyo nisso o marido mais por conhecer, que homem fosse, que pera se aproveitar da prêgaçaõ. Mas tanto, que o ouvio, de sorte ficou mudado, que naõ sò aprovou, o que sua molher fizera, mas elle se deu todo a Deos, vestindose por dentro de cilicio, dizendo, que por fora, se lhe fora licito, se vestiria todo de saco. Naõ se podia apartar do P. Estes dous cazados foraõ dous grandes instrumentos, pera trazer a gente a Deos. A molher trazia ao P. muitas molheres nobres, pera se confessarem, & o marido muitos homens principais.

14 No

14 No anno de 1554 por petiçaõ do Infante Cardeal foi mãdado prégar a quaresma na Cidade de Elvas. Levou por seu companheiro ao P. Pedro de Sancta Cruz, que era homem no confessionario incansavel. Na quaresma prégava o P. Manoel Fernandes quartas, & sestas feiras, as domingas de menhãa sobre o Evangelho, & de tarde sobre os mandamentos. Cobroulhe a gente toda notavel respeito. Davalhe no pulpito terriveis reprehensoens, mas todas, ainda que asperas, se tomavaõ bem. Na primeira dominga, prégando das tentaçoens, reprehendeo taõ severamente aos amancebados, que depois do sermaõ, os que tinhaõ esta chaga, se foraõ ter com elle, pera se confessar, & emmendar suas vidas. Delles foi huma molher, que avia annos, tinha por vida, andar com recados, agora contrita do seu peccado dizia, querer comer o seu bocado de paõ em graça de Deos. Outros se cazaraõ com as mesmas occasioens do seu peccado.

15 No mesmo dia vindose recolhendo do sermaõ, passou pella cadea, fez aos prezos huma breve exhortaçaõ. Entre outros estava prezo hum homem principal de lingua mui solta em blasfemias, a quem por vezes o Padre tinha avisado, pera que puzesse freyo em suas liberdades, mas como naõ se emendasse; tendoo agora diante de si, comessou a pedir justiça a Deos, & a dizer a hum filho del-Rey Mouro de Fez, que alli estava, que naõ tomasse exemplo de taõ mao Christaõ. Penetrouse o homem tanto da energia, com que o Padre lhe fallou, que ficou de se emmendar.

16 Foi singular a industria, com que desterrou os juramentos. Avia nesta materia grande soltura nas linguas. Ordenou o Padre huma confraria em honra do Sanctissimo nome de JESU, pella qual se desterrassem os jurametos, & o nome de Deos fosse honrado. Fez pera isto, com que todos pellas parochias se assentassem em hum livro. Depois pera cada freguezia se fez sua cayxa, em que se aviaõ de lançar as penas pecuniarias dos juramentos. Em cada parochia se poz huma taboa em publico com os juramentos, que se prohibiaõ, & as penas, que avia de pagar, quem os jurasse. Aviaõse de accusar huns aos outros de qualquer calidade, que fossem, dentro, ou fora de suas casas com muita cortezia, dizendolhe, que se lembrasse, que ti-

tinha jurado. O que no tal caso naõ avizasse, era obrigado, a pagar a mesma pena, que aquelle, que jurava.

17 Todos os annos se havia de fazer procissaõ dia do nome de JESUS. Nos Domingos do anno se havia de mandar dizer huma Missa do dinheiro das penas, & o demais, que crecece, se entregava à mesa da Misericordia, pera se distribuir em esmolas; desta confraria assim disposta se seguio tal emmenda nos juramentos, que senaõ ouviaõ nas affirmaçoens outros modos, senaõ, em verdade, certamente, & semelhantes. Tambem algumas tardes ensinava aos meninos os mandamentos cantados em algumas cantigas devotas, com as quais se esqueciaõ das cantigas profanas. Nas sestas feiras à noite fazia sua pratica, & havia disciplina enchendose a Igreja de toda a sorte de homens.

18 Diziaõ, que o Padre Manoel Fernandes os havia a todos por força de fazer bons Christaõs. O respeito, q̃ lhe tinhaõ, era, quanto se pode dizer. Alem destas obras, se empregava em desterrar odios, & fez nesta materia grãdes, & muitas mudanças. Introduzio, que muitos homẽs, & mulheres se confessassem todos os mezes. Isto, que pellos bens de Deos hoje he em muitas pessoas cousa ordinaria, naquelles tempos era insolita, porque se alguem entre anno se confessava, & comungava; taõ fora estava de se edificar, que murmurava o mundo. Tal estava naquelles tempos, & taõ pouco affeiçoado aos Sanctos Sacramentos. Os frutos, que nesta materia hoje se experimentaõ, he sem duvida, foraõ effeitos do muito, que nesta materia obraraõ os nossos primeiros Padres.

19 Hospedouse o Padre com seu companheiro no Hospital, cousa, que tambem foi de admiraçaõ a todos, q̃ se espantavaõ, de que naõ se aproveitase da casa de algum Sacerdote, dos q̃ se lhe offereceraõ, ou pello menos uzasse de outra casa. Vivia de esmolas, tomando sò o necessario pera cada-dia. Algumas vezes hia pedir a certas pessoas. Naõ pedia pella Cidade, porque os Irmaõs da Misericordia tomaraõ isso em caso de honra, & descredito seu, & assim lhe rogaraõ, que tal cousa naõ fizesse, que elles lhe dariaõ o sustento necessario. Porem o Padre nada delles queria aceitar, por serem os bens da Sancta casa da Misericordia fazenda dos pobres.

20 Por serem os concursos extraordinarios, prégava

à porta

à porta da Igreja. A gente, que estava junta da parte de fora, era mais, que a que estava das portas a dentro. Assistio o Padre nesta Cidade cousa de quatro mezes. Passada a quaresma diziaõ muitos, que as prégaçoens naõ seriaõ com tanto successo como na quaresma, por quanto os sermoens da quaresma eraõ cousa ja feita, & composta de sobremaõ, & que os dalli por diante de novo os havia de cõpor; & como andava taõ occupado, naõ o poderia fazer. A experiencia lhes mostrou, quã errados eraõ os seus discursos; o Padre continuou com igual satisfaçaõ, porque o seu espirito era o mesmo, que antes, & deste naciaõ os seus sermoens, & naõ da continuaçaõ do estudo. De ordinario prégava duas horas, & quando menos hora, & meya, sendo sempre ouvido sem fastio, & com attençaõ.

21 Nos juramentos foi a emmenda tanta, quanta se podia dezejar. Athe os meninos de quatro annos costumavaõ dizer a suas mays, se as ouviaõ jurar: May beije o chaõ, porque jurou, que assim nos ensinou nosso Mestre. Os que antes se naõ tinhaõ por homens, se naõ juravaõ, cobraraõ tal odio aos juramentos, que tinhaõ o jurar por cousa de menos valor, & indigna de homẽ de entendimento.

22 Contase nas memorias, que referem esta Missaõ, por cousa estranha, chegarem a cem os homens, que todos os mezes se confessavaõ. As molheres eraõ mais em numero. Dos homens eraõ muitos fidalgos. Retiravaõse dos jogos, & outros divertimentos, que saõ occasionados a desbaratar a consciencia. A sua recreaçaõ era sahir a humas hermidas fora da Cidade, levando consigo vidas de Sanctos, com cuja liçaõ se entretinhaõ, & gastavaõ o tempo com Deos. Desta gente muitos tratavaõ de veras da perfeiçaõ, & comungavaõ cada oito dias. O Padre lhes fazia huma pratica da vida de Christo hũa vez cada semana. A ella acodia muita gente grave. Fazia esta pratica em huma casa do Hospital, onde morava: por naõ haver assentos, & ser a casa naõ bastante pera tanta gente, huns estavaõ em pé, outros se assentavaõ no chaõ, tudo com notavel humildade, que tanto mais era digna de estimar, quãto muita desta gente era da mais nobre, & principal.

23 A semana, que se haviaõ de confessar, os que o faziaõ cada-mez, se dava certo sinal com o sino da Igreja, pera que se preparassem. No Domingo comungavaõ na

Igreja principal, pera com seu exemplo fazerem fervor na Cidade, & facilitarem aos mais, a se chegarem aos Sacramentos.

24 Aos Clerigos deu o Padre as Meditaçoens da primeira semana dos exercicios de Sancto Ignacio. Dellas tiraraõ grande fruto; porque ficaraõ movidos a ajudar aos proximos nos confissionarios, onde assistiaõ, & os penitẽtes em querendo, tinhaõ Confessor: o que antes senaõ usava, tendose a tal assistencia por cousa odiosa. Fez tambem, com que em cada parochia se fizessem confissionarios pella traça dos que usava a Companhia, pera se guardar mais decòro, & gravidade em lugar taõ sagrado. De tudo se seguio acharem os penitentes Confessores em todas as freguezias da Cidade, de que se seguio copioso fruto.

25 Tinha este Padre introduzido em Evora, que os Irmãos da Misericordia se confessassem pello menos quatro vezes no anno nas festas principais. Tivera este cuidado bom successo, porque fazendo da sua parte em primeiro lugar ao Provedor, que era fidalgo mui illustre, depois andando de casa em casa buscando os Irmãos, que passavaõ de duzentos, acabou com todos, o que negoceava pera bem de suas almas. Agora em Elvas emprendeo a mesma cousa nos Irmãos da Misericordia. Deu principio a este costume sancto na Pascoa de Pentecostes.

26 Pera isto fez aviso aos fidalgos, que estavaõ em suas quintas, que vieraõ com grande piedade, & exemplo, comungaraõ de mistura com os pobres, & negros: de que resultou geral edificaçaõ. O Padre Pedro de Sancta Cruz, que era companheiro, diz em huma carta sua, que desde pella menhãa athe a noite estava atado ao confissionario, como a hum cepo. Homens, que antes sò a poder de excomunhoens se chegavaõ huma vez no anno à confissaõ, agora vinhaõ importunar os Confessores, pera se confessar tres, & quatro vezes no anno. Depois da quaresma era tal a frequencia dos Sacramentos, que parecia, estarẽ nella.

27 No dia de Pascoa do Espirito Sancto foi o fervor à medida do dia. O Cura da Igreja dava a comunhaõ, & o Padre Manoel Fernandes o lavatorio. Chegaraõ neste dia as comunhoens a setecentas, & oitenta, o que nas memorias

rias antigas se referé, cousa rara pera aquelles tempos. Na tarde do dia do Espirito Sancto sahio o Padre com os seus devotos a espairecer a huma hermida de Nossa Senhora da Graça distante da Cidade como hum quarto de legoa. Alli lhes fez huma pratica espiritual. Depois vinhaõ de quatro em quatro fallando de Deos, & contemplando as flores, & hervinhas dos campos. A gente da Cidade passmava de tanta devaçaõ, & de mudança taõ geral nos costumes, tudo effeitos do muito espirito do Padre Manoel Fernandes, a quem respeitavaõ como a Sancto. Depois de estar o Padre quatro mezes em Elvas, & ter taõ cultivada aquella Cidade, se recolheo ao Collegio de Evora.

28 Nesta Cidade alem de afervorar os seculares, consolou muito as Religiosas do Convento de Sancta Clara. Por meyo dos seus Religiosos lhe pedio a Abadessa quizesse consolar aquella Comunidade. Cumprio com esta devaçaõ, & a meteo taõ grande no Convento, que muitas fizeraõ os Exercicios de Sancto Ignacio. Tiraraõ as joyas, que traziaõ, & outras cousas, que tinhaõ de preço, & as levavaõ aos pés da Abadessa. O espirito de oraçaõ era muito. As que faziaõ os Exercicios, de ordinario dormiaõ vestidas por naõ perder o tempo da oraçaõ de noite, que conforme as direçoens dos Exercicios, havia de ser a primeira oraçaõ pella meya noite, como entaõ se costumava. Esta Missaõ a Elvas atribue o Padre Orlandino a outro Padre do mesmo nome, que morreo em Ethiopia, porem naõ foi senaõ o Martyr, como temos nos documentos originais do Cartorio de Evora.

CAPITULO XXXIV.

Da occasiaõ de sua morte, & caridade, que usou com os homicidas.

1 ESte era o espirito do Padre Manoel Fernandes: o qual pegava fogo do Ceo nas terras, onde fazia Missaõ. Quiz o Senhor coroar seus trabalhos com hum fim glorioso. O successo teve sua origem na mesma Cidade de Elvas no anno de 1555. Voltara elle a Elvas a continuar seus sanctos empregos, Havia na Cidade hum peccado

cado antigo mui escandaloso entre duas pessoas nobres, que por serem tais as pessoas, era mais notorio o escandalo. Geralmente se murmurava de tanta devacidaõ nas praças, & nos corrilhos. Era o peccador Ecclesiastico.

2 Quiz o Padre tirar taõ pernicioso exemplo, & prégando contra os sensuais, & deshonestos, o fez com tal pezo, & energia; que a peccadóra, que ouvia o sermaõ, deyxou o seu peccado. Sentio isto bravamente o louco amante, & determinou tirar a vida, aquem lhe tirava a sua occasiaõ. Voltava o Padre pera Evora; no caminho vinha algum tanto atraz do companheiro; pera assim, como era estilo seu, vir considerando em Deos, & tendo oraçaõ. Chegava a huma paragem deserta, quando lhe sahiraõ ao encontro certos homens armados, & rebuçados. Foraõse ao Padre, deraõ com elle em terra; disseraõlhe a causa, porq̃ o vinhaõ matar. Logo tirando de huns sacos de area, q̃ traziaõ preparados pera este fim, o comessaraõ cõ elles a moer. Choviaõ os golpes sobre o Padre, que elle sofria com grande paciencia. Dava graças a Deos, por lhe dar tal occasiaõ. Pedia à imitaçaõ de Christo perdaõ pera os seus matadores.

3 Satisfeitos, & imaginando estava morto, o deixavaõ. Entaõ o Padre alentando a voz entre tantas ansias mortais, lhes comessou a dizer: Naõ fujais, de quem sò dezeja o vosso bem, & està mais sentido do vosso peccado, q̃ das suas dores: tornay amim, senhores, que ainda estou vivo, pera rogar por vós a Deos, & sofrer a morte muitas vezes. Naõ vos temais da justiça da terra, que como naõ derramastes sangue, naõ ha feridas, que vos publiquem, nem eu serey parte pera vos accusar. Sò da justiça divina vos podereis temer, & por isso em mim achareis o remedio pera o perdaõ. E porque serà difficultoso achar, quem vos absolva deste horrendo sacrilegio, & excomunhaõ, confessai comigo vosso peccado, que pellos poderes, que tenho, vos absolverei, & livrarei da excomunhaõ.

4 Estas palavras despedidas como rayo de hum coraçaõ assim abrazado em amor de Deos, foraõ taõ poderosas, que penetraraõ, & renderaõ o corassaõ de hum dos homicidas. Lançase por terra, chora sua disgraça. Aqui levantou o servo de Deos aquelles olhos, & braços amortecidos ao Ceo, dando graças a Deos por assim o consolar

com a converſaõ de alma taõ perdida. Confeſſou-o, & abſolvéo. O meſmo homem lhe deu a maõ, & o ajudou a trazer athe o Collegio de Evora. Eſte meſmo foi, o que ao depois contou, & de quem ſe ſoube a cauſa da morte deſte ſervo de Deos; que elle neſta materia naõ diſſe palavra, por ſenaõ vir a entender, quem foraõ os matadores.

5 Em toda a Cidade de Evora foi o ſentimento igual ao amor, que lhe tinhaõ. O Cardeal Infante pella grande eſtimaçaõ, que delle, & ſuas virtudes fazia, o foi viſitar à cama. Depois recebidos os Sacramentos, eſpirou com o Sancto nome de JESUS na boca. Foi ſua morte no Collegio de Evora aos dezoito de Fevereiro de 1555.

6 Tanto que na Cidade ſe ſoube a morte do Padre,& ſe comeſſou a divulgar a cauſa della,naõ ſe pòde crer o sẽtimento, que em todos ouve. Acodio a Cidade toda a ſeu enterramento, procurando cada-hum haver alguma couſa de ſeu uſo como reliquia de homem Sancto. Naõ tinha ainda a Companhia Igreja, em q̃ o podeſſe enterrar. Muitas ſe offereceraõ, querendo ſanctificarſe com ſeu corpo, venceo porem a Sé. Foi o Cabido com a Clerezia ao noſſo Collegio. Dalli foi levado em veſtidos Sacerdotais com ſolemne acompanhamento de toda a Cidade. Na Sé foi depoſitado na ſepultura de hum Conego chamado Gomes Pires, que quiz foſſe ſanctificada com o corpo de homem taõ Sancto, & pera iſſo a offereceo.

7 Por muitos dias hia gente chorar ſobre a ſepultura, chamandolhe homem Sancto, pay de pobres, & remedio de peccadores. No anno de mil quinhentos oitenta,& nove, aos nove de Agoſto tratou de o treſladar pera a Igreja do noſſo Collegio o Arcebiſpo Dom Theotonio de Bragança. Acharaõſelhe inteiros, & incorruptos os ornamẽtos Sacerdotais, com que havia tantos annos fora enterrado.

8 Acodio toda a Cidade, dizendo: Vamos ver o Sãcto. Fez o Arcebiſpo eſta treſladaçaõ com grande ſolemnidade, & os oſſos metidos em hum cayxaõ foraõ depoſitados no carneiro da Capella de Saõ Vicente, aonde eſtiveraõ athe os 29. de Junho de 1684. ſem athe eſte tempo ſe abrir aquella aboboda por reſpeito dos oſſos, que alli eſtavaõ. Neſte dia, & anno hum Sancriſtaõ, que tinha pouca noticia das couſas do Collegio, & eſta com os annos eſtava

tava mui apagada, abrio o carneiro, pera nelle meter o corpo de hũ defũto, & cõfũdio os ossos deste veneravel Padre com os mais, dos q̃ tinhaõ sido enterrados na mesma Igreja, com bem magoa dos homens, que sabiaõ, quem aldi estava sepultado. Tais descuidos destes succedẽ naõ poucas vezes nas comunidades, por serem as cousas governadas por Irmaõs rudes, & pouco noticiosos, cuja simplicidade faz semelhantes desatentos. A vida, & martyrio deste Apostolico Prégador escreve o P. M. Balthezar Telles na primeira parte da Historia desta provincia, livro terceiro, desde o capitulo vinte, & dous athe o capitulo vinte, & quatro. O Padre Mathias Taner nos Martyres da Companhia. O Agiologio Lusitano no dia de sua morte, & outros. Muitas cousas, que elles naõ trazem, recolhi de papeys antigos, que se conservaõ no Cartorio do Collegio de Evora.

CAPITULO XXXV.

Vida do Padre Francisco Lopes, Missionario de Ethiopia.

Fremona 1. de Mayo de 1597.

1 HUm dos homens admiraveis, que com suas raras virtudes muito enobreceraõ a esta nossa provincia, foi o incomparavel servo de Deos o Padre Francisco Lopes, homem de quem testemunharaõ os Christaõs da Ethiopia, que dos companheiros do Sanctissimo Patriarca Andre de Oviedo, elle fora o mais Sancto, sendo assim, que todos os mais foraõ de virtudes mui assinaladas. Quarenta annos trabalhou em Ethiopia na salvaçaõ das almas, vinte em companhia do Admiravel Prelado Andre de Oviedo, & vinte depois de sua morte, sem haver na Ethiopia outro Sacerdote, depois que Deos levou pera si os mais companheiros, de todos elle foi o ultimo, que poz fim a seus ditosos, & felices dias.

2 Naceo este grande servo de Deos na Villa de Fronteyra no Bispado de Elvas. Entendo, que foi admittido na Companhia na casa de Sancto Antaõ o velho, pois os catalogos de todos os Noviços antigos da provincia, que tenho na minha maõ, naõ tem algum Francisco Lopes athe o anno, que este servo de Deos partio pera a India, & sò

dos

dos Noviços, que foraõ recebidos naquella casa naõ ha catalogos, sendo assim, que de outras noticias nos consta, que alli foraõ muitos admittidos em tempo, que na provincia havia somente o Collegio de Coimbra, & esta casa.

3 Entrou pera Coadjutor temporal, & neste estado partio pera a India com o Patriarca Joaõ Nunes Barreto, & Bispo Andre de Oviedo, & Sancto Padre Gonçalo da Silveyra, & outros Missionarios da nossa Companhia. Partiraõ de Lisboa no anno de mil quinhentos sincoenta, & seis. Quando chegaraõ a Goa achou o Patriarca por noticias mui frescas da Ethiopia, que estavaõ là as cousas da Religiaõ, mui outras, do que em Portugal se cuidava; & que o Imperador naõ tinha animo de deyxar seus erros, contra o que tinha escrito a el-Rey de Portugal, que a esse respeito lhe mandava Patriarca.

4 Por tãto se assentou no governo da India, naõ passasse por entaõ o Patriarca a Ethiopia, mas que bastava ir o Bispo com alguns Padres, os quais sondassem de perto as alturas das cousas; & que estando de boa feiçaõ, poderia partir de Goa o Patriarca; por senaõ expor huma tal dignidade aos desacatos dos Scismaticos.

5 Tomado este conselho, que por entaõ pareceo o mais seguro, mandou o governador da India Francisco Barreto preparar quatro fustas bem esquipadas de soldados Portuguezes, das quais eraõ capitaens Manoel Travassos de Figueyredo, Pedro de Sequeira, Vasco Correa, & Antonio Vas. Nellas se embarcou o Bispo, os Padres Manoel Fernandes, & Andre Gualdames, & os Irmaons coadjutores Antonio Fernandes de Braga, que entrou na Companhia na India, Francisco Lopes, & Gonçalo Cardozo, aquem depois na Ethiopia ordenou de Sacerdotes o Sãcto Prelado Andre de Oviedo, pera com elles suprir a falta, que avia de Sacerdotes.

6 No principio de Fevereiro de mil quinhentos sincoenta, & sete deraõ à vela pera o mar Roxo, aonde fica a Ethiopia, regiaõ mui dilatada da Africa, na qual tem sua fonte o rio Nilo, cujos povos seguiaõ os dogmas de Eutyches, & Dioscoro dirivados da cadeira de Alexandria, q̃ tem a estes dous Antichristos por huns grandes sanctos.

7 Chegaraõ os navegantes nos ultimos dias de Março a hum porto da Ethiopia chamado Arquico, que fica den-

dentro no mar Roxo. Logo que os lançaraõ em terra, se voltaraõ as quatro fustas por naõ cahir nas maõs dos Turcos, que andavaõ naquelles mares mui poderosos, & insolentes, & com os olhos em conquistar os portos maritimos de Ethiopia, & tirarem aos Abexins a cõmunicaçaõ com o mar, como depois fizeraõ, ganhando as ilhas de Maçuâ, & Suaquem, proximas à praya de Ethiopia, & o porto de Arquico na terra firme, que saõ as escalas, que pello mar Roxo tem o Imperio dos Abexins.

8 Logo foraõ os servos de Deos entrando pella terra dentro atte Debaroâ, que era a povoaçaõ, onde residia o Bahar Nagays, assim era o titulo do governador Abexim daquellas terras do Reyno de Tigrè, que estaõ vizinhas ao mar Roxo. Este era o mesmo, que no anno de mil quinhentos quarenta, & hum meteo na Ethiopia a Dom Christovaõ da Gama com a gente de armas Portugueza. Fez aos hospedes bom agazalhado, & recebimento, porq̃ ainda conservava o amor aos Portuguezes.

9 Dalli passaraõ à Corte, era Imperador Claudios mui afeiçoado aos Portuguezes, este os tratou bem, & lhes assistio com bom termo. Somente nunca quis mudar de religiaõ. Em Março de mil quinhentos sincoenta, & nove lhe entrou hum Mouro de Adel pello Imperio destroindo tudo, sahiolhe ao encontro, foi delle vencido, & morto. Vendose na batalha disse: Coitado do Bispo, se eu morro, & que hâ de ser delle?

10 Succedeolhe Adamâs Segued seu Irmaõ, que em nada se parecia com Claudios; Tomou grande odio ao Bispo, Padres, & mais Catholicos, dizendo, que Deos castigara a seu Irmaõ, pellos naõ perseguir. Foraõ notaveis as vexaçoens, que fez ao Bispo, & se referem na vida deste sancto Prelado: nellas teve sempre boa parte o P. Francisco Lopes, como seu inseparavel companheiro. Mandou-os a ambos desterrados pera terras de clima pestilente. Mandou secretamente, que os matassem no caminho, ou no desterro. Livrou-os Deos da morte por meyo da molher do Senhor da quella terra: a qual vio sobre a choupana, onde os tinhaõ metido, hum resplandor, como do sol, com esta vista ficou admirada; & ajuntandose o muito, que tinha ouvido da virtude do Bispo, fez com o marido, que lhes perdoasse a vida.

11 Naõ dilatou o Ceo o caſtigo contra o tirano, porque o Bahar Nagays tomou a vos de hum filho do Imperador Claudios, & as armas contra Adamâs, chamando em ſeu favor aos Turcos. Entaõ Adamâs tendo neceſſidade, de que ſe puzeſſem da ſua parte os Portuguezes, mãdou vir do deſterro aos ſervos de Deos, que foraõ em cõpanhia dos Portuguezes no arrayal.

12 Ouve batalha, em que Adamâs ficou vencido, & morto. Aqui ſuccedeo huma couſa eſtranha. Na perturbaçaõ do deſtroço, Padres, & Portuguezes ſe dividiraõ, pera onde os levou a tormenta. O Padre Franciſco Lopes em companhia do ſancto Patriarca ſe poz no meyo do arrayal em lugar patente fora das tendas, de joelhos em oraçaõ. Foi ella taõ poderoſa, que os fez inviſiveis aos inimigos: paſſavaõ aſſim Turcos, como Abexins junto delles, matando, & roubando, ſem darem fê dos dous ſervos de Deos. Soccegada aquella primeira furia dos vencedores, alguns Portuguezes indo pera onde os dous eſtavaõ, lhe perguntaraõ, que feito era dos mais Padres. Reſpondeo o ſancto Patriarca: Naõ tiveſſem cuidado, porque os Padres eſtavaõ com vida, ainda que em poder dos Turcos, do qual em breve tempo ſahiriaõ, como logo ſe comprio.

13 Antes deſta ultima ves tinha o meſmo Imperador deſterrado ao ſancto Prelado, & com elle ao P. Franciſco Lopes pera huma ſerra mui alta, eſteril, & fragoſa. Oito mezes paſſaraõ neſte deſerto, ſofrendo grande falta do neceſſario, & ſumo deſemparo.

14 Depois obrigado com os rogos de alguns ſenhores ſeus vaſſallos, levantou o degredo. Mandou ſob graves penas aos ſeus, que naõ tiveſſem comercio com o ſancto Prelado. Intentou fazer, tornar atras na fê a alguns, que ſe tinhaõ reduzido. A quatro deſtes mandou lançar aos Leoens, mas eſtes eſquecidos, de que eraõ feras, ſe puzeraõ mui quietos, ſem ofenderem aos Sanctos Confeſſores, por mais que os miniſtros os procuravaõ aſſanhar. Sahio de ſi o tirano, & ordenou foſſem levados ao deſterro.

15 Naõ quis o ſancto Prelado deſemparar ſuas ovelhas neſta deſconſolaçaõ, elle com o P. Franciſco Lopes foraõ pera o meſmo lugar do deſterro. Era eſtranha a crueldade dos executores, a fragoſidade dos caminhos alẽ de

com-

comprida, aſperrima, & falta do neceſſario grandiſſima.

16 Naõ ſentiaõ os ſervos de Deos tanto a ſua falta, quanto a dos innocentes deſterrados, levantaraõ olhos, & mãos ao Ceo, pediraõ a Deos, que pois no dezerto acodira antigamente ao ſeu povo, & no lago dos Leoens ſocorrera a Daniel, lhes acodiſſe na prezente neceſſidade. Succedia iſto junto de huma ribeira. Cazo notavel. Logo, que fizeraõ ſua oraçaõ, ſe renovou alli o milagre do Jordaõ, quando paſſou a arca do teſtamento, porque a ribeira ſe dividio, ficando como de repreza as agoas da parte de ſima, & as de bayxo ſe foraõ com taõ arrebatado curſo, que deixaraõ os peyxes ſaltando no fundo deſpejado de agoa, logo foraõ entrando, fizeraõ ſeu provimento do peyxe, & remediaraõ a falta prezente, & as que ſe aviaõ de ſeguir; & paſſado a pé enxuto o rio, tornou elle à ſua natural corrente. A viſta de couſa taõ eſtupenda, abriraõ os olhos muitos da quelles Sciſmaticos, que levavaõ os ſanctos ao deſterro, & abraçaraõ noſſa ſancta fê.

17 Eſte prodigio encheo de aſſombro toda a Ethiopia, & movidos com a fama delle muitos dos grandes fizeraõ com o Imperador, que mandaſſe levantar eſte deſterro, como em effeito ſe executou.

18 Em quanto viveo eſte Imperador, a vida deſtes ſervos de Deos foi hum continuado martyrio: alem deſtes deſterros, por vezes eſtiveraõ com ſuas vidas poſtas nas mãos da morte. Depois delle morrer às mãos dos Turços, como fica dito, lhe ſuccedeo outro, o qual ſe embebeo todo nas guerras, que foraõ muitas, ſem tratar de couſas de Religiaõ. Nem favoreceo, nem desfavoreceo os Catolicos.

19 O Patriarca, & Padres viviaõ em huma ſerra chamada Maegogâ em hum lugar, que ſe dizia Fremonâ no Reyno de Tigre: alli era a principal aſſiſtencia dos Portuguezes, que lâ ficaraõ de Dom Chriſtovaõ da Gama, & de ſeus filhos, & familias, que era a principal Chriſtandade de Ethiopia. Alli conſignara o Imperador aos Portuguezes por ſeus ſerviços terras, de que viveſſem.

20 Aqui foi o principal teatro das virtudes do P. Franciſco Lopes aſſim por vinte annos antes da morte do Sancto Patriarca, como por outros vinte depois della. Chegaraõ a tal extremo de pobreza, que o Patriarca la-

 vrava

vrava com dous boys a terra, & semeava em ordem ao seu sustento, a penas tinha huma pele, com que cobrir seu myrrado corpo. Delle referem as nossas Historias nesta, & em toda a materia de virtude cousas assombrosas, que se autenticaraõ por mandado do Illustrissimo Senhor Dom Frey Aleyxo de Menezes Arcebispo de Goa, & depois Primâs de Braga.

21 Os perigos, de que Deos livrou a este seu servo, podemos dizer, que foraõ innumeraveis. Huma ves foi mandado por seu superior assistir em Dambiâ aos Christaons, no caminho foraõ investidos dos Scismaticos elle, & seu companheiro o P. Gonçalo Cardozo, este foi morto âs lançadas, & o P. Francisco Lopes com huma cruel lançada se pode na revolta esconder por hum matto, & conservar a vida, pera acodir por mais annos aos seus Christaons.

CAPITULO XXXVI.

Notavel caridade do P. *Francisco Lopes, & o mais atte sua ditosa morte.*

1 O P. Francisco Lopes como foi inseparavel companheiro do Sancto Patriarca, estampou em si todas as virtudes, que foraõ raras na quelle admiravel, & portẽtoso homem. Elle foi o ultimo, que dos companheiros do Patriarca pôs fim a sua vida, & por muitos annos sem outro sacerdote acodio aquelles pobres, & affligidos Christaons.

2 A penitencia foi nelle estremada, costumava dizer, que esta vida sò nos fora dada pera trabalhar, & fazer penitencia; & assim como o dizia, o fazia. Seu corpo com os trabalhos andava tal, que parecia huma ossada cuberta cõ a pelle.

3 A sua caridade teve muito, em que se ver. Por causa dos continuos roubos, & guerras, os seus Christaõs chegaraõ a extrema necessidade. Tudo quanto tinha em casa por morte de seus companheiros o deu de esmolas aos seus Christaons. Atte os vestidos, com que se cobria, chegou a dar. Hum dia fez a sua capa em pedaços, & a deu a varios pobres. Pedindolhe hum pobre esmola, naõ tendo

do outra cousa lhe deu ametade da roupeta, cobrindose com o outro pedaço, & como depois disto se chegasse à elle outro pobre, lhe deu o outro pedaço da roupeta ficando sò com o vestido interior, que era a mesma pobreza.

4 Dalli por diante cobria o corpo, pera se abrigar dos frios alli intoleraveis, com huma pelle de algum animal. Naõ parou aqui a sua caridade. Hum dia encontrou o cadaver de huma pobre molher, que naõ tinha, cõ que se amortalhar, logo o Padre Francisco Loges se apartou, & tirando a camiza, a deu, a quem amortalhou o corpo, que como testemunha de vista depois jurou, o que vira.

5 Depois de dar a camiza, lhe ficava ainda huma pobre cama, em que tomava algum descanso, tambem deu esta, & ficou sò com a terra nua por cama. Vendo tal pobreza hum Christaõ, lhe deu hum saco de pano grosso, no qual encostasse o corpo. Recebeo com mostras de agradecimento, mas naõ lhe sofreo o coraçaõ, usar delle, avendo pobres, que dormiaõ na terra fria, logo o deu a hum delles, & assim ficou descansado.

6 Quando Deos o levou pera si, naõ se achou na sua choupana, com que o amortalharem. Nem teve na ultima doença outra cama mais, que hum couro velho, & roto, que lhe emprestaraõ. Sabendo, que estavaõ enfermos de mal contagioso alguns pobres reduzidos ao ultimo desemparo, dos quais assim por medo da contagiaõ, como pello roim cheiro, fogiaõ todos, pois ninguem podia parar dentro das cabanas, onde estavaõ: acodiolhes o Padre Francisco Lopes metendose nas choupanas, onde por espaço de tres, ou quatro mezes os servio de dia, & de noyte; fazendo, quanto era necessario, pois os pobrezinhos naõ tinhaõ outro enfermeiro, nem outra pessoa, que delles tivesse cuidado. Foi Deos servido, que finalmente os desse saons com notavel alegria do Padre. Este exemplo foi de grande admiraçaõ naõ sò aos Catholicos, mas aos Scismaticos, dos quais muitos abriraõ os olhos, & viraõ a sua cegueira.

7 Em outra occasiaõ tinha elle a seu cuidado hum pobre cheo de chagas, & podridaõ, quando chegaraõ os Gallas crueis inimigos dos Abexins, todos despejavaõ, & se acolhiaõ a lugar seguro, o P. Francisco Lopes tomou às

co-

costas o seu doente, & com elle se meteo na cova de hum deserto, onde o curou, & abrigou, atte os inimigos deixarem a terra.

8 Tais obras bem mereciaõ os singulares favores, cõ que Deos alliviava seus trabalhos, pois no meyo delles sentia o maior gosto. Jurou huma testemunha no processo, q̃ se fez de suas virtudes, que seu pay lhe dissera: Filho faze muito caso do P. Francisco Lopes, porque he hum grande sancto, eu o vi por muitas vezes no tempo, que dizia Missa, & se virava pera o povo com o rosto abrazado, fermoso, & resplandecente como o mesmo Sol, & quando se tornava a voltar pera o altar, aquella mesma claridade o hia seguindo, & virandose com o mesmo rosto.

9 Outra testemunha jurou, que quando dizia Missa, seu rosto estava taõ resplandecente, que parecia hum Anjo, & que os cabellos eraõ como fios de ouro, ficando depois da Missa brancos, como em si eraõ; & que a tal reverberaçaõ lhe feria os olhos, por ser mui intensa.

10 Veyolhe huma grave infermidade, que parecia ser a ultima. Estava o P. mui alegre, mas os seus Christaons entraraõ em agonias de morte, vendo, que naquella vida estava cifrado todo o seu remedio, & que faltando ella, ficavaõ sem pay, sem may, sem medico, sem pastor, que tudo era pera elles este sancto homem. Foraõ muitas, & mui fervorosas as oraçoens, que fizeraõ a Deos por vida, em que tanto lhes hia.

11 Ouvio Deos as oraçoens dos Catholicos, porque estando no maior perigo da doença, se levantou sam, foi à Igreja, disse Missa. Acabada ella, declarou aos Christaons, em como Deos por suas oraçoens lhe dera saude repentina, & dilatara a vida por mais dous annos; o que elle, ainda q̃ ardia em dezejos de ir ver a Deos, aceitara de boa vontade, pellos servir mais tempo, & acodir ao bem de suas almas.

12 Nestes dous annos assim trabalhou, como se entaõ dera principio a sua vida. Chegado o fim dos dous annos, huma semana antes de sua morte, ajuntou na Igreja os seus Christaons, exhortou-os à perseverar na virtude, & na fê Romana, deulhes muitos documentos sanctos, & avisos em ordem a sua perseverança, & conservaçaõ nos bons costumes. No fim lhes dis, que dalli a oito dias avia de

mor-

morrer, pera ir gozar de Deos, que naõ se affligissem com a sua morte, que lhes fazia saber, que Deos os tinha muito à sua conta, que naõ passaria hum anno, sem terem sacerdote da Igreja Romana.

13 Tudo assim succedeo, porque dalli a oito dias, que foi o primeiro de Mayo de mil quinhentos noventa, & sete entre amorosos colloquios com seu Deos lhe entregou seu ditoso espirito, tendo oitenta annos de idade, os quarenta gastados na Ethiopia, & foi o ultimo dos companheiros do Sancto Patriarca Andre de Oviedo, que acabou seus dias. Foi amortalhado em hum pano, que de esmola deu pera isto hum Portugues; & posto na sepultura do Patriarca, onde estavaõ os outros companheiros.

14 Em comprimento da sua profecia antes de hum anno chegou a Ethiopia hum sacerdote chamado Belchior da Sylva, homem de muito exemplo, & virtude, que o Arcebispo Dom Frey Aleyxo de Menezes mandara a saber o estado dos Christaons da Ethiopia, este por ser da India pode com as feiçoens facilmente enganar os Turcos, persuadidos naõ ser, o que era, & entrar naquella dezemparada christandade, cousa que avia quarenta annos senaõ tinha podido conseguir, sendo, que por vezes o intentaraõ sem efeito varios Religiosos da Companhia.

15 No anno de mil seis centos, & quatro pode tambẽ entrar o P. Pedro Paes da nossa Companhia, & o Sacerdote se voltou â India, por elle mandou aos nossos Padres a cabessa do Sancto Patriarca, & deyxou ficar pera consolaçaõ sua, & dos Christaons a do P. Francisco Lopes, que estava na mesma sepultura.

16 Quando lidava com as ultimas agonias pedio, que lhe fizessem huma Cruz em certa parte da sua choupana, & logo acrecentou, que a Senhora com sua prezença lançara ao Demonio daquelle lugar, & disse com grande affecto estas palavras: *O Sanctissima Senhora, May Nossa Sanctissima: estou vendo a May de Deos toda vestida de Luzes.*

17 A morte deste Sancto Padre trazem alguns em quinze de Mayo. A Historia da nossa Provincia a tem no primeiro deste mes. Deste servo de Deos trata o P. M. Balthezar Telles na segunda parte da Historia desta nossa Provincia, & tambem no livro segundo da sua Historia de Ethiopia. O P. Eusebio no tomo dos seus varoens Illustres,

que

que intitula: Firmamento Religioſo de luzidos Aſtros. O P. Nadaſi no ſeu Annus dierum. Pedro Jarric no ſegundo tomo do ſeu Theſauro Indico. O Agiologio Luſitano, & os que eſcrevem do Sancto Patriarca Andre de Oviedo.

18 Foi eſte ſervo de Deos depois de ſua morte hum grande protector do lugar de Fremonâ, como o fora em vida. Querendo huma noite huns ſalteadores dar de ſubito em hum Viſorey Catholico, que eſtava com pouca gente alojado junto a Fremonâ, & logo ſaquear, & deſtroir o lugar; hum dos ſalteadores veyo dar aviſo, que o aſſalto eſtava aſſentado no quarto da modorra. O Viſorey com alguns Portuguezes ſe puzeraõ à ſombra de humas cazas, a quem o luar dava nas coſtas. Chegaraõ os inimigos, & no maior ſilencio, em que vinhaõ, foraõ recebidos com huma carga de eſpingardas. Atonitos com eſte inſperado ſucceſſo, voltaraõ as coſtas, foraõ mortos muitos, & outros prezos. No meſmo tempo appareceo em ſonhos à hũ homem em Fremonâ o P. Franciſco Lopes com hũa imagem da Senhora nas mãos, & lhe foi declarado todo o ſucceſſo, & mandado, que pella menhãa, contaſſe tudo, o que em ſonhos vira. Aſſim o fez, ninguem lhe deu credito atte que chegou noticia meuda de tudo; & ſe ficou entendendo, que Deos os livrara por meyo do ſeu bemaventurado P. Franciſco Lopes. Ultimamente advirto, que o P. Balthezar Telles tem, que o P. Franciſco Lopes era natural de Lisboa, porem o noſſo P. Franciſco de Souſa na Hiſtoria da Provincia de Goa, parte ſegunda, Conquiſta primeira, diviſaõ ſegunda, paragrafo vinte, & ſinco dis, que os catalogos de Goa o tem natural de Fronteyra, o que eu tenho por certo, pois os catalogos das Provincias ſaõ couſas averiguadas, & neſta materia as mais ſeguras. Advirto, q̃ alguns eſcriptores confundem com eſte, outro P. Franciſco Lopes, que foi martyrizado pellos Mouros no mar da India, dizendo deſte, que fora pera à India no anno de 1556, ſendo em verdade, que o de que aqui ſe eſcreve, he o que foi no tal anno. Do outro naõ acho, que entraſſe em Portugal na Companhia, poriſſo delle naõ eſcrevo em alguma das partes deſta obra.

CAPITULO XXXVII.

Vida do P. Affonso Barreto, & morte ditosa do P. Gonçalo Cardozo.

Em Lisboa 12. de Fev. de 1557.

1 O P. Affonso Barreto teve dous Irmãos na Companhia ambos homens de grande ser, & que muito nos acreditaraõ, a saber o P. Belchior Nunes Barreto, que na India foi Missionario de grande espirito, o P. Joaõ Nunes Barreto, que foi Patriarca de Ethiopia; o mais moço dos Irmãos foi o P. Affonso Barreto. Seu Pay se chamou Fernaõ Nunes Barreto senhor do morgado de Freiris, & Penagate mui nobre por seu sangue, & mais pellos filhos, que Deos lhe deu, todos gente sancta, & consagrada a Deos. Sua may dona Izabel Ferras. Quatro filhas, que teve foraõ Religiosas exemplares no convento de Sancta Clara da Cidade do Porto, patria ditosa de todos estes servos, & servas de Deos: dos quatro filhos, Dom Gaspar Nunes Barreto herdou a casa, que hoje esta metida na primeira nobreza do Reyno, os outros tres entraraõ na Companhia.

2 Vivia Affonso Barreto em casa de seus pays, sendo o seu Benjamim, porque era dos Irmãos o de menor idade, & as demais prendas o faziaõ grandemente amado. Era de muy gentil disposiçaõ, costumes suaves, & dignos do amor, que os pays lhe tinhaõ. Contava quinze annos de idade quando se moveo a ser da Companhia com o exemplo de seus dous Irmãos. Previo elle que a may, pello muito, que lhe queria, de nenhum modo o largaria, & deyxaria ser da Companhia, por tanto com todo o segredo fogio da casa dos pays, & se foi a Coimbra.

3 Fallou com o P. Martinho de Sancta Cruz Reytor do nosso Collegio, o qual vio nelle tal fervor, que o ouve de recolher em o Noviciado aos oito de Junho de 1545. Faziaõ na quelle tempo os nossos em Coimbra mui estranhas mortificaçoens exteriores. Vendo estas o nosso noviço, naõ quis ficar atras. Alcançada licença, depoem o vestido ordinario, toma huma veste de penitente, & com os pês descalsos sahe do Collegio: vayse à praça de Coim-

bra, & como ſe foſſe malfeitor, ſe fez atar de pes, & mãos ao pelourinho.

4 Apoz iſto levantou a vos, & comeſſou a bradar dizendo: *Meu Senhor JESU Chriſto, que em caſa de Pilatos permittiſtes, que vos ataſſem a huma coluna, ponde os olhos de voſſa divina miſericordia neſte povo peccador, naõ pera o caſtigardes, mas pera lhe perdoardes.* Eſtas vozes repetidas por vezes fizeraõ acodir a gente, que eſtava na praça. Huns cuidavaõ, que enlouquecera, outros que alguem tinha perſuadido àquelle innocenteſinho, fazer tal doudiſſe: porem outros conſiderando a ſua modeſtia, & mais circunſtancias, que bem declaravaõ o eſpirito, que o movia, ſe compungiraõ, & o noviço vencedor de ſi meſmo ſe recolheo ao Collegio: tendo imitado neſte ſeu exemplo o do glorioſo P. Saõ Franciſco de Aſſis, que hum dia deſpido da cintura pera ſima, como tem S. Boaventura na ſua vida, & com huma corda ao peſcoço, ſe fez levar ao pelourinho, & alli ouvindoo todos, apregoou de ſi grandes confuſoens.

5 Pouco tempo depois de ter entrado em Coimbra, foi mandado continuar ſeu Noviciado na caſa de Sancto Antaõ o velho em Lisboa, pera ajudar âs Miſſas, & nos officios domeſticos. Alli entrou em novos fervores. Hia por vezes à ribeira com o comprador pera trazer a ſeus hombros o provimento, que ſe comprava. Ha naquelles lugares grande multidaõ de homens de ganhar, que levaõ de humas pera outras partes as couſas de maior pezo, & tambem ha muitos moços pequenos, a que chamaõ da ceirinha, porque trazem huma, em que levaõ carne, ou peyxe a caſa, de quem a compra. Toda eſta gente he inculta, & groſſeira, qual he a occupaçaõ, em que vivem.

6 Vendo o Irmaõ Barreto eſte campo bravîo, intentou cultivalo. Pede na oraçaõ a Deos, que ſe o que traçava, era pera maior gloria ſua, moveſſe o animo de ſeu ſuperior, pera que lhe deſſe licença, em ordem ao executar. O que elle excogitara dentro de ſi, fora fazerſe moço da ceirinha, pera com eſte disfarce encaminhar pera Deos aquella gente.

7 Aſſim como o meditou, o pos por obra, pede ao P. Gonçalo de Medeyros ſuperior da caſa, lhe dé licença pera viver alguns dias entre aquella gente. Avida a licença
ſe

ſe veſtio nos meſmos andrajos, que os do officio; tirou a roupeta de noviço, veſtioſe de hum pelote de burel, gualteira velha na cabeſſa, pês deſcalſos, ſacco ao hombro, ceirinha às coſtas com ſeu tiracolo de corda de eſparto: aſſim veſtido, ou mal enfeixado, ſe aprezentou a ſeu ſuperior, o qual naõ pode conter as lagrimas vendo a hum menino taõ nobre, taõ eſpecioſo, de taõ pouca idade, & de taõ poucos meſes de noviciado transformado com divina metamorphoſi em maraoſinho, sò por ſe mortificar, & fazer a Deos algum ſerviço.

8 Fezlhe o ſuperior ſuas lembranças, & lhe ordenou, que todos os domingos lhe vieſſe dar conta do fruto, que pella ſemana tinha feito, & tambem ſe confeſſar, & comungar. Aſſim veſtido ſe foi meter entre os do meſmo officio, pera os trazer a Deos. Em poucos dias teve boa freguezia, porque nelle concorriaõ todas as boas partes, q̃ a podiaõ fazer. Era mui fiel, naõ ſe deſavinha nos preços, o roſto ſempre alegre, & verdadeiramente de Anjo: as palavras mui compoſtas, & todas as acçoens tanto em ſeu ſer, que dava a todos, que admirar: chamavaõlhe o maraoſinho ſancto.

9 Com os do officio teve grande queda, faziaſe amigo de cada hum, & todos goſtavaõ de o ſer ſeu: contavalhes hiſtorias ſanctas, eſtranhavalhes os peccados, enſinavalhes a doutrina. Tudo fazia com tal graça, que era de todos hum doce enleo, & o vieraõ a ter por ſeu capatâs, & a honra do officio. Ouviaõ ſuas palavras, como ſe ſahiſſem de algum oraculo. Exhortavaos à confiſſaõ, & elles tomavaõ mui bem as exhortaçoens, admirandoſe, deque ſendo da ſua idade, & do ſeu officio, ſoubeſſe tanto. Aſſim rodeado dos companheiros vinha o Irmaõ Barreto a Sancto Antaõ, & alli os fazia confeſſar.

10 Depois deſta ſancta traça tomou a peitos huma empreza aſſâs difficultoſa. Algumas vezes levou elle cargas a certa rua, onde ouvio dizer, vivia hum ſacerdote, eſcandalo de toda a vizinhança, por viver com a torpeza de portas a dẽtro. Dãdo cõta ao ſuperior, lhe pedio licẽça, pera ſe fazer por alguns mezes moço daquelle Sacerdote; per ver, ſe tinha occaſiaõ de o tirar do ſeu atoladeiro. Lãçoulhe o Padre ſua ſancta bençaõ, & o Irmaõ Barreto cõ o meſmo disfarçe de moço da ceirinha ſe foi a caſa do Clerigo.

11 Offereceoſelhe, pera o ſervir ſem ſoldada. Vendo o Clerigo o ſeu agradavel modo, & que de graça o queria ſervir, de boa vontade o admittio em ſua caſa. Soubelhe grangear tanto os affectos, que lhe tirou o veſtido de burel, & veſtindoo de preto, ſe ſervia delle como de pagem de o acompanhar. Pouco a pouco veyo o Irmaõ a ganhar confiança, & a modo de quem ſe ria, lhe dava lembranças ſaudaveis. O Clerigo as tomava em graça, & fazia galantaria das prégaçoens do ſeu pagem.

12 Com tudo continuando elle nos aviſos, lhe hiaõ ſabendo de cada ves menos ao Clerigo: dizialhe, que ſe lembraſſe, que o tinha tirado da ceirinha; que fallava tanto, depois que ſe vira limpo com veſtido novo, que o obrigaria a tornar à ceirinha. Que depois, que ſe vira farto, naõ avia, quem ſe entendeſſe com elle. Vendo o noviço, que aproveitava pouco, hum dia cheo de eſpirito ſancto, levantando a voz, fes ao Clerigo hum alto ſermaõ: trouxelhe à memoria a morte, o juiſo, o Inferno, onde, ſenaõ ſe emmendava, iria ſem duvida cahir. Entaõ o Clerigo a modo do phrenetico, que ſe enfurece contra o Medico, ſe enviou ao prégador, lançou-o aos encontroẽs pella porta fora, dizendolhe, que ſe mais lhe cruzaſſe a porta, ou ſubiſſe pella eſcada, o lançaria mui bem moido pella janela.

13 Ficou o Irmaõ alegre com as injurias, mas triſte de ver o pouco fruto das ſuas prégaçoens, & do ſeu trabalho. Naõ quis o Senhor, que eſtas ſanctas invençoens ficaſſem ſem premio, & ja que nada pode effeituar com o ſacerdote, lhe deu pro lucro a converſaõ da molher, com quem vivia em peccado. Recolhendoſe o Noviço para a caſa de Sancto Antaõ, encontrou no caminho a mâ molher: falloulhe com tal eſpirito, que ella ſe trocou, deyxou ſua eſtragada vida, apartouſe do Sacerdote, foi à caſa de Sancto Antaõ, fes confiſſaõ geral, & comungou. Conſolouſſe muito com eſte bom ſucceſſo o noviço, & deu por bem empregado todo o ſeu trabalho. Foi hum dos primeiros, que no anno de 1551 foi a Evora, pera ſe fundar alli Collegio; era entaõ theologo, & hia com outros tres pera ſerem condiſcipulos do Senhor Dom Antonio; tivera alli por Meſtre ao admiravel varaõ Frey Bartholameu dos Martyres.

14 O reſtante de ſua vida em tudo foi igual: tres virtudes

tudes nelle em especial resplandeceraõ; grande modestia, grande caridade pera com o proximo, & devaçaõ pera cõ Deos. Ensinou em Sancto Antaõ letras humanas. Foy Vicereytor do Collegio de Evora por mui breve tempo. Teve outras occupaçoens, em todas se vio seu exemplo, & virtude. Foi homem de grande mortificaçaõ, della se lhe originou huma febre continua, que lentamente o foi consumindo, & desta etica, depois de bem preparado, veyo a morrer segundo a Historia da Provincia no Collegio de Sancto Antaõ em Lisboa. Escreve sua vida na Historia desta Provincia o P. M. Baltezar Telles, & o P. Manoel da Veyga no Memorial da casa de Saõ Roque. Em hum manuscripto do P. Francisco de Araujo achei o seguinte. *No livro dos defunctos da casa de Saõ Roque na primeira folha tem: O P. Affonso Barreto theologo, & que foi Reytor no Collegio de Evora, falleceo nesta casa a 12 de Fevereiro de 1557; foi homem de muita oraçaõ, & pas, & eu acrecento, porque o conheci, & foi meu Mestre de latim na segunda classe de Sancto Antaõ, sendo estudante de fora, & digo, que era hum Padre de grande sanctidade, rara modestia, & pas, & com grande fundamento se podia dizer delle, que era pomba sem fel.* Tambem deste P. falla o Agiologio Lusitano.

15 O P. Gonçalo Cardozo sò acho, que foi Portugues. De que patria fosse naõ consta, nem o trazem os catalogos antigos, donde collijo seria admittido na casa de Sancto Antaõ. No anno de mil quinhentos sincoenta, & seis passou à India em companhia do Patriarca Joaõ Nunes Barreto, & o Bispo Andre de Oviedo.

16 Em Fevereiro de mil quinhentos sincoenta, & sete deu à vela de Goa pera Ethiopia com o Bispo Andre de Oviedo, & alguns Religiosos da Companhia, levados em fustas Portuguezas. Sahiraõ no porto de Arquico, & entraraõ pella Ethiopia, na qual foraõ recebidos dos Portuguezes, que lâ tinhaõ entrado com Dom Christovaõ da Gama, como Anjos do Ceo.

17 Nestas terras o P. Gonçalo Cardozo trabalhou com zelo incansavel, & padeceo em grande parte as innumeraveis vexassoens, que alli se fizeraõ ao Sancto Bispo Andre de Oviedo, como jâ toquei assima na vida do P. Francisco Lopes. Teve o Padre Gõçalo Cardozo singular graça em atrahir os coraçoens de todas as pessoas, cõ quẽ

tra-

tratava: porisso naõ sò era amado dos Catholicos, mas tābē dos hereges. Cō hūa palavra cōpunha grandes discordias.

18 Reveloulhe Deos o tempo de sua morte, porque mandandoo seu superior a hum lugar chamado Dambiâ, que distava quinze dias de caminho, dizendolhe o Sancto Patriarca Andre de Oviedo na despedida palavras, em q̄ significava o dezejo da boa jornada, respondeo: *Eu vou muito alegre fazer este serviço à sancta obediencia, a quem estimo mais que a vida, mas saiba Vossa Senhoria, que eu nem hei de chegar a Dambiâ, nem tornar a este lugar.*

19 Partio em companhia do grande servo de Deos o P. Francisco Lopes. Indo caminhando deraõ sobre elles os ladroens, & mataraõ às lançadas ao P. Gonçalo Cardozo, que tambem tinha dito a seu companheiro, que naquelle caminho o aviaõ de matar. Ao P. Francisco Lopes deraõ no braço huma lançada, de que escapou com vida, porque o tinha Deos reservado pera muitos trabalhos, & cousas do seu serviço. Tambem refere o P. Saquino, que naõ fora morto, porque a espada chegando à carne, se dobrava como se encontrara alguma saya de malha. Dos mais Catholicos, que os acompanhavaõ, nenhum perigou: porque os Scismaticos incitados pello Demonio sò a estes dous como prégadores da verdadeira ley, parece, que buscavaõ. O P. Francisco Lopes assim ferido naquella confusaõ, valendose dos matos se pode livrar pera bem dos Catholicos, que tanto dependiaõ de sua vida.

20 Foi a morte do Padre Gōçalo aos vinte, & dous de Mayo de mil quinhentos setenta, & quatro. Deste servo de Deos falla o P. M. Balthezar Telles na segunda parte da Historia desta provincia, & no segundo livro da Historia de Ethiopia. O P. Mathias Taner nos Martyres da Cōpanhia, Nadasi no seu Añus dierū, & o Agiologio Lusitano. Alegambe nas mortes illustres dos filhos da Cōpanhia.

CAPITULO XXXVIII.

Em Goa anno de 1572.

Vida do P. Gaspar Villela Missionario de Japaõ. Sua patria, educassaõ, entrada na Companhia, jornada, que fes atte chegar à China.

1 HUm dos grandes imitadores, que teve na comquista espiritual do Japaõ o glorioso Padre Saõ Fran-

Francisco Xavier, foi sem duvida o veneravel Padre Gaspar Villela, homem cheo de espirito de Deos, & por cujo meyo innumeraveis almas vieraõ ao conhecimento, & serviço de seu Criador. Este ditozo Padre naceo na muy nobre villa de Avîs no Arcebispado de Evora. Onde tem sua cabessa a ordem militar de Saõ Bento, a que neste Reyno chamaõ de Avîs, tomando desta villa o nome.

2 No Real Mosteiro, que alli tem os Freyres conventuais desta Ordem, se criou este servo de Deos em seus primeiros annos. Alli com bons, & sanctos costumes aprendeo juntamente as primeiras letras. Por toda a vida viveo mui lembrado do bom ensino, q̃ de gente taõ virtuosa tinha aprendido. Da India lhe escrevia, dandolhe conta de suas cousas, em sinal do amor, que sempre lhes teve.

3 Em hũa carta, q̃ depois de vir de Japaõ lhes escreveo de Goa, comessa com estas palavras: *Parece, que se me podia contar por muita ingratidaõ, senaõ tivesse em lẽbrança viva o bẽ, q̃ desse sancto, & virtuoso Convento em minha mocidade tenho recebido: porque assim como pera hũa pessoa naõ errar o caminho, he causa a boa guia, que leva; assim tambem tenho por sem duvida, q̃ o principiar, & perseverar no da virtude, a principal ajuda, saõ os principios bons, & virtuosos, em que hum se cria, conforme aquillo da Escritura:* Bonum est viro, cum portaverit jugum ab adolescencia.

4 *Finalmente, que quando cuido vir a estado de ser ajũtado à Companhia de JESUS, na qual estou com muita alegria, dou os agradecimentos a essa Religiaõ do bemaventurado Saõ Bento, que foraõ os principios de minha vocaçaõ a esta. O Senhor gratifique os Reverendos* Padres, *que me ensinaraõ, & doutrinaraõ, com grandes gráos de sua gloria: Amen.* Assim dà principio áquella carta escrita a todos os Padres da quelle sancto Convento.

5 Naõ sabemos, porque occasiaõ entrou na Companhia, nem o anno de sua entrada. Segundo conjecturo, entrou na Companhia na casa de Sancto Antaõ o velho de Lisboa. Naquelle tempo, que foi pouco antes do anno de 1551. sò tinhamos neste Reyno o Collegio de Coimbra, & a dita casa. Na minha maõ tenho o catalogo de todos os Noviços, que foraõ admittidos em Coimbra, desde que a Companhia naquella Cidade teve Collegio. Nelles naõ està o Padre Gaspar Villela; porisso me persuado, foi

foi Noviço na casa de Sancto Antaõ, em q̃ naquelles principios tambem ouve Noviços. Naõ tinha entaõ a criaçaõ dos Noviços a separaçaõ, & modo, que hoje; & ainda que naõ exista catalogo dos que entraraõ em especial naquella casa, de outras memorias nos consta serem muitos alli admitidos.

6 Ou sendo ainda Noviço, ou muito pouco depois do anno, que naõ era entaõ o noviciado mais que de hũ sò anno, passou à India em companhia do Padre Belchior Nunes Barreto, que fez esta navegaçaõ no anno de 1551: por todos os da companhia eraõ quatorze, os que nesta occasiaõ navegaraõ a conquistar almas a Deos no Oriente. Ordenouse de Sacerdote em Goa,& no Mayo de 1554. se partio em Cõpanhia do Padre Belchior Nunes pera Japaõ.

7 Nesta viagem athe Malaca tiveraõ ventos mui contrarios, & das tardanças se seguio falta de mantimento em a nào. Com assás trabalho chegaraõ a Malaca. Logo acharaõ navio, pera continuar a derrota: mas intervindo naõ sei, que controversia, o navio por ordem dos ministros del-Rey foi desaparelhado, & impedido. Por tanto foraõ obrigados a invernar em Malaca. Neste tempo da sua detença se fez muito fruto na Cidade com prégaçoens, doutrinas, & confissoens. Viviaõ de esmolas pedidas de porta, em porta. Acodiaõ a dous hospitais hum dos enfermos Portuguezes, outro dos naturais da terra, servindoos em ordem ao bem de seu corpo, & de suas almas.

8 Com grande trabalho puderaõ aver hum caravela del-Rey, & com naõ menor a aprestaraõ pera continuar a viagem. Em o primeiro de Abril de 1555 sahiraõ de Malaca. Tinhaõlhe os moradores cobrado tanto amor,que ouve nesta despedida dos Padres copiosas lagrimas nos moradores de Malaca, como em huma sua carta refere o P. Belchior Nunes.

9 Parece, que todo o inferno em pezo se armou contra esta navegaçaõ; tanto, que pasmaraõ os marinheiros, q̃ sendo ella toda pera serviço de Deos, tivesse taõ ameudados contrastes; naõ entendendo, que por isso mesmo os tinha. Doze legoas de Malaca veyo hum vento taõ rijo, que rompeo a vela, & se a naõ rasgara, sem duvida a embarcaçaõ se affundira. Chegando ao estreito de Cincapura deu a caravela em seco sobre huma pedra. Sendo aquella ter-

la terra de gente mui inimiga de Portuguezes, dandose todos por perdidos, pediraõ ao Padre Belchior Nunes, que se metesse no batel, & fizesse por fallar a hum galiaõ Porguezes, que hia mais afastado. Assim o fez, mas junto da noyte cahiraõ sobre o batel perto de sincoenta paraos, que saõ embarcaçoens pequenas, & quasi o abalroavaõ: mas foi Deos servido, que puderaõ chegar à sombra do Galiaõ, cõ isto os Mouros se detiveraõ. O Galiaõ despedio os bateis; quando chegaraõ, ja a caravela estava fora da pedra, porque a tinhaõ aliviado.

10 Chegando à ilha Politimaõ, sahiraõ alguns Portuguezes a fazer aguada; puzeraõse os Mouros da ilha em silada, pera os matar, o que naõ effeituaraõ, porque foraõ sentidos. Aqui lhe fugiraõ quatro Mouros do serviço da caravela, que foi falta mui consideravel. Dalli chegaraõ a Patane, onde a terra toda estava alevantada contra os Portuguezes, porque o Galeaõ assima dito tinha tomado hum junco do Capitaõ de Patane, morto toda a gente, & metido-o no fundo. Alli se viraõ em perigo evidente dous Irmaõs, que sahiraõ em terra a fazer algum provimento.

11 De Patane emproaraõ em Japaõ; mas em breve tempo no golfaõ de Pulocondor sobreveyo taõ forte tromenta, que se abrio a caravela, & com os balanços tomava tanta agoa, que dando à bomba de dia, & de noyte a naõ podiaõ esgotar. Entaõ os da caravela juraraõ nas maõs do Capitaõ, em como entendiaõ ser temeridade, continuar a viagem, pois a perda era certa com tal embarcaçaõ, & tais tempos.

12 Por tanto foraõ obrigados a arribar a Politimaõ, da-hi a tres dias depois que chegaraõ a esta terra; chegaraõ a ella pera fazer aguada duas náos Portuguezas, que hiaõ pera a China. Os Capitaẽs destas náos rogaraõ ao Padre Superior, quizesse nellas passar à China, que dalli teria návio pera Japaõ. Concorreraõ outras boas rezoens, que todas o obrigaraõ a tomar o conselho dos Capitaens, a cujas nâos se passou com os mais companheiros.

13 Hum dia antes, que se passassem pera o Galeaõ de Francisco Toscano, estiveraõ perdidos na caravela, porq̃ veyo de noyte huma brava trevoada, & no escuro della veyo cahindo a encontrarse com a embarcaçaõ dos Padres o Galeaõ, & quasi esteve a ponto de marrar nella, & com a

pancada a meteria no fundo. Livres do Galeaõ com aſſáz trabalho foraõ deſcahir ſobre huns penedos,por ſer o fundo pouco limpo, & ſe deraõ alli por perdidos; com tudo com muito ſuor, & perigo ſahiraõ do meyo da ruina, tendo-o por eſpecial favor de Deos, pois os remedios humanos em tais anguſtias eraõ de poucas forças, & ſucceſſo.

14 Paſſados ao Galeaõ no meyo de Julho chegaraõ à Ilha de Sanchaõ. Aonde muito ſe conſolaraõ com viſitar o lugar, onde eſtivera ſepultado o corpo de Saõ Franciſco Xavier, & nelle diſſeraõ Miſſa. Dalli foraõ à Cidade de Cantaõ na China. Dous annos gaſtaraõ neſtas navegaçoens. Por fim de ſeus trabalhos foi Deos ſervido, que da China chegaſſem ao dezejado termo de ſuas ancias o Japaõ, aonde ao noſſo Padre Gaſpar Villela o eſperavaõ outros trabalhos mais prolongados, que os que ja tinha padecido, & foraõ huns como enſayo dos outros.

CAPITULO XXXIX.

Daſſe breve noticia do Japaõ, & como a elle chegou o Padre Villela, & o que lhe aconteceo em Bungo, & Firando.

1 PORque eſtas couſas, que ſe eſcrevem pera andar em maõs de muitos, he bem tenhaõ muita clareza: porque nem todos, os que lem, ſaõ noticioſos, naõ he fora do meu intento, dar de caminho huma ſumaria noticia do Japaõ: a qual ſerve pera ficarem com mais clareza aſſim as couſas tocantes à vida do Padre Gaſpar Villela, como taõbem à do Padre Luis Froes, que logo depois deſta ſe ha de referir.

2 Japaõ ſaõ humas ilhas no fim do mundo, que eſtà deſcuberto pera as partes Orientais, contem em ſi eſtas ilhas ſeſſenta, & ſeis Reynos. Dividemſe em tres partes, a principal, onde eſtà a Cidade de Miaco, contem ſincoenta & tres Reynos. Neſta eſtà hum dominio de ſinco Reynos, que chamaõ Goquinay, & quem he Senhor deſte, ſe intitula Senhor de todo o Japaõ, ou da Tenca,que aſſim chamaõ a eſta ſua ſuprema Monarquia.

3 A ſegunda parte contem quatro Reynos, que iſſo ſigni-

ſignifica o nome Xicoco, com que a nomeaõ. A terceira parte ſe chama Ximo contem em ſi nove Reynos. A maior parte deſtes chegou a ſer de Senhores Chriſtaõs.

4 Nos primeiros tempos ouve no Japaõ hum sò Monarca, que ſe dizia Vo, & por outro nome Dayri: tinha dous Governadores, ou como em lingua de Japaõ ſe nomeaõ dous Cubos: hum deſtes matando ao outro ſe levãtou com o governo da Monarquia, deyxando ao Rey natural sò com o titulo de Rey. Por eſta occaſiaõ ſe levantaraõ tantas guerras, que puxando cada-hum por ſeu pedaço, a Monarquia ſe repartio em ſeſſenta, & ſeis Reynos. O que era Senhor de Goquinay ſe chamou ſempre Cubozama; tendo mais, ou menos Reynos, ſegundo lhos dava, ou tirava a guerra, que no Japaõ he quaſi cõtinua, por ſer a naçaõ de genio bellicoſo, & revoltoſo.

5 O Dayri, cuja familia devia ſer de boa avença, ſe conſervou contente com o titulo de Rey do Japaõ. Todavia o Dayri dà, & acreſcenta os titulos dos Reys, & Senhores de Japaõ, nem elles os tem por fermoſos ſem eſte caracter, de ſerem da maõ do Dayri. He accepſaõ daquellas gentes.

6 Os ſeus Eccleſiaſticos ſe chamaõ Bonzos ſaõ muitos em numero, & de groſſas rendas; tem moſteiros mui ſumptuoſos. As ſeitas, que ſaõ muitas, ſe podem reduzir a dous principios, huma daquelles, que naõ reconhecem outra vida, mais que eſta, que vem com os olhos. Depois da qual nem tem, a ver premio, nem caſtigo. Eſta ſeita he, a que ſeguem comummente os Reys, & grandes Senhores: Chamaõſe os Sectarios Jenxûs, adoraõ os Camis, que foraõ Reys, & Senhores grandes.

7 A outra he, dos que tem a ver outra vida Inferno pera os máos, bemaventurança pera os bons. Eſtes adoraõ huns idolos, chamados Fotoques por outro nome Amida, & Xaca. Neſta claſſe ha grande diverſidade de Sectarios. Os maiores inimigos da ley de Deos ſe chamaõ Foquexus, que a olhos fechados crem as mentiras de hum livro de Xaca por nome Foquê, donde tomaraõ o nome.

8 Deſte Xaca dizem, que antes de nacer, nacera oitocentas vezes em cada eſpecie de couſas, & por derradeiro naceo Xaca, que quer dizer ſem principio. Sahio pella ilharga da may comendoa com os dentes. Em nacendo

levantou o dedo ao Ceo, dizendo, que no Ceo, & na terra elle sò era Senhor, que todos eraõ seus filhos. A este tom accumulaõ outras patranhas, que naõ ha, porque gastar papel em as contar. Basta esta brevissima digressaõ, pera entender, a que gentes prégou o Padre Gaspar Villela.

9 No mez de Junho de 1556. partio o Padre Belchior Nunes, & o Padre Gaspar Villela, & alguns Irmaõs Coadjutores, da China pera Japaõ. Naõ foi a jornada sem perigo, porque passando a náo entre dous ilheos quasi por milagre senaõ desfez nos calhaos; & diz o P. M. Belchior em huma carta, que lhe parecia ter passado a náo entre Scilla, & Caribdis.

10 Chegaraõ a Bungo no Japaõ, aonde acharaõ ao P. Cosme de Torres, & mais alguns poucos da Companhia, que em Japaõ havia. A vista foi pera huns, & outros de incrivel gosto. Logo se ordenou, que o Padre Villela ficasse em Bungo assim pera cõsolaçaõ do Sãcto velho Cosme de Torres, como pera delle aprender o modo, que se guardava com os Christaõs, & os costumes da terra.

11 Dalli sahia o Padre Gaspar Villela a consolar com a Missa, & a fazer bautismos nos lugares fora da Cidade. Huma vez sahio a huma povoaçaõ distante dez legoas, que andou a pé com muita fome, & frio, chegaraõ elle, & o Irmaõ Ioaõ Fernandes companheiro, que fora do Sãcto Xavier, a casa de huma Christãa, que os hospedou com rabaõs, & inhames, por ser mui pobre; logo lhe pediraõ chamasse gente pera ouvir a prégaçaõ.

12 Ouviraõ-na muitos gentios, & dez receberaõ a ley de Christo. Entre estes era hum velho de setẽta annos entrevado, em cuja casa se fez a prégaçaõ; o qual quando fallava, tremia tanto, que era cousa de admiraçaõ. Este fora grande matador de homens. Adorava ao Demonio na sua mesma figura. Depois de instruido foi bautizado pello Padre Villela, & dahi a dous dias se levantou da cama, perdeo o tremor, & naõ foi mais entrevado. Queimou em prezença do Padre muitos papeis do Demonio, & outras cousas do mesmo, a que athe alli dera credito.

13 Naõ faltaraõ em Bungo sustos aos Padres, todo hũ inverno estiveraõ preparados, pera cada instante receber a morte. Andava a terra mui perturbada. El-Rey estava em huma fortaleza distante sinco legoas, os ladroens anda-

vaõ mui ſoltos. Os Bonzos os incitavaõ, a matarẽ os Padres. Tinhaõ de noyte vigia entre ſi repartida a quartos. Vinhaõ os Chriſtaõs a vigiar a caſa. Naõ comiaõ os pobres de Chriſto bocado, que naõ foſſe deſtemperado com o temor da morte. Entre eſtas perturbaçoens naõ ceſſava a converſaõ dos gentios, que muito ſe adiantava, & ſervia aos miniſtros Evãgelicos eſte copioſo fruto de lhe adubar, & adoçar os ſobreſaltos, em que de contino eſtavaõ.

14 Neſte tempo levantaraõ os Padres hum hoſpital em Bungo, onde muito ſe exercitou a caridade com toda a ſorte de pobreza. Nelle, conta o P. Villela em huma carta, ſuccederaõ curas notaveis, como eraõ curaremſe em quinze dias poſtemas de dez, & vinte annos; o que mais parecia virtude eſpecial de Deos, que effeito de medicamentos.

15 Em ſetembro de 1557 foi o P. Villela mandado pera a Cidade de Firando, que era do meſmo Reyno de Bungo, aonde principalmente hiaõ os Portuguezes a ſeus contractos, por ſer o porto dos melhores de Japaõ. Neſta ilha, que terâ ſomẽte tres legoas frutificou muito a palavra de Deos. Em dous meſes ſe fizeraõ mil, & trezentos Chriſtaõs. E ſe converteraõ em Igrejas tres templos dos Pagodes.

16 Naõ podia o Demonio aquietar muito vendo, q̃ o ſeu culto ſe hia deminuindo. Teve o P. Villela huã diſputa com hum Bonzo poderoſo, ficou o triſte confundido, & tambem envergonhado. Por ſe deſafrontar, comeſſou a prégar em Firando contra a ley de Deos, & ſeu miniſtro dizendo muitas mentiras, & falſos teſtimunhos. Amotinou o povo contra o Padre, derribaraõ as cruzes, & foi o P. lançado fora. Viraõſe neſte tempo muitas cruzes no ar, & outros ſinais, que eraõ como vozes mudas, que ſignificavaõ aos gentios ſeus deſacertos.

17 Eſta furia dos Bonzos, & do ſeu mayoral ſe irritou ſobre maneira, quando viraõ, que os Chriſtaõs irados de terem os gentios quebrado as cruzes, de noyte lhe puzeraõ fogo no ſeu moſteiro; ſem deſta determinaçaõ ter noticia o Padre, ainda, que os Bonzos diſſeraõ, ſer tudo por ſeu mandado: por tanto o meſmo Rey naõ dando ouvidos à ſatisfaçaõ, que o Padre lhe dava, ſe acomodou ao querer dos Bonzos, & o Padre ſe ouve de voltar outra vez pera Bungo, donde viera.

C A-

CAPITULO XXXX.

De como o P. Gaspar Villela passou a fundar Christandade na Corte de Japaõ.

1 DEzejava muito o P. Cosme de Torres superior dos nossos Religiosos em Japaõ, degolar a Hidra da idolatria no seu mesmo berço, que era a Universidade de Fienoama junto à Cidade de Miaco cabessa de todo o Japaõ. Depois, que Saõ Francisco Xavier entrara no Miaco, nenhum outro da Companhia nella tinha posto os pês: & era de grandissima importancia, que alli fosse a fê conhecida, assim pera maior credito seu, como pera se fazer mais notoria a todos os Reynos de Japaõ.

2 Foi eleito pera esta taõ ardua empreza o P. Gaspar Villela, o qual escrevendo nesta occaziaõ aos nossos Religiosos do Collegio de Goa lhes dis assim: *Por aver alguns dias, que estamos nesta terra, & senaõ ter conhecimento, nem experiencia da cabeça della, que he onde estaõ seus letrados, & manaõ suas seitas, pareceo in Domino ao P. Cosme de Torres nosso superior, saberse, o que lâ avia; & palparmos, se o Senhor por sua misericordia quer abrir a porta naquellas partes; de modo, que depois de muitas oraçoens, & sacrificios ordenados a este fim, sahio a sorte naõ sobre Mattias na virtude, mas sobre mim miseravel, & peccador, taõ insufficiente pera tal empreza: mas ja, que o Senhor assim o permitte, & a obediencia assim o ordena, abayxo a cabeça, offerecendo alma, & corpo pera a morte, frios, injurias, & muitas adversidades assim no mar, como na terra, que estaõ mui certas, tendo muita esperança em vossas oraçoens, carissimos Irmaõs.*

3 *A maneira, que levo por ordem da sancta obediencia, he ir direito à cabessa dos Bonzos, que se chama Fienoama, q̃ quer dizer outeiro de fogo, & he tida, como temos na Christãdade a Universidade de Paris. Levo comigo hum Irmaõ natural de Japaõ por nome Lourenço, pera ser interprete nas disputas, & praticas, que tiver, & nas mais cousas do serviço do Senhor: porque ainda, que eu saiba a lingoa, per derradeiro a mim me he madrasta, & a elle natural.* Assim falla o P. naquella carta.

4 Tinha sido grande parte ao P. Cosme de Torres, ter recebido huma carta de hum Bonzo superior de hum dos mosteiros daquella Universidade, o qual ouvindo dizer muitas cousas da nova ley, que em Bungo se prégava, escreveo ao P. Cosme de Torres, em como elle por seus annos, occupaçaõ, & distancia naõ podia ir a Bungo, por tanto, que lhe mandasse alguem, que lhe desse noticia daquella ley. O portador da reposta foi o P. Villela, que juntamente levava a carta do Bonzo, pera fazer fê.

5 Partiraõ os dous da Cidade de Funay em Setẽbro de 1559. pera Miaco, que dista por mar como cento sincoenta legoas. Nesta navegaçaõ lhe naõ faltou, que padecer. Pondose o vento contrario, comessaraõ os barqueiros, que eraõ gentios, a tirar da gente, que passava, esmola pera hum idolo, que costumavaõ invocar em semelhantes faltas de vento. Pedindo ao P. Villela, respondeo, que elle adorava ao Criador do Ceo, & da terra, & naõ a idolos, por tanto, que naõ avia, que pedirlhe esmola.

6 Agravaraõse desta reposta, & ficaraõ persuadidos, que o vento lhes faltava, por levarem em sua companhia hum taõ grande inimigo dos seus Deoses. Afroxou alguma cousa esta persuasaõ, quando no dia seguinte tornaraõ a ter vento favoravel: mas como durasse pouco, totalmente assentaraõ consigo, que do Padre lhes vinha o mal.

7 Chegaraõ a hum porto com muito trabalho. Alli quizeraõ deixar ao Padre. Depois de muitas instancias alcançou delles, que o levassem atte outro porto, que distava doze legoas. Avia nelle muitas embarcaçoens, porem os que o tinhaõ acompanhado, se foraõ a cada huma dellas, dizendolhes, que naõ levassem consigo taõ mao homem, porque se veriaõ em grandes perigos. Por tanto nunca pode acabar o Padre com algum delles, que o admittisse.

8 Depois de todos se partirem, chegou huma embarcaçaõ, que como naõ tinha noticia, do que passara, nem outros passageiros, tomou em si ao Padre. Foi cousa rara, que das outras embarcaçoens, humas se perderaõ cõ naufragio, outras foraõ tomadas por cossarios; sò a em q̃ hiaõ os servos de Deos chegou em paz à Cidade de Sacay, q̃ dista do Miaco doze, ou treze legoas. Chegou alli aos dezoito de Outubro do mesmo anno de 1559.

9 De Sacay passaraõ a huma villa chamada Sacamoto,

moto, que eſtava na raiz da ſerra de Fienoama, aonde dirigiaõ a ſua jornada, por nella eſtar o moſteiro, pera cujo Superior levavaõ carta. O Padre ficando em Sacamoto na caſa de hum Chriſtaõ por nome Diogo, mandou levar a carta ao Irmaõ Lourenço. Succedeo, ſer ja morto aquelle Bonzo, eſtava no ſeu lugar hum ſeu diſcipulo: recebeo a carta; & vendo, o que nella ſe tratava, ſe eſcuſou de os amparar, dizendo, que elle era pobre, & que naõ tinha authoridade, como ſeu Meſtre. No dia ſeguinte ſe vio com elle o Padre Villela, prégoulhe de como havia hum Criador de todas as couſas, & os mais myſterios da fé, q̃ o Bonzo, & dez ſeus diſcipulos ouviraõ. Por fim reſpondeo, q̃ pera manifeſtar aquella nova ley, era neceſſario fallar primeiro com o maioral de todos os Bonzos de Fienoama.

10 Inculcoulhe juntamente hum homem, que lhe podia facilitar a entrada, que naõ era pouco difficultoſa. Fallou com elle o Padre; porem entendendo o homem, que a materia ſeria de pouco agrado do Bonzo, o naõ quiz levar, nem ainda a ver o moſteiro; porquanto ſenaõ moſtrava, ſenaõ, aquem levava algum prezente ao Bonzo.

11 Vendo o Padre, que era por demais intentar por entaõ fazer algum fruto em Fienoama. Deixada aquella terra ſe foi pera Miaco, que diſta della como tres legoas. Eſta Cidade, ſegundo as hiſtorias de Iapaõ, teve em tempos paſſados ſete legoas de comprimento, & tres de largura. Com ella ſe continuava a ſerra de Fienoama, com todos os ſeus Moſteiros, que paſſavaõ naquelle tempo de tres mil. Porem ſobrevindo muitas guerras, a Cidade ſe diminuio de ſorte, que no tempo, que nella entrou o P. Gaſpar Villela, naõ tinha de comprido mais de huma legoa, & Fienoama ficava diſtante della quaſi quatro legoas, & dos tres mil Moſteiros haveria ainda como quatrocentos. Onde tinhaõ ſuas origens as ſeitas, que eſtavaõ eſpalhadas por todo o Iapaõ.

12 Neſta Cidade aſſiſtia toda a principal nobreza aſſim ſecular, como Eccleſiaſtica. Nella floreciaõ as ſciencias de Iapaõ: a gente ſe prezava, & era a mais polida de todos aquelles ſeſſenta, & ſeis Reynos. Em huma palavra, Miaco era a todo o Iapaõ hum como exemplar dos coſtumes, & leys da naçaõ, & fonte donde bebiaõ ſeu ſer.

CAPITULO XXXXI.

Comeſſa o Padre Villela a prègar no Miaco, & fruto, que fazia.

1 NOs ultimos de Novembro de mil quinhentos, & ſincoenta, & nove entrou o Padre Gaſpar Villela na grande Corte de Iapaõ deſtituido de todos os patrocinios humanos, mas com huma grande confiança em Deos, cuja honra eraõ todos os ſeus diſvelos. Na caſa, onde ſe hoſpedou, eſteve alguns dias recolhido encomendando a Deos, lhe deſcobriſſe modo, com que proceder neſta empreza. Depois deſtes dias tomou na maõ huma Cruz, & ſahio a publico, prégando em como havia hum sò Deos Criador do Ceo, & da terra, & outros myſterios de noſſa ſancta fé. Concorria muita gente a ver o eſtrangeiro, mais por zombar, que por outra couſa. Deſte modo ſe divulgou nos primeiros dias o nome de Deos no Miaco.

2 Trinta, & nove dias paſſados ſem recolher fruto do ſeu trabalho, por conſelho, & interceſſaõ de hum Bonzo honrado fallou o Padre com o Cubozama, que tinha o dominio, & governo temporal do Reyno. Recebeo com agrado, & lhe deu a beber do ſeu châ pella meſma taça, por onde elle o bebia, que he ſinal de amizade. Grangeou-lhe eſta viſita mais autoridade, do que a que athe entaõ tinha, que era nenhuma.

3 Logo ſe paſſou a morar em outra caſa de melhor ſitio. Concurria muita gente a ouvir, & Bonzos a diſputar: porem huns zombavaõ, outros eſcarneciaõ do Padre, nenhum abraçava a verdade. A primeira, que ſe converteo, foi huma velha pobre, depois hum fidalgo de Amanguchi com dez criados.

4 Comeſſaraõ logo os Bonzos a dizer grandes mentiras do Padre, que comia carne humana, que onde aſſiſtia tudo era deſtroido, & traziaõ pera exemplo as guerras de Bungo, & Amanguchi. Fizeraõ credito aos ſeus ditos cõ hum fogo, que ſe pegou nas caſas da meſma rua, em que o Padre morava. Vendo elles, que o Padre por nenhuns ditos, nem zombarias deſiſtia: meteraõ grandes medos ao

hoſpede, pera que o lançaſſe de ſua caſa. Cheo o homem de medo mandou ſahir ao Padre, & como fizeſſe alguma demora, ſe foi a elle com a eſpada nua, & o obrigou a deſpejar, dous dias antes de comeſſar o ſeu anno novo, que teve principio em vinte, & ſinco de Janeiro de mil quinhẽtos, & ſeſſenta ſegundo o uſo de Iapaõ, que comeſſaõ o ſeu anno no primeiro da lua nova de Fevereiro.

5 Paſſouſe o Padre com o Irmaõ Lourenço a huma caſinha mui deſabrigada, & por ſerem os frios grandes tiveraõ mais, que padecer, naõ tinha portas, nem janelas, era o meſmo deſemparo. As injurias, que aqui ſofreraõ do povo, & gente moça induzida pellos Bonzos, naõ ſe podẽ numerar: de noyte lhes tiravaõ muitas pedradas, deitavaõ terra, & area ſobre a caſa, faziaõ outros muitos eſcarneos. Aſſim continuou athe o mez de Abril, prégando a todos com as palavras, & com o ſofrimento, que era virtude naquellas gentes pouco viſta, & uſada. Neſte tempo ſe fizeraõ como cem chriſtaõs. Foraõ muitas as diſputas com Bonzos de varias ſeitas, de que ſahiaõ confundidos.

6 Entre os mais Bonzos veyo hum chamado Quẽxu. Trinta annos tinha gaſtado nas ſuas meditaçoens, fora aprovado por homem Sancto por dous letrados, que no Miaco tinhaõ eſte officio, & canonizavaõ eſtes novos Sãctos com grandes ceremonias, dellas era huma, aſſentaremno em huma cadeira, & adoralo. Eſte Sancto veyo ter cõ o Padre, dizendo: que elle tinha clara noticia, do que fora antes de nacer, do que era de prezente, & do que havia de ſer depois de ſua morte. Pera ſignificar eſte ſeu conhecimento, tinha em ſua caſa pintado em hum papel aſſinado pellos dous letrados huma arvore ſeca com dous verſos. O primeiro dizia: *Ati arvore ſeca, quem te ſemeou? Eu, que meu principio foi nada, & em nada me hei de tornar.* O ſegundo verſo tinha: *Meu coraçaõ, que naõ tem ſer, nem naõ ſer; naõ vay, nem vem eſtà detido.*

7 Eſte entrou a fallar com o Padre, dizendo grandes prefaçoens da ſua ſabedoria, & que naõ vinha ouvir couſas tocantes à ſalvaçaõ, que lhe naõ eram neceſſarias; mas sò por ouvir couſas novas, & com a noticia dellas paſſar hum pedaço de tempo. Falloulhe o Padre, & o homem ſe deyxou penetrar tanto das verdades da fé, que como em hum claro eſpelho vio a cegueira, em que tinha andado, & final-

finalmente abraçou a verdade, & se fez christaõ. Este Bõzo, como era de sabedoria conhecida, fez grande abalo na Cidade com a sua conversaõ.

8 Naõ foi menos pera louvar a Deos a conversaõ de outro Bonzo homem de abstinencia rara. Naõ comia carne, nem peixe, nem paõ de trigo, cevada, nem arroz, nẽ legumes; somente se sustentava com ervas, & frutas secas de algumas arvores. Tinha feito voto de ensinar de graça cem mil vezes hum livro de Xaca chamado Foquequió, tudo isto fazia, pera se salvar. Contou ao Padre, que haveria dez annos, que em sonhos vira huns Padres, que vinhaõ de longe, & que lhe ensinavaõ o caminho da salvação. Logo no outro dia depois do sonho, ouvira dizer, em como estavaõ no Amanguchi huns Padres vindos de longe, que ensinavaõ o tal caminho. Este, ouvida nossa sãcta ley, voltou logo a sua casa a dispor algumas cousas, porque era de fora do Miaco, pera vir desembaraçado de tudo receber o sancto bautismo.

9 Receberaõ mais o bautismo outros quinze Bonzos: muitas pessoas honradas vinhaõ de noyte a ouvir o Padre. Vendose com tudo o Padre vexado, foi a casa de Mioxindono hum dos principais Regedores do Cubozama pera lhe pedir seu amparo. Hia em companhia de hum fidalgo de sua casa. Logo os Bonzos deitaraõ fama pella Cidade, que o Regedor mandara prender ao Padre, & que se tinha mandado sahir da Cidade por publico pregaõ. Brevemẽte foraõ desmentidos, porque o Regedor ordenou se lançasse pregaõ, que ninguem se atrevesse a fazer mal algum ao Padre estrangeiro.

10 A vida do Padre tambem prégava muito. Viaõ os Bonzos prudentes nelle outros costumes, & sanctidade, q̃ naõ viaõ nos seus Padres espirituais. Todos os de huma seita venerando, quasi como ao seu Deos Xaca, a certo Bonzo seu Mestre, tomaraõ conselho de o privar do superiorado, dizendo; que naõ era taõ casto, como o Padre dos christaõs, o qual alem de não ter molher, prohibia, que os seculares tivessem mais de huma: & que o seu Bõzo prégandolhes castidade, tinha escondidamente muitas molheres. Que occultamente comia carne, & peixe, ensinandolhes o contrario: que levava dinheiro pellos ensinar, cousa que o Padre naõ fazia.

11 Com isto foi o Padre entrando em taõ boa opiniaõ, & parecia sua doutrina tão ajustada aos Bonzos; que cada seita queria pera credito seu, que o que elle ensinava, naõ era outra cousa, senaõ a mesma doutrina do Padre explicada por outros termos, & palavras.

12 Succedeo tambem hum caso, que muito atemorizou os gentios. Pediraõ os Christaõs ao P. que levantasse huma Cruz em hum campo, q̃ tinhaõ escolhido, pera se enterrarem. O P. o fez contra sua vontade, & sô por suas importunaçoens: ficava a Cruz defronte de hum mosteiro, que tinha huma torre, cousa taõ soberba, que era a honra do Miaco. Invejosos os Bonzos cortaraõ a Cruz, meteraõ-na em casa, & logo no fogo. Naõ tardou o castigo, porque sobrevindo huma tempestade de muita chuva, & rayos, hum rayo deu na torre, toda se abrazou, sem ficar della hũ sò palmo. A muita ferragem se derreteo. Nenhuma diligencia pode atalhar o fogo, que a consumio por ser de madeira, como as mais obras naquella terra.

CAPITULO XXXXII.

De huma perseguiçaõ, que teve o Padre, & como fundou Christandade no Sacay.

1 ABafavaõ com tudo os ministros do demonio, porque cada dia lhe hiaõ faltando muitos freguezes, valeraõ se de disputas, pera infamar o Padre, mas sempre ficaraõ de peyor partido. Creciaõ em numero cada dia mais os Christaõs. Considerando o Padre a pouca firmeza da sua estancia no meyo de taõ poderosos inimigos, negociou licença do Cubozama senhor do Reyno, pera livremente poder morar no Miaco, & prégar a ley de Deos. Conseguio este seu intento por meyo de alguns fidalgos amigos de hum dos Bonzos convertidos.

2 Avida a licença comprou casa, & fez Igreja, & foi a primeira, que ouve naquella grande Corte. Dedicou-a ao Nacimento da Senhora. Nella se disse a primeira Missa aos 8. de setembro de 1560. Pera a fabrica ajudaraõ os Christaõs com suas esmolas. Aqui sobio de ponto a furia dos Bonzos, pois aquella estreita fabrica era huma incontrasta-

tàvel fortaleza contra todas as suas seitas; & idolos de Japaõ.

3 Armouse huma cruel tempestade contra o piloto da naveta. Consultaraõ entre si os Bonzos de Fienoama o modo, que teriaõ em fazer desterrar, ou matar o Padre. Sahio da conselha, que dessem grande summa de dinheiro aos do governo, pera que o lançassem fóra com afronta, & deshonra, ajuntando a isto, que ensinava huma ley do diabo, que toda a Cidade andava com ella amotinada: os deoses eraõ desprezados. Que onde estes Padres punhaõ os pès, tudo eraõ infortunios.

4 Sabendo os Christaõs desta negociaçaõ dos Bonzos, & de cujo successo naõ duvidavaõ, por ser o dinheiro, o que tudo acaba. Fizeraõ com o Padre, sahisse da Cidade, antes, que com ignominia fosse della desterrado; q̃ deste modo se daria lugar a taõ precipitada furia; & se buscaria o contraveneno desta peçonha.

5 Huma noyte sahio acompanhado dos Christaõs atte huma legoa fóra da Cidade, aonde o deixaraõ sò. Passou a noyte em vela. Vindo a menhãa se foi meter em hũa villa, que era como couto de todos os malfeitores. Tres dias esteve naquelle lugar. Depois tomou conselho de se voltar pera a Cidade, & esconderse em casa de hum Christaõ, como fez, & dalli negociar a sua restituiçaõ.

6 Quando o P. faltou na Cidade, ouve sobre a materia varios discursos, dizendo huns, que com rezaõ o aviaõ lançado fora: porem outros estranhavaõ muito esta deshumanidade, pois o P. a ninguem fazia mal, antes ensinava huma doutrina, que toda se amolgava com a rezaõ.

7 Consultando entre si os Christaõs, julgaraõ pedir aos do governo quatro mezes de tregoas, nos quais se examinasse, se convinha, que o P. fosse pera sempre desterrado, ou que assistisse na Cidade. Intervieraõ nisto pessoas de grande respeito, porisso se conseguiraõ estas tregoas; & com ellas o Padre sahio a publico. Soube o Cubozama os intentos dos Bonzos contra o Padre, & se mostrou sentido, de ser intentado tal cousa contra a licença, que tinha dado: passou logo novas provisoens, com que os inimigos ficaraõ atalhados nos seus designios; & o Padre, & Christaõs por hora livres deste grande susto.

8 Depois desta perseguiçaõ consolou o Senhor ao Pa-

Padre, com ſe lhe abrir nova porta, pera introduzir a fê na Cidade do Sacay. Eſta Cidade diſta como des, ou doze legoas do Miaco, he mui populoſa, & rica. Fallavaſe neſta terra da ley de Deos, que ſe promulgava no Miaco, como de couſa nova. Veyo dezejo a hum nobre cidadaõ de a ouvir, eſcreveo ao P. Villela, lhe mandaſſe alguem, q̃ o enſinaſſe; offerecendoſe, pera recolher em ſua caſa ao prégador da nova ley.

9 Pareceo aos Chriſtaons ir o Padre com o Irmaõ Lourenço, pois naõ era bem, que taõ boa occaſiaõ ſe deixaſſe ir dentre maons. Encomendou a Igreja do Miaco a alguns Chriſtaons, & partio pera o Sacay. Foi hoſpedado do Cidadaõ, que o chamou, & lhes aſſiſtio com o neceſſario. Logo, que comeſſou a prégar, foraõ grandes os cõcurſos. Era agente da terra polida, & culta, & entendia bem as verdades; mas tinha cada hum por deſdouro, ſer o primeiro, que as abraçaſſe.

10 Quis Deos fazer eſta graça ao hoſpede, o qual cõ a muita communicaſſaõ do Padre entendeo de rais os miſterios da fê, & ſe bautizou com toda a ſua familia. Tomou por nome Sancho. O ſeu exemplo ſeguiraõ logo alguns ſoldados, & cidadaons. Foi eſta ida do Padre ao Sacay eſpecial proteçaõ de Deos, porque eſtando naquella Cidade, o Miaco ſe revolveo com guerras, & em grande parte foi queimada, & o Cubozama eſteve a ponto de ſer deſtroido de todo por ſeus inimigos: & ſe o Padre eſtivera no Miaco, ou ſeria morto, ou cativo; & na agoa envolta procurariaõ os Bonzos de fartar o ſeu odio, o que entaõ poderiaõ fazer ſem eſtorvo.

11 Livre dos inimigos o Miaco, voltou de Sacay o P. Villela, & foi continuando nos exercicios coſtumados. Naõ durou muito eſte ſoccego, porque a Cidade comeſſou a entrar em novos ſoſſobros de guerra; porque ſe divulgou, que os inimigos vencidos ſe tinhaõ refeito, & com novo exercito voltavaõ a ſe deſafrontar. Por eſta cauſa pediraõ os Chriſtaons ao P. que ſe retiraſſe pera Sacay, atte ver, em que paravaõ os temores. Aſſim o fez, & como os inimigos naõ vieſſem, o Padre voltou ao Miaco, a entrar em nova batalha com os inimigos de Deos.

CAPITULO XXXXIII.

De huma grande perſeguiçaõ, que teve, & os grandes proveitos, que della ſe ſeguiraõ.

1 NO mes de Janeiro de 1564 teve o P. novo ſocorro de dous Irmaons Japoens chamados Damiaõ, & Agoſtinho, que lhe mandara o P. Coſme de Torres, pera que o ajudaſſem, & ao Irmaõ Lourenço. Com eſtes dous operarios foi luzindo muito mais o trabalho. Faziaõſe muitos Chriſtaons naõ sô da gente ordinaria, mas da nobreza, & ſenhores da Corte.

2 Com iſto entraraõ em novos cuidados os Bonzos capitais inimigos do Padre, & da fê. De maõ comua ſe ajũtaraõ, os que avia em Miaco, & os da Univerſidade de Fienoama com o ſeu mayoral chamado Jaco. Conſultaraõ o modo de atalhar por huma ves a deſtroiçaõ dos ſeus idolos. Pera que fique tudo mais claro: He de ſaber, que o Cubozama tinha dous criados, por quem corria aſſim o governo da Cidade, como do Reyno. Hum ſe chamava Mioxindono, era como Viſo-Rey, ou Preſidente de todos os negocios. O ſegundo ſe chamava Dixandono, era como Regedor de todas as juſtiças.

3 Avia dous Bonzos mui celebres, & grandes letrados, hum ſe chamava Xamaxicodono. O ſeu officio era ſer Meſtre do Viſo-Rey nas couſas pertencentes às ſeitas. O outro ſe chamava Quicodono; eſte era principal conſelheiro do Regedor. A eſtes dous Bonzos tomaraõ os mais, pera menearem eſte negocio, de cujo ſucceſſo naõ duvidavaõ, conſiderada a autoridade, & valimento dos agẽtes com os dous principais miniſtros do Reyno.

4 Porque o veneno foſſe dourado com pretexto do bem comum, & paz do Reyno: formaraõ dezaſete capitulos, nos quais davaõ grandes alvitres pera o bom governo. Neſtes capitulos meteraõ dous contra o Padre. O primeiro, que convinha ſer deſterrado, porque o ſeguia muita gente: Xaca, & Amida eraõ deſprezados; de cujo deſprezo ſe ſeguiaõ traiçoẽs, & outros enormes peccados. O ſegundo, que as terras, onde tal gente reſidia, eraõ aſſoladas

ladas com guerra, como se vira em Amanguchi, Fucata,& outros Reynos, & avia bem pouco o tinhaõ visto no Miaco, em que tudo esteve a ponto de se perder.

5 Deraõse os capitulos ao Regedor Dixandono, lendoos, respondeo: que quanto ao Padre, como era estrangeiro, naõ lhe parecia, ser honra sua, desterralo, sem que primeiro fossem suas cousas bem examinadas: por tanto, que elle remetia o exame aos dous Bonzos Xamaxicodono, & Quicodono, os quais se julgassem ser preversa a doutrina do Padre, & contraria ao bem comum, logo o desterrassem, & lhe tomassem a Igreja.

6 Este despacho encheo de gosto aos Bonzos, vendo, que tinhaõ na sua maõ tudo, quanto podiaõ dezejar. A descolaçaõ dos Christaõs foi extraordinaria. Rogaraõ ao Padre, que se retirasse pera a Cidade de Sacay, pois o intẽto dos Bonzos era lançalo fora com publico pregaõ, & isso senaõ atreviaõ elles a ver com seus olhos: que auzentandose o Padre, podiaõ as cousas porse de melhor semblante, pois faltava aos Bonzos o incentivo da sua ira. Assim o fez o Padre, julgando ser maior serviço de Deos. Levou consigo aos tres Irmaõs da Companhia.

7 Quam profundos saõ os juisos de Deos! Que usa dos mesmos instrumentos da malicia pera sua maior honra, quando elles tem outros intentos, & procuraõ destroir ao mesmo Deos. Andando os Bonzos saltando de prazer, esperando por dias, ou horas fazer preza na Igreja, succedeo vir ao Miaco com certo requerimento diante do Regedor das justiças hum Christaõ por nome Diogo. Achouse em casa do Regedor o Bonzo Xamaxicodono, que era hum dos dous, a quem o exame da doutrina do Padre estava cometido. Este por modo de quem zomba disse a Diogo: Tu es Christaõ? Respondeo, que sim. Tornou o Bonzo: Pois dize, que cousas vos ensinaõ os vossos Mestres.

8 Respondeo Diogo: Ainda que eu tenho a ley de Deos por verdadeira, cum tudo como nella sou soldado novo, naõ posso dar cabal rezaõ dos seus mysterios. Replicou o Bonzo: dizenos esse pouco, que sabes. Entaõ Diogo lhe referio as rezoens, que persuadem aver hum sô Deos, castigo eterno pera os maos, premio pera os bons. Ouvio tudo o Bonzo,& como homem de bõ entendimẽto

ſe deyxou penetrar ajudado da maõ de Deos, que nelle queria fazer eſpecial mudança.

9 Logo diſſe a Diogo, vai, & chama ao teu Padre, porque ſe tu ſabendo taõ pouco dizes tais couſas, certo he, que elle as dirâ mais profundas, & com melhores declaraçoẽs, dizelhe, que quero ouvir a ſua doutrina, & ſe me ſatisfizer, eu a hei de abraçar, & Quicodono. Eſte era o ſegundo Bõzo, aquem o exame da doutrina do Padre eſtava cometido

10 Ficou o Chriſtaõ mui admirado, & entendendo, q̃ a maõ eſpecial de Deos andava neſte negocio, pondo de parte o ſeu requerimento, ſe partio pera Sacay, deu conta de tudo ao Padre Villela. Pareceo aos Chriſtaõs, ſer fingimento do Bonzo, que por eſte caminho queria haver o Padre às maõs. Poriſſo ainda que o Padre queria hir, o naõ conſentiraõ, mas que foſſe Lourenço tomar as alturas ao váo: & q̃ ſe dẽtro de quatro dias naõ voltaſſe, teriaõ entendido, que eſtava prezo, ou o haviaõ morto.

11 Partioſe Lourenço offerecido a qualquer fortuna. Era eſte Irmaõ mui verſado nas ſeitas de Japaõ, fallou aos Bonzos, tiraraõ ſuas duvidas, ficando em tudo ſatisfeitos. Foi neceſſario deterſe mais Lourenço. Cuidouſe no Sacay, o que ſe temia antes. Mandaraõ hum Chriſtaõ a ſaber, o que ſuccedera. No caminho encõtrou a Lourenço cheo de prazer, por ver tais effeitos da graça de Deos. Chegou a Sacay, deu conta ao Padre em como os Bonzos eſtavaõ convertidos, & queriaõ receber o bautiſmo da ſua maõ.

12 Deu o Padre graças a Deos, que aſſim ſabe tirar mel das pedras, & vencer ao Demonio com as ſuas meſmas armas. Voltou logo o Padre, & depois de os inſtruir, & a hũ parẽte do Viſo-Rey, os bautizou a todos tres cõ incrivel goſto ſeu, & dos Chriſtaõs, & confuſaõ de todos os Bonzos de Miaco, & Fienoama, os quais de corridos ſe naõ atreviaõ aparecer diante de gente. Paſmavaõ de verem tal mudança em dous homens, q̃ eraõ os ſeus oraculos.

13 O Fidalgo parente do Viſo-Rey, a quem o Padre poz o nome de Dom Sancho, tinha a ſeu cargo huma fortaleza chamada Imori diſtante do Miaco oito legoas. Depois, que a ella ſe recolheo, & contou a muitos fidalgos, que alli moravaõ, a converſaõ dos dous Bonzos, & a ſua; entrou nelles o fervor do eſpirito Sancto; mandaraõ pedir ao Padre lhes foſſe prégar, ou mandaſſe alguem em ſeu lugar.

gar. Foi là o Irmaõ Lourẽço, por estar o Padre muito occupado na Cidade. Converteraõse sessenta homens principais, & no lugar junto à fortaleza quinhentas pessoas. Levantouse Igreja, aonde se faziaõ os exercicios sanctos cõ singular devaçaõ.

14 Por conselho de hum dos dous Bonzos foi o Padre Villela visitar ao Viso-Rey Mioxindono, que estava algumas legoas alem da fortaleza de Imori. Recebeo-o com agrado, & lhe prometeo de favorecer aos Christaõs. Na volta passou por Imori, & disse na Igreja a primeira Missa. Fez alguns bautismos de gente principal, & os deixou mui consolados.

15 Os dous Bonzos compuzeraõ hum livro, no qual declaravaõ os fundamentos das seitas de Japaõ, & o mais recondito dellas; & logo a verdade da ley de Deos. Este livro foi muito celebre, & fez grandes frutos por saberem os Japoẽs, quã grandes letrados eraõ os Autores. Seguiosse de tudo isto muita honra ao Padre naõ sò diante dos principais ministros Mioxindono, & Dixandono, mas diante do mesmo Cubozama: O qual hum dia, que o Padre o foi visitar, lhe fez singular gazalhado. Pediolhe carta de favor para que el-Rey de Amanguchi naõ vexasse aos Christaõs, & lhes restituisse a sua Igreja. Deulha de boa vontade, de que aos fieis de Amanguchi se seguio descanso. Estes, & outros muitos proveitos recolheo o Padre Villela das suas perseguiçoens.

CAPITULO XXXXIV.

Continua o Padre Villela nos seus empregos Apostolicos. Como se revolveraõ as cousas, & perigo, em que esteve.

1 VEndo o Padre Gaspar Villela, quanto crecia a cõversaõ, escreveo ao Padre Cosme de Torres, lhe mandasse outro Padre, porque elle sò naõ podia abranger a taõ copiosa messe. Estava o Padre Villela mui gastado com o trabalho, com tudo isso naõ afroxava cousa alguma, por ser incansavel seu espirito. Nos principios do anno de 1565. chegou a Miaco o Padre Luis Froes mandado

dado pello Padre Cofme de Torres. Sua chegada, que foi no ultimo dia de Janeiro, foi ao Padre Villela de gofto inexplicavel. O Padre Froes dando conta defta fua chegada, tem as palavras feguintes: *Em eftremo fe alegrou o Padre Gafpar Villela, & os Chriftaõs com noffa chegada, pello muito, que o dezejavaõ; principalmente o Padre Gafpar Villela, que ha perto de feis annos, que cà eftà no Miaco, fem ver Padre, nem Irmaõ da Companhia athe agora, mais que dous Japoẽs, que tem em fua companhia. Com fer de quarẽta annos, eftà ja todo branco, como fe foffe de fetenta mui cortado dos frios, que faõ grandiffimos. Falla a lingoa defta Corte, que he a principal, & mais polida de todo Japaõ, mui correntemente, prèga, & confeffa nella. Tem tresladado alguns livros devotos, & de boa doutrina na mefma lingoa.* Athe aqui o Padre Froes em huma das fuas cartas.

2 Succedeo fer entaõ o principio do anno de Japaõ, no qual todos os Senhores vifitaõ ao Cubozama, & o prezenteaõ. Por convir muito à honra da ley de Deos, coftumava os annos antes fazer eftas vifitas o Padre Gafpar Villela; & por fazer nos olhos deftas gentes muito ao cazo a gravidade do trajo exterior, ufara o Padre athe entaõ neftas vifitas de fobrepellis, eftola, & barrete vermelho: agora fobio mais de ponto, indo com huma capa de afperges, levou configo ao Padre Froes, pera o acoftumar, & fazer conhecido.

3 Fizeraõlhe companhia vinte Chriftaõs mui honrados. O Cubozama os recebeo com agrado, eftimou o prezente, que era de coufas da India, & por novas, mais que por preciofas, tinhaõ eftimaçaõ. No dia feguinte foi vifitar aos dous principais miniftros, q̃ eftavaõ fóra do Miaco, & confolar os Chriftaõs da fortaleza de Imori. Por efte tẽpo ouve cõverfoens de peffoas mui illuftres, com que a ley de Deos fe foy de cada-vez mais aumentando.

4 Eftava aquella Corte dividida em duas partes, hũa fe chamava o Miaco de bayxo, outra o Miaco de fima. Nefte ficava o paço do Cubozama, dezejou o Padre Villela ter alli tambem cafa, & igreja, como tinha no Miaco de bayxo, por quanto no de fima morava a fidalguia. Opuzeraõfe os Bonzos, & nenhumas diligencias baftaraõ, a confeguir eftes intentos. Naõ tardou muito, que fe naõ viffe a grande providencia, que Deos teve com feus fervos,

em naõ alcançarem ſua pertençaõ: como logo direi na grande mudança, que tomaraõ as couſas publicas.

5 Corria o anno de 1565. oito dias antes da Paſcoa do Eſpirito Sancto publicou o Padre hum Jubileu do Summo Pontifice em ordem ao felîs ſucceſſo do Concilio Tridentino. Ouve nos fieis grande devaçaõ, & no Padre Villela foi multiplicado o trabalho. *Neſta ſemana* (diz o Padre Luis Froes em huma ſua carta) *adoeceo o Padre Villela de frios, & febres, & eu, & quantos havia em caſa. Creyo, que com a doença todos mereceraõ muito, tirando eu, que por meus peccados ſou indigno de todo o bem; porque em toda eſta Cidade ſenaõ pode achar couſa de carne, nem peixe, mais que algumas alfaces cozidas em agoa, & ſal, por naõ haver outros adubos, & algumas folhas de rabaõs ſecas, & arroz, toda-via depois ſe achou hum pouco de peixe ſalgado, com que começamos a convaleſcer. O Padre por naõ deixar os Chriſtaõs deſconſolados com grande febre, & fraqueza os confeſſou a todos, & os mais delles em cama.* Athe aqui aquella clauſula da carta do Padre Froes.

6 Neſtas ſuas febres hia paſſando o Padre, quando logo depois da Paſcoa do Eſpirito Sancto ſuccedeo huma fatalidade a maior, que em Japaõ ſe vio, com ſe verem nelle muitas. O Cubozama deu hum grande titulo ao ſeu Viſo-Rey Mioxindono, com que muito o elevou; ajuntando elle doze mil homens veyo ao Miaco com pretexto de dar hum banquete ao Cubozama em agradecimento da merce recebida. Trouxe conſigo a ſeu filho, & a Dijandono, q̃ aſſima fica ditto, era o ſegundo miniſtro do Reyno homẽ grande tirano, & mui cruel.

7 Quis o Viſo-Rey dar o banquete em hum moſteiro fóra da Cidade. Soſpeitou o Cubozama alguma traiçaõ, pois naõ via, a que ſe ordenaſſe tanta ſoldadeſca. Em quanto faz por ſe eſcuſar, no domingo da Trindade de manhãa foi cercado no ſeu palacio, & morto com outras peſſoas reais, & muitos fidalgos. Dezoito annos havia, que reinava com boa adminiſtraçaõ, ſem haver delle queixas, nem cauſa pera taõ enorme aleivozia. Foraõ ſaqueados, & queimados os paços do Rey, & os dos fidalgos ſeus aliados.

8 Eſte Rey ſempre favorecera os Chriſtaõs, que agora ficavaõ em ſumo deſemparo. Logo hum fidalgo Chriſtaõ da caſa de Dijandono, mandou hum recado ao Padre, dizendo,

zendo, q̃ seu senhor todos os seus segredos lhe costumava descobrir, & que sò lhe naõ manifestara esta traiçaõ, de q̃ fora o principal autor; mas que de homem, que tal aleivozia fizera, todos os males se podiaõ temer; q̃ elle era muito dos Bonzos, & que faria, o que elles quizessem, & era sem duvida, que procurariaõ fartar seu odio contra os Padres. Por tanto se puzessem em cobro.

9 Tomado conselho com os Christaõs, tiveraõ por menos inconveniente deixarse estar em casa, pois o sahir a tal tempo, que todos os caminhos estavaõ tomados, era perigo evidente. Havia no arrayal de Mioxindono cento, & sincoenta fidalgos Christaõs; estes tomaraõ a seu cuidado emparar a Igreja, & casa dos Padres. Estando as cousas nestes apertos veyo hum fidalgo da fortaleza de Imori, q̃ era como cabeça dos Senhores Christaõs, & fez com o Padre Villela, passasse pera aquella fortaleza; porque dalli observariaõ o estado das cousas, & se podia tomar conselho muito a seu salvo.

10 Naõ pode o Padre deixar de se acomodar a estes Christaõs, pois assim o pediaõ as circunstancias. Deu ordem ao Padre Froes, naõ largasse o posto, senão vindo ordem expressa do tirano, a qual naõ podia tardar, segundo era nisto muito grande a agencia dos Bonzos, & mais inimigos da ley de Deos.

CAPITULO XXXXV.

Como sahio de Miaco, passou a Bungo, converteo o povo de Nangazaqui, voltou à India, & sua sancta morte.

1 HUma sesta feira de menhãa aos vinte, & sete de Julho se partio o Padre Villela pera Imori. Da-hi a poucos dias foi ter à mesma fortaleza o Padre Luis Froes desterrado de Miaco. Dalli se foraõ ambos pera a Cidade de Sacay, & se recolheraõ em huma casa lobrega. Comessaraõ a prêgar, fizeraõ muitos Christaõs. Neste tempo se deraõ duas batalhas à vista da Cidade, em huma foi morto o tirano Dijandono, que fora o principal traidor contra o Cubozama; & que desterrara os Padres do Miaco, na outra

tra acabou outro mao homem, que tambem interviera muito no desterro dos Padres.

2 Com tudo foi especial providencia de Deos, naõ ficarem os Padres no Miaco, porque como ficou a terra sẽ cabessa, andavaõ mui soltas as desordens, & sendo taõ grãde o odio dos Bonzos, seria difficultozo, dia mais, dia menos naõ serem mortos os Padres; & com sua morte acabaria de todo aquella Christandade.

3 No ultimo de Abril de 1566 partio o P. Villela de Sacay pera Bungo por ordem do P. Cosme de Torres, pera concordarem entresi hum modo de proceder na conversaõ dos Japoens, & trato com aquellas gentes. Depois trabalhou alguns annos nas Christandades do Ximo: em especial no lugar de Nangazaqui, ao qual elle fez todo de Christaõs no anno de sessenta, & nove, & de setenta.

4 Neste lugar, onde depois se veyo a formar huma boa Cidade, era senhor hum fidalgo Christaõ vassallo de Dom Bartholameu senhor do estado de Omura. Quando alli foi o Padre se aposentou em hum Pagode, ou casa dos idolos, que o fidalgo lhe dera, pera della fazer Igreja. Naõ a quis logo destroir o Padre, por naõ irritar os gentios, aos quais lhe servia carear, pera com mais facilidade os converter. Ajuntou os gentios, que da primeira ves ouviraõ de mâ vontade a prégaçaõ. Segunda ves os tornou a ajuntar, & foi Deos servido, de que a sua palavra começasse a frutificar. Bautizou a quantos havia no lugar, humas vezes duzentos, outras quatro centos. No primeiro anno fez alli mil, & quinhentos Christaõs.

5 Hum senhor de outro lugar vizinho o mandou chamar, & com grande numero de gente se bautizou. Era tãto o fervor do Espirito Sancto, que de consolaçaõ naõ podia o P. Villela conter as lagrimas. Neste anno de sessenta, & nove desfez o Pagode, & levantou Igreja no mesmo lugar. Fez nelle os officios da semana Sancta com grande concurso, & devaçaõ dos Neophytos.

6 Em Outubro de 1570 estando no lugar chamado Xequi, adoeceo o Sancto velho Cosme de Torres pay das Christandades do Japaõ, & dos nossos Religiosos, que nellas trabalhavaõ. Falleceo com ditosa morte nos braços do P. Villela. Tinha este sancto velho, por se achar mui gastado com annos, & achaques, pedido superior, que em seu

lu-

lugar tivesse cuidado das Christandades do Japaõ. Chegou antes desta sua ultima doença o P. Francisco Cabral, pera lhe succeder no cargo; parece, que naõ esperava outra cousa, pera se despedir desta vida.

7 Com o novo superior veyo tambem ordem do P. Gonçalo Alvres visitador dos nossos no Oriente, que o P. Villela se recolhesse a Goa, assim pera se refazer das forças, porque as tinha mui quebradas, como pera delle tomar meudas noticias o P. Visitador. Nos fins do anno de 1570 se fez à vela pera a India. Teve jornada felis, & em pouco mais de tres mezes tomou porto na Cidade de Cochim, onde jâ estava nos 4 de Fevereiro de 1571.

8 Dezaseis annos tinha gastado no Japaõ entre immensos trabalhos; fallando dos que padeceo na demanda da sua assistencia no Miaco em hũa carta, que escreveo aos Freyres conventuais de Avîs, tem estas palavras: Pareceo serviço do Senhor vir a hum Reyno, & Cidade chamado Miaco, que he cabeça de todos estes Reynos de Japaõ, & a Cidade he outra Roma assim na policia, como por ser cabeça de todas as suas leys, pera a qual me parti.

9 Os trabalhos, que tive no caminho, por ser quasi trezentas legoas pella terra a dentro, sò Deos esquadrinhador dos coraçoens o sabe: quantas vezes estive jâ com a cabeça posta ao talho: quantas vezes apedrejado: quantas fomes, frios, & perigos no mar, por aver muitos ladroens entre elles: quantos falsos testimunhos, quantas vezes escondido em casas, & caminhos estive; andando por escuro, por entre muitos rios, & ribeiros com perigo da vida, o Senhor o sabe. Digo isto carissimos Padres a vossas Reverencias, naõ com vangloria, nem pera me louvar, mas pera que saibaõ, de quanta misericordia usou o Senhor todo poderoso comigo, & me fez tamanha merce de padecer alguma cousa pello seu nome, porque como dis o Apostolo: *Si fuerimus socii passionum, erimus, & consolationum.*

10 Isto dis o P. dos seus trabalhos, & na mesma carta falla de si com taõ profunda humildade, que sô as suas palavras, podem explicar o seu conceito: dis pois assim: como de Deos Nosso Senhor seja dos maiores peccadores fazer grandes justos, & sanctos, pera que se conheça mais sua bondade; o que mostrou Christo Nosso Salvador com aquillo, que respondeo aos Fariseus: Naõ vim buscar justos

ſtos, mas peccadores a penitencia: como vemos chamar a Saõ Paulo da infedilidade,chamar a Magdalena do mundo; chamar a S. Matteus do Cambio, & onzena, chamar a David do adulterio: perdoar ao publicano,perdoar ao ladraõ na Cruz; & cada dia perdoar com a meſma benignidade, aos que o buſcaõ, lembrouſe de mim naõ menos, que do ladraõ, & do publicano, em chamarme, & ajuntarme a tãtos ſanctos, & perfeitos como eſtaõ neſta ordem de JESUS.

11 Por certo, que eu era a ovelha perdida das novẽta, & nove, mas buſcoume o Senhor dandome graça pera o ſeguir. Em mim ſe pode conſiderar hum peccador grandiſſimo, como ſou, & em o Senhor huma infinita miſericordia em me chamar. De modo, que por mim podem tomar os muitos peccadores animo de ſe chegar a ſeu Criador com muita eſperança de ſerem perdoados, pois pera mim ſendoo tanto ſobreabundou ſua miſericordia minha malicia. Aſſim falla de ſi eſte humilde de coraçaõ, que parece ſe naõ farta de ſe humilhar.

12 Naõ viveo o P. Gaſpar Villela muito depois de chegar a Goa. Sobreveolhe huma febre rija, entendeo ſer chegado o ſeu fim, preparouſe com huma confiſſaõ geral, recebeo os mais ſacramentos com grande ternura, & devaçaõ, & com morte de juſto deu ſua alma a Deos, cuja gloria tanto procurara com ſeus trabalhos. Falleceo no anno de 1572. Foi homem de virtudes Apoſtolicas, nas quais muito imitou ao glorioſo P. Saõ Franciſco Xavier, & foi hum dos primeiros Apoſtolos do Japaõ. Sua vida tras em meya folha de papel nos ſeus varoens illuſtres o P. Euſebio. Eſta que aqui fica eſcrita recolhi aſſim das ſuas cartas, q̃ andaõ impreſſas, como das do Padre Luis Froes. Por fim advirto, que sò no P. Euzebio achei, em como fora pera a India com o P. M. Belchior Nunes Barreto. Huma de ſuas cartas eſcrita aos Freyres de Avîs. tem algumas palavras, que parece, daõ a entender, que entrara na Companhia na India; ſe a caſo aſſim foi, & o P. Euſebio teve niſto alguma equivocaçaõ, ſervirâ a narraçaõ deſta vida aſſim de ficar mais illuſtrado eſte Apoſtolico varaõ, como pera que a vida do P. Luis Froes corra com mais clareza: pois aquelle P. cuja vida logo refiro, continou a obra da converſaõ nos Reynos do Miaco taõbem funda-

da

da pello P. Gaspar Villela. Delle tem hum grande elogio a Biblioteca da Companhia. Em nenhuma parte encontrei o dia de sua morte.

CAPITULO XXXXVI.

Vida do Padre Luis Froes. Entra na Companhia, passa a Japaõ, & do que lhe succedeo atte entrarem Firando.

Em Nãgazaqui aos 8. de Julho de 1597.

1 O P. Luis Froes he homem digníssimo de grandes memorias, assim por ser a sua vida chea de emprezas, & trabalhos Apostolicos, como por ser hum dos seus empregos entre tantas lidas escrever repetidas cartas do muito, que em serviço de Deos obravaõ na conversaõ dos gentios os nossos Religiosos no Japaõ. A sua pena se devem as principais noticias, que dos seus tempos nesta materia nos ficaraõ, porisso o escrever suas cousas me parece mais obrigaçaõ, que obsequio. Andaõ ellas escritas pello P. Eusebio nos seus varoens illustres, mas taõ apanhadamente, que sendo elle hum gigante, alli avulta muy pouco.

2 Este Padre naceo na Cidade de Beja no Arcebispado de Evora. Quanto entendo entrou na Companhia na casa de Sancto Antaõ o velho, por quanto os Catalogos dos Noviços de Coimbra o naõ tem, & naquelle tempo sò tinhamos em Portugal alem do Collegio de Coimbra, esta casa de Sancto Antaõ, aonde tambem avia noviços, como de outras memorias nos consta.

3 Viveo o P. Luis Froes sincoenta annos na Companhia, quarenta, & nove no Oriente, & hum anno (se chegou a anno) em Portugal. No anno de mil quinhentos quarenta, & oito se embarcou pera a India. Por todos hiaõ nove da Companhia, superior delles o Sancto varaõ Gaspar Barzeo. Esta foi a quarta missaõ, & atte aquelle anno a mais numerosa, que deste Reyno foi pera o Oriente. Teve sua caridade hum grande teatro em a Nao por todo o tempo da navegaçaõ, acodindo a todo o genero de miseraveis.

4 Em Goa estava occupado em seus estudos, quando

a Sancta Obediencia no anno de 1554 o mandou à Cidade de Malaca, onde trabalhou por espaço de hum anno: depois voltou a continuar seus estudos em Goa. Estes acabados, foi mandado a Iapaõ, aonde tendo passado por muitos trabalhos chegou no anno de 1563, & desembarcou em Omura.

5 Sahio a terra jâ alta noyte, foi tanto o alvoroço dos Christaõs, que parecia querer meter ao Padre, & a seus cõpanheiros no coraçaõ: mais de duzentos os foraõ acompanhando atte a Igreja. Foi singular a consolaçaõ do P. Cosme de Torres, & Irmaõ Joaõ Fernandes, os quais estavaõ consumidos, & gastados com os continuos trabalhos. Eraõ estes dous servos de Deos os pays daquella Christandade, & a quem deyxara por seus substitutos o Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier.

6 Como o P. Froes naõ sabia a lingua, se lhe deu o cuidado de fazer os bautismos; & no quarto dia depois de sua chegada fez mais de sessenta, & quasi todos os dias dahi por diante avia bautismos de gente nobre, fidalgos, & Bonzos, & senhores de muitos vassallos, que Dom Bartholameu senhor daquelle Reyno, tinha induzido, a se fazerẽ Christaõs. Os mais destes tomavaõ por escrito a doutrina, assim pera mais se radicarem nella, como pera a ensinarem em suas casas aos da sua familia.

7 Estava o Padre em Vocoxiura porto do Reyno de Omura, onde o Padre Cosme de Torres tinha sua principal assistencia. Chegando vespora da Assumpsaõ da Senhora, em que o Padre Cosme de Torres avia de fazer sua profissaõ, que avia sinco annos deyxava de fazer por falta de Padre, sobreveyo ao P. Froes huma febre, & dor de cabessa mui rija: com a qual esteve a confessar na Igreja aos Portuguezes atte a noyte, & por jâ se naõ poder ter, se recolheo a casa, & encostou sobre huma esteira. Alli crecendo a dor esteve confessando atte as des horas da noyte.

8 Sentia o Padre muito, naõ fosse isto causa, de que no dia seguinte naõ pudesse dizer Missa, pera o Padre Torres fazer a sua profissaõ, & tambem, que a doença, lhe impedisse, ir a Vomura, aonde era chamado por elRey Dom Bartholameu, pera dar principio a huma Igreja. Chegou a menhãa, & a febre senaõ despedia. Assim com ella se revestio, pera dizer Missa, sendo a cazula, por ser de broca-

do,

do, mui pezada: mas Deos, que naõ queria faltar com aquella consolaçaõ ao Sancto velho Cosme de Torres, deu alentos ao P. Froes pera dizer a Missa, & dar a Comunhaõ.

9 De Vomura tinha vindo hum fidalgo Christaõ por nome Dom Luis, pera conduzir em nome do Rey aos Padres: vendo este que o P. Froes, estava com taõ rija febre, & o P. Torres mui enfraquecido, pois naõ pudera fazer a profissaõ de joelhos, disse, que ficasse a ida, pera dahi a dous, ou tres dias, & que elle voltava a dar conta da detença a seu Rey.

10 Esta detença livrou da morte aos Padres. Voltãdo Dom Luis foi morto no barco por hum traidor, que o investio, cuidando, que Dom Luis levava consigo Padres. He de saber, que os gentios tinhaõ entresi traçado matar a Dom Bartholameu, & com elle aos Padres, por isso apertaraõ com elle, que antes de se partir pera huma guerra, desse principio à Igreja, que dezejava fazer, a que os Padres se aviaõ de achar. E neste acto tinhaõ determinado romper a conjuraçaõ, matando os Padres, & ao Rey; pois assim viaõ ir descaindo o culto dos seus Deoses.

11 Era o matador de Dom Luis senhor de alguns lugares, & hum dos principais conjurados, arreceandose os mais, naõ ouvesse noticia por occasiaõ desta morte, do q̃ estava assentado, & se atalhassem seus intentos, sahiraõ na sua furia, queymando o paço del-Rey, & fazendo outras insolencias. El-Rey se retirou a huma fortaleza, onde se pos em seguro. Logo que os Padres tiveraõ aviso, foi grande a perturbaçaõ, deyxada a terra, se meteraõ nas embarcaçoens dos Portuguezes, que no porto estavaõ; aonde tambem se recolheraõ muitos Christaõs com suas molheres, & filhos.

12 Estando nesta perturbaçaõ, passados alguns quarenta dias, que por tantos estivera Dom Bartholameu desapossado do Reyno, chegou hum seu fidalgo com novas, de que jâ estava senhor do Reyno, & em Vomura. Ouve geral alegria, & se deraõ a el-Rey os parabens, & ficaraõ todos desasustados, & a espada del-Rey foi fazendo grandes estragos nos alevantados. Nesta revolta foi abrazado o lugar de Vocoxiura, & com elle a Igreja, & casa dos Padres, & assim ficaraõ sem comodo algum naquelle porto.

13 O Padre Cosme de Torres com dous Irmaõs da Companhia se foi por mar pera Tacaxe, que era terra del-Rey de Bungo. O P. Luis Froes foi pera a ilha de Tacuxima, padecendo ainda crueis frios, & febres, que o molestaraõ por quatro mezes. Alli estava o Irmaõ Ioaõ Fernandes, que avia mais de hum mes, que o esperava. Teria a ilha como trezentas, & sincoenta almas todos Christaõs. Sahiraõ muitos ao mar em almadias, a receber o Padre, os mais o esperavaõ na praya.

14 Esta ilha era de hum fidalgo Christaõ, porisso nella podiaõ estar sem desenquietaçaõ dos homens, mas Deos os provou de outro modo. Fizera o Padre, & Irmaõ mais capâs a Igreja, que era antes mui pequena, & lhe ajuntaraõ outras obras, cõ q̃ ficou tudo mais acomodado, pera passarem alli o inverno. Achouse o Padre Froes assaltado de huma sezam, que era reliquias das febres passadas, quando por descuido de hum Christaõ, que derretia cera, pera fazer velas, pegou o fogo na casa, aqual, por ser o vento esperto, ardeo logo, & a pos ella a Igreja, sancristia, casas dos Padres, & outras quinze de Christaõs pobrissimos, como eraõ todos os da ilha: a penas se pode livrar do fogo o ornamento da Missa.

15 Cortoulhe muito o coraçaõ aos servos de Deos ver o desabrigo dos Christaõs, viaõse na rua pays, & mays cercados de sete, & oito filhinhos tremendo com frio, porque o fazia entaõ grande, & cahia neve. o P. Luis Froes se recolheo com o Irmaõ Ioaõ Fernandes à casa de hũ Christaõ, aonde esteve cortindo a febre da sezaõ deitado no chaõ sobre hũa esteirinha, a cabeça encostada sobre hum pao, que naõ avia na casa outro travesseiro. Alli se ajuntaraõ ao redor do Padre homens, molheres, & meninos fazendo pranto, como se lhes morressem seus pays, tiravaõ os quimoens, que saõ o seus vestidos, pera cobrirem o Padre.

16 Porque a terra he pobrissima; huns lhe traziaõ dous, ou tres caracois, pera comer sobre a febre, outros algumas cebollas verdes, ou alhos do matto. Alguns Christaõs de Firando, & Facata, que na ilha estavaõ, tomaraõ a seu cargo acodir aos servos de Deos, huns por sete, outros por oito dias, mandandolhe o comer feito de casa. Algum dinheiro, que pera seu sustento tinhaõ, alguma rou-

roupa, capas, & arroz, que resgataraõ do meyo do incendio, & atte as camisas repartiraõ entre os pobres Christãos, pera com isto se remediarem em parte das suas perdas. Logo concurreraõ Christaõs de outras partes, trouxeraõ canas, cordas, palha, & outros materiais, comque os Padres tornaraõ a fazer a sua Igreja, & casa, & ajudaraõ a levantar as dos Christaõs.

17 O que mais sentiaõ os Christaõs, era, naõ ter o Padre ainda bastante noticia da lingua, pera os ouvir de confissaõ, & tinhaõ grandes invejas ao Irmaõ Ioaõ Fernandes, quando o viaõ tantas vezes confessar, & comungar. O Padre os consolava, com lhes dizer Missa, & celebrar as festas, como do Nacimento, & officios da somana sancta; o Irmaõ lhes prégava, & era o seu Apostolo.

18 Estando nesta ilha chegou huma nao de Portuguezes com tres Padres da Companhia, logo o P. Froes se meteo em huma embarcaçaõ, foi â nao, pedio ao Capitaõ, naõ quizesse tomar porto em Firando, por quanto aquelle Rey era inimigo dos Christaõs, & de Dom Bartholameu Rey Christaõ, & cõ isto lhe davaõ novas forças. Vinha o Capitaõ, no que pedia, mas os mercadores estavaõ taõ enfastiados do mar, que naõ vieraõ em tal cousa; mas Deos lhes mostrou brevemente com o castigo, que a petiçaõ do P. Froes era do seu serviço. Porque pondo as fazendas em terra em humas casas de palha, os ladrões, pera furtarẽ mais a seu salvo, pegaraõ fogo na casa; & o que elles furtaraõ, & o fogo comeo, se avaliou como em doze mil cruzados.

19 Este aviso de Deos fez, com que o Padre tivesse occasiaõ, pera de novo pedir, & alcançar dos Portuguezes, naõ entrassem em Firando, sem el-Rey tornar primeiro a admittir alli os Padres, que tinha lançado fora. Estava a nao duas legoas abayxo da Cidade, fez o Capitaõ a dita petiçaõ a el-Rey, elle a despachou pella dependencia dos interesses da nao.

20 Logo quizeraõ os Portuguezes, q̃ o P. Froes, & Irmaõ Joaõ Fernandes entrassem com grandes demostraçoens de alegria, pera se recompensar o vituperio, com que o Padre Gaspar Villela fora desterrado de Firando. Empavezaraõ a nao, fizeraõ os Portuguezes grandes folias, deraõ muitas salvas de artilharia, no meyo deste triumpho

en-

entraraõ os ſervos de Deos em Firando: ſendo grande a confuſaõ dos gentios, & incrivel a alegria dos Chriſtaõs, q̃ tal couſa naõ imaginavaõ, poderiaõ ver em ſeus dias. Dos tres navios ſe tiraraõ mais de trezentos cruzados de eſmola, com que em breves dias ſe fez Igreja, em que ſe diſſe Miſſa.

CAPITULO XXXXVII.

Do caminho, que o Padre fez pera a Cidade do Miaco, & como della foi deſterrado.

1 DEpois de ter eſtado o Padre Froes na ilha Tacuxima dez mezes, ordenou o Padre Coſme de Torres ſuperior dos noſſos em Japaõ, que o Padre Froes foſſe pera a Cidade do Miaco Corte do Imperio, em ordẽ a ajudar alli a recolher as redes, que o Padre Gaſpar Villela tinha lançado, ſendo ſem conto as almas, que buſcavaõ a ſeu Criador. Foi por ſeu companheiro o Irmaõ Luis de Almeyda, o qual hia pera tomar conhecimento da terra, & voltar com noticias de tudo ao Padre Superior.

2 De Firando partio o Padre, & o Irmaõ por mar pera Cochinoçu, onde eſtava o Padre Coſme de Torres, a quem o Padre Froes havia hum anno, que naõ tinha viſto. Depois de ſe conſolarem com elle, ſe embarcaraõ, pera Ximabara, terra onde havia muitos Chriſtaõs. Detiveraõ-ſe dous dias. Fez o Irmaõ muitas prêgaçoens, & o Padre muitos bautiſmos. Dalli foraõ pera Tacaxe, lugar, onde ſe dividem os Reynos de Bungo, & Arima. Daqui fizeraõ o caminho por terra athe Bungo. Os frios eraõ mui grandes, os caminhos por ſerras as mais aſperas de Japaõ. A tudo ſe acreſcentou ter chovido muito naquelles dias, poriſſo eſtavaõ os caminhos muito peyores, do que ſaõ. Oito, ou dez dias durou eſte trabalho, athe chegarem a Bungo. Eſtava o Rey como ſete legoas fora de Bungo, ambos o foraõ viſitar, & fazer ſabedor do ſeu caminho. Recebeos com agrado, deulhes cartas de recomendaçaõ pera o Miaco,

3 Tres vezes em Bungo ſe embarcaraõ, & outras tantas tornaraõ a arribar; entenderaõ, ao que parece, ſerem

ora-

oraçoens dos Christaõs, porque estes rogavaõ muito a Deos, lhes naõ desse tempo, pera partirem, athe naõ passar a festa do Natal, assim o alcançaraõ. Porqne athe aquelle dia os ventos foraõ contrarios. Celebraraõna com grãde consolaçaõ sua, & dos Christaõs. Logo na primeira oitava se tornaraõ a embarcar, & com bom vento chegaraõ na terceira oitava a hum Reyno chamado Yu. Padeceraõ nesta viagem grande tormenta, & viaõ nas ondas sinais de naufragio no fato, que sobre ellas andava: mas o q̃ mais os afligio, foi o hir em companhia de idolatras, dos quais huns adoravaõ o Sol, & a Lua, outros adoravaõ Veados, & diversos animais.

4 Esta ilha de Yu tem como cem legoas, he fertil, dividise em quatro Reynos. Sahiraõ em terra em hum porto chamado Forê, por ser dalli natural o Capitaõ. Alli acharaõ alguns Christaõs feitos no Miaco. Detiveraõse oito dias. Depois o Capitaõ, segundo o contrato, que tinhaõ feito, os levou a outro porto chamado Xivaqui. Seis dias gastaraõ nesta viagem. Padeceraõ frios cruelissimos, sendo os que antes sofreraõ em Japaõ mui brãdos a respeito destes. Os montes estavaõ cubertos de neve, & ella de continuo cahia em grande copia.

5 De Xivaqui em hum parao fretado passaraõ a hum porto distante quatorze legoas, indo sempre em hum continuo susto, por serem aquelles mares infestados de cossarios. Com tudo foi Deos servido, que chegaraõ, sem ter encontro algum. Dalli navegaraõ ao Sacay, huma noyte antes de entrarem no porto, viraõ arder aquella povoaçaõ, cujo incendio consumio mais de mil casas. No dia seguinte se partio o Padre Froes pera o Miaco, ficando no Sacay o Irmaõ Luis de Almeyda. Aconteceo, que dormindo em huma Cidade alem do Sacay tres legoas, chamada Ozaca, se pegou nella o fogo. Por esta causa temendo, os que o acõpanhavaõ, algum desastre, por ser fama entre os gentios, que onde chegavaõ os da Companhia, logo havia incendios, & se destroya tudo, encobriraõ o Padre, & se sahiraõ ante manhãa da Cidade. Neste dia cahio tanta neve, que diziaõ as pessoas velhas, que havia sincoenta annos, tal cousa senaõ vira.

6 No ultimo dia de Janeiro de 1565. chegou o Padre Luis Froes ao Miaco Cidade principal de todo o Japaõ, tẽdo

do partido de Firando em dez de Novembro. Alli se consolaraõ mutuamente, elle, & o Padre Gaspar Villela, que havia seis annos naõ tinha visto outro algum da Companhia. Succedeo, ser esta chegada no principio do año novo dos Iapoens, cujo primeiro dia foi o de Fevereiro. He costume desde os nove da Lua athe os quinze, ou vinte deste seu primeiro mez, irem os Senhores visitar os Reys: o prezente, q̃ levaõ, saõ dez maõs de papel, & hum abano dourado. Isto depois de aprezentado, o recolhem pera si algũs moços fidalgos.

7 Visitaõse tambem a Rainha, & semelhantes pessoas, & lhes offerecem suas peças ricas. O Rey a ninguem diz palavra, sòmente a alguns Bonzos de grande estado inclina alguma cousa o leque, que tem na maõ. Sò por estas pessoas grandes se deyxa visitar, que de outras, ainda que offertem montes de ouro, naõ admitte estas visitas. Entendendo o Padre Villela, ser de grande importancia, pera honra, & autorizo da fé, fazer elle, & o Padre Froes esta visita, facilitaraõ a entrada por meyo de hum grande Senhor, mui affeiçoado à ley de Deos.

8 Estimaõ os Japoens a gente pello bom trato, que nella vem. Acertara o Padre Froes trazer de Bungo huma capa de asperges com hum sebaste de brocado, & hũ cobertor de chamalote usado. Deste fez o Padre Villela hũa loba aberta de mangas largas, sobre ella poz a capa de asperges, & outros vestidos ricos, & o Padre Froes vestio Quimoens do Japaõ com capa de pano de Portugal: assim se aprestaraõ, pera a visita: Cada-hum hia em sua liteira. O Padre Froes levou por prezente hum espelho de Cristal grande, hum sombreiro, huns alambres, algum almiscar, & huma cana de Bengala, que por serem cousas peregrinas, tinhaõ mais estimaçaõ, que valia.

9 Em companhia de alguns Senhores entraraõ os Padres; o paço era espectavel, tudo cheo de Magestade, & riqueza: el-Rey, & sua may, & Rainha os receberaõ com benevolencia, de que resultou credito a suas pessoas, & à Religiaõ, que prégavaõ.

10 Estando a Cidade em boa paz, se rompeo contra o Cubozama huma terrivel conspiraçaõ. Cubozama era o nome do Senhor universal de Japaõ. Em Junho de 1565. dous grandes Senhores se chegaraõ ao Miaco com doze mil

mil homẽs, mataraõ ao Cubozama, & a todos os ſeus, Rainha, May, & amigos. Roubaraõ o paço, puzeraõlhe o fogo. Fizeraõ eſtranhas inſolencias, filhas todas de huma abominãda traiçaõ, aquem o Cubozama nenhũa cauſa dera. Neſta geral perturbaçaõ correo evidente perigo a vida dos Padres, por ſerem os dous alevantados grandes inimigos da ley de Deos, & baſtaria o minimo aſſopro dos Bonzos, pera logo ſerem mortos. Ponderadas as circunſtancias, aſſentaraõ de ſe preparar pera a morte, fecharaõ por dentro a porta; & cada-vez, que algum vinha com aviſo, do que paſſava, imaginavaõ entrarlhe a morte pellas portas.

11 Abayxo de Deos, os livrou da morte algum numero de ſoldados Chriſtaõs, homens fidalgos, que vinhaõ no exercito: eſtes tomaraõ a ſeu cuidado o amparo dos Padres. O Padre Gaſpar Villela, por aſſim ſer preciſo, acodio a huma fortaleza algumas legoas diſtãte do Miaco, deixando ordem ao Padre Froes, que naõ largaſſe o poſto, ſenaõ em caſo, que o alevantado o mandaſſe ſahir.

12 Avia grande dezejo nos gentios de matarem os Padres, ou os lançarem fóra da Cidade: pera evitar qualquer furor repentino, os ſoldados Chriſtaõs aſſim de noyte, como de dia, repartindo entre ſi as horas vigiavaõ ſobre a caſa dos Padres.

13 Finalmente os Chriſtaõs vieraõ com nova certa, de que eſtava paſſada ordẽ, pera o Padre ſer mãdado ſahir da Cidade. Logo entrouxou os ornamentos ſagrados, & os remeteo pera a fortaleza, onde eſtava o Padre Villela; & querendo os Chriſtaõs, foſſe tambem o Padre Froes, reſpondeo, que a obediencia lhe ordenara, naõ ſahiſſe ſem ordem expreſſa do tirano; que em cumprir a obediencia hia muito, & no perder a vida mui pouco.

14 Paſſava iſto em hum domingo de tarde; na ſegunda feira de menhãa lhe mandou dizer hum dos Regedores homem naturalmente bom, & ainda que gentio affeiçoado aos Padres, que elle tinha feito, quãto era em ſua maõ, pellos naõ deitarem fóra, mas que nada pudera conſeguir. Por tanto ſe partiſſe logo pera Sacay, ou pera onde eſtava o Padre Villela, que naõ convinha eſtar no dia ſeguinte em Miaco. Alem diſto lhe mandou duas proviſoens, com as quais lhe deſempedia a jornada de quaisquer obſtaculos, q̃

lha pudessem fazer incomoda: que naõ pagasse pello caminho direitos do fato,& que de graça se lhe dessem duas embarcaçoens, em que fizesse viagem.

15 Sabendo do estado das cousas hum bom, Christaõ Secretario de hum dos dous principais levantados,chamado Mixiondono, foi ter com dous fidalgos seus parentes, grandes inimigos da ley de Deos, os quais ficavaõ na Cidade, partindose della os tiranos, sò a fim de lançar fóra o Padre, pediolhe naõ quizessem ir à Igreja, porque era grãde affronta ser o Padre lançado fóra com vituperio, mas q̃ elle mandaria seu recado, & que naõ mandassem dar os pregoens athe o Padre naõ ser partido da Cidade.

16 Sabido isto pellos Christaõs concorreraõ à Igreja, & a começaraõ a desmãtelar de tudo athe de portas, & janellas, porque sabião avia de ser profanadâ dos gentios. Não pode o Padre Froes reprimir as lagrimas, quando vio irse tudo desfazendo: entraraõ então na Igreja quinze molheres Christãas, as quais com tal vista levãtaraõ inconsolavel pranto. O Padre lhes fez huma pratica, em que mais eraõ as lagrimas, que as palavras, exortandoas a estar firmes na fé, & assim as despedio.

17 Antes destas quinze tinha vindo huma Christãa enferma,a qual disse ao Irmaõ Damiaõ, que ella estava de cama, & que ouvira dizer, mandavaõ cortar a cabeça ao Padre por prêgar a Sancta ley, que logo se levantara, & viera à Igreja, pera que tambem alli a matassem, por ser Christãa: nisto dizia verdade, porque o tirano não mandara sahir o Padre, mas que lhe cortassem a cabeça, ainda que se obviou, & impedio.

18 No tempo, que a Igreja se desfazia, vinhão muitos Bonzos, que saõ os seus Ecclesiasticos, & por medo da gente de armas, se naõ atreviaõ a entrar,mas postos de frõte davão grandes rizadas; & nas noytes antes por vezes vinhaõ tirar pedradas às portas, & janellas.

19 Sahio o Padre metido em hum andorzinho acompanhado dos Christaõs, & do Secretario de Mixiondono. Dalli a duas legoas tomou embarcação, & se foi, pera onde estava o Padre Gaspar Villela. No dia seguinte se lançou por toda a Cidade hum pregão, em que se dizia, que o Regedor do Reyno mandava lançar fóra aos Padres,por prégarem a ley de Deos, que era ley do diabo, & enganosa,& que a Igreja se tomasse por perdida.

C A-

CAPITULO XXXXVIII.

Como o Padre Luis Froes foi pera a Cidade do Sacay, & frutos que fez a Deos.

1 LOgo que o Padre se embarcou, forão pera a fortaleza chamada Imori, onde o Padre Villela o esperava com muitos Christaõs em huma ermida junto da fortaleza. No mesmo dia foi o Padre Froes pera hum ilheo de hum fidalgo Christão, que distava huma legoa. Tiverão os Padres este desterro por grande providencia divina, porque como a Cidade estava tão perturbada, avia muitos roubos, & insolencias, era cousa sem duvida, que segundo era cruel o odio, que lhe tinhaõ os Bonzos, dia mais, dia menos os matarião, & ficaria de todo perdida a esperança de tornarẽ outra vez no Miaco a tomar assento as cousas de nossa Sancta fé.

2 Depois de se deter naquelle ilheo sete, ou oito dias, elle, & o Padre Villela se foraõ pera a Cidade de Sacay distante treze legoas do Miaco, que he das mais ricas, & populosas do Japaõ. Alli estiverão evangelizando a ley de Deos, & confundindo aos Bonzos, que não sabião dar rezão de si: porisso tinhão à ley de Deos, & aos Padres entranhavel odio, levantavaõlhe muitos falsos testemunhos, pera os desacreditarem: entre elles foi hũ, que estando os Padres enfermos, & morando em huma logem escura, sahiraõ hum dia por luar claro a horas de Ave Marias a espairecer junto do mar.

3 Succedeo, que em pouca distancia andavaõ algũs meninos brincando. Hum destes se agazalhou em casa de huma tia, & como fizesse em casa falta, & os pays o buscassem, & o naõ achassẽ; divulgaraõ logo os Bonzos, q̃ os Padres o tinhaõ furtado, & comido. No dia seguinte voltou o menino a casa dos pays, & os Bõzos ficaraõ taõ corridos do seu dito, que se naõ atreviaõ a aparecer. Por este modo, & evidencia se apanhavaõ às maõs outras mentiras, que espalhavaõ à cerca dos Padres.

4 Trabalharaõ neste tempo os Padres por alcãçar do Dayri, que assim chamaõ ao Rey de todo o Japaõ, quanto

ao titulo, que sò tem, que o demais lho tem tirado, procuraraõ digo alcançar delle patente, pera voltar a Miaco: respondeo aos Christaõs, que isto negociavaõ, que jurassem pellos seus idolos, em como os Padres naõ comiaõ carne humana, pois assim corria por cousa certa. Responderaõ, que jurar pellos idolos naõ podiaõ, senão sò pello verdadeiro Deos. Não quiz o Dayri admittir tal juramento.

5 He de saber, como ja toquei na vida do Padre Villela, que o Rey de Japaõ nos tempos passados se chamava Dayri, aquẽ o Iapaõ obedecia: porẽ cõ os tẽpos ficou despojado do governo temporal, & sò lhe deixaraõ este titulo perfunctorio, aquem se conserva seu respeito, & vai seguindo a familia. Elle está sempre metido em casa, como se fosse algum Pagode, contente com o nome de Rey; porque o que tem dominio tẽporal, senaõ pode intitular Rey, mas toma outro nome, que significa Governador geral.

6 Junto do Sacay se deraõ neste tempo duas batalhas, em huma morreo o traidor, que tinha tirado a vida ao Cubozama: & na outra hum seu valido, que no Miaco mandara homens a casa dos Padres, pera os matar; o que fizera, se os naõ impediraõ os soldados Christaõs. Assim quiz Deos acabassem diante dos olhos dos mesmos Padres os maiores inimigos de Deos, que havia em Japaõ, & que os tinhaõ desterrado do Miaco.

7 No ultimo de Abril de 1566. partio do Sacay pera Bungo o Padre Gaspar Villela, ficando o Padre Froes no Sacay tendo cuidado dos Christaõs, & de os acrescentar com muitos, que alli se converteraõ. Aqui se vio o Padre em hum grande trabalho. Athe este tempo naõ tinha elle sufficiente noticia da lingua, porisso naõ tinha confessado. He a lingua daquellas terras mui polida, & mui escura. Vieraõ pella festa da Assensaõ a ter com o Padre alguns fidalgos, & outros Christaõs, pera os Confessar. Vendo o Padre a sua difficuldade, & o dezejo dos Christaõs, ainda que se angustiou, encomendandose muito a Deos, determinou, de os confessar; tirando forças assim da grande fraqueza do corpo, como da pouca noticia da lingua. Deos o ajudou de sorte, que elles entenderaõ o Padre, & o Padre os entendeo a elles; que foi assim pera os penitentes, como pera o confessor materia de singular consolaçaõ.

8 Como se divulgou esta noticia entre o Christaõs do

Miaco, & outras terras,concorriaõ ao Sacay a ſe confeſſar, & o faziaõ com grande miudeza: & era pera ver, diz o Padre em huma carta, como eſtavaõ pellos cantos da pobre caſa examinando ſuas conſciencias, & apontando por eſcrito ſuas culpas, por ſenaõ eſquecerem: & diz mais, que por ver a devaçaõ daquella gente, & os dezejos, que tinha de ſe ſalvar, ſe puderaõ dar por bẽ empregados quaisquer trabalhos.

9 Fez o Padre aqui muitos bautiſmos de peſſoas de conta, que vinhaõ com elle tirar ſuas duvidas nas materias de ſalvaçaõ. Entre outros veyo hum Bonzo homem de ſeſſenta annos natural do Bandou, q̃ he hũ grande Reyno pera o fim de Japaõ, eſte era Meſtre de muitos fidalgos, & conſigo trouxe tres irmaõs fidalgos ſeus diſcipulos. Ouviraõ quatro dias continuos os myſterios da fè, ſem proporem ſuas duvidas, dizendo o Bonzo, que nas materias da ſalvaçaõ ſe havia de ouvir o fio das couſas athe o fim, ſem interromper. Aſſim o fizeraõ: depois de o padre dar cabal ſatisfaçaõ a ſuas duvidas, foraõ inſtroidos, & bautizados. O Bonzo eſcreveo aos ſeus diſcipulos, deſdizendoſe da doutrina, que lhes dera, & inculcandolhe a verdadeira.

10 Diſſe eſte Bonzo ao Padre, que ſe foſſe a Bandou, indo bem inſtroido na lingua, ſe fariaõ grandes converſoens, porque havendo diſputa publica, & conhecida a verdade, deyxariaõ ſeus erros. Contoulhe mais, que alli havia as mais celebres Univerſidades de Japaõ; & que elle por vezes vira com ſeus olhos, morrendo algum homem celebre das Univerſidades, ſer ſeu corpo levado pellos ares dependurado de hum ramo, outras vezes a tumba cõ o meſmo corpo era arrebatada, ſem mais aparecer: que ſe ouveſſe em Bandou, quem reprimiſſe eſte deſemfreamento dos demonios, iſto sò baſtaria, pera os convencer, & fazer mudar de ley.

11 Bem dezejara o Padre fazer eſta peregrinaçaõ, mas os Reynos todos eſtavaõ em guerra, & ſendo elle sò naõ podia deyxar os Chriſtaõs de Sacay: & concorriaõ alli tãtos, que o Padre deſde pella menhãa athe à noite naõ tinha tempo, em que naõ eſtiveſſe occupado. A tudo acodia, ainda que de forças corporais andava mui fraco, & tinha por cauſa das enfermidades a viſta taõ canſada, q̃ naõ podia eſcrever, ſenaõ a pedaços, & com muito trabalho.

12 Os

12 Os muitos incomodos, que por este tempo padecia, refere em huma carta por estas palavras, por occasiaõ de escrever a hum Padre de Goa sobre o cuidado, de se lhe mandarem algũas cousas necessarias: diz assim: Pello amor de Deos, & pello que vossa Reverencia tem às cousas de Japaõ, se lembre, de nisso dar alguma ajuda, especialmente pera quẽ està cà trezentas legoas pella terra dentro, onde nem dos Padres de Japaõ tenho novas senaõ de anno em anno, & a terra taõ cara em tanto estremo, que a dous Padres, que aqui estivemos athe agora com dous Irmaõs Japoẽs, & dous, ou tres moços, comendo folhas de rabaõs, & arroz, & algumas sardinhas salgadas por festa, naõ bastavaõ quatrocentos, & sincoenta cruzados de gasto pera hum anno.

13 Estive algumas vinte vezes à morte da minha doença, que vossa Reverencia me vio em Goa, quando logo cheguei de Malaca, & quando me câ dâ, nem tempo, nem lugar me dâ, pera me confessar. Pois dos remedios, q̃ vossa Reverencia entaõ com sua muita caridade ministrava, bem pode crer, que he esta terra totalmente desemparada, & naõ ha mais, que por os olhos nos Ceos, & esperar pella morte, & os inimigos tantos, que nem dos fisicos se pode homem fiar; porque como saõ gentios, & usaõ muito de peçonha, tememonos della, por causa dos Bonzos.

14 Porem bemdito seja o Senhor, alegrome muito cõ isto, porque ainda, que naõ viera mais a Iapaõ, que a fazer alguma pequena penitencia de meus peccados, era assáz beneficio grande, que Deos nosso Senhor nisso me faz, & naõ se podem escusar estes, & outros trabalhos: porque se naõ ouvessemos de fazer mais caso, os que câ somos enviados, que de nos assentarmos na lavoura ja semeada, & cultivada pellos primeiros Padres, que levaraõ *pondus diei, & æstus*, & estarmos em hum, ou dous lugares, onde a náo da China vem huma vez no anno, & os Portuguezes ajudaõ com alguma esmola, do que lhes fica da sua matalotagem, nunca o fruto de Iapaõ se multiplicara; mas he necessario hir por Reynos estranhos, porque ha sessenta, & seis em Iapaõ, *& quærere invitatos ad nuptias*: o que senaõ pode fazer, sem padecer muitas fomes, & injurias, blasfemias, escarneos, pedradas, & muitos perigos de morte, por ser a terra abundante desta fruta, & com eu ser, o que sem duvida,

menos,

menos, que todos tenho padecido, ja do meu alforje poderia repartir com hum par de Irmaōs. Isto he o que diz naquella sua carta o Padre Froes.

CAPITULO XXXXIX.

Vencidas muitas difficuldades torna o Padre Luis Froes pera o Miaco.

1 AInda que o Padre Luis Froes fazia a Deos muitos serviços no Sacay, com tudo o seu cuidado era, como havia de voltar ao Miaco: esta mesma era a ansia dos Christaōs. Saō os Iapoens homens, que se levaō muito de pontos de honra, & sentiaō grandemente o descredito de ser no Padre a sua ley desterrada da Corte. Eraō muitos delles homens fidalgos, em quem a honra costuma ser pera as emprezas o seu maior estimulo.

2 Entre estes havia hum grande privado de Xinovaradono, que era entaō o Senhor de maior poder, & de quem tudo estava como pendente, pois elle tinha tomado à sua conta, pôr da sua maō outro novo Cubozama. O Padre o foi visitar algumas vezes, & lhe fez a honra, que costumava aos grandes Bonzos, cousa de que muito se admiravaō os gentios, & ainda se doyaō, por verem, que aquellas demonstraçoens eraō evidẽtes sinais de o favorecer.

3 Este fidalgo valido de Xinovaradono tomou sobre si, meter o Padre no Miaco. Escreveo cartas aos tres Governadores, que no Miaco podiaō tudo, pera que fallassẽ ao Dayri, que consentisse na restituiçaō do Padre. Respõdeo hum dos tres, que tal cousa se naō faria, porque alem da ley, que prégavaō os Padres, ser do demonio, & os Padres comerem gente; as arvores, & plantas, onde tocavaō, se secavaō logo, & os Reynos se destroiaō; por tanto, que naō era licito fallar em veneno taō pestilente. A isto respondeo o fidalgo desfazendo cada huma das calumnias. Dizendo, que quanto ao comerem gente, era dito taō fatuo, & taō mal fundado, que naō devia sahir pella boca a hum senhor, com quem o Rey se aconselhava. Se a ley era de Deos, ou do demonio, que ordenasse disputas, a que viessem

viessem os maiores letrados de Iapaõ, & o Padre, & que se o convencessem, que fosse lançado fora de Japaõ; mas que se os Bonzos ficassem vencidos, fossem obrigados a seguir a ley de Christo. Quanto ao secaremse as arvores, onde tocavaõ, nos lugares, onde os Padres residiaõ, era falso, pois delles por aver fome no Miaco, vinhaõ os provimentos. No que dizia, de serem destroidos os Reynos, em que avia Padres, era cousa sem geito; pois antes de elles virem a Iapaõ, se sabia mui bem as guerras, que de continuo avia: & que por naõ irem mais longe, depois, que o Padre fora lançado fora do Miaco, viera o exercito do Reyno de Vomi, & na Cidade fizera os estragos, que eraõ notorios, sem o Padre estar no Miaco; & que a miseria, a que viera o Dayri, de Rey de Iapaõ a ser sò huma figura de Rey, bem entendiaõ elles, que lhe naõ nacera dos Padres, por ser a cousa jâ de tantos annos antes de aparecerem Padres no Iapaõ.

4 Em resoluçaõ concluia, que pois o Dayri, o naõ queria fazer de grado, que o faria por força, & escusaria elle, de lhe ficar nessa obrigaçaõ. Esta reposta intimidou ao Governador, mandou chamar alguns Christaõs; & com palavras brandas lhes disse, que favoreceria o Padre, no que se pedia. Reforçaraõ esta pertençaõ outros fidalgos Christaõs diante de Xinovaradono, cujas partes nesta guerra seguiam, & elle achando tinhaõ rezaõ, tomou sobre si este negocio.

5 Ouve nos Christaõs grande alvoroço, dando o negocio por concluso, quando sobreveyo outro impedimẽto maior, que os jâ vencidos. Hum mancebo Christaõ parente de hum dos Regedores do Miaco, requeria, se lhe desse a renda de seu pay, que importava em quatro, ou sinco mil cruzados em cada hum anno. Este, onde se achava, logo altercava com os gentios sobre os enganos das suas seitas.

6 Achavase em huma fortaleza, em que estavaõ actualmente Xinovaradono, & os tres Regedores do Miaco; sahio com outros moços fidalgos a se recrear atte o templo de hum idolo de grande respeito entre os gentios. Alli lhe disseraõ os moços fidalgos, como naõ temia ser castigado dos Deoses, dizendo delles tantas blasfemias? Viosse o moço taõ sobejamente molestado das suas importunida-

des,

des, que indignado, respondeo, que naõ avia porque temer paos, & pedras, quais os seus Deoses eraõ; & continuando no fervor; disse, porque vejais o pouco que podẽ, & os temo, vede o caso que delles faço. Entre estas palavras se chegou ao idolo, & lhe fez huma notavel injuria.

7 Divulgouse esta como hum horrendissimo sacrilegio. Mandaraõ os Regedores vir diante desi ao Christaõ: Perguntaraõlhe, se o Padre lhe mandara fazer aquillo, ou se os Christaõs o tinhaõ de costume? Respondeo; que o Padre tal cousa naõ mandara, mas que elle obrara irritado da sobeja importunaçaõ, dos que o acompanhavaõ: se merecia castigo, estava prompto pera elle. Entaõ hum dos Regedores lhe disse, que senaõ attendera a ser seu primo, & parente dos dous Regedores, logo o avia de mandar pôr em huma Cruz: mas que dalli se ouvesse por despedido de sua amizade, & parentesco, & da renda, em cujo requerimento andava.

8 Naõ faltou hum fidalgo Christaõ, que o recolheo a si, & o sustentou. Daqui tomaraõ os Regedores occasiaõ, de dizerem muito mal dos Christaõs, & sua ley diante de Xinovaradono. Elle ainda que semostrou sentido da injuria do idolo, desculpou ao Padre, & lhes pedio acabassem com o Dayri, lhe permitisse, viver no Miaco: pera isso escreveo, & fez com os Regedores, que escrevessem. Elles o fizeraõ, por lhe comprazer, que as vontades eraõ outras.

9 Deraõse as cartas a hum Christaõ, chegando com ellas ao Miaco, succedeo, advertirse, que os sobrescritos hiaõ errados. Voltou atras, & emmendados os descuidos; tornou logo pera o Miaco. Estando os Regedores pera despachar o negocio, sobreveyo outro novo embaraço, porque dous grandes senhores sahiraõ do Sacay com quatro, ou sinco mil homens com intentos de tomarem o Reyno do Miaco, por serem inimigos dos Regedores, & de Xinovaradono. Com esta perturbaçaõ parou este negocio, & foi grande providencia de Deos, por naõ expor o Padre aos perigos, que corria, se em tempos taõ revoltos entrasse no Miaco. Com tudo acabou Xinovaradono, que a Igreja, cujas portas estavaõ fechadas, se abrisse, & entregasse aos Christaõs, atte as cousas darem lugar,

 a in-

a introduzir de todo o Padre no Miaco.

10 Neſtas grandes revoltas ſe valeo hum Irmaõ do Cubozama morto, del-Rey de Voari chamado Nobunanga, o qual com cem mil homens o meteo de poſſe no lugar do Irmaõ. Vatadono ViſoRey do Jamaxirô Reyno onde eſtâ o Sacay, tinha conhecimento com o P. Froes, era grande amigo do novo Cubozama, & naõ menos eſtimado de Nobunanga, prometeo ao Padre, que ſuccedendo às partes, a que elle acoſtava, conſeguir ſeus intentos, o avia logo de meter no Miaco.

11 Como o diſſe, o cumprio, & aſſim que Nobunanga entrou na Cidade, facilitadas todas as difficuldades, mãdou recado ao Padre, que podia livremente mudarſe pera o Miaco. Aſſim o fez logo o Padre em Março de 1569. Os Chriſtaõs ſahiram ao eſperar com geral alegria, & naõ menos pena dos inimigos da ley de Deos, que ſe comiaõ de raiva, por ver ao Padre na Cidade. Vatadono o mandou logo viſitar, & dizerlhe, eſtiveſſe preſtes, pera viſitar a Nobunanga, que jâ perguntara, ſe tinha vindo do Sacay.

CAPITULO XXXXX.

Como Deos caſtigou os inimigos do P. Froes, & vencidos alguns embaraços, ouve patentes pera aſſiſtir no Miaco.

1 AInda que Deos algum tempo diſſimula com os maos, finalmente os vem a caſtigar, ſendo muitas vezes teſtimunhas do ſeu caſtigo aquelles, por cujo reſpeito o mereceraõ, aſſim aconteceo neſta occaziaõ; pois jâ referimos como à viſta do P. Froes junto dos muros de Sacay morreraõ violentamente os dous principais ſenhores, de que ſe aproveitou o odio dos Bonzos, pera deſterrarem ao Padre de Miaco: agora parecé, trouxe Deos ao Padre pera ver aos meſmos Bonzos bem caſtigados.

2 He de ſaber, que eſte Nobunanga Rey de Voari, que veyo introduzir ao Cubozama Irmaõ, do que foi morto aleivoſamente, era homem ſem ley alguma, aos idolos tinha por couſa de zombaria, & meros fingimentos dos Bonzos. Naõ conhecia Creador de todas as couſas, nem im-

immortalidade da alma. Quanto às partes de Rey as tinha mui cabays, amigo de justiça, grandemente bellicoso, & nas suas emprezas militava cõ elle a fortuna, & assim em poucos annos conquistou muitos, & grandes Reynos.

3 Valendose delle o Irmaõ do Cubozama, o veyo entronizar, & o fez no mesmo lugar, onde o outro fora morto: & porque o paço se queimara, & jâ naquelle sitio estavaõ dous templos, os mandou arrazar. Mandou aqui fazer huma fortaleza,& hum paço. Nesta obra trabalhavaõ de ordinario vinte, & sinco mil homens, & Nobunanga vestido como de campo com huma bengala na maõ assistia a obra dando as direcçoens. Sendo a obra em tudo a mesma grandeza se acabou em setenta dias, cousa que dis o P. Froes, parecia incrivel.

4 Determinou logo no principio, que toda a obra fosse de cantaria, cousa nunca vista em Iapaõ, pera isto ordenou se desfizessem os altares dos idolos,que eraõ de pedra; o que se fez sem replica, & grande horror dos gentios do Miaco, que viaõ assim desfeitos os seus templos, & idolos, cuja veneraçaõ atte alli era a cousa mais sagrada, & sacrosancta; eraõ os idolos quebrados, pera os afeiçoarem pera a obra, & trazidos às carradas, ou arrasto por cordas. Vista por certo mui aprezivel pera o P. Froes, pois chegava a ver executado, o que antes sò lhe pareceria sonho.

5 Este açoute abrangeo mais a hum mosteiro do Miaco, onde se forjou o desterro do P. Froes; Aquelle mosteiro era de Bonzos, que tinhaõ por Deos a Xaca,mui rico,& elles enimicissimos da ley de Deos. Quando Dajandono matou aleivosamente ao Cubozama, estes Bonzos o peitaraõ com dinheiro,pera que mandasse matar os Padres, ou os desterrasse do Miaco, como se fez; & quando o Padre sahio, elles o seguiraõ dando grandes rizadas, & vayas em significaçaõ da sua victoria.

6 Agora vendo Nobunanga, que as madeiras pera o palacio seriaõ de dilaçaõ, se viessem de fora, ordenou, que toda a madeira daquelle mosteiro, & todos os panos ricos, com que estava guarnecido, se passassem pera o novo palacio, & com ellas se aperfeiçoasse. Ouve grandes empenhos, pera se naõ desmantelar hum dos mais famosos sanctuarios de Iapaõ, mais rico, & mais grandioso, offerecendose o dinheiro, que Nobunanga quizesse, mas elle de na-

da fez caſo: & aſſim ſe ouve de executar a ſua ordem, amofinandoſe com prantos, & lagrimas a chuſma dos Bonzos; & pera mais evidente ſinal do triumpho da ley de Deos, muitas deſtas peças de preço ſe depoſitaraõ na caſa dos Padres.

7 Antes do Padre vir pera Miaco, ſabendo o ſuperior daquelle moſteiro, que acabamos de dizer, fora arruinado, que o Padre era mandado vir, ſe foi ter com Nobunanga, pedindolhe, tal naõ conſentiſſe, dando por cauſa, que onde elle eſtava tudo eraõ ruinas. Zõbou Nobunanga da petiçaõ, dizendo: Andai, naõ tenhais taõ eſtreito,& apertado o coraçaõ, como moſtrais ter, pois vos perſuadis, que em huma cidade taõ grande como Miaco, pode hum homem ſer cauſa de ſe deſenquietar o Reyno. Calouſe o Bonzo, porque a Nobunanga, como era homem altivo, & que a todos fallava por ſima do hombro, ninguem ſe atrevia a replicar.

8 Quando o P. o foi viſitar, eſtava occupado em ouvir muſica, poriſſo entaõ naõ entrou,mas Vatadono lhe aprezentou as dadivas, que o P. lhe levava, vinhaõ a ſer hũ ſombreiro de veludo; hum eſpelho, huma cana de Bengala, & huma cauda de pavaõ, tudo pouquidade pera o conceito, que todos tinhaõ das couſas ricas, que o P.lhe podia offerecer. Aceitou deſtas peças o ſombreiro. Logo voltaraõ com o recado, de que ſe alegrava com a ſua vinda, que em outra occaſiaõ eſtando deſocupado o mandaria entrar.

9 Depois diſſe Nobunanga a Vatadono, que naõ mãdara entrar o Padre, por naõ ſaber como avia de tratar a hum homem, que viera de tantas mil legoas a prégar nova ley, & que cortezia avia de uſar com elle. Tambem porq̃ entrando a fallar em lugar ſecreto, cuidarſehia, que o hia bautizar. Comeſſou logo o demonio por ſeus miniſtros a uſar de ſuas aſtucias. Divulgaraõ os gentios, que o P. fora lançado fora do Sacay, & que poriſſo viera pera o Miaco. Outros levantaraõ, que Nobunanga, indoo elle viſitar, o mandara logo prender, conſtrangendoo a reedificar o grãde But de Narâ, que era hum templo, cuja reſtauraçaõ demandava pello menos dous contos de ouro.

10 Logo que ſoube o Dayri, que o Padre eſtava na Cidade, mandou dizer ao Cubozama, que o naõ quizeſſe ver, & que mandaſſe dizer a Nobunanga, que o deitaſ-

ſe

ſe fora da Cidade. Huma ſeſta feira de madrugada, tendo o Padre preparado tudo pera dizer Miſſa, chegou hum aviſo, que no meſmo inſtante ſe foſſe dalli, antes, que vieſſe recado do Dayri, & que deſtroiſſem por ſeu reſpeito a caſa do Chriſtaõ, onde eſtava. Tomou o P. ſomente o Breviario, & diurno, & os Chriſtaõs o levaraõ dalli tres, ou quatro ruas, & o meteraõ em hum apoſento apertado, & eſcuro, onde paſſou todo o dia da ſeſta feira. Quando pera alli foi, deſpedio a hum ſeu familiar, que deſſe conta ao ſeu protector Vatadono, do que paſſava. Veyo eſte de tarde cõ a repoſta, em que Vatadono dizia, ſer tudo invenções dos Bonzos, que o P. ſe tornaſſe pera ſua caſa, que eſtando elle debaixo do ſeu amparo, ſe deſſe por ſeguro.

11 Voltando pera caſa paſſou com os ſeus Chriſtaõs a ſomana ſancta com grande piedade, & devaçaõ. Nas oitavas da Paſcoa foi viſitar ao novo Cubozama, o qual por eſtar doente, o naõ mandou entrar, mas recebeo a viſita por huma ama ſua, a quem eſtimava como May. Tiveraõ os Chriſtaõs deſconſolaçaõ, de que nem Nobunanga, nem o Cubozama mandaſſem entrar o P. porque daqui ſe ſeguia, levantarem os Bonzos, o que lhes vinha à cabeſſa.

12 Sabendo iſto Vatadono, tomou o caſo em honra ſua, & perſuadio a Nobunanga, que ſe deixaſſe viſitar do Padre. Avido o ſeu beneplacito, aviſou ao P. ſe fizeſſe preſtes, foi atte lâ em hum palanquim, que he certo genero de andor levado em hombros de homens. Andava Nobunanga nas obras entre ſeis, ou ſete mil homens, fezlhe o P. de longe ſua reverencia, elle o chamou pera junto deſi, fezlhe cobrir a cabeſſa por cauſa do ſol. Levoulhe o P. de prezente hum fraſco de confeitos, & humas velas de cera. Deteveſe fallando com o P. couſa de hora, & meya, ou duas horas.

13 Fez ao P. varias perguntas aſſim das couſas da India, como de Europa. Perguntoulhe, ſe a caſo ſe naõ dilataſſe a fé de Chriſto em Iapaõ, ſe tornaria elle pera a India? Reſpondeo, que avendo hum sô Chriſtaõ em Iapaõ, eſſe baſtava, pera que qualquer P. pello conſervar, alli eſtiveſſe toda a vida. Perguntoulhe, porque naõ avia grande cõverſaõ no Miaco; reſpondeo, que como o graõ nacia, eraõ muitas as eſpinhas, que o afogavaõ; dando com iſto a en-

entender as contradiçoens dos Bonzos.

14 Aqui tomou a maõ Nobunanga, & comessou a dizer as grandes maldades dos Bonzos, cujo cuidado sò era tirar dinheiro, & regalar os corpos. Deste fallar de Nobunanga tomou occasiaõ Lourenço, hum dos familiares do Padre, pera dizer: que ja sua Alteza teria entendido, em como os Padres no Japaõ nem buscavaõ honras, nem riquezas, nem outras cousas temporais, mas sò promulgar a ley verdadeira do Criador do mundo: & pois sua Alteza tinha o supremo poder em Japaõ, & podia por seu passatẽpo cotejar a ley do Criador de tudo com as seitas de Japaõ; lhe pedia, mandasse vir os melhores letrados do seu Imperio, & que sem accepsaõ de pessoas, ouvesse disputas na materia; & que ficando o Padre convencido, entaõ o mãdasse lançar fora do Miaco, por ser nelle cousa inutil; & se os letrados fossem convencidos, os constrangesse a ouvir à ley de Deos, porque em quanto naõ ouvesse isto, naõ cessariaõ contra o Padre as maquinaçoens dos Bonzos, pois lhes contradizia suas seitas, sem elles terem clareza da efficacia das rezoens, com que o fazia.

15 A isto se rio Nobunanga, dizendo aos seus, que de grandes Reynos naõ podia deixar de nacer grande capacidade, & fortaleza de animo; & tornandose a virar pera o Padre disse, que naõ sabia, se os letrados de Iapaõ quereriaõ aceitar a disputa: mas que poderia ser, que ao diante assim se fizesse. Depois lhe pedio o Padre huma patente sua, pera poder residir no Miaco, dizendo, lhe naõ podia fazer maior merce, & que seria dilatar sua fama entre as naçoens da Christandade. A isto por entaõ sò mostrou hũ rosto alegre. Estas cousas passaraõ diante dos Bonzos, que afastados as escutavaõ, & espreitavaõ.

16 Depois lhe deu o Padre as graças pella insigne obra de justiça, que tinha feito em restituir o Cubozama â dignidade de seu Irmaõ, a quem taõ injustamente se tinha tirado a vida. A todas estas cousas estava prezente Vatadono, & Sacûma, que de quando em quando abonavaõ, o que dizia o Padre, & davaõ vento à vela, pera que mais se enchesse. Depois desta pratica por largo tempo, el-Rey mãdou a Vatadono, que fosse mostrar as obras da fortaleza ao Padre, & os paços, que fazia pera o Cubozama: as quais obras, como assima fica tocado, eraõ cousa sumamẽte grã-

dio-

diosas. Depois se despedio o Padre, usando sempre com elle Nobunanga de muitos sinais de benevolencia.

17 Dahi a poucos dias Vatadono lhe franqueou tambem a visita ao Cubozama, tendolhe primeiro encarecido a nobreza, & dignidade do Padre: o prezente, que lhe levou foi huma cauda de pavaõ. Semelhantes miudezas, ainda que de pouco preço, por serem novas na terra, he, que sempre saõ bem vistas. Recebeo ao Padre com mostras de benevolencia.

18 Feitas estas visitas, era o cuidado do Padre, haver provisoens destes principes, pellas quais dessem licença, pera poder residir no Miaco. Era o ponto de notavel difficuldade por causa do custo destas patentes com huma assinatura particular, que o Padre queria. As tais patentes tiravaõ as Cidades, & Mosteiros por vinte, & quinze mil cruzados: outros por dez, & mais barras de ouro. Como este negocio se dilatasse, sem o Padre nisto intervir, hum Christaõ levou tres barras de prata a Vatadono pera ajuda de tirar a patente.

19 Vendo Vatadono a pouquidade, & que tudo pera Nobunanga era lançar huma gota de agoa no mar; por naõ desconsolar o Christaõ, lhe disse, que as entregasse a hum seu criado, depois elle por sua propria vontade poz sete barras de prata de sua casa, & com estas dez espreitando boa occasiaõ se foi a Nobunanga, dizendo, que por aquillo ser cousa mui pouca, & o Padre mui Pobre, senaõ atrevera em pessoa a offerecer aquellas barras a sua Alteza. A isto se rio Nobunanga, dizendo com graça, que naõ era necessaria prata, nem ouro pera elle dar patente ao Padre, que de graça lha daria; que bastava ser elle estrangeiro, pera ter inimigos.

20 Logo ordenou a Vatadono, que a notasse, & a mandasse mostrar ao Padre, pera ver, se estava à sua vontade, antes de nella se assinar. Depois por via de Vatadono, se ouve tambem patente do Cubozama. Faltava sòmente patente do Dayri, que posto naõ ser a de mais monta, podia a falta della causar alguma desenquietaçaõ, como o effeito depois mostrou. Vatadono disse ao Padre, que elle tinha feito muitos serviços ao Dayri, pellos quais lhe estava obrigado, & por premio delles sò pediria a patente, pera elle assistir no Miaco.

21 Tam-

21 Tambem Vatadono lhe agenceou ſahir da Igreja hum fidalgo gentio, que nella ſe tinha apozentado. Outras vezes fallou o Padre com Nobunanga, antes de ſe partir pera o ſeu reyno de Voari, & ſempre lhe moſtrou agrado, em eſpecial huma vez, que lhe moſtrou hum relogio deſpertador, q̃ por ſer entre aquellas gentes couſa nunca viſta, cauſou grande admiraçaõ das naçoens, & ingenhos de Europa, que tal artificio ſabiaõ obrar.

CAPITULO LI.

Da perſeguiçaõ, que hum Bonzo levantou contra o Padre.

1 COm eſtas patentes parecia eſtar ſeguro, mas o demonio, aquem doya muito eſta ferida, ſe aproveitou das roins manhas de hum Bonzo, a que os Chriſtaõs deraõ por nome Antichriſto, & Lucifer encarnado. Porque eſte homem, cujo nome era Nequijoxomim, de bayxo veyo a ter eſtimaçaõ, he de ſaber, que era quanto à eſtatura do corpo, couſa mui ridicula, pequeno, mui feyo, & deſprezivel, ſem letras, nem noticia das leys de Japaõ, alem diſto de vil nacimento. Com tudo foi de vivo, & eſperto ingenho, muito livre no fallar, em que era tido por eloquentiſſimo.

2 Eſte depois de ſe achar mal no eſtado de matrimonio, & peyor no de ſoldado, ſe fez Bonzo, & comeſſou a andar em peregrinaçoens. Fingio revelaçoens, em que dizia, que os Deozes o tinhaõ tomado por inſtromento, pera reformar as ſeitas do Japaõ, & reſtituir o Dayri no ſeu antigo dominio de ſer abſoluto ſenhor do Japaõ, como algum tempo fora, porque naquelle sò tinha de Rey o titulo, & algumas preminencias, que tudo naõ paſſava de huma ſombra de Rey, mas eſta ſe lhe conſervou ſempre, ainda q̃ ninguem lhe obedecia.

3 Entre innumeraveis trapaças, que fez eſte Bonzo, foi levar humas cartas de traiçaõ pera hum dos alevantados, que mataraõ o Cubozama, com eſtas o apanharaõ no Sacay a tempo, que alli eſtava o Padre Froes, & foi prezo, & rijamente açoutado: com tudo teve traças pera que o Day-

o Dayri pediſſe por elle, & por eſte meyo ſahio da prizaõ.

4 Vindo Nobunanga ao Miaco pera reſtituir ao Irmaõ do Cubozama, o Dayri querendo ter algum proveito neſta agoa envolta, meteo por ſeu agente a Nequijoxomim. Succedeo cahir elle em graça a Nobunanga, & quaſi ſempre andava ao ſeu lado.

5 No dia antes de o Padre ſe deſpedir a ultima vez de Nobunanga, que eſtava de caminho, eſte Bonzo lhe tinha pedido com grandes inſtancias, que ſe naõ partiſſe, ſem antes lançar fóra do Miaco ao Padre, que por elle alli eſtar ſuccedera a morte do Cubozama. Rioſe Nobunanga, & lhe diſſe, que tinha mui pequeno coraçaõ, pois abafava cõ taõ pouco. Que naõ havia de deſterrar o Padre, pois elle, & o Cubozama lhe deraõ ſuas patentes. No dia ſeguinte, indo o Padre deſpedirſe de Nobunanga, por elle lhe ter dito, o viſitaſſe antes de ſua partida, entre outras couſas diſſe o Padre: que viſto ſua Alteza ſe partia, & elle naõ tinha outro abrigo mais que ſeu real patrocinio, & haver alguns Bonzos, que ainda ſolicitavaõ ſeu deſterro, lhe pedia, naõ deſſe credito a ſeus ditos, ſem o ouvir primeiro, porque como ſeguiaõ leys encontradas à ſua, eraõ ſeus inimigos, & que da ſua maõ o entregaſſe a Vatadono ſeu proctector.

6 Perguntou Nobunanga, que cauſa havia, pera lhe terem odio os Bonzos. Reſpondeolhe, que a differença, que havia entre huns, & outros, á qual era bem como a q̃ ha entre frio, & calor, entre vicios, & virtudes. Perguntoulhe mais, ſe adorava os Camîs, & Fotoquês Deoſes de Japaõ: reſpondeo, que naõ, porque elles foraõ homens, que nem a ſi puderaõ ſalvar, nem livrar da morte, & menos ſalvariaõ aos outros.

7 Eſtava junto del-Rey o Bonzo Nequijo ſem fallar: nẽ o Padre, nẽ Lourenço ſeu familiar o conheciaõ. Entaõ lhe diſſe el-Rey: Nequijo, que dizeis a iſto? Perguntai alguma couſa. Aqui levantou o Bonzo a voz mui afrautada; & a modo de quem tinha ao Padre no laço; perguntou, que Deos adorava? Reſpondeo, que a Deos trino, & uno Criador do Ceo, & da terra. Padre, moſtrainolo, replicou Nequijo. He inviſivel, reſpondeo o Padre. Perguntou mais, ſe fora antes de Xaca, & Amida Deoſes do Japaõ. Reſpondeo, q̃ antes; que nunca tivera principio, nem teria

fim, por ser substancia infinita, & eterna. Aqui Lourenço espravou mais estas cousas; depois do Bonzo ouvir hũ pedaço, disse pera Nobunanga: Isto he traquinada, desterreos vossa Alteza logo, que saõ huns embaucadores.

8 Entaõ se rio Nobunanga, dizendo: Nequijo desçorçoais; perguntai, & responder voshaõ. Comessou a fallar, & a titubear, Lourenço lhe fez varias perguntas, porem a sua reposta a todas era: Naõ sei: depois sobindolhe a colera, disse a el-Rey, que era tarde, que os mandasse lançar fóra, por elles estarem no Miaco, fora morto o Cubozama, & que o Padre viera fugido do Sacay.

9 Fazendo Nobunanga pouco caso dos ditos do Bõzo, perguntou ao Padre, se o seu Deos dava premio pellos bens, & castigo pellos males? Disse Lourenço, que sim; mas que era em duas maneiras, ou temporal nesta vida, ou eterno na outra. Acodio o Bonzo, logo segundo, o que dizeis, depois do homem morto, fica cousa delle, que receba premio, ou castigo? Apoz isto deu huma grãde risada, como quem o convencia de hum grande disbarate. Aqui disse o Padre Froes, que se naõ admirava do seu espanto, pois a sciencia dos letrados do Japaõ naõ passava destas cousas, que viaõ com os olhos, das quais ignoravaõ muitas, & assim, que naõ era de admirar, tivessem por novidade, tratarlhes de cousas invisiveis, & immortais, como era a alma.

10 Logo lhe foi o Padre trazendo algumas rezoẽs das mais palpaveis, com que mostrou a immotalidade da alma. Estando o Padre neste discurso, rangendo Nequijo com os dentes, & cheyo de hum estranho furor disse: Pois dizeis, que fica alma, aveisma agora de mostrar, & pera isso hei de cortar a cabeça a este vosso discipulo (que era Lourenço) pera me mostrardes a substancia intellectual, q̃ fica depois da morte. Entre estas palavras se arremeçou a huma catana del-Rey, que estava em hum canto da casa, & comessãdoa a desembainhar, acodio Nobunanga, abraçouse com elle por detraz Vatadono, & outros Senhores, que muito se indignaraõ do atrevimento: & Vatadono lhe disse, que a naõ estar diante del-Rey, lhe cortaria logo a cabeça. Nobunanga passou tudo com hum riso; entendeose, tivera està dissimulaçaõ por respeyto do Dayri, pera cujos paços o dia antes entregara Nobunanga a este Bonzo quarenta mil cruzados, de que fez merce ao Dayri.

11 Depois destas altercraçoẽs, por ser tarde, se despedio Padre, a quem os Christaõs estavaõ fora esperando. Elles, & Vatadono o acompanharaõ athe sua casa. Antes de Nobunanga se partir, tornou o negro Bonzo a pedirlhe, desterrasse o Padre. Estranhoulhe Nobunanga taõ louca tezidaõ, & muito mais o reprehendeo Vatadono. Mas elle naõ desistio de sua loucura. Partindose pera o seu Reyno de Voari Nobunanga, o acompanhou Vatadono como sete legoas fóra do Miaco, quando o mandou voltar lhe disse, que declarasse ao Padre, podia estar descansado, & sem sosobro, nem temor algum.

12 Continuando pois o maldito Bonzo, fez com que o Dayri mandasse pedir ao Cubozama, que naõ obstante a patente, desterrasse ao Padre do Miaco: respondeo, que tal cousa naõ faria. Dahi a poucos dias, entrou em casa hũ Christaõ todo cheo de assombro dizendo, que o Nequijo naõ sò ouvera licença do Dayri, pera expulsar do Miaco ao Padre, mas pera assim o apregoar em toda a Cidade, & no Sacay. Deu o Padre conta a Vatadono. A reposta foi, mandar hum fidalgo de sua casa com muitos soldados à rua do Padre, & dizer aos moradores, que se Nequijo alli mandasse pregoar alguma cousa, della naõ fizessem caso, a ainda que o recado viesse do Dayri, ou do Cubozama, antes respondessem, que o fossem dizer a Vatadono, que assim o ordenara; & se fizessem o contrario, que estivessem certos, os havia a todos de vexar, pois o Padre tinha patentes do Cubozama, & de Nobunanga, pera livremente estar, onde quizesse. Com este avizo pode o Padre aquietar algum pouco tempo, & fazer alguns bautismos, porque a tempestade, que Nequijo movera, apenas dera lugar, a desviar sua furia,

CAPITULO LII.

Continuase a persegui̧aõ do Bonzo, & como o Padre Froes se valeo de Nobunanga, & favores, que lhe fez.

1 SUccedeo neste tempo, que Nequijo sobio em estimaçaõ com o Dayri, & com Nobunanga, que lhe encomendou cousas de muita honra, & poder: com esta

 nova

nova fortuna arrimou de novo os hombros à ſua lida. Ouve provisaõ do Dayri, pera deſterrar o Padre, deu contra elle muitos capitulos, que formou da parte do Dayri. Enviou eſtes a Nobunanga: o qual reſpondeo, que quanto ao deſterro do Padre ſe remetia ao Dayri, q̃ era Senhor do Japaõ.

2 De tudo teve aviſo Vatadono, que era o unico eſcudo dos Chriſtaõs. Sentio-o muito, & mandandolhe os Cungés, que ſaõ miniſtros do Dayri, cartas com ſeus negocios, as naõ quiz deſpachar, agravado da proviſaõ do Dayri. Depois eſcreveo duas cartas, huma a tres Senhores fidalgos do Cubozama, pera que favoreceſſem o Padre, outra pera Nequijo, pedindolhe deſiſtiſſe da ſua pertençaõ. A repoſta foi huma comprida carta, em que moſtrava as rezoens, porque naõ vinha, no que lhe pedia Vatadono.

3 Neſtes apertos tomado conſelho com os Chriſtaõs, aſſentaraõ foſſe o Padre Froes ao Reyno de Voari fallar cõ Nobunanga. Eſcrevendo o Padre Froes, quando eſtava de caminho ao Padre Belchior de Figueiredo tem eſtas palavras: *Eu ando ja tal, que quaſi por certo me naõ poſſo ter de fraqueza deſtas infermidades continuas, que me acompanhaõ: porem ditoſo eu, ſe deſta maneira acabar em ſerviço do Senhor: ſomente ſinto carecer ha ſinco, ou ſeis annos de confiſſaõ, porem confiado na ſancta virtude da obediencia, naõ temo perigo.*

4 Neſta occaſiaõ eſtava Vatadono como ſete legoas do Miaco em huma fortaleza; & pello ter auzente, Nequijo fazia mais esforço, & mais ſe afoutava. Logo ſe deſpachou pera elle com cartas o familiar Lourenço, nas quais lhe pediaõ cartas de favor pera o Nobunanga, pera quem o Padre ſe partio com reſoluçaõ de eſperar no caminho em certo lugar eſtas cartas de favor. Deu Vatadono as cartas, q̃ ſe lhe pediaõ, & diſſe muitas couſas pezadas contra o Bonzo. Das cartas huma era pera hum grande Senhor, pera o introduzir a fallar a el-Rey, outra pera hũ ſeu hoſpede na Cidade de Goyſu junto à fortaleza, onde eſtava Nobunanga, a quem ordenava, agazalhaſe o Padre, & que elle pagaria os gaſtos.

5 Eſtava junto àquella povoaçaõ hum lago como de trinta legoas de comprido, & oito de largo, por elle navegou

gou o Padre, & ſaindo em terra foi dalli pera Goyfu; pello caminho encontrou muitos idolos deſcabeſſados, porque a todos Nobunanga tinha mandado quebrar as cabeças. Chegado à hoſpedagem achou, ſer ella huma grande confuſaõ, por ſe hoſpedarem alli mercadores de diverſos Reynos, o trafego era tal, que toda a noyte eſtavaõ huns a jugar, outros comiaõ, & bebiaõ; outros vendiaõ, & compravaõ, outros tudo era enfardelar, & deſenfardelar fazendas, alem diſto eſtavaõ a garnel em hum ſobrado, por naõ haver na caſa outro apoſento mais comodo; bem ſe ve, que andando o Padre taõ enfermiço, ſeria grandiſſima a ſua moleſtia.

6 Com eſta ſe acomodava elle, mas ſuccedeo eſtar auſente o amigo de Vatadono, pera quem vinha a carta de recomendaçaõ; porem Deos, que nunca falta aos ſeus, depois de dous dias trouxe alli dous grãdes Senhores do Miaco, mui amigos de Vatadono, & do Padre. Eſtes tomaraõ à ſua conta dizer a el-Rey, que era alli vindo o Padre, & eſpreitar occaſiaõ oportuna pera a viſita.

7 Por eſte tempo da auſencia foi grande a magoa dos Chriſtaõs aſſim do Miaco, como de outros Reynos, porq̃ Nequijo, & os ſeus lançaraõ fama, que Nobunanga tinha prezo ao Padre, pera o mandar matar conforme a vontade do Dayri, que dalli por diante nem fumo de Chriſtaõs haveria no Miaco.

8 Tornando ao Padre Froes, indo os dous fidalgos viſitar a Nobunãga, lhe diſſeraõ em como o Padre era vindo: entaõ moſtrando niſſo contentamento, lhes diſſe: muito me peza de ter o Dayri mãdado, que lançaſſem fóra o P. ou o mataſſem; porque he a maior graça do mundo, meteremlhe na cabeça, que qualquer Reyno, onde eſtes Padres eſtaõ, he logo deſtroido. Pella compayxaõ, que tenho do Padre por ſer eſtrangeiro, o hei de favorecer, pera que naõ ſeja deſterrado do Miaco.

9 Acabando de ouvir huma muſica, ſahio pera fora com os dous fidalgos pera ir ver huns paços novos, que alli fazia. Saindo encontrou ao Padre Froes. Deteveſe em pê hum pedaço, alegrandoſe com ſua vinda, dizendo que bem fóra eſtava elle, de que a Reynos taõ diſtantes o ouveſſe de vir a viſitar. Mandou entaõ chamar mais alguns fidalgos, entre elles hum, que antigamente interviera em

ſer o Padre deſterrado, por ſer cruel inimigo da ley de Deos. Quiz o Senhor foſſe agora teſtemunha das honras do Padre, que foraõ tantas, & tais, que a todos eraõ de eſpanto.

10 Com dez fidalgos, & com o P. ſe entrou Nobunanga no ſeu paço, pera lho moſtrar; ficando fora como ſeis cẽtos fidalgos:& he de ſaber,que os meſmos dez fidalgos era a primeira vez,que entravaõ no interior dos paços, nem iſſo ſe fazia a fidalgo algum. Por eſta rezaõ a dita benevolencia cauſou notavel admiraçaõ a todos.

11 Era o paço obra em tudo taõ maravilhoſa, que ao P. fallando neſta materia, lhe faltaõ palavras, pera explicar a riqueza, primor,freſcura, limpeza, & grandeza, que de tudo avia em grao ſobido no palacio deſte Rey. Dis o P. que toda eſta magnificencia ſe pode conjecturar, de que Nobunanga era homem, que naõ conhecia outra vida, ſe naõ a prezente, abundãtiſſimo de tezouros, & que determinara fazer pera ſi eſte palacio, como ſeu unico paraiſo, que o qual naõ ouveſſe couſa no mundo mais pompoſa, & rica:daqui ſe conjectura, que querendo elle, & podendo, a obra ſeria de inveja a mais alta, & elevada ſoberba, q̃ ouveſſe em qualquer outra obra chea de magnificenſia.

12 Logo, dis o P. em huma carta. quando entrei pela porta dos paços propûs conſervar o retrato, & ſemelhança delles, pera depois neſta o referir. Mas foraõ tantas as couſas, que vi, que a grandeza, & perfeiçaõ de humas aſſim como ſe hiaõ multiplicando, me fazia eſquecer, o que tinha reſervado das outras, pello que a cerca diſto, me reſumirei, remettendome no mais ao diſcurſo de voſſa Reverencia.

13 Depois de o P. entrar, diſſe Nobunanga, que dezejava moſtrarlhe o ſeu paço, mas por outra parte, que tinha pejo, porque comparado, cõ o que o P. tinha viſto na India, & Europa, ficaria ſendo couſa pouca; mas que por vir de taõ longe, queria elle meſmo ſer a guia em lho moſtrar.

14 Foi o Padre vendo o paço, cheo de couſas taõ ricas, & ſingulares, feitas com tais artificios, que entrar alli, era andar em hum laberintho de Creta, & confeſſa, que a elle lhe faltavaõ palavras, pera contar o que vio. Em huma ſala mandou vir hum anaõ de grandiſſimo roſto, &

voz,

voz, vestido ricamente, trouxeraõno em hum cesto, pelo cantar, & dançar, que foi pera todos cousa de singular recreaçaõ. Esta visita foi de muito credito pera o P. pois tal cousa com ninguem a usava Nobunanga.

15 Dalli a dous dias chegou de fora Toquigiro, pera quem o P. levava as cartas, & recomendaçoens de Vatadono. Foi logo verse com elle, recebeo com estimaçaõ, mandou aviso ao hospede, que assistisse bem ao P. & lhe disse, que descansasse na sua pertençaõ, que logo o despacharia com el-Rey.

16 Dos bons successos destas cousas avisava logo o P. a Vatadono, & aos seus Christaõs, pera que estivessem cõsolados. Por agencia de Toquigiro fez el-Rey huma carta, em que pedia ao Dayri, & Cubozama, que favorecessem o Padre. Logo Toquigiro escreveo duas cartas, hũa a Vatadono, outra a Nequijo, nesta lhe dizia o amor, que Nobunanga mostrara ao Padre; por tanto que o favorecesse. Isto feito, Toquigiro se voltou outra ves pera a guerra donde viera.

17 Entaõ o P. se valeo dos primeiros senhores, pera que o introduzissem a fallar com el-Rey, pera lhe beijar a maõ pella merce, & se despedir. Quando entrou, a lhe fallar esta segunda ves, lhe disse Nobunanga diante de grande numero de fidalgos do Miaco: Naõ tenhais conta com o Dayri, nem com o Cubozama, porque tudo està debayxo do meu poder, somente fazei, o que vos eu disser, & estai, onde quizerdes. Logo lhe perguntou, quando se avia de tornar pera Miaco. Respondeolhe, q̃ na menhãa do dia seguinte, por estar ja despachado por sua Alteza.

18 A isto disse Nobunanga: He muito de pressa, dilatai a jornada, pera daqui a dous dias, porque à menhãa vos quero mostrar a minha fortaleza. Recomendou mais a certos fidalgos, que depois de jantar o Padre, o levassem à fortaleza; & a hum grande senhor disse, que jantasse cõ o P. em nome delle Nobunanga. Com estes favores nunca vistos estava assombrada toda aquella Corte, & os grandes senhores diziaõ ao P. que naõ acabavaõ de entender, que causa ouvesse, pera Nobunanga fazer ao P. taõ exquisitos favores. Mas naõ he muito se maravilhassem, por naõ ter conhecimento de Deos, o qual tem nas maõs os coraçoens dos Reys, & assim queria ser honrado neste seu fiel servo.

19 No

19 No dia feguinte lhe deu hum fidalgo hum banquete: eftava el-Rey taõ apetitofo, de que foſſe o P. que foraõ dous recados feus ao fidalgo, dizendo, que fe o P. tinha jantado, o levaſſe à fortaleza. Avia nefta obra muito tambem, que ver, nella tinha nobiliſſimo palacio. Antes de entrar, lhe mandou o P. o feu prezente pello fidalgo, que o conduzia. Conftava de huma camifa, & humas ciroulas de certo pano fino, & humas chinelas vermelhas. Logo Nobunanga veftio as ciroulas, & mandou entrar o P. recebeo, dizendo, que pera o veraõ parecia bom traje. Mãdou vir o feu Châ, deu a primeira porcelana ao Padre, elle bebeo a fegunda, deu a terceira a Lourenço companheiro do P. O Châ trouxe alli o fegundo filho de Nobunanga.

20 Depois lhe moftrou a fortaleza, & os Reynos, que della fe viaõ, que era hum grande profpecto, por ferem campinas mui eftendidas. Por largo tempo efteve converfando com o P. das coufas, & coftumes da Europa, do Sol, Lua, & eftrellas, & calidades das terras frias, & quentes. No meyo da pratica chamou ao feu filho menor, & em voz bayxa lhe diſſe, que foſſe dar avifo dentro, que fizeſſem de cear pera o P. Coufa foi efta taõ nova, que a ninguem a tinha feito.

21 Da hi a hum pouco fe levantou, ficando o P. sò em huma varanda; eis que torna el-Rey com a mefa de comer pera o Padre; & feu filho com outra pera Lourenço, dizendo, que vieraõ de repente, poriſſo naõ avia coufa, com que os cõvidar. Depois de comerem, veyo feu filho de dentro cõ hum veftido mui rico, dizendo, que feu pay o mandava, & que o veftiſſe logo, & outro pera Lourenço. Veftidos os mandou ir, onde eftava; diſſelhes, que lhes ficava bem, & que dalli por diante o foſſe muitas vezes vifitar, porque aſſim lhe era conveniente, pera ficar mais firme fua eftancia no Miaco. Finalmente o defpedio cõ o agrado, com que o tinha recebido.

CAPITULO LIII.

Veſſe o P. Froes em novos perigos, & de todos o livra Deos.

1 OIto dias fe deteve o P. Luis Froes na Corte de Goyfu. Os dias fe paſſavaõ em agencear os defpachos,

pachos, grande parte da noyte ſe lhe hia em prégar a ley de Deos: quando ſe recolhia a caſa, aſſim criados del-Rey, como outra gente da rua o eſtavaõ eſperando, pera ouvir doutrina taõ nova, pois era a primeira ves, que naquelle Reyno ſe prégou a ley de Chriſto.

2 Pediaõlhe com inſtancia, ſe detiveſſe alli mais tempo, que ſe fariaõ Chriſtaõs. Naõ pode entaõ condeſcender com ſeus dezejos, porque da detença ſe ſeguia, cobrarem no Miaco grandes animos os inimigos da ley de Deos, & blasfemarem cada dia mais ſeu ſancto nome, & vexarẽ os Chriſtaõs. Neſte caminho de Goyſu atte Miaco padeceo o P. muito, por cauſa dos caminhos, & das chuvas, roim comer, & peyor dormir, mas como vinha bem deſpachado, todos os trabalhos lhe ficavaõ mui doces.

3 Chegou ao Miaco em tempo, que tal ſe naõ eſperava. Naõ cabiaõ em ſi de alegres os Chriſtaõs. Como os favores de Nobunanga foraõ taõ raros, & publicos, tudo ſe divulgou pella Cidade de Miaco, com immenſa triſteza dos Bonzos, que tal couſa naõ ſonhavaõ. Deſpedio logo o Padre a Lourenço com as novas a Vatadono, que eſtava vinte legoas do Miaco. Foi tanto o goſto, que teve eſte ſenhor, que diſſe, que ſe entaõ lhe deſſem hum Reyno, naõ poderia ter goſto igual.

4 A cerca de por em rezaõ o Nequijo, ſe ouve cõ manha, eſcrevendolhe huma carta cõ alguma ſumiſſaõ, em que lhe pedia, viſto o favor de Nobunanga, quizeſſe elle tambem patrocinar ao Padre, & que entendeſſe, lhe naõ poderia fazer couſa de maior goſto; & que oferecendoſe occaſiaõ de o ſervir, os effeitos lhe moſtrariaõ a boa vontade, que diſſo tinha.

5 Nada baſtou pera Nequijo ceder: porque como a ſua fortuna o tinha poſto ao ſeu parecer em lugar ſeguro, contra tudo ſe atrevia. Duas couſas ſentia pella vida, que o naõ deixavaõ aquietar; a primeira a dor, de ficar a primeira ves, que ſevio cõ o P. diante de Nobunanga, atado, & convencido, ſem ter que dar por repoſta, mais, que ſahir naquellas furias deſatinadas, que aſſima referi. A ſegunda era, ter elle alcançado do Dayri proviſaõ, pera ou matar, ou deſterrar o P. a qual tinha divulgado no Miaco, Sacay, & outras terras, onde avia Chriſtaõs, & agora vendo, que o effeito era mui diverſo, ſeria tido por homem

de menos valer, & que naõ podia tanto, quanto blazonava.

6 Estas rezoens o obrigavaõ, a naõ deyxar pedra por mover. Determinou, ir em pessoa tratar o negocio cõ Nobunanga. Aqui se renovou o receo do Padre, por ser o inimigo taõ forte, & taõ ardiloso. Deu conta ao seu protector Vatadono, o qual logo lhe tomou os portos, porque escrevendo a seus amigos, que no paço tinha, de nenhum effeito foraõ as astucias de Nequijo diante de Nobunanga.

7 Vendo este Demonio, que estando em pê Vatadono, naõ lhe era possivel dar com o P. Froes por terra, voltou toda a artilharia, & todas as suas maquinas contra Vatadono. Ajudouse de outras pessoas illustres, aquem persuadio, capitulassem contra Vatadono, fingindo mil testimunhos falsos sobre o governo dos dous Reynos, que estavaõ a cargo de Vatadono. Com esta papelada voltou Nequijo a Nobunanga, & de tal sorte tingio as cousas, q̃ teve por verdades, o que eraõ sò fingimentos. Nada disto sabia Vatadono. Succedeo, ir elle à Corte de Nobunanga sobre alguns negocios, quando lhe sahio ao encõtro gente de cavallo del-Rey, que dizia Nobunanga, que o naõ queria ver, & que ninguem lhe desse pousada em suas terras.

8 Dahi a quinze dias mandou Nobunanga desfazer huma rica fortaleza de Vatadono, pouco depois lhe tirou cousa de vinte mil cruzados de renda. Saltava Nequijo, & os seus de prazer, dizendo a huma voz: que bem se via, que o P. naõ sò era causa, de os Deoses castigarem as terras, onde estava, mas tambem a todos, os que o favoreciaõ, como se via em Vatadono. Viosse nesta tormenta a grandeza do coraçaõ deste nobre gentio; porque dizia; que nenhuma adversidade o sossobrava, cõ tanto, que o P. estivesse, como estava no Miaco; & que se a cazo o Dayri, Cubozama, & el-Rey o mandassem pera a India, elle avia de deyxar seus estados, rendas, molher, & filhos, & acompanhar ao Padre.

9 Pasmava Nequijo desta cõstancia, & dizia, que tal cousa naõ podia ser, se naõ porque o P. lhe dava grossissimas peitas, que supriaõ estas diminuiçoens. Passados como dez meses desta impetuosa tormenta, Vatadono pera mo-

mostrar o seu sentimento, rapou a cabeça, & barba, que he em Japaõ, como entre nos mostrarse hum fidalgo agravado del-Rey, ou dar de maõ à superintendencia das cousas temporais. Cõ elle se raparaõ logo passante de duzentas pessoas; dellas eraõ muitos fidalgos.

10 Neste tempo foi Nobunanga ao Miaco, cõcorreraõ os senhores grandes a visitalo, entre os quais veyo de huma sua fortaleza Vatadono. Andou quinze dias sem el-Rey o ver, esperando Nequijo por horas, que lhe mandasse cortar a cabessa. Quando hum dia Nobunanga o manda chamar, disselhe palavras de muito amor, mandoulhe dar hum seu vestido rico, & que deixasse crecer o cabello, & a barba, que se queria delle servir nas guerras. Logo cavalgou Nobunanga, & o Viso-Rey cõ elle, ambos foraõ correr os cavalos. Deulhe sobre, o que se lhe tinha tirado quarenta mil fardos de arroz cada anno.

11 Sahio Nobunanga a huma guerra, em que por industria, & valor de Vatadono ouve huma gloriosa victoria; ficoulhe taõ afeiçoado, que lhe deu a espada, que cingia, que era de grandissimo preço. Pera cabal gloria de Vatadono, seguiosse logo a ruina de Nequijo, que jâ parece, lhe tardava. Poucos dias depois de Vatadono ser restituido à graça del-Rey, foi Nequijo acusado de graves delictos, de cuja noticia por estremo se irou Nobunanga, depois de o deshonrar de palavra diante de muitos senhores, mandou, que o pizassem a couces, & o deitassem fora. Apos isto foi despojado dos cargos, & hõras, que tinha, ficando mui abatido, & avilitado, sò dissimulou el-Rey em elle ficar com o cuidado das obras do paço do Dayri, porque se naõ acolhesse, sem dar conta do muito dinheiro, que pera esta obra se lhe tinha entregue.

12 De pressa tornou o Padre Froes, tendo sahido cõ os seus Christaõs de huma tormenta, a entrar noutra. Sahira à guerra Nobunanga, & por seu general Vatadono: no campo sobrevieraõ a Vatadono febres crueis, por esta causa, & outras Nobunanga se voltou ao Miaco; despedio a gente de guerra ficando sô cõ treze mil homens. Imaginando dous Reys seus inimigos, que elle vinha derrotado, ajuntaraõ hum grosso exercito, pera darem em Nobunanga, antes, que se recolhesse ao seu Reyno. Tendo elle aviso, sahio logo do Miaco em demanda dos inimigos, que se

recolherão a humas serras, ao pê das quais assentou Nobunanga o seu campo.

13 Dos apertos, em que nesta occasião se vio a Cidade do Miaco, dis o P. forão grandes; & de si tem estas palavras em huma carta: *Como todos os caminhos estão tomados, alem desta Cidade naturalmente ser carecida de mantimẽtos, por estar do porto vinte legoas pella terra dentro, agora carece muito mais delles. Porem temos, louvado Deos, arroz, & obra de quinze restes de rabaons, & nabos postos a secar, que aqui nos derão os Christãos por amor de Deos, de que nos sustentaremos, em quanto o cerco durar. Verdade he, que pera as muitas doenças, & fastio, que quasi sempre me acompanhão, não deixa a natureza de repugnar no tempo da febre, ou de grandes dores sustentar sua necessidade com rabão seco cozido em agoa, & sal. Porem affirmolhe, que lâ poem Deos huma doçura, & hum não sei que nestes manjares pobres, que quem delles gosta, os não trocaria pellos mais esplendidos banquetes da India.*

14 Mais abayxo dis: *Mas falando sincera, & realmẽte, quem de lâ não vier cozido em mortificação, & mui qualificado em todo o genero de virtude com grandes ancoras de temor, & amor de Deos nosso Senhor, não correrà menos risco nestas ondas, & continuas alteraçoens do Demonio, do que eu corro.*

15 Neste cerco do Miaco huma esperança lhe dava algum alento, que vencendo os inimigos, avia entre elles muitos fidalgos Christãos, que serião seus protectores pera ficar no Miaco. Quando se assim alentava, lhe veyo carta do Sacay do seu familiar Lourenço, que la estava, em como se sabia por noticia dos fidalgos Christãos, dizerem os inimigos, que se alcançassem a victoria, logo avião de desterrar os Padres do Miaco; pois era cousa notavel, que onde estavão tudo erão guerras, & destroiçoens. Porem Deos Nosso Senhor, que tinha ao Padre de bayxo da sua protecção, concluio as cousas a favor de Nobunanga; & ficou seu servo livre de tamanhos sustos, que por sete, ou oito annos continuos o molestarão sahindo de huns pera outros.

C A-

CAPITULO LIV.

Entra o P. em outros sustos, & como sahio delles, & foraõ destroidos os Bonzos.

1 BEm se deixa ver, que taõ continuas perturbaçoens dos povos naõ davaõ lugar, a se poder dilatar a fé, assás fazia o P. Froes em ir conservando o pequeno rabanho de Christo, que cõ algumas conversoens, ainda que poucas, se acrecentava. O odio, que os gentios tinhaõ à ley de Deos, em nenhuma parte era igual ao do Miaco. Na rua, em que morava o P. fizeraõ entresi os gẽtios cõcerto, de nenhum se cõverter sob graves penas:& o guardavaõ à risca.

2 A causa de nesta Cidade ser a conversaõ mais difficultosa, era, ser ella a fonte das seitas do Iapaõ, aver Bõzos de grande autoridade, muita eloquencia, prégaçoens cõtinuas, & dis o P. em huma carta, que nellas eraõ mui eloquentes, & traziaõ a gente como suspensa; por tanto, que mais milagre seria, cõverterse hum gentio no Miaco, que duzentos em qualquer outro Reyno do Japaõ.

3 Nestes principios, como entre tantas gentes naõ avultavaõ os Christaõs, naõ se davaõ os Bõzos por empenhados, em os cõtradizerem nas suas prégaçoens; mas esse pouco, que era, bastava pera fazer huma aversaõ à ley de Deos mui grande no coraçaõ dos gentios.

4 Hum Bõzo em especial pello antigo odio, que tinha à ley de Deos, pois fora hum, dos que mais procurara o desterro do Padre, nas suas prégaçoens muito se indignava cõtra o P. Este homem à sua custa tinha feito hum templo do seu Deos Xaca junto aos paços do Rey, nelle prégava cõtra todas as outras seitas.

5 Estando huma ves na sua prégaçaõ, parou à porta hum Christaõ moço fidalgo do Cubozama, & depois do prégador se chorar da miseria, & cegueira dos homens, em reconhecerem outros Deoses mais, que a Xaca, disse: Pera verdes, a quanto esta cegueira tem chegado, basta saberdes, como he manifesto, que està agora nesta Corte, & Universidade, & cabeça de todo o Japaõ hum miseravel estran-

eſtrangeiro embaidor, o qual naõ ſabeis, dõde veo, nem ſe o choveraõ as nuves: ou ſe o produzio o Inferno: ſe vedes ſeus livros eſcritos ao revês, naõ vos ſabeis determinar, ſe ſaõ regras, ou minhocas: ſe olhais pera a ſua doutrina, quervos perſuadir, que adoreis a hum homem crucificado.

6 Chega a tanto a doudice,& temeridade dos homẽs, que eſquecidos do pay de todas as gentes, o altiſſimo Xaca principio de todas as miſericordias, que oito mil vezes naceo neſte mundo por nos ſalvar, & avendo tanta evidencia de ſeus milagres, & oito, ou dez mil livros impreſſos, que daõ teſtimunho de ſua ſanctidade, hâ homens taõ deſatinados, que vaõ ouvir as doudices, & inſenſaborias de nenhum momento, que alli eſtâ grégando Deos (cõ eſte nome chamava ao Padre) ſendo eſte eſtrangeiro, & eu eſtou aqui voſſo natural eſquecido de minha honra, & proveitos temporais, ſomente movido cõ zelo de vos ſalvar, & ainda difficultoſamente vos poſſo aqui ajuntar. Neſte paſſo o moço fidalgo, que da porta ouvia, deu huma grãde rizada, & diſſe em alta voz pera os ouvintes, vede ſenhores, naõ vos engane eſte embaucador, & ſe foi ſeu caminho a diante.

7 Pouco tempo deixou Deos lograr pacificamente da victoria, que dera aos Chriſtaõs cõtra o Bõzo Nequijo, porque no mes de ſetembro de 1571, ſaindo o inſigne protector dos Chriſtaõs Vatadono cõ pouca gente a ſocorrer huma ſua fortaleza, cahio em huma filada, que os inimigos lhe tinhaõ armado, & cõ duzentos nobres, que o acõpanhavaõ, foi morto. Naõ he neceſſario dizer a pena, que teria o P. Froes,& os Chriſtaõs, aquem ſempre tanto favoreceo. Por vezes tinha ouvido as prégaçoens do catecismo, dizendo ſe queria fazer Chriſtaõ depois de ſaber bem os myſterios, mas cõ a revoluçaõ dos tempos, & infinidade de negocios nunca ſe pode deſembaraçar, pera ſer inſtroido, como queria.

8 Foi neſte homem o amor pera cõ o P. & Chriſtaõs couſa nunca viſta, nem imaginada em hum ſenhor gentio, & a penas teraõ as hiſtorias exemplo igual. O P. Froes em huma ſua carta, que anda impreſſa eſcrita ao P. Antonio de Quadros Provincial da India, por occaſiaõ de lhe cõtar a morte de Vatadono, refere meudamente, os bens,

que

que delle tinhaõ recebido os Chriſtaõs, que por ſer narraçaõ diffuſa, a deixo; mas do que aſſima fica ditto, mui bem ſe infere o mais. Pois querer hum gentio antes perder o valimento de hum Rey, que deyxar de amparar a huns pobres, de quem nada podia eſperar, he fineza, que cõ nenhumas palavras, ſe pode ſufficientemente encarecer. Huma ves dizendolhe o P. Froes, que pois naõ tinha cõ que lhe agradecer tantos, & taõ repetidos beneficios, o dezejava fazer Chriſtaõ; reſpõdeo, que elle no coraçaõ jâ o era, que em eſtando deſembaraçado, trataria diſto mais de veras. Dizia muitos louvores da ley de Deos diante dos outros Senhores, & dezejava, que todos a ouviſſem, & elle ouvia ſuas couſas, & myſterios com goſto particular, & como quem ſe queria abraçar com ellas.

9 Na occaſiaõ deſta morte eſtava o Padre Froes fóra do Miaco, logo ſe recolheo à Cidade pelſo meyo de muitos perigos, por andar tudo cheo de ſoldadeſca. Chorando ſeu deſemparo, & dos Chriſtaõs no meyo de tantos lobos, cuja opinaõ de que noſſos amigos eraõ logo deſtroidos, entaõ mais que nunca, cobrava forças, determinou logo mandar cõ ſeus prezẽtes a Lourenço viſitar a Nobunanga, antes, que os inimigos com eſta mudãça pudeſſem, nelle fazer alguma impreſſaõ contra os Chriſtaõs.

10 Porem como a falta de Vatadono deixava mui sò ao Cubozama, ſem demora no meſmo mez, que o Viſo-Rey foi morto, Nobunanga com hum poderoſo exercito veyo pór em feiçaõ as couſas do Miaco. De caminho fez huma acçaõ eſtranha,& foi deſtroir a celeberrima Univerſidade de Fienoama, fonte, & fortaleza de todas as ſeitas de Iapaõ, & o mais incontraſtavel padraſto, que teria contra ſi a ley de Deos, em comeſſando a creſcer.

11 He de ſaber, que hum Rey ſenhor de todo o Japaõ, & muito zeloſo dos ſeus Deoſes em huma ſerra mui alta diſtante tres legoas do Miaco edificou tres mil, & oito centos templos em deſaſeis valles no deſtrito de tres legoas. Aos Bonzos deu grandes rendas, pera todos ſe darem ao eſtudo das letras, ſuperior de todos era algũ Irmaõ del-Rey, ou peſſoa deſte ſer. Com a variedade, que os annos conſigo trazem, no anno de 1571. ja deſtes templos havia pouco mais de quatrocentos, com tudo o reſpeito, que a eſte lugar ſe tinha, era grandiſſimo. Por ſer alli como

mo a fonte das seitas do Iapaõ.

12 Assima dissemos como Nobunanga com treze mil homens se puzera ao pé desta serra, onde os inimigos se fortaleceraõ, os Bonzos os ajudaraõ com mantimentos, & armas, porisso Nobunanga veyo a concertos, pellos quais o inimigo se retirou a seu salvo, & Nobunanga se foi pera o seu reyno levando atravessados na garganta os Bonzos de Fienoama. Voltando agora com o exercito julgou ser a occasiaõ bella, pera se vingar delles. Mandou queimar todos os templos, & mosteiros, que estavaõ nos valles da serra. Recolheraõ se os Bonzos, & se fizeraõ fortes no cume da serra, onde era venerado hum idolo o mais celebre, & respeitado de Japaõ, porque era persuasaõ das gentes, que ninguem offendia este idolo, que naõ fosse logo castigado.

13 Porem Nobunanga, que destas carrancas nenhum caso fazia, foi apertando com os Bonzos, que se puzeraõ em resistencia, mas naõ podendo sustentar por muito tẽpo a furia dos soldados, foi entrado aquelle serro, & elles todos com outra gente passados ao fio da espada; & porque nenhum escapasse mandou Nobunanga homens com espingardas por toda a serra a fazer montaria nos Bonzos, que nesta occasiaõ seriaõ mortos como mil, & quinhentos. Esta destroiçaõ foi cousa taõ estrondoza, que poz em espantos todos os Reynos de Iapaõ, & muito mais aos Bonzos.

14 Logo se recolheo Nobunanga no Miaco, onde o foi visitar o Padre Froes, & o Padre Organtino, que tinha vindo pera o Miaco, a ser companheiro do Padre Froes. Fez aos Padres muito gazalhado. E porque se veja como Deos se naõ descuida em castigar os inimigos da sua ley. Succedeo, que o Bonzo, do qual dissemos assima, que prégava contra o Padre no templo, que tinha edificado a Xaca dissesse diante do Cubozama humas palavras jocosas, q̃ tocavaõ em Nobunanga, dizendo, que o poder, & estado de Nobunanga tinha ja chegado ao termo, & que lhe naõ faltava mais, que como figo maduro cahir da arvore, & dar consigo em terra. Soube Nobunanga do dito, mandou-o prender, sem bastarem, pera o soltar nem intercessoens do Dayri, nem de Cubozama; levou-o, quando voltou pera seu reyno, & no caminho, lhe mandou cortar a cabessa. Es-

te

te tambem tinha intervindo no desterro do Padre Froes. E porque aos Bonzos naõ viesse ao pensamento, levantar cabeça, repartio as rẽdas dos templos entre varios Senhores, dizendo, que naõ era rezaõ, comerem Bonzos, q̃ serviaõ a homens mortos, o que se devia a soldados vivos, q̃ pelejavaõ pella defensaõ do Reyno.

CAPITULO LV.

Entra o Padre Froes em grandes perigos por occasiaõ das guerras, & como Deos o livrou.

1 NEste tempo consolou Deos ao Padre Froes com o bautismo de hum mancebo cunhado de Nobunãga, que por ser tal a pessoa, foi cousa mui honrosa pera nossa Sancta fê. As continuas revoluçoens davaõ apenas lugar, pera ir fomentando os Christaõs ja feitos, quando de novo se vio o Padre Froes em mui urgentes perigos. Cubozama desconhecido aos favores, que tinha recebido de Nobunanga, se conjurou contra elle unindose com seus inimigos, dos quais hum poderoso Rey tomou à sua conta destroir a Nobunanga, por ser inimigo dos Deoses, & dos Bonzos.

2 Naõ tardou muito Nobunanga, que naõ viesse sobre Miaco, onde Cubozama se tinha feito forte. Nesta occasiaõ foi preciso ao Padre Froes, sahirse da Cidade, por assim o disporem os Christaõs, & cada-qual buscava sua vida, porque sabiaõ, seria grande a destroiçaõ, & confusaõ no Miaco. Levaraõ o Padre pera hum lugar como meya legoa da Cidade. Estãdo alli entraraõ no lugar muitos soldados espingardeiros, pera o queimar. Naõ sabiaõ os Christaõs, onde meter o Padre; por fim o levaraõ a casa de hum gentio principal, cujo pay era Christaõ, & naõ estava em casa.

3 Naõ o quiseraõ admittir, tendo nisso agouro, de q̃ logo seriaõ destroidos. Nestc tempo chegou o dono da casa, & por respeito de ser seu pay Christaõ, foi meter o Padre, & a dous seus companheiros em hum palheirinho detraz das casas, em que escassamẽte podiaõ estar assentados.

Os soldados logo, que entraraõ no lugar, determinaraõ matar à espingarda gallos, & gallinhas, pera comerem; quando se chegaraõ pera o palheiro, em que estava o Padre, correo grande perigo de o encontrar alguma bala, porque muitas lhe passaraõ sobre a cabeça.

4 Naõ parou aqui o perigo. Imaginando os gentios, que davaõ hum grande alvitre aos soldados, lhe foraõ dizer, em como naquelle lugar estava o Padre dos Christaõs, se o quizessem matar, o podiaõ fazer; ou quando naõ, o despissem, & lhe dessem tratos, athe tirar delle boa suma de dinheiro, do qual elles ficariaõ com ametade, & lhes dariaõ a outra. Naõ lhes desagradou o alvitre: vaõ logo a casa do gentio, que lhe entregasse o Padre. Entaõ elle cõ dissimulaçaõ entrou no palheiro, & sahio logo, dizendo, q̃ ja alli naõ estava, & acrecentou, que ainda, que soubesse, onde se escondia, o naõ havia de descobrir, por ser seu pay Christaõ, & o Padre ser amigo de Nobunanga, que a elles, & a elle, & a todo o lugar mandaria consumir, se ao Padre fosse feito algum mal. Com isto, & por se persuadirem, tinha mudado de estancia, se deixaraõ deste intento.

5 Logo tomaraõ seu conselho os Christaõs com o gẽtio hospede, & resolveraõ passar o Padre pera hum lugar grande chamado Tongi; hum dos Christaõs secretamente tratou com huns seus primos gentios, que fechavaõ as portas do lugar, as detivesẽ, athe elles de noyte meter ao Padre das portas pera dentro: assim o conseguiraõ. Entaõ por caminhos occultos levaraõ ao Padre pera Tõgi. Depois de estar dentro, & as chaves se levarem aos Bonzos do idolo Cambodaixi, de quem o lugar era, hum Christaõ tomou às costas ao Padre, pera o passar por hum fosso de agoa: apenas sahia delle, quando chegaõ duas molheres de dous, que o acompanhavaõ, chorando, & dizendo; que os Bonzos tendo alguma noticia, de que o Padre intentava, recolherse alli, tinhaõ mandado lançar pregaõ, que o Padre fosse morto, & a casa, onde se achase, totalmente destroida.

6 Aqui se viraõ todos em grãde affliçaõ; porque o tornar a traz, naõ era possivel, por estarem ja as chaves nas maõs dos Bonzos; ir adiante, naõ sabiaõ, pera onde; & nenhum com o medo se afoutava a recolher o Padre. Estando nesta perplexidade, hũ dos gentios parente dos Chris-

taõs

taõs disse: nao tenhais medo, que eu meterei o Padre em minha casa, & se ouver alguma perturbaçaõ no povo, eu morrerei pella defensaõ do Padre. Logo o tomou pella maõ, & o foi guiando athe sua casa com muito tento, por estar o caminho cheo de estrepes. Nesta casa esteve recolhido oito dias.

7 Por ser este Templo do Cambodaixi huma das cousas celebres de Iapaõ, naõ serà injucundo dar delle breve noticia, em quanto o Padre Froes toma algum descanso desta sua lida. Cambodaixi foi hum perverso homem, este se meteo vivo na sepultura dizẽdo, q̃ ninguẽ fosse ousado tocar sua sepultura, porque elle naõ morria, mas estava repouzando, pera quando se destroisse o mundo, o restaurar. Estaõ alli muitos Bonzos, & vivem mui perversamente.

8 Todas as pessoas honradas ordenaõ, que depois de sua morte, sejaõ seus dentes levados a este lugar, tendo por certo, que sendo enterrados junto deste idolo, elles ficaõ sanctificados. Diante deste demonio ardiaõ quatro mil alampadas acesas de continuo, q̃ alli consagraraõ muitos Reys, deixandolhe grossos rendimentos. Destas, humas tres, ou quatro tinhaõ a cem pavios cada-huma. A riqueza bem se ve, que naõ podia deyxar de ser muito grande, sendo tanta a celebridade do templo.

9 Mas voltando ao fio dos trabalhos do Padre Froes. Neste escondrijo esteve em perpetuo susto, como tambem todo o lugar. Chegousse Nobunanga com o seu exercito ao Miaco. Fechousse o Cubozama na fortaleza, que era inconquistavel, salvo por fome. Cuidou, que Nobunanga hum sò dia estaria sitiando Miaco, porque com o temor dos conspirados, que com poderoso exercito vinhaõ no seu alcance, se poria logo em seguro. Porem achousse enganado, porque o nome, & terror de Nobunanga era taõ espantoso, que em todos os dias, que esteve sobre Miaco, nem hum sò inimigo se atreveo a lhe aparecer,

10 Quiz elle pôr tudo em rezaõ compadecido do desacerto do Cubozama, porem este fiado nos seus aliados no principio esteve tezo. Quatro dias se gastaraõ nestes recados, sem Nobunanga fazer hostilidade alguma: chegou a mandar dizer ao Cubozama, que se pera elle, se amolgar, fosse necessario, que elle, & seu filho se rapassem (he esta acçaõ nos Japoens de suma humilhaçaõ) que logo o fa-

ria, & com ſeu filho o iria viſitar. Conſideraſſe, quãto lhe devia, que a ſua eſpada naõ tinha medo de ninguem, que nenhuma com ella ſe media, puzeſſe diante dos olhos a deſtroiçaõ dos povos, que era preciſa: finalmente, que elle eſcreveſſe as condiçoens de paz, que todas as guardaria. Com nada ſe moveo o Cubozama. Vendo Nobunanga, ſer violentado, a fazer, o que naõ queria, naõ pode conter as lagrimas, & aſſim dizem, que chorara de compayxaõ.

11 Logo mandou como ſete, ou oito mil homens, queimar villas, & lugares à roda do Miaco, donde lhe vinhaõ os mantimentos. Em hum dia queimaraõ, & aſſolaraõ noventa, & tantos lugares, huns de quinhentos, outros de quatrocentos, & mais viſinhos com os templos, & moſteiros, que nelles havia. Alguns troços deſta gente chegaraõ ao lugar, onde o Padre eſtava, porem o cuidado dos Bonzos, por huma parte, & a gente da terra por outra tiveraõ maõ nas primeiras furias; mas vendo que ſe naõ poderiaõ ſuſtentar, deraõ oitenta barras de prata aos Capitaens. Deſte modo ficou o lugar, & o Padre livres deſte grãde perigo.

12 Feita eſta deſtroiçaõ, tornou Nobunanga a tentar o animo do Cubozama, pera vir nas pazes. Porem o homem eſtava taõ perſuadido dos ſeus, que naõ deu ouvidos a eſte tratado. Succedeo ſer queimada grande parte da Cidade por deſacerto de alguns moradores. Tudo via o Cubozama da ſua fortaleza, ſem nada o abrandar. Entaõ por ultimo remedio determinou Nobunãga levantar quatro fortalezas ao redor daquella, em que eſtava o Cubozama, pera lhe naõ poderem entrar ſocorros, nem viveres, & nomear por Cubozama a hum filho do Dayri.

13 Eſta reſoluçaõ amedrontou ao Cubozama, & obrigou a pedir pazes a Nobunanga. Eſtas ſe fizeraõ, ainda que de tal modo, que bem ſe via, que o Cubozama sò vinha nellas por remir ſua vexaſſaõ. Logo Nobunanga levantou o campo, & na volta pera o Reyno de Vomi deſbaratou huma Univerſidade de Bonzos chamada Facuſangi, que havia ſeiscentos annos florecia em riquezas, & grãdeza, ſem por eſtes ſeculos ter padecido alguma deſtroiçaõ. Nella eraõ muitos, & mui ricos os templos, & moſteiros, tudo foi roubado, & depois reduzido a cinzas com eſpanto dos gentios, que tinhaõ a eſte homem por hum açoute

dos

dos seus idolos, & os Christaõs o chamavaõ açoute tomado por Deos, pera castigar o gentilismo. Tanto que se partio, os Christaõs levaraõ ao Padre Froes pera a Cidade: bem dezejara elle visitar no arrayal a Nobunanga, mas naõ o pode fazer, por se ter ja retirado.

14 O Principe, que com seus soldados presidiava a fortaleza do Cubozama, era finissimo Christaõ, frequentemente vinha à nossa igreja, & por seu meyo muitos gentios ouviaõ o Catecismo, & muitos delles Senhores de cõta, com que a fé hia cobrando alentos. Este Principe se chamava Joaõ, senhor de boas fortalezas. Nesta occasiaõ bautizou o Padre Froes a hum seu Irmaõ. Naõ refiro em particular outros bautismos, por naõ intervir nelles cousa fóra do ordinario.

CAPITULO LVI.

Referemse algumas viagens, & trabalhos, em que se vio o P. Froes.

1 DEpois de ter estado por annos no Miaco, & ter alli grangeado com immensos trabalhos, & perigos assento aos pregadores do Evangelho, sendo elle hum dos primeiros Apostolos daquelles Reynos depois do glorioso P. Saõ Francisco Xavier, foi mandado pera o Reyno de Bungo pello Padre Francisco Cabral, ficando em seu lugar no Miaco o Padre Ioaõ Francisco Italiano com o Padre Organtino.

2 Vespora da Circuncisaõ no fim do anno de 1577. se partio do Miaco: nesse dia chegou a huma fortaleza toda de Christaõs, depois de os ajuntar lhes fez huma pratica sobre as palavras: *Non habemus hic civitatem permanẽtem*, depois no discurso aplicando isto a si, que tantos annos havia, estava no Miaco, & agora passava a outra terra, foi tal o pranto, pello muito, que o amavaõ, que tudo foraõ soluços, & lagrimas nos Christaõs, & no Padre.

3 No dia seguinte continuou a jornada, & apenas se podiaõ desaferrar delle os Christaõs, a cada outeiro achava multidaõ delles, que o esperavaõ com os filhinhos postos no caminho, os quais lhe tiravaõ da roupeta, como pe-

ra o deterem, & diziaõ tantas laſtimas, que cortavaõ o coraçaõ.

4 Chegando à terra, onde ſe havia de embarcar, ſe hoſpedou em hum moſteiro de Bonzos, os quais paſmavaõ de ver o amor, que lhe tinhaõ os Chriſtaõs, que em grande numero alli vieraõ. Sendo pella meya noyte, fazendo bom luar ſahio com os Chriſtaõs à praya do mar, & lhes fez huma exortaçaõ, porem as lagrimas eraõ tantas, q̃ naõ davaõ lugar a ouvir palavras; depois pondoſe o Padre, & todos de joelhos rezaraõ tres Padres noſſos,& Ave Marias,& ſaudando-os o Padre ſe embarcou,indo com elle dous Iapoens Chriſtaõs.

5 Chegaraõ a hum porto chamado Xivaqui. Onde por ſer quaſi em veſporas do primeiro dia do anno novo de Iapaõ, ouve muita difficuldade, em achar embarcaçaõ. Succedeo alli, que achandoſe mal huma peſſoa da viſinhãça, o hoſpede pedio ao Padre, ſe tinha alguma mezinha. Deulhe pedra de bazar, com taõ bom ſucceſſo, que logo a peſſoa melhorou. Correo fama pella terra, que eſtava alli hum medico raro. Comeſſaraõ a concorrer ao Padre enfermos de toda a ſorte. Por mais, que elle dizia, naõ ſer Medico, naõ havia fazer, com que o creſſem: Em huma carta a outro Padre tem eſtas palavras: *Digolhe, que dezejei entaõ de ſer Sancto, ou ao menos, que naõ fora taõ grande peccador, & inſtromento taõ remoto, pera que noſſo Senhor por ſua piedade concorrera alli com ſua graça.*

6 De Xivaqui partio, indo os marinheiros cheos de medo por cauſa dos muitos ladroens, q̃ infeſtavaõ o mar, mas foi Deos ſervido de chegarem a ſalvamento, ſem terẽ ſemelhantes encontros. Veſpora do anno bom de Iapaõ, que coſtuma ſer o primeiro da Lua de Fevereiro, entrou o Padre no porto de Funay, que he no Reyno de Bungo,pera onde hia. Logo paſſou pera Uzuqui corte del-Rey de Bungo, por ſer alli a principal aſſiſtencia dos Padres. Todos ſe conſolaraõ muito em o Senhor.

7 Dahi a poucos dias ſahio o Padre Froes com hũ Irmaõ Japaõ a hum lugar diſtante como nove legoas, aſſim pera confeſſar os Chriſtaõs, como pera prégar aos gentios. Alli havia hum lavrador com dous filhos, & huma filha, a quem o demonio coſtumava deſinquietar. Explicãdoſe aos Catecumenos a doutrina, chegando ao ponto, de

Como Christo por nos salvar, morrera em huma Cruz, entrou o Demonio cõ estranha furia na filha do lavrador, dizendo, que se queria deitar no fogo, & naõ ouvir aquillo. Fezlhe o P. Froes os exorcismos, logo se aquietou, & tomou na boca o sancto nome de JESU, que antes nunca quisera nomear. Continuou em ouvir a prégaçaõ; & no dia seguinte a todos bautizou o Padre, & nunca mais foraõ vexados do espirito maligno.

8 Naõ foi menos admiravel o effeito do sancto bautismo, que o P. Luis Froes deu a hũa gentia, q̃ estava ja tisica incuravel, sem poder sahir da cama, pedio ser instruida na fé, depois se fez trazer em braços à Igreja, aonde dezejava ser bautizada. Recebeo o Sacramento da maõ do P. Froes, & dahi a alguns dias veyo à Igreja saã, & restituida a suas forças. Alli deu graças a Deos, & à Senhora por taõ especial favor.

9 No tempo, que o P. Froes esteve em Bungo ouve mudanças mui notaveis, & por vezes esteve, & os mais da Cõpanhia em perigo evidente de serem mortos pellos gentios. Huma vez foi o perigo por raiva da Rainha, & de hum seu Jrmaõ, cujo filho adoptivo se tinha bautizado. Livrouos o Rey de Bungo, que neste tempo erâ jâ quasi Catecumeno, & depois foi bautizado, tomando em hõra do Sancto Xavier o nome de Francisco. A outra occasiaõ foi hum mao successo, que tiveraõ as armas de Bungo. Os gentios o atribuiraõ à ley de Deos, & a castigo dos seus idolos, cujos templos el-Rey mandara assolar. De todos estes grandes perigos foi Deos servido livrar os Padres.

10 No anno de 1581 voltou o P. Froes às partes do Miaco em Cõpanhia do P. Alexandre Valignano Visitador das Christandades de Japaõ. Dos perigos da viagem os livrou o Senhor; & chegaraõ todos ao Miaco em occasiaõ, que Nobunanga fazia humas festas, nas quais queria dar mostras de seu grande poder. Ellas se celebraraõ cõ cõcurso de principes, & gentes innumeraveis, aparato, & põpa em tudo Real. Quis o Rey, que o P. Visitador, & mais Padres assistissem. O que naõ foi de pequena reputaçaõ pera nossa sancta fé; por serem assim hõrados os prégadores della por Nobunanga diante de todo o Japaõ.

11 Desta Cidade mandou o P. Visitador intentar huma nova missaõ no Reyno de Yechigen pello P. Luis Froes,

es, cõ occaſiaõ de mandar viſitar a hum fidalgo Chriſtaõ, que cõ inſtancia pedia, foſſe lâ hum Padre, pera o confeſſar a elle, & a ſua familia. Diſta eſte Reyno do Miaco ſincoenta legoas. Nunca lâ tinha ido Padre algum. O primeiro, que nelle diſſe miſſa, foi o P. Luis Froes. Chegando a huma Cidade chamada Nangaſama, correo logo pella terra, que vinha hum homem eſtranho; acodio infinito povo, dando muitos gritos, huns riaõ, outros zombavaõ, outros diziaõ blaſphemias, & vituperios: pera iſto durar mais, ſuccedeo, naõ acertarem logo cõ apouſada; depois de muitas voltas deraõ cõ a caſa, onde hiaõ encaminhados. O hoſpede mandou fechar a porta, pera ſe defender da turba; porem tres, ou quatro vezes a arrõbaraõ pera ver o homem eſtranho.

12 Chegando ao Reyno de Yechigen o recebeo Dario, eſte era o nome do fidalgo Chriſtaõ, como a Anjo do Ceo. Divulgada a fama, vinha muita gente a ouvir a ley de Deos; ſinco, & ſeis vezes elle, & o Irmaõ ſeu cõpanheiro prégavaõ no dia. Grande parte da noyte gaſtava o P. em ſoltar duvidas. Alli fez ſincoenta Chriſtaõs, & ſe começou a levantar huma pequena Igreja. Ficou Dario como pay, & paſtor daquelle pequeno rebanho: porque o P. Froes ſe naõ pode alli deter, aſſim por adoecer o Irmaõ ſeu cõpanheiro, como por outras cauſas mui urgentes.

13 Na volta paſſando por outra terra, onde avia dous Chriſtaõs, ſe deteve quatro, ou ſinco dias. Ouviraõ os gentios os myſterios da fé; & tambem alli fez alguns Chriſtaõs, deixando porta aberta pera uovas cõverſoens. Sahindo deſte lugar o veyo acõpanhando o Chriſtaõ, quando entrou o Diabo no cavallo, em que o Chriſtaõ hia: começouſſe a empinar taõ eſtranhamente, que deu em terra cõ o cavaleiro, logo ſe enviou a elle cõ os pes, & com os dentes, parecia querer comelo a pedaços.

14 Foi iſto cõ tal furia, que naõ pode ſer ſocorrido. Finalmente o deixou cuberto de ſangue, & meyo morto ſem falla. Mago-ouſe muito o Padre, aſſim pello perigo do Chriſtaõ, que era eſteo dos mais; como porque ſe podiaõ esfriar os outros novos Chriſtaõs, & tomar agouro os gentios, de que os ſeus idolos caſtigavaõ aquelle Chriſtaõ. Paſſado algum tempo tornou em ſi; conſolandoo o Padre, reſpõdeo, que bem entendia, ſer tudo enredo do Demonio,

nio, pera perturbar aquella nova Chriſtandade: mas que ſe fizeſſe nelle a võtade de Deos.

15 Quis o P. voltar a traz, a iſto reſiſtio, dizendo: que elle tinha comungado, & confeſſado ſeus peccados, que naõ cõvinha ir o P. porque ſe morreſſe, dirlhehiaõ os gentios, o que quizeſſem; que pera lhe aſſiſtir à morte, em caſo, que Deos diſpuzeſſe de ſua vida, baſtava o Irmaõ, que como Japaõ, ſe entenderia melhor com os gentios. Parecendo aſſim melhor a todos, o Irmaõ acõpanhou o ferido, & o P. proſeguio ſeu caminho.

16 No anno de 1582 teve o P. Froes no Miaco, onde eſtava, & os outros Padres, & Irmaõs da noſſa Cõpanhia, hum grande perigo; porque ſuccedeo em Julho do meſmo anno ſer morto à traiçaõ no Miaco o famoſo Rey Nobunanga por hum ſeu Capitaõ: tudo ſe revolveo em forma, que parecia hum dia do juiſo. Sendo infinitas as mortes, os roubos, & os incendios: porem naõ permittio Deos, que nelles acabaſſem ſeus ſervos. Nobunanga ſempre favoreceo aos Padres. Foi açoute dos idolos, & Bõzos. Sendo Rey de sò meyo Reyno, chegou a ſogeitar alẽ de ſincoenta Reynos; & actualmente tinha entre maõs a empreza de ſogeitar os ultimos Reynos, que lhe reſtavaõ, pera ſer ſenhor de todo o Japaõ. E depois ententava formar huma poderoſa armada, & paſſar a cõquiſtar o Imperio da China.

17 A tudo abrangiaõ ſeus grandes eſpiritos, os quais chegaraõ a tanta ſoberba, que ſendo elle homem, que naõ conhecia aver Deos, ſe edificou a ſi meſmo hum ſumptuoſo templo na ſua Cidade de Anzuquiama, & alli ſe fez adorar. Fazendo eſta Cidade na grandeza a mais arrogante de Iapaõ; onde tinha infinitos tezouros: os quais o traidor diſtribuio todos dentro de poucos dias, & Anzuquiama foi toda reduzida a cinzas. Reſtando de Nobunanga sò o nome na memoria dos homens.

18 O matador aſſás teve, que ſe divertir, em diſpor as ſuas cõveniencias, poriſſo ainda que era inimigo da ley de Deos, naõ teve lugar, pera fazer mal aos Padres. Naõ lhe durou eſta qualquer gloria de ter morto a hum dos maiores Monarcas do mundo, mais, que doze dias: porque logo o carregaraõ cõ tanto poder os outros capitens de Nobunanga, que lhe foi neceſſario fogir sò de huma forta-

leza, onde o puzeraõ de cerco; & nesta fugida o matou hũ lavrador. Seu corpo foi trazido aõ Miaco, cõ muitas cabeças, dos que seguiraõ suas partes, pera se celebrarem as exequias de Nobunanga: & diz o P. Froes, que as cabessas, que se amõtoaraõ no lugar, onde fora morto Nobunãga, seriaõ como duas mil; & que por ser o tempo de muitas calmas, era intolerando o cheiro, que causavaõ, & portisso fora necessario fechar as janelas da nossa casa, que cahiaõ pera aquella parte da Cidade.

CAPITULO LVII.

Dá Mudança, que tiveraõ as cousas em Japaõ, & da morte do P. Luis Froes.

1 NEsta grande mudança, que tiveraõ as cousas de Japaõ, veyo a ficar ultimamente cõ o dominio Faxiba, que depois de outros nomes, que teve, he mui conhecido pello de Taycozama. Este homem sendo de nacimento vilissimo, por suas grandes habilidades chegou a ser hum dos mais estimados de Nobunanga: & morto elle, se soube aver cõ tal destreza, que alem de se apossar dos Reynos de Nobunanga, cõquistou os outros de Japaõ, que atte alli naõ obedeciaõ a Nobunanga. Cõ estas victorias se fez senhor de sessenta, & seis Reynos, de que se cõpoem as ilhas de Iapaõ. Avendo mais de quinhentos años, que nenhum outro chegara a tanta grandeza naquelles Reynos.

2 No anno de 1586 passou o nosso P. Viceprovincial a visitar as Christandades do Miaco levando em sua cõpanhia ao P. Luis Froes. Duvidouse muito do successo, que averia na visita de Taycozama, porque elle cõ a fortuna estava taõ arrogante, que ainda de grandes Reys fazia mui pouco caso. Porem foi Deos servido, de que recebesse ao P. Viceprovincial cõ muito mais honra daquella, que Nobunanga usava com os nossos Religiosos, como fica referido. Era interprete o P. Luis Froes, por ser mui eloquente na lingoa de Iapaõ.

3 Taycozama lhe mostrou especial agrado trazendolhe à memoria a disputa, que tivera cõ Nequijo diante de

No-

Nobunanga, dizendo, que elle naquella occasiaõ acodira pello Padre. Louvou muito o desenteresse, cõ que os Padres se aviaõ em Japaõ, pois sò procuravaõ dilatar a sua ley. Depois elle mesmo lhe foi mostrando o seu paço, em que era immensa a riqueza, & tudo a mesma Magestade. Este homem tinha tomado por empreza fazer em Ozaca huma Cidade, que naõ ouvesse cousa igual. Nella a este tempo, que os Padres o visitaraõ, trabalhavaõ como sessenta mil homens; & nas obras, que fazia no Miaco trazia outra tanta gente.

4 Alcançou delle o Padre licença, pera em todos os seus Reynos se poder livremente prégar a ley de Christo. Tambem delle alcançou, que nas Igrejas se naõ pudessem alojar soldados, como o faziaõ em todos os mosteiros dos Bonzos. Nem fossem os da Cõpanhia, nem suas Igrejas sogeitos a certas imposiçoens das ruas, em que morassem, segundo se usava cõ os mais, que era cousa muito molesta. Todas estas merces cõcedeo Taycozama de graça, sendo, que se outrem intentasse qualquer destas izençoens, a naõ conseguiria, sem dar por ella muitos mil cruzados.

5 Todas estas liberalidades foraõ hum prégaõ, que se lançou por todo o Japaõ em honra da nossa fé, por estarem em Ozaca os principais senhores de toda a Monarquia, & ser isto como nos olhos de todos. Com esta occasiaõ sobiraõ as Christandades daquelle imperio a grandissimos acrecentamentos, avia muitos fidalgos, & senhores Christaõs. Viaõse os exercitos cheos de bandeiras, & estandartes com o sinal da Sancta Cruz, que era a insignia dos Principes, & Capitens Christaõs.

6 Toda esta gloria, em que tinhaõ tanta parte os trabalhos do P. Luis Froes, pois fora dos primeiros Missionarios de Japaõ, a vio pera magoa sua irse eclipsando com a grande tormenta, que Taycozama naõ muito tempo depois daquelles extraordinarios favores levantou cõtra toda a Igreja de Japaõ. Sahira elle em pessoa cõ formidavel exercito a cõquistar os Reynos de Yamanguchi, que saõ no ultimo Japaõ pera as partes de Nangazaqui. Depois de os conquistar, foi o nosso P. Viceprovincial vizitalo à Cidade de Facata, & darlhe o parabem dos seus triumphos.

7 Elle o recebeo com singular agrado, como na occa-

ſiaõ paſſada o tinha feito. He de ſaber, que eſte tirano alẽ de outros vicios, era grandemente luxurioſo, & tinha miniſtros deputados, que por todo o Japaõ lhe buſcaſſem dõzellas de bõ parecer, iſto ſe fazia ſem attender, a que foſſem filhas de grandes ſenhores, & Reys, porque ninguẽ ſe lhe atrevia. Succedeo, que hum Bonzo ſeu valido, por ſer neſtas agencias ſingularmente induſtrioſo, quis levar a Taycozama algumas donzellas Chriſtans: porem ellas abominando tanta maldade ſe eſconderam, ſem o Bonzo as poder aver. Ficou diſto notavelmente magoado, tendoo por grande afronta de Taycozama: & diſſe, que pois a ſua ley tal couſa lhes enſinava, que elle faria com ſeu ſenhor, o choraſſem bem os Chriſtaõs.

8 Iſto ſuppoſto, huma noyte eſtando ſobre cea, converſando Taycozama com os ſeus aulicos, dos quais hum era o dito Bonzo: lhe comeſſou eſte a fazer grandes queyxas dos Chriſtaõs, de que eraõ rebeldes a ſeu goſto; de que cõ pretexto da ley, ſe hiaõ fazendo taõ ſenhores, que depreſſa ninguem poderia com elles, por ſerem entreſi mui unidos. A eſte teor foi continuando a pratica. Penetrouſe tanto della Taycozama, que ſem mais cuidar em couſa de tanto pezo, logo naquella noyte tirou o eſtado a hum grãde ſenhor Chriſtaõ. Fez hum decreto, em que mandava, que dentro de vinte dias todos os Padres ſahiſſem de Japaõ, ſuas cazas, & Igrejas foſſem tomadas, desfeitas as cruzes, & outros rigores, que ſe deyxam conſiderar de furor taõ arrebatado, & poderoſo.

9 Por varias rezoens, que ouve, & diligencias, que ſe puzeraõ, por entaõ pouco a pouco eſte furor ſe esfriou algum tanto, & puderaõ os Padres ficar em Japaõ em varios dominios de ſenhores Chriſtaõs, procedendo cõ cautela, por naõ lançar azeite no fogo. Mudaraõ o traje, tomando outro de homens, que eſtavaõ como de caminho. Exercitavaõ os ſeus miniſterios tendo as Igrejas fechadas, & outras circunſpecçoens, em que moſtravaõ, ter reſpeito às diſpoſiçoens reais. Tudo ſabia Taycozama, mas como lhe paſſaraõ as primeiras coleras, davaſe por deſentendido, contentandoſe com aquelle reſpeito, & temor, que ſe lhe moſtrava. Correo neſta forma a Chriſtandade com notaveis aumentos desde o anno de 1582, atte o de 1591.

10 Sobrevieraõ depois outras rezoens de eſtado, com

que

que creceo em Taycozama a desconfiança dos Christaõs atissada pellos hereges Olandezes, & Ingrezes, que lhe disseraõ, ser aquella traça de fazer Christaõs, meyo de que el-Rey de Hespanha se aproveitava, pera sogeitar Reynos taõ distantes; porque depois de aver muitos Christaõs, com pretexto de os ajudar contra os gentios, se fazia senhor dos Reynos.

11 No anno de 1597 mandou matar alguns Religiosos Capuchos de Saõ Francisco sò por se atreverem a prégar às claras a ley de Christo. Nesta occasiaõ padeceraõ tambem martyrio tres da Companhia por serem prégadores do Evangelho:& todos hoje estaõ declarados por Martyres, & a Igreja os celebra em finco de Fevereiro.

12 Neste mesmo anno foi Deos Nosso Senhor servido de apremiar os trabalhos de tantos annos do P. Luis Froes. Estando em Nangazaqui lhe sobreveyo huma infermidade, que lhe durou tempo largo, naqual deu grandes exemplos de virtude, & depois de receber os sanctos Sacramentos com muita paz, & soccego, entregou seu espirito nas maõs de seu Creador aos oito do mes de Julho de 1597.

13 Foi o P. Luis Froes missionario de grande espirito, & padecendo por toda a vida muitos achaques na saude, nunca se poupou ao trabalho. Teve especial graça de dar saude a enfermos, & a deu a muitos incuraveis. Elle com singular zelo escrevia muitas cartas dos progressos das Christandades de Japaõ, pera com ellas afervorar aos nossos Religiosos de Europa: a liçaõ destas levou a muitos pera as missoens do Oriente. Andaõ impressas em hum grãde volume, que o Senhor Dom Theotonio Arcebispo de Evora grande protector das missoens de Japaõ mandou imprimir.

14 Destas suas cartas recolhi esta sua vida, & tambem das de outros Religiosos nossos da provincia de Japaõ. O P. Euzebio a tras em hum dos seus tomos, porem taõ breve, que naõ occupa meya folha de papel, sendo tudo o que aqui fica, mui pouco pera o que elle padeceo, & obrou.

15 Da patria onde naceo, diz o nosso P. Telles ser Lisboa, & delle entendo o tirou Jorge Cardozo no seu Agiologio, no qual tras a memoria deste Padre em oito de Ja-

Janeyro. Porem a Biblioteca da Companhia, que nesta materia merece toda a autoridade, diz ser natural da Cidade de Beja. Naõ he a patria do P. Froes cousa, que se possa occultar; pois he sem duvida, que como foi Padre taõ antigo, & que tantos annos viveo na Companhia, hâ de estar sua patria em Roma nos catalogos dos sogeitos da provincia de Japaõ, & isto por vezes repetidas, segundo o estilo, que tem a Companhia. E as noticias, que se lançaõ em a Biblioteca saõ cousas averiguadas.

16 O nosso P. Nadasi faz deste Padre huma breve comemoraçaõ aos oito de Julho; & tem, que depois da morte aparecera a hum Japaõ donato da Companhia, & que pondo os olhos no Ceo com modo cheo de piedade, & devaçaõ lhe dissera: *Faze, o que eu faço, & louva a Deos.* Tambem se faz mençaõ dos trabalhos, & empregos do P. Luis Froes na segunda, terceira, & quarta parte da Historia geral da Companhia.

FIM.

LIVRO SEGUNDO
DA
IMAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DE LISBOA
da Companhia de JESU.

EM QUE SE CONTEM AS VIDAS DE alguns ſervos de Deos, que foraõ Noviços na caza de Saõ Roque, & na de Campolide.

CAPITULO I.

Vida do Veneravel P. *Doutor Sebaſtiaõ Barradas. De ſua entrada na Companhia, devaçaõ, que teve a Senhora, & ao Sanctiſſimo.*

Em Coimbra aos 14. de Abril de 1615.

1 FOI eſte ſancto homem huma das grandes luzes, com que Deos enriqueceo a noſſa Companhia, & com que muito illuſtrou a Provincia de Portugal. Naceo eſte grande Padre, & Doutor mui eſclarecido na Corte de Lisboa, de pays nobres, no anno de mil quinhentos quarenta, & dous; ſeus nomes eraõ Aleyxo Coelho, & Caterina Barradas. De ſeus principios moſtrou tanta virtude em todas ſuas acçoens, que quando entrou na Companhia, ſe diſſe delle, que sò mudara o veſtido, porque os coſtumes naõ tinhaõ, que mudar, por ſerem mui ſanctos.

2 Eſtu-

2 Eſtudou em as noſſas eſcolas de Sancto Antaõ o Velho. Logo foi dando moſtras, do que avia de ſer o ſeu ingenho, & talento. Tratando el-Rey Dom Joaõ o terceiro de nos entregar o cuidado das eſcolas menores do Collegio de Coimbra, os noſſos meſtres de Sancto Antaõ, onde jâ avia eſtudos, pera dar alguma moſtra de ſeus diſcipulos diante del-Rey, cada-hum levou ſeu diſcipulo mui bem inſtruido ao paço, & alli diante del-Rey, & mais peſſoas Reais, & o bom da Corte, fizeraõ os diſcipulos huma reprezentaçaõ, & diſſeraõ ſeus verſos. Foi ſingular o aplauſo, hum dos eſtudantes era o noſſo Sebaſtiaõ Barradas, o qual fez o ſeu papel com tal alma, que foi huma ſuſpenſaõ. Admirada a Rainha dona Catherina, diſſe ao ſeu Meſtre, apontando pera o menino: *A eſte açoutem-no bem, que ha de ſer homem.* Ella o diſſe, & o ſucceſſo veyo a confirmar o ſeu dito.

3 Foi fama conſtante, que a Senhora da Eſcada, que he de muita devaçaõ no convento de Saõ Domingos de Lisboa, lhe diſſera; que entraſſe na Companhia. A devaçaõ, que eſte Sancto Padre teve à May de Deos, tudo iſto, & mais faz crivel. Tendo deſaſeis annos de idade foi acceito na Companhia, & recebido na caſa de Saõ Roque aos vinte, & ſete de Setembro de mil quinhentos ſincoenta, & oito. Depois foi continuar ſeu Noviçiado em Coimbra.

4 Moſtrou ſempre em ſeus coſtumes, que tinha mais de Anjo, que de homem, porque em todas as ſuas acçoens ſe naõ via mais que hum eſpelho de virtude, & perfeiçaõ. Nos eſtudos, a que ſe aplicou depois do Noviciado, foi eminente. Enſinou letras humanas. No anno de mil quinhentos ſetenta, & hum mandando o Padre Provincial enſinar em Evora a lingua Grega, fez della Meſtre o P. Sebaſtiaõ Barradas, que neſte tẽpo era Theologo. Tomando no dito anno o grao de Doutor o Sapientiſſimo P. Luis de Molina, foi ſeu paranympho o P. Sebaſtiaõ Barradas, & defendeo as concluſoens, que na tal ſolẽnidade ſe coſtumam. Depois, que eſte ſabio Padre enſinou Philoſophia, como era taõ excellente no talento de prégar, o mandaraõ ler a ſancta Eſcriptura. Enſinou eſta ſciencia divina no Collegio de Coimbra, & na Univerſidade de Evora por muitos annos, onde tomou o grao de Doutor na Sancta Theologia.

5 Pe-

5 Pera louvor da excellencia do ſeu magiſterio temos nos ſeus doutiſſimos livros o mais abonado teſtimunho. Em todo o mundo foraõ ſempre tidos em grandiſſima eſtimaçaõ, por ſerem na materia de que trataõ taõ cheos de piedade, & ſancta erudiçaõ, que apenas ſe pode dezejar couſa mais excellente.

6 Porem indo aos exemplos de ſuas virtudes, referirei com pouca mudança de palavras a narraçaõ, que dellas fez, o mui virtuoſo, & douto P. Diogo Seco, que depois, indo Biſpo pera Ethiopia, falleceo no mar, como em ſua vida eſcrevo.

7 Confirmouſſe muito a opiniaõ, que avia, de que a Senhora da Eſcada o mandara entrar na Companhia, com o que lhe aconteceo com certo Irmaõ: eſtava elle vacillante na vocaçaõ, ſentio iſto o P. Barradas, & querendolhe moſtrar o muito bem, que tinha na Companhia, & quanto perdia com taõ deſacertada reſoluçaõ, lhe diſſe: *He eſte bem tal, que Noſſa Senhora me diſſe, que entraſſe na Companhia*. Acrecentando repetidas vezes com muito fervor: *Ella mo diſſe, ella meſma.*

8 O conſelho, que dava commumente aos Irmaõs, com quem fallava, era, que foſſem muito devotos de Noſſa Senhora, porque por ſua interceſſaõ ſe entrava, & perſeverava na Religiaõ. Elle o foi ſempre em tanto grao, q̃ quando fallava em ſuas couſas, parece tinha em ſua alma grandes affectos, & piedade, o que moſtrava nas palavras, meneos, & ainda nos olhos; porque todo ſe veſtia de hum novo, & entranhavel fervor, como muitos por vezes nelle notaraõ.

9 Naõ podia ſofrer ver imagem, ou nome da Senhora, ſenaõ com muita decencia: ſe acazo achava ſemelhantes imagens no corredor, ou aonde naõ eſtiveſſem, como era rezaõ, as recolhia, & trazia no ſeu breviario com muita veneraçaõ, ſendo aſſim, que por pobreza, naõ queria nelle outras, queyxandoſe com as lagrimas nos olhos de aver, quem com taõ pouco reſpeito trataſſe tais imagens.

10 Todos os dias lhe fazia colloquios ſuaviſſimos, alem de outras muitas devaçoens, que ordinariamente lhe rezava com tanto affecto, que moſtrava bem nas palavras, & goſto exterior o grande reſpeito, & devaçaõ cordeal, que na alma tinha à Virgem Senhora, por cujo reſpeito,

dizia muitas vezes, o sofria Deos a elle, & a todos os mais peccadores. Esta devaçaõ se vê bem no que escreve da Senhora no primeiro tomo de suas obras, porque confessaraõ homens doutos, & sanctos, que na materia tinhaõ bom voto; naõ saberem Autor, que com mais affecto, suavidade, erudiçaõ, tratasse a vida da Senhora. Muitos homens estrangeiros, & doutos escreveraõ a Portugal, sendo elle ainda vivo, encarecendo muito a erudiçaõ, & piedade, cõ que fallava, & escrevia da Senhora.

11 Naõ foi inferior a esta, a devaçaõ, que teve ao Sanctissimo Sacramento. No Collegio de Coimbra foi celebre, o que lhe aconteceo sendo de pouca idade. Da grãde piedade, & amor, com que huma ves recebeo o Senhor, se enlevou tanto nelle, que desfalleceo com hum accidente o corpo, ou por dizer, o que foi, com hum desmayo, dos que padecia a alma da esposa sancta. Foi chamado à pressa o Doutor Thomas Rodrigues da Veyga lẽte mui afamado de Medicina, que curava no Collegio, & tomandolhe o pulso, disse com muita graça aos Padres, que estavaõ prezentes, que daquelles accidentes tomara elle ter alguns, que o deixassem, que logo sararia, que aquella doença era de devaçaõ.

12 Todos os dias ordinariamente dizia Missa, ainda quando estava taõ fraco, que era necessario, que os Irmaõs o levassem, & trouxessem nos braços. Pera ella se aparelhava com duas, & tres horas de oraçaõ, antes de sahir do cubiculo, & com colloquios de grande devaçaõ. Naõ faltou algum Religioso, que neste tempo o hia ouvir, pera se afervorar. Com a mesma continuava ainda depois de entrar na capella por algum espaço de tẽpo, antes de se revestir.

13 Na Missa gastava de ordinario huma hora, & às vezes sinco quartos, grande parte delles detendose, antes de comungar com o Senhor nas maõs em larga meditaçaõ, & fervorosos colloquios sempre com muitas lagrimas. Por vezes lhe aconteceo penetrarse tanto nesta devaçaõ, que parecia, perder totalmente o sentido de todas as outras cousas, & nem de si mesmo se lembrava. Era necessario ao ministro, que lhe ajudava, puxandolhe pella alva, advertilo do lugar, & tempo, em que estava.

14 Quando recebia o Sanctissimo Sacramento tremia no-

notavelmente com todo o corpo, pello respeito, & piedade, com que tratava este divino mysterio, & o mesmo queria, tivessem todos, os que ajudavaõ âs Missas; o que naõ sò ensinava com palavras, mas com exemplos, porq̃ quando por doença naõ podia dizer Missa, & a ouvia, mostrava tanto respeito, & reverencia na postura, & composiçaõ exterior, que causava devaçaõ a todos, os que o viaõ.

15 Acabada a Missa, ficava sempre por bom espaço de tempo na capella, fazendo sahir o ministro, que lhe ajudara, & nella com colloquios suavissimos dava graças a Deos pella instituiçaõ do Sanctissimo Sacramento, & pello fazer a elle participante de taõ grande bem, começando por estas palavras: *Pro augustissima, & stupendissima mensa corporis, & sanguinis tui:* Repetindo cada huma destas cousas tres vezes. Discorria mais neste tempo por todos os mysterios da Payxaõ de Christo Senhor Nosso, dandolhe graças por cada hum em particular com oraçoens, & palavras de grande affecto, que pera isso tinha: & ultimamente lhas dava pella vocaçaõ à Religiaõ, & perseverança nella, & por todas as mais merces espirituais, & temporais, que tinha recebido; começando por estas palavras, que por serem suas, he bem, que fiquem em memoria: *Quia dedisti mihi hoc corpus cum membris suis sanis, hanc animam cum potentijs suis sanis, hanc infirmitatem in medio sanitatum, hanc sanitatem in medio infirmitatum.*

16 As vezes se enlevava tanto na consideraçaõ deste divino mysterio, que o acharaõ os Irmaõs algumas vezes na capella com os braços cruzados sobre o peito, & rosto abrazado, sem dar fé, de quem entrava, ou sahia. Em certa occasiaõ se deyxou hum Irmaõ, que lhe ajudava à Missa, ficar acabada ella, donde o visse, sem ser visto, & notou, que levantandose o sancto velho do banquinho, em que por sua fraqueza estava assentado tendo o quarto do recolhimento, se poz em pé no meyo da capella, & começou a fazer hum colloquio à Payxaõ do Senhor com os olhos fitos em hum Crucifixo, que diante de si tinha, dizendo estas formais palavras: *Ah Senhor JESUS donde vos mereceo este peccador nesta Cruz, pera o salvardes.* Depois de repetir muitas vezes estas palavras, ficou como por espaço de dous credos elevado, ate que se deyxou assim cahir no

 chaõ.

chaõ. Entaõ lhe acodio o Irmaõ, que tudo notava, mas por mais que lhe bolio, naõ deu fé delle, nem de si, senaõ depois, que com alta vos o chamou por seu nome. Tanto que deu fé, sentindose, de o terem visto, despedio o Irmaõ, & se ficou na capella, a qual logo fechou por dentro.

17 Esta devaçaõ lhe durava por muito tempo. Algumas vezes o chamavaõ pera a meza huma hora, ou mais depois da Missa, & advertia o Irmaõ, que o servia nella, naõ dava o Padre fé, doque comia, nem do lugar, onde estava, continuando a pratica com Deos com tanto fervor, que abria, & fechava os braços muitas vezes com a força delle. Pera fazer isto mais conforme a sua humildade, dizia ao Irmaõ, que lhe puzesse junto na meza, tudo o que tinha, que lhe dar, & se fosse em bora; & assim gastava em praticas com Deos, todo o tempo, que estava na meza.

CAPITULO II.

De seu trato com Deos, espirito de mortificaçaõ, & zelo das almas.

1 A Medida da devaçaõ, que fica referida, era a dos mais exercicios espirituais. Bem se via, quanto Deos nelles se lhe comunicava, porque os suspiros, & jaculatorias eraõ muitas, com a vos taõ alta, que o ouviaõ todos no corredor. Huma ves sahio do cubiculo no tempo, que constumava, ter oraçaõ, & encontrando hum Irmaõ, lhe disse: *Estava agora meditando no Inferno, & reprezentouseme taõ ao vivo, o que lâ passava, que me parece, que morreria, se fora por diante com a meditaçaõ, & assim me sahi pera fora pera me divertir.*

2 Hum Irmaõ, q̃ o servia, entrando no cubiculo, o achou em pè cõ as maõs levantadas muito alto, & o Breviario nellas, & o rosto muito abrazado, & tam enlevado em Deos, q̃ andou espaço de tempo fallando algumas cousas, atte q̃ mudando a postura, deu fé do Irmaõ, & se queyxou brandamente delle, dizendo: *Irmaõ, porq̃ naõ batestes à porta, antes de entrar.*

3 Viaselhe este affecto, q̃ tinha pera com Deos, & quan-

quanto o trazia na alma, & desprezava as mais cousas em qualquer pratica; com quaisquer pessoas remattava, dizendo: *Assim se acaba o mundo, assim acabamos todos*: estas palavras eraõ nelle taõ frequentes, q̃ podemos dizer, eraõ clausula de tudo, quanto dizia. Em suas prégaçoens era celebre na sua boca aquella autoridade: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas; & momentum, unde pendet æternitas*. Repetia muitas vezes nos sermoẽs: *eternidade, eternidade*: & como tinha a voz mui clara, & penetrante fazia grande cõmoçam. Perguntado, porq̃ repetia tantas veses esta palavra, *eternidade*, respondeo; *porq̃ me fas tremer, & ser bom homem.*

4 Em rezar o officio divino foi sempre devotissimo considerando as palavras com igual attençam ao vagar, comq̃ as pronunciava. Nos ultimos tempos, q̃ viveo, gastava nelle sinco, & seis horas. Porq̃ temia, q̃ lhe mandassẽ deyxar a reza, por se attender a sua muita fraqueza, notaraõ muitos nelle, q̃ quando o visitavaõ os Superiores, & Medicos, de industria se espertava, dizendo, q̃ tinha forças; & em prova disto, dizendolhe huma ves o P. Reytor, que jâ naõ poderia dar hum brado, o deu muito alto, acrescentando, que tinha ainda forças, que se atrevia a prégar, quanto mais a rezar o officio divino.

5 Foi alguns dias, quando rezava, perseguido do sono por causa da fraqueza; era de grande edificaçam, ver as cousas, que inventava, pera o despedir de si. Em dias de grande frio o vio hum Irmaõ com a janella aberta, & em corpo, & desabotoado, como poderia estar na maior calma de Agosto; & perguntandolhe, porque se tratava daquella sorte, respondeo: *Irmaõ, estou assim, pera com o frio me livrar do sono.* Outro dia o achou com agoa iunto de si resando, na qual por muitas veses metia a maõ, & molhava os olhos, & fontes pera o mesmo effeito. Disendolhe, se naõ tratasse tam mal, pois naõ tinha obrigaçaõ de rezar, por estar doente, que assim o diziaõ os Padres Letrados, a quem devia dar credito: respondeo: elles disem isso, porque cuidaõ que eu estou fraco, porem eu tenho ainda por graça de Deos tantas forças, que posso prégar, & trabalhar.

6 Querendolhe o Medico persuadir, pue naõ resasse, porque tinha doença, que o escusava, respondeo rindose: jâ

jâ que eu posso fallar com os homens, & vossa merce me naõ manda, que naõ falle com elles; que naõ possa fallar com Deos me naõ mande tal cousa. Trabalhava por persuadir a todos, que tinha ainda disposiçaõ, & forças, pera sustentar o trabalho de tam comprida resa, como fasia, com tanta devaçaõ, & reverencia exterior, que a causava, aos que o ouviaõ. Alguns lhe entraraõ no cubiculo, quando rezava, sò pello ouvir, & sepunhaõ a revolver livros dissimuladamente, sem elle o advertir. Naõ sò gastava em semelhantes exercicios muito tempo, pois era nos ultimos años cada dia perto de doze horas, mas ainda o melhor tẽpo, qual he o da manhãa, gastava em oraçaõ, Missa, & reza; & o estudo era depois de comer, assim ao jantar, como à noyte.

7 Viosse bem nelle, quam verdadeiro he, o que dizia nosso Padre Sancto Ignacio, que aonde avia muita oraçaõ, avia muita mortificaçaõ, porque nesta foi hum raro exemplo atodos, os que o conheceraõ, & trataraõ: se bem procurava sempre com alguma dissimulaçaõ encobrir as mortificaçoens, que fazia. Estando no Collegio de Sancto Antaõ occupado na imprença do segundo tomo das suas obras, notou hum Irmaõ, que pouzava junto ao seu cubiculo, que todas as noytes, que alli esteve, tomava disciplina, & atte a huma da noyte ficava em oraçaõ, & depois de dada ella, tomava outra disciplina, & continuava ate as duas com colloquios, & jaculatorias, que fazia muito alto, no fim das quais tomava a terceira disciplina.

8 Estandose disciplinando huma noyte, se lhe ouviraõ estas palavras: *Barradas prègas? Pois has de prègar desta maneira*; E dizendo isto se açoutava com mais força, & tornava a repetir, *Assim has de prègar*, E continuava ferindose com mais rigor: Quanto parece, per a vencer algum pensamento, que tivera de vaidade, por lhe dizerem, que prégava bem.

9 Em certa occasiaõ vindo de prégar de longe, achou no cubiculo a cama mais bem preparada, & concertada, do que elle a costumava ter. Foise à cerca, trouxe muitas ortigas, que meteo dentro, & se meteo a si entre ellas. Desta penitencia usou muitas veses depois de ter prégado.

10 No refeitorio o vio o Irmaõ refeitoreiro debayxo da sua meza, dando com a cabeça nas pedras, de que saõ fei-

feitas as do Collegio de Coimbra, onde isto era, dizendo: *Barradas na mula querias tu vir, & com gualdrapa?* Fóra o cazo, que naquelle dia tinha prégado no mosteiro de Sancta Clara, cujas ruinas se vem ainda hoje naõ longe da ponte do Mondego, assistio à prégaçaõ o Reytor da Universidade; & compadecido do trabalho, que o sancto velho teria em andar depois da prégaçaõ taõ cõprida distãcia a pè,& por ladeiras, lhe offereceo a sua mula. Ainda q̃ o Padre por nenhum modo quis aceitar, tomou daqui occasiaõ, pera se mortificar, & confundir pella forma sobredita.

11 Em quanto teve alguma força, pera se servir, nunca consentio, que alguem lhe fizesse a cama, ou outra cousa semelhante, dizendo, que ninguem vinha a Religiaõ, pera ser servido, senaõ pera servir. Querendolhe no veram hum Irmaõ alimpar a barra,em que dormia, por ter grande multidaõ de bichos, o tirava disso, dizendolhe; deyxayos estar, naõ fazeis mais, que espertalos, pera me darem peyor vida: eu me entendo com elles; todos somos bichos.

12 De quanto lhe davaõ pera comer, sempre escolhia o peyor, & o mais deyxava. Muitas vezes advirtiraõ, que ou tomava o comer taõ quente, que escaldava, ou q̃ o tomava muito frio, occupandose em colloquios, & boas consideraçoens, em quanto o prato se esfriava de todo, pera assim mortificar o gosto. Se lhe davaõ alguma cousa, que parecesse extraordinaria, logo a afastava, dizendo,que naõ gostava daquillo.

13 Deste espirito de penitencia, & dezejo de quebrar em tudo a propria vontade, nacia o desprezar os cõmodos, & bom tratamento, que nos Collegios podia ter, dezejando empregar sua vida nas missoens, peregrinando de huns, em outros lugares, ensinando a doutrina, & prégãdo. Nos ultimos annos de sua vida disse: que quando era moço, se cuidara, que avia de acabar a vida em Portugal, abafara de puro sentimento. Das missoens ultramarinas viveo sempre taõ afeiçoado, que quando delle se despediaõ, os que hiaõ pera ellas, mostrava a sancta inveja, que lhes tinha.

14 Com ser taõ occupado,em vindo cartas das Missoens, as lia todas, & naõ se fartava de perguntar,& inquirir

rir os ſerviços, que nellas ſe faziaõ a Deos. Dezejava muito andar pellas terras do Reyno a pé, & com huns alforges às coſtas, niſto fallava com tal fervor, que o roſto lhe chamejava em ſe metendo neſta materia. A outros Padres de muitos annos de Religiaõ dizia em praticas particulares: *Padres, que fazemos? Porque naõ andamos pregando, porque me detem aqui, dem-me licença, que toda a vida gaſtarei em miſſoens.*

15 Dizendolhe hum Padre de autoridade: Voſſa Reverencia, como largaria ſeus livros, & a honra, que os ſegue. Reſpondeo: *Eu Padre fallo verdade, dem-me licença, pera os meter no fogo, que logo o farei ſem repugnancia: Deyxẽme converter almas.* Poucos mezes antes de morrer fez huma pratica deſta materia com tanto eſpirito, & zelo, q̃ igualmente edificou atodos, & os moveo a taõ elevado miniſterio.

16 Jâ, que naõ podia alcançar eſtas Miſſoens, pedia por vezes aos Padres Reytores, o mandaſſem prégar à Cidade, ou ao menos em caſa praticar, pera que naõ comeſſe de todo o paõ ocioſo, que tal nome punha elle à grande occupaçaõ, & trabalho, que tinha em ſuas compoſiçoens, a elle tanto mais por naõ ter, nem querer, quem nellas o ajudaſſe em alguma couſa.

CAPITULO III.

Continuaſe o zelo do bem das almas, & de ſua rara pobreza.

1 NAõ parou sò nos dezejos eſte ſeu zelo. Foi de notavel ſerviço de Deos huma miſſaõ, que fez a pè com hum alforge às coſtas pella Provincia da Beyra quinze, ou dezaſſeis annos antes de ſua morte. Aſſim diſcorrendo vivia sô de eſmolas, ao modo, que o fizeraõ em Italia os noſſos primeiros Padres. Os povos lhe naõ ſabiaõ outro nome ſenaõ o de Apoſtolo.

2 Succederaõlhe couſas mui notaveis. Huma peſſoa avia annos, que eſtava em graves peccados, compadecendoſe Deos de ſua miſeria, ouvio de noyte, que lhe diziaõ: Tal dia virâ aqui ter hum ſancto, confeſſate com elle, & faze,

faze, o que te disser pera remedio de tua consciencia. No dia, que a vos lhe dizia, entrou naquelle lugar o Padre Sebastiaõ Barradas, com elle se confessou, & compôs as cousas de sua consciencia.

3 Trabalhando por fazer humas amizades entre dous homens, hum delles se mostrou rebelde à vos de Deos, & nunca se quis dobrar. Entaõ o Padre lhe disse publicamente na rua, que ainda lhe avia de pezar, naõ querer tomar o conçelho, que lhe dava. Naõ tardou o castigo do Ceo, porque o homem em breve tempo morreo, & a sua caza se destroio totalmente; & toda a gente o teve por castigo de naõ obedecer à vos do Padre.

4 Viveraõ sempre na sua memoria tantas saudades da aspereza, com que fez esta missaõ, que muitas vezes suspirava por ella, & dizia, que se o deixassem os Superiores, folgaria de nunca a deixar, se naõ por alguns dias, em que se recolhesse a exercicios. Nem se lhe acabaraõ estas saudades se naõ com a vida.

5 Estando pera morrer, dizendolhe hum nosso Religioso, que tinha os pés inchados; respondeo com grande sentimento: *Irmaõ, se eu andara em missaõ a pè com hum bordaõ na maõ, & com hum alforge as costas, como era bem, que eu andasse, naõ estivera assim.* Finalmente naõ avia cousa, em que se naõ visse claramente, que em tudo buscava occasioens, de se mortificar.

6 O amor, que teve à pobreza Religiosa he sobre todos os encarecimentos. Todos os seus escrupulos eraõ nesta materia, & os tinha grandes de viver da renda dos Collegios, por ser professo da Companhia, & a penas o podia nesta materia soccegar o Padre Soares: naõ lhe parecia, que sò pella occupaçaõ de ler, & compor os seus livros, devia ser sustentado daquellas rendas; porisso pedia, o deixassem prégar, & fazer os outros ministerios da Companhia. Depois de Nosso Senhor o levar pera si, se acharaõ em seus escritos vivos sinais do espirito de pobreza, que Deos lhe dera; porque tinha cartapacios inteiros feitos de costas de cartas, & conclusoens, & nestas naõ deixava lugar algum sem letra.

7 Pera se lhe dar alguma cousa do seu vestido de novo, era necessario meterlha de noyte, estando dormindo, tirandolhe a que trazia. Nem esta traça succedia ordina-

riamente com elle, porque advertindo huma ves,& acordando, ſe foi a pos o Irmaõ com muito agaſtamento,dizẽdo: Irmaõ, naõ me tome, o que mais eſtimo:& reſpondendo o Irmaõ: que era ordem do Superior: ſem mais dilaçaõ ſe foi ao ſeu cubiculo, pedindo, que lhe deyxaſſe ſuas riquezas:& ao Irmaõ diſſe;ſe o naõ queria enfadar,naõ uſaſſe mais daquellas invençoens.

8 Semelhante ſucceſſo, ainda, que de maior edificaçaõ, teve outro furto, que lhe fez o Irmaõ Roupeiro de hum jubaõ, o qual era tal, que julgou, naõ poderia ſervir pera outra couſa, ſenaõ pera com elle ſe varrer o forno. Tanto, que o Padre achou o furto; naõ ſe pode dizer o ſentimento, que teve, por lhe tomarem, como elle dizia, o ſeu theſouro. Derramando muitas lagrimas, ſe foi ter cõ o Irmaõ Roupeiro, donde ſoſpeitou lhe viera o dano, pediolhe por amor de Deos, lho reſtituiſſe, querendo provarlhe com rezoens, que lhe ſervia mais, que o novo. Entaõ lhe diſſe o Irmaõ, pera totalmente o deſenganar, que naõ podia jâ fazer, o que lhe pedia, porque como elle era tal, o dera pera ſervir de varrer o forno. Naõ quis ouvir mais, calouſe, foi logo ao forno, diſſimuladamente buſcou o ſeu andrajo, & o achou atado em hum pao, & por ventura tinha ja tido algum exercicio do officio, pera que o deraõ. Tirandoo, o levou pera o cubiculo, & o tornou a veſtir, chorando muitas lagrimas de conſolaçaõ, por ter achado o ſeu Theſouro.

9 Outra ves lhe tomaraõ huma peça do veſtido com tantos remendos, & todos taõ velhos, que muitos, que a viraõ, ſe naõ ſabiaõ determinar, de qual daquelles panos foſſe feita a peça. Em ſua morte lhe acharaõ huns oculos, de que uſou trinta, & oito annos, ſem lhe renovar a encadernaçaõ. Praticando neſta materia na capella do Collegio de Coimbra, diſſe, que avia oito annos, que trazia aquelles ſapatos, & que lhe vinha vamgloria diſſo.

10 Naõ eraõ mais novas as meyas, que calçava, porque eraõ rotas por todas as partes, & em poucas tinhaõ alguns fios juntos; perguntandolhe hum Padre, que lhe deu fé dellas, como ſofria, andar aſſim: reſpondeo, que o fazia, porque andava mais freſco no veraõ:mas naõ ſe melhorou nellas no inverno, porque as que lhe acharaõ,quãdo Noſſo Senhor o levou, parece, que da continuaçaõ de

eſtar de joelhos eraõ todas moidas por diante, & ſemelhã-tes, às que o Padre lhe tinha viſto. Muitos, que as viraõ, naõ podiaõ conter as lagrimas conſiderando a extrema pobreza, com que ſe tratava. O meſmo extremo ſe via em todas as couſas, de que uſava. Algumas eraõ tais, que affirmaraõ alguns, que as viraõ, as naõ tinhaõ viſto ſemelhantes, nem taõ pobres, rotas, & remendadas a pobre algum, dos que andaõ pellas portas pedindo eſmola.

11 Naõ parecia iſto muito, porque elle tinha por põto de honra Religioſa, naõ lhe fazer alguem ventagem neſta materia. Bebia avia muito tempo por hum pucaro, & querendolhe dar outro novo, eſtranhandolhe o Irmaõ, q̃ lho dava, naõ o querer elle aceitar. Reſpondeo: Irmaõ ainda naõ ſou taõ pobre, como Job, porque eu tenho hum pucaro, ainda que velho, inteiro, & elle sò hum pedaço de huma telha, com que alimpava a ſua lepra.

12 Saõ muitos os exemplos ſemelhantes, que nos deixou em materia de pobreza Religioſa. Huma ves o viraõ eſtar chorando muitas lagrimas, por ouvir, que no trajo dos noſſos ſe hia metendo, naõ ſei que couſa de bem pouca importancia, & ainda, que por mais pobreza muitos tinhaõ a quelle uſo, naõ dizia neſta materia com o ſeu eſpirito, dizendo: *Padres meus, a ſancta pobreza he o noſſo muro, & com eſtas couſas, em que parece, que naõ vai nada, ſe contramina. Chriſto Deos, & Senhor Noſſo naõ buſcou no mundo ſenaõ o peyor, & mais pobre delle, & nos temos obrigaçaõ de o imitar, pois ſomos da ſua Companhia.*

13 Deſcobrioſe eſte ſancto eſpirito da pobreza tanto mais em ſeu comer, quanto elle como velho, & taõ cheo de infirmidades tinha neceſſidade de menos rigor, & aperto neſta materia: porem era tal, o que neſta ſempre uſou conſigo, que contava o Padre Joaõ Alvres Vizitador, que foi neſta Provincia, que indo ao Collegio de Coimbra, & dandolhe conta o Padre Sebaſtiaõ Barradas, lhe pedira com grandiſſima inſtancia, lhe quizeſſe dar huma grande conſolaçaõ, qual ſeria pera elle, ordenar, & darlhe licença, que pois elle era pobre, & comia depois da ſegunda meza, lhe deſſem pera comer os pedaços de carneiro, que ſobejavaõ aos Padres, pois iſto lhe baſtava pera ſua infirmidade.

14 Naõ alcançando, como dezejava, comer dos

ſobejos dos outros, aproveitava de tal maneira os ſeus, que o paõ, que huma ves lhe vinha à meza o avia de acabar, fazendo, que lhe puzeſſem ſempre os pedaços, por mais duros, & pequenos, que foſſem: eſta ordem guardava ainda nas outras couſas; ate huma maçaã, que deixava partida, pedia no outro comer, pera a acabar, & ſe lha naõ davaõ, naõ tocava outra.

15 Hum dia vendo, que lhe naõ guardavaõ huns bocados de galinha, que mandara guardar de hum comer pera outro, antes os miſturavaõ com os ſobejos de outros enfermos pera os pobres, elle por ſua maõ os foi tirar, & levar pera o cubiculo em hum papel, & sò com elles ſe contentou ao outro dia, dizendo: *Se hum pobre iſto tivera, q̃ feſta lhe avia de fazer!*

16 No cubiculo, depois de ſer lente, naõ tinha outros livros mais, que â Biblia, & concordancias, indo eſtudar a livraria commua, aſſim nos diſcomodos do inverno, como de veraõ; tudo fazia por amor da ſancta pobreza. Dizia o Padre Soares Granatenſe, que era milagre, ter o Padre Barradas eſcrito obras taõ doutas, & eruditas com tanta falta de livros.

CAPITULO IV.

De ſua profunda humildade.

1 NEnhuma deſtas virtudes taõ elevadas podia eſtar ſem hũa profunda humildade. Deſta virtude lhe naceo, naõ conſentir o fizeſſem ſuperior, & niſto poz tanta força, que entendendoſe, ſe lhe dava pena grave, em tal couſa o naõ quizeraõ occupar. Sendo taõ grande ſervo de Deos, elle ſe tinha por grande peccador, & por vezes dizia, que era dos maiores, que no mundo avia. Quando eſtava pera morrer o Sancto Padre Jorge Rijo, ſe foi o Padre ſebaſtiaõ Barradas deſpedir delle, & diante de muitos Padres lhe pedio a ſua bençaõ, & ja, que hia pera o Ceo, & o deyxava, pediſſe a Deos, o fizeſſe bom homem, porque era grande peccador. O que mais ſuſpenſaõ cauſou em todos, he, que ſendo o Padre Barradas jâ de ſetenta annos, rogou ao veneravel Padre Rijo, que lâ diante de Deos lhe

lhe pediſſe ao Senhor, que lhe deſſe perſeverança na Cõpanhia. Aſſim o deixou eſcrito o Padre Nuno da Cunha no manuſcrito, que fez da vida do veneravel Padre Diogo Monteiro, dizendo, que o eſcrevia alli, porque nenhuma das vidas, que andavaõ eſcritas do Padre Sebaſtiaõ Barradas, trazia eſta petiçaõ; aqual contem muita doutrina, como ſe deixa per ſi ver.

2 Naõ ſofria, que alguem o trataſſe com moſtras de reſpeito, ſendo aſſim, que elle a todos o tinha muito grande; nem tambem ſofria, que lhe louvaſſem as prégaçoens, ou livros; & a hum Padre, que huma ves lhe diſſe, que em todas as partes eraõ muito aceitos, & eſtimados, reſpondeo como coſtumava muitas vezes: *Sou hum ignorante, que naõ ſei nada, nem nunca fis couſa boa, naõ me diga Voſſa Reverencia iſſo.*

3 Vinhaõ ao Collegio de Coimbra muitos homens aſſim naturais do Reyno, como eſtrangeiros, pera o verẽ, & conhecerem de viſta, como o conheciaõ por fama. Pera ſatisfazer a eſte ſeu dezejo, era neceſſario, que alguem uſaſſe com elle de arte, & o tiraſſe do cubiculo enganado, porque fugia de encontrar, com quem lhe fazia alguma honra, particularmente com ſeculares, com os quais nenhum modo tinha de conhecimento, tendoo todos muito delle.

4 Huma ves em Evora o chamou o porteiro, pera fallar com hum homem, que o chamava; reſpondeolhe o Padre, veja Irmaõ, naõ ſe engane, porque eu hâ nove annos, que naõ fui chamado a fallar na portaria.

5 Ja muito velho, & cortado praticava frequentemẽte na capella aos noſſos Religioſos, dizendo o fazia, por naõ comer o paõ ocioſo, como fazem os zangaõs. Dizia muitas vezes, que a ſua pena, comque eſcrevia, era o ſeu ſacho, com que fazia por comer o ſeu bocado de paõ no ſuor do ſeu roſto nos Collegios, que naõ eraõ dotados pera os profeſſos de quatro votos.

6 Quando fallava em ſuas couſas, era com termos de humildade; foraõ mui celebres, & ſabidos na Univerſidade de Coimbra, os que uſou diante do Reytor della Dom Joaõ Coutinho, que o reſpeitava como a grande ſancto. Pediolhe, quizeſſe fazer hum ſermaõ na capella da Univerſidade, porque os Doutores, & eſtudantes eſtimariaõ muito

to ouvilo: ao que elle respondeo com estas formais palavras, que se podem relatar por serem taõ estimadas, dos que as ouviraõ, & souberaõ dellas, & se edificaraõ de ouvir a humildade, & desprezo, com que fallava desi: *Senhor* (disse) *aqui està este burro* (apontãdo pera si) *& alli, quem o manda* (porque estava prezente o P. Reytor) *mande elle, que eu prègarei como puder, ate naõ poder mais.*

7 Estas palavras disse com tanto fervor de espirito, q̃ fez vir as lagrimas a alguns nossos, que se acharaõ com elle neste tempo; com tanta edificassaõ do Reytor da Universidade, que dizia, que nunca ouvira melhor prégaçaõ ao Padre Barradas. Depois contava aos Doutores, & fidalgos, com quem fallava, estas palavras, encarecendo a humildade do Padre, que bem explicava em huma palavra taõ rasteira as alturas desta virtude, a que tinha chegado.

8 Os livros da concordia taõ admiraveis, como todos veneraõ, os escreveo por obediencia, & sendo jâ de sincoenta annos. Ao principio resistio por sua humildade, dizendo, que o deixassem prégar, & converter almas, porẽ considerando, que com os livros podia aproveitar aos prezentes, & vindouros, se deyxou ir com a vontade da sancta obediencia. He fama, que dissera: se todos estes meus livros tiveraõ por fruto sò a conversaõ de huma alma, que ditoso seria eu, & o meu trabalho. Bem se vé dos discursos morais, & taõ divinos, de que estaõ cheas as suas obras, que o cuidado do Autor sò se encaminhava a ser de proveito às almas, & naõ â honra propria, ainda que esta como sombra, que segue àquem a foge, seguio muito a este sancto varaõ.

9 Hum sacerdote grave secular contou aos nossos, espantado desta humildade, que chegando huma ves à porta do cubiculo do Padre, quando estava rezando, o vira por vezes parar, & dizer entre si: Oh grande peccador, peccador, que fazes. Dizia muitas vezes, que era peccador inutil, & que nunca soubera, que cousa era servir a Deos. Estas eraõ suas praticas. Causava notavel edificaçaõ, & admiraçaõ ver, que nunca fazia pratica, nem prégaçaõ, em que naõ tocasse nas honras, & ensinasse a pizar, & desprezar as dignidades, fallando nestas cousas com hum modo, que mostrava, que naturalmente as aborrecia.

10 De-

10 Depois de receber o Sacramento da unçaõ, lhe pedio o Padre Reytor, dissesse alguma cousa, pera consolaçaõ do Collegio, que alli estava todo junto: tendo antes a lingua taõ grossa, & a vos taõ fraca, que nada dizia, que se lhe pudesse entender, vestindose de hum novo espirito, & fervor, a levantou, & entoada como, que prégava em a melhor disposiçaõ, disse: *Humiliamini sub potenti manu Dei, ut vos exaltet in tempore visitationis: naõ ha outro conselho, sejamos todos muito humildes, imitando a Christo Nosso Deos, & Senhor, o qual em toda a vida foi Mestre da humildade, & quando morreo, Inclinato capite emisit spiritum.* Dizendo isto inclinou a cabeça sobre o braço esquerdo, abayxandoa muito, pera o imitar naquella postura, ficando subitamente com a vos taõ fraca, que nunca mais disse palavra, que se lhe pudesse entender.

11 Notaraõ alguns, que assim como na postura humilde, em que morreo, imitou a Christo, assim quis o Senhor levar sua bemdita alma pera o Ceo na somana, em q̃ a Igreja celebra sua Payxaõ, na mesma hora, em que espirou na Cruz, que foi às tres depois do meyo dia.

12 Foi o Padre Sebastiaõ Barradas hum dos grandes talentos, pera prégar, que ouve na Companhia, o zelo, & fervor, com que fazia taõ sancto ministerio lhe grangeou em Coimbra o nome de Saõ Paulo, a efficacia do seu espirito se via bem no fruto, que fazia; de suas prégaçoens recolhiaõ os ou vintes notaveis desenganos. Na quaresma de mil quinhentos noventa, & dous foraõ tantos, os que hiaõ pedir Religioens, que disse o Guardiaõ dos Religiosos da Piedade, ou Capuchos de Saõ Francisco, que neste Reyno saõ conhecidos pello nome de Frades de Sancto Antonio, que ou os Padres naõ mandassem prégar ao Padre Barradas, ou recebessem na sua Religiaõ, os que Deos por seu meyo tocava, pera deixarem o mundo, porque elles naõ podiaõ recolher nem ametade, dos que hiaõ pedir o seu habito, entrando nestes alguns opositores de grande nome, & esperanças.

13 Em Lisboa prégando na Igreja de Saõ Roque da vaidade da vida penetrou a hum mancebo, que a cazo entrou na Igreja, naõ pera ouvir a prégaçaõ, que jâ estava no fim, mas pera ouvir Missa, pella naõ achar em outra parte; & taõ fora, do que lhe succedeo, que toda a noyte an-

antes gaſtara rondando armado pellas ruas. Eſte, mudado ſeu coraçaõ, logo dalli ſe foi pedir a Religiaõ dos Capuchinhos da Arrabida com tanto abalo, que dizendolhe, trouxeſſe burel pera o habito, o foi comprar á rua nova, & o levou publicamente, com eſpanto dos que o viraõ, porque era conhecido por eſforçado, & grande cortezaõ.

CAPITULO V.

De outras virtudes deſte ſervo de Deos, & grande opiniaõ, que delle avia.

1 NAõ faltaõ exemplos, com que Deos quis moſtrar do Ceo, quanto lhe agradava o zelo deſte ſeu ſervo. Em hum lugar da Beira achou, andando em Miſſaõ, huma molher, que por nenhum caſo queria perdoar certa injuria, que lhe tinhaõ feito, ainda que ſe tinhaõ tomado muitos meyos pera a abrandar. Ajuntou o Sancto Prégador todos os moradores daquelle lugar, & entre elles veyo eſta molher, & os que a tinhaõ agravada, tratoulhe, de quam grande ſerviço fazia a Deos, quem perdoava as injurias; como Deos caſtigava, a quem as naõ queria perdoar. Porem nenhumas palavras a puderaõ tirar de taõ pertinás odio. Eiſque no fim do ſermaõ deſceo hum rayo do Ceo, que cahindo no meyo dos ouvintes, a nenhum fez mal, lançandoos a todos por terra. A eſte ſinal, com que Deos aprovava, o que o Prégador tinha dito, acordou a pobre molher chea de aſſombro, como o eſtavaõ todos, perdoou a injuria, & com muitas lagrimas deu ſatisfaçaõ da ſua dureza, & pertinacia.

2 Em ſuas prégaçoens tratava ſempre do deſprezo do mundo, da brevidade da vida, eternidade de penas, & gloria, que nos eſperava, ſegundo foſſem os merecimentos. Eſtas eraõ as materias, com que mais ſe detinha, & com que penetrava os coraçoens dos ouvintes; dos quais algũs diſſeraõ, tinhaõ medo do Padre, naõ sò pella força, que lhes fazia prégando, mas porque ſe lhes reprezentava do ſeu zelo, que na outra vida os acuſaria, por naõ fazerem, o que neſta lhes enſinava.

3 Ouve hum de boa calidade, & autoridade, que deſ-

despedindose de hum amigo, que hia à prégaçaõ, lhe disse, que ficava, porque senaõ atrevia a ouvir ao Padre Barradas, por naõ poder acabar consigo, deyxar a vaidade do mundo, & em quanto isto naõ fazia, ouvir a prégaçaõ de tal sancto, era, darenlhe tratos. Muitos doutores disseraõ, que lhes penetrava, & rendia os coraçoens, porque representava em sua vista o desprezo do mundo, & o preço da virtude, de que lhes prégava, & que tanto montava pera isto velo no pulpito, como ouvillo.

4 O anno antes de morrer, pedindo alguns lentes, q̃ o mandassem prégar à capella da Universidade. Respondeo o superior, que o Padre era mui velho, & estava mui fraco. A isto disseraõ; Padre, naõ queremos mais, que velo no pulpito, naõ diga palavra nenhuma, que mais nos rende a sua vista, que muitos prégadores, por melhores, que sejaõ. Este mesmo espirito, diziaõ os homens sabios, achar nos seus livros, & que bastava a liçaõ delles, pera ver a efficacia, que Deos tinha posto neste seu servo, pera encaminhar as almas a seu serviço, causando nellas grande estimaçaõ da virtude, desprezo do mundo, & dos vicios.

5 Era grandissima a opiniaõ, que se tinha de sua sanctidade. Hum dia depois de sua morte disse em publico hũ dos mais graves, & doutos lentes da Universidade, que bastava a opiniaõ de sua virtude, pera o canonizarem, & que no mesmo dia, em que morreo lhe fizera a Igreja esta honra, se fora nos tempos, em que naõ avia nesta materia as diligencias, que hoje hâ. Todos a huma voz assim em vida, como depois da morte o chamavaõ sancto, & como tal o veneravaõ.

6 O Sapientissimo, & sanctissimo Padre Doutor Frãcisco Soares Granatense, lhe naõ sabia outro nome, se naõ o de velho sancto: gostava muito de fallar com elle das cousas do Ceo; & nos ultimos annos da vida do Padre Barradas, sentia muito a falta, que o sancto velho tinha no ouvir, por naõ poder fallar com elle, como dezejava, & conferir as suas duvidas, & questoens. Admirava o grande thesouro de virtude, & sabedoria, que Deos puzera neste veneravel Padre.

7 A ultima vez, que prégou dia de Nossa Senhora das Neves, o rodeou sahindose do pulpito, grande multidaõ de homens, & cada hum procurava chegar a elle, &

beijarlhe o veſtido, & ſobre-pellis, que ainda tinha, chamãdolhe ſancto, & bemaventurado. Naõ foi pequeno o trabalho, que lhe deraõ por ſua grande humildade, & modeſtia; ſem poder dizer palavra lhes fogia deſviando, & encolhendo as roupas, quanto podia.

8 O meſmo lhe aconteceo prégando do Sanctiſſimo Sacramento no jubileu das quarenta horas em Coimbra, foraõ tantos os eſtudantes, que entraraõ a pos elle, que ſe encheo o corredor, & acodindo hum Padre, pera ter maõ nelles, lhe diſſeraõ: deyxenos ver eſte ſancto, que naõ queremos outra couſa; & aſſim perſiſtiraõ, atte que ſe recolheo no cubiculo.

9 Com eſta meſma tençaõ hiaõ alguns fidalgos, & gẽte principal da Univerſidade ao Collegio, perguntando aos noſſos, com quem tratavaõ, ſe poderiaõ ver ao ſancto Padre Barradas, que naõ queriaõ mais, que velo, pera ſua conſolaçaõ. Sendo ainda vivo, procuravaõ aver ſuas couſas, & as veneravaõ, como reliquias de ſancto. Ouve Padres no Collegio de Coimbra, a quem tomaraõ muitos por meyo, pera as averem, & ao Irmaõ, que o barbeava, pediraõ alguns, lhe deſſe de ſeus cabellos, como por vezes fez.

10 Ao Padre Diogo Seco, que lhe eſcreveo eſta vida fez a meſma inſtancia hum Eccleſiaſtico grave, dizendo tinha tanta fé em qualquer couſa ſua, como ſe foſſe de hum ſancto canonizado. Hum Prelado deſte Reyno de grande virtude, perguntando, ſe era vivo o Padre Barradas, diſſe a hum noſſo, o tinha por grande ſancto, & que eſta opiniaõ lhe durava, de quando era eſtudante, & que jâ naquelle tempo, ſendo o Padre de poucos annos de Religiaõ, hia muitas vezes à porta da ſua claſſe, pera o ver, porque ſentia niſſo particular conſolaçaõ. Finalmente ſaõ tantos os exemplos ſemelhantes a eſtes da opiniaõ, que de ſua virtude, & ſanctidade tinhaõ os ſeculares, que delles ſe ve bem, quam aceito era a Deos; pois naõ he de crer, permitta nunca huma opiniaõ taõ comua em todos neſta materia, ſe naõ ſendo muito verdadeira, como era, a que delle tinhaõ.

11 Bem ſe vio em ſua morte, & ſepultura eſta opiniaõ. Comungou dous dias antes per modum viatici com tanta devaçaõ, ainda que ſem dizer palavra, que nenhum

dos

dos prezentes podia ter as lagrimas; & mandou vir pera este acto huma sobre-pellis, & estola, por escrupulo de hũ canon, que assim manda commungar os sacerdotes, ainda que pello uso naõ esteja em praxe.

12 O mesmo dia, que morreo, & pouco antes pedio a unçaõ, & a recebeo com tanta devaçaõ, que a fazia nos prezentes. Tanto, que deu sua alma a Deos, naõ se pode crer os affectos de piedade, & mostras de sentimento, que ouve em os nossos, todos bem merecidos, porque assim o amavaõ, como a pay. Com ser taõ aspero consigo, foi notavel a brandura, que tinha pera com todos. A qualquer, que encontrava no corredor, logo lhe fallava, ainda que fosse hum noviço, perguntandolhe pello nome, ocupaçaõ, & saude; ajudandoos com bons conselhos, os despedia cõ grandes sinais de caridade, & benevolencia.

13 Porisso vendoo morto, todos com as lagrimas nos olhos acodiraõ, a lhe beijar a maõ, & quanto podiaõ achar das cousas, que lhe serviraõ, tomavaõ, & repartiaõ huns com outros; quanto mais pobres eraõ (que todas as de q̃ usava o eraõ muito) tanto mais as veneravaõ.

CAPITULO VI.

Das honras, que fizeraõ a seu corpo defuncto, & de sua sepultura.

1 PUzeraõ o corpo na capella do Collegio vestido em huma vestimenta de tela, acompanhado de tochas brancas. Os Irmaõs o cubriraõ, & coroaraõ de flores, & nas maõs lhe puzeraõ huma palma, tudo significaçaõ de suas virtudes, & victorias. Alli veyo toda a Universidade, comessando pellos nossos estudantes, que como estavaõ mais perto, tiveraõ primeiro a nova: a poz elles os das escolas maiores com muitos lentes, graduados, & cidadaons, todos lhe beijavaõ os pês, chamandolhe sancto; particularmente os mais velhos, & graves derramendo copiosas lagrimas. Assim continuaraõ toda a tarde da terça feira.

2 A quarta pella menhãa o levaraõ à Igreja, sahindo do Collegio com os nossos o Reytor da Universidade, & alguns Doutores, Collegiais, & Religiosos. A porta da

Igreja o eſtava eſperando o Senhor Biſpo Conde, & dalli o acompanhou ate o lugar, onde ſe fez o officio.

3 A gente era tanta, que eſtando todos em pê, com muito trabalho deraõ lugar, por onde paſſarem os Padres ſem ordem de prociſſaõ, por ſe naõ poder guardar; por onde paſſava o corpo, todos como podiaõ, lhe beijavaõ os pês, & o eſquife, tocando nelle as contas, & os lenços, que pera iſſo traziaõ, com tanto ſentimento, & piedade, que ſe tornou a renovar em os noſſos, o que tiveraõ, quando ſua bemdita alma delles ſe apartou o dia antes. E aſſim cõ muito vagar, por ſenaõ poder fazer mais, chegaraõ, os q̃ o acompanhavaõ á capella môr, onde ſe começou o officio, quaſi ſem ſerem ouvidos pello aperto, & revolta, que a gẽte fazia, dando contas de maõ em maõ, pera ſerem tocadas, & em tanta quantidade, que occupandoſe muitos em tocar com ellas o corpo, naõ ceſſaraõ, em quanto alli eſteve.

4 Os noſſos ficaraõ ſempre em pè pello grande aperto miſturados com os ſeculares, & taõ apartados huns dos outros, que era tambem impedimento, pera ſervir o officio com a ordem, que ſe coſtuma fazer. Naõ puderaõ paſſãr do primeiro nocturno: differaõſe as laudes, & Miſſa cõ a meſma inquietaçaõ, ou maior, por recrecer de cada ves mais a gente em tanto numero, que eſtando jâ a charola, pera no dia ſeguinte, que era de Endoenças, ſe expor o Senhor, encheraõ os degraos, & varandas della, com perigo de cahir tudo embayxo com o grande pezo; mas foi Deos ſervido pera honra deſte ſervo ſeu, que nada ſe quebraſſe, ou deſconcertaſſe.

5 A ſepultura eſtava feita das grades de Comunhaõ pera dentro ao pê do altar de Noſſa Senhora, que parece, quis dar lugar a eſte ſeu grande devoto, pois em vida, o chamara pera a Companhia de ſeu filho. O maior trabalho de todos foi metelo na ſepultura, porque vendo a gẽte, que lhe tiravaõ dos olhos aquelle ſancto penhor, fazia muito mais, por chegar a elle, & aver alguma reliquia ſua.

6 O primeiro, que chegou foi o Reytor da Univerſidade, beijoulhe os pês, eſte ſeu exemplo ſeguiraõ muitos fidalgos, & Doutores, q̃ ſem ſe lhe poder impedir, tiraraõ as ſervilhas, que levava nos pês, as meyas cõ grande parte

da

da roupeta, da alva, amito, & barrete repartindo huns com outros, & isto entre muitas lagrimas, que lhe cahiaõ dos olhos. Naõ puderaõ, os que ficaraõ mais afastados, fazerlhe o mesmo acatamento, mas donde estavaõ o veneravaõ por sancto.

7 Assim esteve o corpo junto da sepultura muito tẽpo, sem ser possivel, metelo dentro. Finalmente por ordem dos nossos, que o acompanhavaõ, foi metido na sepultura: aqui se tornaraõ a renovar as lagrimas de todos, louvando a Deos, porque assim honrava na morte, a quem sempre na vida fogira de honras. Neste passo disse hum homem de grande qualidade pera o Padre Diogo Seco: dezejo de me enterrar vivo com aquelle sancto, que naõ poderei deixar de ser bem encaminhado morrendo, & ficando junto delle. Foi enterrado em cayxa especial, pondoselhe huma lamina de chumbo, pera que em todo o tempo constasse, de quem eraõ aquelles ossos. Falleceo no Collegio de Coimbra em huma terça feira pellas tres da tarde aos quatorze de Abril de mil seis centos, & quinze. Seus ossos andando annos foraõ tresladados pera a capellinha de Sancto Antonio dentro no Collegio de Coimbra no corredor proximo à portaria, aonde estaõ em urna especial com seu letreiro.

8 Esta devaçaõ foi do Padre Nuno da Cunha, o qual fez aquella capella, & nella poz à roda metidas em seus sarcophagos diversos com letreiros os ossos de muitos homens de sanctidade avultada, que naquelle sancto Collegio acabaraõ seus dias. Tambem no Collegio de Coimbra se poz letreiro no cubiculo, onde falleceo o sancto Padre Baradas, por respeito, & veneraçaõ, de quem nelle morara, & morrera.

9 Compoz quatro tomos da concordia Evangelica, obra no seu genero admiravel. Mais o Itinerario dos filhos de Israel pera a terra de promissaõ, que foi o ultimo dos seus trabalhos, & se imprimio depois de sua morte. Estes livros compoz, como fica dito, tendo no seu cubiculo sò a Biblia sagrada, & as concordancias, porque o seu estudo era na livraria publica, por assim se mostrar mais pobre, & ter mais, que padecer nas incomodidades da assistencia em tal lugar.

10 A vida deste veneravel Padre tras o nosso Padre Eu-

Eusebio no tomo das vidas dos varoens Illustres, que intitula, Firmamento Religioso de Luzidos astros, & a recopilou da vida, que deste excellente Heroe deu a lus o Collegio de Coimbra no principio do Itinerario do mesmo Padre. Esta recolhi em especial do manuscrito do Padre Diogo Seco, que falleceo Bispo de Nicêa indo pera a India, & tambem da que tras o Itinerario, & das Annuas da Provincia. Delle faz illustre elogio a Bibliotheca da Companhia, o Padre Nadasi no seu Annus dierum, & Jorge Cardozo no Agiologio. Tambem me lembra ouvir a Religiosos nossos, ainda que o naõ acho escrito, que nos ultimos annos lhe deraõ os superiores licença, pera todas as vezes, que quizesse praticar à comunidade, a convocasse tocando a campa; & que o Padre Soares Granatense, que por causa das suas muitas ocupaçoens estava desobrigado de assistir às praticas da comunidade, nunca faltava, quando praticava o P. Barradas, & se assentava jũto à cadeira.

11 O cubiculo, em que morou, & falleceo no Collegio, ainda hoje tem nas costas da porta hum letreiro, que diz em como alli morrera, he cubiculo digno de veneraçaõ, por nelle ter morado tal hospede. A sua janela cahe pera o patio, onde cahem as janelas da livraria. No canto junto á casa da matematica dentro no corredor, aquem vai dos lavatorios, em cujo andar fica, he a terceira porta, porque a primeira, que he sò por correspondencia, fica na parede do vaõ da escada, que sobe pera o andar de sima, a segunda he de hum cubiculo sem janela, a terceira he a do cubiculo do Padre Barradas. Faço todas estas individuaçoens, porque se o letreiro se acabar, se naõ perca de todo taõ veneravel memoria, a qual como disse, ainda existe, & eu a vi, estando neste cubiculo; no qual tambem falleceo o veneravel Padre Joaõ Correa de Villa Real, q̃ em seus ultimos annos pedio morar neste cubiculo, por nelle ter vivido o Sancto Padre Barradas.

CAPITULO VII.

Vida do P. Antonio de Monserrate. De como entrou na Cõpanhia, & do muito, que servio a Deos na peste de Lisboa.

Em salsete aos 5. de Março de 1600.

1 MUito padeceo o Padre Antonio de Monserrate assim em Portugal, como depois que passou os ma-

mares; por meyo de trabalhos, & ſanctas fadigas navegou ao porto da eterna felicidade. Eſte veneravel Padre foi natural de Vic de Ozona no principado de Catalunha. Seus pays ſe chamaraõ Gabriel Bergada, & Joanna Valhes: entrou na Companhia em Barcelona veyo continuar em Lisboa na caſa de Saõ Roque, aos dous de Abril de 1558, tendo vinte, & dous annos de idade.

2 Delle ſabemos, que na peſte grande de Lisboa, que aconteceo no anno de 1569, obrou maravilhas. Foi aquella peſte açoute mais aſſombroſo, que vio ſobre ſi Lisboa; porque ſe diz morreraõ nella mais de oitenta mil peſſoas. A Cidade ſe tornou como erma, ſendo taõ povoada, como ſe ſabe. Neſta occaſiaõ toda Lisboa naõ foi mais, que hum hoſpital. Em huma ſua carta diz o Padre Antonio de Monſerrate muitas deſtas laſtimas. Que debayxo dos arcos do rocio jaziaõ alem de ſincoenta pobres feridos da peſte. Pellas ruas junto das paredes ſe achavaõ a cada paſſo muitos pobres da meſma ſorte eſpirando à força do mal. Nem os pays ſe lembravaõ dos filhos, nem os filhos dos pays.

3 Neſte deſemparo ſe vio muito a caridade dos noſſos Padres aſſim da caſa de Saõ Roque, como do Collegio de Sancto Antaõ, onde o Padre Monſerrate era morador. Fallecendo o Padre Gaſpar Alvres Reytor do Collegio, depois de ter ſervido aos feridos com zelo incanſavel, ficou por Vicereitor o Padre Monſerrate. Continuando ſem reparo algum nos meſmos empregos de acodir aos ſeus ſubditos, & aos de fora. Neſte tempo eſcreveo ao Padre Luis Gonçalves da Camara, & na carta diz eſtas palavras, que bem moſtraõ a repugnancia, que tinha a governar: *Cõfeſſo a Voſſa Reverencia* (diz o Padre) *que me ſinto taõ inabil pera iſto, que ſenaõ atentara à grande dor, & trabalho interior, que o Padre Provincial, & Voſſa Reverencia ſentem pella morte deſtes bemaventurados, que em taõ pouco tempo em tais obras acabaraõ, huma hora naõ parara, ſem eſcrever, me deſcarregaſſem deſta carga taõ deſigual pera a minha fraqueza. Mas porque agora faço conta, que ja q̃ naõ ſou pera conſolar, naõ devo deſconſolar, a quem de continuo tem tantos trabalhos, & deſconſolaçoens.* Atte aqui o que diz naquella carta. Os Religioſos feridos na caſa de Saõ Roque paſſaraõ a ſer curados no Collegio de Sancto Antaõ, porque

aquelle

aquelle posto se achou ser mais sadio pera aquella occasiaõ.

4 Entre as mais obras de caridade, que exercitou o Padre Monserrate, merece sem duvida eternos encomios, o cuidado, que poz em abrigar as donzellas, que ficavaõ ao desemparo pella morte de seus pays. Destas fez recolher grande numero no sitio, onde hoje he o Convento de Sancta Martha, cazou muitas destas desemparadas, fazendo pera com todas officio de pay. Das que no recolhimẽto ficaraõ vivendo, se veyo depois por agencia do celebre Padre Pedro da Fonçeca a erigir o mui religioso convento de Sancta Martha, que deve seus principios à caridade do Padre Monserrate.

5 Era este fervoroso Padre intrepido nos perigos; porisso louvava muito o dito do veneravel Padre Affonço Gil da nossa Companhia, que foi o primeiro, dos que morreraõ servindo nesta peste. Como alguns lhe significassem, fosse mais attento, em se meter neste fogo, costumava responder: *Que primeiro morreria da peste algum boy de algum homem pobre, do que elle.* Porisso gostava o Padre de ver a todos intrepidos, qual elle era. Como visse, que alguns Irmaõs Noviços fraqueavaõ com o susto de taõ pernicioso mal, escrevendo o Padre Monserrate ao Padre Provincial alem de lhe referir, o mais, que avia, fallando dos Irmaõs Noviços diz estas palavras.

6 *Tenho nesta doença aprendido por experiencia, que os Noviços da Companhia se deviaõ criar antes em hospitais, curar enfermos, & ensinalos a saber buscar a Deos, & ter espirito, & devaçaõ nos ministerios, que saõ proprios da Companhia, que em devoçonzinhas, encolhimentozinhos, & escrupulosinhos, que,* Omnia ad modicum utilia sunt: *Porque a certa consita mostraõ o fio, & tudo he farelo: & saiba Vossa Reverencia, que huma peste descobre muito,* Et revelatur uniuscujusque opus: *E neste contraste se ve, o que cada hum meteo no alforge, & o que lhe ensinaraõ, & o leite, com que o criaraõ sendo Noviço.* Atte aqui a clausula daquella carta.

7 Em outra pera o P. Doutor Miguel de Torres cõfessor da Rainha dona Catherina diz assim: *Eu atte agora pella bõdade de Nosso Senhor naõ fui ferido: tive averà seis somanas hũa dor de estamago, & enxaqueca, & dor em todo o hõbro, & braço esquerdo cõ febre, que me durou tres dias; & as dores, as*

pri-

primeiras vinte, & quatro horas apertaraõ comigo de maneira, que cuidei, de ir ver aos nossos bemaventurados, qui ante nos dormierunt, & in pace sepulti sunt. *No espiritual sou muito necessitado, seguem-me minhas payxoens na pas, & na guerra, com saude, & com doença, & porisso a primeira minha petiçaõ he, que vistas as necessidades desta terra, lembre à Rainha* N*ossa Senhora, quanto custaraõ as almas a Nosso Senhor JESU Christo, especialmente destas pobrezinhas, que ficaõ desemparadas, & dos pequeninos; porque ainda que sua Alteza nestes negocios naõ he esquecida, o que naõ lhe faz reprensentar estas necessidades, vendoas, como eu as vejo, tem muita culpa.* Estas as palavras da carta, em que bem se vê sua humildade, & o cuidado, que tinha de fazer lembradas as necessidades dos meninos desemparados. Nesta calamidade toda a orfandade foi seu especial cuidado. Teve o Padre Monserrate grande inveja aos outros Padres, & Irmaõs, que em taõ sancto ministerio acabaraõ suas ditosas vidas. Deos Nosso Senhor o guardou, porque tinha reservado a este seu servo huma immensidade de trabalhos fora de Portugal.

8 Antes que passemos a diante, naõ he bem passe em silencio, o que dizem da educassaõ deste Padre os Padres Alonso de Andrade da nossa Companhia no quinto tomo dos varoens illustres na vida do Padre Pedro Paes, paragrafo quinto, & o nosso Padre Balthezar Telles na sua Historia de Etiopia livro terceiro capitulo oitavo, porque algum delles padeceo equivocaçaõ; & naõ pode estar, o q̃ diz o Padre Andrade, com o que os nossos catalogos da provincia, que nisto saõ textos, dizem dos seus annos de idade, quando entrou; como fica ditto.

9 Diz o Padre Andrade, que o Padre Monserrate sẽdo menino andara em Barcelona na mesma escola, com Sancto Ignacio, & que lhe passava as liçoens de gramatica, & o Sancto ensinava ao menino os bons costumes, & o levava consigo às Igrejas, & aos sermoens: que estudara Philosophia, & Theologia. Que indo neste tempo a Barcelona os primeiros Padres da Companhia sabendo, serem filhos de Sancto Ignacio seu Mestre, pedira ser admittido na Companhia; & que depois de recebido dentro de pouco tempo o mandaraõ a Portugal. Que alli ensinara dous annos letras humanas, & se ordenara de sacerdote, & acõ-

panhara ao Padre Luis Gonçalves Meſtre del-Rey Dom Sebaſtiaõ, & que em quanto o Padre enſinava a el-Rey, o Padre Monſerrate enſinava aos moços fidalgos as letras humanas. Iſto he o que diz o Padre Andrade.

10 O Padre Balthezar Telles no lugar citado tem, q̃ o pay do Padre Monſerrate fora companheiro nos eſtudos de Sancto Ignacio, & que contava delle raras virtudes, & grandes milagres; & que o filho movido, com o que ouvira a ſeu pay, & com os exemplos dos noſſos Religioſos, q̃ jâ em Barcelona tinhaõ caſa, ſe reſolvera a entrar na Companhia. E dalli a pouco com outro companheiro fora mandado a Portugal. E vai o Autor dizendo as mais couſas, que o Padre Andrade. Donde bem conſiderados os annos, em que o Padre Monſerrate entrou na Companhia, que foi o de mil quinhentos ſincoenta, & oito, & os que entaõ tinha de idade, que eraõ vinte, & dous, bem ſe vê, que naõ podia elle ſer nos latins condiſcipulo de Sancto Ignacio: pois conforme eſtas contas o Padre Monſerrate naceo quatro annos antes de confirmada a Companhia tempo, em que jâ Sancto Ignacio naõ vivia em Barcelona, como he couſa certa em noſſas hiſtorias.

CAPITULO VIII.

Paſſa o Padre Monſerrate à India, & da jornada, que fez ao Mogor.

1 DEzejozo o Padre Antonio de Monſerrate de ſe empregar todo na ſalvaçaõ das almas, no anno de 1574, paſſou à India em Companhia do Padre Alexandre Valignano. Trinta, & nove foraõ entaõ os da Companhia, que navegaraõ pera as miſſoens da India. Succedeo em breve tempo huma occaſiaõ, que deu de ſi grandes eſperanças, as quais todas ſe vieraõ a deſvanecer.

2 Equebar Rey dos Mogores hum dos maiores monarcas do mundo, eſcreveo ao noſſo Padre Provincial, q̃ lhe mandaſſe alguns Padres, que lhe deſſem noticia dos miſterios de noſſa ſancta fé. Era eſte Rey mui curioſo, & ſabendo, que nos ſeus Reinos de Bengala avia hum Sacerdote Chriſtaõ, o mandou chamar. Chegando à Corte, foi bem

bem recebido, depois de varias praticas, que teve com o Rey ſobre couſas da fé, lhe diſſe: que mandaſſe de Goa vir Padres da Companhia, que elles como homens, que eraõ mui ſabios, lhe dariaõ noticia de tudo à medida do ſeu dezejo.

3 Com eſte informe eſcreveo ao noſſo Provincial. Deſtinaraõ os ſuperiores pera eſta empreza a tres Padres, por ſuperior ao inſigne Martyr o Padre Rodolpho Aquaviva, o Padre Antonio de Monſerrate, & o Padre Franciſco Henriques. Partiraõ de Goa, & no mes de Fevereiro de 1580 chegaraõ a Pateful, onde eſte Monarca tinha a ſua Corte. Logo, que chegaraõ, os mandou ir a ſua prezença, porque eſtava anciozo de os tratar. Deteveos com varias perguntas atte alta noyte, depois quando ſe aviaõ de retirar, lhes mandou dar grande ſoma de dinheiro. Os Padres ſe eſcuſaraõ, dizendo, lhes baſtava o cuidado, que ſua Alteza tinha, de lhes mandar aſſiſtir com o neceſſario pera ſeu ſuſtento. Deſte deſapego de riquezas muito ſe edificou, porque naõ via ſemelhantes lanços nos ſacerdotes, & Meſtres da ley de Mafoma, que elle ſeguia.

4 Ouve pello diſcurſo do tempo muitas diſputas diante do Rey com os cacizes, que ſaõ os Meſtres da ſeita de Mafoma. De todas ficaraõ confundidos; & o Rey de cadaves ſe affeiçoava mais à ley de Deos. Pera com elles tratar mais à ſua vontade, os mandou paſſar pera humas caſas dentro dos cercados do ſeu palacio. Pagavaſe muito da ſanctidade dos Padres, porque naõ via couſa ſemelhante nos ſeus. Chegou a fazer pouco caſo dos ſeus cacizes, como de homens, que naõ davaõ rezaõ, do que ſeguiaõ, & enſinavaõ.

5 Deu licença, pera que dos ſeus vaſſalos ſe fizeſſem Chriſtaõs, os que quizeſſem. Naõ ſe deſcuidou o demonio em cortar taõ boas eſperanças, como de ſi dava eſte Rey. Succedeo neſte tempo, que os Patanes, povos de Bengala por elle conquiſtados mataraõ ao ſeu ViſoRey, & ſe levantaraõ, ſacodindo o jugo, com que os oprimia. Eſte ſucceſſo interpretaraõ os Cacizes a caſtigo do ſeu profeta, por el-Rey andar com intentos de deixar a ſua ley. Acrecentavaõ, que os Patanes ſe queriaõ ligar com Cabul ſeu Irmaõ, pera o deſpojarem do Reyno. Ficou taõ penetrado deſtes ditos, que por hum mez inteiro nem vio aos Padres,

dres, nem os mandou chamar.

6 Tiveraõ os Padres modo,com que os mandasse outra ves ir a sua prezença. Acharaõ-no mui frio. Toda a pratica se foi em perguntar algumas curiosidades. Por fim lhes disse, como hum grande letrado seu queria entrar cõ o Alcoraõ no fogo, que se queriaõ elles fazer o mesmo cõ o Evangelho, que o successo averiguaria a certeza da ley. Responderaõ, que Deos dera a os homens a rezaõ, pera se tirarem das duvidas, & que bem tinha visto, quam cabal a tivessem dado, que dessem os seus Cacizes rezaõ da sua ley; & se a caso a rezaõ naõ desse a sentença pella ley de Christo, que elles naõ sô estavaõ prestes pera entrar no fogo, mas pera dar a vida, & morrer pella verdade, que ensinavaõ. Esta reposta o satisfes, porque era homem de rezaõ.

7 Instando os Padres pella disputa,a veyo a conceder. Nella se acharaõ os principais Cacizes, & muitos senhores grandes. Os Padres os apertaraõ taõ fortemente, que naõ sabendo, que responder, acodio por elles varias vezes o mesmo Imperador; mas nem elle, nem os seus podiaõ escurecer a verdade. Vendo o Imperador que os seus Cacizes andavaõ acezos, & que poderiaõ matar os Padres; lhes disse, queria, dar guarda a suas pessoas. A isto responderaõ, que elles naõ temiaõ perder as vidas em defensa da sua ley, antes era a sua gloria, perdelas em tal demanda. Tambem esta reposta o admirou, porque os seus naõ teriaõ igual animo.

8 Pera mais os Padres se introduzirem, pediraõ,mandasse aprender Portugues a seus filhos. Disto gostou muito: o Padre Monserrate foi o Mestre. Com esta occasiaõ tornou a familiaridade a ser maior. Por fim de todos os seus trabalhos, vendo os Padres,que nem este homem deixaria as muitas molheres,nem por medo de perder o Reyno, abraçaria as verdades, que alcançava, determinaraõ, pedirlhe licença,pera se retirarem a Goa. Disto teve dissabor, porque os dezejava ter na sua Corte levado de huma vã ostentaçaõ, de que tinha na sua Corte homens famosos em todas as leys: o qual fim naõ estava bem aos Padres, que queriaõ empregar sua vida mais proveitosamente. Neste tempo foi opportuna a infirmidade de febres, que veyo ao Padre Rodolfo, daqual naõ podia convalescer

cer

cer naquella terra. Com esta occasiaõ os Padres se voltaraõ a Goa tendo alli estado dous, ou tres annos.

9 Depois tornou o Imperador a pedir outros Padres. Estas cousas refere mais extensamente o Padre Luis de Gusmaõ no terceiro livro da sua historia das missoens da Companhia no Oriente. Ao prezente tem a Companhia duas casas nas duas Cortes de Agra, & Deli, em que se fazẽ a Deos muitos serviços, & Christaõs, que a ellas concorrem por seus interesses, & em reduçaõ de Scismaticos, & hereges; porque dos Mouros naõ hâ, que esperar, porque vivem taõ aferrados a seus erros, que naõ hâ deixalos. Alem disto tem delles tanto zelo, que se algum deixasse alli sua infame seita, tudo se revolveria, & esta pouca Christandade seria logo extincta pellos mouros, nem se permittiriaõ viver no Mogor homens, que a ensinassem. Desta missaõ foi hum dos primeiros fundadores o Padre Monserrate.

CAPITULO IX.

Parte pera Etiopia. Como foi cativo dos Arabios, & do que lhe succedeo, & a seu Companheiro, atte chegarem à Corte del-Rey de Xael.

1 AVendo alguns annos, que estava em Goa, se lhe abrio occasiaõ de ir a Etiopia. Tinha nella entrado o grande servo de Deos Andre de Oviedo com alguns companheiros, que todos eraõ fallecidos. Ficou aquella Christandade ao desemparo. Por morte del-Rey Dom Joaõ o terceiro, perda del-Rey Dom Sebastiaõ, mudanças do Reyno; naõ teve aquella pobre Christandade algum subsidio atte o governo de Philippe segundo. Sendo este piedozo Rey informado das cousas dos Abexins, tanto, que se vio pacifico senhor do Reyno de Portugal, escreveo a Dom Duarte de Menezes Conde de Tarouca VisoRey da India, que sem perdoar a diligencias, nem a gastos, procurasse fomentar a Christandade de Etiopia, da qual a principal parte era de filhos de Portuguezes, dos q̃ com Dom Christovaõ da Gama tinhaõ ido, socorrer aquelle Imperio.

2 Esta

2 Esta ordem chegou à India no anno de mil quinhẽtos oitenta, & sete. Era jâ fallecido o Viso-Rey,& governava Manoel de Souza Coutinho. Comunicou logo estas ordens ao Padre Pedro Martins, que depois foi Bispo de Japaõ, & era entaõ Provincial. Naõ dezejava a Companhia outra cousa, senaõ acodir a Etiopia. Pareceo conveniente, fossem por entaõ sô dous Padres, pera tomar as alturas às cousas. De muitos, que se offereceram escolheo o Padre Provincial ao Padre Antonio de Monserrate antigo em annos, em experiencia, & em virtudes, & ao Padre Pedro Paes Castelhano de Toledo, que proximamente viera de Portugal.

3 Advirto decaminho, que o Padre Pedro Paes naõ entrou na Companhia em Coimbra, como alguem imprimio. Logo se tratou do modo, & via, por onde convinha ordenar a derrota. Luis de Mendonça, que em Dio corria com os negocios de Etiopia, se tinha offerecido, pera mãdar os Padres em alguma nao dos mercadores Baneanes de Cambaya, que comerceavaõ nos portos de Maçuâ, & Suaquem, que saõ as portas de Etiopia. Em Fevereiro de mil quinhentos oitenta, & oito se embarcaraõ os dous Padres de Goa pera Dio. Comessaraõ como pronostico dos trabalhos futuros, a ter succesfos pouco favoraveis. Passando de Goa pera Baçaim os assaltou hũ tal tufaõ de vẽto, que correraõ evidente perigo. Por naõ poderem tomar Dio, entraraõ em huma enceada chamada dos Babaos, donde Mandaraõ recado a Luis de Mendonça da sua chegada. Este lhes preparou seus vestidos de Armenios,& os meteo assim dentro de dio, pera que os Turcos das embarcaçoens do estreito, que alli comerceavaõ, os naõ conhecessem, & os delatassem aos Turcos, que governavaõ os portos maritimos de Etiopia.

4 Em Dio foi muita a detença, nem Baneanes, nem Mouros queriaõ levar consigo homens brancos, que naõ sabiaõ, quem eraõ; & poderiaõ por isso ter alguma disgraça com os Turcos. Neste tempo o Padre Monserrate esteve sempre em casa, porque como era mui conhecido em Goa, se se manifestasse, ainda em traje de Armenio, seria conhecido, & descuberto: O Padre Paes negoceava pella Cidade algumas cousas pera a viagẽ. Teve alguns perigos, porque foi por tres vezes apedrejado dos meninos da escola

cola de Dio, que cuidavaõ, ſer Mouro. Outra ves indo entrar na fortaleza dos Portuguezes, o quis hum ſoldado, que eſtava de guarda atraveſſar, & o fizera, ſe naõ foſſe outro, que ſe meteo de permeyo, dizendo, que naõ era Mouro.

5 Depois de muitas diligencias acharaõ hum Armenio natural de Alepo, o qual lhes diſſe, que por via de Baçorá os levaria atte a ſua terra, & dalli encaminharia atte o Cayro, da qual Cidade em alguma cafila paſſariaõ ſeguros a Etiopia. Naõ obſtante ſer largo, & perigozo o caminho, tudo venceo o dezejo de entrar em Etiopia. Meteraõſe em a nao deſte Armenio em Abril de mil quinhentos oitenta, & oito. Chegaraõ a Maſcate, que era de portuguezes, alli encontraraõ ao capitaõ Belchior Calaça mui affeiçoado à Companhia, que lhes diſſe hiaõ mui fora de caminho; que o mais facil era, hir a algum porto de Etiopia em direitura; que elle tinha hum Mouro ſeu amigo, bom piloto na quelles mares, que cedo fazia viagem, que acabaria com elle, que os levaſſe no ſeu navio.

6 Tomaraõ eſte conſelho, & ſe paſſaraõ a Ormus, aonde podiaõ mais livremente andar pella Cidade. Alli os hoſpedaraõ no ſeu moſteiro os mui Reverendos Padres de Sancto Agoſtinho. Deyxando os trages Armenios ſe ocuparaõ com grande fervor nos miniſterios da Cõpanhia. Adoeceo gravemente o Padre Paes. Chegado o tempo da moçaõ: ſe determinou, partiſſe sò o Padre Mõſerrate com hum moço Suriano, que lhe ſervia de interprete.

7 Foi notavel o ſentimento do Padre Paes, por ſe ver impoſſibilitado à viagem, mas Deos o conſolou com hum modo de voz, que lhe pareceo, lhe dizia: *Tu es, o que has de entrar em Etiopia, & naõ teu companheiro.* Aſſim veyo a ſucceder. As couſas ſe puzeraõ de feiçaõ, que o Mouro por cauſa dos piratas, naõ quis entaõ dar à vela; & quando depois o fez, jâ o Padre Paes eſtava capas de acompanhar ao Padre Monſerrate.

8 Comeſſaraõ a viagem a 26. de Dezembro de 1588, com o piloto Mouro, que permitio Deos meter em Zeyla. Sahiraõ de Maſcate com bom vento. Dalli a ſete dias, indo a diante das ilhas Curia, & Muria ſe poz o vento de proa com huma terrivel tormenta, que deſaparelhou o na-

navio, fazendolhe saltar fora o leme, alem de outros destroços. Tentaraõ arribar a Mascate, mas o vento mudou de rumo, pondose de popa. Foraõ obrigados a aportar a huma daquellas ilhas chamada suadié, que avizinha com outra, que se diz Asquiè. Saõ estas ilhas pobres, o sustento ordinario he peyxe cru, depois de bem seco; porque naõ ha lenha, com que o cozer.

9 Sete, ou oito dias se detiveraõ alli, em quanto se preparava huma terrada, pera passar a Zeyla, porque a embarcaçaõ, em que vieraõ, naõ estava capas de fazer jornada. Partidos desta ilha, tanto, que avistaraõ a Dofar na Arabia, se fizeraõ ao mar, por naõ serem vistos de terra; mas o vento se pos taõ contrario a seus intentos, que por tres vezes, que forcejaraõ, naõ puderaõ, afastarse, quanto dezejavaõ. Em huma volta, que fizeraõ, foraõ vistos de terra. Logo sahirrõ a elles duas embarcaçoens ligeiras, q̃ em breve alcançaraõ a terrada. & como naõ tinha defensa, foi cativa.

10 A causa de aver tantas espias de terra, foi, que o Mouro disse aoutro Mouro em Mascate, que levava Portuguezes a Zeyla. Ainda, que lhe pedio segredo, elle o naõ guardou, deu avizo a Dofar, que vigiassẽ esta embarcaçaõ, porque naõ lhe escapassem os Portuguezes, que nella hiaõ. Os exames, que aqui se fizeraõ aos Padres, foraõ exquisitos; confessaraõ, ir a Etiopia pera se ajuntar com os Portuguezes, que lâ estavaõ, naõ lhes davaõ credito persuadidos, serem espias. Mandou o Capitaõ de Dofar, tirarlhes atte os vestidos ficando descalços, & quasi nus. Assim os meteraõ em huma taipa, que chamavaõ fortaleza, onde padeciaõ muita fome, & tambem as picadas de grande multidaõ de pulgas, de que o lugar era fertilissimo.

11 Tomou o Capitaõ resoluçaõ de os mandar a seu Rey. Logo os fez vir diante desi, & atodo o seu fato; perguntoulhes diante de testimunhas, se estava alli todo o seu cabedal, responderaõ, que sim. Fez esta pergunta, porque vendoos depois o Rey taõ pobres, naõ se persuadisse, que o Capitaõ, se tinha ficado com o recheo. Logo os mandou amarrar, & enviou a el-Rey de Xael seu Senhor. Sinco dias navegaraõ ao longo da costa, atte chegarem a huma Ribeira grande, onde sahiraõ em terra. Comessaraõ a fazer seu caminho a pê com grande incomodo, sendo obri-
gados

gados a acompanhar o passo dos Camellos. Porem vendo os Mouros, que naõ podiaõ seguir a pressa, com que hiaõ; os lançaraõ entre as cargas, & continuaraõ a jornada.

12 Na terceira jornada comessaraõ a entrar por hum deserto de area taõ solta, que senaõ via caminho. De dia se governavaõ pello Sol, & de noyte pellas estrellas. O manjar, que a primeira vez lhe deraõ, foraõ gafanhotos assados, vendo, que nem os podiaõ meter na boca, da sua farinha, que na matelotagem lhes tinhaõ tomado, lhes faziaõ a modo de hum bolo de soborralho, mui pequeno; & porisso sempre era grande a fome; porem maior era a sede; pois como nos areais naõ avia agoa, da que levavaõ em foles, lhe davaõ com muita regra, & tento. Com a calma, que tudo abrazava, hiaõ os nossos cativos quasi consumidos, & torrados.

13 Nem menos, que dez dias caminharaõ por aquelles areais. No fim chegaraõ a Tavim Cidade grande. Correo pella terra, vinhaõ Portuguezes cativos. Ajuntouse muita gente, pera os ver. Ficavaõ ao principio como passmados. Depois perguntaraõ, se criaõ na sua ley de Mafoma; sabendo, que naõ: os cuspiaõ, & afrontavaõ, & se os naõ recolhessem a toda a pressa a huma casa, sem duvida seriaõ mortos, pois os moços se hiaõ provendo de pedras, pera nelles as empregarem.

14 No dia seguinte sahiraõ antemenhãa da Cidade, por evitar o motim do povo contra os cativos. Caminharaõ por terras povoadas. No terceiro dia chegaraõ a hũa villa, onde estava hum Irmaõ del-Rey chamado Xafer. Recebeos com boas palavras, & fezlhe varias perguntas; mandoulhe dar agoa cozida com certa casca, que bebem em lugar de vinho. Quando se despediaõ, disse Xafer pera os seus: Quanto he estes, naõ se haõ de fazer Mouros. Caminhando toda a noyte vieraõ a amanhecer junto a Heynaõ Corte del-Rey. Levaraõ-nos pera a fortaleza, onde o Rey morava; alli os meteraõ em huma guarita, aonde os vinha ver muita gente, como a cousa estranha.

CAPITULO X.

Do que lhes succedeo com o Rey de Xael, & como foraõ pera Xiomen.

1 DOus dias depois de chegarem, el-Rey Humar, este era o seu nome, mandou dar aos Padres seus vestidos. Em huma tarde os fez vir a sua prezença; elle se poz como de festa. Recebeos no terrado da fortaleza, assentado em hum estrado, levantado da terra quatro palmos, & alcatifado com hum pano de borcado. O Rey estava vestido de hum verde mui fino, na cabeça tinha sua touca bordada de ouro. Reprezentava idade de quarenta annos, era bem apessoado. Naõ quis por interprete ao suriano, que os Padres levavaõ, mas a huma molher arrenegada, que estava com a Rainha, & sabia bastantemente a lingoa Portugueza.

2 El-Rey lhe fallou em Arabio, & ella voltandose pera os Padres lhes disse: *Diz el-Rey, que naõ tenhais sentimento, porque Deos vos trouxe aqui; mas eu digo, que vossos peccados vos trouxeraõ aqui entre taõ mà gente.* Perguntoulhes, quem eraõ, pera onde hiaõ? Responderaõ, ser Padres, que hiaõ pera Etiopia, a estar com os Portuguezes, que lâ avia. Gastou a tarde em varias perguntas. Os Padres pediraõ, lhes mandasse, dar os seus livros no dia seguinte, ordenou, se lhe restituissem os livros, deraõ selhe os breviarios, que foraõ, os que pediaõ; com o que ficaraõ mui consolados.

3 Naquelle lugar estiveraõ os Padres por alguns dias, sem saber, que seria feito delles. Veyo depois a vizitalos a molher, que servira de interprete, & lhes disse, que o Rey tinha boa vontade de os resgatar, mas que temia aos Turcos, a quem era tributario. Perguntaraõ à molher, como viera a cahir em cativeiro: respondeo, que passando de Chaul pera Ormus a tormenta os trouxera a Xael, & que parando à vista da Cidade foraõ alguns Mouros à embarcaçaõ dizendo, que bem podiaõ sahir a terra pera tomar refresco, porque eraõ amigos. Deraõlhe credito; & sahindo alguma gente a cativaraõ, & logo se foraõ à embarca-

çaõ,

çaõ, & a tomaraõ. Os Portuguezes foraõ oito, & ſendo trazidos âquella terra em tempo do pay do Rey vivo, fez com elles quanto pode pellos preverter, & naõ ſe deixando vencer, naquella terra acabaraõ conſumidos com trabalhos.

4 Contoulhes mais a molher, que hum daquelles Portuguezes tivera grande amizade com hum Mouro, que comerceava em Melinde; pediolhe, lhe avia de levar huma carta, elle o prometteo, mas avida a carta, a meteo na maõ a el-Rey, que buſcou, quem a leſſe. Nella dizia, em como ſe mandaſſe huma fuſta, tomar alguns Mouros naquella coſta, & que por elles ſeria facil a troca dos Portuguezes cativos. Tomou o Rey tanto fogo, que chamandoo lhe diſſe: ou vos aveis de ſer Mouro, ou morrer aqui: Reſpondeo o Portugues: *Naõ ſou eu homem, que me faça Mouro.* Irado o Rey metendo maõ ao alfange lhe cortou a cabeça. Seu nome eſtâ sò eſcrito no livro da vida, o ſobre nome, q̃ foi sò o que ficou entre os homens, era *Preto.*

5 Daqui tomaraõ ocaſiaõ os Padres pera lhe eſtranhar, o que tinha feito: reſpondeo, que no coraçaõ era Chriſtaõ, mas que naõ ſe atrevia, ao dizer com a boca diante dos Mouros. Nem com ella puderaõ os Padres acabar outra couſa. Neſta prizaõ, em que eſtiveraõ quatro mezes, padeceraõ grandes fomes. A terra he falta de mãtimentos, & ainda, que ſe chama Arabia Felîs, diſto sò tẽ o nome: produs trigo, cevada, & milho, tudo em pouca quantidade. Ajudaõſe das tamaras de algumas palmeiras. A gente he de cor baça. O ſeu principal ornato ſaõ os cabelos, que deixaõ crecer à vontade, & encreſpaõ com ferros quentes; em lugar de polvilhos os untaõ com manteiga.

6 Era o Rey de Xael tributario ao Baxâ Turco do Reyno de Yamen. Eſte Reyno começa da boca do mar Roxo pera dentro. Tanto, que o Baxâ teve noticia dos cativos, ordenou a el-Rey de Xael, lhos remeteſſe; porq̃ ſegundo os concertos, que tinhaõ feito, todos os Portuguezes cativos pertenciaõ ao Graõ Turco. Obedeceo o Rey, mandou de caminho quatro cavallos de prezente ao Baxâ, deu Camellos, em que foſſem os Padres, encomendou, aos que os levavaõ, os trataſſem bem, dando por rezaõ, que os Padres nada pediaõ pera ſi, & por-

isso se devia delles ter mais cuidado.

7 Chegaraõ a huma fortaleza chamada Xaea onde aos vinte, & sete de Junho. Proveraõse de agoa pera passar o dezerto: no qual entraraõ governando o caminho de dia pello sol, de noyte pellas estrellas. Quatro dias caminharaõ de dia, & de noyte, descansando sò ao meyo dia, & à boca da noyte. Usam desta pressa, porque o tempo se naõ perturbe com alguma mudança, & lhes encubra o sol, ou as estrellas. Porisso sò faziaõ dentença nas horas, que disse, em quanto comiaõ os Camellos, os quais em todos aquelles dias naõ beberaõ.

8 No quinto dia acharaõ huma fonte, junto della descansaraõ atte a tarde. No dia seguinte acabaraõ de sahir do deserto, chegaraõ a hum pequeno lugar chamado Melquis, em que viraõ ruinas de grandiosos edificios, de cuja origem sò diziaõ os naturais, que fora alli huma grande Cidade, & que a Rainha Sabâ tivera nella abegoarias de muito gado.

9 Desta povoaçaõ em doze jornadas, que fizeraõ por terras bem povoadas chegaraõ a Canaan cabeça do Reyno Xiomen, & Corte do Baxâ, que o governa. Alli os sahio a receber com muita gente de pê, & alguma de cavallo o Governador, & mandando tocar os atabales, os fez ir a pê diante do seu cavallo, atte o paço do Baxa; onde lhe fizeraõ grandes exames, & perguntas, porque os tinhaõ por espias. A tudo responderaõ, o que em verdade a via. Por fim os meteram no tronco, que tinha tres andares, elles ficaraõ no da terra, que era o mais cruel.

10 Naõ se dando por seguros, os quizeraõ carregar de ferros, mas vendo, que o Padre Monserrate era muito velho, os lançaraõ sò ao Padre Pedro Paes. Lançaraõlhe huma braga no pê, cuja ponta se arrematava na cinta. Nesta forma era todos os dias tirado do tronco pera o trabalho. Sentia muito o Padre Monserrate, naõ se ver tambẽ assim aferrolhado, como via a seu companheiro. Ao moço Suriano, que os Padres levavaõ pera interprete, levou pera sua casa o veador da fazenda, & o fez seu comprador, vendoo bem procedido. Usava elle grande fidelidade, daqui nacia, darlhe o Senhor por vezes os sobejos, que elle das compras lhe hia restituir. Estes sobejos, como bom Christaõ, levava aos Padres, com que os ajudava nas grandes

des faltas, que padeciaõ do neceſſario.

11 Naõ lhes durou muito eſta conſolaçaõ, porque encontrando o moço hum dia com certo Turco ſeu patricio, lhe deu conta do ſeu trabalho. O Turco lhe alcançou liberdade do Baxâ, pera ſe voltar à ſua terra. Deſpedindoſe dos Padres, lhes prometteo de voltar à India, & de lâ os ajudar, quanto pudeſſe. Se bem o diſſe, melhor o fez; porq̃ dentro de poucos mezes deu volta por Ormus, veyo a Goa; & deu noticia, de quanto tinha paſſado.

12 No meſmo tronco acharaõ os Padres vinte, & ſeis Portuguezes com mais ſinco Chriſtaõs da India, que foraõ cativos na coſta de Melinde. Eſtes naõ obſtante o cativeiro eſtavaõ entre ſi tão deſavindos, que sò faltava matarẽſe. Porem os Padres aſſim os tornaraõ amigos, que era eſpanto aos meſmos Turcos: ſeguioſe daqui, que o Baxâ fez aos Portuguezes ſeus jardineiros. Eſte homem de hortelam do Grão Turco chegara à prezente fortuna; & pera memoria do que fora, tinha na ſua primeira ſala pendurada a enxada, porque tantos annos puxara, que em hum Turco he exemplo raro; & entre Chriſtaõs ſeria de notavel admiraçaõ.

13 Como o Alcayde dos carceres vio o bom gazalhado, que o Baxâ fazia aos cativos, lhes mudou o carcere, mandandoos paſſar pera o primeiro ſobrado. Onde tinhão baſtante largueza. Ficaraõ com ſeu apozento à parte alem de outra caſa; onde fizeraõ ſeu oratorio. Pello Natal armaraõ hum curioſo prezepe, que os Turcos vinhão a ver, & lhe trazião cera, pera ſe alumiar: cantavaõ alli matinas com ſeus motetes ao ſom de tres violas, que tambem inventaraõ. Na ſomana ſancta cantarão officio das trevas, ouve ſermoens, & o mais, a que o lugar dava comodo. Aſſim alliviavão o ſeu cativeiro, & crecião em piedade.

CAPITULO XI.

Como ſe lhes multiplicaraõ aos cativos os trabalhos.

1 AVia jâ dous annos, que a prizaõ durava, hum paſſaraõ na logea do carcere, outro no ſobrado, quãdo ſe lhes abrio huma pequena eſperança de ſahir da prizaõ,

zão, mas brevemente se lhes murchou. Era a molher do Baxâ casta de Christaõs, & naturalmente bem inclinada, tinha hum Eunuco tambem da mesma casta:por este mandou dizer aos Padres, que hum dia, em que o Baxâ avia de ir, ver as suas hortas, viessem elles, ver a hum seu filho de sete annos,pera ella por este modo tambem os ver.

2 O Eunuco deu o seu recado, & os jardineiros Portuguezes derão aos Padres huma redoma de agoa rozada, pera offerecer ao menino. Em quanto durou a vizita, a may os estava vendo de huma janella, sem se deyxar ver delles. Depois de se irem, disse ao Eunuco, que fizesse huma petiçaõ em nome dos Padres, na qual reprezentassem a sua pobreza, & pedissem por esmola a liberdade, & que os deyxasse ir a Jerusalem. Esta petiçaõ por maõ do menino se meteo ao pay, achandose a may prezente, a qual assim abonou a causa dos Padres, que o Baxâ poz o despacho dezejado; & acrecentou, que podiaõ partir com o primeiro correyo, que fosse pera Constantinopla.

3 Alegres estavaõ os Padres com tal despacho, quando hum Baneane mal intencionado se foi ter com o veador da fazenda, dizendolhe, se admirava, de que o Baxâ puzesse tal despacho, quando por aquelles cativos o menos, q̃ lhe podiaõ dar, eraõ sinco mil cruzados. O Veador foi logo com esta nova ao Baxâ; que nenhum caso fez do despacho, que dera; antes os entregou ao Veador, pera que elle os apertasse de sorte, que dessem os sinco mil cruzados. Tomou este cuidado o Veador, estreitoulhes a porçaõ, & a prizaõ, mandandolhes dizer; que se desenganassem, que atte não darem vinte mil cruzados, naõ teriaõ melhor fortuna. Neste rigor passarão anno, & meyo, recebendo pera sustento hum sò paõ, mais de farelos, que de farinha. Nem os Portuguezes lhes podiaõ acodir, porque não lhes faltavão miserias.

4 Succedeo vir alli hum Turco de Argel filho de Turco, & de huma Christãa cativa, homem entre elles devoto, que hia vizitar a casa de Meca. Este ouvindo dizer, estavaõ alli Padres cativos, pedio ao Veador, lhos deyxasse, ir a casa. Concedeolhe, que fossem lâ, quando elle muito quizesse. Mandavaos chamar muitas vezes, gostava de os conversar, davalhes de jantar com grandeza. Louvava muito aos Padres de bons, & grandes letrados.

Mo-

Movidos com esta fama alguns Cacizes, que se prezavaõ de sabios, foraõ disputar com elles; mas às duas palavras ficavão atados; disculpandose, que a sua ley se defendia com o alfange.

5 Neste tempo veyo tambem alli hum Castelhano vizinho de Sevilha, o qual de idade de oito annos fora cativo, & criado na maldita seita, este nunca pelejou contra Christaõs, mas pello muito, que fez na guerra contra Mouros, chegou ao posto de Baxâ de Suaquem, pera onde hia, de Suaquem ao Depois intentou passar pera Dio, mas sendo conhecido este seu conselho, foi morto por traça deste Baxâ de Xiomen. Este Castelhano chegando â quella terra chamou aos Padres, & lhe fez muitas honras. Intentou tiralos do cativeiro; quando andava nesta pertençaõ, chegou ao Baxâ huma triste nova da morte de hum filho, com aqual se fechou, sem dar audiencia a alguem. O Castelhano por não perder a moção, se fez à vela. E tambem em breve se partio o Turco de Argel. Com isto tornarão os prezos aos seus antigos trabalhos.

6 A sua consolaçaõ era o fruto, que faziaõ nos cativos, pera varios ouveraõ esmolas da Misericordia de Chaul, com que sahiraõ do cativeiro. Reduzirão a quatro arrenegados, os quais com grandes perigos fogirão pera terras de Christãos, & se congrassarão com a Sancta Madre Igreja.

7 Pera os Turcos virem a cahir nos sinco mil cruzados, porque tinhaõ assentado largar os Padres, lhe pedirão os vinte mil: porem como os Padres naõ deferissem, os hião apertando. Neste tempo os livrou Deos das mãos de hum cruel Turco, que persuadido faria nos Padres hum bom emprego, prometteo por elles tres mil cruzados. Achou o Veador por disbarate dar por tres, o que julgava valer sinco: por tanto lhos não quis largar: que seria pera os servos de Deos nova morte, por ser aquelle homem muito cruel com os cativos, pera assim tirar delles grandes resgastes. Taõ impaciente, que por o Baxâ lhe não restituir hum pouco de fato, que lhe tinha tomado, se cortou a barriga, & as mesmas entranhas, & a hum filho, que lhe acodio, atravessou a mão com hum punhal.

8 Vendo o Baxâ, que os Padres naõ chegavaõ, ao q̃ elle queria, & que se vinha chegando o tempo de succes-

sor;

ſor; Mandou dizer aos Padres, que eſtava o ſeu reſgate taxado em ſinco mil cruzados; que ſe os naõ prometeſſem logo, que então comeſſavão os ſeus trabalhos. Reſponderaõ, que elles dezejavão muito ſua liberdade, mas que naõ podião prometer por ella, o que não tinhão; & que sò pederião achar, o que os outros cativos davaõ por ſi.

9 Com eſta repoſta ſe aſſanhou muito mais o Veador. Mandouos meter em huma maſmorra, & lançar ao peſcoſſo collares de ferro, de tres dedos de groſſura, dos quais pendia huma grande cadea. Aſſim os tiverão na maſmorra com hum Buneane, era ella tal, que aſſentados davão com a cabeça no alto, tão eſtreyta, que mal cabião nella tres peſſoas, o ar mui groſſo, & toda às eſcuras. Em fim mais ſepultura de mortos, que eſtancia de viventes. Dalli a quinze dias os tiraraõ deſta cova, aſſim, porque lhe não morreſſem, como pera os mandar pera Mocâ, por ver, ſe fallando naquella terra com mercadores da India, promettiaõ. o que dezejavão, ſe lhes deſſe.

10 Diſtava Mocâ ſeſſenta legoas. Fizerão ſua jornada em Camellos, que he a ordinaria carruagem da terra. De hum, em que hia, cahio o Padre Monſerrate, & por ſer velho, & aquelles animais tão altos, foi a queda mui perigoza. Pedio, lhe deſſem hum jumentinho, que tambem hião deſtes na cafila; porem onde cuidou, tiveſſe algum allivio, ſe lhe accrecentou o perigo; porque em hum paſſo eſtreito tendo hum encontraõ com hum Camello, eſte lançou de aveſſo ao jumentinho, & a carga. Deſta ſegunda, queda ficou o bom velho tão pizado, & moido, que ſenaõ podia bolir, ſenão com ajuda do Padre Paes, & do Buneane, que com elles eſtivera na cova.

11 A paſſagem, que lhes davaõ os Mouros da cafila era muito má, & moleſta, poriſſo com multiplicados trabalhos chegarão a Mocâ. Alli forão recebidos de hum criado do Veador tal como ſeu amo. Logo lhes ſahio com a importuna teima dos ſinco mil cruzados. Derãolhe os Padres a meſma repoſta. Irado com ella, os mandou meter em huma logea chea de drogas, & eſpeciarias da India, cravo, canella, pimenta. Aqui eſtiverão a ponto de eſpirar abafados: era a calma grandiſſima, & mais inſofrivel com o cheiro daquellas drogas calidas, que a faziaõ maior.

12 Succedeo, que no meſmo tempo, que os Padres fo-

forão metidos na logea, hum moço Abexim eſtava no alto da caſa borrifando com agoa a ſeu amo, pera mitigar a furia do calor, em que todos ſe abrazavão. Levado eſte de huma natural compayxão, diſſe ao amo, ſe nôs aqui nos eſtamos abrazando, que ſerâ daquelles triſtes, que mandaſtes meter na logea entre as eſpeciarias: dayme licença, pera os tirar, antes que morrão. Avida a licença, deceo abayxo, & os tirou mais mortos, que vivos; logo os paſſou a outra caſa, onde tomarão algum alento com o ar menos afogueado.

CAPITULO XII.

Do mais, que ſuccedeo aos Padres atte ſerem reſgatados, & da morte do Padre Antonio de Monſerrate.

1 AVizou o Criado ao Veador, em como os cativos, não lhe davão outra repoſta, ſenão a que a elle lhe tinhão dado. Reſpondeolhe, que fizeſſe prezente aos cativos huma clauſula da ſua carta, cujas palavras erão: *Senaõ derem ſinco mil cruzados, mos tornay a mandar com cadeyas aos peſcoſſos, & com grilhoens nos pes, que eu ſey, o que delles hey de fazer.* Eſta clauſula fez o criado ler ao Padre Paes, porque ſabia Arabigo; & acrecentou, a cadeya, eu vola porei, mas naõ os grilhoens, porque heis de ir a pê diante do meu cavallo, & com eſte alfange vos hei de ir picando, pera que vades de preſſa.

2 Tambem com elle nos podereys matar, diſſe o Padre, ſe tendes ordem pera iſſo; & tende por certo, que nada mais dezejamos, que morrer por noſſa Sancta Fê. A iſto acodio o barbaro, ſe tanto dezejais a morte, cedo a tereis com voſco em chegando a Canaan, mas ha de ſer ſendo esfolados vivos. Depois deſtes medos os tornou à logea, atte, que as embarcaſſoens da India partiſſem, por ver ſe acazo chegavão, ao que elle queria.

3 Tanto, que ſe fizeraõ à vela, mandou meter os cativos, em huma de duas galès, que no porto avia: tirarãolhe as cadeas, que trazião, & com outras nos pês os puzerão ao banco, metendo entre elles quatro forçados. A comida era huma pequena medida de milho vermelho mui a

margozo,que assim o avião de comer,pois nem tinhaõ modo pera o cozer, nem pera o moer. Com tudo Deos lhe deu traça, com que lhe moderassem o amargoz. O primeiro meyo foi entregaremno a dous forçados, que sahião fora, pera, que o levassem a huma molher, esta o moesse, & cozesse, & delle tirasse a paga do seu trabalho. O incomodo era, que avendo, quem o levasse, faltava muitas vezes, quem o trouxesse.

4 He a necessidade may de ingenhos, & dos artificios, & aqui ella foi, a que descobrio caminho ao Padre Paes, pera cozinhar o seu milho. Lançava-o sobre huma lagem, que alli estava pera outro ministerio, pizava-o com hum seixo lançando-lhe agoa, com que vinha, a ficar massa. Esta massa metia em hum vazo de barro, a modo de quem por dentro o barrava. Depois lançavalhe algumas brazas. Com este fogo se chamuscava, & engrolava a massa; & assim meya queimada, & meya crua elle, & o companheiro a comiaõ.

5 Era porem o trabalho de pizar o milho mui excessivo, pois o Padre Paes, que era sobre quem cahia este cuidado, jâ nem podia com elle. O Padre Monserrate por seus annos, & fraqueza naõ estava pera tal cousa. Nestes apertos moveo Deos a hum Cafre, que estava no mesmo banco, o qual tomou à sua conta moer o milho, sem porisso lhe darem paga, pois nada tinhão, com que ser agradecidos, mais, que boas palavras. A esta fome se ajuntava a falta do sono, as pulgas erão infinitas, os mosquitos innumeraveis; estas pragas os não deixavão fechar olhos.

6 Atodas estas miserias fazia mais pezadas o tratamẽto do comitre da galé, homem deshumano, o qual remara em huma galê Portugueza, deque fogira, & queria agora vingar nos cativos os golpes, que elle levara em a nossa galé. Quis a galé fazer viagem, no tempo, que se arvorava o mastro, cahio hum corisco, que o fez em pedaços, & saltãdo estes pera diversas partes, foi Deos servido, que ninguem recebesse dano. Quanto parece os quis Deos livrar ainda, que maos, por estarem naquelle lugar dous servos tanto do seu agrado.

7 Avia jâ tres mezes,que lidavaõ atados à quelle rigoroso banco, quando chegou alli o Turco de Argel, que assima dissemos, lhe fizera bom gazalhado. Este avendo li-

licença do Capitão da galé, os levou pera sua casa, aonde por espaço de vinte dias, que se deteve, os tratou com benevolencia, & liberalidade. Quando se partio, os encomendou ao Capitão, pedindolhe, que os não tornasse a meter no banco. Então lhe deu boas palavras, mas em o Turco partindo, os tornou a meter na cadea da galê.

8 Neste tempo, & insofrivel trabalho adoeceo gravemente o Padre Monserrate: fez aviso o Padre Paes ao Capitão, que se lembrasse, que avia de dar conta daquelle cativo ao Baxâ, pois assim o deixava perecer. Com este medo, mandou ao doente pera terra, & ao Padre Paes, pera, que o curasse; mas logo lhe tirou a ração de milho, que de ordinario lhe dava. Nestes apertos se valeo o Padre Paes de hum Baneane, que lhes acodio com algum arroz, & mãteiga, & lhes emprestou dous cruzados, atte virem as naos de Dio. Com isto se remediaraõ, & com os caldos de arroz, & manteiga, que fazia o Padre Paes, foi dando alento ao seu doente, com que ficou melhorado.

9 Hum anno avia, que estavão em Mocâ, quando chegarão as naos de Dio, & com ellas carta do Viso-Rey Matthias de Albuquerque pera hum Baneane, em que lhe ordenava, resgatasse os Padres, que assim era ordem del-Rey, & que desse por elles, quanto fosse necessario, tudo à custa da fazenda real.

10 Tratou logo o Baneane este negocio com os Padres, elles se ouveraõ com tal modo, que derão a entender ao Turco pouco apetite de sua liberdade. Vendo elle isto, por não perder tudo, se veyo a concertar em mil cruzados, & ainda os Padres hiaõ à maõ ao Baneane, dizendo, que melhor seria, perderem elles a vida, que darse tanto dinheiro, com o qual podia ser resgatado maior numero dos outros cativos. Naõ deu por isto o Baneane, & assim se concertou nos mil cruzados.

11 Jâ estavaõ pera se embarcar, quando lhes veyo cõ embargos o Capitão das galês, dizendo os naõ largaria, sem lhe darem a elle cem cruzados pello tempo, que os deixou estar em terra. Foi tal a teima do homem, taõ pouco o tẽpo atte partirem as naos, que o não avia, pera escrever ao Baxâ; por tanto o ouveraõ de contentar. Fizeraõse na volta de Dio, onde chegaraõ em vinte, & nove dias, depois de ter no mar padecido huma tal tormenta, que lhes le-

vou velas, & quebrou a cana do leme.

12 Entrando em Dio, aonde atte entaõ a Companhia não tinha casa, os foraõ buscar a bordo, & hospedaraõ no seu convento com toda a caridade os Padres Capuchinhos; & depois tambem por sua muita caridade os Padres de Saõ Domingos quizeraõ, se dividisse com elles a hospedagem, & os tiverão no seu mosteiro, atte chegar a monçaõ. Chegaraõ a Chaul, onde os Irmãos da Sancta Misericordia, mandaraõ, se desse tudo, o que os Padres dicessem, ser necessario pera o resgate dos mais cativos, que ficavaõ em Canaan.

13 Dalli passaraõ a Goa, onde os recebeo como a homens gloriosos, & que em serviço de Deos tinhaõ padecido tanto, o Padre Francisco Cabral então Provincial da Provincia de Goa. Atte aqui foraõ os trabalhos comuns a estes dous Padres. O Padre Pedro Paes andando os tempos tornou à sua demanda de Etiopia, nella entrou, & foi Apostolo daquella naçaõ, & do seu Imperador Seltaõ Segued, a quem elle reduzio à fé Catholica. Na Etiopia acabou seus dias depois de a ter allumiado como hum novo Sol. Tudo referem, os Autores, que das cousas deste Padre, como de homem abalizado, escrevem diffusamente.

14 Sete annos gastaraõ neste penosissimo cativeiro. O Padre Monserrate viveo pouco depois de sahir delle. Falleceo com morte de sancto no Collegio de Sallete aos sinco de Março de mil, & seis centos. Era homem de muita humildade, por isso quando foi â missaõ do Mogor, fez por naõ ir por superior dos companheiros. Na India antes de ir a esta missaõ se ocupou todo na conversaõ dos gentios, atte, que o Padre Ruy Vicente o escolheo por seu companheiro na vizita da India. Foi homem de muito trato com Deos. Naõ obstante sua cansada velhice, estava com grãdes dezejos de voltar a Etiopia, mas Deos em lugar desta o levou a gozar de sua vista. Esta vida se recolheo parte de manuscritos antigos, que trataõ da peste de Lisboa, o de mais dos Padres Balthezar Telles na Historia de Etiopia. Do Padre Luis de Gusmão na Historia das missoens da Companhia no Oriente. Do Padre Alonso de Andrade na vida do Padre Pedro Paes tomo quinto dos Varoens illustres. O Agiologio Luzitano aos sinco de Mayo delle

faz

faz ſingular, & honorifica mençaõ. Tambem delle trata alguma couſa a ſegunda parte da Hiſtoria deſta Provincia por occaſiaõ da peſte grande de Lisboa, em que ſervio.

CAPITULO XIII.

Martyrio do Irmaõ Bento de Caſtro, & vida do Padre Fernaõ Rebello, & ſancta morte do Padre Jorge Fernandes.

No mar 15. de Julho de 1570.

1 COm rezaõ podemos chamar Noviços do Noviciado da caſa de Saõ Roque, a todos aquelles, que tendo eſte eſtado padeceraõ em Companhia do veneravel Padre Ignacio de Azevedo, & do veneravel Padre Pedro Dias; pois todos antes de ſe embarcarem, depois de vir de Valde Roſal, ſe hoſpedarão nos apoſentos, que ſerviaõ aos Noviços na caſa de São Roque. Tinhaſe aquelle Noviçiado pouco antes desfeito por cauſa da peſte grande de Lisboa, & os Noviços foraõ mandados pera Coimbra, & Evora; por eſtar aquelle edificio deſocupado, alli ſe recolheo aquelle bemaventurado eſquadraõ; que naõ he pequena gloria de taõ ſancta caſa ſer ſanctificada por tantos, & taõ illuſtres martyres. Mas como delles fallo em outras partes, aqui sò direi do Irmaõ Bento de Caſtro, que todo foi deſte Noviciado.

2 O Irmaõ Bento de Caſtro naceo na villa de Chacim no Biſpado de Miranda. Seus pays ſe chamaraõ Jorge de Caſtro, & Izabel Bras, entrou na Companhia em o Noviçiado da caſa de Saõ Roque aos dous de Agoſto de 1561. Era Irmaõ de muita virtude, poriſſo o veneravel Padre Ignacio de Azevedo lhe deu, em a nao a occupação de Meſtre dos Noviços.

3 De todo o exercicio de virtudes, com que o veneravel Padre Azevedo enſayou pera o martyrio a ſeus bemditos companheiros, foi boa parte o Irmaõ Bento de Caſtro. Elle com os mais no retiro de Valde Roſal ſe entregou todo a Deos. Depois na caſa de Saõ Roque fez muitos actos de virtude, & em eſpecial de humildade, naqual muito os exercitou ſeu glorioſo Capitaõ.

4 Depois em a nao, como foi por Meſtre dos Irmãos No-

Noviços, era a todos vivo exemplo de sanctidade. Partio a nao Santiago, em que hiaõ estes ditosos Argonautas, da Ilha da Madeira em demanda das Canarias. Junto da Ilha da Palma foi assaltada do Cossario Jaques Soria, & finalmente entrada dos seus soldados, taõ hereges todos como o seu General, inimicissimos do nome de Catholicos Romanos, em especial de Padres da Companhia, a quem desejavaõ beber o sangue, por serem os defensores mais incontrastaveis, que a fé Catholica tinha em França. Tanto, que diziaõ abertamente, que a naõ serem os Jesuitas, toda França seguiria as partes de Calvino.

5 No conflicto ordenou o veneravel Padre Ignacio de Azevedo, que o Irmaõ Bento de Castro retirado com os seus Noviços, nas estancias, em que antes se acomodavaõ, estivessem em oraçaõ. Quando a nao comessou a ser entrada dos inimigos, tudo era, importunarem os Noviços ao seu Mestre, lhes desse licença, pera sahirem a protestar a fé, como no meyo do convês fazia o Sancto Padre Azevedo.

6 A nenhum deu licença, querendo elle ser o primeiro, como o foi de todos, os que nesta occasiaõ deraõ suas vidas. Levado pois de hum abrazado espirito tomando nas mãos a Sancta Cruz rompeo pellos Portuguezes, & Hereges, que pelejavaõ, & subindo ao castello da proa, por onde os inimigos entravaõ, protestou a fé Romana em altas vozes, detestando os erros, que elles seguiaõ. Vendo os Hereges, que naõ pelejava por defender a nao, mas sò pella fé, que elles tanto aborreciáo, o passaraõ com alguns pelouros; mas como toda via continuasse no mesmo fervor, se foraõ a elle, & dandolhe de punhaladas, assim meyo vivo o lançaraõ no mar. Foi sua ditosa morte aos 15. de Julho de 1570.

Evora 20. de Novẽb. de 1608.

7 Pouco he o que acho escrito do Padre Doutor Fernaõ Rebello, mas porque esse pouco naõ pereça, fique delle neste lugar huma breve memoria. Naceo em Caria no Bispado de Lamego, entrou na Companhia na casa de Saõ Roque aos vinte de Mayo de mil quinhentos sessenta, & dous, continuou seu Noviçiado em Evora. Naquella Universidade andando annos ensinou Philosophia. Depois Theologia doze annos, & foi oito annos Cancellario.

8 A virtude entre outras nelle mui singular foi a paciencia:

ciencia: nunca da ſua boca ſahio palavra, que naõ foſſe a meſma manſidaõ. No fervor dos argumentos, & actos litterarios ſe offereceraõ muitas occaſioens de agaſturas, q̃ as trazem conſigo ſemelhantes funçoens, em todas nunca ſahio deſi o Padre Fernaõ Rebello. Os Academicos lhe chamavaõ por eſta cauſa o Job, & foi o nome por onde de ordinario o nomeavaõ. Em huma occaſiaõ hum Doutor lhe argumentava em certo acto, reſpondia o Padre com a ſua coſtumada manſidaõ, naõ ſofrendo tanta paz o argumentante, com a quietaçaõ do Preſidente mais ſe enfureceo; & como entre o argumentar puzeſſe huma nova duvida, acrecentou com grande colera eſtas palavras: *Quid dicis ad hoc? Dic, Dic, Job, Job, Job.* Nada ſe alterou o Padre, antes ſe ouve com tal moderaçaõ, como ſe termos taõ deſuſados a elle ſenaõ encaminharaõ.

9 Lendo Theologia de Prima no Collegio de Coimbra, ditava a materia da Incarnaçaõ, tratou ſe o Menino JESUS, nas entranhas de ſua May Sanctiſſima, tivera, ou naõ tivera uſo de reſaõ, ſegundo o entendimento criado. Reſolvendo, que ſim tivera uſo de rezaõ: foi por eſta reſoluçaõ ſindicado, & eſtranhado. O Padre Reytor do Collegio ſe deu por obrigado chamar a conclave todos os homens mais ſabios, que em caſa avia: eraõ eſtes o Sapientiſſimo Padre Doutor Fernaõ Peres, o Padre Doutor Antonio Carvalho, que foraõ Lentes de Prima em a Univerſidade de Evora, o Padre Luis de Morais, o Padre Rui Martins ambos Varoens doutiſſimos, & o meſmo Reytor, que era grande letrado, & Doutor na ſancta Theologia, chamavaſe Nicolao Pimenta.

10 Todos eſtes Doutores ſem diſcrepancia foraõ de parecer, ſe naõ avia de ſeguir aquella doutrina por varios inconvenientes, que ſe propuzeraõ. Aſſim ſe intimou ao Padre Fernaõ Rebello. Deſconſolouſe muito cõ eſta reſoluçaõ, ſem ſahir porem hum ſo apice de ſua coſtumada paciencia Trabalhando mais ſobre as provas da ſua doutrina, achou, que Sancto Thomas nas ultimas palavras da ultima das ſuas diſputadas, affimava, que os meninos, que ouveraõ de nacer de Adaõ, & Eva no eſtado da innocencia, ſe durara, todos aviaõ de nacer com uſo de rezaõ.

11 Ficou o Padre muito alegre com eſte achado, foi deſabafar com outro Padre ſeu amigo, o qual lhe diſſe, co-
municaſſe

municaſſe tudo ao Padre Reytor, & lhe pediſſe, tornaſſe a chamar os Padres, & lhes fizeſſe patente a doutrina de Sancto Thomas, & a rezaõ, que avia pera Deos uſar com o Menino JESU, o que ſe avia de praticar com os filhos de Adaõ, & Eva no eſtado da innocencia.

12 Viſtas eſtas couſas todos ſe tornaraõ a retratar. E dalli por diante a doutrina do Padre Doutor Fernaõ Rebello ſe fez comua, ſem ninguem neſte Reyno ſe deſviar della. O que muito veneraraõ todos, foi a paciencia, que moſtrou o Padre em todo o tempo, que durou eſta tormenta. Tendo vivido largos annos com ſingular exemplo, & innocencia de coſtumes, morreo em ſancta velhice no Collegio de Evora aos vinte de Novembro de mil ſeis centos, & oito, foi ſepultado na Capella de Saõ Vicente, que hoje tem a invocaſſaõ do Sancto Chriſto. Algumas de ſuas obras ſe imprimiraõ, & ſaõ tidas em grande eſtimaçaõ. Teve na Companhia hum Irmaõ inteiro chamado Joaõ Rebello, homem ſancto, cuja vida eſcrevo em outro lugar. Do Padre Fernaõ Rebello ſe faz mençaõ na Biblioteca da Companhia. Eſte pouco encontrei em hum manuſcripto antigo do cartorio do Collegio de Evora.

Na Java mayor aos 24. de Setembro de 1580.

13 O P*adre Jorge Fernandes* naceo em Lagos no Algarve, ſeus pays ſe chamaraõ Diogo Lopes, & Izabel Ribeira, entrou na Companhia em Lisboa na caza de Saõ Roque aos ſeis de Dezembro de 1561. de quinze annos de idade, depois foi continuar ſeu Noviçiado em Coimbra. Tendo enſinado Rhetorica em Evora, & Coimbra, com dezejo de ſalvar almas paſſou à India no anno de 1578. De quatorze, que eraõ da Companhia, os que hiaõ naquella viagem, tres padeceraõ Martyrio, os Padres Rodolpho Aquaviva, Jorge Carvalhal, & Jorge Fernandes.

14 Sendo deſtinado pera miſſionario de Amboino nas Molucas, partio de Goa com o Padre Gomes de Amaral ſeu companheiro na viagem, & na morte. Em Setembro de 1580 ſe fizeraõ à vela em a naõ de Agoſtinho Nunes. O Padre Mattias Tanner refere nos ſeus Martyres da Cõpanhia, que a naõ fora cõ vento proſpero atte a ilha chamada Java Mayor. Trazendo os Javenſes eſpias ao largo, pera invadirem qualquer nao Portugueza, que paſſaſſe pera Molucas, deſcobriaõ eſta vela, logo lhe ſahiraõ ao encontro com muitas embarcaçoens.

15 Pe-

15 Pelejoufe de huma, & outra parte com muito calor, atte, que a nao Portugueza oprimida da multidaõ foi entrada, & a recolleraõ no feu porto. Dandofe os Portuguezes todos por mortos, por fer grande o odio, que lhes tinhaõ os Javezes, os Padres os exhortaraõ à confiffaõ, & a fe difpor pera a morte. Eftando ambos exercitando o fancto minifterio da confiffaõ, arremeteraõ a elles os Mouros, & os degolaraõ.

16 Defta forte conta o Padre Tanner a perda da nao, porem na hiftoria do Oriente conquiftado a Deos pellos Padres da Companhia, que eftà pera fahir a Lus, quando ifto efcrevo; fe diz, que a nao cõ a força dos tempos entrara em Zaem porto da Java maior, & que os Portuguezes fe fiaraõ dos naturais, que como Mouros infieis a Deos, & aos homens, naõ guardaraõ fua palavra. Tomaraõ a nao, mataraõ, a quantos nella eftavaõ. Tinhaõ os Padres, fiados na palavra dos Mouros, faltado em terra, pera confeffar alguns Chriftaõs, nefte minifterio fe occupavaõ, quando os Mouros, mortos jâ os Portuguezes da nao, arremeteraõ aos fervos de Deos, & os degolaraõ affim em odio da naçaõ, como do fancto minifterio, que diante de feus olhos lhes viaõ exercitar. Foi fua ditoza morte aos 24 de Setembro de 1580.

17 O Padre Alegambe tem fer de Lisboa, mas foi engano com outro do mefmo nome natural de Lisboa, o qual faleceo em Coimbra aos 2 de Outubro de 1558. Nos livros das entradas, que vi por efta caufa com grande exaçaõ, sò hâ tres defte nome, hum coadjutor, outro de Lisboa, que morreo em Coimbra, & efte natural de Lagos. Antes de fazer o dito exame tambem tive o engano da fua patria, pello, que diz o Padre Alegambe. O mefmo Padre efcrevendo do Padre Antonio Soeiro, que morreo Martyr em Ceilaõ, aponta o anno, em que foi de Portugual, mas foi equivocaçaõ com outro do mefmo nome natural de Caminha, que morreo em Malaca, & naõ foi Martyr. O outro he de Borba, & devia entrar na India, porque o naõ trazem os livros das entradas dos Noviciados.

CAPITULO XIV.

Vida do Padre Antonio de Castello branco.

Coimbra 8. *de* *Jan. de* 1643.

1 NAceo este virtuoso Padre na Rua da Cordoaria velha em Lisboa foi bautizado na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres. Eraõ os nomes de seus pays Alvareanes Barreto, & dona Maria de Amaral ambos de grande nobreza. No anno de mil quinhentos setenta, & hum aos doze de Março dia de Saõ Gregorio Magno, tendo quinze annos de idade entrou na Companhia na casa de Saõ Roque. Dahi passou a continuar seu Noviçiado em Coimbra, onde fez os votos; & no mesmo Collegio no anno de mil quinhentos noventa, & sinco fez a profissaõ de quatro votos.

2 Ensinou letras humanas, Philosophia, & algum tẽpo Theologia. Depois se exercitou nos ministerios da nossa Companhia. Foi homem de grande humildade. Sẽdo seus pays, & parentes mui nobres apenas se sabia, que os tivesse. Andou sempre à vontade dos superiores, com a qual todo se conformava; por mais difficultosas, que fossem as cousas, nem descontentamento, nem repugnancia se vio nelle; buscava sempre rezoens, com que desculpar os superiores.

3 Com sigo era rigoroso, todos os dias se disciplinava, ainda quando jâ com a velhice apenas podia mover os braços. Exercitava os officios de caridade com o proximo com grande zelo, como se vio em occasiaõ, que correo com os Christaõs novos, que sahiraõ no cadafalso, acodindolhe com notavel caridade assim no espiritual, como no temporal. Hia em pessoa pedir esmolas pella Cidade, pera esta triste gente, levando com sigo hum menino dos ençambenitados, que as recebesse.

4 De ninguem murmurava, antes se acaso ouvia alguma murmuraçaõ, logo com autoridade, & boa graça a desviava. se algum lhe comunicava suas desconsolaçoens, se compadecia muito, & sendo conveniente, fallava aos superiores, pera que mostrassem boa graça àquelle Padre, ou Irmaõ.

5 De-

5 Depois de largos annos, foi nos ultimos doze viver no Collegio de Coimbra, nos quais servio de decano, & presidente das disputas dos cazos, & de Prefeito da saude, vizitava frequentemente os enfermos, tinha grande cuidado, de que se executassem as ordens dos Medicos.

6 No Collegio era seu exemplo de notavel edificaçaõ, tinha huma modestia, que parecia cousa divina, & fazia respeito, aos que nelle punhaõ os olhos. Ajustavase com a ordem da comunidade taõ inviolavelmente, que sendo muito velho, se levantava sempre às horas ordinarias; & se por respeito, ou descuido lhe naõ davaõ candea, elle se levantava, & a hia logo buscar. Nem foi visto faltar a alguma obediencia. Pera exemplo hia sempre à primeira meza, nella guardava huma grande modestia, & mortificaçaõ convidandoo hum Irmaõ cursista, que prégava no refeitorio, pera que fosse à primeira meza, lhe respondeo com boa graça: Meu Carissimo, eu naõ tenho licença, pera ir à segunda meza. Naõ aceitava na meza particularidade alguma, nem cousa, que lhe trouxessem fora do ordinario. Tomava frequentemente disciplina no refeitorio ainda em tempo de grandes frios. Depois, que naõ pode tomar nem a ordinaria disciplina de cada dia, offereceo as disciplinas, de que usara, ao glorioso Padre Sancto Antonio.

7 Naõ admittia, que em alguma cousa o servissem, fazendoselhe algum offerecimento, o agradecia muito, mas naõ se aproveitava delle. Assim cõtinuou, atte que cõ a velhice por causa das doenças ameudadas desfalleceo. Nos ultimos tres annos vendo os Superiores, que jâ se naõ podia servir, nem ir ao refeitorio, o deixaraõ ficar na enfermaria, apozentado; & logo deraõ o seu cubiculo a outro, por elle em se levantando, se naõ tornar a meter nelle. Por vezes, succedia, faltarselhe por descuido em alguma cousa, nunca deu rumor, de que avia a tal falta; porque sempre tinha por demasiado, tudo quanto se lhe fazia.

8 Guardou grande pobreza, as cousas, que tinha de curiosidade, & devaçaõ repartio pellas capellas. Fazendo o Padre Reytor Antonio de Sousa festa a Sancto Antonio, lhe mandou alguns premios, por elle ser Antonio, porẽ o Padre os foi offerecer ao Sãcto, naõ querendo nada pera si. Atte a capa, & chapeo levou pera a rouparia: as

mais cousas, que eraõ precisas ao seu uso, estavaõ taõ pobres, que escaçamente serviaõ, pera dar de esmola.

9 Era notavel o cuidado, com que se aparelhava pera a morte, parecia, que a andava desafiando. Todos os dias hia vizitar o Sanctissimo, as vezes, que podia. Fazia grande devoçaõ, ver hum homem velho, que a penas se podia arrojar encostado a hum bordaõ, ir visitar o Senhor. Tinha muita oraçaõ. Como estava sempre rezando, ou meditando, eraõ sanctas todas as palavras, com que recebia, & tratava, aos que hiaõ ao seu cubiculo, edificando, & a fervorando a todos.

10 Todas as cousas, que fazia, offerecia primeiro a Deos. Hum dia, quasi sem elle se poder ter, estava varrẽdo o cubiculo, vindo hum Lente de Theologia lhe quis tirar da maõ a vassoura; naõ o consentio, dando por rezaõ, que elle jâ tinha offerecido a Deos aquella obra, & que naõ podia nella faltar, que porisso as costumava primeiro offerecer a Deos, por naõ faltar nellas.

11 A sua missa dizia sempre, acabada a oraçaõ. De Roma, indo a huma congregaçaõ geral, trouxe privilegio pera com a sua Missa tirar huma alma do Purgatorio. Hum dia levantandose a dizer Missa, lhe deu hum vagado, com que cahio no chaõ meyo vestido, & sem falla, assim esteve espaço de hum quarto. Vendo, que tardava, o foraõ buscar, & o acharaõ cahido em terra, passou o accidente a apoplexia, que o teve tres dias alienado de seus sentidos, & finalmente o tirou desta vida, aos oito de Janeiro de mil seis centos quarenta, & tres. Tinha ditto por vezes, que huma semelhante o avia de acabar, por isso andava taõ preparado, como quem por instantes espera a ultima despedida do corpo & do Mundo. Foi homem, que em setenta annos, que viveo na Companhia guardou hum uniforme teor de vida ajustada com suas regras, & obrigaçoens, & todos tinhaõ de sua virtude singular opiniaõ.

CAPITULO XV.

Dos Irmaõs Antonio de Mello, Joaõ Gonçalves, & Jeronymo Gonçalves Coadjutores temporais.

Evora Julho de 1564

1 POuco he o que acho escrito do Irmaõ Antonio de Mello. Este Irmaõ antes de entrar na Companhia foi

foi pagem do Padre Nuno Rodrigues, cuja vida a baixo vai escrita, & com elle juntamente entrou na Companhia. Deuse de veras à virtude, tinha grande caridade, & amor de Deos. Trazia mui recolhidos todos os sentidos. Era Irmaõ de rara humildade, por causa desta lhe foi de notavel mortificaçaõ mandar por vezes o Superior ao Padre Nuno Rodrigues, que fora seu amo, que o descalçasse, & servisse, como no mundo a elle lhe fazia o Irmaõ Antonio de Mello. Quanta era a alegria do Padre Nuno, tanta era a mortificaçaõ do Irmaõ Mello.

2 Bom sinal era de sua singular virtude, ser muito estimado do Padre Leaõ Henriques. Em huma doença comprida, que teve, se recreava muito de tratar com este bemdito Irmaõ. Cheyo de virtudes falleceo no Collegio de Evora no fim de Julho de mil quinhentos sessenta, & quatro. Sobre o telhado do cubiculo, em que espirou viraõ do seu convento as Religiosas de Sancta Monica hum rayo de resplandor a modo de estrella. Admiradas mandaraõ perguntar ao Collegio, que lus era huma, que tinhaõ visto sobre tal parte do dormitorio do Collegio em tal hora. Naõ sabiaõ ellas nem da doença, nem da morte do Irmaõ. Entaõ os Padres confrontada a hora, em que se vio a lus, & o lugar, que se apontava, entenderaõ, ser aquella lus significadora do felis estado do Irmaõ Antonio de Mello, que na tal hora dera seu espirito a Deos. Esta noticia recolhi de hum manuscrito antigo do cartorio de Coimbra, no qual entre as virtudes de outros servos de Deos se continha esta noticia do Irmaõ Antonio de Mello.

3 Hâ por certo algumas mortes vestidas de tais circunstancias, que fazem inveja, a quem as lê, tais foraõ as dos dous Irmaõs, que aqui tenho, que referir. O primeiro *O Irmaõ Joaõ Gonçalves* Coadjutor, natural do termo de Barcellos no Arcebispado de Braga. Entrou na Companhia na casa de Saõ Roque aos sete de Setembro de mil quinhentos, & setenta, com vinte, & sinco annos de idade.

Lisboa 23. de Junho de 1574.

4 Naõ sabia ler, nem escrever, era dotado de huma sancta, & amavel singeleza. Sobreveolhe huma doença, de que veyo a ficar manco, & andar encostado a duas muletas. Offereceraõlhe, irse curar a casa de seu pay, por entenderem os Medicos, que cõ os ares patrios poderia ter

algu-

alguma melhora. Reſpondeo, que antes queria morrer na caza de Deos, que viver na caza de ſeu pay. Entificou, & por ſua debilidade ſe atou à cama, tratando ſempre de ſe diſpor pera a ultima jornada.

5 Hum dia eſtando com elle o enfermeiro, o chamou o Padre Miniſtro, pera lhe ir ajudar à Miſſa, a que reſpondeo, q̃ naõ lhe parecia, eſtar o enfermo, pera o deixar sò. A iſto diſſe ao Irmaõ; vâ ajudar â Miſſa. Replicou o enfermeiro, & ſe elle morrer entretanto? O enfermo entaõ lhe diſſe: vâ, que eu eſperarei. Em quanto o enfermeiro foi, pedio o doente a hum Irmaõ, que o vigiava, que lhe deſſe hum gibaõ, & jaqueta, & hum traveſſeiro, ao qual ſe encoſtou eſtando aſſentado na cama.

6 Vindo o enfermeiro da Miſſa lhe perguntou, porque ſe veſtia? Reſpõdeo: Pera eſtar aſſim mais concertado, pera ir pera Noſſo Senhor; & perguntou, ſe o Padre tinha jâ acabado a Miſſa? Como lhe reſpondeſſem, que ſim; diſſe o doente: ora chamémê o Padre, tragaõ a candea, & o Crucifixo. Meteraõlhe na maõ a candea, que elle tomou, & poz os olhos no Crucifixo. Entrou neſte tempo o Padre Miniſtro, que era o Padre Luis de Perpinhaõ, aquem diſſe o enfermo: Meu Padre, he tempo de ir pera Noſſo Senhor.

7 O Padre imaginando, que naõ era de veras a morte, lhe diſſe: ora vamos pera Noſſo Senhor. Niſto diſſe o Irmaõ tres vezes: JESUS Maria; & acabando a terceira ves, diſſe com alvoroço: Jâ naõ vejo, ſendo aſſim, que tinha ambos os olhos abertos, & claros. Levantou a maõ direita, & ſe começou abenzer dizendo: Pello ſinal da Sãcta Cruz, livranos Senhor de noſſos inimigos. Neſta palavra, depois de fazer a Cruz, encoſtou a maõ ſobre o hõbro eſquerdo, & eſpirou, ſem ter arranco, nem ſinal de morte mais, que faltarlhe a falla, & reſpiraçaõ. Ficou aſſentado, & encoſtado como vivo. Ficaraõ os prezentes aſſombrados por cuidarem, que todas eſtas acçoens eraõ ſomente devaçaõ do enfermo, a quem ficaraõ, & com rezaõ, invejando morte taõ chea de prendas dos bens eternos. Falleceo na caza de Saõ Roque em Lisboa aos vinte, & tres de Junho de mil quinhentos ſetenta, & quatro.

Lisboa 2 de Julho. 1588.

8 O ſegundo foi o Irmaõ *Jeronymo* Gonçalves natural de Montemor o novo no Arcebiſpado de Evora. Em

Evo-

Evora entrou na Companhia aos 24 de Fevereiro de 1587 tendo de idade vinte, & hum annos, & meyo. Veyo noviço a servir na caza de Saõ Roque, onde entificou. Eraõ seus procedimentos de hum Anjo, & porisso muito amado de todos. Dizendolhe se queria ir pera casa de seus pays, respondeo cõ grande impeto de lagrimas, que naõ queria vida fora da Companhia, onde sò viera buscar huma boa morte. Alguns dias antes da vizitaçaõ da Senhora lhe pedio, que o levasse neste dia pera si. Era por extremo devoto da Virgem May.

9 Preparouse com os sacramentos, chegado o dia da Senhora sentio em si huma singular devaçaõ, com a qual passou todo o dia, & parte da noyte atte as onze, & meya. Neste tempo perguntou ao enfermeiro, que horas eraõ? Respondendo, que onze, & meya; disse o doente: JESUS Maria, como eu hei de ficar, virgem May, sem ir no vosso dia? Deme, Irmaõ, a vela aceza, & a imagem do Crucifixo. Deuselhe pera o consolar. Fez hum colloquio mui devoto fallando com o Senhor, entregandolhe seu espirito, a que ajuntou: Neste dia da virgem vossa may, & minha Senhora quero passar desta vida.

10 Disseraõlhe, que se conformasse com a vontade do Senhor, & que descansasse. Tirandolhe o Crucifixo, & a candea, cruzou os braços, cerrou os olhos, & espirou, sem dar outro sinal de seu felice transito mais que a falta do anhelito. Faleceo na casa de Saõ Roque aos dous de Julho de 1588. Assistialhe o Irmaõ Bartholameu Alvres, que deixou escritas estas ditosas mortes em hum manuscrito, que se guarda no Cartorio de Coimbra.

CAPITULO XVI.

Dos Irmaõs Cosme Vas, & Antonio Affonso.

Lisboa 26. de Agosto de 1569.

1 ARdendo Lisboa com a peste do anno de 1569, servindo nella aos feridos, acabou sanctamente o Irmaõ Cosme Vas. Era natural da Cidade do Porto. Entrou na Companhia em o Noviçiado da caza de Saõ Roque aos 20 de Outubro de 1566, tendo dezanove annos de idade. No tempo da peste assistia no Collegio fazendo offi-

officio de porteiro, aonde tratava com grande amor aos pobres. Dis elle em huma carta sua, serem tantos à portaria, que elle naõ fazia mais que ir, & vir a buscar esmolas; & que era mui grande a caridade do Padre Reytor Gaspar Alvres em acodir atodos. Logo, que a peste se declarou mais, passou o Irmaõ Cosme a ser Companheiro dos Padres, que hiaõ pellas freguezias confessar, & prover os enfermos.

2 Nesta caridade era em todos o trabalho excessivo. Os trabalhos (dis este Irmaõ em huma carta sua) que os que neste Collegio estaõ, levaõ, saõ muitos, mas parecense algum tanto, com os que levaõ os nossos carissimos na India, porque certifico, que nunca em minha vida taõ consolado andei, como agora, & o mesmo vejo nos outros Padres, & Irmaõs; naõ se nos diminuindo os trabalhos, mas antes acrecentandose, porque todos os dias imos fora, & às vezes vimos pera caza à huma hora, & às duas depois do meyo dia, ou pera milhor fallar: sempre. Os dias passados sahia eu da segunda meza, & acertaraõ de chamar, pera hum enfermo; & chegava entaõ hum Padre defora, o qual estava, pera lavar as maõs, & ir à meza, o qual logo se offereceo, pera ir, & foi, & eu fui cõ elle. Assim vai cõtinuando com outras cousas, que naquelle tempo succediaõ.

3 Tanto, que no Collegio comessou de aver feridos, fizeraõ enfermeiro ao Irmaõ Cosme Vas, o qual fez este officio com grande caridade, & incansavel zelo, atte que se lhe pegou o mal. Delle dis assim em huma sua carta o veneravel Irmaõ Balthezar Dias: Ontem adoeceo o carissimo Cosme vas, porque andava mui enfraquecido do trabalho, por aver sido enfermeiro des do principio na caza grande dos cazos, onde teve a meu parecer grande coroa de gloria, curando com muita caridade atodos. Era elle enfermeiro geral de todas as enfermarias, porque estavaõ jâ alli os Irmaõs de Saõ Roque, que occupavaõ as classes por riba; & os negros, & moços, que adoeciaõ, estavaõ em baixo; & como digo, andando desta maneira lhe deu a doença mui rija, & com grandes febres. Atte aqui o que dis na sua carta o Irmaõ Balthezar Dias. Outro daquelles sanctos Religiosos fazendo mençaõ desta morte dis: Morreo o Irmaõ Cosme vas, que era o cunhal das enfermarias

de

de Sancto Antaõ. Com esta semelhança explicou, o grande pezo de trabalhos que cahia sobre este Irmaõ, & como seu espirito era sofredor de todos.

4 O Padre Antonio de Monserrate dis assim do Irmaõ Cosme: O Irmaõ Cosme Vas naõ teve lugar, pera nos dar a edificassaõ na morte, que nos tinha dado na vida, & doença, porquanto hum frenesi lhe tirou o juiso, & sentidos; mas da caridade, com que elle curou os doentes, & alegria de seu rosto no trabalho de toda a enfermaria, & ordem, que em tudo tinha, & sancta a fouteza, que Nosso Senhor lhe dava, pera amortalhar, & enterrar, os que morriaõ, ao qual ajudava o Irmaõ Estevaõ Fernandes, avia muito, que contar, mas por brevidade o deixo, fazendo conta, que em Deos veremos: *Quam gloriosus ipse sit in sanctis suis.* Atte aqui o Padre Monserrate. Adoeceo este servo de Deos aos vinte, & hum de Agosto, & falleceo aos vinte, & seis do mesmo no anno de 1569 no Collegio de Sancto Antaõ em Lisboa.

5 *O Irmaõ Antonio Affonso* na mesma occasiaõ, & pella mesma causa acabou seus dias. Naceo no lugar da Alagoa Bispado de Faro. Entrou na Companhia em o Noviciado da caza de Saõ Roque aos 16. de Junho de 1556. Em Sancto Antaõ assistia, quando succedeo a peste grande. Depois, que os nossos comessaraõ a cahir, tinha cuidado dos enfermos com tanta caridade, que senaõ lembrava de se guardar a si.

Em Lisboa aos 2. de Setẽbro de 1569.

6 Foi ferido da peste, onde teve, que sofrer dores estranhas por causa da corrupsaõ. O Padre Monserrate, que foi testimunha de vista contando as mortes de alguns daquelles servos de Deos, chegando a este Irmaõ dis assim: O quarto foi o Irmaõ Antonio Affonso, o qual teve a mais estranha postema, que cuido se vio hâ muitos dias; porque tomava todo o pescosso atte o peito direito. Tinha muitos buracos, & covas penetrantes ao interior. Descobriolhe, & desconjuntoulhe os ossos do peito pello meyo da covinha da garganta; onde vi por experiencia, que temos alli hum nervo mui delicado, que ata hum osso com o outro; o qual quando se quebrou, deraõ os ossos hum estalo, de que o proprio Irmaõ ficou pasmado, sem sentir outra dor alguma. Ficoulhe o hombro direito mais bayxo, que o esquerdo perto de huma maõ travessa; & se vivera,

assim havia de ficar. Comunicoulhe Deos tanta pacien-cia, & sofrimento, que se pode contar como por hum exẽ-plo dos antigos: *Verè transivit per ignem, & aquam, & eduxit eum Dominus in refrigerium.* Assim falla o Padre Monserrate.

7 Em outra carta diz o mesmo Padre: o Irmaõ Anto-nio Affonso naturalmente naõ pode escapar, & parece, q̃ o quer Deos taõ esbrugado, que nem carne quer, que leve pera a cova, nem ainda nervos, porque se desencaixaõ dos ossos, os quais aparecem fora; & elle tẽ tamanho coraçaõ, que diz, que ainda lhe naõ deu a sentir Deos, que ha de morrer: & isto com estar mui prestes, & aparelhado pera isso.

8 O Irmaõ Balthezar Dias refere, o que vio pello mo-do seguinte. Falleceo o Irmaõ Antonio Affonso, o qual por certo ninguem poderà declarar com palavras os grã-des tormentos, que passou na sua infirmidade por huma postema, que lhe naceo no pescosso, & lhe foi lavrando de maneira, que as guelas, os peitos, & ossos delles eu lhos vi algumas vezes, que me achei prezente a suas curas. Era o fedor tamanho, que poucos Surgioens havia, que se atre-vessem a curalo. Os ossos abayxo da garganta eu lhos vi taõ alvos, que parecia terem estado ao sol. Os braços se desconjuntaraõ de maneira, q̃ nem comer por sua maõ po-dia. Assim mesmo por vezes lhe vi cortar pedaços de car-ne podre, que punhaõ espanto, a quem os via. Os gran-des gritos, que dava, quando o curavaõ, me cortavaõ o coraçaõ. Assim purificado o levou Deos a gozar da bem-aventurança aos 2. de Setembro de 1569. Foi sua morte no Collegio de Sancto Antaõ de Lisboa.

CAPITULO XVII.

Coimbra 25. de Outubro de 1604

Vida, & morte do Padre Hieronymo Carvalho.

1 O Padre Hieronymo Carvalho naceo em a Villa de Barcellos no Arcebispado de Braga, seus pays se chamaraõ Gonçalo Mendes Homem, & Constancia Pin-ta. Trouxeo Deos â Companhia com este successo, q̃ elle tinha

tinha por muito particular merce de Deos. Navegando pelo rio Tejo em hum barco com ſeu pay, & outra muita gente, ſe levantou huma grande tormenta, com a qual virandoſe o barco ſe afogaraõ todos, sò Hieronymo ſem ſaber como, nem de que modo ſe achou ſobre a quilha do barco virado; & aſſim eſcapou do naufragio, em que os mais pereceraõ.

2 Movido com taõ ſingular beneficio de Deos, aſſentou conſigo conſagrar a ſeu ſerviço a vida, que delle tinha recebido duas vezes. No perigo ouvio huma voz, que lhe dizia entraſſe na Companhia, pera ſe moſtrar agradecido a Deos. Por tanto no anno de 1565. tendo dezanove de idade pertendeo a Companhia na caſa de S. Roque; & ſẽdo recebido nella, ſe deu taõ deveras a Deos, que da muita applicaçaõ, com que inſiſtia nos exercicios mentais, veyo a adoecer gravemente da cabeça.

3 Depois de acabar o Noviciado, começou a eſtudar latim, do qual ſabia mui pouco: por iſſo era mais de louvar nelle a obſervancia da regra de fallar latim; elle o fallava, qual podia, ſem fazer cazo, de que os outros ſe riſſem dos ſeus erros, & deſacertos. Em tendo o latim ſufficiente, o mandaraõ à Philoſophia, porem com o dezejo, que tinha de ſe dar todo a Deos, pedio aos Superiores, o naõ applicaſſem a eſtes eſtudos; nem elles foraõ difficultoſos, em lhe deſpachar a petiçaõ. Continuou quatorze annos exercitandoſe nas virtudes com taõ bom exemplo, que depois delles o fizeraõ Prefeito de Eſpirito em o Collegio de Coimbra; officio, que teve por vinte, & ſinco annos atte morrer.

4 Foi ſempre muito dado à oraçaõ. Levantavaſe huma hora antes da comunidade, & começando a orar, continuava neſte exercicio por eſpaço de quatro horas, das quais sò tirava hum quarto, pera concertar, & varrer o cubiculo nos dias, que o manda a regra. A poſtura, que teve ſempre nella foi de joelhos com as maõs levantadas, & tal compoſtura exterior, que a cauſava a todos, os que nelle punhaõ os olhos, infundindo juntamente grande devaçaõ. O mais tempo atte o exame gaſtava confeſſando na Igreja; excepto o tempo, em que celebrava o ſacrificio da Miſſa; pera o qual ſe preparava com muitas conſideraçoens pias, que ſe lhe acharaõ eſcritas, como tambem varios

colloquios pera depois de dizer Missa, no qual tempo mostrava devaçaõ mais especial, & maior ternura.

5 De tarde se detinha por largo tempo em oraçaõ diante do Sanctissimo, & nas capellas do Collegio: as horas, que sabiaõ todos gastava cada-dia na oraçaõ, eraõ seis. Resava o officio Divino com tanta pausa, & devaçaõ, q̃ quasi a cada versiculo, fazia hum acto de amor de Deos, como se achou escrito da sua letra. A todas as festas tinha,& nellas mostrava singular devaçaõ, & mais especial à do Nacimento de Christo, pera o qual se aparelhava por todo o Advento,& na vespora jejuava a paõ & agoa. Desde o exame da noyte athe as duas horas depois da meya noyte gastava em oraçaõ, & entaõ he que hia dizer as suas Missas.

6 Nam era menor sua devaçaõ pera com a Senhora; quando fallava de suas virtudes, viase nas palavras,que dizia, & no rosto, que mostrava, o singular affecto, com que a servia: fazialhe muitas visitas nas suas capellas. Por estes, & outros obsequios se cre, lhe fizera grandes favores; deu delles, sem querer, algum indicio, quando exhortando a hum Irmaõ à devaçaõ da Senhora, lhe disse, que ella naõ sò alcançava nesta vida perdaõ das culpas, mas que na outra fazia abreviar as penas do Purgatorio; & sem advertir, acrescentou: *E ella mo disse.* Jejuavalhe todos os sabbados, & vesporas das suas festas tomando nestas disciplina no refeitorio: o mesmo fazia nas vesporas dos Santos, que se assinalaraõ na devaçaõ da Senhora, como S. Domingos, S. Ilefonso, S. Joaõ Damasceno, & outros.

7 O seu trato com Deos foi continuo assim em caza, como por fora: quasi sempre andava fazẽdo actos de amor de Deos; cada cousa, que via, lhe era como de incentivo pera fazer os tais actos: mas porque nas creaturas racionais resplandecia mais o Creador, a cada Padre, ou Irmaõ,que encontrava, se dava por obrigado a fazer sinco actos de amor de Deos. Em hum papelinho tinha escrito, que na mesa faria trinta, & tres jaculatorias; & em outro, que todos os dias se ajoelharia cem vezes, fazendo huma jaculatoria ao Ceo de cada-vez, que ajoelhasse: quando se occupava em alguma obra exterior, sempre o seu pensamento andava embebido em Deos, de quem nunca se apartava.

8 Sendo taõ addicto ao exercicio da sancta contemplaçaõ; naõ se retirava de aproveitar aos proximos: assistindo

tindo muito no confeſſionario, & remediando naõ ſó as neceſſidades eſpirituais, mas acodindo por vezes a muitas pertencentes ao corpo. Avendo peſte em Coimbra, elle foi hum dos noſſos, que ſe offereceraõ pera a ſancta empreza de ſervir aos feridos deſte mal, allegando pera facilitar o deſpacho, o pouco, que fazia, & quam pouco preſtava, & o muito, que tinha offendido a Deos; trazendo muitas couſas conducentes pera cõſeguir a ſua pertençaõ, todas ellas mais fundadas na ſua humildade, & caridade, que em algum outro motivo, que nelle cõcorreſſe: pois a edificaſſaõ, que nos dava a ſua exemplar vida, valia mais, que quaisquer outros preſtimos, dos ſugeitos, que os tem ſem a virtude.

9 Seu zelo de adiantar aos nosſſos Irmaõs na perfeiçaõ foi igual às de mais virtudes: elle os buſcava, pera lhes fallar de Deos; enſinandolhes, como em todas as couſas aviaõ de procurar devaçaõ; & exhortandoos a fallar de Deos nas ſuas recreaçoens. Quando achava alguns neſtas ſanctas praticas, recebia tanto goſto, que ſe lhe via no ſemblante. Outras vezes elle meſmo os hia buſcar aos cubiculos, pera virem fallar de Deos: & lhes dizia: Ah Irmaõs, naõ ſerâ bõ dar hum pouco a Deos, que empregou a vida em noſſas utilidades? Proferia eſtas palavras cõ tais fervores, que a todos abrazava, & o ſeguiaõ pera fallar das couſas do Ceo.

10 Foi grãdemẽte mortificado; nũca moſtrou aquellas payxoens, que taõ filhas ſaõ da natureza, como rir, triſteza, outras deſordenadas. De ira, & colera, nem ainda ſinal algum ſe vio nelle, como nem appetite de hõra; o qual tinha taõ ſogeito, que pedindo huma ves a certo Padre, lhe buſcaſſe hum amo pera hum moço; como o Padre depois de feita diligencia, diſſeſſe, que o naõ achava; acrecentou, eſte moço he meu parente: ſendo, que diſſo naõ avia neceſſidade, & menos ſendo elle da gente hõrada de Barcelos, mas naõ quis perder a occaſiaõ de ſe avilitar. O amor de parentes foi nelle taõ pouco, que vindoo ver hum ſeu Irmaõ, o tempo, que com elle ſe deteve, o gaſtou todo em lhe fallar de Deos ſem lhe perguntar couſa alguma dos particulares, que em tais viſitas ſe coſtumaõ comunicar. Cõtava ao depois iſto o ſecular dizendo, que aquelle Padre naõ parecia ſer ſeu Irmaõ.

11 Na-

11 Nada teve de curioso. Ainda as novas, q̃ eraõ gerais, & mui commuas, elle as naõ sabia; o que se vio, quando fallandose alguma ves nellas, como cousa jâ antiga, elle se achava novo, em que tal cousa ouvesse succedido. Nũca o viraõ à janela do seu cubiculo, que cahia no patio das flores do Collegio: por ser o lugar mais aprazivel, era maior a mortificassaõ que tinha em seus olhos. Muitos advirtiraõ, que pello Natal, em que os presepes se fazem cõ tanto primor nas nossas capellas, nunca vira a variedade de figuras, & passos, cõ que se costumaõ fabricar, põdo todas as suas attençoens na sancta lapinha, em que estava o Menino Deos: & vista ella, dava por visto todo o presepe. Sendo antes de entrar na Companhia destro em cantar, & tanger harpa, se mortificou de tal sorte, que em o Noviciado, senaõ soube, que tivesse tais partes. Nos tempos adiante se retirou sempre de occasioens, onde ouvesse musicas, & qualquer recreaçaõ neste genero.

12 Todos os dias se disciplinava duas, & tres vezes. Nas vesporas das festas da Senhora, & de alguns sanctos, & outros dias de sua devaçaõ, tomava disciplina nas costas em o refeitorio: hia à portaria comer cõ os pobres. Trazia tres cilicios, ainda, que senaõ soube, por quanto tempo cada dia. Mas cõstou, que toda a somana sancta os trazia atte o jantar. Os primeiros tres dias da mesma somana dormia sem lençois, os de mais atte dia de Pascoa, sobre as taboas da barra. Na sesta feira da Payxaõ jejuava a paõ, & agoa, & todas as mais do anno. De ordinario jejuava tambẽ o Advento.

13 Fundavaõse estas virtudes sobre huma profunda humildade; dezejando, & procurando meterse, se pudera, de bayxo dos pés de todos. Alguãs vezes o acharaõ debayxo de huma escada por onde passavaõ os Irmaõs Novissos, pera deste modo passarem porcima delle, & o pizarem. Da humildade he filha muito prezada a sancta Modestia, que neste servo de Deos foi tal, que compunha aos que davaõ com os olhos em os seus. Dezejava cõ todas as veras, que em todos os nossos resplandecesse esta virtude; porisso pedia aos Superiores, fizessem guardar com exacçaõ as Regras da Modestia, que nos deu o Sancto Patriarca, & que assim como animavaõ com premios, aos que compunhaõ bem os seus temas, usassem o mesmo, com os

que fossem mais modestos, & compostos.

14 Na sancta pobreza deu sempre exemplos mui singulares: procurando se lhe desse o peyor de caza. Trazia hum barrete mui velho, & sem forro, nem admittio outro, ainda que se lhe dava. O relicario, que trazia ao pescoço, era, huma veronica de chumbo enfiada em hum cordel. Os vestidos interiores eraõ a mesma pobreza; huns calçoens se lhe acharaõ com noventa remendos, delles muitos huns sobre outros, & todos lançados pella sua maõ, feitos da quelles pedacinhos de pano, que por inuteis, lançavaõ fora os alfayates de caza. Acompanhava estes pontos com muitas, & fervorosas jaculatorias ao Ceo. Nos sapatos eraõ tantos os remendos, que pareciaõ feitos de pedaços, nem queria admittir outros. Porque levandoos ao Irmaõ, pera que lhos concertasse, este vendo quam incapazes estavaõ de servir, o naõ quis fazer; sentiose muito, & pera cõseguir delle esta graça, se valeo de outro Irmaõ, pera que lha pedisse. Como por esta via se dobrasse o Irmaõ official, & lhos trouxesse reparados, o estimou, quanto senaõ pode dizer em poucas palavras: pera ter maõ nelles, os hia segurando com preguinhos de ferro, destes tinhaõ doze, ou treze os sapatos, que trazia, quando morreo.

15 Huns sapatos novos, que se lhe deraõ, os acharaõ depois de sua morte, atados ao banco da barra pella parte de bayxo, donde se naõ podiaõ ver, nunca quis usar delles. Os papeis, em que escrevia suas devaçoens, eraõ costas de cartas. A pena, com que escrevia, era taõ antiga, q̃ estava jâ o aparo junto ao miolo; porque estava quebrada, a tinha atada com hum pauzinho de cada banda, pera que estando por este modo teza, lhe pudesse ainda servir. Em hum papelito, em que apontou alguãs faltas pera se confessar, se lhe acharaõ estas: Que avia hum anno, que naõ renovava a licença, que tinha pera usar de certos trapos velhos pera suas enfermidades: item que se accusaria de reter por alguns dias no cubiculo huns retalhinhos de pano, que lhe sobejaraõ, dos com que se remendara. Taõ miudo fiaõ os verdadeiros amantes da sancta pobreza, que nestas pouquidades nos descobrem sem o pertender, os muitos de sua virtude. Taõbem naõ queria licenças gerais, pedindoas, quando lhe eraõ necessarias costumava dizer,

que

que assim se exercitava melhor a obediencia, & sogeiçaõ religiosa.

16 Com tantos actos de virtude, de quantos saõ indicio estes poucos, que ficaõ especificados, se tinha preparado pera a morte o Padre Hieronymo Carvalho, aqual lhe veyo por meyo de humas febres, com que andou quatro, ou sinco dias, sem as descobrir aos Medicos, continuando nos seus costumados rigores. Neste tempo vindo pera o repouzo, se chegou a elle hum Irmaõ, aquem disse, que estava taõ fraco, que se naõ achava com forças, pera fallar: despedindose do Irmaõ, se foi pôr de joelhos diante do Sanctissimo com as maõs levantadas, assim esteve todo o tempo do repouzo.

17 Crecendo as febres, se metteo nas maõs do Medico, que logo disse, se encaminhavaõ à morte; pera aqual avisaraõ ao enfermo: nada se alterou com a nova dizendo sò esta palavra: *Aqui estou*. Ouve muitos indicios, de que Deos lhe descobrira este dia; pera o qual, avia muitos annos, se preparava, alem de que elle sempre cuidava, que cada dia era o ultimo de sua vida. Em papeis da sua letra se achou escritto: Naõ te faltaõ mais, que quinze annos de vida: & em outro dizia: es de sincoenta, de vida jâ naõ tens mais que dez annos; assim foi, que morreo aos 60 annos, & pouco antes de acabar o disse com palavras mais claras. Depois de morto ficou seu rosto mui alegre, & aprazivel. No enterro foraõ muitas as lagrimas dos Padres, & Irmaõs, saudosos de lhe faltarem taõ singulares exemplos, como lhe dava este servo de Deos.

18 Delle faz mençaõ o Padre Nadasi no seu Annus dierum aos 24 de Outubro no anno de 1604 aonde refere, como estando triste o Padre Hieronymo com o medo das penas do Purgatorio, lhe apparecera a Senhora,& lhe dissera, que ella naõ só era advogada dos tristes nesta vida, mas tambem no Purgatorio. O Autor do Agiologio Lusitano o tras aos 13 de Fevereyro de 1604. E o manuscrito donde tirei, o que delle escrevi, dis que morreo aos vinte, & nove de Outubro, porem o livro dos obitos o tem aos vinte, & sinco. Tambem o nosso Padre Eusebio no quarto tomo dos seus varoẽs illustres tras hum breve resumo da vida deste Sancto Padre; dizendo naõ pudera aver delle mais noticias; que aquellas poucas, encontrara em hum Autor de outra Religiaõ, que alega.

CAPITULO XVIII.

Vida do Padre Joaõ Alvres

Evorà 10 de Março de 1623

1 DO Padre Joaõ Alvres hâ nesta Provincia de Portugal huma fama taõ avultada na materia de prudencia Religiosa, que a penas averâ quem o iguale: por esta razaõ naõ podemos deyxar de nos sentir das poucas noticias, que de suas virtudes, & dictames sanctos nos deyxaraõ os antigos, os quais se ficassem escritos, podiaõ servir como de methodo muy ajustado a todos, os que a Companhia occupa nos seus governos, com grande utilidade da mesma Companhia, & proveito assim de particulares, como de Superiores.

2 Naceo o Padre Joaõ Alvres na villa de Parada no Bispado de Miranda, Provincia de Tralosmontes. Tendo quatorze annos de idade naõ completos entrou na Companhia em o Noviciado da caza de saõ Roque aos oito de Julho de 1562. Era filho de huma Irmaã do veneravel Padre Gaspar Alvres, que sendo Reytor do Collegio de Sancto Antaõ, morreo servindo aos empestados. Procedeo assim em o Noviçiado, como nos seguintes años com muyta religiaõ, sem as poucas forças serem causa de afroxar na observancia. Quando deu fim aos estudos de Theologia, se achava taõ debilitado de forças, que os Superiores entendendo, naõ estava, pera o occuparem em cousas de muyto trabalho, o mandaraõ pera a Residencia do Canal, que he huma das fazendas do Collegio de Coimbra, pera, que tivesse cuidado della, & pudesse cobrar algumas forças.

3 Alli esteve como enterrado este grande thesouro muytos annos, atte que o Padre Sebastiaõ de Moraès, que depois morreo Bispo de Iapaõ, sendo Provincial, sondando com sua muita prudencia, quanto cabedal de prestimos tinha Deos depositado no Padre Joaõ Alvres, & que a sua capacidade demandava maiores cousas, que o retiro, & governo de huma quinta, o apontou, & propos a nosso Reverendo Padre pera Reytor do Collegio do Porto; a que foi promovido.

4 Deu neste seu primeiro governo tantas mostras, do que era, que ellas senaõ podiaõ desejar maiores: entre outras cousas, que fez de utilidade do Collegio foi, metterlhe dentro agoa perene; as difficuldades, que nisso venceo sô se podem entender, vendose com os olhos os lugares por onde elle a trouxe. Em huma palavra, foi tal a satisfaçaõ, que delle teve a Companhia, & conceito, que se cobrou da sua capacidade; que se julgou, que todos os governos da Companhia, & ainda outros maiores, naõ chegavaõ a encher a sua grande esphera, & que pera todos tinha espaços muy amplos, & dilatados.

5 Depois promovido a Provincial, neste officio tinha gastado anno, & meyo, avendo congregassaõ geral, & indo a Roma por causa do seu officio, foi eleito Assistente do Padre Geral Claudio Aquaviva, o qual conhecendo a grãde prudencia, que avia no Padre Joaõ Alvres pera o bem da Religiaõ, fez sempre muito cazo do seu conselho. Naõ he explicavel o conceito, que geralmente se tinha em Roma da sua capacidade, na comprehensaõ dos negocios, no bom termo em os propor, na efficacia em persuadir. O ditto comum do Summo Pontifice, Cardeais, & Monsenhores, & mais, que o conheciaõ, era, que o Assistẽte de Portugal era homem grande, & de grande cabessa, por tal o estimavaõ todos, como elle o merecia.

6 Na reconciliaçaõ del-Rey de França Henrique quarto com a Igreja, teve tanta parte, pello muito, que cabia com o nosso Cardeal Toledo, que fez todo o negocio, tanto ao gosto del-Rey, que lhe agradeceo muito o servisso, que em cousa taõ grande lhe fizera, naõ sò por cartas honorificas, que lhe mandou escrever, mas tambem por obra nas honras, que lhe fez; quando o Padre vindo de Roma pera Portugal depois de acabar a sua Assistencia, passou pella Corte de Paris, el-Rey lhe fez particular honra, & cortezia, assim no fallar com elle, como na hospedagẽ, que lhe mandou fazer; tudo com tanta benevolencia, como quem se reconhecia obrigado ao Padre Joaõ Alvres.

7 Dezejava elle algum retiro, em que sò vivesse a si os annos, que lhe restavaõ. Pera isso chegando a Portugal, nem de caminho quis ir a Lisboa, como quem temia ser por algum respeito obrigado, a ficar na Corte: foi fazer o

ter-

termo da ſua jornada em a Reſidencia de Saõ Fins na Provincia do Minho, & fim do Reyno; onde determinava paſſar em retirado ſocego os annos, que Deos lhe deſſe ainda de vida, ſem ſe occupar mais, que na oraçaõ, & bem eſpiritual de ſua alma. Sentiaſe moleſtado de tantos negocios, & de tratar tanto das almas alheas, que lhe parecia, naõ o deyxarem attender ao bem da propria com o cuidado particular, que pede materia da mayor ſuppoſiçaõ, que tem os homens.

8 Pera deſpertar mais a ſua devaçaõ, fez alli huma hermida muy devota de Noſſa Senhora de Loreto, eſta era o ſeu ordinario refugio, nella paſſava muito tempo em oraçaõ, ou quaſi todo elle ſe lhe hia neſte ſancto exercicio diante da Virgem May. Jâ o Padre Joaõ Alvres ſe dava de todo por livre de governos, naõ cuidando mais, que em ſi, perſuadindoſe, que da quelle retiro ſó ſe apartaria pera a ſepultura. Porem ſuccedeo-lhe muito ao cõtrario, porq̃ o Padre Geral julgando era rezaõ attender mais ao bem comum, que ao ſoccego particular do Padre Joaõ Alvres, o mandou hir pera Lisboa, & ſer Prepoſito da caza profeſſa de Saõ Roque. Cõcorreo neſte ſeu governo a beatificaçaõ de noſſo Padre Sancto Ignacio. Deu ordem, a que ſe fizeſſe cõ a maior ſolẽnidade, que foſſe poſſivel aos da Cõpanhia: celebrouſe cõ tanto apparato, & grandeza, que encheo de alegria, & admiraçaõ a todos, os que a viraõ.

9 Parece, que o Padre Joaõ Alvres naceo sò pera governar, pois quanto mais dezejava deſviarſe deſtas lidas, tanto mais a obediencia o metia nella. O triennio de Prepoſito de Saõ Roque naõ eſtava ainda no fim; quando o Reverendo Padre Geral lhe mandou patente, pera ſer Viſitador deſta Provincia, cargo, que exercitou cõ a ſatisfaçaõ, que os demais: todos os ſeus cuidados applicou em promover â obſervancia, pera iſſo tomou hum exceſſivo trabalho, ordenando huma viſita cõ muitas advertencias neceſſarias, todas eſtaõ cheas de prudencia ſancta, & foraõ utiliſſimas pera os fins, a que elle as dirigio.

10 Por morte do Reverendo Padre Geral Claudio Aquaviva, foi neſta Provincia eleito pera ir a Roma o Padre Joaõ Alvres, aſſiſtio na Cõgregaſſaõ, em que ſahio Prepoſito Geral o Reverendo Padre Mucio Viteleſchi; teve o Padre Joaõ Alvres muitos votos, pera ſer Geral, &

naõ esteve disso muy lõge. Nesta occasiaõ disse o Arcebispo de Evora Dom Jozeph de Mello, que fora Agente de Portugal na Curia Romana, que se o Padre Joaõ Alvres cõtinuara em Roma na Assistencia, seria sem duvida eleito Geral, pella extraordinaria satisfaçaõ, que tinha dado no seu governo, & grande expectaçaõ, que avia de terem na sua maõ muitos augmentos as cousas da Cõpanhia.

11 Depois, que voltou de Roma, naõ tardou muito, que o naõ fizessem Reytor dos Collegios, & Universidade de Evora, pello dezejarem muito por seu Superior os Religiosos da quelle Real Collegio. Causou-lhe o governo grande pena, & molestia, assim pella muita idade, como pella doença, que lhe durou muito tempo, della veyo finalmente a morrer em Evora aos 10 de Março de 1623, tendo de idade 75 annos, & 61 de Cõpanhia. Esta he a breve noticia, que no seu Memorial da caza de Saõ Roque nos deyxou o Padre Manoel da Veyga: della, & do grande nome, que ainda dura entre nos do Padre Joaõ Alvres, se deyxa bem conjecturar, que esta sua grande prudencia, & Superior talento pera tratar, & effeituar cousas de grãde serviço de Deos, & bem da Companhia era acompanhada com singulares virtudes, de que sempre a Companhia fez mais cazo, do que de quaisquer doens naturais, se estes se achaõ em algum sogeito sem virtude; porque entaõ os avalia, & trata como cousas de pouca estimaçaõ. Quando morreo jâ tinha acabado o Reytorado, era Prefeito dos Irmaõs do Recolhimento. No sancturario da Igreja do Collegio de Coimbra temos huma Cruz de cristal cõ varias Cruzes do Sancto Lenho, & hum espinho da Coroa do Senhor, aqual lhe deu el-Rey de França, & o Padre a applicou a este Collegio. Della faz mẽsaõ o Agiologio Luzitano aos tres de Mayo.

CAPITULO XIX.

Vida do Irmaõ Bartholameu Lourenço Coadjutor temporal.

Evora 15. de Agosto de 1629.

1 O Irmaõ Bartholameu Lourenço floreceo em singulares virtudes, & o pouco, que dellas acho escrito, he bom sinal, de que teve muitas, & mui aventajadas.

Foi

Foi este ditoso Irmaõ natural da comarca de Tralosmontes Arcebispado de Braga, naõ acho, que lugar fosse a sua patria, entrou na Cõpanhia na caza de Saõ Roque aos 2 de Janeiro de 1576; Tinha de idade vinte, & tres annos quãdo se consagrou ao serviço de Deos.

2 Viveo na Companhia sincoenta, & quatro annos, em todos elles deu exemplos de bom Religioso. Na humildade virtude taõ propria dos Irmaõs do seu estado, procurou sempre assinalarse. A todos respeitava, como se lhe fossem Superiores, especialmente aos Sacerdotes, & destes aquelles, em quem reconhecia mais virtude. Tinhase por minimo de todos, & indignissimo de todo o bem, que se lhe fazia.

3 Ardia seu coraçaõ no fogo da caridade, naõ deixava passar occaziaõ, em que a naõ exercitasse, particularmente com os enfermos assim de caza, como de fora. Por muitos annos, que servio em Evora de secretario da Universidade, hia todos os dias ao hospital dos Estudantes, de que tinha cuidado; acompanhando os Medicos, & servindo aos pobres estudantes em suas necessidades. Com os nossos podemos dizer, que primeiro deixou a vida, que exercitar a caridade. Visitavaos muitas vezes, levavelhes ramos frescos, & outras cousas, que os pudessem aliviar. Poucos dias antes de morrer, indo visitar dous enfermos, que estavaõ na mesma enfermaria, disse que elle queria pedir a Deos morrer por hum delles; foi cousa notavel, que hum dos dous, estando ambos mui doentes, se achou logo bem, & outro dentro de poucos tempos morreo, depois de fallecer o Irmaõ Bartholameu Lourenço.

4 Na oraçaõ, & trato cõ Deos foi sempre mui apontado, & fervoroso, tendo mais oraçaõ da ordinaria. Hum Religioso fidedigno disse, lhe parecia, que todos os dias tinha sete horas de oraçaõ; & outro, que o via, no dia ajoelhar diante do Sanctissimo, & mais altares tantas vezes, que se podia piamente cuidar, o fazia por imitar a Saõ Bartholameu, que se ajoelhava cem vezes no dia, & noyte. Ainda quando jâ era velho estava horas inteiras de joelhos na Igreja com admiraçaõ de todos.

5 Dizendolhe hum Padre grave: que era velho, & q̃ naõ continuasse tanto tempo de joelhos, respondeo: Padre isto naõ he todos os dias, senaõ os de sueto, & de quinta

da alma, porque assim como os mais tem seu dia dequinta, & de sueto pera o corpo, assim me parece cõvem, dar eu cada somana hum dia de quinta â minha alma, & assim como lâ lhe acrecentaõ as iguarias ao corpo; assim, pede a rezaõ, acrecentemos tambem as da alma.

6 Contou hum Padre, que fora Vice-Reytor do Collegio da Purificassaõ, aonde o Irmaõ hia muitas vezes pagar dinheiro,& fazer contas por rezaõ de ser Secretario da Universidade, por quem entaõ corria fazer as pagas pera os gastos do Collegio. Faltando hum dia o Secretario do Collegio, diante de quem se aviaõ de fazer as contas, esperou o Irmaõ, que viesse: entretanto entrou na capella do Collegio, & tomou huma larga, & aspera disciplina. Dizendolhe o Padre Vice-Reytor: Irmaõ Bartholameu Lourenço, atte câ nos vem edificar, & cõfundir? Respondeo, naõ se admire Vossa Reverencia, que hoje he dia de quinta, & este he o antipasto, que eu dou à minha alma, nos dias, que lhe dou de quinta.

7 Tendo este mesmo Padre assentado com o Irmaõ, que hum dia pela menhãa aviaõ de fazer certas contas sobre as pagas do Collegio, vendo que elle naõ hia ao Collegio, pera as fazerem, se foi o Padre ao cubiculo do Irmaõ: achou-o de joelhos chorando com papel,tinta,& penna diante de si; perguntou, porque causa naõ fora aquella menhãa, como tinhaõ assentado? Respondeo, Padre, estando pera ir, me veyo ao pensamento, quam solicito andava, pera fazer estas contas, & quam esquecido, das que avia de dar a Deos; & quam poucas vezes tomava tempo, pera ver,quanto lhe devia pellas muitas merces,que me tem feito, & quam mal tinha correspondido a Deos por tantos favores. Envergonhado de mim, tomei esta menhãa, pera fazer primeiro contas com Deos, & choro porque vejo, quanto lhe estou devendo, & quam impossibilitado me sinto, pera lhe pagar, como dezejo.

8 Fallandolhe hum dia seu confessor em huma visaõ, que se dizia, tivera, elle com as lagrimas nos olhos, & como indignado, se sahio pella porta fora, dizendo: Eu visaõ, Padre; eu hum taõ grande peccador avia de ter visaõ? Costumava este servo de Deos, quando jâ velho, por naõ ouvir bem, irse meter nas escadas do pulpito, pera ouvir melhor a prégaçaõ; nos dias de pratica, pella mesma re-

zaõ

zaõ ſe punha ao pé da cadeira: moſtrando ſempre grandes dezejos de ouvir a palavra de Deos, em que ſentia goſto particular.

9 Muitas vezes foi viſto, indo comungar no meyo da ſomana, pôr ſinco, ou ſeis formulas ao Padre, pera lhas cõſagrar. Cuidavaſe, fazer iſto, pera conſervar por mais tẽpo dentro de ſi as eſpecies Sacramentais, & ao Senhor, que debaixo dellas ſe occulta. Era taõ grande a confiança, que todos tinhaõ em ſuas oraçoens, que em algum ſe vendo affligido, hia ter com elle, pera que o encomendaſſe a Deos, & com iſto ſe achava outro. Em particular certo Irmaõ contou de ſi, que todas as vezes, que havia de fazer algum acto publico, pedia a eſte ſervo de Deos, ſe lembraſſe delle em ſuas oraçoens, pera que tiveſſe bom ſucceſſo: que dãdolhe o ſim, hia taõ confiado, como ſe o ſucceſſo igual a ſeus dezejos eſtiveſſe ja ſeguro.

10 Avizando-o por algumas vezes o enfermeiro, que havia de comungar no dia ſeguinte, ſe alvoroçava tanto com a nova, que por mais cedo, o enfermeiro ſe levantava ao outro dia, ja elle eſtava levantado. Dormindo fechado, pera que naõ ſahiſſe pellos corredores por cauſa da velhice, muitas vezes ſe levantava de madrugada, & batia tãto na porta athe, que lhe acodiaõ; perguntandoſelhe, o que queria, reſpondia, que ja eraõ horas de ter oraçaõ, & hir ouvir Miſſa; porque sò nas couſas de Deos cuidava.

11 Contou hum Irmaõ, que andando mal dos olhos, ſe foi ao bom velho diſſimuladamente, pediolhe, lhe aſſopraſſe nos olhos; aſſim o fez, & logo ſe achou notavelmẽte melhorado do ſeu achaque. Deſte Irmaõ ſe diz, que acompanhou ao Padre Doutor Leaõ Henriques, ſobrinho do outro Padre Leaõ Henriques, que fora Confeſſor do Cardeal Rey, quando appareceo a hum cidadaõ Eborenſe, que deſeſperado ſe hia pera Caſtella, & junto a Elvas, apparecendolhe o Padre com o Irmaõ, o tirou do ſeu Prepoſito, & fez vir a Evora, a ſe confeſſar com elle. Eſte ſucceſſo conſtou de certo, & que os dous na tal hora, que appareceraõ junto a Elvas, eſtavaõ em o Collegio de Evora.

12 Era homem de muito ſofrimento. Huma noite lhe deu o ar ſendo ja muy velho, levantouſe, foiſe ter com o enfermeiro, & com grande paz lhe diſſe: Cariſſimo, agora me deu o ar, façame caridade, de me chamar o Confeſſor,

pera

pera me ouvir de confissaõ, antes que a falla se me chegue a tolher de todo. Quando por sua muita idade fazia alguma cousa, que parecia ser falta de juizo, & por isso era necessario avizalo; respondia: se faço mal, peçaõ a Deos, que me leve, que eu tambem lho peço muitas vezes, & escusarei de enfadar tanto com minhas importunidades.

13 Naõ perdia occasiaõ de se mortificar. Todos os dias de peixe, hia à cozinha, a ajudar no trabalho, aos que o escamavaõ; & no inverno, quando os outros naõ podiaõ sofrer as maõs na agoa fria, elle as mettia de melhor vontade, por mais se mortificar.

14 Todo o tempo, que lhe sobejava da sua occupaçaõ, gastava em ajudar nos officios baixos, ora na cozinha, ora no refeitorio, ora na roupparia; achando-o nesta remẽdando huns escarpins velhos certo Padre em hum dia frio do inverno, lhe disse: melhor era agora Irmaõ Bartholameu, hir ao refeitorio, que faria mais exercicio, & aqueceria. Respõdeo: Si Padre, mas como hei de guardar aquella regra, que diz, que em todas as cousas busquemos nossa maior mortificaçaõ. Ninguem o vio ja mais hir à quinta, retirandose das recreaçoens do corpo, nesses dias dava recreaçaõ especial a sua alma, com mais exercicios de oraçaõ, penitencia, & mortificaçaõ.

15 Naõ Comendo na mesa, o que se dava algumas vezes por falta dos dentes, naõ consentia lhe pedissem outra cousa, & se à força lha traziaõ, a naõ tocava. Comessava sempre a comer a porçaõ na mesa pello peyor bocado, q̃ nella via. Nimguem o vio em algum tempo ocioso. Tinha dito aos porteiros, que quando o naõ achassem no cubiculo, o buscassem na Igreja em certo lugar, aonde tinha oraçaõ; & que naõ estando alli o achariaõ ajudando aos Irmaõs nas officinas mais baixas, & humildes.

16 Dous, ou tres annos antes de morrer, se apparelhou mui deveras, examinando toda a sua vida, & occupaçoens comunicando tudo a seu Confessor, pondo em lembrança as cousas, que estavaõ pendentes. Tudo fez com tal exacçaõ, que dandose por satisfeito, disse, que ja estava apparelhado, pera morrer, & dar de si conta ao Supremo Juis.

17 Finalmente lhe sobreveyo a ultima infermidade, na qual deu muitos exemplos de virtude. Grandemente o molestou hum carregado sono, eraõ necessarias vexassoens,

soens, pera o despertar; algumas vezes sahia acodindo por si a natureza, dizendo ao Irmaõ, que o espertava, que o deixasse, & o naõ quizesse matar: respondendolhe, que era ordem do Padre Reytor, logo se aquietava, dizendo sò esta palavra: embora.

18 Na ultima somana pediò com grande efficacia à Senhora, de quem era devotissimo, lhe alcançasse de seu filho, que o levasse pera si no dia de sua Assumpsaõ. Nesta petiçaõ sentio singular effeito, parecendolhe, que a Senhora lha despachara; & assim disse por vezes, que esperava morrer no dia da Assumpsaõ.

19 Aos treze de Agosto lhe deu huma cezão, que o apertou com excesso. Aos quatorze pella menhãa se levãtou, & vestio, dizendo, que se queria confessar, pera receber o Senhor na hora da morte. Acodiraõ os enfermeiros, & fazendo-o meter na cama, lhe chamaraõ seu confessor, que era o Padre Doutor Estevão de Couto; confessouse, & recebeo o Santissimo Viatico: depois lhe sobreveyo a cezaõ, no principio della foi ungido. Durou o restante daquelle dia; a noite athe as tres horas do dia seguinte, q̃ era o da Assumpsaõ da Senhora: então se ajuntou toda a comunidade, estandolhe rezando as ladainhas, entregou a Deos seu espirito no dia, que muito dezejara, quinze de Agosto de 1629. pellas quatro, & meya da tarde, tendo de Companhia 54. annos pouco mais, ou menos.

CAPITULO XX.

Do Padre Fernaõ Coutinho, & Irmaõ Gaspar da Fonseca Noviço estudante.

Em Evora aos 8. de Dezembro de 1588.

1 O Padre Fernaõ Coutinho foi natural da Cidade de Lisboa. Entrou na Companhia em o Noviciado da casa de Saõ Roque, aos doze de Dezembro de 1563. tendo 16. annos de idade. Pello discurso dos annos padeceo graves achaques, & enfermidades, que sofreo cõ grãde paciencia. Foi homem de ingenho, & habilidade rara. Por esta causa vendo o Padre Doutor Luis de Molina, que os achaques naõ deraõ lugar, a se aproveitarem suas pren-

das disse: que mortificara Deos a Provincia de Portugal cegando tão rara habilidade: porque hum dos achaques deste Padre foi a falta da vista.

2 De ordinario dormia tirando sò a roupeta, & metendose entre os cobertores. Todo o anno passava comẽdo sò hum pedaço de carne assada, que guizada de outra sorte a naõ sofriaõ os seus achaques. Fruta naõ a tocava. Como era falto de vista tropeçava muitas vezes com as colunas, & cunhais, estes golpes levava com singular paciencia. Naõ satisfeito de sofrer as penalidades dos achaques, buscava outras invençoens de se affligir. Taazia huma camiza de saco, ou estopa grossa, & porque se não soubesse, o colarinho, era pello modo ordinario do uso dos demais Religiosos da Companhia.

3 Das virtudes, as que mais nelle realçaraõ, foraõ a Sancta obediencia, devaçaõ à Senhora, & ao Sanctissimo Sacramento. Fez escrever em hum cartapacio suas devaçoens, o dia, mes, & anno, em que entrara na Companhia, o em que dissera Missa nova, & fizera profissão, & disse por rematte: *Ingrediar sæcula æterna*: replicou, quem escrevia, que dissesse o tempo, em que isto se havia de cumprir: respondeolhe; que naõ fosse curioso, que o não quizesse saber. Depois o fez escrever a outro, apontando, quando havia de ser.

4 Estando ja desconfiado dos Medicos, dizendoselhe, que morria; respondeo: *Nihil mihi gratius, nihil jucundius, ac suavius nunciari poterat.* Que pera elle naõ havia cousa de mais gosto: & voltandose pera hũ Crucifixo lhe pedio ajuda pera aquelle tranze com as palavras do Sancto Rey David: *Tibi derelictus est pauper, & orphano tu eris adjutor.* Tinha antes ditto, dezejava muito falecer em dia dedicado à Virgẽ Senhora, cõpriolhe a Senhora dezejos taõ sanctos, porq̃ morreo entre as onze, & doze da menhãa dia da Conceyçaõ do anno de 1588. no Collegio de Evora. Quando o levavaõ a enterrar, a gente de fóra, que o conhecia por fama, apontando pera o corpo, dizia: Aquelle he o sancto, aquelle he o sancto. Pedio por sua devaçaõ o sepultassem na mesma cova, em que havia annos, fora enterrado o Padre Manoel Alvres autor da Arte da Gramatica, de cuja virtude, & com rezaõ tinha elle grandissimo conceyto.

5 O

5 O *Irmaõ Gaſpar da Fonſeca* Noviſſo de grande virtude morreo neſte meſmo eſtado taõ ſantamente como refere o Padre Nadaſi no ſeu *Annus dierum* ao primeyro de Marſo; aonde diz, que morrera Noviſſo em Evora, & que delle falla o Padre Saquino na hiſtoria geral da Cõpanhia, donde recolheo eſſe pouco, que delle eſcreve. Porem o certo he, que morreo em Lisboa na caſa de Saõ Roque, foi natural de Eſtremós no Arcebiſpado de Evora.. entrou na Companhia em o Noviciado da caſa de Saõ Roque aos 19. de Junho de 1560.

6 O Irmaõ Fonſeca ſendo de pouca idade, & contando poucos mezes de Noviſſo, deu de ſi hum exemplo de virtude muy crecida. Apontoulhe huma grande poſtema em hum dos lados; viſta pellos Medicos, & Surgioens lha mandaraõ raſgar: foi neceſſario daremlhe por vezes lancetadas: paſmavaõ os Medicos do generoſo ſofrimento, com que annos taõ tenros ſofriaõ golpes taõ crueis; entre elles, nas agudiſſimas dores, que o penetravaõ, sò lhe vinhaõ à boca as feridas de Chriſto, & as dores, que por ſeu amor padecera; com a memoria deſtas temperava a dor das ſuas, que era muy vehemente.

7 Perguntandoſelhe como eſtava, ſempre reſpondia: *Eſtou bem graças & louvores a Deos.* Como lhe ſobrevieſſe grande faſtio, diſſe hum Padre, que quando lhe deſſem de comer, o chamaſſem, pera o obrigar a tomar algũa ſubſtancia. Em chegando eſte tempo, pedia o Irmaõ, que lhe chamaſſem aquelle padre, pera que obrigado a levar algũ alimento, tiveſſe occaſiaõ de ſe vencer, & mortificar. Sentindo exceſſivo tedio ao mantimento por mais bem preparado, que lhe vieſſe; ſe lhe diziaõ, que a obediencia ordenava, que o tomaſſe; moſtrava ter delle tanto dezejo, como ſe ſentiſſe grande fome; aſſim lidava, quanto podia por cũprir com a vontade da ſancta obediencia: ſinal evidente do muyto, que neſta virtude ſe tinha adiãtado naquelles poucos mezes de Religiaõ. Quando lhe diſſeraõ, que os Medicos tinhaõ deſconfiado de ſua vida, & diziaõ, que humanamente naõ eſcaparia, foi tal o goſto, que teve, & as moſtras, que delle lhe viraõ os circunſtantes, que naõ ſei o pudeſſe ter mayor, ſe lhe deſſem a nova, de que eſtava fora de todo o perigo: por tanto muy conforme com a vontade de Deos, lhe meteo nas maõs ſeu ditoſo eſpirito pera

gozar de ſua viſta na gloria. Aos 19. de Setẽbro de 1560. foi ſua morte na caſa de S. Roque.

CAPITULO XXI.

Vida do Padre Nuno Rodrigues.

Em Goa ao 1. de Marſo de 1604.

1 O Padre Nuno Rodrigues naceo na Cidade de Evora, por ſe chamar antes Nuno Rodrigues de Beja, que era ſobrenome de ſeu pay, o fizeraõ alguns natural da Cidade de Beja, equivocados com o ſobrenome. Seus pays ſe chamaraõ Joaõ Affonſo de Beja, & Lucrecia Froes. Entrou na Companhia em o Noviciado da caza de S. Roque aos ſete de Janeiro de 1560. Paſſou à India no anno de mil quinhentos ſetenta, & quatro com o Padre Alexãdre Valignano, eraõ os Miſſionarios da Companhia por todos neſta occaſiaõ trinta, & nove.

2 Antes de ſer da Companhia, ſervia no paço del-Rey. Neſte tempo era taõ devoto, & amigo de Deos, que todos os dias ouvia muitas Miſſas, & tinha muitas horas de oraçaõ. Sendo depois Religioſo frequentou grandemente eſte Sancto exercicio; como quer, que alguem o notaſſe de tanta oraçaõ, por ter a ſeu cuidado muitos outros negocios, a que era neceſſario dar expediçaõ, reſpondeo: Que mais oraçaõ tinha ſendo ſecular, do que ſendo Religioſo. Era antes de Religioſo taõ affeiçoado à mortificaçaõ, que aos pratos mais bem adubados, & guizados os coſtumava deſtemperar com agua, logo que o pagem, depois de lhos por na meza, ſe retirava. Quando pella rua paſſava algum acompanhamento luſtroſo, apartavaſe da janela, por mortificar ſeus olhos.

3 De ſeu Noviciado foi tido por ſancto, naõ sò dos noſſos, que viaõ ſuas virtudes, mas tambem da gente de fora, que delle tinha noticia. Seu zelo de ſalvar almas o levou à India, aonde mais avultaraõ ſuas virtudes, nas muitas occupaçoens, que teve de governar aos noſſos.

4 A ſegunda vez, que o quizeraõ fazer Reytor do Collegio de Saõ Paulo de Goa, ſe foi ter com hum Conſultor da provincia; deulhe meudamẽte conta de ſuas faltas,

tas, como se fora Noviço, sò a fim de o persuadir, que tal homem naõ era, pera ser Superior dos outros. Quando o fizeraõ Provincial, poz todas as diligencias, por se livrar desta honra, protestou, que naõ era pera tal occupaçaõ: mas nada lhe valeo, porque se entendia, que por isso mesmo era mais digno do tal cargo.

5 Quando ouve de acabar, estando ja em Cochim o Padre Manoel da Veyga, que lhe havia de Succeder no cargo, o Padre seu companheiro entendendo o gosto, que nisso lhe dava, lhe pedio alviçaras de ter ja successor; & o Padre Nuno Rodrigues lhas deu mui boas em testimunho do gosto, que com a nova lhe dera. Nunca depois de sahir dos governos, lhe ouviraõ dizer, sendo eu Provincial, ou Reytor se fez isto, ou aquillo; fogindo de qualquer palavra, que pudesse soar em honra sua. Sahindo das tais occupaçoens se havia de modo, como se nunca as tivera, nem fora Prelado.

6 De Parentes, sendo que eraõ mui honrados, viveo sempre esquecido, nunca os nossos Religiosos lhos ouviraõ tomar na boca. Em quarenta, & tres annos, que viveo na Companhia, sempre em suas acçoens guardou huma igualdade, que muito se venera nos homens sanctos. Por mais occasioens, que lhe dessem, se lhe naõ ouvio huma palavra mais alta, que outra, nem que tivesse genero algum de agastamento.

7 Era Reytor do Collegio de Goa, quando penitenciou em publico as faltas de hum subdito distrahido: tomou elle com a penitencia tanto fogo, que se foi desabafar com o seu Reytor, dizendo quanto lhe ditou a sua colera, & a sua malicia, porque como depois confessou, o fazia com dezejo, de que por isso o despedissem da Companhia, fallou, & disse athe se esgotar. Quando ja naõ tinha, que dizer, o Reytor com huma paz inaudita, respondeo: Carissimo, doulhe hum conselho, & peçolhe muito, que o guarde, & he, que nunca lhe aconteça, dizer a algum Superior, o que me disse a mim, mas faça conta, que o que passou aqui comigo, fica enterrado, & ninguem o saberà.

8 Esta reposta toda nacida de humas entranhas todas de caridade penetrou em tal forma ao subdito, que se lhe lançou emcontinente aos pès, pediolhe perdaõ com muitas lagrimas, & mudando seus desemcaminhados pensa-

mentos perſeverou athe a morte na Companhia.

9 Guardava exactamente o conſelho, que o Summo Pontifice Paulo terceiro na bulla do noſſo Inſtituto dà aos Superiores da Companhia, onde os amoeſta, imitem no governo a manſidaõ de Chriſto noſſo Senhor; & as palavras, com que eſtâ eſcrito eſte aviſo ſancto, trazia o Padre Nuno Rodrigues eſcritas em hum papelinho por reziſto do ſeu Breviario.

10 Quando o notavaõ de brando, & ainda puſillanime com alguns ſubditos, cujos defeitos requeriaõ no caſtigo mais aſpereza, reſpondia com as palavras de Saõ Joaõ Chryſoſtomo, eſcrevendo ſobre Saõ Matteus: *Si erramus, modicam pœnitentiam imponẽtes, nonne melius eſt propter miſericordiam dare rationem, quam propter crudelitatem ſuccũbere pœnitentem?* Viaſe nelle hum amor ſincero, & verdadeiramente de pay: delle ſe ſeguia deſcobriremlhe os ſubditos as conciencias com facilidade, porque ſabiaõ o ſingular dom, que tinha, pera conſolar a todos os deſgoſtoſos, & affligidos.

11 Era mui devoto, & dado às couſas eſpirituais. O tempo todo lhe parecia pouco, pera o gaſtar em oraçaõ. Depois de dizer Miſſa, ſe detinha em dar as graças mais de huma hora, reſumbrando no roſto hum ſancto abrazamento, & como reſplandor do fogo, em que ſua bemdita alma ſe a teava.

12 Sempre ſeguio a comunidade, nem conſentio, ſe uſaſſe com elle particularidade alguma, ainda que ouveſſe cauſa mui ajuſtada, pera neſte rigor naõ ſer eſtranhada a diſpenſaſſaõ. Na obediencia o ſeu entendimento era hũa couſa como Superior: ſe alguma vez teve opiniaõ contraria, foi em quanto naõ ſoube, qual foſſe, a de que eſtava o ſeu Superior, que em tendo della noticia, & mudar a ſua era o meſmo.

13 No tempo, que era Provincial, havia tambem Viſitador: nunca fez caſo da extençaõ da ſua juriſdiçaõ, antes, quanto podia, a eſtreitava. Depois de acabar os governos aſſim ſe portava diante dos Superiores, como ſe foſſe hum Noviſſo, metiaſſe debayxo dos pés de todos.

14 Dous mezes antes de morrer fallando com o Padre Franciſco da Cunha lhe declarou o muito, que ſentia ſer Reytor do Collegio de Saõ Paulo, & acabou com eſ-

tas

tas palavras: Ora em fim isto pouco ha de durar: eu acabarei, & vossa Reverencia serâ Reytor de Saõ Paulo. Assim aconteceo, & por modo, que se vio ser o ditto mais que acazo.

15 Depois de sua morte chegando de fora o Padre Provincial, chamou a sua consulta, & apontou alguns Padres, que podiaõ ser Reytores do Collegio, ordenandoa os Padres consultassem diante de Deos, qual daquelles, o faria melhor. Passados alguns dias, os tornou a chamar, & todos votaraõ no Padre Francisco da Cunha, que residia em Salsete, sendo que naõ fora dos apontados pello Padre Provincial.

16 Nos ultimos dias de Dezembro, estando na quinta de Sancta Anna, escrevendo a nosso Reverẽdo Padre Geral, mandou em hum escrito dizer ao Secretario da provincia: que esperava em Deos, & assim o tinha por certo, que aquella seria a ultima vez, que escreveria a Roma.

17 Foi com elle fallar hum Fidalgo sobre certo negocio, & perguntandolhe, quando voltaria pella reposta, respondeo o Padre: vossa merce, naõ me ha de achar aqui. Assim foi, porque dentro de dous dias falleceo de tres accidentes mortais, que na mesma noyte lhe repetiraõ. Acodiraõ a fazerlhe as exequias muitos Religiosos, & particularmente os de Saõ Domingos com Cruz alçada, & tambẽ assistio com alguns Conegos o Arcebispo Dom Aleyxo de Menezes, o qual disse estas palavras: *Levou Deos nosso Senhor pera si dous varoens, pellos quais sustentava a India.* Entendendo por elles ao Padre Nuno Rodrigues, & a hũ Religioso Capucho, que pouco antes tinha fallecido.

18 Foi seu corpo metido na mesma sepultura, em que estiveraõ os Padres Antonio de Quadros, & Ruy Vicente, Provinciais, que tinhaõ sido, & homens de muita virtude, na capella môr da Igreja de Saõ Paulo da parte do Evangelho. Foi o Padre Nuno Rodrigues duas vezes Reytor do Collegio de Saõ Paulo, a primeira por sete annos, a segunda por sinco. No anno de mil quinhentos, & oitenta, & tres, foi eleyto Procurador a Roma, & com elle foraõ os Embayxadores de Japaõ.

19 Por algum tempo foi companheiro do Padre Vizitador Nicolao Pimenta. Governou a provincia da India sinco annos. Foi proposto pello Padre Visitador Alexandre

dre Valignano pera Bispo de Japaõ. Naõ foi esta propos- ta admittida, porque se queria homem letrado, qual o re- queria taõ difficultosa Prelasia. No demais a prudencia, & virtude do Padre Nuno Rodrigues muito maiores cou- sas merecia. A vida deste Padre recolhi de huma Relaçaõ da provincia de Goa escripta pello nosso Padre Francisco de Sousa; excepto os nomes dos pays, dia, & anno de sua entrada na Companhia, que essa noticia he dos Catalogos antigos dos Noviços da caza de Saõ Roque. Falleceo em Goa no primeiro de Março de 1604. Teve este Padre hu- ma Irmãa chamada Dona Luiza Froes insigne bemfeitora do nosso Collegio de Sancto Antaõ, desta Senhora foi a propriedade de Caniços, com que se prefes o dote daquel- le Real, & grandioso Collegio.

CAPITULO XXII.

Vida do Padre João Bautista Machado Martyr no Japaõ, co- mo entrou na Companhia, passou a Japaõ, & alli tra- balhou, & ficou escondido no desterro dos Padres.

1 O Padre Joaõ Bautista Machado, ou Tavora, q̃ com hum, & outro sobrenome tomado da sua familia o acho nomeado pera distinçaõ de outros nossos Padres tã- bem Martyres, q̃ tiveraõ o mesmo nome, teve por patria a Cidade de Angra na Ilha Terceira. Seus pays que eraõ nobres, & ricos, se chamaraõ Christovaõ Nunes, & Ma- ria Cotta. Tendo seis, ou sete annos de idade, ouvindo fal- lar das cousas de Japaõ, costumava dizer aos da sua idade, que elle havia de hir à quella terra, & nella havia de ser Martyr. O tempo mostrou, que Deos fallava entaõ por sua boca, & que aquellas palavras eraõ hum tacito vatici- nio da sua boa fortuna.

2 O modo por onde veyo à Companhia foi especial. Como era morgado, & nobre, tratouse de tomar estado cõ huma senhora de igual nobreza, com a qual tambem per- tendia cazar outro mancebo nobre da sua idade, & seu a- migo, o qual vendo, que Joaõ Bautista lhe seria preferido, fallando com elle, lhe meteo pratica da pouquidade das cousas

cousas caducas, & por fim lhe veyo a dizer, que ambos como amigos, que eraõ, deixando suas cazas, & esperanças se viessem a Portugal, & entrassem na Companhia. Contentoulhe o conselho, em effeito vieraõ, tomando outro pretexto, de pertender hum habito de Christo na Corte, ou de estudar em Coimbra. O amigo de Joaõ Bautista, que tudo fazia com engano, tanto que o vio na Companhia, se voltou à Ilha, & continuou na sua pertençaõ, que como naõ tinha o oppositor, de que se temia, facilmente pode cõseguir. Tais saõ os modos, porq̃ Deos muitas vezes chama a seu servisso aquelles, aquem quer fazer grandes merces, como fez a este ditoso Padre.

3 Passou pois a Portugal, quando ja tinha dezaseis annos, pertendendo pois Joaõ Bautista em Coimbra ser da Companhia, em effeito foi admittido, & entrou aos dez de Abril de mil quinhentos noventa, & sete. No Dezembro do mesmo anno dia da Expectaçaõ da Senhora se fez a dedicaçaõ do Noviciado em Lisboa na caza de Campolide, pera se lhe dar principio foraõ de Coimbra, & Evora alguns Irmaõs Novissos, entre os que foraõ de Coimbra era hum o Irmaõ Joaõ Bautista.

4 Alli passou o restante do seu Noviciado, & fez os votos de estudante. Logo foi mandado a Coimbra pera estudar. Chamando-o Deos pera as Missoens da India, pertendeo, alcançou esta empreza no anno de mil seiscentos, & hum. Eraõ por todos, quinze, os da Companhia, que no tal anno fizeraõ esta viagem. Estudou Philosophia em Goa. Tendo grandes ansias de hir a Iapaõ, onde sua boa fortuna o chamava, passou a Macao na China. Nesta Cidade acabou os estudos da sancta Theologia.

5 No anno de mil seiscentos, & nove entrou em Japaõ. Aprendeo a lingua da terra no Collegio de Arima. Depois foi mandado à Cidade do Miaco, que he a principal de Iapaõ: aonde teve por companheiro ao nosso Padre Pedro Morejon de naçaõ Castelhano, que lhe escreveo a vida, o qual diz, que fora muitos annos seu companheiro, & fora boa testemunha de sua rara virtude, fervor, & zelo, com que ajudou aos Christaõs de Fuximi Cidade, & fortaleza principal do Emperador, quando hia ao Camí; & q̃ por ser nos principios da perseguiçaõ, padecera nella naõ pequenos trabalhos, & incommodidades com singular animo, & alegria.

6 No anno de mil seiscentos, & quatorze foraõ todos os Padres, que andavaõ em Japaõ, desterrados pera a Cidade de Nangazaqui, que toda era de Christaõs, & aonde era o principal cõmercio dos Portuguezes. Dezejou o Padre Ioaõ Bautista ficar escondido nas partes do Miaco, pera ajudar aos Christaõs. Porem como era muito conhecido, foi obrigado, a hir tambem pera Nangazaqui. No tempo, que todos esperavaõ em Nangazaqui tempo, pera se embarcar, & sahir de Iapaõ, conforme o decreto do Emperador, o Padre Ioaõ Bautista andou disfarçado discorrẽdo por algũs Reynos animãdo, & consolãdo aos Christaõs.

7 No mez de Outubro do dito anno, quando os Padres eraõ obrigados, a se embarcar, dezejou o Padre Bautista ficar escondido. Porem como dezejassem o mesmo muytos dos nossos mais antigos, que elle, aquem isto se havia de conceder em primeiro lugar, ao principio naõ foi ouvido pellos Superiores. Tratou de negocear com Deos. Fez muitas penitencias, disse muitas Missas; & Deos nosso Senhor poz o cumprase a seus dezejos, como quem por este caminho, o queria coroar com o martyrio.

8 Succedeo neste tempo, que os Christaõs de huma confraria pediraõ com instancia hum Padre: ainda que elles queriaõ outro, foilhes concedido de repente, dous dias antes da partida dos Missionarios desterrados, o Padre Joaõ Bautista, que naõ cabia em si de prazer, por lhe cahir em casa, o que elle tanto pedia a Deos.

9 Tomaraõno os Christaõs à sua cõta, pera o encobrirem. Vendo o Padre, que partidos os Missionarios, se fariaõ grandes diligencias em Nangazaqui, pera prẽder, aos que ficavaõ occultos, se retirou com hum Irmaõ pera as Ilhas de Conzura, & Oyano, onde ajudou aos Christaõs. Sabendo, que a perseguiçaõ ardia no estados de Arima, passou a Ximavara, em que os Ministros de Saxuma faziaõ grandes pesquisas, & muito estrago nos Christaõs. Meteosse em huma casa, em que esteve ouvindo de confissaõ, a quantos alli vinhaõ. Porem crecendo grandemente a perseguiçaõ, se foraõ os Christaõs, deixadas suas casas, viver nos montes, por naõ se expor a perigo de perder a fé.

10 O Padre se tornou a embarcar, & foi a Cochinozu, onde o Governador Safioye estava actualmente atormentando aos Christaõs. Dezejou muito o Padre saltar em terra,

ra, pera os animar, & ser seu cõpanheiro na coroa do Martyrio. Naõ o permittiraõ os Christaõs, que governavaõ a embarcaçaõ, dando por rezaõ, que isto seria irritar mais o tirano, & causa de se fazerem mais exactas pesquizas, em ordem a prender os Padres. Pera melhor o enganar, disseraõ, naõ ser bom aquelle lugar, pera saltar em terra, & dãdo a entender, que se mudavaõ a outro lugar mais a proposito, se afastaraõ da praya.

11 Vendo o Padre frustrados seus dezejos, pedio, que o levassem a Nangazaqui, onde esperava, que brevemente teria occasiaõ de ser martyr, porque os Ministros da perseguiçaõ, feita sua crueldade em Arima, haviaõ de hir a Nãgazaqui: deraõ logo à vela pera esta Cidade. Era a embarcaçaõ pequena, os ventos contrarios, os mares grossos, por isso esteve a perigo de se afundir. Forcejando contra todas estas difficuldades, entrou em Nangazaqui. Nesta Cidade por causa de outros divertimentos, naõ ouve athe entaõ as crueldades, que padeceraõ os Christaõs de Arima.

12 Comtudo teve o Padre grandissimo trabalho nos dous, ou tres annos antes de ser prezo, por cuja causa duas, ou tres vezes esteve doente. Estavaõ a seu cargo algũs bairros da Cidade, de dia, & de noyte naõ parava acodindo a todos. Dalli sahia pella comarca, & a algũs lugares do estado de Omura, & ilhas de Goto. Em todas estas partes padeceo muito, sendolhe necessario viver algumas vezes nos montes, & dizer Missa em alguma ramada, por escapar das maõs dos perseguidores.

13 Porque estas cousas, & o modo de sua prizaõ corraõ com mais clareza, he de saber, que des-do principio desta perseguiçaõ os Emperadores Dayfuzama, & Xogum seu filho puzeraõ o seu empenho, em que naõ ficasse no Japaõ hũ sò Padre, imaginando, que faltando os Mestres, a propagaçaõ da fé naõ hiria adiante, & os Christaõs facilmente tornariaõ a tras. Naõ quizeraõ fazer outro mal aos prégadores Evangelicos mais que desterralos, por senaõ arriscarem a perder o commercio com os Portuguezes de Macao, & Castelhanos de Philippinas, dizendo ser toda a culpa dos naturais da terra, por deixarem seus Deoses, & Senhores della, por permittirem a propagaçaõ da fé. Tãbem tinhaõ sua sospeita, de que esta ansia de fazer Christaõs,

taõs,naõ foſſe como pretexto,pera ſer cõquiſtado o Japaõ, como os malditos hereges Olandezes lhes diziaõ.

14 Por iſſo as principais crueldades eraõ contra os naturais. Com a Cidade de Nangazaqui, por ſer toda de Chriſtaõs, & eſcala do dito cõmercio,foraõ sẽpre diſſimulando, contentandoſe, que naõ ouveſſe nelle Padres, nem templos, nem exercicio publico de Religiaõ Chriſtãa. Porem alguns naõ uſavaõ deſta diſſimulaçaõ, como pedia o tempo; poriſſo correo fama, que havia Padres eſcondidos. Acrecentouſe, terem vindo alguns Religioſos de Philippinas no anno de ſeiscentos, & dezaſeis, de que o Xogũ mais ſe enfureceo. Logo em Setembro fez novos decretos contra os Chriſtaõs, reſervando a peſquiza dos Padres pera o veram do anno ſeguinte.

15 Tudo executou neſta forma. No anno de ſeiscẽtos, & dezaſete foraõ todos os grandes de Japaõ à Corte de Yendo vizitar com ſeus prezentes ao Xogum, conforme he eſtilo dos Iapoens,& darlhe o parabem do Imperio, em que ſuccedera a ſeu pay. Entre outras couſas ſe ordenou a Omuradono, por ſer o Senhor mais vizinho a Nangazaqui, ſob pena de perder os ſeus eſtados, que fizeſſe exacta peſquiſa pellos Padres, & a todos os deſterraſſe pera fóra de Iapaõ. Depois em ſegredo ſe lhe mandou, que pois naõ baſtara a diſſimulaçaõ, que com elles ſe tivera, q̃ os mataſſe a todos; & que logo ſe partiſſe a dar à execuçaõ a vontade do Emperador.

16 Eſta ordem ſe ſoube pouco depois em Nangazaqui, excepto o ſegredo, de que os mataſſe, que eſte guardou Omuradono conſigo. Os Regedores da Cidade eraõ Chriſtaõs, fizeraõ conſulta, do que no cazo deviaõ obrar. Havia em Iapaõ trinta, & quatro Religioſos da Companhia repartidos por diverſos Reynos. Da Ordem de Saõ Franciſco ſinco, da de Saõ Domingos ſinco,ou ſeis, de Sãcto Agoſtinho hum, & ſinco Clerigos Iapoens, os quais todos eſtavaõ em Nangazaqui.

17 Pediraõlhe os Regedores, que deſſem algũas moſtras, de que todos ſahiaõ de Iapaõ, & ſe hiaõ em os navios, pera deſte modo illudir os gentios, & alliviar a Cidade. Aſſim ſe fez. Apenas eſta diligencia fora feita, quando entrou na Cidade hum tio de Omuradono com outra gente de ſua caſa. Logo com grande diſſimulaçaõ, & cõ muitas

eſpias,

eſpias, começaraõ a buſcar os Padres. Hũas das eſpias diziaõ, que ſe queriaõ confeſſar, outras, q̃ queriaõ hũ Padre pera hum moribundo, outras, que traziaõ dinheiro pera Miſſas. Eſtavaõ os Chriſtaõs tam bem prevenidos, q̃ athe os meninos, de quem as eſpias ſe procuravaõ aproveitar, reſpondiaõ taõ a propoſito, que não puderaõ deſcobrir ſinais de algum Padre.

18 Em quanto eſta peſquiſa durou, ſe perſuadiaõ todos, correr grande perigo os Padres, que eſtavaõ na Cidade, & que eſtavaõ ſeguros, os que andavam fora; porẽ foi pello contrario; porque vendo, que a nenhum deſcobriam na Cidade, mandaraõ muitas eſpias por diverſas partes, & eſtas prenderão em primeiro lugar ao Padre Frey Pedro da Aſſumpſaõ da ordem de São Franciſco, o qual ſendo levado a Omura mandou o tirano, que foſſe prezo em hum carcere do lugar chamado Cori, diſtante huma legoa de Omura.

CAPITULO XXIII.

Como o Padre foi prezo, & devaçaõ, com que ſe ouve no carcere.

1 O Padre Joaõ Bautiſta neſta meſma occaſiaõ, ſahio de Nãgazaqui. Tinha elle a ſeu cuidado os Chriſtaõs da ribeira do mar de Omura, & as ilhas de Goto. O Superior o mandou vizitar eſtes Chriſtaõs; depois de vizitar alguns lugares, pertendeo paſſar às ilhas de Goto. Por ter ventos contrarios, arribou a Firando, onde ouvio algumas confiſſoens de importancia, havendoſe com grandes cautelas aſſim por ſer o Governador gentio, como por eſtarem no porto Olandezes taõ inimigos dos Chriſtaõs, como os meſmos gentios.

2 Alli teve cartas dos Chriſtaõs de Nangazaqui, que o avizavaõ das muitas eſpias, & lhe diziaõ, que ou ſe voltaſſe à Cidade, ou ſe retiraſſe pera as partes do Cami, em quanto paſſava aquella tormenta, porque de outra ſorte naõ poderia eſcapar; por quanto jâ os inimigos ſabiaõ, que elle hia a Goto. Encomendandoſe a Deos, reſpondeo, que agrade-

agradecia o avizo, & conſelho, mas que avia de continuar ſua viagem, por eſtar certo, que ſe foſſe prezo, teria duas coroas, huma da obediencia, que o mandara, outra do martyrio, que padeceria por Chriſto.

3 Como o Padre hia confeſſando aos Chriſtaõs dos lugares, por onde paſſava, foi aos gentios couſa facil, darlhe no raſto. A vinte, & hum de Abril chegou a Goto: no dia ſeguinte eſtando confeſſando em hum lugar chamado Canoco, de repente entrou na caza hum moço. Entendeo o Padre ſer eſpia: nas ſuas coſtas entraraõ os miniſtros da juſtiſſa de Omura, a tempo, que eſtava abſolvendo a hum Chriſtaõ. Acabada a abſolviçaõ, ſe levantou, & mui alegre os ſahio a receber. Elles lhe declararaõ a ordem, que traziaõ de ſeu Senhor, & do Xogum, pera ſer prezo.

4 Deulhes o Padre as graças por nova taõ alegre, dizendo, que ſó o dezejo de taõ boa fortuna o trouxera a Japaõ, & fizera com ſeus ſuperiores, que alli o permittiſſem ficar eſcondido. Por tanto, que dava muitas graças a Deos, & lhe pedia, que a elles, & a ſeu ſenhor abriſſe os olhos, & perdoaſſe o ſeu peccado.

5 Por terem ventos contrarios, ſe detiveraõ alli athe os vinte, & ſinco do meſmo mes de Abril. Permittiraõlhe os ſoldados, que diſſeſſe Miſſa, & ſe deſpediſſe dos Chriſtaõs, os quais concorreraõ em grande numero. De dia, & de noyte naõ fez outra couſa mais, que confeſſalos, & deſpedirſe delles com grandes lagrimas. Em huma pratica lhes diſſe, que ſendo menino de ſeis, ou ſete annos, ouvindo fallar das couſas de Japaõ, avia ſentido em ſi tantos impulſos de vir à quella terra, que ſó por iſſo entrara na Companhia, & aſſim, que ſe tinha por muito ditoſo, por lhe ter Deos comprido ſeus dezejos. A o deſpedirſe, & embarcarſe, todos dezejavaõ, irſe com elle.

6 Logo, que entrou em o navio, pedio aos ſoldados, que o ataſſem, em ſinal de que hia prezo por Chriſto. Elles o naõ quizeraõ fazer, & ſempre o trataraõ com reſpeito, & cortezia, dizendo, que lhes pezava, de o levar prezo, porem, que ſe o naõ fizeſſem aſſim, punhaõ emperigo ſuas vidas. Referiolhes o Padre o aviſo, que tivera antes, & q̃ naõ quizera tomar outro caminho, porque dezejava morrer, & ſer prezo entre ſuas ovelhas, & comprir com a obediencia de ſeus Superiores, a qual alegria naõ ſeria cabal,

ſe

ſe em outra parte fora prezo, que aſſim eſperava, ſe lhe dobraſſe a coroa.

7 Tanto, que chegaraõ ao primeiro lugar de Omura, deſpediraõ a todos os Chriſtaõs, & marinheiros, que athe alli o hiaõ acompanhando, por aſſim terem ordem de ſeu ſenhor. Só conſentiraõ, que foſſe com elle hum moço Japaõ chamado Leaõ, que ſe tinha criado em o noſſo ſeminario, o qual fez grandiſſimas inſtancias, pera que o deixaſſem ir em companhia de ſeu Meſtre. O Padre rogou ao Capitaõ, que pera guardar a ordem, que tinha de andar ſempre acompanhado, permittiſſe, que Leaõ foſſe com elle, & o alcançou.

8 Aos vinte, & nove de Abril chegaraõ a Omura jâ de noyte com guardas, & Luzes acezas o levaraõ ao carcere de Cori, aonde eſtava prezo o bemdito Frey Pedro, da Ordem de Saõ Franciſco, o qual ouvindo tanto tropel de ſoldados, & fachas acezas, imaginando, que o vinhaõ matar, ſe poz em oraçaõ. Depois vendo, o que era, naõ cabia em ſi de prazer, por Deos o conſolar com tal companheiro. Lançouſe aos pés do Padre, & lhos queria beijar, porem o Padre Joaõ Bautiſta tal couſa naõ conſentio.

9 Abraçaraõſe com muitas lagrimas de goſto, & devaçaõ. Pediraõ ao Capitaõ, & ſoldados, lhes deixaſſem ficar alli no carcere a Leaõ companheiro do Padre Bautiſta, que pedia o meſmo. Naõ vieraõ niſto ſem licença dos Governadores: por aquella noyte ficou Leaõ fora do carcere, mas no dia ſeguinte dando os Governadores licença, entrou, & aſſiſtio nelle; o que foi hum como principio, & pronoſtico do martyrio, com que o Senhor apremiou ſeu fervor.

10 Notouſe muito ſer a prizaõ, & morte deſtes ditozos Padres no lugar de Cori: Deos o tinha ſignificado cõ hum notavel prodigio. Foi couſa maravilhoſa, que pouco antes deſta perſeguiçaõ, & no diſcurſo della ſe acharaõ algumas Cruzes na medulla, ou no meyo dos troncos das arvores, as quais foraõ pronoſtico, como enſinou a experiencia, dos Martyrios, que depois ſuccederaõ nos tais lugares.

11 Alem de outras cruzes ſe achou huma deſtas cruzes em huma arvore chamada Sabu, que he como Louro.

Ti-

Tinha como dous palmos de largo, era de cor vermelha, assentada sobre huma base quadrada. Dos braços sahia hũ a modo de arco, que a coroava. Ouve sobre esta Cruz, & forma della varios discursos. O Padre Joaõ Bautista em huma carta sua dizia, significar, que elle, por ser a Cruz em lugar do seu destricto, & outros Padres coroados o aviaõ de ser com o Louro do martyrio. As suas palavras saõ: *Pareceme, que a Cruz, que apareceo em Xiquimi foi pera nos outros. Athe agora apareceraõ cruzes ordinarias, sem outro algum ornato, & bem ham mostrado as cruzes, & perseguiçoens, que haõ padecido os pobres Christaõs; porem a que apareceo em Xiquimi, foi coroada, pera significar, que naõ só os Christaõs, mas os coroados haõ de ser prezos, & confio no Senhor, que mortos pella mesma fê, & causa.* Athe aqui suas palavras.

12 Junto a este lugar de Cori se achou outra Cruz a modo de alfange, & parece significava, averia alli martyrios, nos quais se cortassem cabessas, como em effeito succedeo.

13 Tornando aos ditosos Martyres, era o carcere estreito, escuro, & muito humido, no qual tiveraõ bem, q̃ padecer, em quanto se fez avizo à Corte de Yendo, pera saber a vontade do Xogum; porque o Governador de Omura, ainda, que tinha ordem, como fica dito, os naõ quis matar, esperando, que o Emperador lhes perdoaria as vidas.

14 Tinhaõ quinze soldados de guarda, dos quais hum só por nome Damiaõ era Christaõ, este com grande devaçaõ, & amor os servia, & sempre lhes assistio. O comer era hum pouco de arroz cozido em agoa. Naõ permittiaõ, que os Christaõs lhes levassem cousa alguma, nem fallassem com elles. Só quando Damiaõ por seu turno vigiava, podiaõ alguns entrar, & confessarse. Gastavaõ os servos de Deos o tempo em oraçaõ, & praticas sanctas, gozando entre os seus trabalhos de grande paz, & alegria.

15 Dalli escreveo o Padre Joaõ Bautista algumas cartas, das quais lançarei aqui algumas, que naõ saõ dilatadas, & dizem melhor, que as minhas palavras, o seu fervor, alegria, & o muito, que naquelles apertos por causa de seus achaques padeceo. Em huma de tres de Mayo escrita a seu Superior a Nangazaqui diz assim: *Hoje faz doze dias,*

que

que me prenderaõ, dou muitas graças a Noſſo Senhor, pois me tem dado huma quietaçaõ taõ grande, que naõ hâ couſa, que mais dezeje, que o eſtado, em que eſtou prezo por amor de Deos. Dou muitas graças a ſua divina Mageſtade, que da hora, em que me prenderaõ, me naõ lembra, ſenaõ verme em huma Cruz, ou debaixo da catana. Bemdito ſeja o Senhor, que aſſim conſola àquelles, que por ſeu amor padecem, ainda, que pouco.

16 *Nunca entendi a efficacia das palavras da Eſcritura, & a força eſpiritual, que daõ, ſenaõ depois de me ver neſte eſtado. E aſſim toda a força do Imperio do Mundo, me parece menor, que a do minimo bicho da terra. Bem entendo, que niſto naõ entro nada, tudo he de Noſſo Senhor, & por elle, & com elle hei de pelejar athe o fim, & aſſim me pezarâ naõ poder, ter occaſiaõ de padecer muito por ſeu amor.*

17 *Averâ quarenta dias me trata muito mal huma dor, & por eſte lugar ſer hum ſapal, me tem carregado tanto, que nem de dia, nem de noyte tenho repouzo algum. Tenho a grãde merce de Deos Noſſo Senhor, pois jâ, que me naõ dâ tormẽtos, receberei eſtes, que ſe chegam muito aos da morte, de ſua divina maõ; porque jâ, que nem o carcere, nem alguma outra couſa me dâ pena, por ſua divina bondade, ſenaõ meus peccados, rezaõ he, que padeça alguma couſa, pois he tempo, & lugar de alcançar algum merecimento.* Athe aqui a carta de tres de Mayo.

18 Em outra de dezaſete do meſmo mez tem aſſim: *Dos trabalhos do aperto, em que voſſas Reverencias eſtaõ, me peza, mas Noſſo Senhor, que aſſim o ordena, tem os intentos, que nos naõ alcançamos; com tudo elle ordena, pois a cauſa he ſua, elle diſporâ as couſas de modo, que aquillo, que for melhor aſſim pera noſſas almas, como pera a Chriſtandade, ſe faça. Pello que, eſtou muito contente com minha ſorte, & lhe dou muitas graças por ſe lembrar de mim, dandome por ſua divina bondade hum animo, que todos os trabalhos, & tormẽtos do mundo parecem poucos, & ſenaõ fora couſa ſua, naõ me atrevera ao eſcrever.*

19 *E aſſim nunca vi taõ claramente o pouco, pera que preſto, & muito, que podemos ajudados de Noſſo Senhor, como agora; naõ deſempara o bom JESU, aquem ſe lhe entrega; cumpre à riſca as promeſſas, que tem feito. Jâ mais alguem o chamou, que o naõ achaſſe. Naõ ſe aparta dos ſeus*

nas prizoens, na tribulaçaõ nos acompanha, & por isso chama á divina ley jugo, que levaõ dous: naõ quer, que padeçamos sôs, & ainda, que às vezes seja pezado à natureza, levala, he muy suave, pois temos tam bom companheiro, que sempre toma o mais pezado, acomodandose tanto à nossa fraqueza, que naõ permitte, que sejamos atribulados, sobre aquillo, que podemos.

20 *Pello que lhe dou muitas graças pellas merces, que me tem feito, & taõ conforme a sua divina vontade, que se for servido em outra prizaõ mais apertada, que esta, estarei athe o dia do juizo, porque sei, que se elle assim o ordenar, darâ o necessario pera taõ comprida viagem. E se hoje for servido, q̃ lhe demos a vida, que per a o servir nos tem dado, pera sempre lhe darei muitas graças, estando certo, que de qualquer maneira, ainda, que indigno peccador nos naõ desempara; & assim digo com o Profeta,* Et factus est dominus refugium pauperi, adjutor in tribulatione. *Tomemos por refugio a Christo JESU Nosso Senhor, aquelles, que por seu amor deixãdo as cousas deste mundo, nos fazemos pobres, & por fiel ajudador na tribulaçaõ, acodindo sempre:* Pro tempore opportuno, *como fidelissimo amigo.*

21 Assim fallava nesta carta. Alli depois de quinze dias, ouve licença pera dizer Missa. Desta merce de Deos diz em outra carta: *O Governador, que nos tem a seu cargo, me hâ feito por via de seu pay Miguel algumas caridades, & a principal foi, que pedindolhe por via de seu pay, nos desse licença, pera dizer Missa, mandou dizer pellos guardas, que nos deixassem fazer tudo, o que tocava ao officio, & obrigaçaõ de Padres, mas com cautela, que ninguem entre dentro; & assim hoje dia do Espirito Sancto dissemos a primeira Missa, & com o favor divino iremos continuando.*

22 *Athe nisto nos quis o Senhor consolar, seja elle bemdito. Por nenhum cazo querem, que fallemos com pessoa alguma, & sobre isto fazem grandes extremos. Mas de quando em quando hà seus furtos, & assim às escondidas confessei alguns, & hoje bautizei hum menino, & meu companheiro outro. Espero em o Senhor, que jà, que o demonio por seus ministros nos faz tanta guerra, tambem em quanto temos vida, lha avemos de fazer em todas as occasioẽs, que se offerecerem.*

23 Assim como isto escrevia, o poz por obra, pedindo emprestados os ornamentos, que lhe aviaõ tomado; levantou

vantou altar no carcere, que seria em quadro como dezoito palmos, & disserão Missa athe segunda feira depois do domingo da Trindade, em que derão por Christo suas vidas. Por industria do guarda Damião, enganando aos mais, alguns Christãos se puderão confessar, & ouvir Missa com grandissima consolação sua, & dos Padres: athe alguns dos guardas depois a vierão a ouvir.

CAPITULO XXIV.

De como foi martyrizado, & mais cousas, que nisto passarão.

1 CHegou o dia vinte, & dous de Mayo. Avendo ditto Missa antes da menhãa, disse o Padre Frey Pedro ao Padre João Bautista: *Meu Padre da minha alma, a Missa, que acabei agora de dizer, serà a ultima de minha vida.* Respondeo o Padre Bautista: *Seja o Senhor bemdito, que o mesmo sentimento avia tido estes dias em minha alma, & lho queria dizer, pera darmos graças a sua divina Magestade.*

2 Viose logo, o effeito desta divina revelação, porque no mesmo dia veyo ao carcere o Governador Tomonanga Lino com as novas do martyrio. Chamou a Leão, & sem dizer nada, entrou com elle dentro no carcere, esteve conversando com os Padres, sem se atrever, a dar o avizo, que trazia. Tornouse a sahir cheyo de tristeza, & disse a Leão, como avia chegado da Corte a final sentença, & que naquelle dia avião de morrer, mas que era tal o seu sentimento, que não tinha animo, pera lho declarar.

3 Tornou logo a entrar dentro, & se deteve só fallãdo com os padres por espaço de meya hora, não se soube, o que passou nesta pratica mais, que o que depois contou Tomonanga. O Padre Frey Pedro disse, q̃ em todas suas Missas, & oraçoens avia muito tempo, que não pedia a Deos outra merce, senão esta. O Padre João Bautista disse: Que tres dias forão os de maior alegria, que tivera em sua vida: Hum quando foi recebido na Companhia, outro, quando foi prezo em Goto, & o terceiro este, em que lhe derão tão boa nova.

4 Eu venho, disse Lino, com grande dor minha, a darlhe a vossas Reverencias a triste nova, de que hoje haõ de ser mortos, por prégarem o Evangelho, & vossas Reverẽcias se mostraõ alegres? Digame, senhor, disse entaõ o Padre Joaõ Bautista: se o Emperador lhe dera hum grande estado, & de muita renda, teria sentimento, ou alegria? Claro he, que tudo seria alegria, pois muito maior ha de ser a nossa, porque estamos certos, que o Senhor por meyo desta morte nos hâ de dar o Reyno eterno, que com tantos trabalhos, & ansias procuramos aver. Isto viemos buscar a Iapaõ, isto nos fez padecer tanto; & por ver nossa felicidade taõ perto de nos nos alegramos, & nos parece ver em vossa merce hum Anjo do Ceo.

5 Maravilhandose Lino desta reposta, disse: Por ventura, Padres, aveis visto essa gloria com os olhos, pois no mundo todo naõ hâ nova de mais tristeza, que a morte? Temos, respondeo o Padre, outra mais certa vista, & mais clara, que a dos olhos, a qual nos naõ pode enganar. Dizeinos, Senhor, que genero de morte hâ de ser? Naõ sei, respondeo Lino, naõ tendo animo pera lho dizer, naõ sei, senaõ, que hoje ha de ser. Replicou o Padre: Pergunto isto, porque jâ, que hemos de morrer, quizeramos, que o Sacrificio fora mui solẽne, & que nos foraõ cortando mẽbro a membro todo o corpo, por amor de Deos, como fizeraõ aos Martyres antigos, por ser a causa a mesma.

6 Com isto ficou o Governador como assombrado; & o Padre Frey Pedro a modo de quem esperta de huma profunda meditaçaõ, levantou a vôz, & disse: *Allelluia, Allelluia.* Com isto se apartou delles o Governador. O effeito destas praticas foi converterse depois, & ser glorioso Martyr do Senhor, como se conta nas Relaçoens das perseguiçoens, & Martyrios de Iapaõ.

7 Ao despedirse, lhes disse, que de tarde voltaria: Entaõ os servos do Senhor pondose de joelhos, disseraõ com grande devaçaõ o *Te Deum Laudamus.* Fizeraõ profunda oraçaõ. Naõ lhes cabia a alegria nos coraçoens, desabafava em suavissimos colloquios fallando com hũ Crucifixo, de que os guardas, & os mais, que os viaõ, grandemente se admiravaõ, como de cousa desacostumada. Confessaraõse logo, tomaraõ huma larga disciplina, rezando, & cantando alguns Psalmos.

8 Logo o Padre Frey Pedro escreveo huma carta a hum Religioso da sua ordem, em que se despedia. O Padre Joaõ Bautista escreveo outra ao veneravel Martyr Padre Sebastiaõ Vieyra, que estava naõ longe daquelle lugar, a qual diz assim: P*ax Christi &c. Agora, meu Padre, me deraõ a alegre nova do martyrio, morro mui confiado, & consolado, pois he pello bom JESU, & lhe dou muitas graças, porque ainda, que indigno, me ha querido fazer esta merce. Joaõ Bautista.*

9 Preparados os bemaventurados servos do Senhor nesta forma, esperavaõ por instantes a hora, quando chegaraõ ao carcere os executores da sentença com quatro Capitaẽs, hum em nome do Governador de Nangazaqui, os tres em nome de Omuradono senhor dos estados de Omura. Hum destes era Tomonangalino. Mandaraõ fazer de cear pera si, & pera os Padres, mas os Padres responderaõ, que esperavaõ outra mais alegre cea, & cea eterna.

10 Mandou o Padre Joaõ Bautista dar as graças aos guardas, pello trabalho, que com elles aviaõ tido. A Damiaõ deraõ os dous algumas cousas de devaçaõ. Tornaraõse a reconciliar, & a dizer as ladainhas invocando com especial jubilo os sanctos, a quem brevemente esperavaõ ver; & tomando cada hum seu Crucifixo nas maõs, assim armados foraõ sahindo pera o lugar do martyrio, que era hum outeiro distante do carcere como hum quarto de legoa; o qual fora primeiro consagrado a certo idolo de Iapaõ, mas depois o foi à Sancta Cruz, & feito cemeterio de Christaõs; porque o Governador Lino o escolheo pera isto, dizendo, que era bom lugar, pera depois se edificar huma Igreja em honra dos sanctos Martyres.

11 Acodiraõ infinitos Christaõs a taõ glorioso espectaculo, sem medo algum dos gentios. Hiaõ os Padres no meyo de muitos soldados armados. Os Christaõs, que os viaõ, choravaõ desfazendose em lagrimas. Os Padres hião cantando Psalmos, & às vezes dizião palavras de alento aos Christãos, com grande espanto dos gentios. Chegando ao lugar do martyrio, começou o Padre Frey Pedro, a querer, fazer huma pratica; porem chegando recado, que se entendeo, ser de Omuradono, que encuberto se quis achar prezente; disse o Padre Joaõ Bautista pera o Padre Frey Diogo: *Eya Padre meu, esta chegado o tempo.*

12 Tor-

12 Tornaraõſe a reconciliar terceira vez; & abraçãdoſe, ſe convidaraõ hum ao outro pera os bens eternos, deſpediraõſe dos Chriſtaõs em voz alta, apartandoſe cadahum pera ſua parte. Entaõ olhando ambos pera o Ceo, ſe ſorriraõ hum pera o outro, dizendo naõ ſei, que palavras, que os Chriſtaõs naõ entenderaõ.

13 Neſte paſſo chegou Damiaõ, que com tanto amor ſervira no carcere aos Padres, trazia duas eſteiras limpas, dizendo, que ſuas Reverencias ſe puzeſſem nellas, pera, q̃ as cabeças depois de cortadas, naõ cahiſſem no chão: mas os Padres ambos diſſeraõ, que pois o corpo era de terra, & nella ſe avia de tornar, que melhor lugar pera elles era a terra nua. Por tanto naõ aceitando as eſteiras, ſe puzerão ambos em terra de joelhos. Logo foi mandado a dous homens nobres, que lhe cortaſſem as cabeças; porque no Japaõ ſemelhantes peſſoas naõ ſe entregão a algozes, que as matem. Cortaraõ em primeiro lugar de hum golpe a cabeça ao Padre Frey Pedro, porem ao Padre Bautiſta, perturbandoſe o matador, errou o golpe, & cahio com elle em terra, tornouſe o Padre a levantar com grande animo, dizendo duas vezes JESUS, ſegundou o golpe, & nem deſte o acabou, deulhe o terceiro, & entaõ cahindo a cabeça em terra, ſe foi o eſpirito a gozar de ſeu criador.

14 Todos notaraõ, que ſendo a catana, que era do Tono, o Senhor, mui boa, & o matador mui deſtro, lhe naõ cortaſſe a cabeça, ſenaõ de tres golpes, couſa rara em ſemelhantes occaſioens. Dizião, que parecia, ter Deos ouvido o ſancto dezejo, que o Padre tivera, de que ſeu corpo no martyrio foſſe cortado membro por membro.

15 Levantaraõ os Chriſtaõs hum grande alarido, acodindo â porfia a venerar ſeus corpos, & recolher alguma reliquia. Athe os gẽtios executores deſte martyrio choraraõ, dizendo, que os Chriſtaõs tinhaõ rezaõ, no que faziaõ, & que não podia, deixar de ſer mui ſancta a ley, porquem ſeus profeſſores morrião tão alegres. Como os Chriſtaõs huns ſobre outros ſe lançaſſem a venerar os ſanctos corpos, diſſe o Capitão, que aſſiſtia em nome do Governador de Nangazaqui, a hum ſeu criado Chriſtão, que fizeſſe o meſmo, porque ſe avia ſalvação, naõ podia deixar de a aver na ley, em que morriaõ aquelles Padres, que aſſim o moſtrava a ſegurança, com que tinhaõ offerecido ſuas vidas.

16 Os

16 Os Chriſtaõs, huns tomavaõ parte dos veſtidos, outros cortavão parte dos cabellos, outros a terra, pedras, hervas, que eſtavão orvalhadas com o ſangue. O ſeminariſta Leão recolheo muito ſangue do Padre Joaõ Bautiſta, de cujo lado nunca ſe apartou, enſopou no ſangue huma toalha, & ſeus proprios veſtidos. Tinha preparado dous cayxoens, pera ſe enterrarem os dous corpos, ſegundo coſtume de Iapão. Huma devota Chriſtã chamada Magdalena, trouxe huma peſſa de linho, pera envolver o corpo do Padre Joaõ Bautiſta. Quizera logo Damião, metelos em huma cova, porem foi tal o pezo da gente, que carregava aos venerar, que naõ ſe pode iſto fazer.

17 No dia ſeguinte vieraõ mais de cem peſſoas da parte do Governador. Fizeraõ huma boa parede de pedra ao redor da cova, concertarão tudo mui limpamente, & lhe puzeraõ vigia; parte, como ſe creo, por veneraçaõ dos ſanctos Martyres, aquem todos, ainda os que tinhão faltado na fé, veneravaõ, parte, porque os Chriſtaõs os não vieſſem tomar.

18 Cuidaraõ os gentios eſpantar com eſtas mortes aos Chriſtaõs, mas enganaraõſe, porque cobrarão maiores animos. Os que tinhaõ faltado na fé, entrarão em dezejos de fazer penitencia. O concurſo a vizitar o ſepulcro, hia crecendo de cadaves mais, não ſó do eſtado de Omura, mas de outras partes diſtantes, por mais prohibiçoẽs, que Omuradono lhe punha, mandando, que ninguem os hoſpedaſſe em ſua caza, nem lhes deſſe embarcaçoẽs. O Governador de Nangazaqui ſabendo, que os daquella Cidade, hião vizitar o ſepulcro, mandou por em liſta, os que tinhão ido, pera com iſto os atemorizar: porem ſabendo os meſmos Chriſtãos, que o Regedor dera hum papel firmado do ſeu nome, em que dizia, que nenhum do ſeu deſtricto, fora vizitar os martyres, entrarão em eſcrupulo, ſe eſtavão obrigados, a ir confeſſar, que na verdade tinhão ido, por não parecer, que encobrião ſua fé.

19 Athe huma tia de Omuradono, grande Chriſtãa, foi fazer veneraçaõ ao ſepulchro, do q̃ muito ſe moſtrou ſẽtido ſeu ſobrinho, dizendo, que o punha a perigo de perder ſeus eſtados: ao que ella reſpondeo, que ſe mataſſe mais Padres, em eſpecial da Companhia, de quem elles

les todos erão filhos em Christo, ella em pessoa havia de sahir a morrer com elles.

20 O moço Leaõ, depois de martyrizarem aos dous Padres, fez grandes instancias, pera que o prendessem, & assim o fizeraõ. Os Padres Frey Affonso Navarrete da ordem de Saõ Domingos, & Frey Fernando de Saõ Jozeph da ordem de Sancto Agostinho entrãdo em sancto fervor passaraõ a Omura, onde, por serem Prégadores do Evangelho, foraõ prezos. Assim estas prizoens, como o concurso, ao sepulchro dos dous Martyres puzeraõ em grande cuidado a Omuradono, de que o Xogũ o tomaria muito a mal, por haver tantos Padres no seu estado.

21 Querendo pôr a isto remedio com segredo, por naõ haver estes concursos publicos, que faziaõ as cousas mais soadas, mandou, que os dous Padres de novo prezos fossẽ levados a certa ilha dezerta, & que alli em outra embarcação conduzissem a Leaõ, & aos caixoens, em que estavaõ enterrados os corpos dos Padres Frey Pedro, & Joaõ Bautista.

22 Foi voz comua, que quando se abrio a cova, em q̃ estavaõ, se viraõ no ar muitos resplandores. Outras pessoas, que vinhaõ de Nangazaqui a visitar este sepulchro, virão decer sobre elle do Ceo duas estrellas. Estas estrellas viraõ por muitas vezes assim os Christãos do lugar, como os guardas, q̃ vigiavaõ sobre aquellas sepulturas. Em dous de Junho andando os Christaons em seus barcos como em vigia, pera se acharem ao martyrio, tanto que sahio o barco o seguiraõ, mas elle velejou, & remou tanto, que brevemente o perderaõ de vista.

23 Em huma ilha dezerta os degolaraõ a todos tres, os dous Religiosos, & a Leão. Logo abriraõ os caixoens, em que estavaõ os corpos dos Martyres, no do P. Ioaõ Bautista meteraõ ao Padre Frey Affonso Navarrete: no do Padre Frey Pedro o corpo do Padre Frey Fernando. Taparaõ-nos outra vez, & lhes atarão grandes pedras, & lançaraõ no mar. O corpo de Leaõ envolveraõ em huma esteira, & atandolhe tambem pedras, o lançaraõ no fundo; & se voltaraõ, a dar conta de tudo a Omuradono.

24 Tanto que os Christaõs de Nangazaqui souberaõ, o que havia passado, com grande numero de embarcaçoens cheas de homens, & molheres, com notavel devaçaõ, &

lagri-

lagrimas fizeraõ exquisitissimas diligencias com redes, & fateyxas, & outras muitas invençoens, pera tirar os sanctos corpos. Nisto trabalharaõ muitos dias, estando outros em oraçaõ na praya, pedindo a Deos, lhos descobrisse. Havia em todos grande fervor, & lagrimas. Neste tempo começaraõ as chuvas, que em Iapaõ saõ mui molestas, & continuas, por esta causa foraõ obrigados, a se retirar mui tristes, por naõ haver descuberto, o que dezejavaõ. Da-hi a dias, os quis o Senhor consolar, porque apodrecendo as cordas, veyo assima das ondas o cayxaõ, em que estavaõ os corpos dos Sanctos Martyres Frey Pedro, & Frey Fernando, o qual os Christaõs recolherão logo, como precioso thesouro, & o levarão occultamente a Nangazaqui.

25 Foi a ditosa morte do Padre Joaõ Bautista em Cori aos vinte, & dous de Mayo de mil seiscentos, & dezasete. As casas, em que naceo, & se criou na ilha terceira, ainda hoje saõ conhecidas, & o serão, por quanto saõ as unicas de seculares, que continuão com o circuito, em que está o Collegio da Companhia, que com ellas forma huma ilha, conforme costumamos chamar aos edificios discontinuados por todas as partes dos mais, & por serẽ de morgado athe o prezente vão continuando em seus parentes. Iunto à pia da Sé, onde foi bautizado, se lhe poz sua imagem pera memoria perpetua. Sua vida escreve o Padre Philippe Alegambe no volume, que intitula Mortes illustres. O Padre Pedro Merejon da nossa Companhia na Relação, q̃ imprimio destas cousas do Iapão; assim mesmo outros muitos, que cita o Padre Alegambe. Tambem delle faz menção o Agiologio Lusitano, & o nosso Padre Francisco Vieyra em huma relaçaõ manuscrita, que se conserva no Cartorio de Coimbra.

CAPITULO XXV.

Em Omura 25 de Agosto de 1624.

Vida, & Martyrio do Padre Miguel Carvalho. Entra na Companhia, passa a India, & a Japaõ, & vida, que alli fazia.

1 O Padre Miguel Carvalho martyr insigne nos Reynos de Japaõ naceo em Braga: seus pays se chamarão

maraõ Gonçalo Carvalho, & Catherina Dias. Criaraõ a seu filho em muita virtude. Mandaraõ-no estudar latim no Collegio da Companhia. Era seu ingenho mui escolhido. Sahio bom latino, & Rhetorico. Fazendose nos estudos huma reprezentaçaõ publica, na qual se dava ao teatro o sacrificio de Izac, o menino Miguel fez na reprezentaçaõ a pessoa de Izac, levando sobre os hombros a lenha pera o sacrificio, & exprimindo o mais, que alli considerou a piedade, & a Rhetorica. Fez o seu papel com tal acçaõ, tanta ternura, que foi huma suspençaõ de todo o auditorio; & parece que este seu principio foi hum como vaticinio do seu glorioso fim.

2 Entrou na Companhia em Coimbra, & brevemẽte foi mudado pera o Noviciado de Campolide. Foi sua entrada aos trinta de Agosto de mil quinhentos noventa, & sete, tendo de idade dezasete, ou dezoito annos. Estudava em Coimbra Philosophia, quando o chamou Deos pera a India. No anno de 1602. se embarcou naquella numerosa missaõ, que constava de sincoenta, & oito da Cõpanhia, sendo Superior de todos o Padre Alberto Laercio.

3 Chegando a Goa se aperfeiçoou nos estudos da Sancta Theologia, em que se adiantou tanto, que de discipulo passou a ser Mestre, ensinando esta sciencia com grande aplauso. No mesmo tempo assistia muito nos confessionarios,& nos pulpitos,que a tudo abrangia com satisfaçaõ seu cabal talento pera tudo. Naõ aquietava seu fervoroso espirito em Goa, dezejou grãdemente passar a Japaõ, pera onde sua boa estrella o chamava. Ouve nisto suas difficuldades pella falta, que fazia em Goa no Magisterio. Tudo venceo o dezejo, em que ardia.

4 Ja neste tempo passava de quarenta annos de idade. Embarcouse com outro da Companhia em huma galeota pera Macao. Junto à terra da China descobriraõ huma nao de Cossarios Inglezes, a qual com todo o pano solto se foi atras da Galeota. Vendo os Marinheiros, que sem duvida lhe cahiaõ nas maons, tomaraõ por conselho menos máo, varar com a galeota em terra: assim o fizerão; neste naufragio perdeo o Padre tudo, & apenas salvou a vida. Dalli por terra se foi a Macao fazendo o caminho, em grãde parte descalço. Finalmente mui cortado do trabalho

chegou

chegou a Macao. Alli ſe deteve algum tẽpo,em que aprẽdeo alguma couſa da lingua Iaponeza. Pedio com repetidas inſtancias ao Padre Viſitador, que o deixaſſe paſſar a Iapaõ. . Vendo o Padre, que tanta teſidaõ ſancta neſte dezejo, naõ coſtumava eſtar ſem vocaçaõ eſpecial de Deos; lhe deu a licença, que pedia.

5 De Macao eſtava a viagem mui apertada, nem ſe deixava paſſar alguem a Iapão, de Manila havia mais occaſião de fazer eſta jornada. Por tanto veſtindoſe de ſecular navegou a Manila;aſſim veſtido eſteve no Collegio da Cõpanhia, & em humas caſas da meſma Cõpanhia ſem tratar com ſeculares; athe que ſe lhe offereceo hũa boa occaſiaõ, pera ſatisfazer a ſeus dezejos. Havia grandes apertos em Manila, & não querião deixar paſſar algum Heſpanhol a Iapão. O Padre Miguel Carvalho ſe tratou como ſoldado Portuguez da India, & aſſim o deixarão embarcar com alguns Portuguezes, que voltavão a Iapão, donde erão vindos.

6 De tal modo ſe ſoube haver na viagem, que ſempre foi tido de todos os da nao por ſoldado, homem prudente, & de ſizo, virtuoſo, pois iſſo dizia o ſeu bom modo,& dezejo de fazer bem a todos. Chegou a Iapão, ſahio em terra no porto de Nangazaqui, no mes de Agoſto, mes pera elle ditoſo, aſſim por nelle ter entrado na Companhia,como por nelle depois entrar no Ceo, & agora em Iapão. Ao deſembarcar naõ faltaraõ exames do Governador,mas ſobre o noſſo ſoldado nenhum exame ſe fez. Por tanto ſem ter embaraço, deſembarcou como Portuguez, & ſe foi hoſpedar em caſa de hum Portuguez, que morava em Nãgazaqui, tratandoſe por ſeu ſobrinho, & parente.

7 Neſta caſa eſteve, athe que os Superiores o mãdaraõ pera Amacuſa lugar a propoſito, pera aprender a lingua. Alli ſe aplicou todo a ſaber a lingua Japoneza. Teve occaſiaõ de ſe dar muito à virtude. Padeceo grande falta do neceſſario, por ſer a terra pobriſſima. Algumas vezes adoeceo aſſim por falta do ſuſtento neceſſario, como por cauſa dos frios exceſſivos. Excepto o tempo, que gaſtava em aprender a lingua, o demais paſſava em oraçaõ, & trato com Deos, aſſim de dia, como de noyte.

8 Era mui continuo na prezença de Deos. Sempre antes da Miſſa ſe preparava com huma hora de oraçaõ, &

 liçaõ

liçaõ espiritual. Na Missa eraõ continuas as lagrimas, depois della gastava huma hora inteira em acçaõ de graças. Era mui devoto da Senhora. Mui penitente, & mortificado. Todos os dias se disciplinava de espaço com rigor. Nos dias de festa se açoutava duas vezes, com a disciplina derramava muito sangue. Frequentemente trazia cilicio, nos dias mais solemnes punha hum de ferro. Jejuava tres dias na somana. Nas vigilias fazia jejum mais rigoroso; & muitas sestas feiras do anno jejuava a paõ, & agoa.

9 Ao jejum ajuntou a esmola, dando aos pobres segũdo suas posses, & repartindo com elles o seu sustento ordinario. Tendo os lavradores de Amacusa poucos frutos, ouve doutras partes esmolas, com que acodio aos necessitados. Finalmente naquelle retiro fez vida taõ penitente, & chea de tantas virtudes, que se maravilhavaõ todos, q̃ pudesse viver, & mais sendo tanta a falta do necessario. Todos diziaõ, que o Padre fazia mais vida de Anjo, que de homem. Tanto que soube da lingua Iaponeza, quanto bastava pera confessar, & tratar com os proximos, era incrivel o gosto, que disto tinha. Todos os seus cuidados eraõ empregarse no bem das almas. Ardia em dezejos de dar a vida pella fé de Christo, os quais o Senhor foi servido de lhe cumprir; pello modo seguinte.

CAPITULO XXVI.

He prezo pella fé. Grandes dezejos, em que se abrazava de morrer por Christo.

1 FOra o Padre chamado pera fazer algumas confissoens, quando foi prezo dos gentios. O como isto foi, & o que lhe aconteceo, conta o Padre em hũa carta pera o P. Provincial, a qual diz assim: *Fui a Omura por ouvir algumas confissoens, em effeito, ouvi algumas de muito serviço de nosso Senhor, com bom successo, & grande segredo. Vindome retirando huma menhãa a boas horas, fui reconhecido de huma espia; que poz logo, quem me observasse, & se partio. Eu mudei de casa, por naõ ser causa de vir mal a alguem: Logo voltou com ordem de me prender, & me encontrou ja noutro lugar,*

gar, & disse, que eu era o Padre, & que o Governador daquella terra me mandava prender, por ser prohibiçaõ do Xogum, que estivesse algũ Padre em Japaõ, & que fizesse Christaõs.

2 *Sendo eu ja conhecido confessei claramente, que eu era Padre da Companhia de JESU, & que viera a Japaõ pera converter os gentios, & ajudar aos Christaõs athe morrer nesta empreza. Responderaõme, que de prezente por haver ley em contrario, naõ era licita tal cousa. Eu lhe disse, que naõ tinha obrigaçaõ alguma de obedecer ás leis, que saõ contrarias, ao que manda o Senhor do Ceo, & da terra. Entaõ dous delles me pegaraõ nos braços. Levandome prezo, me chegaraõ à porta de hum templo dos idolos, & estando alguns Bonzos à vista, mostrandomos com o dedo, me disseraõ, que aquelles eraõ verdadeiros Padres, & servos de Deos. Eu lhes disse, que aquelles eraõ ministros do Diabo, cujo officio era enganar a gente, fazendo, que adorasse ao Demonio, por tanto, que se guardassem delles. Dalli me trouxeraõ a caza de hum Christaõ jũto ao carcere, nella me depositaraõ lançandome huma corda ao pescosso, atandome as maõs, & depois atandome a hum cepo, me puzeraõ guardas.*

3 *Aqui estive dous dias, em quanto avizaraõ ao Governador de Nangazaqui, pera saber, o que ordenava de mim. Neste lugar fiz algumas confissoens, & exhortaçoens espirituais, aos que me vinhaõ ver, que eraõ muitos, às quais deu Deos nosso Senhor tanta efficacia, que por ellas aquelles dous Leopardos, que me guardavaõ, & eraõ arrenegados, cahiraõ na rede do Senhor, & se puzeraõ bem com elle. A minha morte se avizinha, & naõ sei, se terei outra occasiaõ de escrever a vossa Reverencia. Com esta me despido de meu amantissimo pay, & amigo, aquẽ muito amo em o Senhor.* Oremus invicẽ Pater chariſſime. Vale dilecte. *Da prizaõ de Omura aos* 10. *de Fevereiro de mil seiscentos, & vinte quatro. Servo, & amigo indigno de vossa Reverencia. Prezo por meus peccados. Miguel Carvalho.* Athe aqui a carta deste servo de Deos.

4 Ardia este Padre mais nos dezejos do martyrio, quãto mais se chegava a elle. Do carcere escreveo ao Padre Provincial a carta seguinte: *Se pudesse explicar a vossa Reverencia os dezejos efficazes, & abrazados, que nosso Senhor me accende no coraçaõ, depois que parti de Goa, de dar a vida por seu amor, & imitar a tantos servos seus, que nesta empreza,*

za acabaraõ gloriosamente a vida, se maravilharia vossa Reverencia. Em tudo aquillo, que naõ era meyo pera este fim, achava desgosto, assim nos exercicios espirituais, como fora delles. Seja bemdita a divina bondade, que tais graças faz, aquē taõ pouco as merece.

5 *Estes dezejos creceraõ agora mais, quando soube, crecera a perseguiçaõ, & que muitos Christaõs foraõ martyrizados em Yendo, alegrandome summamente, pella esperāça, que recebia, de conseguir o fim dezejado. Noutra carta ao mesmo Padre dis assim: ò felizes, & muitas vezes felizes Cavaleiros de Christo, que souberaõ mostrar tanto valor, & fortaleza, offerecendose a Deos à vista da nobreza da Corte do Xogum, contradizendo nos olhos do iniquo Rey as injustas leys, que havia publicado contra a honra de Deos. Oh felicidade, oh ventura, oh inveja sancta! Esta felicidade me fas dizer muitas vezes com São Paulo:* Cupio dissolvi, & esse cum Christo. *Miseravel de mim, que por estar agora verde, & cheo de culpas, naõ se me concedeo esta batalha, & graça, que Deos fez a seus escolhidos. Vossa Reverencia ja, que he meu pay, me encomende a Deos, pera q̃ queira pôr em mim seus olhos de piedade, & misericordia; & ja q̃ sendo eu taõ indigno, me trouxe a este lugar, me conceda, que dê a vida por sua honra, & gloria, & em satisfaçaõ de meus peccados.* Isto o que naquella carta significa destes dezejos de morrer, que eraõ quais palavras nenhumas podem explicar.

6 Neste meyo tempo succedeo vir huma embayxada de Philippinas pera o Xogum; muito se desconsolou o Padre Miguel Carvalho temendo, que o Xogum desse os prezos ao Embayxador, & lhe fugisse das maõs a gloria do Martyrio. Este seu temor explica em huma carta por estas palavras: *Quanto a mim me serà de grande dor, & pena, desviarme nosso Senhor por meus peccados com occasiaõ da embayxada, da misericordia, & favor, que o Ceo me andava mostrando em tal tempo, & circunstancias; tudo merecem meus peccados, & a negligencia, com que tenho servido a Deos.*

7 O mesmo escreve ao Padre Joaõ Bautista Baeça Reytor de Nangazaqui: *Considerando eu (diz o bemdito Martyr) minha ingratidaõ pera com aquelle Senhor, do qual tenho recebido tantas graças; por serem tantas sempre me deixaraõ com temor, de o Senhor por causa dellas me castigar, & privar do muito, que sua divina bondade se indigna de me*

conce-

conceder. Ja que vossa Reverencia continuou sempre em darme boas novas, me farà muita graça, quando ouver alguma do nosso negocio, avizarme, pera me poder aparelhar. Dame grande pena imaginar, que posso sahir de Iapaõ. Façase a võtade de Deos, que deve ser a medida dos nossos dezejos.

8 Treze mezes durou esta rigorosa prizaõ, na qual eraõ seus companheiros o Padre Frey Pedro Vasques da da ordem dos Prégadores, o Padre Frey Luis Sotelo da ordẽ de Saõ Francisco, o Padre Luis Sazãda de naçaõ Japaõ tambẽ da ordẽ de Saõ Frãcisco, & Luis Bava terceiro da ordem de Saõ Francisco, & Cathequista do Padre Sotelo. Os rigores da prizaõ eraõ grandes, mas as consolaçoens do Ceo eraõ maiores. Assim o diz o Padre Miguel Carvalho em huma carta pera o Padre Procurador da Companhia em Japaõ; saõ as palavras.

9 *Estamos todos enfermos, & com os corpos enfraquecidos, mas no espirito mui fortes, & robustos: porque Deos, que he pay das misericordias nos maiores trabalhos faz maiores favores, & dà auxilio, pera sofrer. O que de mim posso affirmar he, que quando padeço, sinto em mim hum gosto extraordinario: nem me persuadi nunca, que ouvesse tanta suavidade em padecer adversidades por Deos. Seja taõ divina Magestade bemdita, & louvada pera sempre.* He o que diz naquella carta, do que em si experimentava.

CAPITULO XXVII.

Continuase seu grande fervor nas cartas, que por despedida escreveo.

1 O Grande fervor, que este bemdito Martyr teve nas suas prizoens, declara mais diffusamente ao Padre Bento Fernandes dalli a annos Martyr tambem illustrissimo de Japão. A carta està tão chea de Deos, que não me contento, se a não ajunto aqui traduzida de Latim no idioma vulgar. Dis pelo teor seguinte: *Bem sabia eu ser servo inutil, & pera a conversaõ do mundo de igual prestimo no carcere, & fora delle, isto he, de nenhum proveito. Por tãto foi Deos servido, meterme nesta prizaõ; pera com a penitẽcia*

cia purgar meus peccados, & pera aprender com o exemplo destes servos de Deos, com quem estou, a aproveitar o tempo, que tenho gastado ociosamente: & pera me preparar pera a morte, a qual grandemente dezejo, assim pera gloria de Deos, como pera satisfaçaõ de minhas culpas. Naõ posso negar, o grãde horror, que tenho todas as vezes, que nellas considero.

2 *Mas tanto que volto os olhos pera aquella benignidade, que faz nacer o seu sol sobre bons, & maos, justos, & injustos, naõ posso deixar de conceber grandes esperanças; & me parece ter segura a graça, & esforço, com que alentadamente dê a vida por sua sancta ley: a qual defendem tantos confessores seus no meyo de Cruelissimos tormentos, & pella qual puzeraõ suas vidas os Apostolos.*

3 *Oh meu Padre amantissimo, quam bem afortunado seria, se me visse arder numa fogueira por amor de Deos! Quam felis, se por tal senhor fora feito em pedaços! Por hum senhor, que me tem feito tantas merces, que me sofreo tanto tempo sabendo mui bem minhas ingratidoens pera com elle. Oh meu amado JESUS, que cousa posso fazer eu peccador miseravel, com que vos agradeça, o bem que me tendes feito? Cõ que trabalhos vos satisfarei? Que tormentos posso padecer, pera vos contentar? Quantas Cruzes me tendes preparado, quãtos incendios?*

4 *Oh Senhor, que quereis, que faça? Dizei, o que mandais, & mandai, o que quereis. Agora he tempo, meu Padre amantissimo, de ajudar a este seu indigno servo, assim com oraçoens, como com sacrificios, pera que Deos me dê forças, pera padecer por meus peccados, o que elle for servido, que padeça. E me conceda, padecer muito pera gloria sua, & testimunho de sua sancta ley: padeça fogueiras, feridas crueis, & tudo, o que seus inimigos puderem excogitar pera meu tormento. O Mundo, quanto nelle hâ de gosto, riquezas, honras, tudo tenho por nada.*

5 *Naõ quero outro gosto, senaõ padecer por Christo. Se for vontade de Deos, que morra neste carcere consumido com trabalhos, façase sua divina vontade. Pello contrario se quizer, que esteja neste aperto athe o dia do juizo cheo de infirmidades, dores, & achaques, isso quero. Porque nos daõ por novas certas, que qualquer dia chega de Nangazaqui a sentença de nossa morte. A Deos, meu amado Padre, fiquesse em hora, encomendeme a Deos, eu farei o mesmo por vossa Reverencia.*

cia. Esta a carta pera o Padre Bento Fernandes.

6 Despedindose do Padre Gaspar de Castro diz assim: *Somos avizados, que hoje se conclue o nosso negocio. Jà vossa Reverencia ve, como ficaria esta alma com tal nova, nem eu posso, nem hâ tempo, pera eu com a pena explicar. Basta dizer, que o tempo, que estive neste carcere, me parece brevissimo, & os dezejos de morrer por Christo sempre foraõ crecendo. Nem ja mais se me reprezentou este acto de dar a vida por Christo, penozo, senaõ cousa muito alegre: o que eu attribuo à minha muita insensibilidade, & pouca intelligencia das cousas. Mas jà, que he chegado ofim, vossa Reverencia me alcance de Deos constancia, pera dar avida por seu amor.*

7 Em huma ao Padre Manoel Borges diz, que a morte naõ se lhe representava como cousa de pena, mas de gosto, & como bodas do esposo JESU; mas que a quillo parecia nacer da sua insensibilidade, & parte pello naõ achar Deos apto pera grande pezo. Na ultima, que escreveo ao Padre Provincial dous dias antes de sua morte, tem assim: *Entendemos, que vaõ hum dos Governadores de Omura, trouxe resoluçaõ de Nangazaqui, que de pressa morreriamos. Deos he comnosco, eu lhe dou muitas graças, porque assim se mostra liberal comigo, & com seus servos. Eu como mais indigno, me sinto em particular mais obrigado, & peço a vossa Reverencia, que me ajude, a dar as graças ao Senhor por este favor taõ grande.*

8 *Os dezejos de morrer por Christo saõ grandes. Depois de estar prezo neste carcere todos os dias crecem mais, & nenhuma cousa desta vida se me representa mais apeticivel, mais alegre, & de maior consolaçaõ, que dar avida por taõ bom Senhor, dando com isto alguma pouca satisfaçaõ ao muito, que me amou; derramando o sangue, por quem derramou o seu de infinito valor por meus peccados. Vossa Reverencia rogue a Nosso Senhor, que me de huma grande contriçaõ de meus peccados, & hum dezejo grande de fazer em tudo sua santissima vontade. Vinte, & tres de Agosto de 1624.*

CAPITULO XXVIII.

De seu glorioso martyrio, & dos mais, que com elle morrerão.

1 ESTando o bemdito Padre assim dezejozo de dar sangue, & vida por seu Deos, se chegarão os vinte, & sinco de Agosto dia pera elle ditozissimo, em que se deu à execussão sua morte pello modo seguinte. Aos 24 de Agosto partirão de Nangazaqui dous gentios, pera assistir em lugar de seus amos ao martyrio do Padre Miguel Carvalho, & dos tres Religiosos assima nomeados, & do seu Cathequista. Hum dos gentios era criado de Genroco Governador de Nangazaqui. Tanto, que chegarão a Omura, se divulgou, que no dia seguinte avião de morrer os sinco prezos.

2 Tanto, que souberão a certeza de sua morte, foi nos prezos a alegria extraordinaria. Ao Religioso de São Francisco Japão, & ao seu Cathequista, disserão os gentios, que lhe darião a vida, se arrenegassem da fé; porem vendo, que abominavão tão detestavel maldade, os avizarão a todos, se preparassem pera a morte. Isto foi em hum domingo, dia de São Luis Rey de França, cujo nome tinhão tres dos ditosos prezos.

3 Logo os fizerão sahir do carcere pera o lugar do supplicio. Forão todos mui bem atados, lançando a cada hũ sua corda ao pescosso, pella qual pegava o algoz. Os Religiosos hião vestidos nos habitos das suas Religioẽs rezando Psalmos, & hymnos athe na barca, na qual forão levados ao lugar do martyrio. Hião na barca com algumas guardas. Os juizes forão por terra acompanhados de muitos soldados, por ser o caminho mais breve por terra, que por mar.

4 Aportarão ao lugar do martyrio, que era hum campo chamado Foco. Os Martyres derão as graças aos barqueiros pello trabalho, que tinhão tido no remar, & pellos ter trazido à quelle lugar. Em saltando em terra, os encaminharão ao supplicio. Os quatro sacerdotes levavão cada hum sua Cruz na mão, não cessando de rezar Psalmos, & ou-

& outras oraçoens em vos alta. Aqui o Padre Miguel Carvalho levantando mais a vos disse pera aquella multidaõ: *Que soubessem todos, que elles eraõ Christaõs, & que eraõ condenados à morte somente pella fê, que professavaõ, & por amor de seu Deos offereciaõ suas vidas.* A alegria em todos era tal, que os gentios pasmados diziaõ, que naõ pareciaõ homens, que hiaõ a morrer, mas pera alguma grande festa, & recreaçaõ de muito gosto.

5 No lugar tinhaõ junto muita lenha, levantaraõ nelle sinco colunas, em que aviaõ de atar aos Martyres. Aqui chamaraõ os Juizes ao Padre Frey Luis Sotelo, que sabia melhor a lingua de Japaõ, & lhe mandaraõ dizer, o nome de cada hum, & a Religiaõ, de que era. A tudo respondeo com muita paz, o que avia. Neste passo o fervorozo Padre Miguel Carvalho disse pera os que presidiaõ, que assim elle, como seus companheiros morriaõ de boa vontade. Entaõ disseraõ em nome dos mais o Padre Carvalho, & o Padre Sotelo, que de ninguem se queixavaõ, antes a todos davaõ as graças, por lhes dar a morte, que tanto dezejavaõ, tomando por isso o trabalho do caminho, & sofrendo a grande calma, que entaõ fazia.

6 Querendo elles darlhe algum bom conselho, os algozes, que levavam as cordas com que hiaõ prezos, nas mãos, lhe disserão, que apressassem o passo. Assim o fizeraõ; & os algozes sem modo, nem piedade, foraõ puxando por elles pera o lugar do martyrio. Antes, que os atassem, meteraõ os Sacerdotes na cinta as cruzes, que levavão na mão. Com esta espada na cinta entrarão no conflicto. Ataraõ-nos às columnas, mas de tal modo, & tão ligeiramente, que abrazandose as prizoens, fizessem com o corpo alguns tregeitos, que fossem aos circunstantes de riso.

7 Na primeira colũna da parte da terra ataraõ ao Padre Miguel Carvalho, o qual deu primeiro muitos osculos naquelle tronco taõ appetecido por elle. Na segunda colũna ficou o Padre Frey Pedro Vasques da Ordem de São Domingos. Na terceira o Padre Luis Sotelo. Na quarta o Padre Frey Luis Sasada. Na quinta o cathequista. Vendo hum algos, que estava mal atada a corda do Padre Frey Pedro, lhe saltou nos hombros, & dalli a apertou mais na colũna.

8 Começaraõ a aplicarlhe o fogo, & em vos alta o Padre Miguel Carvalho entoou huma oraçaõ, que os mais continuaraõ. Pera se dilatar o tormento, era a lenha pouca, & o fogo brando. Succedeo pegar na corda, com que estava atado o Cathequista, & abrazala. Ficando elle solto, comessou a andar pellas chamas, & fogueira com grande animo. Chegouse aos Padres Sotelo, & Vasques, & lhes beijou a mão. Depois tornou a andar pello fogo, como quem o pizava, sem delle fazer cazo. Tendo feito isto, se chegou à sua coluna, & esteve junto della, como se fosse de pedra sem se mover, athe, que espirou, & foi o primeiro, que se foi ao Ceo.

9 Não podião neste tempo os mais fallar alto, como dezejavão, por lhes entrar o fumo, & fogo pella boca, mas ainda assim se lhes ouviaõ nomear os Sanctissimos nomes de JESUS, & Maria. O segundo, que espirou foi o Padre Miguel Carvalho, por aver alli mais lenha, & mais fogo. O Padre Frey Luis Joponês, queimandose-lhe as ataduras, tẽtou de hir fazer reverencia aos Padres Europeos, porem tendo os pés abrazados senaõ pode mover do seu lugar, mas dalli fez profunda reverencia aos companheiros, & depois morreo.

10 Naõ chegava bem o fogo aos dous, em especial ao Padre Sotelo, & vendo os algozes, que nem o vestido lhes tinha ainda queimado, tomaraõ palha, & por duas partes lhe chegarão o fogo, como este era taõ fraco, viveraõ no tormento cousa de tres horas com rara constancia, sem mover os corpos rezando oraçoens, em quanto puderaõ fallar; athe, que deraõ suas vidas por seu Creador. Foi este gloriosoo Martyrio na Cidade de Omura no Japaõ aos 25 de Agosto de 1624, por mandado do Xogum senhor de todo Japaõ.

11 Os gentios recolheraõ em sacos de palha todas as cinzas, & reliquias assim dos corpos, como das colunas, & mais fogueira, porque os Christaõs as naõ venerassem. Assim mesmo queimaraõ todas as alfayas do uso dos sanctos Martyres, & cousas, de q̃ no carcere se serviraõ, & metido tudo em sacos o levarão ao mar alto, & nelle lançaraõ as cinzas, queimarão os sacos, depois lavaraõ mui bem a mesma barca.

12 Puzeraõ tambem guardas no lugar do martyrio,

pera,

pera que os Chriſtaõs alli não vieſſem; mas o ſeu fervor foi mais, que a vigia dos gentios; & aſſim puderaõ recolher alguns oſſos, & pedaços das colunas, com que fomentar ſua devaçaõ. Alguns Chriſtãos por eſta cauſa foraõ prezos pellas vigias, mas naõ ſe procedeo contra elles.

13 Ficarão os gentios aſſombrados de tanta conſtancia, dizendo, que de tal couſa naõ avia, que fallar, ſenaõ, que paſmar. Os Sacerdotes dos Idolos, a que chamão Bonzos, diziaõ, que aquillo era couſa admiravel, dezejar a morte, & procurala pello ſeu Deos, que nenhum delles teria animo pera tal couſa, pois ſó fazião oraçoens por conſervar as ſuas vidas. Outros dizião, naõ alcançar, como podião ſofrer quietos o fogo, não podendo elles ſoportar a calma, que no meſmo tempo fazia: que tudo era ſinal, de que hião por bom caminho. A vida do Padre Miguel Carvalho tras o Padre Alonſo de Andrade no quinto tomo dos Varoens illuſtres da Companhia. Bem verdade he, que algumas couſas, que dis acerca da morte, de ſer levado o Padre em hum cavalo pellas ruas de Omura com huma orelha cortada, entendo, que eſte Padre aſſim o eſcreveo, por imaginar, que era coſtume da naçaõ pera com os condenados, como ſe uſou em outros Martyres, mas o deſte Padre foi pello modo referido. Aſſim o tras o Padre Mattias Taner nos ſeus Martyres da Companhia; & as cartas Annuas eſcritas de mão, que ſe conſervaõ no cartorio da India em Sancto Antão de Lisboa, de cujo manuſcripto, que refere tudo com mais meudeza, que nenhum outro, recolhi as mais couſas, que aqui ficaõ eſcritas; & não he bem as ſepulte a gaveta de hum cartorio, ſendo ellas as que tem certeza, por ſerem eſcritas por homens, que trabalhavão na meſma Miſſão. Delle fazem tambem menção o Padre Nadaſi no Annus dierum. Os Padres Bartholameu Guerreiro, & Padre Antonio Cardim nos ſeus Elogios. Dom Rodrigo da Cunha na Hiſtoria dos Arcebiſpos de Braga, & outros muitos eſcriptores.

CAPITULO XXIX.

Em Nãgazaqui an. de 1652.

Vida do Padre Chriſtovaõ Ferreyra. Paſſa a Japaõ, depois de muitos annos he prezo, & no tormento falta na fé.

1 O Padre Chriſtovão Ferreira foi hum grande exẽplo da fragilidade humana, & da Miſericordia de Deos, & o Saõ Marcellino da Companhia, porque cahio na meſma miſeria como homem fragil, & depois com hum fim glorioſo reſarcio o eſcandalo, que tinha dado, & o bom nome da Companhia, a quem tão grave injuria tinha feito. Eſte Padre naceo no lugar da Zivreira no Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays ſe chamarão Domingos Ferreira, & Maria Lourenço. Entrou na Companhia em Coimbra aos vinte, & ſete de Novembro de mil quinhentos noventa, & ſeis com dezaſete annos de idade.

2 No anno ſeguinte de 1597 comeſſou a aver Noviçiado na quinta de Campolide em quanto ſenão preparava a caza, em que hoje morão os Noviços. Pera dar alli principio ao Noviçiado, vieraõ alguns Noviços de Evora, & outros de Coimbra. Entre os de Coimbra foi hum o Irmaõ Chriſtovão Ferreyra; & naquella quinta paſſou o mais, que lhe faltava, pera cumprir os dous annos.

3 Pertendeo a miſſão da India, notouſe nelle hum eſpirito de preſumpçaõ, que na verdade tais empreſas não ſe devem tomar a peitos por brios humanos, mas ſó com os olhos na maior gloria de Deos, que então elle dâ as forças, & dos fracos faz homens de bronze. No anno de 1600 partio pera a India com mais dezanove da Companhia. Paſſou a Iapão, que era o mimo das miſſoens da Cõpanhia, & Chriſtandade mui florente.

4 Vinte, & tres annos trabalhou na converſaõ dos gentios, recolhendo muitos frutos dos ſeus ſuóres. Se acazo os Padres, que neſtes annos eſcrevião as noticias, do que ſe obrava naquella miſſaõ, nomearão os obreiros, que Deos tomava por inſtrumentos, faria eu aqui huma comprida narração em particular, do que Deos obrou pello Padre Chriſtovão Ferreyra, que foi muito; todas eſtas noticias,

ticias, ou a maior parte dellas tenho na minha mão, quando isto escrevo, mas os escritores se contentão só com dizer, que hum Padre fizera isto, ou aquillo, sem declarar os nomes; que certamente he huma grande desconsolaçaõ, pera quem agora, como eu, queria destas noticias dispor, & amplificar as vidas dos homens, que as obraraõ.

5 Com tudo entre tanta vastidaõ de cousas alguma ves acho nomeado ao Padre Christovão Ferreyra. No anno de mil seis centos, & vinte, andando mui perseguida a Igreja de Iapão, fez o Padre Christovão missão a Firando, & às ilhas, & lugares sogeitos à quelle dominio, pera consolar, & animar aos Christaõs nos seus trabalhos. Estava esta Christandade espalhada, não podia ser vizitada senão por mar, & com grande perigo de ser o missionario sentido, & conhecido dos gentios, que viviaõ com os Christaõs. Por ser tambem a costa brava, passou o Padre muito trabalho.

6 Naõ reparando pois em perigos foi o Padre a todos aquelles lugares, a alguns dos quais por serem alli os Governadores crueis inimigos da fé, avia vinte, & dous annos, que não fora Padre algum, nem tinhaõ modo pera isso. Assistiaõlhe os Padres com avizos, & cartas, mandãdo, homens, que pera estes sanctos ministerios tinhão bem instruidos. Estes bautizavaõ as crianças, & fazião outras obras sanctas, & conservavaõ aos Christaõs no meyo de tantas tormentas. Pera receber os Sacramentos hiaõ, podendo, a Nangazaqui.

7 Com a vista do Padre tiveraõ notavel alegria todos os Christaõs. Acodiaõ com grande fervor à confissaõ. Por estarem entre gentios, era preciso ao Padre fazer estes ministerios de noyte; & assim se lhe hiaõ as noytes em pezo ouvindo confissoens, humas vezes nas cazas dos Christaõs, outras na praya do mar. Desta sorte confessou a mil, & trezentos; tendo nisto grande consolaçaõ, por ver o bom modo, com que se confessavão, & o singular cuidado, com que avia tantos annos se conservavaõ na fé.

8 Livrou Deos ao Padre de muitos perigos, o que elle attribuia ás oraçoens dos Christaõs. Com suas exhortaçoens tirou da occasiaõ, em que com escandalo vivia, a hũ Christaõ, o qual contrito do seu peccado, fez publica penitencia, com que deu satisfaçaõ atodos, que muito se tinhaõ

nhaõ efcandalizado da fua teima no vicio.

9 Vinte, & tres annos tinha gaftado nos exercicios de miffionario o Padre Chriftovaõ Ferreyra, & com tanta fatisfaçaõ, que era Superior dos noffos Religiofos, que eftavã em Iapaõ. No anno de mil feifcentos, & trinta, & tres foi cruelliffima a perfeguiçaõ, que fe levantou contra os Chriftaõs. Forã prezos, & mortos muitos Chiftaõs, & muitos Religiofos da noffa Companhia deraõ gloriofamente fuas vidas. Entre os da Companhia foi prezo o Padre Chriftovão Ferreyra.

10 Era entaõ mui ufado o tormento das covas, que era crueliffimo, porque apertando fortemente o corpo do condenado, o penduravaõ cabeffa abayxo de huma polê enforca, & metiaõ em hũa cova athe a cinctura. Alli fe lhe hiaõ as entranhas revolvendo feus lugares com tormento inexplicavel. Nefte formidavel fupplicio puzeraõ ao Padre Chriftovaõ Ferreyra. Depois de ter fofrido algumas horas taõ horrivel tormento, naõ podendo mais tolerar tanta crueldade, deu final de fe render, & fez aquella fignificaçaõ, que os gentios tinhaõ determinado, fizeffem todos os, que deixada a fé, quizeffem fahir do tormento.

11 Logo o tiraraõ da cova com notavel aplaufo da idolatria, por ver rendido a hum Meftre da verdadeira ley, de quem nunca tal fe efperava. Nifto vieraõ a parar vinte, & tantos annos de miffionario, tantas almas convertidas, tantas perfeguiçoens, & fuftos fofridos por amor de Deos. Tenhanos Deos da fua maõ, que abayxo della naõ ha coufa, em que poffa com fegurança aver firmeza; pois vemos a hum homem criado de menino em huma Religiaõ taõ fancta, douto, & fabio, enfayado pera efte contrafte com navegaçoens, & tempeftades do mar, apalpado com immenfos perigos na terra, que nenhuma outra coufa dezejava, que verfe por feu Deos abraços cõ a morte, vemolo, digo, fazer hum laftimofo naufragio, & dar aos feus Chriftaõs, que cõvertera, hum taõ exorbitante efcandalo. Altos, profundos, & incomprehenfiveis famos juizos de Deos, temer, & tremer, & humilhar, em quanto vivemos nefte barro fragil, he, fó o que tem alguma fegurança.

12 Fizeraõ os gentios ao difgraçado Chriftovaõ Ferreyra muitas honras, & o acrecentaraõ com groffas rẽdas, de que pudeffe viver. Tanto que efta trifte nova fe di-

divulgou pella Companhia, nenhumas palavras podem explicar a dor, que a todos penetrou. Viase esta admiravel Religiaõ coroada de innumeraveis triumphos, illustrada de gloriosissimos Martyres em todas as quatro partes do mundo. Toda esta gloria de hum certo modo se desluzio com este assombramento, o qual foi como o rayo, que denegrio a prata, & o ouro, ou como a nuvem grossa, que mortificou todos os luzimentos do Sol.

13 Os primeiros da Companhia, como a mais vizinhos, a que chegou esta magoa, foraõ os nossos Religiosos de Macao, & das Philipinas. Por quatorze mezes continuados fizeraõ especiais oraçoens a Deos, excessivas penitencias, copiosas lagrimas por este infelis homem. Escreveraõlhe cartas escritas com sangue, & lagrimas, cheas do seu sentimento. Porem nenhumas diligencias bastavaõ por entaõ, pera que Christovaõ Ferreyra se atrevesse, a sahir do seu medo, & horror, que os tormentos lhe causaraõ.

CAPITULO XXX.

Sentimento, que ouve na Companhia por esta disgraça, & como finalmente morreo Martyr.

1 PEnetrou esta disgraça, naõ só os coraçoens dos filhos da Companhia, que viviaõ na terra, mas chegou, aos que lâ vivem jà na ditosa patria do Ceo: & mais, que a todos, ao glorioso Padre Saõ Francisco Xavier primeiro Apostolo, & fundador da missaõ, & Christandades de Japaõ. Succedeo nestes tempos o estupendo milagre, que o Sancto Apostolo obrou em o Padre Marcello Francisco Mastrilli, quando em Napoles lhe appareceo, & deu saude milagrosa, & mandou ir a Japaõ, onde Deos lhe tinha preparado a coroa do martyrio.

2 Depois desta fatalidade nenhum da Companhia tinha entrado em Japaõ, por estarem tomados os portos, & entradas com vigias taõ circumspectas, que o intentar tal cousa, & cahirlhe nas mãos, sem outro fruto mais, que a morte, era o mesmo. Por esta causa teve o intento do Padre Marcello grandes embaraços. Passou à India, dalli a

Philippinas, & deſtas vencendo difficuldades inſuperaveis entrou no Japaõ, & nelle prégou a fé com ſua morte. Eſte ditozo Padre deſcobrio ao Governador de Philippinas, que elle era mandado por Saõ Franciſco Xavier a Japão, pera com o ſeu exemplo animar, & alentar ao miſeravel Chriſtovão Ferreyra, a ſahir da idolatria, & quando naõ pudeſſe conſeguir eſte fim, com ſua morte, reſarciſſe o bom nome da Companhia, aquem tanto deſdourava aquelle apoſtata.

3 Entrou o Padre Marcello em Japaõ pellos modos, & rodeyos, que diffuſamente eſcrevem em ſua vida os Autores, que della trataõ. Alli morreo glorioſamente pella fé, & ſó teve o ſeu ſancto fim o ſegundo intento de reſarcir o bom nome da Companhia; porque acontecendo ſeu martyrio no anno de 1637 perſeverava, & perſeverou no ſeu erro Chriſtovão Ferreyra com nome de Yendo, que eſte tomou com a idolatria.

4 Depois entrou no Iapaõ o Padre Pedro Caſſui, que fora deſterrado pella fé ſendo noſſo ſeminariſta em Japaõ, paſſara a Europa, em Roma fora admittido na Companhia, & voltara a Iapaõ, onde entrara depois de andar dous annos feito remeiro de huma embarcaçaõ, pera aſſim melhor ſe encobrir. Em ſua patria fez muitos ſerviços a Deos. Finalmente foi deſcuberto, prezo, & martyrizado. No meyo dos ſeus tormentos, troxeraõ alli os gentios à Chriſtovaõ Ferreyra, pera que a ſua prezença fizeſſe fraquear ao Martyr. Tanto, que eſte poz os olhos no infelis apoſtata, acceſo em amor de Deos lhe comeſſou a afear o ſeu peccado, exhortar à penitencia, dar animo com ſeu exemplo. Tudo foi ſem proveito, porque o medo de tal ſorte o tinha atado, que o naõ deyxava, ſahir do regelo, com que o prendera.

5 A terceira bataria foi o exemplo do Padre Antonio Rubino, com mais quatro da Companhia. Eſte ditoſo Padre pellos annos de 1643 era Vizitador da China, & Japaõ. Sentio em ſi grandes dezejos de entrar em Japaõ. A empreza jà neſte tempo parecia quaſi temeridade, porque era ir morrer de certo, ſegundo ſe vigiavaõ os portos de Iapaõ, & eraõ tais as diligencias dos gentios, que humanamente ſe julgava impoſſivel, eſcapar dellas.

6 Vendo o Padre Rubino, que por via de Macao naõ po-

podia conseguir a jornada, passou a Manila, donde podiaõ ter effeito seus intentos. Por naõ parecer, que nisto seguia sò o seu juizo, consultou nesta materia muitos Padres doutos da nossa Companhia. Consideradas Theologicamente as rezoens, que concorriaõ, se resolveo, que convinha hir o Padre Visitador; & huma das rezoens era, pera dar a maõ a Christovaõ Ferreyra subdito seu, que fora Vice-Provincial de Japaõ, ou pello menos desse cõ sua morte satisfaçaõ do escandalo de Christovaõ Ferreyra, assim às Christandades de Japaõ, como à Corte Romana, & a todos os Christaõs, porque esta ruina era mui notoria, por ser de tal pessoa. Levava huma carta em latim, cujo tresllado temos em nossos cartorios, em que o exhortava ao arrependimento de suas maldades.

7 Entrou o Padre Rubino em Japaõ com seus quatro companheiros todos Religiosos nossos. Cahio nas maõs dos inimigos da fé, & por ella padeceo Martyrio em Nangazaqui. Quando do carcere foraõ levados a juizo, pera ser pergũtados, foi o interprete Christovaõ Ferreyra, por elle pergũtaraõ os juizes ao Padre Rubino como a Superior dos mais; quem fosse, & a que viera a Japaõ? respõdeo sinceramente; que eraõ Sacerdotes da Companhia de JESU, que vinhaõ a Japaõ prégar a fé. Aqui tornou a perguntar o Governador; se queriaõ deyxar a fé, & viver conforme as seitas de Iapaõ, que teriaõ vida, & receberiaõ do Imperador grandes honras, & muitas rendas?

8 Quando o Padre Rubino tais palavras ouvio pronunciadas pella boca de Christovaõ Ferreyra, se ascendeo em huma sancta ira, & pondo os olhos no miseravel apostata, lhe disse: *Oh dum atrevido, sem pejo, nem vergonha, monstro infernal, & filho do mesmo inferno, deshonra da Cõpanhia, & do nome Christaõ, covarde, indigno de viver, & apparecer entre gente, tens boca pera me fazer tal pergunta?* Com estas palavras ficou taõ corrido, & cheo de tanta cõfuzaõ, que sem mais esperar, se retirou da vista dos Padres, como quem alli viera obrigado do Governador, & nunca mais se atreveo, a apparecer em prezença dos servos de Deos, cuja constancia no Martyrio foi hum grande brado, q̃ Deos deu, mas por entaõ sem effeito, a Christovaõ Ferreyra. Succedeo este Martyrio no ano de 1643.

9 Quem naõ imaginara, que tanto sangue naõ de hũ,

mas de muitos innocentes Abeis, havia de desfazer com seu calor, a frieza deste infelis, & amolgar a dureza, em q̃ o seu medo o tinha posto? Permittio Deos por seus altos juizos, que continuasse nesta miseria alguns dezanove annos, quando se lembrou de tirar taõ grande afronta à Cõpanhia, & curarlhe huma chaga, que a naõ tinha padecido maior.

10 Algumas cousas se observaraõ neste homem em todos estes annos, que davaõ qualquer esperança de sua reduçaõ. Sempre conservou em secreto o Rozario da Senhora, rezava sobre os enfermos o Evangelho. Andou sẽpre com o semblante cheo de tristeza, chorava muito, as palavras eraõ taõ cortadas do sentimento, que eraõ meyas palavras, & truncadas, como as profere, quem tem alguma excessiva dor. Naõ se atrevia a tratar com gente, buscando sempre os lugares sombrios, & lobregos. Nunca com elle se pode acabar, que declarasse, em que lugar se occultassem os da Companhia, que estavaõ em Japaõ. Disse a Antonio da Sylva Portuguez, que elle nũca sentira em seu coraçaõ mal da fé, antes sempre bem, & que com a ajuda de Deos esperava mostrar algum dia, o que da fé sẽtia em seu coraçaõ. Todas estas cousas bem davaõ a entẽder, que a ruina sò nacera da fragilidade humana.

11 Setẽta, & quatro años cõtava de idade, quãdo Deos se dignou de ouvir as muitas lagrimas da Companhia, & as deprecaçoens do sangue de tantos Martyres. Sobreveolhe huma doença, na qual estendeo os olhos pera a eternidade, onde o lançavaõ ja os achaques, & os annos, comessou a dizer com grande magoa em voz alta fallãdo cõ Deos (saõ palavras formais das cartas, que de Japaõ vieraõ sobre este successo) *Meu Deos, meu Senhor, he possivel, que deixasse eu vossa fê, por medo de perder esta fragil vida? Oh Senhor pay das misericordias! vejo meu erro*: erravi sicut ovis, quæ periit. *Ah meu Deos, ah meu Senhor, quãto sinto tervos offendido. Vos Senhor, que me criastes, vos que cõ vosso precioso sangue me remistes, vos Senhor me perdoai, perdoai Senhor meus peccados. Dai forças a este corpo ja gastado, & cançado com a velhice, pera que vos confesse, & dê a vida por vos.*

12 Estas, & semelhantes palavras repetia muitas vezes. A ellas acrecentou: *Recebei Senhor este sacrificio de minha vontade, & com o auxilio de vossa graça me sustentai, pera*

pera que entre os crueis tormentos dê testemunho do meu amor pera com vosco. Sejaõ os tormentos huma experiencia do muito, q̃ eu vos amo. Deuse disto conta ao Governador; mãdou visitalo da sua parte; & q̃ lhe perguntassem, que causa tinha, pera estar sempre taõ angustiado, como se lhe dissera? A isto respondeo animosamente, ja lhe podemos chamar o Padre Christovaõ Ferreyra: *Angustiome, porque pequei contra o verdadeiro Deos do Ceo, & da terra, porque a modo de cego cahi, deyxei a Deos por medo da morte, nenhuma cousa mais sinto.*

13 Aqui deraõ hum riso os Iapoens dizendo: *Isso, Yendo, he velhice, saõ annos, essas palavras saõ ja, de quem delira, & naõ de quem està em seu siso.* Respondeo o Padre: *Eu fallo em meu juizo: chãmente digo, & quero, que conste ao Governador: que athe agora torpemente deixei a fê, & faltei no que devia a Deos; porem deste ponto por diante estou prestes com ajuda do mesmo Deos, a quem sò amo, & estimo, pera por elle dar a vida. Todas as vossas seitas do Japaõ saõ huma mera mentira, & embuste, & todos os que as seguem, saõ condenados ao Inferno.*

14 Estas, & semelhantes cousas dizia o Padre cõ grãde fervor, abominando as idolatrias de Iapaõ. Informado de tudo o Governador, mandou logo, que sem demora, o levassem ao tormento das covas, no qual antes tinha faltado na fé. Como estava enfermo, & mal se podia mover de pê, os algozes tirando-o da cama, o levaraõ a rasto pera o lugar do supplicio. De caminho naõ cessava de prégar a grandes vozes a fé de Christo, & desenganar aos Iapoens dos erros, em que viviaõ. Foi posto no cruel tormento das covas, onde viveo tres dias, protestando sempre a fé com estas palavras: *JESU Christo he verdadeiro Deos, & verdadeiro homem.* Foi sua ditosa morte em Nangazaqui no Iapaõ anno de mil quinhentos sincoenta, & dous. Os seus bens foraõ logo confiscados. Em Manila, Macao, & na China com a certeza desta morte ouve huma geral alegria, & com ella sahio a Companhia toda da immensa tristeza, q̃ por dezanove annos a tinha assombrado.

15 Ouve algumas significaçoens do Ceo, de que este Padre havia de ter fim ditoso. O veneravel Martyr Padre Marcello Mastrilli disse ao Padre Andre Lubellio da nossa Companhia: *Que brevemente no Iapaõ haviamos de ter hũ*

Saõ

Saõ Marçellino. O meſmo Martyr paſſando por Cochim,& dizendo Miſſa, pedio ao Irmaõ Pedro de Baſto, que lhe ajudava, encomendaſſe a Deos na Miſſa ao Padre Chriſtovaõ Ferreyra. Eſte Irmaõ era de conhecida virtude, & eſpirito de profecia; via muitas couſas auzentes na Hoſtia conſagrada. A ſua vida, que foi prodigioſa, anda impreſſa. Fez o Irmaõ Baſto, o que o Padre Marcello lhe pedia; & acabada a Miſſa diſſe: Que quando ſua Reverencia levantava a Hoſtia vira ao Padre Chriſtovaõ Ferreyra com a roupeta da Companhia mui ſordida. Quando partira a Hoſtia ſobre o Calis, o vira ja com o veſtido mais limpo. Quando ouve de conſumir, & batia nos peytos, vira ao meſmo Padre em hum veſtido branco, & transparente como criſtal. Iſto he o que vio o Irmaõ Baſto, & bem ſe declara toda a fortuna, que neſta occaſiaõ correo o Padre Chriſtovaõ Ferreyra.

16 O Martyrio deſte Padre podemos dizer, que foi filho das lagrimas da Companhia, & do ſangue de inſignes Martyres, aquem o dezejo de o reduzir foi huma das cauſas, de ſe meterem nas maõs da morte. Foi certamente eſte exemplo, como o de Saõ Marcellino, hum grande documento da fragilidade, & pouquidade das noſſas forças: ſemelhantes aviſos devem cauſar em todos grande deſcõfiança do noſſo nada; que com eſta he, que o nada pode tudo fortalecido da maõ de Deos, q̃ sò quer confiemos nelle. Nem baſtaõ muitos annos de ſerviſſos de Deos, pera alguem ſe dar por ſeguro: muitos contava o Padre Ferreyra, com tudo cahio; & o que mais he de eſpantar, perſeverou na ſua miſeria pouco menos annos, do que aquelles, q̃ tinha trabalhado nas Miſſoens. O que aqui eſcrevo recolhi do Padre Mattias Taner nos Martyres da Companhia, & alguma couſa das cartas Annuas de Iapaõ. Tambem faz delle memoria o Padre Nadaſi no ſeu *Annus dierum* aos 26. de Abril, ainda que logo dis naõ ſe ſaber o dia do ſeu Martyrio, mas que fazia delle lembrança naquelle dia por ſer de Saõ Marcellino, de quem foi imitador na diſgraça, & depois na boa fortuna. Tambem o eſcreve o Padre Alegambe nas Mortes illuſtres dos da Companhia.

CAPITULO XXXI.

Vida do Padre Antonio de Andrade Apostolo de Tibet. Entra na Companhia, passa à India, & emprende o descobrimento de Tibet.

Em Goa aos 19. de Março de 1634.

1 O Padre Antonio de Andrade foi homem de espirito mui generoso, & igual a grandes emprezas, como se vio no descobrimento de Tibet, no qual padeceo cousas, que a naõ ser a sua relaçaõ feita por elle mesmo, se teriaõ por fingidas. Naceo na villa de Oleyros, q̃ pertẽce ao Priorado do Crato na provincia da Beyra. Seus pays se nomearaõ Bartholameu Gonçalves, & Margarida de Andrade. Entrou na Companhia em Coimbra aos quinze de Dezembro de mil quinhentos noventa, & seis. No anno seguinte de 1597. comessou no mes de Dezembro a haver Noviciado em Lisboa na quinta de Cãpolide, pera cuja fundaçaõ foraõ Noviços hũs de Evora, outros de Coimbra, entre os que foraõ de Coimbra, hum delles era o Irmaõ Antonio de Andrade.

2 Depois do Noviciado pouco tempo se deteve em Portugal, porque no anno de mil, & seiscentos se fes à vela pera o Oriente com mais dezanove da Companhia, que no mesmo anno passaraõ à India, todos com dezejos de se empregar no bem das almas. Em Goa se deteve assim os annos, que foraõ necessarios, pera se aperfeiçoar nos estudos, que professamos, como depois destes em ajudar ao proximo em os nossos ministerios.

3 Tem a Companhia no Imperio do Mogor algumas Residencias, em que assistem alguns Religiosos nossos, foi alli mandado o Padre Andrade pera ser Superior dos mais, & trabalhar como elles na vinha do Senhor. Nestes tẽpos era mui celebre a fama, que corria do Graõ Catayo, de que na quelle Reyno havia Christaõs antigos, ou pera melhor dizer vestigios de Christandade, que nelle floreceo em tempos passados. Com estas noticias bem examinadas determinou o Padre Andrade emprender este descobrimento. A variedade de successos, que nelle lhe aconteceraõ com nenhumas palavras se podem explicar melhor, q̃

com

com as ſuas em huma carta, que deſta jornada eſcreveo: a qual ainda que comprida, nada tem de enfadonha. Dis aſſim eſcrevendo a ſeu Superior.

4 Neſta darei conta a voſſa Reverencia da peregrinaçaõ, que fizemos às terras de Tibet, deixando muitas particularidades, aſſim por eſcuzar o ſer largo, como porque nem pera eſcrever iſto, ha tempo. Aos 30. de Março de 1624. partimos de Agra o Padre Manoel Marques, & eu, pera acompanhar a el-Rey, ao qual eu havia deixado, quãdo paſſou por Agra, por cauſa de huma doença grande, em que cahi.

5 Chegamos à Cidade de Dely, da qual actualmente partiaõ muitos gentios em romaria a hum famozo Pagode, que diſta de Agra mes, & meyo de caminho. Como tinhamos muitas informaçoens tomadas por varios caminhos cõ grande diligencia, pellas quais nos certificamos, ſer aquelles Reynos de Chriſtaõs, alem da fama, que de vinte annos a eſta parte tinha chegado aos Padres na meſma uniformidade; vendome em companhia de gente, que me podia ſervir de guia em grãde parte do caminho, & que perdida eſta occaſiaõ, tarde ſe offereceria outra, me reſolvi a hir tomar noticia daquellas naçoens; principalmente ſendo em tẽpo, que el-Rey hia ao Reyno de Caſſimir, na qual jornada baſtava pera o acompanhar hum sò Padre, como em effeito o acompanhou, & eu na volta intentava hir encontralo a Laor, quando ſahiſſe de Caſſimir.

6 Pello qual tomava a ultima reſoluçaõ, & ordenadas as couſas tocantes à eſta miſſaõ, deixando Por Superior ao Padre Franciſco Curſi, & naõ duvidando ſer eſta a vontade de voſſa Reverencia, pois a empreza moſtrava ſer de grande gloria de Deos, & por outra parte naõ ſe fazia falta a eſta eſtancia, nos puzemos a caminho pera Tibet na maneira ſeguinte.

7 Com todo o ſegredo poſſivel nos partimos da Cidade de Dely huma madrugada, indo veſtidos de Mogores debaixo das ſotanas, & logo ſaindo das portas fora, como era eſcuro, as tiramos, & apparecemos com toucas, & cabayas, ſem que os proprios Chriſtaõs tiveſſem diſto noticia, nem os noſſos criados, que deſ-de Laor nos haviaõ athe alli acompanhado.

8 Deyxada a eſtrada real, comeſſamos a atreveſſar as terras

terras del-Rey pellos caminhos mais breves, que nos foi possivel, athe que passados quinze dias, chegamos ao fim das terras do Indostam, & ficamos ao pé das serras, que saõ do Rajâ de Siranagar. Nesta provincia nos tiveraõ por Mogores fugitivos, & por nenhum modo nos deyxaraõ passar, antes prezos nos mandavaõ a el-Rey; por ter ordẽ pera isso: & confirmavaõse vendo, que nem eramos gentios, nem mercadores, pois naõ levavamos roupas. Por outra parte os de Siranagar entendiaõ, que eramos Mogores mandados pera espiar as suas terras, pello muito, que se temem deste Rey. Passados alguns dias vendonos em tais apertos, quando parece, se cerravaõ pera nòs todos os caminhos, nos deu o Ceo passagem franca, ensinandonos a pôr a confiança sò naquelle, por quem faziamos esta jornada.

9 Com muita diligencia, & maior alegria comessamos a sobir as serras. Saõ ellas as mais fragosas, & altas, q̃ parece pode haver no mundo, & bem longe estou eu de poder declarar a vossa Reverencia a difficuldade, com que por ellas sobimos; basta saber, que depois de andar dous dias des-de pella menhãa athe a noyte, naõ acabamos de passar huma, cortando pellos mais altos picos, & nelles por caminho taõ estreito, que por muitas partes naõ tẽ mais largura, senaõ quanto cabe hum pé, andando bons pedaços assim pé ante pé, pegados com as maõs, por naõ esbarrar: pois o mesmo he errar, ou naõ pôr o pé bem direito, que fazernos em pedaços por esses ares.

10 Saõ pella maior parte aquellas serras taõ talhadas, como se por arte estivessem a plumo; correndo pello fundo dellas, como em hum abismo o rio Ganges; que por ser mui caudelozo, & despenharse com notavel estrondo por grandes penhascos entre serras taõ juntas, acrecenta com o seu eco o pavor, que a estreiteza do caminho causa aquẽ vai passando. Tem as decidas ainda mais difficultozas, & perigozas, pois carece hum homem em muitas partes de remedio, pera se poder pegar com as maõs, como nas subidas, & assim he necessario decer em muitas partes, como quem dece por huma escada de maõs.

11 Duas consideraçoens nos facilitavaõ muito estas difficuldades das serras. A primeira ver, que assim as passavaõ com muita alegria os gentios, que vaõ em romaria

ao seu Pagode, & nòs pella gloria de JESU Christo nosso Deos naõ faziamos mais, que elles. A outra, que entre estes idolatras havia outros de crecida idade, & ja com os pés pera a cova, & mui inferiores a nòs em forças, & em idade, que nos serviaõ de boa confusaõ, & tambem de nos animar neste caminho.

12 Costumaõ estes gentios hir assim muitos juntos hũs atras dos outros, porq̃ o caminho naõ dà lugar, a irem dous emparelhados, & vaõ dando grandes vozes, & gritos ao seu Pagode de continuo com estas palavras: *Ye Badrinate, ye, ye*: levantando qualquer primeiro a voz, & respondẽdo todos. Com assaz pena nossa ouviamos nòs estas vozes do Inferno: & ja, que naõ podiamos tomar outra vingança do maldito Pagode, nos apostamos a lançarlhe com a mesma frequẽcia outras tantas maldiçoens, & pedir à Corte do Ceo, que em nosso nome desse outros tantos louvores, & gloria a nosso Senhor JESU Christo.

CAPITULO XXXII.

Do que vio, & passou athe sahir de Siranagar.

1 LOgo na primeira jornada a cada tiro de seta achamos varios Pagodes de obra sumptuosa, todos pella maior parte com alampadas acezas; mas todos de varias figuras, & todos abominaveis, & ridiculos. Por guardas, & servidores tem muitos Jogues, que logo em suas mesmas figuras mostraõ ser ministros dos Demonios. Entre outros vimos a hum ja mui velho, com as unhas, & cabello taõ crecido, & de catadura taõ disforme, que parecia o proprio diabo; & elle sem dizer palavra, recebia os louvores, & reverencias dos gentios, que lançados por terra, lhe beijavaõ os pés.

2 Dezejeilhe a este, o que dous mezes antes havia este Rey mandado fazer a outro mais disforme, & foi, que indo elle à caça em Agmir, junto de hum lago, donde naquelles dias havia grande concurso de gentios pera suas superstiçoens, vio a hum Iogue taõ horrendo na figura, que tinha os cabellos da cabeça quatro covados de comprido,

&

& as unhas mais de hum palmo, & elle com taõ pouco empacho, que com nada se cobria.

3 Era grande o concurso dos gentios, que lhe hiaõ beijar os pés, & tudo foi notando el-Rey, ficandose o Jogue immovel, sem lhe fazer nem ainda huma minima reverencia. Voltando da caça, o mandou chamar; deu o Jogue por reposta, que naõ hiria, senaõ em hombros de homens, ou na carroça del-Rey. Ouvindo esta reposta, o mandou trazer de rasto pellos cabellos, & tendo-o diante de si lhe disse, que ou era diabo, ou retrato vivo delle, pois se naõ podia imaginar cousa mais enorme. Logo lhe mandou cortar os cabellos, & unhas, dar outro castigo devido á sua descompostura, & depois de tudo grande soma de açoutes; & q̃ o levassem pellas ruas, pera q̃ os rapazes com gritos, & escarneos vingassem, ou recompensassem os louvores, que lhe tinhaõ dado os gentios. Outro tanto se devia ao Jogue, de que assima fallei.

4 Mas tornando às serras, saõ pella maior parte cheas de muito arvoredo, do meyo pera bayxo, com grandes pinheirais de varias castas, & de estranha grandeza, huns como os nossos, outros mais verdes, que naõ daõ fruto, mas de muito melhor madeira, taõ altos, & direitos, que passaõ duas, ou tres alturas da torre do bom JESU de Goa. Naõ he encarecimento, senaõ verdade mui certa. Em muitas partes achamos grande numero de pereiras, carregadas de muita fruta verde; & muitas arvores de canella, aciprestes, limoeiros, rosais grandissimos com rosas sem numero. Muitas amoras de sylva, humas negras como as nossas, outras coradas como medronhos, mas todas mui boas.

5 Huma serra vi toda de arvores de Sancto Thome, sem folha, mas taõ carregadas de flores, humas brancas, outras como as da India, & ellas enlaçandose humas com as outras com os ramos de sorte, que parecia toda a serra hũ monte de flores, ou huma só flor; & foi a mais fermosa vista neste genero, que tive em toda a minha vida. Ha grande numero de outras arvores como castanheiros sẽ fruta, mas brotaõ ramalhetes de fermosissimas flores; de maneira, que cada ramo he hum fermoso, & grande ramalhete da figura de hum acipreste, taõ bem cortado, que naõ deixa lugar à natureza pera acrecentar em sua perfeiçaõ cousa alguma.

6 As flores saõ como as nossas, muitos lirios, rozas, & açucenas, & outras em grande numero taõ peregrinas, como fermosas. Em muitas partes vi grandes pedaços de terra, cuja herva era sò alfavaca taõ fina como a nossa, mas a folha mais meuda. Porem o que faz as serras mais apraziveis, & menos difficultosas aos caminhantes, saõ as muitas fontes, que dellas correm, humas despenhandose dos mais altos picos, outras brotando de vivas penhas ao longo do caminho, de agoa taõ cristalina, & fresca, que naõ ha mais, que dezejar.

7 Assim chegamos à Cidade de Siranagar, aonde reside o Rajâ, & naõ tem outra, senaõ hum grande numero de aldeas, como villas pequenas. He a gente desta terra nos costumes mui differente da gente Industana. Naõ degollaõ os carneiros, & cabras, que comem, mas afogaõ-nos, & dizem, que ficando o sangue espalhado pella carne he mais gostosa; & assim sem esfollar as rezes com a pelle chamuscada, & carne mal assada, as comem.

8 De ordinario andaõ descalsos, cõ os pés em gretas, & cheos de golpes cõ tantos callos, q̃ correm sem molestia alguma por sima de pedras mui agudas, sem se ferir. Nesta Cidade nos fizeraõ grandes exames de quem eramos, & da nossa pertençaõ. Naõ podiamos dizer, que mercadores, & fora acertado, mas naõ levavamos roupa. Respondi, que eu era Portuguez, & que hia a Tibet embusca de hũ irmaõ meu, que havia muitos annos estava lâ, segũdo as novas, que me chegaraõ.

9 Revolvendome a roupa de vestir, que levava, quãdo viraõ as sotanas negras, pergũntaraõ a rezaõ daquillo? Eu respondi, que as levavamos, pera as vestir, se acazo aquelle meu irmaõ fosse morto (entẽdendo como o estavaõ todos à vida espiritual) em final de dor, por ser aquella cor, a que se usava nas nossas terras. Entaõ ficaraõ mais persuadidos, que teria lâ algum irmaõ, como dizia.

CAPITULO XXXIII.

De como passou o Ganges sobre a neve, & dasse noticia do Pagode Bradid, & daquellas terras, & gente.

1 DEpois de sinco dias nos deixaraõ passar por particular merce de Deos, & nòs com toda a brevidade possivel fomos caminhãdo como quinze dias por serras me-

menos fragozas q̃ as paſſadas, & ſahindo deſtas chegamos a outras cheas de neve, nas quais a ſombra, & freſcura das fõtes nos era ja menos neceſſaria, por haver jâ grãde frio. Paſſamos o rio Gãges muitas vezes, naõ por pontes de maromas bem difficultozas, como no caminho, que haviamos deixado atras, mas por ſima da neve, que o cobria por grandes eſpaços, indo elle por debaixo fazendo ſeu curſo com grande eſtrondo.

2 Naõ pude entender, como era poſſivel cahir tanta neve, que fizeſſe aboboda a rio taõ caudeloſo, ſem ſer baſtantes ſuas agoas a levala, & derretella. Pareceme, que das ſerras ao pé, das quais corre, naõ podendo ſuſtentar a maquina, & grande pezo da neve, cahe ſobre eſte rio como montes, & com a queda fica fixa, & aſſim compoſta, & dẽſa, cobrindo-o por ſima, em muitas partes como hum tiro de eſcopeta; em outras mais, & em outras menos, deixando por partes algumas concavidades, & aberturas, q̃ naõ cauſaõ pequeno pavor aos que paſſaõ por ſima; naõ ſabẽdo, em que hora, ou ponto cahiraõ aquellas abobodas, como cahem muitas vezes ſervindo a muitos de ſepultura.

3 Aſſim fomos paſſando alguns dias, athe que no cabo de mes, & meyo chegamos ao Pagode Bradid, que eſtâ nos confins das terras de Siranagar. A eſte vai grande concurſo de gente athe de partes mui remotas, como de Ceilam, Biſnaga, & outras, que vem a elle em romaria. Quando de Goa voltamos, vieraõ conoſco dous moços Gingalâs de Ceilaõ, comprida ja ſua romaria a eſte Pagode. Queixaraõſe, que naõ achavaõ eſmolas, pera ſe ſuſtentar, que padeciaõ muita neceſſidade. Mandeilhes dar huns bazarucos, moeda, que fazia hum larim de Goa, porem em ſabẽdo, que naõ eramos gentios, naõ aceitaraõ a eſmola, dizendo, que sòmente de Bramanes, ou Banzares a recebiaõ.

4 Eſtâ eſte Pagode Bradid ſituado ao pé de huma ſerra, de que nacem varias fontes de agoa mui boa; entre outras brota huma de agoa taõ quente, que naõ ſe pode ter nella a maõ, nem ainda por breve eſpaço, a qual ſe reparte por tres partes, levando cada-huma della como hum boy de agoa, & aſſim entra em varios tãques, nos quais tẽperada com outra fria ſe lavaõ, os que vaõ em romaria; tẽdo pera ſi, que com ella ſe purificaõ ſuas almas, & ficaõ ſem peccado algum; & naõ ha pera elles neſta vida bemaventu-

venturança maior, que chegarſe a lavar neſta agoa purificadora das almas.

5 Eſtâ eſte Pagode emſima do meſmo lugar donde brota eſta fonte, que aqui o puzeraõ os Bramanes fingindo pera iſto mil patranhas. Entre ellas dizem, que o fogo vendoſe cheo de peccados, pellos muitos males, que fazia no mundo, abrazando cazas, & fazendas, conſumindo cãpos, & arvoredos, pezarozo de taõ graves culpas ſe foi pedir remedio dellas ao Pagode Bradid; o qual lhe diſſe, que ſe ficaſſe naquelle lugar com elle, & aſſim purgaria todos os ſeus peccados.

6 Teve o fogo por grande merce, a que lhe fazia o Pagode, & aſſim ſe ficou a ſeus pés, & poriſſo ſalta taõ quente aquella fonte de agoa, que ſe via. Inſteilhe dizendo: que ſe o fogo eſtava aos pés do Pagode, como dizia, & taõ manſo, & quieto, como fazia toda via pello mundo os meſmos males, que antes, abrazando, quanto encontrava? Reſponderaõ, que o fogo, que andava agora pello mundo, era huma ſó parte das quinze, que tem o fogo, & que ficandoſe as quatorze quietas aos pés de Bradid aquentando aquella fonte, a decima quinta fazia os males, que lhe dizia.

7 Dizem mais, que o Pagode ao principio, tudo quãto tocava o tornava em ouro, ora foſſem paos, ora pedras, ou qualquer outra couſa; porem que hum ferreiro por cobiça, levando certa cantidade de ferro, & deitandoo no fogo, que eſtava aos pês de Bradid, pera deſta maneira o abrandar, & fazer maior a cantidade pera depois ter mais ouro, tocando com o ferro aſſim quente no Pagode, elle aſſim ſe ſintio diſto, que nunca mais quis converter as couſas em ouro, como antes fazia.

8 As offertas, que entraõ no ſeu thezouro ſaõ ſem numero, & aſſim dizem, que he grandiſſimo o thezouro, que tem de ouro, prata, aljofar, & pedras precioſas. Fora tres mezes do anno, todos os mais eſtâ eſte Pagode cuberto cõ a muita neve, que cahe ſobre elle. As aldeas ao redor ſaõ neſte tempo inhabitaveis, paſſandoſe os moradores a outras, que eſtaõ mais abaixo tres, ou quatro jornadas, donde a neve faz menos impreſſaõ.

9 As gentes deſtas terras, poſto que pertencem ao Rajâ de Siranagar, ſaõ de outra caſta, a lingoa he differente.

te.

te. Comẽ carne, & hervas, & assim como vaõ esfollando o carneiro, o vaõ comendo, principalmente toda a gordura, que tem, & os nervos dos pés he pera elles o melhor bocado. As tripas depois de mal enxaugadas na agoa as fazem bocadinhos, & logo as vaõ comendo : alguns as poem a cozer, mas naõ esperaõ, que fervaõ mais, que a primeira ves, dizendo, que a carne mui cozida perde o sabor, & a substancia. Comem a neve, como entre nos o paõ, ou doce.

10 Vendo eu hum menino de dous, ou tres annos cõ hum pedaço de neve nas mãos comendoa, me pareceo, q̃ lhe faria muito mal, mandeilhe dar humas passas, que actualmente nos avia dado o Rajâ do Pagode, & que lhe tirassem das mãos a neve, que tinha. Tomou elle as passas, & começando a comer, as lançou logo de si, chorando pella sua neve. Assim meninos, grandes, & pequenos comem a carne crua, arroz, & outras sementes desta sorte, & com isto estaõ mui fortes, & saons, bem fora das infermidades da India. Aqui lavraõ, & semeaõ as molheres, & os homens fiaõ. As molheres trazem por joyas nas orelhas humas folhas como de palma, postas de tal sorte, que parecem dous fuzos, que saindo das orelhas desta maneira direitos, cahem pello rosto cousa de palmo, & meyo bem comprido.

CAPITULO XXXIV.

Da jornada, que fez por sima das neves athe os confins de Tibet, & o que lhe succedeo.

1 NA ultima povoaçaõ chamada Manâ estivemos alguns dias esperando, que se desfizessem as neves de hum famoso dezerto, que estâ entre estas terras, & as de Tibet, o qual só se pode passar em dous mezes do anno, porque nos outros dez naõ dâ a terra lugar a comercio algum. Desta aldea ultima vaõ subindo logo algumas grandes serras, que se atravessaõ em vinte dias dos dous mezes, que por ellas hâ passagem; naõ tem povoaçaõ alguma, porque no lugar onde a pudera aver, naõ ha arvore, nem herva, nem outra cousa mais, que montes de neve,

ve; chovendo de continuo ſobre elles: porem nos dous mezes do anno, que hâ paſſagem, eſtâ a terra deſcuberta nas fraldas dos montes por algumas partes, & donde naõ o eſtâ, eſtaõ as neves taõ eſpezas, & duras, que he facil paſſar por ſima.

2 Naõ ſe acha por eſte dezerto lenha, nem couſa, cõ que poder accender fogo; & aſſim a matelotagem, que levaõ os paſſageiros, he farinha de ſevada toſtada, aqual, quando a querem comer, deitaõ em agoa, & fazem hum polme, que bebem, ſem tomar couſa, que chegue a fogo, porque o naõ hâ; & deſta maneira paſſaõ, & ſe ſuſtentaõ naquelle dezerto, & morrem nelle muitos. Dizem elles, que hâ certos vapores, que a meſma terra deſcuberta lança de ſi, taõ danoſos, que eſtando hum homem ſem lhe doer, pé, nem maõ, lhe daõ huns deſmayos, que em menos de hum quarto de hora acabaõ as vidas. Eu creyo naçe iſto da grande frialdade, & falta de comer, & aſſim ſelhes apaga o calor natural, & morrem de repente.

3 Alguns dias eſtivemos eſperando com determinaçaõ de paſſar com certas caſilas, que o Rajâ dos Pagodes faz levar a ſuas terras. Porem neſte meſmo tempo tivemos muitos ſinais, & aviſos, que o Rajâ de Siranagar nos mandava deter, & que naõ paſſaſſemos a diante. Certificados diſto, foi grande á affliçaõ, que tivemos, vendo, que depois de tantos trabalhos paſſados, tantos caminhos andados, aſſim ſe atalhava noſſa pertençaõ, & falhavaõ as eſperanças de entrar naquella terra, que era pera nos como a de promiſſaõ.

4 Depois de varios diſcurſos neſta materia, & poſto o negocio na maõ de Deos, pois era ſeu, me reſolvi de paſſar occultamente eſte dezerto, ainda, que foſſe fora de tẽpo, naõ duvidando do particular favor, & protecçaõ do Ceo. Depois de me aver mui bem informado do caminho, & do tempo, que na paſſagem podia gaſtar, deixei o Irmaõ neſta aldea, por me parecer, naõ paſſaria mal algũ, & me pus a caminho huma madrugada, ſem ſer viſto, levando comigo dous moços Chriſtaõs, & hum daquelles ſerranos por guia, & cada hum de nos levava huma boa manta, pera ſe cobrir, & huns alforjes com alguma couſa pera comer.

5 Caminhamos dous dias com a mayor preſſa, que nos

nos foi possivel, ainda, que com trabalho por rezaõ das neves, que neste lugar se comessavaõ a passar com difficuldade Nisto chegaraõ a nos no dia seguinte dous serranos, mandados pello Governador daquella terra, fazendo grãdes ameaças, aos que nos guiavaõ, se passassem adiante, dizendo a hum delles, que sua molher, & filhos ficavaõ em estreita prizaõ, & seus bens confiscados, & se logo naõ voltasse, que todos morreriaõ; & a mim me procuravaõ a medrontar com varias ameaças, & medos, dizendo, que meu companheiro, que ficava na aldea, passaria muito trabalho; & se eu logo naõ voltava, todo o nosso fatinho seria tomado; & sobre tudo, que se eu passava a diante infallivelmente morreria, por naõ ser ainda tempo de passar aquelle dezerto. Ajuntando a isto outras muitas ameaças, & espantos da mesma qualidade.

6 O serrano, que nos guiava, se voltou logo; & eu como estava bem informado do caminho, passei adiante com os dous moços, & invocado o nome de JESUS, & ajuda do Senhor, continuamos o caminho. Porem o trabalho, que passamos foi excessivo, porque nos acontecia muitas vezes a fundirnos na neve athe os hombros, & outras athe os peitos, & de ordinario athe os joelhos, trabalhando por sahir, quanto senaõ pode crer, & suando suores frios, vendonos naõ poucas vezes em perigo de vida; & muitas vezes nos era necessario ir por sima da neve com o corpo, como quem vai nadando, porque desta maneira naõ nos affundiamos tanto na neve.

7 Assim fomos continuando o caminho, dormindo as noytes sobre a mesma neve, sem ter mais abrigo, que deitar huma manta, que levavamos sobre a neve, & cobrirnos todos tres com as outras duas: & naõ era este o maior trabalho, porque mais sentiamos a neve, que começava a cahir das quatro da tarde, continuandose quasi toda a noyte, taõ meuda, & espeza, que naõ nos deixava ver estando juntos, acompanhada com hum vento rijo, & muito frio. Cobrindonos com as mantas, o remedio era, sacudilas muitas vezes, por naõ ficar enterrados debayxo da neve.

8 Nos pês, maõs, & rosto naõ tinhamos sentimento, porque com o demasiado rigor do frio, estavamos totalmẽte sem sentido. Aconteceome darme hum golpe naõ sei

onde, & cahirſeme hum pedaço de hum dedo, ſem eu de tal dar fé, nem ſentir ferida, ſenaõ fora ver correr della muito ſangue. Os pés tinhamos taõ inchados, & gelados, que queimandonolos depois com brazas vivas, & ferros abrazados, naõ ſentiamos couſa alguma.

9 A iſto ſe acrecentaraõ dous grandes males. O primeiro, que cada hum de nos tinha hum mortal faſtio, com que eſtavamos como impoſſibilitados pera comer, & naõ me lembro ter tido ſemelhante em alguma infermidade; mas a preciſa neceſſidade fazia; que ſobre todas eſtas repugnancias comeſſe alguma couſa: & com muita força, & cõ algumas invençoens procurava com os moços o meſmo, como ſe foſſem, ou eſtiveſſem mui enfermos.

10 A outra couſa, que nos foi de pena, era naõ achar agoa pera beber, a qual no meyo de tais frios nos era bem neceſſaria, por razaõ da ſecura, que cauſava em nos o muito trabalho. Naõ era iſto por faltar fontes, mas porque todas ellas hiaõ occultamente por de baixo da neve, & da meſma maneira hia o rio Ganges. Comiamos pedaços da meſma neve, & algumas vezes quando o ſol começava a aquecer, derretiamos huma pouca em hum prato.

11 Deſta maneira fomos caminhando athe o alto de todas as ſerras donde nace o rio Ganges de hum grande lago, do qual tambem nace outro rio, que rega as terras de Tibet. Neſte tempo tinhamos jâ a viſta dos olhos quaſi perdida, porem eu a perdi mais tarde, que os moços, pella muita diligencia, que puz em a guardar, mas naõ foi baſtante, pera naõ ficar quaſi cego por mais de vinte, & ſinco dias, ſem poder rezar o officio divino, nem ainda conhecer huma ſó letra do breviario.

CAPITULO XXXV.

Dos mais trabalhos, que teve, & como finalmente chegou a Tibet, & fallou a el-Rey.

1 LOgo, que chegamos ao alto das ſerras, ſe ſeguiaõ humas grandes campinas das terras de Tibet: mas como jâ viamos mui mal, naõ divizavamos, mais, que tudo branco, ſem poder diſcernir, porque parte podiamos paſ-

passar a diante; & assim perdemos todas as esperanças, de o poder fazer, faltandonos os sinais, pellos quais o faziamos athe entaõ. Ja neste tempo naõ estavamos da Cidade Real mais, que sinco dias de caminho, & tinhamos por impossivel, poder jâ passar a diante, pois naõ pareciaõ mais, que campinas de neve, & por outra parte irnos faltando o mantimento, & os moços, que era necessario calçalos, & descalçalos, cubrilos, & descobrilos, ainda meterlhes o bocado na boca.

2 Tratei com elles, o que aviamos de fazer, & assentamos naquella noyte, que ao outro dia pella menhãa voltassem elles a aldea, donde estava o Irmaõ, o que podiaõ fazer em seis dias, andando bem, & eu me ficaria entre tanto ao pé daquella serra num lugar, que por ser mui humido se derretia nelle a neve, & tinha algum abrigo do vento de tras de huma grande pedra com abundancia de agoa do lago, que disse assima, ficandome bastante provimento do necessario pera oito; ou nove dias, em quanto o Irmaõ de là me mandava alguma cousa, ou fosse Deos servido, que ouvesse alguem, que me guiasse o restante do caminho athe Tibet.

3 Chegada a menhãa me despedi dos moços, encomendandolhe, quanto pude a diligencia em caminhar, que como avia de ser sempre costa abayxo, & por caminho, q̃ jâ sabiaõ, podiaõ mui bem ir com mais presteza, pois lhes importava, por estar a sua vida em perigo, & a minha. A reposta foi, porense a chorar, como meninos, dizendo, que elles sem mim, naõ podiaõ dar quatro passos, & que sem mim naõ se atreviaõ, a ir, como a noyte antes o aviaõ promettido. Nunca pude cõ elles acabar outra cousa; & assim, parece, o quis Deos; porque sem duvida elles morreriaõ no caminho, se foraõ sos, como logo o experimentei.

4 Desta sorte fui forçado a voltar quasi do fim da jornada, com os mesmos sobresaltos de ser detido, com que avia chegado athe alli, dos quais me parecia estar jâ seguro. Com ser o caminho na volta mui facil, porque tudo era decer, foi cõ tudo isto grande o trabalho, que tive, em fazer andar os moços, porque jâ os pês hiaõ tais, que se naõ podiaõ ter sobre elles. Assim caminhamos de volta tres dias. Neste tempo huma tarde ouvi humas vozes como de homem, que andava naquelle deserto, mas naõ via-

mos quaſi nada, nem podiamos ſaber, o que ſeria.

5 Fomos pera onde ouviamos as vozes, & encontramos com hum ſarrano, que vinha em buſca de nos, com novas do Irmaõ, o qual lhe deixaraõ mandar os de Manâ, ou por milhor dizer, o ſolicitaraõ muito pera iſſo, achandoſe mui envergonhados, do que tinhaõ feito, temendo naõ nos aconteceſſe alguma diſgraça, como jà imaginavaõ, & que lhes tomaria el-Rey de Tibet eſtreita conta, quando os viſſe. Degrande conſolaçaõ nos foi eſte homem, do qual ſoubemos novas certas do Irmaõ, & como os temores de ſer prezos, ou detidos eſtavaõ jâ extinctos, buſcãdo os da aldea couſas, que dar ao Rajâ, pera que nôs naõ im pediſſe, que foi nova de grande alegria.

6 Por eſte homem nos enviou o Irmaõ hum pouco de refreſco de grande eſtima, & foi huma pouca de farinha de ſevada torrada, & hum pouco de mel, & juntamente roupa, pera nos cobrirmos, & ampararmos do frio. Serviones eſte homem de guia por outros tres dias, no cabo dos quais chegamos a hum lugar, em que a neve era pouca, & avia covas de pedras, de bayxo das quais nos podiamos recolher. Diſtava eſte lugar da aldea tres jornadas: Aqui deſcanſamos alguns dias athe chegar o Irmaõ, & com elle huma cafila, que ſe anticipou por noſſo reſpeito.

7 Quando chegou o Irmaõ, naõ o pude conhecer, ſe naõ depois de o ter nos braços. Julgue voſſa Reverencia, que cõſolaçaõ averia entre nos. Ainda alguns dias depois de deſcanſo, tenho por certo, que nunca me vi com tanto alento, & forças, como neſte taõ trabalhoſo caminho, & mal podia, quem me conheceo, julgar, que em mim as averia pera tanto trabalho.

8 Depois de chegar o Irmaõ, nos detivemos por algũs dias naquelle lugar, em quanto ſe desfaziaõ mais as neves, em que ſe paſſou quaſi hum mez, & ouve lugar de tornar a fazer de novo o meſmo caminho, mas jâ cõ facilidade, & menos trabalho, que naõ tinha ſemelhança com o primeiro. Só me faltava a viſta, & naõ he muito, pois athe os meſmos ſerranos, que foraõ com noſco, cõ eſtar acoſtumados, & ter nacido entre eſtas neves, padeceraõ por alguns dias grandes dores nos olhos, ſem lhes valer huns antolhos, que fazem de certas redes, pera defender a viſta dos rayos do Sol, que ferindo a neve lhes cegavaõ os olhos cõ a cõtinuaçaõ de poucos dias.

9 Ja

9 Ja neste tempo se avia mandado hum recado ao Rey de Tibet, & assim teve noticia de nos, mandando dous homens ao caminho, pera que nos acõpanhassem, & servissẽ, ordenãdo aos da cafila, q̃ tivessẽ muito cuidado de nos, & nos levassem como cousa muito sua; & a mim me escreveo, que fosse mui alegre pera suas terras, porque me daria dellas, qual eu fosse servido.

10 Tudo isto succedeo, pello que se escreveo de nos ao mesmo Rey, que eramos gente mui estranha, nunca vista por aquellas terras. Tres dias antes, que chegassemos, nos mandou tres cavallos, dous pera nos, & outro pera algum dos moços sendo necessario. Quando chegamos â Cidade, sahia a gente pellas ruas, & as molheres ás janelas avernos como a cousa mui estranha. O Rey por entaõ naõ appareceo, estava a Rainha numa varanda do paço, donde nos quis ver. Fizemos-lhe a devida reverencia, & assim nos recolhemos a humas cazas, que nos tinhaõ aparelhadas.

11 Imaginava el-Rey, & assim lho tinhaõ escrito, que nos deviamos trazer algumas perolas, & joyas de grande preço, ainda, que naõ eramos mercadores, pois naõ podia aver outro fundamento do caminho taõ trabalhozo, que aviamos emprendido. Certificado jâ por via de outros, que nem eramos mercadores, nem traziamos peças ricas, como imaginava, ficou menos contente da nossa vinda, & sem nos querer fallar dous, ou tres dias.

12 Mandando perguntar, a que vieramos, respondi: que naõ avia vindo a suas terras, pera comprar, nem vender, porque naõ era mercador; & assim mesmo, que naõ viera, pera levar cousa alguma dellas, nem delle queria alguma merce, das que me avia offerecido, só lhe pedia, me desse audiencia por espaço de huma hora, & que entaõ lhe descobriria a causa da minha vinda, & naõ de outra maneira, que estivesse certo, lhe seria de gosto.

13 Avida a licença nos recebeo com benevolencia, estando só cõ elle hum seu cunhado. Servia de lingua hũ Mouro Queiximir, pello qual lhe dei cõta da pertençaõ, cõ que avia vindo à sua corte, & os muitos trabalhos, que nesta empreza avia passado, & saber, se eraõ certas as novas, que me aviaõ dado, de que era Christaõ, & seguia cõ seus a verdadeira lei, & se era servido, alli me tinha,

pera declarar, & moſtrar os erros da ſua, & que ſomente os dezejos de ſua ſalvaçaõ me faziaõ deſterrar de minha patria, deixar irmaõs, & amigos, & paſſar tantos trabalhos, que ſe aproveitaſſe da occaſiaõ, que Deos lhe punha nas maõs, lembrandoſe, que por tantos annos a tras a naõ avia dado a ſeus antepaſſados, que naõ ſe fizeſſe indigno das merces, que o Ceo lhe offerecia.

CAPITULO XXXVI.

O mais, que lhe ſuccedeo, em quanto eſteve em Tibet.

1 COmo o Mouro ouvio eſta pratica entendendo noſſa pertençaõ, procurou, quanto pode, desfazela, cõforme, o que ſe deixava ver no ſeu fallar; de modo, que com naõ entender eu aquella lingua, me parecia a mim claramente, que elle uſava de engano, & me vi forçado algumas vezes a ameaçalo, que o faria caſtigar gravemente, naõ ſendo fiel em referir a el-Rey, o que ſe lhe mandava dizer, & que logo avia de tomar hum gentio por lingua, & de novo dizer ao Rey, o que elle naõ queria dizer.

2 Baſtou por entaõ, o que elle diſſe ao Rey, pera que o Rey ſe deixaſſe entrar, & lhe foſſemos parecendo melhor, que na primeira entrada. A Rainha, que tudo eſtava ouvindo noutra caza de tras de huma guarda-porta, mandou dizer ao Rey, que nos queria ver, & nos fallou depois; mas voltando ao Rey, quis ella eſtar prezente, & diſſe entre outras couſas, que ſentia grande pezar, de naõ ſaber a noſſa lingua, porque muito lhe avia agradado, o que avia ouvido da noſſa Ley.

3 He eſta Rainha tida por molher prudentiſſima, & tal pareceo no ſeu trato, & nas perguntas, & repoſtas da pratica. Mandou, por ſer jâ entaõ tarde, que nos recolheſſem, mas que folgaria de fallar cõ noſco de eſpaço naquellas materias de ley, & ſalvaçaõ. No dia ſeguinte fui chamado bem ſedo, porque jâ aquelle pequeno graõ da moſtarda do Evangelho hia lançando raizes, & cauſando grandes effeitos nos coraçoens do Rey, & Rainha.

4 Neſte dia, como nos mais ſervia hum gentio de lingua,

gua, pratiquei de eſpaço de noſſa ſancta ley, declarando alguns miſterios principais, com tanto goſto do Rey, & da Rainha, que dalli adiante naõ podiaõ eſtar ſem nos, naõ ſe fartando de ouvir novas do Ceo, & mais ſendo taõ certo, que o menos, que ſe dizia, podia ſer entendido; pois era neceſſario fallar por tres linguas differentes, entendendo qualquer delles mui pouco da materia, de que ſe tratava. Mandou o Rey, que pera nos naõ ouveſſe porta ſerrada em ſua caza, & que atodo o tempo entraſſemos, & ſahiſſemos, como em effeito ſe fez, ainda nos tempos, que ſenaõ deixava entrar empalacio.

5 Quaſi todos os dias tinhamos prezentes do Rey, & Rainha daquellas couſas, que havia na terra, a ſaber carneiros, arroz, farinha, manteiga, mel, paſſas, vinho de uvas em grande abundancia, de maneira, que naõ sò baſtava pera os de caſa, mas davamos continuas eſmolas, & exercitavamos outras caridades. As paſſas ſaõ de duas caſtas, humas negras mui meudas, mas mui boas, & doces, outras mui grandes, & brancas, mas mui ſecas, & azedas. Todas vem dez, ou doze dias de caminho de outras cidades do meſmo Rey, como tambem o vinho de uvas.

6 Paſſavaõſe ja muitos dias, & paſſavaſe o tempo, em que era neceſſario voltarmos, antes que ſe ſerraſſem as ſerras. Pedi licença ao Rey, dilatandoa de dia em dia naõ acabava de a dar, athe que claramente me diſſe, que me naõ deixaria ſahir de ſuas terras, ſem primeiro lhe dar palavra firmada com juramento de voltar logo o anno ſeguinte, pera ficar com elle de eſpaço, ja q́ por entaõ naõ era poſſivel, conforme as rezoens, que lhe apontava. Eu quando o vi taõ dezejoſo, de ficarmos, diſſe, que lhe daria palavra, que me pedia de voltar logo, ſendo contente meu Superior maior, cujo ſubdito eu era, como ſem falta ſeria, mas cõ as condiçoens, que eu lhe daria por eſcrito, como lhas dei.

7 Foi a primeira, que me havia de dar pleno poder, pera prégar nas ſuas terras a ſancta ley, ſem ninguem me poder hir à maõ. A ſegunda, que havia de dar ſitio pera fazer Igreja, & caſa de oraçaõ. A terceira, que naõ me havia de occupar em couſas proprias de mercadores, ſe por ventura pertendeſſe algumas das noſſas terras, pois era cõtra o que profeſſavamos. A quarta, que ſe acazo em tem-

po

po vindouro foſſem alguns mercadores Portuguezes a ſuas terras, nòs naõ haviamos de aſſiſtir em compras, & vendas de ſuas peças, nem em ſemelhantes materias, como ſe naõ ouvera tais mercadorias. A quinta, que naõ deſſe credito a couſa alguma, que lhe diſſeſſem os Mouros Queiximiris contra nòs, pois eraõ mui contrarios a noſſa ſancta ley.

8 A iſto acodio a Rainha, dizendo, que os Mouros erã mà gente, qual era a lei, que profeſſavaõ, em tudo encontrada com a ſua: pella qual rezaõ naõ deixão a algum viver das portas adentro da cidade; como na verdade não deixão, sòmente vem á cidade a ſeus contratos. Ouvidas pello bom Rey as condiçoens, & pella Rainha, mandou logo fazer hum papel ſellado com as armas Reais na forma ſeguinte.

9 *Nòs el-Rey do Reyno do potēte, recebendo alegria cõ a vinda do Padre Antonio Franguim (aſſim nomeaõ os Portuguezes na India) a noſſas terras, pera nos enſinar a ſancta lei. O tomamos por noſſo Lamâ maior, & lhe damos toda a autoridade pera enſinar aos noſſos povos a lei ſancta: naõ conſentiremos, que alguem lhe dê poriſſo moleſtia, & mandaremos dar ſitio, & toda a ajuda, que quizer, pera fazer caſa de oraçaõ. Aſſim mais naõ daremos credito a couſa, que contra os* Padres *quizerem intentar os Mouros, porque bem entendemos, que como naõ tem lei, aſſim encontraõ, aos que ſeguem a verdadeira.* Pedimos *encarecidamente ao* Padre *grande, nos envie logo o dito* Padre *Antonio pera remedio de noſſos povos. Dada em Chaparange &c.*

10 Mandou mais outro papel em lingua Perſiana por via dos Mouros, firmado com ſuas armas, em que manda a todos os Queiximiris de Agra, & de Laor, que tem cõmercio nas ſuas terras, que ſendo chamados por mim, ou por qualquer, façaõ tudo, o que lhes mandarem, & por ſua via levem o noſſo fato a Tibet, como ſe foſſe do proprio Rey. Tudo iſto ordenou, pera que na viagem naõ tiveſſemos moleſtia com direitos, & outras vexaçoens ſemelhantes.

11 No primeiro dia, que fallamos ao Rey, & vio o fato, que levavamos (como coſtumava fazer ſempre) achou, que parecia de pobres. Entre outras couſilhas achou hũa fermoſa imagem de noſſa Senhora em lamina com o menino JESU dormindo, couſa mui perfeita. Ficou paſmado

de

de a ver, & muito mais a Rainha: quando lhe declarei, o q̃ reprezentava, se lhe dobrou o gosto. Achou mais algumas cruzes de Salcete, algumas nominas, & veronicas, alguns cilicios, & disciplinas.

12 Perguntou novamente por cada-huma destas cousas, & pera que serviaõ, tudo se lhe declarou, quanto foi possivel. Callou por entaõ, mas passados alguns dias, quãdo ja estava, & se nos mostrava taõ affeiçoado, como fica ditto, me pedio cõ muita instãcia algumas cousilhas pera si, & pera a Rainha Prĩcepes, & sobrinhos. Naõ lhas dei logo, por lhe acrecentar os dezejos, & reverencia à quellas cousas; mas tornou a pedilas por muitas vezes, dizendo, que com ellas lhe faria Deos muitas merces, & que lhe seriaõ como boas armas contra huns, & outros inimigos.

13 Dous dias antes de me dar licença, lhe levei sete pera sete pessoas nomeadas, & lhas offereci todas juntas em hum papel; mas elle as naõ quis receber, dizendo, que desse eu a cada-hum a sua, como fiz, dando a primeira ao Rey, que a recebeo descuberto, & com summa reverencia, pondoa sobre os olhos, & cabeça, & logo a pendurou do pescosso de huma cadea de ouro. O mesmo fez a Rainha, que se seguia, Principe, cunhado, & sobrinhos, a cujas pessoas deitei as Sanctas Cruzes, que lhe ficaraõ mui bem.

14 O cunhado, que naquella tarde se partia pera hũa perigoza guerra, me disse, que hia com a Sãcta Cruz cheo de confiança, & segurissimo, de que nosso Senhor por meyo della, o livraria dos perigos da guerra, como em effeito o livrou, dandolhe victoria com muita facilidade, & honra sua. Era muito pera ver a grande devaçaõ de todos, & a reverencia, cõ q̃ tratavaõ as sanctas reliquias. Dei mais a cada-hum huma nomina, que lhe lancei ao pescosso, & no outro dia appareceraõ todos com as nominas em bolças de seda, pera mais resguardo.

15 O dia ultimo me deteve el-Rey consigo por mais tempo, & eu por despedida lhe offereci aquella lamina, em que estava a imagem da Senhora, & o menino JESU, dizendolhe, que por nenhuma via havia de deixar aquella sagrada imagem, mas por estar certo, que elle lhe teria todo o respeito, & acatamento, lha deixava como hum riquissimo tezouro, & como huma fortaleza inexpugnavel, aquem podia, & devia acodir no meyo de todos os perigos, & tra-

balhos da alma,& corpo,& que estivesse certo de rem edio, & socorro.

16 Elle estimou a imagem,quanto se pode crer,& posto de joelhos a poz sobre a cabeça, & sobre a da Rainha,& porque estava junta muita gente, me pedio, que lha mostrasse. Assim o fis com grande alegria,& consolaçaõ de todos, que descubertos, com os joelhos por terra, maõs levantadas adoraraõ a sagrada imagem com estranha devaçaõ, & reverencia. Querendolha deixar logo, me pedio, a tornasse a levar a nossa casa, em quanto mandava aparelhar lugar decente, pera a pôr, como se fez.

17 Indome eu ja com ella nos braços, encontrei noutra sala debaixo o Veador da fazenda, acompanhado de muita gente, o qual me pedio, que lhe mostrasse a imagem, de que ja tinha noticia por hum,dos que o acompanhavão, falloume em lingua Persiana, de que eu entendia ja algũas palavras; dizendo elle, que a dezejava ver por curiosidade de ver cousa tão boa, & perfeita. Ouvindo esta palavra, tornei a recolher, & cobrir a imagem, que ja lhe hia mostrando; dizendo, que aquellas cousas tão divinas, & sanctas naõ se vião por curiosidade, senão por lhes fazer a devida reverencia. Entaõ o Veador reprehendeo asperamẽte as palavras, de que o Lingua havia usado, pedindome, q̃ lha mostrasse, porque elle não por curiosidade, mas pera adorar de todo coração, a dezejava ver. Vioa com todos os prezentes com tanta devaçaõ, & reverencia, que naõ podia conter as lagrimas de consolaçaõ, vendo ao divino JESUS nos braços de sua May Sanctissima. Não bautizei logo ao Rey, & a Rainha, por naõ ter tempo, pera os catequizar, & pellos não deixar em perigo de tornarem a tras.

CAPITULO XXXVII.

O mais que succedeo depois do Padre se partir.

1 BEm se deixa ver o sentimento, com que ficava o Rey, a Rainha, & toda a Corte, quando nos partimos, dizendo na despedida, que voltassemos com toda a brevidade possivel, porque connosco lhe levavamos o corassaõ.

raſſaõ. Mandou gente, que nos acompanhaſe, não sò por ſuas terras, mas athe paſſarmos o dezerto. E ſecretamente tinha dado ordem, pera que das aldeas vizinhas nos foſſem cada dia dando carneiros, arros, & manteiga.

2 Paſſados tres dias de caminho, mandou tres homẽs pella poſta com ſeis ceſtinhos de figos pequenos, mas mui bons, em que vinhaõ mais de dous mil: mandandonos dizer, que aquella fruta lhe havia vindo de outra Cidade, doze, ou quinze legoas de caminho, que no la mandava em ſinal de amor, & que lhe mandaſſemos novas, de como hiamos. Agradecemoslhe, quanto pudemos a lembrança, q̃ ſem duvida era ſinal da affeiçaõ, que nos moſtrava.

3 Aſſim fomos caminhando, athe entrarmos nas ſerras do deſerto, donde deſpedimos a gente, que nos acompanhava por ordem del-Rey, ainda que com grande repugnancia, por algum medo, que tinhaõ del-Rey, por havernos deixado taõ depreſſa ſem ſua ordem, & licença.

4 Grandes foraõ os trabalhos, que ſobrevieraõ a el-Rey pouco depois, que ſahimos da ſua terra. Foi o cazo, que tres Rajâs vaſſalos ſeus unidos entre ſi ſe levantaraõ contra elle com grande poder. Tendo el-Rey convocado a ſua ſoldadeſca, que diſtava muitos dias de caminho, ſuccedeo, que o Rajâ de Siranagar moveo tambem guerra cõtra o meſmo: parece que confederado com os outros tres, & foi com tanto ſegredo, que naõ ſe ſoube nada em Tibet, ſenaõ depois de eſtarem ſeus exercitos junto às portas, porque naõ ſe temendo el-Rey de Tibet deſte Rajâ foi convocando a ſoldadeſca das terras a elle vizinhas, contra os tres levantados.

5 O de Siranagar com todo o ſegredo tomou tres caminhos, que das ſuas terras vaõ dar nas de Tibet, naõ deixando paſſar, quem pudeſſe levar as novas. Por hum caminho deſtes mandou hum exercito de ſincoenta, & dous mil homens com quinze mil eſpingardas, & vinte peças de artelharia meudas. Por outro caminho foi outro exercito de dezaſeis mil homens, & pello terceiro outra eſquadra de menor numero. O exercito maior chegou primeiro a certa fortaleza de Tibet, em que sò havia trinta ſoldados, os quais na primeira noite ſe reſolveraõ a dar no exercito inimigo, & mataraõ perto de trezentos homens, chegando à tenda do Capitaõ aquem buſcavaõ, & lhe tomaraõ

maraõ huma inſignia Real; porem como o numero era taõ pequeno, recolhidos outra vez à fortaleza a foraõ defendendo o melhor, que puderaõ. Depois de alguns dias ſe renderaõ.

6 Ficou o exercito inimigo ſobre maneira atemorizado; & na verdade os de Tibet ſaõ gente mui valeroſa, & mui exercitada nas armas, & os de Siranagar ſaõ ſerranos, que naõ ſabem ſenaõ trabalhar. Succedeo mais, que neſtes dias cahio muita neve, com que morreraõ muitos do exercito. As eſpias do exercito, que hiaõ por outro caminho, foraõ tomadas com alguma gente, os quais fingiraõ huma carta do Pagode Bradid. Diſſeraõ, que hiaõ tratar pazes, & aſſim evitaraõ o caſtigo, que lhes haviaõ de dar.

7 Eſtes nos diſſeraõ, quando depois voltaraõ a ſua aldea, que a primeira couſa, que el-Rey de Tibet lhes perguntou, foi como, & onde ficavamos, ſe nos haviaõ deixado paſſar; dizendolhe as eſpias, que ficavamos bons na ſua aldea, moſtrou diſſo particular goſto. O outro exercito chegou por outra parte, & naõ fez nada, atemorizado da muita gente de cavallo, que veyo ſobre elle. De maneira, que o General de Siranagar offereceo pazes, vendoſe ja em aperto, porque lhe tinhaõ tomado os caminhos das ſerras, por onde lhe havia de vir o mantimento.

8 De ſorte, que com difficuldade podia voltar a tras, & hir adiante naõ era menos difficultoſo pella muita gente, que ſe hia accreſcẽtando cada hora, & pello grande medo, que no ſeu exercito havia dos Tibeteſes. Eſtavamos nòs neſte tempo em manâ bem affligidos, temendo alguma grande ruina aquelle bom Rey, que de taõ groſſos exercitos eſtava rodeado, & fizemos as oraçoens, & votos, que nos pareceo. Foi Deos ſervido, que as pazes ſe efeituaſſẽ brevemente com o de Siranagar, & os outros tres foſſem vencidos, & ſujeitos. Por hora neſte eſtado fica o Rey de Tibet.

CAPITULO XXXVIII.

Daſſe noticia deſte Reyno, & gente.

1 AS terras de Tibet ſaõ mui grandes, ſegundo a informaçaõ, que dellas tivemos, & mais o parecem por

por ſerem taõ freſcas, & abundantes, pois nellas ha muito mantimento de trigo, arroz &c. De frutas, como uvas, peſſegos, & outras como atraz fica ditto, & aſſim no lo certificaraõ muitas peſſoas praticas naquellas terras: porem a Cidade Real, a que chegàmos, que he tambem a primeira deſta banda, he a mais eſteril, que tenho viſto, porque nella sòmente ſe dâ algum trigo nas partes, que ſe podem regar com o rio. Tem muito gado de carneiros, cabras, cavallos, & naõ outra couſa. De ſorte que nem huma sò arvore ſe acharà em muitas legoas, nem herva nos campos, mais que donde chega alguma agoa dos rios, & iſto por razaõ das continuas neves, ou por falta de chuva, q̃ naquellas terras he mui pouca.

2 Porem nos tres mezes do anno, em que faltaõ as neves, crece a herva no campo, & concorre o gado, que nos mais tempos anda em outras terras. Naõ ha açucar, nem fruta alguma, nem hortaliſſa, nem legumes, nem galinhas, & aſſim do de mais; porem venlhe muito mantimento de fóra, & aſſim naõ lhe falta carne, trigo, arroz, manteiga. Coſtumaõ dizer os Mouros Queiximires, que o Inferno eſtâ debaixo daquella terra, pella grande eſterilidade, que nella ha.

3 A gente pella maior parte he bem affeiçoada, valeroſa, dada a guerras, em que de continuo anda exercitada; & ſobre tudo mui piadoza, & inclinada às couſas de noſſo Senhor. Rezaõ certas oraçoens, & principalmente nas madrugadas. Trazem todos infallivelmente aſſim homens, como molheres, & meninos grandes relicarios de prata, ouro, & cobre, & o que dentro anda por reliquia ſaõ certos papeis eſcritos com palavras ſanctas dos ſeus livros, q̃ lhes daõ os ſeus Lamâs, aos quais tem grande reſpeito.

4 Trazem eſtas reliquias naõ ao peſcoſſo, mas de tras nas coſtas. Veſtem panos finos de lãa, trazem barretes, como os noſſos ſoldados, capas de differente feitio deſtas do Indoſtaõ. Todos uzaõ de botas mui bem feitas, & de mui bom coiro.

5 Os Lamâs ſaõ os ſeus Sacerdotes, ſaõ muitos, & em grãde numero: huns vivem em cõmunidade como os noſſos Religioſos, outros em ſuas caſas particulares, como os Clerigos ſeculares entre nòs; porem todos profeſſaõ pobreza, & vivem de eſmolas. He gente de mui bom viver, naõ

cazaõ:

cazaõ: occupaõſe a maior parte do dia em rezar, & pello menos fazem iſto pellas menhans por eſpaço de duas horas, & de tarde outro tanto. Cantaõ a noſſo modo ſuavemente, como canto chaõ entre nòs.

6 O pay, que tem dous filhos, faz a hum deſta profiſſaõ dos Lamâs. O proprio Rey tem tambem hum irmaõ Lamâ, com naõ ter outro. Parece gente mui manſa, & athe nos ſeculares rara vez ſe ouve palavra mal ſoante. Tem caſas de oraçaõ, como as noſſas Igrejas, mas mui limpas, & pintadas pellos tectos, & paredes; & com ſerem ſuas peſſoas, & veſtidos pouco limpos geralmente, no que toca às Igrejas as tem ſobre maneira limpas. As imagens ſaõ de ouro, & huma, que vimos em Chaparagne, eſtava aſſentada com as maõs levantadas, reprezentava huma molher, que elles dizem ſer a May de Deos; & aſſim reconhecem o miſterio da Encarnaçaõ, dizendo que o filho de Deos ſe fez homem.

7 Tem mais o miſterio da Sanctiſſima Trindade mui diſtincto, & dizem, que Deos he Trino, & Uno. Uzaõ de confiſſaõ, mas em certos cazos, sòmente com o ſeu Lamâ maior. Tem vazos de agoa benta mui limpa, da qual levaõ os particulares pera ſua caza. Uzaõ de certos lavatorios, que parece reprezentaõ o ſagrado bautiſmo. Tem a lei dos Mouros por mui abominavel, & zombaõ muito da dos gentios. Quando hiamos paſſando o dezerto, chegamos a certo lugar, em que eſtava hum Pagode, ao qual coſtumavaõ os gentios ſacrificar, ſempre que paſſavaõ, alguns carneiros, & fazer muitas ceremonias, como fizeraõ eſta vez, que paſſamos.

8 Fingem ſempre entre outras muitas couſas, q̃ ſempre neſtes actos entra o Demonio num delles, que lhes faz fazer muitas couſas extraordinarias; eſta vez entrou em hum, que tomando huma eſpada nas maõs, como louco dava golpes em ſi, & arremetia, a quem achava. Depois ſe foi carregar de pedras, dizendo, que o diabo lhe fazia obrar ſemelhantes couſas. Dava grandes gritos deitando eſcumas pella boca. Eſtiveraõ prezentes, a eſte acto os dous homens, que o Rey de Tibet nos havia enviado, & fizeraõ grande zombaria das ceremonias dos gentios, dizendo muitas vezes, que nellas moſtravaõ, qual era a ſua lei.

9 Porem os meſmos Tibetezes tem algumas couſas, q̃ pare-

parecem bem fora de propoſito, & mui ſemelhantes a eſtas dos gentios, como he a ſeguinte. Todos os mezes ſe ajuntaõ os Lamâs o primeiro dia, & depois de eſtar a maior parte do dia cantando ao ſom dos ſeus inſtrumentos, ordenaõ huma prociſſaõ, em que levaõ humas bandeiras, tambores, & trombetas, & aſſim ordenados cantando ao ſom dos ſeus inſtrumentos ſahem fora da Cidade, indo no meyo deſta prociſſaõ tres figuras horrendas de diabos.

10 O fim deſta prociſſaõ, conforme dizem, he hir botar fora o diabo, & as demais fantaſmas, como quem faz exorciſmos, pera que naquelle mez nenhum mal façaõ à Cidade, pera eſte effeito levaõ aquellas figuras. Depois feitas algumas ceremonias voltaõ a ſuas caſas mui contentes, & ſeguros, de que naquelle mez naõ ſuccederà couſa de diſgraça.

11 Da meſma ſeita, que ſegue a gente deſte Reyno, & da meſma lingua ſaõ outros muitos Reynos, que ſe ſeguem adiante, que confinaõ com a China. Eſtando nòs prezentes vieraõ a eſta Cidade mais de duzentos homens mercadores com varias couſas da China, que elles dizem, compraraõ nas ſuas terras aos Chinas, & as trazem a vender, & vem eſtas cafilas todos os annos. As fazendas mais ordinarias ſaõ algumas ſedas groſſas, muitas porcelanas, & Châ, de que ha grande uſo em Tibet, & por iſſo he cariſſimo, & outras ſemelhantes.

12 Pello qual ſendo eſta a Cidade, & gente das terras de Tibet, & taõ eſtendidos os Reynos, bem ſe deixa ver, quam grande porta nos abre o Senhor pera a promulgaçaõ do Evangelho. E como voſſa Reverencia, & os mais Padres amantiſſimos deſta India tem tanto os olhos, & os coraçoens nas miſſoẽs, como vemos naquellas, que lâ prometem menos fruto, como Malalagar, Saõ Lourenço, os rios de Cuama, & outras muitas no Sul, onde os Padres naõ ſaõ bem recebidos, antes expellidos, cõ tudo iſſo inſtaõ huma, & outra vez, por tornar a paſſar, paſſando mil difficuldades por ganhar almas pera o Ceo; claro fica o muito cabedal, que voſſa Reverencia meterâ em miſſaõ, q̃ tanto de ſi promette; & naõ duvido do favor de Deos por meyo das oraçoens de voſſa Reverencia, nas quais, & em ſua ſancta bençaõ de voſſa Reverencia muito me encomẽdo. Agra oito de Novembro de mil ſeiscentos, & vinte qua-

quatro. Antonio de Andrade.

13 Esta he a carta, que este bemdito Padre escreveo a seu Superior do descobrimento deste reyno, na qual empreza tanto padeceo, & sò hum espirito taõ fortalecido da graça de Deos, como o seu podia atturar taõ immensos trabalhos, que mais parecem fingidos, do que passados em realidade: mas como a Deos todas as cousas saõ possiveis, o saõ tambem a seus servos, que obraõ sò confiados no mesmo Senhor aquem servem.

CAPITULO XXXIX.

Como o Padre Andrade voltou a Tibet, & como foi bem recebido do Rey.

1 CONforme a palavra, que ao Rey dera o Padre Antonio de Andrade de voltar a Tibet, o fez no anno seguinte. Como passou na jornada, & como foi de novo recebido, dis assim o Padre em huma sua carta: Partimos de Agra pera este Reyno de Tibet aos dezasete de Junho, & tomamos pello mais breve caminho, que hâ, de sorte, que quando ja veyo dia de Sancto Agostinho, vinte, & oito de Agosto, entramos na primeira cidade do Tibet, naõ passando a viagem de dous mezes, & meyo. Naõ faltaraõ algumas molestias, que sofremos, & melhor, que pudemos, que em caminhos cõpridos sempre ha descontos. O principal foi em Siranagar, onde nos tomaraõ a melhor parte do pobre fato, que traziamos, sem embargo de me ter provido em Laor de hum formaõ del-Rey pera este Rajâ de Siranagar, & de buma carta de Navabo Assafean pera o mesmo, que nos a proveitaraõ pouco.

2 E tudo isto naceo de mexericos fallos de Baneanes, que disseraõ, que como eramos Portuguezes, traziamos cõ nosco peças de grande valor. E como este Rajâ he moço, & governado por outro moço seu colaço, & o que peor he, anda sempre desgovernado pello muito vinho, que continuamente bebe; & assim naõ he muito de espantar, q̃ se façaõ em suas terras desordens, & injustiças semelhantes, & ainda ha de vir a dar sedo em algum fim mui dezestrado.

3 El-

3 El-Rey Jabangir, a quem elle paga hum groſſo tributo, & he como vaſſallo ſeu, o deve ſentir muito, quando o vier a ſaber. E lho eſtranharâ mui pezadamente. Chegados ao principio do dezerto, que neſte tempo he mais bem aſſombrado de todo o anno, me ſobrevieraõ encontinente humas cezoens dobres, & bem rijas, mas por naõ perder tempo com ellas, me puz ao caminho, & quis Noſſo Senhor; que no quarto dia paraſſem; & aſſim cobrei em breve forças, com que melhor,que outros atraveſſei o dezerto a pé, & athe agora me cõtinuaõ eſtas forças, & ſaude por merce, & graça de Deos.

4 Tanto, que o Rey teve novas, de como jâ nos vinhamos chegando, cõ muita alegria, & alvoroço nos mandou logo dar as boas vindas, & que nos foſſem tomar ao caminho, o mais lõge, que nos pudeſſem encõtrar, que foraõ ſó quatro jornadas, com tres cavallos, & hum delles de ſingular andadura, & dous homens pera nos ſervirem: eſtes nos offereceraõ varios zaugates do Rey, Rainha, & Principe, a modo da terra, em que entrava huma capa ſua, ou pano grande de lam muito fina, bordado de tafetâ,pera eu o veſtir logo, onde quer que me encõtraſſem, em ſinal do muito amor, que me tinha. Apos eſtes veyo muita gẽte, pera nos acarretar o fato, trazendo juntamente cõſigo muitos carneiros, arroz, manteiga, & leite; & ordem, pera nas aldeas ſe nos dar abundantemente tudo o neceſſario.

5 Tanto, que chegamos a cidade, paſſados quatro dias, mandou que o noſſo fato naõ entraſſe na Alfandega, nem ſe viſſe, nem buliſſe, nem pagaſſe algum direito por nenhum modo, couſa nunca jâ mais viſta neſta terra; porque todo o fato ſe ve,& ſe repreza por muitos dias, & depois paga ſeus direitos, de dez hum ſem excepſaõ alguma.

6 As cazas, que pera nos eſtavaõ aparelhadas, eraõ pequenas, & entendendo, que naõ eſcuſavamos outras mayores (de que eu ja tinha noticias, nos mandou dizer, que ſe queriamos outras cazas mayores, alli eſtavaõ aquellas preſtes, & aparelhadas pera nos: porem como no inverno paſſado avia arruinado boa parte dellas, as mandaria logo refazer, & juntamente concertar, pera nellas vivermos muito a noſſa vontade, naõ obſtante ficarem longe do paſ-

ſo, & ſer de muito ſeu goſto, ternos mais perto, pera vi
mui frequentemente a noſſa caza.

7 Em fim pera melhor ſe acomodar a ſi, & a nos, mã-
dou deſpejar as cazas do Principe, que eſtaõ cõtiguas às
ſuas, & nellas ficamos muito bem agazalhados, com or-
dem dada por el-Rey a dous homens de nos proverem de
tudo o neceſſario.

8 Chegando nos à ſeſta feira, no ſabbado o fomos vizi-
tar, & nos recebeo cõ grande benevolencia, & moſtras de
amor, dizendo, que ja eſtava triſte, por lhe dizerem, que
eſte anno naõ aviamos de vir, & nos deu muito larga con-
ta, como eſtava de caminho pera huma guerra de muito
grande riſco, pedindonos, que o encomendaſemos mui
grandemente a noſſo Senhor. Ao outro dia, em que ſe
partia, nos mandou chamar, & depois de larga pratica, ſe
poz, de joelhos, pera eu lhe rezar o ſancto Evangelho, ten-
do elle o miſſal ſobre acabeça,& beijando-o cõ mui grande
reverencia, & devaçaõ.

9 Levava ao peſcoſſo huma fermoſa cruz, & nomina,
que lhe eu tinha dado a primeira ves, & me diſſe, que por
muitas vezes uſara do cilicio, & diſciplina, que lhe deixa-
ra. Pedionos, que pello menos hum dia, & outro naõ,
foſſemos fallar com a Rainha, porque depois de Deos nos
tinha no primeiro lugar, & em cõta de pays, & que voltã-
do, que eſperava ſer muito em breve, ſe applicaria a ſaber,
o que lhe era neceſſario pera ſua ſalvaçaõ. Fomolo a cõpa-
nhando juntamente cõ a Rainha athe ſahir da cidade, &
eſtando ja pera ſe por a cavallo, ſe deſpedio ultimamente
de nos com a cortezia, que a nenhuma outra peſſoa, das q̃
eſtavaõ prezentes, fez, ſendo muitos delles caſmerins, &
outra gente foraſteira.

10 Offerecime, pera o acõpanhar neſta jornada, reſ-
põdeome, cõ agradecimento, que me naõ queria dar mais
trabalho, por eſtarmos canſados, que por hora naõ eſpe-
rava mais de nos, que encomendarmolo a Deos. Alguns
dos ſoldados principais vieraõ a noſſa caza, a nos pedir cõ
muita inſtancia cruzes, as quais poſtas ſobre as toucas lhe
pareciaõ mui bem, & ainda melhor a muita devaçaõ, com
que as elles recebiaõ, & veneravaõ, & as traziaõ cõtinua-
mente. Athe aqui a carta do Padre Andrade.

11 Naõ ſe deteve o Rey neſta guerra mais, que mes,
& me-

& meyo. Logo, que voltou à corte tratou mui de veras, de se inteirar nas cousas de nossa sancta fé. Mas como o Padre, & seus companheiros naõ estavaõ ainda com grande cabedal de lingoa, pera se poderem explicar, & instrui-lo, como queriaõ, o foraõ detendo, athe se adestrarem na lingoa. Foraõ tambem tomando noticias mais meudas destas gentes, & da sua lei, & sciencia dos seus Lamâs, ou Ecclesiasticos, que foraõ achando ser mui ignorantes, & que pera crer as suas cousas, naõ tinhaõ outra rezaõ, se naõ ser uso.

CAPITULO XXXX.

De algumas outras particularidades de Tibet, & cousas dos seus Ecclesiasticos.

1 O Tibet, ou Reyno do Potente, que com ambos estes nomes se chama, cõprehende muitos Reynos, cõvem a saber o de Coquî, que he este, em que o Padre estava, Ladacâ, Mari, Rudor, Utsang, cõ outros dous, que lhe ficaõ pera o Oriente, depois fica o grande Reyno de Sopô, que por huma parte cõfina cõ a China, & por outra cõ Moscovia; & todos elles constituem a grande Tartaria. O que chamaõ Catayo, naõ he Reyno particular, senaõ huma cidade grande por nomo Catay cabeça de huma Provincia mui perto da China.

2 Em todos estes Reynos corre a mesma seita, & lingua Tybetense cõ pouca diferença.. Naõ se tem estas naçoens por gentios: mais parece Christandade apagada, que outra cousa; pois ha nelles muitos costumes, que bem denotaõ, ouve alli em algum tempo uso, & conhecimento da lei de Christo, ainda, que por falta de Mestres, & com os tempos estas cousas foraõ tomando os estilos, em que as acharaõ os Padres.

3 Dos seus Ecclesiasticos, a que chamaõ Lamâs, como fica ditto, ha dez, ou doze sortes, que em algumas cousas saõ diversos, ainda, que na lei todos concordaõ. O traje he huma sotana comprida, & vermelha sem mangas, porque os braços andaõ nus, cingem outro pano vermelho, alem disto huma capa tres varas comprida, & huma

de largo, esta ou vermelha, ou amarela. Os Lamâs mais autorizados trazem huns barretes a modo de mitras, mas fechados, os outros hum capello, que só lhes cobre a cabeça, & pescoço. No hõbro trazem hum pano listrado, que dizem ser o vestido do filho de Deos; & na cinta hũ frasquinho cõ agoa, pera enxauguarem a boca, quando bebẽ o seu châ, & descalçaõ as botas, dizendo, que com isto se salvaõ.

4 Tem seus jejuns, noque chamaõ jejum ordinario, almoçaõ duas vezes pella menhãa, comem carne ao meyo dia, & dalli athe a noyte comem quantas vezes querem, excepto carne, porque esta sô he no dia huma ves, nem o tal jejum consiste em outra cousa. Dos nossos jejuns se maravilhavaõ muito, & tinhaõ rezaõ, pois alli naõ ha peixe, nem ovos, nem legumes, & somente o passavaõ os Padres com bredos, & nabos secos; porquanto por rezaõ das neves só quatro mezes hâ nesta terra hervas verdes. El-Rey, & a Rainha rogaraõ muito ao Padre Andrade, naõ jejuasse a quaresma, porque adoeceria, naõ veyo o Padre em tal cousa, & Deos lhe deu saude muito melhor, que nos outros tempos a tinha.

5 Quando os Lamâs rezaõ, tocaõ suas trombetas humas de metal, outras das canas dos braços, & pernas dos mortos. Usaõ de contas feitas dos mesmos ossos. Perguntou o Padre ao Lamâ irmaõ do Rey, que rezaõ avia pera este costume. Respondeo, ser, pera que agente, que ouvia o som destas trombetas, se lembrasse, do que em breve avia de ser: & pera, que se lembrassem da morte, usavaõ das contas feitas de ossos, & bebiaõ pellas caveiras dos defũctos: que isto lhes servia, pera gostarem pouco das temporalidades desta vida.

6 Em certas occasioens fazem os Lamâs suas dãças ao som de soalhas, & campainhas trazendo coroas na cabessa, tudo com modestia, & a compasso. Significou o Padre ao Lamá irmaõ del-Rey, que se espantava de os Lamâs dançarem, porque os nossos Ecclesiasticos por nenhum cazo tal faziaõ. Respondeo, que aquelle exercicio de festa só o faziaõ os Lamâs mancebos, os quais naquella acçaõ com as coroas na cabeça reprezentavaõ os Anjos, que os Christaõs tambem pintavaõ cantando, & dançando, como elle o vira em hum painel de Christo, que os Padres lhe tinhaõ mostrado.

7 Aos

7 Aos Anjos chamaõ Lâs, a huns delles pintaõ mui fermosos, pera significarem sua gloria, à outros com figuras horriveis, pera significarem, que estaõ pelejando contra os demonios. Dizem ser sem numero, & os reduzem a nove ordens. Hum vio o Padre estar pintado com espada nua, & o demonio debaixo dos pés, se tivera azas, & balança, dirsehia, ser Saõ Miguel, & parece assim o era, porque lhe disseraõ, que este Lâ era o principal de todos os Lâs, & que diante de Deos intercedia pella salvaçaõ dos homens.

8 No principio de cada mes poem muitas bandeiras em huma caza, que esta no alto de hum monte dedicada ao Anjo padroeiro, & a cercaõ de armas diversas, como espadas, morrioens, escudos, & outras; tocando trombetas, queimando muitos prefumes, & dizem, fazer isto para, q̃ o Anjo lhes de victoria contra seus inimigos.

9 Tambem entre anno benzem agoa, & vaõ os Lamâs lançandoa pellas cazas, dizendo, que com ella lançaõ os demonios fora. Muitas vezes fizeraõ elles esta diligencia, pera os lançarem de humas cazas, que foraõ do pay deste Rey, mas nunca puderaõ. Ouve occasiaõ, em que o Rey as quis dar ao Padre, pera nellas morar, mas naõ se atreveo por nellas fazerem os demonios notaveis desenquietaçoens; sabendo isto o Padre, as aceitou, & depois, que com seus companheiros nellas morou, nunca mais os demonios alli fizeraõ as costumadas perturbaçoens. Entaõ el-Rey disse aos seus Lamâs, naõ sei, que agoa benta he esta vossa, de que tantas virtudes prégais, pois nunca pode lançar fora das cazas de meu pay aos demonios, que os Padres em nellas entrando puzeraõ pella porta fora, bem cuido eu, que a vossa agoa, & a que corre pello rio ambas tem a mesma virtude.

10 No principio do anno trazem os lavradores muitas vacas, carneiros, & cavallos pretos à cidade, a que os Lamâs fazem muitas ceremonias, rezando, & incensando; a rezaõ, que daõ, he; que os demonios gostaõ muito de se meter naquelles animais negros, & que por tal naõ fazerẽ, elles faziaõ aquellas ceremonias. No enterrar os defunctos tem diversos modos segundo saõ as pessoas. O modo mais honroso he levarem os Lamâs o cadaver a algum lugar distante, & alli deitaremno a certas aves como grous,

que

que nelles ſe ſuſtentaõ. Tambem a outros enterraõ; mas eſtes modos de ſepultar ſó fazem, aos que viveraõ bem; que aos eſcandaloſos fazem em poſtas,& lançaõ aos caens, pera caſtigo da ſua mâ vida.

11 Tem os Lamâs por ſinal evidente da ſalvaçaõ, ſe algum quando morre, fica aſſentado, & direito ſem cahir; o que entre elles naõ he difficultoſo, por razaõ da poſtura, que guardaõ nas infermidades: porque o colchaõ tem ſó de comprido tres palmos, outros tres de largo, & dous athe tres dedos de alto. Por tanto nelle ſó podem caber aſſentados, & encolhidos; iſto uſam ainda ſaons; por tanto naõ he couſa extraordinaria ficarem aſſentados, quando morrem. Tambem condus pera os corpos ficarem entezados o muito frio, que ha naquella terra, em eſpecial por eſpaço de ſete mezes: nos quais os Padres naõ podiaõ dizer Miſſa, ſe naõ aquentando o vinho. No principio de Novembro mataõ toda a carne de vaca, & carneiro, que haõ de comer nos ſete mezes, pella naõ comerem magra, por ſe attenuarem entaõ muito os gados. O que mais admira, he, que toda eſta carne ſe conſerva freſca, & incorrupta, ſem ſal, nem fumo, ou algum outro artificio, & induſtria. Tudo ſupre o frio, & as ſuas calidades. Poriſſo naõ he de eſtranhar, que os cadaveres fiquem interiſſados, na forma, que elles tem por indicio de ſalvaçaõ.

CAPITULO XXXXI.

Da muita ignorancia, que o Padre Antonio de Andrade achou nos Lamâs.

1 OS Lamâs ſaõ os ſabios deſta gente, & nelles hâ grandes ignorancias, que o Padre em todas as occaſioens nelles deſcobrio, & achou; diſputando com elle naõ ſabiaõ dar rezaõ, do que diziaõ; como ſe deixa ver de alguãs das perguntas, que lhes fez. Perguntoulhes, que couſa era Deos? Reſponderaõ: ſer trino, & uno. Diziaõ, que a primeira peſſoa ſe chamava *Lamâ Conjoê*; & a ſegunda *Cho Conjoê*, que quer dizer livro grande. A terceira *Sanguiâ Conjoê*, que quer dizer, ver, & amar na gloria. Perguntou o Padre, ſe a ſegunda peſſoa, que chamavaõ livro

vro de Deos, era o meſmo livro, por onde elles liaõ, & traziaõ nas mãos; reſponderaõ, que ſim. Inſtou o Padre; como pode ſer Deos o livro, que hum homem eſcreveo, & que deitado no fogo, ſequeima, & lançado na agoa ſe desfaz? Aqui ficaraõ paſmados, olhando huns pera os outros, ſem ter, que dizer.

2 Entaõ o Padre lhes declarou com os ſeus nomes o myſterio da Sanctiſſima Trindade. Vindoſe a tratar da ſalvaçaõ, & cõdenaçaõ, diſſeraõ, que dos homens, os que eraõ bons, & naõ tinhaõ peccados, em morrendo hiaõ logo ao Ceo. Que os maos eraõ lançados no Inferno. Que aquelles, que nem eraõ taõ bons, como os primeiros; nem taõ maõs, como os ſegundos, tornavaõ a entrar em corpos de animais; deſtes os peyores entravaõ em animais ferozes, ou baixos como tigres, cobras, ratos, & ſemelhantes. Mas os que deſtes naõ eraõ taõ maos, entravaõ em corpos de animais generoſos, & de homens, ſegundo o eſtado, que antes tiveraõ. Os Reys em corpos de Reys, os Lamâs em corpos de Lamâs, os pobres em corpos de pobres, os ricos em corpos de ricos; como contas, que infiadas em hum cordaõ vaõ ſempre ſuccedendo humas às outras, ſendo ſempre as meſmas, que ſe tornaõ a paſſar. Por iſſo naõ crem, que Deos crie almas de novo, ſe naõ, que logo as criou todas, depois as vai paſſando de huns a outros corpos.

3 Perguntou o Padre, ſe as almas, que hiaõ ao Inferno, tornavaõ aos corpos, & ſe as que andavaõ revezandoſe nos corpos, algum dia hiaõ ao Inferno? Reſponderaõ, que as almas, que hiaõ ao Inferno, ſó voltavão a eſta vida depois de muitas centenas de annos, & que vinhaõ a peccar: & que as outras ſe revezayão muitas vezes, pera fazer peccados, & depois ir ao Inferno. Inſtoulhes o Padre: como podia ſer, que Deos tiraſſe as almas do Inferno, ſó pera peccarem, & que as conſervaſſe, & mudaſſe de huns pera outros corpos ſó pera o meſmo fim? Que iſto era fazer a Deos Autor do peccado, ſendo elle a meſma bondade. Ouvindo eſte argumento, confeſſaraõ, que lhe naõ ſabiaõ repoſta.

4 Tambem os apertou mais o Padre, dizendo, que como podia ſer, que as almas peccaſſem nos corpos dos animais, ſem eſſes animais peccarem, pois naõ tinhão entendimento,

dimento, pera fazer differença entre o bem, & o mal? Vendo hum seu grande letrado, que avia pouco chegara da Universidade de Utsang, a força, que tinhaõ as rezoens do Padre, tomou a maõ, & respondeo muito em seu ser: Que os animais tinhaõ entendimento, & peccavaõ em suas acçoens, como o Tigre peccava em matar o carneiro, & & o gato ao rato, & o mosquito quando mordia. Com esta reposta ficou mui pago de si. Tudo lhe desfez o Padre, mostrandolhe claramente, que o entendimento naõ podia estar com as acçoens, & operaçoens irracionais, quais saõ as dos brutos.

5 Perguntoulhe mais: se os que agora viviamos, tinhamos jâ outras vezes nacido neste mundo? Respondeo, que sim. Replicou o Padre: que como assim podia ser, pois nenhum dos prezentes se lembrava, do que com elle tinha passado nos outros corpos, nem avia homem algum, que tal lembrança tivesse? Aqui naõ teve, que responder. Entaõ o Padre lhe descobrio a falsidade desta opiniaõ, & como Deos criava as almas de novo.

6 Costumaõ assim seculares, como Lamâs pronunciar a meude estas palavras *Ommàni patmeonri*, dizendo, q̃ ellas bastaõ pera perdoar todos os peccados. Perguntou o Padre, que significavão? Nenhum soube dar reposta. Entaõ lhes ensinou, como só por boas obras, & naõ por palavras, nos salvavamos. E pois elles diziaõ, servirem as tais palavras pera se perdoarem peccados, as interpretou, dizendo, ser sua significassaõ: Senhor, perdoaime meus peccados; que pois elles lhe naõ davaõ outra, tivessem dalli por diante esta. Entaõ disse o Lamâ irmão del-Rey; Assim he, isso significão estas palavras.

7 Corre a medicina por conta dos Lamâs, & todos os Medicos saõ desta profissaõ. Logo, que vizitão o doente, fazem não sei, que guizado em pequena quantidade de farinha, & manteiga, que offerecem ao diabo, pera com isto lhe fazerem a boca doce; porque dizem, aver diabos, que tem por officio fazer adoecer a gente. Estando el-Rey doente, se achou alli o Padre a tempo, que entrou o Medico, deu logo ordem a fazer o guizado de farinha, & mãteiga, pera adoçar a boca ao diabo. O Padre lhe foi à maõ, & estranhou; & lhe disse; como podia ser, que o diabo comesse, sendo espirito como assim era, & elles o diziaõ,

naõ

Naõ soube o Lamâ, que responder; & el-Rey satisfeito da rezaõ do Padre tal cousa naõ consentio.

8 He grande o medo, que a gente tem do Demonio, dizendo, que lhe mata os filhos. Pera evitar este mal, lhe daõ os Lamâs por remedio, que em nacendo os meninos, ponhaõ nomes de cousas bayxas, como de ratos, caens, gatos, & ferreiros, que entre elles he gente mui vil; dizendo, que tendo tais nomes, tem delles nojo o Demonio, & os deixa. Este nevoeiro lhes desfez o Padre, mostrando, que nada mõtava a baixeza do nome, pera impedir o mal, que os Demonios queriaõ fazer às crianças. Que bem se via naõ ser isto remedio, pera viverẽ, pois com seus olhos viaõ cada dia morrer muitos dos meninos, que tinhaõ tais nomes. Com as rezoens do Padre confessaraõ sua ignorancia, dizendo, que por falta de doutrina cahiaõ nestes, & outros absurdos.

9 Tem os Lamâs muito uso da arte judiciaria, succedeo andar em campo o exercito del-Rey em terras distantes, quis saber, o que nelle passava, mandou consultar hum Lamâ: fez este suas figuras, & veyo com o rosto cheo de prazer a el-Rey, dizendo, que o seu exercito tinha desbaratado ao inimigo, & se vinha recolhendo carregado de prezas, & despojos. Achouse prezente o Padre, refutou com boas rezoens as mentiras da arte judiciaria, & cõ outras mostrou, como a tal nova, se era certa, sò por feitiçaria se podia saber. He naquelle reyno mui abominavel a feitiçaria. Naõ tardou muito, que naõ chegasse hum proprio a el-Rey com novas do exercito: eraõ ellas, que o exercito athe aquelle tẽpo naõ tinha batalhado com o inimigo, antes por se achar mui diminuto de gente, se andava delle desviando. Apanhando el-Rey com esta clareza a mentira do Lamâ, lhe deu huma aspera reprehençaõ, dizendo, que andavaõ com mentiras enganando o povo, que tudo eraõ traças de comer.

CAPITULO XXXXII.

Como os Lamâs intentaraõ desafeiçoar ao Rey, & como seus intentos se frustraraõ.

1 DE tudo o sobreditto se deixa bem ver, que os Lamâs naõ podiaõ deixar de se hir desgostando do

Padre, pois viaõ que a sua autoridade padecia detrimento, & q̃ a do Padre podia cõ el-Rey mais, do que elles queriaõ. Por tanto trataraõ de diminuir diante del-Rey esta estimaçaõ, aproveitandose de todos os meyos, q̃ o podiaõ esfriar. O primeiro medo, que lhe fizeraõ, foi, que se expunha a perigo de perder o Reyno; porque como os Lamâs eraõ muitos, & poderosos, poderiaõ deixar a el-Rey, & fazer com o povo, que o deixasse. Isto lhe representaraõ dous Lamâs hum seu tio, outro seu irmaõ. Acrecentando, que era desdouro da pessoa Real, deixar sua ley, & seus antigos Mestres pellos dittos de hum estrangeiro, que taõ pouco havia, que viera a seu Reyno. Zombou el-Rey da proposta, dizendo, que se elle abraçasse a verdadeira ley, naõ havia, porque temer aos homens, que o mesmo Senhor o defenderia.

2 Vendo que assim declinava esta, que tinhaõ por lãça mui forte, o persuadiraõ, que com pretexto de tomar maduro conselho, se retirasse por alguns dias, & entregasse à liçaõ dos seus livros, & assim veria, se lhe estava melhor a ley antiga, ou abraçar esta de novo. Assim o fez: por dous mezes esteve na casa do Lamâ seu Irmaõ, sem hir ao paço mais que duas vezes, & de nenhuma nelle dormio. Entendendo o Padre a tençaõ dos Lamâs, fiado na benevolencia del-Rey, & mais em Deos, de quem era a causa, por vezes o foi alli visitar, & teve occasiaõ de disputar sobre seus livros com os Lamâs, & descobrir a pouca firmeza das cousas nelles escritas. Com estas disputas o Rey se penetrou mais da verdade, & alcançou, quam pouco, ou nenhum fundamento tinha a doutrina dos seus livros.

3 Vendo os Lamâs, que tambem esta traça fora de nenhum effeito, deraõ em outra, que foi de todas a mais formidavel; & com que encheraõ ao Rey, Rainha, & Padres de assombro; & se Deos naõ dera sahida a tal enredo, elle a naõ teria. Era a Rainha mui affeiçoada à nossa sancta ley, el-Rey lhe tinha singular amor, por ella ser Senhora, que todo lho merecia. Disseraõ pois os Lamâs a el-Rey, que visto naõ ter filhos da Rainha, & conforme a ley dos Christaõs naõ podia ter mais, que huma sò molher, convinha deixar esta, & tomar outra, de que pudesse ter filhos, pois nisso estava a conservassaõ do Reyno, & amor dos vassallos.

4 Pene-

4 Penetrouſe muito el-Rey deſta rezaõ, & comeſſou a dar moſtras de deſafeiçaõ à Rainha, & a ſua may, & Irmãa; & declarou à meſma Rainha, como determinava deixala, & que rezaõ o movia. Deu a Rainha conta ao Padre, do que paſſava. Os criados del-Rey, & Rainha tinhaõ entre ſi deſgoſtos por eſta cauſa. Neſte meyo tempo, ſuccedeo vir el-Rey a noſſa caſa. Fez a Deos oraſſaõ, & reverencia às Sanctas imagens, depois mandou aſſentar junto de ſi ao Padre, pera converſarem ſós.

5 Naõ perdeo o Padre taõ boa occaſiaõ, logo ſe metteo no ponto, dizendo a el-Rey; que ainda que ſua Alteza lhe naõ communicara a cauſa de ſuas triſtezas, nem das q̃ tinha a Rainha, pois em ambos eraõ os roſtos ſignificadores das deſenquietaçoens do animo, com tudo, que bem ſe entendia ſer a cauſa a reſoluçaõ, em que eſtava de deixar a Rainha. Pediolhe naõ fizeſſe tal couſa, pois como os filhos eraõ merce de Deos, aſſim como deſta os naõ tinha, tambem Deos lhos naõ daria da outra: de mais, que iſto ſeria cauſa de novas perturbaçoens, & inimigos em tempo, q̃ andava em guerra, & dar occaſiaõ a perder o Reyno. Que ſua Alteza era moço, & naõ havia, porque tomar tal reſoluçaõ, pois ninguem lhe teria igual amor ao da Rainha.

6 Ouvio tudo el-Rey, & reſpondeo: Bem vejo Padre, que me dizeis, o que he bem, & que zelais a conſervaçaõ das minhas couſas. Meu Irmaõ me metteo neſtes penſamentos, & vejo, que lhe nace de odio, que tem à Rainha: com ſer iſto aſſim, confeſſovos, que me deixei entrar muito de ſuas perſuaſoens; & ſe vos naõ comuniquei eſte negocio, foi, porque entendi, mo havieis de eſtranhar: mas empenhovos minha palavra, que nada farei neſte negocio, ſem primeiro vos fazer ſabedor. Daqui por diante ſe foraõ as couſas pōdo de melhor feiçaõ, & el-Rey veyo a deixar ſeus intentos, & a cōtinuar no amor, que tinha antes á Rainha. Succedeo logo a morte de hum Lamâ tio del-Rey, que tambem mettia muito a maõ neſtes enredos.

CAPITULO XXXXIII.

Mostras do amor, com que o Rey tratava ao Padre, & as cousas de nossa Sancta Fé.

1 FOi daqui em diante crecendo o respeito, q̃ el-Rey tinha ao Padre Antonio de Andrade. Daqui nacia, valeremse delle ainda os maiores Senhores, pera terem bons despachos del-Rey. Estava prezo hum ladraõ das terras do Siranagar, intercedeo por elle o Padre, & elRey o mandou soltar; mas elle usando mal deste favor, segunda vez por novos furtos foi prezo; & do tronco fogio com dous companheiros, matando a outro, pellos naõ descobrir. Porem foraõ prezos todos tres, & justiçados. Ouve quem diãte del-Rey disse: se o Padre naõ intercedera, naõ se seguiriaõ tantas mortes. A isto acodio el-Rey: O Padre fez officio de pay, que os vossos Lamâs naõ fazem, a culpa foi do ladraõ, que se naõ aproveitou do bem, que se lhe fez.

2 Vindo hum dia o Padre de fora em companhia del-Rey, aquem fora receber ao caminho, havendose de agazalhar à noite em huma das tendas, que estavaõ armadas no campo, naõ consentio el-Rey, que ficasse em outra, senaõ dentro na sua: nem quis admittir as escusas, que o Padre dava por respeito de outras pessoas principais, a quem el-Rey naõ fez igual honra. Chegando el-Rey no seguinte dia à Cidade, o sahio a receber o Principe seu filho, & a Rainha velha, & outra muita gente. Nestas occasioens he costume assentarse o Rey, ficando a mais gente em pê. Assentado el-Rey em huma alcatifa, & o Principe à sua maõ esquerda, mandou ao Padre, que se assentasse à sua maõ direita. Escusouse, dizendo, que como a Rainha estava em pé, não lhe ficava a elle bem assentarse. A isto acodio el-Rey: Assentaivos, que vòs sois Padre, & pay nosso, & ella naõ. Finalmente o Padre se ouve de assentar, porque nenhumas rezoens foraõ bastantes, pera que el-Rey naõ persistisse, no que mandava.

3 Assim Rey, como Rainha, Principe, & outras pessoas mais illustres traziaõ de continuo cruzes ao pescosso em

em ſinal do amor, que tinhaõ a noſſa ſancta ley. Athe o Irmaõ do Rey, que por ſer Lamâ, encontrava noſſa ſancta fé, ſe foi moſtrando inclinado a ella. Dezejou ver ao Padre veſtido em ordem a dizer Miſſa, depois diſſe; em como o ſeu Lamâ maior, que aſſiſtia em Utſang coſtumava offerecer a Deos paõ, & vinho, em pouca cantidade; q̃ depois de elle comer do paõ, repartia delle com os Lamâs, & os borrifava com o vinho; & que trazia coroa aberta, como os Padres, porem maior.

4 Alem de outras couſas perguntou, a que fim batiamos nos peitos? Reſpondeo o Padre, que aſſim como elles em occaſiaõ de triſteza batiaõ com pedras nos peitos, aſſim os Chriſtaõs batiaõ nos peitos em ſinal de triſteza de ter offendido a Deos. Ouvindo eſta repoſta outro Lamâ principal, diſſe: Ah Padre, que boa rezaõ eſſa, nòs ferimos os peitos, pello ſentimento de perdas temporais, & nehum ſinal damos de dor pellos peccados. O cazo he, que os Lamâs ſabem mui pouco das couſas de ſua ſalvaçaõ, & tudo ſe lhes vai em comer, & beber, dormir, & levar boa vida.

5 Vendo el-Rey, que a campainha, com que ſe dava ſinal a levantar a Deos na Miſſa era pequena, mandou logo dar outra maior, dando por rezaõ, que a queria ouvir em ſua caſa, & de lâ adorar a Deos, ja que naõ podia, em quãto naõ era Chriſtaõ, aſſiſtir à Miſſa. A fora eſtes ſinais de affeiçaõ a noſſa ſancta fé, deu outros muitos em couſas ainda meudas, que naõ ha, porque deter em os referir.

6 O principal foi o calor, que deu à fabrica da Igreja. Foi elle em peſſoa com outra gente principal a caſa do Padre, & lhe diſſe, que era tẽpo de comeſſar a Igreja, & caſas, onde os Padres haviaõ de morar. Logo ſe foraõ todos a hũ ſitio bom da Cidade. Alli mandou el-Rey cortar, & derrubar muitas caſas; o Padre o quis eſtorvar, por naõ ſer cauſa de diſgoſto a peſſoa viva. Entaõ diſſe el-Rey: que naõ tiveſſe cuidado, porque a todos aquelles moradores tinha mandado dar caſas melhores, que as ſuas, & que todos eſtavaõ contentes, & que ſe algum o naõ eſtiveſſe, eſſe era ja homem do Inferno, pois naõ largava pera Deos de boa vontade as ſuas caſas.

7 Pera a meſma fabrica mandou tomar parte do ſitio da Rainha velha, teve com ella o Padre ſeu comprimento, dizendo, naõ ſer vontade ſua, mas sò querer del-Rey. Reſpon-

pondeo naõ como gentia, mas como se fora mui devota Christãa: Padre naõ vos dè isso pena, que eu gosto muito, & se todas as casas forem necessarias pera a Sancta Igreja, de boa vontade as largarei, ainda que fique na rua, & sempre eu fico de ganho por ter junto de mim taõ sancta casa. Mandou tambem el-Rey arrazar duas casas suas pera terreiro; & pera se fazer jardim, que desse flores pera a Igreja.

8 Passando esta resoluçaõ no primeiro de Abril de 1625. logo no dia seguinte lhe quis Deos pagar esta boa obra com duas novas alegres. A primeira, que o seu exercito tinha desbaratado a dous Regulos seus inimigos, com quem andava em guerra. A segunda, que o Rey de Siranagar seu grande contrario era morto; & com elle hum seu tio, que muito molestara aos Padres, quando passarão por aquelle reyno. Tudo el-Rey teve por especial favor de Deos, & tudo lhe servia de estimulo pera mais adiantar a honra do mesmo Senhor, de cuja maõ tais merces recebia.

9 Nos onze do mesmo mez se arvorou no sitio huma grande Cruz de madeira forrada de damasco, tudo se fez ao som de atabales, & charamelas, grande concurso, & festa. Nos doze, que era entaõ dia de Pascoa, se lançou a primeira pedra: esta levava el-Rey nas maõs cõ sua cruz dourada no meyo, lançouse no lugar preparado, & debaixo della boa quantidade de ouro. A invocaçaõ, que se deu à Igreja foi a de Nossa Senhora da Esperança.

10 Naõ quis el-Rey, que os gastos da fabrica sahissẽ de outra fazenda, senaõ da Real. Vinha muitas vezes a ver a obra, dava banquetes aos officiais, & trabalhadores, & sò os trabalhadores eraõ cento, & sincoenta. Vendo elle, que haveria muitos vagares, se as madeiras ouvessem de ser trazidas de fora, mandou desfazer as casas de seu pay, em que havia muitas, & boas madeiras, & com ellas acodio à obra.

11 Outra muita gente, vendo que nisso davaõ gosto a seu Rey, concorreraõ pera esta fabrica. A Rainha velha mandou grande cantidade de tejolo. Os Lamâs de certo templo fóra da Cidade tambem trouxeraõ muito, que elles fizeraõ por suas maõs, & per si mesmos acarretaraõ. Muita gente da terra mandava seus filhos trabalhar na obra, & athe os principais mandavaõ seus filhos tendo por grande

grande honra servirem na casa, que se fazia pera Deos. Vẽdo o Rey, que o cabesso de hum monte de algum modo ficava assombrando a Igreja, mandou vir mineiros, & gastadores, & o arrazou. A fabrica se acabou em breve tempo, como pedia taõ grande calor, qual se lhe deu, & ficou mui boa, & asseada.

12 Naõ foi menor significaçaõ do affecto deste Rey, dar elle mesmo modo, & traça, pera extinguir aos Lamâs. O primeiro, com quem entendeo, foi com seu Irmaõ, que era no seu reyno a cabeça, & columna dos mais, tiroulhe todas as rendas. O motivo que teve, foi haver recebido em hum dia cento, & trinta Lamâs de novo. Dizia o Rey, q̃ continuando assim, em poucos dias naõ teria gente pera soldados, & seu Irmaõ se lhe faria formidavel. Feito isto com o Irmaõ, mandou pello reyno seus capitaens, pera q̃ tirassem os habitos a todos os Lamâs, & os fizessem seculares, & obrigassem a cazar. Aos que repugnaraõ, mãdou viver em humas montanhas, donde sò tinhaõ, que comer, o que pediaõ de esmola: tiroulhes todas as izençoens, & privilegios. Com isto ficaraõ muito quebrados. Tudo fazia o Rey, por tirar os maiores impedimentos, que tinha alli o Evangelho.

13 Dos Padres naõ queria receber nada, dizendo; ser peccado, receber dos Ministros do Evangelho, & que era obrigaçaõ darlhes, quanto tinha. Dizia, q̃ primeiro queria, se bautizasse a Rainha com toda a sua casa, & depois o Principe seu filho. Ouve muitos bautismos da outra gente. Este Principe, como supponho, era filho de alguma segunda molher.

CAPITULO XXXXIV.

Como voltou à India, & se refere sua morte, & prodigios cõ que Deos o illustrou.

1 ESTANDO as cousas de Tibet nestas alturas, considerando o Padre, que havendo operarios bastantes, seria grande a colheita, por conselho do mesmo Rey, voltou à India o Padre Antonio de Andrade, pera com sua prezença dar calor a este negocio, & voltar com novos operari-

perarios, ou mandar estes, se por alguma causa elle naõ pudesse voltar a Tibet. Naõ foi necessario ser elle o agente diante do Padre Provincial, porque neste tempo foi nomeado Provincial da provincia de Goa. Por tanto elle mesmo mandou sogeitos, que levassem adiante, o que elle por seu meyo tinha começado.

2 Tomando o cargo de Provincial; o fizeraõ deputado do Sancto Officio. Encomendouselhe, fazer certa diligencia tocante a este Sancto Tribunal; nella se ouve com a inteireza, que de sua virtude se esperava, tentaraõno os criminosos com peitas, & com outros modos, pera que se ouvesse com menos rigor; mas nada lhes aproveitou. Ficaraõlhe com grande odio, & o conservaraõ por annos, espreitando occasiaõ de se vingarem a seu salvo.

3 Acabou de ser Provincial, depois foi Reytor do Collegio, segunda vez tornou a ser Reytor do mesmo Collegio; quando menos se cuidava, lhe tiraraõ a vida em odio da virtude, o que succedeo desta maneira. Tinhaõ os inimigos de Deos, & da verdade morto com veneno ao Sancto Inquisidor Antonio de Vasconcellos, que antes de morrer foi admittido na Companhia. Inquiriose contra os Autores de taõ exorbitante maldade, sendo o Padre Antonio de Andrade o principal, a quem esta diligencia se cometteo.

4 Entre outros, que foraõ comprehendidos, foi hum Joaõ Rodrigues natural de Lisboa, & alguns seus parentes. No acto, que se havia de fazer contra os inimigos de Deos, havia de ser o prégador o Padre Antonio de Andrade. Naõ sei, porque occasiaõ entre os criados do Collegio assistia hum filho do ditto Joaõ Rodrigues. A este se encomendou o cuidado de dar veneno ao Padre.

5 Ouve sospeitas, de que se traçava isto, ainda, que senaõ sabia, porque modo. Por esta causa o Padre Christovão de Atouguia Ministro do Collegio, todos os dias, depois que o Padre Reytor estava na mesa, lhe lançava agoa no jarro, fiando este cuidado sò de si, por não haver nelle descuido. O demais comer, como era pera todos o mesmo, & sahia da cozinha sem hir determinado, nem se fazia especialmente pera o Padre Reytor, naõ era cousa sogeita a perigo; salvo ouvesse algum tal animo, que quizesse matar a todos os Religiosos.

6 Ainda

6 Ainda que o cuidado do Padre Miniſtro foi grāde, foi maior o do execrando homicida; deſcuidandoſe o Padre Miniſtro de lançar agoa nova ao Padre Reytor, o moço a tinha envenenado. Logo que a bebeo, ſentio nas entranhas o veneno, que os hâ na India activiſſimos. Com as dores agudas ſe levantou da meza, bebeo algum azeite, pera vomitar o veneno, & applicou outros remedios, mas todos foraõ de nenhum effeito. Tres dias antes de fazer o ſermaõ no Acto da fé, eſpirou em Goa aos 19 de Março de 1634.

7 Antes de morrer lhe apareceo a Senhora, & o recreou com ſuas ſuaviſſimas palavras. Succedeo depois de enterrarem o cadaver huma couſa eſtranha; puzeraõno em ſepultura à parte, & ſobre ella huma grande pedra, neſta ſe imprimio a figura do Padre; cuidouſe ſer exhalaçaõ do veneno, mas esfregando a campa, acharaõ eſtar a figura penetrada com a pedra; o que todos entenderaõ ſer maravilha.

8 A eſta ſe ſeguiraõ outras: ſeis mezes avia, padecia cezoens o Padre Alberto Meſcinqui, que no Japaõ morreo por Chriſto, invocou com fé o patrocinio do Padre Antonio de Andrade, & ficou ſaõ. Naõ podia huma molher lançar a criança, que tinha atraveſſada, invocou ao Padre Andrade, & logo pario com felis ſucceſſo. Tinha certo homem hum inchaſſo no joelho, fez oraçaõ na ſepultura deſte ſervo de Deos, & logo ficou ſem o inchaſſo.

9 A vida deſte dittozo Padre recolhi aſſim do que delle diz o Padre Euſebio nos ſeus varoens illuſtres, como do Padre Mattias Taner nos Martyres da Companhia, & tambem das relaçoens, que imprimio das couſas de Tibet o Padre Manoel da Veiga da noſſa Companhia. Cada hum deſtes tres Autores tras couſas diverſas deſte Padre, as quais aqui ficaõ reduzidas a hum corpo. Delle tambem faz mençaõ o Padre Nadaſi no ſeu Annus dierum, onde diz, que duas vezes lhe aparecera a Senhora, huma junto à morte, como fica ditto, outra em certa occaſiaõ, que padecia dores crueis, & que a Senhora lhe diſſera: *Jâ filho naõ terâs mais dor*: E que logo ceſſou, a que o penetrava.

10 A miſſaõ de Tibet, que ſe extinguio por falta da comunicaçaõ, & caminhos totalmente impedidos, de prezente ſe trabalha em a reſtaurar, abriraõſe pera ella cami-

nhos, q̃ ſe tẽ ſeguros,& de rodeos menos difficultoſos com as cafilas de mercadores, que do Reyno do graõ Mogor paſſaõ ao de Tibet, & ſe eſpera ſeja mui glorioſa, chegando a ter effeito os diligenſias, que niſſo tem a noſſa Provincia de Goa; da qual muitos ſogeitos tem acabado neſta demanda, ſem ſe ſaber, que fim tiveraõ.

CAPITULO XXXXV.

Vida do Padre Joaõ Velaſco.

1 MUito trabalhou o Padre Joaõ Velaſco nas miſſoẽs de Ethiopia; deſſe muito direi o pouco, que delle acho eſcrito. Foi natural de Santander no Arcebiſpado de Burgos em Caſtella. Seus pays ſe chamaraõ Dom Sancho de Velaſco, & dona Maria Guterres: entrou na Companhia em o Noviciado de Campolide aos 25 de Abril de 1598, tendo dezanove annos de idade. Bem ſei, que o Padre Balthezar Telles diz, que entrara em Coimbra, mas os catalogos ſó o trazem em Lisboa. Por ventura foſſe aceito na Companhia em Coimbra, & que dalli vieſſe entrar em Lisboa.

2 Sempre foi homem de conhecida virtude. Por ſua grande devação, & piedade tendo ſó treze annos de Companhia o pertenderaõ fazer Meſtre dos Noviços em Coimbra, de que elle por ſua humildade ſe eſcuſou. Pertendeo as miſſoens do Oriente, pera ellas navegou em o anno de 1611 em Companhia de vinte, & hum Religioſos noſſos. Na India foi companheiro do Padre Vizitador Andre Palmeyro. Trabalhou muito na cidade de Malaca. Dalli paſſou a Macaçar; de caminho chegando a huma pequena ilha toda de gentios chamada Sabó, os tratou com tanta afabilidade, que a todos converteo.

3 Depois voltou a Goa, pera negociar algumas couſas em bem da quella miſſaõ, porem naõ lhe foi poſſivel voltar a ella. Dezejou paſſar a Ethiopia. Viera ordem ao Padre Vizitador Andre Palmeyro de noſſo R. Padre Geral Mucio Vitelleſqui, que procuraſe meter Padres na Ethiopia, pois os pedia o Imperador Seltaõ Segued. Determinou envialos por diverſas partes, por ver ſe podiaõ

deſ-

descobrir alguma entrada na Ethiopia diversa dos portos maritimos, que estavaõ presidiados pellos Turcos.

4 Imaginavase, que por Melinde poderia aver caminho, por quanto a Ethiopia he como certaõ daquella costa: porem entre Ethiopia, & a costa de Melinde há tanta distancia povoada de naçoens taõ barbaras, & intractaveis, que o poder passar por ellas com vida, he cousa fallando humanamente impossivel. Este caminho coube ao Padre Jeronymo Lobo, & Joaõ Velasco. Chegaraõ a Melinde, correraõ os portos da costa, sem acharem alguem, que desse noticia de tal caminho, ou que os pudesse guiar. Por tanto tendo padecido muito, voltaraõ â India, pera fazerem viagem pello caminho ordinario de Maçuâ.

5 Succedendo por este tempo a jornada do Patriarca Affonso Mendez, em sua Companhia foi tambem o Padre Joaõ Velasco. Entraraõ na Ethiopia pello porto de Baylur, que era de hum Rey amigo do Imperador. Trinta dias, que andaraõ por terra depois de sahir da navegaçaõ, andou sempre o Padre Velasco a pé sendo as terras mui asperas. Eraõ as cavalgaduras poucas, por isso os companheiros se revezavaõ, só o Padre Velasco naõ admittio este allivio, posto, que era fraco de forças corporais, mas tudo sopriaõ as do espirito.

6 Da aspereza do caminho de Baylur athe dancali diz assim o Patriarca em huma carta: *Assim nos fomos revezando, & a pê a maior parte do caminho, que quando naõ era por areas soltas, era por serras de minas de ferro, cujas pedras saõ como escoria, que se tira das fornalhas, com pontas taõ agudas, que em hum dia gastavaõ huns sapatos, que como naõ eraõ tantos, foi necessario aos mais dos companheiros, lançar maõ das alparcas, que hiaõ pera os moços, das quais como naõ tinhaõ uso, hiaõ com os pês feridos, & todos ensangoentados, seguindo o passo dos camellos os onze dias, que durou o caminho.*

7 *Neste ouve alguns, que pera serem participantes da bemaventurança, que Izaias dâ aos pês dos ministros do Evãgelho, nem por breve espaço quizeraõ cavalgar, comendo pouco mais, que algum arroz, que levavamos, por naõ acharmos povoaçaõ, em que nos pudessemos prover de conduto; sendo as calmas taõ excessivas, que nos derreteraõ a cera, & lacre, que levavamos dentro dos escritorios; naõ achando outra sombra, q̃*

de espinheiros, que mais serviaõ de magoar, que de refrescar, dormindo sobre a terra dura, & bebendo agoa salobra, & de mui roim cheiro, & essa ás vezes mui pouca. Athe aqui aquelle paragrafo da carta do Patriarca.

8 Logo vai continuando os mais successos do caminho. Bem se ve deste pouco o muito, que padeceria o Padre Velasco, pois era hum dos que faziaõ o caminho a pé. Na Ethiopia trabalhou com grande espirito. Depois mudandose aprasperidade, com que alli algum tempo floreceo nossa sancta fé, foi desterrado o Patriarca, & com elle os outros Missionarios, dos quais era hum o Padre Velasco. Foi entregue com o Patriarca, & outros Padres aos Turcos de Maçuâ, & esteve a ponto de ser sacrificado a Mafoma. Livre deste perigo partio diante com alguns Padres pera a India. Padeceo rigorosas infirmidades, em que mostrou grande cabedal de paciencia. Na ultima doença cõservou sempre seu juizo athe o ultimo alento da vida, que acabou sanctamente. Naõ achei, dia, mes, & anno de seu fallecimento. Delle trata o Padre Balthezar Telles na sua Historia de Ethiopia.

FIM.

LIVRO TERCEIRO DA IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DA COMPAnhia de JESU Em Lisboa.

EM QUE SE CONTEM AS VIDAS DE alguns ſervos de Deos, que com ſuas virtudes ſanctificaraõ a caza do Monte Olivete.

CAPITULO I.

Vida do Veneravel Padre Joaõ Nunes Confeſſor da Rainha de Portugal Dona Luiza Maria de Guſmaõ.

15 *Em Lisboa 28. Dezemb. de 1616.*

Daſſe huma ſumaria noticia dos empregos, em que gaſtou ſua vida.

1 OUVE na caza do Monte Olivete, excellentes Meſtres de eſpirito, cujas vidas eſcrevo em outro lugar, & neſte me pareceo ajuntar a vida de hum, que foi em tudo admiravel, eſte he o Padre Joaõ Nunes; naceo em Means lugar pequeno em o termo da villa de Montemor o velho no Biſpado de Coimbra: ſeu pay ſe chamou Antonio Fernandes Simbôga, & ſua may Maria Fernandes,eraõ da gente mais principal daquella terra: tẽdo idade competente, o mandaraõ eſtudar a Coimbra, ainda, que o pay ſe inclinava, a que Joaõ foſſe por outro ca-

caminho, & o queria occupar em as melhoras, & agriculturas de suas fazendas, com tudo venceo a propensaõ da may, que era, se applicasse às letras. à estas se entregou cõ tanto cuidado, & diligencia, que sendo estudante da quinta classe do nosso patio de Coimbra, foi admittido na Cõpanhia, & entrou no sancto Noviçiado daquelle collegio aos 27 de Junho de 1609 sendo Mestre o Padre Gonçalo Simoẽs.

2 Em todas as virtudes foi o Irmão Joaõ Nunes Noviço de singular exemplo; os outros o veneravaõ como tal; particularmente excedia no fallar de Deos, em que era muito fervoroso; viase mais este fogo do amor divino nas vesporas de Comunhaõ, em que todos appeteciaõ ser seus companheiros em o repouso, pera cõ suas palavras se prepararem melhor pera a sagrada Comunhaõ.

3 Mandárano peregrinar conforme o uso da Companhia, & succedeo chegar a hum lugar naõ muito lõge de Means sua patria; sabendo o pay, que seu filho estava taõ perto, se foi àquelle lugar, & o achou fazendo doutrina, aqual ouvio naõ sem lagrimas de muito gosto, por ver o grande, com que todos o ouviaõ: acabada a doutrina lhe fallou pedindo-lhe cõ todos os encarecimentos, que pois naõ tinha outro filho, a quem deixar os seus bens, se sahisse da Cõpanhia. Nenhum cazo fez o Noviço de taõ insperada exhortaçaõ; & com poucas, mas efficazes palavras o desenganou, dizendo-lhe: como eu hei de deyxar a Cõpanhia de JESU por cousa alguma do mundo, quando todo elle, & muito mais se deve meter debayxo dos pés pella Companhia de JESU; nestes pontos naõ há, que me fallar, nem dizer palavra. Com esta secura o despedio.

4 Em huma das conferencias, que se costumaõ fazer, perguntou o Padre Mestre ao Irmaõ Joaõ Nunes, que faria elle no cazo, que inimigos da fé entrassem pello noviciado, & martyrizando a todos o deyxassem só? Eu Padre Mestre nesse cazo (respondeo o Irmaõ) me puzera ao pé da campa, & tangeria a todas as obediencias, acodindo a todas ellas cõ a pontualidade, que agora o fazemos. Agradou muito ao Mestre esta reposta, significadora do grande amor, que o Irmaõ Joaõ Nunes tinha à sancta obediencia.

5 Acabou o seu Noviciado, & feitos os votos; se applicou

plicoufe com todo o cuidado, & fe informou muito bem em os latins. Depois de eftudar philofophia, enfinou Grammatica em a Univerfidade de Evora com grande proveito de feus difcipulos; aos quais inftruia naõ menos em as coufas tocantes ao bem efpiritual, que ao eftudo, fazendoos confeffar muitas vezes ainda alem daquellas, que por obrigaçaõ da claffe o devem fazer os eftudantes; no que elles vinhaõ facilmente naõ obrigados de caftigo, mas por affecto, que a efte Sacramento lhes infundiaõ as exhortaçoens de taõ religiofo Meftre.

6 Depois eftudou a fua Theologia; aviafe taõ modeftamente em todas as fuas acçoens, que entre feus condifcipulos era conhecido pello nome de Theologo fancto: alguns vendo o filencio, que guardava na aula, lhe chamaraõ boy mudo, como antigamente a Sancto Thomas.

7 No anno de 1624 eftando o Padre Joaõ Nunes tendo o terceiro anno de Noviciado em Lisboa; Dom Manoel de Menezes cabo da efquadra de naos, que partia de Lisboa pera fe ajuntar com a de mais armada, que mãdava el-Rey Philippe pera reftaurar a Bahia tomada pellos Olandezes; pedio ao Padre Provincial, lhe deffe algum Padre pera confeffor. Avifoufe pera efta jornada ao Padre Joaõ Nunes, o qual fem outra preparaçaõ mais, que o feu breviario, & o feu Crucifixo ao pefcoffo fe embarcou pera o Brafil. Foraõ grandes os exemplos de todas as virtudes, que deu em toda a navegaçaõ; na qual foi hum commum refugio de todos os miferaveis.

8 Admiravaõ todos a uniformidade de feu femblante, & paz, que moftrava em todas as coufas, fem verem nelle turbaçaõ alguma, por mais occafioens, que pera iffo fe offereceffem: a fua affiftencia era o lugar, aonde avia neceffidade de fua peffoa: atalhava iogos, & defavenças: aos doentes affiftia cõ fingular cuidado, confolandoos jâ cõ palavras, ja com mimos de alguns regalos, de que lhe faziaõ efmola os Senhores da nao: foi efta fua caridade, & modo religiofo em todas fuas acçoens taõ venerado de todos, que lhe naõ fabiaõ outro nome, fenaõ o do Padre Sancto. Vendo muitos dos principais, que hiaõ em a nao, a neceffidade, que padecia, de ordinario por vontade fua; lhe perguntavaõ, fe queria, ou neceffitava de alguma coufa, a que fempre refpondia com alegria: Que tudo lhe fobejava.

9 Che-

9 Chegando a armada à Bahia, continuou o Padre em terra com os doentes, que naõ foraõ poucos, as mesmas obras de caridade, que exercitara no mar. Quando se deu o assalto aos Olandezes, que estavaõ de posse da cidade, assistio o Padre Joaõ Nunes animando os soldados, confessando os feridos sempre com o seu Crucifixo ao pescoço; por isso lhe chamavaõ tambem comumente o Padre do Crucifixo. Ganhada a cidade, quando a nossa armada ouve de voltar pera o reyno, todos os capitaens, à profia, queriaõ, & procuravaõ, viesse o Padre em a sua nao. Depois de ter exercitado na vinda as mesmas obras de caridade, que na ida pera o Brasil: desembarcou o Padre Joaõ Nunes em o porto de Cadiz, aonde foi aportar a nao obrigada de hum temporal. No mesmo tempo estava sobre Cadiz huma armada Ingleza, pello meyo da qual rompeo a nao, em que hia o Padre Joaõ Nunes, sem receber dano algum das muitas balas, que sobre ella choviaõ: o que todos assim os da cidade, como os que hiaõ em a nao tiveraõ por favor muito especial do Ceo.

10 Chegando o Padre Ioaõ Nunes ao reyno, o mandou a sancta obediencia ler cazos em Bargança; & depois lhe ordenou, viesse fazer a mesma occupaçaõ à cidade do Porto: dando sempre os mesmos exemplos de virtude. Acodia muitas vezes a consolar os enfermos do hospital, & os prezos da cadea. Rogou ao Irmaõ porteiro do Collegio, que quando ouvesse confissoens de noyte, naõ despertasse a outro algum religioso, & só o chamasse a elle: fazia este sancto ministerio cõ tanta satisfaçaõ, & proveito dos penitentes, que todo o que huma ves se cõfessava cõ elle, o escolhia por seu confessor. Era buscado de todas as pessoas de maior suppoziçaõ, pera lhe comunicarem suas cõsciencias No confessionario era incansavel. Costumava elle dizer, que todo o Religioso da Cõpanhia se avia de prezar de pôr em praxe tres apothegmas do Sancto Martyr Gonçalo da Sylveira, que vem a ser: *Confessar athe naõ aver penitente: Prègar athe enrouquecer: Mortificar athe morrer.*

11 Do Collegio do Porto veyo pera o de Coimbra a fazer a occupaçaõ de Mestre dos Noviços: escusousse quãto pode, deste magisterio, mas naõ teve despacho sua humildade. Quando se lhe deu o cuidado desta occupaçaõ, esta-

estavaõ juntos todos os Novicos, & o fez o veneravel Padre Diogo Mõteyro, aquem succedia o Padre Joaõ Nunes, cõ estas palavras: *Filhos aqui vos entrego por vosso Mestre a hum Padre de quem nunca alguem se queyxou, & que nunca soube queyxarse de alguem.* Cõ estas poucas, mas ponderozas palavras significou o alto conceyto, que tinha da virtude do Padre Ioaõ Nunes.

12 Fez aquella occupaçaõ cõ grande proveito da Companhia, & edificaçaõ de todo o Collegio; Alem de muita virtude tinha o Padre Ioaõ Nunes grande prudencia, & modo nas suas palavras pera moderar os animos. Em huma occasiaõ encomendou a hum Novico estudante o cuidado, das alampadas, & mais cousas annexas à quella obrigaçaõ; naõ estava o Noviço ainda penetrado da virtude; tomou o aviso em ponto de hõra, cuidando se lhe fazia por desprezo: foise ao Mestre dizendo, que pois o tratavaõ daquella sorte, lhe mandasse dar o seu vestido, que naõ queria estar na Companhia. Vendo o Padre Ioaõ Nunes o espirito de soberba, que dominava em o Noviço; lhe trouxe à memoria a humildade de Christo, & ultimamente lhe disse, que se tinha pena de fazer aquelle officio, que elle o faria, pois o exercitara jâ muitas vezes na Companhia;falloulhe cõ tal modo, que o Noviço se confundio; & deposta a sua teima,se offereceo com todas as veras pera perpetuamente ter aquella obrigaçaõ.

13 De Coimbra foi mandado vir a Lisboa, cuidando, que o chamavaõ, porque se teria posto despacho a huma petiçaõ, que avia annos reprezentara aos Superiores, em que pedia a missaõ da India, logo deu os seus papeis de esmola a hum sacerdote secular de conhecida virtude; & tomando por companheiro a hum Noviço sem mais viatico, que o da providencia divina, cõ o breviario debayxo do braço, & cõ o seu bordaõ, caminhou à pé em missaõ de Coimbra athe Lisboa. Aonde, bem contra o que imaginava, lhe deraõ a patente de Preposito da caza professa de Villaviçosa, escusouse com tanta resoluçaõ, que os Superiores lhe mandaraõ em virtude da sancta obediencia, que a aceitasse; entaõ vendo, que naõ podia resistir, comprio cõ aquella obediencia muita penosa a sua grande humildade.

14 Chegado a Villaviçosa foi logo dar obediencia aos

 Se-

Sereniſſimos Duques de Bragança, que entaõ eraõ Dom Joaõ, que depois foi Rey de Portugal, & Libertador da patria, & Dona Luiza Maria de Guſmaõ, da qual depois ſendo Rainha, foi Confeſſor: ficaraõ aquelles ſenhores grãdemente pagos dos bons termos, & modeſtia do Padre, na qual ſe deixava ver o cabedal de virtude, que ao depois moſtrou em todo o tempo, que aſſiſtio em Villaviçoſa.

15 Os primeiros que experimentaraõ ſua caridade foraõ os prezos da cadea, a quem levou huma eſmola com os mais Religiozos de caza, hindo diante o Padre Joaõ Nunes cingido com hum avental; chegando à cadea, elle per ſi começou a repartir aos prezos a eſmola, & depois lhes fez huma ferveroſa pratica com grande admiraçaõ, & edificaçaõ daquelle povo, noqual athe aquelle tempo ſenaõ tinha uſado eſte modo de levar, & repartir eſmola aos prezos. Depois ſe entregou todo a enſinar a ſancta doutrina ao povo em as praças, & lugares publicos: fazia eſte ſancto exercicio com taõ geral applauſo, & utilidade, que naõ ſó concorria a ella a gente do povo, mas tambem a nobreza daquella Corte, ſentindo grandes effeitos, & moçoens divinas. Occaſiaõ ouve, em que eſtando o Padre fazendo doutrina, rompeo pello meyo dos meninos hum Sacerdote authorizado, & levado de impulſo Superior tomou ao Padre em ſeus braços, & o levou nelles por algum eſpaço, dizendo a grandes vozes entre muitas lagrimas, q̃ derramava: Eſte ſim, que he verdadeiro filho da Companhia, pois falla com tal eſpirito, que parece quer levar a todos ao Ceo veſtidos, & calçados.

16 Foi muito grande a fama, & nome de virtude, que com ſuas obras ſanctas grangeou em Villaviçoſa, nas converſaſſoens de toda a ſorte de gente huma das couſas mais ordinarias, de que ſe fallava, eraõ as acçoens de virtude, que viaõ no Padre Ioaõ Nunes. Tudo ſabiaõ os Sereniſſimos Duques, & o dezejavaõ tratar mais familiarmente: ouve alguem, que ſignificou, eſte dezejo de ſuas Excellencias ao Padre Ioaõ Nunes, inſinuandolhe, que ſe introduziſſe pouco apouco. Reſpondeo: Eſtimara eu, que qualquer minimo eſcravo de taõ ſoberana caza, me dera o menor aviſo pera o hir confeſſar, ou ajudar em qualquer affliçaõ; que quanto pera o trato de taõ ſoberanas peſſoas requereſe ſogeito menos groſſeiro, & que ſeja mais palaciano,

ciano, do que eu ſou. Por tanto ſe retirava, quanto lhe era poſſivel: era eſte ſeu retiro taõ advertido, que vindo o Padre Antonio Maſcarenhas Provincial viſitar a caſa de Villaviçoſa, como foſſe beijar a maõ a ſuas excellencias, a primeira couſa, que lhe diſſeraõ, foi com huma certa benevolencia queyxarſe do Padre Prepoſito, dizendo era muito retirado, & que ſe furtava muito a ſeus olhos: Reſpondeo o Padre Provincial que via a razaõ da queyxa, & que faria, com que a cabal ſatisfaçaõ foſſe a emenda.

17 Vindo pera caſa declarou ao Padre Joaõ Nunes a queyxa dos Sereniſſimos Duques; a que elle reſpondeo: Padre Provincial, eu profeſſo todo o rendimento, & ſumiçaõ a ſuas excellencias, ainda nos minimos acenos; mas eu naõ ſei, que athe agora morreſſe em palacio eſcravo, ou tiveſſe perigo de doença, a que ſabendoo naõ aſſiſtiſſe; & quanto a faltas em materia de cortejo, pareceme naõ aver queyxa juſta, porque eu me acho com mais geito pera hoſpitais, que pera Cortes. Edificouſe o Padre Provincial da repoſta, & com eſte maior retiro creceo mais a opiniaõ, q̃ os Sereniſſimos Duques tinhaõ do Padre Joaõ Nunes. Por tanto ſendo jâ acclamados por Reys de Portugal; perguntou a Rainha ao Padre Provincial pello Padre Joaõ Nunes, reſpondendolhe, que acabado de ſer Prepoſito fora pera o Collegio de Santarem, ſignificou a vontade, que tinha de o ter mais perto, fazendo grandes elogios de ſua virtude: mandou logo o Padre Provincial ao Padre Ioaõ Nunes, q̃ vieſſe pera Lisboa, pois eſſe era o goſto da Senhora Rainha: foi eſte aviſo de grande moleſtia pera o Padre pello muito, que dezejava viver retirado, & fora dos olhos dos grandes Principes; mas como a obediencia ainda ſem preceito, he daquellas, que naõ coſtumaõ ter recurſo, ouve de obedecer, & vir pera Lisboa.

18 Neſte tempo foi o Padre Bernardino de Sampayo por ordem dos Superiores viſitar os Collegios, que a Cõpanhia tem na Provincia de Entre Douro, & Minho, & porque era Reytor do Noviciado de Lisboa, ficou por Vice-Reytor o Padre Joaõ Nunes: dahi a poucos tempos lhe leraõ patente de Reytor da meſma caſa, dizendo o Padre Ioaõ Nunes, que aceitava aquella honra da Companhia naõ porque foſſe digno della, mas porque ſe queria reformar no eſpirito.

19 Tinha o Padre Ioaõ Nunes huma gravidade muito urbana, com que attrahia os affectos, & suavemente obrigava os Noviços, a que lhe puzessem nas maõs o coraçaõ. Huma ves se chegou a elle hum seu Noviço vexado de huma molestissima tentaçaõ, & manifestandolha, pera receber delle o remedio, o Padre Mestre se pós de joelhos, & abrindo a roupeta, & desabotoando o gibaõ, pegou da maõ do Noviço, & a meteo em o seu sêo esfregandoa com hum gibaõ de cilicio, que tinha sobre seu corpo, & lhe disse: Filho ainda os de mais idade, & de mais annos, pera se aver com prevençaõ, assim devem andar armados; este he o peito, com que se faz rosto a este inimigo, naõ vos desconsoleis, com se vos offerecerem as reprezentaçoens mais disformes, porque assim como naõ ha culpa na reprezentaçaõ, hâ grande victoria na resistencia. Divulgouse este successo entre os Noviços, & se acrecentou muito o grande, & geral conceyto, que avia de sua virtude, & a confiança, em lhe descobrirem seus coraçoens, como a pay amoroso.

20 Tinha neste tempo o Padre Ioaõ Nunes duas laminas obradas com todo o primor assim na pintura, como no de mais ornato, huma de Christo, outra da Senhora; ambas andavaõ juntas, & pendentes de huma cadea de prata; este era hum geral antidoto das tristezas, & desconsolaçoens dos Noviços, por tanto andava de maõ em maõ conforme a necessidade o pedia; & as entregava, aos q̃ via tristes, athe se desfazerem aquellas nuvens, que sentiaõ em seu coraçaõ; era cousa constante entre os Noviços, que a nenhum se applicava o remedio, que senaõ experimentasse alliviado.

21 Tambem tinha outra lamina do *Ecce homo*, muito devota, que dava aos que tinhaõ Exercicios espirituais: quando a tinha em o cubiculo, nos dias de confissaõ, a punha junto donde se confessavaõ os Noviços em proporçaõ, que advertissem nella, em ordem a se compungirem mais. Viosse, que o ter estas laminas naõ tinha outro fim mais, que a consolaçaõ, & compunçaõ dos Noviços, porque acabado este sancto magisterio nunca mais se viraõ as tais laminas em poder do Padre Ioaõ Nunes, antes constou, que as dera a seculares, com quem tratava de cousas espirituais, em ordem aos mesmos effeitos pera, que as dava aos seus Noviços.

22 Saõ os Noviços ordinariamente muito calados em ſuas neceſſidades, poriſſo o Padre Ioaõ Nunes como amoroſa may todos os dias de confiſſaõ examinava muito por meudo, ſe lhes faltava alguma couſa de veſtido exterior, ou interior, fazendo às vezes pera iſſo as diligencias, que fizera a may mais amoroſa. Em certa occaſiaõ lhe diſſe hum Noviço, que ſentia grandes dores de eſtamago, & fraquezas delle: entaõ o Padre lhe applicou hum como empraſto compoſto de varios ingredientes, que os Medicos lhe mãdavaõ trazer pera confortar a debilidade do eſtamago, & ſe ficou ſem elle por acodir ao ſeu Noviço.

23 Nas recreaçoẽs aſſiſtia muitas vezes aos Noviços, propondo materias accomodadas à occaſiaõ, & tempo pera darem ſuas conſideraçoens; fazia eſte exercicio ſancto com tanto fervor, que os Irmaõs ſe lhe lançavaõ muitas vezes aos pés pedindo, lhes deſſe licença pera fazerem colloquios ao Ceo; faziaõ eſtes humas vezes com os braços abertos em forma de cruz, outras com alguma reprezentaçaõ daquellas, com que padeciaõ os noſſos Martyres no Japaõ: affervoravaſe tanto neſtas occaſioens o Padre Joaõ Nunes, que muitas vezes fazia alguns abalos com o corpo, & movimento com os pés, que parecia naõ advertir em ſi; o que tudo eraõ impetos de ſeu abrazado eſpirito.

24 Nas penitencias dos Irmaõs Noviços era muito moderado, procurando emmendalos mais com a palavra, que com caſtigo: a ſua palavra mais ordinaria, com que eſtranhava os defeitos, era tomando na boca o Sanctiſſimo nome de JESUS, humas vezes por modo de admiraçaõ, outras por modo de ſentimento, accomodando a pronuncia daquelle ſancto nome, conforme o pedia a couſa, que queria emmendar. Coſtumava dizer, que a perfeiçaõ dos Noviços da Companhia não era effeito de medo ſervil, por tanto, que naõ ſe adiantava por meyo deſte medo, mas por meyo de amor filial; porque (dizia o Padre Joaõ Nunes) olhos bayxos, maons compoſtas, paſſos regrados, acçoens medidas, palavras moderadas, almas recolhidas, naõ ſaõ effeitos da diſciplina, mas amor de Chriſto Crucificado.

25 Quando algum padecia alguma moleſtia, ou foſſe do corpo, ou da alma, dizialhe, que applicaſſe a quella parte à chaga do lado de Chriſto, & que temperaſſe a ſua dor com as de Chriſto, que aſſim lhe ficariaõ mais ſuaves; dava

eſte

eſte conſelho com tantas lagrimas de deva çaõ, que ſuaviſava ainda as penas mais agudas: fazialhe tambem o ſinal da cruz ſobre a parte, de que ſe doião; & aſſim os mandava cheyos de conſolaçaõ.

26 Sendo o Padre Joaõ Nunes pontualiſſimo nas materias da obediencia; sò quando ſe lhe mandava, deſpediſſe algum Noviço, ſentia em ſi grande difficuldade; porque os dezejava ſũmamente conſervar a todos na Companhia. Succedeo, que o Padre Jeronymo Vogado Provincial mãdou ao Padre Joaõ Nunes, deſpediſſe a hum Noviço, o qual por ſuas prendas, & bons procedimentos merecia todos os bons affectos: quando lhe chegou a ordem de Santarem, aonde entaõ eſtava o Padre Provincial, não ſe pode explicar a pena, que teve com eſta execuçaõ; com tudo pello ordenar aſſim a obediencia chamou ao Irmaõ Sotto-miniſtro; comunicoulhe a affliçāo, em que eſtava, & as cauſas que tinha pera ella; juntamente lhe diſſe, preparaſſe o veſtido em ordē a deſpedir aquelle Noviço: aqui acodio o Irmaõ Sottominiſtro: viſto voſſa Reverēcia eſtar taõ ſatiſfeito deſſe Noviço, & o Padre Provincial não eſtar muito longe, pareceme, que voſſa Reverencia lhe proponha as rezoens, que tem pera o conſervar, pera que ſe faça mais exacto exame das cauſas, que tem pera o deſpedir. Entaõ lhe diſſe o Padre Joaõ Nunes: Irmaõ naõ ſei, o que faça, encomendemos o negocio a Deos eſta noyte.

27 Vioſe a efficacia da ſua oraçaõ, porque bem acazo abrindo hum livro de Moral, que tinha na eſtante, achou nelle huma carta dobrada com ſobreſcripto pera o Padre Bernardino de Sampayo, que fora ſeu anteceſſor no officio, a qual naõ continha outra couſa mais, que huma informaçaõ da limpeza de ſangue daquelle Noviço, que hum P. dos mais graves da Companhia tirara, por cauſa de hum teſtimunho, que falſamente ſe lhe levantara em materia de ſangue: eſta informaçaõ tinha mandado fazer o Padre Provincial anteceſſor do Padre Jeronymo Vogado; porem como a peſſoa, q̃ impuzera o tal teſtimunho, ou ſoubeſſe, ou naõ ſoubeſſe deſta informaçaõ; diſſeſſe ao novo Provincial, que aquelle ſugeito era defectuoſo no ſangue; & a peſſoa foſſe de reſpeito, & em quem ſenão preſumia malicia; o Padre Provincial mãdou ao Padre Joaõ Nunes o deſpediſſe logo: & pello modo ſobreditto foi Deos ſervido de mani-

manifeſtar a verdade pera bem do Irmaõ Noviço, & conſolaçaõ do veneravel Padre Joaõ Nunes.

CAPITULO II.

He eleito Confeſſor da Rainha, exemplo com que ſe ouve.

1 EM quanto exercitava a occupaçaõ de Reytor do Noviciado, varias vezes hia a palacio chamado pella Senhora Rainha pera a confeſſar a ella, & a outras Senhoras, que lhe aſſiſtiaõ; athe que morrendo o Padre Frey Diogo de Leyria Religioſo Capucho da provincia da Piedade, elegeo por ſeu Confeſſor ao Padre Joaõ Nunes; couſa que o humilde Padre ſentio em graã maneira, & ſobre que chorou muitas lagrimas. Dandolhe hum noſſo Religioſo os parabens, alegre da honra, que ſe fazia à Religiaõ na peſſoa do Padre Joaõ Nunes: eſte lhe reſpondeo: Ah meu Irmaõ como o vejo alegre, & quanto me ſinto triſte. O quam melhor me fora ſer Confeſſor dos Chinas, que Confeſſor de Mageſtades! Do que me rende os parabens, trato de me eſcuſar efficazmente, & ſe o naõ fizer de todo, ſerà por imaginar, que quer Deos em caſtigo de meus peccados, conſte mais claramente minha inſufficiencia: a unica conſolaçaõ, que me pode reſultar deſte caſtigo, he ficar izento de ſer Superior na Companhia, couſa, a que tenho grandiſſima repugnancia.

2 Applicou todas as boas diligencias pera ſe eſcuſar daquella occupaçaõ, ja allegando a ſua inhabilidade, ja a ſua rudeza pera tratar com peſſoas reaes, ja apontando aos Superiores outros homens de mais talentos, & letras, q̃ as ſuas; mas a tudo ſe antepôs a vontade da Rainha, de quem era a eleiçaõ: a qual ſabendo todas eſtas eſcuſas, & diligencias do Padre Joaõ Nunes, muito mais ſe confirmou, em quam acertadamente obrara, em tomar por ſeu Confeſſor a homem de taõ conhecida virtude.

3 Naõ faltou quem movido da inveja, procurou desfazer em o Padre Joaõ Nunes, dizendo, naõ tinha os talẽtos requiſitos pera taõ grande occupaçaõ: ſabendo iſto o Padre, diſſe: Quanto pello que toca a minha peſſoa, dezejo, que eſtes dittos ſejaõ taõ efficazes, que por elles me allivi-

liviem desta obrigaçaõ; mas saõ taõ grandes minhas culpas, que naõ mereço a Deos esse favor: eu lhe perdo-o de boa vontade tudo, quanto tem ditto de mim, por ventura foi tudo dirigido por boa intençaõ, & dezejo, de que se acertasse em materia de tanto pezo.

4 Logo acompanhado com o Padre Provincial, & Padre Preposito de S. Roque foi a palacio, & se renderaõ as graças à Senhora Rainha, pella que fazia à nossa Cõpanhia em eleger por seu Confessor ao Padre Ioaõ Nunes. Neste officio se ouve com aquelle retiro, & modestia, com que se tinha havido depois que entrara na Companhia: nunca entrou por palacio sem ser chamado. Intentou a Senhora Rainha, que por autoridade do officio, & occupaçaõ de Confessor, fosse o Padre a palacio em Coche; resistio cõstantemente: instando a Rainha, que pello menos viesse, em que indo, & vindo o Padre a pé, fosse o Coche de tras: taõ pouco admittio esta ceremonia: como ainda instasse, que pello menos tivesse duas mulas, pera si, & seu companheiro; nem estas quis admittir sua grande mortificaçaõ; pello que vinha do Noviciado a palacio, & outras vezes a Alcantara sempre a pé, por mais incomodo, que fosse o tẽpo, & que estivessem os caminhos, & por maiores que fossem as distancias.

5 Occasiaõ ouve, em que estando em palacio, quando se havia de recolher, choveo tanto, que as ruas da Cidade pareciaõ rios; porque parecia quasi impossivel, o poderse o Padre recolher a pé; com todas as instancias se lhe offereceo hum Coche, em que fosse pera casa: mas nunca se pode acabar com elle, que tal cousa fizesse; antes, do modo que pode, & com grandissimo trabalho molhado todo, & todo enlodado se veyo pera o Noviciado. Tinha a Senhora Rainha grande compayxaõ destes incomodos do seu Padre Confessor, & procurava por todas as vias acabar com elle, mudasse este seu proposito.

6 Persuadiose tinha bella occasiaõ, & motivo muito efficaz, se dissesse ao Padre Ioaõ Nunes, o desâr que tinhaõ as suas alcatifas com vir a palacio a pé, porque todas ficavaõ cheas de lodo das ruas; assim lho significou, dizendolhe, viesse dalli por diante a cavallo, pera evitar estes, & outros inconvenientes: cuidava ja, que com este artificio tinha conquistado, ou dado hum grande aballo à humildade

de do Padre: mas elle com toda a modeſtia reſpondeo; que dalli por diante teria cuidado muito eſpecial de naõ dar eſtes incomodos ás alcatifas de ſua Mageſtade: por tanto vindo pera caſa tomou huns ſapatos mais limpos, & metẽdo-os na algibeira os levou, quando foi a palacio; entregou-os a hum repoſteiro, pera que lhos guardaſſe em hũ lugar eſpecial. Quando hia a palacio entrando naquelle lugar, deſcalçava os ſapatos, com que viera, & tomava aquelles limpos; aſſim entrava a fallar com ſua Mageſtade: depois retirandoſe tornava a tomar os outros, & ſe vinha pera caza. Com eſta traça atalhou ſua ingenhoſa humildade, & cortou por huma vez todas as inſtancias, que neſta materia ſe lhe podiaõ fazer.

7 Zelaraõ alguns Palacianos à Senhora Rainha, que era obrigaçaõ dos Confeſſores das peſſoas Reaes aſſiſtirẽ no conſelho de Eſtado. Como ella diſſeſſe iſto ao Padre Joaõ Nunes; eſte ſe pôs de joelhos diãte de ſua Mageſtade, com todos os encarecimentos poſſiveis lhe pedio, que o eximiſſe de taõ moleſta obrigaçaõ: & vendo ella a pena, que niſſo tinha o Padre, naõ quis ateimar neſte negocio, porque ja ſabia, que neſtas, & ſemelhantes materias ſe coſtumava o Padre Ioaõ Nunes fazer inganhavel.

8 Quando ſeus parentes o viraõ em palacio, & com taõ ſingular valimento, cobraraõ grande confiança de ſe adiantarem, ſendo bem ouvidos, & melhor deſpachados. Hum ſeu Irmaõ, que tinha militado, & recebido muitas feridas na guerra, na qual entre outras feridas em ſerviço del-Rey tinha perdido hum dedo; remetteo ao Padre Ioaõ Nunes eſtes ſeus ſerviços, pedindo lhe agẽceaſſe os deſpachos competentes ao ſeu merecimento: a eſta pertençaõ reſpondeo, que elle no paço naõ era ſolicitador de negocios, mas sò Confeſſor da Rainha. Por tanto ficaraõ ſem premio algum todos aquelles merecimentos. Neſta materia de pedir aos Sereniſſimos Reys alguma couſa, foi grandemente retirado; & quando ſe offereceo alguma occaſiaõ, que por ſerviço de Deos, lhe pedio alguns deſpachos, o fazia por meyo de outro Religioſo grave da Companhia bẽ viſto das peſſoas Reais; dizendo, que naõ eſtava mais na ſua maõ, & que o pedir elle, era exceder as rayas, a que ſe eſtende o officio de Confeſſor.

9 Com eſta ſancta izençaõ adquirio grandes eſtimaçoens

ens na opiniaõ de todos,os que tinhaõ noticia da Corte, na qual se lhe naõ dava outro nome, que o de Confessor sancto. No vestido intentou imitar ao mui Sancto, & veneravel Padre Simaõ Rodrigues Confessor del-Rey D. Ioaõ o terceiro; o qual hia a palacio com roupeta parda; & deste modo foi algumas vezes o Padre Ioaõ Nunes : porem mandaraõlhe os Superiores, que no vestido se accomodasse ao tempo, & a o uso dos demais. Varias vezes quis a Senhora Rainha melhorarlhe o vestido; outras adiantar a seus parentes; quanto ao vestido respondia, que a Religiaõ lhe dava tudo, o que lhe era necessario ; quanto a seus parentes, que elles tinhaõ , o que lhe bastava pera passar com limpeza, que com isso se contentassem.

10 Apertou sua Magestade com elle pera que consentisse, em que todos os dias lhe mandasse hum prato da sua mesa: vendo o Padre a instancia da Rainha, lhe pedio fosse servida, de ser huma sò vez na somana, & em dia de peyxe; condescendeo com sua petiçaõ ; & assim todas as somanas em dia de peyxe lhe mandava hum prato da sua mesa; este conforme o estilo da Companhia se repartia pella comunidade, dandose sempre alguma parte mais reforçada ao Padre Ioaõ Nunes, como he costume fazerse, quãdo o prezente vem a algum particular: esta sua parte mandava dar sempre aos pobres da portaria , ficando elle sem cousa alguma pera si ; isto observou, em quanto viveo.

11 O seu valimento todo o queria pera acodir aos pobres, sò por estes fallava: negoceava grandes esmolas, com que soccorria a pessoas nobres,que as naõ podem pedir de porta, em porta. Huma vez vindo a Rainha a S. Roque, entrou no cubiculo do seu Confessor; como estivesse sobre a mesa hum papel aberto, como gracejando, disse: agora sim, que hei eu de saber os segredos do meu Confessor.Lẽdo, achou ser huma petiçaõ, que huma pessoa grave lhe mandara, na qual lhe referia sua grande necessidade, & pedia o remedio pera ella: logo a piedosa Senhora mãdou dar huma grossa esmola ao Padre Ioaõ Nunes, pera soccorrer àquella pessoa miseravel, como em effeito soccorreo. Indo as pessoas Reaes pera Almeyrim, sua Magestade constituio ao Padre Ioaõ Nunes seu Esmoler universal,por ver a grãde caridade, que exercitava pera com os pobres; & disse, q̃ a naõ cuidar, daria algum motivo de pena ao Padre Ioaõ

Nunes,

Nunes, o havia de fazer ſeu Eſmoler mór, ainda que elle ſem eſſes titulos era o maior eſmoler, que havia na Corte.

12 Fazendo o Padre Ioaõ Nunes tanta aſſiſtencia na Corte, & no palacio, nada deſte ſe lhe pegou; mas da ſua virtude ſe pegou muito ao palacio, porque influio nelle grande amor à ſanctidade. Havia ſeu tempo, que ſe dava à oraçaõ mental; havia tambem ſuas penitencias; & tanto fervor, que diſſe o Padre Ioaõ Nunes, que eſte mais neceſſitava de freyo, que de eſtimulo: chegou a tanto eſte amor da virtude, que quatro damas da Rainha, & huma Senhora titular, que tambem aſſiſtia em palacio, entraraõ Religioſas nos conventos mais reformados da Cidade: a eſtas ſinco fidalgas, aquem os ſanctos documentos do Padre Ioaõ Nunes encaminharaõ pera vida mais perfeita; chamava elle as ſinco chagas de Chriſto crucificado: por evitarẽ os deſvios, que os parentes coſtumaõ trazer a ſemelhantes pertençoens, fiaraõ todo o meneo deſte negocio unicamẽte do ſegredo do Padre Ioaõ Nunes, por cuja maõ correo toda a expediçaõ, que era preciſa, pera entrarem em os conventos, como em effeito entraraõ com geral edificaçaõ de todo o Reyno de Portugal.

13 Huma deſtas Senhoras, que era titular, eſtava taõ affecta ao Padre Ioaõ Nunes, pello bem, que de ſuas direçoens lhe tinha vindo; que quando entrou na Religiaõ, quis que o Padre a acompanhaſſe, athe a deixar de portas a dẽtro. Eſta Senhora chamava o Padre a chaga do lado, por ſer maior que as outras: a todas ellas foi aſſiſtir quãdo profeſſaraõ; dando a Deos infinitas graças pellos milagres, que tinha obrado em apartar do mundo peſſoas, que ordinariamente todas ſe empregaõ nelle.

14 Temos referido ſũmariamente o diſcurſo, & ſanctos empregos da vida do Padre Ioaõ Nunes: antes que relatemos ſua ſancta morte; diremos os exemplos de edificaçaõ, que nos deyxou em todas as virtudes religioſas, q̃ nelle floreceraõ cabalmente.

CAPITULO III.

De sua oraçaõ.

1 COmeçãdo pella oraçaõ, que he a alma da vida Religiosa; tinha de menhãa tres horas de oraçaõ, huma antes de se levantar a comunidade, outra com a comunidade; a terceira antes do meyo dia: a primeira, & terceira hora tinha na tribuna da capella môr, ou na Igreja diante do Sanctissimo; a segunda no seu cubiculo sendo particular, & sendo Mestre dos Noviços a tinha com elles na sua capella. De tarde tinha outra hora inteira na tribuna, & depois a meya hora, que tem os Irmaõs Noviços em o cruzeiro da Igreja: finalmente vindo à noyte da mesa, tinha outra meya hora na tribuna do Noviciado, que cahe pera a capella môr da Igreja; donde vinha todos os dias a ter sinco horas de oraçaõ; no demais tempo acodia às obrigaçoens do seu officio.

2 Naõ era a sua oraçaõ sò de dia; de noyte tinha tambem muitas horas depois de recolhida a comunidade. Succedeo, que hum Noviço, se levantou fóra de horas desinquieto com hum escrupulo, indo buscar o remedio ao cubiculo de seu Mestre achando a porta aberta entrou dentro, mas naõ o achando lâ, ficou sobresaltado, & se foi fazer oraçaõ à tribuna; a donde o encontrou de joelhos, taõ penetrado de Deos, que quasi naõ advertia, em quem entrara. Neste theor persistio em quanto as occupaçoens davaõ a isso lugar; mas como estas crecessem cõ as assistencias do Paço, & com dirigir a muitas almas no sancto caminho da via espiritual; foilhe preciso mudar aquella sua distribuiçaõ dos tempos.

3 Pera poder cumprir com tudo, levantavase muito sedo, & dando principio a sua oraçaõ, pellas duas horas a continuava athe as sete pello veraõ; & pello inverno athe as oito, quasi sempre de joelhos; como testimunharaõ muitos Padres de Saõ Roque, & todos os Irmaõs, que naquelle tempo tiveraõ cuidado da sancristia da Igreja da mesma casa. Por tãto vinha a ter todos os dias seis, ou sete horas de oraçaõ. Costumava dizer, que na oraçaõ, se havia de persistir,

ſiſtir, porque ainda, que naõ ouveſſe conſolaçoens eſpirituais, antes falta de todo o goſto ſenſſivel, havia grande merecimento; acrecentando a eſte propoſito, que nas cortes andaõ muitos, & aſſiſtem aos Reys ſem por toda a vida ter premio algum dos ſeus trabalhos: & que muitas vezes vivem ſatisfeitos, sò com os Reys porem nelles os olhos; & que aos que aſſiſtem na oraçaõ, ainda que faltem conſolaçoens, naõ faltaõ os olhos de Deos.

4 Viaõſe nelle, quando orava grandes indicios do fervor, em que ſua alma ſe abrazava; eraõ nelle taõ vehemẽtes, que os naõ podia occultar. Noviço ouve, que levado de huma ſancta curioſidade, ſe metteo em huma capella a obſervar ao ſeu Padre Meſtre no tempo da oraçaõ, & vio, que aquelle corpo acceſo do fogo divino ſe abalava pera diante com grande agilidade; & que acabada a oraçaõ eſtava o Padre em outro lugar conſideravelmente diſtante daquelle, donde principiara. Como o Noviço candidamente deſcobriſſe, o que tinha obſervado, ordenou o Padre Ioaõ Nunes, que nenhum Irmaõ Noviço dalli por diante tiveſſe oraçaõ em capella alguma.

5 Outro Religioſo noſſo, que foi tambem ſeu Noviço, teſtimunhou, que indo ao cubiculo do Padre Ioaõ Nunes, bateo huma, & outra vez, ſem lhe reſponderem; como viſſe a chave na porta, ſinal de que eſtava dentro, ſe reſolveo a entrar; abrindo a porta, vio ao Padre Ioaõ Nunes em extaſi levantado huma vara do pavimento, & como acordaſſe neſte meſmo tempo daquelle ſuaviſſimo ſono, pôs ao Noviſſo preceito de obediencia, pera que em quanto elle viveſſe, naõ diſſeſſe couſa alguma, do que vira. Depois da morte do Padre Ioaõ Nunes deſcobrio tudo, o que fica ditto.

6 No meſmo cubiculo o achavaõ muitas vezes em oraçaõ ja com os braços cruzados, ja diante de huma imagẽ do Ecce homo, ja diante de huma cruz de pao, em que tinha acabado a vida no Japaõ hum dos Martyres da noſſa Companhia, eſta ſe conſerva ainda no cubiculo do Padre Reytor do Noviciado de Lisboa, poſta na parede defrõte da meſa, deque ordinariamente ſe ſerve. Rompia muitas vezes naquellas palavras: Ah bom JESUS, Ah amoroſimo JESUS; tambem muitas o achavaõ com os olhos arrazados em lagrimas. Seguramẽte podemos affirmar delle, que

que quasi andava sempre em oraçaõ,& com o pensamento todo empregado em Deos.

7 Desta fervorosa oraçaõ, se derivavaõ todas as virtudes, como os rios do mar: daqui nacia a grande devaçaõ, com que celebrava o Sancto sacrificio da Missa; pera o qual se preparava com a confissaõ de todos os dias acõpanhada de muitas lagrimas, como o testimunhou o Padre, que o confessava: assim mesmo quando havia de comungar, eraõ ja nelle as lagrimas taõ ordinarias, que sempre era necessario enxugalas com o lenço; & naõ somente naquelle passo da Missa, mas tambem as derramava no principio; particularmente em a noyte do Natal,& na somana sancta, quando lia os Evangelhos da Payxaõ, em que pera continuar a liçaõ, era necessario reprimir os sentimentos espirituais, de que se sentia violentar.

8 O tom da Missa era muito devoto, o meneo grave, & tudo muito pausado; fazendo as ceremonias todas com grande perfeiçaõ. Acabada a Missa, gastava meya hora em dar graças a Deos, com o qual se recolhia neste tempo mui interiormẽte cõ as maõs unidas ao peito. Tinha grãde amor ao sacrosancto nome de JESUS: ordinariamente acabava as meditaçoens com estas palavras: Este sois amorosissimo JESUS.

9 Teve muito singular maõ pera dar meditaçoens; & o fazia com tanta piedade, & devaçaõ, que sendo Mestre de Noviços em o Collegio de Coimbra; muitos Padres, & Irmaõs do Collegio, hiaõ ao Noviciado pera lhe ouvirem a meditaçaõ, pello grande proveito, que sentiaõ della em suas almas. Naõ habitavaõ entaõ os Noviços, onde hoje moraõ, mas na parte do corredor, em que fica a casa dos lavatorios da sancristia.

10 Nos colloquios, que conforme o sancto costume da Companhia nesta provincia, se fazem em as noytes do Natal a Deos Menino, era o Padre Joaõ Nunes taõ terno, & dizia tantas caricias a Deos nacido em o seu presepe de Belem, que tudo eraõ nelle lagrimas de devaçaõ, & affectos amorosos em todos, os que o ouviaõ. Assim mesmo se enlevava em as cantigas sanctas, que entoavaõ os Irmaõs Noviços naquellas noytes, pera fomentar,& recrear a devaçaõ. Em huma occasiaõ mandou a quatro Noviços entoar o hymno: *Ave maris stella*: Depois de acabarem, quãdo

do esperavaõ, que o Padre Mestre dissesse algũa cousa, esteve por algum tempo sem dizer palavra; suspensos todos, donde nacia aquelle silencio, de repente sahio com estas palavras: Filhos ja acabastes?

11 Esta mesma suspẽssaõ experimẽtava em outras occasioens, ou quando ouvia cantar com suavidade algũa ave; ou quando punha os olhos, & contemplava alguma bonina do campo, ou qualquer outra flor, de tudo fazia degrao pera sobir com o pensamento a Deos. No seu cubiculo nunca o achariaõ ocioso, porque ora rezava, ora meditava; outras vezes gastava o tempo em apontar cousas espirituais, pera praticar aos seus Noviços, & outras cousas conducentes ao bem do proximo. Nas paredes do cubiculo tinha tres cruzes, & huma devota imagem de Christo Coroado de espinhos, às quais fazia particulares devaçoens.

12 Quando as pessoas Reaes assistiaõ em Cintra, Salvaterra, ou Almeyrim, aonde tambem por obrigaçaõ do officio assistia o Padre Joaõ Nunes, procurava saber todas as imagens de especial devaçaõ, que alli avia, a estas visitava muitas vezes fomentando com sua prezença a devaçaõ, que os povos lhe tinhaõ.

CAPITULO IV.

Da devaçaõ à Senhora.

1 SEndo nelle tanta a virtude, naõ podia deixar de ser devotissimo da Senhora: tinhale muito cordeal affecto. Huma das principais alfaias do seu cubiculo era huma imagem da Senhora, copia da que pintou o Evangelista Saõ Lucas, a qual fora jâ do sapientissimo Padre Francisco Soares Granatense; diante desta o achavaõ muitas vezes orando, outras rezando de joelhos o Rosario; & quando alguem nestas occasioens lhe entrava no cubiculo, succedia dizer palavras affectuosas, que indicavaõ o grande amor, que tinha a esta Senhora.

2 Alem destas devaçoens no cubiculo, gastava todos os dias meya hora em a visitar: na casa de Saõ Roque fazia esta visita na capellinha dos enfermos, & em o Noviciado de Lisboa na capellinha, que estâ nos corredores debaixo.

baixo. Celebrava ſuas feſtas com eſpeciais moſtras de afſecto; tomando ſempre na veſpora diſciplina nas coſtas comendo no chaõ, & paõ dos pobres, & naõ dormindo em cama. Procuravaõ os Noviços acompanhar eſtas mortificaçoens, que nelle viaõ, & ſabiaõ; pedindolhe tambem licença pera dormirem ſobre as taboas da barra; a qual elle negava aos de menos idade, & forças, & concedia facilmẽte aos mais robuſtos: notoulhe alguem, & ainda o advertio, de que eſtes exceſſos podiaõ fazer mal à ſaude dos Noviços, de que tanto coſtuma depender ſua perſeverança: a iſto reſpondia: Que nunca a penitencia diſcreta fora venenoſa à ſaude, principalmente em as vigilias de Noſſa Senhora, pella qual aſſim como entravaõ no perigo, aſſim ſahiriaõ livres delle: ſe eſtes filhos ſenaõ criaõ com a devaçaõ deſta May, que fructo podemos ao depois eſperar delles. Por experiencia conheço de muitos, que perderaõ avocaçaõ, por naõ ſerem devotos deſta Senhora.

3 Entre os outros Noviços avia hum pouco obſervãte, & muito defeituoſo nos procedimentos: Ouve delle, & ſe fizeraõ muitas queyxas ao Padre Ioaõ Nunes, & ainda ſe inſtou, a que o deſpediſſe logo; reſpondeo a eſte Religioſo: como quer, que o deſpida, ſe fez propoſito de ſe empregar todo na devaçaõ da Senhora? Havemos-lhe de eſperar mais eſte mez ſeguinte, porque ſe lançou a meus pés chorando muitas lagrimas, & propondo diante da Virgem May, que avia de ſer outro nos ſeus procedimentos: deuſe a eſpera, mas naõ ſe vendo a emenda, foi obrigado o Padre Ioaõ Nunes a uſar do ultimo caſtigo, deſpedindoo, pera que naõ inficionaſſe aos outros. Como ouveſſe, quem o arguiſſe, de lhe ter dado tantas eſperas; reſpondeo: Bem conheço, que tem razaõ: Mas quem naõ avia de atarſe neſtas execuçoens, & eſperarlhe o que pudeſſe, tomando elle por fiadora dos ſeus propoſitos à Virgem May.

4 Por cauſa deſta ſua grande devaçaõ, dava maiores eſmolas nos ſabados, & veſporas das feſtas da Senhora: era couſa notoria, que quando ſe lhe pedia alguma couſa pella May de Deos, naõ eſtava na ſua maõ negala. A elle devemos o aceo, com que eſtâ a capellinha do Noviciado nos corredores debayxo: eſtava ella muito pobre, & ſem ornato algum: enterneceoſe o Padre Joaõ Nunes, vendo o primor, com que eſtava ornada a capella dos corredores de

ſima, & pobreza, em que ſe via a dos corredores debayxo. Diſſe ao Irmaõ Procurador: Meu amantiſſimo como podemos ſofrer, que eſteja tambem tratada a capella grande, & eſta da Virgem May taõ pobrezinha, que parece engeitada: apoſtemonos a tirala deſta miſeria. Reſpondeo o Irmaõ, que pello, que lhe tocava a elle, que naõ faltaria, no que pudeſſe: porem dahi a alguns dias conſiderando, no que ſe metia, & que naõ avia na caza cabedais, pera emprender obra de tanto cuſto; propoz ao Padre Reitor as difficuldades, que lhe occorriaõ. Reſpondeolhe: Irmaõ, naõ ſe acovarde; que a Senhora, que me deu eſte ſentimento de lhe ornar a ſua capella, agenceará os gaſtos, que ſe haõ de fazer neſte ſeu obſequio: ponhamos a maõ à obra, deixemos o de mais por conta da Virgem May.

5 Com eſta repoſta acquietou o Irmaõ, & muito mais, quando antes de elle propor as ſuas difficuldades ao Padre Reytor, lhas atalhou todas dizendolhe: ſaiba meu Irmaõ, que depois, que hontem, ficamos em fazer a obra; me offereceo meu companheiro oitenta mil reis pera ella; & agora de prezente me mandaõ outros oitenta de eſmola, eu lhos entrego: veja como a Senhora vai moſtrando, que ſe contenta deſta obra. Aſſim o moſtrou, porque fazendoſe a capellinha com o aſſeo, em que hoje a temos, & lançandoce conta aos gaſtos, ſe achou chegar o cuſto a quinhẽtos mil reis, ſendo, que no principio a avaliavaõ em trezentos. Metidos no fervor da obra, com approvaçaõ do Padre Reytor fez o Irmaõ Procurador voto, de dar pera a obra da capellinha o dizimo de todas as novidades. Quis a Senhora ſuccedeſſe tudo com proſperidade, & muito ao goſto do Procurador; porque naquelle anno fez ſetecentos mil reis em as novidades, que vendo-o; & dando comprimento ao ſeu voto, ſe acabou de aperfeiçoar a capellinha ſobejando ainda dinheiro. Dizia eſte Irmaõ, que a obra era toda das oraçoens do ſancto Padre Joaõ Nunes, porque a ſua confiança na Senhora a começou, & ſuas oraçoens trouxeraõ o dinheiro, com que finalmente ſe veyo a concluir.

6 Tambem por obſequio da meſma Senhora, a quem he dedicada a noſſa Igreja do Noviciado, fez nella algumas obras; como foraõ o mandar dourar de laſſarías o arco da capella mor, & pôr dous grandes payneis ſobre as du-

as portas do cruzeiro: tambem fez o coro daquella Igreja, que he huma das mais ayrozas, que tem Lisboa.

7 Moſtrou a Senhora o quanto tinha de bayxo de ſua protecção à eſte ſeu grande devoto, livrandoo do maior perigo de vida, que teve em huma das ſuas navegaçoens; desfeſce a nao com a tormenta; & valendoſe cada qual daquillo, que pode aver às maõs, ſe lançaraõ todos ao mar; & começaraõ ſobre pedaços de taboas a forcejar pera a terra, que naõ devia eſtar longe: fez tambem o meſmo o Padre Joaõ Nunes depois de ter aſſiſtido a todos, quanto lhe foi poſſivel, & quanto permittio a furia da tempeſtade; porẽ as ondas o arrebataraõ pera o mar, com o qual andou lutando nove dias, ſuſtentandoſe com alguns pedaços de biſcouto, que tinha metido no ſéo; mas pera que ſe viſſe, que a Senhora o conſervara, ſuccedeo, que naquella taboa em que ſe pegara o Padre Ioaõ Nunes, eſtava pintada huma imagem da Senhora; que foi todo o alivio do ſeu naufragio; & com ella depois de nove dias, bem contra a opiniaõ de todos veyo a ſalvamento.

CAPITULO V.

De ſua caridade pera com o proximo.

1 NA caridade pera com os proximos foi eſtremado acodindolhe, quanto podia. O irmaõ ſancriſtaõ de Saõ Roque affirmou, que por ſua via dera o Padre Ioaõ Nunes grandes eſmolas; & alguma ouve, que paſſou de vinte mil reis. Indo pera Almeyrim deixou na maõ do ditto Irmaõ cem cruzados pera os dar de eſmola a certa peſſoa nobre, q̃ paſſava com pobreza; como por pejo naõ os vieſſe pedir ao ſacriſtaõ; depois de vir de Almeyrim, ſabẽdo o que tinha paſſado, diſſe ao ſancriſtaõ; viſto eſta peſſoa naõ vir, ſaberei, aonde mora, & eu em peſſoa, lhe irei levar a eſmola, & livrarei do pejo, que poderia ter, em a receber por maõ de outrem; aſſim o fez, acodindo com a eſmola àquella peſſoa nobre, levandolha a ſua caſa.

2 Sendo Reytor do Noviciado, quaſi todas as ſomanas, hia aos incuraveis do Hoſpital, levandolhe ſuas eſmolas; humas vezes camiſas, outras giboens, outras ceſtos de

paõ,

paõ, & de fruta, & alem disto esmola de dinheiro, com geral edificassaõ de todos. Foi obra de excellente caridade, a que usou com hum miseravel. Indo de menhãa pera o paço com hum Noviço por companheiro chegando à rua, que chamaõ a corduaria velha, advertio, que estava em hum recanto hum pobre dando ays; foise a elle, & vendo o desabrigo, com que tinha passado a noyte, tirou a capa dos hombros, & estendendoa lançou sobre ella ao mal enroupado pobre, depois tomando a capa do companheiro cobrio com ella ao miseravel; logo pegando elle por huma parte, & o companheiro pella outra, o levaraõ athe o Hospital del-Rey, aonde o deyxaraõ, & se foraõ ao paço. Pello mesmo modo em Coimbra levou desde a ponte do Mondego athe o Hospital aoutro pobre sobre a sua capa, edificando a todos, os que viaõ taõ excessiva caridade.

3 Confessava com grande gosto a toda a sorte de gente pobre, & vil: no paço decia muitas vezes aos apozentos debayxo, a ouvir de confissaõ aos escravos mais abatidos, & aos exhortar, a tratarem de sua salvaçaõ. Nos dias, que os Padres da caza de Saõ Roque hiaõ confessar aos forçados nas galês, ou a os prezos no limoeiro, sempre os hia ajudar: se a cazo tinha algum embaraço em o paço, procurava de se expedir, o mais depressa, que podia, pera cumprir com esta obra de caridade.

4 Hum dia indo confessar a Rainha, no caminho lhe sahio ao encontro hum homem, pedindolhe, quizesse ouvir de confissaõ a hum enfermo, que estava em grande aperto; acodio o companheiro dizendo ao homem, que fosse buscar outro, porque o Padre hia a confessar a Rainha: isso naõ, Irmaõ, disse o Padre Ioaõ Nunes, no paço, se eu faltar, naõ deyxa de aver outros confessores; & se eu naõ acudo a este pobre, por ventura espirarâ sem confissaõ: logo disse ao homem, guiasse pera onde estava o enfermo, ao qual achou lidando com as ansias da morte, ouvi-o de confissaõ; depois dentro de muito pouco espaço de tempo sahio desta miseravel vida.

5 Huma noyte por debayxo da agoa se tinha de palacio recolhido a caza; & a penas tirou a capa dos hombros, quando tangem a portaria; dasse recado ao Padre de como estava alli huma liteira do paço, em que o mandavaõ buscar por causa de hum accidente, que sobreviera a sua

Mageſtade: reſpondeo,que elle partia logo. Deſpedio a litteira dizendo: que aſſim de dia, como de noyte ſabia andar por ſeu pé: deſpedidos, & partindo pera o paço os liteireiros: dahi a algum eſpaço de tempo, partio de caſa o Padre Joaõ Nunes, cortando por todos os incomodos do tempo, que eraõ grandes, por chover muito: chegou ao paço primeiro, que os liteireiros; os quais chegando depois, deraõ o ſeu recado. Quando lhe diſſeraõ, que jâ o Padre Joaõ Nunes tinha chegado, ficaraõ paſmados; porquanto elles naõ tinhaõ feito demora alguma no caminho; nem entendiaõ, como o Padre ſe lhes pudeſſe ter adiantado; o que mais admirou foi o conſtar, que o Padre partira tempo conſideravel depois delles partirem de Saõ Roque. Ouve quem examinou neſte ponto ao Irmaõ, que o acompanhara; porem elle ſe meteo no eſcuro, ſem dizer niſſo couſa alguma.

6 Na ultima doença do Sereniſſimo Rey Dom Joaõ o quarto Reſtaurador da patria, lhe aſſiſtio o Padre Joaõ Nunes, & deu muitos,& ſanctos aviſos em ordem a ſe preparar pera a jornada: entre elles foraõ, que ſua Mageſtade fizeſſe, porque ficaſſe toda a fidalguia concorde entre ſi; pera com maior amor, & vigilancia ſe aſſiſtir às couſas da Monarquia; a outra, que chamaſſe à Corte a todos os fidalgos, que por desfavorecidos ſe tinhaõ retirado della, pera que ſua Mageſtade falleceſſe ſem queyxas dos grandes do Reyno; & com eſta ſignificaſſaõ de ſua real benevolencia uniſſe mais os animos de todos os ſeus vaſſallos em ordem à defenſa publica, & bom governo da Rainha. Quando o Sereniſſimo Rey chegou aos ultimos pontos da vida, o Padre Joaõ Nunes lhe fez os colloquios metendolhe na maõ o Sancto Crucifixo, & nas maõs lhe eſpirou; que naõ foi pequena ditta deſte grande Rey, & pay da patria ter a ſeu lado na hora da morte a hum taõ grande valido do Rey do Ceo, como era o Padre Joaõ Nunes.

7 Naõ foi pequeno acto de ſua caridade quando no cerco da Baya, aſſiſtio nas primeiras fileiras pera animar os ſoldados, & os confeſſar, & aſſiſtir aos feridos: fazia tudo taõ intrepidamente, & taõ eſquecido dos perigos, que vẽdo hum capitaõ, que alguma gente bizonha,fazia pé a tras; lhes diſſe em altas vozes: he poſſivel, que hum Padre da Companhia por vos acodir, naõ tema balas, & que vós por

aco-

acodir pella honra da patria, naõ façais todo o esforço, que vos he possivel? Foraõ estas palavras de tanta efficacia, q̃ tomando novos brios deraõ novo calor ao assalto.

CAPITULO VI.

De sua Humildade, pobreza, & obediencia.

1 A Virtude da Humildade foi muito singular no Padre Joaõ Nunes; quando se lhe contavaõ alguns dittos de pessoas, que desfaziaõ nelle: dizia, que se elles o conhecessem bem, ainda diriaõ mais, & com maior razaõ; & que naõ sabia como sendo taõ indigno, a Companhia o conservasse em si. Varias vezes pedia aos Superiores os sermoens de menos esplendor, & concurso. Nenhuma occupaçaõ, por mais honrosa, que fosse, o desviou hum ponto de sua humildade.

2 Sendo Reytor do Noviciado depois de ter dez dias de exercicios, quando tomava no refeitorio a disciplina nas costas, como por devaçaõ costumamos nesta provincia; tinha escritas as suas faltas com muitas palavras de cõfusaõ propria, & hum Noviço lhas lia da cadeira do refeitorio, dizendo, que por aquellas culpas se lhe dava aquella disciplina: depois beijava os pés a quasi todos, os que estavaõ na meza. Assim mesmo assistia muitas vezes, a fazer os officios com os Noviços, como a esquamar peyxe, lavar a louça, tirar agoa da cisterna, levar as quartas cheas athe a cozinha.

3 Algumas vezes com roupeta parda, & com hum chapeo velho, em corpo hia com dous Noviços comer cõ os pobres à portaria de Saõ Roque. No mesmo traje hia muitas vezes ao Hospital dos incuraveis, edificandose todos, os que viaõ a hum Confessor da Rainha em tanto abatimento, & desprezo proprio por amor de Deos. Entrando no Hospital lhes varria os apozentos, tomando os pobres em seus braços assim quando os tirava da cama, como quando os metia nella, depois de lha fazer; beijandolhe sempre os pés antes de os deitar na cama: nestas occasioẽs fazendo elle a cama com hum Noviço, sempre se punha da parte da parede, assim porque era o lugar mais incomodo;

do; como por mais a ſeu ſalvo, ſem ſer viſto do Noviço beijar os pés aos pobres.

4 Quando os Irmaõs Noviços vinhaõ das peregrinaçoens, elle lhes lavava os pés com toda a humildade, & ſummiſſaõ. Vindo huma vez de Alcantara lhe ſahio ao encontro hum requerente de mais juſtiça, que fortuna; ſaudou ao Padre Joaõ Nunes, & lhe fallou por Senhoria; entaõ lhe diſſe o Padre: Senhor Voſſa merce naõ me conhece: acodio o requerente: Reconheço a Voſſa Senhoria por Confeſſor da Sereniſſima Rainha: torno a dizer, Voſſa merce naõ me conhece, diſſe ſegunda ves o Padre Joaõ Nunes, pois me trata como ſenhor, o que eu naõ ſou, & naõ me trata como Religioſo, de que unicamente me prezo: cahio logo o requerente na ſua inadvertencia, & collegindo da mudança de cores, quanto cuſtava ao Padre Joaõ Nunes tratalo por ſenhoria; mudou de eſtilo chamandolhe por Paternidade: entaõ o ouvio o Padre, & lhe deferio no modo, que coſtumava reſponder a ſemelhantes propoſtas.

5 Foi o Padre Joaõ Nunes pobriſſimo em todas as alfaias, de que uſava: taõ inimigo de dinheiro, que athe o que grangeava pera dar de eſmolas aos pobres, o naõ queria ter na ſua maõ, mas o punha em maõ alhea. Naõ queria trazer couſa nova; tinhaõ os officiais domeſticos grande trabalho com elle pera lhe fazer aceitar alguma couſa, que foſſe nova: ao paço hia com hum chapeo taõ velho, que alguns da Corte o tinhaõ por indecente; aſſim o significaraõ ao Padre Provincial, que mandou logo, ſe lhe deſſe hum chapeo novo; quando ſe lhe levou, & declararaõ ſer ordem do Padre Provincial; o aceitou com pouco agrado dizendo: Agora ſe rirâ o mundo de mim, vendo com hum chapeo novo, aquem fez voto de ſer pobre. Naõ ſe fiou o Procurador delle, & aſſim lhe tirou o velho do cubiculo, que eſtava quaſi incapas de ſervir aos Irmaõs Noviços: porem dentro de poucos dias parecendolhe, que o chapeo novo naõ dizia com a ſancta pobreza; o trocou por outro de peor pano; mas em uſo, que por velho, ſe lhe naõ tiraſſe, como o primeiro; pagouſe muito delle, porque eſtava cingido com huma fita de linho tingida de preto, eſtranhando em que no outro foſſe a fita de cadarço.

6 Acabando de ſer Reytor do Noviciado, lhe quis o Pro-

o Procurador dar huma roupeta nova, por ser, a que trazia jâ muito usada: naõ veyo nisso por mais, que instou o Procurador: athe, que este lhe disse, que sua Reverencia tivesse escrupulo, de assim o naõ fazer; pois deste seu proposito só se seguia mais perda à casa, porq̃ em Saõ Roque vẽdo o mao uso, em que estava a roupeta, que trazia, lhe fariaõ huma nova à custa do Noviciado, & que essa por ser à custa alhea, seria de pano comprado por maior preço: quadroulhe a razaõ, & se deyxou vencer, admittindo a roupeta, que se lhe dava.

7 Na casa de Saõ Roque, lhe mandou o Superior cortar huma roupeta, ordenando ao roupeiro, que da sua parte lha levasse: aceitou-a por ver, que era a vontade do Superior: mas brevemente a trocou com huma jâ usada de hum Irmaõ Coadjutor.

8 Os çapatos eraõ ordinariamente cheios de remendos; & quando usava de novos, lhe mandava, antes de os calçar, dar huma tinta preta pellas solas, & pontos, pera, q̃ perdessem a parecensa de novos: quando de todo os largava, estavaõ tais, que apenas podiaõ servir aos pobres mais miseraveis da portaria, a quem se davaõ.

9 No seu cubiculo nunca teve cousa de preço, nem ainda premios dos mais usuais como saõ veronicas; porque destas se tinha necessidade, as pedia com licença dos Superiores, a quem por obrigaçaõ do officio as devia ter. De nenhuma cousa se ve mais, o quam pobre foi em vida, do que das alfayas, que no seu cubiculo se acharaõ depois da morte, foraõ estas hum cilicio, humas disciplinas, & huma coroa de contas ordinarias.

10 Na obediencia foi exactissimo. Morando em o Collegio de Santarem, lhe mandou o Padre Reytor; que era de menos idade, que tomasse as chaves da portaria, & fizesse aquella occupaçaõ; inclinou logo a cabeça, & com muito gosto cumprio com aquella obediencia: officio, que ao depois sendo Reytor do Noviciado exercitou varias vezes. Na mesma casa do Noviciado pella solenidade de Corpus Christi, que na capella interior celebraõ os Noviços com singular apparato, & devaçaõ, tinha o Padre Joaõ Nunes mandado ensayar a alguns Noviços pera cantarem algumas letras devotas: souberaõ os Superiores estes seus intentos, & lhe ordenaraõ, o naõ fizesse: logo com grande

paz,

paz, & ſoccego, mandou aos Irmaõs Noviços, paraſſem com os enſayos, porque os Superiores maiores lhe tinhaõ ordenado, ſe naõ cantaſſe na capella couſa alguma.

11 Depois da jornada do Braſil, & de ter eſtado em Bragança, ſe achava no Collegio de Evora, quando lhe ordenou a obediencia, que partiſſe pera Lisboa, pera ſe embarcar, a ler cazos na Ilha de Saõ Miguel; tendo a eſcuſa tanto à maõ, pera ſe naõ tornar a embarcar; ſe pos logo ao caminho, ſem dizer palavra. Em Lisboa vindo hum dia de ver o navio, em que ſe avia de embarcar; ſe encontrou com quatro fidalgos a cavallo, que eraõ daquelles, que com o Padre Joaõ Nunes ſe acharaõ na jornada do Braſil, & tinhaõ ſido abonadas teſtimunhas de ſuas heroicas virtudes, experimentando em ſuas almas, & corpos os effeitos de ſua grande caridade: apearaõſe, & deraõſe o parabem, de o terem na Corte pera de mais perto gozarem de ſeus exemplos.

12 Entaõ lhes diſſe o Padre, Senhores, eu naõ fico em Lisboa: mandame a obediencia ler cazos à Ilha de Saõ Miguel, pera onde parto qualquer dia. He poſſivel iſſo Padre Joaõ Nunes, acodiraõ elles; & montando a cavallo ſe foraõ a Saõ Roque ao Padre Provincial, & conſultores da Provincia; fazendo extraordinarios elogios da virtude do Padre Joaõ Nunes, pedindo com todas as veras, o naõ obrigaſſem outra ves a paſſar mares; pois naõ era razaõ, que o ſeu ſilencio, & modeſtia, em naõ propor razaõ alguma aos Superiores, tendo tantas, lhe foſſe nociva. Vieraõ os Superiores, no que lhes pediaõ peſſoas taõ qualificadas, & o deraõ por eſcuſo da jornada.

13 Na enfermidade, de que morreo, foi rara a obediencia, que teve ao Medico, & enfermeiro, em tudo, o que diſpunhaõ: agradecendo ſempre a todos o bem, que lhe faziaõ; ao enfermeiro dizia, que vendoſe diante de Deos, cõ oraçoens lhe pagaria os maos dias, & mâs noytes, que tinha paſſado, em lhe aſſiſtir.

14 Quando jâ ſe hia avizinhando â hora da morte, pedio a hum Padre com grande encarecimento: que foſſe ao Padre Prepoſito, & que da ſua parte lhe diſſeſſe, que ſua Reverencia lhe cõcedeſſe licença pera morrer, que dezejava jâ verſe cõ ſeu Salvador JESU Chriſto: Reſpondeolhe o Padre, que de noſſas vidas ſó Deos era Senhor, pello,

que só elle, & mais ninguem podia dispor dellas. Tornou a dizer o Padre Joaõ Nunes: Vâ com tudo Vossa Reverẽcia, que o que Deos dispoem, pellos Superiores o dispoem; façame Vossa Reverencia este ultimo favor, porque quero morrer por obediẽcia, como morreo o meu JESUS: logo tomando nas maõs o seu Crucifixo lhe fez saudosissimos colloquios significando, o quanto dezejava imitar na morte, aquem seguira na vida.

CAPITULO VII.

De sua penitencia, abstinencia, & zelo das almas.

1 NA penitencia foi o Padre Joaõ Nunes severissimo pera cõsigo; athe a hora da morte trouxe pẽdente do pescosso hum Crucifixo, cuja Cruz pella parte, que assentava no corpo, estava cheia de bicos, & esta andava immediata ao peito, & às vezes taõ apertada, que se metia pella carne, de que foraõ manifestos indicios alguns panos, que se lhe acharaõ, com que alimpava o sangue, & pello modo, que tinhaõ em si o sangue, se via, que sahira pellas feridas, que faziaõ os bicos. Este Crucifixo teve sempre athe na ultima doença, & se lhe tirou depois de fallecido: porque em toda a doença disfarçou esta mortificaçaõ; porque senaõ vissem os sinais della. Quando lhe applicavaõ algumas medicinas sobre o peito, sempre se fazia, debayxo do cobertor, de sorte, que nunca os olhos, dequem applicava a medicina, lhe via o peito, em que a punha.

2 Tomava largas disciplinas; eraõ infalliveis as de à noyte, quando se recolhia; & de menhãa, quando se levãtava: achavaõ se as suas camizas cheyas de sangue: hum dia, que foi acompanhar a hum penitente, lhe pedio o Irmaõ Sottoministro a chave do cubiculo, pera lho cõpor; achou na cama hum colchaõ taõ falto de lam, que mais era aquillo dormir nas taboas da barra, que na cama. O mesmo, nesta occasiaõ achou huma camiza banhada em sangue fresco, que mostrava o rigor, com que se tinha disciplinado: tendo este Irmaõ noticia de diversas castas de cilicios, com que se mortificava; achou menos naquelle dia hum

muito aſpero, que ſem duvida levara conſigo. Tambem ſe notou na rouparia, que os ſeus lençois ſempre voltavaõ do meſmo modo, que lhos tinhaõ levado, porque naõ uſava delles.

3 Quando veyo de Coimbra pera Lisboa, tomou no refeitorio huma aſpera diſciplina, & beijou os pés a todos os ſeus Noviços. Quando alguns deſtes depois de partir pera Lisboa, foraõ preparar o cubiculo pera o Padre Meſtre, que vinha em ſeu lugar, acharaõ nelle huma camiza chea de ſangue pellas coſtas, indicio de que tambem nellas ſe diſciplinava, & eſte meſmo ſe achou outras muitas vezes. Em o Noviciado de Lisboa todas as vezes, que conforme o uſo da Companhia, tomava diſciplina nas coſtas em o refeitorio, quando vinha pera ſima, ſe metia na tribuna, que cahe pera a capella mor, & alli ſe diſciplinava de novo rigoroſamente.

4 Na abſtinencia uſou de grande rigor. Nos des dias de exercicios, comia ſomente o que vinha à meza em a tigela, com paõ, do que ſe reparte aos pobres na portaria. Jejuava a paõ, & agoa todas as vigilias das feſtas de Chriſto, & da Senhora. Na quareſma naõ comia peyxe; nem carne em o Advento, paſſando eſtes tempos com ervas, & legumes. Prégando em Coimbra o Advento, todos os ſabbados jejuava a paõ, & agoa, & o meſmo fazia nas veſporas dos outros ſermoens, que avia de prégar. Nos outros dias, ſó comia, do que ordinariamente ſe poem â comunidade na meſa. Nunca permittio, que na materia do comer, ſe lhe fizeſſe alguma particularidade. Neſſas poucas vezes, que ſe poem doces à noſſa comunidade, nunca os tocou: ſe a caſo ſe offerecia occaſiaõ quaſi preciſa de os comer, por naõ parecer pouco urbano, & agradecido, aquem ou lhos offerecia na meſa, ou lhos mandava, como às vezes entre nos eſtilam os Superiores, entaõ ſó os tocava levemente, pera cumprir com aquella religioſa cortezia, & nada mais.

5 Quando os Noviços faziaõ o refeitorio, indo lâ, a primeira couſa, que examinava, era a ſua porçaõ; ſe achava nella alguma differença das dos Noviços; a trocava pella do Noviço mais vizinho; pondo na ſua pedaços de paõ; & na do Noviço o paõ inteiro. Ao Irmaõ refeitoreiro tinha intimado, lhe naõ puzeſſe couſa, que naõ tiveſſem os

ou-

outros; porque o refeitorio, dizia, naõ he casa de particulares, mas he só da comunidade. Quando fazia alguma jornada em Companhia da Senhora Rainha, fazia sempre grandes instancias, pera que a porçaõ, que se lhe dava, cõcordasse, com a que tinha em casa no refeitorio: guardando sempre o mesmo teor de vida, & as mesmas austeridades, que observava da portaria pera dentro. Foi em tanto extremo esta sua abstinencia, que veo a perder o sentido do gosto. Ainda nos ultimos annos, em que por muitas razoens estava escuso, de comer em o chaõ, nos dias, que por devaçaõ se usa entre nos; nunca faltava nesta mortificassaõ; comendo naõ só aos sabbados, mas todas as sestas feiras do anno, festas de Christo, da Senhora, dos sanctos da companhia, & vesporas de outros sanctos de sua especial devaçaõ.

6 O zelo da salvaçaõ das almas, que he o objecto do nosso instituto, foi bem conhecido em o Padre Joaõ Nunes; por esta causa pedio repetidas vezes a missaõ da India, que os Superiores lhe negaraõ: significou muitas vezes este grande dezejo, que tinha de gastar avida naquellas missoens, doendose da infinidade de almas, que se condenam por falta de obreiros. Por este zelo, naõ perdia occasiaõ deaproveitar ao proximo; acudindo, aonde lhe parecia ser necessario. Hum dia na cidade do Porto passando pella porta do Doutor Gregorio Gomes Madeira, ouvio dentro de casa grandes vozes, como de quem estava em grandes ansias; sobio pella escada, & achou ser a molher do ditto Dezembargador; que dera aquellas descompassadas vozes obrigada das vehementes dores do parto; quando chegou assima o Padre Joaõ Nunes, jâ tinha lançado a creatura, mas taõ definhada, que naõ dava sinais de vida; poslhe o Padre a maõ na cabeça, & logo comessou a chorar: bautizou-a, & quis seu pay, que se chamasse Joaõ, pois tivera a boa ditta de receber a graça bautismal nas maõs de homem taõ sancto.

7 As suas prégaçoens encaminhava sempre ao proveito das almas, acompanhando suas ponderaçoens, aonde a materia o pedia, com muitas lagrimas; como se vio huma ves em o Noviciado de Lisboa, aonde prégando o Mandato, alem de ser com roupeta parda pera maior humildade; foraõ as lagrimas tantas, que em todo o sermaõ foraõ continuas

 tinuas

tinuas em o Prégador, & no auditorio.

8 Estando em Coimbra, se fez huma procissaõ por causa da grande falta de agoa, que avia; sahio do nosso Collegio: hiaõ nella imagens de grande piedade, & a principal era huma do Ecce homo, que se venera no Collegio; avisaraõ ao Padre Joaõ Nunes pera prégar depois de se recolher a procissaõ: tomou por thema as palavras de Saõ Joaõ no capitulo 19: *Continuo exivit sanguis, & aqua.* Fez este acto com grande piedade, & fervor: acabado o sermaõ, foi tanta a chuva, que ficou remediada a falta, que padeciaõ os fructos.

9 Outra ves na mesma cidade acompanhando a hum penitente homicida ao supplicio: morto o penitente, fez o Padre Joaõ Nunes huma pratica sobre o cazo, como he costume nosso nestas occasioens; tomou por thema as palavras de David no Psalmo 54: *Viri sanguinum non dimidiabunt dies suos.* Detestou com tanto fervor o crime do homicidio, & louvou o apparelho, com que o penitente fallecera; & os caminhos, que Deos toma pera salvar aos peccadores; que suspendeo, & compungio a todos, dizẽdose, que era outro segundo Padre Sebastiaõ Barradas.

10 Quando sua Magestade se retirava pera Cintra, ou Almeyrim; sahia o Padre Ioaõ Nunes pellos lugares vezinhos a pé duas, & mais legoas, a ensinar a sancta doutrina: era esta acçaõ de tanto agrado pera sua Magestade, que ella com suas maõs lhe preparava os premios, que avia de repartir nas doutrinas. Avizando os Superiores a hum Padre de grande talento pera o sancto ministerio de fazer as doutrinas; este se escusou com a idade: o Padre Ioaõ Nunes o buscou no seu cubiculo, & lhe intimou aceytasse aquella occupaçaõ, dizendolhe: Padre meu, aceyte Vossa Reverensia este ministerio de ensinar a sancta doutrina, que por este caminho quer Deos salvar a Vossa Reverensia; se a Companhia puzera na minha maõ eleger occupaçaõ, nenhuma tomara com taõ grande gosto, como esta: & levantando mais a voz, acrecentou: Ah meu Padre, que entre a innocencia dos meninos tem os peccadores melhor partido, & os Religiosos da Companhia mais seguro o seu ultimo intento.. Em Lisboa nos dias de guarda mandava varias polices de Noviços às freguezias mais distantes na cidade a ensinar a sancta doutrina; quando vinhaõ, naõ se far-

fartava de inquirir delles, & ouvir tudo, o que tinhaõ feito em utilidade das almas; encarecendolhes, que naõ tinha a Companhia nem cousa de mais proveito pera o proximo, nem de mais esplendor pera a Religiaõ.

CAPITULO VIII.

De seu sofrimento.

1 FOi tambem o Padre Ioaõ Nunes homem de muito apurado sofrimento: nem em suas obras, nem em suas palavras se vio cousa, que encontrasse esta virtude. Alguma pessoa de respeito ouve, que em tudo, quanto podia se mostrava desabrido pera com o Padre Joaõ Nunes, & suas cousas; mas no Padre senaõ vio nunca o minimo sinal de sentimento, antes sempre grande urbanidade pera com aquella pessoa. Sabendo, & conhecendo aquella sem razaõ taõ teimosa, & porfiada; a mais aspera palavra, que lhe sahia pella boca, era dizer: Deos lhe perdoe.

2 Deu nesta materia grande exemplo. Quando chegando do Brasil, o mandaraõ ler cazos a Bragança, sendo esta obediencia taõ trabalhosa, por cahir sobre as molestias de huma taõ larga, & enfadonha navegaçaõ; & em que qualquer outro alem de se escusar, julgaria ter sufficientes razoens pera as queyxas; do Padre Joaõ Nunes senaõ ouvio huma só palavra de sentimento; cousa, que muito venerou hum Padre, que foi por seu Companheiro pera o Collegio de Bragança.

3 A virtude da paciencia taõ necessaria, a quem trata com meninos, experimentaraõ muito em o Padre Joaõ Nunes todos os seus Noviços; particularmente os escrupulosos, de cuja infermidade teve muitos mui extraordinariamente achacados; & que lhe deraõ bem, que sofrer com a sua perluxidade. Algum ouve, que propondo os seus escrupulos, & dizendolhe o Mestre, que naõ avia, que fazer caso daquellas cousas, em que naõ avia culpa alguma: taõ longe esteve de aquietar; que entrou em outras angustias maiores; discorrendo consigo, que naõ avia, que fiar das direcçoens do Padre Mestre, porque hia pello caminho,

nho, que elle tinha lido, hia Martim Luthero, quando era Meſtre de Noviços; do qual ſe lê, que lhe aconſelhava fiaſſem mais da clemencia de Deos, do que deſmaiaſſem do numero dos peccados veniais, dos quais como menores aviaõ de fazer pouco caſo: conſelho, que ſó o podia dar hum homem, que andava jâ pera ſahir em monſtroſidade de vicios, & peccados.

4 Naõ pôde o Noviço ter muito tempo lâ dentro eſte ſeu diſcurſo; & aſſim ſe foi ao Padre Meſtre, & lhe diſſe, como elles ſe coſtumaõ explicar: Padre a mim véme, que Voſſa Reverenſia he outro Martim Luthero, porque me manda fazer pouco cazo dos eſcrupulos, que lhe cumunico. Ouvio o Padre Ioaõ Nunes o disbarate, & ſem procurar de lhe desfazer a imaginaçaõ aerea, comque vinha: ſó lhe diſſe: Filho ide em boa hora: foi a hora taõ boa pera o Noviço, que dalli por diante, como elle aó depois confeſſou, nunca mais ſentio deſen quietaçaõ de eſcrupulos, que todos com aquella ſó palavra deſapareceraõ de repente.

5 A outro Noviço occorria, quando eſtava na meſa da Comunhaõ, que o ſeu Meſtre era hum grande herege, que como tal lhe dava a particula naõ conſagrada:quando foi a dar conta, ſahio logo com eſte ſeu penſamento, & o declarou ao Meſtre; eſte ſómente lhe diſſe: Filho por peor me tenho. Com eſta benignidade, & muita paciencia, he, que curava ſempre eſtes enfermos, taõ pouco ſatisfeitos com as medicinas, que ſe lhes applicaõ, como moleſtos a quem os cura.

6 Alguns ouve, que o notavaõ de brando, & queriaõ ver nelle hum eſpirito de Elias; naõ advertindo, que mais condûs pera a educaçaõ a benignidade de pay, que a ſeveridade de Juiz. Tinha entre outros hum Noviço de natural vivo, & eſperto; que dava moſtras deſta ſua grande viveza; & juntamente indicios, de que pellos tempos a diante ſerviria com eſplendor a Companhia; porque nos catorze annos, em que eſtava, tinha todas as boas prendas, de que a Companhia ſe coſtuma prometter ſugeitos de primeira esfera; & eſte de quem fallamos,o foi pellos tempos adiante, honrando a Religiaõ em os pulpitos, pera que teve talentos muito ſingulares.

7 Deraõſe muitas queyxas do Noviço ao Padre Ioaõ
de

de Mattos, que entaõ era Visitador, & estava na casa de Saõ Roque, aonde tambem assistia o Noviço: avisou o Padre Visitador ao Padre Joaõ Nunes, do que se notava em o Noviço, & que o tratasse com mais rigor, & mortificasse mais; recebeo o Padre este aviso com toda a modestia, ainda, que sabia muito bem, que as espertezas do Noviço naõ eraõ mâs; mas só effeitos de hum natural acre, & vivo; chamou-o, & disselhe: Filho reparai em vosso modo, & attẽtai em vossos descuidos, que hoje soube do Padre Visitador, que os vossos procedimentos naõ agradavaõ à comunidade, noticia, que pera mim foi huma lançada. Como o Noviço com a esperteza ajuntava hum bom entendimento, se accomodou com a vontade, & gosto de seu sancto Mestre; dalli por diante moderou mais a viveza de seu natural; considerando a pena, que do contrario poderia resultar ao seu Mestre, que elle amava mais, que a seu pay.

8 Era o Padre Joaõ Nunes de natural triste, & melãcolico; porem a sua virtude vencendo as propensoens da natureza, o fez muito benevolo, & affavel; porisso muitos assim de casa, como de fora comunicavaõ com elle seus interiores com todo o amor, & confiança. Viase em seu semblante huma imagem muito ao vivo da virtude: os olhos ordinariamente andavaõ bayxos, parecia na compostura hum Noviço: as palavras eraõ muito medidas, poucas, & bem ponderadas; frequentemente tomava na boca estas palavras: Graças a Deos. Sua modestia foi taõ amada, que muitos no paço, pera gozarem della mais â sua vontade, de proposito teciaõ pratica com elle, admirando, o como unia a cortezia com a modestia, & sanctidade.

9 Visitando huma ves a el-Rey, que estava doente de huma febre ordinaria, perguntandolhe o Padre Joaõ Nunes, como passava: respondeo el-Rey: como hei de estar, ainda naõ ha sinco dias, que estou doente, & jâ tenho sinco sangrias: aqui replicou o Padre Joaõ Nunes, dizendo: Pode Vossa Magestade temperar esta sua affliçaõ, com se considerar semelhante a Christo, ao qual tambem fizeraõ só em hum dia sinco sangrias. Disse o P. isto cõ tãta cadencia, & taõ bom modo, que teve grande applauso, & agrado em o paço entre os cortezaõs. Dizia muitas vezes aos Noviços: Filhos, na pratica dos seculares havemos de entrar

trar com a sua, & sahir com a nossa. Quando nas saudaçoẽs comuas lhe perguntavaõ, como estava, respondia: Muito pera recomendar a Deos a vossa merce sempre com o sentido em nos apparelharmos pera huma boa hora da morte, que he o fructo, que devemos esperar dos quatro cantos de hum cubiculo, & do intento da nossa entrada na Religiaõ.

10 As maõs, se as naõ tinha occupadas, as tinha decẽtemente cruzadas sobre o peito: quando sahia fora, sempre levava os braços, & maõs recolhidas dentro da capa. No andar era muito compassado; porisso deu, que admirar, a pressa com que em o Noviciado de Lisboa acudio a hum Noviço: sahira este da capella com alguns arvoamentos da cabeça, com intento de se encostar sobre a cama; mas recreceo tanto o vagado, que naõ pode chegar ao cubiculo, & cahindo no corredor deu hum extraordinario gritto: acodio logo o Padre Joaõ Nunes da capella, aonde estava em oraçaõ; acodiraõ alguns Padres de cubiculos mais perto do lugar, aonde cahira o Noviço. Notou o mesmo Noviço, que estava com bastante advertencia, que naõ alterando o Padre Joaõ Nunes aquella sua pausa no andar, chegou mais depressa, que os outros; sendo, que todos acodiraõ ao mesmo gritto, porem o Padre Joaõ Nunes de lugar muito mais distante, que os outros. Pareceo aos mesmos Padres, consideradas bem as circunstancias, que alli avia muito, que admirar, nem entendiaõ como o Padre pudesse chegar primeiro ao Noviço, que elles; sem aver alli alguma virtude especial.

CAPITULO IX.

Da opiniaõ, que se teve de sua virtude.

1 A Opiniaõ de virtude, que se teve do Padre Joaõ Nunes, foi geral em todos, os que o trataraõ: pós no caminho da perfeiçaõ a muita gente illustre no sangue: pessoas ouve instruidas pello Padre Joaõ Nunes taõ espirituais, que tinhaõ no dia seis, & sete horas de oraçaõ: fomentava o Padre estes progressos na virtude, com meditaçoens, que lhes dava; & cõ mandar fazer varios treslados

dos

dos Exercicios de noſſo Sancto Padre, que reduzidos a mais ſuccincto methodo, diſtribuia por eſtas peſſoas, pera que por elles ſe guiaſſem na via eſpiritual.

2 Pera, que ſe veja melhor eſta opiniaõ, que ſe tinha de ſua ſanctidade; refiramos algumas clauſulas de cartas de peſſoas illuſtres, em que declaraõ eſte conceyto. Huma das de primeira nobreza: dis aſſim em huma. *Eſtando na cidade do Porto haverá vinte, & ſinco annos conheci ao Padre Joaõ Nunes lente da cadeira de cazos, que ſe enſinaõ no Collegio da Companhia: conſervava elle naquelle tempo grande opiniaõ de muito temente a Deos, obediente a ſeus Superiores, humilde pera com todos, muito abſtinente, ſofrido, & pobre; por eſtas, & outras virtudes era eſtimado de todos, & buſcado das peſſoas, que com mais cuidado trataváõ de ſua ſalvaçaõ.*

3 *E querendo a Senhora Condeſſa de Penaguiam may minha criarme em grande temor de Deos, me dizia: que dezejava minha boa criaçaõ com taõ grande affecto, que muitas vezes pedia a Noſſo Senhor com muita efficacia, me levaſſe antes pera ſi, do que permittiſſe, cometter eu hum peccado mortal. E ſendo eſta a doutrina, em que me inſtruia, me ajuntava; que ſe eu me confeſſaſſe com o Padre Joaõ Nunes, entenderia ella, que eu reſpondia a eſte ſeu dezejo; taõ grande era o conceyto, que tinha de ſua virtude, & de ſua prudencia no officio de Confeſſor, que lhe pareciaõ ſeus conſelhos baſtantes, pera refrear o impeto de minhas payxoens.*

4 *Vindo no anno de 1637 pera Lisboa paſſado algum tempo, foi eleyto por Reytor do Noviciado; & poſto, que tiveſſe exercicio de mais perfeiçaõ, naõ ſe lhe diviſava no modo da pratica, & procedimento differença alguma do tempo, em que antes o conheci; guardando ſempre uniforme igualdade na vida, que era huma virtude muito particular, que em todo o tempo reſplandecia neſte ſugeito. Sendo nomeado por Confeſſor da Rainha Sereniſſima entrou, & continuou na occupaçaõ com a meſma modeſtia, com a meſma affabilidade, com a meſma obediencia, com a meſma pobreza, & com o meſmo retiro, que de antes teve; de ſorte, que parecendo muy digno do lugar, quando foi eleito: no exercicio parecia digniſſimo delle.*

5 *Por eſtas acçoens acreditadas com o conhecimento de tantos annos, por ver muitas vezes ao Padre Joaõ Nunes, por vir elle a minha caza, confeſſar a Condeſſa, & a meus*

filhos; como pello encontrar repetidamente no paço por razaõ do meu, & do ſeu officio; fazendo por vezes reflexaõ comigo, pera avaliar ſeus actos, & dittos, ſempre, que fis eſta conſideraçaõ, me reſolvia, que naõ lhe vira obrar acçaõ alguma, nem proferir alguma palavra, em que naõ entendeſſe, que merecia pera com Deos. Athe aqui a carta, ou informaçaõ, que deu eſte fidalgo das virtudes do Padre Joaõ Nunes.

6 A eſta ajuntarei outra de huma Senhora titular, de quem aſſima diſſemos, que deixado o mundo, ſe recolhera ao ſagrado da Religiaõ pellas exhortaçoens do Sancto Padre Joaõ Nunes. Dis pois em huma ſua, que eſcreveo por occaſiaõ de ſelhe pedir informaçaõ das virtudes deſte ſervo de Deos pello Padre que tinha a ſeu cargo o ajuntalas em hum corpo.

7 *Ainda, que as razoens, que me fizeraõ fugir do mundo, me tenhaõ taõ livre de toda a comunicaçaõ delle por naõ ſer pera acçoens de viva, quem jâ eſtâ ſô pera ſepultada: eſtaõ taõ inſeparaveis de minha memoria, & taõ vivas na minha eſtimaçaõ as do muito, que devia ao meu Padre Joaõ Nunes; & he tanta, a que eu faço deſte eſcritto de Voſſa* Paternidade; *aſſim pello, que Voſſa Paternidade he, como pella ſancta occupaçaõ, em que me dis, que anda, que naõ poſſo deixar de moſtrar a Voſſa Paternidade o que o ſingulariza o meu agradecimento a todos, os que mais me ſaõ, a quem nem ainda reſpondo.*

8 *E aſſim faço eſtas regras pedindo em primeiro lugar a Deos Noſſo Senhor pague a Voſſa Paternidade a grande conſolaçaõ, que me deu nas eſperanças, com que me alenta, & promeſſa, que me faz de me mandar a vida do Padre Joaõ Nunes; & daqui jâ alivio a grande pena, que nunca perderei de ſua falta. Voſſa Paternidade me ordena, que o aviſe dos cazos mais raros, que ſouber delle; & ſô niſto naõ poſſo eu obedecer a Voſſa Paternidade, porque eu naõ fui nunca capâs de elle os fiar de mim: mas, que mais quer Voſſa Paternidade ſaber, que o que elle ſempre foi em ſua vida? Naõ ſei eu virtude, que nelle ſenaõ poſſa contar por cazo raro.*

9 *Que vem a ſer em huma criatura ſô humana aquella rara humildade, a quelle tomar ſempre o peor lugar, aquelle terſe por menos, que todos, aquelle dezejo de ſer deſprezado, como elle em algumas occaſioens moſtrou; dizendo aquem elle podia mandar em Confiſſaõ, que zombaſſem delle. Aquelle*

go-

gosto maior, com que acodia á consolaçaõ dos mais humildes; a grande pena, que tinha, de fazerem estimaçaõ de sua pessoa; que levado da pena chegou algumas vezes a pedir, & a mandar a confessadas suas, sabendo, que ellas o tinhaõ gabado, & eu fui huma dellas, que nunca mais dissessem cousa de louvor seu.

10 *A repugnancia, que tinha taõ excessiva de o fazerem Prelado, que dos effeitos della se pode cuidar (como creyo, que sabe vossa Paternidade) se lhe originou a morte. Em fim aquelle cõtinuo exercicio em toda a occasiaõ de se humilhar. Que nome se pode pôr à quella taõ grande pobreza, que tinha taõ entranhada no coraçaõ, & como podia ver sem embuço, quem puzesse os olhos em os seus remendos, & ouvir suas palavras. Qual era a sua obediencia em que entrava naõ sò com a prõptidaõ, & diligẽcia em obedecer, mas tambem com o maior gosto em o mandarem.*

11 *Que caridade era a sua, com que sempre estava acodindo aos pobres com a doutrina, com a compaixaõ, com as esmolas, naõ sò que alcançava, senaõ que pera estas do seu sustento diminuia, como ja em S. Roque teraõ testimunhado. Aquella taõ rara paciencia, com que nunca se lhe ouvia a menor queyxa de cousa, que o pudesse molestar; senaõ fosse, das que corriaõ por conta do zelo, em que tanto se via sua prudencia, como seu valor. Aquellas penitencias taõ continuas, & taõ grandes no rigor, com que se tratava, & na limitaçaõ da pobre rassaõ, que comia.*

12 *Aquelle andar sempre em oraçaõ com aquella prezẽça de* Deos *taõ viva, & que tanto mostrava em naõ haver conversassaõ (o que tinhamos ponderado) em que às duas palavras naõ levasse logo a pratica a* Deos; *com tal graça, & dom particular seu, que com a maior efficacia entravaõ todas suas palavras na alma, no que compungiaõ, & no que obravaõ.*

13 *Em fim eu sem dizer nada me fui alargando, mas remetto o que quero dizer ao muito, que vossa Paternidade sabe, & todos conhecem, o que tenho ditto; & assevero, que tenho pello maior milagre ver huma creatura no mundo sugeita às fragilidades da nossa fraqueza, livre de tudo, o que naõ era a maior perfeiçaõ, hum composto de todas as virtudes. Mas ainda eu acho muita rezaõ a vossa Paternidade em se querer informar dos effeitos dellas, pera que se saiba tudo pera gloria*

de Deos; posto que do recato, que o Padre João Nunes tinha, & do que trabalhava por encobrir, o que era: temo muito, que seja muito pouco, o q̃ vossa Paternidade possa descobrir; principalmente ainda agora, que pode succeder, se calem alguns successos, por naõ ser rezaõ, se digaõ em vida das pessoas, entre quem succederaõ.

14 *Se Dona Brites da Costa fora viva, muito boa testimunha fora ella, de que o Padre Ioaõ Nunes conheceo, se lhe chegava a hora de sua morte, porq̃ poucos dias antes de adoecer, lhe deu huns documentos, de como havia de proceder no commercio com Deos, & rematou com dizer, que lhe particularizava aquelles conselhos, como quem se despedia; & que reparando esta Senhora na despedida, lhe perguntara, que jornada fazia?*

15 *Tudo se pode crer de quem elle era; mas eu querendo acabar, parece que torno a me alargar de novo; mas naõ se espante vossa Paternidade, se lhe parecer, me naõ despido de fallar nestas materias, porque he muito, o que devia ao Padre João Nunes, & mal pode crer a consolaçaõ, que levo de fallar em suas virtudes, mas naõ quero cançar a vossa Paternidade, pois paro, com lhe pedir, me naõ dilate este gosto, em podendo mandarme o que ha escritto, & deme vossa Paternidade em que servilo, que aqui me tem muito como serva sua.* Athe aqui o elogio, que fez esta Condessa ja Religiosa das virtudes do Padre Joaõ Nunes.

16 A este ajuntemos outro de huma das Damas da Rainha, que por direcçaõ do Padre Joaõ Nunes, deu de maõ às vaidades do mundo; escreveo esta a hum Religioso da Companhia seu Irmaõ, que lhe pedia, lhe desse alguma noticia das virtudes do Padre Joaõ Nunes. *Meu Irmaõ, apostada estava a faltar antes a obrigaçaõ da natureza, que à mortificaçaõ de Religiosa; mas interpuzestes motivos taõ forçosos pera me obrigardes à reposta, na informaçaõ, que me pedistes do Padre João Nunes; que posso dizer, que nesta occasiaõ me experimentastes vòs mais Irmãa na correspondencia, porque me quero mostrar mais agradecida na informaçaõ; nem estes termos vos offendaõ; porque por Religioso da Companhia vos achareis sempre menos prompto pera o commercio com hum parente, & sempre vos achareis mais expedito pera a correspondencia com hum Sancto.*

17 *Confessovos, me tem causado mui intimo sentimento a*

falta do Sancto Padre João Nunes, que se seguio esta perda logo à minha profissaõ, a que elle ja por estar sangrado, naõ assistio; esta pena me fez perder o gosto de tudo, & nem pera me consolar nella significandovola, tive animo, sendo assim que o dezejei muito. Perdi nelle a primeira via, por onde Deos quis darme luz pera conhecer os perigos, em que andava minha alma, & foi de tanta consolaçaõ minha, achar Confessor taõ sancto, que em todos os trabalhos, que me perseguiraõ no paço, me deo naõ sò alivio, mas remedio, assim com oraçoens, como cõ diligencias, que todas as que lhe devia eram como milagres.

18 *E affirmovos, que no espiritual, & temporal tive larga experiencia da muita virtude, com que o Padre Joaõ Nunes vivia, & o pudera justificar em publico com cartas suas, que dellas me valia, depois, que me recolhi, por lhe naõ poder fallar; mas porque aquellas constavaõ de particulares de consciencia, & materias de confissaõ, fui obrigada a rompelas, de que tenho assaz pena; porque por ellas se podia justificar, q̃ lhe dava Deos particular luz divina, pera alcançar o interior das almas, com quem tratava.*

19 *Pello menos eu posso affirmar, que antes de lhe dar, a entender a pena, que tinha, me dava anticipadas razoens, pera alivíala; & pouco antes, que adoecesse, me escreveo, aconselhandome, que em nenhuma occasiaõ de pena havia de obrar: eu por entaõ naõ percebi, o que valia o conselho, senaõ depois, que experimentei a causa: E se eu assim como vos fallo por carta, vos fallara à vista, tudo vos dissera com clareza, pera que louvasseis a Deos, pello que obrava de misericordias comigo por este seu servo, a quem tenho raras obrigaçoens; que naõ satisfeito do muito, que no mundo lhe devia, continuava sempre naquelle affecto, & dezejo de pôr minha alma no mais perfeito estado, & agrado pera com Deos. Diante deste Senhor em grande grao de gloria, confio que està avogando por mim, & por vòs.* Athe aqui a carta desta Religiosa.

20 Hum nosso Religioso contou, que sendo de natural pouco brando, & nada propenso a lagrimas, depois q̃ tomara por seu Confessor ao Padre Joaõ Nunes, rara vez se confessàva com elle, que a confissaõ naõ fosse acompanhada com muitas lagrimas de compunçaõ, & dor de seus defeitos. Outro nosso Religioso andava muito ansiado com imaginaçoẽs à cerca da sua predestinaçaõ, sem poder socegar nem de dia, nem de noyte: declarou ao Padre

Joaõ Nunes este seu sosobro: elle o exhortou a render graças a Deos pella merce, que lhe fazia, em o molestar cõ aquellas angustias, porque lhe affirmava, que a ansia, em q̃ se via, era sinal de escolhido; rematando com estas palavras: Daqui por diante dormirà, descançarà, & naõ serà molestado. A estas palavras se seguio o effeito, porque amaynou a tormenta, & o Religioso confessou, que vivia em taõ bella paz, que parecendolhe antes, que era precito, no estado prezente lhe parecia viver na bemaventurãça.

21 Outro nosso Religioso, q̃ foi condiscipulo do Padre Ioaõ Nunes, & cõpanheiro do mesmo cubiculo, testificou que sendo condiscipulo, & companheiro do Padre Ioaõ Nunes o admirava, & venerava tanto, que pedia a Deos lhe estendesse a vida, pera que no tẽpo futuro visse & venerasse no P. Ioaõ Nunes hũ varaõ sancto; & q̃ conferindo os primeiros annos de Religiaõ com os ultimos, em que o conhecia, naõ achava nelle differença alguma, porque sempre a sãctidade de seus costumes foi a mesma, & hũ o theor de vida, indo de virtude em virtude.

CAPITULO X.

Causa de sua morte, honras funerais, & veneraçaõ, que se teve a seu cadaver.

1 COm tantas, & taõ grandes virtudes adquiridas, & augmentadas por toda a vida se preparou este grãde servo de Deos pera huma felicissima morte. Poucos dias antes de cahir enfermo, abrindose por ordem do Governo Publico na casa da saude todas as cartas, que tinhaõ chegado de Italia, por estar Genova assolada com peste, & Roma ferida do mesmo mal; abrindose digo as cartas, se achou entre ellas hũa de nosso Reverendo Padre, em que vinha patente ao Padre Ioaõ Nunes pera ser Provincial da provincia de Alentejo, por estar entaõ o Reyno dividido em duas provincias da Companhia. Souberaõ isto algũs titulares, antes que a noticia chegasse aos Superiores, & como eraõ grandes amigos do Padre, lhe foraõ dar o parabem da nova honra.

2 Teve

2 Teve disto taõ excessiva pena, que affirmou o Padre que o confessava, & sabia o que passava no recondito de seu coraçaõ, que daqui em grande parte se lhe originara a ultima doença, & finalmente a morte. Tinhaselhe tambẽ dobrado o trabalho de hir a palacio, porque a Rainha levava em gosto, que o seu Confessor lhe dissesse todos os dias Missa; & fizesse particular assistencia em ordem às boas direcçoens do governo publico. Naõ podia elle faltar a estas obrigaçoens, porem nem ainda com ellas quis deixar o seu inviolavel costume de hir, & de vir a pé: trabalho, que tomado com este rigor, era muito sobre as suas forças.

3 Em hum domingo do mes, em que havia jubileo, & grande concurso em S. Roque, vindo de palacio depois de cumprir com as obrigaçoens de seu officio; ainda que andava ja abalado; em chegando a casa se foi logo à Igreja a cõfessar. Naquelle domingo cahio o Padre Ioaõ Nunes doente, & disse seu Confessor, que elle tivera por cousa certa, que morria daquella doença, & porisso pedia os Sacramentos, dizendo: Padre eu sei ha muitos dias, que hei de morrer desta, querome confessar geralmente de toda a vida, & aparelharme, pera ver o meu bom JESUS. A sua instancia depois da confissaõ se lhe deu o Sanctissimo, & o recebeo como viatico com grande devaçaõ, & lagrimas: segunda, & terceira vez tornou depois a comungar, destas foi hũa em dia de Natal, de cujo misterio foi sempre muito devoto.

4 Foi inexplicavel o sentimento, que teve a Rainha com a doença do seu muito estimado Confessor: ordenou, lhe assistissem todos os Medicos da sua corte, & que todos os dias fizessem sobre a doença duas juntas, huma pellas sete da menhãa, outra pellas duas da tarde; & que acabadas qualquer das juntas, fosse hum dos Medicos, a darlhe parte dos termos da doença: alem disto dous moços de sua Camera andavaõ incessavelmente do paço pera S. Roque, & daqui pera o paço, pera lhe darem noticia de toda a variedade, que ouvesse na doença.

5 Eraõ continuos à portaria os recados das Senhoras confessadas do Padre Ioaõ Nunes: buscavaõse com grandes diligencias todas as medicinas, que conduziaõ pera a cura: fizeraõse muitas romarias a oragos de devaçaõ, mã-

daraõ-

daraõſe dizer muitas Miſſas, fizeraõſe muitos votos pera conſeguir de Deos a ſaude do enfermo taõ dezejada de todos. Eraõ notorias eſtas diligencias ao Padre Ioaõ Nunes, elle as agradecia muito a todos.

6 Quarta vez tomou o Senhor, na qual ſe lhe deu por modo de viatico, & o recebeo com grãde ternura, & piedade. Na veſpora do dia, em que falleceo, ſe mandou deſpedir da Rainha por hum Padre grave, pello qual pedio a ſua Mageſtade perdaõ dos defeitos, que cometera em ſeu ſerviço. Reſpondeo ſua Mageſtade pello meſmo Padre, q̃ nunca em ſeu ſerviço fizera obra, que neceſſitaſſe de perdaõ; que o mandarlhe pedir eſte, era como trazerlhe à memoria ſua grande diſgraça, que principiara na morte do ſeu Principe, continuara na morte do ſeu Rey, & rematava na morte de ſeu Confeſſor.

7 A eſta repoſta ajuntou logo huma ordem, pella qual mandava, que no dia do ſeu tranſito, todas as Miſſas, que ſe diſſeſſem em Lisboa, foſſem por ſua ditoſa alma. Hum quarto antes de eſpirar, lhe mandou dizer huma Senhora titular, que lhe prometia executar, o que ſua Reverẽcia lhe pedira, com tanto que a recomendaſſe a Deos no Ceo: o Padre reſpondeo, que prezava muito a ſua reſoluçaõ, com tanto, que ſua Senhoria rogaſſe inſtantemente a Deos, que o fizeſſe digno de ſua prezença. Neſte meſmo tempo chegou hum Padre autorizado, amigo ſeu, & lhe diſſe: Padre Ioaõ Nunes, he poſſivel, que nos apartamos, & que me naõ leva conſigo? Reſpondeo o enfermo: Ah Padre que nos naõ apartamos, porque levo a voſſa Reverencia no coraçaõ, pera ter diante de Deos muito vivas lembranças de voſſa Reverencia.

8 Diſſelhe ſeu Confeſſor, que ſe ſentia anſias de morte, ſe lembraſſe, das que Chriſto padecera na Cruz. Deu por repoſta: Aſſim as padeceo o amoroſiſſimo JESUS à viſta de ſua May Sanctiſſima. Depois com grande paz, & ſoccego entregou ſeu eſpirito nas maõs de ſeu Creador, em huma ſeſta feira, dedicada à Payxaõ de Chriſto, de que foi ſingularmente devoto, aos 28. de Dezembro dia dos Sanctos Innocentes no anno de 1656. A doença foi de febre maligna, durou 24. dias: tinha, quando morreo ſeſsẽta, & tres annos de idade; de Religiaõ quarenta, & ſete. Foi a morte pella huma hora, & meya depois do meyo dia.

9 Ouve

9 Ouve grande ſentimento em toda a Corte. Do paço, & de caſa de outras grãdes Senhoras ſe mandaraõ muitas flores, pera ſe lançarẽ ſobre ſeu ſancto cadaver; o qual reveſtido com as veſtimentas Sacerdotais, ſe pôs em a Capella grande da caſa de S. Roque; naõ o puzeraõ na capellinha dos enfermos, como aos demais, quando fallecem; porque como fica no corredor de bayxo, & muito à maõ aos ſeculares, poderiaõ eſtes deſpojar o ſancto cadaver, antes de chegar à Igreja.

10 Quando ſe chegou a hora de o levarem à ſepultura; acodiraõ todos os nobres, de cuja confraria era Prefeito o Padre Ioaõ Nunes; & com Cruz alçada, levando cada hum nas maõs ſeu brandaõ acezo, o vieraõ acompanhando. Athe a clauſtra o trouxeraõ os noſſos Religioſos de maior authoridade: alli o tomaraõ aos Padres muitos Senhores dos principais do Reyno; a ſaber, o Marquez Almirante, o Conde de Sancta Cruz, o Conde de Figueyrô, o Conde Camareiro môr, o Conde de Villaverde, o Conde da Vidigueyra, aos quais ajudavaõ o Conde de Vimioſo, o Conde de Cantanhede, o Conde de Caſtro, & outros muitos Senhores da primeira qualidade do Reyno.

11 Em hombros taõ illuſtres entrou aquelle ditoſo cadaver pella porta da Igreja de S. Roque, aonde aſſiſtia hum numeroſiſſimo concurſo de toda a ſorte de gente; quaſi toda a fidalguia aſſim Eccleſiaſtica, como ſecular; inumeraveis Religioſos de todas as Religioẽs; tantos, que correndo duas ordens de bancos do cruzeiro da Igreja athe o antiparo, creciaõ as peſſoas, & faltavaõ os aſſentos.

12 No meyo da Igreja ſe collocou o ſancto cadaver, & lhe rezaraõ o officio, cantando as liçoens os Religioſos de outras familias ſagradas, que ou eraõ dos maiores poſtos nas ſuas ordens, ou os tinhaõ ja occupado. O officio cantaraõ os noſſos Religioſos: depois delle, & da Miſſa, os meſmos titulares, tornaraõ a tomar o eſquife, & o levaraõ athe junto à ſepultura, aonde o depuzeraõ.

13 Aqui recreceo tanto o numero de gente a beijar os pés, cortar cabellos, tomar reliquias, tocar as contas, cortar pedaços do veſtido, que naõ foi poſſivel nem aos titulares, retardarem o povo, nem aos noſſos enterrarẽ o defuncto: por tãto parecendo aos meſmos Senhores, a quem ouve de obedecer o Padre Prepoſito, ſe dilatou o enterro

pera a tarde; & se tornou a pôr o esquife no meyo da Igreja, pera satisfazer à devaçaõ de todos. Aqui de novo se maltratava a gente com immoderavel piedade; foi tanto o excesso, que se deputaraõ quatro Religiosos nossos de authoridade, pera de algum modo temperar o fervor do povo, pera que naõ passasse a irreverencia.

14 Porem naõ valendo traça alguma, pera moderar a gente, que cada-vez era mais: assentaraõ, que se fechasse o corpo na capella do Espirito Sancto; execuçaõ, que se obrou com grande difficuldade, pella muita gente, que naõ dava a isso lugar: fechado o corpo na capella, vieraõ logo tres pintores por ordem de tres grandes do Reyno, que o mandavaõ retratar. Vieraõ muitas Senhoras grandes disfarçadas, pera terem mais lugar as demonstraçoens do seu sentimento: cercaraõ o esquife, & com grande piedade, cada-hũa lhe beijou o pé, & a maõ, & levou algũa reliquia sua, hũa lhe levou o barrete q̃ guardou como precioso thesouro.

15 Asseveraraõ alguns Religiosos nossos, que o cadaver do Veneravel Padre Ioaõ Nunes despedia de si hum cheiro taõ suave, & especial, que vencia a todos os outros prefumes. Assim esteve toda a tarde; assistindo neste mesmo tẽpo persistetemẽte ao pé da sepultura, q̃ estava aberta, o Conde de Villaverde, & o Submilher da cortina de sua Mageſtade Dom Diogo Lobo; toda a causa da sua assistencia foi impedir aos nossos Religiosos, sepultarem o cadaver em a terra pello modo, que se usa com os outros. Por tãto mandaraõ fazer hum cayxaõ, em que se enterrasse.

16 Pellas sinco da tarde se ordenou o segundo enterro; precedendo diante a confraria dos Nobres, na forma, que dissemos assima, deu huma volta pello meyo da Igreja; chegando ao cruzeiro, aonde estava a sepultura; tornou a carregar a gente, & a dar saque a tudo, o que podia haver às maõs; aqui lhe tomaraõ da cabeça o segundo barrete. Vendo estes excessos, os que os levavaõ; julgaraõ, senaõ devia permittir mais à devaçaõ do povo, & assim serraraõ a tampa do cayxaõ, pera que tirado aos olhos, amaynassem aquelles fervores: depois o meteraõ na sepultura.

17 A petiçaõ da Rainha mãdou o Padre Preposito de S. Roque a sua Mageſtade a cruz semeada de bicos, de que assima dissemos, humas camaldolas, & hum cilicio de ferro: a cruz reservou sua Mageſtade pera si; as camaldolas

deu

deu ella a ſua Alteza; o cilicio deu à Marqueza da Atouguia: que todos eſtimaraõ como precioſas reliquias. Eſta foi a admiravel vida, & ſancta morte do Veneral Padre Joaõ Nunes Confeſſor da Rainha Dona Luiza, prototypo de homens ſanctos, & de Confeſſores de Principes; o qual entre os favores, & valias dos Reys nem hum ſó apice ſahio da humildade Religioſa; antes a acrecentou deſprezandoſe de cada ves mais; & metendo debayxo dos pés todas as eſtimaçoens dos homens; por iſſo as mereceo todas ſendo vivo, & todas depois de morto. A vida do Padre Ioaõ Nunes nos deixou eſcripta ſeu Noviço o Padre Diogo Lobo, em eſtilo mais de elogio, que de hiſtoria, com aquella cultura de palavras, & agudeza de penſamẽtos, com que ſe coſtumava explicar aſſim nas praticas ordinarias, como nos pulpitos, pera os quais teve ſingular talento, como ſomos teſtimunhas todos os que o ouvimos; foi Prégador dos Reys Dom Affonſo ſexto & Dom Pedro ſegundo: morreo em o Collegio de Coimbra, indo de Lisboa prégar alli as menhãas da quareſma. Do Padre Ioaõ Nunes falla o Padre Nadaſi aos 29 de Dezembro, ſendo, que na ſua vida acho fallecer dia dos ſanctos Innocentes.

CAPITULO XI.

Vida do Padre Franciſco Marques Miſſionario de Etiopia. Entra na Companhia, paſſa a Etiopia. Do que lhe ſuccedeo, athe ſer della deſterrado.

Em Dio 30. de Agoſto de 1639.

1 O Padre Franciſco Marques Martyr da Caridade, & que nos ſeus trabalhos padeceo muitos martyrios, naceo na cidade de Braga. Seus pays ſe chamaraõ Domingos Marques, & Izabel Neta. Aprendeo a muſica, & a ſoube com primor. Era Collegial no Collegio do Arcebiſpo, & andava na primeira claſſe dos noſſos eſtudos ſendo ſeu Meſtre o Padre Balthezar Telles. Aſſim por ſer taõ excellente na muſica, Como por outros bons talentos, que nelle avia, o aceitaraõ pera ſeu Religioſo os Padres de Saõ Bento, onde jâ tinha dous Irmaõs.

2 No dia, em que avia de entrar, ſe mudaraõ as couſas de maneira, que por entaõ foi preciſo dilatarſelhe a entra-

da. Ficou taõ impaciente desta demora, & de aver de estar mais no mundo; que se foi ter com o seu Padre Mestre; descobriolhe, o grande dezejo, que lhe sobrevinha de ser da Companhia, logo a pertendeo com notavel fervor. Foi recebido pera Coadjutor espiritual. Foi dar principio a seu Noviciado em Lisboa. Alli entrou na Companhia aos treze de Setembro de mil seiscentos, & vinte, tẽdo vinte, & hum annos de idade.

3 Acabado o seu Noviciado vendo ir pera Etiopia o Patriarca Affonso Mendes, lhe pedio com muitas instancias o levasse consigo. Informandose o Patriarca dos seus bons prestimos, boa capacidade, costumes sanctos, o admittio; & no anno de 1623 o levou em sua companhia pera à India; & da India pera Etiopia; onde entrou no anno de 1625. Foi participante de todos os sustos, & perigos por onde Deos meteo na Etiopia ao Patriarca; como diffusamente refiro em sua vida.

4 Em Ethiopia vio os grandes augmentos, a que chegou aquella Christandade, pois só no anno de 1628 se cõtaraõ reduzidos ao gremio da Igreja mais de cem mil Scismaticos. O Padre Francisco Marques escreveo de Etiopia, que só na quaresma do ditto anno bautizara na Missaõ dos Agaus mais de quarenta mil almas.

Hist. de Etiop. l. 5. c. 14.

5 Achouse este Padre em varias emprezas, que o Emperador, & suas gentes tomaraõ contra os Scismaticos rebeldes, nellas era o Padre Francisco Marques grande parte do animo dos soldados; a todos alentava. Huma vez investindo a gente do Imperador contra hum monte alto, em que estavaõ acastellados os inimigos, foi tal o frio, que morreraõ mais de sincoenta pessoas enregeladas, nem bastava o fogo, que faziaõ, pera se aquentarem; hum destes cahio junto à tenda do Padre Francisco Marques, sem elle lhe poder ser bom, mais, que pera o poder, mandar enterrar. A estes, & outros muitos perigos se expunha em servisso de Deos, & daquella nova Igreja.

6 Assim por causa das muitas guerras, como pellos muitos, & poderosos inimigos, que tinha a Fé verdadeira, toda a bonança se mudou em infortunio. Ajuntouse a tudo a morte do Imperador, que ainda, que por temor condescendeo com os Scismaticos; em quanto viveo sempre os Padres tiveraõ boa passagem; & na morte encomendou a seu

a ſeu filho herdeiro; que amparaſſe o Patriarca, & Padres, dizendolhe, que a Fé Romana era a verdadeira; & ſe elle tinha permittido a de Alexandria, fora ſó por condeſcender com o povo acomodandoſe aos tempos.

7 Eſta foi a ſua ultima recomendaçaõ, dahi a pouco morreo deyxandonos duvidoza a opiniaõ de ſua ſalvaçaõ, porque a morte o alcançou por confeſſar. Quando o Padre Diogo de Mattos, que lhe aſſiſtia; lhe lembrava o perigo, tudo eraõ dilaçoens, athe, que a morte lhe naõ quis dar mais eſperas. Chamavaſe eſte Imperador Seltaõ Segued. Com elle chegou a Fé Romana na Etiopia ao maior auge, & com elle acabou. O filho, nenhum cazo fez da recomendaçaõ do pay. Era Sciſmatico perverſiſſimo. Deſterrou de Etiopia ao Patriarca, & Padres.

8 Aſſim como o Padre Franciſco Marques entrou cõ o Patriarca, aſſim com elle ſahio, ſendo companheiro inſeparavel de ſeus grandes trabalhos na ida, & na vinda. Os Sciſmaticos os entregaraõ por fim de tudo aos Turcos, ſenhores dos portos maritimos de Etiopia. A inhumanidade, com que os trataraõ, com nenhumas palavras ſe pode explicar. Tudo refere difuſamente no livro ſexto da ſua Hiſtoria de Etiopia o noſſo Padre Balthezar Telles cõ as palavras do Patriarca Affonſo Mendes.

9 Tendoſe jâ em Suaquem concertado com os Turcos, temendo eſtes, que contando os Padres em Dio os maos tratamentos, que lhes tinhaõ feito em Suaquem, naõ mandaſſem lâ os mercadores de Dio nao de contracto, retiveraõ ao Patriarca, & ao Padre Diogo de Mattos nomeadamente, & lhe diſſeraõ, elegeſſem elles outro terceiro, qual quizeſſem: todos os mais Padres ſe offereceraõ; mas a ſorte cahio ſobre o Padre Franciſco Marques, que dos Abexins fora ſempre tido por irmaõ mais moço do Padre Diogo de Mattos, & como tais ſe tratavaõ, & amavaõ em o ſenhor. Os mais Padres ſe fizeraõ à vela pera Dio.

10 Padeceraõ muito em Suaquem eſtes tres confeſſores de Chriſto. Quis o Governador, que lhe deſſem por ſeu reſgate quinze mil patacas. Huma ves eſtando aſſanhado os mandou ir a ſua prezença pera ſaber delles, em que reſoluçaõ eſtavaõ. Tratou-os com nenhuma cortezia; reſponderaõ, que dariaõ repoſta por hum ſeu miniſtro, porquem meneava ſemelhantes negocios. Com iſto ſe livraraõ

vraraõ da morte, que ſegundo eſtava enfurecido, juſtamente ſe temia.

11 Dalli a poucos dias foi ter aquelle miniſtro com os cativos, dizendolhes: naõ quizeſſem, experimentar a furia de ſeu amo, & dar à força de tormentos, o que de vontade naõ queriaõ. Prometeraõlhe mil patacas: tomou a promeſſa em graça; & ſe foi advertindoos, que conſideraſſem bem, o que lhes eſtava melhor. Dalli a mais alguns dias mandou ſaber da reſoluçaõ. Como reprezentaſſem ſua pobreza. Por ſua ordem foi hum meirinho, & levou aos ſervos do Senhor pera hum pequeno baluarte, onde eſtavaõ outros dous prezos. Meteolhes os pés em hum cepo, & ao peſcoſſo lhes lançou groſſos colares de ferro, os quais todos ſe fechavaõ com huma cadeya comprida. E diſſelhes, que aſſim aviaõ de eſtar athe a morte, ſenaõ deſſem o dinheiro, que ſe lhes pediſſe.

12 Deſte rigor dis em huma ſua carta o Patriarca: *Fomos os tres metidos no tronco com os pês no cepo, peſcoços em colares de ferro, amarrados a huma groſſa corrente, com que ſahiamos fora, quando ſe nos dava licença pera iſſo, como lâ os degradados, quando ſaõ levados de correyçaõ em correyçaõ: ſendo o guia deſta dança de cadeyas o Patriarca, o do meyo o Padre Franciſco Marques, o remate o Padre Diogo de Mattos. Nem faltavaõ pera ella cabayas varias nos cortes, & cores, em que prevalecia tanto a da ferrugem das cadeyas, que depois de ſoltos, naõ ſe lhe pode tirar com todas as lavagens.* Athe aqui as palavras da carta do Patriarca.

13 Foraõ tais as incomodidades, & calmas, que alli padeceraõ, que vieraõ a mudar toda a pelle, ficandolhes os corpos em carne viva. A eſte tempo eſtando jâ de verga dalto a nao, que partia pera Dio, vendo o Turco, que os cativos naõ davaõ o dinheiro, tomou conſelho de os mandar meterem hum barco, & levados ao alto darlhe furo, pera que ſe affundiſſe. Sabendo iſto os Baneanes ſe foraõ ter cõ os prezos, dizendolhes, ſe alargaſſem, que elles contariaõ logo o dinheiro. Depois de varios lanços concordaraõ em quatro mil patacas. Sahiraõ da prizaõ dia de Saõ Bartholameu no anno de mil ſeiscentos trinta, & ſinco. Depois de hum mes de viagem, chegaraõ a Dio. O Patriarca ſe foi logo pera Goa em ordem a buſcar remedio a tantas miſerias, em quantas a ſua Igreja ficava.

C A-

CAPITULO XII.

Referese huma carta do Patriarca, em que se contem a sancta morte do Padre Francisco Marques.

1 HUm anno sofrerão os rigorosos tratamentos de Suaquem. Depois de chegar a Dio, fez, o Padre Marques o officio de Procurador da sua missão de Etiopia esses poucos annos, que a vida lhe durou. Conta sua morte o Patriarca escrevendo de Goa a hum Religioso de São Bento, Irmão do Padre Marques; por ser a carta de tal mão, & Autor a direi por suas palavras, he a seguinte.

2 *Com differente alvoroço estava pera responder a huma de Vossa Paternidade, de dez de Março do anno de mil seiscentos trinta, & oito, que meu amado, & fiel companheiro, & filho, o Padre Francisco Marques me mandou de Dio, & chegou ja depois do galeão, que desta barra sahio no Março passado: mas foi Deos Nosso Senhor servido, que com a reposta della se ajuntasse parte do sentimento, & lagrimas, que em mim sempre correm, & em Vossa Paternidade farão nova fonte, com a triste nova, que nesta sou obrigado a lhe dar da morte deste seu tão prezado irmão, posto que tenho por certo, que ella foi termo dos trabalhos desta miseravel vida, & principio do descanso, & gostos da eterna.*

3 *Foi este anno critico, & mortal pera grande parte desta India, & em particular pera os tres companheiros, que vindo de Etiopia estivemos em Suaquem prezos no mesmo trõco, & corrente. Eu fui o primeiro, com quem a doença arremeteo no Fevereiro passado com huma mui grande tosse, a que todos punhão nome de catarro, sendo em verdade asma, que chegou a me tomar o peito, & quasi afogar. Por esta causa tomei quatro sangrias em Março, oito em Abril; & em Mayo, em que me derão treze sezoens, outras oito: & depois duas em Julho de huma recahida. No qual tempo me tornou a tosse, & se declarou, que era asma, da qual me comessarão a curar, & depois de varias experiencias me abrirão huma fonte no braço direito, andando athe agora mui achacado, mas jâ com grande melhoria.*

4 *Neste tempo, que eu estava no auge das terçans, me assi-*

assistia com grande caridade o Padre Diogo de Mattos, nosso companheiro, que era Reytor deste Collegio, & sendo elle mui robusto de compreyçaõ, juntamente mui dado a fazer penitencia, & a desprezar seu corpo, nem fazia cazo de alguns achaques de quentura, & fogagem, que naquelle tempo, por ser das maiores calmas da India, o acometiaõ; & depois de lhe dar o sol em huma caminhada, que fez a pê, lhe deu huma febre taõ maligna, que o levou do nono pera o decimo dia, em quatro de Junho, estando eu ainda de cama. Daqual morte avizei logo ao Padre Francisco Marques, pera que encomendasse a Deos sua alma, & lhe pagasse com seus sacrificios, & oraçoens parte do amor, que lhe devia, que era taõ grande, que sempre se chamavaõ irmaõs, assim em Etiopia, como câ. O que teve principio em hum Abexim, vendoos taõ amigos, perguntar ao Padre Diogo de Mattos, se era o Padre Francisco seu irmaõ? E respondendolhe elle (que era de mui boa graça,) que sim, que era seu irmaõ mais moço, dalli lhe chamavaõ todos irmaõ mais pequeno do Padre Diogo.

5 Teve o Padre Francisco Marques extraordinario sentimento com esta nova, de modo, que de dia, & noite se desfazia em lagrimas, & penitencias, & me escreveo de Dio, aonde era procurador da nossa missaõ, que sendo seu irmaõ morto, naõ podia elle durar muito tempo. Assim succedeo, porque neste inverno deu naquella fortaleza huma doença, a modo de peste, a qual em todas as cazas dos Christãos, Gentios, & Mouros fez grande estrago. E como a caridade do Padre Frãcisco Marques abraçava a todos, a todos queria acodir, aos Christãos pera os confessar, & ajudar a bem morrer, aos Mouros, & Gentios pera os converter a nossa Sancta Fê. Andando nesta occupaçaõ taõ sancta, & preciosa, foi chamado pera confessar a filha de hum homem principal, que estava taõ podre, & mal cheyrosa, que todas as pessoas, que lhe entraraõ em caza, & os que a levaraõ à tumba, adoeceraõ.

6 Nesta caza esteve o Padre hum dia, & huma noyte, athe a doente espirar, & em se recolhendo pera o Collegio, lhe deu a febre maligna, que elle logo conheceo; & dizendo, que seu irmaõ o Padre Diogo de Mattos o chamava, se cõfessou geralmente, & recebeo o Sanctissimo Viatico de Christo Nosso Redemptor ao quarto dia, & pouco depois lhe faltou a falla, com a qual mais entoada, & afinada, do que nunca teve em vida, foi cantar o cantico novo na capella do cordeiro, aos

trinta

trinta de Agosto, tambem do nono pera o decimo dia da doença como o Padre Diogo de Mattos.

7 *O sentimento de sua morte foi universal em toda a sorte de gente da quella fortaleza, que se dava por taõ interessada em sua vida; & muitas pessoas Ecclesiasticas, & seculares, & athe Mouros, & Gentios, me consolaraõ desta falta, & em particular o Capitaõ della Francisco da Silveyra cavaleyro da Ordem de Christo, o qual me escreveo nesta conjunçaõ huma carta, de que porei aqui hum capitulo, pera que Vossa Paternidade veja a estima, em que o tinha, que dis assim.*

8 *Neste Janeiro deu nesta fortaleza hum como ramo de peste, que a nenhuma caza perdoou, nem de Christãos, nem de Gentios, nem de Mouros, o qual tambem me derribou, & fez levar sete sangrias, nem me pude levantar da cama, senaõ esforçandome, pera ir ver o Padre Francisco Marques, aquem deu huma doença mortal, & o levou em dez dias, com geral sentimento de toda esta terra, em que foi taõ chorado, que athe o prezente he, & sera taõ sentido, como se a cada hum morresse seu pay, porque sua muita Religiaõ a todos edificava, & a caridade, que lhe foi causa da morte, a todos abrangia, que tais discipulos sabe fazer o Senhor Patriarca. Athe aqui o Capitaõ.*

9 *Bem ve Vossa Paternidade, que naõ tenho menos rezaõ de sentimento, que Vossa Paternidade, & os senhores seus irmaõs, & pays. Mas podemonos consolar com a consideraçaõ de Sancto Ambrosio na morte de seu irmaõ Satyro:* Fratrem nõ amisimus, sed præmisimus. *Elle foi diante, nos avemos de ir a poz elle, podendo estar seguros, que nos tenha a caza aparelhada, pois era mais digno do Ceo, que da terra; do que me dâ grande certeza a innocencia, & inteireza de sua vida, porque sendo mancebo, quando sahimos desse Reyno, em mar, & em terra:* Nihil juvenile gessit in opere. *E em Etiopia, & depois de tornar â India, procedeo com assento, & prudencia de taõ velho (sendo Ministro dous annos, do Collegio de Saõ Paulo, & anno, & meyo sendo Procurador da missaõ de Etiopia) que igualmente deixou a todos de si exemplo, & saudades. Guarde Deos a Vossa Paternidade, de Goa 5. de Dezẽbro de 1639. Alphonsus Patriarchâ Ethiopiæ.*

10 Esta he a carta do Patriarca, ella basta por hum grande elogio deste servo de Deos; suas virtudes foraõ excellentes, & dignas de que hum Prelado taõ sancto o escolhesse

colheſſe por companheiro de ſeus immenſos trabalhos.

CAPITULO XIII.

Yendo Julho de 1639.

Martyrio do Padre Pedro Caſſui, & vida do Irmaõ Pedro Delgado.

1 O Segundo Noviço Martyr do Senhor, que ſanctificou eſta caza do Monte Olivete, foi o Padre Pedro Caſſui de naçaõ Japaõ, natural de Imi no Reyno de Bungo. Seus pays ſe chamaraõ Romano Chibe, & Maria Fata. De menino ſe criou em o noſſo ſeminario. No anno de mil ſeiſcentos, & quatorze quando Dayfuſama deſterrou de Japaõ os Prégadores Evangelicos, ſahio com elles deſterrado. Depois entrou em dezejos de venerar os ſanctos lugares de Ieruſalem, paſſou à India, penetrou a Perſia, vizitou em Judea as ſanctas memorias, que alli hâ de Chriſto Senhor Noſſo.

2 De Judea navegou a Roma, aonde entrou na Companhia aos vinte de Novembro de mil ſeiſcentos, & vinte. De Roma paſſou a Portugal, & continuou ſeu Noviciado neſta caza do Monte Olivete, & nella fez os votos no fim dos dous annos. No anno de mil ſeiscentos, & vinte tres navegou a India em Companhia do Patriarca Affonſo Mendes. Eraõ vinte, & tres os noſſos Religioſos, que neſta occaſiaõ paſſaraõ a ſervir a Deos nas miſſoens.

3 Logo o Padre Caſſui determinou navegar a Japaõ, pera ajudar a ſeus naturais. Neſte tempo era a entrada naquelle Imperio mui difficultoſa. Pera poder conſeguir ſeus intentos, ſe fingio eſcravo, dous annos inteiros andou remando em Manila em huma embarcaçaõ tido, & avido, pello, que parecia. Neſta figura pode tomar terra no Iapaõ. Alli ſe empregou no bem das almas de ſeus naturais. Em Nangazaqui trouxe a Deos muitos, que por medo dos tormentos tinhaõ deixado a Fé.

4 De Nãgazaqui paſſou às partes do Norte, onde foi deſcuberto, & prezo. Foi levado à Corte de Yendo. Aqui os gentios, pera o perverterem lhe trouxeraõ no meyo dos tormentos a Chriſtovaõ Ferreyra, cuja diſgraça, & martyrio

tyrio ficaõ efcritos no primeiro livro defta obra. Como o miferavel homem por comprazer aos gentios, lhe quizeffe dizer algumas palavras; pondo nelle os olhos o bemdito Martyr, acezo em hum fancto zelo, lhe diffe: E como tu, homem abominavel, afronta da Companhia de JESU, tens cara pera aparecer diante de mim, & abrir a boca pera taõ execranda perfuafaõ? naõ te envergonhas de ter deyxado a Fé, & viveres hâ tantos annos com geral efcandalo do mundo, venerando paos, & pedras? Iffo viefte bufcar a Iapaõ, fer deshonra da Companhia?

5 Com femelhantes palavras o miferavel Chriftovaõ Ferreyra ficou mui corrido, pondo os olhos no chaõ, voltou as coftas, & fe foi da prezença do bemdito Martyr, o qual com varios tormentos, que naõ efpecificaõ, os que delle efcrevem, acabou feus dias na cidade de Yendo no mes de Julho de mil feifcentos trinta, & nove, o dia naõ confta. Delle efcrevem o Padre Antonio Francifco Cardim nos feus elogios dos Martyres do Iapaõ, o Padre Mathias Taner, & o Padre Alegambe nas fuas mortes illuftres dos filhos da Companhia. Diffe, que fora o fegundo Martyr, que fanctificara efta caza, porque o primeiro foi o Padre Ioaõ Pereira, que tinha entrado em Coimbra no anno de 1619, & morreo Martyr em Ethiopia.

Lisboa 22. de Julho 1629.

6 Do Irmaõ *Pedro Delgado* fe pode com razaõ dizer, que veyo morrer na Companhia, porque entrar, adoecer, & morrer foi o mefmo. Antes de entrar era fancto, & na fua infirmidade moftrou bem, quam amigo tinha fido de Deos. Entrou na Companhia em Lisboa aos 29 de Fevereiro de 1629, era natural de Alvito no Arcebifpado de Evora: finco annos andou pertendendo a Companhia, fempre o rejeitaraõ por falta de faude. Vifta porem fua perfeverança foi admittido. Adoeceo logo com notaveis dores em todo o corpo, as quais fofria com incrivel paciencia, repetindo por vezes o de Sancto Agoftinho: *Da patientiam, & auge dolorem*: Senhor daime paciencia, & acrecentai as dores.

7 De nove annos de idade comeffou a fer devoto da Senhora, rezandolhe todos os dias a fua coroa, pouco depois acrecentou a efta devaffaõ o officio da mefma Senhora. Jejuavalhe todos os fabados, & nos dias das fuas feftas fe confeffava, & comungava. Sendo menino ouvio dizer,

que avia huma confraria, que chamavaõ do Ceo, a qual tinha por devaſſaõ rezar muitos Padre noſſos, & Ave Marias repartidos pellos dias, hum a Chriſto, outro à Senhora, outro aos Apoſtolos, & a outros ſanctos. Contẽtoulhe eſta devaſſaõ, & a continuou com tanta pontualidade, que ſe de noyte acordava, lembrandolhe, que faltara em alguma couſa, logo ſe levantava da cama, & rezava a ſua devaſſaõ.

8 Eſtando jâ muito no fim da doença, repouzou por algum eſpaço, & perguntandolhe o Padre Reytor, ſe dormira, diſſe, que naõ, mas que eſtivera offerecendo ſuas dores a Chriſto Noſſo Senhor, & à Virgem Senhora, & lhe pedira, que o levaſſe pera ſi ao ſabado; & que eſtando aſſim lhe parecia, que a Virgem Senhora o cobrira com o ſeu manto, & lhe diſſera, que morreria ao Domingo, que era dedicado à Reſurreiçaõ do Senhor; & que elle a iſto reſpondera muy alegre: oh ditoſo dia, & menhãa de Paſcoa pera mim.

9 O effeito moſtrou, que iſto fora mais, que imaginaſſaõ. Ao ſabado pella meya noyte teve o primeiro accidẽte mortal: paſſado elle tornou em ſi, gaſtando todo o tempo em colloquios ſanctos com o Senhor Crucificado, & com a Virgem Senhora. Pela menhãa lhe perguntou o Padre Reytor, ſe ſe lembrava, que eſtava jâ na menhãa do Domingo? Reſpondeo, que muito bem ſe lembrava, & q̃ era menhãa de Paſcoa pera elle. Aſſim foi, porque com grande paz, & ſoccego, pellas ſinco, & meya da menhãa acabou ſua ditoſa vida pera ir gozar da eterna felicidade. Foi ſua morte em o Noviciado de Lisboa aos vinte, & dous de Julho de mil ſeiſcentos, & vinte nove.

CAPITULO XIV.

Vida, & morte do Irmaõ Antonio da Cruz eſtudante.

Evora 30. de Julho de 1632.

1 O Irmaõ Antonio da Cruz, foi daquelles, que em poucos annos aproveitaõ muito no eſpirito, naceo em Lisboa, ſeus pays ſe diziaõ Simaõ da Cruz, & Lourença Dias. Sempre foi inclinado à virtude, daqual deu ſingulares moſtras ſendo ainda eſtudante ſecular. Eſtudou

latim em o nosso Collegio de Sancto Antaõ: tendo jâ acabado os latins, por naõ comessar o curso de Artes o anno seguinte em os estudos daquelle Collegio, passou a estudar Philosophia no Convento de Saõ Domingos, aonde principiara. Com o bom exemplo daquelles Religiosos, grangeou grandes aproveitamentos no espirito.

2 Hâ naquelle Convento huma devota Imagem da Senhora do Rosario, a quẽ os estudantes, que alli estudaõ, tem grande devassaõ, & a vizitaõ ao entrar, & ao sahir dos seus estudos Alli sobiraõ de ponto os fervores do nosso estudante pera com a May de Deos: naõ se contentava cõ as visitas ordinarias, diante desta sancta imagem gastava em oraçaõ muitas horas, ouvia muitas Missas, & rezava com singular devassaõ o Rosario da mesma Senhora. Confessavase, & comungava a meude: eraõ nelle tantas as mostras de virtude, que os mais condiscipulos o respeitavaõ, como a estudante sancto.

3 Entre os favores, que mereceo alcançar por meyo desta devassaõ à Senhora, foi hum grande dezejo de servir a Deos em alguma Religiaõ, livre dos divertimentos do mundo. Contentavalhe muito a de Saõ Domingos, & o Convento de Lisboa, morando no qual, gozaria mais a seu salvo da devassaõ da Senhora do Rosario: mas Deos, que o queria na Companhia lhe inspirou, a pertendesse: vinhaõlhe à memoria as praticas, que tinha ouvido a seus Mestres no estudo de Sancto Antaõ, particularmente huma, em que o Mestre fallando dos bens, que avia na Religiaõ, & dos perigos, com que se vive no mundo, significou, que se algum tocado da divina inspirassaõ, quizesse entrar na Companhia, que elle favoreceria suas sanctas pertençoens: desta exhortaçaõ tirou pro fructo hum seu condiscipulo entrar na Companhia: deste se lembrava, & se doya de senaõ ter entaõ aproveitado da mesma fortuna: mas assentou comsigo, de fazer todas as diligencias, pello imitar no estado, que escolhera.

4 Com este sancto proposito foi ao Noviciado da Cõpanhia, descobrio seus dezejos ao Padre Reytor, & depois aos Padres de Saõ Roque, tomando por padroeira do seu requerimento a Senhora do Rosario, a quem penhorou cõ novos, & multiplicados obsequios. Naõ vieraõ os Padres, em despachar sua petiçaõ com a brevidade, que dezejava, assim

assim porque o viaõ de poucas forças, como porque naõ tinhaõ plena noticia da sua sufficiencia, por naõ ter actualmente Mestre da Companhia, que informase aos Padres da sua capacidade; por esta causa foraõ de vagar com elle, pera com o tempo tomarem as noticias necessarias. Dous annos gastou na sua pertençaõ, indo muitas vezes ao Noviciado, & a Saõ Roque, aonde era continuo; alli gastava muito tempo ou fallando de Deos com os porteyros, ou lendo pellos livros espirituais, que há na mesma portaria, pera se entreterem sanctamente os seculares, que vaõ aos seus negocios, em quanto naõ vem os Padres, a quem buscaõ.

5 Neste tempo o provou Deos com huma enfermidade originada dos muitos rigores, & penitencias, com q̃ se tratava; convalecendo della proseguio com o mesmo fervor na sua pertençaõ: depois de muitas provas, sendo proposto em consulta, disse hum dos Padres, que votavaõ, & tinha mais interiores noticias da conciencia do pertendente, que o recebessem pera sancto, que tal julgava, avia de ser, pello muito, que sabia de sua conciencia. Por tanto foi aceito na Companhia, & nella entrou em Lisboa ao primeiro de Março de 1627. Sendo Reytor do Noviciado o Padre Alvaro Tavares.

6 Quem era taõ virtuoso no mundo, bem se deyxa ver, qual seria na Religiaõ. Nella era a todos os outros hum vivo exemplo de sanctidade. Na devassaõ da Senhora se esmerou com grande especialidade, visitandoa muitas vezes na sua capella, rezandolhe o seu officio, & coroa ordinariamente de joelhos, & gastando em oraçaõ diante della o tempo, que lhe sobejava de suas occupaçoens: sendo fervoroso nas praticas de Deos, quando estas eraõ da Senhora, se viaõ nelle mais estes fervores; Quanto podia, procurava sempre, de que nas suas praticas entrasse a Senhora, o que fazia com tal prudencia, que naõ parecesse sobejo, & molesto aos outros.

7 Foise radicando nas virtudes, & em primeiro lugar na humildade, que he o fundamento das outras; de si formou hum bayxo conceyto, & se tinha por escravo dos demais; appetecendo dos officios os mais abatidos. Por ser dos mais humildes o de tratar do forno, o fez muitos tempos com singular consolassaõ sua, & proveito dos moços,

que nelle trabalhavaõ, aos quais com licenſa, que tinha, fallava de Deos, & encaminhava pera o Ceo. Vindo hum dia com outros Noviços do Collegio de Sancto Antaõ, & paſſando por onde eſtavaõ alguns eſtudantes, hum delles, que fora Noviço da Companhia, diſſe pera os outros apontando pera o Irmaõ Cruz em vos, que todos ouviraõ: Aquelle he o forneiro do Noviciado: ouvindoo o ſervo de Deos foi notavel o contentamento, de ſe ouvir chamar cõ aquelle nome, & o notaraõ com edificaſſaõ ſua, os que o acompanhavaõ.

8 A eſta humildade ajuntou a paciencia, aceytando com alegria tudo, o que era de diſgoſto, como reprehenſoens, & penitencias, as quais recebia como hum mimo eſpecial do Ceo. Açoutavaſe todos os dias rigoroſamente, tres vezes na ſomana punha o cilicio, ſempre o traria, ſe o Padre Reytor attendendo a ſuas forças naõ lhe moderaſſe os fervores; gizandolhe tudo, o que avia de fazer, pera com as mortificaçoens, & penitencias poder conſervar as forças corporais pera outras couſas de mais ſerviço de Deos.

9 Foi muito devoto do Sanctiſſimo, diante delle gaſtava muitas horas em oraçaõ. Nas veſporas de Comunhaõ fallava deſte miſterio com tanto fervor, que a todos abrazava em anſias de o receber. Tinha tambem grande zelo da ſalvaçaõ das almas; por iſſo dezejou, & pedio aos Superiores, o mandaſſem pera a India. Geralmente fallãdo, neſtes dous annos de Noviciado ſe moſtrou em tudo taõ cabal Noviço da Companhia, quanto ella o podia dezejar.

10 Acabado com toda a ſatisfaçaõ o ſeu Noviciado, foi mandado eſtudar em o Collegio, & Univerſidade de Evora. A primeira couſa, que aſſentou comſigo, & a cũprio, foi naõ a froxar em nada nos fervores de Noviço: daqui naceo dizer hum dos que com elle ſe criara, que ao Irmaõ Cruz competia a letra, que hum certo puzera na ſua empreza: *Semper idem* naõ avendo nelle com a diverſidade de eſtados mudança alguma, ſenaõ de bem em melhor.

11 Por cauſa de ſuas indiſpoſiçoens, depois de ter dous annos de Recolhimento, & alguns mezes, o mandaraõ pera o Collegio, em que deu os meſmos exemplos, & ti-

veraõ

veraõ mais teſtimunhas ſuas virtudes. Na pobreza foi meudo quanto ſenaõ pode explicar em poucas palavras, ſe achava huma linha, ou hum alfinete, o avia de levar ao Superior, pera que diſpuzeſſe delle. Eſtando jâ nos ultimos da vida mandou chamar ao Padre Reytor, & lhe diſſe tinha hum grande eſcrupulo, todo elle vinha a ſer, que cõ licenſa tinha trocado humas contas por huns reziſtos com outro Irmaõ, mas que os reziſtos valiaõ mais; & que depois da troca tinha andado muito tempo pedindo ao Irmaõ a desfizeſſem; o qual lhe diſſera ſaber mui bem, que elle ficara de melhor partido, que elle de boa vontade cõ a licença, que tinha, lhe dava tudo, o em que os reziſtos excediaõ as contas. Com ſer eſta meudeza na ditta forma, ſe achou naquella hora taõ afflicto, que naõ acquietou, athe naõ deſcobrir o ſeu deſaſſoſſego ao Padre Reytor. No comer, & veſtir era neceſſario, que a Caridade dos Superiores vigiaſſe ſobre os ſeus deſcuidos; que como andava taõ embebido em Deos, o de que menos ſe lembrava, eraõ os comodos do ſeu corpo.

12 Na virtude da pureza foi como Anjo, todo elle eſpirava pudicicia: izento de todo o affecto às creaturas, o punha todo no Criador dellas. Por naõ poder tomar a poſtilla de ſeu Meſtre, lhe empreſtou com licença huma Metaphiſica hum dos Padres do Collegio; vend olha hum de ſeus condiſcipulos lhe perguntou, cuja era? Reſpondeo: Eſta Metaphiſica me empreſtou hum Padre meu amigo: dahi a hum pouco de tempo reparando, no que tinha ditto, acrecentou: Cariſſimo, quando digo Padre meu amigo, entendo amigo eſpiritual.

13 A ſua obediencia em tudo foi exacta, nunca replicando ao que ſe lhe ordenava. Reparandolhe alguns o fazer eſtas, ou aquellas couſas, que pareciaõ pouco neceſſarias, & ſuperflua a execuſſaõ dellas; reſpõdia, aſſim mo mandou o Superior; & nada mais. Naõ davaõ lugar os ſeus fervores, ainda, que o pediaõ os achaques, a afroxar nos jejuns, & diſciplinas; porem tanto, que os ſuperiores, lhas prohibiraõ, ſe accommodou em tudo cõ a ſua võtade cortando pellos dezejos, que em ſi ſentia de ſe perſeguir a ſi meſmo.

14 Tinha por coſtume antes de comeſſar a eſtudar, offerecer a Deos Noſſo Senhor o ſeu eſtudo. Quando da-

dava a hora, se punha de joelhos lembrandose do passo da vida de Christo, que corria naquella hora, conforme o sancto costume, que se observa em os Noviços segundo os catalogos, que pera isto fez o Sancto Padre Diogo Monteyro na sua Arte de orar. Quando no seu estudo ou lhe occorria a boa pancada do verso, ou a boa intelligencia da questaõ, tirava o barrete, levantava as maõs ao Ceo, & dava graças a Deos. Na classe, quando escrevia, o que ditava o Padre Mestre, se nomeava a S. Thomás, se descobria, porque o tinha tomado por singular protector dos seus estudos, & lhe tinha grande devaçaõ. Foi cousa, em que repararaõ seus condiscipulos, que quando naõ podia estudar, com huma vista, que dava às questoens, argumentava nellas, como fizera, se as estudasse muito de espaço: suprindo a luz, que Deos lhe dava na intelligencia, a falta de estudo, que naõ podia deixar de ter por seus achaques.

15 No argumentar, & defender foi taõ composto, & modesto nas acçoens, que geralmente o tinhaõ os estudantes, & appellidavaõ por Sancto. Nunca por causa de estudo deyxou as devaçoens, que costumava fazer sendo Noviço. Occasiaõ ouve, em que achandose à noyte sem ter feito algumas devaçoens, logo foi pedir licença pera as fazer depois de se recolher a comunidade. Quando estava convalescente, por naõ poder ter as visitas do Senhor, & da Senhora de joelhos, as tinha assentado, por naõ faltar a esta devaçaõ do modo, que podia; como tambem naõ faltava em rezar o officio da Senhora, & o da Conceyçaõ; & nunca negou cousa, que se lhe pedisse por amor da Senhora.

16 Pera se conservar no espirito, nos tempos de fallar, buscava sempre aquelles, q̃ gostavaõ de practicas de Deos. No tempo das ferias pedio, & foi morar em o Noviciado, pondose em tudo no andar, & modo dos Noviços, se acazo assim se pode dizer de quem nunca se tirou delle. Neste tempo as suas principais practicas com os Noviços eraõ sobre o beneficio da vocaçaõ à religiaõ, por meio do qual nos livrou Deos dos perigos do mundo. Disse aos mesmos Irmaõs, que a materia das suas visitas do Senhor, & da Senhora sempre era o beneficio da vocaçaõ à Companhia.

17 Na presença de Deos fez tal habito, que sem difficuldade, trazia nelle sempre os seus pensamentos, & an-

dava em continua oraçaõ. Em qualquer acçaõ publica, que ouvesse de fazer, recorria a Christo Crucificado, este era o seu principal livro. Antes de sahir do cubiculo tomãdo sempre agoa benta, fitava os olhos na Imagẽ do cubiculo, estava hũ pouco em oraçaõ, offerecia a Deos todos os passos, que desse, & lhe pedia licença, pera sahir fora do seu cubiculo. Quando jugava na quinta, o fazia com muita modestia, & muitas vezes entre o jugar tirava o barrette lẽbrandose de Deos nosso Senhor.

18 Sendo que em toda a vida foi devotissimo da Senhora, se mostrou ainda mais devoto no ultimo anno, que teve de vida. Ordenaraõlhe, que tivesse cuidado de varrer a escada da convalescencia, & porque nella havia huma fermosa imagem de nossa Senhora da gloria, naõ consentia lhe chamassem, senaõ a escada de nossa Senhora: todos os sabbados a varria, fazendo a cada degrao alguma jaculatoria: todas as vezes, q̃ a sobia, & decia fazia esta petissaõ à Senhora: *Monstra te esse matrẽ, fac me esse filiũ, humilẽ, castũ, & devotum.* Succedeo passar por alli o Sanctissimo pera hum enfermo, teve grande pena, de o naõ saber antes pera a ter varrido, & alcatifado de flores, & hervas cheirosas.

19 Neste tempo recebeo hum favor da Senhora do Rosario, & por tal o referia: faziase na cidade huma solemne procissaõ em honra da Senhora; dezejou o Irmaõ Cruz ver a Senhora nesta sua solemnidade: proposlhe este dezejo na oraçaõ de pella menhaã: ella lho concedeo: porque cõ andar covalescente, & naõ hir fora, o Padre Reytor aquelle dia o mandou acompanhar a hum Padre, que era chamado pera huma confissaõ; succedeo ser em parte, onde necessariamente encõtrou a procissaõ, & vio a Senhora muito à sua vontade: veyo pera casa contentissimo; referio a hum Irmaõ, como tinha visto a Senhora na sua procissaõ: como este gracejando o notasse de curioso: acodio o Irmaõ Cruz dizendo: Carissimo, eu naõ tenho culpa, eu o pedi à Senhora, & ella mo concedeo.

20 Nos ultimos mezes de sua vida como prevendo a merce, que Deos lhe queria fazer de o levar pera si, se entregou mais a Deos: a sua ordinaria assistencia era na Igreja diante do Sanctissimo, & da Senhora. Sendo esta a vida deste virtuoso Irmaõ, foi Deos servido, darlhe huma trabalhosa doença de sangue, pera que elle tivesse, mais que mere-

merecer, & fosse mais provada,& conhecida a sua virtude. Em tudo foi singular a conformidade com a vontade de Deos, levando todas as molestias com grande paciencia, quando os que o visitavaõ, lhe perguntavaõ, como estava, respondia: Estou bem: que assim respondem, os que sò regulaõ as suas indisposiçoens pella vontade divina tendo por bem, o que ella quer, & ordena. Sentia grande fastio, & aversaõ às cousas da botica, mas porque sabia ser vontade do enfermeiro, que as tomasse, se esforçava, & vencia, quanto estava na sua maõ.

21 Era taõ affavel, & agradecido a todos, que daqui nacia, gostarem todos de lhe assistir: em quanto viveo, naõ ouve, quem delle, se pudesse queixar: a dous Irmaõs, que sem fundamento se deraõ por agravados delle em cousas de nonada, por duas, ou tres vezes lhes pedio perdaõ, de os ter offendido.

22 Na segunda feira da somana, em que morreo, se tratou com os Medicos, visto senaõ despedir a febre, se seria bem avizalo, pera morrer; julgaraõ,que bastaria comũgar ao sabbado, por ser dia do nosso Sancto Patriarca, & comungarem entaõ os Irmaõs: deste parecer foraõ os Medicos; mas naõ o enfermo; aquem, quanto ao que parece, tinha Deos significado, quando o havia de levar pera si. Mandou chamar ao P. Reytor, aquẽ disse: Padre amim me chama nosso Sancto Padre, querome confessar, & aparelhar, pera hir ver a sua festa na gloria.

23 Muito se consolaraõ, os que ouviraõ, & o Padre Reytor lhe disse; que escolhesse o Confessor, que quizesse; ao que acodio o Irmaõ: venha o ordinario: com este se cõfessou, & comungou na quarta feira per modum viatici. Depois de comungar lhe perguntou hum Irmaõ, como estava, respondeo, que muito fraco: falloulhe o Irmaõ, do Senhor, que recebera: acodio logo com grande esperteza, engrãdecendo a merce, que lhe fizera,& mostrando singulares affectos a este divino Sacramento. Na quinta feira pedio a Sancta Unçaõ, que se lhe deu ao principio da noyte. Fazia muitos colloquios ao Senhor crucificado: duas vezes tendo-o na maõ lhe disse: Ah Senhor bem sabeis vòs, que sempre vos dezejei servir de todo o meu coraçaõ. Assistiraõ muitos Padres, & Irmaõs athe tangerem, a se recolher a communidade; entaõ se despediraõ delle com gran-

des saudades, & elle de todos com as mesmas; agradecendo as caridades, que com elle tinhaõ usado: a hum Padre, que lhe alimpava o suor do rosto, em agradecimento prometeo grandes lembranças diante de Deos, de quem esperava gozar sedo.

24 Ficaraõ sò com elle hum Padre, & hum Irmaõ, como se costuma entre nòs, quando o doente corre perigo: com elles, em quanto pode, fez muitos colloquios: deyxaraõ-no hum pouco, pera que tomasse algum repouso, mas este foi, fallar com a Senhora, & repetirlhe o seu Cantico: como pella fraqueza, lhe esquecesse hum versiculo, chamou ao Irmaõ, pera que lho dissesse. As duas horas da noyte disse ao Padre, que se queria confessar, a cousa era taõ meuda, que naõ havia materia de absolvissaõ. Pellas tres horas mandou chamar ao Padre Reytor aquem disse: ser tempo de sua Reverencia lhe dar a bençaõ, & licença pera morrer, que era a ultima consolaçaõ, que queria pera deixar esta vida: repugnou o Padre Reytor; mas o sancto Irmaõ instou tanto, que elle lha ouve de dar, pera quando Deos fosse servido, de o levar pera si. Ficou com a bençaõ do Padre Reytor muito consolado, & quieto athe pella menhãa, em que muitos Padres, & Irmaõs o vieraõ visitar: perseverou na mesma tranquillidade athe as sete horas, & hum quarto da menhãa, em que entregou sua ditosa alma nas maõs de seu Creador vespora de Sancto Ignacio, cuja festa tanto dezejara hir celebrar no Ceo, assim o conseguio. Foi seu corpo posto na capella: os Padres, & Irmaõs o visitaraõ, & lhe beijaraõ os pés, em sinal do grãde conceyto, que tinhaõ de sua virtude. Sepultaraõ-no na Igreja em a capella de Sancto Antonio da parte direita. Morreo como fica dito vespora de Sancto Ignacio aos 30. de Julho de 1632. tendo da Companhia sinco annos, & sinco mezes. A vida deste Sancto Irmaõ devemos a huma carta, que escreveo do Collegio de Evora, em que morreo, ao Padre Diogo Monteyro Provincial, em que se refere, o que aqui fica escrito de sua vida, & sancta morte.

C A-

CAPITULO XV.

Vida do Sancto Irmaõ Domingos da Cunha.

Em Lisboa 11. de Mayo de 1644.

De sua patria, primeiros annos, & Arte, que aprendeo.

1 A Vida do sancto Irmaõ Domingos da Cunha escreveo elle mesmo por ordem apertada de seu Superior o Padre Bernardino de Saõ-Payo, o qual governando a casa do Noviciado de Lisboa, & sendo Confessor deste servo de Deos, como quem tinha tantas noticias das cousas de espirito, julgou, que naõ era bem ficassem em esquecimento as grandes mercês, que Deos fazia a este seu servo, por lho merecerem suas virtudes. Por tanto lhe ordenou, escrevesse, o que de si soubesse, & lhe lembrasse. Pareceolhe a obediencia rigorosa, como as deste genero o costumaõ ser, aos humildes de corassaõ: mas recorrendo a Deos, brevemente mudou de parecer: explicando o seu sentimento espiritual com a parabola da ovelha perdida, aquẽ o divino Pastor tomando sobre seus hombros, meteo no caminho, fazendolhe mais mimos, que às outras ovelhas; que lhos mereciaõ mais: por tanto que seria nella desatino, vangloriarse das mercês, que Deos lhe fizera; antes contãdoas tinha motivo, pera se humilhar, considerando as suas ingratidoens à vista dos beneficios de Deos: & que nisso se havia alguma gloria, toda era da misericordia do Pastor, & nenhuma da ovelha desgarrada; aquem sobejavaõ rezoens pera a confusaõ: pello que assentando consigo o erro, em que estava de ser cõtra a humildade, apontou o que passara, & passava em sua alma, que saõ cousas taõ subidas na vida espiritual, quais se contaõ das almas, que mais se unem a Deos.

2 Naceo este servo de Deos em Lisboa: seus pays se chamaraõ Gregorio Antunes, & Margarida Pereyra, gente ordinaria, mas de bom viver. Aos tres annos de idade lhe sobreveyo huma doença mortal, de que esteve deplorado: valeose sua may do patrocinio da Senhora, por cuja intercessaõ alcançou vida pera seu filho: tambem de outros perigos, que teve na saude, conta elle, o livrara Deos pellas

oraçõ

oraçoens de ſua may. Obrigado deſtes favores da Senhora, jejuava em ſeu obſequio todos os ſabbados, & lhe reſava a ſua coroa, viſitando tambem frequentemente ſeus altares: porem com o crecer da idade ſe foi esfriando neſtas devaçoens; ainda, que como elle diz, tinha alguns arremeços, ou impulſos de proſeguir nas couſas de virtude, eſtes lhe paſſavaõ brevemente, ſeguindo as inclinaçoens da natureza, que tanto dominaõ em todos, & mais nos moços.

3 Gaſtou algũ tempo em eſtudar latim, & ſoube mais q̃ grãmatica: porẽ vẽdo os pays, q̃ o natural o levava mais à arte da pintura, que ao eſtudo das letras; deyxadas eſtas, lhe buſcaraõ Meſtre; & ſabendo ja algum pouco da faculdade, dis Jorge Cardozo no ſeu Agiologio, que paſſou a Madrid, & que alli com Eugenio Cajez Pintor del-Rey Philippe ſegundo, aprendera os primores da arte; obſervando tambem as obras de outros bons pintores, que entaõ naõ faltavaõ em Madrid, corte naquelles tempos de toda Heſpanha, por eſtar eſte Reyno ſogeito entaõ a Caſtella.

4 Voltou a ſua patria taõ aproveitado, que em Liſboa foi naquelle tempo o Pintor de melhor nome, bem conhecido pello de Cabrinha, que eſte lhe grangearaõ ſuas feiçoens. Como os eſpiritos eraõ grandes, ſabendo tanto daquella arte, ainda queria ſaber mais, teve penſamentos de diſcorrer por toda Europa, pera communicar com os pintores mais famoſos della. Deſte penſamento o deſviaraõ ſeus amigos, que pois grangeava tanto em Liſboa, & tinha tam bom nome, naõ quizeſſe andar por terras eſtranhas, expoſto aos incõmodos, q̃ conſigo trazẽ eſtas peregrinaçoẽs.

5 Accõmodouſe com o ſeu conſelho; porque os lucros eraõ ja quantos elle poderia eſperar depois deſſas peregrinaçoens. Eraõ ſuas obras mui buſcadas por ſingulares, cõ eſpecialidade os retratos, que os fazia mui naturais. Deſte genero de pinturas, em que teve grandes lucros, teve grãde pezar nos tempos adiante o Irmaõ Cunha; porque nem os exemplares ſe viaõ, nem as copias ſe tiravaõ ſem grandes detrimentos de ſua alma. Naõ havia fidalgo, que naõ procuraſſe ter nas ſuas ſalas, & galarias pinturas da ſua maõ.

6 Quem mais eſtimaçaõ fez dellas, foraõ os Illuſtriſſimos Senhores Dom Franciſco de Caſtro Inquiſidor Geral, & Dom Manoel da Cunha Capellaõ môr, o Conde Camareiro môr, & outros Senhores grandes, a cujo dezejo

naõ

naõ podendo ſatisfazer de todo ſendo ſecular, julgou a Companhia, ſatisfizeſſe depois de entrar nella. Pera que de huma vez, fique ditto, tudo o que toca a eſta materia, porque foi nella inſigne, bem moſtraõ, quem nella foſſe, as pinturas do Noviciado de Lisboa, em que ha mais de ſincoenta payneis da ſua maõ, a vida de Sancto Ignacio, a do Sancto Xavier, a da Senhora, os payneis da Igreja, & os da clauſtra.

7 Elle nos ultimos annos tirou muito ao natural o retrato del-Rey Dom Joaõ o quarto, condeſcendendo niſſo o meſmo Senhor, por lhe dizer o Arcebiſpo de Lisboa Dom Rodrigo da Cunha, que ninguem o podia copiar mais ao vivo, que o ſancto Irmaõ Domingos da Cunha da Companhia. Quando ſe fazia eſta obra, moſtrou em tudo grande benevolencia ſua Mageſtade, entermetendo o Irmaõ muitas couſas de Deos, como quem eſtava ſempre com o penſamento nelle. Como el-Rey era mui fogoſo, & contra o ſeu genio dar lugar a todas as moroſidades, que demandava a pintura; hum fidalgo pello entreter, começou por galantaria a dizer naõ ſei, que couſas picantes da Companhia: o Sancto Irmaõ ſe começou a confranger doendoſe pello, que tocava a ſua May: vendo iſto el-Rey, diſſe ao titular: deyxai os Padres, naõ deis pena ao Pintor. O retrato ſe fez, & retocado, ſahio quanto ſe podia dezejar.

8 Huma das celebres pinturas, que fez eſtando ainda no mundo, foi huma do glorioſo Saõ Franciſco de Aſſis: em occaſiaõ de concurſo ſahio eſta entre outras; mas taõ devota, & com tanta viveza, que ſobre todas realçava: deu com os olhos nella hum mancebo corioſo, deteveſe, obſervando ſuas feiçoens, que todas eſpiravaõ, o que era: tocãdolhe Deos, à viſta da pintura, o coraçaõ com o deſengano deſtas couſas, que nos enlevaõ; & ferido de hum ardẽte dezejo de fazer penitencia de ſuas culpas à imitaçaõ do Sancto penitente, que tinha diante de ſeus olhos, ſe retirou dalli com firme propoſito de ſer Religioſo de Saõ Franciſco, em effeito o foi; fazendo em ſua alma aquella pintura muda, o que obraria a vòz do mais Apoſtolico prégador.

9 O outro ſucceſſo he bem celebre nas noſſas hiſtorias, & naõ eſteve ſem prodigio. Apparecera o Sancto Xavier em traje de peregrino, como vaõ a Santiago de Galiza, ao noſſo

nosso Padre Marcello Mastrilli em Napoles, & estando pera morrer lhe deu a vida prodigiosamente; com as circunstancias, que naõ ha porque referir, & todas foraõ prodigios. Dezejava sobremaneira o Padre Marcello, ter hũa imagem do Sancto Xavier, que fosse vera effigie, & o representasse com as feiçoens, que elle o vira; & tinha na sua idea: pera este effeito meteraõ muitos pintores, & dos mais insignes em Europa, a maõ aos seus pinceis, & pellas direcçoens do Padre Marcello, investiraõ com a obra; sem nunca sahir, como elle a tinha impressa dentro de si. Estando em Lisboa de caminho pera a India: sabendo esta sua desconsolaçaõ o Padre Simaõ Alvres Reytor do Noviciado, o convidou, pera seu hospede alguns dias, com esperança de que por ventura o Irmaõ Cunha satisfaria a suas ansias. Aceitou o Padre Marcello, passou pera o Noviciado, & em huma noyte se meteo com o Pintor na sua officina, & lhe deu as noticias das feiçoens do Sancto: começou o Irmaõ a pintar a imagem, & o Padre Marcello a dar as advertencias necessarias: depois de muita lida, ainda que a pintura estava boa, naõ dizia com o exemplar; por isso desenganado da obra, se recolheo, ficando sò o Irmaõ Cunha, retocandoa com grande applicaçaõ. Depois de a ter, qual elle a queria: se foi com ella ao Padre Marcello, o qual pondo nella os olhos, com hum estranho alvoroço, & como quem achava, o que procurara com tantas veras: disse em Castelhano: *Este es mi Sancto*: naõ cabia em si de alegria, parecendolhe, que outra vez o tinha vivo diante de seus olhos.

10 Esta he aquella celeberrima pintura, por meyo da qual Deos obrou tantos milagres, como se referem na vida do Sancto Padre Marcello: esta foi, a que sempre o acõpanhou athe dentro de Japaõ; & lâ ficou nas maõs dos Governadores. Pera consolaçaõ da casa do Noviciado, fez outra o Irmaõ Cunha, aqual hoje se vé pendente no topo da escada do Noviciado junto ao relogio: sempre foi estimada, como merece; por ella se tem pintado outras muitas. Todos a tem por imagem, que representa ao vivo ao Sancto Xavier, naquelle habito, & feiçoens, com que o vio o Sancto Padre Marcello. Geralmente todas as pinturas daquella sancta casa merecem singular estimaçaõ; naõ sò pello primor, com que estaõ obradas, que este sendo grande he o menos, quanto por serem reliquias de homem taõ

san-

ſancto, que he o mais. Com iſto tornemos a Domingos da Cunha, antes de entrar na Companhia.

CAPITULO XVI.

De ſua vida deſordenada, & como ſe converteo a Deos?

1 ERaõ grandes os lucros, que na ſua Arte tinha Domingos da Cunha; pagavaſe das ſuas obras, como ellas mereciaõ; naõ reparando os compradores em dinheiro, porque como eraõ, dos que tem muito, sò tratavaõ de que a obra foſſe, como a queriaõ; ſendo tambem parte do primor della o muito dinheiro, que cuſtava. Por tanto naõ sò ſuſtentava a ſua caſa cõ largueza, era ja neſte tẽpo morto ſeu pay, mas elle ſe trajava com a grandeza, que o fizera hũ morgado de groſſas rendas; pera tudo, & pera mais rendiaõ os ſeus pinceis.

2 A may, que era virtuoſa, com ſeus ſanctos aviſos tinha maõ nelle, quanto podia: ainda que lhe naõ era poſſivel, desvialo de ſeus deſacertos em tudo; porq̃ a idade, & o dinheiro o levavaõ, pera onde coſtumaõ, & elle ſe deixava hir: tudo nelle era vaidade, deſprezandoſe ja de tratar com os da ſua igualha, tendoſe por mais que elles, porque naõ tinhaõ tanto, com que andar tambem luzidos, & tratados. Com tudo entre ſeus vicios conſervou ſempre huma boa inclinaçaõ de fazer bem aos pobres da vizinhança, nenhum o convidava por ſeu cõpadre, que elle o naõ foſſe de boa vontade.

3 Veſpora de todos os Sanctos eſtando elle em huma quinta, concorreraõ os afilhados a pedirlhe paõ por Deos: foi dando a cada hum ſeu toſtaõ: vendo-o taõ liberal hum Sacerdote, que alli aſſiſtia, lhe diſſe por graça: Bem folgara eu agora meu Senhor Domingos da Cunha ſer afilhado de voſſa merce, pera levar meu paõ por Deos: aqui reſpõdeo Domingos da Cunha: Padre eu lhe dou de paõ por Deos, o q̃ me deve: & eraõ dez cruzados do reſto de certas couſas. Deſtes lanços de liberalidade no ſeu trato, & de caridade nas occaſioens tinha muitos eſte primoroſo pintor. Toda a pobreza do bayrro recebeo delle eſpeciais caridades; era alli taõ conhecido eſte ſeu bem fazer, & de-

pois ſentiaõ tanto ſua falta, que quando perguntavaõ por elle a algum Religioſo do Noviciado, lhe chamavaõ; o pay dos pobres. Dava ſua boa may muitas eſmolas, & como outra Sancta Monica, rogava a Deos pella emmenda, & melhoras da vida de ſeu filho. Ainda que em quanto viveo, naõ ouve nelle a emmenda, que pedia a Deos, lâ do Ceo ſem duvida a veria com grande goſto ſeu: morreo sãctamente, ficando ſeu filho sò, & mais à vontade, pella naõ ter ja por fiſcal dos ſeus deſconcertos. Nove annos depois de morrer ſua may, viveo Domingos da Cunha, uſando mal de ſi, & do ſeu dinheiro; como ſe ſe perſuadiſſe, que a ſaude, & bens, que Deos lhe dava, eraõ, como elle meſmo ſe chora, pera os gaſtar em offenſas ſuas.

4 Vivendo neſtes deſcuidos; veſtio o amor Divino calidades de rayo, mas innocente (ſaõ modos com que ſe explica) & inveſtio a mais acaſtellada dureza de ſeu coraçaõ, athe que a rendeo. Quando mais enlodado andava em ſeus vicios, lhe picava a conſciencia: occorrendolhe humas vezes a eternidade, outras a ira de Deos: mas os maos habitos, que eraõ muitos, & fortes, o arraſtavaõ; & elle, como fazem os mais peccadores, guardava a penitencia lá pera os tempos futuros, como ſe os tiveſſe nas ſuas maõs. Hum dos fortes toques, que teve, foi a morte deſeſtrada de hum ſeu grande amigo de tais coſtumes, como os ſeus. Pella ruina alhea começou a cavar mais no ſeu perigo, por andar elle em occaſioens, como aquellas, em que ſeu amigo perdera a vida do corpo, com ſinais, de que tambẽ perdera a da alma: com eſte xarope (como elle diz) começou Deos a abalar ſeus mal acompleixionados humores.

5 Acreceraõ a eſtas affliçoens do animo os achaques, que ſobrevieraõ ao corpo: os quais lhe quebraraõ muito ſeus brios, naõ o deyxando empregar como antes, em ſeus deſvarios. Deulhe hum accidente, com o qual deu tudo por acabado; mandou chamar Confeſſor; o aparelho era qual coſtuma ſer a matelotagem, de quem eſtâ com o pé na prancha pera ſe embarcar. Veyo o Cura, & depois de lhe afear ſeus peccados, ſe foi, ſem querer darlhe a abſolviſſaõ: naõ deviaõ as letras de ſer muitas: ou permittio Deos eſta inſenſaboria, pera Domingos da Cunha ver mais ſeu miſerando eſtado. Chegou a pontos o mal, que os Medicos deſconfiaraõ de ſua vida, & diſſeraõ, que no ſe-

guinte

guinte desmayo sem duvida morreria. Foi Deos servido, que lhe naõ repetisse; porque certamente o levaria sem cõfissaõ; nem elle depois do desabrimento do Cura se cansou mais em a procurar. Considerando nos annos depois, que teve mais de Deos, neste seu letargo; lhe parecia ouvir ao mesmo Deos, que lhe dizia: se te quizera lançar no Inferno, naõ tinha mais, que deyxarte morrer: com a qual vos interior, se reconhecia todo obrigado à servir, & a amar a taõ bom Deos.

6 Levantouse da doença, mas naõ dos vicios; porque se tornou a elles; bem verdade he, que ja com menos fervor, do que antes o fazia. Tornou a cahir doente, & naõ sem sobresalto de que a doença era castigo do mal, que agradecera a Deos a saude, que lhe dera. Veyo a sua casa, naõ sei porque occasiaõ hum Medico estrangeiro, deulhe Domingos da Cunha conta do seu mal: o Medico lhe disse; que o remedio era viver bem. Com esta boa receita se foi a Sancta Engracia, aonde estava exposto o Senhor, por causa do rapto sacrilego do Sanctissimo: alli esteve por largo tempo em oraçaõ considerando em si, & no desemparo, a que tinha chegado; cortavaselhe a alma de dor; os temores da justiça divina o penetravaõ.

7 Com estes Sanctos temores, naõ se atrevendo a esperar mais, se foi ja sobre-noyte a hum mosteiro de Capuchos, & tangendo à portaria pedio hum Confessor: sabendo o porteiro, que o Confessor era, pera quem o pedia, reparando na novidade, & que naõ havia perigo na demora, o mandou vir no dia seguinte. Os temores eraõ tais, que se voltou pera casa entre elles com grãde desconsolaçaõ. Logo se começou a fazer prestes, pera no dia seguinte se confessar de todos os peccados: pera os ter mais prezentes, fez delles seus apontamentos. Foi cousa notavel, que assim como os hia escrevendo, hiaõ amaynando aquelles grandes temores; acompanhava esta escriptura com muitos suspiros, & lagrimas, nacidas da dor, que o atravessava.

8 No dia seguinte se foi ao mesmo Convento; pedio, & se lhe deu Confessor: o qual depois de o ouvir, fiando pouco de seus propositos, o reprehendeo de sua mâ vida, & lhe dilatou a absolvissaõ. Recolheose pera casa taõ desconsolado, quanto se naõ pode explicar; aceitando esta segunda repulsa por castigo de suas culpas.

9 Finalmente ſe foi à noſſa caſa profeſſa de S. Roque: pedio Confeſſor, & lhe derão hum Padre eſtrangeiro, que alli aſſiſtia: o qual com muita paciencia lhe ouvio, quanto trazia apontado no ſeu papel; & depois o animou, & conſolou; & ſem lhe dar penitencia mais que a do ſofrimento dos ſeus achaques, o deſpedio; & mandou comungar: ficou com eſta confiſſaõ taõ deſabafado, quanto o fica o naufragante, quando ſe acha em porto ſeguro, livre das ondas, & tempeſtades, com que andou lutando no meyo do ſeu naufragio.

CAPITULO XVII.

Do mais que paſſou por Domingos da Cunha, athe fazer voto de entrar na Companhia.

1 ANdava ainda Domingos da Cunha como aſſombrado com os perigos da tormenta, em que ſe vira, & de que eſtava ja fora por mercê de Deos. Pera ſe livrar de todo deſte ſuſto, ſe valeo da Virgem ſenhora, de quem ſempre recebeo grandes favores. Dizia elle de ſi a eſta May dos miſeraveis mil queyxas, do modo, & termos, com que ſe tinha havido com ſeu Sanctiſſimo filho. Confiado em taõ boa May, determinou por ſeu meyo, fazer a Deos huma petiſſaõ, & metela nas maons de huma imagẽ da Senhora: toda ella ſe reſumia, em pedir a Deos por meyo de ſua May, perdaõ de peccados, & vida sò pera fazer delles penitencia, porque temia acabar, ſem ter ſatisfeito a Deos.

2 Tomou pena, & tinta, & comeſſou a eſcrever a ſua petiſſaõ. Confeſſa, que ſem cuidar, lhe vinhaõ à pena as palavras tanto pera o intento, quanto as naõ pudera dezejar mais proporcionadas, allegando pera o bom deſpacho os merecimentos de Chriſto. Feita a petiſſaõ, quaſi de entre maõs lhe deſapareceo, & ſe ſumio de maneira, que nũca ja mais a pode deſcobrir, por mais voltas que deu a quãto havia em caſa; por mais inquiriçoens que fez, dos que trabalhavaõ na ſua officina: athe que aſſentou conſigo, q̃ a Senhora ſe anticipara, em lhe levar de caſa a petiſſaõ: foraõ prendas deſte ſeu diſcurſo, & como indicios; huma

paz

paz interior, em que sua alma se achou; tanto mais digna de reparo, quanto era menos esperada entre os muitos temores, com que athe aquelle ponto vivera. Ficou com notavel segurança, de q̃ Deos por sua infinita bondade lhe tinha perdoado suas culpas.

3 Cessaraõ as affliçoens do animo; & se augmentaraõ, ou foraõ por diante os achaques do corpo, que elle ja aceitava como mercês da maõ de Deos. Veyo o seu Medico estrangeiro, receitoulhe huma pouca de rosa de Alexandria; com este medicamento se desinquietaraõ tanto os humores, que levantandose à cabessa, lhe causaraõ nella terriveis dores; & à lem destas, humas securas intoleraveis: pera as mitigar, pedio hum trago de cordeal: o servinte por engano lhe deu hum oleo conficionado com outros materiais, & por extremo amargozo; o Autor do Agiologio, dis que era oleo de copaiba: fosse, o que fosse, o trago era trabalhozo: em o doente o tocando, conheceo o erro, mas lẽbrado do fel, que Christo bebera na Cruz, tomou elle em honra do de Christo o seu trago de oleo.

4 No dia seguinte se levantou, algum tanto alliviado das molestias prezentes. Mas sobreveyolhe tal fogo nas entranhas, que lhe parecia, ter nellas brazas acezas, que o consumiaõ: foi taõ intenso este fogo, que se persuadio o viria a acabar: entre estas ansias lhe vinhaõ grandes dezejos de fazer penitencia de suas culpas à imitaçaõ dos Padres do ermo: consolavase muito tomando nas maõs as suas imagens, & estampas, das quais tinha muitas por rezaõ do officio. Quando escreveo suas cousas, dis este sancto Irmaõ, que se admirava muito, de que pudesse tal alivio compadecerse com suas dores, mas que obras de Deos sò elle as entende.

5 Cessou o fogo, que consumia o corpo. Sentia em si grande pena de ter offendido a Deos. Nos primeiros quinze dias, quasi nunca cessaraõ as lagrimas; & depois por alguns mezes interpoladamente lhe vinhaõ taõ fortes impetos de chorar nacidos de sua grande contriçaõ, que naõ sahia de casa, por naõ estar na sua maõ reprimilos, quando lhe vinhaõ. Logo naceraõ em sua alma muitos, & grandes dezejos de saber a vida de Christo, & o que por nosso amor obrara nesta vida. Nesta occasiaõ trouxe Deos a sua casa certo homẽ nobre, que vivia fora de Lisboa, cujas casas tinhaõ

nhaõ comunicaſſaõ pera hum convento de Capuchos; & elle com toda a ſua familia, que todos os oito dias comungava, viviaõ como reformados Religioſos; com eſte ſe deſcobrio Domingos da Cunha: elle q̃ tinha muito de Deos, lhe inculcou o exercicio da oraſſaõ mental, dizendolhe as utilidades, que della reſultavaõ; com que accendeo em ſeu coraſſaõ dezejos de a ter. Como lhe faltaſſe pera iſſo inſtruçaõ, o meſmo homem lhe trouxe hum livro, intitulado *Motivos eſpirituais* cujo metodo ſeguio na ſua oraçaõ mẽtal, que dalli por diante comeſſou a ter.

6 Sentiaſe com novos alentos. Como entrava com tantos fervores na via eſpiritual; tratou de buſcar livros eſpirituais, em que aprendeſſe a unirſe de todo com Deos. Havendo de hir à tenda de algum livreiro, foi à de hum, q̃ ſe chamava Diogo Jorge, homem tanto de Deos, que na oraſſaõ mental gaſtava muitas horas: comeſſou a praticar com Domingos da Cunha das miſerias deſta vida, & pouquidades della; dizendo muitas couſas, & mui ſanctas a eſte propoſito, que confirmavaõ mais no ſeu a Domingos da Cunha: dos livros lhe inculcou alguns, & entre elles a vida de Sancta Thereſa, que ella meſma eſcreveo; a eſta Sancta confeſſa o Irmaõ dever muito, pello muito que ſuas obras o encaminharaõ.

7 Sobre tudo lhe diſſe o livreiro, que buſcaſſe Padre eſpiritual, que o dirigiſſe nas ſuas perplexidades, & por quẽ ſe regeſſe na vida, que emprendia, por ſe naõ expor a errar. Eſcolheo logo a hum Religioſo do Carmo, homem de opiniaõ de virtude, cujo nome o Irmaõ naõ dis. Neſte tempo o ſeu penſamento principal era, que eſtado tomaria mais a propoſito, pera ſe unir todo com Deos. Contentavalhe muito a vida ſolitaria: com eſta ſancta lida ſe foi comungar à Igreja de S. Domingos, & depois de receber o Senhor, ſe retirou a darlhe as graças defronte do altar do Sancto Crucifixo, em cujo lado todos os dias eſtâ expoſto o Sanctiſſimo Sacramento. Alli conſultou com o Senhor ſeus intentos; o qual lhe deu huma inſpiraçaõ de que foſſe Religioſo: foi ella taõ efficaz, que totalmente mudou a inclinaçaõ, que tinha à vida ſolitaria: dis o Sancto Irmaõ, que foi com tanta luz, que lhe parecia naõ haver, mais que querer, nem que dezejar.

8 Como a inſpiraçaõ sò era de ſer Religioſo, & naõ q̃ Reli-

Religiaõ escolheria: pedio ao Senhor, que ou por si, ou por outrem lhe descobrisse nesta materia sua sancta vontade: despediose do Senhor, & sahindo da Igreja, se encontrou com o livreiro Diogo Jorge; a quem perguntou, que Religiaõ lhe parecia melhor? Este lhe respondeo, que a Companhia, ajuntando as razoens, que tinha pera isso. Entendeo Domingos da Cunha, que pella boca daquelle homẽ lhe explicava Deos sua vontade. Chegando a casa posto de joelhos diante de hum Crucifixo fez voto de entrar na Companhia.

CAPITULO XVIII.

De sua oraçaõ, & prezença de Deos.

1 NEste tempo ainda o affligiaõ aquellas molestias da saude, & agastamentos do coraçaõ; com que se persuadia, que nunca seu corpo teria saude, & forças, pera se sacrificar a Deos na Religiaõ; que ja entaõ senaõ queria a si, senaõ todo pera o serviço Divino. Instou huma, & muitas vezes pedindo a Deos saude corporal, pera o servir: athe que o Senhor lhe disse interiormente, que havia de ter saude: foi isto com huma clareza, & certeza taõ grande acompanhada de taõ excessiva consolassaõ; que naõ lhe cabendo no peito, sahio em vozes exteriores, dizendose a si mesmo: Has de ter saude, & vida: Has de ter saude, & vida. Correspondeo o effeito a esta illustraçaõ, que foi principio de outras grandes mercês de Deos.

2 Recolhiase em sua casa; a maior parte das suas occupaçoens era liçaõ espiritual, & meditaçaõ. Como se abafasse este sancto fogo dentro de casa: pera mais respirar, sahia aos campos, aonde contemplando as boninas, & flores, que nelles havia, a frescura das arvores, o doce murmurar das fontes, o engraçado das nuvens, quando ao sahir do sol se vem douradas com seus rayos, ou com os seus resplãdores como bordadas de carmesi (assim explica seu doce enleo este Sancto Irmaõ) lhe parecia, quando estas cousas considerava, estar em huma gloria, de que ellas eraõ vivo treslado. Ajudava muito a estas sanctas contemplaçoẽs a sua arte da pintura, com que elle nas creaturas idea-

va hum

va hum Ceo, em que Deos aſſiſtia; & onde ſe lhe comunicava a elle, com tanta abundancia de conſolaçoens, quantas nem pode dizer a lingua, nem a penna deſcrever.

3 Daqui voltava ſobre ſi, & ſobre as ingratidoens, q̃ tinha uſado com ſeu Deos; os quais ſentimentos, que eraõ grandes, com nenhumas palavras, milhor que com as ſuas ſe explicaõ: Ay de mim (dizia) que naõ poſſo pagar a meu Deos, como devo! Ay, que naõ poſſo ſer agradecido, a quem tantos beneficios, & mercês me tem feito. Ay de mim, que devo tanto, & naõ pago nada! quem me dera, que as entranhas, & coraſſaõ ſe dilira em amor: quem me dera, que qnantas horas, & momentos tenho vivido, ſe tornaſſem em vida, pera que todos ſe acabaſſem em puro amor de meu Deos. E ſe amor ſe ha de pagar com amor; tomara, que o meſmo amor foſſe cutelo agudo, que continuamente me cortaſſe, & atormentaſſe; ou ſeta farpada, q̃ me raſgaſſe o coraſſaõ, & com elle voaſſe levando atras de ſi o eſpirito a ſeu centro, que he o meu Creador, & fogo infinito de caridade, aonde ardendo ſe derretera, & tranſformara em o meſmo fogo de amor, pera que entaõ pudeſſe pagar em parte, & ſatisfazer a meu dezejo. Neſta forma dizia muitas couſas a Deos dezejando ter em ſi o fogo, que ja tinha. Muitos tempos lhe ſerviraõ de purgatorio eſtas anſias, que às vezes eraõ taõ grandes, que quizera dar grittos, & desfazerſe de ſentimentos; mas nellas ſentia inexplicaveis conſolaçoens, com que Deos, quando as dà, as coſtuma adubar.

4 Cõtinuava em ſua oraçaõ, na qual Deos o hia unindo mais a ſi: a primeira vez em que Deos, quaſi ſenſivelmente o viſitou na oraçaõ; foi meditãdo no paço de Chriſto com a Cruz às coſtas, em que ſentio tantas ternuras, q̃ elle ſe eſtranhava a ſi meſmo. Parecialhe (pera que nos expliquemos com as ſuas palavras, que tudo pintaõ, como era) que alli paſſava por elle, o que ſuccede, aquem eſtâ às eſcuras em algum apoſento retirado, & outro com pés de lãa paſſa por junto delle tocandolhe os veſtidos levemẽte: nem mais, nem menos (diz o Sancto Irmaõ, que lhe aconteceo neſte caſo) porque ſentia aquelle vulto de Chriſto junto de ſi, & que com ſuas ſagradas roupas o tocava no corpo, & banhava na alma com ſuavidade ſuperior, gerãdo em ſeu coraſſaõ huns taõ ſentidos affectos, como tal caſo os pedia. caſo

5 Seguiraõse a este dia, que valeo por muitos, dez mezes continuos com tanta prosperidade na orassaõ, que nem hum sò dia se lhe retirou o Senhor, antes o tratava como aos seus amigos. Passados os primeiros dous mezes, em q̃ o discurso ajudava à vontade: parou o entendimento; & o mesmo era entrar na orassaõ, que a vontade se enlevar toda em Deos com huma sagrada suspensaõ; sem a desinquietar o minimo divertimento: tanto assim, que fallando diante de Domingos da Cunha alguns homens espirituais da orassaõ, & das vagueaçoens, ou pensamentos importunos, que nella sentiaõ; se maravilhava muito Domingos da Cunha, como pudesse ser, que quem entrava em oraçaõ tivesse pẽsamentos de outra cousa mais que de Deos. Cuidando, erã nos outros, como experimentava em si.

6 Duas horas determinou pera este sancto exercicio, huma de menhãa, outra de tarde. Estava taõ transportado, que muitas vezes sahia em acçoens desuzadas, com que desabafava seu espirito. Aonde sua alma sentia maiores gostos, era diante do Christo de Saõ Domingos, em cujo lado, como dissemos, està todos os dias exposto o Senhor Sacramentado: alli lhe parecia, que todo se transformava em Christo Crucificado, & isso com gosto inexplicavel.

7 Da orassaõ sahia taõ penetrado de Deos, q̃ naõ havia cousa fora della, que lhe naõ soubesse a Deos. Assim andava pellas ruas de Lisboa, como se passeara pellas do Ceo: no meyo dos trafegos, que nellas ha, trazia sempre a Deos prezente. Humas vezes hia por ellas com o Senhor, & seus Apostolos praticando entre si: outras, & eraõ as mais, seguia a Christo com a Cruz às costas pera o monte Calvario: aonde eraõ mais os apertoens da gente, fingia serem os da Rua da amargura; & por este modo hia sempre cõ Deos, porque em todas as cousas, & occasioens buscava, ou Deos o buscava a elle.

8 Por estes tempos, se confessava, & comungava todos os Domingos, & dias Sanctos, & outros dias, que o eraõ de Sanctos de sua particular devaçaõ, & eraõ muitos. Depois de comungar se sahia ao campo; alli mais desabafadamente, dava as graças a Deos por largo espaço de tempo. Recolhiase a sua casa, pera satisfazer às partes. Em qualquer desgosto, que tinha, que destes sempre os ha, sò com se lembrar, que havia de ter orassaõ, se alliviava.

CAPITULO XIX.

Do mais, que aconteceo a Domingos da Cunha, athe entrar na Companhia.

1 PEra fugir das occupaçoens, & se hir dispondo pera entrar na Companhia, se retirou a huma quinta fora de Lisboa, em que esteve quatro mezes, continuando nos seus exercicios de orassaõ, & Deos com as consolaçoens ordinarias. Quando navegava na maior bonança, permittio Deos, pera saber o pouco, que se devia fiar de si, que cahisse miseravelmente. Combateo o Demonio por meyo de huma occasiaõ, que estava na mesma quinta. Nos principios se ouve com alento, rebatendo os golpes do inimigo: mas como este o apertasse com a tentaçaõ, veyo lastimosamente a cahir, com escandalo, dos que souberaõ seu naufragio, & o tinhaõ por homem convertido a Deos.

2 Vendo sua disgraça, se tornou a Deos de corassaõ confessandose, & chorando seu peccado: & com hum acto, que elle dis foi de edificassaõ, ainda que naõ declara, qual fosse, resarcio o escandalo, que tinha dado, & remediou aquella pessoa, em cuja ruina se perdera. Depois de se levãtar, continuou com a sua costumada orassaõ, & Deos com as consolaçoens, como se tal cousa naõ ouvesse passado por Domingos da Cunha, & Deos se desse por desentendido: que destes lanços usa às vezes sua Divina misericordia, cõ aquelles, que tem em o numero de seus escolhidos. Naõ passou muito tempo, que Deos naõ mudasse de estillo; quãdo Domingos da Cunha cuidava, que o tinha mais prendado, com o seguinte acto, que fez de singular mortificassaõ. Metendose entre huma vinha a ter sua orassaõ, & pōdose de joelhos, comessou o Ceo a chover sobre elle suas consolaçoens: no mesmo ponto voaraõ pera elle bandos de mosquitos, em cachos se lhe puzeraõ, nos lagrimais dos olhos, & em todo o rosto, entrandolhe por narizes, ouvidos, & olhos, attanazando-o todo. Determinouse a sofrelos: pellos naõ desviar com o mover ainda das pastanas, esteve toda a hora com os olhos fitos; & immovel, como se fora estatua; levando este martyrio taõ penoso em descon-

to de

to de ſuas culpas. No fim da hora, que ſem duvida lhe parecia muitos annos, tomou huma diſciplina, como ſempre fazia no fim da oraſſaõ

3 Ficou taõ pago da victoria, que de ſi alcançou; que imaginava, que dalli por diante Deos ſe deſperdiçaria todo por elle, & creceriaõ as conſolaçoens do Ceo. Mas ſuccedeolhe ao contrario; porque Deos ſe retirou, & com eſta auzencia, ficou Domingos da Cunha a meſma ſecura: paſmado com a novidade, cuidava, que o fazerlhe Deos bom roſto depois da offenſa, naõ fora perdoarlhe a culpa, mas dilatarlhe o caſtigo. Comunicou eſta novidade a hum virtuoſo Sacerdote, de quem ſe ajudava em ſeu eſpirito, o qual depois foi tambem Religioſo da Companhia: eſte lhe diſſe: que tinha muitas graças, que dar a *D*eos, pois o começava ja a tratar como a ſeus amigos com aſpereza, que athe alli o tratara como a menino; pois a perfeiçaõ naõ conſiſtia em conſolaçoens, mas em exercició de virtudes. Com as palavras deſte Sacerdote ſe alentou mais, ficando de novo com huma liçaõ, que athe entaõ naõ ſoubera.

4 Como ſe vinha chegando o tempo de executar o ſeu voto de entrar na Companhia, o procurou deſviar o Demonio, trazendolhe à memoria o prato, que por tantos annos tinha feito a ſeus appetites, & como lhe franqueàra os caminhos, pera gozar delles: a boa paſſagem, que ſempre lhe fizera; & ainda queria, lhe deveſſe o eſcapar de alguns perigos do corpo, em que ſe dava por perdido. A eſtas rezoens interiores ajuntava ſinais exteriores, que o Irmaõ naõ dis, quais foſſem; sò paſſa com dizer, que eraõ ſinais de rayvozo: mas por outras informaçoens ſe ſoube; que depois de ſua converſaõ hum dia ſe aballaraõ, & tremeraõ cõ grande eſtrondo os cunhais da caſa, em que morava; levãtandoſe elle aſſuſtado com o terremoto, vio, que por ſima de hum quintal traſpunha huma ſombra disforme, que a perturbaçaõ naõ deyxou conhecer. Acrecentoulhe o ſobreſalto decer de ſeu meſmo ſobrado hum gatto negro de grandeza eſtranha, o qual cõ os olhos aſſanhados, & fitos nelle, berrava deſuſadamente, como ſe eſtivera entalado: tal mõſtro ja mais ſe tinha viſto naquella caſa; entre aquelle ſeu ſentimento deſapareceo.

5 Por outra parte lhe occorriaõ todas as rezoens, que nos homens ja crecidos (tinha neſte tempo trinta, & qua-

tro annos) coſtumaõ embaraçar reſoluçoẽs generoſas, qual era eſta ſua: aquelle deyxar os amigos; o ſer ſenhor de ſua vontade; a debilidade das forças pera o pezo, que tomava; o perigo de tornar a tras com deſcredito ſeu: o amolgarſe depois de homem a viver em o Noviciado entre meninos, como ſe fora hum delles; amortalhado em huma roupeta parda, o que todo era no traje luzimento: enterrar os primores da ſua arte, pella qual era taõ eſtimado: aturar as meudezas dos Padres da Companhia. Eſtas, & outras rezoens lhe propunhaõ, & eſprayavaõ os amigos com a Rhetorica, que o ſeu mundo lhes enſinara. De todas fez o caſo, que mereciaõ; porque os ſeus propoſitos naõ eraõ liviandades, como elles cuidavaõ: tudo o que lhe diziaõ, pera o esfriar, deu calor a ſeus intentos; porque julgava, que sò na Companhia lhe naõ permittiriaõ por inſtãcias nenhũas de peſſoas illuſtres, fazer aquelles retratos, que tanto detrimento tinhaõ dado a ſua conſciencia: dizialhes, que elle nada confiava em ſi, & tudo em Deos; poriſſo lhe naõ metiaõ medo as difficuldades, que lhe propunhaõ, que com Deos eraõ nada. Alem diſto feito prégador, lhes encarecia os perigos da vida, os temores da morte, o aſſombro da eternidade, de que elles, era bem viveſſem lembrados. Vendo elles a Domingos da Cunha taõ longe de tornar a tras, q̃ os queria converter, alcançaraõ, que os ſeus fervores eraõ mais que beatiſſes, como elles antes lhe chamavaõ, & ſe deſenganaraõ de concluir com elle couſa alguma.

6 Mas antes, que o metamos em o Noviciado, refiramos hum eſtranho ſonho, que neſte entermeyo paſſou por elle. Naõ queria ja Domingos da Cunha encarregarſe de obras, por naõ ſe embaraçar com ellas, mas naõ ſe podia ver livre: pera evitar importunaçoens, ſe recolheo ao paço do Inquiſidor Geral, pera lhe acabar huns quadros, q̃ ja tinha começado, & naõ queria o ditto Senhor, que entraſſe nelles outra maõ. Alli ſe fechou ſobre ſi, ficando mais expedito pera os ſeus exercicios eſpirituais, & tambem pera acabar a obra: por iſſo raras vezes hia dormir a ſua caſa.

7 Eis-que huma noyte eſtando dormindo, ſonha que huma vizinha ſua ja defuncta, & molher virtuoſa, o chamava com ſobreſalto, & avizava que foſſe a caſa, porque andavaõ nella ladroens, que o queriaõ roubar. A inſtancia

com

com que o persuadia a defuncta, o fez reparar no caso, & depois de acordado, no sonho, ainda que com pouco cuidado, porque alfim era sonho. Com tudo amanhecendo naõ se pode ter, que naõ fosse com hum seu discipulo a caza, pera ver se avia lâ alguma novidade: o coraçaõ, que naõ mente, lhe dizia, que fosse. Chegou à porta vio o ferrolho corrido, mas aberto: entra dentro; na segunda porta da escada achou hum cadeado, que se lhe lançara, ainda fechado, mas a porta fora do couce por huma banda com huma boca grande, por onde cabia largamente hum homem, & nella atravessado hum escrittorio: aqui se deu por roubado: chegouse ao escrittorio, & vio, que estava entalado entre a porta, & parede de maneira, que se naõ podia mover nem pera fora, nem pera dentro; aindaque de proposito o quizessem alli pregar por maõs de officiais, naõ ficaria taõ fixo. Foi o cazo pello, que depois se vio, que entraraõ os ladroens em caza pello couce da porta, & logo arremeteraõ ao escrittorio, aonde lhes pareceo tinhaõ, o que buscavaõ; pera forrar detença, & estrondo no abrir, & quebrar gavetas, o trouxeraõ em braços, athe o embocar na brecha; passandose todos pera a banda da escada, foraõ puxando por elle, pera o tirarem, & levarem consigo. Ou fosse pella preça, ou por Deos assim o dispor, pera acodir por seu servo, o escritorio entalou na forma, que dissemos; & a naõ ter sahido os hospedes diante da preza, sem duvida ficariaõ dentro, sem poder sahir pera fora.

8 Vendo elles, que nada obravaõ com a sua lida, & que o naõ podiaõ desentalar, o romperam por huma parte, logo deraõ com huma gaveta, que só tinha papeis de pouca monta: as gavetas, que tinhaõ dinheiro, & cousas de valor, ficaraõ da parte de dentro, mais seguras dos ladroens, do que seu dono as poderia ter posto. Entaõ visto, que nada aproveitavaõ, & por ventura seria tempo, de se irem pondo em cobro; deixaraõ sobre o escrittorio a gaveta com os papeis. Abrio Domingos da Cunha o cadeado, desencalhou o escrittorio, resistou tudo, o que avia em sua caza, & nem hum alfinete lhe faltou. Deu graças a Deos assim pello aviso, que lhe dera por meyo daquella virtuosa defuncta, may, que fora de hum Padre da Companhia na qual elle pertendia entrar; como por assim impedir o furto, & vigiar sobre sua caza. Naõ faltou entaõ

taõ quem disse, que Deos guardara a caza a Domingos da Cunha, por ser bom homem, & esmoler. Voltou pera o paço do Inquisidor Geral, deyxando em seguro tudo, quanto tinha: acabou a obra, que tinha entre maõs; à vista della, outros senhores grandes o pertendiaõ embaraçar com obras suas; das quais, por serem de tal calidade as pessoas, naõ lhe era facil o livrarse; & o meterse nellas, era dilatar demasiadamente a execussaõ do seu voto.

CAPITULO XX.

Entra na Companhia, & como passou o Noviciado.

1 ERa chegado o tempo, em que Deos queria trazer de todo pera si a Domingos da Cunha. Hum dia lhe fallou aquelle Sacerdote seu amigo, que depois foi tambem da Companhia estranhandolhe as demoras, com que dilatava a sua entrada na Religiaõ, embaraçandose com novas obras. A isto respondeo: vou alinhavando as cousas, & em breve concluirei: & como acabar o paynel do Ecce homo pera vossa mercé, naõ tenho mais, que fazer. Instoulhe o Sacerdote, que pello seu paynel se naõ detivesse; & aprendesse de Saõ Matheus a pressa, com que deyxara tudo, & seguira a Christo. Fez nelle particular impressaõ este exemplo de Saõ Matheus; & tanta, que no dia seguinte, indo a sua caza o mesmo Sacerdote, jâ o naõ achou, porque sem se despedir de amigo algum, se foi ao Noviciado, pera naõ voltar mais a caza. Nos tempos adiante sendo jâ aquelle seu amigo da Companhia lhe disse o Irmaõ Cunha, que o exemplo de Saõ Matheus lhe entrara muito por dentro, & o fizera apressar.

2 Aos 30 de Março de 1632, sendo de 34 annos de idade entrou em o Noviciado de Lisboa, governando a caza o Padre Reytor Simaõ Alvres. Vendose o Irmaõ Domingos da Cunha jâ filho de outra may, & taõ sancta, como he a Companhia, naõ acabava de dar graças a Deos pello beneficio prezente; & agora como naufragante, que sahe a terra, via de longe, & jâ de fora as ondas, de que Deos o livrara. Dizia o bemdito Irmaõ, que nestes pontos considerava elle o mundo como hum corro fechado, em que

que o demonio como touro furioso fazia grande destrago, lançando a muitos com suas pontas em o Inferno. Só de considerar o como Deos o livrara das pontas deste bravo touro, se lhe hia o lume dos olhos.

3 Deos, que o tinha já mais junto de si, o comessou a tratar como nos principios, aos que mais ama. Desapareceo tudo isto, que nos exercicios espirituais, he, & chamamos consolaçaõ. Alem destas securas, se desinquietaraõ as payxoens naturais; que depois de sua conversaõ, excepto no desastre, que contamos, estiveraõ como as brazas debayxo da cinza: porem o inimigo com licença de Deos as começou a assoprar; & ellas a puxar, pera o que tem de si. Resistia o Noviço, atemorizado com taõ frequentes, & insperados assaltos, se valia de Deos, que nestes apertos só he, o quem dâ valor: contra os seus temores, depois de muitos dias de contenda; sentia em si novos alentos, pera fazer novas resistencias.

4 Aqui comessou a saber, que cousa eraõ vagueaçoens na oraçaõ, & pensamentos desbaratados, sendo, que antes nem ainda o nome lhes sabia. Faziase força pera ter a Deos prezente, & com elle adoçar suas amarguras: mas tudo lhe sahia em vaõ. Chorava, dava suspiros, a tudo Deos se fazia surdo. Chegou a tanto desabrimento, que quando avia de entrar na oraçaõ, lhe parecia, o levavaõ arrastado pera algum tormento, ou pera o supplicio mais infame. Nem por isso deyxava de continuar, porque lâ sentia em si grandes dezejos, de seu aproveitamento, & de ter a Deos prezente; que estas saõ as ancoras, com que Deos segura a seus servos nas tempestades.

5 A estes desfallecimentos da alma, se assim lhe podemos chamar, acreceraõ os do corpo; & por ventura de huns naciaõ os outros: viase entre aquelles seus antigos agastamentos do coraçaõ; muitas vezes lhe davaõ com tanta força, que parecia, verse nas ultimas. Alentavase algũ tanto fallando de Deos nos repouzos com os mais Noviços: mas passado aquelle tempo tornava a sua lida. Achava, que em parte naciaõ estas securas, do novo modo de meditaçoens, que o Padre Mestre propunha dirigidas a cõseguir as virtudes por meyo do nosso instituto: & como o Irmaõ Cunha estava costumado a meditar na Payxaõ de Christo, & outras materias espirituais ou mais ternas, ou

mais amenas; sentia grande trabalho em o novo modo de meditar: mas pera se comformar com elle, batalhava consigo, & se fez tanta força, que lhe sobrevieraõ grandissimas dores de cabeça.

6 De tudo dava meuda conta ao seu Padre Mestre, dizendo, que lhe parecia, estar perdido, que Deos o queria castigar exemplarmente. Calaivos, disse o Padre Mestre, que ainda Deos vos hâ de fazer mui altas mercés. E diz o sancto Irmaõ, que este ditto foi profecia, do que ao depois experimentou, & nos a seu tempo contaremos. Neste teor de affliçoens passou o seu Noviciado, em que às vezes sentia suas consolaçoens, mas estas por muito breve tempo, sobrevindo logo a costumada tormenta. Diz tãbem, que entaõ lhe succederaõ na orassaõ algumas cousas sobrenaturais, em que naõ estava prezente, por naõ fazer dellas memoria. Nos mais exercicios, em que se occupaõ tambem os Noviços, como saõ os da cozinha, & outros de humildade, & mortificassaõ, se assinalava entre os mais: fazendo em tudo por se adiantar na virtude: athe, que compridos os dous annos, fez os votos de Religioso.

CAPITULO XXI.

Padece grandes affliçoens, revelalhe Deos, que se avia de salvar, & cessaõ as securas na oraçaõ.

1 COm a mudança, que fez de Noviço pera Religioso, naõ afroxou a perseguiçaõ; só de quando em quando punha Deos nelle os olhos; como a may, que ve vir ao menino tenro pera si, & só lhe acode, quando o ve embicar; mas logo o deyxa vir por seu pé. Neste tempo lhe fez Deos huma singular mercé: andando elle lutando com suas payxoens, como por todo o tempo do Noviciado, em que tinha assaz, que sofrer; o fizeraõ enfermeiro, sendo, que andava mui desfallecido, mas calavase, pello naõ obrigarem, a afroxar nos seus rigores: cresceo o trabalho do officio com os doentes, que entaõ succedeo aver, a quem por mais, que fizesse, naõ podia acodir sem excessivo trabalho; que todo era sobre suas forças.

2 Tudo ajudou pera os novos assombramentos de

corassaõ, que lhe sobrevieraõ: porem o maior de todos, era o temor da Divina justiça; o naõ lhe ter satisfeito com a penitencia; & assim temia ser lançado em o Inferno tantas vezes merecido por suas culpas. Cercado destas angustias se poz huma noyte diante de huma imagem de Christo, alli derramou lagrimas sem conto, com suspiros, que parecelhe arrancavaõ a alma. Naõ quero (diz o mesmo Irmaõ) gastar tempo em referir, o que lhe disse, & com que ancias, que pella amargura, em que estava, se deyxa bem ver: finalmente lhe disse, porque a dor me obrigava a muito pedindolhe salvaçaõ, perdaõ de meus peccados, tempo pera fazer penitencia delles, & que naõ queria vida, senaõ pera fazer penitencia. Acabada a oraçaõ se recolheo mui pouco contente de si, como os sanctos, que nũca de si vivem contentes.

3 O dia seguinte foi de Comunhaõ, avia ella de ser na Igreja. Entrando pois na Igreja, indo pera o altar mor, passou pella capella de Nossa Senhora da graça, que he huma das collaterais, em que està huma devota imagem desta invocassaõ: fez o Irmaõ Cunha sua costumada humilhaçaõ à sancta imagem: *No mesmo instante* (diz elle) *me foi dado a sentir interiormente, que avia de hir à gloria: & deume este rayo, & lus do Ceo com tanta alegria, & gosto de minha alma, que pello que me lembra, me parece, que fiz força, pera dissimular, o que sentia dentro de mim, por estarem Irmaõs na Igreja, que a naõ estarem, naõ podia deyxar de romper em alguma exterioridade: & assim cheo de contento dei conta ao Padre Reytor Simaõ Alvres, que se consolou muito, & eu o naõ fiquei menos, com novos dezejos de servir, & amar a taõ bom pay.* Athe aqui saõ palavras do mesmo sancto Irmaõ.

4 Por este successo creceo mais a veneraçaõ à devotissima imagem de Nossa Senhora da Graça, cuja devaçaõ naõ menos augmentou o grande servo de Deos o veneravel Padre Joaõ da Fonseca, como em sua vida escrevemos. Naõ foi esta vox exterior, mas interior por hũa illustraçaõ divina, que o deyxou mais certo de que se avia de salvar, do que o ficara, ou como o ficara ouvindo vox exterior.

5 Naõ obstante este singular favor, as securas na oraçaõ eraõ as mesmas; & nelle a mesma continuaçaõ. Por

eſte tempo (confeſſa elle) ouvia na oraçaõ humas palavras interiores, de que fez pouco cazo por lhe parecerem imaginaçaõ; & quando eſcrevia eſtas couſas, diz, ſó lhe lembravaõ as ultimas, que eraõ: de conſolaçaõ em conſolaçaõ vaite unindo com o ſangue de Chriſto.

6 Pouco mais de hum anno depois de acabado o Noviciado, andava com grandes ancias procurando de ter a Deos prezente com fé viva. Pera que o Senhor ſe compadeſſeſſe dos ſeus dezejos, fazia quanto eſtava na ſua maõ. Athe que Deos poz nelle ſeus amoroſos olhos, & ſe ſervio, de que as couſas tomaſſem outro caminho: com ſuas meſmas palavras, quero eſcrever, o que por elle paſſou; pera ſe ver melhor os exquiſitos modos, que tem Deos de ſe comunicar, aos que ſaõ tanto do ſeu ſéo, como era o Irmaõ Domingos da Cunha.

7 Senti (começaõ as ſuas palavras) *dentro na alma huns movimentos ſaboroſos, que nunca coſtumara ſentir naquella forma: foraõ crecendo ſegundo a applicaçaõ, que eu fazia, pouco mais ou menos. Naõ eſtava eu pouco contente por me parecer, que hia deſcobrindo, & achando o que dezejava, que era ter a Deos prezente por ſentimento. Chegado o tempo da oraçaõ, puſme nella com a meſma applicaçaõ em Deos; depois de eſtar aſſim recolhido bom eſpaço buſcando a Deos no interior; ſenti como no mais intimo do eſpirito hum ſilvo muito delgado, & taõ ſutil, que parecia paſſar aquelle ſentimento muito ao longe, & naõ durou muito eſpaço: mas eu tomara achar palavras, pera declarar alguma couſa do eſtranho regalo, & doçura ſuaviſſima, com que penetrou toda a alma, foi como huma faiſca muito pequena, que pegou, & ſe dilatou por todo o eſpirito; ou como toque do eſpirito do Senhor em a ſubſtancia da alma, porque a mudança, que fez em mim alguns tempos, bem moſtrou ſer muito ſubida eſta merce: mas eu como naõ entendo das couſas de eſpirito, naõ lhe ſei dar nome. Porem entre as couſas, que ſenti dalli por diante alem dos muitos regalos na oraçaõ & conſolaçoens continuas, & ſentimentos, foi huma alegria eſpiritual em tanta maneira, que quizera dar ſaltos de prazer pellos corredores: & hum fervor, que excedia, & hum amor de Deos tal; que quando ouvia fallar em amor de Deos, me era neceſſario mortificar, & diſſimular os affectos, & effeitos do encendimento, que me cauſava: todo eſte tempo, que me durou, & naõ foi breve, naõ podia ſofrer, o ou-*

ouvir tratar de ſervir a Deos, que naõ foſſe ſô por reſpeito de ſua honra, & gloria; & pareciame a mim entaõ couſa eſtranha, como podia ſer ſervir a Deos por outro motivo, que naõ foſſe, o que tenho ditto. Athe aqui ſuas formais palavras; o que ſobre ellas ſe pode diſcorrer, deyxo eu a quem com alguma intelligencia das couſas eſpirituais as ler, & quizer ponderar.

8 No meſmo tempo era inexplicavel a doçura, que ſentia, quando comungava; & os dezejos da ſalvaçaõ das almas, por razaõ das quais o Senhor obrara taõ exquiſito myſterio: tinha taõ grande pena da perdiçaõ dos peccadores, que em conſiderando nella ſe desfazia em lagrimas; era eſta taõ exceſſiva, que ſenaõ fora cõfortado por outra parte, naõ pudera com o pezo della. Com todas as anſias pedia a Deos, os converteſſe a todos. Outros muitos mimos recebeo de Deos neſte tempo, que elle naõ refere, por lhe terem eſquecido; athe que por fim de todos deſterrou Deos de ſua alma aquellas moleſtas ſecuras, que taõ anguſtiado o traziaõ, & ficou ſua alma gozando de bella paz, & de hum ſoccego, que ſe neſta vida o hâ ſemelhante ao dos bemaventurados, eſte o era.

CAPITULO XXII.

De ſua elevada contemplaçaõ, & effeitos maravilhoſos della.

1 COmeſſou eſta ſancta alma a ſe engolfar toda em ſeu Creador, a quem ſempre tinha prezente, & com eſpecialidade o via copiado em todas ſuas creaturas; em huma flor, em huma ervinha, em qualquer arvore, ou bichinho da terra aſſim o via reluzir, como nós vemos os objectos nos eſpelhos mais criſtalinos. Naõ avia pera elle couſa, como quando por ſeus achaques o mandavaõ eſpairecer à cerca do Noviciado, ou quando aſſiſtia na quinta cõ o Procurador; a ſua gloria era gozar de ſeu Creador em as creaturas, que ſe lhe offereciaõ diante dos olhos: naõ ſei que via em qualquer bonina, ou flor; tais excellencias de Deos percebia, que toda lhe cheirava a Deos, & alli quaſi o apalpava com as maõs; era iſto com huma luz, & co-

conhecimento taõ especial, que naõ hâ palavras, que o expliquem: delle nacia pera com seu Deos hum amor à medida de taõ elevado conhecimento.

2 Admirava sua grande providencia pera cõ os seus; & desta, diz o sancto Irmaõ, lhe nacia tal segurança nas variedades deste mundo, que se os inimigos armados o cercassem, pera o matar, no meyo delles se estaria rindo de tudo; porque via cõ huma lus mui clara, que ninguem o podia tocar, se Deos naõ quizesse: porem tudo passava nelle com hum modo taõ sobrenatural, que no maior perigo estaria como na maior recreassaõ. Cousas saõ estas, que só plenamente as entende, quem as experimenta.

3 Tambem via a Deos nas creaturas com a magestade de Senhor, & à vista desta considerassaõ se sumia todo no seu nada. Muitas vezes andava taõ enlevado em Deos, que parecia, andar fora de si, & homem cõ o juizo leso; ou como o forasteiro, que tendo toda a vida vivido nos matos, entra em huma grande corte, aonde anda como assombrado de tudo, quanto ve. Humas vezes nestas occasioens hia muito de pressa pera tras sem tino, outras pera diante sem proposito algum; veyo por esta causa a sospeitar, que estava doudo; athe conhecer, que Deos era a causa daquelles impulsos, por quem he sezudeza endoudecer.

4 Jâ quando punha os olhos no sol, que he das creaturas a mais luzida, tudo eraõ suspiros ao Ceo, pedindo a Deos se rasgasse esta cortina da fragilidade humana, pera ver as luzes inaccessiveis, de que tinhaõ huns longes as do sol. Aqui lhe deu Deos hum sentimento, de que na sua maõ estava rasgar esta cortina abnegandose a si em tudo, & desapegandose de tudo, o que tem resabios do mundo; estando nelle, como se naõ estivesse. Pareceolhe ao servo de Deos, que este sentimento era escusado; por se persuadir, estava taõ fora das cousas do mundo, que lhe era a par de morte, cuidar nellas. Mas como os olhos de Deos vẽ mais, que os humanos, o Senhor lhe deu a sentir, naõ estava taõ desapegado, quanto elle se cuidava; pois ainda tinha em seu pensamento o naõ descõtentar aos homens em seu proceder, nem efficasmente desestimava a boa opiniaõ, que delle se tinha. Discorrendo por esta causa por suas obras, pera ver se avia nellas cousa alguma merecedora

das

das mercès, que Deos lhe fazia, lhe deu Deos hum claro ſentimento, de quam limitadas eraõ. Cõfundioſe da ſua preſunçaõ, & dalli por diante teve taõ bayxo conceyto das ſuas obras, que pera elle naõ avia maior pena, que ſignificaremlhe, mereciaõ alguma eſtimaçaõ.

5 Quiz Deos a eſte ſeu ſervo dar humas moſtras da gloria, como deu a outros, que lho mereceraõ: & foi deſta maneira: lançou ſeus olhos por hum campo, em occaſiaõ, que podia com ſua apraſivel variedade deſpertar o entendimento, a diſcorrer no paraizo; nada ſe deteve em buſcar a Deos por creaturas, que tanto à viſta lho moſtravaõ: mas por mais, que batalhou conſigo pera diſcorrer, & cõſiderar, naõ podia adiantar nem diſcurſos, nem conſideraçoens, culpandoſe a ſi meſmo de dar taõ pouco pellas vozes de tantas, & taõ fermoſas creaturas.

6 Queria ſem duvida Deos, que quanto alli paſſaſſe por ſuas potencias, tudo foſſe ſeu, & nada do Irmaõ Cunha: deulhe hum rayo de luz interior, com a qual lhe parecia, ſer levado a hum deſerto, aonde ſe lhe moſtrou hum bẽ taõ grande, que nem olhos humanos viraõ, nem ouvidos ouviraõ, nem lingua explicou, nem coraſſaõ comprehendeo (como em ſemelhante caſo dizia S. Paulo) o que alli ſe lhe reprezentou: & diz o Irmaõ, que ſe entaõ lhe pergun-taſſem, que vira; sò reſponderia com grittos, como o mudo, que ſe dezeja, & naõ pode explicar; & como naõ attina com palavras, rompe em grittos, que nada ſignificaõ, & de que sò arguimos, que lâ tem alguma couſa dentro de ſi.

7 Alguns dias andou cuidando, como explicaria eſte bem, & depois de combinar com elle tudo, quanto ha nas creaturas; diſſe que todo o bem dellas era em ſua comparaſſaõ como a mais invernoſa, & eſcura noyte comparada com o mais apraſivel dia do mes de Mayo: depois de explicar aquelle bem pellos nomes, com que câ explicamos tudo, o que he de goſto, & aprazibilidade, concluio dizendo: Advirto, que os nomes, que aqui ponho, como gozo, jubilo, deleitaçaõ, naõ tem aqui lugar, nem ſemelhança, com o que ſoaõ, porque eſte bem era ſobre todo o noſſo modo de entender, & naõ tem nome deſte mundo, que lhe quadre, pois era de outra regiaõ, & natureza: em fim he hum bem ſem nome, como ſe quiſeſſem dar a entender a hum cego de nacença, que couſa he azul, ou vermelho,

melho; que nunca vio, nem conheceo.

8 Causou esta visaõ grandes effeitos em sua alma, porque alem de huma suspensaõ de sentidos, em que por muito espasso a vontade esteve toda enlevada; creceraõ dalli por diante tanto as consolaçoens, que naõ podiaõ com ellas as forças do corpo, & porisso desfalecia; sendolhe preciso pedir a Deos puzesse nellas termo, como lemos pedia nosso Padre Saõ Francisco Xavier.

9 Outra vez entre sonhos vio, que se abria o Ceo, & dalli pera dentro huma luz, que com infinitos augmentos hia crecendo; & ao modo que crecia a luz, creciaõ tambẽ as consolaçoens, entre os mesmos sonhos rompeo em vozes, & discursos, com que queria dar a entender a todo o mundo, o bem que gozava, exhortando a todos, que o procurassem. Pera que se veja, que isto foi mais, que sonho; aquellas consolaçoens lhe duraraõ por muito tempo; sem duvida pera com a lembrança dellas adoçar as affliçoens, que teve ao depois. Considerando, que estes favores eraõ muito sobre a sua bayxeza; lhe veyo desconfiança, naõ fossem annuncio de alguma grande tormenta; assim o disse a seu Superior, o qual o mandou estar àlerta, & fazer provisaõ, pera que vindo alguma tormenta, o naõ apanhase desapercebido.

10 Com serem tantas as consolaçoens do Ceo, ainda sentia em seu corassaõ por encher naõ sei, que vaõ; que lhe aguava em parte estes sanctos gostos, athe que com o tempo, sentio tudo taõ cheo, que ja naõ havia onde arrumar mais.

11 Passeando huma hora pella cerca, teve materia de grandes contemplaçoens em os bichinhos, que via. Voava diante de seus olhos huma mui engraçada borboleta, como que o desafiava a louvar a Deos; quiz o Irmaõ chegarse a ella, pera mais de perto contemplar na creatura o Creador; mas logo lhe fogia: entaõ com impulso superior lhe disse: Borboleta naõ te vás: a esta vòs parou o bichinho, & chegandose o Irmaõ, a esteve mui devagar contemplãdo, & como se soubera, pera que a mandavaõ parar, desenrolou as azinhas, & assoalhou quantas meudezas nella obrara a maõ, que a fizera: elevouse tanto no que via, que a quiz tomar na maõ, mas ella se auzentou, como se tivesse cumprido, o pera que a mandaraõ parar, que era pera

acon-

a cõtemplaçaõ, & naõ pera a curiosidade. Diz o Irmaõ, q̃ quando ella fugio, fez grande força interior, pera a mandar parar, como a primeira vez, & que nunca pode.

12 Outra vez estando assentado, vio diante de si huma grande concha de caracol, que na boca tinha huma como delgada escama, contra a qual vinha de dentro forcejando hum bichinho, athe que rompendo aquella tez, sahia a tomar sitio em humas hervas altas, com outros muitos, que da concha o vinhaõ seguindo; sobiam, & deciaõ sem socego pellas hervas, & depois paravaõ por grande espasso, como repouzando em sono suave, em quanto lhe naciaõ as azas, que era em breve tempo: depois deciaõ das hervas, & atravessavaõ hum caminho, que lhe ficava defronte, & logo se espalhavaõ, & desapareciaõ seguindo cada hum a derrota, que a natureza lhe ditava.

13 Achou aqui muito, que moralizar: considerando que aquella grande concha era o mundo, com que tantos andaõ às costas: & que os bichinhos eraõ aquelles, que rompendo pellas difficuldades do mundo se sobiaõ à arvore da religiaõ sempre verde com esperanças do Ceo: aqui lidando com suas payxoens sobem, & decem tantas vezes, athe que pella orassaõ alcançaõ paz da alma vivendo naquella doce quietaçaõ dos bichinhos; de azas lhe serve a orassaõ, & contemplaçaõ, com que de hum voo penetraõ os Ceos. Mas ay triste de mim (acrescenta logo) que nesta ultima acçaõ, que os bichinhos fizeraõ indose a pé, tendo azas pera poderem voar, estava huma breve profecia, do q̃ me havia de succeder ao diante, como a experiencia mo tẽ mostrado; porque dandome Deos azas, pera voar ao Ceo, & fazer lá minha morada, me deixey andar na terra, fossando como animal immundo, dandome Deos tanto a maõ com tanta luz do Ceo. Nesta forma vai o Sancto Irmaõ discorrẽdo. Donde se ve como descobrẽ os servos de Deos grandes proveitos no livro das creaturas.

14 Quando tinha oraçaõ em cõmunidade, era sempre reprimindo as forças, & impetos de seu espirito. Pera desabafar buscava lugares solitarios, humas vezes se metia nos entreforros da casa sobre as abobodas, outras sobia a hum eyrado da casa, donde à sua vontade via o Ceo. Nos Domingos, & dias Sanctos, que eram as ferias do seu espirito, tinha licença franca, pera hir à cerca, & darse lâ todo a

Deos:

Deos:alli se metia hũas vezes entre huns loureiros bayxos, & espezos;outras no meyo de hũ Canaveal, aonde desabafadamẽte largava as velas à sua devaçaõ;& Deos se apoderava tãto de seu servo,q̃ tudo nelle era puro amor de Deos.

15 De varios modos entrava na orassaõ: ordinariamẽte no principio della se lhe tomava o folgo de maneira, que naõ podia respirar; & começava a resfolgar, como se tivera subido huma ladeira ingreme com muita pressa; durando esta affliçaõ por bastante espaço de tempo; sendo no mesmo grandes as consolaçoens, que sentia na alma, & lhe fora mui pouco penoso deyxarse levar daquelle gosto interior sem respirar; mas o medo de perder a vida entre aquelles amorosos accidentes, o obrigava a lidar comsigo, pera tomar respiraçaõ.

16 Naõ poucas vezes depois de estar no mais profundo da orassaõ, sentia que o peito, & ilhargas lhe arrebentavaõ com dores agudissimas, em forma, que, se Deos naõ lhe dera forças, naõ poderia viver. Daqui nacia hũ grande horror, que tinha seu corpo daquellas angustias, em que o metia o espirito. Occasiaõ ouve, em que parecia, que todos os membros, & ossos se lhe desconjuntavaõ com excessivas dores; & se lhe dobravaõ, & trociaõ os dedos de pés, & maõs, fechandose, & abrindose com grande vehemencia, & pressa: o que tudo nacia das ancias, que tinha o corassaõ de se unir com Deos. Affirma o sancto Irmaõ, que se qualquer destas dores lhe durara por espaço de meyo dia, naõ seria possivel viver; & que julgava, que da calidade daquellas penas deviaõ de ser as do purgatorio, com que Deos lâ, & câ purifica as almas dos seus justos.

17 Succedeolhe estando assim de joelhos com aquellas ansias, & dezejos de se unir inteiramente com Deos, levãtarse o corpo per si, & arremeçarse a correr, athe a alma chegar, ao que dezejava, entaõ parou com paz extraordinaria. Veyo desta vehemencia do espirito a ter no corpo tal desfallecimẽto, que lhe era necessario ter a sua orassaõ deitado, porque o espirito de tal sorte avocava tudo a si, q̃ as potencias materiais naõ eraõ senhoras das suas funçoẽs. Ficavase desmayado com a cabeça cahida a huma parte, os braços amortecidos pera a outra, todo o mais tronco do corpo parecia de homem defuncto, senaõ era, que hum riso brando, & huma alegria de olhos fitos no Ceo, era sinal,

que

que a alma assim estava em Deos, que naõ deyxava de todo o corpo. Aqui se sentia a alma toda enlevada em Deos, de quem gozava com inefavel consolaçaõ, achandose como de volta em os coros dos Anjos.

18 Huma vespora do Espirito Sancto se achava tendo orassaõ no seu retiro da cerca; quando, sem elle a isso dar azo algum, se lhe começaraõ a mover os braços por muitas vezes. Estranhou, o que nunca experimentara; no dia seguinte tornando a ter orassaõ no mesmo lugar; sentio, q̃ per si mesmos se levantavaõ os braços com muita pausa, athe se porem em cruz, & naquella forma pararaõ algum espaço; & dalli subiraõ o mais, que lhe foi possivel pera o Ceo. O espirito, que ja tinha dado mais alto voo, com grande força moveo o corpo todo, & com maiores gemidos, & ancias meneava as maõs, como quem queria subir, ou como que chamava alguem, que lhe desse a maõ; da maneira, q̃ hum menino adeja com as maõs pera a may, que vé de longe.

19 Esteve assim hum bom espaço, mas como naõ pudesse conseguir, o que dezejava, porque o pezo do corpo lhe impedia subir; deu o mesmo corpo hum arranco pera sima com tanta força, que lhe levantou o peito no ar pera sobir; sẽdo q̃ como dissemos, estava taõ debilitado, q̃ sò recostado podia ter orassaõ: depois deste movimento se tornou a soccegar ajuntandose no ar as maõs, vindo decendo pouco a pouco, athe ficarem em sua natural postura sobre o peito. Logo no mais interior do espirito sentio taõ grãde alegria, que esta resumbrou no corpo, dando muitas rizadas, ainda que este riso naõ era voluntario, mas como contrafeito. Estes movimentos dos braços, & corpo lhe duraraõ quatro mezes inteiros, tendo-os humas vezes no principio, outras no fim da orassaõ. Em outras occasioẽs teve semelhantes, & maiores impulsos da alma, com que era obrigado, sem saber como, a se levantar em pé, & dar saltos de prazer, à vista dos bens, que se lhe reprezentavaõ: deste modo solemnizava o corpo a dita, que lograva seu espirito, o qual nestes tranzes era verdadeiramẽte, *patiens divina*, como Saõ Dionysio disse de seu Mestre o Divino Hierotheo, & o disse tambem do nosso Irmaõ Cunha o Padre Francisco de Tavora, que por sinco annos foi seu Reytor, & Confessor. Saõ estes mimos naõ effeitos da nossa a-

gencia, mas sò liberalidades, de quem os faz; que os naõ faz a todos os seus amigos, mas sò aquem elle quer, por rezoens que lâ guarda pera si.

CAPITULO XXIII.

Continuase a mesma materia, & effeitos della, & de sua conformidade com a vontade de Deos.

1 AInda que o Irmaõ Cunha, quando entrava na sua orassaõ, hia muitas vezes ja pello caminho antes de chegar ao lugar taõ embebido em Deos, que pera naõ ficar absorto, lhe era necessario, fazerse força em ordem a se advertir; outras entrava com securas. Certo dia saindo da mesa, em que a muita abstinencia deixava sempre as potencias livres pera obrar, se foi ao seu retiro da cerca: chegãdo ao costumado lugar, onde orava, se sentio taõ secco, q̃ se estranhou a si mesmo: occorrendolhe, que desta vez naõ acertava com a vontade Divina, pois esta devia ser, que fallasse naquelle tempo de Deos com seus Irmaõs.

2 Nem corpo, nem alma estavaõ pagos daquelles desabrimentos. Com tudo assentou consigo de perseverar, batendo às portas do Ceo, pera que o recreasse com o orvalho, com que outras vezes regava sua alma. Logo se lhe começou Deos a comunicar, & os dezejos de o ver creceraõ em seu corassaõ, & dalli sahiraõ à boca, dizẽdo a Deos: Senhor mostraime vossa face, que lhe quero dar osculo de paz. Com isto sentio em si grande fervor acompanhado de extraordinaria suavidade. Porque os Sanctos naõ querem a Deos só pera si, teve excessivos dezejos de que todas as creaturas se unissem com seu Deos; o mesmo Senhor lhe deu a entender, que elle à volta das mesmas creaturas, entrasse nos gozos, que pera ellas dezejava, & se unisse cõ elle. Entrei finalmente (saõ palavras suas) no gozo do Senhor, o que aqui se passou, digao o mesmo Deos, ou mande algum Anjo do Ceo, que o diga, se souber.

3 Acabada esta orassaõ, & tendo cessado por algum espaço; lhe deu hum pasmo, que durou muito, sobrevindolhe ansiosos suspiros, com temores taõ grandes de fazer

alguma cousa, que desagradasse a Deos, que estimara estar sotterrado em huma profunda gruta da terra, aonde nunca vira gente, sò por naõ ter a minima occasiaõ de fazer alguma falta, com que descontentasse a Deos: & o atormentava muito o claro conhecimento, que tinha da sua fraqueza, da qual nada podia esperar, nem prometter. Com este conhecimento he, que Deos segura a seus servos, pera que entre tanta bonança, se naõ descuidem; & saibaõ, que de si sò tem miserias.

4 Por este tempo, em que andava em cõtinua orassaõ, lhe vinhaõ aquelles impulsos, que ja dissemos, & da alma resultavaõ no corpo; levantandose, sem o Irmaõ o pertender, dando saltos, baylando, voltando, dando altas rizadas; que tudo denotava ser lâ na alma o dia de festa solemne, & como dizem, de festa rija. Trazia o espirito taõ fora de si a parte inferior do corpo, que chegava a dar grittos, & mugidos como hum touro taõ medonhos, que a si mesmo causava horror, apertavãselhe os dentes, serravanselhe os olhos, suspendiaselhe o rosto pera o Ceo, lançava a correr, & fazia outras muitas acçoens extraordinarias, tanto, que por conselho do Superior, pedio a Deos lhe tirasse aquellas extravagãcias, por naõ escandelizar, aos que ignoravaõ, donde naciaõ; & o Senhor lho concedeo.

5 Com qualquer consideraçaõ se abrazava tanto em Deos, que se viaõ no rosto claros indicios da chama, que lâ dentro ardia. Lendo por hũ livro, que tratava do altissimo mysterio da Sanctissima Trindade, o assaltearaõ taõ grandes dezejos de aver, & subir ao Ceo, que se levantou em pé, & o corpo fazia toda a força por sobir. O mesmo lhe succedeo na hora da Assensaõ de Christo, & sentindo elle, que os pés, se lhe começavaõ a levantar da terra, pedio ao Senhor, se servisse, de lhe moderar aquelle impeto do espirito, porque estava em communidade, & naõ queria se divulgassem os favores, que recebia de sua dadivosa maõ.

6 Quando sahia de orar, vinha taõ insensivel, & despegado da terra, que lhe parecia andar pellos ares, ou sobre montes de algodaõ: continuandolhe muitos dias estas suspençoens. Huma tarde se hia retirando ao seu bosque da cerca, chegou o Senhor mais cedo, & o tomou no caminho; onde se poz a orar, & o corpo se lhe estendeo no chaõ com os braços em cruz. Veyolhe pensamento, se seria

aquelle effeito do máo espirito, que se transfigura muitas vezes em Anjo de luz, pera fazer das suas. Immediatamẽte a este pensamento huma força occulta o tomou como em braços, & assentou, mas ainda em postura, que sendo vista, podia ser de reparo. Tirouselhe per si a maõ direita do lugar, onde a tinha, & se lhe poz no chaõ, como quãdo se quer huma pessoa levantar, & todo o corpo fez accõmodada inclinassaõ, pera este effeito: tornou elle a maõ a seu lugar, & ella segunda vez porfiou, a se pôr no chaõ cõ alguma impressaõ maior, pera que se levantasse. Julgou a cousa por mysteriosa, levantouse, & logo chegaraõ dous Padres, que andavaõ pella cerca; & por pouco, que se detivera o Irmaõ, o apanhariaõ com o furto na maõ, como dizem.

7 Tambem foi de grande admirassaõ, o que lhe succedeo passando por hum lugar da cerca, aonde havia hũa cruz; ajoelhouse a adorala, & logo sentio hum impeto interior, que o arremeçou à Sancta Cruz, & o fez abraçar cõ ella cõ tanta força, que parece a queria meter no corassaõ: Depois que esteve assim por algum tempo, tornouse o corpo a afastar per si mesmo; & nesta pequena distancia, em q̃ ficou posto de joelhos, se lhe foraõ levantando, & estendẽdo os braços em forma de Cruz, & assim se foi inclinando o corpo athe pôr o rosto no chaõ, logo se tornou a alevantar, sem desfazer a cruz dos braços, senaõ que elles dahi a pouco per si se puzeraõ em sitio natural diante do peito.

8 Sentio o Irmaõ hum grande dezejo de se crucificar com Christo naquella cruz; logo os braços se estenderaõ outra vez, & arremeçandose à cruz, se accommodou todo o corpo a toda a cruz, como se realmente estivera crucificado; sentindo nas palmas das maõs humas ancias de serẽ alli encravadas, em tanto que cahindolhe a maõ direita da cruz, & detendose o Irmaõ em a restituir a seu lugar, foi taõ aguda a dor, que nella sentio, que a naõ podia sofrer, athe que a tornou a ajustar com o braço da cruz: passava isto com tanto gosto da alma, & pasmo dos sentidos, que julgava por impossivel, poderse apartar daquelle sancto madeiro: mas porque temia ser achado naquella forma, pedio ao Senhor, que ja que elle o puzera naquella cruz, ou trono, o tirasse; pois naõ estava na sua maõ, apartarse della.

De improviso se apartou o corpo da cruz per si mesmo, & cessou o fervor, que obrava estes effeitos de tal sorte, que hum Padre, que entaõ chegou, naõ deu fé de cousa alguma, porque o Irmaõ estava como se naõ tivessem passado por elle cousas taõ mysteriosas.

9 He cousa de reparo, que estando o Sancto Irmaõ nestas occasioens taõ alienado de si, sò lhe ficava advertēcia, pera pedir a Deos, naõ fosse visto, & assim lho cumprio sēpre o Senhor: do que aqui lhe succedeo com a sancta cruz, lhe ficou taõ affeiçoado, que em a vēdo, naõ estava na sua maõ, deyxar de se lançar a ella; quando por ser alta lhe naõ podia chegar, lhe dizia tantos affectos, & ternuras, que era huma suspensaõ.

10 Pondose huma vez em orassaõ, pello elevamento do espirito desfalleceo, & cahindo em terra, troceo hum pé: davalhe grande molestia, & ainda lhe tirava em parte o soccego na orassaõ: determinouse a sofrer por amor de Deos: mas como a dor fosse excessiva, disse a Deos: Senhor eu naõ hei de concertar o pé; se vòs quereis, que me naõ doa, concertayo vòs: logo sentio, que occultamente lhe tomavaõ o pé como com a maõ, & lho punhaõ em geito, que lhe naõ pudesse dar mais pena, nem desinquietar na orassaõ.

11 Como esta força do espirito era taõ grande, & quasi exhauria a do corpo, veyo a desfallecer de maneyra, que se naõ podia ter em pé: entaõ disse a Deos: Como, meu Deos, permittis, que ande eu desta maneira; se as mercês, que me fazeis, me haõ de impossibilitar, pera as receber, como mas fazeis? Bem vedes, que eu ja naõ posso mais. A isto interiormente respondeo o Senhor: Quem tem a Deos da sua parte, não tem nada, que temer. Foi este sentimento tão vivo, & com tais jubilos, que levantandose começou, a repetir estas palavras em voz alta, & na mesma as foi repetindo por toda a cerca. Dalli por diante nunca mais experimentou aquella estremada fraqueza, & se achou mui diverso nas forças corporais.

12 Em qualquer obra, que fazia, sò considerar, que aquella era a vontade de Deos, bastava pera todo se accēder em seu amor. Nos ultimos annos chegou este amor de Deos a tanto grao, quanto parece, chegarem, os que câ amão mais a Deos. Recolhiase a alma em hum profundo silen-

ſilencio, & paz ſuaviſſima; logo ſe comeſſava a atear nella o amor de Deos, & ſe hia dilatando por todo o eſpirito, q̃ com grande ſuavidade ſe ſentia deſmayar nos braços daquelle Senhor, aquem amava. Se ſuccedia eſtar ſò, eſte deſmayo tambem abrangia ao corpo, mas ſem genero algum de afflição, antes com ſummo goſto: parecialhe então, que punha a boca a huma fonte de infinito amor, pello qual ficava todo unido com ſeu amado.

13 Explica elle iſto com a comparaſſão de huma bola de cera, que lançandoa em hum tacho de cera fervendo, ao meſmo ponto, que a bola ſe derrete, ſe vay encorporando, & unindo à demais cera; aſſim dizia ſentir neſtas occaſioens, que ſua alma ſe unia com Deos; & chama a iſto jogo deleitoſo, que Deos tem com a alma, & hum ganho, em q̃ perdendoſe ella em ſi toda, ſe acha ganhada toda em Deos; por eſtes, & outros modos faz por explicar, o que ſó plenamente percebe, quem tem a dita, de o experimentar em ſi.

14 Comunicando iſto ao ſeu Padre Reytor Franciſco de Tavora, lhe diſſe, que aſſim devia ſer, o que na gloria tinhaõ os bemaventurados: mas o Padre o deſenganou cõ lhe dizer, que a quillo naõ era, mais que hum raſcunho, do que lâ paſſa; & o Irmaõ acrecenta, que, pello que depois alcançou, ainda era menos, que raſcunho, porque aquelles bens ſaõ tais, que ainda gozados parecem eſcondidos à noſſa viſta. Naõ paſſava iſto pello Irmaõ Cunha ſó no tempo, que tinha permanente pera a oraſſaõ, mas tambem entre dia, & ainda de noyte ou dormido, ou acordado; ſentia de repente, como ſe lhe atraveſſaſſem o coraſſaõ com hum punhal ervado, ou abrazado de amor de Deos, que o fazia eſtremecer todo, & abrir os braços em Cruz, & romper com voz alta em palavras muy amoroſas, nacidas de huma alma, que toda eſtava amor de Deos. Confeſſa o ſancto Irmaõ, que avia aqui differença das outras vezes, em que tambem dava vozes, pera dezabafar ſeu eſpirito; porque nas outras vezes ſó ſentia a chama, em que ſe abrazava; & neſtas, ſobre a chama, ſentia huma chaga na alma, da qual nacia o amor, que experimentava.

15 Neſte tempo, em que eſtava todo penetrado de Deos, tinha grandes dezejos, de que todos os homens eſtiveſſem na meſma felicidade; que ſe entregaſſem de ve-

ras a Deos; que conhecessem os grandes thesouros, que hâ na vida espiritual; que desprezassem tudo, o que os desviava do seu fim. Lastimavase, de que sendo Deos, quem he; & querendose comunicar taõ familiarmente aos homens, estes pouco, ou nada se cansassem com o procurar.

16 Era o seu amor pera com Deos taõ desinteressado, que o amava só pello amar. Diz nos seus apontamentos, que se naõ podia entender, como ouvesse alguem, que servisse, & amasse a Deos com os olhos na gloria, que o Senhor lhe podia dar, ou por qualquer outro motivo, que naõ fosse puramente a bondade de Deos. Daqui naciaõ grandes temores de lhe desagradar em alguma cousa, & naõ menores ansias de saber sua divina vontade, pera em nada se afastar della; com a qual estava taõ conforme, que nem com o prospero, nem com o adverso sentia em si abalo algum. Quando nos ultimos mezes, em que viveo em hum purgarorio de affliçoens, o visitavaõ os Padres, & Irmaõs, & lhe diziaõ, que o encomendariaõ a Deos, pera-que lhe desse saude, ou ao menos alivio, no que padecia; era a sua reposta; que só pedissem a Deos, se fizesse nelle sua vontade, que se esta fosse de estar naquellas penas athe o dia do juizo, o teria por favor singular, pois jâ naõ tinha gosto, nem disgosto, senaõ no que mais se ajustasse, ou desviasse do querer de Deos.

17 Vendoo mui affligido, lhe disse o Irmaõ Sottoministro, se queria, que lhe trouxesse a camiza do Padre Marcello, pera que lhe alcançasse saude: respondeo, a camiza folgarei de ver, & venerar; mas pedirlhe saude, isso naõ; mas só, que se cumpra em mim a divina vontade. Em huma cousa, confessa, que se lhe fez dura a doutrina do Padre Alonso Rodrigues da nossa Companhia, na materia da cõformidade com a vontade de Deos: vem a ser, que diz o Padre, que se Deos nos naõ desse taõ alta virtude, nos cõformassemos com sua vontade. Como o Irmaõ Cunha dezejava, ter as virtudes no grao, a que chegaõ as forças humanas com a graça divina; naõ lhe quadrava o conselho do Padre Alonso, nem entendia, que em tal conformidade pudesse aver perfeiçaõ: mas considerando, que na caza de Deos hâ diversas moradas humas mais vizinhas a elle, outras mais afastadas; veyo a cuidar, que Deos o naõ queria

na-

naquellas mais vizinhas, como elle dezejava: com esta sahida, que deu à sua duvida, se aquietava. Mas o Senhor lhe disse interiormente com huma voz mais perceptivel, q̃ se lho dissesse ao ouvido: quero, que sejas perfeito, que pera isso te trouxe à Religiaõ. Com o qual sentimento ficou grandemente consolado. Muitas vezes com grande efficacia pedio a Deos lhe significasse a cousa, em que mais lhe poderia agradar: o Senhor lhe respondeo: Tu, nada es, & nada podes, eu sou o que posso tudo, & assim o em que me podes fazer maior serviço, darme maior gosto, & contentarme, he, em te dispores, pera eu te fazer maiores mercés.

CAPITULO XXIV.

Da devaçaõ, que tinha ao Sanctissimo, & effeitos, que sentia depois da sagrada Comunhaõ.

1 A Devaçaõ a este soberano mysterio foi, qual se deyxa ver de tudo, quanto fica referido. Sempre, que passava por parte, donde pudesse visitar a o Senhor Sacramentado, o fazia com profundo respeito. Gastava muitas vezes grande parte do dia diante do Sacrario, pedindo tambem licença aos Superiores, pera ter diante delle o repouzo da noyte. Alli tinha as mesmas suspensoens, & recebia os favores, que jâ dissemos, recebia em outras occasioens, quando orava. Comessava aqui sua orassaõ tambem com aquelle arquejar de peito, & tomandoselhe o folgo, como outras vezes, tudo com grande suavidade, & gosto da alma: athe, que cessando aquelle primeiro reboliço de dores, & suspiros amorosos, tomava Deos posse, de quem todo era seu, & o obrigava a abrir os braços em Cruz.

2 Naõ poucas vezes lhe davaõ huns impetos de correr ao Sacrario, & abraçarse com elle: pello que lhe era necessaria muita violencia, pera ter maõ em si; eraõ taõ grandes estes impulsos do espirito, que o moviaõ a dar grittos, & dizer algumas palavras de homem furioso, dando vozes sem ordem, como quem se queria endireitar cõ Deos, & pelejar com elle. Era tanta a lus, que Deos lhe

dava

dava de ſua prezença no Sacramento; que lhe parecia, velo com ſeus olhos. Outras vezes comungando, ſe achava com taõ firme certeza deſta prezença, que ficava tremendo como varas verdes.

3 Neſtas occaſioens a conſideraçaõ, que mais o acendia, era a de Chriſto Crucificado, & como tal ſe lhe reprezentava no Sacramento, que de ſua morte quis o Senhor ficaſſe eſte myſterio por memoria. Com eſta conſideraſſaõ ſe punha, ou imaginava com os braços abertos, & logo cõ grandes ançias da alma, como ſe caminhaſſe pera o Sacrario, ſentia, que ſe encontrava no caminho com o meſmo Senhor, que jâ delâ tinha partido a buſcar a ſeu ſervo: alli ſe abraçava com o Senhor eſtretiſſimamente, unindoſe ſua alma com a de Chriſto, o corpo com o corpo, & fazendoſe dos dous coraſſoens hum ſó; ſentindo em quanto os dous eſtavaõ crucificados hum cõ o outro tantas ſuavidades do Ceo, quantas ſe naõ podem explicar: era eſta mercê taõ continua, que quaſi todos os dias a recebia. Naqual tambem era favor de Deos, ter elle ſempre baſtante advertençia, & vigor; pera ſe reprimir, em naõ ter aquelles impetos, & vozes exteriores, quando alguem podia dar fé delles.

4 Sahio huma ves da prezença deſte Senhor taõ fora de ſi, & tanto em Deos, que recolhendoſe ao cubiculo ſem poder ſoccegar, andava de huma parte pera a outra murmurando de Chriſto (por eſta palavra ſe explica, & provera a Deos foraõ aſſim todas as murmuraçoens) toda a murmuraçaõ era repetir em alta vos: Ay que morro de amor: Ay que Chriſto me mata de amor; que farei, que morro de amor de Chriſto: a eſte tom diſſe outras palavras: athe que a chama, em que ardia, ſe remittio, & o deyxou tornar em ſi.

5 Depois de comungar ſe recolhia ao cubiculo, por naõ ſahir em alguma exterioridade, que deſſe nota: mas alguma ves naõ puderaõ tanto ſuas diligencias, que ſe naõ viſſem eſtes ſanctos effeitos: porque acabando de comũgar na capella dos enfermos do Noviciado, eſtava jâ em tantas alturas o fogo do amor de Deos, que começou o corpo a desfallecer, fazendo notavel pendor a cahir no chaõ. Tornou ſobreſi, & quis, cõ diſſimulaçaõ remediar; mas naõ evitou, o dizerſe tudo ao Padre Reytor; o qual

lhe mandou, que quando comungasse, naõ estivesse cuidãdo em Deos, mas divertisse o pensamento a outras cousas licitas como pintura, & semelhantes. Bastou esta ordem, pera nunca mais em publico lhe succeder cousa alguma nestas occasioens; & Deos, que queria, que seu servo se lembrasse delle, pós tudo de feiçaõ, que estando o sancto Irmaõ em Deos, estivesse muito em si; pera naõ cahir naquelles sanctos descuidos, que naõ eraõ cõforme a vontade de seu superior.

6 Recolhendose hum dia depois de comungar pera o cubiculo, & pondose em oraçaõ diante de huma Cruz, lhe veyo dezejo de ver a Christo Nosso Senhor: logo sentio dentro de si hum grande hospede, & que tudo se aprecebia: entendeo, que lhe queria apparecer algũa cousa: os dezejos naõ cessavaõ; mas amaynava jâ o desassossego das potencias: ficavalhe à maõ direita pendurada na parede huma imagem de Christo ajoelhado cõ a Cruz às costas; começou o corpo a virarse per si mesmo movido de maõ occulta, & pouco a pouco se pòs de rosto a rosto cõ a imagem: depois de estar bem direyto della, mui recolhido, & cõ os olhos fechados, elles se abriraõ de repente, & ficaraõ pregados na imagem do Senhor. Com tal vista lhe deu hum pasmo, & suspençaõ immovel sem pastanejar; a este se seguiraõ muitos, & affectuosos suspiros: athe, que o corpo movido pella mesma força, que a primeira ves, se tornou a voltar pera a Cruz, como estava antes, cõtinuando em seus fervorosos suspiros. Diz o Irmaõ, que dalli lhe ficaraõ huns grandes temores de descontentar a Deos. He o que tem estas cousas insolitas, quando saõ de Deos, que sempre deyxaõ effeitos sanctos, nas almas, porquem passaõ.

CAPITULO XXV.

Da devaçaõ, que tinha à Sancta Cruz, & Sagrada Payxaõ do Senhor.

1 MUito do que se podia dizer neste capitulo, fica jâ contado assima por occasiaõ, que ouve; por tanto só diremos neste lugar, o que falta. Estranhava muito o des-

o desdem, cõ que alguns fazem a Cruz no principio das cartas, cõ forma, que tal naõ parece: elle nas suas, que escrevia punha o sinal da Cruz cõ tanta perfeiçaõ, como se o pintara em hum quadro. Huma ves lhe veyo dezejo de lançar na cama huma Cruz, & deitarse sobre ella; naõ teve à maõ, de que a fazer, senaõ de huma regoa do seu officio, atravessandolhe por braços o cilicio. Sobre ella se recostou, cuidando, encontraria com a suavidade, que muitas vezes tinha experimentado na sancta Cruz: mas succedeolhe ao contrario, porque o mesmo foi deitarse, q̃ verse em agonias de morte, sendo tantas as affliçoens na alma, que redundavaõ no corpo: acrecentaraõse huns sonhos taõ cansados, que lhe parecia estar no purgatorio. Como sentio effeitos taõ diversos, dos que esperava; comessou a entrar em escrupulo, se seriaõ castigo por tratar a sancta Cruz com pouca reverencia. Logo o Senhor lhe deu a sentir, quam errado fora em buscar delicias na Cruz, em que Christo só buscou affliçoens; que esta se avia de procurar ter com seus encargos à imitaçaõ de Christo. Com o qual aviso ficou ensinado pera semelhantes occasioens.

2 Huma sesta feira se sentio interiormente movido a correr os passos da sagrada Payxaõ com a Cruz às costas. Fechada pois a janela, designou sete lugares no cubiculo, fazendo em cada hum sua Cruz, & no ultimo, que avia de ser o Calvario, pós outra, que armou de duas taboas da sua barra encostadas à parede, & sustentadas de dous pregos, que logo alli achou pregados na proporçaõ, que dezejava, sem elle nunca os ter postos em tal lugar. Dispostas assim as cousas, andava jâ impaciente seu espirito de tardar tanto a procissaõ, pello, que nella esperava gozar. Servio de Cruz, pera levar às costas, hum banco comprido, que alli estava; logo com elle em seus hombros foi correndo huma por huma as estaçoens; detendose em cada huma bom espaço de tempo, athe chegar a do calvario.

3 Nesta sua procissaõ se lhe afigurava muito ao vivo o reboliço, & mais trafego, que avia, quando o Senhor era levado a Crucificar; porem no meyo desta desinquietaçaõ imaginària hia sua alma toda recolhida em Deos: tambem teve hum pasmo nos sentidos, a quem parece, q̃ abrangeo alguma cousa, do que passava na alma. Corridos

todos os passos, depoz no calvario o banco, que servira de Cruz, & ficou em orassaõ diante da Cruz principal. Logo o corpo se foi debruçando athe cozer o rosto com a terra; depois de breve espaço se tornou a endereitar, & os braços formaraõ sua costumada Cruz, assim continuou por largo tempo sua orassaõ. Depois sobiraõ os braços mais alto, aonde se ajuntaraõ as maõs, & tornando a decer cõ vagarosa pausa se cruzaraõ de hombro a hombro; depois se tornaraõ a estender como de primeiro, donde se abateraõ a pôr na forma, em que pintaõ a Saõ Francisco com as chagas; daqui finalmente se puzeraõ em seu natural sitio compostas as maõs, como quem está em orassaõ. O mesmo lhe succedia em varias sestas feiras.

4 Na tarde de huma sesta feira, estando em orassaõ no mesmo cubiculo, o espirito, que só governava, fez estender o corpo de costas no chaõ, ajuntando os pés, cahida a cabeça a huma parte, os braços encruzados sobre o peito, tudo na forma de hum homem a mortalhado, naõ dando no exterior sinal de vivo: depois de estar nesta postura, começou o corpo a dar solabancos pera sima arqueando o peito, como que se queria levantar, & subir pera o Ceo; mas como o espirito naõ pudesse levantar o pezo do corpo, se tornou a aquietar athe o fim da orassaõ.

5 Por muitos tempos naõ entendeo o Irmaõ, que mysterio averia no que acabamos de referir, ainda, que lhe dava alguma boa consideraçaõ; athe, que estando com a pena na maõ, pera o escrever por ordem da obediencia, como as mais cousas; deulhe o Senhor a sentir, que o declarasse nesta forma: que como athe entaõ reprezentara a Christo em seus tormentos, a gora o reprezentasse morto, & a mortalhado; & faz muito ao cazo ser a postura, que entaõ tinha, aquella, com que se pinta o sancto sudario; os arrancos do corpo, & arqueaduras do peito, eraõ arremeços, de quem queria tambem resucitar com Christo, mas como nelle avia ainda imperfeiçoens, & fezes da mortalidade, porisso o naõ podia fazer: nesta intelligencia da quelle seu sentimento assenta como em cousa sem duvida.

6 Escrevendo o sancto Irmaõ estas suas fabricas, diz assim: Podeseme aqui perguntar: pois naõ temieis, que neste tempo, que andaveis com essas cousas, vos buscassẽ,

& deſſem comvoſco? A iſto reſponde: Eſſa foi a primeira couſa, que ſe me offereceo, mas eu eſtava taõ certo, que ninguem avia de vir ter comigo, como ſe naõ eſtiveſſe peſſoa alguma em caza, porque o Senhor mo tinha aſſim aſſegurado.

7 Huma noyte em ſonhos o aſſalteou o mao eſpirito com grandes anguſtias, porque lhe parecia eſtar em huma jaula de feras, & cada huma a unhas, & dentes lhe desfazia as entranhas; durou o tormento por largo tempo, & ficou com tanto temor da fereza de ſeu inimigo, que eſte lhe era mais moleſto, que o trabalho, em que ſe vira. Tornou o demonio ſegunda vez contra elle com as meſmas, & outras maiores affliçoens, o Irmaõ as declara com as do Inferno. Logo, que ſe deſpedio o inimigo, acodio Deos cõ a conſolaçaõ; porque vio a Chriſto Senhor Noſſo attado à coluna, todo banhado em ſeu precioſo ſangue, que corria de grandes feridas. A pós eſta figura ſe lhe reprezentou huma do meſmo Senhor, que com a Cruz às coſtas caminhava a ſer crucificado no Calvario: deſcreveo o Irmaõ, dizendo, era hum homem de gentil talhe, & diſpoſiçaõ, que naturalmente moveria a amor, & devaçaõ.

8 Sobre eſtas duas viſoens diz, que a primeira era Chriſto Senhor Noſſo, & que paſſou intellectualmente. Da ſegunda diz, que naõ era o meſmo Chriſto, ſenaõ hum homem, que o reprezentava, & que paſſou na imaginativa: dâ por razaõ deſta differença, que como a alma eſtava mais bem diſpoſta, quis o Senhor imprimir nella ſua imagem intellectualmente, como de attado à coluna: porem como a imaginativa pertence à parte inferior do corpo, que he mais rebelde, naõ fiou Chriſto della ſua propria imagem, mas ſó lhe tapou a boca (como dizemos) com a reprezentaçaõ de huma figura ſua: adverte, que ſenaõ foi neſte ſegundo, & outro cazo, nunca eſtas viſoens ſe lhe reprezentavaõ ſenaõ intellectualmente, & na parte ſuperior; que a inferior do corpo naõ entrava em jogo, contentandoſe cõ algumas migalhas, que cahiaõ da meza do Senhor; pera q̃ eſtiveſſe quieta, & naõ desinquietaſſe a caza, aonde morava Deos.

9 No principio da quareſma de 1644, eſtando huma noyte, ao que lhe pareceo, ſonhando, vio no alto do cubiculo, em que morava, huma nuvem, da qual comeſſou a fa-

sahir hum muy claro resplandor, & no meyo delle Christo Crucificado, o qual punha em seu servo seus amorosos olhos. Com tal vista sentia taõ inflamado o coraſſaõ de amor de Deos, que lhe naõ cabia no peyto; dezejava muito ter alli, quem o ajudasse, a reverenciar o Senhor, & como a ninguem achasse, estando nesta pena se lhe acabou a vizaõ: & o Senhor, que no principio se lhe reprezentou em figura de carne, no fim se despedio, como se fora hum Crucifixo de marfim: a qual mudança attribue o Irmaõ à sua imperfeiçaõ, & defeitos; significandolhe o Senhor, cõvinha purificar primeiro, pera que pudesse perseverar na primeira vista, & na consolaçaõ, que della recebeo. Estes, & outros modos tem Deos de se explicar com seus servos, com quem elle se entende, & elles com elle: que aquem, Deos naõ faz participante destes mimos, & mysterios, estas cousas, quando as lé, lhe parecem meras friezas, com naõ sei, que ar de desvarios sonhados: mas he primeiro principio, que os reconditos das obras de Deos, naõ se hã demedir pella nossa pouquidade, & limitada intelligencia.

CAPITULO XXVI.

Da devaçaõ, que teve à Senhora, & alguns favores, que della recebeo.

1 SEndo taõ sancto este servo de Deos, certo he, que avia de ser particular devoto da Senhora; & o foi desde seus primeiros annos, reconhecendose obrigado às grandes merces, que de Deos por sua intercessaõ recebera. As pinturas, em que mais se apurava, eraõ as desta Senhora; & se ve bem das que ainda hoje se sabe, que saõ suas; como as do Noviciado de Lisboa; a que està na escada de Regina Cæli do Collegio de Evora, & outra semelhante, que se poem no sanctuario do mesmo Collegio: he bem, de caminho se diga isto, porque alem da estimaçaõ, que per si merecem, a devem ter pella sanctidade, de quem as pintou.

2 Todos os dias rezava o Rosario da Senhora, naõ de corrida, mas cõ muito vagar, & pauza a modo de quẽ meditava. Tambem a visitava na sua capellinha dos enfermos

todos

todos os dias por espaço de huma hora. A todos aconselhava, que a tomassem por May, & que della se valessem nas suas affliçoens. Andava hum nosso Religioso atormentado com molestissimos pensamentos, que o naõ deyxavaõ acquietar; pedio ao Irmaõ Cunha comunicandolhe a sua affliçaõ, que o encomendasse a Deos; ficou de assim o fazer; mas inculcoulhe por mais efficas remedio a devaçaõ da Senhora, & que lhe rezasse o officio de sua immaculada Conceyçaõ: assim o fez, & ficou alliviado da quella importunidade.

3 Caminhava pera thisico hum doente em o Noviciado de Lisboa; jâ os remedios, que se lhe applicavaõ, eraõ todos, pera obviar este mal; com o dezejo, que todos temos da vida, este que só a queria pera servir a Deos, & à Religiaõ, pedio ao seu enfermeiro, que era o Irmaõ Cunha, rogasse a Deos por sua saude, se ella fosse pera honra do mesmo Senhor. Compadeceose, entrou logo na capellinha dos enfermos, & posto em fervorosa orassaõ, pedio à Senhora, alcançasse de seu sancto Filho, que a morte naõ atalhasse os serviços, que lhe dezejava fazer aquelle seu servo. Continuando nesta petissaõ, lhe disse a Senhora intellectualmente, que o enfermo avia de ter saude; & que pera sinal, contasse as contas, & acharia, que ainda lhe faltavaõ tantas, pera acabar a coroa, que estava rezando. Contou as Ave marias, & achou ao certo o numero, que a Senhora lhe dissera. O Irmaõ teve saude, & viveo muitos annos.

4 Acrescenta o Irmaõ Cunha, que crera com tanta certeza, o que lhe dissera a Senhora, que daria a vida pella segurança do effeito: mas logo ajunta grandes confusoens suas, culpandose de naõ dizer ao enfermo a reposta da Senhora; porque senaõ succedesse, ficaria tido por propheta falso; & assim se chama, quando isto refere, duro de cabeça, leve inconstante no bem; falto de prudencia, & sem termos nas cousas de importancia.

5 Estando elle enfermo jâ da doença ultima, que teve; vio em sonhos no meyo do seu cubiculo hum altar ornado ricamente, & nelle a Virgem May com o seu menino nos braços, a quem fazia muitas caricias, pedindolhe, que lhe consolasse a quelle enfermo, olhava pera o sancto menino com tal ternura, que a teve grande o Irmaõ acompanhada

nhada de muita alegria; & assim se foi mais avizinhando à Senhora, & esta ao Irmaõ, de sorte, que elle a abraçou, & a Senhora lhe lançou os braços ao pescosso. Estando neste suave enleo: lhe pareceo, que via a imagem da Senhora como de marfim, pello modo, que atraz dissemos em a visaõ de Christo Crucificado, & que cessavaõ todas aquellas consolaçoens, que no principio tivera; logo se acabou o sonho: cujos effeitos foraõ tres dias inteiros de grandes consolaçoens do Ceo, nacidas das lembranças de se ter visto nos braços da Virgem May.

6 Esta visaõ, que devia ter a mesma intelligencia neste variar das imagens, que a de Christo, que fica atraz referida; deyxou escritta com aquella de Christo o Padre Bernardino de Saõpayo, porquanto ellas aconteceraõ depois de o Irmaõ ter escritto os apontamentos, que a obediencia lhe ordenara poucos mezes antes de sua sancta morte.

CAPITULO XXVII.

De sua profunda humildade.

1 TOdos estes favores, que Deos lhe fazia, naõ assentavaõ no ar, mas no solido fundamento das virtudes, em que principalmente pós sua mira o Irmaõ Domingos da Cunha. Começando pella humildade, parece, que naõ deyxou lugar, a que outrem nella lhe puzesse o pé diante. Naõ avia pera elle cousa de maior pena, que significarenlhe, ter estimaçaõ de sua virtude: pello que compadecidos os Superiores deste seu tormento, ordenaraõ, aos que tinhaõ delle cuidado, & o visitavaõ, lhe naõ tocassem nesta materia. Nos ultimos dias, que andou em pé, vendoo hum Irmaõ assentado na escada, que do corredor debayxo dece pera a cerca, lhe disse: Pareceme alli assentado hum Sancto Aleyxo: acodio muito depressa: Irmaõ, tire dahi o sancto; & lhe naõ disse mais nada.

2 Dezejou hum Religioso, nosso huma reliquia sua, antes de morrer, & pera a alcançar escreveo a hum Padre que morava em o Noviciado: leraõ esta carta ao Irmaõ Cunha, escusadamente por certo; della ficou taõ corrido, como

como algum preſumptuoſo ficaria de huma picante ſatyra. Depois o meſmo Religioſo lhe eſcreveo, pera na repoſta ter a reliquia, que dezejava: mas o bom Irmaõ por naõ faltar â cortezia, lhes reſpōdeo por maõ alhea; dando ſuas infermidades por cauſa de o naõ fazer por maõ propria.

3 Determinou desfazer eſta opiniaõ; que ſe tinha de ſua virtude, com manifeſtar a todos os peccados, em que tinha caido por mais vergonhoſos, que foſſem; dezejava ir pella cidade dizendoos a grandes vozes; & porque naõ eſtava na ſua maõ, refrearſe neſta materia, & logo contava ſeus deſmanchos; pera que agora o tiveſſem, pello que entaõ fora; lhe ordenaraõ os Superiores, naõ diſſeſſe a alguem ſuas confuſoens, decendo a couſas particulares.

4 Huma ves o reprehendeo aſperamente o Irmaõ Sottominiſtro, dizendolhe de caminho muitas couſas das ſuas deſordens paſſadas, que delle tinha ouvido, lançandolhe em roſto, quam mal correſpondia a Deos: tomou tudo como ſe foſſe de veras, depois de o ouvir, ſe pós de joelhos diante delle, pedindolhe encarecidamente, permittiſſe, beijarlhe os pés em agradecimento, & rogandolhe, que dalli por diante lhe fizeſſe muitas vezes aquella caridade, que taõ neceſſaria lhe era.

5 Pedia muitas vezes as faltas aos Irmaõs Noviços, como ſe fora hum delles; como eſtes naõ tiveſſem, que lhe notar, ſe deſconſolava muito, cuidando, que Deos o deſemparava, pois encobria ſuas faltas aos Irmaõs, ſendo ellas tantas: & ſe algum pello conſolar lhe dizia algum defeito, lhe beijava os pés, & lhe dava parte das ſuas oraçoens.

6 Nos principios de ſua converſaõ lhe deraõ impetos, de ſe fingir louco, & ſahir pellas ruas de Lisboa, como Saõ Joaõ de Deos pellas de Granada: occaſiaõ ouve, em que ſe embrulhou em hum cobertor, & jâ ſahia pella porta fora a eſte intento, mas os diſcipulos tiveraõ maõ nelle, & o recolheraõ pera dentro de caza. Ainda fazendo em comunidade algum colloquio, ſe tratava com muito deſprezo, chamandoſe de nomes, uſando de palavras groſſeiras pera que o tiveſſem por toſco.

7 Era muy conhecido na Corte, & ainda no melhor do Reyno pella excellencia de ſua maõ, & pinturas. Quando

do hia retratar a el-Rey, como fica ditto, & paſſava pella ſala, em que aſſiſtiaõ os Cortezaõs, muitos delles, que o tinhaõ por ſancto, lhe faziaõ honra, & o abraçavaõ, ſendo niſto primeiros os Titulares mais illuſtres. Outros vendo eſtas piedoſas cortezias, diziaõ em vox alta: Eſte he o Cabrinha pintor affamado. A'volta pera caza diſſe ao companheiro Irmaõ, cuido me tem Deos deſemparado, pois eſtando hâ tanto fora do mundo, ainda me conhece, mas tomara eu fora o conhecimento, como quem eu ſou, & naõ com honras, deque ſou indigno; folgara eu agora de poder fazer, o que fez Saõ Joaõ de Deos, & hir por eſſa cidade publicando meus peccados. Perguntoulhe entaõ o Irmaõ, ſe lhe cuſtara nomearemno pella ſua antiga alcunha de Cabrinha? Reſpondeo: Naõ me cuſtou, porque mo diſſeraõ com honrinha, que ſe fora por deſprezo, o jumento o ſentiria, mas eu folgaria muito.

8 Indo hum dia comprar tintas, na tenda ſe encontrou com outro pintor, o qual pello deſprezo do trage, & modeſtia, nada menos julgou, que ſer o celebre pintor Domingos da Cunha, & aſſim diſſe pera o Irmaõ Procurador, que o acompanhava: Voſſas Paternidades tem lâ Domingos da Cunha o Cabrinha, deve de ter feito grandes obras. Quis o companheiro divertir a pratica, por cuidar, lhe cuſtava, ouvirſe nomear por aquella alcunha: mas elle ſahio dizendo: Senhor eu ſou eſſe Cabrinha, mas naõ taõ affamado pintor, como voſſa mercê diz; os Padres me daõ de comer, ſem eu lhe ſervir de nada. O homem paſmado, do que ouvia; ſe lhe lançou aos pés, pedindo mil perdoens, mas elle com a boca chea de riſo o deſculpou culpandoſe a ſi.

9 Coſtumava dizer, que ſe eſpantava, deque a Companhia o recebeſſe, ſendo taõ inutil, que lhe naõ podia ſervir de couſa, que boa foſſe. Fazia grande eſtima, & com razaõ de eſtado de Irmaõ Coadjutor temporal, naõ fazendo, nem dizendo couſa, que delle deſdiſſeſſe. Perguntaraõlhe em certa caza, ſe era Confeſſor: reſpondeo com muita eſperteza: Naõ, que ſou hum leigo, & idiota. Sabia latim arrezoadamente, & pello naõ moſtrar, nunca rezou o officio de Noſſa Senhora, ſendo, que lhe era devotiſſimo. Nunca lhe ouviraõ palavra latina: porque em hum repouzo levado do fervor ſem advertencia diſſe, que as illuſtra-
çoens

çoens milagrosas eraõ *dona gratis data*; caindo em o que dissera, ficou muy pensativo, & disse por entre dentes: vos jumento fallais latim, pagalloeis: perguntado entaõ, a que se condenava por aquelle peccado taõ grande; respondeo, que a dar parte dos açoutes, pera que tinha licença, em hum osso. Semelhante causa devia ter pera outra justiça, que em si executou, porque chegandose à sua porta hum Irmaõ a tempo, que tomava disciplina, entre os açoutes, q̃ tezamente dava em si, lhe ouvio repetir muitas vezes: Tomai, & tornareis a dizer; *Verbi gratia.*

10 Refiramos agora dous notaveis sentimentos, que o Senhor lhe deu na virtude da humildade. Estando em orassaõ lhe vieraõ grandes dezejos de ser desprezado por amor de Christo; levado destes dezejos, foi discorrendo por todos os lugares, em que podia satisfazer a esta sede: jâ se imaginava de bayxo dos pés do mais vil escravo, que lhe dava muitos couces, & bofetadas: Já se considerava em hũ monturo, pera que o digamos com a sua palavra, aonde naõ avia immundicia, com que lhe naõ atirassem; alem disso todos, os que passavaõ, lhe punhaõ os pés no rosto, & a este compasso lhe diziaõ de afrontas, quanto lhe vinha à boca: mas tudo, sendo tanto, vinha a ser muito pouco, pera os dezejos de ser desprezado, os quais creciaõ à medida das injurias, & diz o sancto Irmaõ, que quando lhe faziaõ a injuria, sentia especial gosto, como se a maõ, que a fazia, trouxesse com ella a consolaçaõ, & a retirasse com o cessar da injuria.

11 Como se achou tambem por este caminho, começou a descobrir novos desprezos, porque os que dissemos, lhe pareciaõ poucos: pera este fim, deceo com a considerassaõ aos Infernos, & lâ se meteo debayxo dos pés dos Demonios, que o tratavaõ, como de tais pés elle esperava: mas ainda senaõ dava por contente, por se ter por cousa taõ vil, que naõ era digno nem ainda de estar entre condenados. Revolveo todo o Inferno, pera ver, se achava lugar à medida da sua vileza; meteose de humas em outras cavernas, athe que encontrou com hum profundissimo poço de fogo, no qual se arremeçou; mas descontentouse depressa, porque a hum lado delle descobrio huma grutta, pella estreiteza deste retiro se foi metendo, athe parar aonde ella acabava: alli se enovelou todo no seu nada, mas

ainda com dezejos de maior abatimento: porẽ como lhe tinha feito boas diligencias, & jâ naõ topava mais, se acquietou naquelle abismo. Passado este pensamento, se pós a cuidar, quam rara humildade era aquella, & se se poderia alcançar: nestes pontos veyo sobre elle huma illustraçaõ interior, & sentio, que o Senhor lhe dizia: Bem se pode alcançar essa humildade.

12 Causou esta luz tais jubilos em sua alma, que quasi sahia fora de si; logo sem advertir, no que fazia, se lançou por terra a beijar o chaõ: indo dar conta ao Padre Reytor de tudo isto, pello caminho se lhe hia o corpo arremeçando ao chaõ, pera o beijar. Nos apontamentos, que fez de suas cousas por ordem da obediencia, se esta lhe naõ mandara, escrevesse só os favores, que de Deos tinha recebido, & o que por elle pera gloria do mesmo Senhor tinha passado; pouco seria o papel pera, como outro Sancto Agostinho, escrever suas fragilidades; ainda assim saõ tantas as confusoens, com que aduba, o que escreve, que bem mostra tinha de si o conceyto mais vil, que ser pode. O Autor do manuscritto, donde vou recolhendo estas cousas, diz, que de exemplos nesta virtude poderia encher muitas laudas, pellos ter à maõ; mas desculpase de naõ pór mais, por ir crecendo o capitulo, que faz da humildade.

CAPITULO XXVIII.

De sua pobreza, & obediencia exacta.

1 NAõ foi menos o affecto, que sempre teve à pobreza, a quem tratou como May, que he dos Religiosos. Em quanto viveo na caza do Noviciado, que foi quasi todo o tempo, que esteve na Religiaõ, no vestido se tratou como Noviço, usando roupeta parda, & essa gastada, & curta, quanto naõ fosse immodestia; a mesma, com que vestia as estatuas de palha, que por razaõ da pintura armava, pera tirar corpos, lhe servia tambem a elle. Hum ourelo pardo lhe durou muitos annos, quando o deyxou tinha mais nós, que cordaõ de Franciscano. A este tom eraõ barrete, & çapatos.

2 Tendo hum chapeo ja taõ velho, que naõ estava pera

ra ſervir, ſe lhe deu chapeo novo: envergonhouſe de ſe ver ao ſeu parecer taõ galante; com diſſimulaçaõ pedio ao Padre Reytor licenſa pera o trocar com outro mais uſado; alcançandoa, ſe foi aos chapeos dos Irmaõs Noviços, que pera a ſua pobreza todos eraõ de receber; alli eſcolheo entre todos, o que mais lhe contentou, que por velho, & gaſtado de abas, & outras achegas, era mais plauſivel; & levava mais os olhos, a quem o via, que o ſeu novo, que deyxava; perſuadindoſe, que com eſta nova eleiçaõ, ficava com chapeo mais de ſeu goſto, que o primeiro, que lhe tiraraõ.

3 Indo algumas vezes a Saõ Roque, o advertiraõ alguns zelozos, naõ trouxeſſe tal chapeo, barrete, & aſſim nas outras peças, que ſe viaõ; porque cuidaria a gente, que era algum penitenciado: porem iſto o confirmava mais no ſeu propoſito; dizendo, que goſtava muito deſte trage deſprezivel, porque indo fora, & encontrandoo alguns conhecidos, cuidando ſer Noviço, paſſavaõ de largo, ſem lhe fallar. Quando ouve de hir pera o Collegio de Evora, teve com elle grande trabalho o Irmaõ Procurador, pera que aceitaſſe huma roupeta nova, dizendo, que ſe aſſim o naõ fazia, a perda era da caza, a cuja cuſta, lâ ſe lhe avia de dar roupeta nova; depois de varios dares, & tomares veyo em que ſe lhe fizeſſe huma, mas de pano groſſeiro, como ſe lhe fez.

4 Reviaſe nos remendos do ſeu veſtido, elle por ſua maõ os lançava, & mais nos interiores, pera que ſe naõ deſſe fé, de quam uſados eraõ. Era mais de louvar eſta pobreza no veſtir do Irmaõ Cunha, quanto elle no mundo fora mais dado a galas, & amigo de trajar cuſtoſamente. Muitas curioſidades, das que chamaõ de devaçaõ, pudera elle ter; mas todas eſtas ſe reduziaõ a huma Cruz pequena de pao, & toſca; & a hum reziſto de papel, em que eſtava Chriſto com a ſua Cruz às coſtas. Deraõlhe os Superiores licença, pera fazer huma lamina pera o ſeu uſo, mas nunca quis vir niſſo, por naõ ter repartido o ſeu affecto cõ eſtas couſas de devaçaõ, porque todo o queria pera Deos.

5 Nas couſas do ſeu officio, ſe vio ſempre, quam eſcrupuloſo era neſta materia, aproveitando, o que outros facilmente deſperdiçariaõ. Goſtava muito de comer de eſmolas, entaõ lhe ſabia tudo mais, porque era temperado

com

com a ſancta pobreza. Em huma palavra, foi taõ amante deſta virtude, que todos os ſeus dezejos eraõ, naõ ter couſa alguma deſte mundo.

6 Na obediencia em tudo foi eſtremado: como no Superior lhe parecia ter diante dos olhos naõ a hum homem, mas a Deos, tinha por temeridade ajuizar, no que diſpunhaõ. Huma menhãa eſperava na capella de Noſſa Senhora, pera comungar por maõ do Padre Provincial; quando o vio entrar, diz, que ſe lhe afigurou, ver nelle muito ao vivo a Chriſto Senhor Noſſo; ficoulhe eſte ſentimento taõ impreſſo, que quando dava conta de ſua conſciencia ao Superior, naõ diſtinguia entre elle, & Deos: daqui nacia deſcobrirlhe tudo meudamente, & tomar ſuas direçoens, naõ como de homem, mas como dadas pella boca do meſmo Deos.

7 Algumas vezes comunicando ſeu modo de oraſſaõ com o Superior, & dizendolhe, que ficava o entendimento taõ recolhido em Deos, que paſmava, ſem poder continuar em diſcurſos. O Superior lhe diſſe, ſe ajudaſſe ainda aſſim de algumas conſideraſſoens, pera mais ſe afervorar. Tomou o conſelho tanto às cegas, que ſe fazia força pera diſcorrer, & tanto, que da violencia veyo a padecer grandes dores de cabeſſa; o que ſabendo o meſmo Superior, lhe ordenou, foſſe por onde Deos o levava.

8 Na ſua Arte de pintor, em que era taõ eminente, fiava mais do juiſo daquelles, que tinhaõ ſobre elle alguma ſuperioridade, que do ſeu. Succedia, que entrando acazo algum deſtes na officina, em que pintava; & dizendo mais a modo, de quem pergunta, do que, de quem nota, ſe ficaria melhor o lanço da figura deſte, ou daquelle modo; era neceſſario dizerlhe; deſſe a razaõ, porque aſſim, ou aſſim o fazia, pera naõ mudar logo ſem mais reparo; ſó por aquella inſinuaſſaõ, do que tinha por Superior. Com ſe darem por ſatisfeitos, quando outra ves voltavaõ, tinha o Irmaõ emmendado na ſua obra aquillo, em que ſe reparara, por naõ parecer, que ficava cõ a ſua. Algumas vezes ſuccedeo, ſendo a emmenda contra as regras da Arte, ficar melhor no parecer, do que ſe com ellas ſe ajuſtaſſe; querendo aſſim Deos apremiar o ſeu dezejo de obedecer.

9 Ajudando huma ves ao Sottominiſtro a armar a capella dos Irmaõs, eſte o deyxou ſô dizendolhe, que eſperaſſe,

perasse, que logo voltava. Esqueceose o Irmaõ de voltar, & foi à cidade, por assim lhe ser necessario, donde veyo bem tarde: & achando ao Irmaõ Cunha em orassaõ na capella, lhe perguntou, porque naõ acodira à communidade, que ja sahira de ambas as mezas: respondeo; porque elle me mandou esperar, athe que viesse: edificouse o Irmaõ, como pedia o cazo, & o mandou à meza.

10 Pello Natal no tempo, que a cõmunidade estava na capella passando o repouzo da noyte em devotos colloquios, como he sancto costume desta Provincia: mandou o Padre Reytor a hum Noviço, que cantasse alguma cousa devota; com o pejo natural, que lhe sobreveyo, como quẽ era taõ pouco destro na arte, naõ pode abrir a boca, pera entoar huma só palavra: entaõ disse o Padre Reytor ao Irmaõ Domingos da Cunha, que jâ tinha annos do Collegio, que cantasse: elle sem detença, puxando brandamente de hum escarrinho, pera fazer melhor a figura, sahio com a toada, & letra feita de repente, fazendo muitos passos, ou descompassos de garganta, pera se rirem mais delle: a letra vinha a ser, ou a sentença della: *Que melhor era obedecer naquella occasiaõ cantando, que chorar orando*; a volta da cantiga sempre era: *Obedecer, cantar, & calar*: Aqui eraõ os sustenidos, taõ pouco conformes a arte, quanto ageitados pera alegrar o auditorio. Edificandose os que sabiaõ, que elle naõ era taõ desentoado, como se fazia, só pera se mortificar, & ser materia de riso.

11 Achandose mal de saude no Collegio de Evora, lhe escreveo o Irmaõ Procurador do Noviciado, que propuzesse ao Padre Provincial seus achaques, pera mais facilmente despachar a petiçaõ, que a caza do Noviciado lhe fazia, pera voltar a ella o Irmaõ Cunha; porque alli como em ares patrios, seria certa a melhoria. Respondeo, que elle viera à Religiaõ morrer, & que pouco importava ser mais sedo, ou mais tarde; neste, ou naquelle lugar; & assim que naõ fallaria em tal materia a Superior algum, estando mui consolado com qualquer cousa, que delle ordenassem; & que qualquer outra inclinassaõ nesta parte, era engano muy arriscado.

12 A o sinal da campa acodia como quer a regra. Succedia tocar muitas vezes, quando pedia a pintura, naõ largar o pincel da maõ, mas elle por tudo cortava, athe que os

os Superiores lhe ordenaraõ, continuasse a sua obra, & reservasse pera outro tempo o exercicio espiritual, como exame, ou outro, por naõ interromper a obra, que nisso padecia detrimentos. Na cerca se achava huma vez em huma das contemplaçoens, que ficaõ assima: parecendolhe, q̃ tangiaõ a exame, logo disparou a correr pera casa com tal pressa, que parecia, naõ por os pés no chaõ; como estivesse mui debilitado chegou sem folgo; achando que fora engano, pois se naõ tinha tangido, ficou grandemente consolado, entendendo, que naõ podiaõ ser illusoens aquelles extases, que o deyxavaõ taõ prompto, pera acodir ainda a huma obediencia imaginada, & quasi sonhada.

CAPITULO XXIX.

De sua penitencia, & mortificassaõ.

1 COmo o Irmaõ Domingos da Cunha se teve sempre por muito devedor à Divina justiça, a quem tanto offendera, vivia com grandes dezejos de lhe satisfazer. Logo depois de sua conversaõ se disciplinava asperamẽte huma vez todos os dias, & muitos duas, se a obediencia lhe naõ gizara estes rigores attendendo a suas poucas forças, ainda seriaõ mais as disciplinas. O cilicio era quasi continuo, pera que fosse mais penoso, lhe deyxava criar bichos em pasta, quando se deu fé deste rigor, foi obrigado pellos Superiores, a procurar mais limpeza, à qual naõ devia faltar, ainda que se diminuisse a mortificassaõ.

2 Muitas noytes dormia unicamente sobre as taboas da barra. O seu jejum era mais inedia, que outra cousa; nelle era maior mortificassaõ, que o seria em outros, por ser de natural calido; sempre indo à mesa, hia com tanta fome, que podia comer, o que na mesa se dava, & muito mais: por esta fome lhe parecer tentaçaõ, que arma o inimigo cõ capa de necessidade; se resolveo de quebrar este appetite, & assim por muitos annos, naõ passou do pezo de quatro onças, o que comia na mesa: pera que senaõ advertisse, gastava o tempo em dar voltas, & trinchar, como quem se armava a comer muito: porem como andassem com os olhos

so-

ſobre elle neſta materia, & avizaſſem diſſo ao Padre Reytor; elle lhe ordenou, ſe moderaſſe neſte rigor, & tambem, que bebeſſe vinho. De beber vinho ſe livrou facilmente, dando por cauſa, que com elle ſe lhe aſſanhava o figado, de que era achacado.

3 Nunca lhe viraõ uſar no comer de couſa, que o fizeſſe appetitoſo como de ſalſa, limaõ, & ſemelhantes adubos. Das frutas sò comia alguma, que tiveſſe podre; pera que o goſto naõ tiveſſe, em que ſe ſaborear. Quando por occaſiaõ de feſta ſe punha algum doce na meza, diſſimuladamente o ſumia: huma ves recolheo, pera dar a hum pobre, eſte doce com hum pedaço de paõ; como foſſe tirar o lenço da algibeira, veyo atraz delle o furto, que cahio em terra diante dos Noviços; tornou-o a recolher, & levar ao ſeu pobre.

4 Deſta abſtinencia ſe lhe veyo a myrrar o corpo de modo, que parecia huma armaçaõ de oſſos. Na ultima doença confeſſou, que eſta lida, que ſempre trouxera com a fome, lhe eſtragara a ſaude. Hum dia ſe póz a conſiderar nas penitencias extraordinarias, que fizeraõ os ſanctos antigos; pareciaõlhe muito ſobre as forças humanas, & mais ſobre as ſuas, podelos imitar. Logo teve hum ſentimento; que com o favor de Deos toda a penitencia ſe pode fazer: com o que ficou muy animado, ao que dezejava fazer neſta parte. Sopeou todas as ſuas payxoens, ſem nunca permittir, levantaſſem cabeça; quando alguma apontava, acodia logo a vencela; dandolhe o Senhor, como em premio da victoria, huma grande conſolaçaõ: como ſe diſſera (ſaõ palavras ſuas) toma eſta conſolaçaõ por eſſa mortificaſſaõ. De huma lhe ficava a maõ como folgada pera outra, dezejando, & procurando mortificarſe mais, & mais. A hum Padre, que era Noviço, & lhe diſſe: Irmaõ Cunha, amemos a Deos: reſpondeo com muita eſperteza: Padre noſſo, mortifiquemonos.

5 Trazia os ſentidos em tormento, negandolhe tudo, o que os podia recrear. No tacto parecia inſenſivel: Depois de Religioſo nunca o viraõ coſſar, nem enxotar moſca, ou moſquito, que nelle pouzaſſe. Algumas vezes, quando eſtava pintando, lhe entrou o Sottominiſtro no cubiculo, & vendolhe nos lagrimais dos olhos as moſcas em pinhas, & por todo o roſto, ſem elle as deſinquietar, o

reprehendeo de tal cousa permittir; o Irmaõ sorrindose passou levemente o cabo do pincel pellas moscas, as quais brevemente tornaraõ, aonde se tinhaõ achado tanto à medida da sua importunidade.

6 O mesmo Irmaõ entrou no seu cubiculo estando doente, & lhe vio o rosto todo cuberto de moscas, em forma que delle nada se via: estranhoulhe tal mortificassaõ, & em tempo, que seria muy nociva à saude: entaõ lhe confessou, que taõ fora estavaõ aquelles animalejos de o mortificar, que lhe davaõ recreassaõ, & gosto; & que o espirito lhe dizia muitas vezes, que os enxotasse, pera se mortificar.

7 Mudarase pera hum cubiculo, dormindo nelle huma noyte, no dia seguinte appareceo com o rosto, & maõs empoladas, como de sarampaõ; perguntado pella causa; respondeo, que devia ser algum bichinho da nova habitaçaõ: foraõ logo ver o cubiculo, acharaõ a cama, & barra coalhada dos animalejos, que nella se criaõ; como estavaõ famintos, & eraõ muitos, & se acharaõ tambem com o novo hospede, que de taõ boa vontade os agazalhava, aproveitaraõse da occasiaõ: teriaõ muitas, se a caridade de seus Irmaõs, naõ tratara do cõmodo do Irmaõ Cunha, de que elle tanto se esquecia. Tinha grande compayxaõ; & por isso naõ se atrevia a matar nem huma formiga, dizendo, q̃ estas creaturas naõ tinhaõ outra vida mais que esta; & tirarlha, naõ lha tendo dado, parecia genero de crueldade.

8 Estando à boca da noyte em orassaõ na capella, lhe deu hum impulso interior, que fosse de joelhos à roda beijando huns esteiroens, que alli estavaõ, pera os Irmaõs escarrarem, & cuspirem; assim o fez; & diz, tivera nesta mortificaçaõ tantas consolaçoens, como naquella sua procissaõ dos passos, que lâ fica referida, quando tratamos da devaçaõ, que teve à Sancta Cruz.

9 Naõ tratou com menos severidade ao sentido dos olhos. Naõ ouve dia mais vistoso pera todo o Reyno de Portugal, que o decimo quinto de Dezembro de 1640, em que se coroou por Rey o feleciſſimo Senhor Dom Joaõ o quarto; indo a esta solẽnidade o Irmaõ Procurador, levou consigo por companheiro ao nosso Irmaõ Cunha; sendo a occasiaõ taõ plausivel, quanto se naõ pode dizer; pergũtado

tado

tado depois pello Procurador, que lhe parecera: respondeo sinceramente, que elle de nada dera fé. Estando em Evora, & armandose a nossa Igreja a todo custo, pera se formarem nella alguns doutores em Theologia, nunca se pode acabar com o Irmaõ Cunha, que a fosse ver, & o apparato, com que se daõ alli os graos de doutor, que em tudo he pomposo.

10 Dourandose o retabolo da Igreja, sendo que assistia nella frequentemente, nunca o vio, senaõ huma ves, que o mandaraõ, pera dar seu voto na materia. Pellas quarenta horas indo todos à caza de Saõ Roque, em que a Igreja se arma com todo o primor; jâ mais vio outra cousa de todo aquelle magestoso apparato, senaõ ao Senhor exposto, em quem seus olhos se empregavaõ todos, tirandoos de tudo o mais, que os convidava.

11 Morava em hum cubiculo, que tinha a vista sobre o rio; ouvio, que a gente da parte de fora, & junto à sua janela fazia grande festa a huma nao da India, que vinha entrando rebocada por huma galê real, alegrandose todos de como enchia o rio, & os olhos de toda a cidade; quem esteve em Lisboa sabe mui bem, que o dia, em que entra nao da India, he plausibilissimo naquella grande corte; cõ ser tudo assim, & estar o Irmaõ Cunha assentado junto à janela, que do cubiculo cahe pera o rio, podendo só com levantar os olhos, gozar daquella taõ jucunda vista; os teve bayxos, & de nada deu fé. Alguns, que isto souberaõ, lhe perguntaraõ, porque naõ fechara a janela, pera evitar o perigo, de se lhe irem os olhos: respondeo, porque assim era maior a victoria.

CAPITULO XXX.

De suas praticas espirituais, & algumas tentaçoens, com que Deos o provou, & como se ouve nellas.

1 NA lingua foi taõ moderado, como no demais: palavra ociosa ninguem a ouvio da sua boca. Huma vez o achou muy pezarozo certo Padre, & toda a causa vinhaõ a ser duas palavras, huma sem fruto, dizendo ao enfermeyro; que fazia frio: a outra a hum Padre, a quem dis-

se: que se espantava, que alguem deyxasse a Deos, por mais securas, que tivesse. De todos fallou sempre bem, naõ he tanto de admirar, o fizesse na Religiaõ, quanto, que no mundo fosse jâ nesta materia taõ advertido, que se soube de pessoa, que com elle viveo de portas a dentro, que nunca se lhe ouvira palavra, que desdourasse o credito de alguem. Se a cazo em sua prezença acontecia meterse pratica, que tocasse em descuidos alheos, todo se empenhava em desculpar o sogeito, com mais efficacia, que o fizera per si o mesmo culpado.

2 Nas suas conversasoens parece, que nem podia, nem sabia dizer cousa alguma, senaõ fosse de Deos. Hum secular o veyo visitar, passada a primeira saudaçaõ, logo o Irmaõ Cunha meteo pratica de Deos, & continuou bem o espaço: o secular, que naõ devia ser muy devoto; lhe disse, ora Padre Cunha fallemos agora câ das telhas abayxo, & começou a meter pratica da pintura: porem o Irmaõ tornou ao seu ponto com mais fervor: entaõ vendo o secular, que trabalhava de balde, se dispedio delle dizendo: Fiquese embora, & lâ pera o dia do juizo nos tornaremos aver. Ficou o sancto Irmaõ muito alegre, por assim se livrar daquella visita, pois elle só queria o seu tempo, pera o gastar com Deos, & naõ em visitas impertinentes.

3 Quando acompanhava algum nosso em visitas de seculares, naõ fallava, senaõ quando o obrigavaõ, fazendo sempre, que as palavras naõ cheirassem a cousas do mũdo: porque muitas vezes sabiaõ, os que acompanhava, quanto gostavaõ, de o ouvir fallar de Deos; o deyxavaõ a elle só fallar, & afervorar a todos. Destas suas praticas gostou com especiálidade a Senhora condessa de Odemira, & pedia a seu Confessor, que era Padre da Companhia, levasse, quando fosse a sua caza, por companheiro ao Irmaõ Domingos da Cunha, pera lhe fallar de cousas do Ceo, & proveitosas ao espirito.

4 Quem assim se avia com os de fora, naõ hâ, porque dizer, como se averia com os de caza; que era gente, que toda gostava de Deos; porem se alguma vez se desviava a pratica do caminho do Ceo, o Irmaõ Cunha com grande artificio a reduzia a elle: quando as pessoas eraõ de tanta autoridade, que as leys da boa cortezia pediaõ outras ad-

vertencias,

vertencias, ſe recolhia com Deos dentro de ſi, & naõ attendia, ao que ſe fallava.

5 Queyxavaſe ao Padre Reytor, que ouvindo a algũs Irmaõs Noviços praticas de menos conſolaçaõ, & que tinhaõ ſua impertinencia, & que tendoſe jâ vencido em os naõ contradizer com a palavra, pellos naõ deſconſolar, toda via lâ no ſeu interior lhe ficava hum affecto de reprovar, & juiſo de os contradizer: pedia ao Padre Reytor remedio, pera ſe vencer neſte particular. Reſpondeolhe o Padre Reytor, que ſe lembraſſe, que aquelles Irmaõs começavaõ a entrar na eſcola da virtude, & nella a aprender o A. B. C; que elle jâ ſabia; que ſe lembraſſe, tinha ſido da meſma ſorte, & que aſſim acquietaria. Quadroulhe a razaõ, reconhecendo, que em ſeus principios fora elle peor, que todos, & que os diſtrahia com os ſeus dittos, & rizadas; & por tanto devia ſofrer aos Irmaõs, como a elle o tinhaõ ſofrido.

6 Com licença do Superior paſſava os repouſos da noyte diante do Sanctiſſimo: mas ao depois pareceo, ſeria de proveito aos Irmaõs Noviços, ſe neſſe tempo fallaſſe cõ elles; aſſim lho ordenaraõ: o effeito moſtrou, que o conſelho fora acertado; porque os Noviços confeſſaraõ, que de maior proveito lhe era a hora de repouſo com o Irmaõ Cunha, que a que tinhaõ de oraſſaõ. A materia, de que fallava ordinariamente, era o amor, & temor ſancto de Deos, & das virtudes Religioſas, particularmente da mortificaçaõ, da qual dizia tantas meudezas, que aos que muito nella tinhaõ aproveitado, lhes parecia terem caminhado muy pouco.

7 As cartas, que eſcrevia, eſtavaõ taõ cheas de eſpirito, quam cheo delle eſtava o Irmaõ Cunha: ellas ſe podiaõ ler por huma proveitoſa, & profunda liçaõ eſpiritual, como na verdade o eraõ.

8 Agora refiramos algumas lutas, que nos ultimos tẽpos de ſua vida teve com ſuas payxoens, com a luta deſtas vay Deos provando, & apurando ſempre, aos que quer bem, & conta entre os ſeus amigos. Sendo taõ recolhido nas ſuas oraſſoens, permittio Deos, tomaſſe o ſeu penſamẽto algumas largas; ſahindolhe fora da maõ, vagueava meudamente, tendo o Irmaõ grande lida, em o recolher, ſem elle querer eſtar quieto. Deſinquietavao o Demonio, trazendolhe

zendolhe à memoria os maos divertimentos da vida passada.

9 Vez ouve, que estando em orassaõ, tomou o Demonio figura de huma molher perdida, com quem elle em algum tempo se perdera; & dizendolhe as loucuras, que entaõ; passando por junto delle, lhe deu com a maõ no hombro, acompanhando tudo de hum donayre, qual costumaõ estas Serêas, & ninguem sabe reprezentar melhor, que o Demonio, que as ensina; por este modo se foi afastãdo sempre com a cabeça virada pera o Irmaõ; mas como visse, que o Irmaõ de nada fazia cazo, avendose como se fosse huma estatua; desapareceo.

10 Naõ menos, antes mais o molestou com sonhos muyto penosos; levandoo em bolandas pellos ares (com esta fraze se explica) depois o metia por humas furnas infernais, aonde o horror do lugar, & do Companheiro, eraõ de tanta affliçaõ a sua alma, & a seu corpo, que quando acordava, se achava taõ mohido, & cançado, como se a lida naõ fosse sonhada. Nas ultimas tres vezes, que o Demonio lhe fez esta sorte, naõ foi como dezejava, porque entre sonhos valendose o Irmaõ do sinal da Cruz, ou do nome de JESU, o afugentava: ganhou sobre elle tanto dominio, q̃ como quem fazia zombaria, o afastava de si com huma vara. Naõ foraõ estas as maiores molestias, que por entaõ sentio: outras foraõ pera elle a par de morte.

11 Deos, que quasi o trazia nas palmas das maõs, se fez ao longe. Cessaraõ de todo o ponto as consolaçoens, & gostos espirituais, com que o Senhor athe alli entretinha seu espirito: perseveraraõ porem sempre os dezejos de buscar a Deos, nem o desvio lhos resfriava. Athe que por fim de contas fez esta petissaõ ao Senhor, ou fez com elle este concerto. Que dos gostos espirituais lhe tirasse, quanto, & como fosse servido; mas que lhe naõ negasse sua prezença por sentimento, que era o que sô dezejava pera alivio de suas desconsolaçoens.

12 Deferiolhe o Senhor em parte, dandolhe no corassaõ huma tal suavidade, da qual lhe nacia, que em se applicando, lhe ficava o pensamento fixo em Deos, com que era facil recolhelo. Mas a suavidade em breve tempo cessou. A tudo isto ajudavaõ os achaques do corpo, que eraõ muitos; donde espirito, & corpo ambos davaõ, & ti-

inhaõ, que padecer. Pera desabafar destes assombramentos, que deviaõ ser grandes, pois elle os encarece. Usou do remedio, que sempre, era este dar conta de tudo, o que passava em sua alma a seu Superior. Davalhe muita pena, naõ entender, que causa tivesse Deos, pera assim, & com tanta sequidaõ o deyxar. A isto lhe respondeo o Superior, que nem sempre as culpas saõ causa destes desvios; mas que o Senhor se auzentava, porque naõ tivessemos o desterro por patria, nem o final de paga por satisfaçaõ inteira de nossos trabalhos. Que muitas vezes se retirava tambem, pera experimentar nossa affeiçaõ, & se o buscavamos da mesma sorte, quando nos faltava, como quando nos assistia com os favores. A primeira razaõ lhe contentou mais; & da segunda razaõ disse huma, & muitas vezes, que mal se podia apartar de Deos, quem huma vez sentira seus favores; disse isto com tanta segurança, como quem fallava com a propria experiencia. Logo no dia seguinte pedio perdam ao Superior deste ditto, que elle chamava soberba, dizendo, que Deos o castigara por elle com as securas, que depois padecera.

CAPITULO XXXI

De algumas noticias, que Deos lhe cõmunicou de cousas futuras.

1 MUitas cousas passaraõ pello Irmaõ, em que se vio; que Deos lhe comunicava noticias occultas: seia a primeira, em que Deos lhe significou, que jâ lhe tinha dado o perdam de suas culpas. Costumava todas as noytes depois de se disciplinar, fazer a Deos huma offerta pello teor seguinte. Ajuntava todos os merecimentos de Christo, & com elles os da Virgem May, os de todos os sanctos, logo todos os sacrificios, que desde o principio de nossa redempçaõ se offereceraõ, & os que athe o fim do mundo se haõ de offerecer: a todos ajuntava as suas obras encorporadas no sangue de Christo. Sentia com isto tanta consolaçaõ, que com a força della, no meyo da offerta, emmudecia, ficando como suspenso; entaõ era maior o gosto, quando com mais applicaçaõ buscava a maior gloria

de

de Deos, pella qual offerecesse taõ precioso thesouro.

2 Succedeo pois, que huma destas noytes levado de huma grande contriçaõ, fez tambem esta offerta por seus peccados. No mesmo ponto se secou aquella inundaçaõ de suavidade, que experimentava; & querendo porfiar, sentio o corassaõ muy duro. Mudou de intento, & offereceo pellos proximos; & immediatamente, como se as consolaçoens estivessem de repreza, tornaraõ a inundar sua alma, desaparecendo toda aquella secura. E eu (diz neste passo o Irmaõ) reparando nisto, entendi, ou se me deu a entender, que Deos Nosso Senhor me tinha perdoado meus peccados, & que por entaõ naõ era sua vontade, que a offerta se fizesse por mim, mas pellos proximos.

3 Dezejava entrar na Companhia hum Sacerdote, cõ quem no mundo o Irmaõ Cunha comunicava as cousas de seu espirito; dilatavase a entrada, & quasi se hia impossibilitando: fez o sancto Irmaõ muitas orassoens a Deos por esta causa, athe que hum dia no exame de consciencia o Senhor lhe disse interiormente: que aquelle Sacerdote avia de entrar na Companhia; isto succedeo com tanta viveza, que elle se levantou repetindo muitas vezes em voz alta as palavras, que o Senhor lhe dissera. Com tudo ao depois o Demonio, naõ sei com que razoens de desconfiça, lhe veyo; donde começou a vacillar na certeza da entrada; & no primeiro dia de Comunhaõ, depois de receber o Senhor, de novo começou a apertar com elle. Oh valhame Deos: (saõ palavras suas) o Senhor me deu huma taõ terrivel reprehensaõ, & se me pós taõ severo, que me encheo de temor, obrigandome a pedir misericordia; pondo por valia suas sagradas chagas, pellas quais me perdoase: dizendome: Tenhote jâ ditto, que hâ de entrar na Companhia, & naõ me cres? O Sacerdote entrou na Companhia, desfazendose todas as difficuldades, que pareciaõ impedir a entrada.

4 Adoeceo gravemente em o Noviciado de Lisboa no principio do seu Provincialado o Padre Simaõ Alvres; deu grande cuidado a todos, & mais ao Irmaõ Cunha, porque o ditto Padre o recebera na Companhia, & governara muitos annos naquella caza: encomendou sua saude a Deos, porque nas medicinas avia poucas, ou nenhumas esperanças. Como hum dia o Irmaõ Manoel Figueira Sot-

tominiſtro, fallaſſe com o Irmaõ Cunha do eſtado, em que ſe achava o Padre Provincial: elle lhe diſſe, com grande certeza: Meu Irmaõ Sottominiſtro, com o favor de Deos naõ hâ de morrer deſta o Padre Provincial. O effeito moſtrou, que o ditto naõ fora a cazo; porque teve ſaude, contra o que todos cuidavaõ.

5 Antes de ſer acclamado el-Rey Dom Joaõ o quarto, tinha o Irmaõ Cunha em Madrid hum ſeu diſcipulo, que muito eſtimava: porque eſtava no ſerviſſo de Diogo Soares, parecia moralmente impoſſivel voltar ao Reyno: encomendou eſte negocio a Deos, athe que hum dia diſſe ao Irmaõ Sottominiſtro: Thome (aſſim ſe chamava) hâ de vir antes de muitos mezes, aſſim o confio em Deos. O cazo foi, que antes de quatro mezes, chegou a Lisboa. Eraõ naquelles tempos eſtas voltas ſoſpeitoſas, & mais em quem vinha da càza de Diogo Soares: o Irmaõ Cunha ſe valeo de hum titular, peraque lho patrocinaſſe: aſſim o promet-teo fazer; porem na ſegunda vez, que lhe fallou, o achou muy frio; porque davaõ ao mancebo por ſoſpeito, & em tal occaſiaõ pouco baſtava pera iſſo. Aqui ſe valeo de Deos o Irmaõ Cunha. Como no dia ſeguinte indo acabar o retrato del-Rey, lhe diſſeſſe o Companheiro; que fallaſſe a el-Rey àcerca de Thome, lhe reſpondeo com grande inteireza. A ninguem hei de fallar, o mancebo tem a Deos por ſi, naõ hâ, que temer. Tanto que chegou ao paço; lhe perguntou o Conde pello diſcipulo, dizendo, que as couſas eſtavaõ de bom ar: & aſſim foi, que dentro de poucos dias, deraõ a Thome por livre; alem diſto, ſe lhe reſtituio hum officio, que tinha nos fornos del-Rey antes de ir pera Caſtella, ſendo, que jâ eſtava provido em outro.

6 Tambem vaticinou eſte ſancto Irmaõ muitas couſas em abono da juſtiça, com que eſte Reyno ſe reſtituio a ſeu legitimo Senhor o feliciſſimo Rey Dom Joaõ o quarto. Goſtava muito o Irmaõ Cunha de ouvir varias revelaçoens, que ſe contavaõ das melhoras deſte Reyno; & como era taõ compaſſivo dos proximos, & por boa razaõ o avia de ſer mais da patria, a qual debayxo do dominio, ou cativeiro alheo, padecia quanto em poucas palavras ſenaõ pode dizer, encomendava a Deos com grande frequencia eſte negocio: athe que alguns mezes antes do dezembro de 1640, em que foi a acclamaçaõ, fallando ſobre eſtas

cousas com o Irmaõ Sottoministro lhe disse: Ora meu Irmaõ dezenganese, que as profecias se haõ de cumprir este anno. O successo calificou, o que elle dizia.

7 Como o Irmaõ Cunha naõ estava destro nas razoens, em que se fundava a solida justiça del-Rey: persuadiase, que Deos tomora aquelles fidalgos, que fizeraõ a acclamaçaõ, por meyo pera livrar a este Reyno das calamidades, que padecia, & das que estavaõ pera vir, que segũdo as desordens prezentes promettiaõ, eraõ muitas. Porẽ huma noyte estando jâ deitado, & com o pensamento fora destas cousas, de repente lhe declarou o Senhor, que assim como o homem, que toma a molher alhea, adultêra; da mesma maneyra el-Rey Catholico avia adulterado, em tomar este Reyno, que naõ era seu, senaõ do verdadeiro Rey de Portugal, que o possuia; mas, que Deos Nosso Senhor, ainda, que às vezes dissimula, & permitte a alguns ter por ambiçaõ, o que naõ he seu; pera que tendo mais do temporal, os tenhaõ por maiores, & como tais sejaõ mais estimados, toda via a seu tempo lhes tira assim o seu, como o alheo. Parece, que foi profecia, do que hoje no anno de 1703 passa em Castella, a qual toda anda perturbada, & quasi a ponto de se perder de todo aquella taõ poderosa, como dilatada monarquia, faltando no Reyno Senhor natural delle, a quem os Vassalos amem, como a cousa sua. Deos a disponha como serve a sua Igreja, & a os muitos Catholicos, que dependem do seu estado temporal.

8 No tempo, que os fidalgos deste Reyno hiaõ conduzidos contra Catalunha, foi tambem hum muy principal, que pello conhecimento da virtude do nosso Irmaõ lhe pedio suas orassoens: porem o Irmaõ se esqueceo totalmente delle: athe que sendo el-Rey acclamado; se lembrou do fidalgo, & se sentio, de lhe ter esquecido, porque lhe vivia obrigado: occorreolhe muitas vezes esta razaõ de pena: athe que Deos lhe disse interiormente, pello modo, que lhe costumava fallar. Que aquelle homem se avia cazado com sua sobrinha por ajuntar dous morgados, & assim era justo, que perdesse ambos, quem por ambiçaõ fizera huma cousa taõ indigna, & contra a vontade de Deos. Foi cousa notavel, que toda a pena desapareceo, & se lhe mudou em gosto, que o tinha grande, em se conformar com a vontade de Deos.

9 Mas

9 Mas tornando às cousas do Reyno, como a mudãça foi taõ estranha, como he tirar hum Rey, & pôr outro; se fizeraõ algumas prizoens, & justiças em pessoas principais, & por serem taõ grandes, davaõ excessivo cuidado: com isto se affligiaõ os zelozos do bem cõmum, temendo, o que em tais acontecimentos sempre se recèa com fundamento: pediraõ ao Irmaõ Cunha encomendasse a Deos a boa sahida de cousas taõ embaraçadas: assim o fez; & dalli a alguns dias, fallandose nesta materia, disse com grande resoluçaõ: que ainda que Deos athe entaõ nos quizera castigar com trazer o Reyno em maõs alheas, que tivessem por certo, que a obra, que Deos tinha começado na restauraçaõ, havia de hir por diante; porque naõ costuma Deos deyxar suas obras imperfeitas; pello que deviamos os Portuguezes, estar muy desabafados, que por mais traças, que o Demonio inventasse pera nossa destruiçaõ, nenhuma nos havia de empecer: & ajuntou: Mas havemos de ser agradecidos a Deos cõ a emmenda das vidas.

10 Nesta agoa envolta levou o engano, ou a calumnia a hum Ecclesiastico muy principal do Reyno. Estando ainda prezo, & suas cousas muy cruas, disse o Padre Reytor ao Irmaõ Cunha, que o encommendasse a Deos: depois de assim o fazer, disse com muita segurança: Fulano hâ de sahir solto, & velo-haõ. Tudo succedeo, sahindo aquelle Ecclesiastico da prizaõ restituido a todas as suas honras, & à graça del-Rey, q̃ sempre fez delle muyto cazo.

CAPITULO XXXII.

De sua ditosa morte.

1 VIda taõ mortificada, & taõ chea de achaques he quasi admiraçaõ, que pudesse durar os annos, que durou; naõ se furtando nunca aos exercicios de trabalho: pois estando ainda mais debilitado, de nenhuma maneira admittia, que alguem o ajudasse a moer as tintas pera o seu officio, dando por causa, que só elle as sabia aprestar. Deste trabalho corporal, & applicaçaõ nos exercicios mẽtais chegou a tanta debilidade, que parecia naõ ter mais, q̃ a pelle sobre os ossos.

2 Sobreveyolhe huma febre, que a poucos dias com a dissimulaçaõ se lhe fez continua, aqual elle consigo a hia passando. Agravouse esta com a jornada, que fez ao Collegio de Evora, porque no caminho deu huma queda, de que torceo huma costella das ilhargas. Cõ as dores agudas, que lhe causou; & tal, ou qual tratamento, dos que curavaõ a lesaõ, se ateou a febre de modo; que se julgou, que sò nos ares patrios podia haver qualquer esperança de melhoria.

3 Voltou a elles, aonde creceo o mal com huma tosse violenta, que lhe durou anno, & meyo; cahio na cama, nella passou o ultimo anno de vida, sofrendo, quanto se deyxa ver de taõ prolongado tempo. Estava sempre em orassaõ: as suas praticas, com os que o visitavaõ, eraõ todas de Deos: quando se sentia sem alento, o cobrava em ouvindo estas sanctas praticas; se pella debilidade, naõ podia ajudar, aos que fallavaõ, com os olhos, & gesto grato dava mostras do seu agrado.

4 Nunca pedio orassoens pella saude, nem as admettia offerecẽdoselhe; só queria, se fizesse nelle a võtade de Deos, & nada mais. Sendo a doença de tizica mui trabalhosa, & que com as assistencias continuas, dâ que fazer a huma caza toda, a ninguem deu molestia o Irmaõ Cunha, naõ consentindo, que alguem ficasse com elle de noyte: athe quãdo lhe faziaõ a cama, ajudava elle, no que podia, porque o trabalho naõ fosse todo dos ouros. Ainda que ouvesse alguma falta nos seus cõmodos, que em doença taõ comprida, saõ como inevitaveis, de nada fazia caso; antes se tinha persuadido, q̃ quanto se lhe fazia, tudo era mal empregado.

5 Quanto ao gosto, se havia, como se naõ distinguisse frio de quente; bem do mal temperado: nunca significou gostaria mais disto, que daquillo: era nesta materia taõ esquecido de si, que foi necessario ordenarẽlhe os Superiores, aceitasse tudo, o que os enfermeyros julgassem, que lhe poderia fazer bem, porque antes desta ordem naõ admittia cousa, que fosse accipipe. As purgas, & xaropes levava a tragos detendoas na boca, dizendo que assim obravaõ melhor; o que devia sem duvida fazer, pera mais se mortificar.

6 Chegou a doença a termos, que pedio os sanctos Sacramentos. Muitas vezes pellos dias, que durou o maior

pe-

perigo, recebeo o Sancto Viatico; fazendo conta, que a cada escarro lançava a alma pella boca: tossia com grande vehemencia, & logo ficava taõ sereno, como se por elle naõ tivesse passado cousa taõ penosa. Na ultima noyte, que teve de vida, como as ancias eraõ, quais saõ as da morte, quiz o Irmaõ Sottoministro ficar com elle; mas naõ o consentio, dizendo, que elle estava preparado, pera dar a alma a Deos, quando sua Divina Magestade o dispuzesse; o que fez tambem, por levar adiante o seu sancto proposito, de naõ dar pena a alguem com assistencias.

7 Dezejara muito o sancto Irmaõ, padecer naquella hora da morte alguma cousa do muito, que nella sofreo o bom JESUS, morrendo, quanto nas apparencias, ao desemparo. Por esta causa lhe contentava grandemente o paço da morte do Sancto Xavier na ilha de Sanchaõ, aonde espirou abraçado com o seu Christo em todo o desemparo das creaturas. Neste passo de sua vida, quando o pintou na capella grande do Noviciado, se esmerou tanto, que por ventura leva ventagem a todas as outras pinturas, que alli fez. Concedeolhe Deos o cumprimento dos seus dezejos; porque morreo naõ lhe assistindo seus Irmaõs, mas só no retiro da noyte, & do seu cubiculo, aonde pella menhãa o acharaõ sem vida, porem o corpo muy composto, & mais engraçado, do que se estivera vivo.

8 Foi sua morte taõ sentida, como eraõ amados seus bons exemplos. Posto o corpo no esquife, o cobriraõ de flores, & assim foi levado à sepultura entre ellas, mostrando no rosto hum ar, de quem ainda vivia. Pertenderaõ alguns, que se enterrasse metido em hum cayxaõ, por assim o merecer o corpo, que fora hospede de taõ dittosa alma: naõ diz o manuscritto, donde vou tirando estas cousas, se assim se fez; o certo he, q̃ cõ semelhãtes corpos bẽ he, aja alguma especialidade, pera assim se conservarem seus ossos separados, pera fomentar a devassaõ; q̃ jâ que tiverao mais virtude, que os outros em vida, tenhaõ mais estimassaõ depois da morte.

9 Foi enterrado no cruzeiro da Igreja do Noviciado de Lisboa, junto à sepultura de Simaõ da Cunha da parte do evangelho pegado às grades grandes. Esperamos, que por ter esta caza em si taõ sancto deposito, lhe farâ Deos particulares mercês; como por vezes disse o Padre

dre Simaõ Alvres sendo nella Reytor, como quem teve grandes noticias da sanctidade deste servo de Deos.

10 No dia de seu enterro succedeo huma cousa notavel a hum Sacerdote morador na mesma caza, he a seguinte escritta com suas mesmas palavras. *No dia, em que Deos levou ao Irmaõ Cunha, se achou hum Religioso neste Noviciado de Lisboa em huma grande affliçaõ: foi o cazo, que por razaõ de huma ferida lhe sobreveyo hum inchasso junto della em parte, que era de muita pena, & difficuldade sua: avia alguns dias, que andava com esta angustia; quando se sentio movido naquelle dia, a que se valesse daquelle intercessor: felo assim, & applicou certa reliquia, que tinha tocado o corpo do defuncto; & com esta confiança lhe pedio favor diante de Deos naquelle aperto; que elle confessa, foi dos maiores, que sentio, depois que entrou na Companhia; quando ao dia seguinte amanheceo com o inchaço mudado pera lugar, em que ficava facil sua cura; o que parece, naõ podia ser raturalmẽte; porque estando abayxo da ferida, se mudou pera sima della: & sem chamar surgiaõ, em breves dias sarou de todo, conhecendo, que fora particular favor, alcançado pellos rogos, & merecimentos deste servo de Deos.* Athe aqui o successo.

11 Foi o Irmaõ Domingos da Cunha tirado de corpo, falto de carnes pella penitencia, de compleixaõ sanguinea, condiçaõ branda; alguma cousa bexigozo, as cores morenas: o rosto, & olhos meudos, com bastante fundamento pera a alcunha de Cabrinha, pella qual foi conhecido em todo o Reyno. O Autor do Agiologio se explica dizendo, que era de feiçoens achinadas, isto he que nellas imitava aos Chinas. O semblante sempre alegre, & sereno: taõ composto nas acçoens, que todas pareciaõ meditadas: em huma palavra, todo na exterior composiçaõ, como o era na interior. Morreo aos onze de Mayo de 1644, quasi quatro annos depois da ditosa acclamaçaõ del-Rey Dom Joaõ o Quarto, tendo de idade quarenta & seis años, & doze de Companhia. Faz delle larga, & honorifica mẽsaõ o Autor do Agiologio no dia de sua morte; & o Padre Nadasi no seu Annus dierum; os quais dizem, que sua vida fora escritta pello Padre Jozeph de Seyxas da Companhia; muy conhecido nesta provincia por suas letras, & prudencia nos governos. O que aqui fica, recopilei de hum manuscripto, que encontrei no cartorio do Collegio de

de Evora ſem nome de Autor, mas ſupponho ſer traslado, do que fez o Padre Seyxas, no qual ſe diz como o principal deſta vida, ſe tirou, do que eſcreveo de ſi eſte ſancto Irmaõ por ordem da obediencia; no que ſe deve tudo ao Padre Bernardino de Saõ payo, homem de grande eſpirito, & que foi muitas vezes Meſtre de Noviços neſta Provincia, aſſim no Collegio de Evora, como em o Noviciado de Lisboa, o qual como fica ditto, ſendo Reytor do Noviciado, por naõ ficarem em ſilencio couſas taõ dignas de memoria, lhe ordenou as eſcreveſſe, como quem melhor as ſabia. O cubiculo, em que morou, & faleceo, fica no andar de bayxo, he o primeiro no corredor, que pello meyo do edificio eſta lançado de nacente a poente por de traz da Igreja. Tem duas portas, huma, que cahe pera o ditto corredor, & outra pera o corredor, q̃ vai de norte a ſul, & hoje eſtâ tapada: ſerve agora de caza da rouparia. Faço eſta lẽbrãça, pera q̃ quem nella aſſiſte, & nella entra, paſſe pella memoria os muitos actos de virtudes, que alli fez eſte devoto Irmaõ. Tambem, como ſe collige, do que aſſima referi de naõ querer da janela do cubiculo, onde morava, ver a nao da India, que entrava, habitou no primeiro cubiculo do corredor da portaria.

CAPITULO XXXIII.

Vida do Padre Doutor Antonio Ferreyra.

1 O Padre Doutor Antonio Ferreyra nos deyxou hũ tal exemplo de amor à Companhia, que pode ſem duvida ter lugar, entre os que neſta materia ſaõ muy raros, & admiraveis: conſideradas bem as circunſtancias, que nelle concorreraõ, pode ſervir de grandiſſima confuſaõ àquelles, que por qualquer diſgoſto a primeira couſa, que lhes occorre, he deyxar a Companhia, & a vocaſſaõ, a que Deos os chamara.

Evora. 10. de Jan. de 1676.

2 Eſte virtuoſo Padre, ſingular Prégador, & Doutor muy ſabio naceo em Lisboa de pays muy honrados, & abaſtados, chamavaõſe Jorge Antunes, & Maria Ferreyra. Criaraõ a eſte ſeu filho em virtuoſos coſtumes, & o mandaraõ eſtudar em o noſſo patio de Sancto Antaõ. Tinha

quin-

quinze annos de idade, era eſtudante da terceira claſſe, quando entrou na Companhia em Lisboa aos vinte, & dous de Agoſto de mil ſeiſcentos trinta, & ſinco.

3 Depois do ſeu Noviciado nos eſtudos, aſſim de letras humanas, como nas Philoſophias, & Theologias foi ſempre tido, & avido por ſogeito de ingenho muy ſobido. Todas as ſuas ocupaçoẽs fazia com grande applauſo, porq̃ tinha, alem do ſaber, muita fermoſura no talento, & repreſentaçaõ nas cadeiras, & pulpitos. Sinco annos enſinou latim, & Rhetorica, depois entrou na Theologia em Coimbra, no quarto anno della tendo jâ dezaſete annos de Religiaõ, lhe pediraõ muito os Superiores, acodiſſe a fazer huma miſſaõ na Villa de Ceya.

4 Acodio com pontualidade a eſte ſerviſſo de Deos, & ſe ouve nella com exemplo, & bom nome da Companhia. Recolheoſe depois ao Collegio de Coimbra, bem alheo da tormenta, que dentro de pouco tempo veyo ſobre elle. Foi metido no carcere do Collegio, em prizaõ muy eſtreita, & aperrada. Tirouſelhe toda a cõmunicaſſaõ, excepto a de hum Padre eſpiritual; naõ ſe lhe deu cama de lançois, a iſto accreceo abſtinencia rigoroſa, & da janela ſó dous poſtigos abertos.

5 Ficou aſſombrado com taõ desfeita, & inopinada tormenta, mas como homem de entendimento grande cõ muita virtude, ſe póz nas maõs de Deos, em quem muito eſperava, ſuppoſta a innocencia de ſua conſciencia, a qual de nenhum crime o arguia. Nenhuma outra couſa o affligia mais, que conſiderar o perigo, a que tinha chegado a ſua perſeverança na Companhia; pois ainda que na fama, & bem nome, que tal labeo padecia, era a ferida de marca maior, com eſſa podia o ſofrimento Religioſo fortalecido com agraça de Deos, & alentado com os exemplos de Chriſto JESU prezo, açoutado, & poſto em huma Cruz: mas entrar em conſideraçaõ, que podia perder a Companhia, era couſa, que lhe cuſtava mais, que a meſma morte.

6 Entre eſte mar de immenſas ondas, o ſeu cuidado principal foi, nunca vacillar na ſua vocaſſaõ. Dandoſelhe a defenſa ſegundo o foro judicial, que tem em tais cazos a Companhia, elle com a ſua pena avogou em favor da ſua innocencia. Occorreo às calumnias, de que era denũciado: fez neſta materia papeis taõ doutos, & cheyos de dou-

doutrina taõ fundados em todos os direitos, & taõ fortalecidos com todas as boas, & firmes razoens, que fazem suspensaõ, aquem os le, & segundo juizo de hemens letrados, naõ vem, que hum homem grande letrado, depois de muitos annos de leituras pudesse na materia arrezoar com mais doutrina, & noticia dos direitos, & sciēcia moral.

7 Cousa de dous annos correo esta tormenta, nos quais o Padre esteve na prizaõ: fez a Companhia os devidos exames naquella terra, onde tivera sua origem a calumnia. Achouse unicamente, que à instancia do seu hospede em huma ocasiao de festejo temperara huma viola, sem haver cousa, que causasse escandalo, pois naõ era publica. Processouse esta causa, & os juizes, visto nelle se naõ achar nem sombra de culpa, sentenciaraõ em favor de sua innocencia, absolvendoo de toda a instancia. Deuselhe satisfaçaõ, mandādolhe, escolhesse logo ensinar Philosophia, onde melhor lhe estivesse, escolheo o Curso no Collegio de Sancto Antaõ em Lisboa.

8 Exemplo he este por certo, que pode servir de cōfusaõ a todos, os que naõ sabem o bem, que na Companhia tem. Naõ viera a ella o Padre Antonio Ferreyra por comer hum pedaço de paõ, porque o tinha abastado em casa de seus pays. No tempo, que lhe veyo por casa esta tormenta, se achava com os estudos acabados com tantas vētagens, & excellencias, que de seus bons talentos se podia prometer qualquer Igreja rendosa, a que fizesse opposiçaõ, & a sua predica lhe grangearia alem dos lucros os applausos. Teve nesta penalidade muitos assopramentos, pera deyxar a Companhia. Porem seu animo maior, que todos os infortunios a tudo fechou os olhos, pondoos unicamente na perseverança em sua primeira vocaçaõ.

9 No fim do arrezoado, que fez em sua defensa, conclue com estas palavras: *Protesta o tal subdito, que seu intento naõ he aggravar, nem de algũa sorte condenar a alguē, nem menos sua intençaõ, mas sò dar rezaõ de si, & allegar do melhor modo, que pode sua, justiça, pois nesta causa lhe naõ vay menos, que a honra, vida, Religiaõ, & salvaçaõ.* Depois, q̃ ensinou em Lisboa, foi promovido a ser Mestre na Universidade de Evora. Nella se graduou Doutor na sācta Theologia, tomou o grão no mesmo dia com o Padre Joaõ Gomes

mes da noſſa Companhia, que falleceo, ſendo Reytor do Collegio de Coimbra. Eſta ſolennidade ſe fez em vinte, & ſinco de Julho de mil ſeiscentos ſeſſenta, & hum. Os annos, que enſinou naquella Univerſidade, teve nome de Meſtre excellente, & de Pregador afamado, & tudo era. Impreſſo anda o ſermaõ, que fez por occaſiaõ do Acto da fé em Evora, & naquelle genero, ſegundo ouvi dizer, por ventura ſe naõ tem impreſſo outro, que o vença.

10 Era Lente de Veſpora, tendo athe entaõ vivido ſempre mui igual nos ſeus procedimentos, que eraõ de verdadeiro filho, & Religioſo da Companhia, deulhe hum accidente de ar, que lhe tomou ametade do corpo, & ainda offendeo o juizo. Depois viveo algum tempo, ſó pera magoa dos que o viaõ, conſiderando aſſim arejados talentos taõ excellentes. Ainda que em toda a vida foi ajuſtado com ſuas obrigaçoens, agora vendo taõ proximo o ſeu fim, o deu todo a Deos, todo o tempo, que tinha à oraçaõ, a viſitar as capellas, & a outros exercicios de piedade.

11 He couſa conſtante tivera noticia do dia de ſua morte, porque na veſpora do dia, em que lhe deu o accidente, que o levou, ſe andou pellos cubiculos deſpedindo de alguns amigos, que tinhaõ a acçaõ, mais por imaginaçaõ ſua, que por outra couſa, mas no dia ſeguinte, que eraõ dez de Janeiro de mil ſeiscentos ſetenta, & ſeis, o accometeo hum accidente de apoplexia, que lhe tirou a vida.

12 Eſtava em Coimbra hum Religioſo noſſo da ſua obrigaçaõ, aquem o Padre Antonio Ferreyra eſcrevia, que vieſſe pera Evora, pera lhe aſſiſtir nos ſeus achaques. Detinha o Religioſo a jornada, por algumas rezoens, que o demoravaõ, & alguns deſgoſtos em materia de vocaſſaõ, quando ja no mez de Janeiro recebeo huma carta do Padre Antonio Ferreyra, que lhe dizia, que a ſua vinda a Evora ſeria ja tarde. Paſſados poucos dias depois deſte Padre dizer Miſſa, ſe recolheo no ſeu cubiculo, & querendo eſtudar, lhe ſobreveyo hum grande ſono, levantouſſe da cadeira, deu alguns paſſos pello cubiculo, mas como o ſono o apertaſſe, ſe aſſentou junto á cabeceira da cama, recoſtãdo o hombro, & a cabeça na parede, ficando quaſi direito.

13 Logo, que adormeceo, vio diante de ſi ao Padre Antonio Ferreyra veſtido sò com a roupeta da Cõpanhia,

em corpo, com o barrete na cabeça, o qual disse ao dormẽte estas formais palavras: *Haveis de ficar, & perseverar na Companhia, & nella haveis de morrer.* Acordou assustado, & logo muito alegre se foi ter com o Padre Reytor do Collegio, & lhe disse, que o Padre Antonio Ferreyra era fallecido, & contou o modo, como o vira. Ficaraõ suspensos observando o dia. Depois sobreveyo a nova do seu fallecimento em Evora, & foi no mesmo dia, em que aparecera em Coimbra. Ficaraõ ao Padre as especies deste sonho taõ vivas, que dizia depois, se lembrava muito mais das feiçoens do Padre Antonio Ferreyra por occasiaõ do sonho, que pello trato, que com elle tivera. A tudo se ajuntou, que com o sonho desapareceraõ aquelles dissabores, que o Religioso padecia na materia da perseverança na sua Religiaõ, & ficou em huma bella paz mui pago do estado, a que *D*eos o chamara. Disse mais da-hi a annos referindo este successo, que nunca em outra occasiaõ a tais horas nem antes, nem depois lhe viera sono.

14 Na carta Añua da nossa provincia escrita do anno, em que este Padre falleceo, se dizem delle muitos elogios, que na suavidade, & innocencia de seus costumes fora Anjo, mui douto, & sabio, de ingenho claro, & sutil, & erudito, elegante, venerado assim dos de casa, como dos de fora. Nos pulpitos mui eminente; & a este modo se dizem alli outros louvores, que com ser grandes saõ menores, que os que mereciaõ suas letras, virtude, & amor à Companhia, a quem sempre honrou como verdadeiro filho de taõ sancta May.

15 Estãdo naquella sua penalidade fez alguns poemas mui cultos, hum a Christo atado na argolla da columna, à vista de cuja calamidade consolava as suas afflicçoens; outro em que aponta os motivos do seu sentimento, & depois de referir muitos, poem por coroa delles o perigo de perder a sua Religiaõ, a clausula deste poema he a seguinte.

Nec satis hæc: maius trepidantem vulnera telum
Mentem agit: instanti subit exponenda perîclo
Religio; qua non equidem mihi gratior unquam
Ulla fuit: primo quæ me sibi junxit amore,
Quæque erat occiduo me servatura sepulchro.
Hæc me (vix poteram vitæ cognoscere leges,

Juraque quid prohibent, vel quid contendat honestas)
Excepit puerum, & teneris formavit ab annis.
Prima sub hac rerum posui monumenta magistra.
Hîc virtutis opes, doctas hîc Palladis artes
Edidici, hîc primos quæ servent dogmata mores,
Quæ ve decent animos studia indefessa viriles.
Quæ via difficilem subeunti pandat Olympum,
Et quæ Tartareas ducat Phlegethontis adundas.
Quatuor emensos numerabam lustra per annos,
Ex quo votivis suscepimus omina vinclis,
Auspiciis promissa fides felicibus: hinc me
Formavit natura virum, solumque pudoris
Conscia, non aliis adolevit moribus ætas.
Ergone tam multos vitæque, animique labores
Una dies tulerit? pereant tam longa repente
Tempora? tam grati linquenda cubilia tecti?
Totque virum probitas?

Nesta forma vai continuando este melhor Orpheo, basta o referido, que bem mostra, qual era na sua afflição a sua maior dor.

CAPITULO XXXIV.

Vida do Irmaõ Manoel Gameiro estudante.

Em Lisboa 21. de Novembro de 1651.

1 O Dittoso Irmaõ Manoel Gameiro soube em poucos annos adiantarse tanto nas virtudes, que pode ser exemplo naõ só aos de menos idade, mas ainda aos de annos muy provectos; nasceo elle na antiga Villa da Chamusca, no Arcebispado de Lisboa em a provincia de Alẽtejo, aos doze de Março de 1628, & foy baptizado vespora do glorioso Saõ Joseph: seus pays eraõ dos nobres daquella Villa, & homens pios; por isso o foraõ sempre inclinando à virtude, foraõ seus nomes Estevaõ Vicente, & Incensa Gameira. Era o seu natural taõ propenso à virtude, que naõ eraõ necessarios estimulos, pera ser sancto: retiravase dos jogos, com que os dos seus annos gastavaõ o tempo. Escaçamente contava nove annos, quando comessou a jejuar os sabbados, a quaresma, & mais dias, em que a Igre-

a Igreja obriga cõ ſeus preceitos. Todas as quartas, & ſeſtas da quareſma ſe diſciplinava; & porq̃ naõ tinha cilicio, com que ſe mortificar, inventou hum eſtranho genero de cilicio, que foi cingirſe com huma ſilva, com cujos bicos mortificava ſeu dilicado corpo. Deuſelhe fé do cilicio, quãdo ſe vio deſcuberto, ſe cobrio de pejo, como ſe o apanharaõ com algum furto nas maõs. Todas eſtas acçoens de virtude diz o Autor do manuſcrito, donde as recolho, que em ſeu poder as tinha authenticas, & confirmadas cõ juramento.

2 Quiz o Senhor, que taõ bons principios ſe naõ vieſſem a mallograr, como ſuccede muytas vezes, extinguindo a malicia dos annos as boas propenſoens da indole bem inclinada: inſpiroulhe, que entraſſe na Companhia elle a pertendeo com todo o fervor. Reprezentandolhe os Padres as difficuldades, que coſtumaõ, porque ao depois, ſe naõ achem novos; como ſaõ o viver à vontade alhea, darſe por deſpedido da patria, atraveſſar os mares com o zelo da ſalvaçaõ das almas: reſpondeo o pertendente, que todos aquelles motivos eraõ, os que a elle obrigavaõ a entrar na Companhia.

3 Satisfeitos os Padres da ſua vocaſſaõ, foi admittido em o Noviciado de Lisboa aos 8. de Dezembro de 1643. no qual os ſeus procedimentos foraõ de ſancto. No Recolhimento, que teve no Collegio de Coimbra, a todos os mais Irmaõs eſtudantes eraõ ſuas virtudes eſpelho de perfeiçaõ. Sendo os annos, que ſe paſſaõ naquelle eſtado sò tres, & às vezes menos, viveo nelle ſeis annos o Irmaõ Gameyro, por aſſim o pedir. Foraõ facis os Superiores, em lhe dar eſta licença, attendendo ao grande proveito eſpiritual, que dos ſeus bons exemplos reſultava em os mais. O tẽpo, q̃ lhe ſobejava dos ſeus eſtudos, todo ſe lhe paſſava em oraſſaõ, & liçaõ de livros ſanctos. Quando previa, que poderia ſobrevir occupaſſaõ no tempo, que tinha pera orar; ſe anticipava, & cumpria antes com a ſua oraſſaõ, ou devaſſaõ. Nas peregrinaçoens, que com os mais Irmaõs fazia no tempo das ferias, por naõ ter de dia occaſiaõ pera orar com o recolhimento de ſua alma, que elle coſtumava, cortava pello ſono da noyte, & no ſoccego della ſe empregava neſte ſancto exercicio; como teſtimunharaõ os Irmaons, que foraõ ſeus companheiros. A poſtura do corpo

era

era sempre de joelhos; sem a fraqueza da sua compleiçaõ, nem os seus achaques serẽ causa, pera neste particular usar consigo de dispençassaõ. O gesto exterior, & compostura do corpo, nacida da que avia em sua alma, era taõ divina, que despertava devassaõ, em quem nella punha os olhos. Ouve irmaõ nosso, que confessou, que no tempo da orassaõ procurava, ficar em parte, donde pudesse dar cõ os olhos no Irmaõ Gameyro, pera que a vista deste servo de Deos despertasse nelle fervor. Muytos seculares ou vẽdoo no coro, ou na Igreja, sentiaõ em si devassaõ, como elles confessavaõ: tal era a sua compostura, & tanto do Ceo, que todos viaõ nelle, que alli avia pouco da terra.

4 Na devassaõ pera com o Sanctissimo se esmerou mais, que em todas, muytas vezes na somana o recebia, fazialhe frequentes visitas. Nos dias, que com a campa se dava sinal à recreassaõ, gastava em orassaõ esse tempo diante do Senhor. Era taõ singular sua devassaõ, que athe na compostura de fora resumbrava. Ouve hum estudante, que quasi todos os domingos vinha à nossa Igreja, só por ver a devassaõ, com que este servo de Deos se avia, em receber ao Senhor, & lhe dar as graças. Antes de ir pera o geral, sempre tomava primeiro a bençaõ ao Sanctissimo, o mesmo fazia em sahindo delle, os primeiros passos eraõ pera esta visita. O tempo, que foi Mestre, gastava diante do Senhor a meya hora, que depois de sahir das classes, se concede de allivio aos Mestres. Pera o receber, se preparava fazendo todos os dias em honra sua alguma particular mortificassaõ, a qual apontava em hum diario com esta nota: *Feci summo gaudio.*

5 Pera em todas as horas andar em preseça de Deos, tinha repartidos os passos da Payxaõ de Christo pellas mesmas horas; de sorte, q̃ em soando, se fazia prezẽte naquelle passo da Payxaõ, que tinha applicado à tal hora. Porque quãdo sahia com os Irmaõs a peregrinar, naõ avia relogio, que lhe dividisse as horas, nem podia observar o teor, que tinha em caza; inventou o seu amor de Deos outro modo, de o ter sempre prezente. Concertou com os outros Irmaõs, tivessem nesta materia o modo seguinte, de se lembrar de Deos: Que quando olhassem pera o Ceo, se lembrassem de Deos Padre, fonte de todos os bens: dando com os olhos na terra, trouxessem à memoria a Deos Filho, que se di-

dignou de vir a ella pera nos ſalvar: & acertando de ver o mar, conſideraſſem em Deos Eſpirito Sancto, que nos principios do mundo peregrinava ſobre as agoas. Em taõ ſanctos artificios dâ o amor de Deos, em quẽ o tem.

6 Deſte grande affecto, & amor ao filho, nacia o ſingular, que ſempre teve a May, moſtrandoſe em todas as occaſioens ſer de coraſſaõ filho ſeu. Sentia eſpecial goſto de ter entrado na Companhia no dia de ſua Immaculada Conceyçaõ, poriſſo tinha ſingular devaſſaõ a eſte myſterio, fez voto de o defender ainda com riſco de ſua vida. Em obſequio ſeu diſtribuio as ſete horas do officio da Cõceyçaõ por ſete irmaõs do Recolhimento, de ſorte, que todos juntos rezaſſem o officio cada dia, rezando cada hũ tal hora; & no fim da ſomana cada hum o tiveſſe rezado todo. Com eſtas, & ſemelhãtes traças em tudo ſanctas manifeſtava o ſeu amor pera com eſta ſenhora. Naõ foi menor a devaſſaõ, que teve à Expectaſſaõ da meſma, por aver naquelle dia veſtido o habito de Noviço. Em teſtimunho de ſer ſeu eſcravo perpetuo, trazia huma cadea ao peſcoſſo junto à carne, & outra no braço; podendoſe o Irmaõ Gameyro chamar com razaõ, *Vinctus Mariæ*, aſſim como o glorioſo Apoſtolo Saõ Paulo ſe chamava, *Vinctus Chriſti JESU.*

7 Como ſeu coraſſaõ era tanto de Deos, naõ podia a ſua lingua ter outra couſa nas ſuas praticas, todas ellas eraõ do Ceo. Pera os Irmaõs no Recolhimento provarem, que no repouſo tinhaõ fallado de Deos, baſtava dizerem, que o tinhaõ paſſado com o Irmaõ Manoel Gameyro, nem era neceſſaria outra prova, eſta ſe julgava por cabal. Quando fallava com eſtudantes, as ſuas praticas todas eraõ exortaſſaõ à virtude, ou trazendolhes pera iſſo muytas razoens, ou contandolhes varios exemplos dos ſanctos, & da Senhora, com os quais fez, com que muytos rezaſſem todos os dias o ſeu officio. Divulgouſe por eſta cauſa tanto o ſeu bom nome, que de todos os eſtudantes era tido por ſingularmente virtuoſo. Nos poucos dias, que foi Meſtre no Collegio de Sancto Antaõ, foi de proveito a muytos; algum de grande nobreza, & naõ menor piedade, auzentãdoſe pera Elvas no ſerviſſo del-Rey, dellâ lhe eſcrevia, o encomendaſſe a Deos, pera que naõ ſe eſqueceſſe dos ſanctos aviſos, que lhe tinha dado em ordem ao bem de ſua ſalvaſſaõ.

8 Ne-

8 Neſtas ſuas praticas naõ edificava menos o ſeu ſemblante, que as ſuas palavras, porque a compoziſſaõ, & modeſtia dos olhos era tal, que nunca ſe lhe viraõ abertos. Nos ſeis annos, que eſtudou, diſſeraõ, os que andavaõ nas meſmas aulas, que uunca ſouberaõ, de que cor eraõ os ſeus olhos, pellos ter ſempre cahidos. A cazo acompanhou a hum Padre, que foi a certa villa; todos na terra ſe perſuadiraõ, por ter ſempre os olhos bayxos, que era Noviço; quando o Padre os certificou, que o naõ era; ficaraõ notavelmente edificados de taõ rara modeſtia, & olhavaõ pera elle, como pera ſancto.

9 Das virtudes a obediencia, que ſaõ os olhos da Cõpanhia, andava nas meninas dos ſeus. Pera credito ſeu neſta materia baſtava dizer; que o ſeu reſpeito a eſta virtude introduzio, lerſe entre nos à meſa a carta da obediencia de noſſo Sancto Padre, eſtando em pé, o que a lé; ſendo, que antes ſe lia na poſtura, que ſe lem as regras: antes que iſto fizeſſe, conſultou ao ſeu Padre eſpiritual, & com ſeu conſentimento, a comeſſou a ler de pé. Deſte ſeu bom exemplo, que os outros imitaraõ, teve origem eſte ſingular reſpeito, que na tal acçaõ ſe moſtra ter à ſancta obediencia, de quem taõ altamente ſe falla naquella carta. Com a vontade dos Superiores naõ avia ſubdito mais conforme; pedindo ao Reverendo Padre Geral a miſſaõ da India, dizia na ſua carta: *Dezejo muyto ir pera a India, ſe Deos o der a ſentir a voſſa Paternidade, mandeme, & naõ por eu lho pedir.* Na doença, de que morreo, dizejando hum Padre levalo pera outra miſſaõ diverſa, daquella, pera que eſtava aceyto, lhe diſſe; que fizeſſe voto, dandolhe Deos ſaude, de pedir aos Superiores, lhe mudaſſem a miſſaõ. Reſpondeo: *A minha miſſaõ he a da India, porem ſe os Superiores ordenarem de mim outra couſa, & os Padres de Cochim o ouveſſem por bem, facilmente cumprirei com os dezejos de voſſa Reverencia.* Quando jâ eſtava quaſi às pottas da morte, ſe lhe perguntou, que abſtrahindo de ir gozar logo da gloria, ſe Deos lhe puzeſſe na ſua maõ a vida, & a morte, qual das duas eſcolheria de melhor vontade? Depois de eſtar ſuſpenſo por breve eſpaço, diſſe aſſertivamente, que duvidava, porem, que ſe executaſſe, o que Deos tinha determinado. Significando, que o ſeu querer ſó era, o que Deos queria. Aos enfermeyros era obedientiſſimo ainda em couſas de grande

re-

repugnancia: lançando alguns dias fora tudo, quanto tinha comido, & tendo por esta causa grande aversaõ ao mantimento, em o enfermeiro mandando, que o tomasse, logo lhe obedecia, fazendo, quanto estava em sua maõ, por vencer a natural repugnancia, que sentia.

10 Naõ foraõ menores os exemplos, que nos deyxou na virtude da sancta pobreza. No cubiculo nunca usou de cadeira, meza, & candea, quando tinha companheiro, assentandose no chaõ, & estudando à candea de seu companheiro. Os livros, porque estudava, eraõ só as suas postillas, nas quais nenhuma margem deyxava, pera deste modo poupar o papel, & acodir pella sancta pobreza. Dos livros espirituais só usava de huns Evangelhos, & de hum *Contemptus mundi.* Com estes livros aproveitou tanto, que seus condiscipulos reconheciaõ nelle grandes ventagens. A sua lamina de preço era hum Crucifixo de papel pendẽte de huma cana. Muytos annos escreveo com huma só pena, como esta se lhe quebrasse pello meyo, a encayxou em hum pao, & com este supplemento usou della. Por sua morte as alfayas, que se lhe acharaõ, foraõ somente, hũ sermaõ, que hia compondo em costas de temas, horas de Nossa Senhora, contas por onde rezava; hum cilicio grande, & dous pequenos pera os braços, & humas disciplinas: estas peças, de que constava todo o seu cabedal, se repartiraõ por varios nossos como reliquias. O seu vestido procurava sempre fosse o peyor de caza.

11 O recato, que teve na pureza, se deyxa entender daquella grande cautela nos olhos, deque assima dissemos. Taõ honesto era em suas acçoens, que dous dias antes de morrer, considerando, que com a força do mal poderia fazer alguma acçaõ menos composta, pedio a hum Padre, lhe assistisse, pera o advertir, se a cazo cahisse em algum descuido. A todas estas virtudes ajuntou huma exactissima observancia das regras, nem se lhe vio quebrar alguma, nem ainda a de fallar latim, com advertencia. Porque em certa occaziaõ por descuido quebrou a regra de fallar latim, se pós logo de joelhos diante do Irmaõ, com quem estava, & lhe pedio perdaõ do escandalo, que lhe dera. Tambem foi estremado na caridade pera com os enfermos, cortando muytas vezes pello sono, pera lhes assistir, & inventando varios modos pera os alegrar em o Senhor. Do

ſeu abatimento proprio fez particular eſtudo; aſſim no tempo das ferias, como entre anno hia muytas vezes ſervir na cozinha, & o fazia com tanto fervor, que athe a rudeza dos moços ſe edificava de tanta humildade. Acabado o Recolhimento naõ aceytou izençaõ alguma dos exercicios, que naquelle eſtado ſe uſaõ, porque athe ir pera Lisboa, ſervio à meza, & varreu os corredores pella ordem, que o faziaõ os Irmaõs, com os quais, como diſſemos, vivia.

CAPITULO XXXV.

Continuaõſe as virtudes do Irmaõ Manoel Gameiro, & ſua dittoſa morte.

1 SEntia em ſi grande zelo da ſalvaſſaõ das almas, por eſta cauſa ſahia muytas vezes a peregrinar pellas aldeas, fazendo nellas doutrinas, com que movia o povo a dor de ſeus peccados. Em huma deſtas occaſioẽs entrando em huma villa, & vendo, que eſtava pera ſe reprezentar huma comedia, fez pella impedir, mas como a ſua pertençaõ foſſe ſem effeito, fez antes della huma doutrina ao povo, com que muyto o affeiçoou a Deos. Em outra deſtas peregrinaçoens ſe hoſpedou em huma caza, como o Senhor della por ſe entreter, comeſſaſſe a jugar com outro ſeu amigo, o Irmaõ Gameyro no meſmo tempo ſe entremeteo, a fallarlhes de Deos; & o fez com tanta piedade, que os dous ſe enterneceraõ tanto, que pello ouvir, deyxaraõ de todo o ſeu divertimento do jogo, moſtrando, que nas ſuas palavras achavaõ alivio mais do ſeu agrado. Quãdo de Coimbra paſſou pera Lisboa, por aproveitar ao Almocreve, fez, com que todos os dias ſe encomendaſſe a Deos; porque naõ tinha contas, o Irmaõ lhe empreſtava as ſuas, pera rezar. Eſte zelo coroou com ter conſagrado ſua vida à ſalvaſſaõ das almas na India, pera cujas miſſoens eſtava aceyto, quando Deos o levou agozar do premio de ſuas virtudes.

2 Bem ſe vê, que todas eſtas virtudes naõ podiaõ andar ſem huma ſingular mortificaſſaõ, ſem a qual ellas ſe naõ coſtumaõ achar. Nella paraceo Martyr, & tyrano de ſi meſmo: o maior trabalho, dos que governavaõ ſeu eſpiri-

to,

to, era moderarlhe estes sanctos excessos. No anno jejuava muytas vezes a paõ, & agoa; muytas comia no chaõ, de joelhos, em pé, & de esmolas. Poucos dias se lhe passavaõ, que naõ puzesse o seu cilicio; pera significar o gosto, que tinha em o trazer, lhe escreveo nos remates estas palavras de Christo: *Jugum meum suave est.* Naõ se sabe, que alguem o visse encostado, naõ só nos lugares publicos, mas nem ainda no seu cubiculo. Nas peregrinaçoens, que fazia nas ferias, sempre dormia sobre a dura terra à imitassaõ de nosso Redemptor. Varias vezes tomava disciplina nas costas em a capella do Recolhimento. Quando o avisaraõ pera sahir delle, ainda que, como dissemos, ficou, se açoutou nas costas na mesma capella, como em penitencia, de naõ ter satisfeito com seus procedimentos à edificassaõ, que devia dar naquelle estado; sendo, que ella era taõ exemplar, como mostraõ suas virtudes. Este bom exemplo à imitassaõ deste servo de Deos, seguiraõ depois os outros Irmaõs, quando aviaõ de sahir do Recolhimento pera o Collegio. Muyto tempo trouxe nos sapatos sinco pedrinhas pera mortificar os pés; & agradouse deste numero, por ser o das sinco chagas de Christo, com a qual lembrãça mais se alentava a sofrer as picadas daquellas pedrinhas em honra das que os duros cravos, & cruel lança fizeraõ em nosso Redemptor.

3 Em huma occasiaõ avisou elle a outro Religioso de certo defeito leve, em que cahia: a paga desta caridade foi dizerlhe algumas palavras pezadas; todas as sofreo o Irmaõ Gameyro; porem como a natureza nestas occasioẽs costuma querer desabafar nas repostas: na sua, que vinha pullando, assim teve maõ este servo de Deos, que ella vendose reprezada, desafogou com huma grande copia de sangue, que arrojou, & despedio pellos narizes. Actos saõ estes, que denotaõ virtude em tudo heroica, pois de hum golpe se cortaõ os maiores impetos de huma hydra a mais furiosa, & assanhada.

4 Outra vez, pera que senaõ tivesse conceyto algum delle, antes o avaliassem por destrahido; entrou na capella, tomou huma disciplina nas costas, dizendo se lhe dava aquella penitencia por trazer huma maçã do refeitorio, & se lhe ordenava tambem, que alli diante dos Irmaõs a comesse, tudo cumprio logo à risca: edificandose todos de

tais invençoẽs, pera ſe mortificar, & abater. Tendo tanto de Deos, claro he, que avia de ter muy pouco, ou nada de carne, & ſangue: a ſeus pays ſó eſcrevia obrigado pellos Superiores; mas eſſas cartas hiaõ taõ cheas de deſapego, que pera eſtranhos, as naõ eſcreveria mais ſecas.

5 Todo o cabedal de ſuas virtudes ſe deſcobrio mais na doença, de que morreo, em que tambem ſe aperfeiçoaraõ muyto. Era jâ neſte tempo o Irmaõ Gameyro Meſtre de latim no patio de Sancto Antaõ; occupaſſaõ, que fazia com o zelo, & canſaſſo, que a Companhia quer em ſeus filhos. Sobreveyolhe huma febre aguda, de que foi indicio a eriſipola, em que ſahio; mas como eſta em breve tempo ſe recolheſſe pera dentro; cuidaraõ, & diſſeraõ,que a doença era couſa de pouco momento: porem o Irmaõ Gameyro ao ſegundo dia affirmou, que a ſua doença era mais grave, do que ſe imaginava, & que ſó por milagre poderia eſcapar da morte. Porque ſe naõ cuydaſſe, que fallava com algum myſterio, acrecentou; que podia ſer foſſe penſamento, que muytas vezes occorria aos enfermos. Todos porem ſe perſuadiraõ,que o Irmaõ tinha noticia mais Superior do tempo da ſua morte; eſta ſe confirmou com dizer alguns dias antes de adoecer, que pouco tempo faria o officio de Meſtre; o que elles entendiaõ, ſer ditto a reſpeito da viagem da India, por ſer couſa ſabida jâ na Provincia, que eſtava deſtinado pera ella.

6 Vinte dias durou a ſua doença, neſtes foraõ continuos os bons exemplos. Quando as dores mais apertavaõ com elle, a ſua palavra ordinaria era dizer: *Graças a Deos.* A cazo alguns, que o viſitavaõ, comeſſaraõ a fallar de hum defeito leve de outro religioſo; deſagradoulhe a pratica, & logo ſem mais eſperar, referio delle hum exemplo heroico de virtude, que ſabia, deſte modo atalhou aquelle deſcuido. Succedeo, como às vezes, que o ſangrador lhe errou a vea; temendo, que aquelle erro lhe poderia ſer de algum deſcredito, pedio aos circunſtantes, naõ diſſeſſem a peſſoa viva o erro, que dera na ſua arte aquelle official.

7 Ainda nos tempos mais perigoſos dezejava eſtar ſó, pera tratar mais à ſua vontade com Deos. Temendoſe, q̃ eſta applicaſſaõ lhe poderia ſer nociva, diſſeraõ aos Medicos, lhe ordenaſſe, que divertiſſe della o penſamento.

Po-

Porem estava por todos os annos de Religiaõ taõ habituado em Deos, que naõ pode dar cumprimento à ordem dos Medicos, porque o pensamento pera Deos lhe fugia por mais, que o pertendesse retirar. Porque se naõ cuidasse, q̃ naõ cumpria com a regra, que manda obedecer aos Medicos, pedio lhe chamassẽ seu Confessor; & claramente lhe disse: que ainda que quizesse; naõ podia deyxar de cuidar em Deos. Daqui nacia ter os olhos pregados em hum Crucifixo, o que fez quasi athe os ultimos alentos da vida.

8 Recebeo os Sacramentos com extraordinaria devassaõ, pedindo à communidade lhe perdoasse as desedificassoẽs, que lhe dera; acrescentando, que naõ sentia a morte, pois o tomava na Companhia, & destinado pera a Missaõ da India, que este fora hum dos maiores favores, que alcançara da maõ de Deos. Logo que a comunidade sahio do cubiculo, ficando só, comessou a fallar com Deos; algũs o espreitaraõ da parte de fora, & por sua devassaõ, escreveraõ as palavras, que dizia, que saõ as seguintes: *O meu clementissimo JESUS,* Quid me vis facere? In manus tuas Domine commendo spiritum meum. *O ser, a vida, a alma, tudo quanto tenho, vos entrego;* Sed si adhuc populo tuo sum necessarius, non recuso laborem. *Meu Deos, meu bem, minha riqueza, minha fermosura, & meu extremo, vejo que vosso lado aberto me està convidando, & dizendo brandamente,* Veni, veni: *Vejo, que esse sangue me està chamando: vejo, que essa maõ direyta me està assenando,* Veni sponsa mea, veni de Libano, & coronaberis: *Vejo, que me està offerecendo huma indulgencia plenaria de minhas maldades; grandes foraõ, mas basta hum,* memento, *meu clemente JESUS, pera me perdoardes: essa chaga do pê direyto me està convidando a entrar por ella, esse pê direito me aveis vos de dar pera entrar na gloria. Oh Senhor, quem fora taõ dittoso, & tivera hum affecto taõ sobido, que pudesse merecer huma certa confiança de entrar hoje na gloria, & aver de vos ver pera sempre: essa chaga do pê esquerdo.* Aqui sem continuar rematou, & logo disse: *Senhor eu naõ posso mais, remettome aos concertos, que tinhamos feito.*

9 Dezejando, do modo, que pudesse, imitar na morte o desemparo, & pobreza de Christo, pedio aos Superiores, que o deyxassem morrer deytado no chaõ sobre huma estey-

esteyra; como naõ viessem nisso pello dano, que de tal cousa se lhe seguia; lhes pedio, naõ dissessẽ, q̃ elle pedira tal couza. O seu sentido todo estava em Deos, por isso pergũtandolhe na ultima noyte se tinha vontade de comer, respondeo com grande affecto: *Tunc satiabor, cum apparuerit gloria tua*. Lembrandose ser aquella noyte do dia da Apresentassaõ da Senhora, em que avia de passar â melhor vida, disse: *Que bella marê, que bello dia pera esta jornada, que hey de fazer*. Vendo ja, que se vinha chegando a morte, pedio, lhe rezassem as ladainhas de Nossa Senhora, a que elle mesmo devotamente respondia. Logo instou, lhe lessem a Payxaõ do Senhor; com esta preparassaõ, estando em summa paz, sem mostrar exteriormente alguma agonia, nem fazer outro termo de morte, mais que huma respirassaõ apressada, inclinando a cabeça pera a parte direyta, & pondo os olhos no Sancto Crucifixo, que tinha diante de si, lhe entregou sua dittosa alma; dia de Aprezentassaõ da Senhora em vinte hum de Novembro de 1651. No Collegio de Sancto Antaõ de Lisboa.

10 Foi sua morte muy sentida dos nossos, por lhe faltar Irmaõ de tanto exemplo, & tambem dos seculares, a quem muyto edificou nesse pouco tempo, que foi Mestre. Posto seu corpo em o esquife na capella do Collegio, entraraõ alguns estudantes mais graves; por respeito a sua virtude lhe beijaraõ as maõs, o mesmo fizeraõ muytos dos nossos Religiosos. Nem se deraõ os estudantes por contentes com aquelles primeiros obsequios; porque entrando jâ os Padres com o corpo pella Igreja, acodiraõ com grande alvorosso, cobriraõ o esquife de flores, & junto da cabeçeira lhe puzeraõ dellas huma capella: destas flores recolheraõ depois como reliquias, quando o corpo se meteo na sepultura. Ouve grande perplexidade, quando se ouve de abrir a sepultura, porque no cemeterio dos nossos Religiosos, as que avia estavaõ occupadas, & parecia duro aos Padres enterrar entre os seculares, aquem em vida tanto delles se retirara. Pera occorrer a este inconveniente, resolveraõ, que se lhe desse huma sepultura nova dentro das grades da comunhaõ, naqual ninguem athe entaõ fora sepultado, estava elle ao pé do altar do Beato Luis Gonzaga, de quem o Irmaõ Gameyro fora singular imitador. A vida deste servo de Deos recopilei de huma carta

cir-

circular, das que naquelle tempo se faziaõ pera se ler pellas cazas da Provincia, quando morria algum Religioso, cuja virtude merecia particular estimassaõ. Era Mestre da oitava classe, quando faleceo, & estava avizado pera as missoẽs da India.

CAPITULO XXXVI.

Vida do Irmaõ Bernardo de Mello, estudante.

Em Lisboa aos 24. de Out. de 1658.

1 O Irmaõ Bernardo de Mello floreceo em innocencia de costumes assim antes, como depois de entrar na Companhia. Veyo jâ sancto, depois com multiplicar o exercicio das virtudes, fez singulares progressos na perfeiçaõ Evangelica; foi hum daquelles, aquem os nossos Irmaõs estudantes podem tomar por exemplares em ordẽ a observancia, & uniaõ das letras com a virtude. Naceo em Lisboa de pays nobres, estes se chamavaõ Joaõ Cotrim de Mello Cavaleiro da ordem de Christo, & dona Luiza Godinha, ambos propensos á virtude, & culto dos sanctos, aquem parece deveraõ o filho, que Deos lhes deu.

2 Estavaõ estes nobres cazados com naõ pequeno sentimento pella morte de duas filhas, que eraõ as meninas dos seus olhos. Succedeo nesta occasiaõ, naõ aver, quem fizesse na Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, que era a sua freguezia, huma festa, que todos os annos se costumava em honra de sancta Catherina Virgem, & Martyr. Tinha disso o Parocho grande sentimento, & o significou a Joaõ Cotrim, o qual se offereceo perá fazer todos os gastos. Edificousse o Parocho, & lhe disse, que a sancta Virgem como taõ agradecida lhe alcançaria de Deos hum filho, com que temperasse as saudades das duas filhas, que a morte lhe tinha roubado. Elle o disse, & a sancta Virgem em effeito mostrou, se dava por obrigada a cumprir a palavra do seu devoto: porque naõ passou anno, que Luiza Godinha naõ tivesse este filho. Naceolhe dia de Saõ Bernardo no anno de 1634, por isso se lhe impos o nome do sancto, em cujo dia viera a luz.

3 Logo que a razaõ se foi descobrindo, se foraõ deixando ver em Bernardo huma indole, & propensoẽs, todas

indi-

indicios, que naõ enganaõ, de quam virtuoso avia de ser. Era nelle a madureza de costumes, & gravidade nas acçoẽs cousa taõ singular, que hum seu tio Religioso reparando muyto nella, disse, que temia naõ fosse Bernardo como as arvores, que saõ apressadas em dar fructo, que naõ saõ as que mais duraõ. Ainda naõ passava de dez annos, quando comessou em obsequio da Senhora, a lhe jejuar os sabbados; pouco depois deu princio aos jejuns de todos os mais dias, em que os Christaõs por cauza do preceito da Igreja costumam jejuar. Vendo os pays, que o amavaõ como aprenda mui singular, tanto rigor em annos taõ pouco crescidos, temendo, que a abstinencia do comer lhe atrazasse as forças, o procuravaõ desviar daquella mortificassaõ; porem tudo foi sem algum effeito.

4 Todos os dias infallivelmente ouvia Missa. De oito em oito se confessava, & commungava. Ja tinha onze añes, & sabia ler, & escrever, quando os pays o foraõ applicando ao estudo das letras. Moravaõ elles em huma quinta sua naõ longe do convento de Xabregas, por isso deraõ por Mestre a Bernardo hum Religioso Franciscano. Com a doutrina do Mestre, & seu bom exemplo se affeiçoou a ser religioso. Neste tempo comessou Joaõ Cotrim a pertender del-Rey certa mercê pera seu filho Bernardo; tanto que este o soube, rogou a sua may, pedisse ao pay, sollicitasse antes aquella mercê pera outro seu Irmaõ, que havia pouco nacera, porque elle tinha firme proposito de entrar em alguma Religiaõ. Conferindo entre si os pays o theor de acçoens, & sanctos propositos de Bernardo, desistiraõ do requerimento, ficando com sobresalto, de que haviaõ dia mais, dia menos de perder, como se explicaõ os seculares, ao seu Bernardo.

5 Naõ foi este o unico lanço do generoso dasapego deste menino, em quem a virtude excedia muyto os annos. Praticando Dom Antonio de Castro Conego, & Thesoureiro môr da Sancta Sé de Lisboa com Joaõ Cotrim, lhe declarou, em como tinha assentado consigo, de renunciar a sua prebenda em Bernardo. Ficou o pay sobre maneyra pago desta occasiaõ, cõmunicando tudo aos parentes, a todos pareceo de muyta honra, lucro, & conveniencia; nem vinha ao pensamento, duvidarse da vontade de Bernardo; por isso o pay naõ fez caso de a saber. Tanto que

elle

elle entendeo os disvelos do pay; se queyxou amorosamẽte à may, de que tal cousa se tratasse, & quizesse seu pay perder a sua fazenda nos gastos da renuncia, quando os seus intentos sempre tinhaõ sido, & ao prezente eraõ, enterrarse vivo em huma Religiaõ. Por conclusaõ acrecentou estas formais palavras: Que Deos lhe tinha dado graça athe aquelle tempo, pera resistir ao mundo, que delle naõ tinha tomado ainda posse, & que se o obrigassem a tomar outro estado, q̃ naõ fosse de religioso, dariaõ conta a Deos de todas as faltas, em que nelle cahisse. Este sancto delẽgano acompanhado de muytas lagrimas enterneceo o corassaõ da may, & esta com a relaçaõ do sobreditto tambẽ enterneceo ao pay: ainda que elles, & os parentes sentiraõ perder esta occasiaõ de seus interesses, se ouveraõ de conformar com o querer de Bernardo.

6 Assistindo elles na Cidade, lhes pedio, o deyxassem hir aos estudos do nosso Collegio de Sancto Antaõ. Estava taõ adiantado, que sem favor o mãdaraõ os Padres examinadores à primeyra classe de Rhetorica. Sua modestia, & compostura o fez agradavel a todos os condiscipulos, & ao seu Padre Mestre. Dedicouse logo ao servisso da Senhora na Irmandade dos estudantes daquelle Collegio. Com o trato dos nossos religiosos se affeiçoou à Companhia: dezejando proceder com acerto, quiz por protectora dos seus intentos à Virgem May do Carmo, aquem tinha especial devassaõ. Fezlhe huma novena, em que lhe rogou, pedisse a seu filho, lhe desse a entender sua sancta vontade. Pellos impulsos, que sentio em si, de ser religioso da Companhia, conjecturou ser esta a vontade de seu Deos, aquem sò queria agradar.

7 Cõmunicou estes dezejos aos nossos Padres, que logo se pagaraõ de suas singulares prendas, & o aceitaraõ na Companhia, sem disto terem seus pays noticia algũa: porque sabia, lhe seriaõ de estorvo, pello muito, que lhe queriaõ; & porque naõ tinhaõ perdido as esperanças de fundarem nelle a sua casa; imaginando, que com o tempo se amolgaria a tesidaõ dos seus propositos. Logo que com todo o segredo se fizeraõ as diligencias necessarias, Bernardo, sem o dar a saber a seus pays, entrou em o nosso Noviciado de Lisboa aos 26. de Mayo de 1650. que naquelle anno foi huma quarta feira, vespora da Ascensaõ do Senhor.

nhor. Pera mitigar as ſaudades, que ſabia teriaõ ſeus pays, lhes eſcreveo huma carta cheya dos motivos,que elle tivera pera a ſua reſoluçaõ, & dos que elles deviaõ tambem ter,pera ſe conſolarem muyto de elle eſcolher eſtado do mayor agrado, & ſerviſſo de Deos.

8 Logo que ſe vio em o Noviciado, tomou a peitos o eſtudo da perfeiçaõ Evangelica, elegendo por exẽplar das ſuas acçoens ao veneravel Irmaõ Joaõ Bermaãs da noſſa Companhia. Ajudavaõ-no muito as propenſoẽs à virtude, & a innocencia da vida paſſada o livrava dos eſcrupulos, com que muitas vezes ſe deſenquietaõ as conſciencias, dos que ſe abraçaõ de veras com a perfeiçaõ. A ſua modeſtia foi acompanhada de muyta prudencia, quando pedia a occaſiaõ, dar mais largas aos olhos, naõ hia como cego às apalpadelas, & a atinar. Tanto que entrava na cozinha, feita oraſſaõ, como he eſtilo, trabalhava por lhe cahir em ſorte a couſa, que era de maior mortificaſſaõ. Moſtrava em tudo hum ſemblante muy igual, ſempre modeſtamente apraſivel: o qual era huma como reprenſentaçaõ da ſanctidade da alma.

9 O trato com Deos parecia ſer todo o ſeu alimento; como tambem a anſia de ſe mortificar. Em pedir mortificaſſoens era ſanctamente importuno:por tanto pedia muytas vezes jejuar a paõ, & agoa, dormir veſtido ſobre as taboas da barra, tomar diſciplina nas coſtas em publico, & outras mortificaſſoens, que alem das que ſe uſaõ, inventava o ſancto odio, que tinha ao ſeu corpo. A diſciplina quotidiana, antes de ſe recolher no leito, era taõ rigoroſa, que parecia dezejar, fazerſe em pedaços, & tyranizar ſeus membros.

10 Appetecia as occupaſſoens mais humildes, & de mais trabalho. He de pezo, & moleſtia a de ſer companheiro do Irmaõ, que tem a ſeu cargo a cozinha; por iſſo o Padre Meſtre Bernardino de Sampayo Reytor da caſa, & homem de muyto eſpirito, & prudencia naõ permittia, q̃ Irmaõ algum eſtudante tiveſſe aquella occupaſſaõ; por ſerem eſtes ordinariamente de menos annos, & forças pouco enrijadas. Porem tais foraõ as inſtancias do Irmaõ Bernardo, que vencidas multiplicadas repulſas do Padre Reytor, finalmente conſeguio eſta ſua pertençaõ: aſſiſtio à occupaſſaõ com tanto cuidado,como ſe nem tiveſſe mais que

fazer,

fazer, nem a natureza lhe pediſſe outra couſa.

11 Nas praticas de Deos, quais ſaõ as unicas dos noſſos Irmaõs Noviſſos, foi notoriamente fervoroſo, eſpecialmente ſe eraõ das excellencias da Senhora; pella ſuavidade, que nellas tinha, lhe chamavaõ o mellifluo Bernardo; appetecendo todos eſtar em ſua companhia nos tempos de fallar, pera com ſuas palavras arderem no amor de Deos, & da Senhora. Com eſta ſanctidade de coſtumes paſſou os dous annos de Noviciado, & feitos os ſeus votos, foi mandado eſtudar a Coimbra.

CAPITULO XXXVII.

Continuaſe o theor de ſua vida, & daſſe noticia de ſuas virtudes, & ſancta morte.

1 NAõ mudou com o novo eſtado os ſanctos eſtilos, & coſtumes do Noviciado, antes guardou conſigo os meſmos rigores. Quando alguns lhe diziaõ, poupaſſe as forças pera o eſtudo: acodia com algum donayre gracioſo, dizendo: que ſuas forças eraõ maiores, do que pareciaõ, pois nunca por doente ſe hoſpedara nas enfermarias, a que elles tinhaõ ja viſitado, tendoſe por mais robuſtos. Nas eſcolas ſua modeſtia, & ſuas palavras todas ſanctas, & muy pezadas eraõ aos eſtudantes de ſingular edificaçaõ. Entre os de caſa ſempre fallava de Deos, & pera conſtar ao padre Prefeito, que tal, ou tal Irmaõ tinha fallado de couſas ſanctas, baſtava dizer, que nos tempos de recreaçaõ eſtivera com o Irmaõ Bernardo de Mello.

2 Nem por ſe entregar tanto ao exercicio das virtudes, fazia menores progreſſos no eſtudo da Rhetorica; tinha muy felix ingenho pera eſta faculdade, & boas prendas de Orador; porque a voz era hum cano de prata, & o meneo da acçaõ em tudo plauſivel, & agradavel. Entrando no ſegundo anno dos eſtudos da Rhetorica, & Poezia, foi preciſo mudarſe pera o Collegio de Evora por cauſa da diviſaõ da provincia.

3 Em Evora eſtudou Philoſophia. Em quatro annos deſte eſtudo nem argumentando, nem reſpondendo diſſe

palavra, que offendese; antes por vezes sofreo muytas, que se lhe disserão, sem dar sinal algum de pouca paciencia. Por naõ afroxar hum ponto na observancia, fez contrato com outro seu condiscipulo de mutuamente se avizarem hum ao outro com caridade, & sinceridade religiosa dos defeitos, que cada-qual soubesse do outro, ou nelle visse. Juntamente de acodirem com pontualidade à capellinha, onde està o Sanctissimo, pera ter alli orassaõ de menhãa, exames de consciencia, & outros exercicios sanctos.

4 No terceyro anno de Philosophia foi companheiro de hum Padre, que no tempo da quaresma havia de assistir confessando, & prégando na Villa de Almondouvar. Edificousse muyto o Padre da pontualidade, com que o Irmaõ Bernardo a seus tempos acodia aos exercicios sanctos da regra, como orassaõ, exames, & os mais, como se estivera no Collegio. Suas praticas, & doutrinas fizeraõ muyto fructo naõ só dentro na Villa, mas nos lugares visinhos huma, & duas legoas, aonde hia a pé, ensinar, & doutrinar os rudes, & os meninos. Voltando pera o Collegio, como naquelle tempo viessem de Lisboa Novissos, pera se tornar a povoar o Noviciado, o Irmaõ Bernardo hia muytas vezes fallar com elles, inflamando-os no amor de Deos. Athe aqui temos referido hũa como summa da ordem de sua vida, agora, antes que digamos a morte, tocaremos as virtudes, com que sua sancta vida resplandeceo.

5 Tenha o primeiro lugar huma, que as abraça a todas, he a pureza de consciencia. Neste servo de Deos foi, quanta se pode dezejar em hum homem sogeito às miserias, & fragilidades do corpo. Hum Padre de grande virtude, que o confessou geralmente, testimunhou, que athe aquelle tempo naõ tinha perdido a graça baptismal. A qual cousa he admiravel em hum moço nobre, criado com mimo dos pays, & em huma Cidade das mais diliciosas, que tem o mundo; aonde a malicia costuma de ordinario anticiparse aos annos. Bem se infere daqui, qual seria entre homens sanctos. O Padre, com quem por tres mezes assistio em huma missaõ, disse, que em todo este tempo nunca achara em suas confissoens ter comettido algum peccado venial. O Padre Affonso de Castilho tambem o confessou geralmente, antes que fosse pera Lisboa, isto he, pouco tẽpo antes de morrer: este Padre, que era Mestre dos Novissos,

viſſos, & homem de muyta virtude, ſignificou a outro Padre, que o deyxara admirado a pureza de vida do Irmaõ Bernardo, & que athe aquelle tempo, que era quaſi o de toda a vida, naõ perdera a primeyra graça.

6 Naſcia eſta pureza da grande cautela, que ſempre teve ſobre ſi; frequentando a meude os Sacramentos deſde idade dos dez annos; & na Companhia, quando na ſemana naõ havia dia de Comunhaõ, ſempre no meyo della ſe confeſſava, & commungava. Na virtude da oraſſaõ foi muy continuo. Aſſiſtia nella com grande reverencia. A primeira meya hora de joelhos, o terceiro quarto de pé, & no ultimo ſe tornava a ajoelhar. O lugar ſempre foi em publico nas capellas; depois que era do Collegio, a tinha diante do Sanctiſſimo, ou na Igreja, ou na capella da Senhora da Conceyçaõ. Acabado o tempo de aſſiſtencia na ſua aula, por eſpaſſo de meya hora tinha ſempre, as que chamamos viſitas do Senhor, & da Senhora. Eſta meſma pontualidade guardava no tempo das ferias, quando aſſiſtia na quinta.

7 Cada mes eſcolhia hum Domingo, que todo gaſtava em oraſſaõ, liçaõ eſpiritual, & outras devaſſoens; eſte era o quarto do mez, por haver neſte dia jubileo em a noſſa Igreja, & ſe expor o Sanctiſſimo, aquem tinha eſpecial devaſſaõ. Os oito dias de Exercicios de Sancto Ignacio eraõ pera elle a melhor recreaſſaõ das ferias; nas ultimas, em que foi pera Lisboa, depois de ter huns Exercicios em Evora, aſſim que chegou a Lisboa, teve logo outros.

8 Da Virgem Senhora foi devotiſſimo, em ſinal de ſua eſcravidaõ trazia no braço huma cadea. Todos os dias dava eſpeciais graças a Deos, por lhe ter dado por May aquella, que eſcolhera pera o ſer de ſeu Sanctiſſimo filho. Das virtudes deſta May, & Senhora fallava com grande amor, & fervor. Nos ſabbados hia muytas vezes fallar cõ os Irmaõs Noviſſos metendo pratica das prerogativas da Senhora, a quem era dedicado aquelle dia.

9 Alem da ſua coroa, lhe reſava o ſeu officio ſempre de joelhos, ou em pé. Por mais de dous annos fez em Evora officio de Sancriſtaõ da capellinha de noſſa Senhora da Conceyçaõ, fazia eſta occupaſſaõ com grande cuidado de agradar à Senhora, dando por muyto bem empregado todo o tempo, que alli gaſtava. Em todas as veſporas das feſtas

festas desta Senhora pedia licença, pera tomar disciplina nas costas, & quando se lhe negava, suppria a falta desta cõ outras mortificaçoens.

10 Quando assistio na missaõ de Almondouvar, soube, em como todos os dias se rezava a còros em huma Igreja o terço da Senhora. Assentou comsigo assistir a esta devassaõ, & assim o fez. Mas como durasse muyto tempo, & sempre de joelhos, & o Irmaõ fosse tenue de forças, algũas vezes cahio em terra desmaiado, & foi tantas vezes, que doendose disso os prezentes, deraõ conta ao Padre, o qual lhe moderou aquella postura. No fim do terço contava sempre hum exemplo da Senhora, com que mais afervorava a todos.

11 Na observancia dos votos religiosos foi exactissimo. Sua pureza era em tudo Angelical. Hum Padre, que o confessou por algum tempo, certificou, naõ tivera pensamento, que de muy longe offendesse o mimo desta virtude. Outro, que tambem foi seu Confessor, affirmou, que a pureza deste servo de Deos passara os limites da humana. Della he bom indicio a grande modestia, com que se ouve em todas suas acçoens. Se em sua prezença succedia cahir alguma palavra, que tivesse algum longe de indecencia, todo o rosto se lhe corava com o pejo, sinal evidente, de quãto seu animo aborrecia semelhantes dissonancias.

12 Na pobreza tambem foi estremado: as suas riquezas eraõ huma imagem de papel, os seus manuscriptos, & algum livrinho, que por premio se lhe tinha dado nas composiçoens. Nos vestidos se alegrava com os mais pobres; & por fazer obsequio à sancta pobreza naõ usava de candea particular, mas estudava à de seu companheiro. Naõ havia cousa por minima, que fosse, da qual usasse, desse, ou recebesse, sem primeiro pedir licença a seu Superior. Da sancta obediencia nunca se afastou em cousa alguma, executando promptamente, quanto nesta materia dispoem as nossas regras, & instituto: querendo sò, o que era do agrado de seus Superiores, sem mostrar genero algum de vontade repugnante.

13 De sua grande mortificassaõ ja dissemos algũa cousa. Depois de sahir do Noviciado muytas vezes comia no chaõ, em pé, ou de joelhos, & de esmolas. Outras hia a comer entre os pobres da portaria, & depois chegava com

o seu

o ſeu pobre à fonte publica pera beberem, dandolhe o primeiro lugar. Outras vezes ſahia em corpo pella Cidade, pedindo eſmola pera os prezos. Outras hia com o Comprador do Collegio à feira, & trazia ſobre ſeus hombros o provimento, que ſe comprava. Nunca deyxou de tomar a diſciplina antes de ſe recolher. Por eſtar achacado o cõpanheiro, & ſe deytar mais cedo, ſe diſciplinava na Igreja, ou em huma das capellas do Collegio. Succedeo huma noyte achar ambas fechadas, vendoſe em grande perplexidade, ſe deſembaraſſou, pedindo ao Irmaõ Sottominiſtro, permittiſſe, tomar a diſciplina no ſeu cubiculo; com o que ficou ſatisfeita a ſua anſia, & dezejo. Quaſi todas as ſeſtas feiras uſava de cilicio em honra da payxaõ, como tambem nos dias, em que cõmungava.

14 De ſua caridade podemos dizer, tinha, o que nella quer S. Paulo. Era muy ſofrido: com menos cautella ſe diſſe delle huma couſa pezada; quando o ſoube, levantando os olhos ao Ceo ſó pronunciou eſtas palavras: Muyto mais ſofreſtes por mim, meu Senhor JESU Chriſto. Sabendo diſto hum Padre, o perſuadio, a ſe queyxar; porem elle reſpondeo: Que ſe naõ atrevia, a ſer occaſiaõ de diſgoſto a peſſoa viva. Nunca murmurou das acçoens alheas, antes ſe em prezença ſua ſe referiaõ alguns defeitos, elle coſtumava referir alguma virtude, com que dourar o bom nome do tal ſogeito.

15 Dezejou muyto hir às miſſoens da India, & deſtas fallava com grande fervor. Se lhe diziaõ, naõ conſeguiria licença por cauſa das poucas forças, dava tantas razoens, que convencia, como ſe deſta materia fizeſſe eſtudo eſpecial. Indo peregrinar com outros Noviſſos, lhe diſſeraõ, que em certo lugar eſtava hum enfermo, que deſpedia de ſi tal cheiro, que ninguem o podia tolerar. Foraõ lâ os Noviſſos, os outros enjoando logo, ſe retiraraõ, porem o Irmaõ Bernardo chegandoſe junto delle, por largo eſpaſſo o eſteve conſolando; & lhe deyxou alguns doces, que por eſmola lhe tinhaõ dado.

16 O grande zelo de ſalvar almas, virtude tanto dos filhos da Companhia, foi muy ſingular neſte ſancto Irmaõ. Em Coimbra, depois de ſer Noviſſo, ſahio muytas vezes nos dias ſanctos, & Domingos pellos lugares viſinhos hũa, & duas legoas a enſinar a ſancta doutrina. No tempo das

ferias

ferias dava mais largas a este fervor. Alguma vez discorreo a pé por espaço de quarenta legoas, & terras fragozas, occupandose neste sancto ministerio, vivendo das esmolas, que pedia pellas portas. Indo huma vez pella Cidade de Coimbra, pedindo esmola pera os prezos, topou com hum grande concurso, aonde a gente se entretinha em hũ festejo profano. Vendo isto o Irmaõ Bernardo se avisinhou, & subindo em hum lugar eminente, fez huma doutrina com tanto fervor, que o auditorio poz nelle os olhos, & as attẽçoens, tirandoas do desenfado ocioso, & se cõpungio muyto do desengano de suas razoens, admirandose da confiança sancta, com que se entremetera.

17 Em Evora, porque a tezidaõ do estio naõ dava lugar a peregrinaçoens compridas no tempo das ferias, sahia pellas freguezias do termo, sustentãdose com algum pedaço de paõ, & fruta, que levava na algibeira, por naõ ser molesto aos rusticos com pedir. Nesta forma discorria duas, & tres legoas ensinando, & explicando os mysterios de nossa sancta fé.

18 Com estes exercicios de virtudes se tinha o Irmaõ Bernardo adiantado muyto, quando acabou o estudo da Philosophia. Consideradas suas boas prendas, dignas de magisterio em algumas das melhores Academias, foi mandado ensinar gramatica na setima classe do Collegio de Sancto Antaõ. Alli chegou no fim de Agosto, & no primeiro dia de Outubro tomou posse da sua classe, na tarde desse mesmo dia se apoderou delle a doença, de que morreo.

19 Sobrevieraõlhe huns crueis crescimentos, sofria com grande paciencia, resignandose todo nas maõs, & võtade de Deos. Agradecia muyto ao enfermeiro o trabalho, que com elle tinha. Tanto que os Medicos desconfiaraõ de sua vida, hum Padre o avisou do perigo, em que estava; alegrouse com a nova; depois della entrando a visitalo hum Mestre seu grande amigo em o Senhor; lhe disse o enfermo, lhe queria dar huma boa nova, perguntando, q̃ tal. Agora, disse, me avisaraõ pera morrer, & posto que he com poucos annos de idade, estou muyto contente; por ser esta a vontade de Deos. Depois de recebidos com todas as mostras de piedade os Sacramentos, entregou sua alma nas maõs de Deos em Lisboa aos 24 de Outubro de 1658.

1658, tendo de idade vinte, & quatro annos, & sessenta,& quatro dias, de Companhia oito annos, & sinco mezes. Sua vida escreveo o Padre Adriaõ Pedro seu contemporaneo.

CAPITULO XXXVIII.

Vida do Veneravel Padre Francisco Pimentel Missionario de Tunquim.

Em Tũquim aos 5. de Setemb. de 1675.

1 O Veneravel Padre Francisco Pimentel foi dos operarios mais illustres, que teve a gloriosa missaõ de Tunquim, homem na vida, & depois da morte tido, & avido por sancto. O seu sepulcro he naquellas terras glorioso, como tal, he visitado pellos Christaõs, que alli recebem grandes mercés de Deos em premio de sua devassaõ. A patria deste excellente Missionario foi a villa de Arganil no Bispado de Coimbra. Chamaraõse seus pays Luis de Macedo Pimentel, & Ana Caldeyra, entrou na Companhia em Lisboa ao primeiro de Fevereiro de mil seiscentos, quarenta, & oito. No anno de mil seiscentos sessenta, & hum se embarcou pera a India; aonde fez a Deos grandes servissos nos ministerios da Companhia.

2 Tinha-o Deos destinado pera a missaõ de Tunquim, naqual em poucos annos avultou muyto o seu trabalho. Tunquim, & Cochinchina saõ dous Reynos de terra firme continuados com o grande imperio da China, a quem foraõ em algum tempo sogeitos, em ambos tem o Collegio de Macao gloriosissimas missoẽs. No tempo, que o Padre Francisco Pimentel se embarcou pera aquelle Reyno, naõ se permittia prégar alli a Fé de Christo. Só dous da Companhia nelle andavaõ occultos, o Padre Domingos Fuciti Italiano, & o Irmaõ Ignacio Martins de naçaõ Tunquim. O Padre Philippe Marino Italiano,tendo ido às claras no barco de Macao, na retirada outra ves pera Macao naufragou, & escapando com vida, estava como esperando monçaõ,pera se embarcar.

3 Os Portuguezes, que navegavaõ àquelle Reyno, costumavaõ levar como por capellaõ a hum Padre, persuadindo aos naturais, que este era o seu costume; & no tem-

po, que alli se detinhaõ, podia o Padre pela calada fomentar os Christaõs, & tomar o pulso ao estado das cousas. No anno de 1673 aos 4 de Marso chegaraõ a Tunquim os Padres Manoel Ferreira natural de Lisboa, & o Padre Francisco Pimentel. Foraõ disfarçados em traje de mercadores Portuguezes, & com este disfarce tinhaõ tençaõ de se deyxar ficar em Tunquim.

4 No porto de Hien acharaõ ao Padre Philippe Marino, a quem os gentios tinhaõ com cautela, athe aver embarcaçaõ, em que voltasse pera Macao. Trataraõ os dous Padres de como aviaõ de ficar em Tunquim, o Padre Marino resolveo ficassem em Hien em traje de mercadores Portuguezes. Logo, que os principais dos Christaõs souberaõ a determinaçaõ, a procuraraõ encontrar; como chea de inconvenientes. Escreveraõ huma carta, em que davaõ as muytas razoens todas cheas de pezo, que avia, pera os Padres naõ ficarem às claras no tal traje, mas escondidos, & que elles tomavaõ sobre si este cuidado. Todas as razoens, que naõ refiro, por evitar prolixidade, eraõ muy eficazes; mas ainda assim o Padre Marino, que era o Superior, foi de parecer, que os Padres, ou ficassem com disfarce de mercadores, ou voltassem com elle pera Macao.

5 Brevemente mostrou Deos, que o parecer dos Christaõs era o do seu servisso, & agrado: pois por modos naõ imaginados lhes cumprio os seus dezejos. Neste mesmo tempo dous marinheiros do barco de Macao, instigados pello Demonio, permittindoo assim Deos pera o fim, que pertendia, foraõ ao Mandarim do porto, & lhe disseraõ, como de Macao tinhaõ vindo dous Padres disfarçados, pera ficarem em Tunquim, & lhe deraõ juntamente os sinais, por onde os podia conhecer.

6 O Mandarim avisou sem demora a el-Rey, este respondeo, que logo lhe enviasse à Corte aos dous Padres jũtamente com o Padre Philippe Marino. Foraõ notificados os Padres, pera irem à Corte dar razaõ de si, pois eraõ acusados. Todos se prepararaõ pera o Martyrio, porque o cazo era de morte. Tanto que chegaraõ à Corte, ordenou el-Rey a hum Mandarim, que os prendesse, & depois lhes processasse a causa. Logo poz em grilhoẽs aos Padres Manoel Ferreira, & Francisco Pimentel; indo pera calçar os machos nos pés do Padre Marino, o Padre pedio, que

lhe

lhe mandasse tambem vir huma cadea pera o pescosso, & outra pera as maõs; ficou o Mandarim assombrado com tal petissaõ; logo mandou aos seus officiais, que tirassem ao Padre Marino os machos dos pés, porque tinha perdido o juizo.

7 Com os outros dous Padres quis o Mandarim usar de toda a crueldade, condenou-os, a serem açoutados. Mãdoulhes, que descobrissem, onde tinhaõ os ornamentos sagrados. Pera os aterrar, fez vir fogo, & tenazes abrazadas, comque os ameaçava; & que dentro de quatro dias seriaõ degolados, senaõ fizessem, o que se lhes ordenava. Jâ estavaõ despidos, pera serem açoutados; quando Deos os livrou deste tormento; porque sabendo huma senhora Christãa dama do paço as crueldades do Mandarim, lhe mandou dizer, que visse lâ como tratava aquelles Padres Portuguezes, porque estavaõ debayxo do seu patrocinio. Vendose ameaçado, desistio dos açoutes, & mandou vestir os Padres.

8 Finalmente estando jâ o barco de Macao, pera partir, mandou el-Rey sahir os Padres da prizaõ, pera se embarcarem todos tres, & mandou dizer aos mesmos Padres, que naõ viessem mais a Tunquim, porque naõ lhes poderia ser bom, vindo, & caindo outra vez nas mãos dos Mandarins. Embarcados os Padres, trataraõ os Christãos, de buscar alguma via, pera que pello menos hum dos dous ficasse escondido em Tunquim. Hum Christaõ, que morava junto do mar, se offereceo, a esconder ao Padre Manoel Ferreira, porque a dous se naõ atreveo. Deuse esta ordem, que saindo o barco ao mar, pera fazer viagem, de noyte no batel fosse o Padre a certo lugar, onde os Christãos o estariaõ esperando. Mas, como o barco sahia jâ tarde, se ordenou ao Padre Manoel Ferreira, que naõ sahisse daquelle posto athe certo tempo: porque se a cazo succedesse, que o barco arribasse, & por causa dos tempos naõ continuasse a viagem, o batel tornasse a meter o Padre no barco, pera q̃ entrando no porto, se naõ achasse menos.

9 Tudo se executou, como se tinha disposto. O Padre Manoel Ferreyra esperou no lugar assinado, o barco arribou, & o batel tornou a recolher o Padre; & se meteo no porto. Quando o barco ouve outra vez de se partir, julgaraõ os Christaõs, que tambem pelo modo ditto podia fi-

car o Padre Pimentel. Por tanto ſaindo o barco de tarde pera fora, de noyte ſe chegou a terra, & deitou fora aos dous Padres. Os Chriſtãos,que os eſperavaõ, os receberaõ com ſingular caridade, & amor; & os levaraõ a huma aldea toda de Chriſtãos, que ſe chamava Bodia.

10 Aqui ficou o Padre Franciſco Pimentel. O Padre Manoel Ferreira com grande riſco foi atraveſſando todo o Reyno, athe chegar à provincia de Neghean, que confina com a Cochinchina. Alli eſteve por eſpaço de dous annos, tendo cuidado de toda aquella Chriſtandade, em que bautizou por ſuas mãos a mais de quatro mil almas. Foi o Padre Ferreira homem de muyta virtude, & grandes talentos. Depois veyo por ordem do Sũmo Pontifice da India a Roma com o veneravel Padre, & dittozo Martyr Jozeph Candoni. Naõ paſſou de Portugal, onde eſteve, athe voltar outra vez pera a ſua Provincia, onde morreo ſanctamente. Praticando no Collegio de Evora, diſſe pera conſolaſſaõ dos ouvintes, que elle com ſuas mãos tinha bautizado a mais de vinte mil almas.

11 O Padre Franciſco Pimentel dentro dos dous años confeſſou, & bautizou a tantos na Provincia do Leſte, que de puro canſaſſo, mais que de outra doença, veyo a falecer aos ſinco de Setembro de mil ſeiſcentos ſetenta, & ſinco, tendo 44 annos de idade. Foi extraordinario o ſentimento da Chriſtandade, que o venerava por ſancto. He fama conſtante, que na hora da morte lhe aparecera Chriſto Senhor Noſſo, & a Virgem Senhora em companhia de muytos ſanctos da gloria todos veſtidos de branco, pera o levarem conſigo. Naõ pude alcançar noticias mais meudas das acçoens de virtude deſte dittoſo Padre. Só me lembra, que aſſim ao Padre Manoel Ferreira ſeu companheiro, quando veyo a Portugal, como ao Padre Diogo Vidal Miſſionario de Tunquim, quando veyo a Roma por Procurador, a ambos ouvi falar do Padre Franciſco Pimentel, como de homem tido por ſancto pellos Chriſtaõs de Tunquim; & como tal invocado em ſeus apertos.

12 Manifeſtou Deos a virtude deſte ſeu ſervo com algumas couſas raras depois da ſua morte. No anno de 1682 apareceo glorioſo, & ornado de muytos reſplandores a hum Chriſtaõ chamado Raphael natural da aldea Bâ, onde ſeu corpo eſtá enterrado. Pediolhe o glorioſo Padre, q̃

tras-

trasladasse seus ossos do cayxaõ,em que os tinha enterrado, pera outro de pedra, aonde ficassem depositados.

13 Agradecido Raphael ao Padre de lhe aparecer cõ tanta gloria, & de lhe fazer a elle, & naõ a outro taõ singular favor, lhe prometeo, de logo dar à execussaõ a petissaõ, que lhe fazia. Por tanto mandou fazer hum cayxaõ de pedra, & feito elle, desenterrou o cayxaõ de madeyra, em q̃ estavaõ os ossos, & fazendolhe reverencia, os passou ao cayxaõ de pedra com grande respeito, & o enterrou no mesmo lugar, em que estava o de madeira.

14 Considerando Raphael muyto entre si,que mysterio teria o bemditto Padre, em mandar passar seus ossos do cayxaõ de madeira pera o cayxaõ de pedra, & assentando comsigo, que naõ carecia de mysterio, sentio dentro de si hum impulso superior. Determinou abrir o cayxaõ, pera saber o efeito. No anno de 1689, assistindo muytos Christaõs, que elle a este fim tinha convidado, desenterrou o cayxaõ, & aberta a tampa, que tambem era de pedra, tudo muy bem ajustado, & tapado como o enterrara; acharaõ, cazo prodigioso! todo o cayxaõ cheyo de hum oleo claro, & liquido com os veneraveis ossos todos muy frescos, & cheyrosos.

15 Admirados com taõ novo prodigio, examinaraõ, se por alguma parte do cayxaõ pudesse entrar agoa, ou outro licor, que se convertesse no oleo; naõ achando, por mais exames, que fizeraõ, parte alguma do cayxaõ, por onde pudesse entrar humidade, por estar muy bem tapado, & abetumado, assentaraõ todos ser oleo milagroso, gerado dos mesmos ossos; os quais lançavaõ de si grande cheiro, & fragrancia; & que este era o fim, porque o Padre pedira a Raphael, passasse seus ossos pera o cayxaõ de pedra. Julgaraõ, que taõ soberano oleo naõ podia deyxar de ter efeitos milagrosos, que redundassem em bem de todos.

16 Logo trouxeraõ varios vazos, nos quais recolheraõ o oleo; & deyxando com muyta decencia os ossos no mesmo cayxaõ, o tornaraõ a tapar, & enterrar no mesmo lugar, onde antes estava. Alli concorrem os Christaõs de varias Provincias ao visitar, & invocar em seus trabalhos, & necessidades. Tanto que se divulgou o grande tezouro, que se tinha achado no sepulchro deste servo de Deos, foraõ

raõ tantos os Chriſtãos de outras aldeas, que vieraõ naõ ſó a ver, & venerar, ſenaõ tambem a buſcar, & pedir o maravilhoſo oleo, que rara foi a aldea, que naõ levaſſe ſeu pouco.

17 Comeſſou logo Deos a obrar por elle maravilhas; applicaraõno a crianças doentes de ſarna, & chagas, & untadas logo ſaravaõ. Das crianças paſſaraõ aos homens enfermos de poſtemas, & chagas encanceradas, & com o meſmo efeito ſararaõ todos de repente. Como neſte anno morreſſe muyto gado de certos inchaços, & poſtemas, a quantas bufaras, & vacas untaraõ com o maravilhoſo oleo, todas ſararaõ de repente.

18 Correndo pois por todas as Provincias a fama deſte oleo, foraõ tantos os Chriſtaõs, que o vinhaõ pedir, que repartindoſe com muytos delles, ainda aſſim durou o milagrozo oleo tres annos. No anno de 1692 ſe acabou o ultimo, que reſtava, tendo niſſo os Chriſtãos geral ſentimẽto, que o veneravaõ naõ ſó como precioſa reliquia, mas o eſtimavaõ como efficax medicina contra todas as enfermides.

19 Pellos annos de 1695, como ſe tiveſſe acabado o oleo, & os Chriſtaõs fizeſſem grandes inſtancias, pera ſe tornar a abrir o ſepulchro deſte ſervo de Deos, o Padre Iſidoro Luci da noſſa Companhia condeſcendeo com a devaçaõ dos Chriſtaõs. Abrindo pois ſegunda vez a ſepultura, achou eſtar chea do meſmo oleo, com o qual encheo algũs boyoẽs, & tornou a fechar a ſepultura. Repartido aos Chriſtãos comeſſou a obrar as coſtumadas maravilhas.

20 Paſſando o Veneravel Padre Franciſco Nogeuyra Provincial da Companhia pella Provincia do Leſte, falou com huma molher, em que eſte milagroſo oleo obrou hum cazo eſtupendo. Eſtava enferma de febres, das quais padeceo muyto, & chegou às portas da morte. Depois de fazer ſem proveito muytas meſinhas, lembroulhe, que tinha em ſeu poder algum deſte oleo. Entaõ ſe encomendou de coraſſaõ ao Padre Franciſco Pimentel, rezandolhe ſinco Padres noſſos, & Ave Marias, logo bebeo o milagroſo oleo, & de repente ficou ſaã de todo, com todas as forças reſtituidas a ſeu vigor; & taõ valente, que em amanhecendo, por ſer quinta feira de Endoenças, foi a pé hum dia de caminho a buſcar o Padre Luci, pera ſe confeſſar, & cõmũgar;

gar; referindolhe o cazo, ficaraõ todos admirados, & o Padre Luci o justificou com muytas testimunhas. Com esta & semelhantes maravilhas acredita Deos a sanctidade deste seu servo, & confirma na Fê aquelles neofitos.

21 O Veneravel Padre Francisco Nogueyra voltando de Tunquim pera Macao trouxe consigo deste oleo. Divulgouse na Cidade a sua virtude. Foi ao nosso Collegio Pedro Vas de Sequeira hum dos principais mercadores de Macao, pedio ao Padre Provincial parte do oleo. Tinha em sua caza hum menino com huma belida em hum dos olhos; applicoulhe o oleo, & dentro de poucos dias desapareceo totalmente a belida. Hum moço tinha no pescosso hum cruel inchasso, que lhe causava excessivas dores, sem obedecer a mezinha alguma das muytas, que se lhe tinhaõ applicado: acodiolhe Pedro Vas com o bemdito oleo, cessou logo toda a dor, & sarou, sem lhe ficar lesaõ alguma.

CAPITULO XXXIX.

Noticia do Padre Manoel Ferreira Missionario de Tunquim.

Em Tunquim

1 VIsto fallar nesta vida do Padre Francisco Pimentel no Padre Manoel Ferreira seu grande amigo, & companheiro, direi deste fervorozo missionario, o que achei escritto, que sei he muy pouco, pera o muyto, que obrou. Naceo em Lisboa, seus pays se chamaraõ Andre Dias, & Barbara Ferreira, em Lisboa entrou na Companhia aos 7 de Junho de 1647, tendo dezaseis annos de idade. Era homem de grandes talentos, soube com primor as faculdades, que estudou; o talento pera os pulpitos era singular. Poeta latino muy apurado. Sendo Mestre de latim no Collegio de Sancto Antaõ, o chamou Deos pera as missoens do Oriente com modo particular. Estava na livraria a tempo, que nella entrou hum Procurador das missoẽs, entendendo com elle, lhe disse por graça, que faz, Mestre, porque naõ vai pera as missoẽs, quer morrer aqui como carrapato na lã? Com esta palavra se explicou. Póz Deos nella tal virtude, que o Mestre comessou a meditar consigo hũa, & ou-

& outra vez, quanto melhor seria sahir da patria, pera salvar almas, que morrer nella, como aquelle bichinho na lã, onde se cria, & apodrece. Finalmente tomou resoluçaõ, de ir pera as missoẽs, assim o executou no anno de 1658.

2 Entrou na Missaõ do Reyno de Tunquim com o Padre Francisco Pimentel pello modo, que fica referido, esteve tambem prezo pella Fê, & em grilhoẽs, & a ponto de ser martyrizado, como fica ditto. Deu Nosso Senhor muyto, que sofrer a este seu servo com huns Missionarios Francezes, que se introduziraõ naquella missaõ, & fũdaraõ todo o seu successo em desacreditar a Companhia, & em desterrar da missaõ aos seus Religiosos, que a tinhaõ criado, & com seus suores a regavaõ no meyo de innumeraveis perseguiçoẽs, sendo esta a maior, que padeceraõ.

3 Hiaõ estes homens armados com poderes da sancta congregaçaõ de propaganda fide; os quais applicavaõ, como lhe toava, sem attender a razaõ, nem ao direito dos Serenissimos Reys de Portugal, a cujo padroado pertencem aquelles Reynos do Oriente. Resistio a suas insolencias cõ animo intrepido o Padre Manoel Ferreira, mostrando com evidencia, quam desencaminhados eraõ seus intentos.

4 Hum dos capitulos, que deraõ contra elle, foi que por muitos annos deixara só, & sem pastor a mais de cem Igrejas de Christaõs na Provincia de Neghean, com hum catequista ignorantissimo. Respondeo o Padre desfazendo esta valente mentira, com estas palavras: *Eu por muytos annos deixei os Christaõs de Neghean? Ouçaõ todos com attençaõ, o que passou. Pellos fins do anno de 1673 no mez de Novembro entrei a primeira vez na Provincia de Neghean. No tal anno naõ sahi della. No anno de 1674 nem por hum sô dia estive fora de Neghean. No anno de 1675 sô estive fora desta Provincia hum mez, no qual me foi necessario, ir ter com meu Superior o Padre Domingos Fuciti na aldea Quebô. Sô no año de 1676 sahi della por occasiaõ de ser Superior, & aver por causa do officio de visitar as Igrejas. No mesmo anno tornaria a ella, senaõ fora a infermidade, que me sobreveyo, da qual mal convalecido no anno seguinte de 1677 no mez de Mayo voltei a Neghean, & alli estive athe o mez de Novembro do mesmo anno.*

5 *Esta he a verdade, tenho por testimunhas a mais de sinco mil Christaõs, que com minhas maõs bautizei na Provincia de*

de Neghean, naquelles muitos annos, em que affirmam, que eu estivera fora de Neghean. Como os adverſarios acrecentaſſem, que por cauſa da ſua auzencia, tinhaõ fallecido innumeraveis Chriſtaõs miſeravelmente, moſtrou o Padre, que dentro daquelle tempo ſó morreraõ quatro Chriſtãos homens de vida innocente. Quanto ao Catequiſta, em dizerem, que era ignorantiſſimo: reſpondeo, que como com verdade tal couſa podiaõ dizer, pois o naõ tinhaõ examinado; ſendo elle em ſi hum dos Catequiſtas de melhores coſtumes, & deſtro, no que profeſſava. Acodio tambem dizendo, que na tal Provincia avia hum Sacerdote Tunquim por elles poſto, & que elle nunca aos Chriſtãos prohibira confeſſarſe com os Sacerdotes naturais da terra, aſſim como hum ſeu parocho Tunquinenſe na meſma Provincia tinha dado juramento, aos que o ſeguiaõ, de nunca jâ mais ſe confeſſarem com Padres da Companhia. Deyxo as mais accuſaçoẽs, que eraõ com ſemelhante verdade, & teor.

6 Quizeraõ eſtes homens obrigar ao Padre, que naõ ſahiſſe de certo deſtricto de terras, que lhe aſſignavaõ; & como elle em tal couſa naõ quizeſſe vir, pois iſſo era contra o padroado del-Rey de Portugal, & os tempos eraõ tais, que a elle, pera naõ cahir nas mãos de gentios, lhe era neceſſario, naõ aquentar lugar; tais couſas delle, & dos outros da Companhia eſcreveraõ a Roma, que o Padre foi obrigado pello Sũmo Pontifice a vir a Europa, paſſando immenſos mares, & perigos, por naõ faltar a taõ rigoroſa obediencia.

7 Veyo a Portugal, el-Rey naõ quis, que foſſe a Roma. De Lisboa voltou pera Macao no anno de 1694 ſendo muy velho, & cortado com tantas navegaçoẽs; mas o amor, que tinha à ſua miſſaõ, o naõ deyxava acquietar fora della. No anno de 1696 jâ em Abril eſtava na ſua miſſaõ de Tunquim, onde neſte anno, & mez entrou em Cõpanhia do veneravel Padre Franciſco Nogueyra, entaõ Provincial. O Padre Manoel Ferreyra ſe meteo pella terra entre os ſeus Chriſtãos diſſimuladamente. Fez eſte caminho por terra. Trabalhou alli com o zelo, que antes o fizera, vivendo ſempre occulto, andando de huns em outros lugares.

8 Lembrame, ouvirlhe, contar, como em certa occa-

ziaõ eſtando huma menina filha de huma gentia à morte, & pera eſpirar, o Padre ſe fez Medico, & chegandoſe à criancinha com hum lenço de agoa, a bautizou. No dia ſeguinte paſſando pella meſma caza perguntou, que foſſe feito da menina, entaõ lha moſtraraõ na rua, andava brincando com as outras da ſua idade; ficou o Padre admirado, attribuindo eſte prodigio à virtude do ſácto bautiſmo. Logo diſſe aos Chriſtãos, tiveſſem nella cuidado, porque era bautizada, pera que vindo os annos da razaõ, lhe lembraſſem as obrigaçoẽs, em que eſtava a Deos, pois lhe dera vida taõ milagroſa por meyo do ſancto bautiſmo. Tendo ſervido a Deos tantos annos, falleceo ſanctamente entre os ſeus Chriſtãos, dos quais tinha bautizado muytos milhares, como na vida do Padre Pimentel fica apontado. Por me naõ virem à maõ mais noticias deſte ſervo de Deos, me contento com deyxar aqui delle eſta pequena lembrança, que poderâ a alguem ſer de deſpertador, pera fazer delle larga narração, pois he certo, naõ cabem ſuas obras em pouco papel. Tambem naõ tive noticia do anno, mez, & dia de ſua morte, nos livros da vida eſtaraõ com caracteres mais preciozos, que o ouro.

CAPITULO XXXX.

Dos Padres Luis Dias, & Manoel Caſtellaõ.

Em Evora aos 29. de Dezembro de 1688.

1 VIſto naõ ter noticias mais diffuſas, naõ quero, que deyxẽ de ficar aqui em memoria duas couſas muy notaveis de dous Padres, que em noſſos dias falleceraõ no Collegio de Evora, & ambos foraõ Noviços neſta caſa de Lisboa. Hum delles he o Padre Luis Dias Coadjutor eſpiritual. Naſceo na villa de Serpa no Arcebiſpado de Evora, tendo vinte annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos nove de Mayo de 1623. Foi homem ſempre edificativo, mui calado, & obediẽte. Em toda a occupaçaõ, onde o metiaõ, ſe acomodava, ſem moſtrar diſſabor algum. Porque elle a todas ſubſtituia, ora em hũas, ora em outras, diziaõ por graça, que era como cambo de cozinha, que ſerve pera nelle ſe dependurar, quanto ha na officina, ſem o cambo a nada afaſtar de ſi.

2 Teve trato familiar com Deos. O ſeu muito ſilencio nos encobrio ſuas virtudes. Depois de ſer morto diſſe o Padre Manoel Correa, que foi aſſiſtente em Roma, Cõfeſſor do Padre Luis Dias, que elle tinha tanta familiaridade com Saõ Jozeph, que fallava com elle todas as vezes, q̃ queria, bem como hum amigo com outro amigo. Succedia iſto na capella das enfermarias do Collegio de Evora, onde ha huma mui devota imagem do Sancto, & por eſta he, que fallava com o Padre. Por eſte ſucceſſo, de que ſe naõ duvida, pello dizer homem taõ grave, he tida aquella devota imagem em mais particular veneraçaõ. O meſmo affirmou o Padre Andre Vâs, que tambem foi Provincial, & Confeſſor do Padre Luis Dias.

3 Na carta Annua da provincia tem eſte elogio: No ſeu eſtado foi o Padre Luis Dias taõ perfeito, que ſe pode aſſinar por exemplo aos do ſeu grao. Teve em grao ſubido a virtude da humildade, ſobre o qual como em fundamento levãtou o edificio da obſervancia: Quem mais obediente, que elle? Qualquer minima ſignificaſſaõ da vontade dos Superiores foi pera elle como hum preceito.

4 Quem na caridade mais abrazado? Era nelle ſũmo o cuidado em ajudar a todos. Quem na oraſſaõ mais continuo? Eſta era o ſeu ſuſtento, & lhe dava muito tempo aſſim de dia, como de noite. Quem mais pobre? Todas as couſas do mundo teve em nada. Por iſſo foi em todos grãde a opiniaõ, que ſe teve de ſua virtude.

5 No Collegio de Evora viveo muytos annos, humas vezes ſendo Procurador, outras Miniſtro, outras Secretario da Univerſidade. Eſtes officios fez com tal exacçaõ, q̃ ninguem teve com rezaõ, que dizer delle. Foi inimiciſſimo de murmurar, ſe em ſua prezença alguem tal couſa fazia, logo atalhava a pratica, & iſto com tanta deſtreza, que quaſi naõ parecia, ſer couſa de propoſito, mas digreſſaõ caſual. Que couſa foſſe ira, ou ſoberba, elle o naõ ſoube.

6 Entre dia viſitava muitas vezes ao Sanctiſſimo Sacramento, & à Senhora na ſua capella. Levava com tanta paciencia os trabalhos, & moleſtias, que lhe vinhaõ por caſa, que parecia ſer homem inſenſivel. Tendo grandes dores de eſtamago, naõ dava hum ay, com que as aliviar. Eſtas couſas ſe dizem delle na carta Annua. Falleceo no Collegio de Evora em ſancta velhice, por cauſa da qual eſ-

tava aposentado na enfermaria no cubiculo, que faz o lado ao norte do retrete de frõte da capellinha, onde està a imagem de Saõ Jozeph, diante do qual gastava muitas horas. Sua morte foi aos 29. de Dezembro de 1688.

Em Evora aos 12 de Janeyro de 1694.

7 O outro Padre se chamava *Manoel Castellaõ* natural da Cidade de Coimbra. Entrou na Companhia em Lisboa aos 27. de Fevereiro de 1647. Foi homem muyto amigo do retiro, & silencio. Seu amor à sancta pobreza era notavel. Elle remendava com suas maõs os seus vestidos interiores, recolhendo pera isso os pedacinhos de pano inuteis, que por naõ servirem, lançavaõ fora os alfayates do Collegio. Depois de sua morte se lhe acharaõ huns calçoens, os quais tinhaõ tantos, & taõ meudos remendos, q̃ naõ se podia distinguir dos remendos a primeira peça, de que foraõ feitos.

8 O Irmaõ roupeiro tomou por curiosidade contalos, & chegando a contar cousa de duzentos, & oitenta, se deyxou da sua curiosidade, porque eraõ muytos mais. Esta alfaya se poz na rouparia do Collegio, pera servir de cõfusaõ, aos que nesta materia saõ importunos. Eu a tive nas minhas maõs, & della trouxe huma algibeira pera o Noviciado, que mandei pôr no cubiculo do Irmaõ Sottoministro pera edificaçaõ dos Noviços. Nella se contavaõ cousa de sincoenta remendos. Vendose os livros da rouparia, se achou haver quatorze annos, que se lhe deraõ aquelles calçoens. Falleceo sanctamente em Evora aos 12. de Janeiro de 1694.

CAPITULO XXXXI.

Vida do Padre Ignacio Xavier Missionario de Madurê; & do Padre Doutor Antonio Fernandes.

Em Madurê, Setembro de 1680.

1 O Padre Ignacio Xavier foi de naçaõ Inglez, & natural da Cidade de Londres. Sendo de pouca idade por morte de seu pay, que assim elle, como sua may, & mais parentes eraõ hereges, se deu à mercancia. E sahio taõ bom mercador, que conhecendo o inestimavel preço da preciosa joya da fé Catholica naõ duvidou dar tudo, quanto tinha pella possuir. Conhecendo os hereges, que os ti-

os tinha deyxado, lhe cobraraõ grande odio ; & levados deste huma vez lhe tiraraõ à espingarda; mas foi Deos servido, que errasse fogo , pera elle fazer o acerto de se abraçar estreitamente com Deos na Companhia de JESU, como o fez em o Noviciado de Lisboa ao 1. de Outubro de 1670. tendo 16. pera 17. annos de idade.

2 Depois foi estudar ao Collegio de Coimbra , tendo em seu pensamento passar a Inglaterra , pera ajudar a seus naturais, tanto que acabasse seus estudos. Neste tempo veyo de Maduré a Portugal o Padre Baltezar da Costa, varaõ excellente nas missoens, & de espirito Apostolico. Resolveose o Padre Ignacio Xavier seguir seus passos, & navegar ao Oriente; assim o executou no anno de 1673.

3 O grande espirito deste servo de Deos se comessou a descobrir na viagem da India. Ouve muytas , & graves doenças em a nao , das quais como de contagio morreo grande numero. Notouse, que sendo tanto o numero dos moribundos, nenhum falleceo sem o ter à cabeçeira , pera o ajudar a bem morrer. Causou sua caridade neste ministerio grande edificassaõ a todos, & muyto em particular ao Capitaõ môr Dom Rodrigo da Costa, que ordenou a seus officiais, que na materia dos doentes obedecessem ao Padre Ignacio Xavier, como a sua pessoa, & lhe dessem tudo, o que lhes pedisse pera elles. Se se mostrou diligente enfermeiro pera com os doentes, naõ menos se mostrou zelador da honra de Deos contra os jugadores, aquem tomava as cartas, & as lançava no mar.

4 Levado deste sãcto zelo, fazia doutrinas, reprehẽdia aos blasfemos, & aos q̃ juravaõ. Fazia amizades entre os discordes. Em tudo procurava imitar o espirito do grande Apostolo Saõ Francisco Xavier. Em sua consciencia era taõ apontado, q̃ ja antes de ser Sacerdote, se confessava todos os dias. Chegou finalmente à India , & ao Malabar. Depois de acabar alli os seus estudos, procurou de hir pera a missaõ de Madurê. Ouve nisso suas difficuldades , por julgarem os Superiores , serem suas forças muy desiguais à aspereza, & rigor de vida, que se professa naquella missaõ. Tudo alhanou seu grande fervor. Passou a Madurê, & no principio do anno de 1680. comessou a trabalhar na Residencia de Aneicareipaleam, que estava em grande desemparo. Tanto que a ella chegou, como bom pastor , que se esque-

esquece de si, por tratar de suas ovelhas, as foi buscar por montes, & serras. Foi isto em tempo, que naquellas paragens saõ os orvalhos muy nocivos pera todos, & mais pera os estrangeiros. Depois de andar naquellas peregrinaçoens pella quaresma, se recolheo pera Aneicareipaleaõ. Logo adoeceo gravemente com doença taõ prolongada, que durou athe Setembro. Assistiolhe a maior parte deste tempo o Padre Bento Nogueyra, & o Padre Manoel Rodrigues, & nas maõs deste finalmente espirou, sem a missaõ poder lograr os frutos, que seu grande espirito lhe prometia. A morte foi taõ sancta, como a vida, que fez na Companhia. Falleceo em Setembro de 1680, tendo trinta, & dous annos de idade.

Em Lõdres aos 13. de Abril de 1674.

5 O Padre Doutor *Antonio Fernandes* foi excellente naõ menos em virtude, que em letras. Naceo na Villa de Evora-monte no Arcebispado de Evora. Seus pays se chamaraõ Manoel Gonçalves, & Maria Fernandes. Criaraõ a este filho com muyta virtude, o natural pera esta o levava. O ingenho de seus principios foi logo mostrãdo sua singularidade. Em Evora foi aceito na Companhia, & mandado ter seu Noviciado em Lisboa. No qual se mostrou em todas suas acçoens verdadeiro Novisso da Cõpanhia. Nella entrou aos 28. de Agosto de 1627, tendo dezaseis annos de idade.

6 Estudou em Evora as faculdades, que os da Companhia estudamos, alem da lingua latina, soube bem as linguas Grega, & Hebrea. Ensinou latim na Ilha terceira, onde procurou mais de aproveitar em virtude a seus discipulos, que em letras, sendo que nestas teve singular applicaçaõ; seu nome ficou naquella terra mui vivo por longos annos.

7 Depois de estudar a sancta Theologia, ensinou quatro annos Philosophia na Universidade de Coimbra com nome de Mestre excellente, & virtuoso, porque assim no argumentar, como no defender era a mesma modestia. De Coimbra passou a Evora, a ser Lente de Escritura. Graduouse de Doutor na sancta Theologia aos 24. de Fevereiro de 1651. Era o Padre Antonio Fernandes homem cabal nas faculdades, que estudou; por isso em toda a parte teve fama de insigne Mestre. Tendo explicado em Evora a sãcta Escritura alguns annos, foy mandado ensinar Theologia

gia na cadeira de Prima no Collegio de Sācto Antaō. Occupaçaō, que fez cō grande eſplendor, & deſta cadeira foi promovido a enſinar no meſmo pateo caſos de conſciencia. Era taō avultada a opiniaō, que tinha o ſeu Magiſterio, que nunca aquella aula vio ſemelhante concurſo de ouvintes, pois ſe conta, que naō cabiaō no Geral, que naō tem pequena capacidade. Tambem foi Lente de Prima de Theologia em Evora.

8 Na Corte era conſultado como oraculo nas materias mais graves, & de maior pezo. As peſſoas Reais faziaō todo o caſo das ſuas reſoluçoens. Aſſiſtindo muytas vezes nos tribunais por rezaō de ſer conſultado, diziaō depois os Miniſtros, que naō ſabiaō, de que mais ſe admirar, ſe das letras do Padre Antonio Fernandes, ſe da ſua modeſtia, ſē em tantos aplauſos, & eſtimaçoens ſe ver nelle o minimo ſinal de preſunçaō.

9 Succedendo o cazamento da Infanta de Portugal a Senhora Dona Catherina com el-Rey Carlos de Inglaterra, foi eſcolhido por ſeu Confeſſor o Padre Antonio Fernandes, & com a ditta Senhora paſſou à quelle Reyno. Em Inglaterra foi ſua vida eſpantoſa athe aos hereges, ſua modeſtia, & ſummiſſaō eraō a todos couſa muyto eſpectavel. Nas occaſioens ſolennes, em que o Padre fazia corte à Rainha, era ſua modeſtia rara, naō havia Noviço mais abotoado nos olhos, do que elle coſtumava eſtar. O Doutor Domingos Barreiros Secretario do Marquez de Arrōches Embaixador de Portugal em Londres, fallādo do Padre Antonio Fernandes diſſe: que athe os hereges o chamavaō varaō ſancto, & Jeſuita inculpavel.

10 El-Rey Carlos de Inglaterra, ainda que herege, o reſpeitava muyto. Em certa occaſiaō cahindo ao Padre em ſua prezença da maō o chapeo, el-Rey ſe abayxou ao tomar, pera lho meter na maō. Tudo, & mais mereciaō as virtudes deſte Padre. O que lhe crecia no ordenado da Rainha pera ſua ſuſtentaçaō, o gaſtava com os pobres. Era mui dado à oraſſaō, & contemplaçaō.

11 Sua mortificaſſaō por toda a vida foi grāde, as diſciplinas, que tomava eraō muyto rigoroſas. Fazendo em certa occaſiaō jornada de Lisboa pera Evora, ſuccedeo perder os alforges, quem os achou, abrindo-os, a primeira couſa, q̄ nelles encontrou foi o cilicio enrolado, & as diſcipli-

ciplinas, vendo isto disse; que aquelles alforges deviaõ ser de algum Padre da Companhia, feita diligencia, se achou, serem do Padre Antonio Fernandez. Da pobreza foi amãtissimo, muyto amigo de vestidos usados. Finalmenre cõ sancta morte falleceo em Londres, onde assistia no serviço da Rainha, aos treze de Abril de mil seiscentos, setenta, & quatro.

CAPITULO XXXXII.

Em Lisboa aos 27. de Out. de 1660.

Vida do Padre Doutor Andre Fernandez Bispo eleito do Japaõ, Confessor del-Rey Dom Joaõ o quarto, do Principe Dom Theodozio, & da Rainha Dona Luiza.

1 JA que disse esse pouco, que nos ficou em memoria do Confessor da Rainha Dona Catherina, direi tãbem algum pouco do Confessor, & Mestre de seu Irmaõ Dom Theodozio, o Padre Andre Fernandez, hum dos homens mais avultados, que teve em seu tempo Portugal, & de quem muyto se servio este Reyno assim em tẽpo del-Rey Dom Joaõ o quarto, como da Rainha Dona Luiza.

2 Era natural de Viana do Alentejo. Seus pays se chamaraõ Domingos Coelho, & Maria das Neves. De pequeno foi taõ inclinado à virtude, que athe dormindo o achavaõ muytas vezes com as mãos postas, a modo de quem orava. Entrou na Companhia em Lisboa aos dous de Abril de mil seiscentos, vinte, & dous. Depois estudou no Collegio de Coimbra, soube com primor as letras humanas, nas quais foi excellente, como tambem nas mais faculdades, que estudou. Na vida, que compoz em latim do Principe Dom Theodozio o Padre Manoel Luis da nossa Companhia, tras hum poema sobre a morte da Sancta Princeza Dona Joanna, que fez sendo humanista em humas compoziçoens: & he feito com tanto pezo, & elegancia, como o pudera fazer hum Mestre de maõ muy apurada.

3 Em Evora ensinou letras humanas, sendo Mestre da primeira classe veyo àquella cidade o Duque de Bragança Dom Joaõ, que depois foi restaurador de Portugal, & Rey quar-

quarto do nome. Ouve na cidade grandes demonſtraço-ẽs de goſto. A Univerſidade deu ao theatro huma pomposa tragedia da Hiſtoria de Sancto Euſtaquio. Eſta foi obra do Padre Andre Fernandes, na qual foi o aplauſo, quanto ſe podia dezejar.

4 Depois de eſtudar Theologia, enſinou na meſma Univerſidade Philoſophia, & tambem Theologia, & neſta ſe graduou de Doutor. Tomou o grao aos vinte, & ſeis de Abril de mil ſeiſcentos, ſincoenta, & quatro, eſtando jâ eleito Biſpo de Japaõ por El-Rey Dom Joaõ o Quarto: por occaziaõ deſta eleiçaõ foi a Lisboa moſtrar a el-Rey agradecimento pella honra, que fazia à Companhia; dizendo primeiro a inſufficiencia de ſua peſſoa, declarou a el-Rey, em como elle naõ podia aceitar, nem aquella, nem outra dignidade ſem permiſſaõ do Padre Geral da Companhia, & obediencia do Summo Pontifice.

5 Neſta occaziaõ el-Rey, que era homem de grande entendimento, alcançou o muyto cabedal de prudencia, que avia no Padre Andre Fernandez, & logo aſſentou cõſigo, que Portugal avia de ſer o Japaõ do Biſpo nomeado. Comeſſou o Principe Dom Theodozio filho primogenito del-Rey, a cobrar ſingular amor ao Padre Andre Fernandes. Tinha, ſem o Padre o ſaber, chegado às mãos do Principe aquella elegia, que aſſima diſſemos, fizera nos ſeus primeiros annos da morte da Sancta Dona Joanna, & pella obra fazia eſtimaçaõ do Author, de quem eraõ grandes os elogios, que ouvia, antes de o ver; depois que o tratou, achou ſer maior, que ſua fama.

6 Na primeira viſita lhe ſignificou, levaria em goſto, ſe o vizitaſſe muytas vezes; mas o Padre, que nada menos anelava, que valimentos de Principes, ſe fez deſentendido; como naõ trataſſe de ir ao Paço, o Principe o mandou chamar, & dalli por diante o foi admittindo a familiaridade taõ eſtreita, que ſe lhe entregou todo.

7 Foi eſte Principe notavelmente inclinado à virtude, & às letras, juizo raro, habilidade ſingular, nos ſeus tempos o Principe mais celebrado, que avia na Europa. Achou no Padre Andre Fernandes, quanto queria em ordem ao magiſterio das letras, & virtude, poriſſo o reſpeito, & amor, que lhe teve, & por ſua cauſa à Companhia, com nenhumas palavras ſe pode plenamente explicar. Na vida

do meſmo Principe andaõ inſertas muitas cartas em latim, que lhe eſcrevia taõ cheas de elegancia, ſuavidade, & amor pera com ſeu Confeſſor, que naõ ſei, que couſa alli ſeja mais digna de admiraçaõ, ſe o mimo, com que eſte Principe ſabia o latim, & eſcrevia nelle cartas a ſeu Confeſſor, ſe o amor, com que o trata. De boa vontade neſte lugar meteria em teſtimunho, do que digo, algumas deſtas cartas, mas deyxo de o fazer, porque ſei, que o Portuguez naõ hâ de correſponder ao mimo, que tem no latim, & morrerâõ muyto na verſaõ. No ditto eſcritor ſe podem ver.

Vita Theod. l. 1. §. 222. 223.

8 Eſtando o Principe na quinta de Salvaterra fora de Lisboa, onde ſeu Confeſſor ficara, eraõ tais as ſaudades, com que lhe eſcrevia, que hum filho o naõ podia fazer com mais amor a huma may, que foſſe todos os ſeus cuidados, & delicias. Tinha o Padre Andre Fernandez, antes de ſer nomeado Confeſſor do Principe, particular trato, & familiaridade com elle, & o procurava promover em virtude, & letras. Quando ouve o Principe de paſſar a Elvas em Novembro de 1651, el-Rey nomeou ao Padre Andre Fernandez por confeſſor deſte ſeu amado filho, por ſaber naõ avia homem, de quem o Principe fizeſſe mais eſtimaçaõ, nem aquem mais abriſſe ſeu peito.

9 Era o Padre muyto conſultado do meſmo Rey em particular, tinha com elle grande pezo ſempre o ſeu voto, o qual muytas vezes antepunha ainda ao parecer de todos os Tribunais. Deſte valimento ſe lhe originaraõ odios, & invejas, como coſtuma ſucceder nas Cortes dos Reys; porem todas as calumnias ſe desfaziaõ, como em rocha, na innocencia do Padre, em cujos coſtumes nada avia, que notar.

10 Pera abonaçaõ da virtude, prudencia, & eſtimaçaõ, que deſte Padre tiveraõ os Reys de Portugal, naõ ſei, poſſa aver teſtimunho mais cabal, que o que delle eſcreve o Excellentiſſimo Senhor Joaõ Nunes da Cunha Conde, q̃ foi de Saõ Vicente, & Vizo-Rey da India, muy privado do Principe Dom Theodozio, & dos Reys, o qual vertido de latim em o noſſo idioma, he o ſeguinte.

11 Chegou (diz eſte Conde) a tanto a graça, & authoridade do Biſpo, que el-Rey o declarou por Cõfeſſor do Principe, quando ſe tratava da expediçaõ de Elvas, porq̃ el-Rey naõ tinha delle menor opiniaõ, que o Principe, &

ſa-

ſabia, que avia muyto tempo, que o Principe lhe cõmunicava todos os ſeus ſegredos, & lhe deſcobria toda a ſua conſciencia.

12 Neſta occupaçaõ ſe ouve com tanta prudencia, & inteireza, que era igualmente bem viſto do Principe, & del-Rey; tanto, que naõ avia em todo o Reyno negocio de grande momento, do qual o naõ conſultaſſe el-Rey em particular, antepondo muytas vezes o ſeu parecer ao de ſeus Miniſtros, & Tribunais. Daqui ſe levantaraõ odios, & invejas, & grandes tempeſtades contra a innocencia do Padre, em rebater eſtas com valor, & as declinar com modeſtia moſtrou grande deſtreza.

13 O modo de diſpôr, & ajudar o Principe na ſua morte foi admiravel. Os colloquios, com que inflamou no amor de ſeu Criador aquella puriſſima alma, foraõ taõ ſuaves, doces, & cheyos de juizo, & deſcriçaõ, que nos foraõ de admiraçaõ a todos os prezentes.

14 Morto o Principe, o Padre ſe recolheo ſomente, com o que tinha entrado no ſeu ſerviço, iſto he com a roupeta da Companhia, que elle eſtimava mais, que todos os thezouros reais. A ſeus parentes ſó com o nada, que elle amava, os enriqueceo, tendo-os por muyto ricos, ſe o foſſem de virtude. Sendo eu Mordomo mór do Principe, pedi ao Biſpo, nomeaſſe algum de ſeus parentes, pera ſe lhe dar algum officio na caza Real, o qual ſe avia de prover em outrem. A iſto reſpondeo, que elle naõ tinha parentes, que com decoro do Principe, ſe pudeſſem pôr nas tais occupaçoẽs.

15 Sei muyto bem, que o Conde de Miranda, que tinha eſtreita amizade com o Biſpo, dezejou grandemente dar algum beneficio pingue do ſeu padroado a algum ſobrinho do Padre, mas ou ſe deyxou diſſo, temendoſe da modeſtia do Padre, ou o Padre recuſou o ſeu offerecimẽto.

CAPITULO XXXXIII.

Continua o meſmo teſtimunho das virtudes do Padre André Fernandez.

1 NAõ muyto depois da morte do Principe foi nomeado Confeſſor del-Rey, officio, que fez com ſe-

ſemelhante amor à pobreza Religioſa ſem cobiça, nem ambiçaõ. Dependiaõ do arbitrio do Biſpo as conſultas de momento. Sua authoridade era ſumma, & incrivel, todos a reſpeitavaõ, nella era maior a ſua ſubmiſſaõ. Indo el-Rey paſſar algum tempo de allivio em Almeyrim, como tinha de coſtume, por naõ ceſſar hum ponto do governo publico, determinou fazer nomeaçaõ de Biſpos, porque avia eſperanças de que o Pontifice a confimaria.

2 Tambem a mim me encarregou, que cuidaſſe, em quem me parecia, ſer mais apto pera eſtas occupaçoẽs; ſem mais demora reſpondi: Em primeiro lugar o Confeſſor de Voſſa Mageſtade he digniſſimo, & o primeiro, de que ſe hâ de fazer cazo. Nem obſta, o ſer da Companhia, aqual por cauſa do voto naõ admitte dignidades, poderâ ſer ſagrado Biſpo do Japaõ, & entaõ livre da obediencia da Cõpanhia, facilmente ſerâ promovido a algum Biſpado no Reyno.

3 Iſſo meſmo (reſpondeo el-Rey) tinha aſſentado comigo; mas diſſeme o Camareiro mór, que el-Rey Philippe tentara o meſmo em cazo ſemelhante, mas que o naõ pudera conſeguir. Tendoſe confeſſado el-Rey, ſe meteo ſó no ſeu gabinete com o Padre ſeu Confeſſor, pera com elle deliberar, que peſſoas nomearia pera Biſpos. Depois de ouvir neſta materia o parecer do Padre, lhe diſſe: deſtes Biſpados o melhor hâ de ſer pera vos, & eu ſei muy bem o modo, com que iſto hâ de ter effeito.

4 Ouvindo tal couſa o Padre, lhe cahiraõ as faces no chaõ de pejo, & os olhos ſe deſataraõ em lagrimas, & ficou ſem poder pronunciar palavra, paſmando el-Rey de tal novidade. Entre eſta ſuſpenſaõ ſahio o Padre pera fora, depois el-Rey o tornou a chamar; & tendo o Padre depois do ſuſto tomado mais animo, ſe queyxou a el-Rey, dizendo: Que naõ ſabia, como ſua Mageſtade tiveſſe tomado por Confeſſor a hum homem, de quem cria, que faria taõ grãde injuria à ſua Religiaõ, & meteria nella hum tal exemplo. Naõ foi neceſſario mais, pera que el-Rey deſiſtiſſe da ſua pertençaõ, o qual me contou eſta batalha, que tivera com o Biſpo, & muyto mais ſe agaſtou contra mim ſabẽdo; que eu fora o Author, & promotor deſte conſelho.

5 Finalmente aſſim aſſiſtio à morte del-Rey, como o fizera á do Principe. Tudo iſto lhe grangeou entre os bons gran-

grande louvor, porem entre alguns grandes, & Miniſtros foi incentivo de inveja, com aqual eſtimulados naõ duvidaraõ em tal tempo, & de tanta dor fallar à Rainha, perſuadindoa, que lançaſſe fora do Paço ao Padre Andre Fernandes, em cujos coſtumes como naõ tiveſſem, que tayxar, naõ tiveraõ pejo, de dar por razaõ; que aquelle homẽ era infauſtiſſimo; em poder do qual agora acabava hum Rey taõ felis, & antes tinha morrido hum Principe em tudo perfeito, ambos antes de tempo: como ſe a culpa deſta infelicidade naõ pertenceſſe mais à Rainha ſereniſſima, & mais de perto aos Medicos, que os tinhaõ curado. Vituperouſe muyto eſte parecer taõ abſurdo, como intempeſtivo, & de caminho ſe diſſeraõ muytos louvores do Padre Confeſſor, aquem naõ tiveraõ, que dar outra culpa, ſenaõ huma publica calamidade.

6 Entrando a Rainha a governar na minoridade del-Rey Dom Affonſo, continuou, em ſe aproveitar dos preſtimos do Padre Andre Fernandes em tal forma, que naõ he facil, julgar, aquem deſtes tres Principes foſſe mais aceito. O que eu ſei he, que elle igualmente ſervio a todos. Mais pudera dizer neſtas materias, mas em couſas, que eſtaõ ainda freſcas, melhor he calar, que dizer alguma couſa, que poſſa offender a alguem. Athe aqui o que deſte Padre deyxou eſcritto o Conde de Saõ Vicente Joaõ Nunes da Cunha.

7 O meſmo Conde refere, que vivendo ainda o Principe Dom Theodozio, pedindo a el-Rey, que o fizeſſe Inquizidor Geral, & eſtando neſte propoſito el-Rey, o Padre fez, com que tal couſa naõ chegaſſe a effeito. Ao Padre Agoſtinho Lourenço ouvi dizer, que eſtando em Lõdres, lhe diſſera huma vez o Marquez de Arronches entaõ embaixador naquella Corte, que elle encontrara no Paço em Lisboa ao Padre Andre Fernandez chorando, encoſtado a huma janela; & perguntandolhe o Marquez pella cauſa das lagrimas: reſpondera, que chorava, porque el-Rey o queria fazer Inquizidor Geral, & que diria o mundo, ſe ouviſſe, que ſua Mageſtade chegara a tal deſacerto, que lhe paſſaſſe pello entendimento fazer Inquizidor Geral a hum homem de taõ humilde nacimento, como elle era. Que ſemelhantes occupaçoẽs aviaõ de andar em outras peſſoas. Ficou o Marquez muy edificado de tanta humil-

dade

dade em homem, que eſtava na maior eſtimaçaõ dos Reys, que nenhum outro.

8 Bem ſe deyxa ver diſto, quam de veras foſſe humilde. Nunca admittio outra carruagem mais, que duas mulas, ſem ja mais querer liteira, & as mulas as admittio, por naõ poder de outra ſorte aturar as idas, & vindas continuas do Paço, & outras cortezias repetidas de peſſoas illuſtres, a q̃ havia de acodir, & as ſuas forças naõ eraõ pera os longes de Lisboa, & ladeiras taõ moleſtas com tanta repetiçaõ.

9 Ainda, que no Padre Andre Fernandes todas as prendas foraõ grandes, a ſua prudencia foi rara, aqual teve tanta aceitaçaõ no agrado dos Reys, que nenhumas artes dos aulicos a puderaõ deſdourar. Nunca ſe entremetia em negocios, ſó perguntado reſpondia, & ſempre com muyto acerto. Todos os bons ſucceſſos atribuia às diſpoſiçoens das peſſoas Reais, & dos ſeus Miniſtros, & nada ao ſeu conſelho. A ſua modeſtia, & moderaçaõ era tal, que no maior valimento affectava moſtrarſe inutil, & de nenhum preſtimo.

10 Procurou muyto de promover no amor da virtude as peſſoas Reais. Dando meditaçoens muy proveitoſas, & aviſos ſanctiſſimos, com os quais aſſim formou ao Principe Dom Theodoſio, que a ſua virtude pode ſer de confuſaõ ainda a Religioſos perfeitos. A Senhora Dona Catherina Rainha, que foi de Inglaterra irmãa do Principe Dom Theodozio de nenhuma couſa nos ultimos annos vivia mais lembrada, que da educaçaõ, que recebera do Padre Andre Fernandes. Tinha muy prezentes os ſeus avizos, & por vezes fazendo algumas couſas dizia: Aſſim mo enſinou o Biſpo. Conſervava hum livro manuſcripto de Meditaçoens, q̃ o Biſpo cõpuzera, como huma das ſuas joyas mais precioſas, nem o quiz mandar imprimir, pello naõ fazer familiar a outros, & cõmum. Da doutrina de taõ ſabio, & prudente Meſtre bebeo aquella ſingular piedade, q̃ nella vio Portugal neſtes ultimos annos, que gozou de ſeus virtuoſos exemplos, depois de vir de Inglaterra. Viſitou no ſeminario de Saõ Patricio o cubiculo, onde o Padre vivera, & morrera, em ſinal da muyta lembrança, que delle tinha.

CAPITULO XXXXIV.

Zelo, que teve do bem das Missoens, sua sancta morte & o que succedeo depois della.

1 MUytas cousas se fizeraõ por seu conselho, das quais o Senhor naõ pouco se servio, entre ellas foi huma tribunal, que tivesse a seu cargo o tratar da conversaõ das almas, & de se mãdarem Missionarios às regioens de Asia, Africa, America sogeitas à coroa de Portugal. Deste tribunal o fez Presidente el-Rey, o qual liberalmente concorria com os gastos pera os Missionarios. Por industria do Padre Andre Fernandes o negocio da conversaõ das almas creceo muyto. Foraõ mandados Missionarios da Cõpanhia de varias naçoens, que recolheraõ copiosos frutos dos seus trabalhos. Instou com o nosso Padre Geral, que em cada huma das provincias deste Reyno, eraõ entaõ duas da Companhia em Portugal, deputasse hum Padre, cujo cuidado fosse procurar o bem das missoens.

2 Por meyo do mesmo Padre fez el-Rey muytos favores assim às missoens, como a muytos Collegios ultramarinos, onde se criaõ Missionarios. A Companhia teve neste Padre hum grande abrigo. Andando sempre entre maõs cõ cousas gravissimas, que os Reys delle confiavaõ, todo se desembaraçava, pera acodir pello bem de sua Religiaõ.

3 Do Procurador da provincia se informava, em que alturas tinha os seus negocios. Elle descobria os caminhos, por onde haviaõ de ter os dezejados effeitos. Offerecia a sua proteçaõ diante dos Reys, & dos Ministros, & muytas vezes, sem ser rogado, dava os pontos, que via serem necessarios segundo as conjunçoens, & circunstancias, pera q̃ a Companhia tivesse despachos favoraveis.

4 Em certa occasiaõ o Procurador da provincia, que com elle tinha singular amizade, lhe pedio o seu favor pera hum secular seu amigo: respondeo o Padre: Naõ he conveniente usar mal do favor del-Rey, o qual assim como me ouve bem, quando lhe trato dos negocios da Companhia, por ventura naõ gostarâ lhe falle em outros. O mesmo Rey me disse, que lhe naõ fallasse em outros nego-

cios, excepto os da Companhia.

5 A qualquer da Companhia por minimo, que fosse, tratou sempre com grande benevolencia. Aos Superiores tinha singular respeito. Sendo homem de grande bojo, & paciencia, se algum em sua prezença dizia cousa, por leve, que fosse contra os Superiores, logo estranhava esta inadvertencia, ou dava hum corte na pratica, quando a pessoa era tal, q̃ naõ cabia na sua maõ outro modo de o advertir.

6 Hum dos seus principais cuidados foi, nem dizer, nẽ fazer cousa, por onde perdesse a Companhia, antes q̃ fossem tais as suas acçoens, que a fizessem amavel às pessoas, com quem tratava, como na verdade a fez: pois as pessoas Reais, & outros grandes Senhores por seu respeito muyto a estimaraõ. O seu Alumno o Principe Dom Theodozio nos teve tanto amor, que se pode dizer, que pera ser Padre da Companhia, só lhe faltava a roupeta. As muytas significaçoens, que deu deste seu amor, traz na sua vida o nosso Padre Doutror Manoel Luis, aonde as podem ler os curiosos, & entendaõ, que tudo se deve à prudente sanctidade do Padre Andre Fernandes.

7 Neste theor de vida sancta tinha vivido o Padre Andre Fernandes athe o anno de mil seiscentos, & sessenta, em que a morte no lo roubou. Andava elle enfermiço, & debilitado, quando lhe deu huma suppressaõ, que foi o mesmo mal, de que fallecera el-Rey Dom Joaõ o quarto.

8 Logo que cahio na cama tratou com especialidade da ultima jornada. Concorria muyta gente illustre ao visitar, porem elle a todos respondia por seu Confessor. Só admittia no seu cubiculo os nossos Religiosos, & que lhe tratassem de cousas espirituais. Confessouse geralmente muyto de espaço.

9 Entrou a Rainha regente em grande cuidado, por ver quanto perdia o Reyno no Padre Andre Fernandes. Todos os dias lhe mandava o comer feito do Paço: pello criado, a cujo cuidado hia, o qual sò dos seculares entrava no seu cubiculo, rogava summissamente à Rainha, se naõ molestasse com aquella caridade, ainda que os seus rogos de nada lhe valeraõ. Os recados da mesma Senhora, em saber do estado da doença, eraõ continuos.

Mandoulhe perguntar a Rainha, que em caso, que

Deos

Deos o levasse, que queria, fizesse a seus parentes? A isto respondeo: que a elle só lhe lembravaõ duas prendas, que muyto amava, huma era sua alma, pella qual naõ duvidava, que sua Magestade mandaria, dizer muytas Missas, a outra era a Companhia, à qual, estava certo, naõ faltaria o patrocinio de sua Magestade. Naõ tinha outra cousa, de que tivesse cuidado. A virtude desta reposta cõ nenhumas palavras se encarece.

10 Pedio ao Padre Doutor Manoel Luis da nossa Cõpanhia, que lhe assistia, & era neste tempo Procurador da Provincia, que depois de sua morte em seu nome se fosse lançar aos pès da Rainha, & lhe rendesse as graças pellas mercés, que em vida, & na morte lhe tinha feito, & que estivesse certa, que diante de Deos, em cuja misericordia sò esperava, o veria, nunca se havia de esquecer de sua Magestade: & ajuntou, que tambem em seu nome lhe pedisse muyto, que sua Magestade amparasse as Missoens ultramarinas, em especial a do Maranhaõ, que entaõ comessava a cobrar alentos, & por isso necessitava mais de seu Real favor.

11 Ao mesmo Padre pedio, que em seu nome fosse pedir a sãcta bençaõ ao Padre Visitador Hieronymo Claramonte, & ao Padre Provincial Francisco Manso, que estavaõ em Lisboa, & tambem licença pera distribuir as suas cousas por algumas casas pobres da Companhia, & por alguns Religiosos nossos.

12 Havida a licença, deu os seus livros ao collegio de Villanova, que entaõ principiava, naõ eraõ muytos, & estavaõ encadernados sem curiosidade. Os premios, & imagens, que se dessem pera os Missionarios do Maranhaõ. Tomada huma licença dos Prelados de toda a provincia, & do da casa, ordenou, se lhe dessem algumas cousas de devassaõ, em sinal do muyto, que como a pays, os amava. A todos os moradores nossos do Seminario de Saõ Patricio, onde estava, mandou repartir algũa cousa, a hum o diurno, a outro o breviario, & deste modo aos mais. A casa do Seminario deyxou as outras cousas do seu uso, & cubiculo, q̃ tudo era muy limitado, & tudo cheirava a pobreza.

13 Estas foraõ as riquezas de hum Bispo eleito, Confessor de Magestades, valido de Reys, cujos arbitrios eraõ o governo de huma Monarquia. Nem esses premios, &

cousas de devaçaõ se achariaõ na sua maõ, se os naõ tivera, em ordem a repartir pellas missoẽs, fim unico porque os ajuntava.

14 Vendoo taõ dadivoso o Padre Manoel Luiz, lhe pedio licença, pera daquellas cousas mandar algumas melhores a dous irmaõs Clerigos, que o Padre tinha, & a hum seu sobrinho filho de huma sua irmãa. A isto respondeo: que a elles naõ lhe faltavaõ daquellas cousas, & dinheiro, pera as comprar, que melhor era, se repartissem pellos Religiosos pobres seus Irmaõs.

15 Ao Padre Manoel Luis deyxava hum relicario com huma reliquia do Sancto Xavier, o qual fora do Principe Dom Theodozio, & por sua morte em lembrança do seu affecto o dera a seu Confessor. No dia de sua morte, quando jâ alguma cousa variava, entrou ao visitar hum irmaõ coadjutor, pondo nelle os olhos o enfermo, disse: Só a este Irmaõ nada tenho dado? Entre estas palavras tirou do peito o relicario, & lho meteo na maõ.

16 De tudo, quanto tinha, só deyxou ficar huma pequena Cruz de pao, que trazia ao pescosso, por ter muytas indulgencias, & pedio, que com ella o enterrassem, como se fez. Nas suas dores, que foraõ crueis, mostrou sempre grande paciencia, & conformidade com a vontade de Deos, repetindo doces colloquios, invocando muytos sanctos, em especial a Senhora, ao seu Anjo da guarda, a Sãcto Ignacio, Saõ Francisco Xavier, & mais sanctos da Cõpanhia. Finalmente tendo em huma maõ a imagem de hum Crucifixo, & na outra huma vela em testimunho de sua Fé, pronunciando os Sanctissimos nomes de JESUS, & Maria, em quanto pôde com a voz, & depois, quanto se entendeo, com o movimento dos beiços, entregou sua alma nas maõs de seu Criador em Lisboa no Seminario dos Irlandezes aos vinte, & sete de Outubro de mil seiscentos, & sessenta.

17 No dia seguinte antemenhãa se meteo o cadaver em huma liteira, & foi levado à caza Professa de Saõ Roque, & posto na capella interior da caza. Concorreraõ dos nossos Religiosos, que avia em Lisboa, & com os muyto Reverendos Padres da Trindade lhe fizeraõ o officio. Foi enterrado de fronte de hum altar da Senhora.

18 Reparouse muyto na Corte, que dos seculares, aquelles,

quelles, em quem devia ser eterna a memoria do Padre Andre Fernandes, pellos muytos beneficios, que delle tinhaõ recebido, faltaraõ em assistir a seu enterro. Nem isto he de admirar, pois semelhantes homens só queriaõ a amizade do Padre pera os seus particulares interesses, costume muyto praticado nos aulicos, & entre elles muyto antigo.

19 Naõ foi assim o amor da Serenissima Rainha, porq̃ os Reys imitaõ a soberania de Deos, que depois da morte he que mais honra, aos que em vida o serviraõ. Indo o Padre Manoel Luis cumprir ao Paço com as recomendaçoens pera a Rainha, que lhe fizera o Padre Andre Fernãdes, & em especial da Missaõ do Maranhaõ; respondeo a Serenissima Senhora: Que depois da morte do Principe, & del-Rey nem a ella, nem ao Reyno, nem à Companhia succedera cousa mais digna de se sentir, que a morte do Bispo, cujas virtudes, & conselhos lhe faziaõ grande falta; que naõ duvidava, se lembraria della diante de Deos, pois sempre em vida o achara muy prompto a seu Real servisso. Que ainda que à Companhia, & às Missoẽs faltava o Bispo, que ella sempre lhe assistiria: & que a elle Padre Manoel Luis entregava o cuidado da Missaõ do Maranhaõ, & q̃ escrevesse ao Padre Antonio Vieyra entaõ Visitador della, & que de tudo, o que fosse necessario, assim pera os augmentos da Fé, como da Companhia, a fizesse logo sabedora, pera se acodir a tudo. Estivesse certo, que pella alma do Bispo mandava dizer muytas Missas.

20 Logo perguntou ao mesmo Padre: quantos, & quais fossem os parentes mais chegados do Bispo? Respondeo, que só tinha noticia de tres, dous Irmãos Clerigos, & hum sobrinho filho ou de hum, ou de huma Irmãa, todos de bons procedimentos, & dignos, de q ue sua Magestade nelles puzesse os olhos.

21 Depois o mesmo Padre escreveo a todos, dizendolhe, viessem a Lisboa, dar as graças à Senhora Rainha pella lembrança, que tinha das cousas do Padre Andre Fernandes, & se aproveitassem da benevolencia Real. Dos tres só póde ir a Lisboa o sobrinho, a quem a Rainha fez grandes mercés; & sem duvida as acrecentaria, se as cousas publicas naõ tomassem outro rumo, & o governo naõ passasse a seu filho.

22 Escreveo tambem o Padre Manoel Luis ao Padre Antonio Vieyra, entaõ Vizitador da Missaõ do Maranhaõ, dandolhe conta assim da morte do Bispo, como do amor da Rainha pera com aquella missaõ, parte da reposta do Padre Antonio Vieyra, por ser hum abonado elogio do Bispo, & de homem, que tanto encheo a fama, & o mundo com seu nome, he a seguinte traduzida de latim na lingua vulgar.

23 *Se a morte* (diz a carta) *do Padre Bispo, a perda do Reyno, desta Missaõ, & a minha, na summa dor admitte algũ alivio, eu o tive com esta carta de Vossa Reverencia, pella qual lhe dou as graças, & jâ as dei a Deos, por nos deyxar tal successor do nosso grande protector. Elle està no Ceo, como piamente creyo da innocencia de sua vida, & de suas grandes virtudes. Alli nos soccorrerâ diante da Magestade divina, como câ o fez diante da humana. As honras, que sua Magestade fez ao doente, foraõ cõformes assim à grandeza do animo Real, como aos merecimentos do Bispo, ao seu zelo, fidelidade, & grandes servissos. Os que faltaraõ a elle morto, bem mostram, que a sua emulaçaõ nem com a morte se acabou.*

24 *Nesta Missaõ se fizeraõ por sua alma os sacrificios, q̃ se offerecem assim pellos que nella vivem, como pellos que nella morrem. Os mais indicios da dor, que naõ foi licito sahir a publico, se tiveraõ dentro nos coraçoens. As cousas, de que o seu affecto nos fez herdeiro, foraõ recebidas, & divididas pellas Igrejas dos Christaõs. A imagem de Saõ Francisco Xavier, se porâ, onde viva perpetuamente a memoria do Padre Andre Fernandes insigne bemfeitor desta Missaõ.*

25 *Naõ deyxarei de contar a Vossa Reverencia, quam brevemente me penetraraõ o coraçaõ as tristes novas desta perda. Nos ultimos dias de Outubro proximo estando no Maranhaõ, por espaço de tres dias me molestou huma desacostumada tristeza, sem eu ver causa, dõde nacesse. Affligiome tãto, que logo offereci alguns Sacrificios, pella intençaõ, que Deos, que tudo sabe, sabia, avia de ser tida por mim; & foraõ algumas dellas pellos defunctos. Communicando isto com hum amigo, fiz com elle, que observasse bem aquelles dias, que naõ podia ser, sem que alguma cousa de disgraça succedesse ou contra Portugal, ou coutra esta Missaõ, ou contra mim, & depois alcancei, que tudo foi; porque aquelles tres dias foraõ os ultimos, que teve de vida o Bispo.* Athe aqui parte da carta do Padre Antonio Vieyra.

26 Quem

26 Quem quizer ler hum cabal elogio deste virtuoso, & sabio Padre, naõ tem mais, que ler a admiravel vida do Principe Dom Theodozio composta em latim pello Padre Doutor Manoel Luis da nossa Companhia, & da virtude do discipulo entenderá a do Mestre. Esta vida recolhi principalmente das cousas, que deste Padre diz o sobreditto Author na vida do Principe Dom Theodozio.

CAPITULO XXXXV.

Vida do Padre Lourenço Rebello.

1 AS virtudes do Padre Lourenço Rebello sem duvida podiaõ dar materia a larga narraçaõ, se dellas se fizesse meuda diligencia; porque foi a sua vida muy util ao proximo, & por annos largos. Na ilha Terceyra me achei alguns annos depois da sua morte, & me lembra, aver alli deste Padre nome muy avultado em virtude, letras, & pulpito, porque em tudo era grãde, & como tal respeitado de toda a sorte de gente.

Angra 2 de Mayo de 1679.

2 Naceo em Lisboa, seus pays se chamaraõ Belchior Rebello, & Maria Froes. Tendo quinze annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos sinco de Agosto de mil seiscentos, & vinte, & seis. Depois do seu Noviciado assim nas Philosophias, como nas Theologias mostrou grande cabedal de ingenho. Ou fosse por razaõ do muyto estudo, ou por algum outro principio, comessou a padecer accidentes de gota coral.

3 Por conselho dos Medicos se embarcou pera as ilhas, & com animo apostado a nunca mais voltar a Portugal. Ao sahir pella barra de Lisboa, pondo nella os olhos pronunciou o ditto do famoso Romano Scipiaõ: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* E como o disse, o comprio. Foi ser morador no Collegio do Funchal na ilha da Madeyra. Começou alli a prégar com notavel aplauso, & fruto dos ouvintes. Os seus sermoẽs alem de eloquentes eraõ cheos de doutrina do Ceo, porque nelles o seu principal intento era aproveitar aos ouvintes. Tirou muytas almas das torpezas, em que viviaõ, & a muytos hereges dos seus erros.

4 Foi cousa muy notavel, a que por occasiaõ de hum sermaõ seu aconteceo nesta Ilha. Prégava na Sé, entrou cõ grande zelo a estranhar o vicio daquelles, que viviaõ de portas a dentro com a occaziaõ da sua ruina. Que fim, dizia, esperais, os que assim viveis? Assistirvos há na ultima hora a vossa occasiaõ: ella voz ha de meter na maõ a vela: ella voz hâ de nomear os Sanctissimos nomes de JESUS, & Maria: ella vos hâ de persuadir contriçaõ, & dor. Por este modo discorreo com grande fervor.

5 Hum dos ouvintes era hum Conego, que vivia em mao estado com publico escandalo. Cuidou, que o ditto era com elle só, como os tais cuidaõ, & sem genero algum de pejo, disse pera o vizinho: Aquillo he comigo, eu bem sei, o que me convem, & posso ensinar ao prégador. Passados poucos dias, se vio, que o discurso do prégador fora hum pronostico da morte infelis daquelle mao ecclesiastico. Cahio na cama enfermo com huma grande modorra muy semelhante ao carregume do seu vicio. Davalhe picadas muy penetrantes a consciencia, procurava de se enganar a si mesmo, dizendo, naõ aver perigo; encomendou muyto à amiga, se lhe naõ tirasse da cabeceira. Tudo ella comprio á risca, & o disgraçado, sem arrependimento, sem confissaõ acabou seus infelices dias, & se sepultou no Inferno com horror de todos, os que souberaõ de seu fim, & dos avisos, que Deos lhe dera por boca do Padre Lourenço Rebello.

6 Grandemente trouxe a Deos, & a si os animos daquelles nobres insulanos. O amor, que lhe cobraraõ, se vio em huma particular demonstraçaõ. Mandaraõno os Superiores passar pera as Ilhas Terceiras. Tanto que isto se soube, todo o senado em pezo impedio a jornada, naõ permittindo, que deyxasse a sua Ilha. Dissimulou o Padre alguns dias, mostrando, que se acomodava, ao seu querer; quando os tinha mais descuidados, se meteo na embarcaçaõ às escondidas, & deu à vela.

7 Nas Ilhas Terceyras, onde viveo o restante da vida, foi admiravel nos pulpitos, & nas cadeiras. Alguns vinte annos ensinou Sciencia moral no Collegio do Fayal, & no de Angra. Foi nesta sciencia letrado cabal, & como tal venerado de todos, que a elle, como a oraculo, concorriaõ nas suas duvidas. Parecia ter nacido o Padre Lourenço

Re-

Rebello pera o Magisterio nas cadeiras,& nos pulpitos,naõ era facil de averiguar,pera qual destas cousas tinha mais talento.

8 Prégando na sancta caza da Mizericordia da Ilha Terceyra sobre a pouquidade desta vida, & como todos, sem se fiar na idade, deviaõ andar preparados; acabada a prêgaçaõ, se chegou a elle hum Clerigo seu discipulo, & lhe disse, ou fosse de veras, ou por graça: O que Vossa Reverencia disse, he certo, mas por hora naõ se entendia aquella doutrina comigo, que estou muy bem disposto. Naõ se fie nisso, acodio o Padre porque pode dentro de poucas horas morrer. Apartouse o Clerigo, & comessou a penetrarse, naõ sei, de que imaginaçaõ: recolheose à noyte na sua cama, & pella menhãa foi achado morto: mostrando o seu exemplo, que a doutrina do Padre, com ninguem mais entendia, que com quem se fazia nella taõ desentendido. Fez este successo admiraçaõ, & medo, nos que sabiaõ as circunstancias delle, mas o Padre Lourenço Rebello se consolou, porque sabia da consciencia do Clerigo, & lhe pareceo, que a morte, ainda que fora subitanea, naõ fora desapercebida.

9 No pulpito se via bem o seu dom de lagrimas, que nas occasioẽs lhe saltavaõ pellos olhos, fazendo com ellas notavel cõmoçaõ. No prégar era muy facil, & prompto, nem por isso deyxava de compôr os sermoẽs, alguns mil se lhe acharaõ escrittos da sua letra, a fora outros muytos cõpendiados, dos quais tinha sinco volumes dignissimos da estampa.

10 De suas letras, & virtude fez grandissima estimaçaõ o Senhor Dom Frey Lourenço de Castro Bispo de Angra, nenhum prégador queria mais na sua Sé, delle se valia nos acertos das suas dispoziçoens. Por ser muy conhecida esta valia, era muy importunado por intercessoẽs, das quais, quanto lhe era possivel, se escusava, dando por causa a difficuldade, que tinha em sahir fora por seus achaquez; quando naõ podia fazer o cõtrario, indo ao Bispo, dizia chammente a causa,que o obrigara, a que o Bispo costumava responder; que por se naõ molestar, em semelhãtes bastava assinarse sua Paternidade na petiçaõ, que isso bastaria pera pór logo o seu despacho, pois estava certo, naõ pederia senaõ cousas muy justas, & congruentes.

11 As

11 As boas prendas do Padre Lourenço Rebello eraõ acompanhadas de excellentes virtudes, muyta caridade pera com todos, era tido, & chamado pay de orfaõs, & miseraveis, em cujos apertos foi hum commum refugio. Cõ grandes dores de parto se achava mais morta, que viva huma moça nobre, cuidavaõ os pays outra cousa, nem de sua filha tal imaginavaõ, choravaõna; mandou ella chamar ao Padre cõ pretexto de se confessar, descobriolhe o seu trabalho, do qual estava certa morrer, se os pays entendẽssem, o que avia. Logo o Padre com sua grande prudencia dispoz de sorte as cousas, que a livrou do perigo, & retirou a criatura.

12 Quanto mais estimado era, mais se humilhava Padeceo algumas calumnias, que todas venceo com a paciencia. Foi amantissimo da pobreza, da oraçaõ, & trato com Deos. Tendo vivido sempre com teor de vida sancta, mereceo, que Deos lhe significasse o tempo da sua morte, como se teve por certo, pello que antes lhe aconteceo.

13 Era elle protector da Irmandade da Purificaçaõ da nossa Igreja do Collegio de Angra. No dia da Virgem da Purificaçaõ, estando em meza com os Irmaõs, os exhortou, como em outras occasioens fazia, ao desprezo desta vida, à frequencia dos Sacramentos, & bem de suas almas. Pedio perdaõ aos Irmãos do pouco cuidado, com que os tinha servido, dizendo, que ja o naõ ouviriaõ mais naquelle lugar. Ouve muytas lagrimas, porque sem estas circunstancias as fazia derramar muytas vezes a piedade deste Padre, quando lhes praticava.

14 Jâ neste tempo o carregavaõ demasiadamente os achaques. Ainda que por toda a vida se aparelhou sempre pera a ultima hora, daqui por diante o fez com mais cuidado. Era tanto o dezejo do bem das almas, que assim achacado, quando jâ se naõ podia ter em pé, hia ao coro, ou decia à portaria encostado em algum Irmaõ, ou Padre pera ouvir confissoens.

15 Tinha muyta oraçaõ, alem do officio Divino rezava todos os dias o de Nossa Senhora, & o dos defunctos. Quando jâ se naõ podia levantar da cama, as suas praticas eraõ com Deos, & com sua May Sanctissima, fazendo fervorosos colloquios. Confessouse geralmente de espaço. Se as dores naõ davaõ lugar a elle repetir Psalmos, & sanctas

jacu-

jaculatorias, pedia, aos que lhe aſſiſtiaõ, lhas repetiſſem.

16 Quando jâ tinha recebido o ſancto Viatico, pedio a extremaunçaõ. Pareceo ao Padre Reytor, naõ ſer ainda tempo. Inſtou o Padre, dizendo, que teria conſolaçaõ em a receber, em quanto eſtava em ſeus ſentidos. Comprioſelhe eſte dezejo, que foi pera elle de grande goſto. Paſſados dous dias, perdeo a falla, uſo da voz, & do paladar, porque nem fallou nada, nem goſtou por eſpaço de doze dias, que foi couſa eſpantoza. Os olhos tinha quaſi de continuo em hum Crucifixo. Chegado o ultimo artigo, levantando algum tanto a cabeça, pondo os olhos no Crucifixo, beijandolhe os pés, tornandoſe a encoſtar, com ſumma paz deu a Deos ſeu ditoſo eſpirito, em Angra na Ilha Terceira aos dous de Mayo de mil ſeiſcentos, ſetenta, & nove. Succedeo ſua morte de noyte, & logo de menhãa foi tal o concurſo de gente ao Collegio de nobres, plebeos, & Eccleſiaſticos, que ſe naõ podia a gente revolver.

17 Todos ſentiaõ ſua morte, porque ſer naquella terra como pay de todos, & aſſim foi ſepultado entre muytas ſaudades, & lagrimas. Andava o Biſpo neſte tempo vizitando o Biſpado, tanto q̃ lhe chegou a nova, diſſe muyto em abono do Padre, que morrera hum prégador Evangelico: moſtrou ſingular ſentimento, como quem ſabia eſtimar a virtude, & letras do Padre Rebello. Logo que voltou da vizita, foi dizer Miſſa ao noſſo Collegio pello defuncto em teſtimunho do muyto, que amava ſuas virtudes. A vida deſte ſervo de Deos eſcreveo na Annua deſta provincia o Padre Meſtre Joaõ Seco, donde a recolhi.

CAPITULO XXXXVI.

Vida do Padre Carlos da Silveyra.

Angola 15. de Junho de 1683.

1 ESte ditozo Padre, a quem podemos chamar Martyr da caridade, pois ella o meteo nos perigos, de que morreo, teve por patria a Ilha do Fayal, que he huma, das que chamaõ Ilhas Terceyras, ou dos Açores. Seus pays eraõ da principal nobreza da ilha, & ſe chamavaõ Franciſco da Silveyra, & Maria de Faria, abaſtados de bens da terra. Tendo eſte ſeu filho quatorze annos de idade, o con-

ſagraraõ a Deos na Companhia, navegou a ter o ſeu Noviciado em Lisboa, onde foi recolhido aos quinze de Junho de mil ſeiſcentos, trinta, & nove. Procedeo ſempre, como quem de veras ſe abraçara com Deos, & com as riquezas do mundo, que deyxou, deſpira todos os affectos da terra.

2 Depois dos eſtudos de Theologia voltou por mandado dos Superiores ao Fayal, aonde muyto promoveo o bem daquelle Collegio, aſſim com o que lhe deu, como tambem com o que por ſeu reſpeito lhe deraõ ſeus parentes.

3 Era muy zelozo do bem das almas, naõ perdia occaſiaõ de as aproveitar. Dezejou muyto ſahir da patria, & ir pera Angola, onde ſeu eſpirito pudeſſe lucrar almas pera Deos. Conſeguio a empreza, & pera ella ſe partio. Padeceo grandes tempeſtades neſta viagem, & foi obrigado a arribar ao Braſil: onde fez a Deos ſingulares ſerviços. Sahindo em terra antes do Parayba, veyo athe eſta cidade fazendo Miſſaõ nos lugares, por onde paſſava.

4 No Parayba ſe deteve deſaſeis dias, fazendo continuas prégaçoẽs, ouvio muytas confiſſoẽs gerais de toda a vida. E á petiçaõ do Governador introduzio alli a Via Sacra, pera deſpertar os animos à piedade, & à devaçaõ da Payxaõ do Senhor. Apartou das concubinas, a quantos ſoube, que viviaõ com ellas. Deſterrou odios. Dezejaraõ muyto, ficaſſe alli o Padre de aſſiſtencia com ſeu companheiro, offerecendoſe a contribuir com a deſpeza neceſſaria.

5 Do Parayba ſe embarcou pera Pernambuco, & como os do navio paraſſem, a fazer negocio em huma fortaleza, onde avia preſidio de ſoldados, o Padre fez muy bem o ſeu; porque exhortou os ſoldados à confiſſaõ, & todo hum dia athe alta noyte gaſtou, em ouvir ſuas confiſſoẽs, naõ ficando algum, ſem receber eſte Divino Sacramento, depois no dia ſeguinte lhes deu a Comunhaõ.

6 Chegou finalmente a Pernambuco, & foi no Recifé recebido dos noſſos com a caridade da Cõpanhia. Dalli o veyo levar pera Olinda o Reytor do noſſo Collegio. Diſta Olinda como huma legoa do Recifé. Neſte caminho diſſe o Padre Carlos da Silveyra ao Padre Reytor, que elle ſentia em ſi grandes dezejos de fazer miſſaõ na ilha

Itha-

Ithamaraca por ourro nome Ilha da Conceyçaõ, acodio o Reytor, que elle eſtava nos meſmos dezejos, de ſe fazer Miſſaõ naquella Ilha, mas que a falta de ſogeitos, pera acodir às obrigaçoens da caza, o detinha.

7 Deulhe o Padre Reytor por companheiro ao Padre Miniſtro do Collegio, paſſou à Ilha da Conceyçaõ, aqual correo toda prégando, doutrinando, & confeſſando com notavel bem das almas. Foi muy nomeada a converſaõ de hum cõcubinario: a occaziaõ, com que eſte ſe perdia, ouvindo prégar ao Padre ſe lançou a ſeus pés chorando ſeu eſtado, elle a fez depozitar em caza do Governador; ſabendo iſto o concubinario, ſahio de ſi, & louco com a furia do ſeu mal, diſſe blasfemias: que avia de arrenegar da Fé, deyxar a Chriſto, & irſe fazer gentio neſſe certaõ do Braſil. Porem depois que o furor deu lugar à razaõ, foi Deos ſervido, que advertiſſe na ſua miſeria, & lançado aos pés do Padre ſe arrependeo, & emmendou da ſua mâ vida.

8 Chamaraõno a toda a preſſa, pera confeſſar huma doente; indo, ſe achou com huma molher de todo ſã; a qual lhe diſſe: Padre, eu fui, pera me confeſſar, & naõ podendo por razaõ da muyta gente chegar a ſeus pés, me fingi enferma, & aſſim tenha paciencia, & me ouça, que naõ ſei, quando Deos me darâ outra occaziaõ ſemelhante a eſta. Ouvioa & a deyxou muy conſolada. Ouve em toda a Ilha muytas converſoẽs notaveis de peccadoras envelhecidas. Depois que a correo, ſe retirou ao Collegio.

9 Apenas paſſou a Paſcoa, quando o Padre Carlos da Silveyra ordenou outra Miſſaõ ao cabo de Sancto Agoſtinho, por ſer a paragem muy neceſſitada de doutrina. ſete dias tinha de Miſſaõ, quando adoeceraõ, por tanto foraõ obrigados a ſe recolher ao Collegio, pois enfermos nada podiaõ obrar. Cobrou o Padre ſaude, & avendo mõçaõ boa pera a ſua dezejada Miſſaõ de Angola, com felis navegaçaõ chegou a Loanda cabeça do eſtado.

CAPITULO XXXXVII.

Das Miſſoẽs, que fez athe morrer.

1 FOra o Padre Carlos da Silveyra mandado por Vizitador, & Reytor do Collegio, que em Angola

tem a Companhia: porem os olhos se lhe hiaõ nas Missoẽs. Dous annos, & meyo, que viveo naquella terra, tres vezes como hum novo Apostolo correo em Missaõ toda a Ilha de Loanda. He o certaõ de Angola de clima muy pestilente aos estranhos, por isso saõ muyto mais dignos de louvor, os que se metem em tal perigo, por levar a Deos as almas, do qual tem por quasi certa a morte, de que escapaõ raras vezes, ou de doenças mortais. Por esta causa costumava dizer hum Bispo de Angola homem sabio, & virtuozo, que se Deos quizesse Missoẽs em Angola, avia de tirar della o Anjo percuciente, (fraze cõ que o Historiador Joaõ de Barros explica estas febres das Regioẽs de Angola) pois os Missionarios do certaõ de ordinario morriaõ com doenças malignas, & brevemente.

2 Nada menos, que a vida estimou o Padre Carlos da Silveyra. Sahio pois a campo com outro Padre, que quis consagrar sua vida no mesmo altar. Foraõ a lugares distantes, Bengo, Dande, Casucalla, o prezidio de Muchima, a Provincia de Evissama. No territorio de Evicalla se detiveraõ toda a quaresma com trabalho, & fructo incrivel. Chamaõse aquellas gentes Muxiloandas, Christaõs só em o nome, por causa da falta, de quem os doutrine: saõ muy dados a superstiçoẽs, & feitiçarias, & muy occupados em buscar certo genero de buzios, que o mar lança à praya, por ser este o dinheiro da terra. Porem a fama dos dous Padres os despegavaõ deste seu grangeo, acodindo ao bẽ de suas almas.

3 Entre outros lucros do seu trabalho foi hum, cazar com suas mesmas occazioẽs a dous homens poderosos, que avia mais de vinte annos tinhaõ vida perdida. Na somana sancta se recolheraõ ao Collegio, mas passados quinze dias, naõ podendo aquietar em caza o espirito do Padre Carlos da Silveyra, se tornou às Missoẽs.

4 Na terra de Saõ Joaõ de Cassanga avia hum famozo feiticeiro, que a todos fazia medo com suas màs artes, querendo o tratassem, como a seu Bispo. Encaminhou o Padre alli a jornada, escapoulhe o feiticeiro, deyxando todas as boticas da arte, que naõ devia poder levar consigo, por serem muytas: todas foraõ queimadas. Entre ellas era huma figura de cabra, que intitulava o Deos Eribuco, cuja virtude dizia ser, assistir aos partos, como entre os antigos Lucina.

5 Qua-

5 Quatro vezes foi lançada no fogo, ſem eſte a poder conſumir, os barbaros, que a tinhaõ por Deos, ficaraõ eſpantados, engrandeciaõ huns o poder do ſeu Deos, outros como attonitos fegiaõ, outros paſmados eſperavaõ o fim, dando grandes aplauſos ao ſeu Deos. Entaõ hum Chriſtaõ entrando em fervor, tirou do fogo a cabra, & levando de hum cutelo, diſſe, que lhe dava aquella em nome do verdadeiro Deos, & da Sanctiſſima Trindade; deſcarregando lhe cortou de hum golpe o peſcoço, & logo deu com ella outra vez no fogo, & ſem reſiſtencia alguma ſe converteo em cinza, ficando os barbaros fora da ſua imaginaçaõ, & o nome de Deos triunfando.

6 Sahindo o Padre no mez de Julho, por occaſiaõ de hum Jubileu do Papa Innocencio Undecimo, foi fazendo ſua Miſſaõ. Parou em hum poſto, que chamaõ Noſſa Senhora do cabo, por ſer o lugar muy accomodado, pera alli concorrer a gente maritima. Aqui ſe chegou a ſeus pés hũ homem perdido, que gaſtara a vida no lodo de ſeus vicios. Perguntandolhe o Padre, como ſe atrevera, a eſtar tantos annos em tal eſquecimento? Reſpondeo: Padre, depois q̃ aqui chegou, entrei em penſamentos de tratar de minha alma.

7 Tomando tempo à noyte, pera me examinar, me appareceo a Senhora do Cabo, bem como eſtâ naquelle altar; & me diſſe: Tu jâ eſtás condenado por teus peccados, nem meu filho te hâ de perdoar: eſtes confeſſores he gente muyto mâ, que enſina douttrina falſa. Iſto, dizia o peccador, me fez deſiſtir do propoſito, em que eſtava, porem hontem ouvindo a prégaçaõ, me reſolvi a confeſſar, tornoume a meſma viſaõ a apparecer, mas invocando eu ao nome de JESU, deſapareceo, & fiquei entendendo ſer tudo embuſte do Demonio, que me queria ſepultar no Inferno. Confeſſouſe com muytas lagrimas, & notavel conſolaçaõ do Padre, que por eſta ſó converſaõ daria por bem emprégados os trabalhos de toda a vida.

8 Indo em Miſſaõ ao Dande, avia alli dous famozos feiticeiros, os quais naõ ſe atrevendo eſperar a prezença do Padre, ſe auzentaraõ, deyxando toda a fabrica da arte, a qual conſtava de tantos petrechos, que bem enchiaõ ſinco ſacos. Deyxaraõ elles eſtas couſas eſcondidas, mas feita boa diligencia, ſe lhe deu no theſouro: conſtava elle de oſſos de ho-

homens, unhas, dentes, coraçoẽs, & figados principalmente de meninos, alem disto de muytas cabeças de cobras, que por arte do Demonio boliaõ,& saltavaõ,como se estivessem vivas: muytas panelas grandes cheas dos seus unguentos, & varias cordas untadas com estas mezinhas.

9 Tambẽ havia alli feitos de casca da arvore Allicondehuns paramentos sagrados, como amicto, alva, cazula, capa de asperges, cordaõ, & os mais, tudo feito com tanta meudeza, que se cuidaria serem ornamentos de algũa Igreja, se a materia naõ fosse conhecida. Assim procura o Demonio com estes embelecos authorizar naquellas gentes os seus ministros.

10 Por fim de tudo se acharaõ tres idolos,q̃ era a Trindade dos barbaros, entaõ o Padre Carlos da Silveyra diante de todos, levantando o bordaõ, disse: Vede, quam pera pouco saõ os vossos Deoses, entre estas palavras ferio a cabeça de hum idolo; em recebendo o golpe, abrindo a boca lançou por ella tres chamas azuladas, que pareciaõ de fogo de enxofre. Entaõ os negros levantaraõ hum grito, dizendo, que bem mostravaõ estar no Inferno tais Deozes, pois assim ardiaõ. Logo sem demora se vaõ a elles, pizaõnos, arrastaõnos, & os reduzem a pô, & cinza.

11 Junto do rio Coança se via huma arvore entre os barbaros de sũma veneraçaõ, entre elles era sacrilegio cortarlhe algum ramo, nem ainda era licito levar algum, a quẽ o vento quebrasse: alli faziaõ muytos sacrificios ao diabo. Procurou o Padre mostrarlhe a sua doudisse no respeito, q̃ tinhaõ àquelle pao. Nenhumas palavras lhe puderaõ tirar a sua idolatria; depois de alguns dias, que se lidou debalde nesta materia, disse hum Christaõ ao Padre, que o melhor era mandar cortar a arvore; pareceo o concelho de Deos; logo deu ordem, a se lhe pôr o ferro. Estavaõ os negros boçais pasmados da ouzadia, & mais quando viraõ, que cahira em terra, sem o seu Deos fazer algum mal, aquem a cortara: mandou o Padre, que se lhe puzesse o fogo, depois no mesmo lugar fez levantar huma fermosa Cruz.

12 Destroida a arvore, naõ foi difficultoso desterrar dos coraçoẽs a idolatria. Ouve muitas conversoẽs, & bautismos; em hum dia gastou o Padre desde pella menhãa athe a noyte dando o sancto bautismo. As occasioẽs de peccado, que se tiraraõ, foraõ mais de quinhentas. Andã-

do

do neſtes ſanctos empregos, quis o Senhor pagarlhe o ſeu trabalho com premio eterno. Sobreveyolhe huma febre maligna daquellas, com que a terra coſtuma viſitar aos eſtranhos. Foi obrigado a ſe recolher ao Collegio.

13 Foi tal a força do mal, que apenas lhe concedeo ſete dias de vida,& nelles arrezoou a final. Preparouſe como homem ſancto, & como tal falleceo em o noſſo Collegio de Loanda aos quinze de Junho de mil ſeiscentos, & oitenta, & tres. Viveo ſempre na Companhia com vida de homem juſto, aqual acabou como forte, & alentado, pelejando no campo contra o Demonio pello bem das almas; tendo feito por dous annos, & meyo miſſoẽs em climas taõ peſtilentes, ſem reparar nos ſeus evidentes perigos, porque nenhum amor teve à vida, & sò a quiz, pera a empregar toda no ſerviço de ſeu Deos, & no bem das almas de ſeus proximos. Eſta vida ſe recolheo das Annuas deſta provincia.

CAPITULO XXXXVIII.

Vida do Padre Doutor Franciſco Soares Luſitano.

De ſua patria, & pays, entrada na Companhia, ſua ſabedoria, & occaſioẽs, que teve de padecer.

Jurumenha 19. de Jan. de 1659.

1 TOdos,os que fallaõ deſte graviſſimo Padre,& Doutor Sapiẽtiſſimo,ſe queixaõ de no lo tirar taõ ſedo a morte,cortando os fios a muytas eſperãças, que nelle tinha bem fundadas a noſſa Companhia. Tudo nelle foi grande, os Pays, a virtude, & as letras. Foi natural da Villa de Torres Vedras no Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays, que eraõ muy illuſtres, ſe chamavaõ Dom Joaõ Soares, & Dona Izabel de Caſtro.De ſeus primeiros annos nada ſabemos, mas toda a ſua vida moſtrou, que tiveraõ a educaçaõ, que convinha a ſua nobreza.

2 Tendo quatorze annos naõ perfeitos de idade, entrou na Companhia em Lisboa na caſa de Saõ Roque aos ſinco de Fevereiro de mil ſeiscentos,& dezanove, fazendo vezes de Meſtre de Noviços o Padre Franciſco de Araujo. Naõ havia neſte tempo Noviciado naquella caſa, mas por al-

alguma rezaõ especial, succedia entrarẽ alli às vezes estudantes, & serem logo mãdados a fazer seu Noviciado em Coimbra, ou Evora. Foi logo continuar em Coimbra, onde esteve pouco tempo; por quanto no mes de Junho do mesmo anno dia de Sancto Antonio começou o Noviciado em Lisboa no Monte Olivete, & desfazendose por esta occasiaõ os Noviciados de Coimbra, & Evora, passaraõ os seus Noviços a viver em Lisboa.

3 Por esta causa voltou de Coimbra o Irmaõ Francisco Soares, & cõtinuou,& acabou em Lisboa os dous años. Acho no livro da provaçaõ, em como estivera nesta casa athe vinte, & sinco de Fevereiro de mil seiscentos, vinte, & sete, que saõ alguns seis annos depois de ter os dous de Noviço. Naõ se diz a causa disto, salvo fosse estudar latim, pois acho, que muytos moços illustres entraraõ nesta provincia na Companhia, sem do latim saberem nada, & câ o estudaraõ todo, destes pode ser, fosse hum o Irmaõ Soares.

4 Estudou no Collegio de Coimbra, sempre nelle se vio hum ingenho de marca maior. Sendo Irmaõ da primeira, tinha taõ elevado estilo na poezia, que parecia ser ja Mestre cabal naquella faculdade. Sempre que ouve composiçoẽs, levou elle os primeiros premios.

5 Depois de estudar Philosophia, ensinou letras humanas em Lisboa. Teve na sala publica humas conclusoẽs humanistas, cuja materia foraõ os sete milagres do mundo, mas por voto de todos o maior milagre foi a muyta graça, a muyta eloquencia, & o grande saber, com que presidio neste acto, a que assistio o Colleytor, que entaõ havia neste Reyno, chamado Monsiur Tramallo, o qual disse publicamente, que nunca nas Universidades, em que se tinha achado, vira acto, que mais suspensaõ, & maior gosto lhe causasse: que aquelle Mestre era hum insigne Rhetorico, que pasmaria Roma, se tal eloquencia ouvisse.

6 Depois de aprender Theologia, ensinou Philosophia em Coimbra, foi dos Mestres mais aplaudidos, que ouve naquella Universidade. E bem o mostra o seu curso Philosophico, que imprimio, & anda nas maõs de todos; do qual se usa em as nossas escolas; & nas de Goa se introduzio por ordem dos Superiores, por ser obra excellente, & tambem por se evitarem os inconvenientes, que da liberdade

berdade de opinar, costumaõ nacer, querẽdo cada Mestre fazer huma Philosophia ao seu modo.

7 Foi promovido a ler as cadeiras maiores, ensinou Theologia athe a cadeira de Prima em o nosso Collegio. Grangeou nome, & tanto aplauso, que se naõ vio entaõ maior em Coimbra. Admiravaõse os mais doutos Mestres de Canones, & Leis, de ver, q̃ presidia cõ tal eminencia, q̃ nunca lhe tocaraõ texto algũ, nẽ em Canones, nem em Leis, q̃ elle o naõ referisse logo de còr, & lhe desse o verdadeiro entendimento, segũdo as glozas, & pareceres dos melhores Authores. Tudo nacia de ser de memoria felicissima.

8 Nas explicaçoẽs ordinarias repetia os textos com tanta segurança, & certeza, que fazia suspensaõ. Por curiosidade os hiaõ pòr vezes a ver nos livros os ouvintes, & achavaõ, os allegava fidelissimamente. O Padre Doutor Francisco Pinheiro, que compoz dos testamentos, do Censo, & Emphiteuse, Lente de Prima na Universidade de Evora, & muy sabio no direito, indo a Coimbra, onde o Padre Soares era Lente de Prima, & ouvindo-o em varias occasioẽs (sem ser cousa estudada, pera dizer em cadeira) allegar, & repetir textos taõ ajustados, com o que se tratava, se admirava, & disse: Eu tambem sei algum direito, mas naõ com o acerto das allegaçoẽs, & memoria, que experimento no Padre Francisco Soares.

9 O soccego, com que nos actos presidia, era admiravel, sendo assim, que se lhe offereceraõ muytas occasioẽs de sahir desta sua bella paz. Nesta materia se pudera dizer muyto. Sò contarei, o que lhe aconteceo em humas conclusoẽs dos Auxilios, & Sciencia Media, a que presidio, argumentoulhe hum Lente de grande nome de outra Religiaõ, opposta a esta nossa doutrina, & naquelles tempos, mais, que hoje. Fundou o seu argumento em hum lugar de Sãcto Thomás, explicando-o o Padre Soares, confirmou a doutrina da Companhia, que poem a efficacia da graça na vocaçaõ congrua, com hum lugar de Sancto Thomás no commento da epistola de Saõ Paulo aos Hebreos, no fim do capitulo quarto, onde S. Paulo diz: *Adeamus ergo cũ fiducia ad thronum gratiæ, ut misericordiam consequamur, & gratiam inveniamus in auxilio opportuno.* Commenta Sancto Thomàs estas palavras, & explicando a palavra, *auxilio opportuno*, tem, *Hoc autem (auxilium) opportet esse con-*

gruo tempore, ideo dicit auxilio oportuno.

10 Ouvindo o argumentante as palavras, *congruo tempore*, lhe naõ pareceo, ser de Sancto Thomàs, & assim disse ao Padre Soares, que as lesse no livro. Respondeo, que na cadeira sò tinha as partes de Sancto Thomás, que as palavras eraõ no commento das epistolas. Como o arguente vio, que naõ tinha livro, disse, que tais palavras naõ eraõ do Sancto. O Padre Soares com muyto soccego lhe disse: Muyto Reverendo Padre, veja vossa Paternidade, que as trasladei neste papel ha menos de tres horas, & mostrou o papel, em que as tinha trasladadas.

11 Persistio o Religioso, que naõ eraõ de S. Thomás. Foi necessario, mandar vir o livro, indose buscar a toda a pressa, o argumentante naõ quiz esperar, athe se trazer o livro, & se foi embora. Chegando com o livro, buscou o Padre o lugar, mas naõ o quiz ler da cadeira, mandou-o resistado ao Reverendo Padre Frey Ricardo de Sãcto Victor da ordem de S. Agostinho, Lente de Prima da Universidade, pera que com seus olhos as visse, & lesse, & ao Reverendo Padre Doutor Frey Izidoro da ordem da Sanctissima Trindade, os quais viraõ, serem as mesmas, que o Padre Soares tinha referido. Todos louvaraõ grandemente a modestia, com que se ouve, sabendo de certo, quam enganado estava o argumentante.

12 Este acto foi muyto celebre pella instancia, que tinhaõ feito os Padres da Religiaõ do argumentante, pera impedirem estas conclusoẽs, a que veyo toda a Universidade, & as Religioẽs todas. Foi taõ celebre, que delle se fizeraõ relaçoẽs. Huma fez o Doutor Paulo Rebello Collegial de Saõ Paulo, & Lente de Leis, pera o Doutor Manoel Pereira de Mello Collegial do mesmo Collegio, q̃ entaõ estava auzente. Depois de contar o succedido, tem estas formais palavras.

13 *Senhor, em papel naõ se podem contar todas as particularidades, digo em summa, que nunca Coimbra teve tal dia, que nunca os Padres da Companhia tiveraõ maior honra, que nunca cuidei, que no mundo havia taõ cabal homem, como o Padre Francisco Soares; porque sua modestia hoje se vio, sua brandura, seu saber, sua politica, sua virtude. Estava metẽdo a gente na alma, huma palavra se lhe naõ ouvio mais alta, que outra, a cortezia, a boca de riso, o desafogo, a presteza*

no

no responder, aquelle saber, como quem sabe. E finalmente vi hoje hum homem em huma disputa publica tal, & com tais circunstancias, que naõ sei, se pode crerse, que algum Anjo lhe assistia. Ah Senhor, creo, que se vossa mercê bem entendera, o que esta tarde ouve na aula da Companhia, que deixara todas as pertençoẽs do mundo, por se achar nella; & por somente ver ao Padre Francisco Soares; & eu naõ quero ja ver cousa mais de meu gosto. Posso dizer, que vi huma disputa de hum Concilio, & que vi o que dezejava ver. Athe aqui as palavras daquelle Doutor.

14 Concorreo neste Padre tudo, quanto se pode dezejar, pera formar hum Mestre insigne. A clareza do seu estilo junta com a brevidade, todos a respeitavaõ, & veneravaõ. Se continuasse nelle a vida, conforme sua grande applicaçaõ, seu grandissimo ingenho, & seu incansavel estudo, cuidavaõ muytos, que havia de vẽcer o Soares Granatense, porque no ingenho naõ era inferior, & vencia-o no estilo, por ser grande latino, & no estilo muy ameno, & desembaraçado.

15 De Coimbra passou a ser Lente de Prima na Universidade de Evora, onde tomou o grao de Doutor na Sãcta Theologia aos seis de Junho de mil seiscẽtos, sincoenta, & sinco. Do seu conselho se servio muyto o tribunal do Sancto Officio, de que foi Qualificador.

16 Com ser neste Padre muy grande a sabedoria, foi maior a virtude, da qual sempre fez mais estimaçaõ, que de quaisquer dons humanos. Depois de ser ja da Companhia, foi morto seu Irmaõ mais velho Dom Martinho Soares de Alarcam, ficou herdeiro de sua casa o Padre Frãcisco Soares, q̃ tinha só desasete annos de idade, era Noviço & esta por ventura pode ser a causa de se deter os annos, q̃ assima disse na casa de Lisboa, & tambem de se lhe dilatarem os votos. Seus parentes o importunaraõ, que deixasse a Companhia, & se cazasse; porem elle fazendo pouco caso, do que lhe diziaõ, respondeo, que naõ deixava elle tãto bem, como era a Companhia por cousa taõ pouca, qual em sua comparaçaõ eraõ as grandezas humanas.

17 Por tanto fez logo deixassaõ do morgado em seu Irmaõ mais moço Dom Joaõ Soares de Alarcam, o qual depois deu ao Padre Soares materia de grande merecimen-

 to,

to. Succedendo a felix acclamação del-Rey Dom João o Quarto, este fidalgo com outros mal aconselhados se passou a Castella; seguindo o partido de Philippe. Daqui se originou huma falsa sospeita, de que o Padre Soares estava revestido dos humores de seu Irmaõ. Como nestas materias bastava pouco, naõ foi necessario muyto, pera que o Padre Soares naõ fosse tido por homem sospeitoso. Duas vezes foi prezo por ordem del-Rey em hum cubiculo da nossa casa de Saõ Roque, em que padeceo, quanto elle significa em hum arrezoado, que aprezentou a el-Rey em sua defezã, no qual tem as palavras seguintes.

18 *E porque ja outra vez estive prezo deste mesmo modo, & neste carcere sete mezes, donde, ainda que no cabo me julgaraõ por innocente, sahi com tudo todo branco, antes de annos, todo debilitado, encostado a hum bordaõ; temendo agora naõ se me dilate deste mesmo modo este trabalho, & affronta, & vẽdo fechadas todas as mais vias pera minha defeza, porque meus Superiores da Companhia, pedindolhe eu culpas, encolhem os hombros, & dizem, que naõ tem nenhumas contra mim, os Ministros de vossa Mageſtade naõ me deferem, he rezaõ, Senhor, recorra à Real pessoa de Vossa Mageſtade, como faço postrado a seus Reais pès, lembrando a vossa Mageſtade, que alem de vassalo seu, sou hum Sacerdote Religioso da Cõpanhia de JESU, aquem vossa Mageſtade professa taõ Real piedade, faz tanta mercê, & mostra tanto amor, & ella lho merece.* Athe aqui suas palavras.

19 A causa desta prizaõ foi, que a molher de seu Irmaõ lâ de Castella escreveo huma carta a huma Religiosa sua Irmaã, aqual só continha, darlhe novas de seus filhos, & meninos, sem tocar outro algum ponto. A Freyra mandou esta carta ao Padre Soares, dizendo, naõ tivesse pejo de a ler, porque lha deraõ aberta, & privilegiada. Nesta boa fé o Padre leo a carta, & lha tornou a remetter cõ hum escrito seu pera a dita Religiosa. Esta, respõdendo a sua Cunhada, meteo na carta o escrito do Padre Soares, o qual era hum mero cumprimento, sem lhe passar por pensamento, q̃ seria mandado a Castella. Foi tomada a carta da Religiosa, & nella o escrito do Padre. Logo el-Rey passou decreto, que viesse de Coimbra a Lisboa, & fosse prezo, o que aconteceo em Janeiro de mil seiscentos, & sincoenta.

20 O da primeira prizaõ, & como Deos por elle acodira

dira, toca com estas palavras: *Quanto ao dizerem, que ja outra vez fui prezo: isso he verdade, mas perdoe* Deos *a Francisco de Lucena, que por seus intentos me ordio essa prizaõ, mandandome tentar por hum soldado desatentado com huma carta de meu Irmaõ, & porque eu conforme a regra da minha Religiaõ reparei, em a aceitar na forma, que elle queria, vendose frustrado, com temerario atrevimento se foi, & testimunhou, aceitara eu, abrira, & lera a carta diante delle, affirmandoo assim com hum juramento falso, como por sentença cõstou. E permittio Deos por seus altissimos juizos, que no mesmo tempo, que prenderaõ, & degolaraõ a Francisco de Lucena, me soltaraõ a mim, & declararaõ por innocente, & tambem o* Doutor *Francisco de Mesquita, que correo com estas minhas execussoẽs, depois dellas viveo pouco tempo. O estreito exame, que entaõ se fez de minhas palavras, & acçoẽs, com ainda estarmos nos primeiros annos do Reyno, justifica bem a verdade de meus procedimentos.* Athe aqui suas formais palavras. Bem se deyxa ver a grande materia, que teve de paciencia nestas occasioẽs, em que foi declarado por innocente, como em verdade o estava.

CAPITULO XXXXIX.

Dos exemplos de suas virtudes, & morte lastimoza.

1 O Que mais foi de admirar, he, que nas contradiçoẽs referidas nunca em suas praticas se queyxou de pessoa alguma, antes quando algum Padre seu amigo lhe tocava nestas materias, logo desviava a pratica, dizendo: Deos sabe, o que faz, elle bem sabe, que nenhuma occaziaõ dei, pera me tratarem desta sorte, elle me livrarâ, se assim for sua sanctissima vontade, a ninguem ponho a culpa de ninguem me queyxo. Estas eraõ as suas repostas, conformandose todo com a vontade de Deos, que lhe dava estas occasioẽs, pera maior merecimento seu.

2 Em Junho do anno de mil seiscentos, sincoenta, & sete lhe ordenou nosso R. Padre Geral Gozuvino Nikel, que fosse Reytor do Collegio de Evora, & na carta lhe pedia, que se naõ escuzasse, prevendo, que sua humildade se naõ accõmodaria com governos; na verdade elle os naõ dezejava, querendo gastar o restante da vida na compozi-

çaõ

çaõ dos ſeus livros. Acho carta ſua dada em 14 de Setẽbro de 1658, em que pede ao Padre Geral o eſcuſe do governo, & que o deyxe gaſtar o ſeu tempo em eſcrever os ſeus livros. Juntamente lhe dâ conta, em como a Rainha molher del-Rey Dom Joaõ o quarto jâ defuncto, que entaõ governava, declarara, em como nada tinha cõtra a peſſoa do Padre Franciſco Soares, antes que lhe era muy aceito. Depois da tal declaraſſaõ, ſe lhe deu a patente, pera ſer Reytor.

3 Tanto que lhe entregaraõ a patente na caza de Saõ Roque, onde entaõ eſtava, huma madrugada ouvio com voz laſtimoſa eſtas palavras: *Padre Reytor*, *Padre Reytor*. Logo entendeo, que Deos o chamava ao Reytorado pera grandes penas. Pondoſe de joelhos diante de hum Crucifixo, diſſe: *Domine*, *quid me vis facere*. Iſto em chegando a Evora contou elle ao Padre Affonſo de Caſtilho, que o deyxou eſcrito da ſua letra, cujo papel tenho em meu poder. O effeito moſtrou a verdade, do que o Padre cuidara.

4 Succederaõ logo no Collegio graviſſimas doenças originadas dos ſoldados doentes, que vieraõ do ſitio de Badajòs, aos quais os noſſos Religioſos hiaõ ſervir no hoſpital da Univerſidade, & delles meteraõ no Collegio as doenças. Por huma vez foraõ os doentes vinte, & quatro, eſtes melhorados, cahiraõ vinte, & ſinco de infermidade contagioſa. Sinco, & ſeis vezes os vizitava cada dia. Se algum eſtava de perigo, rara era a hora, que o naõ foſſe ver. Se eſtava com crecimento, naõ queria, que ſe lhe deſſe de comer, athe elle o naõ mandar, pera iſſo lhe hia tomar o pulſo huma, & mais vezes ainda depois da cõmunidade recolhida. Tinha o Padre grande intelligencia de pulſo, que neſta, & outras occaſioẽs foi a muytos de remedio, & vida.

5 Ouve por eſte tempo grandiſſima falta de gallinhas; por ſerem innumeraveis os doentes, era o preço dellas exceſſivo: por eſtas razoẽs ſignificaraõ ao Padre Reytor, ſer neceſſario eſtreitar a raçaõ de gallinha, que ſe dava aos doentes: reſpondeo, que tal couſa naõ conſentiria, em quanto foſſe Reytor; logo ordenou, as trouxeſſem a todo o cuſto, pera eſte effeito mandou moços do Collegio nas mulas a lugares diſtantes, onde as podia aver. Diſſe ao Procurador,

dor, que por outras cousas se empenhava o Collegio, quãto mais por aquella, que naõ reparasse em preço, que faltãdo dinheiro, elle o buscaria emprestado, como o fez.

6 Esta caridade naõ foi nelle cousa nova, em toda a vida se tinha nelle observado. Em Coimbra teve hum Padre debayxo do braço hum inchaço do tamanho de huma cidra, esta pezada carga se soltava às vezes em sangue taõ copioso, que se naõ podia estancar. Huma vez foi com tal excesso, que os Medicos, & Surgioẽs julgaraõ, que o Padre naõ podia viver hum mez, nem elles sabiaõ, que cura podia ter aquelle mal. Disse hum dos Medicos. que só Guilhelme, que era hum Surgiaõ affamado em Lisboa, poderiá saber remedio pera o achaque. Tratousse na consulta, se iria o Padre a Lisboa. Votaraõ todos, que o Padre morria, como diziaõ os Medicos, & que o ir a Lisboa era mais arriscado a morrer no caminho, que poderlhe o Guilhelme dar remedio. O Padre Soares votou, que o morrer o Padre naõ se curando era certo, conforme os Medicos, & surgioẽs diziaõ, & o morrer no caminho era contingente: por tanto, que era de parecer, que o doente fosse em huma liteira a Lisboa, & que o acompanhassem hum Padre pera o confessar, & hum Irmaõ pera o servir, que se o Collegio reparasse nos gastos, que elle os faria. Prevaleceo o seu voto. O doente foi a Lisboa. Fez nelle o surgiaõ huma cura insigne, depois viveo por muytos annos.

7 Indo de Lisboa pera Coimbra, morria hum homem na estalagem sem confissaõ de hum accidente. Pedio o Padre lhe lançassem huma ventosa na nuca, com ella tornou em si, deu materia de confissaõ, absolve-o, & logo morreo. Em Coimbra enterrava com suas maõs todos os nossos, q̃ morriaõ. Mandou ao Padre Affonso de Castilho, que escrevesse os exemplos de edificaçaõ de todos, os que morressem no seu tempo, sendo elle Reytor. Elle ungia, dava o Sãcto Viatico, & fazia os officios funerais a todos os seus subditos, que morriaõ. Ainda sendo lente, se algum doente o mandava chamar, pera lhe ver o pulso, porque entendia bem delle, logo o hia consolar, aqualquer hora, que fosse. Se lhe faltava ao doente algum mimo, dava ordem, a que fosse provido.

8 Sendo em Coimbra Mestre do curso, pedio esmola ao Bispo pera todos os seus estudantes pobres, que eraõ muy-

muytos, & lha deu pera todos os seus actos, & graos athe licenciados. A todos, os que antes do exame repetiaõ a logica com sufficiencia, deu cruzes de salsete, & relicarios. A todos os Theologos de caza, que no exame diziaõ seis textos, sendo elle lente, dava sua cruz de sallete. Tanto procurava fomentar os estudos.

9 Foi homem de mortificaçaõ, bastava pera prova o muyto, que com grandissima paciencia soffreo no tempo da prizaõ. Dizia elle, que de toda sua vida só estimava o tempo, que esteve prezo, porque alli aprendera mais no muyto, que paceceo. Era parcissimo no comer, dissimulando esta mortificaçaõ com a fraqueza do estamago. Tinha grande amor a Deos, costumava dizer, naõ só pera minha salvaçaõ, senaõ pera alcançar mais hum grao de graça, tomara, se fosse necessario, que todos os Demonios atormentassem este corpo. Outras vezes dizia àquelles, com quem fallava, se nos achassemos agora diante de Deos, q̃ alegria teriamos? Mostrando nestas palavras os dezejos, que tinha, de se ver com elle no Ceo.

10 O zelo do bem das almas se vio nas ansias, que teve de ir a Japaõ, quando era Mestre de Philosophia em Coimbra. Nenhumas palavras explicaõ melhor o seu fervor, que as suas proprias, em minha maõ tenho o traslado da carta, que sobre este ponto escreveo ao R. Padre Geral Mucio Viteelleschi, he a seguinte.

11 *He chegada minha hora, chamame Deos pera Japaõ, pello que lhe dou infinitas graças. Cuidei, que nunca prestasse, pera se elle querer servir de mim. Temme Deos fixo muy vivo na alma, o aver de morrer por seu amor morte taõ glorioza, que me darei por muy contente de morrer em sua demãda. Mereço à Companhia, me meta nesta empreza pello amor, com que de menino de treze annos sempre muy particularmente a dezejei servir, trazendoa no coraçaõ, & sobre a cabeça, desprezando por ella, & metendo debayxo dos pês, o que o mundo me offerecia.*

12 *Naõ dê Vossa Paternidade, pello que a minha provincia pode allegar, dizendo, lhe sou necessario pera suas cadeiras, governo, ou exemplo, porque alem do pouco, que pera estas occupaçoens presto, dado, que prestara muyto pera ellas, hâ nesta provincia grandes sogeitos. E posto em huma balança o serviço, que, ficando nella, lhe posso fazer, & em outra, o que lhe*

lhe faço, deyxandoa por esta empreza, acharâ todo o bom entendimento, peza mais esta segunda pello exemplo, que nisto dou à minha provincia taõ necessario nesta materia, assim pello q̃ ella taõ particularmente entre outras professa, como pellas partes (deme Vossa Paternidade assim licença) que em mim concorrem, porque olhando meus iguais pera ellas, assentaraõ, lhes corre a mesma obrigaçaõ, que em mim tomo.

13 *Naõ dê Vossa Paternidade por meus parentes, isto fique à minha conta, que eu farei com elles, que nem me desprezem a mim, nem se escandalizem da Companhia, quanto mais, que no primeiro vai pouco; & quanto ao segundo, dahi nos entendimentos desapaixonados (que sempre destes hâ muytos) resultarâ maior estima do instituto, & inteireza da Companhia. Naõ aceitamos mitras, por mais que isso afugente os mancebos fidalgos da Companhia, damos por rezaõ desfavorecer isto nosso instituto. Deyxeme Vossa Paternidade ir a Japaõ, que esse direitamente he nosso instituto. Naõ afugentou da Companhia aos mancebos nobres a missaõ do Padre Dom Gonçalo da Silveyra, taõ conhecido por seu sangue neste Reyno, nem a do meu Irmaõ Pedro Mascaranhas Irmaõ do Padre Nuno Mascarenhas Assistente de Vossa Paternidade.*

14 *Naõ dê Vossa Paternidade por minhas poucas forças, pois naõ saõ taõ poucas, que nestes treze annos, que hâ sirvo a Companhia, naõ pudesse com tudo, o que os outros puderaõ, aturando, & trabalhando, como os mais valentes della; alem de que, eu peço, ir morrer, & pera morrer, naõ saõ necessarias forças. Se morrer no mar, eu me dou por muyto contente, nem a Companhia se pode desconsolar, porque sempre o Capitaõ se deu por bem servido do soldado, aquem na empreza naõ faltou o animo, posto que faltasse a vida. Antes he credito do animo poder mais, que o corpo, declarase esta victoria cahindo este, & naõ chegando, aonde aquelle aspira. Naõ mostrou o Sancto Xavier menos morrendo entre as portas da China, que vivendo nas praças da India, antes enjeitou o viver livremente nestas, por morrer entalado naquellas.*

15 *Reverendo Padre, Deos me chama a Japaõ, deyxeme Vossa Paternidade ir. Bem sei, que, o que poço allegar à Cõpanhia, he nada, & que nem as lagrimas, que ao fazer desta derramo, saõ ouvidas. Peço-o pellas chagas do sangue de JESU Christo. Olhe Vossa Paternidade, que eu em breve hei de morrer, deyxeme morrer à minha vontade. Que ganha esta*

provincia mais morrendolhe eu em huma das ſuas enfermarias, do que morrendolhe ao nada em huma nao da India.

16 *Eu tenho acabado meus eſtudos, fico lendo Philoſophia neſte Collegio de Coimbra. Voſſa Paternidade me mande eſta licença, que peço, pera ir ao Japaõ de tal modo, que em virtude della me poſſa embarcar na primeira occaſiaõ, ſem diſſo ſaber ninguem, eu o cõmunicarei a ſeu tempo ao Padre Provincial, como tambem ao Padre Antonio Maſcarenhas, ao Padre Simaõ Alvres, ao Padre Nuno da Cunha, governãdome em tudo por elles. Lembro a Voſſa Paternidade, que ſem eſtas duas condiçoens naõ me ſerve a tal licença. A primeira hâ de ſer ir pera Japaõ, de tal modo, que em virtude della poſſa ir direito, naõ me podendo ninguem deter na India. Segunda, hâ de ſer em todo o ſegredo, naõ ſabendo ninguem diſſo, eu o cõmunicarei a ſeu tempo, como tenho ditto. Voſſa Paternidade me lance a bençaõ.* Athe aqui a ſua carta, que naõ teve o deſpacho, que pertendia, mas bem moſtrou ſeu grande fervor de ſalvar almas, & dar a vida por Chriſto.

17 Deſte eſpirito lhe nacia acodir ao bem eſpiritual do proximo, ſempre que ſe offerecia occaſiaõ. Por livrar de perigo a huma moça natural do Vimieiro, aquem o Demonio por muytos annos atormentara, & della tinha eſcrito, a fez recolher na caza da Piedade em Evora, & lhe ouve eſmolas. Prégando no cadafalſo do Acto da Fé, depois da prégaçaõ pedio meza huma molher, que hia a queimar, dizendo, eu bem ſei, que morro, mas a brandura, & rezoẽs do Padre, que prégou, me obrigaõ à me pór em eſtado de ſalvaçaõ, & confeſſar o meu erro da ley de Moyzes, em que athe agora vivi. Tinha grande modo em ſuas palavras, com que fazia devaçaõ. Sendo Reytor dava as meditaçoens na capella com ſingular perfeyçaõ, a ellas aſſiſtia quaſi todo o Collegio.

18 Sendo taõ nobre, & de tais prendas, era por extremo humilde. Em Coimbra na terça feyra das quarenta horas foi ao moſteiro de Sancta Cruz comer com os pobres. Eſtando comendo no chaõ, chegou alli o Preſidente da Inquiſiçaõ, o qual vendo tal humildade em tal homem, naõ pode conter as lagrimas. Huma vez indo hum Noviço avizalo, pera ſervir à meza, ſe poz de joelhos, o meſmo fez o Padre pera tomar o aviſo.

19 Foi homem notavelmente recolhido no ſeu cubiculo.

culo. Nunca o veriaõ a huma janela olhando pera os cãpos. Da virtude da pobreza foi amantiſſimo. Remendava o ſeu veſtido, & dizia, que ſendo menino, ſua Irmãa lhe enſinara dar, quando cozia, hum ponto atraz, pera ficar a obra ſegura. Sempre veſtio, o que entre nòs he mais ordinario, nunca uſou de almilha, nem meyas de bayxo, das q̃ andaõ por fora. Nas licenças era muyto meudo. Hum papel dellas tenho em meu poder, no qual pede licença, pera trazer ciroulas, pera eſcrever cartas, pera o papel neceſſario, pera entrarem no ſeu cubiculo, & outras de ſemelhante jaés. Avendoſe em tudo como Religioſo, que de veras tratava da perfeiçaõ. A eſte tempo jâ tinha enſinado Philoſophia.

20 Hum Padre, que por baſtantes annos teve com elle communicaçaõ, & lhe aſſiſtio à imprenſa dos ſeus livros, affirmou, que nunca lhe vira acçaõ, nem ouvira palavra, que ſe pudeſſe avaliar por peccado venial. Tal pureza de alma bem merecia o favor do Ceo, que deyxou eſcrito o Padre Affonſo de Caſtilho homem de muyta virtude, & verdade, vem a ſer, que lhe diſſera Dom Joaõ de Mello Inquizidor, que o Padre Manoel Maſcarenhas lhe diſſera, como em confiſſaõ, que vira huma vez ir dous Anjos em Coimbra incenſando ao Padre Franciſco Soares. O Padre Manoel Maſcarenhas, parente muy chegado do Padre Soares, foi homem de grande virtude, como eſcreverei em ſeu lugar, por tanto o ſeu ditto ſe pode ter por muy verdadeiro.

21 Com tantas & taõ excellentes virtudes ſe tinha o Padre Franciſco Soares diſpoſto pera a morte, daqual ſe crê teve revelaçaõ, aſſim daquella voz, que diſſemos, ouvira em Lisboa, quando lhe deraõ a patente, pera ſer Reytor do Collegio de Evora, como das diſpoziçoẽs, que fez, & couſas, que diſſe, antes de ir pera Jurumenha. No Janeiro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & nove mandou a Rainha Regente, que os Eſtudantes, & Privilegiados da Univerſidade de Evora foſſem preſidiar a parça de Jurumenha, porq̃ ſe queria acodir a Elvas, que eſtava nos ultimos apertos avia mezes ſitiada pellos Caſtelhanos.

22 Pondoſe eſte ponto no Clauſtro da Univerſidade, todos votaraõ, excepto hum, que foſſe com os Eſtudantes, & Privilegiados o Padre Reytor. Diſſe elle ao Padre Af-

fonſo de Caſtilho, que o perſuadia, a que naõ foſſe: Padre eu tomara adoecer, pera naõ ir, mas todo o Clauſtro me manda. Eu poſſo viver pouco, & aſſim ſô ponho os olhos em Deos, & naõ me da, do que diraõ. A eſte Padre mandou entregar hum eſcritto de huns oitenta mil reis de divida, pera que o deſſe, a quem tinha feito o empreſtimo, dizendo, que podia morrer de repente.

23 Antes de ſe pór ao caminho, diſſe, que elle naõ avia de tornar a Evora. Com elle da noſſa Companhia foraõ o Padre Doutor Diogo de Alfaya lente da Univerſidade, & o Padre Franciſco Cardozo Theologo. Hiaõ as companhias de privilegiados, & eſtudantes. Tanto que chegaraõ a Jurumenha, os fez a todos confeſſar, & commungar. Entrou o exercito Portugues com felis ſucceſſo na cidade de Elvas tendo deſtroido aos Caſtelhanos. Logo o Padre Franciſco Soares chegou a Elvas, pera com a ſua Univerſidade ſe tornar a Evora, avida licença do General das armas.

24 Voltou a Jurumenha, & ſe fez preſtes pera a jornada confeſſandoſe os Padres, & dizendo Miſſa. Eſtavaõ aſſiſtindo, & conſolando a hum enfermo, aquem ſe tinha dado o Viatico Neſte tempo ſem ſe ſaber como, pegou o fogo em huns barris de polvora, que eſtavaõ nos bayxos das cazas do Governador da praça, voaraõ os tres Padres com outras cem peſſoas entre eſtudantes, & priveligiados, em hum inſtante pereceraõ, eſtando aquella menhãa pera ſe partir. Succedeo eſta laſtimoza fatalidade aos dezanove de Janeyro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & nove. Ouve por ella, & com razaõ, geral ſentimento no Reyno. Ficou mais celebre com a ruina de hum tal homem, qual era o Padre Soares.

25 Achouſe hum fragmento do corpo, que ſe conheceo ſer ſeu pello ſinete do officio, que tinha na algibeira, onde tambem ſe acharaõ o cilicio, & diſciplinas, que tomou por reliquia o Governador de Jurumenha, dizendo, que naquelles dias o conhecera por ſancto, & que todas as noytes lhe ouvira tomar diſciplina. Huma molher de muyta virtude, & authoridade affirmou, que pouco tempo antes do incend io vira ao Padre Soares cercado de Lus, & reſplandor entre dous Anjos. Huma Religioſa de virtude diſſe, que do incendio vira ſubir ao Ceo as almas de todos tres.

26 Faz

26 Faz illuſtre mençaõ do Padre Franciſco Soares Luſitano, que aſſim o nomeaõ pera diſtinçaõ do Granatenſe, a Biblioteca da Companhia, onde ſe diz, que era homem grande em tudo, em ſangue, letras, & virtude, & na prudencia pera os governos, que dezoito annos lera Theologia em Coimbra, & Evora. Imprimio hum curſo de Philoſophia, o qual ſe tem depois impreſſo repetidas vezes. deyxou approvado pella Inquiſiçaõ hum volume na materia da Penitencia, que depois lhe imprimio a Univerſidade de Evora. Deyxou mais outro tomo das Cenſuras, & Bulla da cea jâ acabado. Tinha tambem compoſto huns commentarios ſobre a primeira parte de Sancto Thomás.

27 Eſta vida recolhi, aſſim de muytos documeutos, que tinha em ſua maõ, & mos deu o Padre Sebaſtiaõ de Magalhaẽs Confeſſor, que foi del-Rey Dom Pedro o ſegũdo, como de alguns do cartorio de Coimbra, & das Anuas da Provincia.

CAPITULO L.

Vida do Padre Ambrozio Rodrigues.

Evora 21. de Out. de 1658.

1 MErece eſpecial lembrança a caridade do Padre Ambrozio Rodriguez, pois no exercicio deſta virtude perdeo a vida temporal, & grangeou a eterna. Sua patria foi a villa das Caldas no Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays ſe nomearaõ Pedro Rodrigues, & Franciſca Fernandes. Eſtudava na terceira claſſe dos eſtudos do Collegio de Sancto Antaõ, & tinha dezoito annos de idade, quãdo entrou na Companhia em Lisboa aos ſinco de Junho de mil ſeiscentos, & vinte dous, pera ſer Coadjutor eſpiritual. No fim do Noviciado foi mandado pera a Ilha da Madeira, pera alli ſe aperfeiçoar no latim, & eſtudar Theologia moral. Deu moſtras de tam bom ingenho, que muytos Padres eraõ de parecer, eſtudaſſe Philoſophia, porem elle ſe moſtrou muy conſolado no eſtado, peraque entrara na Religiaõ.

2 Sempre ſe moſtrou muy obſervante das Regras. A ſua oraçaõ tinha quaſi toda de joelhos com grande reverencia. Depois da Miſſa gaſtava meya hora, em dar graças

a Deos.

a Deos. Era pontual nos exercicios espirituais. Succedialhe, sendo Ministro no Collegio de Evora, & estando expedindo alguns negocios do seu officio, dar sinal a exame, logo se punha de joelhos, sem fallar mais palavra. Alem da oraçaõ ordinaria, passava neste sancto exercicio outro tempo, este nunca lhe faltava, porque o naõ gastava em visitas inuteis de gente secular.

3 Tratavase com aspereza. Depois de se recolher a cõmunidade, se disciplinava todos os dias com rigor. Sua grande modestia mostrava andar com o interior recolhido. Fez officio de Ministro nos Collegios de Sancto Antaõ, Braga, Coimbra, & ultimamente por mais de quatro annos no Collegio de Evora. Neste officio, que de si he occasionado a enfadamentos com a molestia, que costumaõ causar os imperfeitos, quando lhes daõ penitencias, nunca sahio em palavra, que mostrasse agastadura.

4 Fazendo vezes de Reytor no Collegio de Sancto Antaõ, lhe pediraõ dous Irmaõs licença, pera ambos juntos irem fora. Respondeo o Padre, que consideraria primeiro, a verdade era, que a licença necessitava de consideraçaõ; porem elles pouco soffridos lhe disseraõ: Essa reposta era, a que necessitava de cõsideraçaõ. A este pouco pejo no fallar acodio o Padre com grande humildade, & mansidaõ: Muyto mais mereço eu, que me digaõ por meus peccados. Em castigar as faltas foi animoso, & sempre cortou direito.

5 Nas penitencias buscava tempo opportuno, dilatãdoas, quando sabia, que o culpado estava falto de soffrimẽto. Quando avia de avizar algum Padre pera sermaõ, ou pratica, entrava no seu cubiculo, como se só o fosse a vizitar, offerecendoselhe, pera o que fosse necessario. Se achava, estar muyto occupado, ou cõ alguma molestia, guardava a petiçaõ pera tempo mais cõmodo.

6 Sua caridade foi notoria, basta dizer, que ella foi causa de sua morte. Era Secretario da Universidade de Evora em tempo, que os nossos sitiaraõ a cidade de Badajoz. Ouve gravissimas doenças no exercito, foraõ muytos enfermos mandados pera Evora. No hospital dos estudantes, de que tem cuidado o Secretario da Universidade, foraõ por ordem dos nossos Superiores recolhidos, pera serem curados mais de cento, & setenta enfermos do exercito.

7 Aqui teve a caridade do Padre Ambrosio Rodrigues grande materia de seus fervores. Duas vezes no dia vizitava o seu hospital. Fazialhes praticas, a todos cõsolava, & ouvia de cõfissaõ. Do Collegio ouve dos Superiores muyta roupa de linho, & o mais pera camas. Levavalhes muytos doces, & outros mimos. Do Cabido alcançou huma esmola de vinte mil reis, que empregou em mãtas, pera abrigar os enfermos.

8 Vendo, que morriaõ muytos, porque cõ o grande fastio naõ podiaõ comer, pedio alguns Padres, & Irmaõs, que todos os dias a horas de jantar fossem ao hospital, pera lhes meter o bocado na boca. Buscava acipipes, cõ que lhes tirar o fastio. Variavaõse os Padres, & Irmaõs todos os dias; porem elle sempre hia, & vinha jantar a caza todos os dias à huma hora depois do meyo dia, tendo passado athe aquellas horas em jejum.

9 Vendo, que o mal era cõtagiozo, pois matava os cozinheiros,& enfermeiros seculares, & athe a hum Surgiaõ, nada desistio da sua caridade. Levantava os enfermos nos braços, pera os limpar. Fazialhes as camas, varrialhes as enfermarias. Dava premios, & tostoẽs, que tirava de esmola, às cozinheiras, & serventes, pera que fossem sollicitos no cuidado dos enfermos. Todos lhe rogavaõ mil bens, & pediaõ a Deos, que o remunerasse.

10 Pouco mais de mez, & meyo avia, que andava neste caritativo exercicio, quando lhe deu huma grande oppressaõ de cabeça, dores agudas no estamago, cursos, & fastio, que o naõ deyxavaõ dormir de noyte. Tudo soffreo por espaço de dous dias, sem dizer cousa alguma, cõtinuando no seu hospital muy fraco, & cortado da doença. Nada afroxou nos seus exercicios espirituais, hia com a capa de Asperges expor o Senhor na Igreja, onde se fazia novena, & dizer a ladainha.

11 Só ao Padre Mestre dos Noviços Affonso de Castilho descobrio o estado, em que se achava. Deu o Padre logo conta ao Padre Reytor. Este o foi buscar, & lhe ordenou, se recolhesse, & tratasse de sua saude, & ao enfermeiro, que tivesse cuidado delle. Naquella noyte dormio alguma cousa, no dia seguinte, imaginando estar alliviado, tornou ao hospital, de tarde estando diante do Sanctissimo dizendo a ladainha, no fim della lhe deu hum acciden-

te,

te, por cauſa do qual naõ acertava a dizer as oraçoẽs; por tanto foi obrigado, a ſe recolher. Os Padres, & Irmaõs, q̃ o vizitaraõ, ouvindoo gemer, logo aſſentaraõ conſigo, que a doença era maligna, pois o obrigava a ſahir naquellas demonſtraçoẽs, ſendo elle taõ ſoffrido, como a todos era notorio.

12 Veſpora de Saõ Lucas lhe diſſe o Padre Affonſo de Caſtilho, que era bem receber o Viatico. Reſpõdeo, q̃ aſſim era bem, & diſſe, que lhe chamaſſe logo ſeu cõfeſſor, acreſcentando: Graças a Deos Noſſo Senhor, naõ tenho couſa, que me dé pena, depois que no terceiro anno gaſtei nove dias, em me cõfeſſar geralmente. Recebeo o Sancto Viatico, & fez hum colloquio cõ grande devaçaõ. Dahi a poucos dias foi ungido, reſpondendo elle ao Padre Reytor, que lhe adminiſtrava o Sacramento. Cõ muyta humildade pedio perdaõ a todos da pouca edificaçaõ, com que vivera em huma Religiaõ taõ perfeita. Repetia os actos de fé, eſperança, & caridade. Depois de ter a lingua impedida, tanto que lhe lembravaõ actos ſanctos, os repetia, como lhe era poſſivel. Falleceo em vinte, & hum de Outubro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & oito no Collegio de Evora de doença cõtrahida em ſervir aos enfermos de mal cõtagiozo.

CAPITULO LI.

Dos Irmaõs Franciſco de Almada Eſtudante, & Diogo Gomes Coadjutor, & do Padre Affonſo Freyre.

Evora 30. de Outub. de 1658

1 ACompanhou mais que todos ao Padre Ambroſio Rodrigues, em ſervir no hoſpital o Irmaõ Franciſco de Almada, por iſſo mereceo ter igual fortuna. Sua patria foi Lisboa, ſeus pays ſe chamaraõ Luis Vieyra, & Maria Rodrigues, tendo quinze annos, entrou em Lisboa na Companhia aos quinze de Agoſto de mil ſeiſcentos ſincoenta, & hum. Andava no quarto curſo, quando ſuccedeo, virem os doentes do exercito. Tinha muyta graça, & modo, pera fazer comer os enfermos, por iſſo o Padre Ambroſio Rodrigues ſe neceſſitava, levalo mais vezes conſigo, & quiz o Senhor, depois de ſer morto o Padre,

dre, que elle foſſe o primeiro, que o ſeguiſſe na morte, pois aſſim o acompanhara nos exercicios de caridade.

2 Antes de ſer da Companhia, era virtuoſo, andando no eſtudo do noſſo Collegio de Lisboa, era taõ ſezudo, que ſeus Meſtres lhe chamavaõ Cataõ. Naõ tendo a idade, q̃ ſe requeria, pera ſer da Irmandade de noſſo Sancto Patriarca, que entaõ havia no Collegio, ſe diſpenſou com elle, attendendo à madureza, que moſtrava em ſuas acçoens, cõ a qual bem ſopria a falta dos annos. Edificava muyto, ver hũ menino, em ſahindo todos os dias à tarde da ſua claſſe, eſtar na Igreja ouvindo liçaõ eſpiritual, & tendo oraçaõ por eſpaço de huma hora; & açoutarſe todas as ſomanas tres vezes por eſpaço de hum Miſerere. Os ſabados jejuava com todo o rigor em obſequio da Senhora. Aſſim meſmo jejuava toda a quareſma.

3 Nos annos de Noviço, de Recolhimento, & Curſiſta foi ſua vida inculpavel, o Irmaõ Sottominiſtro confeſſou, que naõ vira nelle falta, por onde mereceſſe penitencia. O ſeu genio era muy agradavel, deſviava toda a pratica, que pudeſſe tocar nos outros. As obediencias executava ſempre com a boca chea de rizo. Amigo de ſervir a todos, elle ſe convidava, pera ajudar a concertar os cubiculos, & livrarias dos Meſtres, quando ſe mudavaõ, & pera ornar as capellas nos dias de feſta. Goſtava muyto de ſervir nos ſepulchros, andando com tal modeſtia, & compoſtura, que a todos edificava, moſtrava ter o ſeu interior occupado com o Senhor, aquem fazia aquelle obſequio.

4 Da regra do ſilencio foi taõ obſervante, que nem com o companheiro fallava no cubiculo. Se lhe perguntava alguma couſa deſneceſſaria, naõ reſpondia; ſe lhe dizia, que cauſa tinha, pera naõ reſponder, ſatisfazia, dizendo com boa graça: He tempo de eſtudar. Eſtas repoſtas dava em voz bayxa. Todos os dias ſe diſciplinava com rigor. Dizendolhe hum Padre, que bem podia diſpenſar cõſigo nos dias de feſta, & de quinta, naõ admittio o conſelho. Todos os dias, que cõmungava, & nas ſeſtas feiras cingia o ſeu cilicio.

5 Tinha grande amor à ſancta pobreza, naõ queria veſtir ſenaõ do mais velho, dizendo ao Irmaõ Roupeiro, que outro teria mais neceſſidade, & mereceria mais, que

 ſe lhe

ſe lhe deſſe o melhor. Ainda que ſeus pays o importunavaõ com premios, nunca os quiz aceitar. Quando morreo, sò tinha huma veronica, & huma imagem da Aſſumpſaõ da Senhora pintada em pano, a qual por vezes tinha levado ao Padre Reytor, dizẽdo, ſeria mais perfeiçaõ, ou naõ a ter, ou ter huma de papel: porem o Superior lha mandou conſervar. As demais alfayas eraõ cilicio de arame, diſciplinas, horas da Senhora, contas, & as ſuas poſtillas de Philoſophia.

6 Nos ſeus exercicios eſpirituais, em eſpecial na oraçaõ, que ſempre tinha em publico, era tal ſua compuſtura, que fazia devaçaõ. Pegouſelhe a doença dos enfermos, q̃ ſervio. No tempo da infermidade deu muyta edificaçaõ. Querendo huma vez melhoralo de cama limpa, advertio, que foſſe com modeſtia. O amor à obediencia lhe fazia vencer o faſtio. Se lhe perguntavaõ, o que appetecia? Reſpondia, que o que lhe deſſem. Sendo exceſſivos os ardores da febre, era tambem exceſſivo o ſeu ſoffrimento. Recebeo a nova da morte com grande paz, & ſoccego. Confeſſouſſe geralmente. Ficou o confeſſor admirado da grãde pureza de ſua alma; achou, que naõ sò na Companhia, mas ainda ſendo ſecular, viveo em tudo com a innocencia de hum menino de ſete annos dos mais ſezudos, & devotos.

7 Depois de receber com notavel devaçaõ o Sancto Viatico, de cõtinuo fazia a Chriſto, & à Senhora amorozos colloquios. Dizendoſelhe, que naõ canſaſſe a cabeça; reſpondeo, que o naõ privaſſem de taõ grande bẽ, que aquellas couſas naõ canſavaõ, antes alliviavaõ ſua alma.. Entre os ſuaves colloquios veyo finalmente a eſpirar, deixando a todos muytas ſaudades, em eſpecial aos Irmaõs Noviços, dos quais era Sottominiſtro. Seu corpo foi ornado de flores pera a ſepultura, & enterrado na capella, que hoje he de Saõ Franciſco de Borja, onde tambem o fora o Padre Ambroſio Rodrigues, como ſe nem depois da morte quizeſſe o Padre, ficar ſem o ſeu ajudante. Falleceo nove dias depois do Padre Ambroſio Rodrigues em trinta de Outubro de mil ſeiscentos ſincoenta, & oito. As virtudes deſtes dous ſervos de Deos eſcreveo o Padre Affõſo de Caſtilho, Meſtre entaõ dos Noviços, por aſſim lho ordenar o Padre Doutor Franciſco Soares Luſitano, que era Reytor do

Col-

Collegio.

8 Igual caridade teve o Irmaõ Diogo Gomes natural da Villa de Aveyro no Bispado de Coimbra filho de Francisco Rodrigues, & Domingas Fernandes. Era elle guarda da Alfandega de Lisboa. Neste officio se havia cõ grãde inteireza de consciencia. Quiz hum Ministro de justiça, que elle em certo enredo jurasse falso, mas nunca tal cousa com elle pôde acabar. Considerando deste successo os perigos, a que vivia exposto, se resolveo, a ser da Companhia: pera isto foi fallar ao Padre Provincial, pedindo o admittisse pera leigo. Vinha ricamente trajado, vendo-o o Padre Provincial taõ bizarro, fez consigo reparo, de que tanto brio naõ se àmolgaria à ferrugem de huma cozinha, nem a outro officio humilde.

Em Evora aos 20. de Novẽb. de 1658

9 Entendeo o pertendente, onde tirava a suspensaõ do Padre Provincial; & lhe disse: Vossa Paternidade se engana, cuidando, que sou alguem, por me ver luzido, mas nada sou, sò pera que o mundo faça caso de mim, me trato nesta forma. Foi continuando sua pertençaõ, & finalmẽte admittido, entrou na Companhia em Lisboa aos sete de Setembro de mil seiscentos sincoenta, & quatro, tendo vinte annos de idade.

10 Pouco tempo esteve em Lisboa, porque foi mandado pera o Noviciado de Evora. Alli procedeo sempre como sancto. Prezavase muyto do seu estado, & de andar por casa com chapeo, que naquelle tempo se introduzio nos do seu estado, pera haver a devida distinçaõ entre os Irmaõs Coadjutores, & os Estudantes. Aos Padres guardava tanto respeito, que naõ podiaõ acabar com elle, que em sua prezença se assentasse. Aos Irmaõs Estudantes tinha tambem muyto respeito. Era no seu fallar muy prudente, & de poucas palavras.

11 Por ser de caridade conhecida, em acabãdo o Noviciado, o fizeraõ infermeiro. Era incansavel em servir os doentes, sem mostrar algum enfadamento, nem dizer palavra, com que magoasse, ou desse sinal de impaciencia. Huma vez lhe deu hum doente frenetico huma grande bofetada, a qual elle recebeo com a boca chea de riso, alegrandose, de que o seu trabalho tivesse este premio.

12 Dezejava tanto padecer, que quando os Superiores mandavaõ algum Irmaõ Coadjutor pera Collegios pe-

quenos, onde havia mais, que padecer, lhe invejava a sorte. Quando soube, que sua Magestade ordenava, que fossem Religiosos do Collegio servir os muytos doentes do exercito, elle se offereceo com instancia, ainda que naõ foi despachado, por ser necessario pera os doentes de casa, cujo numero creceo tanto, que chegaraõ a vinte, & quatro juntos.

13 A todos assistia naõ só de dia, mas athe a meya noyte. Escassamente se encostava pouco tempo, a tomar algum sono, logo se levantava, pera acodir aos medicamẽtos, que se haviaõ de dar antemenhaã. Dandolhe por cõpanheiro a hum Irmaõ Noviço, o naõ aceitou, dizendo, q̃ faria falta em o Noviciado, & os Irmaõs estudãtes quebrariaõ os peitos com o pezo do refeitorio, que fazia o Irmaõ, que lhe davaõ.

14 Pegouselhe finalmente a doença maligna, de que curava aos outros, andou em pé, em quanto o mal deu a isso lugar. Cahindo na cama, mostrou grande paciencia, & conformidade com a vontade de Deos. Tinha particular agradecimento a qualquer cousa, que se lhe fazia. Recebidos os Sacramentos, acabou seus dias aos vinte de Novẽbro de mil seiscentos sincoenta, & oito.

Evora 29. de Março de 1659

15 Naõ he bem, passe neste lugar em silencio ao P*adre* *Affonso Freyre*, ainda que delle sò acho escrita a morte, & causa della, que assaz igualou, ou ainda venceo os raros exemplos de virtudes, que daõ materia a escritura comprida. Naceo na Villa de Montalvaõ no Bispado de Portalegre, seus pays se chamavaõ Affonso Dias Forçado, & Maria Freyre de Andrada. Tendo dezanove annos de idade, entrou na Companhia em Lisboa aos quatorze de Julho de mil seiscentos quarenta, & seis.

16 Estudava em Evora Theologia, quando sobreveyo o contagio nacido do sitio de Badajòs. Elle foi dos que com particular caridade, hia servir os doentes no hospital da Universidade. Pegouselhe o contagio, com a força do mal teve delirios, nestes se descobriraõ seus bons habitos, porque lhe davaõ, em levantar as maõs a modo, de quem orava, fazer cruzes, como quando dizia Missa. Falleceo aos vinte, & nove de Março de mil seiscentos sincoenta, & nove. Foi sempre Religioso de virtuosos costumes, & digno, de que Deos lhe desse a morte em taõ sancto ministerio.

CA-

CAPITULO LII.

Vida do Padre Balthezar da Costa Missionario de Madurê.

Consagrase às missoẽs, & dase huma summaria noticia do rigor da vida, que seguio.

Na navegaçaõ pera a India 21. de Abril de 1673.

1 O Padre Balthezar da Costa foi homem de espirito agigantado, Missionario incansavel da missaõ de Madurê, pay de muytas, & muy florentes Christandades. Naceo na Aldea-nova Bispado da Guarda, freguezia de Saõ Pedro, seus pays se chamaraõ Antonio Lopes, & Izabel Sarayva. Entrou na Companhia em Lisboa aos vinte de Junho de mil seiscentos, & vinte, & sete, tendo quatorze annos de idade. Em Coimbra estudou latim, & Philosophia, sendo de taõ poucas forças, que estava julgado por tizico. Neste tempo succedeo o estupendo milagre, que Saõ Francisco Xavier obrou no Padre Marcello Mastrili. O qual passou à India no anno de 1635. sendo trinta, & tres os da Companhia, que o seguiraõ no mesmo anno. Entre elles foi hum o nosso Padre Balthezar da Costa. Eraõ os Medicos de parecer contrario, & dissuadiaõ a jornada. Mas prevaleceo o seu fervor, & Deos mostrou nelle, que sendo fraco, o escolhia, pera confundir aos fortes, & robustos, como se verà dos immensos trabalhos, que soffreo, & aturou. Porem concorreraõ nisto cousas de notavel fervor. Este Padre o anno antes, que partio, tinha sido avizado pera a India, mas por doença naõ pôde hir. No anno seguinte, ainda que pertendia com fervor, o naõ queriaõ deyxar hir, por estar muy atenuado, & como tizico. Chegouse o tempo, o Padre Provincial no Collegio de Coimbra avizou alguns, estando a Comunidade junta na capella, como he costume; vendo o Padre Balthezar, que nelle se naõ fallava, se lançou aos pés do Padre Provincial com tantas lagrimas, & fervor, dizendo tais cousas, que suppostas as antecedentes pertençoẽs, se julgou ser o negocio de Deos, & assim o avisou. Foi destinado pera a provincia de Cochim; aonde, acabados os seus estudos, esteve dous annos na costa da Pescaria, que foi o mimo das missoẽs de Saõ Francisco

cisco de Xavier.

2 Estando alli,ouvio dizer , como novamente se convertiaõ os Pareâs:aos quais os Padres Bramanes,que sò entaõ estavaõ na missaõ de Madurẽ, naõ podiaõ bautizar, nẽ administrar os Sacramentos, por serem os Pareâs de casta bayxa,& ser cousa abominanda entre aquellas naçoẽs,tratarem os Bramanes, que saõ alli o destillado da nobreza, com gente de casta bayxa; & o mesmo seria tratar com elles hum Padre Bramane, que ser tido, & havido por infame, & a ley, que ensinava,taõ vil,& bayxa,como aquelles, com quem tratava. Por tanto he preciso no politico seguirem os estilos da terra.

3 Pedio o Padre Balthezar da Costa com grande fervor aos superiores, que lhe concedessem aquella missaõ dos Pareâs; os quais, ainda que por sua casta eraõ vís nos olhos do mundo,nos de Deos eraõ de grande nobreza,pois os comprara com seu sangue. Teve esta resoluçaõ grandes contradiçoẽs, & difficuldades pellos effeitos, que se temiaõ. Porque o veneravel Padre Roberto Nobili fundador da missaõ em traje de Bramane, como depois disse, arreceou, que tomando o Padre Balthezar o traje de Jogue, pera tratar com as castas bayxas, se acabaria o estado de Saniaz Bramane, que na missaõ he de grande authoridade, em ordem á conversaõ das almas, & tratamento dos Principes, & mais castas nobres, de que tanto depende a estimaçaõ da ley, & por conseguinte a conversaõ daquellas barbaras naçoẽs, nas quais se hũ missionario se desviase dos seus costumes politicos, alem de ser tido por execrando, nenhuma cousa faria. Por esta causa os missionarios, q̃ se dedicaõ a ser Jogues, & tratar na conversaõ das castas inferiores, de nenhum modo ham de ter comunicassaõ cõ os missionarios, que saõ Bramanes Saniazes; assim como humas castas com outras a naõ tem. Porem o effeito mostrou, quanto Deos se agradou, & quam util foi o novo modo do Padre Balthezar, de que se colheo fruto immenso.

4 Visto dizermos a debilidade de forças, & saude do Padre Balthezar, vejamos hum como compendio dos seus trabalhos,q̃ elle mesmo escreve em huma carta aos Padres, & Irmaõs dos Collegios de Coimbra, & Evora : exhortãdo-os, a se consagrarem a Deos nas missoẽs. Dis pois assim. Naõ quero gastar tempo em relatar o estado tempo-

ral,

ral, coſtumes, & ritos deſtas terras, aſſim porque ja em outra o fiz largamente, como porque naõ ſei ſe ajudarà a meu intento, que he perſuadir a todos, que nos venhaõ ajudar. Porque ſe diſſeſſe tudo, o que por aqui ſe paſſa, naõ ſei ſe alguem desfaleceria, ſó com imaginalo, quanto mais em o ouvir, & experimentar: mas por outra parte, como he de prudentes, pezar as forças com o trabalho; por ſe naõ pôr a riſco de o deyxar no melhor, dando occaſiaõ à ſe rirem delle; naõ me parece, que errarei, ſe diſſer alguma couſa do muyto, que neſta terra padecem os Miſſionarios.

5 Primeiramente a terra he deſabridiſſima em tudo; porque ſe conſideramos a variedade do tempo, que nella corre; hora tem calmas exceſſivas, & ſem nenhum refrigerio, hora ventos importuniſſimos. Ja vos perſeguẽ as geadas, que ſaõ neſte clima noviciſſimas: ſe nos abrigamos do vento, he como tomar ſuadouros; ſe fugindo ao exceſſivo calor, nos queremos arejar hum pouco, cegaõ os olhos cõ o continuo pô: fica o corpo quebrantado, & moido; & o roſto açoutado com a area. E ſe por evitar a calma, ſe pertende fazer a jornada de noyte, naõ o cõſente o perigo dos ladroẽs; de que os caminhos ordinariamente eſtaõ infeſtados. Se queremos andar calçados, às duas paſſadas ficaõ os pés feitos chagas pella dureza do couro das alparcas, que aqui naõ ſabem cortir, nem temperar. Se deſcalços, aos dous paſſos ſe abrazaõ os pés.

6 E neſta parte ſei eu, aquem aconteceo, indo pella praya do mar eſtazado com ſede, querer afaſtarſe hũ pouco pera huma povoaçaõ, em que havia agoa, & com naõ ſer mais diſtante, que de hum tiro de pedra, quando ſe vio no meyo do caminho, eſteve taõ deſeſperado do ardor da area, que por mais, que paſſou os limites da modeſtia, dando ſaltos, quando chegou a meterſe debayxo de huma arvore, que primeiro pode alcançar, foi ja com os pés cheos de empôlas, & o roſto cheo de lagrimas; & ao que ſe lhe reprezentou, ſe o caminho fora outro tanto, ſem duvida alli ficaria deſemparado das forças. A pelle do roſto, & maõs ſe tem mudado tantas vezes, que ja me naõ atrevo contalas.

7 Ja ſe he tempo de chuvas, & por entre vargias de arrôs, como de ordinario aconteſſe na Reſidencia de Tricherapali, & Tanjaor, ſe naõ ſe vay muy attento, nos achamos

chamos enlameados; & nem com o tento nos livramos de outra peyor, que he perder as unhas polgares com a força de firmar os dedos, por naõ escorregar. Em effeito eu sei, quem as tem perdido sinco, ou seis vezes.

8 A habitaçaõ he em palhotas, cujas portas naõ merececem este nome, mas de buracos. E quando se hum naõ percata, ou se acha com a testa escalavrada, ou com as costas esfoladas. O dormir, quando sobre huma taboa, he cama branda, sem outro colchaõ, que huma pele de Tigre, ou veado. O comer, podese dizer, que he de passaros; porque paõ, nem biscouto, só o vemos, quando decemos às prayas a algum negocio da Missaõ; & ao arroz só se acrecentaõ algumas ervas, ou legumes; & quando se acha hum pequeno de leyte, he dia de Pascoa. E isto nos Padres Bramanes he indespensavel; & nos Jogues, posto que a regra seja mais larga, com tudo he taõ estranhado nestas terras ao menos aos Religiozos, & penitentes, quais nos professamos ser, que haverâ grande escandalo. E assim se alguma vez como a furto, & quando nos ajuntamos se cozinha alguma cousa de carne, está o estamago taõ fraco, que a naõ pode digerir. Pello que, quando somos hospedes de algum dos companheiros, & se pode descobrir algum peyxe, que he raro, fica o banquete perfeito. Vinho nem por imaginaçaõ, mas nem que fora licito o bebelo, que he abominavel, se poderia fazer, porque escassamente o temos pera a Missa.

9 Nem o assima ditto he o maior trabalho, porque em fim, *Consuetudo est altera natura*; & assim posto que ao principio naõ deyxe de custar, passados alguns annos, naõ causa tanta pena. O que mais aqui se sente, he o trabalho das confissoẽs, que jâ he inaturavel, porque como os Christaõs sejaõ muytos mil, & se querem confessar a meude, naõ hâ jâ forças, que sustentem este pezo. Jâ acodir aos doentes, dous, & tres dias de caminho, demanda forças agigantadas, & he isto taõ ordinario, que athe os gentios pasmaõ, de nos ver andar sempre em huma roda viva; & como estes saõ taõ intereceiros, naõ se podem persuadir, senaõ que nos vem disto grande proveito: & quando lhe dizem, que só nos obriga a isto a caridade, poem a maõ na boca, sinal entre estes de espanto.

10 Tudo o ditto he paõ, & mel em cõparaçaõ dos con-

cõtinuos oprobrios, que nos dizem, & injurias, que nos fazem; ſendo tantos os inimigos, & taõ cõtinuos os ſobreſaltos de coraçaõ, que muytas vezes, *tædet etiam vivere*,& ſó quem os experimenta, os pode entender. Naõ temos lugar ſeguro; & por iſſo ſó o breviario, & algum livro eſpiritual cõ algum pouco dinheiro pera o gaſto temos comnoſco; & o mais temos repartido em varios lugares. He a gente deſta terra a peyor, que ſe pode imaginar. O governo a meſma tirania, & deſordem: & aſſim pera nos fazerem mal, naõ he neceſſario poder, ſenaõ querer: & iſto tanto mais â ſua võtade, quanto naõ tem temor algum de ſerem caſtigados; & aſſim conſiderando o odio, que nos tem os Jogues, & ſeus ſequazes; he particular providencia de Deos, naõ nos matarem por eſſes caminhos, que de ordinario andamos. Pois conſiderar, quam perſeguidos ſaõ eſtes novos Chriſtaõs, & as afrontas, que padecem cada dia, ſendo huns excomungados da caſta, & outros roubados dos Governadores das Aldeas, & todos os mais oprobrios, que ſe podem imaginar, iſto ſem lhes podermos valer, he golpe, que penetra o coraçaõ.

11 Se na terra faltaõ chuvas, toda a culpa he dos Chriſtaõs. Se ha doenças, à Ley de Deos ſe attribuem. Se morre algum Chriſtaõ, logo os gentios o attribuem à Ley de Deos. Em fim naõ hà mal, cuja cauſa ſenaõ atribua à Ley de Deos. Porem por outra parte nos naõ falta a Divina miſericordia com enchentes de conſolaçoẽs, que temos, de ver em terra, que hâ taõ poucos annos era mato bravo, & eſteril, taõ grande numero de Chriſtaõs. Sua Fé, ſua devaçaõ, & piedade, & o amor, que nos tem, faz afugentar todas as melancolias, & convertem os eſpinhos em rozas. E aſſim ſe ſe pezar o trabalho, & affliçoẽs em huma balança cõ a conſolaçaõ, & goſto, com que o Senhor nos anima na outra, naõ hâ duvida, que deſaparecem os trabalhos, & triſtezas, & ſobrepuxa a conſolaçaõ, & alegria; mas porque iſto baſta pera noticia, do que aqui paſſa em geral, deçamos ao particular das Reſidencias. Athe aqui aquelle paragrafo com as palavras do meſmo Padre. Nem he neceſſario fazer ponderaçoẽs ſobre o referido, que bem ſe ve, o que he; & que homens ſejaõ aquelles, que Deos eſcolhe pera taõ glorioſos empregos: fazendo de homens enfermiços, qual era o Padre Balthezar da Coſta, naõ digo

Hercules, nem Atlantes, mas homens ao parecer ſobre todo o fingimento alentados.

CAPITULO LIII.

Sũmaria noticia do diſcurſo de ſua vida.

1 COmo naõ me vieraõ à maõ meudamente todas as obras deſte varaõ Apoſtolico, referirei neſte capitulo hum reſumo, que tratando de ſua morte faz delle o Padre Andre Freyre Miſſionario de muytos annos da meſma Miſſaõ de Madure, & teſtimunha dos ſeus trabalhos. Nelle, como em breve mappa, nos deyxou em memoria os dilatados eſpaços da grande esfera do Padre Balthezar da Coſta. Diz aſſim o Padre Freyre, quero uſar das ſuas palavras, que foi nellas muy ajuſtado.

2 Começou logo o novo Jogue de Chriſto a prégar com taõ grande eſpirito, & fervor; que em breve tempo ajudado do Ceo, bautizou muytos milhares de almas; naõ avendo, quando elle veyo, mais, que quinhentas neſta Miſſaõ, que avia quarenta annos tinha começado. O Padre Balthezar da Coſta foi o que primeiro nella introduzio catequiſtas; & o primeiro, que pregou a Ley de Deos no Reyno do Tanjaor, & na provincia de Satiamangalaõ. Elle foi, o que logo buſcou novos companheiros pera eſta empreza, fazendo delles taõ boa eſcolha, como ſabemos. Elle foi o que com ſua grande prudencia, & experiencia, dirigindo aos de mais companheiros, lhes enſinou o modo, cõ que ſe haõ de aver no meyo de naçoens taõ barbaras, & alheas de toda a razaõ, & juſtiça. Em fim elle foi, o que depois do Padre Roberto Nobili trabalhou neſta Miſſaõ mais, que nenhum outro. Tendo o Padre Roberto Nobili a gloria de plantar, como Paulo, & o Padre Balthezar da Coſta a de regar, como Apollo.

3 Se quizermos referir os trabalhos, que eſte ſervo de Deos padeceo neſta Miſſaõ; neceſſario nos ſeria fazer hum livro inteiro. Quem ſe naõ admira das jornadas, que fez, & dos compridos caminhos, que andou deſcalço, morto de fome, & ſede; chegando a naõ comer dias inteiros, por naõ achar, que comer; & algumas vezes deyxando de co-

mer,

mer, por naõ escandalizar. Nos rios, nas serras, nos matos entre ladroẽs foraõ grandes os perigos, em que se vio, & os trabalhos, que padeceo. Por duas vezes caminhando pellas vargias, & terras alagadiças do Reyno de Tanjaor, perdeo as unhas dos pés pellas fixar no lodo, em que com difficuldade se pode caminhar.

4 Algumas vezes passando tambem a pé descalço as serras do Maleame, experimentou entre os arreceyos dos elefantes, e tigres, o mao trato, que alli daõ as sanguixugas em tempo de inverno. Outras vezes escondido nos matos por razaõ das guerras, alem de alli ser grande o incomodo de todo o necessario, padeceo grandes afliçoẽs; porque os Mouros, que andavaõ dando saque, o despiraõ, & lhe rasgaraõ huma orelha, quando lhe tomavaõ as arrecadas, que em ambas tinha; & os ladroẽs naturais andavaõ fazendo consulta, pera tambem o roubarem naquella occasiaõ.

5 Finalmente tres vezes foi prezo pellos inimigos da Fé, huma em Satiamangalaõ com os Padres Manoel Martins, & Joaõ da Silva, despindoo, & deyxandoo nû da cintura pera sima, & atandolhe fortemente com huma corda os braços atraz pellos buchos, & depois de lhe darem de bofetadas, foi sentenciado a ser afogado com os outros dous Padres no rio. Porem revogandose esta sentença, foi cõ grande afronta juntamente com elles desterrado. Outra vez foi prezo em Tanjaor, maquinada sua prizaõ pellos Mouros, que naquella cidade moravaõ, grandes inimigos da Ley de Deos. A terceyra com o mesmo odio, porem cõ grande ançia de dinheiro, o prendeo hum Governador na provincia de Tricherapali. Destas duas vezes o quizeraõ por em grilhoẽs, porem Deos de ambas o livrou logo, assim como tinha livrado da primeyra. Todos estes, & semelhantes trabalhos levava o Padre Balthezar da Costa com taõ bom rosto, que quando jâ depois de ter sido Provincial, os podia escusar, tornou a buscalos, vindo outra vez pera esta Missaõ, & pera a mesma Residencia, que deyxou quando foi chamado pera o governo.

6 Naõ teve esta Christandade a sorte de gozar de sua prezença athe o fim da sua vida, assim como a teve de ser augmentada tantos annos com seus trabalhos, porque dahi a seis mezes foi enviado a Roma com os negocios da Provincia. Mas como se apartou só com o corpo, ficandolhe

câ o coraçaõ, naõ fez em Europa mais detença, que a que os negocios pediaõ precizamente. E assim com bom numero de grãdes, & fervorosos Missionarios se partio logo pera a India. Foi Deos servido, que naõ acabasse aquella navegaçaõ, mas, que logo aos quarenta dias depois da sua partida da barra de Lisboa de huma maligna na altura da linha acabasse a vida, com grande sentimento dos Padres, & Irmaõs companheiros, que trazia consigo, & de toda esta Missaõ, & Christandade, a que tinha deyxado. Perdẽdo todos nelle Pay, Mestre, & Pastor, que perto de trinta annos effectivos tinha trabalhado nesta Christandade com taõ grande fervor, & espirito, como experimentàmos, & experimentou tantos trabalhos, como sabemos.

6 Era o Padre Balthezar da Costa Pay desta Missaõ, & Christandade, naõ só, porque depois do Padre Roberto Nobili seu dignissimo fundador, a augmentou como vimos, mas porque tambem a todos amava como a filhos muy queridos. Era Mestre por razaõ dos muytos, & bons documentos, que lhes deyxou, sendo elle o primeyro, que punha em praxe, o que ensinava, & que observava os preceytos, que dava. Era pastor taõ vigilante, que de todos tinha cuidado, & a todos acodia com o pasto de saudaveis conselhos, & doutrina: esta foi a razaõ, porque muytos annos nesta Missaõ naõ teve Residencia particular, porque de todas tinha cuidado, como se todas pera elle fossem huma sô. E posto que os mais Missionarios nesta Missaõ sejaõ pera os Christaõs Pays, Mestres, & Pastores, o Padre Balthezar da Costa entre todos, os que athe agora nella ouve, teve a gloria de ter mais filhos, que amasse; mais discipulos, que ensinasse; & mais ovelhas, que apacentasse; porq̃ elle por sua maõ bautizou nesta Christandade a mais de vinte mil almas, numero, a que me pareçe, nenhum dos outros Missionarios della tem chegado. Athe aqui o Padre Andre Freyre; quando referir a morte do Padre Balthezar da Costa; apontarei as palavras cheas de sentimento, com que nella falla este grande Missionario, & grande imitador do Padre Balthezar da Costa. Agora contarei alguns de seus trabalhos, de que tive noticia: que nada saõ em comparaçaõ, dos que nos ficaõ pór dizer; se os tivera em papel todos, dera por bem empregado o tempo, que gastasse em os trasladar, pera que todos os pudessem ler, & admirar.

C A-

CAPITULO LIV.

Alguns successos da vida do Padre Balthezar da Costa, & sua felis morte.

1 NO anno de 1653 pello mez de Julho se hia o Padre Balthezar da Costa recolhendo da Igreja de Candalur pera a Residencia de Tanjaor, quando passou por huma aldea, em que avia presidio de soldados, por ser fronteira. Estava o Capitaõ do presidio, & governador daquelle destricto fazendo abrir huma valla pera as vargias do arroz por ser principio das sementeiras. Vendo elle passar ao Padre Balthezar da Costa, perguntou aos prezentes, quem era? Respondeo hum, que era hum Pandarà, que residia em Candalur. Entaõ disse outro: irâ bem provido de dinheiro. Naõ foi necessario mais, pera o Governador o mandar prender, & levar a hum templo dos idolos com mais tres moços, que acompanhavaõ o Padre. Depois de meya hora foi elle em pessoa ao Pagode, tratou mal de palavra ao Padre, porque lhe tinhaõ ditto, era inimigo dos seus Deozes. Logo mandou dar busca a tudo, o que levava: & tudo vinha a ser o seu breviario, alguns livrinhos, & o aviamento da cozinha, que naquella terra sempre anda com os Missionarios; pera fazerem comestivel esse pouco de arroz, com que se sustentaõ.

2 Como naõ achou cousa, que fartasse sua cobissa, mãdando pór tudo a rol, juntamente mandou despir aos moços, & em ultimo lugar ao Padre; sem lhe valerem os protestos, que fez da licença do Regulo, pera assistir naquella terra. Só lhe concedeo ser a busca em lugar afastado, por assim o pedir o Padre, alegando ser cousa muy indecente despir a hum Religioso diante de tanta gente. Tres foraõ os deputados pera darem a busca, & elles a deraõ com tanta curiosidade, que athe a touca da cabeça lhe tiraraõ, & apalparaõ o nô do cabello. Conforme a sua diligencia nẽ hum alfinete podia escapar. Encomendouse o Padre às almas do Purgatorio prometendolhe duas missas. Foi cousa notavel, que tendo elles por vezes as maõs sobre oito patacas, que o Padre levava pera o seu sustento, & dos companheiros,

panheiros, Deos os cegou de ſorte, que as naõ viraõ.

3 Feita eſta diligencia, vendo o Governador, que naõ deſcobria, com que fartar ſeu appetite, mandou buſcar quatro grilhoẽs, & humas algemas pera o Padre, & ſeus companheiros. O que levou o recado, alem de chegar tarde a caza do ferreyro, ſem fazer menſaõ de grilhoẽs, diſſe, que o Governador o chamava. Veyo o ferreyro jâ depois do meyo dia; perguntandolhe o Governador pellos grilhoẽs, reſpondeo, que ſó lhe diſſeraõ; que elle o chamava, & nada mais. Voltou logo a toda a preſſa, & dentro de huma hora chegou com os grilhoẽs, mas a tempo, que o Governador lhe naõ podia dar audiencia, por ter entre mãos outros negocios. Em quanto ouve eſta detença, entrou a fallar com o Governador outro Governador, que ſabia da licença, q̃ o Padre tinha do Regulo, pera nas ſuas terras prégar. Eſtranhoulhe ſeus termos, tendo inquirido primeyro a cauſa de eſtar alli o Padre. Por fim de tudo mandou entregar ao Padre, quanto ſe lhe tinha tomado, & que ſe foſſe em boa paz. Hum dos tres, que acompanhavaõ ao Padre, pera ter cuidado do cavalo, & era Chriſtaõ Pareâ, moſtrou bem o amor, que tinha a ſeu Meſtre, quando entendeo, que o prẽdiaõ, porque ſe poz a chorar, & pedio a huns ſoldados, que rogaſſem a ſeu Capitaõ, que ſoltaſſem ao Padre, que elle ficaria em ſeu lugar, & ſe foſſe neceſſario, daria a cabeça cõ tanto, que deyxaſſe ir ao Padre em paz.

4 Naõ tardou Deos em caſtigar eſta inſolencia, porq̃ logo no dia ſeguinte eſte Governador foi prezo, & muy bem eſpancado dentro no meſmo Pagode, aonde prendera ao Padre; & lhe botaraõ os grilhoẽs, que elle queria lançar ao Padre. Caſtigo, que athe os gentios aplaudiraõ por bẽ merecido. Querendo elle fugir do Pagode, ſe lançou de huma parede a bayxo, mas quãdo chegou ao chaõ, ſe achou bem eſcalavrado, & ſem alguns dentes. Sendo, que eſcapou, foi logo buſcado; & achado, lhe deraõ tantos açoutes; que em breves dias acabou miſeravelmente ſua vida: com geral eſpanto dos gentios, que tanto a olhos viſtos viraõ o caſtigo, que tinha merecido, por afrontar ao ſervo do verdadeiro Deos.

5 Na Reſidencia de Candalur fez a Deos grandes ſerviços. Fica eſte ſitio nos matos, por iſſo podiaõ os Pareâs gentes de bayxas caſtas acodir â quelle lugar, a receber

os

os Sacramentos. Dalli animava tambem a Refidencia de Tricherapali, que he como o coraçaõ de toda a Miſſaõ, por ficar no meyo, & ſerem os Chriſtaõs muy fervorozos, & amigos de ſe confeſſar a meude. Pera declarar eſte fervor, conta o Padre Andre Freyre, o que a elle lhe ſuccedeo. Por auzencia do Padre Balthezar da Coſta, foi neceſſario, que o Padre Andre Freyre acodiſſe a Tricherapali a confeſſar os enfermos, porque ſegundo eſtavaõ os tempos, naõ convinhaõ concurſos, por evitar alguma perſeguiçaõ. Logo que ſouberaõ, que o Padre ſó determinava ſacramentar os doentes; todos ſe fizeraõ doentes, acarretando enfermidades, que avia muytos annos tinhaõ tido; & outras habituais, que allegavaõ; pello que ouve o Padre de os cõfeſſar a todos, tendo por menos eſte trabalho, que o de examinar ſuas doenças.

6 Em Candalur lhe deu naõ pequeno trabalho hum paſtor, que governava parte daquelles matos; determinou eſte prender ao Padre perſuadido, que delle tiraria bom dinheiro. Valeolhe ao Padre ter aviſo dos deſignios deſte homem. Tratou de os contraminar, mandando vizitar por hum Catequiſta ao Governador de todo o Candalur. Fez o Catequiſta a vizita com o ſucceſſo dezejado. O prezente, que offereceo, foi hum rolo de cera branca, que eſtimou muyto, por ſer couſa entre elles nova. O de que mais ſe eſpantou, foi da habilidade, com que o pavio eſtava metido na cera, & de como a cera tomara a cor branca, ſẽdo antes preta. Ouveſe formaõ, no qual ſe encomendava ao paſtor a honra, com que o Padre, & ſuas couſas deviaõ ſer tratados, & que o ajudaſſe na obra da caza, que queria fazer em Candalur. Com iſto ſe naõ canſou elle, mas naõ entendeo mais em o moleſtar.

7 O fervor, & grande devaçaõ dos Chriſtaõs, que alli ſaõ como os da primitiva Igreja, he todo o alivio dos Miſſionarios. Em Tricherapali fez hum bautiſmo, que lhe deu eſpecial conſolaçaõ. Huma Bramana Chriſtãa, vendo, que huma ſua ſobrinha filha de hum ſeu Irmaõ gentio adoecera gravemente, fez com ſeu irmaõ, que naõ impediſſe a Mutamal, que era a ſobrinha enferma, o ouvir o Catecíſmo, & receber a Ley de Deos. Era Mutamal de nove annos, mas de entendimento raro: por iſſo ſe fez logo capaz das verdades da Fé, & o Padre Balthezar da Coſta lhe deu

o bau-

bautiſmo admirado da capacidade, que via em taõ poucos annos. Apertando com ella a enfermidade, moſtrava notavel conformidade com a vontade de Deos, perguntandolhe, ſe queria ir pera o Ceo; reſpondia que ſim, moſtrãdo grande dezejo, & affecto.

8 Quando eſtava jâ muyto mal, ſua boa tia a tomou nos braços, & levou à Igreja, aſſim pera ſe lhe fazerem as ceremonias do bautiſmo, como pera ſe confeſſar. Huma, & outra couſa ſe fez, ſe bem que a confiſſaõ pouco neceſſaria lhe era; fez os actos de contriçaõ, & os mais com ſingular affecto, indice de hum coraçaõ acezo em amor de Deos. Chegouſe a hora do ſeu feliz tranſito; a noyte antes delle, pedio, & importunou a ſua tia, que a levaſſe à Igreja. Ouve ella em amanhecendo de lhe cumprir os dezejos. Tomou-a nos braços, & comeſſou a ir pera a Igreja acompanhada do pay de Mutamal, & de outra Bramana, os quais ainda que gentios naõ eraõ mal affectos a noſſa ſancta Ley. Porem Mutamal no meyo do Caminho inclinando a cabeça, mais como quem queria dormir, do que quẽ eſtava pera morrer, eſpirou ſuaviſſimamente nos braços da ſancta, & virtuoza tia.

9 Continuou a tia o caminho, athe entrar com a ſua Mutamal na Igreja. Nella ſe achava entaõ o Padre Andre Freyre, o qual diz, que com ſeus olhos eſtivera contemplando o roſto de Mutamal, que eſtava taõ admiravel, que mais parecia viva, que defuncta, reſumbrando no cadaver frio a graça, & gloria, de que ſua bemdita alma gozava entre os Anjos. Foi enterrada na Igreja de Tricherapali junto das ſepulturas dos dittozos Miſſionarios Padres Manoel Martins, & Gabriel Lentecoſchi. Notouſe, que aſſiſtindo alguns Bramanes Chriſtaõs, & ſendo naquellas terras couſa repugnante, a ſe enterrarem os corpos nas Igrejas, nenhum fez diſſo reparo; antes ſe perſuadiraõ, que Deos os ajuntou alli; pera ſer ſepultado com mais apparato o corpo da menina Mutamal.

10 A Igreja de Candalur, onde o Padre mais aſſiſtia (ſe ſe pode dizer, que fazia aſſiſtencia, quem ſempre andava de humas em outras partes, onde o ſerviſſo de Deos, & bem do proximo o pedia) era dedicada a Saõ Franciſco de Xavier, o ſancto naquella Igreja fazia muytos favores, em eſpecial aos cazados, que naõ tinhaõ filhos. Hâ entre aquellas

aquellas naçoẽs tal ancia de ter filhos, que naõ pode pera elles haver couſa de maior pena, que a falta deſtes. Dous Pareâs viviaõ neſta deſconſolaçaõ, vindo à Igreja a cõmunicaraõ ao Padre Balthezar da Coſta. Inculcoulhes a devaçaõ do Sancto; aceytaraõ o conſelho com taõ bom effeito, que da-hi a mezes vieraõ à Igreja com hum menino; deyxando ao Sancto a offerta, que lhe tinhaõ prometido, ſe lhe alcançaſſe de Deos hum filho.

11 Em Candalur reſidio o Padre Balthezar da Coſta athe o fim do anno de 1666. animando tudo com ſua prezença. De ſorte, que dava animo a todos os mais companheiros, que nas outras partes reſidiaõ, & pera elles era refugio,& emparo em todas as occaſioẽs.Com ſer taõ trabalhoſo o poſto, em que eſtava, por haver de acudir a tantas partes; dizia elle, que nunca neſta Miſſaõ tivera tempo de mayor deſcanſo. Na verdade aſſim era, porque comparado eſte trabalho cõ o de vinte,& ſete annos,que athe entaõ tivera de miſſaõ em peregrinaçoẽs continuas, em certo modo o prezente trabalho ficava ſendo como deſcanſo. A ſancta obediencia neſte tempo o mandou ſer Provincial do Malabar. Logo ſe partio pera a coſta da Peſcaria, levando conſigo ao Padre Domingos de Novais, q̃ havia oito mezes entrara naquella Miſſaõ,mas faltandolhe a ſaude,& forças do corpo pera o trabalho, era preciſo hir pera clima mais amoroſo, onde cobraſſe ſaude, & pudeſſe,vivẽdo mais,ſervir a Deos.

12 Depois de exercitar o officio de Provincial com o zelo, & virtude, que delle ſe naõ duvidava; voltou pera a ſua Miſſaõ de Madurê.Mas pouco tempo alli aſſiſtio, porque os Padres o elegeraõ pera paſſar a Europa, & a Roma ſobre os negocios da Companhia, & pera conduzir novos Operarios. Depois de paſſadas eſtas compridas viagens, taõ trabalhozas, como bem ſe deyxa ver,& apalpar: no anno de 1673 tornou a partir de Lisboa pera a India, levando em ſua companhia dezaſeis Miſſionarios eſcolhidos, tres Italianos, & os mais portuguezes, Entre eſtes ſe contava o dittoſo Padre Joaõ de Britto, q̃ naquella miſſaõ padeceo martyrio glorioſiſſimo.

13 Naõ foi Deos ſervido, de que o Padre Balthezar da Coſta chegaſſe à ſua miſſaõ, porque o quiz apremiar cõ a gloria. Quarenta dias depois de ſahir de Lisboa, eſtãdo

a nao nas alturas da linha, passou à bemaventurança. A doença foi huma febre maligna. Foi a morte semelhante à vida, em tudo sancta, & pacifica. Perguntandolhe junto da morte hum dos Padres, se tinha, de que se confessar; respondeo, que pella bondade Divina naõ tinha cousa, que lhe desse pena. Pedindo os Sacramentos da Sagrada Communhaõ, & Extrema-Unçaõ, os recebeo com grande piedade, & edificassaõ dos circunstantes. Depois com grande paz, & soccego deu a Deos sua bem afortunada alma, no anno de 1673. aos 21. de Abril. Em a nao ouve geral sentimento, porque de todos era muy amado, & mais dos seus Missionarios, & do Capitaõ môr, que todos o respeitavaõ, & veneravaõ como a varaõ Apostolico. Em quanto se deteve em Europa, nunca alterou nada do rigor, com q̃ se tratava na Missaõ quanto ao comer, & dormir; naõ comendo carne, ou peyxe, nem bebendo vinho, dormindo sobre as duras taboas.

14 O sentimento, q̃ ouve entre os seus Christaõs; tanto que souberaõ de sua morte, naõ cabe em palavras minhas o explicalo. Direi tudo com as palavras do Padre Andre Freyre, que se preza muyto de ser filho do seu espirito, & companheiro de seus trabalhos; & como outro David na morte do seu amado Jonatas, todo se desfaz em pranto, fallando da morte do Padre Balthezar da Costa.

15 Oh que perda, diz este Padre, oh que perda taõ grande esta de tal pay, tal mestre, & tal pastor! O sentimẽto, que por ella ouve nesta Christandade, naõ o posso encarecer com palavras. Na morte de qualquer outro Missionario temos visto chorar a qualquer destes Christaõs rios de lagrimas; porẽ com as tristes novas da do Padre Balthezar da Costa choraraõ tãto, q̃ as lagrimas pareciaõ hũ mar, tẽdo pera si, q̃ era justo lamentar cõ hũ mar de lagrimas, a quẽ taõ lõge dos seus olhos teve o mar por sepultura. Eu, a quẽ a dor, & sẽtimẽto mais magoa neste passo, lẽbrãdome deste varaõ Apostolico, dou muytas graças a Deos, pello ter escolhido, pera trabalhar tanto nesta vinha, & pello ter levado pera si depois de tantos annos com taõ grandes merecimentos; porque em vida nos animou com seu exemplo ao trabalho, & com sua morte nos deu maior esperança de alcançar o premio, que elle pella misericordia Divina, confiamos, alcançou, pello muyto, que trabalhou.

16 Assim

16 Assim foi sentida sua morte; mas se pella falta, que nos fez com sua prezença, foi muyto pera sentir; por ser taõ felis, foi muyto pera nos consolar. Aonde outros fazẽ naufragio, navegou elle em mar bonança; porque naõ ha taõ prospera navegaçaõ, como a que tem por fim huma boa morte. Dittoso navegante, & dittosa navegaçaõ, em q̃ naõ ouve a carga das drogas, & mercadorias da terra, pera naufragar, mas sò o cabedal das virtudes do Ceo, pera navegar bem. Do Oriente foi, & pera o Oriente navegava outra vez, quando ancorou no occidente da morte; mas se esta o impedio, a tomar o porto na India, seus merecimẽtos o ajudaraõ, pera tomar o da gloria. Quem mais rico, q̃ aquelle, que mais pobre por Christo navega no mar tempestuoso deste mundo. Destas riquezas fez tam bom cabedal o Padre Balthezar da Costa, que este foi o maior, q̃ lhe acharaõ à hora da morte, & o mayor, que sempre lhe invejâmos, os que o conhecemos.

17 Quem mais seguro navega, que aquelle, que no bayxel da paciencia se embarca. Nesta forte embarcaçaõ navegou sempre o Padre Balthezar da Costa ainda em occasioẽs, em que as tempestades foraõ maiores, & os vẽtos mais contrarios. Em fim sua pobreza, sua paciencia, & todas as mais virtudes, que nelle resplandeceraõ, foraõ as drogas preciosas, com que se embarcou, & navegou pera o Ceo, aonde ja o considero.

18 Oh bem afortunado Padre, inseparavel companheiro nos trabalhos! ja descançais no porto, ficando nôs ainda lutando com as ondas neste mar bravo, & tempestuoso. Ja as tempestades se acabaraõ pera vòs, & a nôs ainda nos ameaçaõ. Pera naõ corrermos naufragio, vòs nos sõdastes primeiro a carreyra, como bõ piloto: porẽ como vos perdemos de vista, temerosos em viagem taõ perigosa naõ nos resta mais, que levantar os olhos ao Ceo, & pedir a Deos, que pois vos escolheo pera a empreza gloriosa desta Missaõ, aonde por tantos annos com tanta gloria de seu nome o servistes, nos faça a nòs filhos vossos, verdadeiros imitadores dos exemplos, que nos deyxastes, & das virtudes, que em vòs resplandeceraõ; pera que imitando-vos na vida, vos imitemos tambem na morte. Assim desabafou sua dor o Padre Andre Freyre, homem de tanta virtude, & tantos talentos de Missionario, como em sua vida escre-

vo. Amim ſó me fica hum notavel ſentimento de naõ achar mais noticias deſte ſervo de Deos, que ſem duvida ſeria liçaõ em tudo agradavel chea de muytos exemplos, & trabalhos ſanctos. Mas contentarſeha eſte Apoſtolico varaõ de ſer athe niſto imitador dos Sanctos Apoſtolos; pois ſendo elles os que fizeraõ mais, ſaõ os de quem ſe eſcreve muy pouco em comparaçaõ, do que obraraõ.

19 *D*epois de ter eſcritto o referido neſta vida, encontrei hum grande perigo, de que Deos livrou ao Padre Balthezar da Coſta viſitando a Reſidencia de Madurê. Fazia o Padre ſeu caminho de huma pera outra povoaçaõ a tempo, que os Jogues lhe andavaõ no alcance, & principalmente o Meſtre de todos elles, que ſentia a falta do intereſſe nos diſcipulos, que deyxando-o, abraçavaõ a ley de Deos. Fazendo o Padre ſeu caminho em hũa menhaã ſente vir atràs de ſi com grande preſſa hum magote de Jogues armados com lanças, baſtoẽs, & machadinhas, & pera fazer maior eſtrondo, tocavaõ campainhas, buzios, & chocalhos, no meyo delles vinha cavalgado em hum boy o Meſtre de todos, a que chamaõ Gru na ſua lingua.

20 Chegando perto do Padre, depois de darem alguns impurroẽs no moço, que o ſeguia, avizinhandoſe ao Padre com diabolico furor, lançaraõ maõ da redea do cavalo, & imperioſamente lhe mandaraõ, que paraſſe, & os ſeguiſſe. Conſiderada a ſolidaõ do lugar, & furor, que moſtravaõ, cuidou o Padre, que Deos lhe fazia graça de lhe meter em caſa a boa ſorte do martyrio, que era, o que unicamente dezejava. Perguntoulhe o Padre, que motivo tinhaõ pera aquella furia. Reſponderaõ, que a cauſa era o atrevimento de roubar, & enganar os diſpculos alheos. Ouvindo o Padre eſta repoſta, os citou pera diante do Governador, aquem como a juis, queria dar conta de ſi. Logo deſpedio hum catequiſta ao Paleam, aonde entaõ eſtava o Governador. Foraõ todos pera lâ endireitando o caminho, huns, & outros receoſos do ſucceſſo. Porque os Jogues queriaõ outro juis inferior da ſua parte, que fizeſſe, o que elles ditaſſem.

21 Aſſim foraõ caminhando athe hũa povoaçaõ chamada Marandey, aonde havia vinte Catecumenos Badagâs. Como o canſaço, & horas o pediaõ, deſcançaraõ todos, & o Padre mandou negociar alguma couſa pera comer.

mer. Acodiraõ os Jogues com mil proteſtaçoẽs, & juramentos, que naõ comeſſe; naõ obſtante os ſeus juramentos o Padre ſe poz a jantar, eſtranhando muyto todos, os que paſſavaõ a inſolencia dos Jogues. Sabendo tudo os Catecumenos trataraõ de grangear ao ſeu Maniagar, ou Governador. Eſte ajuntando os principais da povoaçaõ, mãdou recado aos Jogues, que vieſſem a ſua prezença, que elle faria juſtiça, a quem a tiveſſe.

22 O Gru dos Jogues temendo a prezença do Maniagar, pello mao modo, & exceſſo, com que ſe tinha havido com o Padre, & perdendo as eſperanças de o levar a outro tribunal, fingio ſer o acontecimento agoſto ſeu, & convidou ao Padre pera aquelle tribunal. O Padre, que iſto he, o que queria. Por moſtrar, que a ninguem temia, reſpondeo, que aonde quizeſſem, que em toda a parte era o meſmo. As entradas foraõ pronoſtico das boas ſahidas, q̃ teria o negocio. Chegados à prezença do Maniagar, levantouſe eſte fazendo honra ao Padre, mandando-o aſſentar junto de ſi. Nenhum caſo fez do Gru, que naõ foi pequeno deſar pera a ſua ſoberba. So lhe mandou em primeiro lugar, que diſſeſſe as ſuas razoens. Todas ellas ſe reſolveraõ, em que o Padre lhe tirava os ſeus diſcipulos, q̃ eraõ todo o ſeu remedio.

23 Reſpondeolhe o Padre, dãdo primeiro huma breve noticia da ley, que enſinava, o que fazia ſem obrigar a alguem, que a ſeguiſſe, nem a que foſſe ſeu diſcipulo. Que em receber por diſcipulos, aos q̃ de ſua vontade o queriaõ ſer, naõ havia couſa nova: pois a cada paſſo os diſcipulos dos Grus da terra, deyxando ſeus primeiros Meſtres, tomavaõ outros novos. De mais, que elle alem da ſua doutrina ſe differençava dos mais, em naõ levar dinheiro, nem outra couſa alguma por dar o Tixey do verdadeiro Deos (chamaõ Tixey à ceremonia, que faz o Gru, pella qual fica cada hum conſtituido ſeu diſcipulo, & profeſſor da meſma ſeyta, o que nos Meſtres da Ley de Deos ſe faz pello ſancto bautiſmo) que era hum Gru, que ſem olhos no trabalho, ou intereſſe proprio ſó tratava de enſinar aos diſcipulos o caminho da ſalvaçaõ.

24 Naõ eſperou o Maniagar, que a pratica continuaſſe, mas voltandoſe logo pera o Gru gentio, o reprehendeo do atrevimento, & inſolencia de aſſaltar aos peregrinos na

eſtra-

eſtrada, & mais tal peregrino, logo converteo a pratica em louvores do Padre, aqual o Padre atalhou, dizendo, que aquelles Jogues, aquem elle tinha perdoado tudo, vinhaõ cançados, & em jejum, que lhes mandaſſe dar de jantar. Quis o Maniagar convidar o Padre, pera tambem comer; porẽ agradecendolhe o P. a boa võtade, naõ aceitou o cõprimento, mas tornando a encomendar o bom agazalhado dos Jogues, ſe deſpedio: ficando aſſás admirados todos os prezentes, que ſabiaõ pouco eſte eſtilo de perdoar injurias.

25 Na carta annua deſta Provincia de Portugal ſe faz hum grande elogio deſte incomparavel ſervo de Deos. Onde ſe diz, que era homem de muyta oraçaõ, naqual gaſtava boa parte da noyte. Que nunca, por mais que inſtaraõ ſeus parentes, puderaõ acabar com elle, que os foſſe ver, ſẽdo, que ſe deteve muyto em Coimbra, & avia alguns quarenta annos, que eſtava auſente de Portugal.

CAPITULO LV.

Vida do Padre Luis de Mello.

Em Madurê aos 4. de Fev. de 1691.

Daſſe huma breve noticia da Miſſaõ de Madurê, & do Padre Luis de Mello.

1 AInda que todas as Miſſoẽs, em que ſe occupaõ os filhos da Companhia, ſaõ muyglorioſas, a de Madurê, a meu juiſo he glorioziſſima, & cada Miſſionario della, he hum milagre de Miſſionarios. Quando leo as obras, & genero de vida deſtes varoẽs ſanctos, naõ me parece ſaõ homens veſtidos deſte barro, em que vivemos, mas Anjos do Ceo na figura de homens. No que toca ao rigor, com que trataõ ſeus penitentes corpos, baſta dizer, que a mais apertada Religiaõ, & mais auſtera na ſua maior obſervancia, he como couſa pintada a reſpeito da realidade, que reprezenta, em comparaçaõ do rigor, que eſtes ſanctos homẽs conſigo obſervaõ; por aſſim o pedir naquellas terras o bem das almas.

2 Naõ cuide, quem iſto ler, que ſaõ as couſas, que digo, encarecimentos da pena, que eſcreve, ſaõ puras verdades,

des, em que naõ hâ duvida. Estendese a Missaõ de Madurê pellos Reynos de Tanjaor, Madurê, Ginja, Golocondey, & Velur. No anno de 1691 passavaõ as Christandades espalhadas por estes sinco Reynos de cento, & quarenta mil almas. A que acodem, o mais athe dez, ou onze Religiosos da Companhia; andando em huma roda viva de humas em outras Christandades com lidà, & trabalho inexplicavel.

3 Os que trabalhaõ nesta Missaõ pera terem aceytaçaõ dos naturais, & ser estimada a Ley, que prégaõ, se haõ de acomodar ao estilo dos Bramanes penitentes, a que chamaõ saniazes; que entre elles saõ os mais Religiosos, & austeros. Estes costumes politicos usaõ os da Companhia. Por tanto sobre o corpo, anda só huma tunica; os pés descalços, & acabeça descuberta. A cama ou he a terra nua, ou huma taboa. O cubiculo huma palhota exposta às inclemencias do tempo. Os comeres hum pouco de arroz cozido em agoa pura, sem outra cousa, ou, quando muyto, algumas ervas. Carne, peyxe, vinho, & outras iguarias, que em Europa saõ commuas, & com que câ se tinhaõ criado, por nenhum cazo as haõ de tocar; porque isso aos da profissaõ de Saniazes he cousa abominavel, & profana; & se algum tais comeres tocasse, naõ só elle seria tido por homem execrando, mas tambem a Ley, que ensinava.

4 Esse pouco arroz, mal adubado, ou insulso, naõ se hâ de comer mais, que huma vez ao dia. Sendo o jejum tal, & taõ continuo, só por milagre parece, se pode viver entre continuos trabalhos, & perpetuas peregrinaçoẽs, as mais a pé de humas em outras terras; sem nos caminhos aver nem o abrigo das estalagens, nem o sustento, que nestas se acha. Donde o arroz hâ de ir cozido; & deste assim frio, & as vezes corrupto se sustentaõ; & sabe Deos, quantas vezes este lhes falta no meyo das viagens, & cahem desmayados a pura fome. Genero he este de vida, que tomado espontaneamente por amor de Deos, como o tomaõ estes sanctos homens, he indicio de huma sanctidade de marca maior. A tudo se consagraõ os filhos da Companhia, deyxando os Collegios mimosos, & abastados de Europa, pór ganhar almas pera Deos. Eu confesso de mim, que quando leo, & pondero a vida destes gloriosos Missionarios, dentro de mim os venero, como a sanctos muy abalizados, & como

a ho-

a homens ſobre a esfera dos homens. Se algum vem a eſta noſſa Europa, me parece ter diante de meus olhos hum Apoſtolo da primitiva Igreja. E pera na minha opiniaõ ſer ſancto, baſta ſaber, que ſe occupa na glorioſiſſima Miſſaõ de Maduré. Iſto, como diſſe, naõ he encarecimento, mas fallo, o que entendo.

5 Hum deſtes excellentes heroes foi o Padre Luis de Mello, naceo na villa de Anſiaõ do Biſpado de Coimbra. Seus pays ſe chamavaõ Luis Nunes de Mello, & Catherina Freyre. Sendo eſtudante da ſegunda, tendo de idade quinze annos, & dez mezes entrou na Companhia em Coimbra aos quatorze de Fevereyro de 1673, no Outubro ſeguinte foi mandado continuar ſeu Noviciado em Lisboa. Depois dos dous annos eſtudou em o Collegio de Coimbra. Nas ſciencias, que eſtudou, foi em todas muy avantajado, por ſer de ſingular ingenho; & que ſe continuara as cadeyras das Univerſidades, ſeria homem conſumado em letras.

6 Todos eſſes grandes talentos quis, & eſtimou, pera os conſagrar a Deos na Miſſaõ de Madurê. Pertendeo eſta Miſſaõ com ſingular fervor, & eſpirito; & conſeguio o deſpacho de ſeus dezejos. No anno de mil ſeiſcentos, & oitenta ſe embarcou pera a India na fragata Sancto Antonio. Vinte eraõ por todos os Religioſos da Companhia, que naquelle anno foraõ pera as Miſſoẽs do Oriente: todos ſogeitos eſcolhidos; excepto dous eſtrangeiros, os demais eraõ Portuguezes, os quinze Sacerdotes, os tres eſtudantes com a Philoſophia ou acabada, ou quaſi acabada. Homens de ingenhos eſcolhidos,& que eraõ a flor da Provincia de Portugal, como naquelle tempo ouvi dizer, & foi voz cõmua. Por Superior de todos foi o Padre Doutor Pedro de Arouche, que fora Lente de Eſcritura na Univerſidade de Evora, & actualmente era della Cancellario. Em dous de Abril ſe fizeraõ à vela eſtes dittozos Argonautas.

7 Naõ ſe deteve muyto em Goa o Padre Luis de Mello, porque no Outubro de oitenta, & tres entrou na Miſſaõ de Madurê com o Padre Hieronimo Telles. Nella trabalhou incanſavelmente athe o anno de mil ſeiſcentos noventa, & hum. O Padre Gaſpar Affonſo, que quando iſto eſcrevo, em boa, & ſancta velhice he Biſpo de Sancto

Thomé

Thomé no Malabar, na Relação das Missoẽs, & Missionarios da Companhia, que fez no anno de mil seiscentos oitenta, & seis, fallando do Padre Luis de Mello, diz assim: O Padre Luis de Mello Theologo de grandes partes, natural da Villa de Ansiaõ, de trinta, & tres annos de idade assiste na Residencia de Tricherapali, que muytos annos foi corte de Madurê. He o Padre fraco no corpo, mas alẽtado no espirito, com que sem descansar acode ás obrigaçoẽs do seu officio. Tendo só sinco annos de Missionario, tem frutificado muyto, naõ ao compasso do tempo, mas à medida do seu fervor: pois sô o anno de oitenta, & tres bautizou a seiscentos, & trinta. Athe aqui o testimunho deste Religioso, & virtuoso Padre: & hase de advertir, que este anno, de que falla, foi o anno, em que o Padre entrou na Missaõ.

CAPITULO LVI.

Padece o Padre Luis de Mello muytas vexaçoẽs pella Fê.

1 NO anno de oitenta, & sete, tendo este Padre à sua conta a Residencia de Candalur, foi muyto, o q̃ padeceo, & esteve muy perto do martyrio. Alem de que os perpetuos sustos nenhuma outra cousa eraõ, senaõ hum martyrio continuado. Ouve naquelle anno no Reyno fome geral, & das mais atrozes, de que alli avia memorias. Porque as mizerias andaõ encadeadas, a esta fome se ajuntou huma aceza guerra entre o Nayque de Maduré, Rey de Tanjaor, & Regulo do Maravâ, procurando estes tres Principes mutuamente arruinarense huns aos outros, assolando todas as povoaçoẽs, por onde passavaõ seus exercitos. A estes dous males se ajuntou o terceyro dos ladroẽs, que de ordinario assistem nos matos, & serranias do Reyno, donde sahem em grande numero, a fazer suas prezas em tudo, o que podem aver às maõs. Este anno faziaõ tais atrocidades, que mais pareciaõ feras, que homens.

2 Nestes matos assistia o Padre Luis de Mello, mas como tudo andava taõ fora de caminho; & por ser tanta naquelle contorno a falta de agoa, que nem pera beber se achava,

foi o Padre obrigado a mudar de poſto. Paſſouſſe a huma povoaçaõ,em que avia Igreja, & podiaõ a ella concorrer os Chriſtaõs ſem tantos impedimentos, & temores, com que o faziaõ aos matos, por cauſa dos ſalteadores. Chegando àquella povoaçaõ no principio da quareſma, aſſiſtio nella athe a Paſcoa; naõ ceſſava por iſſo de todo o medo dos ladrõs, mas foi Deos ſervido, de livrar a povoaçaõ, em quãto o Padre nella ſe deteve.

3 Tendo recolhido copioſo fructo do ſeu trabalho, ſe mudou pera outra povoaçaõ, que ficava no meyo do deſtrito da ſua Reſidencia, pera dalli acodir mais comodamente aos enfermos, & aos outros miniſterios do ſancto Evangelho. Junto a eſta povoaçaõ eſtava huma fortaleza preſidiada, aonde algumas vezes coſtumava vir o Governador da Provincia. No tempo, que alli aſſiſtia o Padre, ſuccedeo vir o Governador à fortaleza. Tinha dantes o Padre tido com elle ſeu comprimento, mandandoo viſitar por hum catequiſta, que lhe levou ſeu prezentinho, como he eſtilo da terra, que naõ hâ viſita deſtas,ſem ir diante,ou em cõpanhia alguma dadiva. Dera o Governador boas palavras; fiado neſtas o Padre ſe deyxou ficar na povoaçaõ; ainda que ſabia eſtar jâ naquelle tempo prezo o Padre Superior da Miſſaõ Rodrigo de Abreu. Mas eſte motivo tãbem obrigava ao Padre Mello a aſſiſtir no meſmo lugar; porque lhe ficava mais à maõ poder tratar da ſoltura do Padre Superior,como em effeito começou logo a tratar.

4 Naquelle meſmo dia veyo o Governador inſperadamente â povoaçaõ, entrou no patio da Igreja dos Chriſtaõs. Tanto que o Padre Mello o vio, lhe mandou dizer, que hia fallar com elle;porem fazendo, que naõ ouvia o recado, ſem mais demora ſe voltou pera ſua caza. Naõ deyxou eſte accidente de cauſar algum ſuſto no Padre Mello, ſuppoſta a prizaõ do Padre Superior,mas entendeo ſer mais prudencia, perſiſtir alli em tais circunſtancias.

5 Depois de ſahir o Governador da Igreja do Padre, entrou em hum Pagode, ou templo dos Idolos, que eſtava junto da povoaçaõ, & vendoo todo deſmantelado, como couſa, de que nenhum cuidado ſe tinha,voltou pera a fortaleza acezo em colera, & cheyo de eſpirito infernal. Logo de noyte mandou chamar os moradores da povoaçaõ, que quaſi todos eraõ Chriſtaõs. Temeraõ, o que poderia

ſer,

ſer, & recorreraõ por conſelho ao Padre Mello, antes de irem ao Governador; dizendo-lhe, em como eraõ chamados, pera ſerem obrigados a reedificar o Pagode; por quanto hum gentio ſeu capital inimigo, & da ſancta Fé, tinha eſtimulado ao Governador contra os Chriſtaõs. O Padre os animou ao martyrio, concluindo o ſeu arrezoado, que foſſem com grande animo, que naquella empreza o aviaõ a elle de ter ſempre ao ſeu lado.

6 Animados os Chriſtaõs, pedindo ao Padre os encomendaſſe a Deos, ſe deſpediraõ reſolutos a dar a vida, antes, que largar a Fé. Athe as oito da noyte eſteve o Padre eſperando pello ſucceſſo, que teriaõ na fortaleza com o Governador; como athe aquellas horas nenhum vieſſe, julgou, que todos os medos tinhaõ parado em nada. Quando eſtava com eſte penſamento, chegaraõ dez, ou doze ſoldados à caza do Padre & arremeçandoſe a elle, lhe ataraõ os braços atraz taõ cruelmente, que perto de dous mezes lhe duraraõ os ſinais das ataduras.

7 Aſſim amarrado o levaraõ pera a fortaleza com tanta preſſa, & furia, que o Padre naõ ſabia, ſe hia pella terra, ſe pello ar. Pera que foſſe com mais preſſa, huns o empurravaõ, outros lhe davaõ pancadas, dizendo-lhe ſobre iſſo mil injurias. Finalmente depois de bem cançado chegou, aonde eſtava o Governador. O primeyro Deos vos ſalve, com que o recebeo, foi chamarlhe feiticeiro, & diſſe aos ſoldados, que lhe puzeſſem na boca hum oſſo de vaca; que he naquellas terras huma das maiores injurias, que ſe podem fazer: & que aſſim atado o foſſem açoutando pellas ruas, & depois o eſpetaſſem vivo em hum pao, que pera eſte fim tinha mandado arvorar no campo.

8 Intentou o Padre fallarlhe, & apenas abrio a boca, quando hum ſoldado lha tapou, & às bofetadas o foi afaſtando pera mais longe. Porem vendo o Padre, que naõ era tempo de calar, levantou a voz, & diſſe: Que ſeja poſſivel, que ainda ao mais bayxo, & infame por caſta ſe dâ lugar athe no paço del-Rey, pera fallar; & amim me naõ quizeraõ agora ouvir duas palavras, que razaõ hâ pera iſto? Entaõ o Governador ouvindo a queyxa, mandou que o Padre aſſim atado foſſe trazido pera junto ao lugar, onde elle eſtava. Tanto que chegou, lhe fallou pello modo ſeguinte: Se em mim hâ culpas, pera ſe me fazerem eſtas afrõ-

tas, tambem saõ bastantes, pera me tirarem a vida, a qual naõ recusarei dar, avendo em mim culpas, que o mereçaõ; mas se as naõ ha, porque me trataõ, como a ladraõ, & malfeitor.

9 A isto respondeo o Governador: as culpas, que em vós há, saõ, que ensinais a vossos discipulos, que naõ obedeçaõ, aos que governaõ. Que eu ensino tal cousa, respondeo o Padre, he huma grande mentira, senaõ provay-o. Naõ ensinais isto, disse elle, pois porque dizeis a vossos discipulos, que naõ adorem ao Pullear, & aos mais Deozes, que aqui hâ, & nós todos adoramos. Porque lhes dizeis, que naõ sacrifiquem arroz, cabras, & as mais cousas, que se lhe costumaõ sacrificar. Porque lhes ensinais, que naõ tomem, nem comaõ cousa alguma, das que aos Deozes se offerecem. He muyta verdade, respondeo o Padre, que eu lhes ensino tudo isso, nem deyxarei de lho ensinar, ainda que aqui me façais em postas; porque ensinalo, he obrigaçaõ minha, o fazelo he sua vontade; que eu lhes naõ faço força, pera que o façaõ, ou deyxem de fazer; mas só lhes digo, que, o que ouvir minha palavra, he meu discipulo, & o que a naõ ouvir, o naõ he. E isto naõ he ensinar a meus discipulos, que naõ obedeçaõ, aos que governaõ.

10 Vendo o Governador a resoluçaõ do Padre, & tambem a razaõ, que tinha, no que dizia; serenandose mais hum pouco, mandou ao Padre, que se assentasse. A isto respondeo, que o Reo se naõ assentava diante do Juis. Entendendo o Governador, o que nestas palavras significava o Padre, lhe mandou tirar as prizoẽs, & depois assentar junto de si; & foi perguntando as cousas seguintes. O que dizeis, está bem, mas porque heis de ensinar, que naõ hâ Brumá, Visnû, & Rutrén, Deozes taõ celebres nestes Reynos? Dizerem, respondeo o Padre, que eu ensino, que naõ hâ Brumâ, Visnû, & Rutrén, he outra mentira, pois todos assentaõ, que os hâ, & as historias andaõ cheas de suas boas, ou mas obras. O que digo certamente, he, que elles naõ saõ Deozes, pois lhe faltaõ os attributos, que tem o verdadeyro Deos, que eu digo ser suprema, & verdadeyra causa de tudo o creado, & que só este se hâ de adorar como a verdadeyro. Mas pergunto, por eu ensinar esta verdade, porque me aveis de afrontar? Entre innumeraveis seitas, q̃ hâ nos vossos Reynos, duas apontarey, & seja huma a de

Vixnû, outra a de Xivén, ambas entre ſi contrarias. Pergunto agora, o Gurû, ou Meſtre na ſeita de Vixnû naõ enſina a ſeus diſcipulos, que Vixnû he verdadeyro Deos, & tudo o mais falſo, & que ſó façaõ as ceremonias pertencentes a Vixnû, & naõ as de outras ſeytas? E pello contrario o Meſtre na ſeita de Xivén naõ diz, que ſó elle he Deos verdadeyro? Aſſim he, reſpondeo o Governador: & o Padre continuou dizendo.

11 Pois ſe aos Meſtres deſtas ſeytas, enſinando doutrina taõ encontrada, ninguem por iſſo os prende, nem afronta; nem faz injuria a ſeus diſcipulos; porque razaõ me heis de afrontar a mim, & a meus diſcipulos; porque enſino, q̃ hâ hum Deos verdadeyro, & ſuprema cauſa, que naõ he Brumâ, Vixnû, nem Rutrén, nem algum dos outros Deozes, que adorais. A iſto ſó reſpondeo, que em tudo, quanto dizia, tinha razaõ. Logo proſeguio o Padre: Eſta Ley, que eu enſino, naõ he agora nova neſte Reyno, pois ha cem annos, ou perto delles, que aqui a enſinamos; & por ſaberem os Principes, ſer ella boa, nos tem dado ampla licença, pera a enſinarmos, paſſando pera iſſo ſuas proviſoẽs Reais, que eſtaõ em meu poder, & vós o ſabeis muyto bem. Eu vos tenho mandado vizitar naõ por outra couſa mais, que por querer voſſa amizade; & em pago me fazeis iſto? Reſpondeo o Governador, ſer muyta verdade, & que quando o mandara prender, cuidara ſer outro Saniâz, que tinha vindo do poente; & que eſte peccado ficava ſobre elle. Aſſim he, diſſe o Padre, & vos dentro de poucos dias o experimentareis. Entaõ perguntou o Governador, ſe por ventura lhe avia de pór feitiços. Feitiços naõ, reſpondeo o Padre, que he couſa, que naõ ſey, mas o Principe, & ſeus validos vos moſtraraõ a honra, que elles me fazem, & a pouca, que vós me tendes feito.

12 Antes de ir o Padre diante do Governador, tinhaõ aquelles Chriſtaõs, que foraõ chamados, moſtrado ſingulariſſima conſtancia. Tanto que elles chegaraõ a ſua preſença, lhes diſſe eſtas palavras: Vos ſó tratais da voſſa Igreja, & a do Pullear nem ſinal, do que foi, tem já. He neceſſario, que a levanteis, & depois feſtejar ſeu dia, em que todos haveis de adorar, & fazer ſacrificio, como ſe coſtuma nas mais partes. A iſto reſponderaõ dous Chriſtaõs, que eraõ os principais, que elles tal couſa naõ fariaõ, ainda que lhes

lhes custasse a vida. Vendo o Governador tanta resolussaõ, os man dou logo atar com as maõs atraz, & açoutalos com cadeas de ferro, & azorragues de espinhos, com que lhes ficaraõ os corpos em chaga viva. Tornandolhes a perguntar huma, & muytas vezes, se fariaõ, o que lhes ordenava. Respondeo hum delles chamado Muttû, o qual nome quer dizer perola: Ja disse Senhor, que naõ, agora fazei, o que quizerdes. Entaõ o Governador lhe mandou queymar a boca com hum ferro quente, & pendurar pellos pés com a cabeça pera bayxo, no qual tormento esteve mais de quatro horas.

13 Quando estavaõ neste tormento, jâ o Padre Luis de Mello estava junto ao Governador. Nesse tempo alguns soldados lhe hiaõ dizer: Ao menos por esta vez dizei, que fareis, o que ordena o Governador: athe o vosso Mestre, que com elle estâ, diz jâ, que digais, que sim: pera q̃ he padecer tanto, naõ vedes, quam perto estais da morte? jâ o vosso Mestre dâ licença, que mais quereis, ou esperais? A todas estas mentiras respondia o animoso Christaõ: tais licenças naõ ha de dar o meu Mestre; & em caso, que as desse, nunca eu cõmetteria esta maldade; mais quero perder a vida temporal, que he de si caduca, que a vida immortal, que sempre dura. Vendo pois os ministros do inferno, que aquella perola, toda era na constancia diamante; & que o companheiro chamado Xavier, ainda que avia só sinco mezes, que era bautizado, estava nos mesmos propositos, desistiraõ da sua teyma, & empreza. Multou o Governador a toda a povoaçaõ em sesenta patacas, por lhe terem perdido o respeito; & mandou soltar aos prezos.

14 Durou esta tragedia dez de o principio da noyte athe as tres horas da madrugada. Entaõ disse o Governador ao Padre, que se podia ir pera sua caza. Respondeo, q̃ naõ se iria com aquella honra, que lhe tinha feito, porque dezejava, lha fizesse maior, por assim o pedir a sancta Ley, q̃ ensinava, em cujo obsequio toda a honra he muy pouca. Ouvindo isto o Governador, lhe rogou muyto, que se fosse, que naõ tivesse molestia, & que naõ ficasse mal com elle; que em amanhecendo, o iria buscar, & dar inteira satisfaçaõ, do que tinha obrado; nestas palavras se levantou, & despedio ao Padre com cortezia, & mostras de benevolencia.

15 O Pa-

15 O Padre se retirou muyto triste, & desconsolado, por naõ ter a boa fortuna de dar a vida por seu Deos. Adubava esta pena com a consideraçaõ da constancia, que seus discipulos mostraraõ em taõ atrozes tormentos. Passado o conflito, disse Muttû ao Padre: Senhor, naõ vos poço explicar a consolaçaõ, que tinha, quando me atormentavaõ, & a pena, que agora tenho, porque cuidei, daria alli a vida por meu Redemptor JESU Christo, mas eu naõ mereci lograr tanta ditta: a mesma magoa tinha Xavier seu companheiro. A ambos o Padre consolou, & animou pera semelhantes combates, dando graças a Deos pella grande constancia, que dera aquelles dous Indios.

16 Brevemente o Governador tirano pagou estas suas insolencias. No tempo, que o Padre Superior Rodrigo de Abreu, & o Padre Luis de Mello foraõ prezos, estava o Padre Andre Freyre de caminho pera a costa da Pescaria. Vendo elle, que o perigo da Christandade necessitava de sua prezença; deyxou a viagem, que tinha entre maõs, & a fez à Corte do Nayque, com esperança de ter despacho favoravel. Governava entaõ o Reyno certo Bramane conhecido do Padre Andre Freyre, porque em tempos passados ambos estiveraõ prezos na enxovia de Tanjaor, & depois que della sahiraõ, sempre o Padre achou benevolencia neste Bramane. Vinte annos quasi avia, que se naõ tinhaõ encontrado, por isso foi a vizita de maior agrado ao Bramane. Praticaraõ largo tempo; depois o Padre lhe propoz o negocio, a que viera; dizendo o pouco cazo, que os Governadores faziaõ dos formoẽs do Nayque, & dos que elle, como principal ministro, lhes tinha passado, tratando com honra aos prégadores da Ley de Deos. Respondeo, que de nada tomasse pena, que dentro em poucos dias faria, com que tudo se puzesse em boa paz. De caminho lhe trouxe à memoria a morte, que elle dera, àquelle homem, que na enxovia de Tanjaor a ambos os tratara mal: dando a entender, que da mesma sorte castigaria àquelles, de quẽ o Padre se queyxava.

17 Conseguido taõ bom despacho, se despedio o Padre Andre Freyre, & foi fazendo sua viagem pera a costa da Pescaria: ficando o Padre Luis de Mello na Corte, pera ver o fim de todas estas cousas. Logo que o Governador da Provincia teve noticia, de que os Padres tinhaõ vizitado

do o Bramane, & feito queyxa do mao tratamento, que ſizera aos Padres, & Chriſtaõs; ſe enraiveceo com extraordinario furor; & tornou a meter em apertos aos Chriſtaõs; mandoulhes intimar, que tal dia, que nomeava, aviaõ todos de adorar, & ſacrificar ao Pagode. Sabendo tudo o Padre Luis de Mello, ſe valeo de Deos, & da interceſſaõ das almas do Purgaturio, prometendolhe bom numero de Miſſas, ſe livravaõ aos ſeus Chriſtaõs do perigo, em que ſe viaõ.

18 Vendo o Padre, que o Bramane tardava em caſtigar ao Governador, & que ſe chegava o dia, em que tinha dito, que os Chriſtaõs aviaõ de adorar o idolo, determinou de ir à povoaçaõ, pera animar aos ſeus neofitos. Porem foi Deos ſervido de os livrar do ſuſto, em que eſtavaõ; porq̃ na noyte ſeguinte por ordem do Bramane foi prezo o Governador, deſte modo ſe fruſtraraõ ſeus perverſos intentos. Bem verdade he, que pellas muytas valias, que meteo, & pello muyto dinheiro, que deu, pouco tempo eſteve prezo; mas tambem naõ eſteve muyto tempo ſolto: porque, paſſados dous mezes, o tornaraõ a prender por ſeus delictos. Foi metido em grilhoẽs; confiſcaraõlhe, quanto tinha de ſeu: alem diſto lhe morreraõ dous Irmaõs. Todos eſtes caſtigos, confeſſava elle, lhe vinhaõ por ter vexado aos Chriſtaõs; mas naõ baſtaraõ, pera o tirar do ſeu gentiliſmo, em que ſe deyxou ficar.

19 Depois de ſoccegadas as perſeguiçoẽs, foi o Padre Mello pera a Reſidencia de Nandavamati, que ficava no principio dos matos das ladroeyras, pera ajudar aos Chriſtaõs, que nellas ha, & tambem a alguns do Reyno de Tãjaor. Depois de os conſolar, ſoube, que em Trixirapali, que era a Corte do Regulo, morriaõ milhares, & milhares a pura fome. Dous mezes, & meyo aſſiſtio naquella Corte, aſſim confirmando na Fê a muytos, que com as perſeguiçoẽs tinhaõ vacillado, como adminiſtrando os Sacramentos aos de mais, particularmente a moribundos: aonde foi taõ exceſſivo o trabalho, que confeſſa o Padre, que em poucas palavras o naõ podia explicar. As confiſſoẽs eraõ continuas, neſte exercicio gaſtava os dias com os das caſtas nobres, & as noytes com os das caſtas bayxas. Dos que alli ſacramentou, a terceyra parte, diz o Padre, que morreo de fome, a qual na cidade fazia tal eſtrago, que eſtavaõ

as ruas cheas de corpos mortos, ſem aver, quem lhes deſſe ſepultura. E ſe iſto era na corte, onde aſſiſtia o Regulo, & por eſta cauſa devia ſer maior o cuidado, pera ſe naõ inficionarem os ares, bem ſe infere, o que aconteceria nas mais partes. Cortava o coraçaõ ao Padre Luis de Mello ver tantas miſerias com ſeus olhos, ſem eſtar na ſua maõ, por lhe o remedio, de que neceſſitavaõ. Ja que naõ podia acodir aos corpos, fez quanto pode, por ſalvar ſuas almas, bautizou athe trezentas peſſoas neſte anno, que em taõ calamitoſos tempos naõ foi pequena colheita.

CAPITULO LVII.

He prezo pella fè, & do mao tratamento ſe lhe origina a morte.

1 COm eſte theor de vida, & neſtes miniſterios tanto da honra de Deos, trabalhou muytos annos o Padre Luis de Mello com grande eſpirito, & fervor muyto ſobre as ſuas forças corporais. Com muyto goſto aqui eſcreveria meudamente todas as outras fadigas ſuas, mas naõ tive a boa ditta de me virem à maõ. Terei ſingular jubilo, ſe eſſe pouco, que eſcrevo aſſim deſte, como de outros homẽs veneraveis, deſpertar a outros, pera que amplifiquem ſuas vidas; como eu amplifiquei as de muytos, que andavaõ impreſſas muy ſoccintamente, por naõ terem os eſcriptores dellas as noticias, que eu ou deſcobri, ou andando diſperſas ajuntei.

2 Mereciaõ os trabalhos do Padre Luis de Mello hum fim glorioſo, qual o vieraõ a conſeguir. No ultimo anno de ſua vida foi mandado cultivar a grande Chriſtandade, que eſtâ no dominio de Maravâ, que he hum Principe tributario ao Regulo do Madurê. Era eſte Principe o mayor inimigo, que tinhaõ naquellas terras os Chriſtaõs. Foi eſta nova pera o Padre Mello de goſto inexplicavel.

3 Julgava o Padre Mello, que teria alli a felicidade de padecer muyto por Chriſto; couſa, que elle ſumamente dezejava, & que a Deos pedia com todas as veras, & de que eraõ muy frequentes ſuas praticas, explicando as palavras as ancias, & dezejos ſanctos de ſeu coraçaõ. Nada mais appetecia,

petecia, que morrer por Christo. Disse o Padre Joaõ Venancio Bouchet entaõ seu Confessor, que eraõ as palavras do Padre Mello nesta materia taõ fervorosas, que naõ sò eraõ indices do seu fervor, mas que ateavaõ semelhãte fogo, em quem as ouvia. A' medida do gosto com este primeiro aviso, foi a tristeza, que lhe sobreveyo com o segundo; porque se lhe ordenou, que deyxada aquella viagem, fosse pera a Residencia de Cornapatu; assim por assistir naquelle destricto, que estava sem Pastor, como tambem por servir como de companheiro ao Padre Francisco Laynes, cujo destricto confinava com aquella Residencia.

4 Entendeo o Padre Mello, que o pedir o Padre Laynes companheiro, fora a causa de se divertir a viagem ao Maravâ. Descobrio ao Padre Laynes os grandes dezejos, que sentia em sua alma de emprender aquella jornada, dizendolhe, que entendia, que o Espirito Sancto o chamava mais pera aquellas, que pera outras terras. Naõ quiz o Padre Laynes divertir a vocaçaõ, que em homem taõ sancto, julgava ser toda de Deos. Logo fez diligencias, pera que os dezejos do Padre tivessem o effeito, a que elle se sentia propenso. Ouviraõ os Superiores a proposta, & lhe puzeraõ o cumprase à medida do dezejo do Padre Luis de Mello.

5 Por tanto cheyo de prazer se poz logo ao caminho pera as terras do Maravâ. Naõ pode logo entrar naquella regiaõ; foi com tudo a demora de grande proveito das almas; porque reduzio a dor, & arrependimento a mais de cẽ Christaõs, que havia quinze, vinte, & trinta annos, que andavaõ perdidos, & desgarrados. Depois offerecẽdose opportunidade, continuou o caminho vencendo graves perigos, & difficuldades. Chegou finalmente às terras do Maravâ; como alli naõ tinha casa, aceytou o hospicio, que hum pobre Christaõ lhe offereceo. Detevese nelle onze dias administrando os Sacramentos a muytos, q̃ da provincia alli concorreraõ.

6 Pera acodir ao muyto, que havia, que fazer, dias, & noytes trabalhava, como se fosse de aço, ou bronze, & naõ de barro enfermiço. Alem de muytos mil, aquem acodio com os Sacramentos da Confissaõ, & Cõmunhaõ, dentro nos mesmos onze dias bautizou a mais de mil Catecumenos: que foi cousa muy rara em taõ pouco tempo. Como os

os concursos eraõ taõ notaveis, temeo o Padre justamente, que delles se originasse alguma tormenta, como outras vezes succedera; porque naõ podem os gentios tal cousa ver, nem permittir pello grande odio, que tem à nossa sancta fé; levantaõ grandes poeyras, & tudo poem em confusaõ.

7 Por evitar estes inconvenientes julgou, seria mais seguro passar pera os confins da terra de Madurê; aonde, a seu parecer, naõ havia os temores, que assustavaõ nas terras do Maravâ. Porem succedeolhe tudo pello contrario, porque onde quiz evitar a perseguiçaõ, alli se encontrou com a causa, que dezejava de sua morte. O mesmo foi entrar naquellas terras, que entrar no carcere, onde teve origem sua dittosa morte, & fim glorioso.

8 Tanto que chegou, mandou logo visitar ao Capitaõ da fortaleza, aquem andava annexo o Governo da provincia, pedindolhe licença pera habitar em suas terras. Negou este, o que se lhe pedia, dando credito a muytas mentiras, & falsos testimunhos, que contra a ley de Deos, & seus prégadores lhe tinhaõ ditto os inimigos da verdade. Tais cousas lhe meteraõ na cabeça contra o Padre, que elle em pessoa, com quatrocentos soldados o sahio a prender, como se fosse algum insigne, & poderoso salteador.

9 Vendo o Padre Mello a boa fortuna, que o vinha demandar à imitaçaõ de Christo, mandou logo retirar, a quãtos Christaõs alli se achavaõ. Sahio da sua pobre choupana, & taõ pobre, que nem paredes tinha, mas sò huns paos toscos, que a sustentavaõ. Sahio digo resoluto ao encõtro dos soldados, que diante mandara o Capitaõ, pera o prenderem. Com rosto alegre, & magestozo perguntou a todos, aquem buscavaõ. Ficaraõ como assombrados com esta pergunta, porque nenhum se atreveo, a porlhe as maõs, pera o prender. Vendo o Padre, que o naõ prendiaõ, entrando por meyo de todos foi buscar ao Capitaõ, que os mandava; & com grande paz, & serenidade lhe disse: Era necessario, que a fim de prender a hum pobre estrangeyro, viesseis, Senhor, em pessoa com exercito armado? Tantas armas só denotaõ a prizaõ de hum ladraõ famoso, & naõ a innocencia de hum Religioso pobre. Denotam resistencia de muytos inimigos, & naõ a obediencia de hum peregrino, como eu ando nestes Reynos, que viria logo a vossa prezença sendo chamado; pois taõ longe estive de temer

castigo, que em chegando a estas terras vos mandei avizar de minha chegada, cuidando receberia tambem de vós as muytas honras, que na Corte me fez vosso Irmaõ, depois que conheceo a innocencia da Ley, que ensino. Visto porem achar tudo o contrario, estou prompto a todo o castigo, que minhas culpas depois de provadas merecerem.

10 Foi taõ poderosa a gravidade, & mesura, com que o bemdito Padre fallou nesta occasiaõ; que o louvaraõ, & admiraraõ muyto seus inimigos, por ser tanta constancia rarissima em tais apertos. Ficou o tirano taõ confuso, que nem huma só palavra pode responder, & no meyo da sua confusaõ fez sinal ao Padre, & soldados de cavalo, caminhassem pera a fortaleza. Tanto que chegaraõ, mandou, que assim o Padre, como os seus cabedais fossem trazidos a sua prezença, cuidando aver nelles muytas riquezas, de que tambem lhe tinhaõ dito grandes cousas. Naõ encõtrou porem mais, que os pobres ornamentos sacerdotais, & algumas pobrissimas alfayas do seu vestido. Depois inquirio meudamente sobre os embustes, & falsos testimunhos, que do Padre se lhe tinhaõ dito, & achando ser tudo mẽtira, como arrependido, & ainda envergonhado, de ter procedido taõ precipitadamente, deu ao Padre por livre, & lhe mandou restituir, quanto se lhe tomara.

11 Estando nesta resoluçaõ, lhe meteo grande medo hum Bramane, que avia de escrever tudo a el-Rey; de como naõ só naõ castigara a hum peregrino, que andava ensinando Ley nova, & destruindo todos os Deozes daquelle Reyno; mas nem fizera preza nas muytas riquezas, & pedras preciosas, que possuia. Temendo o governador estes ameaços, achou por mais conveniente, entregar a este innocente cordeyro nas maõs dos mesmos algozes, que lhe solicitaraõ a prizaõ. Naõ saõ explicaveis os oprobrios, que lhe fizeraõ. Todo aquelle dia o obrigaraõ a estar prezo junto à porta da fortaleza, sem comer cousa alguma.

12 Alli foi objecto publico de afrontas; quantos entravaõ, & sahiam, mofavam delle; huns fazendo acçoẽs afrontosas lhe offendiaõ o respeito, outros com palavras deshonestas lhe molestavaõ os ouvidos, & outros com ridicularias faziaõ farça, & zombavaõ de sua paciencia. Em todo este tropel de injurias foi o soffrimento do Padre taõ extraordinario, que o admiraraõ os mesmos, que o exercitavaõ, & apuravaõ.

13 Che-

13 Chegada a noyte, o meteraõ em hum publico, & pequeno carcere; de cujas guardas dizia o Padre Mello com Sancto Ignacio Martyr, ſerem huns Leopardos, tanto peyores, quanto mais bem os tratava. Neſte carcere eſteve o Padre dezaſeis dias, padecendo as fomes, apertos, & diſgoſtos, que mais cabem na conſideraçaõ, de quem medita, do que na pena, de quem eſcreve. Baſta dizer, que foraõ taõ crueis, que finalmente lhe vieraõ a originar a morte, como logo veremos.

14 Cuidou o tirano, que o Padre com dinheiro ſe livraſſe daquellas eſtreitezas. Vendo porem, que elle as ſoffria, a modo de quem as dezejava, tres vezes mandou ameaçar com tormentos ao Padre, ſenaõ deſſe cento, & ſincoenta patacas pella culpa de andar em ſuas terras enſinando ley nova contraria em tudo aos ſeus Deozes. Acrecentava, que a tal culpa era digna da ignominioſa morte de forca. Reſpondeo o Padre, que naquelle genero de morte lhe fazia muyta graça, pois era o melhor teſtimunho da verdade, que prégava; mas que em lhe pedir patacas, lhe fazia grave injuria, pois tantas poſſes eraõ contrarias ao eſtado de Religioſo, que profeſſava. Com eſta repoſta ſe aſſanhou de ſorte o tirano, que determinou acabar com totmentos, o que naõ podia effeituar com palavras.

15 Ja neſte tempo o cuidado do Padre Rodrigo de Abreu, & a muyta induſtria de alguns catequiſtas do Padre Luis de Mello tinhaõ alcançado na Corte huma carta do General das armas, pera que o tirano mandaſſe ſoltar ao Padre, & lhe reſtituiſſe tudo, quanto ſe lhe tinha tomado. Tanto que recebeo a carta, ſem demora executou, o que ſe lhe ordenava, dando liberdade ao Padre, & reſtituindo-lhe toda a ſua pobreza.

CAPITULO LVIII.

Dittoza morte do Padre Luis de Mello, & ſuas virtudes.

1 SAhio o Padre do calabouço, levando conſigo a cauſa de ſua morte, que por ſer tal a cauſa, foi digna de muytas invejas. Eſtando ainda prezo, por razaõ das calamidades, que o moleſtaraõ, lhe ſobrevieraõ principios

cipios de huma febre maligna, tanto mais maligna, quanto menos foi conhecida. Sobrevieraõlhe dores agudiſſimas em todo o corpo, & huma toſſe taõ violenta, que parecia ſe lhe arrancavaõ as entranhas, quando toſſia. Juntamente lhe impedia a reſpiraçaõ por algũ tẽpo,& acrecentava as dores. De tudo fazia menos cazo,por naõ conhecer a malignidade da doença. Antes em ſahindo do carcere, naõ podendo ter ſoccego ſeu incanſavel eſpirito, começou a exercitar, como ſempre, os miniſterios de Miſſionario; & iſſo em occaſiaõ de grandes concurſos, por eſta cauſa era maior o trabalho; ao qual finalmente ſe veyo a render ſeu exhauſto corpo.

2 Declarada a malignidade da febre, entendeo, que a morte eſtava muy perto, & a vida eſtava acabada. Por tãto tratou com maior diſvelo, de ſe diſpor pera o caminho da eternidade, ainda que jâ ſe tinha preparado com muytas, & muy excellentes obras. Deu aviſo a alguns Padres Miſſionarios do perigo, em que ſe achava, pera que lhe aſſiſtiſſem com o ſubſidio dos Sacramentos, & conſolaſſem com ſua prezença. Acodiraõ logo a taõ bom, & fiel companheiro. Com ſua viſta ſe alegrou, & todos com as lagrimas nos olhos ſignificaraõ o muyto, que ſentiaõ a falta de tal operario. Recebeo elle os ſanctos ſacramentos com extraordinaria ternura, & devaçaõ, que infundio tambem nos prezentes.

3 Depois embebido todo em Deos, reſpirou o fogo de ſeu coraçaõ em amoroſiſſimos colloquios fallando com hum Crucifixo, em quem tinha os olhos fixos, & a quem tinha nas maõs. Suas palavras eraõ taõ ſaudozas, que derretiaõ em devaçaõ, & lagrimas, aos que eſtavaõ prezentes. Exprimia com grande eficaçia as ancias, & dezejos, que tinha de ſe ver com Deos; entre ellas diſſe: Porem iſto ſerâ paſſada a feſta da Purificaçaõ, que eſtâ proxima, pois dezejo receber tambem naquelle dia o corpo de meu Senhor, com que minha alma depois de Purificada poſſa ſer offerecida por maõs da May ao Filho.

4 Tudo aconteceo como o predice,ainda que os prezentes pellos termos da doença tal couſa naõ preſumiaõ. Chegado o dia da Purificaçaõ, cõmungou com a ternura, que antes o fizera: & nos quatro de Fevereyro de mil ſeiscentos noventa, & hum deyxou eſta vida mortal, & ſe

foi

foi gozar da eterna. No rigor da doença lhe tinhaõ aſſiſtido os Padres Antonio Dias, Bernardo de Sá, & o dittoſo Padre Jozeph Carvalho, que morreo pella Eé no carcere de Tanjaor. Ao tranſito ſe achou tambem prezente o Padre Franciſco Laynes, que no anno de 1707, quando iſto eſcrevo no mez de Novembro, chega de Roma a Lisboa, depois de ter padecido hum cruel naufragio nas coſtas do Reyno de Granada, aonde perdendoſe a nao, a penas ſe puderaõ ſalvar as vidas; & na deſte Padre teria a Miſſaõ de Maduré grandes perdas, porque nella tem feito notaveis ſerviços a Deos, & eſperamos em o Senhor lhe darâ vida, & graça, pera os continuar por muytos annos. Eſtâ eleyto Biſpo daquellas terras, porem eſtes Biſpados ſô ſervem pera acrecentar, & render mais trabalhos, que por iſſo os naõ regeita a Companhia.

5 O Padre Joaõ Venancio, logo que teve noticia da doença do Padre Mello, ſe poz a caminho, o qual fez com tanta preſſa, que quando chegou, lhe empolaraõ tanto os pés, que por muytos dias nem dentro de caza pode andar. Todas eſtas moleſtias teria elle por bem afortunadas, ſe ainda achaſſe vivo ao Padre Mello; mas quando chegou, jâ ſeu corpo eſtava na ſepultura, contentouſe com a regar cõ ſuas lagrimas, & aſſim ou afogou, ou accendeo mais a ſua ſaudade.

6 O que fica ditto baſta, & ainda ſobeja, pera ſe conjecturar a muyta ſanctidade do Padre Luis de Mello: que naõ eſtaõ taõ grandes couſas ſenaõ fundadas ſobre virtudes muy ſolidas, & cabais. A penitencia, pera ſer extraordinaria, baſta ſaber, como fica apontado, o rigor, que ordinariamente uſaõ conſigo, os que ſaõ de profiſſaõ Pandaras, como era o Padre Mello; porque, ainda que ao principio o applicaraõ ao eſtado de Bramane, pera correr com a Chriſtandade, & tratar da converſaõ dos deſta caſta, brevemẽte paſſou a ſer Pandara, que he a vida, de Religioſo penitente, que uſaõ ordinariamente os mais Padres da Miſſaõ de Maduré.

7 Ao ſofrimento de continuos trabalhos ajuntou o exercicio de muytas virtudes, exercitandoſe em officios humildes, quando diſſo tinha occaſiaõ. De ſua peſſoa ſentia taõ bayxamente, que naõ conſentia o antepuzeſſem, nem ainda o igualaſſem a qualquer de ſeus contẽporaneos.

Com

Com esta humildade ajuntava huma rara charidade naõ só a espiritual exercitada em seus Apostolicos ministerios, mas tambem no pertencente ao temporal, na qual foi taõ insigne, que mereceo o titulo de pay dos pobres: porque nenhum se chegava a elle, que podendo, o naõ remediasse. Resplandeceo esta com especialidade na carestia do anno de 1687, que naquellas terras causou fome estranha, & de que se contaõ as cousas mais crueis, que as historias referẽ em fomes exorbitantes. Acodio nella o Padre Mello aos Christaõs, encurtando o seu proprio sustento, vendendo as alfayas do seu uso, & athe os vestidos, ficandose com hum bem usado: & quando jâ naõ tinha no seu pobre cabedal, por onde puxar, começou a pedir esmolas, com as quais acodio a muytos pobres.

8 Pera com a Virgem Senhora foi singular sua devaçaõ; a ella tomou por protectora sua todos os annos, que viveo entre a gentilidade. Por mais occupaçoẽs, que tivesse, naõ deyxou de lhe rezar o seu Rosario, & jejuar os sabbados; & procurava, que todos lhe tivessem particular devaçaõ. Tambem foi muy devoto da gloriosa Virgem, & Martyr Sancta Barbara. Todos os dias lhe rezava certas preces, como elle dizia, pera que lhe alcançasse de Deos huma morte ante seus olhos preciosa. A satisfaçaõ de todas as suas obras tinha applicado às almas do Purgatorio, a cujo patrocinio recorria frequentemente em seus apertos, & confessou, que por elle tinha alcançado de Deos grandes mercês, & favores. Ornado com todas estas, & às mais virtudes em idade de trinta, & quatro annos, estando avizado pera fazer a profissaõ de quatro votos, foi gozar o premio de seus gloriosissimos trabalhos; com huma morte, que bem se pode chamar martyrio; pois toda ella se originou dos rigores padecidos pella Fé em huma terrivel, & cruelissima prizaõ.

9 Naõ quero deyxar em silencio hum paragrafo de huma carta do veneravel Padre & Martyr dittoso, o Padre Joaõ de Britto, que indo à costa da Pescaria levou na volta pera a Missaõ ao Padre Luis de Mello no anno de 1682. Diz pois assim. Acabados em Tutucurim os negocios, q̃ alli tinha esta Missaõ, me embarquei pera ella com os Padres Hieronimo Telles, & Luis de Mello, sogeitos de grandes virtudes, & singular ingenho, que entre os mais só elles se resol-

resolveraõ, a se sacrificar aos trabalhos desta Missaõ, taõ grandes, como a experiencia mostra aos poucos, que se resolvem aos experimentar. Chegàmos a este Reyno de Ginja, depois de trinta, & sinco dias de viagem, naqual arribâmos tres vezes, & estivemos perdidos huma, por se abrir a embarcaçaõ, em que vinhamos, & em huma tempestade, que tivemos. Em outra largandonos os Mouros marinheiros em hum batel roto, sem velas, nem leme, nem remos. Mas de tudo nos livrou Deos Nosso Senhor por sua infinita Misericordia, & Providencia inefavel. Neste Reyno de Ginja, aonde cheguei a desembarcar com os Padres no fim de Setembro, estive em sua companhia athe os 18 de Dezembro com grandissima consolaçaõ minha, por ver seu grande fervor assim no estudo da lingua Tamul, como no zelo grande de converter almas. Athe aqui o paragrafo daquella carta, que he hum grande elogio deste servo de Deos, & feito por taõ sancto homem he digno de maior veneraçaõ.

CAPITULO LIX.

Vida do Irmaõ Gaspar Lourenço Coadjutor temporal, & Irmaõ Gaspar Freyre estudante.

Lisboa 6. de Jan. de 1676.

1 ESte bem afortunado Irmaõ naceo em Lisboa, seus pays se chamaraõ Manoel Lourenço, & Maria Dinis, entrou na Companhia em Lisboa aos treze de Dezembro de mil seiscentos vinte, & tres, tendo vinte, & sete annos de idade. Depois que entrou na Companhia, assim se entregou de veras ao exercicio das virtudes, que grangeou o nome de Irmaõ sancto, que toda a vida conservou, & as suas obras todas espiravaõ sanctidade.

2 A oraçaõ lhe levou sempre muytas horas assim de dia, como de noyte. Andava sempre como homem, que naõ apartava o seu pensamento de Deos. As suas praticas eraõ de Deos, & nessas tinha tal dom, que os seculares pello ouvir, de proposito o buscavaõ; & elle dentro dos limites da sua regra procurava, de os encaminhar pera Deos. Quando acompanhava a algum nosso Sacerdote, que hia confessar algum enfermo; depois de fazer o Padre a confis-

ſaõ, o obrigavaõ a conſolar o enfermo com ſuas ſanctas palavras, porque tinha pera iſto ſingular modo, & virtude.

3 De ſua boca ninguem ouvio palavra de murmuraçaõ, antes divertia logo eſtas praticas, ſe outrem, eſtando elle prezente, as metia. Alcançou grande igualdade de animo; ninguem o vio irado; nas couſas adverſas conſervava a meſma paz, que nas proſperas. A charidade pera com os pobres foi nelle eſtremada, parecia ter a todos nas entranhas, & no coraçaõ. Muytos annos foi porteiro da portaria dos pobres da caza de Saõ Roque, onde ſua charidade era notoria.

4 Muyta gente grave lhe dava groſſas eſmolas, pera dar aos pobres. Entre outras inſignes obras, que fez neſta materia, por eſpaço de quatro annos ſuſtentou em Lisboa a hum homem nobre das Ilhas, que litigava ſobre hum morgado das Ilhas, de que teve por ſi a ſentença; & a naõ conſeguiria, ſe eſte bom Irmaõ com ſuas eſmolas o naõ ſuſtentaſſe com a limpeza, que a qualidade da peſſoa pedia.

5 Na horta fazia ſua ſeara pera os ſeus pobres, aos quais amou tanto, que athe eſtando doente lhes guardava ſua parte, do que ſe lhe dava pera o ſeu ſuſtento. Athe depois de muy velho jejuou ſempre os dias, que manda a Igreja. Na veſpora do dia, que avia de communguar, naõ bebia vinho. Todos os dias tomava duas rigoroſas diſciplinas. Foi taõ amigo de ſe caſtigar, que athe na ultima doença ſe diſciplinou, & tinha cingido o cilicio, de que lhe deu fé o enfermeiro, por occaſiaõ de lhe applicar certo medicamento.

6 Da Senhora, & do Sanctiſſimo foi grandemente devoto. Rezava o Roſario muy de eſpaço. Alem dos dias, em que communguaõ os Irmaõs, elle cõmungava em outros muytos. Quando ſe naõ podia levantar da cama, pedio ao enfermeiro, o mudaſſe pera hum cubiculo junto da capella, aſſim pera poder ouvir de perto a Miſſa pella janela, que do cubiculo cahia pera a capella, como pera poder cõmungar mais ameudo.

7 Padeceo huma comprida enfermidade, ſem ſe queyxar, levando as moleſtias com ſingular paciencia. Quando lhe perguntavaõ neſte tempo, como eſtava? Reſpondia: vou paſſando o meu purgatorio. Teve revelaçaõ do dia

dia da sua morte, alguns dias antes disse, que avia de fallecer em dia de Reys, no qual dia nacera. Na vespora de dia de Reys jâ alta noyte disse a hum Irmaõ, que lhe assistia, q̃ se fosse recolher, & descançar, que elle naõ avia de morrer de noyte.

8 No dia pella menhãa entrou ao visitar o enfermeiro, achando ao Irmaõ muyto em seu ser lhe disse, que jâ estava no dia de Reys; pois, disse o enfermo, dê ordem, a q̃ se me dê a cõmunhaõ. Depois de acabar a hora de oraçaõ, respondeo, se lhe cumprirâ esse dezejo. Acodio o Irmaõ Lourenço: Naõ; ha de ser antes de se por fim à oraçaõ, porque assim importa. Logo se lhe trouxe o Senhor, & o recebeo com a ternura costumada. Depois da oraçaõ desfalleceo, & entre este desfallecimento a alma se despidio do corpo. Ficou seu rosto mui aprazivel, significando a sanctidade da alma, que nelle morara. Morreo na caza de Saõ Roque de Lisboa aos seis de Janeiro de 1676. De suas virtudes se fizeraõ conferencias na mesma caza, & dellas se recolheraõ estas virtudes pello Padre, que fez a carta Annua daquelle tempo, donde eu as trasladei.

9 O Irmaõ *Gaspar Freyre* estudante naceo na freguezia de Saõ Giraldo no termo de Montemor o novo, Arcebispado de Evora. Seus pays se chamaraõ Pedro Dias, & Catherina Martins, ambos gente virtuosa, especialmente a May, a quem chamavaõ, a molher sancta. Criou com os seus costumes a este seu filho, em quem se vio bem aproveitado o cuidado da May. Estudando em Evora, alli entrou na Companhia aos vinte, & oito de Janeiro de mil seiscentos, & dezoito. Aos oito de Junho do anno seguinte foi pera o Noviciado de Lisboa, por começar entaõ a ser habitada a caza do Monte Olivete.

Evora 20. de Março de 1625.

10 Depois dos dous annos, & feitos os votos, foi mãdado tornar pera Evora em ordem a estudar. Era de compreiçaõ delicada, & se empenhou tanto no estudo, que veyo a lançar pella boca grande copia de sangue, & se lhe formou hũa tisica, andando jâ no segundo año de Philosophia. Dous annos lhe durou o mal, & o foi pouco a pouco consumindo, como de ordinario succede na tal doença. Preparouse com singular cuidado.

11 Quis o demonio afligir à sancta May deste Irmaõ com o successo seguinte. Nenhuma cousa ella mais deze-

java, que a perſeverança de ſeu filho na Companhia. Eſtã-do hum dia bem deſcuidada, lhe entra pella porta hum mã-cebo em tudo ſemelhante a ſeu filho, perſuadioſe, era o ſeu Gaſpar, & que o tinhaõ deſpedido. Foi o ſentimento igual ao dezejo, que tinha da ſua perſeverança. Chorou muytas lagrimas, & mais com ellas, que com palavras lhe perguntou a cauſa, de o deſpedirem.

12 Reſpondeo o fingido Gaſpar, que eſſa era a maior cauſa de eſtar ſentido, pois ſem ter culpa alguma, lhe ti-nhaõ os Padres tirado a roupeta. Aqui creceo a magoa da may. Deſpacha logo hum proprio a Evora com huma car-ta chea de queyxas pera o Padre Reytor, por aſſim o terem uſado com ſeu filho.

13 Chega à portaria, começa a dar a embayxada, di-zenlhe, que o Irmaõ Gaſpar Freyre eſtava na Companhia. Nada cre, aſſeverando o deixara em caza de ſua may. Fo-raõ logo chamar ao Irmaõ, que o menſageiro bem conhe-cia. Volta com a nova, pera tirar à may do aſſombramen-to, em que eſtava, pergunta pello fingido filho? Reſpon-de a may, a eſta hora me deſapareceo da qui, nem ſei, que feito ſeja delle. Entaõ lhe referio, como ſeu filho eſtava em Evora, como lhe fallara, & o abraçara; & que bem ſe via ſer o demonio, o que a quizera moleſtar. Ficou por eſtre-mo conſolada.

14 Seu dittoſo filho tendo feito muytos actos de vir-tude, falleceo com morte de juſto aos vinte de Março de mil ſeiſcentos vinte, & ſinco no Collegio de Evora. Foi enterrado na capella de Saõ Sebaſtiaõ da parte do Evange-lho. Eſte pouco recolhi de huns apontamentos antigos de couſas ſanctas, que ſe guardaõ no cartorio do Collegio de Evora.

FIM.

LIVRO QUARTO DA IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DA COMPAnhia de JESU Em Lisboa.

CONTINUAMSE AS VIDAS DE ALguns ſervos de Deos, que foraõ Noviços na caza do Monte Olivete.

CAPITULO I.

Vida do Padre Antonio de Macedo, de como entrou na Companhia, exercitou ſeus miniſterios, como foi a Suecia, & por ſeu meyo converteo Deos a Rainha Chriſtina.

Lisboa 15. de Julho de 1693.

1 ESCOLHEO Deos ao Padre Antonio de Macedo pera inſtrumento de huma couſa taõ grande, como foi a converſaõ de Chriſtina Rainha de Suecia, que ſó iſto baſta pera o fazer digno de eterna memoria. Naceo em Coimbra, ſeus pays ſe chamaraõ Joaõ Rodriguez, & Maria de Macedo. Tendo quatorze annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos vinte, & ſinco de Agoſto de mil ſeiſcentos, & vinte ſeis. Sempre ſeus coſtumes foraõ de homem ſancto, & amigo de Deos, ſem genero algum de dobrès, nem engano.

2 Sou-

2 Soube com primor as letras humanas, como testimunhaõ os livros que compoz. Foi Irmaõ inteiro de Frey Francisco de Macedo,o qual sendo professo na Companhia se passou pera os Frades menores, & foi na poezia latina dos homens excellentes, que nesta faculdade tem florecido. O Padre Antonio de Macedo,depois de ensinar letras humanas, & acabar a Theologia, se exercitou nos ministerios da Companhia no presidio de Mazagaõ em Africa.

3 No anno de mil seiscentos, & sincoenta mandando el-Rey de Portugal a Jozeph Pinto Pereyra por seu Embayxador a Christina Rainha de Suecia, foi por seu confessor o Padre Antonio de Macedo,indo por seu companheiro o Padre Joaõ de Andrade. Em vinte, & quatro de Junho partio do porto de Setuval em huma nao de carga, na vespora de Sancto Ignacio chegou a Holmia, Corte dos Reys de Suecia.

4 Fazia o Padre pessoa de Secretario da embayxada, pera com este disfarce poder melhor ajudar aos Catholicos, conforme costumaõ os da Companhia, & poder ter entrada no paço da Rainha,aqual tinha formado hum grãde conceito dos Religiosos da Companhia, cujo nome,ainda que aborrecido dos hereges, era delles respeitado.

5 Por naõ saber o embayxador latim, que era a lingua, porque se explicavaõ, lhe servia de interprete o Padre Antonio de Macedo. E assim teve occasiaõ de entrar muytas vezes a fallar com a Rainha, aqual gostava muyto da expediçaõ, & elegancia, com que fallava a lingua latina; & vendo a grande compostura, & modestia, que no Padre, alem do ensino da Companhia, era como natural, sospeitou, que era Jesuita, que este he o nome, comque naquellas regioẽs somos conhecidos.

6 Finalmente veyo a saber, que na verdade era, o que ella sospeitava. Dalli por diante lhe mostrava particular benevolencia, & agrado, daqual se seguio, como de ordinario succede na amizade dos Principes, que os Suecos o aborreciaõ, & os Portuguuezes lhe tinhaõ inveja, pezandolhe de o ver taõ aceito à Rainha. Tinha passado hum anno, & concluidos os negocios,determinou Jozeph Pinto de se tornar a Portugual em Setembro de mil seiscentos sincoenta, & hum. Quanto a partida estava mais vizinha, mais vezes a Rainha mandava chamar ao paço o Padre. O

que

que de ordinario era nas horas do meyo dia, por ſe terem entaõ retirado a comer, & deſcançar os fidalgos, que ſerviaõ no paço, & queria a Rainha fallar com elle á ſua vontade, ſem aſſiſtir, quem deſſe fé, doque tratavaõ. Bem verdade he, que nunca iſto podia ſer taõ ſecretamente, q̃ alguma peſſoa naõ aſſiſtiſſe, que ſempre lhes dava cuidado pella ſoſpeita, que eſta familiaridade fazia, principalmente avendo rumor entre os hereges, que aquelle Portugues era Jeſuita.

7 Em doze de Agoſto do dito anno ſe acabou a Rainha de declarar com o Padre, & tomando-o à parte lhe diſſe em grande ſegredo, que ſe queria ſervir delle em hum negocio de ſumma importancia: & aſſim lhe diſſe ao ouvido: Monſiur Macedo, ſois o primeiro Jeſuita, que conheci, dos quais tinha eu ouvido muyto por fama. Confio muyto da voſſa prudencia, & lealdade. Porquanto vos he precizo partir brevemente de Suecia, quizera, que me foſſem mandados dous Jeſuitas de Roma, homens ſabios, os quais mudado o traje, & com algum pretexto andaſſem no meu paço, & eu pudeſſe cõmunicar minha conſciencia com elles ſem ſoſpeita alguma dos Suecos.

8 Pera iſto pertendo eſcrever ao Padre Geral da Cõpanhia, & quizera, que vòs me levaſſeis as cartas. Porque eu eſtou reſoluta deyxar o Reyno, & ir viver a Roma. Tenhovos deſcuberto todo o meu coraçaõ, vede, que a ninguem digais iſto, excepto ao Padre Geral. Dizendo eſtas palavras, começou a Rainha a chorar, & o Padre Macedo admirado de taõ grande couſa naõ pode tambem conter as lagrimas.

9 Louvoulhe o ſancto propoſito, & lhe deu as graças, por ſe querer ſervir delle em negocio de tanto ſer, & prometeo todo o ſegredo, que ſe lhe pedia. Voltando o Padre pera caza, conſiderava conſigo a grandeza do negocio, que Deos lhe metera nas maõs, & que modo teria, pera ſe partir pera Roma. O trabalho era, que o embayxador naõ avia de ſaber nada. Partirſe ſem ſe deſpedir delle, & dos Portuguezes, era couſa, que tinha muyta deformidade. Pedir licença a Jozeph Pinto, era couſa perigoza, & tinha por certo, que a negaria.

10 Neſta lida tomou por melhor, pedir licença, pera ir ver a cidade de Amburgo em Alemanha, negou Jozeph Pin-

Pinto a licença. Viſta a difficuldade,cõmunicou tudo com a Rainha pera que ella deſcobriſſe modo, com que elle pudeſſe executar ſua vontade. Depois de terem pezado as difficuldades, reſolveo, que o Padre ſe partiſſe, ſem ſe deſpedir dos Portuguezes. Por tanto diſpos a jornada em direitura a Lubeca, pera onde tinha nao. No ultimo de Agoſto lhe deu avizo o Capitaõ, que ſe embarcaſſe. Foiſe deſpedir da Rainha, da qual recebeo cartas de credito aberto, & tambem carta pera o Reverendo Padre Franciſco Picolomini Geral da noſſa Companhia, na qual ſe remetia, ao que lhe cõmunicaſſe o Padre Macedo. Avia pouco lhe tinha a Rainha dado hum collar de ouro de muyto preço, agora tomou o Padre pera o ſeu gaſto, quanto baſtava, do muyto dinheiro, que a Rainha lhe offerecia. Paſſoulhe hũ paſſaporte, pera o que pudeſſe ſucceder. Deu-lhe mais duas cartas de recomendaçaõ,huma pera el-Rey Dom Joaõ o Quarto, outra pera o Principe Dom Theodozio, as quais o Padre depois deu a Duarte Nunes da Coſta Agente de Portugal em Amburgo, pera que as remeteſſe a Portugal, mas deſapareceraõ, quanto ſe entendeo por odio, ou inveja, que tiveraõ ao Padre.

11 Por ultimo lh e diſſe a Rainha, que ſoubeſſe, lhe fazia grande afronta, ſenaõ pediſſe pera o caminho, quanto lhe foſſe neceſſario. Reſpondeo o Padre, que ſua Mageſtade tinha com elle uſado de tanta liberalidade, que de nada neceſſitava, huma ſó couſa pedia a ſua Mageſtade, & vinha a ſer, que abraçaſſe a Fé Catholica,naqual ſó avia ſalvaçaõ. A iſto reſpondeo, que ella avia de abraçar a Fê Catholica, ſe ſe perſuadiſſe ſer ella verdadeira: que vieſſem de Roma os dous Padres, com os quais pudeſſe tratar mais livremente, que com elle, aquem muytos tinhaõ jâ por Jeſuita, & que por iſſo jâ ſuas idas ao paço faziaõ ſoſpeita. Por tanto, que lhe naõ podia fazer maior obſequio, que ſer elle o meyo,por onde ella vieſſe a tratar com os Jeſuitas. Duas couſas lhe encomendava, preſſa & ſegredo.

12 Beijando por deſpedida a maõ a ſua Mageſtade,ſahio do paço por huma porta eſcuſa, que cahe no porto, onde jâ eſtava hum batel, no qual ſe meteo. Por vir chegãdo a noyte, & naõ aver tempo pera chegar à nao, que eſtava ancorada em Daler, ſe recolheo em hum penedo,que he como ilheta,onde a gẽte do mar coſtumava preparar o pez, pera calafetar os navios.

13 En-

13 Entre o calor do eſtio, & o que faziaõ as fogueiras, & o fumo dellas paſſou com aſſas incomodo aparte, que reſtava do dia, & toda a noyte ſem dormir. Sendo jâ dia claro, chegou à ilheta o Capitaõ da nao, por ter aviſo, que alli o avia de vir a tomar, & recolhendoo no batel, chegou no dia ſeguinte a Daler, & embarcou pera Lubeca no ſegũdo dia de Setembro. Dalli a doze dias em paz, & ſalvo aportou em Lubeca. No ſeguinte dia tomou hum Caleſſo, & foi pera Amburgo; onde ſe deteve ſete dias, aſſim pera deſcanſar da navegaçaõ, como pera fazer os veſtidos neceſſarios pera a jornada de Italia.

14 Antes, que a jornada paſſe a diante, digamos brevemente, o que antes de tratar com o Padre Macedo ſentia Chriſtina da Religiaõ Catholica, & o eſtado, em que a deyxou o Padre Macedo. Tinha ella pera ſi, que a verdadeyra Fé ainda eſtava eſcondida, nem era conhecida no mundo; mas que no ſeu tempo ſe avia de deſcobrir, & conhecer no mundo: Que os Jeſuitas, aquem muyto eſtimava pella fama da ſua prudencia, & doutrina, naõ eraõ outra couſa mais, que meros politicos, & Catholicos fingidos, pera com eſte pretexto ſe fazerem reſpeitados dos povos, naõ que entendeſſem ſer aſſim, o que enſinavaõ. Que todas as ſeitas dos hereges eraõ patranhas, & fabulas. De Evangelhos, & ſanctas Eſcrituras nenhum cazo fazia. Porem quando o Padre Macedo ſe deſpedio della, a deyxou affeiçoada, & muy propenſa à Fé Catholica.

15 Feitos os veſtidos, & preparado pera a jornada, eſperava huma poſta, com a qual avia de partir pera Norimberga, quando lhe diſſeraõ, que no caminho tinhaõ morto, & roubado hum correyo, que de Amburgo tinha partido a ſomana antes. Encomendando a Deos o ſeu caminho tomando comſigo por criado hum homem, que ſabia bem a lingua Germanica, & Portugueza, ſe foi a toda a preſſa athe Luneburga. Dalli com o correyo paſſou a Norimberga, que he a principal cidade de Franconia.

16 Neſte caminho teve hum grave perigo, porque jũto a Brunſuic ſe lhe ajuntou por companheiro no caminho hum Capitaõ Eſcoces, o qual ſoſpeitando, que levava dinheiro, tinha intento de o matar, & roubar. Alcançando o Padre eſtes intentos, tratou de enganar ao Eſcoces com o meſmo dinheiro, em que levava os olhos, & o ir entretendo

no caminho? Disselhe, que em Norimberga, tinha que receber grande soma de dinheiro de hum mercador rico Italiano por nome Paulo Faud, pera o qual em verdade, o Padre levava cartas.

17 Naõ querendo o Escoces por pouco perder muyto, & tendo pera si, que no caminho de Norimberga por Austria pera Veneza lhe ficava mais proveitosa a morte do companheiro, foi dissimulando athe Norimberga. Nada se deteve alli o Padre, mas correndo a posta foi pera Augusta, & Tirol, caminho bem diverso, do que elle tinha ajustado com o Escoces, do qual Deos Nosso Senhor o livrou. Hia no meyo deste caminho, quando hum cavalleiro, que passava, lhe disse, que parasse hum pouco, athe passar hum Regimento de soldados, que hiaõ em socorro ao Principe de Neuburg, os quais roubavaõ, a quantos encontravaõ no caminho. Por esta causa fez alguma demora em buscar rodeos, pera se desviar de taõ perigoso encontro.

18 Muytos outros perigos teve neste caminho, o qual fez quasi sempre em cavallos da posta. Chegou a Roma dia de Saõ Simaõ, & Judas em Outubro de mil seiscentos sincoenta, & hum. Avia pouco, que era morto o Padre Geral Francisco Picolomini, & succedido em seu lugar com titulo de Vigario Geral o Padre Gozuvino Nikel, que depois foi eleito. Recebeo com grande amor ao Padre Macedo; & se alegrou por extremo com nova taõ boa.

19 Tratou logo dos Padres, que aviaõ de ir a Suecia. Feita consulta, a que assistiraõ os Padres Fabricio Banso Assistente de Italia, Francisco Annato Assistente de França, Nathanael Sotuelo Secretario Geral, & Alexandre Gottifredo Provincial da Provincia de Roma, foraõ escolhidos pera esta empreza o Padre Paulo Casato, que ensinava Matematica no Collegio Romano, & o Padre Francisco Malines, que ensinava Theologia em Turim. Ambos em virtude, & letras, quais os pedia tal empreza. Logo o Padre Macedo deu suas instruçoẽs ao Padre Casato, o qual no mez de Novembro passou a Veneza, onde se ajuntou com o Padre Malines, & mudando o vestido, no meyo do inverno passaraõ a Suecia, onde o seu zelo teve o effeito, que admirou Europa na reduçaõ de Christina, de cujo bem foi principio o Padre Antonio de Macedo pello modo, que fica referido.

C A-

CAPITULO II.

Das virtudes do Padre Macedo, & sua morte.

1 DEpois de ter o Padre Macedo concluido, quanto a Rainha lhe encommendara, ordenou o Padre Vigario Geral, que ficasse em Roma na penitenciaria. Naquella occupaçaõ assistio por tempo de vinte annos. No fim dos quais voltou a Portugal. Sendolhe necessario depois de taõ comprida ausencia chegar a Coimbra sua patria, fez este caminho de Lisboa athe Coimbra a pé, levando diante de si hum jumentinho com alguma pobreza do seu uso. Nesta forma chegou à portaria do Collegio de Coimbra, onde dando a sua patente ao porteiro, esperou athe vir recado do Padre Reytor, que podia sobir. Causou esta humildade muyta edificaçaõ no Collegio, que vio nelle renovado o sancto costume dos nossos primeiros Padres, de fazerem a pé os seus caminhos.

2 Fizeraõ no Reytor do nosso Noviciado de Lisboa, no qual criou os Noviços mais com o ensino dos seus bons exemplos, que com a doutrina das palavras. Elle era o primeiro nas acçoẽs de humildade, & abatimento. Compraraõse humas taboas compridas na ribeira, pera servir de assentos no refeitorio, elle as foi buscar com os seus Noviços, causando naõ pouca edificaçaõ nas ruas publicas, por onde passava, pegando elle em huma ponta da taboa, & o Noviço da outra. Como o Procurador da caza, q̃ cõprara o taboado, estivesse com sua capa aos hombros, armado à vir capiteneando a procissaõ, sem trazer taboa, advertindo o Padre Reytor no seu descuido lhe disse diante dos Noviços: Meu Padre capinha às costas sobre hum hombro, & pegar nas taboas. Assim o fez pondose em corpo, ficando advertido pera em outras occasioẽs naõ esperar pello aviso do seu Reytor, quando o seu exemplo lhe estava dizendo, o que devia fazer.

3 O mesmo fazia em outras acçoẽs de humildade, procurando sempre abaterse. Depois o promoveraõ à ser Reytor do Collegio de Evora, em cujo triennio foi o Collegio bem afortunado em tudo, o que muytos atribuiraõ à virtu-

de do Reytor. Era eu Noviço por este tempo naquelle sancto Collegio, & sou boa testimunha das muytas humilhaçoẽs, com que edificava os Noviços.

4 Por vezes hia com dous Noviços, & alguma vez fui eu hum delles, à portaria dos pobres, tomava sua tigela de caldo, com hum pedaço de paõ grosseiro, assentavase no chaõ, & comia com hum pobre, bebendo pella mesma tigela. Depois entre os dous Noviços com a tigela debayxo do braço, hia à fonte da praça, que fica bem longe do Collegio, & alli bebia pella tigela, como o custumaõ fazer os mendigos. Lembrame, o que me contou hum nosso Religioso, que neste tempo era estudantinho, achandose na praça a tempo, que o Padre Reytor hia na forma sobredita; disse pera os outros, olhem pera o Padre Reytor da Companhia, digaõ lâ aos Superiores de outras Religiõs, que vaõ fazer o mesmo. Acrecentou, que se edificara estranhamente de tanta humildade, & modestia.

5 Hia tambem muytas vezes ao Noviciado assentavase no chaõ, como nôs estavamos fallando, & fallava de Deos comnosco, como se fosse hum de nos. Comia frequẽtemente de esmolas no refeitorio. Sendo Reytor na caza de Lisboa, de ordinario sahia a varrer no passadisso, que està fora da Igreja. O mesmo fazia, quando jâ decrepito assistio naquella caza.

6 Nelle viaõ os subditos entranhas de pay amoroso. Na emmenda das faltas mostrava suavidade. Quando sendo Reytor em Evora, apanhava alguma falta, o seu modo de a estranhar, era dizer ao delinquente: Filho, filho, vede naõ vos veja o Padre Ministro, ou o Irmaõ Sotoministro, q̃ eu naõ direi nada. Outras vezes dizia: Filho apanheivos com o furto nas maõs, naõ o saiba o Padre Ministro.

7 Esta suavidade guardava com os de menos annos, & com ella emmendava muyto; porem com os que tinhaõ mais annos, & às vezes se fiavaõ nelles, & na autoridade das occupaçoens, pera serem menos advertidos nesta, ou naquella observancia, usava de aspereza. A hum Padre Doutor, & Lente de prima, que no tempo da meza se póz a fallar pera hum vizinho, lhe mandou dizer da sua meza por hum Irmaõ, que se lembrasse, que aquelle tempo naõ era de fallar.

8 Em o Noviciado de Lisboa sendo alli Reytor, fal-

lando na meza dous Padres moradores na mesma caza hũ de naçaõ Frances Confessor da Rainha, outro Portugues Confessor del-Rey Dom Pedro, que entaõ era Principe Regente, O Padre Macedo lhe receitou penitencia por aquella falta, pera que advertissem, que naõ estavaõ izentos do castigo, quando se esqueciaõ de guardar à regra.

9 A sua caridade, ainda, que era grande pera com todos, pera com os enfermos era maior. Frequentemente os vizitava. Aos Irmaõs do Recolhimento, que estavaõ enfermos, todos os dias no tempo da primeira meza da noyte os hia vizitar, & consolar. Foi muy estimador da sancta pobreza, o seu vestido, & calçado estavaõ dizendo o amor, que tinha a esta virtude.

10 Foi homem de oraçaõ, & a tinha de ordinario em publico diante do Sanctissimo Sacramento. Sendo jâ muy velho, quando o Senhor no Laus perene, estava exposto na Igreja da caza de Saõ Roque, diante delle gastava a maior parte do dia, & da noyte.

11 Das virtudes, que nelle mais resplandeceraõ, foi a devaçaõ à Senhora. Fez voto de jejuar toda a vida os seus sabados. Na observancia deste voto foi taõ exacto, que nem nas doenças dispensava consigo. Na ultima de que morreo, por mais, que os Medicos apertaraõ com elle, visto naquellas occasioẽs cessar a obrigaçaõ, antes parece, avia de desistir della, nunca o puderaõ tirar do seu sancto proposito de jejuar aquelle dia em obsequio da Senhora. Costumamos entre nos chamar *soli deo* à barretinha de que usaõ muytos pera abrigar a cabeça, conforme he costume em Roma, como o Padre Macedo a tivesse sempre na cabeça, em quanto se rezava a ladainha, & só a tirasse ao hymno *Ave Maris stella*, diziaõ os nossos por graça, que a sua barretinha era *Soli Mariæ*.

12 Sendo Mestre dos Noviços em Lisboa, sahia muytas vezes a ensinar a sancta doutrina nos lugares publicos, naqual dizia muytos louvores da Senhora, pera que todos lhe tivessem devaçaõ. Nestas occasioẽs sempre levava cõsigo enrolado hum painel de Nossa Senhora da modestia, que trouxera de Roma, & opendurava junto de si, pera q̃ agente concorresse à sancta doutrina, trazida com a curiosidade de ver a belleza da pintura. Esta deu ao Noviciado

de

de Lisboa, & quando isto escrevo està sobre a porta da capellinha da Senhora de Saõ Lucas da parte de fora; he muy devota, & magestosa.

13 Quis a Rainha de Suecia em agradecimento da merce, que Deos lhe tinha feito por meyo do Padre Macedo, pedir a el-Rey de Portugal, que o fizesse Bispo, porem elle a tirou destes pensamentos, muy contrarios à sua humildade, ainda quando naõ encontrassem o instituto, que professava. Alem das occupaçoẽs sobreditas. Foi duas vezes Preposito da caza de Saõ Roque. Onde morreo em sancta velhice aos quinze de Julho de mil seiscentos noventa, & tres. E pode ser contado entre os homens de virtude, de que neste dia se faz mençaõ no Menelogio da Companhia.

14 Do Padre Antonio de Macedo faz gloriosa mençaõ o Illustrissimo Dom Affonso Bispo de Malaga no seu livrinho, que compoz em defensa da Companhia, onde tem, que por seu meyo se convertera a Rainha de Suecia. Tambem delle falla a Biblioteca da Companhia por occasiaõ dos livros, que imprimio. Foraõ estes a vida do Padre Joaõ de Almeyda da nossa Companhia em Latim, outro dos Cardeais Portuguezes, ultimamente hum, que imprimio em Lisboa dos sanctos titulares. De suas virtudes averia larga narraçaõ, se quando falleceo, ouvesse cuidado de as perguntar, & escrever.

CAPITULO III.

Vida do Padre Francisco de Vasconcellos.

Em Lisboa aos 17 de Mayo de 1662.

Sua pertençaõ, excessos, que fez pera entrar na Companhia.

1 O Padre Francisco de Vasconcellos foi imagẽ muyto ao vivo do nosso Beato Luis Gonzaga, muy nobre, & sancto antes de ser da Companhia, & depois de Religioso foi Sanctissimo em suas virtudes, & costumes. Naceo em Lisboa de pays illustres, cujos nomes eraõ Bartholameu de Vasconcellos da Cunha, & Dona Juliana de Mello. Seus avós paternos Francisco de Vasconcellos da Cunha, & Dona Izabel de Britto, os maternos Joseph Ferreyra de Mello, & Dona Serafina Goes.

2 Em

2 Em onze de Abril de mil seiscentos, & trinta,& hũ tiveraõ Bartholameu de Vasconcellos, & Dona Juliana este filho, a quem quizeraõ, se desse o nome de Francisco assim em obsequio do glorioso Padre Saõ Francisco, como pera memoria de seu avo paterno. Aconteceo em seu nacimento huma cousa notavel, que foi bom indicio do cuidado, que tinha Deos deste menino. Naõ o podia a may lançar a luz, estava no perigo, que costuma trazer consigo esta afliçaõ; toda a casa andava revolta, quando chegou à porta hum ermitaõ a pedir esmola; vendo a desenquietaçaõ, & cuidado dos criados, perguntou, que cousa era; dizendoselhe, que a Senhora da casa estava no tal perigo, tirou do peito huma cruz de pao, & disse que tocassem com ella a enferma.

3 Logo que assim o fizeraõ, pario com toda a felicidade. Correm logo os criados à porta, pera dar ao ermitaõ a esmola, que tambem merecia, porem elle se tinha ausentado, nem mais foi visto. Depois de nacer o menino, envolto em huma toalha, sobre huma joeira, o puzeraõ ao pé do altar da capella da casa, offerecendo-o a Deos em nome de seus pays. Aqui dezembrulhou a criancinha os braçinhos, & os levantou ao Ceo, indo cõ os olhos muy alegres correndo toda a capella.

4 Logo se foi vendo a brandura do seu natural, nos tres primeiros mezes, nem se lhe ouviraõ vagidos, ou choros taõ proprios daquella idade, nẽ q̃ dos olhos lançasse huma só lagrima: Assim como foi crecendo, se descobrio nelle singular propensaõ às cousas de Deos. Logo que a idade deu lugar, tomou hum theor de vida muy ajustada. Tinha gabinete retirado, como cella de Religioso, alli só com Deos, lia por livros sanctos, fazia suas devaçoens, & aprendia a sua liçaõ, teve por Mestre a hũ Padre da Cõpanhia na casa de Saõ Roque, aonde elle, & outros fidalgos hiaõ dar, & tomar a sua liçaõ.

5 Sabendo, que os da Companhia duas vezes no dia faziaõ exame de consciencia, elle tambem o costumou fazer, & com a meudeza do mais perfeito Noviço. Trazia consigo hum livrinho, a que chamamos exame geral, no qual tinha escritos os nomes das virtudes, pera apontar algum defeito, que contra ellas cometesse; & se em algum cahia, logo, se estava sò, o apontava. Francisco Severim de

No-

Noronha fidalgo do ſeu tempo, & ſeu grande amigo, quiz por curioſidade ſaber huma vez, que couſas apontaſſe, & achou notado como por grande culpa, que ſe tinha hum quaſi nada detido em ouvir cantar hum menino.

6 Quando comia, mandava algum de ſeus criados, q̃ lhe leſſe aquelle tempo vidas de Sanctos, como ſe faz nas mezas dos Religioſos. Outras vezes ordenava aos criados, que repetiſſem os dialogos da doutrina Chriſtaã, que ſe cõtem na cartilha; & apremiava a cada-hum ſegundo o bem, ou mal, que o fizera.

7 Foi muy inclinado a ouvir, & ajudar às Miſſas ainda nos maiores concurſos, em que outros ſe retiraõ por pejo, elle hia acender as vellas, & fazia o mais com notavel piedade. Neſte tempo nem dizia palavra, nem conſentia, que alguem fallaſſe com elle. Naõ goſtavaõ os ſeus de ver nelle tanta piedade, & aſſim, como elle diz nas ſuas repoſtas, o mexiricavaõ (ſaõ palavras ſuas) de que andaſſe em Saõ Roque feito hum menino da Miſericordia, ajudando a quãtas Miſſas podia, & de que moſtraſſe mais inclinaçaõ a rezar na meſma caſa, do q̃ de hir ao Paço, ou ajugar, converſar, & paſſear cõ outros. Deſtes ditos nenhũ caſo fazia. Entrou com os mais da ſua qualidade a ſervir a el-Rey no Paço. Era tal ſeu exemplo, & modeſtia, que lhe chamavaõ todos o Apoſtolo, nome, que neſte Reyno ſe deu aos da Companhia. Fazia muy bem o officio, porque procurava, inclinar à virtude a todos os fidalgos do ſeu tempo.

8 Nos annos, que eſtudou no patio de Sancto Antaõ, o veneravaõ os eſtudantes por exemplo de todas as virtudes chriſtaãs; muytos goſtavaõ de o tratar, & ſentiaõ niſſo aproveitamento de ſuas almas. Tanto, que entrava pella porta do patio dos eſtudos, ou choveſſe, ou fizeſſe calma, logo tirava o chapeo, nem o punha mais na cabeça, ainda que inſtaſſem, ſe cobriſſe.

9 Eſtas, & outras virtudes o fizeraõ muyto amado dos Reys em eſpecial do virtuoſo Principe Dom Theodoſio, que como o via taõ ſemelhante aos ſeus coſtumes, ſe lhe afeiçoou grandemente. Quando o Principe paſſou a Elvas, o acompanhou Franciſco de Vaſconcellos. Ordenoulhe neſte tempo, que quando os outros moços fidalgos fizeſſem no Paço ſeus officios, elle deſcançaſſe, & quando os mais ſe foſſem, vieſſe ter com elle, pera rezarem ambos o

officio

officio da Senhora, & tratarem entre si de cousas, & praticas Sanctas. Sempre, que o Principe comia, reservava, sem que os outros o soubessem, alguma cousa de comer, pera Francisco de Vasconcellos, quando com elle viesse rezar, & conversar. Por sua conhecida virtude a Rainha lhe deu licença, que entrasse na sua capella, quando alli hia com os Principes seus filhos, a fazer sua devaçoens.

10 Todos estes, & outros favores dos Reys tinha por cousa de pouco suco em comparaçaõ das cousas do Ceo, das quais tinha formado hum elevado conceyto. Na meditaçaõ, & oraçaõ, & sancto trato dos nossos Religiosos, aprendera a desprezar em seu coraçaõ, tudo o que o mundo ama, & abraça. Resolveose consigo de deyxar estas cousas, que acabaõ, & servir a Deos na Companhia, que das Religioens esta era a do seu maior agrado.

11 Era frequente no uso dos Sacramentos. Nesta materia lhe succedeo huma cousa engraçada com hum Padre da Companhia estrangeiro; a este concorriaõ muytos fidalgos moços, pera que os confessasse, levados de ser estrangeiro, & homem, que os naõ conhecia, como fazem de ordinario os moços, que procuraõ quasi sempre confessores, que nem de rosto os conheçaõ. Francisco de Vasconcellos, como era de vida taõ sancta, naõ se cançava com estas diligencias, pera elle todos os Confessores eraõ bons. Hum dia outros fidalgos moços, começaraõ a gabar de bõ Confessor ao Padre estrangeiro, & levaraõ consigo a Francisco de Vasconcellos, pera elle tambem se confessar.

12 Depois de o Padre ouvir a meudeza, & pureza de consciencia do novo confessado; lhe disse com muyta graça com as suas palavras a portuguezadas: Tu naõ tens necessidade de vir aqui, vai, confessate, com quem quiseres, & naõ tornes câ, que o estrangeiro he pera outros.

13 Tendo pois tomado consigo resoluçaõ de ser da Companhia, se lhe offerecia hum mar de difficuldades. Era filho unico, herdeiro da sua casa; por esta rezaõ, quando se dizia, que outros morgados tinhaõ tantos, & quantos Irmaõs, lhes tinha huma sancta inveja, & os dezejava, quãto por ventura outros os naõ querem, porque tendo-os, seria facil effeituar seus dezejos. Por outra parte lhe ocorriaõ os exemplos de muytos, que em Hespanha, & Italia deixaraõ as suas casas, sem tratarem da successaõ dellas, &

que destes podia elle tambem ser hum.

14 Por tanto se foi ter com os Superiores da Companhia, & lhes descobrio seus intentos. Deraõlhe ao principio boas palavras, indo-o detendo, imaginando, morreria aquelle fervor com o tempo; porẽ como era de Deos, cõ a demora crecia mais. Por resoluçaõ o desẽganaraõ, dizẽdo, se cansava de balde, que a companhia naõ queria historias com seus pays, & parentes, as quais se naõ podiaõ escusar, sendo elle filho unico, & a unica esperança da sua casa.

15 Alem deste desengano sabendo os parentes da sua pertençaõ, fizeraõ baixar decreto de nosso Reverendo Padre Geral, no qual mandava aos Superiores desta provincia, que naõ recebessem na Companhia a Francisco de Vasconcellos. Vendo, que em Portugal naõ seria admittido, entrou em pensamentos de passar ao Brasil, fingialhe o seu dezejo, que alli por naõ saberem, quem era, poderia facilmente ser aceito; mas logo lhe ocorreo como seria possivel, embarcarse, sem isso se descobrir; & que no Brasil o naõ receberiaõ, sem mandar inquirir delle a Portugal.

16 Naõ menos, que nove annos continuou nesta pertençaõ, sem tamanhos obstaculos o esfriarem alguma cousa no seu dezejo. Neste tempo veyo por Visitador desta provincia o Padre Joaõ Brissacier, logo o nosso pertendente lhe foi representar sua antiga demanda, & posto de joelhos lhe declarou a sua petiçaõ. Deulhe o Padre Visitador os mesmos desenganos; instou huma, & outra vez Francisco de Vasconcellos, chorou muytas lagrimas. Finalmente disse ao Padre Visitador, que se em Portugal o naõ recebia, tivesse por cousa certa, que o havia de seguir, quando se voltasse a França, pera que lâ livre dos temores de seus parentes lhe cumprisse sua vontade, & quando em França naõ conseguisse seus intentos, passaria a Roma, & se lãçaria aos pés do Padre Geral.

17 Vendo o Visitador tais excessos, fechou os olhos a todos os respeitos humanos, & postos só em Deos, que pois dera tais dezejos àquelle fidalgo, daria tambem sahida aos encontros, que viriaõ à Companhia, o admittio, & a execuçaõ se fez em segredo nesta forma. Na terça feira da somana sancta depois de tomar junto da noite huma breve collaçaõ, foi athe a casa de Saõ Roque; detendose alli pouco tempo com os Padres despedio os criados, se foi a pé

athe

athe o Noviciado. Nelle entrou aos trinta, & hũ de Março de mil ſeiscentos, & quatro, tendo de idade vinte, & tres annos, & andando no terceiro anno de Philoſophia em S. Antaõ.

CAPITULO IV.

Contraſtes, que teve pera ſahir da Campanhia, como os venceo, daſſe huma noticia de ſua vida, & do trato que teve com Deos.

1 COmo hum criado, que ſó o acompanhara, viſſe, q̃ a noite hia entrando, & que ſe detinha muyto ſeu amo, tocou à campainha, fazendo avizo, que diſſeſſem ao Senhor Franciſco de Vaſconcellos, que ſe fazia tarde. Reſpondeo o porteiro, que elle ficava em caſa por ſer ja da Companhia. Ficou atonito o criado. Volta a dar eſta nova a ſua may, & parentes, porque o pay eſtava por Governador da ilha da Madeira; todos ſe aſſombraraõ; ſem demora, may, tia, avô, & mais parentela voaõ ao Noviciado, pedem ao Padre Reytor lhes entregue ſeu filho; logo lho mandou vir, pera que todos viſſem, que niſto naõ entervinha algum empenho dos Padres.

2 Naõ ſaõ explicaveis as rezoens, que lhe diſſeraõ, as lagrimas, que choraraõ; porem nem o dobraraõ rezoẽs, nẽ o abrandaraõ lagrimas; por reſoluçaõ lhe diſſe, que ſe podiaõ hir, que ſe canſavaõ debalde, & com hum deſapego, que bem moſtrava eſtimar mais a Deos, q̃ as lagrimas dos ſeus, ſe recolheo pera dentro de caſa. Toda aquella noite, & o dia ſeguinte perſeveraraõ eſtas fidalgas na Igreja chorando, aquella, que tinhaõ por diſgraça da ſua caſa: vendo porem, que as lagrimas eraõ de nenhum proveito, ſe recolheraõ com propoſito de naõ deyxar diligencia, que pudeſſem fazer, pello tirar da Religiaõ.

3 Naõ paſſou muyto tempo, que ſe lhe naõ offereceſe ocaſiaõ a ſua may de dar a ſeu filho huma forte bataria. Sahio elle com outros dous Noviços, como por vezes fazem, a comer com os pobres na portaria de Saõ Roque. Teve logo a may aviſo, mandou dous criados ao caminho, quando ſe recolhiaõ pera caſa os Noviços; os criados chegandoſe ao Irmaõ Franciſco de Vaſconcellos lhe diſſeraõ,

que sua may tinha que fallar com elle, por tanto, que ou esperasse, ou chegasse, com elles a sua casa.

4 Respondeo o Noviço, que elle naõ tinha outra may, senaõ a Senhora da Assumpsaõ, pera cuja casa se recolhiaõ. Responderaõ os criados, que naõ haviaõ de passar adiante. Nesta lida vindo a may, lhe disse; que chegasse athe sua casa, que tinha huma cousa de grande consideraçaõ, que tratar só por só com elle. Respondeo, que elle naõ sabia outra casa, senaõ a da Companhia, que só pera ella havia de hir, pois alli o esperava a Virgem Senhora.

5 Entaõ enfadada a may, diz aos criados, que pois naõ queria hir por vontade, o levassem por força. Assim o executaraõ; vendo o Noviço tal violencia, começou a dizer a antiphona: *Sub tuum præsidium confugimus Sancta Deigenitrix.* Tanto, que entrou com os companheiros em casa da may, se foi direito à capella, & se abraçou com a imagẽ da Senhora, como quem só nella punha suas esperanças em tal aperto.

6 Os companheiros foraõ despedidos pera o Noviciado, ficando o Irmaõ como Daniel no lago dos Leoens. vindo a noite, o chamaraõ pera cear, respondeo, que elle naõ havia de comer cousa algũa fora do refeitorio do Noviciado. Nesta tesidaõ continuaria, senaõ tivesse aviso dos Superiores, que comesse. Tres dias esteve em casa de sua may padecendo huma perpetua bataria de seus parentes assim de casa, como de fóra, & de outra gente illustre, em especial do Conde de Soure, que puzeraõ todas as suas industrias pello tirar de seu proposito; porem elle de tudo fazia pouco caso.

7 No fim dos tres dias bayxou decreto del-Rey, que o Noviço fosse restituido aos Padres. Foi inexplicavel o gosto, com que o Irmaõ se tornou pera o seu Noviciado. Nem por isso desesperaraõ os parentes. Queixaraõse ao nosso Padre Geral, delle veyo ordem, que o Noviço se depositasse, & lhe fizessem perguntas, & escolhesse o estado, que mais quizesse. Tudo era, pera que se visse claramente, quam desinteressada hia neste negocio a Companhia, & naõ pudesse haver queyxa de nós. Por tanto foi depositado no Convento de Saõ Francisco da Cidade, onde esteve seis dias. Fizeraõselhe pergũtas, a todas respondeo, q̃ elle tinha proposito mui firme de viver, & morrer na

Com-

Companhia; que ninguem o obrigara a esta eleiçaõ, mais que o dezejo de sua salvaçaõ. Dizendoselhe, que firmasse com juramento as suas repostas, acodio, que da Companhia era proprio desterrar juramentos escusados, por tanto que sendo elle da Companhia lhe naõ era licito jurar sẽ necessidade.

8 Naõ aquietou a may, sobre quem cahio este cuidado, porque o pay neste tempo, como disse, era Governador da ilha da Madeyra, onde se poz mal com a Companhia, & deu molestia aos Padres. E quando voltou ao reyno fez bravas diligencias, por lhe tornar pera casa. Deu a may ordem a vir breve do Sũmo Pontifice, pello qual se mandasse aos da Companhia, que lhe entregassem seu filho. Em effeito veyo o breve de Roma, & se executaria, senaõ interviesse el-Rey, que tal cousa naõ consentio.

9 Nestes pontos vendo a may, q̃ ja naõ havia por onde remar, fez da necessidade virtude, ou Deos depois de tantas experiencias lhe abrio os olhos, pera que visse, & conhecesse, quam bem fizera seu filho. Dava graças a Deos, por lho dar taõ bom, & sancto. Ja se alegrava, de q̃ Deos quizesse pera si, o que ella neste mundo mais amava.

10 Desembaraçado de tantos impedimentos o Irmaõ Vasconcellos, se deu a Deos sem sosobros de obrigarem, ao deixar. Era muy continuo na oraçaõ, & trato com Deos. Sentia muyto gosto em hir ensinar a sancta doutrina, & fazer as camas aos enfermos no hospital. Tinha notavel dezejo do desprezo proprio, & de veras o procurava.

11 Passado o primeiro anno do Noviciado, como tivesse entrado de idade crecida, & mais provecto nos estudos o mandaraõ os Superiores pera Evora, a refrescar a memoria nos seus estudos. Alli fez os votos depois de dous annos, & foi Sottoministro dos Irmaõs Noviços. No mais tempo, que estudou Philosophia era sua virtude a todos hum vivo espelho de sanctidade. Tinha as horasdo dia repartidas em ordem a dar tempo aos seus exercicios sanctos, & com aquella sua repartiçaõ se ajustava quanto podia.

12 Depois foi mandado ensinar latim em Lisboa. Fez esta ocupaçaõ cõ summo cuidado, & escrupulo. Desembaraçavase no tempo da classe de qualquer trato com pessoas de fóra, por naõ faltar hum apice a seus discipulos. Huma

pessoa

pessoa secular o amava muyto por sua rara modestia, & virtude, & o Irmaõ Francisco de Vasconcellos estimava o seu trato, por ser todo conforme o seu genio. Como o viesse hum dia visitar no tempo, que estava na classe; lhe disse, que lhe havia de fazer graça, de lhe naõ ocupar outra vez aquelle tempo, porque era de seus discipulos, & que elle o naõ devia, nem podia gastar se naõ nos exercicios de sua ocupaçaõ.

13 Neste tempo lhe mandaraõ tomar ordens de Missa, o que elle muyto estimou, por tirar a seus parentes qualquer esperança, que pudessem ter, de o poder ainda desenquietar. Preparouse pera dizer a primeira Missa tendo dez dias de Exercicios de Sancto Ignacio. Dissea no segundo de Julho dia da Visitaçaõ da Senhora, com tantas mostras de piedade, que a causou nos ouvintes; & pello mais tempo de sua vida sempre que celebrava, seus olhos davaõ mostras de sua devaçaõ.

14 No fim do primeiro anno do seu magisterio lhe deu huma dor grave em hum braço, a qual elle ocultou por muytos mezes, por ter materia de mais sofrimento: vendo porem que a demora na cura lhe podia causar dano grave, como em effeito causou, se descobrio, & poz em cura. Teve muyto, que sofrer nos remedios da surgia, cortando o Surgiaõ pella carne, por quanto se lhe hia apodrecendo, & corrompẽdo o braço com a malignidade do humor.

15 Por ter sua may, mais comodo de o curar, pedio, que lho mandassem pera o hospital de nossa Senhora da Luz, que dista de Lisboa cousa de meya legoa. Alli deu notaveis exemplos de sofrimento, & de modestia Religiosa.

16 Porem antes, que conte sua morte, direi primeiro os raros exemplos de suas virtudes assim sendo ainda secular, como depois, que foi Religioso. Ja era sancto, quando veyo viver entre nôs, & na Religiaõ sobiraõ de ponto suas virtudes.

17 Tinha trato muy especial com Deos, nelle foi taõ exacto, que nem por negocios, nem ocupaçoens, nem jornadas faltou à sua oraçaõ. Duas horas gastava na oraçaõ todos os dias, huma, quando se levantava, outra de tarde. Alem disto meya hora em absequio do Sanctissimo, & da Senho-

Senhora. Neste tempo estava taõ recolhido, que nenhuns estrondos o desenquietavaõ. A elle se chegou em huma destas occasioens hum amigo, pera que atendesse ao q̃ lhe dizia, lhe gritou huma, & outra vez, porque todo estava embebido em Deos. Outra vez estando em huma Igreja em oraçaõ, naõ sentio fecharemse jâ as portas da Igreja. Da-hi a tempo veyo hum seu criado, buscallo, disse ao Sãcristaõ lhe abrisse, q̃ seu amo ficara alli, entraraõ, & o foraõ achar de joelhos a hum canto da Igreja, continuando sua oraçaõ.

18 Teve grande cuidado de instruir na oraçaõ, & exhortar a ella os moços illustres, com quem tratava; a muytos fez pios, devotos, & amigos da oraçaõ: quando de menhaã se viaõ lhes perguntava, se tinhaõ ja almoçado, & de tarde se tinhaõ ja merendado. Nestes modos de fallar, entendiaõ ja, lhes perguntava, se de menhaã tiveraõ alguma cousa de oraçaõ, ou de tarde.

19 Foi devotissimo do Sanctissimo Sacramento. Comungava muytas vezes. Sempre que se dava final a sahir o Senhor a algum enfermo ou de dia, ou de noite, o acompanhava. Nestas ocasioẽs pedia ao Senhor, salvasse aquelle enfermo, & que lhe concedesse a elle, naõ morrer sem Viatico. Deste affecto lhe nacia na Religiaõ, prepararse com grande pureza de consciencia, pera dizer Missa, & deterse largo espaço em dar as graças ao Senhor. Quando succedia, ser obrigado logo depois da Missa, hir pera a sua classe, lâ se punha de joelhos a dar a Deos as graças, no tẽpo, que os estudantes repetiaõ suas liçoens.

20 O respeito, que tinha à Sancta Cruz era maior, do que se pode dizer com palavras. Nunca passaria por Cruz alguma sem tirar o chapeo. Era nelle taõ frequente este tirar do chapeo, que muytos tiveraõ pera si, tirava o seu chapeo aos habitos de Christo, & às cruzes das espadas; de que os prudentes se edificavaõ, & os indevotos se riaõ.

CAPITULO V.

Da devaçaõ, que teve à Senhora, & outras virtudes.

1 DAs suas devaçoẽs foi mui principal a da Senhora. Todos os dias infallivelmente lhe rezava officio, & coroa.

coroa. Sincoenta vezes repetia o verſiculo, *Maria mater gratiæ*, & ſeſſenta o verſo, *Monſtra te eſſe matrem, fac me eſſe filium, & ſervum fidelem.* Jejuava todos os ſabados, & nas veſporas dos dias conſagrados a alguma feſta da Senhora. Sempre fazia ſua veneraçaõ, quando paſſava por alguma imagem ſua. Em ſe levantando, poſto de joelhos, ſe offerecia à Senhora, pera defender ſua Immaculada Conceyçaõ, pedindolhe alcançaſſe de ſeu Sancto filho, que elle deſſe o ſangue por eſte Sancto myſterio.

2 No Collegio de Lisboa ſe via huma capellinha conſagrada à Senhora dos bons dezejos, a qual ficava no primeiro taboleiro da eſcada, que vai ao patio dos eſtudos, depois a imagem ſe paſſou pera huma capella da Igreja. Com os annos eſtava muy acabada, & avelhentada. Naõ lhe ſofreo o coraçaõ ver aſſim hum lugar, que fora dedicado à Senhora, elle por ſuas maõs o começou a alimpar, tirando telhas, caliça, mais intulho, & teas de aranha. Andando aſſim bem empoado, dizia muytas vezes: *Elegi abjectus eſſe in domo Dominæ meæ.*

3 Naõ ſómente reparou a capellinha à ſua cuſta, mas inſtituio alli huma Irmandade, que intitulou da cadea, dãdo ſuas regras por onde ſe regeſſem, convidando pera ella aos que ſentia propenſos à devaçaõ. Daqui tiveraõ ſeu principio em Portugal muytas Irmandades ſemelhantes, com as quais muyto ſe adiantou a devaçaõ da Senhora.

4 Andava tanto com os cuidados em Deos, que vendo qualquer flor, ou ouvindo algum conto ſuave, logo dizia: Se iſto he na terra, que ſerâ no Ceo. Ainda, que era frequente em fazer ao Ceo muytas jaculatorias, no dia da Aſcençaõ do Senhor ſobiaõ de ponto eſtes fervores, & ſe lhe viaõ no roſto abrazado; dizia, que lhe parecia, que aos que morriaõ em tal dia, ſe lhe naõ podiaõ fechar as portas do Ceo, pois eſtavaõ patentes ſegundo o de David: *Attollite portas Principes veſtras.* Eſtes fervores no tal dia deviaõ ſer annuncio de aver nelle de morrer, porque falleceo na noyte antecedente ao dia da Aſcenſaõ do Senhor.

5 Teve ſingular eſtimaçaõ da Companhia eſpecialmente por ter em ſuas couſas por motivo, & brazaõ principal a maior gloria de Deos. Hum dos artigos, que ſe lhe deraõ, quando eſteve depoſitado no moſteiro de Saõ Frãciſco, era que a recepſaõ fora nulla, pois os Padres o naõ

podiaõ

podiaõ fazer, por naõ terem dado conta ao Padre Geral. A isto deu por reposta: Naõ me meto em a conta, que os Padres, que me receberaõ, deraõ, ou naõ deraõ ao Padre Geral, mas que me basta, que me hajaõ recebido, pois presumo, que se o naõ pudessem fazer com boa consciencia, o naõ fariaõ, nem por serem senhores do Mundo todo, & os que o contrario julgarem, ou sospeitarem, sera pellos naõ conhecerem, & quando a recepsaõ ficasse nulla, que eu me contento, com ser antes moço da cozinha de taõ sancta Religiaõ, que Imperador do universo mundo, sahindome pera viver nelle. Estas as suas palavras, que bem mostraõ, quanto estimava a Companhia, & o conceito, que tinha dos seus Religiosos. Dezejava ir âs Indias converter almas. Indo huma vez de Lisboa pello rio ao mosteiro da Cartuxa, ouve tempestade, com a qual se assustaraõ muyto os Companheiros, entaõ o Padre Vasconcellos os animou com estas palavras: Bom animo, Missionarios do Japaõ, o quam feliz, & ditoso seria eu, se por meyo de grandissimas tempestades chegasse àquellas terras.

6 Amava tanto aos nossos Religiosos, que só por conhecer, os que viviaõ no Collegio de Coimbra, foi estar alli algum tempo, no qual ora hia fallar de Deos com os Irmaõs do Recolhimento, ora com os Noviços, mostrando hum gosto incrivel em tratar das cousas de Deos com seus Irmaõs, & lhe parecia andar mais entre Anjos, que entre homens.

7 A noyte do Natal, que entre nos he de grande devaçaõ, passava elle em oraçaõ assim quando era Noviço, como nos mais annos. Lia com singular piedade as cartas, que os Irmaõs Noviços costumaõ fazer ao menino Deos no presepe, & as estimava, como se fossem reliquias de sanctos, por entender a pureza de afecto, com que as elles costumaõ escrever.

8 Indo ao Noviciado se enlevava na vista de qualquer Irmaõ Noviço, como se tivesse diante desi algum Anjo. Quando sabia, que algum pertendente entrava na Companhia, o acompanhava athe o Noviciado, ficando elle com grandes invejas de naõ lograr semelhante dita. Hum dia acompanhando a dous, que entraraõ juntos, lhe veyo tanto dezejo de ficar em caza, que se abraçou com huma imagem do Senhor *Ecce homo*, dizendo, que dalli senaõ avia

de apartar, sem lhe darem a roupeta da Companhia. Tiveram os Padres bom trabalho, em se livrar por entaõ deste seu fervor, dandolhe boas esperanças, de que teriaõ effeito os seus dezejos.

9 Rogava ao Padre Mestre dos Noviços, que mandasse os Irmaõs, quando fossem peregrinar, por huma quinta sua, no tempo, que elle ahi assistia. Sahia a esperalos, recebiaos cheyo de alegria, abraçando-os de joelhos, & dizendo: *Benedicti, qui veniunt in nomine Domini*. Logo os encaminhava pera a capella a fazer oraçaõ. Depois fazendo-os tirar as suas capas, & chapeos velhos, elle tomava huma das capas, & hum dos chapeos, & andava pella caza mui contente, dizendo; que bello vestido, como estou bizarro.

10 Huma vez sonhou, que o despediaõ da Companhia. Teve nos mesmos sonhos huma dor, & ancia igual ao dezejo, que sempre tivera de ser nosso Religioso, & acordando cheyo de susto, & sobresalto começou com a maõ a palpar a cama, por ver se achava a roupeta, & se eraõ da Companhia as alfayas, com que se abrigava, & conhecido o sonho, deu muytas graças a Deos por tal disgraça naõ passar do sonho.

11 A caridade pera com os miseraveis parecia ter nacido com elle. Era amigo dos pobres, da sua prezença nenhum hia triste. As suas principais esmolas eraõ a gente pobre, que naõ pode andar pellas portas; tambem acodio com esmolas a algumas molheres, a quem a necessidade obrigava usar mal de si, & fazia se puzessem em estado, que naõ vivessem das offensas de Deos. Por tres annos sustentou a hum Sacerdote pobre, que era homem de virtude. Junto donde morava feriraõ a hum estudante estrangeiro, & taõ pobre, que nada tinha de seu, logo o mandou recolher em huma recamara de suas proprias cazas, chamar Surgiaõ, & lhe mandou assistir com tudo, quanto fosse necessario, pera ser curado. Depois de convalescer, o sustentou dalli por diante, athe elle ter seu modo de vida.

12 Morreo na vizinhança hum homem taõ pobre, que nem tinha, com que o enterrarem, sabendo isto lhe fez os gastos do enterro, assistindo com o necessario pera aquella funçaõ. Sahindo do nosso Collegio de Sancto Antaõ pera sua caza, encontrou no terreiro a hum pobre estendido na

terra

terra cortindo huma quartã. Chegouſe a elle, conſolou-o com às palavras, & logo deu ordem, a ſer levado ao hoſpital. Determinou, foſſe levado no cavalo, em que elle andava, mas vendo, que naõ eſtava o enfermo capaz de ir nelle, mandou vir dous homens, aquem pagou, & foi acompanhando o pobre, athe fazer delle entrega no hoſpital.

13 Nos outros fidalgos da ſua idade, com quem tratava, fez muyto fructo com ſuas obras,& palavras;enſinou-os no modo de ter oraçaõ, depois lialhes livros ſanctos, em eſpecial os que tratavaõ do bem, que avia no eſtado Religioſo. Donde ſe ſeguio, tomarem muytos reſoluçaõ de deyxar o mundo, & os que o naõ fizeraõ, ſe melhoraraõ em ſeus coſtumes.

14 Naõ permittia, que ſe diſſeſſe em ſua prezença alguma palavra ocioſa, & ſe algum cahia neſte deſcuido, repetialhe o do Evangelho, que a Deos ſe avia de dar conta de toda a palavra ocioſa. Perſuadio a muytos, que ſe retiraſſem de eſpectaculos publicos, como ſaõ comedias, & ſemelhantes, nos quais de ordinario tem detrimento as conſciencias.

15 Sendo Meſtre no Collegio de Sancto Antaõ hia nos dias feriados fazer praticas aos prezos, & alem de outros fructos, que recolheo do ſeu trabalho, foi hum introduzir, que todos os dias rezaſſem juntos em voz alta o terço do Rozario. Ao principio impediraõ eſta devaçaõ os Miniſtros, dizendo, que no tempo, que rezavaõ, poderiaõ, ſem ſer ſentidos, arrombar a cadea, & fogir. Falloulhes o Padre Franciſco de Vaſconcellos, & lhes deu taõ boas razoẽs, que permittiraõ a devaçaõ, dizendo, que ſe foſſe neceſſario, elles iriaõ, acompanhalos na reza.

16 Hia outras vezes enſinar a doutrina pellas freguezias, & aos lugares circumvizinhos. Quando eſteve em Noſſa Senhora da Luz, ſe a ſaude lhe dava lugar, todos os dias enſinava a doutrina aos meninos. Se lhe faltavaõ contas, & veronicas, dava aos meninos nozes, amendoas, ou ſemelhantes couſas de comer, em lugar dos premios, que naõ tinha. Com os amigos fazia ſeus contractos eſpirituais na comunicaſſaõ das obras. Por iſſo os exortava,a que inſiſtiſſem neſtas, & naquellas obras ſanctas, nas quais elle por razaõ do contracto, tinha ſua parte.

17 Aos amigos auſentes fomentava com ſuas cartas cheas de bons conſelhos, & a viſos ſanctos. A hum que eſtudava em Coimbra, logo que ſahio a luz a vida do Padre Joaõ Cardim, lha mandou, pera que a leſſe a outros eſtudantes,& com os exemplos, que continha os animaſſe à virtude. As ſuas cartas eraõ muy eſpirituais, antes ſẽpre de as mandar, as levava ao Superior, pera que elle as cerceaſſe, ſe acazo tiveſſem algum deſcuido.

18 O ſeu zelo do bem alheo foi taõ notavel ſendo ainda ſecular, que muytos duvidaraõ, ſe o teve maior antes de ſer Religioſo, ou depois de eſtar na Companhia. O certo he, que muytos, aquem elle ſendo ſecular, fomentava no dezejo da virtude, depois faltandolhe o ſeu trato familiar, deſcahiraõ muyto nos coſtumes.

19 Foi ſempre o Padre Vaſconcellos deſprezador das honras humanas, & muy affeyçoado à humildade. A ninguem tirou o ſeu chapeo, que naõ inclinaſſe tambem todo o corpo. Naõ queria ſer louvado, & como huma vez o louvaſſem, moſtrando deſprazer, diſſe: *Soli Deo honor, & gloria.* Se os amigos por lhe ſaberem o natural, lhe vituperavaõ alguma couſa, que merecia louvor, dizia: Ahi veraõ, qual eu ſeja, que ainda nas obras boas ſou mao.

20 Naõ ſei, que deſordem cometeraõ os fidalgos moços, que aſſiſtiaõ ao Principe Dom Theodozio, dos quais elle era hum. Sendo no cazo innocente, ſe ſogeitou ao caſtigo, que os mais levaraõ, ſó por naõ deſcobrir os autores do deſacerto, & quis ſer antes avaliado por hum dos culpados. Era elle terceiro de Saõ Franciſco, & huma vez aſſiſtia em certa funçaõ da ordem; o Padre, que a governava, ſabendo bem a virtude de Franciſco de Vaſconcellos, lhe diſſe, que ſe levantaſſe, & beijaſſe os pés dos mais Irmaõs, que eſtavaõ prezentes. Obedeceo à riſca com geral edificaçaõ, dos que viaõ a ſeus pés hum moço taõ illuſtre.

21 Em certa occaſiaõ chegou à portaria do noſſo Noviciado a tempo, que ſe repartia depois de jantar eſmola aos pobres: parou com dous Sacerdotes, que o acompanhavaõ junto da porta detendoſe em ver a repartiçaõ; neſte tempo ouve, quem de dentro lhe deſſe tambem ſua tigela de caldo; elle a tomou, & bebeo della, & com o ſeu exemplo fez, que tambem os dous Sacerdotes a tocaſſem.

Fe-

Festejando muyto ser tratado como os pobres, de quem o Senhor se agrada mais, que dos ricos do mundo.

22 Naõ he de menor edificaçaõ, o que lhe succedeo na portaria dos pobres de Saõ Roque. Chegouse alli a tempo, que hum Noviço, fazia doutrina: perguntou o Padre nosso a hum pobre, o qual levandose de brio, respondeo, que jâ era grandinho, pera dizer o Padre nosso. Ouvindo isto Francisco de Vasconcellos, levantou a voz, & disse: Eu Padre, eu direi; & fazendo o sinal da Cruz, repetio em voz alta o Padre nosso.

23 Varias vezes, quando os Noviços hiaõ ao hospital fazer as camas aos enfermos, se metia com elles, & os ajudava, pagandose muyto de ter a boa sorte de acompanhar em taõ sancta obra os Noviços. Huma vez como saltando de prazer disse a hum seu amigo: Naõ me dâ o parabem de lograr taõ boa fortuna, como de ser companheiro destes servos de Deos?

24 Acazo se deteve muyto no coro da Igreja do nosso Collegio em oraçaõ taõ posto em Deos, que naõ attendeo a horas, sendo jâ tarde, & tendose recolhido o porteiro, sahio elle do seu retiro, tangeo a campa. Acodio o porteiro, & se enfadou com elle, estranhandolhe, o estar athe tais horas no Collegio. Vendo elle o incomodo, qne sem o pertender tinha dado, com grandissima submissaõ se postrou de joelhos, & lhe pedio perdaõ, prometendo de fazer, por naõ cahir mais em semelhante descuido.

25 Esta sua humildade taõ chea de virtude atribuiaõ alguns mundanos a animo apoucado, outros a hipocresia; destes ditos nenhum cazo fazia, pois nem por alguns respeitos humanos era virtuoso, nem por elles avia de deyxar as obras, que sabia, serem do agrado de Deos.

CAPITULO VI.

Como se exercitou nas mais virtudes, de sua sancta morte, & opiniaõ, que delle ouve, & do Irmaõ Joaõ Carvalho, que com elle entrou na Companhia.

1 NAõ foi menor na virtude da obediencia ainda em secular, porque tinha alcançado, serem de maior me-

merecimento as obras, quando ſaõ reguladas por eſta virtude, doque quando ſaõ feitas ſó por vontade propria, naõ fazia couſa, que a naõ comunicaſſe primeiro a algum dos noſſos Padres, a quem tinha entregue o governo do ſeu eſpirito. Quando naõ avia occaſiaõ de os perguntar, conſultava algum Sacerdote pio, & devoto.

2 Goſtava muyto de ter occaſiaõ de obedecer, o que ſe vio eſtando na ſua quinta com dous fidalgos do ſeu tempo, & hum Sacerdote virtuoſo; paſſaraõ tres Noviços da Companhia, a quem hoſpedou, ſegundo coſtumava. Eſtando à meza lhe diſſe o Sacerdote: Senhor Franciſco, agora ha de comer de eſmolas: logo ſe levantou, & andou a modo de pobre pedindo por todos, os que eſtavaõ aſſentados, o ſuſtento, que avia de comer, do que muyto ſe edificaraõ os Noviços.

3 Tem os cavalleiros da ordem de Chriſto, deque elle era, por eſtatuto confeſſarenſe certas vezes no anno a algũ Sacerdote da meſma ordem, pera commungar na capella real; eſte eſtatuto, & outros, de cuja obſervancia fazem os mais pouco cabedal, elle à riſca os compria. Tanto aſſim, que affirmou o Prior da meſma ordem, que Franciſco de Vaſconcellos, naõ ſó era na obſervancia exemplo aos ſeculares, mas aos Religioſos da ordem de Chriſto. Na Cõpanhia ſenaõ ſabe, que advertidamente quebraſſe alguma regra.

4 Ainda ſendo ſecular ſe moſtrou amante da ſancta pobreza. O apreſto do ſeu apozento era todo à medida de hum dos noſſos cubiculos, huma menſinha, huma Cruz, huma imagem, huma cadeira, & huma barra eraõ as ſuas alfayas. Uſava de veſtidos de ſeda unicamente pellos naõ poder evitar por razaõ de aſſiſtir no ſerviço da caza real. Sendo obrigado a veſtir hum gibaõ de tela, moſtrou ſentimento, dizendo, que melhor lhe eſtaria hum de eſtopa, ou de algum outro pano groſſeiro.

5 Na Companhia encomendara acerto homem, lhe mandaſſe fazer algumas cadeas pera repartir pellos eſcravos da Senhora, deque aſſima fica ditto; dandolhe o dinheiro, acreſcentou, que o contaſſe bem, porque os da Cõpanhia contavaõ melhor veronicas, que dinheiro; ſuccedeo, trazerlhe o comprador as cadeas em huma cayxa de faya, que do ſeu tinha comprado. Naõ aquis aceitar, athe

naõ

naõ ſaber, quanto lhe tinha cuſtado; reſpondeo, que lhe cuſtara hum vintem todo inteiro. Bem eſtâ, diſſe entaõ o Padre Vaſconcellos, porque eu tenho licença, pera aceitar de cada vez athe trinta reis, & aſſim naõ hâ, porque fazer eſcrupulo.

6 O libello, que ſe deu em ordem ao tirar da Companhia, tinha entre os artigos, eſte, Provarâ, que os Autores naõ deraõ conſentimento, pera ſeu filho ſer Religioſo, nẽ tiveraõ tal tençaõ, por elle ſer filho unico, que ſuccedia em quatro morgados, & comendas. Reſponde a eſte artigo, o ſeguinte: quanto ao conſentimento dos pays, digo, que eſſe naõ he neceſſario, maiormente, quando os filhos naõ ſaõ de menor idade; pera a profiſſaõ ſer valioſa, baſta, que o que profeſſa, a faça com vontade livre, & eſpontanea, o que eu fiz, & eſtou com a meſma vontade de perſeverar com a graça do bom JESU, que qor mim, *Factus eſt egenus, & pauper*. Aos morgados, & comendas reſpondo, que eu as naõ eſtimo em mais, do que ellas mereçem, & que nenhuma eſtimaçaõ merecem, quando ſe comparaõ com os bens, que actualmente na Religiaõ eſtou poſſuindo, & com os que por eſte meyo eſpero alcançar na eternidade, que ſaõ naõ ſó morgados, & comendas, mas hum Reyno ſem comparaçaõ muyto mais pera eſtimar, & que ha de durar pera ſempre. Por eſte modo he a reſoluçaõ, com que reſponde aos mais artigos, & ſó quis apontar eſta repoſta, porque ſe veja quanto amava apobreza, o conceyto, que tinha dos averes do mundo.

7 Quanto eſtimaſſe a virtude da pureza, parece eſcuſado o dizelo, pois claro he, avia de ſer muy cuidadoſo em tal materia, quem aſſim era cuidadoſo da perfeiçaõ em couſas, que ſem culpa podia deyxar de fazer. Por vezes o quizeraõ affeiçoar, a que ſe cazaſſe, pois delle dependia o acabar, ou naõ acabar a ſua caza, porem nunca ſe pode neſta materia effeituar alguma couſa. Antes tinha em ſeu animo determinado, de deyxar Portugal, ſenaõ entraſſe na Companhia, ſó a fim de ſe livrar das importunaçoẽs, que ſabia, avia de ter de ſeus parentes.

8 Retiravaſe do trato daquelles fidalgos, que via ſerem pouco recatados no fallar. O ſeu modo ordinario era ter os olhos caidos, nem ſevio, que os levantaſſe, ou com elles andaſſe de huma pera outra parte, nem que os puzeſſe

fi-

fixos no rosto de alguem, dizendo, que só era dos pintores, quando queriaõ fazer algum retrato, pôr os olhos nos rostos alheos. Se acazo se achava, a ver alguma procissaõ, só levantava os olhos pera os andores, em que hiaõ as imagẽs dos sanctos, porem das danças, & folias, que costumaõ ir em as procissoẽs, retirava sempre os olhos.

9 Andando tantos annos no Paço nunca poz os olhos nas damas da Rainha; em certa occasiaõ metendo hum amigo pratica nesta materia, & perguntadolhe, que feiçoẽs tivessem algumas, respondeo, que elle naõ podia a isso dar razaõ, porque nunca puzera os olhos no rosto de alguma dellas, nem de vista as conhecia.

10 Contase, que teve tal recato, que nem levantava os olhos pera algum dos criados, que o serviaõ. Estandose vestindo, pera sahir fora de caza, huma ama, que o criava, lhe foi por huma volta, & como por desatento lhe chegasse com a maõ ao pescosso, todo se perturbou, como se o mordesse algum bicho venenoso. Fazia oraçaõ na Sé diante da imagem da Senhora, quando se lhe chegou ao ouvido huma velha, naõ sei, que cousa lhe disse, levantouse mais, que de passo, & sem dizer palavra, se foi meter em hum canto do templo a continuar a sua oraçaõ.

11 Vindo sua may a velo em a nossa Igreja, o quis abraçar, retirouse logo, & disse, que se quizesse, que alli viesse outra vez, avia de ser com condiçaõ, que ninguem o tocasse. Na ultima infermidade nada mais o molestava, que aver de lançar fora da roupa o braço nu pera ser sangrado. Passava neste mesmo tempo hum, & dous dias sem curar huma perna, que tinha agravada, só pella naõ descobrir a hum criado, que o curava. Naõ queria, que a may lhe aplicasse certas fomentaçoẽs, mas porque os Medicos, & seu Confessor lhe meteraõ escrupulo, dizendo, ser em perjuiso grave de sua saude, permittio a caridade, de que sua may com elle usava.

12 Tinha aborrecimento a todos os livros, que diziaõ cousas pouco castas, nem os consentia em caza. Confessou ao Padre Balthezar Telles Historiador da nossa Provincia, que elle por especial beneficio da Senhora tinha conservado illesa a pureza do corpo, & alma. O que tanto he mais de admirar, quanto os senhores grandes tem mais incitamentos, & occasioẽs de cahirem nestas fragilidades.

13 Pera

13 Pera conservar taõ rica joya, usou de muytos remedios. De menino começou a macerar o corpo com os jejuns. Tambem se açoutava nas costas, & tinha outros diversos artificios de se mortificar. Buscava traças, por naõ ser sentido: açoutavase, quando os de casa dormiaõ, porem o estrondo fazia, que se naõ encobrisse o seu fervor.

14 Na Companhia nem no cubiculo, nem na mesa, nem nas classes, ou outra alguma parte o viraõ ja mais encostado. No veraõ nunca de si enxotava as moscas, nem matava outros animalejos, que saõ o tormento dos corpos. Se lhe vinha à mesa alguma cousa de comer mais mimosa, naõ a tocava, as grosseiras, & mal preparadas eraõ as suas delicias. Nenhum dia se lhe passava, em que naõ fizesse alguma especial mortificaçaõ.

15 Todas estas virtudes naciaõ da uniaõ, que tinha com Deos, tendo-o sempre prezente; constou isto, alẽ dos effeitos sanctos, que eraõ testimunhas desta uniaõ, do que elle de si confessou a hum Sacerdote douto, & virtuoso, cõ quem tinha amizade. Nas cousas da oraçaõ nada era versado aquelle Sacerdote, pera o Padre Vasconcellos o affeiçoar a exercicio taõ proveitoso, lhe disse: se vossa merce quer aproveitar muyto em pouco tempo, façase prezente a Deos, & Deos prezente a si; porque saiba, quam facil he isto, eu sendo ainda secular, servindo no Paço, acompanhando os Principes, nestes trafegos, naõ me lembra, nem ainda por inadvertencia, que interiormente me apartasse de Deos. Assim o confessou de si, este bemdito Padre, porq̃ naõ quiz Deos, que cousa taõ grande, ficasse, sem se saber.

16 Esta era a fonte de tanta circunspecçaõ em todas suas acçoens em tudo taõ ajustadas, como se no mesmo ponto ouvesse de dar a Deos conta dellas. Fallandose a caso dos peccados veniais, disse: que mais queria ser atormentado por todos os Demonios, que cometer hum só peccado venial.

17 Com estas virtudes taõ perfeitas ornou sua alma vivẽdo no mundo entre as grandezas de filho unico da sua casa, & com esperança de herdar outros morgados, que todos quiz deixar, por se abraçar deveras com Deos.

18 Sobrevindolhe o achaque, que fica ditto, & sen-

do levado pera o hofpital de noffa Senhora da Luz, eftendẽdo os olhos pera a outra vida fó a ella dezejava. Fizeraõ-felhe muytos remedios, todos elles naõ foraõ de algũ proveito. Quando lhe differaõ, que fe defefperava de fua vida, fe alegrou, quãto outros fe coftumaõ com tal nova entriftecer. Recebeo os Sacramentos com fingular devaçaõ. Poucas horas antes de morrer, lhe diffe a may, que fe defpediffe da Senhora, cuja imagem lhe moftrou; iffo naõ, refpondeo, eu naõ me defpeço, de quem me naõ aparto, antes vou gozar de fua vifta.

19 Perguntoulhe o Confeffor, fe tinha alguma coufa, que lhe meteffe efcrupulo? Refpondeo, que nada lhe defẽquietava a confciencia. Fez reparo o Confeffor, por fer elle fogeito fempre a efcrupulos, entendendo o enfermo a caufa do reparo, lhe diffe: Padre naõ fe admire, que os que em vida padecem efcrupulos, por efpecial beneficio de Deos tem huma morte muyto quieta, & foccegada. Tal a teve efte fervo de Deos em defafete de Mayo de mil feifcentos feffenta, & dous, tendo oito annos, hum mez, & defafete dias da Companhia. No feguinte foi levado ao noffo Collegio de Sancto Antaõ, enterrado no cruzeiro na cova do numero quinto da parte do Evangelho.

20 Ouve grande opiniaõ de fua virtude. Frey Chriftovaõ de Britto Religiofo douto, & grave da Ordem de Chrifto, que em auzencia dos noffos Religiofos o confeffou, & tratou, por ficar o feu Convento muy vizinho ao hofpital de noffa Senhora da Luz, deu o feguinte teftimunho.

21 *O veneravel* Padre *Francifco de Vafconcellos, depois q̃ o tratei muy familiarmente, me pareceo naõ sò homẽ de vida perfeita; mas na modeftia, & innocencia hum Anjo vindo do Ceo. Todas as vezes, que o ouvi de confiffaõ, me parecia fer como hum dos grandes fanctos, que eftaõ no Ceo. Affim afpirava à perfeiçaõ, que lhe parecia culpa tudo, o que era fora difto. Taõ meudo em fe examinar, que affim fe culpava em meudezas leviffimas, como fe foffem culpas graves.*

22 *De certo fei, que affim no obrar, como no fallar, fez fempre, o que lhe pareceo, fer de maior agrado de Deos, & de maior perfeiçaõ: fenaõ repetiffe alguma coufa leve da vida paffada, naõ tinha materia pera abfolviffaõ nas fuas confiffoens. Ultimamente digo, que tendo ouvido de confiffaõ a muy-*

tos homens de vida ſancta, nenhum ouvi, que ſe pudeſſe comparar com o Padre Franciſco de Vaſconcellos.

23 Deixados outros teſtimunhos de peſſoas, que o trataraõ, naõ quero paſſar em ſilencio, o que delle diſſe o veneravel Irmaõ Antonio Homem da noſſa Companhia, cuja vida, & excellentes virtudes eſcrevo em ſeu lugar, perguntado eſte grande ſervo de Deos, que lhe parecia à cerca da virtude do Padre Franciſco de Vaſconcellos, reſpõdeo, dizendo delle grandes louvores, & por ultimo eſcreveo de ſua maõ, que o Padre Vaſcõcellos eſtava no Ceo. Aſſim o eſcreveo ſem uſar das clauſulas, que em outras ocaſioens coſtumava, que eraõ, pareceme, ſegundo entendo, & ſemelhantes; mas na prezente ocaſiaõ ou tiveſſe eſpecial noticia de Deos, como teve muytas, ou pello alto conceyto da excellente virtude do Padre Vaſcõcellos, naõ duvidou de affirmar o ditto, ſem alguma das modificaçoẽs coſtumadas.

24 Eſta vida recolhi da carta annua da Provincia, ajuntandolhe mais algumas couſas de outros documentos, que me vieraõ à maõ. Della ſe vé bem, quam perfeito, & ſancto ſeria na caſa de Deos, quẽ no mundo, & nos Paços dos Reys foi de coſtumes taõ innocentes. Delle faz menſaõ no terceiro tomo a Corografia Portugueza pagina quinhentas ſincoenta, & ſinco por ocaſiaõ de contar a genealogia dos Vaſconcellos.

25 Quero aqui ajuntar como additamento à vida do Padre Franciſco de Vaſconcellos alguma memoria do Irmaõ Joaõ Carvalho, pois Deos o trouxe à Companhia por ſeu meyo. Era filho legitimo de pays muy illuſtres, chamavaõſe Lourenço Pires de Carvalho, & dona Magdalena de Vilhena. Eſtudava Philoſophia no Collegio de S. Antaõ, andava no terceiro anno. Della tinha por condiſcipulo a Franciſco de Vaſconcellos, cujos ſanctos exemplos influiraõ nelle grandes dezejos de deixar o mundo.

Evora 22. de Março de 1659

26 Pertendeo com ſingular fervor a Companhia. Nella entrou em Lisboa aos trinta, & hum de Março de mil ſeiscentos ſincoenta, & quatro. No meſmo dia que ſeu condiſcipulo Franciſco de Vaſconcellos. Tendo tambem antes moſtrado na pertençaõ exceſſivo fervor. Sabendo a may, que eſtava na Companhia, quaſi endoudeceo de payxaõ, dizendo, que os Padres lho tinhaõ enganado. Fez

grandiſſimas diligencias, por lhe ſer reſtituido, mas elle em todas as ocaſioens ſe moſtrou de mais esforço, que os ſeus annos, que eraõ ſó quinze.

27 Vendo a may, que as diligencias eraõ de nenhũ proveito, uſou de engano. Fingioſe doente gravemente, eſcreveo ao Padre Viſitador, que pello menos a deyxaſſe deſpedir de ſeu filho, pois naquelles apertos naõ ſentia couſa, q̃ lhe pudeſſe dar mais allivio. Ouve o Padre Viſitador de ſatisfazer a ſeus dezejos, mandoulhe a caſa o Noviço. Logo, que o vio, com a meſma arte, que ſe fingio moribunda, ſe fingio alliviada do mal; o que tudo attribuia à viſta de ſeu filho.

28 Logo uſando dos affectos, & expreſſoens, que tem neſtas circunſtancias o amor das mays, procurou com todas as veras, de o esfriar em ſeus propoſitos. Algũs dias, que o teve em caſa foi a bataria continua; porem o Noviço, como ſe foſſe de bronze, poſtos os olhos no chaõ, de todas as caricias, & rezoens da may fez pouco caſo, ſem deſdizer hum ponto de ſeus propoſitos. Vendo ella eſta, que tinha por teima, o mandou de ſua prezença, dizendo enfadada, que ſe foſſe, pera onde quizeſſe.

29 Com eſte deſengano cheo de alegria ſe recolheo pera caſa, dizendo, que elle depois, que determinara abraçarſe com Chriſto, naõ tinha dever com parentes. Os ultimos mezes do Noviciado paſſou em Evora, onde fez os votos. Viveo entre nós sẽpre em muyta humildade, ſem algũ genero de ſoberba. Eſtudava Philoſophia, quando ſobrevindolhe huma doença de hidropezia, lhe tirou a vida. Havendo por ſua morte notavel ſentimento em todos, por verem, quantas eſperanças ſe cortavaõ com ſua morte. Era de ingenho feliz, o qual junto com a virtude, & prudẽcia, que nelle havia, nos prometiaõ hum ſogeito em tudo de grande honra, & credito pera a Companhia. Falleceo ſanctamente no Collegio de Evora aos vinte, & dous de Março de mil ſeiscentos ſincoenta, & nove.

CAPITULO VII.

Vida do Padre Francisco Ayres.

Lisboa 11. de Novembro de 1664.

1 O Padre Francisco Ayres Religioso de grande perfeiçaõ naceo na Villa de Amieira no Priorado do Crato, seus pays se chamaraõ Manoel Martins, & Izabel Ayres, estudando Philosophia em Coimbra, sendo ja do quarto curso, se resolveo a ser da Companhia; nella foi aceito, & mandado ter seu Noviciado em Lisboa. Entrou aos nove de Junho de mil seiscentos, & vinte hum, tendo ja vinte, & quatro annos de idade. O tempo veyo a mostrar, que a sua resoluçaõ fora de homem, que deveras se queria dar a Deos.

2 Nos annos a diante governou o Collegio de Faro, & exercitou os ministerios da Cõpanhia sempre com edificaçaõ, & proveito das almas. Finalmente veyo a cegar, & assim viveo muytos annos nesta casa do Noviciado de Lisboa, sendo a todos espelho de perfeiçaõ Evangelica. Seus exemplos eraõ admiraveis aos de casa, & aos de fóra. A oraçaõ foi nelle, podemos dizer, que continua. Levantavase duas, & tres horas antes da comunidade. Logo tomava huma comprida disciplina de mais de duzentos açoutes.

3 Entrava na sua oraçaõ athe o fim da que a cõmunidade costuma ter, & no fim se hia confessar, & logo pera a capella a ouvir Missa, & comungar. Todos os dias recebia o Senhor, & o fazia dizendo o Padre nosso, quando chegava às palavras, o paõ nosso de cada-dia, as pronunciava com tal piedade, que enternecia aos prezentes, & cõ ellas na boca, tomava o Diviníssimo Sacramento. Depois gastava meya hora, em lhe dar as graças, com tanto recolhimento, que parecia estar morto.

4 De tarde hum quarto antes, que tangessem à liçaõ espiritual, sahia do cubiculo, & se hia meter na capellinha dos enfermos, onde estava como meyo quarto, & dalli hia pera a Igreja, onde tinha de joelhos a oraçaõ de tarde cõ os Irmaõs Noviços. A postura era immovel, & nestas ocasioens parecia mais estatua de pedra, que homem vivo.

Quin-

Quinta feira de Endoenças gaſtava quatro, ou ſinco horas em oraçaõ enlevado diante do Senhor expoſto dando de quando em quando alguns ſuſpiros.

5 Antes das onze mil Virgens gaſtava trinta dias em Exercicios de Sancto Ignacio. Neſte mez jejuava comendo huma ſó vez no dia, & eſſa ordinariamente hum pouco de biſcouto de rala, que lhe trazia hum ſeu filho eſpiritual. Tambem antes do Eſpirito Sancto tinha dez dias de Exercicios, nos quais ſe preparava pera receber o divino Eſpirito. Naõ bebia vinho. Nunca no refeitorio comeo uvas, nem fruta, nem couſa extraordinaria, que na menza ſe deſſe à comunidade. Hum dia pella menhaã no inverno lhe viraõ, indo elle pera ouvir Miſſa, molhar hum pano no lavatorio, & metelo no peito ſobre a carne.

6 Por experiencias, que ſe fizeraõ, ſe achou, que ſe naõ deitava na cama, antes havia ſinais, que dormia debayxo da barra. Nunca tinha repouzo, ſalvo, quando o chamavaõ, pera ouvir a liçaõ de algum Exercitante, conforme coſtumaõ fazer entre nós os eſtudantes, quando no fim dos dias da primeira provaçaõ haõ de tomar a roupeta. Tomava diſciplina nas coſtas no refeitorio todas as feſtas de Chriſto, da Senhora, dos Apoſtolos, & Sanctos da Cõpanhia; ainda que como cego hia as apalpadelas, nũca faltava a eſtas devaçoens. Era de natural colerico, pera mortificar os impetos deſta payxaõ, lhe ouviaõ dizerſe a ſi muytos vituperios no cubiculo; reprehendendoſe aſperamente, ſe alguma vez fallava mais ſeco ao Noviço, que lhe eſcrevia os ſeus livros. Tratouſe com tanto rigor, que lhe chamavaõ, tyrano de ſi meſmo. As diſciplinas eraõ muytas, & compridas. Depois de tomar no refeitorio as diſciplinas nas coſtas, dizia a ſua culpa pello mao exemplo, que dava em caſa, & tibieza no ſerviço de Deos.

7 Sendo cego rezava todos os dias o officio Divino, porque o ſabia de cór; & quando eraõ liçoens, que naõ ſoubeſſe, o Noviço lhas apontava. Se lhe batiaõ à porta, eſtando no meyo do Pſalmo, naõ mandava abrir, athe o naõ acabar. Eſte meſmo eſtilo guardava, rezando qualquer outra oraçaõ, como o Padre noſſo, ou Ave Maria. Tinha eſpecial devaçaõ à Virgem Senhora, da qual falla em todos os livros, que compoz, com palavras bem ſignificadoras do affecto, com que amava a eſta ſoberana Rainha.

Nas vefporas de fua immaculada Conceyçaõ fazia fempre pratica de fuas excellencias na capella aos noffos Religiofos, & Irmaõs Noviços. Nas vefporas das fuas feftas jejuava a paõ, & agoa. Jejuava o Advento, & Quarefma, & neftes tempos as quartas, feftas, & fabbados eraõ a paõ, & agoa.

8 Do dia gaftava as menhans no confeffionario, as tardes gaftava no cubiculo compondo os feus livros, & rezãdo. Tudo, quanto compunha era ordenado ao bem das almas. Tinha grande cuidado, em que os meninos foubeffem a doutrina Chriftaã, & que os pays lha enfinaffem, & hum amor, & temor fancto de Deos. Era zelofiffimo do bem da Companhia, aquem amava como a may muy prezada, & eftimada.

9 Ouviafelhe dizer muytas vezes quando eftava só, & fe queria recolher: O Francifco, vé que vás pera a forca, aproveitate, que ja naõ tens mais, que huma hora de vida. Tambem, eftando fó às vezes cantava algumas cantigas devotas, que traz no feu livro, que intitula Epitome. Os livros, que compoz foraõ, Regimento efpiritual pera o caminho do Ceo. Metaforicos exemplares de efclarecida origem, & illuftre defcendencia das virtudes. Parallelos academicos entre duas Univerfidades Divina, & humana. Teatro dos triumphos Divinos contra os difprimores humanos. Retrato de prudentes, efpelho de ignorantes. Epitome efpiritual fobre o que deve faber, crer, guardar, confeffar, & obrar todo o Chriftaõ. Compoz mais duas folhas, huma fe intitula breve inftruçaõ do que deve faber, & confeffar o Chriftaõ. Outra, regra de bem viver conforme a ley Evangelica, & dictames da prudencia.

10 Tudo ifto compoz fendo cego, & incapaz de ver livros, tirando tudo, o que compunha do efpirito, q̃ Deos lhe comunicava na oraçaõ, & tendo hum Noviço, que lhe efcrevia. Nas confiffoens lhe fuccederaõ cafos particulares, & de grande ferviço de Deos. Contou hum feu filho efpiritual, que vindofe confeffar com elle a primeira vez, lhe negara a abfolviçaõ, por andar em mao eftado, & naõ ter a devida difpofiçaõ. Mandoulhe, que fe emmendaffe, & vieffe dalli a oito dias. Enfadoufe tanto o penitente, que efteve pera lhe dar com huma adaga entre as importunaçoens, de que o abfolveffe. Finalmente fe levantou, & foi

pera

pera ſua caſa; Deos lhe trocou o coraçaõ, & entendeo,que o Padre ſó queria o ſeu bem; voltou paſſados os oito dias. O Padre lhe ordenou, ſe detiveſſe mais tres, pera ter melhor diſpoſiçaõ. Aſſim o fez, & tornando ſe confeſſou cõ muytas lagrimas, tendo apartado de ſi a ocaſiaõ da ſua ruina, & foi dalli por diante filho eſpiritual do Padre Ayres, aquem elle confeſſava, dever o bem, que em ſi ſentia.

11 Eſtando confeſſando huma peſſoa, lhe diſſe, que a primeira peſſoa, que entraſſe pella porta da Igreja,tinha diante de Deos muytos graos de graça, reparou o penitente, em quem entrava, & a primeira peſſoa foi huma, que ſe confeſſava com elle, & tinha opiniaõ de virtude. Tinha muytas peſſoas eſpirituais, que ſe confeſſavaõ, & aconſelhavaõ com elle, como caminhariaõ na virtude, entre elles vinha o Doutor Bartholameu do Quental Sacerdote virtuoſo com a ſua companhia de homens eſpirituais,aos quais o Padre fazia muytas praticas, & exortaçoens.

12 Confeſſava muytas Senhoras, & Senhores aſſim ſeculares, como Eccleſiaſticos. Quem huma vez ſe confeſſava com elle, naõ eſcolhia outro Confeſſor, porque tinha dom eſpecial de encaminhar almas pera o Ceo. De tudo iſto naceo huma geral opiniaõ de ſua virtude, fallandoſe em toda Lisboa no Padre cego da Cotovia com grande reſpeito, & veneraçaõ.

13 Sendo cego hia aos principios em alguns dias da Quareſma praticar aos prezos acompanhado de hum Irmaõ, que o encaminhava; porem iſto ſe lhe prohibio pellos inconvenientes das idas, & vindas a pé. Tendo duas fontes naõ conſentio, que Noviço,nem outra alguma peſſoa lhas curaſſe,ſendo aſſim,que todos o dezejavaõ,& procuravaõ ſervir pello fructo, que tiravaõ de tratar com elle. Foi amantiſſimo da ſancta pobreza, todo o ſeu veſtido havia de ſer velho. O barrete chegou a tal eſtado, que naõ era capaz de ſervir, mas tinhalhe tal amor, que ſó por mandado do Padre Provincial, o largou, & tomou outro mais acomodado.

14 Finalmente veyo a cahir enfermo, pedio logo, o mudaſſem do cubiculo,onde morava pera a enfermaria dos Irmaõs Noviços, que queria morrer nella. Naõ conſentio ſe lhe deſſe outra roupa mais que a ſua, a qual era muy velha. Neſte tempo dezejava muyto a morte, dizendo,

que seria sedo, & perguntado, quando seria, variou a pratica. Na doença cantava algumas cantigas dos seus livros, & chamava hum dos Noviços, que cantasse com elle, parando no meyo da musica com grandes affectos, & dezejos da eternidade. Chamava muytas vezes o Confessor, que o absolvesse.

15 Comungando por Viatico, lhe assistio toda a communidade, diante da qual fez hum colloquio muy devoto, com que fez derramar muytas lagrimas aos circunstantes; voltandose pera os Irmaõs Noviços lhes disse com grande affecto: Irmaõs, Irmaõs, lembrense disto, que lhes digo: Sejaõ muyto devotos da Virgem may, & estimem muyto a Religiaõ. Pedio, que lhe dessem a Sancta Unçaõ, & a recebeo com grande piedade. Dous dias antes, que moresse, lhe pedio hum Irmaõ, que lhe assistia de noite, que quando se visse com Deos o encomendasse muyto a elle, & lhe alcançasse perseverança na Religiaõ. Respondeo: E quem me dis amim Irmaõ, que eu naõ irei caminho do Inferno? Replicando o Irmaõ, que esperava em Deos, que sedo iria gozar de sua vista, elle lhe prometeo, que assim o faria. No dia seguinte tornandolhe o Irmaõ a pedir o mesmo, respondeo, que o naõ fizesse tam esquecido, que o levava muyto na memoria. Conservou seu juiso sempre, & entre colloquios muy suaves com Deos espirou na casa dos Noviços em Lisboa aos onze de Novembro do anno de mil seiscentos sessenta, & quatro. No cubiculo, onde morou, que hoje serve de se hospedarem, os que entraõ de novo, estaõ dous pregos grandes cravados no pavimento, sobre cujas cabeças he tradiçaõ, punha os joelhos, quando orava, & bem se vé, que pregos taõ grandes se naõ puzeraõ alli a caso, com a proporçaõ, que elles tem entre si. Este cubiculo fica nos corredores de sima, & he o do meyo dos tres, que junto ao lavatorio cahem pera o nacente.

16 Concorreraõ muytas pessoas espirituais sabendo de sua morte, & o cobriraõ de flores. Dezejando muytos fazerlhe hum caixaõ, em que o sepultassem, os Padres o naõ consentiraõ, por ser cousa entre nós pouco usada. O Conde de Villa-verde, que era seu confessado, dous dias antes ouve licença, pera delle se despedir, o que fez com muytas lagrimas, & o Padre lhe lançou a bençaõ como a filho seu espiritual. Hum seu devoto o mandou retratar

na Igreja, em quanto ſe lhe fazia o officio de corpo prezente, & conſervou o retrato como de homem ſancto. As ſuas alfayas ſe repartiraõ entre ſeus devotos, das quais ſuas diſciplinas cahiraõ ao Marquez de Fontes, que as pedio com inſtancia; as contas, por onde rezava, ſe dividiraõ em decadas, pera abrangerem a muytos. Advirto, que à cerca da patria deſte Padre tem a Bibliotheca da Companhia, ſer da Amieira, & o livro das entradas do Noviciado lhe dá a meſma patria, bem verdade he, que algum lhe lançou huma riſquinha, & poz Abrantes, como quem fez a emmenda, naõ deu rezaõ della, naõ ha porque ſe lhe dé credito; ſaõ aquellas villas naõ muyto diſtantes, bem pode ſer naceſſe em huma, & ſe criaſſe na outra.

CAPITULO VIII.

Vida do Padre Pedro Tavares. Vai pera Angola, onde comeſſa a fazer miſſaõ glorioſa.

Porto 14. de Dezembro de 1670.

1 O Grande zelo, que eſte Padre teve do bem das almas nos merece lembranças eternas. Foi ſua patria o lugar de Taveiro no campo de Coimbra. Eraõ os nomes de ſeus pays Mattheus Dias, & Maria Francica. Eſtudava na Univerſidade de Evora, aonde pertendeo ſer da Companhia, & foi aceyto nella. Naõ havia entaõ Noviciado mais que em Lisboa, aonde foi mandado, entrou na Companhia aos ſinco de Fevereiro de mil ſeiſcentos, & vinte dous. Tendo anno, & meyo de Noviço foi mandado pera o Collegio de Santarem. E porque entrara pera Irmaõ Coadjutor, achandoſe haver nelle cabedal pera eſtado de Sacerdote, com licença do Padre Geral, que pera iſſo ſe alcançou, fez os votos dos eſtudantes.

2 Depois eſtudou caſos de conſciencia, ordenouſe de Sacerdote, & foi mandado pera Angola. Onde enſinou latim, & ſe ocupou em miſſoens pella terra a dentro, nas quais foi incanſavel, & fez grandiſſimos ſerviços a Deos. Nellas lhe ſuccederaõ couſas notaveis, & Deos o livrou de immenſos perigos. Deſtas miſſoens tenho em meu poder huma larga Relaçaõ, da qual direi ſumariamente, o q̃

contem,

contem, porque ſe veja a grande virtude, & eſpirito incanſavel deſte Padre.

3 No mez de Setembro de mil ſeiscentos, & vinte nove foi o Padre Pedro Tavares mandado pera a fazenda, que o Collegio poſſue perto do rio Bengo, junto do qual ha muytas fazendas de Portuguezes, & de Sobas negros, aſſim chamaõ aos Senhores de algum deſtricto. Todos eſtes tem innumeraveis eſcravos, pera ſe cultivarem as fazẽdas. He todo o paíz muy doentio pera os eſtranhos.

4 Logo que o Padre Tavares entrou no Bẽgo, comeſſou a fazer miſſaõ na gente, que morava nas terras do Collegio, a qual com o zelo, & ttabalhos dos Padres Domingos Lourenço, & Duarte Vas da noſſa Companhia eſtava muy bem cultivada, porem havia muytos negros forros gentios, os quais ſe naõ reſolviaõ a receber o bautiſmo; vẽdo iſto o Padre lhes diſſe, que elles eraõ como o jumento, em que elle hia, que em morrendo, eraõ lançados no Inferno, como o jumento no lugar immundo. Finalmente depois de muyta lida, os fez abraçar noſſa ſancta Fé.

5 Deulhe muyto trabalho hum Chriſtaõ, que o era ſó em o nome, tinha ſeſſenta annos, eſtava amancebado com huma tal como elle, tinha ſinco filhos todos tambem viviaõ em eſtado ſemelhante ao de ſeu pay, & may, indo o Padre ao lugar, onde viviaõ, achou no meyo do caminho ſinco cobras muyto grandes enleadas humas nas outras, a maior ſeria da groſſura da cabeſſa de hum moço de doze annos. Fizeraõ horror, aos que as viraõ, mandou o Padre a tres negros valentes, que com ſuas facas, & paos arremeteſſem a ellas; como ſe naõ atreveſſem, meteo o Padre na cinta huma faca a modo de traçado, tomou hum pao, & fazendo o ſinal da cruz, deu ſobre as cobras, dellas partio algumas, outras atordoou de modo, que ſe naõ puderaõ mais bolir. Entaõ acodiraõ couſa de ſincoenta negros cõ frechas, & facas, acabaraõ-nas de matar, & as comeraõ.

6 Continuando o caminho, & chegando a caſa dos negros de mao viver; reſponderaõ ao Padre, que os exhortava a ſe caſarem, que tal couſa naõ fariaõ, porque o Diabo o naõ queria, que ſe elle o quizera, ſe naõ tivera feito em tantas cobras, pera lhe impedir o caminho. Por reſoluçaõ lhes diſſe o Padre que a rezaõ, porque os deixavaõ viver nas terras do Collegio, era, pera que viveſſem, como

Deos manda; por tanto, q̃ ſe aſſim o naõ queriaõ fazer, haviaõ de deſpejar a terra. Por fim de tudo entraraõ em ſi, & ſe puzeraõ em bom eſtado.

7 Depois, que o Padre enſinou a gente, que vivia nas terras do Collegio, começou com os eſcravos dos Portuguezes, & negros forros, que moraõ nas muytas fazendas junto do rio Bengo, com o qual ſe regaõ, pera darem os ſeus fructos. Muyto trabalho lhe deraõ os eſcravos, & mais os negros forros. Tudo venceo ſeu bom modo, & ſofrimento. Sinco, & ſeis doutrinas fazia às vezes cadadia, huma pella menhaã ſedo levantandoſe de madrugada a convocar a gente com huma campainha. Outra pellas nove horas, outra pello meyo dia, no tempo da ſeſta outra, a quinta à tarde, a outra de noite. Pera iſto fazia dar recado nas fazendas, q̃ a tais horas a gente eſtiveſſe junta. Naõ reparava em calmas, nem outros mil incomodos. Em chegando ou fizeſſe calma, ou foſſe em jejum, logo fazia a doutrina.

8 Em os enſinar tinha eſte modo; fazialhes huma pratica ſobre os myſterios da fé, carregandolhes a maõ, em q̃ ha outro mundo, Inferno pera os maos, Paraizo pera os bons; porque aquella negra, & triſte gente, cuida, que naõ ha mais, que a prezente vida. Por eſta cauſa folgaõ tãto, que nunca ha nelles triſteza.

9 Acabada eſta pratica, entrava a lhes enſinar as oraçoens de memoria, pondo-os em coros, a ſaber os homẽs a huma parte, & as molheres a outra. Como levava negros linguas bem induſtriados na fé, os repartia por eſtes coros, & lhes enſinavaõ as oraçoens. A cama do Padre por mais de hum anno foi a pura terra embrulhandoſe na ſua veſte, athe que por importunaçaõ aſſim dos de caſa, como dos de fóra, levou conſigo huma eſteira. Nunca tomou nada a peſſoa alguma, nem lhes comia em caſa, ao pé de qualquer arvore, ou mouta ſe acomodava com huma pouca de farinha de pao. Guardava eſte rigor porque o gentio daquella terra he pobriſſimo, & o que mais o affeiçoava, era dizer o Prégador, que naõ queria delles nada mais, que levalos ao Ceo.

10 A eſte propoſito indo o Padre chegando à fazenda de hum Soba gentio, onde andavaõ como duzentos eſcravos ſemeando, tendo antes noticia de que vinha o Padre,

& de

& de que nada aceitava, ſahiraõ todos como admirados a ver o Padre: perguntando aos ſeus linguas, de que ſe eſpãtava aquella gente, reſponderaõlhe, que todos vinhaõ ver, ſe o Padre era como os outros homens, por lhes terem ditto, que pellos enſinar nada queria, & que acodia por elles.

11 Valiaſe tambem da mâ vida que levava neſtes trabalhos, pera affeiçoar a gente, dizendolhe: Irmaõs de minha alma, naõ vedes, que venho aqui de minha caza, onde nada me falta, com tantos trabalhos, & calmas ſó por vos enſinar o caminho do Ceo? Por ventura vedes em mim alguma couſa, que vos de mao exemplo, ou nos meus lingoas? Pois porque naõ vindes à ſancta doutrina? Com eſtas, & outras palavras de amor os ajuntava.

12 Nem em caza dos Portuguezes comia, aſſim por naõ gaſtar o tempo em vaõs comprimentos, como por naõ dar occaſiaõ, a que os roins diſſeſſem, que com capa de os enſinar, andava fazendo negocio. Tanto mais temia eſtes ditos, quanto mais ſabia ſerem aquelles Portuguezes de ordinario a eſcoria de Portugal, que vai deſterrada pera aquellas terras. Com tudo ſendo neceſſario pera ſeu bem, às vezes comia em ſuas cazas. Encontrou dos Portuguezes a muytos, & muytas de grande virtude, os quais choravaõ ſem conſolaçaõ, por naõ querer o Padre comer em ſuas cazas.

13 Era muyto pera ver ao Padre em hum terreiro ora com oitocentos, ora com mil gentios: tinha em os enſinar pellos ſeus linguas taõ boa diſpoſiçaõ, & modo, que em pouco tẽpo aprendiaõ às couſas neceſſarias. Confeſſa, q̃ o q̃ lhe dava muyto diſgoſto, era virẽ gẽtios, & gẽtias immodeſtos ſem couſa alguma ſobre ſi, os quais como he gente feita à ſua vontade, logo ſe eſtirava, no chaõ, o Padre tambem ſe aſſentava com elles; aſſim aprendiaõ melhor; & diz que por todo eſte tempo o ſeu exame particular era da modeſtia. Quando jâ o conheciaõ, & viaõ, que o que lhes enſinava era por ſeu bem; rindoſe com alegria, os avizava dizẽdo: As filhas do Senhor da terra, & dos principais haõ de eſtar diante do Padre taõ immodeſtas? Naõ pareſſe iſto bem. Era couſa de maravilhar, o que podiaõ eſtas palavras, porque as mais graves, & as outras a ſeu exemplo dalli por diante vinhaõ compoſtas.

14 Che-

14 Chegando às terras de hum ſoba gentio, onde avia muytas mil almas, por mais que o Padre rogou, & pedio, ninguem queria vir à doutrina. Entaõ tomou tres,ou quatro meninos, convidouos, depois comeſſou de ſe benzer com elles em voz muyto alta,& deſentoada, fazendoſe meyo doudo por amor de Deos. A de mais gente tanto, que o vio da quelle modo, & aos meninos, como he gente dada a feſta, ſe veyo chegando pouco a pouco, mais por aſſiſtir ao deſenfado, do que por aprender a doutrina: por eſte caminho os foi trazendo, ao que queria.

15 Contando eſtas couſas tem as palavras ſeguintes: *Naõ aprendi eu eſtas ſanctas invençoẽs no Noviciado, porque como entrei, pera ſer Irmaõ coadjutor temporal, os ſanctos tons, que nelle tive, foraõ ſer forneiro, andando com as ſacas de trigo às coſtas, amaçando por minha maõ quaſi todo o paõ, que ſe cozia pera tantos Padres do terceiro anno, & pera os Irmaõs Noviços, que ſe ajuntaraõ naquelle tempo dourado, à ſaber do Collegio de Coimbra, & de Evora no monte Olivete de Lisboa; mas a caridade he muyto engenhoſa, & tudo pode o fazer as couſas com amor, & mais podemos com a graça divina do que cuidamos.*

16 Foi o Padre continuando ſua Miſſaõ athe a foz do rio Bengo. A eſtes lugares hia deſde o Bengo muytas vezes, pera induſtriar agente nos myſterios da Fé. A noſſa Igreja do Bengo concorria infinita gente nos dias de feſta, nos quais o Padre na eſtaçaõ da Miſſa dizia com todo o animo, que nenhuma peſſoa ou ricos, ou pobres, negros, ou brancos morreſſem ſem bautiſmo, & ſem confiſſaõ; & aſſim quer de dia por calmas, quer de noyte por chuvas, ainda, que paſſaſſe rios, o chamaſſem, que elle iria a pé deſcalço, & de joelhos pellos ſalvar, tudo de graça pello amor de Deos. O meſmo lhes dizia nas fazendas, quando os enſinava.

17 Ouvindo tais couſas os brancos choravaõ de conſolaçaõ, & os pobres negros, & brancos vendo tanta facilidade o chamavaõ, indo o Padre muytas vezes dous, & tres dias de caminho pella terra dentro pera os confeſſar. Entre os mais ſerviços de Deos foi a converſaõ de hum ſoldado branco, rico, & homem de bem, ninguem podia com elle, avia muytos annos, que naõ tratava de confiſſaõ. Pediraõ muytos ao Padre Reytor do Collegio de Loanda, q̃

man-

mandaſſe lâ ir ao Padre Pedro Tavares, por ver ſe podia amanſar aquella fera.

18 Vindo ordem do Padre Reytor, logo a cavalo em huma mula ſe poz a caminho pera a caza do ſoldado, chegando alli pella tarde, dous tiros de eſpingarda de diſtancia vio o Padre ao homem, & elle ao Padre. Tanto que vio o Padre temendo, o que era, começou a correr, pera ſe eſcõder delle. Picou o Padre a mula, & o chamou, pello ſeu nome; vendoſe deſcuberto, eſperou. Começou o Padre a meter praticas alegres, em que gaſtou huma hora, & o homem ſe deſaſuſtou de todo, que era o que o Padre queria. Entaõ lhe diſſe, Irmaõ vamonos athe aquella arvore eſpairecer hum pouco, & livremonos deſta negragem.

19 Eſtando alli lhe deſcobrio, ao que viera tantas legoas de caminho. Reſpondeo alegre, que jantaria, & entaõ tratariaõ da confiſſaõ. Dizendo o Padre que o ſeu jantar era confeſſalo, tomou a couſa em graça, & acreſcentou, que melhor ſeria deſcançar aquella tarde, & no dia ſeguinte ir athe às terras de outro ſoba, que no ſeu lugar tinha quaſi quatro mil almas, & na volta o confeſſaria. Vendo o Padre que tudo eraõ invençoẽs de ſe eſcapar, lhe fallou cõ clareza, dizendo, em como ſendo taõ honrado, eſtava dezacreditado em Angola, que puzeſſe os olhos em ſua ſalvaçaõ, que Deos era de infinita Miſericordia.

20 Neſte paſſo ſe poz de joelhos, deſabotoando a roupeta lhe moſtrou o Chriſto, que trazia pendente ao peſcoſſo, chorando muytas lagrimas. Com eſta viſta comeſſou a ſe abrandar; logo deſabotoando o gibaõ lhe moſtrou o cilicio, que trazia ſobre a carne, dizendo; veja eſte cilicio, com o qual jâ comeſſo a fazer penitencia por ſeus peccados. Aqui o homem feito hum mar de dor, & lagrimas ſe lhe lançou aos pés: dizendolhe, confeſſeme meu Padre da minha alma, donde mereci eu a Deos, que hum Padre da Companhia por taõ grandes calmas, me vieſſe buſcar a eſtes matos?

21 Gaſtou o Padre em o confeſſar athe as onze da noyte. Entaõ cearaõ ambos, athe aquella hora eſtava o Padre em jejum, & foi a primeira vez, que depois, que andava na Miſſaõ comeo em caza alhea. Davalhe em agradecimento dous eſcravos, que o Padre naõ quis aceitar. Dalli a algum tempo ſe caſou em Loanda, & o Padre na ſua fazẽ-

da

da lhe cazou, & bautizou noventa, & ſinco peſſoas. Foi eſta converſaõ muyto nomeada, & grangeou ao Padre grãde nome, & muytas peſſoas lhe deraõ por ella as graças.

22 No dia ſeguinte foi dalli duas legoas a ter com o Soba, que o homem lhe diſſera. Naquelle lugar, onde nũca tinha chegado Padre da Companhia, enſinou couſa de mil, & quinhentas almas, que tinhaõ concorrido mais por ver o Padre, que por outra razaõ. A ſua cama era ſobre quatro paos. Ao deſpedirſſe o Soba lhe trouxe hum bom prezente. Como o Padre o naõ aceitaſſe, ficou elle, & os ſeus admirados, por ſerem taõ vexados dos Portuguezes, que quaſi lhe querem tirar a pelle. Diſſelhe o Padre que elle naõ queria mais, que levalos ao Ceo. Ficaraõ aſſombrados, porque naõ cuidavaõ, que avia outra vida.

23 Foi diſcorrendo por outras fazendas doutrinando, & enſinando, athe chegar outra vez à caza do ſoldado: Onde ſe deteve, & fez muytas confiſſoẽs gerais de peſſoas, que de ſeis legoas o vieraõ alli buſcar. Gaſtou neſta ida, eſtada, & vinda quinze dias. Oito legoas antes de chegar à noſſa caza do Bengo lhe deu tal febre, que ſenaõ podia ter na mula; & aſſim hum homem de bem o mandou pellos ſeus negros em huma rede. As maõs ſe lhe esfolaraõ, as cores pareciaõ de mulato pellas grandes calmas, nada o eſtamago lhe conſervava, eſtava muy attenuado com os trabalhos. Athe os negros, que conſigo levou a doeceraõ. Tambem lhe ſuccedeo em outra occaſiaõ com a grande calma, que ſendo chamado pera huma couſa de muyto ſerviço de Deos, logo pellas onze do dia ſe poz a caminho, levandoo ſeis moços em huma rede, foi tal o ſol, que ſe lhe creſtaraõ com elle as canellas dos pés, de que andou doente quatro mezes: mas Deos que delle ſe queria ſervir, lhe conſervou a vida.

CAPITULO IX.

Continua nos empregos da ſua Miſſaõ com grande fructo.

1 TOrnou à ſua vinha gaſtando neſta lida dias, & noites, como ſe foſſe homem de bronze. Avia tal igno-

ignorancia, que muytos ſenhores das fazendas cazavaõ entre ſi a ſeus eſcravos, dizendolhe, fulano, eſta he a tua molher, & a ella eſte he teu marido, ſem aver niſto outra alguma couſa. Eſte abuſo deſterou o Padre com ſuas doutrinas, enſinandolhes ſuas obrigaçoēs em ſemelhantes materias. Outros que eraõ cazados em face da Igreja, ſe empreſtavaõ huns aos outros as molheres, por quanto os parocos, que os tinhaõ cazado, lhes naõ tinhaõ dito as obrigaçoēs, que avia. Outras muytas deformidades neſta materia deſterrou o Padre com muyto trabalho ſeu, & grande bem das almas.

2 Sabendo o Padre Reytor do Collegio o muyto concurſo, que vinha à noſſa Igreja do Bengo, eſcreveo ao Padre que publicaſſe hum jubileu pera o dia de Sancto Ignacio do anno de mil ſeiſcentos trinta, & hum, que foi couſa naquellas terras nunca viſta, de ſete, & oito legoas concorria gente ao ganhar, crecendo com eſte concurſo mais, & mais o trabalho do Padre. Depois lhe foi neceſſario ir a cidade de Loanda, por remediar os deſmanchos de hum clerigo, que ſe quis aproveitar dos trabalhos do Padre Tavares em dano das almas.

3 Eſte homem era natural da cidade, & de gente de naçaõ Hebrea; depois de ter o Padre enſinado em huma parte, indo dalli correndo outras diſtantes às vezes vinte legoas, ſe hia o clerigo à terra, por onde o Padre comeſſara. Pondoſe em certos lugares mandava recado, que todos, os que ſe quizeſſem bautizar, ainda que naõ ſoubeſſem os myſterios, trouxeſſem huma gallinha viva, que logo os bautizaria. Concorriaõ os negros alguns jâ com algũ pouco enſino das doutrinas do Padre, outros cõ nenhũ. A todos o homem metia o ſal na boca, & bautizava, com tanto, que perguntados, ſe queriaõ ſer Chriſtaõs, reſpondeſſem, que ſim. Tudo fazia ſem ter licença do Biſpo, ſendo aquelles deſtrictos de diverſas freguezias. Logo ſe poz pello Biſpo remedio a eſta deſordem.

4 Pediolhe neſta occaſiaõ o Biſpo, que fizeſſe por cazar hum Soba no Bengo, que vivia com grande eſcandalo. Foi o Padre àquella terra, achou, que era ſó Chriſtaõ em o nome, fallandolhe, fez zombaria do Padre; pediolhe, que mandaſſe ajuntar a ſua gente, que ſeriaõ athe ſete centas peſſoas, reſpondeo, que elle ſe naõ entendia com elles.

Entaõ o Padre com hum Irmaõ, que o acompanhava tomando a campainha foraõ pello lugar convocando agente, mas nenhum se queria ajuntar. Aqui deu o Irmaõ em hum sancto invento, que foi lançar pera o ar algumas tamaras de palma, gostaõ os meninos alli muyto desta fructa, vieraõ se chegando, & apoz elles outros grandes athe numero de duzentas pessoas, às quais ensinou, & a seu Senhor. De sorte, que a sancta invençaõ, de que o Irmaõ usou, abrio o caminho ao bem de tantas almas. Trinta, & sinco vezes foi o Padre com o Irmaõ a este lugar a ensinar o Soba, & mais gente, & depois os cazou, & bautizou.

5 Huma destasvezes estando aqui o P. ensinando a doutrina a numero como de quinhẽtas pessoas, se levantou hũ gentio valente,& cõ grande colera disse ao Padre Tavares: Tu es hum salvagem,& hũ tolo, nẽ entendes,nem sabes, o que dizes: Quizeraõ os linguas lançar maõ delle, & fazerlhe, o que merecia, impedios o Padre, dizendo, que de boa vontade lhe perdoava todas aquellas injurias. Penetrouse tanto o gentio desta mansidaõ, & amor do Padre, que logo se lhe lançou aos pés, & pedio perdaõ do seu descomedimento. Dalli por diante era o primeiro, que vinha à doutrina, & trazia a ella outros muytos.

6 O cazamento deste Soba, cujo nome era Manisonsa, se fez em a nossa Igreja do Bengo com grandes festas, & musicas, & assim mesmo se bautizaraõ, & cazaraõ os seus vassalos, em cuja funçaõ gastou o Padre a maior parte do dia em jejum.

7 Aqui teve o Padre hum grande disgosto. Tinha cõ immenso trabalho disposto pera bautizar, & cazar athe seis mil pessoas, & quatro Sobas muy nomeados: neste tempo o Bispo mandou hum clerigo pardo, pera os bautizar, & cazar, com cuja vinda se acabou a licença, que o Padre tinha, que só era em quanto o Bispo naõ provesse aquella Igreja de paroco. Foi logo o Irmaõ Gonçalo Joaõ avizar os Sobas, que o Padre senaõ atreveo a ir, dizendo-lhes, viessem, que era chegado hum clerigo, pera os cazar, & bautizar, por quanto o Padre jâ naõ tinha licença.

8 Ficaraõ pasmados com nova taõ triste; só a doze pessoas poz o clerigo em bom estado, porque os de mais naõ quizeraõ nada com o clerigo. Dahi a alguns dias magoado o Padre de taõ grande perda, deu outra volta pellas ter-

terras dos Sobas, dizendolhes, porque senaõ tinhaõ posto em bom estado? Responderaõ: Olha câ tu es nosso Mestre, & tudo nos fazes de graça, assim no ensino, como no de mais, o clerigo nosso parenre quer, que lhe demos mantimentos, ou escravos, & nos naõ os temos, & assim morreremos como nossos antepassados. Em quanto o Padre andou por aquellas partes os foi fomentando, o clerigo vendo que naõ tinha renda, nem lucro, se retirou à cidade, ficando tanta s mil almas em summo desemparo.

9 Naõ desmayou o Padre com esta lastima, antes se aplicou a cultivar as terras, que ficaõ pera huma alagoa, q̃ chamaõ Quiçò. A ordem de ensinar era a mesma que temos dito. Nestas terras esteve por vezes a ponto de perder a vida. Chegando de noyte à terra de hum Soba chamado Icollo, cujos vassalos seriaõ como seis mil, o Padre os tinha por outras vezes ido ensinar: assim elle como os seus postos em armas se vieraõ cõtra o Padre & Irmaõ, chamando-os de cans, & perros, & outros nomes injuriosos; aquietouos o Padre com seu bom modo, & elles desistiraõ da sua furia.

10 Dahi a cousa de dous mezes ainda correo nesta terra maior perigo, passando por ella tinhaõ os gentios em hũ grande terreiro sobre hum pano de seda o seu idolo, aquem faziaõ suas ceremonias. Naõ sofrendo o Padre tal abominaçaõ, lhes tomou o idolo. Foraõ quinhentos ao caminho, pera lho tirarem das maõs, apredrejaraõ ao servo de Deos; porem foi o Senhor servido, que nem huma só pedra lhe tocasse, nem lhe tomaraõ o idolo, a quem o Padre fez, o que merecia.

11 A outros gentios, tirou outro idolo, a quem pediaõ saude, sol, & mais bens, & felicidades, nesta occasiaõ esteve perto de ser morto às frechadas, mas o Senhor o livrou. Este idolo, diz o Padre que seria como hum moço de doze, ou quinze annos, & que o mandara ao Padre Provincial Diogo Monteiro, dedicado ao Collegio de Evora em agradecimento de alli o receberem na Companhia: perdeose com a nao em que vinha, na entrada do rio de Lisboa.

12 Tambem destroio aqui muytas feitiçarias, de que era mestra huma velha negra, a qual tinha por costume convocar o diabo com huns chocalhos, que o Padre lhe

tomou. Queimou juntamente huma caza, onde hiaõ fazer, ao demonio ſuas petiçoẽs. O que mais lhe cuſtou, foi fazer mudar a pelle à negra velha, mas finalmente, a tirou da ſua cegueira.

13 Andava o Padre taõ embebido em enſinar a todos, que por ſer o luar muy claro naquellas terras, lhe ſuccedia, imaginar, que era de dia, levantarſe com os ſeus lingoas, andar com a campainha convocando a gente, & neſte tempo ouvir cantar o gallo, por onde advertindo ſer muy ſedo ſe tornava a encoſtar athe a madrugada. Por todas aquellas quarenta legoas foy notavel a mudança, que fez em todos o ſeu zelo. Ouviaõſe, nas fazendas, & cazas cantar as oraçoẽs. Avia ſeus como pays dos Chriſtaõs, negros de virtude, os quais tinhaõ a ſeu cargo ajuntar a gente, & a fervorala na ſancta doutrina, eſtes ſupriaõ a auzencia do Padre; a eſtes dava ſeus premios, & às vezes tirava do ſeu proprio ſuſtento, pera repartir com elles.

14 O cura deſta freguezia da Quilunda deu ao Padre licença, pera que no ſeu deſtricto bautizaſſe, cazaſſe, & fizeſſe, o que entendeſſe, era bem de ſuas ovelhas. Neſte tempo teve carta de alguns moradores do rio Dande, que divide o Reyno do Congo do de Angola, & diſtava ſeis legoas do lugar, onde o Padre ſe achava. Pediaõlhe pellas chagas de Chriſto, lhes acodiſſe, pois tambem elles eraõ Chriſtaõs; diziaõ, que os ares, & agoas eraõ mais ſadios, q̃ os do Bengo; tambem o avizavaõ, que andava certo homẽ honrado metido pellos matos, que avia quinze annos, ſenaõ confeſſava, & que por certa cauſa ſenaõ confiava da gente.

15 Sabendo o Padre que eſte homem eſtava excommungado vitando, ouve licença do Biſpo, pera que vindolhe as maõs, o pudeſſe abſolver. Entrou o Padre nas terras do Dande fazendo a meſma commuçaõ, que nas mais partes. Duas noytes dormio no lugar, onde o excommungado ſe agazalhava, por ver ſe o podia encontrar. Outras tres vezes foi àquella terra, ſó a fim de reduzir eſta alma perdida. Vendo, que lhe naõ podia fallar, lhe eſcreveo duas regras, avizandoo, que naõ tinha outro intento, mais que confeſſalo.

16 Reſpondeolhe, que jâ tinha noticia, de que o buſcava, & que em tal noyte lhe viria fallar em certo campo deſ-

defcuberto, em que naõ avia arvore, mouta, nem cova, donde lhe pudeffe armar alguma traiçaõ. Foife o Padre de noyte fó ao campo, onde veyo o homem muy bem armado, trazendo configo tres negros muy valentes cada hum com feu arcabus, & mecha calada, os quais repartidos cercaraõ o campo. Com elle fe ouve tambem o Padre, que o confeffou, & melhorou.

17 Ficoulhe com grandiffimo amor pella caridade taõ eftranha, que com elle ufara. Davalhe muytos dentes de marfim de efmola, nada lhe aceitou, dizendo, que o feu premio era, ter confeffado a fua merce. Foi efta converfaõ de grande gloria de Deos. E toda a gente dava mil graças ao Padre pella ter effeituado. Era efte homem o mais valente, & denodado, que fe fabia, aver no Reyno de Angola. Se dava com alguma manada de elefantes, a todos os matava. Arremeteo a elle hum Leaõ, & com a garra o abrio dalto abayxo por huma ilharga, ficando o homem de bayxo, affim como eftava, tirou de huma faca, & matou o Leaõ. Acodiraõ nefte tempo os feus, & o levaraõ pera caza meyo morto, & Deos lhe deu faude: por eftas, & outras valentias era muyto affamado, por iffo mais nomeada a fua converfaõ. Muytos trabalhos padeceo o Padre nefte Dãde, fuccedeolhe muytas vezes a noitecerlhe nos matos, fem faber caminho, nem carreira, cercado de perigos de cobras, tigres, & leons. Todos eftes fuftos, diz elle, lhe remunerava o Senhor com a alegria efpiritual dos bautifmos, & confiffoẽs, que fazia.

18 Paffou o rio Dande, & foi enfinar pera as partes do rio Lifune, que eftâ no Reyno do Congo. Nefta volta do Dande, & Lifune, teve preparado por em eftado de falvaçaõ affim gentios, como gente de Portuguezes, a mais de finco mil almas, que lhe tinhaõ cuftado a enfinar gotas de fangue; todo efte trabalho fe malogrou, porque o clerigo, que era paroco daquella dilatada freguezia, & tinha dado francas licenças ao Padre, naõ fe podendo fuftentar da fua Igreja a deyxou, & fe acabou a licença do Padre com grãde magoa fua.

19 Efta fua magoa confolou em parte com hum bautifmo, que fez em feis de Junho de 1631, que conftou de quinhentas, & trinta, & duas peffoas, que bautizou, & cazou, depois de eftarem bem inftruidas. Tudo fe fez em hum

hum grande terreiro. Ajuntouse gente sem conto de trinta, & oito fazendas. Os bautizados eraõ todos escravos de Portuguezes, que naquelle dia só quis bautizar, por meter assim inveja sancta aos negros, que eraõ forros. Ainda, que jâ os tinha ensinado, agora antes de os bautizar, se esteve a doutrina cantando todo hum dia, & huma noyte, & tendo comessado ao meyo dia do dia antecedente. Nesta noyte nada dormio o Padre andando de huns, em outros coros entendendo com os mestres dos negros, & mestras das negras, que estavaõ à roda de grandes fogueyras: notou que sendo naquella terra os mosquitos tantos, que a modo de nuvens, cobrem os ares, naquella noyte os naõ ouve.

20 O dia do bautismo foi de grande trabalho, o cuspo se lhe secou com a calma, apenas podia ja levantar os braços. Nos bautismos era preciso fazer mais demora, do que fizera em outra gente, porque esta tras o cabello enrodilhado como pinhas, he taõ grosso, & basto, que lhe serve de bainha, em que trazem facas, tezouras, agulhas, & semelhantes trastes, por tanto era necessario esperar, que a agoa chegasse à cabeça, como o tinhaõ outros padres Missionarios da Companhia advertido ao Padre. Trouxeraõ os bautizados cada-hum sua gallinha, mas elle nada quiz aceitar. Assistiraõ a esta funçaõ muytos homens graves da Cidade, & antigos em Angola; disseraõ que de trinta annos athe aquelle dia, naõ ouvera cousa semelhante em Angola. Ouve quem dissesse, que parecia ter Deos estendido a tarde daquelle sancto dia, no qual foi grande a consolaçaõ de todos, & maior a do Padre, aquem seu cansasso era de singular alivio.

CAPITULO X.

O mais que obrou nesta missaõ das partes do Bengo.

1 COm estas obras taõ continuadas era o Padre muyto conhecido dos negros, succedialhe indo seu caminho, vendo-o passar, deixarem os negros seus trabalhos, viremse pera elle pondose de joelhos com as maons levantadas, mostrando quanto o respeitavaõ, & amavaõ. Nas ter-

terras do Soba Nambucalombe fez como nas mais partes grandes cousas; porem aqui se vio em especial, quanto podia o seu bom modo. Estavaõ estas gentes muyto escandelizadas dos brancos,& como naõ tinhaõ conhecimento de Padres da Companhia, cuidavaõ ser tudo o mesmo.

2 Brevemente se desenganaraõ. O Soba no lugar, onde morava, tinha quarenta concubinas cercadas com grandissimos muros de palha, cada-huma em sua casa com os filhos, que della tinha; alem destas reconhecia a huma por sua molher legitima. Pode muyto o Padre com este Soba. Mostroulhe este cercado, dizendo, que alli ninguem entrava; o Padre por ver, que disso recebia agrado, lhe fazia muytas caricias aos filhos, & mostrava alegria às concubinas.

3 Teve neste paíz grande colheita, foi alli por muytas vezes, levando consigo doze linguas, quatro eraõ escravos do Collegio, os demais, lhe emprestavaõ negros principais, que moravaõ nas terras do Collegio, aquem elle os pedia: *Athe nisto*, tem o Padre em huma carta sua, *era eu como oppositor da Uuniversidade de Coimbra, o qual andando em vesporas de levar cadeira, pede o voto com muyta humildade; pois com outra tanta, & quasi de joelhos lhes pedia linguas pera ensinar Nambucalombe, ja prometendo Missas, & ja oraçoens.*

4 A ordem, que tinha em ensinar os Sobas destas terras, era, pondo em cada parte dous linguas, com metodo, do que haviaõ de fazer, andar o Padre de huns em outros, vendo, como melhoravaõ no ensino. Pera si deixou ao Soba Nambucalombe com todos seus filhos, & concubinas.

5 Esteve aqui o seu trabalho por vezes frustrado, indo huma vez pello lugar tomando a rol, os que se haviaõ de bautizar, entraraõ os negros em desconfiança, que era traça pera os cativar; porem o bom modo do Padre os assegurou, & lhes tirou este susto. Estando o Padre ensinando cousa de seiscentas pessoas, lhe deraõ recado, que hum capitaõ lhe queria fallar; foi lâ, disselhe o Portuguez, que tinha gosto de ver, como ensinava, respondeo o Padre, que naõ podia ser entrando elle dentro do cercado, mas que da porta poderia ver. Chegaraõ à porta, dando os negros cõ os olhos no branco, todos logo fogiraõ, & fizeraõ aviso a

ou-

outros dous coros, que em outra parte do lugar estavaõ, q̃ tambem de repente fogiraõ. Entaõ soube o Padre, que aquelle branco, tendo alli ido buscar o tributo, que pagaõ àquelles Sobas, naõ tendo hum com que lhe pagar, o mandou enterrar vivo, ficando só a cabeça de fora; por esta, & outras insolencias andava pellos matos escondido. Os negros, que o conheciaõ temendo algumas das suas tiranias desapareceraõ.

6 Tinha o Padre nesta terra disposto a mais de seis mil pessoas; indo ao Bengo pera dar ordem, a lhe virem oleos da Cidade, & hum Padre ou Irmaõ, que o ajudasse, lhe deraõ huma carta do Padre Reytor, em que o mandava hir à Loanda, pera de lâ passar a *D*ongo, & assistir com el-Rey, & que outro Padre viria continuar com o seu trabalho. Como era obedientissimo, sem se despedir no Bengo de pessoa alguma, partio pera a Cidade, ainda que no coraçaõ sentia magoa, & pella naõ dar aos negros, & brancos naõ declarou sua jornada.

7 De Loanda foi mandado pera Dongo, navegando pello rio Coança, estando ja perto do presidio de Muchima, chegaraõ dous negros pella posta com cartas do Padre Reytor, que lhe ordenava, voltasse à Cidade. A causa era huma carta dos Portuguezes das partes do Bengo, em que declarando o grandissimo fructo, que nellas fazia, a opiniaõ, que delle tinha o gentilismo, encarecidamente pellas chagas de Christo pediaõ, lho restituisse. Teve o Padre Reytor escrupulo de o naõ fazer assim.

8 Restituido ao Bengo, continuou com seus Apostolicos trabalhos, quando o Demonio envejozo de tanto bẽ cortou o fio a tantos progressos por meyo do paroco daquelle grande, & dilatado destricto, escreveo ao Padre q̃ lhe tirava a licença, q̃ lhe dera pera cazar, & bautizar pessoas do seu destricto, & se queria continuar, que cada pessoa, que se bautizasse, & casasse, lhe havia a elle de dar hũa gallinha. Dalli a alguns dias se foi o Padre ver com o negro Cura, disselhe; que elle naõ podia receber nada pello exercicio dos nossos ministerios, quanto mais, que bem sabia a pobreza dos negros, & que o fazelos de graça Christaons era das cousas, que mais atrahiaõ o gentio; que se sua merce queria gallinhas, fosse ensinar os gentios adultos, & saberia, quanto custava amansalos.

9 Res-

9 Refpondeo, que naõ tinha obrigaçaõ, de os hir enfinar taõ longe, & ainda que tiveffe vontade, lhe faltavaõ linguas, pera os enfinar. Vendo o Padre que todas as almas, que tinha com immenfo trabalho difpofto, fe perdiaõ, lançoufe de joelhos a feus pés pedindolhe licença ao menos por quinze dias. Foi taõ cruel efte homem, que de nenhum modo quiz, fem lhe darem as gallinhas. Entaõ fe defpedio o Padre, & fez avifo, do que paffava aos Portuguezes, & Sobas catequizados. Todos ficaraõ fem remedio, & cortados de dor, & mais que todos o Padre. Tambẽ por efte tempo lhe efcreveo outro Clerigo hũa carta chea de palavras injuriofas, dizendo, que adminiftrava os Sacramentos fem licença, & outras liberdades, que o Padre offereceo a Deos.

10 Naõ defmayou com tantos eftorvos, continuou em enfinar os Portuguezes, & gentios, & confervar a fé, nos que tinha convertido. Defterrava abufos, & peccados, impedia grandes crueldades, que ufaõ os brancos com os efcravos, & faõ às vezes tais, que faz horror, o contalas. Senhor ouve, que mandou de noite atar hum feu efcravo a hũa arvore jũto do rio; pella menhaã naõ fó eftava morto, mas tinha as entranhas comidas dos mofquitos, que alli faõ muy grandes; & dis o Padre que enfinando naquellas partes, fe naõ podia valer com os mofquitos. Deftas crueldades aponta outras, que eu deixo; efta bafta, pera fe ver, quam grande bem fazia em impedir femelhantes defordens da gente branca.

11 Differaõlhe, que os principais moradores das partes de Quilunda, & outros eftavaõ apoftados, a irem de maõ commua a ter com o Bifpo, fazer queixas do Clerigo, que naõ dera a licença, & pedir, concedeffe ao Padre, que foffe pôr em bom eftado a fua gente, por morarem algumas vinte legoas da Igreja, & o Clerigo fe naõ queria cãfar com andar tanto caminho. O Padre os foi aquietar, dizendolhes; que Deos acodiria como pay, apontãdo outras rezoens a efte intento.

12 Caufavalhe muyta confolaçaõ, quando hia confeffar os feus bautizados, achar negros cazados de feis, & fete mezes, que quafi lhe naõ davaõ materia de abfolviçaõ; viviaõ com grande innocencia occupados no feu trabalho de fabricar a terra, & no tempo, que lhe fobejava, que naõ

era muyto, diz o Padre que aſſas tinhaõ, que fazer em ſacudir os moſquitos, de cujas ferrotoadas, por andarem meyos nus, tinhaõ muyto, que padecer ſuccedialhe gaſtar em ouvir confiſſoẽs de negros des de pella menhãa athe entrada a noyte, tendo tres, & quatro interpretes, de que ſucceſſivamente uſava. Depois deſta tarefa, diz elle, que rezava o officio divino, tinha a ſua oraçaõ, & exame tudo de noyte, porque ainda que avia tanto, que fazer com o proximo, procurava ſempre de ſenaõ eſquecer deſi; & que por iſſo Deos lhe dava forças pera tanto trabalho.

13 Na quareſma de ſeiſcentos trinta, & dous foi tal o ſeu trabalho em ouvir confiſſoẽs andando de huma, em outras partes, que confeſſa, que tudo o que tinha padecido, era nada, a reſpeito do que padeceo neſta quareſma. Eſtando nas partes do rio Dande, ſoube, como nellas avia hum mancebo negro, Chriſtaõ, famoſiſſimo feiticeiro, & grande medico, dizia publicamente, ſer elle filho de Deos. Antes de ſaber o Padre ſuas mas artes, lhe tinha viſto fazer notaveis curas, como eraõ chupar a materia de chagas, por mais aſqueroſas, que foſſem, & em coiralas dentro de breve tempo, mas naõ ficando ſans de todo.

14 Eſte ouvindo pregar ao Padre em como, os que ſe bautizavaõ, naõ aviaõ de tornar a ſuas idolatrias, ſe mudou pera outras terras diſtantes trinta legoas: como era ladino, & ſabia Portugues, prégava, & enſinava, contra a Ley de Chriſto, & contra a doutrina do Padre. Tinha grande ſequito; onde chegava, lhe faziaõ de novo quatro cazas, huma pera dormir, outra em que dava ſol, outra chuva, outra ſaude, & mais felicidades. Concorria gente ſem conto aſſim Chriſtaõs, que naõ tinhaõ ainda noticia do Padre, como gentios, as gallinhas, que lhe traziaõ naõ tinhaõ numero, o negro, & negra, que o tocava com a maõ, ſe tinha por ditoſo.

15 Prégava, que os negros Chriſtaõs podiaõ ter muytas molheres, comer carne em dias de peyxe, & que naõ eraõ obrigados a jejuar. Fazia milagres por arte magica, a ſaber, ſenaõ avia vinho, ou mantimento, nas cazas, onde elle chegava, na menhãa ſeguinte apareciaõ os cabaços, & cantaros cheyos de vinho, & as teigas cheas de mantimento de varias caſtas. Eſte milagre era, o que mais enganava agente. Andoulhe o Padre no alcance, ſem nunca o poder

aver

aver às maõs, entaõ efcreveo ao Padre Reytor do Collegio, que como Commiffario do Sancto Officio lhe deffe poder, & ajuda pera o prender.

16 Vinda a licença, & que lhe deffem adjutorio aquelles, aquem o pediffe. Communicou tudo emfegredo a dous homens Chriftaõs velhos, & muy valentes, em cujas fazendas entaõ andava o negro. Fizeraõ tudo facil, dizendo ao Padre que os naõ avia de a companhar, porque fe o negro o fofpeitaffe, fugiria logo. Foi o Padre com elles athe as fuas fazendas. Vindo a noyte fe recolheo em huma choupana, fechando por dentro a porta, quando alta noyte o começaõ a efpancar, & lhe moeraõ todo o corpo. Chamou os negros, acodindo acharaõ as portas fechadas como as tinhaõ deyxado.

17 Logo pella menhãa foi o Padre fangrado, naõ avẽdo fita, lhe ataraõ o braço com huma herva chegaraõ os dous homens armados com feus efcravos, pera dalli irem prender o feiticeiro. Por mais, que o Padre procurou diffimular, fouberaõ o cazo, & ficaraõ muy frios, dizendo, que o demonio o moera. Mandoulhes que foffem prender aquelle Antechrifto, partindofe andaraõ alguns dias, por onde lhes pareceo, depois voltaraõ a modo de muy canfados, dizendo, o naõ puderaõ achar; fendo verdade, como foube o Padre que o naõ bufcaraõ temendo naõ os mataffe a elles, & a feus efcravos.

18 O Padte foi trazido em rede pera o Bengo. Efte foi o follar, que teve na Pafcoa daquella quarefma naqual excepto os ultimos tres dias, que comeo carne por caufa das pancadas, jejuou fempre fendo o feu fuftento farinha de pao com agoa, tendo fempre perfeita faude. Naõ faltavaõ bons Chriftaõs, que neftas peregrinaçoẽs lhe offereciaõ de comer, de que elle fe efcufava, por naõ fer a alguem molefto. Ainda, que fenaõ prendeo o feiticeiro, foi de muyto proveito a diligencia, porque elle com o medo, fe meteo algumas duzentas legoas pella terra dentro, fem mais fer vifto. Fogiraõ feus difcipulos, & fequazes, aquem o Padre deu caffa.

16 Impedio tambem a muytos gentios, circuncidarẽ as crianças, parece, que algum Judeu tinha por a quellas partes divulgado efta Ley. A grande Fé, que os negros tinhaõ nefte Padre feve bem no cazo feguinte. Eftando en-

ſinando na fazenda de hum Portugues rico, & que ſó de eſcravos tinha mais de quatrocentos, chamado Joaõ Pegado, lhe diſſe, em como tinha huma alagoa, que era parte do ſeu remedio, mas que avia annos, ſenaõ enxugava, porquanto naõ podia acabar com os ſeus negros, que lhe abriſſem as valas, dizendo, quando os mandava, que o diabo eſtava na alagoa, & que todos aviaõ de morrer, ſe aquizeſſem enxugar. Dizendolhes o Senhor, que elle iria diante a cavar, reſpondiaõ. Nunca Deos queira, que te vejamos morrer; neſta forma eſtavaõ inganhaveis.

20 Pedio ao Padre os perſuadiſſe, encommendou o negocio a Deos. Na tarde do dia ſeguinte fez doutrina á couſa de quatrocentas peſſoas entre forros, & eſcravos. No fim da doutrina diſſe, que no dia ſeguinte de menhãa vieſſẽ todos, que aviaõ de ir tirar o diabo, que eſtava na alagoa da Mobella, eſte era o ſeu nome.

21 Paſſaraõ os negros palavra huns aos outros, & a noyte lhes pareceo hum anno, pella menhãa tudo negrejava com gente. Com toda eſta multidaõ partio o Padre pera a alagoa, que diſtava meya legoa, indo diante os meninos cantando a doutrina. Chegando lâ lhes fez huma pratica, dizendo, em como o diabo naõ eſtava na alagoa, mas era tudo traça ſua, pera q̃ morreſſem à fome, & naõ trabalhaſſem, & à volta diſto diſſe muytas couſas contra eſte commum inimigo, enſinandolhes, que quando começaſſem, ſe benzeſſem. Logo mandou benzer hum lingoa em voz alta. Tomou o Padre huma enxada, & o Senhor da alagoa outra, & couſa de cem negros cada hum ſua, dizendo aſſim os que tinhaõ, como os que naõ tinhaõ enxadas a altas vozes: JESU ſeja comnoſco arrenego do diabo, diabo fora ajuntando muytas palavras injurioſas cavouſe; & ſe deſempedio a alagoa em grande proveito daquelle Portugues, que ficou muy devoto da companhia, & agradecido ao Padre.

22 Iſto he muyto pello groſſo, o que o Padre Pedro Tavares obrou nas partes do Bengo em eſpaço de dous annos, que cultivou aquella gente; ſó em hum deſtes annos teve licença pera bautizar, & cazar; que ſe lhe naõ a tara o ordinario as maõs, ſegundo era grande o ſeu zello, & aceitaçaõ, que com todos tinha, naõ ficaria homem gentio enaquelles negros.

23 Sabendo noſſo R. Padre Geral, & o Padre Aſſiſtẽte Nuno Maſcarenhas em Roma, o muyto, que Deos fruticava, por meyo deſte ſeu ſervo, lhe deraõ por carta as graças. No tempo, que andava deſterrando infinitos abuſos, & fazendo notaveis couſas do ſerviço de Deos, o tornou achamar o Padre Reytor do Collegio pera ir a Dongo. Chegou a Loanda, & dahi com o Padre Joaõ de Payva partio pera Dongo aos ſete de Agoſto de mil ſeiſcentos trinta, & dous.

CAPITULO XI.

Como foi em Miſſaõ ao Dongo, referenſe outras couſas, que obrou, athe ſevir de Angola.

1 FAzendo o Padre ſua viagem pello rio Coança em hum pataxo ſahio a terra com ſeis negros, & hum menino branco de dez, ou doze annos. Eſtando todos na praya, o menino ſe deſviou athe huma ribanceira afaſtada em hum alto, onde avia grandes buracos, & furnas; deſtes buracos ſahio de repente huma cobra, que endireitou, pera engolir o moço. Os negros com o medo ſe acolheraõ ao pataxo levando conſigo o moço, que livrou por ſe pôr diante delle o Padre. Ficou o Padre Tavares ſó na praya, com elle enreſtou a cobra levando a cabeça taõ alta como o Padre; o que fez notavel medo aos do pataxo, & o davaõ por morto. Vendo o Padre Payva tamanho perigo diſſe: JESU te valha, JESU te guarde.

2 Fez da ſua veſte rodela, gritando, que do pataxo lhe lançaſſem algum pedaço de remo, foi ſe reparando cõ a veſte, athe que lha lançou ſobre os olhos, & pegando do pao, que ſe lhe lançara, lhe acertou na cabeça, com eſta pãcada a fez afocinhar, & logo ſegundou athe lhe amaçar a cabeça. Aſſim o livrou Deos de perigo taõ evidente, em que ſe tinha metido por livrar o menino.

3 Em oito dias chegaraõ a Maſſangano preſidio de Portuguezes. Em quanto ſe buſcaraõ carregadores, que lhe levaſſem o fato, fizeraõ muytas confiſſoẽs, gaſtando athe as noytes neſte ſancto myſterio. Dalli ſe partiraõ pera Dongo. Chegaraõ ao lugar de hum Soba por nome Cabo-

co,

co, ſenhor de muytos vaſſallos, onde por ordem do Governador de Angola aſſiſtia hum branco pera os negocios das feiras dos gentios: eſte avizou os Padres, que alli avia hum terreiro, onde a meudo ſe fallava com o Demonio. Foraõ a elle acharaõ hum idolo de pao do tamanho de hum homem, untado com muytas hervas, tinha a boca chea de farinha de pao, & de vinho de palma, eſtava ſobre huma piramide, junto delle ſe via metida no chaõ huma trave oca muyto groſſa, cevada por dentro com feitiçarias, que deſpediaõ deſi cheiro intoleravel, & peſtilente. Junto à trave avia huma caza eſteirada por todas as partes, onde ſe fallava com o Demonio. Tinhaõ pegado o ſeu cemeterio com muytas cazinhas feitas de lagens, & por huns buracos a modo de louzas metiaõ o comer aos defunctos alli enterrados.

4 Determinaraõ extinguir eſta abominaçaõ. No dia ſeguinte antes de ſe partirem, chamaraõ os principais gentios, pera com elles irem ver os ſeus Deoſes; jâ tinhaõ diſſimuladamente aparelhado fogo, & hum cavalo, que pera ir hum delles, mandara el-Rey de Dongo. Eſtando todos no terreiro começou o Padre Payva a prégar com grande eſpirito contra a cegueira dos gentios. Neſte tempo o Padre Tavares foi pondo o fogo aos idolos, que brevemente arderaõ, ſó o idolo grande ſenaõ acabava de queimar.

5 Vendo o Padre Tavares eſta detença, & o comprido caminho, que tinhaõ que andar, ſaltou por ſima das lavaredas no idolo, & ſobindo ſobre a piramide o abalançou pera dar com elle em terra; como eſtiveſſe forte, & o fogo o foſſe chamuſcando, ſaltou de pullo no chaõ. Deraõ os gentios huma grande rizada, cuidando, que o ſeu *Deos* zōbava delle. Tornou o Padre ſegunda vez com dobrado impeto, mas por razaõ do fogo ſe tornou logo a deſviar, crecendo a rizada dos gentios. Arremeteo terceira vez, & deu com o idolo em terra. Paſmaraõ os gentios, por elle naõ morrer tendolhe queimado o ſeu Deos; levantaraõ grande pranto.

6 Continuava entre tanto ſua prégaçaõ o Padre Payva, & o Padre Tavares atando huma corda ao peſcoſſo do idolo, & eſta a cauda do cavallo, o foi levando a raſto pello terreiro açoutandoo com o bordaõ, cuſpindo nelle, dizendo

do em altas vozes, diabo, fora diabo fora. Logo ſobio o Padre a huma arvore, cortou dous paos, de que fez huma fermoſa Cruz, fez mais ſeis baſſouras, cada Padre com ſua, & alguns negros com as outras varrerão o terreiro, & nelle ſe arvorou a Cruz, explicando aos negros, o que ſignificava.

7 Tres, ou quatro ſomanas avia, que o Padre eſtava no Dongo com pouca eſperança de fructo, por ſer o gentio muy ſalvagem nas materias da vida eterna, quando lhe veyo carta do Padre Gonçalo de Souza Reytor do Collegio, que chegara do Reyno, naqual lhe ordenava, voltaſſe a Loanda, pera enſinar gramatica. Eſtando o Padre cõ huma febre ſe poz a caminho, na primeira jornada lhe fogirão ſete negros, que o Rey lhe dera, pera o levarem athe Maſſangano. Continuou a pé em companhia de dous negros do Collegio athe o lugar de certo Soba gentio, pediolhe carregadores, que o levaſſem, todos fogirão.

8 Vendoſe em tal deſemparo, pois a doença não dava lugar a fazer a pé o caminho, fingio quererlhe queimar as cazas, ja que lhe não davão carregadores, tendo o fogo na mão, acodirão, derãolhe negros. Eſtes, paſſado hum dia, o deyxarão no caminho. Foi a pé athe o Soba Caboco por eſpaço de dous dias indo vizitar a Cruz, que no terreiro do idolo tinha levantado, a achou com tres grandes cutiladas. Queixouſſe ao branco, reſpondeo, que nenhum gẽtio da terra tal fizera, mas huns Quimbares, que ſão negros dos Portuguezes, que levão roupas ao Sertão, homens ſem alma, tinhão cometido eſte grande dezaforo.

9 Dormio neſte lugar aquella noyte, pella menhãa ſó avia no lugar negras, porque todos os negros fogirão, em odio de lhe ter o Padre queimado o ſeu idolo. Por tanto foi obrigado ir a pé athe Maſſangano, dahi pello rio Coança chegou a Loanda; aonde foi mandado enſinar latim; cõtinuou eſte magiſterio por couſa de hum anno.

10 Em Janeiro de ſeiſcentos trinta, & quatro, o deſocupou o Padre Reytor pera com hum Irmão dar ordem, a ſe fazer huma pouca de cal na Corimba, que diſta da cidade nove legoas. Tendo alli gaſtado dous mezes, no principio da quareſma foi pera huma Ilha a bayxo da Corimba, que tem de comprido oitenta legoas, & ſó huma de largo. A cauſa da jornada foi por fazer amizades entre

tres brancos principais, que avia tres, ou quatro annos, eſtavaõ huns contra os outros a ferro, & a fogo.

11 Poz maõ a eſta obra, achouos obſtinados, naõ deſmayou, foi continuando, dizendolhes, que os jejuns, que fazia, & a cama, em que dormia, que era huma taboa, tudo era pera os unir entre ſi. Depois de grande lida dobrou a dous, o terceiro cazal eſtava duro como huma penha. Vendo o Padre eſta teima, lhe diſſe que elle ſe achava indiſpoſto, que eſtimaria, lhe fizeſſem eſmola, de o deyxarem dormir aquella noyte em ſua caza. Tiveraõ a hoſpedagẽ por muyta honra. Mãdaraõlhe na ſala fazer a cama cõ muytos colchoẽs, tinha o Padre conſigo dous negros do Collegio, que na meſma caza aviaõ de dormir. Eſteve fallando com a gente athe horas de ſe recolher, entaõ por ſua maõ começou a desfazer a cama, & ſe encoſtou nas taboas do catre. Os hoſpedes, que tal viraõ, começaraõ a chorar de devaçaõ: jâ Deos principiava a lavrar a pedra, que com as lagrimas dava ſinal de brandura. Dahi a pouco ſe diſciplinou cruelmente, o que tudo ouviraõ os hoſpedes, & entendendo ſer por ſeus peccados, totalmente ſe renderaõ.

12 Tanto podem as obras ſanctas feitas unicamente por caridade pera com Deos, & pera com o proximo. Logo, que a manhaceo moſtrandoſe compaſſivos, da mâ noyte, que tinha tomado, ſe puzeraõ nas ſuas maõs, dizendo, naõ podiaõ reſiſtir a tanta caridade. Acreſcentou o marido, que fazia pello habito da Companhia, o que de nenhuma ſorte faria ainda, que o Biſpo em peſſoa, & toda a cidade de Loanda lho foſſem pedir. Ouve muytos perdons na Igreja; jantaraõ todos juntos eſſe dia na meſma caza, os homens em huma ſala cõ o Padre & as molheres em outra mais dentro. Eſta foi a ſegunda vez, que o Padre naquelle Reyno dormio em caza de gente branca, & huma das poucas, que comeo em ſuas cazas, no que teve ſempre particular reſguardo, por aſſim fazer mais deſembaraçado os miniſterios da Companhia.

13 Offereceraõlhe boas couſas de prezente, o Padre as naõ quiz aceitar, como coſtumou fazer ſempre. Divulgouſe eſte caſo na Cidade, & todos ſe edificaraõ muyto. Aſſim por occaſiaõ deſtas amizades, como pella fama, que do Padre havia, pello muyto, que em outras partes tinha obra-

obrado, concorreo esta quaresma, a se confessar com elle gente sem conto, por terem nisso especial devaçaõ. Succedialhe estar confessando todo o dia athe hora, & meya da noite. Sendo que os nobres senaõ confessavaõ outros annos em o Collegio, agora se vieraõ confessar com o Padre grande numero delles; como Capitaens, officiais de guerra, & outros. Tudo quanto Deos por elle obrava, attribuia às oraçoens dos outros Religiosos da Companhia, dizendo, que elle era nada, & huma pobreza.

14 Tambem nas cartas, que destas emprezas fez, segundo a ordem da Companhia, diz que calla outras cousas por tocarem em sua pessoa; porque quanto podia; nas cartas só escreveo, o que bastava pera a edificaçaõ cõmua, conforme a vontade da obediencia, que manda escrever estas cartas, callando muyto, do que era especialmente honra sua.

15 Antes que a narraçaõ com o Padre Pedro Tavares saya de Angola, quero aqui escrever algumas cousas, que o mesmo Padre deyxou apontadas como additamentos à larga carta, que desta materia escreveo. Conto, diz o Padre, o modo com que ensinava os negros, tomando-o do Apostolo Saõ Paulo, que chorava, com os que choravaõ, & com os que se alegravaõ, se alegrava, levando a cada-hũ pello seu erro. Saõ estes negros de ordinario muy alegres, & mais alegres ficavaõ, com eu me mostrar com elles tambem alegre.

16 Fingia com a bocca certo som de viola, de que elles notavelmente se pagavaõ, & cõ elle dançavaõ logo. Isto feito de entrada, seguiase o cantar, o que eu fazia com elles, cantando a sancta doutrina na sua lingua. Esta musica acõpanhava eu sempre com os trincos dos dedos a modo de instrumentos, o que elles aceitavaõ com grandissimo gosto, & por isso me acompanhavaõ, & seguiaõ com tãto numero.

17 Estas traças de trazer a si as almas com modos semelhantes nos ensinou o S. Xavier, que cõ as laranginhas, que lançava ao ar huma a pos outra, sem lhe cahirem nunca da mesma maõ, convocava gentios sem conto, pera ouvirem a doutrina do Ceo. Com a minha traça me succedeo tambem, que vinhaõ à doutrina milhares, & milhares de almas, sem a qual naõ vieraõ, antes fogiraõ.

18 Teve grande modo, assim mesmo, pera que os negros, que eraõ linguas, ainda nos perigos o naõ desemparassem, sendo os mais delles emprestados. Fazialhes bom trato comendo igualmente a farinha com elles no mesmo cesto, em que hia. O que mais estimavaõ, era verem, que pellos naõ cansar, hia ordinariamente a pé, & naõ na rede às suas costas, o que tambem fazia, por hirem descançados, pera ensinarem, porque de outro modo esta gente se costuma amuar, & emperrar, & nada querem fazer.

19 Os perigos de que Deos nestas viagens o livrou foraõ sem conto. Estando jantando pello meyo dia com doze negros debaixo de huma arvore, se veyo meter no meyo delles o jumento, que levavaõ, tremendo, & com o cabello enrissado. Logo disseraõ os negros, isto he leaõ, naõ temas Padre; armaraõse com as frechas, & traçados, q̃ todos levavaõ por causa dos bichos. Subio logo hum sobre huma arvore a vigiar o campo. Vio hir o Leaõ junto a hũ ribeirinho, & naõ deceo athe o naõ perder de vista.

20 Pondo diante de si o jumento todos comessaraõ a correr pera hum lugar, que distava legoa, & meya, onde chegaraõ assados da calma, & lançando as almas pella bocca, & diz o Padre, que quando ouvira dizer ser Leaõ ficara como criança tremendo, & branco como neve, & que lhe naõ lembrava fazer actos de contriçaõ, por estar muy perturbado, & que se vira diante de si o Leaõ, morreria de pasmo, & que os negros, por lhe darem animo, se mostravaõ com elle.

21 Outra vez indo pera o Dongo por hũs matos, passou por entre os Leoens, que nelles estavaõ escondidos, sentiose o cheiro taõ vivo, que por huma parte enjoava, & por outra fazia irriçar todo o corpo. Passaraõ todos taõ perturbados, que naõ davaõ fé de nada; o Padre teve a especial favor de Deos, naõ serem sentidos, porque quanto entendiaõ pello fartum do cheiro, os Leoens estavaõ muyto perto. Outras vezes o livrou o Senhor do perigo dos Ellefantes, & conta, como os vira deitados, & alevantarse, contra o que alguns escrevem deste animal, de quem dizem, que nunca se deita, porque se naõ podem levantar.

22 Ha nestes rios Crocodilos, a que lâ chamaõ lagartos da grossura de huma pipa, que a cada passo fazem preza na

za na gente, & atraveſſando o Padre tantas vezes os rios, nunca deſtes monſtros recebeo mal, como nem dos Cavalos marinhos, que ſaõ taõ furioſos, que às vezes viraõ as embarcaçoens. Indo prender hum feiticeiro caminhou por ſerras taõ ingremes, que hia, como dizem de gatinhas, tẽdo maõ nelle dous negros, hum de hũa parte, outro de outra, por naõ cahir, & ſe deſpenhar em hum rio grande, q̃ corria no fundo da ſerra.

23 Em outra occaſiaõ, por naõ ſerem avizados certos negros feiticeiros, que moravaõ junto às noſſas cazas do Bengo, aquem o Padre queria prender, eſteve huma, ou duas noites em pé vigiando no meyo de huns milhos de altura de meya lança, onde eraõ infinitos os moſquitos, & outros bichos. A noite, que ouve de os prender, contou ao Irmaõ ſeu companheiro a vigia, que ſobre os negros tinha feito, o Irmaõ que tinha de Angola vinte annos, lhe eſtranhou exporſe a perigo de ſer alli comido de Tigres, & outras feras, no que o zelo de atalhar o mal, lhe naõ fez advertir.

24 O que foi pera elle de ſumma conſolaçaõ, he, que indo por hum dezerto, em que naõ havia povoado, ſe naõ diſtancia de quatro legoas, & lugar onde eraõ muytos os Leoens, & outras feras, achou na eſtreiteza do caminho hũ negrinho morrendo, ao parecer teria oito mezes, tinha os pezinhos atados a huma mouta, bautizouo, & logo morreo, como quem, parece, naõ eſperava outra couſa. Que criança taõ feliz? Só por eſta conſolaçaõ dava o Padre por bem empregados, & bem pagos todos os ſeus trabalhos. Agora continuemos com ſua deſpedida de Angola, & a viagem pera o Reyno.

CAPITULO XII.

Como ſe partio de Angola, & do mais que obrou athe ſua ſancta morte.

1 ANdando o Padre de febres, que muyto o moleſtavaõ, de hum dia pera outro foi avizado pello Padre Reytor, pera voltar ao Reyno. Sabendoſe na Cidade, foi inexplicavel o ſentimento. Em vinte, & quatro de Mayo

de mil feiscentos trinta,& quatro,o acompanharaõ os nossos Padres athe a praya, & hum grande numero de gente chorando muytas lagrimas. Deixou elle entrar primeiro os Padres todos no barco, & ficou fó na praya: vendo a muyta gente, que o feguia, diffe em voz alta, & chorãdo, que fe ficaffem cõ a paz de Deos, & lhe perdoaffem, fe em alguma coufa os tinha agravado. E porque daquelle Reyno, onde eftivera finco annos pouco mais ou menos, fómẽte levava pellos fervir, & a feus efcravos, por premio a pelle fobre os offos, era rezaõ, que beijaffe a terra; entaõ pondofe de joelhos: a beijou com a bocca.

2 Hia o navio bufcar o rio de Janeiro. Nelle hiaõ quinhentas, & noventa peffoas, quafi todas gente preta. Deftes adoeceraõ quatrocentas, & tantas peffoas. Diz o Padre, que nunca vira tamanho defemparo. Os negros hiaõ mal cubertos, porque os fenhores lhe naõ davaõ mais que huma pequena efteira, que fervia de veftido, & cama, que efta brevemente fe acabava, & affim ficavaõ fem nada fobre o corpo dormindo como animais. Vinhaõ todos como em pinha huns fobre outros.

3 Os Senhores, em adoecendo os efcravos, os defemparavaõ, outros, por fe verem livres da moleftia, & roim cheiro dos negros, meyos vivos os lançavaõ ao mar. Ouve fenhores taõ inhumanos, que quando os efcravos eftavaõ doentes, porque naõ comiaõ hũ trifte boccado de farinha de pao, & alguma fardinha falgada, os mohiaõ cruelifſimamente com calabres. Naõ fofrendo o Padre ver tais tiranias, algumas vezes no convés da nao com hum Chrifto nas maõs prégou contra eftas deshumanidades, em que ouve emmenda. No rio de Janeiro fez caftigar a hũ q́ ás efcondidas do Padre tinha morto dous negros, por naõ poderem comer.

4 Morreraõ cẽto,& trinta & tãtos,& fe naõ fora a diligencia, que poz o Padre, todos morreriaõ, naõ obftante vir taõ fraco, que quafi fe naõ podia ter em pé, & naõ poder andar pella nao affim por caufa da muyta gente, como da pouca limpeza, que nella havia. Vem muytos deftes negros duzentas legoas da terra a dentro, tanto que chegaõ, os bautizaõ, & metem em o navio, fe eftâ pera fe fazer à vela. Neftes tranzes da morte, diz o Padre lhe cuftava gotas de fangue, cathequizalos conforme o aperto, pera
fabe-

ſaberem, em que ley morriaõ. Ouve hora, em que eſtavaõ pera morrer ſobre o convès ſeis juntos, era neceſſario ao Padre, pera os ajudar a bem morrer, & confeſſar, cobrilos com as abas da ſua roupeta, por attentar à modeſtia.

5 O maior trabalho, que tinha, era, quando decia à ultima cuberta a confeſſar, os que eſtavaõ pera morrer, o mao cheiro, & quentura naõ eraõ alli ſofriveis. Eſtes da ultima cuberta ſaõ os mais valentes, que vaõ prezos, por ſe naõ levantarem com o navio, como ja ſuccedeo. Em alta voz diſſe por vezes, que tanto que algum negro eſtiveſſe mal, ou foſſe de dia, ou de noite, o chamaſſem, pera o hir confeſſar; que aquem o avizaſſe, convidaria com parte da ſua porçaõ, por naõ trazer de Angola outra couſa das muytas, que lâ lhe davaõ.

6 Advertio aos ſenhores, que tinhaõ obrigaçaõ de o chamar, pera lhes confeſſar os ſeus eſcravos. Aſſim com os aviſos do Padre, como por elle andar eſpreitãdo as occaſioens, ſe fez a Deos muyto ſerviço. Huma tarde cahindo ao mar hum negro, ninguem do navio tratou de o ſalvar; vẽdo o Padre tanta deshumanidade, gritou com o Chriſto na maõ, que deitaſſem o batel fora, & o foſſem recolher, que elle ſatisfaria o trabalho. Reſponderaõ os marinheiros, q̃ alem de eſtar o batel cheyo de lenha, & caixas, eſtava deſcalafetado, & fazia muyta agoa. Tanto os importunou, athe que lançando o batel fora, ſeis valentes homens o foraõ recolher diſtando como meya legoa do navio, mas por ſaber nadar, & o mar eſtar quieto, ainda andava vivo. Convidou os marinheiros, curou o negro, o qual viveo. Todos louvaraõ muyto a caridade do Padre, que foi o remedio do navio em todo o tempo da navegaçaõ.

7 Chegados ao rio de Janeiro ſe encheo a terra da fama do Padre Tavares, contava a gente do navio, o nome, que tinha em Angola de ſancto, & incanſavel no bem das almas, quanto obrara na viagem. Naõ lhe faltou logo materia de moſtrar ſeu zelo em hum ſarampaõ peſtilencial, q̃ durou alguns quatro mezes. Todos o chamavaõ, pera ſe confeſſar com elle, em eſpecial acodia aos miſeraveis negros, como mais deſemparados.

8 Os prezos da cadea mandaraõ pedir por alguns homens graves ao Padre Reytor do Collegio, lhes deſſe ao Padre Tavares por protector de ſuas cauſas. Como tardaſ-

ſe em

ſe em deferir, fizeraõ o requerimento por petiſſaõ. Viſtas tantas importunaçoens, lho concedeo o Padre Reytor; & correo com eſtes miſeraveis, quaſi todo o tempo, que alli ſe deteve. Davaõlhe muytas eſmolas, pera acodir a neceſſitados. Succedeolhe pedir quatro patacas, & darenlhe vinte, & diz o Padre que alli ſe eſtimava em pouco o dinheiro, & ſe dava com liberalidade.

9 Tambem fez huma pequena miſſaõ nos matos fora da Cidade, na qual teve noticia como certo homem honrado, por viver mal com ſuas eſcravas naõ fazia vida com ſua molher, ainda que a tinha em caſa. Falloulhe à cerca de ſua ſalvaçaõ. Reſpondeo, Padre no que toca a minha ſalvaçaõ, ſe naõ canſe, que naõ ha que fazer diſſo caſo. Diſſelhe, que naõ deſconfiaſſe, que Deos era pay, & a qualquer hora, que o peccador ſe arrepende lhe lança os braços: tanto lhe ſoube dizer neſta materia, & Deos poz tal força em ſuas palavras, que o homem entrou em ſi, lançou fora de caſa as roins occaſioens, & dalli por diante fez vida com ſua molher. Dava elle ao Padre huma grande eſmola de aſſucar, por ſer muy rico, porem nada lhe quiz aceitar.

10 Em dezoito de Março de ſeiscẽtos trinta, & ſinco, ſe embarcou pera Lisboa, ſem trazer conſigo mais que hũ idolo dos de Angola pera o Padre Diogo Monteiro. Em altura da fóz do Mondego ſe deſcobriraõ ſeis velas, q̃ imaginaraõ ſer Mouros; puzeraõſe logo em tom de guerra. O Padre tomando o ſeu Chriſto eſtando no convés os exhortou, a ſe confeſſarem, pois entravaõ no perigo. Diſto faziaõ pouco caſo, dizendo, que confeſſarſe, era dar moſtras de covardia; como o Padre entendeſſe eſta loucura, apertou mais com elles, naõ ſahindo da popa, & proa, onde eſtavaõ. Confeſſou a muytos aſſim como eſtavaõ em pé com as armas às coſtas. Avizinhandoſe as naos, que tinhaõ por inimigas, conheceraõ, ſerem Amburguezas, ficaraõ muy alegres, vendoſe livres de tamanho ſuſto.

11 Entraraõ em Lisboa. O Padre Pedro Tavares foi mandado pera o Collegio de Evora; onde o reſpeitavaõ como a ſancto, porq̃ toda a provincia eſtava chea do muyto, que obrara na miſſaõ de Angola. No confiſſionario era incanſavel. Depois eſteve em Braga, em Saõ Fins, outra vez em Braga, em Bragança, & finalmente na Cidade do Porto.

12 Era

12 Era muy affavel, por esta benevolencia em todas as partes, onde esteve, a gente o buscava, pera se confessar com elle, assim pequenos, como grandes. Quando de Braga foi pera Saõ Fins sentindo a Cidade sua falta, fez a Camara hũa carta ao Padre Provincial, pedindo lho restituisse, porque necessitava delle. No Porto o pediraõ os prezos por seu procurador. Aqui lhe aconteceo hum lanço digno de seu grande fervor. Vindo no veraõ da quinta em hum barco encontrou outro, em que vinha hum cego, o qual se passou ao barco, em que estava o Padre. Chegaraõ a Saõ Nicolao, indo o cego a sahir pera fora, cahio no rio, que alli terá como sinco braças de altura. Vendo esta disgraça, vestido, & calsado se meteo no rio, & poz o cego em salvo, o que se teve por cousa extraordinaria, sendo tanta a altura do rio. Assim passado da agoa veyo pera o Collegio, onde esteve tres dias na cama tremendo com frio, & vomitando agoa.

13 Tambem acho escrito, que este Padre fora muy perseguido, mas que tudo levara com grande paciencia. Visitando no anno de 1654. o Padre Brisacier o Collegio do Porto, o Padre Joaõ Pomerul seu companheiro pedio pera ler a carta da missaõ, que o Padre Tavares fez em Angola, tendoa lido, disse, que mais estimara ter feito semelhante empreza, q̃ ter ensinado todas as cadeiras de Theologia, & alcançado todos os doutorados.

14 Huma cousa foi muyto de reparar, que destroçando em Angola tantos idolos, entre infinitos barbaros, nunca se atreveraõ ao matar; sendo assim, que muytas vezes tomaraõ as armas, pera o fazer; mas sempre Deos lhe atou as maõs; & elles parece, temiaõ lhes viesse mal, se o matassem, pois o seu idolo o naõ podia empecer, & quem lhe dava poder contra os seus deoses, castigaria aquem o offendesse. Finalmente cheyo o Padre Pedro Tavares de merecimentos acabou esta vida com sancta morte no Collegio do Porto aos quatorze de Dezembro de mil seiscentos, & setenta. Era Coadjutor espiritual formado; bem pode servir aos do seu estado de exemplar na perfeiçaõ, que nelle se professa. Esta vida recolhi dos documentos, que deste Padre se conservaõ no cartorio de Coimbra.

CAPITULO XIII.

Coimbra 9 de Agosto de 1649.

Vida do Padre Antonio de Lemos.

1 NAceo o Padre Antonio de Lemos em Villanova à quem do rio Douro junto da Cidade do Porto, seus pays se chamaraõ Pedro do Couto, & Maria de Lemos. Nos annos da meninisse ficou por orfaõ de pay em companhia de sua may, que era muy pia, & virtuosa, & de hum seu tio, Sacerdote de vida exemplar. Os costumes destes se infundiraõ no menino Antonio. De noite se levantava a rezar, naõ se entretinha nos desenfados, em que os da sua idade gastavaõ os annos. Todos os dias ajudava à Missa a o tio, donde ficou por toda a vida grandemente affeiçoado ao Diviniſsimo Sacramento, & mysterio do sacrificio do altar.

2 Depois de saber os principios da gramatica, entrou a continuar nos estudos do nosso Collegio, que na quelle tempo começavaõ. Nelle se viraõ grandes mostras de habilidade, & innocencia de costumes junta com tanta modestia, que o Mestre, & todos os condiscipulos o amavaõ. Especialmente o estimava Dom Joaõ de Sâ, que depois foi Camareiro môr, o qual sempre na classe o queria ter junto de si.

3 Ouvio elle dizer a huma pessoa pia, que quem quizesse ser Religioso, rezasse o officio da Senhora, & que dẽtro de hum anno teria o despacho da sua pertençaõ, logo se consertou com outro estudante, a fazerem ambos esta devaçaõ. Antes de acabar o anno, o outro tomou o estado de Religioso, & Antonio de Lemos foi recebido na Companhia. Mandaraõ-no ter seu noviciado em Lisboa, nelle entrou aos tres de Junho de mil seiscẽtos, & trinta, & dous. O seu natural era taõ acomodado pera a virtude, que nenhum exercicio della lhe era penoso.

4 Succedeo daremlhe pera Instrutor hum Noviço, q̃ o exercitava em muytas cousas extravagantes; dellas foi huma, mandalo estar debaixo dos bancos do coro, as outras eraõ desta feiçaõ. Todas compria sem hum ponto se desviar de taõ imprudentes obediencias. Advertiraõ alguns

guns no excesso, deraõ conta ao Padre Mestre, o qual moderou tudo, como pedia a rezaõ, ficando muy edificado da paciencia do Noviço, que nem huma só palavra tinha dito das mortificaçoens, que de continuo se lhe faziaõ.

5 Procedeo no tempo do Noviciado como hum Anjo. Depois sendo mãdado estudar ao Collegio de Coimbra, tomou por empreza naõ afroxar na virtude. Escolheo por exemplar de sua vida ao Beato Luis Gonzaga. Pedio, ter no seu cubiculo a vida do Sancto: quanto com a liçaõ della se afervorava declara em hum seu apontamento por estas palavras. *Alcancei por experiencia, que pera lançar fora a tibieza, com que ando algumas vezes no serviço de Deos, he grande remedio, retirarme mais do costumado por espaço de duas, ou tres horas de oraçaõ; & primeiro, que tudo serà proveitosissimo, & pera mim mais provavel remedio, dar huma hora, ou duas a alguma liçaõ devota do testamento novo da vida, que Christo nosso Redemptor fez, quando andou neste mundo, & he necessario ser com grande attençaõ, & socego da alma, meditando, & deixandome penetrar, do que ler.*

6 *O que muytas vezes me moveo, & lançou fora a tibieza, foi a vida do Angelico Irmaõ meu o Beato Luis Gonzaga, em cuja liçaõ tive sempre grandes abalos, & impulsos vehementes pera imitar suas admiraveis virtudes, & tambem muytas consolaçoens, & lagrimas.* Athe aqui as suas palavras. Procurou taõ deveras imitar as virtudes deste sancto, que no Collegio o chamavaõ, o Beato Luis do Recolhimento.

7 Excepto nas occasioens precisas, estava sempre metido no seu cubiculo. A guarda das regras era exactissima. Naõ dizia se naõ alguma palavra necessaria, & essa havia de ser em latim, por se naõ desviar da regra dos estudantes. No tempo dos repouzos, & recreaçoens naõ era retirado, mas fallava com seus Irmaõs, sempre de praticas muy ajustadas, sem dizer zombarias, & ja os mais sabiaõ, que estas naõ corriaõ onde elle estava fallando. Na sua composiçaõ exterior dava a entender, que sempre andava recolhido com Deos. Diziaõ delle os estudantes seculares, que velo hir pello patio, ou pellas ruas, movia a respeyto, & devaçaõ.

8 Era notavelmente fervoroso em pedir penitencias,

naõ excedendo neftas, o que lhe confentia a obediencia. No comer foi muy parco em efpecial depois de Sacerdote; à noite fó comia paõ, & alguma maçãa, ou coufa femelhante. Em todos os annos do Recolhimento naõ acharaõ nelle falta os Superiores, porque mereceffe qualquer leve penitencia.

9 Por fer taõ edificativo, depois de acabar o tempo do Recolhimento, ficou morãdo entre os daquelle eftado, & fó lhe fervia, o poder fahir, daquelle retiro, pera hir muytas vezes, como fazia, vifitar o Sanctiffimo Sacramẽto, gaftando diante do Senhor muyto tempo de joelhos. Fizeraõ obfervaçaõ os feus condifcipulos no curfo affim os de cafa, como os de fora; que nunca lhe ouviraõ palavra defneceffaria, & as neceffarias fempre eraõ em latim, que naõ lhe viraõ levantar olhos,fe naõ fendo neceffario. Affim os Padres graves, como feu Meftre, por faberem o feu coftume, & o ajudar com feu exemplo, lhe refpondiaõ tambem em latim,quando elle lhes fazia alguma pergunta.

10 Na pobreza era taõ meudo, como o pede efta virtude, coufa nenhuma por minima, que foffe, pedia, ou dava fem licença. Naõ tinha livro algum feu, nem premios. Se lhe eraõ neceffarias quatro veronicas pera as doutrinas, com a confiança de filho as pedia aos Superiores. Em todo o tempo, que eftudou Philofophia,taõ pouco fe lhe vio falta, por onde mereceffe penitencia. Eftas fazia no modo que diz a regra, que he por falta de guardar as regras, pera com efta fogeiçaõ moftrarem os Religiofos o cuidado, que tem da obfervancia, & do feu aproveitamento.

11 Chegando o tempo de fer Meftre, foi avizado pera enfinar a nona do pateo de Coimbra; mas depois de algũs dias o tornou a chamar o Superior, dizendolhe, fora engano, & affim, que havia de fer a decima. Recebeo efte fegundo avifo, com muyta alegria, refpondendo, que nem aquella merecia, que em todas fe podia fervir a Deos, & à Companhia. Leo a decima, & no fegundo anno a oitava, & no terceiro foi a quarta, continuou athe ler primeira no fexto anno. No fetimo foi enfinar a primeira dos eftudos do Porto.

12 Em todas eftas claffes foi muyto amado, & refpeitado dos eftudantes, porque diziaõ, que tinhaõ hum Meftre fancto, & fabio com eminencia. Muytos delles movidos

dos com as praticas ſanctas, que lhes fazia à ſeſta feira, deyxaraõ o mundo. Na explicaçaõ das liçoẽs metia por vezes couſas,& exemplos ſanctos,que eraõ de grande proveito, & o confeſſavaõ ſeus diſcipulos depois de ſerem Religioſos.

13 Em dar o ſeu voto, era muy conſtante, ou ſendo Meſtre, ou examinador, fazendo ſó cazo dos eſtatutos, & ordens de ſeus Superiores, & do que convinha aos diſcipulos. Na decima teve hum diſcipulo filho de hum fidalgo titular, como nem aviſos, nem palmatoria baſtaſſem ao meter a caminho deu conta a ſeus Irmaõs, que eſtudavaõ na Univerſidade; eſtes movidos das razoẽs do Meſtre, mãdaraõ hum ſeu veador, pera que ajudaſſe os guardas, & ao ſahir da claſſe, o deyxou ficar, foi muy bem açoutado, couſa, que ao eſtudante nem paſſava por penſamento.

14 Na primeira do Porto teve por diſcipulo hum eſtudante muyto nobre, o qual ſenaõ ajuſtava com a obrigaçaõ dos noſſos eſtudantes, de ſe confeſſar todos os mezes. Como o Meſtre ſempre no fim do mez via os eſcritos, dos que ſe tinhaõ confeſſado, & achaſſe eſte menos, depois de o avizar ſem proveito, lhe diſſe reſolutamente, que ou ſe avia de confeſſar todos os mezes, ou naõ avia de entrar na ſua claſſe. Elle ſe acomodou antes com a ſegunda couſa, & aſſim ſe foi dos noſſos eſtudos.

15 Se algum depois de avizado, que cortaſſe as gadelhas, o naõ fazia, o caſtigava bem,& ſenaõ punha logo emmenda, o naõ admittia na claſſe. Com os mais nobres era neſtas obſervancias mais tezo, porque com o exemplo de hum deſtes todos os mais viaõ, que naõ avia, ſenaõ ajuſtar com os eſtatutos, que o Meſtre em ninguem ſofria o contrario. Quando entrou na claſſe do Porto, achou, que os eſtudantes naõ acompanhavaõ a ſancta doutrina, logo ſoube perſuadir, & obrigar os da ſua claſſe, & o meſmo por ſeu exemplo fez o Meſtre da ſegunda, & aſſim ficou dalli por diante em coſtume.

16 No ſacrificio da Miſſa ſentia grande conſolaçaõ, de que eraõ bom indicio as muytas lagrimas, com que de ordinario o acompanhava, particularmente antes de receber o Senhor. As graças a Deos depois de celebrar, duravaõ ſempre por tempo de meya hora. Antes da oraçaõ de menhãa por eſpaço de hum quarto, vizitava a Senhora,

Bbbbb 2 pe-

pedindo sua intercessaõ, pera ter a oraçaõ com fervor; tãbẽ à noyte depois de examinar a cõsciencia, gastava outro quarto em vizitar a Senhora na sua capella. Sẽdo muy perseguido do sono, rogava ao espertador, que lhe desse luz mais sedo, pera naõ faltar à quelle quarto, que antes da sua oraçaõ tinha diante da Virgem Senhora. Da Immaculada Conceyçaõ da mesma Senhora foi singularmente devoto. Nunca deyxou de rezar todos os dias o seu officio, depois, que lho ensinaraõ em o Noviciado. Nas suas missoẽs, & peregrinaçoẽs encomendava aos seculares principalmente, aos que encontrava nas estradas, rezassem todos os dias nove Ave Marias à Senhora, pera que lhes alcançase de Deos boa morte. Algumas vezes depois de tempos lhe diziaõ alguns: Padre jâ outro Apostolo em tal dia, & em tal parte me ensinou esta devaçaõ, & nunca mais me esqueceo. Com ouvir isto ficava muy contente, porque elle era o Apostolo, & naõ o conheciaõ.

17 Os tres annos, que teve de Theologo, morou no Recolhimento, algumas vezes servio de sustituto do Ministro. Os Irmaõs lhe tinhaõ grande respeito, por verem o raro exemplo de sua vida. Aos Superiores, & a suas ordẽs sempre guardou muyto respeito, buscava razoẽs, com que as desculpar, & quando lhe naõ occorriaõ, dizia, que os Superiores tinhaõ grande trabalho, porque naõ podiaõ muytas vezes declarar as razoẽs de muytas cousas, que se as declarassem, naõ seriaõ julgadas por erros, mas por acertos.

18 Em hum papel dos seus sentimentos espirituais se achou este: *Deume Deos a sentir da obediencia, que quando os Superiores me mandarem alguma cousa, que me pareça sobre minhas forças, ou que ainda dahi me vira algum dano espiritual, proporei depois de ter oraçaõ, & se com tudo me mandarem que execute, arremeterei com grande alegria, entendẽdo, que a obediencia faz milagres.*

19 O que tinha no seu papel, comprio à risca. Estando hum Padre destinado, pera ir prégar a quaresma em Pinhel, que he villa populosa, succedeo naõ poder o Padre ir por embaraço, que ouve; hum dia antes de partir, avizaraõ ao Padre Lemos, que acodisse a esta falta. Propoz ao Superior, dizendo, que era arriscar o credito da Companhia, pois nem tinha sermoẽs, nem apontamentos, & isto naõ s[e]

po

podia fazer em hum só dia, & pera huma villa populosa, donde se mandava dizer, que pello menos aviaõ os Padres de prégar sinco vezes na somana; & que o companheiro naõ podia fazer muytos, sendo avizado só tres dias antes.

20 A esta proposta respondeo o Superior, que Deos o ajudaria; sem mais replica se foi por em oraçaõ, daqual sahio muyto animado. Deos o ajudou de sorte, que dizia agente, que parecia hum homem cheyo de espirito sancto; & dahi a tempos, quando alguma pessoa de Pinhel encontrava em outra terra algum da Companhia, logo lhe perguntava, pello sancto Padre Antonio de Lemos, que assim o nomeavaõ.

21 Nos dias sanctos partia sedo do Collegio de Coimbra, & hia fazer doutrinas pellos lugares do termo. Depois se assentava no confessionario a recolher o fructo, & nelle gastava o dia, athe ver, que jâ naõ tinha, mais que o tempo necessario, pera chegar, a caza, antes de se fechar a noyte. Em nenhuma parte admittia o jantar, que lhe offereciaõ, & assim vinha à noyte jantar a caza, depois de andar a pé tres, & quatro legoas. Chegando tres peregrinos nossos à Igreja de Travanca, o mesmo foi velos o Prior della, que lembrarlhe o Padre Antonio de Lemos, & começar a chorar dizendo: Ah meu sancto Padre Antonio de Lemos, que tantas vezes aqui vinha, & logo tomava à noyte sua disciplina, & se levantava de madrugada a rezar seu officio, ter sua oraçaõ, dizer a sua Missa, logo se punha no confessionatio gastando nelle todo o dia,& grande parte da noyte, sem o poder tirar delle, senaõ a tempo, que prégava; & tomava sua refeiçaõ. Ay Padres, quam magoado estou, que me disseraõ, que desta Igreja foi pera a enfermaria do Collegio, onde morreo o meu sancto.

23 Assim tinha succedido, como o Prior se doya; mas cuidouse, que a doença se lhe pegou de ouvir de confissaõ na enxovia a hum prezo enfermo de febre maligna. Vindo de Travanca disse, que se achava mal, mas que primeiro, que fosse pera a enfermaria, avia de dizer Missa, como fez, & com mais detença, que as outras, como se o coraçaõ lhe dissesse, que avia de ser a ultima.

23 No terceiro dia mandou chamar o Prefeito, & ministro do Recolhimento, & lhes disse, que lhe perdoassem

o mao

o mao exemplo, que dera no Recolhimento, onde aquelles tres annos morara, & que da sua parte lhe pedissem o mesmo perdaõ aos Irmaõs; em particular lhe perdoassem o indiscreto zelo, com que os tratara sendo Ministro, que era falta de prudencia, & que o mesmo perdaõ pedia aos que jâ tinhaõ acabado o Recolhimento, & estavaõ no Collegio: que se ficassem com Deos, que elle se partia deste mundo, pera dar conta ao mesmo Senhor, & assim necessitava de Missas, & oraçoẽs, que pedia, lhe fizessem por amor do mesmo Deos.

24 Confessouse geralmente muy de espaço, reconciliouse muytas vezes. Naõ queria, que lhe fallassem senaõ de Deos. Pedio o Sancto Viatico, & extrema-unçaõ, que recebeo com grande devaçaõ, enternecendo, aos que assistiaõ. Nestes dias da doença se deyxou ver mais, quam habituado estava nas virtudes. Viase nelle, quando ardia em febre, a mesma modestia, & quietaçaõ, com que sempre edificara, quando tinha saude.

25 Sendo muy repetidas, & violentas as medicinas, a nenhuma mostrou repugnancia. Nos quatro, ou sinco dias ultimos, em que delirou, sevio bem o habito, que adquirira na sancta obediencia, porque nos mesmos frenezis em lhe dizendo, que o Padre Reytor lhe mandava, que comesse, ou que se calasse, logo o fazia. Nos delirios as suas lidas de ordinario eraõ dizer, que accendessem as velas, q̃ queria dizer Missa, que se queria levantar, porque ouvira tanger à oraçaõ, & queria ter a sua hora. Era cousa de reparo, que naõ fallando a proposito em outras materias, se lhe apontavaõ a *Ave Maria*, ou o versiculo, *Maria Mater gratiæ*, continuava athe o fim. Outras vezes fallava bayxo, & só se lhe entendiaõ algumas palavras do officio divino. Finalmente acabou sua ditosa vida no Collegio de Coimbra aos nove de Agosto de mil seiscentos quarenta, & nove, deyxando em todos grandes saudades de sua vida em tudo amavel. Suas virtudes deyxou escritas o veneravel Padre Affonso de Castilho, cujo manuscrito se guarda no cartorio do Collegio de Coimbra.

CA-

CAPITULO XIV.

Vida do Padre Ruy de Mello.

Lisboa 13. de Fever. 1663.

1 A Resoluçaõ de servir a Deos nos apertos da Religiaõ, tomada por hum homem illustre, & rico, quãdo jâ tem annos de viver no mundo em cargos honrosos, he per si huma obra taõ valente, que denota graça especialissima de Deos, com tal assistio ao Padre Ruy de Mello. Este fidalgo segundo tem o livro das entradas dos Noviços de Lisboa, era natural da cidade de Elvas, segundo a carta Annua do anno, em que morreo, era da villa de Beringel no Arcebispado de Evora. Seus pays, que eraõ por sangue muy illustres se chamavaõ Luis de Mello da Silva, & dona Antonia da Silva. O pay era dos Alcaydes mores de Elvas, & Condes de Olivença, a may era irmaã do Conde do Prado, & sua herdeira, & Ruy de Mello filho unico.

2 Os annos da puericia viveo em Madrid servindo à Princeza dona Margarida de Austria. A penas tinha quatorze annos de idade, quando passou a Tangere, cidade entaõ dos Portuguezes na Africa, pera militar contra os Mouros. Entre a liberdade de soldado conservou sempre singular bondade de costumes, a qual guardou por alguns vinte annos, que militou nas armadas de Castella, & Portugal. Julgava os vicios por cousa indigna da nobreza. No tempo, que as armadas invernavaõ, o seu divertimento, era a caça, aqual mandava repartir aos pobres. Succedeo por este tempo a morte insperada de hum fidalgo parente seu, & muyto do seu agrado, teve tanto dissabor, que perdeo em grãde parte a afeiçaõ a estas cousas, q̃ acabã; & entrou comsigo em pensamentos de se fazer Religioso da Companhia, na qual via ainda muyto do seu primitivo espirito. Interrompeo estes pensamentos a promoçaõ de Dom Affonso de Noronha seu tio.

3 Fora este fidalgo eleito Viso-Rey da India, & Ruy de Mello o quis acompanhar, como a tio seu. Na India o fizeraõ Governador de Ceilaõ: todos tinhaõ por certo succederia no visoreynado a seu tio Dom Affonso. Navega-

va

va na armada de Ruy de Mello o Padre Pedro Morejou da nossa Companhia Procurador de Japaõ, homem de grande virtude, teve com elle Ruy de Mello especial amizade, & movido de suas sanctas praticas se lembrou dos seus antigos pensamentos de entrar na Companhia, & prometeo ao Padre, de assim o fazer, se acazo lhe naõ viesse algum cargo, do qual fosse descredito de sua pessoa, retirarse, & por entaõ recolherse a fazer vida Religiosa.

4 Voltando a Portugal comprio seus propositos, entrou na Companhia em Lisboa aos tres de Fevereyro de mil seiscentos, & vinte tres, tendo trinta, & quatro annos de idade, & sendo Commendador de Sancta Maria de Azevo no termo de Pinhel. Por naõ saber latim, queria entrar pera Irmaõ Coadjutor, porem vendo os Superiores as calidades, que nelle concorriaõ com a capacidade, & bom ingenho, que tinha, o admittiraõ pera estudante. Quando entrou disse hum fidalgo, que governava entaõ o Reyno, que seguro estava nem de deyxar a Companhia, nem de nella proceder mal. Sendo ainda Noviço foi mandado a Barga, onde estudou latim, & Philosophia, depois estudou Theologia, & foi feito professo de quatro votos. O seu principal cuidado foi sempre tratar da perfeiçaõ, & ser nas suas constituiçoẽs observantissimo.

5 Na humildade, tanto mais de louvar, quanto menos conhecida pella gente illustre, foi a todos exemplo raro. Quando pertendia, ser admittido na Companhia, vendo, que o hiaõ detendo, rogou, que o aceitassem, mas que fosse pera Irmaõ leigo. Em Lisboa hia por vezes por companheiro do comprador, & trazia a seus hombros, o que se comprava pera o provimento de caza, passando por diante dos fidalgos, com quem tinha vivido. Sendo morador da caza de Saõ Roque, se algum Noviço lhe fallava de joelhos, elle se punha tambem de joelhos, pera ouvir, o que lhe dizia. Custavalhe muyto fallar, & tratrar com gente illustre, pello tratarem às vezes com alguma cortezia, que respeitava a qualidade de seu sangue.

6 Estimava os escravos de seus parentes como se fossem os mesmos senhores; a estes só hia de ordinario buscar, quando avia de acodir por alguma pessoa pobre, & miseravel. Indo fora athe aos Irmaõs coadjutores procurava levar à maõ direita. Dandoselhe hũa arvore da genealogia

gia da ſua familia, vendo o que era, ſe cobrio de pejo. Por vezes lhe mandou o Padre Geral Vicente Carraffa algumas patentes, pera ſer Reytor nos Collegios, ſempre ſe eſcuſou efficaſmente. Só foi dous annos Meſtre dos Noviços em Coimbra donde o mandou a obediencia à Miſſaõ do exercito, naqual aproveitou muyto os ſoldados com obras,& palavras ſanctas. Fazendoo conſultor da Provincia, ſe eſcuſou, achacando a falta de ouvir, ainda, que naõ era tanta, que naõ pudeſſe fazer aquelle officio.

7 No comer foi parciſſimo, a penas tocava carne, peyxe nunca o comia, nem bebia vinho. O ſeu ſuſtento de cada dia a penas pezava quatro onças,o ſeu dormir, quãdo muyto eraõ quatro horas. Todos os dias ſe açoutava aſperamente. Foi homem de eſtremada caridade com enfermos, & ſaõs. Procurava dar goſto a todos, por iſſo em Saõ Roque todos concorriaõ a elle, pera os acompanhar, quãdo queriaõ ir fora. Sendo que niſto tinha repugnancia, nunca a moſtrava; athe que os Superiores, ſabendo quanto neſta parte ſe vencia, reſpondiaõ, aos que o pediaõ por companheiro, que ſó o dariaõ, pedindoo o Padre Ruy de Mello; deſte modo ficou deſobrigado deſtas repetidas importunidades. Aborreceo, & fogio ſempre da ocioſidade. De ordinario dizia a primeira Miſſa. Depois tinha de joelhos a ſua hora de oraçaõ na Igreja, ſem aver nẽ inclemencias do inverno, nem achaques da velhice, que o tiraſſem deſte rigor. A pobreza foi rara neſte Religioſiſſimo Padre; todas as ſuas riquezas eraõ quatro reziſtos de papel, em cujas margens tinha de ſua maõ eſcritas muytas ſentenças, que lhe ſerviaõ, como de eſtimulo, & deſpertador pera o exercicio da perfeiçaõ. As ſuas contas eraõ daquellas, que repartimos aos meninos da doutrina. Entrando huns Cõdes no ſeu cubiculo, vendo a grande pobreza, que nelle hia, diſſeraõ huns pera os outros, iſto he cella de homem ſancto.

8 Nas couſas de obediencia aſſim ſe acomodou, como ſe de menino ſe criara na Religiaõ. Na pureza parecia Anjo, fogia muyto de fallar com molheres, & ainda de ouvir as ſuas confiſſoẽs. Do confeſſionario ſenaõ levantava, em quanto avia penitentes. De noyte, & de dia o achava o porteiro ſempre muy prompto pera eſte miniſterio ou em caza, ou fora della. Nunca ſoube, que couſa era eſcuſarſe,

do que lhe mandavaõ fazer, salvo era em cousa, que fosse de honra sua. Era hum commum refugio de todos os miseraveis, por elles acodia nas suas afflições, por elles fallava, & só pera os abrigar, queria as valias da sua pessoa. Sendo homem no fallar discreto, & desenfastiado, se advertio, que da sua boca naõ sahio palavra picante, nem de que outros se pudessem offender. Com estas, & outras muytas virtudes ornou sua bemdita alma, & falleceo de huma febre maligna em a nossa caza de Saõ Roque. Notouse, que depois da morte ficou seu rosto muy agradavel. Foy enterrado em cayxaõ especial, por se attender assim melhor à sua virtude, digna entre os homens de outras honras maiores. Muytos diziaõ, depois de fallecer, que mais se a viaõ de encomendar a elle, do que encomendalo, & ajudalo com suffragios. Tal era o conceyto, que avia de sua sanctidade. Viveo setenta, & quatro annos, destes os quarenta viveo na Companhia. Foi sua morte em treze de Fevereiro de mil seiscentos sessenta, & tres.

9 Quero ajuntar o que Depois achei escrito por hum Religioso, que foi seu Noviço em Coimbra, que saõ cousas de exemplo muy singular. Sendo Mestre dos Noviços elle foi quasi sempre visitador à noyte, & de menhã espertador. Hia todos os dias ajudar a por a fruta, & paõ ao refeitoreiro, dizendo ser elle o seu companheiro. Por esta razaõ elle lançava toda a agoa no refeitorio, depois pergũtava ao Noviço, se tinha mais, que fizesse, que o naõ poupasse.

10 Todas as noytes enchia os lavatorios do Noviciado. Huma madrugada estando o Noviço esperando pera tanger a levantar, ouvio na sala grande reboliço, era o Padre Mestre que trazia duas quartas de agoa, & descansava. Perguntou ao Irmaõ, que fazia alli, respondendo, que esperava a hora, lhe disse, que lhe ajudasse a levar as quartas, indo o Irmaõ pera o ajudar o naõ consentio, & as levou só.

11 Todos os dias, que avia peixe, elle era o primeiro, que hia a escamar. Sendo hum Noviço notado de muytos defeitos pellos outros, disse o Mestre, que todas as faltas tomava sobre si, & se disciplinou por vezes pello Noviço. Aos Irmaõs do Recolhimento se humilhava tanto, que parecia o minimo delles.

12 Nun-

12 Nunca se lhe vio cama feita; a qualquer hora ou antemenhãa, ou depois de recolhidos os Irmaõs, que succedia irem ao seu cubiculo, sempre o achavaõ ou rezando pellas contas, ou pello Breviario. Todos os dias se confessava.

CAPITULO XV.

Vida do Veneravel Padre Joaõ de Britto Martyr illustrissimo das missoens de Madurê.

De seu nacimento, & educaçaõ athe entrar na Companhia.

1 O Veneravel Martyr o Padre Joaõ de Britto gloria singular da naçaõ portugueza naceo no primeiro dia de Março de 1647. em a Cidade de Lisboa. Seus pays se chamaraõ Salvador de Britto Pereyra fidalgo da casa de sua Mageſtade, o felliciſſimo Rey Dom Joaõ o quarto, do qual era Trinchante no tempo da sua acclamaçaõ, a may Dona Brites Pereyra; eraõ estes fidalgos de Villa-viçoza, & na acclamaçaõ foraõ seguindo a Corte, como toda a mais fidalguia do Reyno, & com especialidade os que eraõ do serviço da real casa de Bragança, como era o pay do Padre Joaõ de Britto.

2 Teve sua may o parto deste filho sem as ordinarias molestias, que nestas occasioens costumaõ padecer as mays; mas toda esta felicidade, como succede às outras, parou brevemente em tristeza, com desfallecer tanto a criatura, que temendo naõ morresse sem baptismo, lho deraõ antes dos oito dias; com a graça, que recebeo, cobrou alentos de vida, & se lhe fizeraõ na paroquia de Sancto Andre aos 29. pello Padre Miguel Pastana Paroco della as ceremonias, que faltaraõ no baptismo, & se costumaõ fazer conforme as disposiçoens da Igreja.

3 Ainda naõ tinha dous annos de idade, quando sua Mageſtade mandou a Salvador de Britto por Governador do Rio de Janeiro; passados dous annos morreo no governo, ficando a may com tres filhos, dos quais o ultimo era o nosso ditoso Joaõ Heitor de Britto, que assim se chamava antes de entrar na Companhia, aquem naõ quiz Deos faltasse

ſe eſta prerogativa de ſer o ultimo, que o foi de muytos, q̃ o Senhor nas virtudes, & no ſeu agrado fez primeiros; & por naõ trazer exemplos alheios, que ha muytos; os ultimos de ſeus irmaõs foraõ noſſos grandes Padres, S. Ignacio, & S. Franciſco de Xavier. Em tendo uſo de rezaõ procurou ſua may, que era fidalga de muytas virtudes, & digña may de tal filho, que aprendeſſe, o que ſe enſina aos daquella idade: tudo aprendia, como os que bem o fazem; o natural era docil, o engenho dos que facilmente percebem aquillo, que ſe lhes enſina.

4 Viaſe nelle hum deſapego das vaidades do mundo, porque ſendo com ſeus irmaõs moſſo fidalgo, naõ tinha aquelle appetite de aſſiſtir em Palacio, que ſe via nos outros do ſeu tempo. Tinha onze annos, quando lhe ſobreveyo huma grave doença, nella recorria frequentemente à protecçaõ de S. Franciſco de Xavier, de quem ſe valia pera alcançar a ſaude: vendo a may eſtas ſuas anſias, penhorou ao Sancto com lhe prometer, que ſe alcançaſſe ſaude a ſeu filho, o havia de trazer hum anno veſtido com a roupeta da Companhia.

5 Ouvio o Sancto as oraçoens da may, & do filho; & ella cumprio a ſua promeſſa, veſtindo-o de Apoſtolo; annuncio, de que o havia de ſer de todo o Malabar; haviaſe elle tambem com o novo habito, que naõ parecia trazello de empreſtimo. No dia da prociſſaõ das quarẽta horas, que ſe faz na Igreja da noſſa caſa de S. Roque, na qual por ſua piedade coſtumavaõ as peſſoas Reais levar as varas do pallio entre a demais fidalguia acompanhou a ſua Mageſtade el-Rey D. Affonſo o Sexto, & ao Infante D. Pedro, que depois foi Rey, o noſſo Apoſtolinho, em corpo, & ſem capa como he coſtume dos noſſos fidalgos neſtas funçoẽs: logo, que ouve de começar a prociſſaõ, em que vaõ os mais dos noſſos Religioſos, que ha em Lisboa, & todos os Noviços, tomou a ſua capa, que tinha na Sacriſtia de S. Roque, & com huma vela na maõ ſe foi meter entre os Noviços, pondoſe na modeſtia como ſe fora hum delles; acçaõ com que roubou os agrados, dos que o viaõ, & ſignificou o dezejo, que ja tinha de ſer hum delles.

6 Acabado o anno da promeſſa, deſpio a roupeta da Companhia, mas nem por iſſo ſe esfriou nos dezejos, que tinha de a tomar por toda a vida: começou com inſtancia a pedir,

pedir, ser admittido na Companhia, conseguio o despacho da sua pertençaõ. Deu logo conta a sua may pedindolhe o seu beneplacito, allegandolhe as razoens, que tinha pera tomar resoluçaõ taõ sancta. Em tudo veyo de boa vontade a virtuosa Senhora, dando graças a Deos, por dar taõ boa inclinaçaõ a seu filho, q̃ ella queria fosse todo de Deos. Sò lhe disse, que temia, lhe faltassem as forças pera poder com o trabalho, & applicaçoens ao estudo, que se naõ pode escusar na Companhia. A esta objeçaõ respondeo: que Deos, que o chamava, acudiria com as forças necessarias pera o seu servisso. Naõ faltou Deos a este dezejo, porque sendo este sancto homem de compleixaõ delicada, com a graça divina, se fez taõ forte, que aturou os trabalhos excessivos, que se veraõ pello discurso desta sua vida. Ainda neste tempo, que o aceitaraõ, naõ tinha a idade competente, pera entrar na Religiaõ, esperou athe que se enchesse. Antes, que o metamos em o Noviciado refiramos hũ como vaticinio, que ouve naquelle tempo, do seu martyrio. Nos desenfados, que usavaõ no Paço os da sua idade; ou porque o habito de Apostolo, ou porque a bondade da indole fizesse ao nosso Joaõ de Britto mais sumisso, & comedido, se lhe atreviaõ mais os outros meninos fidalgos; & o envestiaõ muytas vezes; & por estas molestias que lhe davaõ, & sofrimento, com que as costumava levar, por zõbaria, lhe chamavaõ o Martyr; este nome era, o com que entre si o nomeavaõ. Depois, quando veyo a nova do seu glorioso martyrio, referiaõ isto aquelles, com quem se tinha criado, admirando os profundos juizos de Deos, que tanto antes se explicara pella bocca daquelles meninos pera maior honra, & gloria deste seu Martyr.

CAPITULO XVI.

De sua entrada na Companhia athe partir pera as missoens da India.

1 TAnto, que fez a idade, porque esperava, despedindose de sua may, acompanhado de seus dous Irmaõs Christovaõ de Britto Pereyra, & Fernaõ Pereyra de Britto,

Britto, se foi ao Noviciado, que a Cõpanhia tem em Lisboa, no qual entrou aos 17. de Dezẽbro do anno de 1662. tendo 15. annos menos dous mezes, & alguns dias.

2 Era Reytor da casa o Padre Francisco Vittus, que lâ no Ceo terâ grande gloria de ter sido Mestre de tal Noviço: tomou dia de Natal a roupeta, & comessou os exercicios, em que os mais se occupaõ: pera credito de sua virtude basta dizer, q̃ foi verdadeiro Novisso da Companhia sẽpre devoto, & fervoroso. Pello Natal, em que toda a Cõpanhia nesta provincia, & mais em os Noviciados, mostra a devassaõ, que tem a este mysterio, fazem muytas vezes os Irmaõs Novissos suas cartas ao menino Deos, cada-hum conforme o seu espirito: fez tambem a sua o nosso Martyr, & no sobrescrito da carta alludindo, ao que estilaõ, os que mãdaõ cartas pellos correyos, escreveo estas palavras: *Porte a missaõ do Japaõ* significando nestas palavras aonde o levavaõ as suas inclinaçoens, & impulsos do Espirito Sancto.

3 Feitos os votos no fim do Noviciado, o mandaraõ estudar no Collegio de Evora. Ou com a força do estudo, ou porque o clima se naõ dava bem com a sua cõpleyxaõ enfermissa, comessou a lançar sangue pella bocca, & a ter principios daquelles, que se encaminhaõ pera a tisica; por tanto foi mudado pera Coimbra. O cubiculo em que morou em Evora no Recolhimento, que he o primeiro do segundo corredor, & cahe pera o patio, como todos os mais; se chama hoje com o nome deste sancto Marty, nelle se poz letreiro, em que se diz, como alli morou. Ainda quando esta vida escrevo, he vivo o Padre, que foi seu cõpanheiro naquelle cubicullo, a elle mesmo o ouvi dizer algumas vezes. Naõ he rezaõ, que deyxemos esquecer estas memorias, que tanto servem pera afervorar, & pellas quais suspiraõ os vindouros, assim como nós agora suspiramos pellas de muytos homens sanctos, que por descuido dos antepassados nos faltaõ.

4 Estudou Philosophia em Coimbra na qual sciencia sahio Philosopho consumado, & a soube como aquelles, q̃ melhor penetraõ, & percebem suas difficuldades. Depois dos quatro annos deste estudo, o mãdaraõ ler a setima classe de grammatica no Collegio de S. Antaõ em Lisboa. Nesta occupaçaõ estava, quando lhe veyo de nosso Reverendo

rendo Padre Geral licença, pera ser hum dos Missionarios da India. Havia ja tempos, que pertendia esta missaõ, pera a qual tambem daõ licẽça os Superiores da provincia, mas o Padre Britto temendo, que sua may lhe empedisse a jornada com o Padre Provincial Manoel Monteyro, & que por ser Senhora de tanto respeito, senaõ atreveria elle a negarlhe a petiçaõ, pera ocorrer a estes impedimentos, & a outros, que podiaõ sobrevir, negociou a sua licença com nosso Reverendo Padre veolhe em tempo, em que jâ o naõ avia, pera recorrer a sua Paternidade, antes de partirem as naos da India, & ter delle resoluçaõ.

5 Foi avizado em publico, como nestas funçoẽs se estila entre nos pera edificassaõ de todos, com singular gosto do sancto Missionario. Estava neste tempo em Sancto Antaõ o Padre Balthezar da Costa Procurador Geral das missoẽs de Maduré, que viera assim a tratar os negocios da sua Provincia, como a conduzir operarios pera aquella dilatada vinha taõ abundante de trabalhos; droga, que os filhos da Companhia vaõ unicamente buscar à India; a esta missaõ de Maduré elegeo o novo Missionario, a quem *Deos* nella tinha guardado a Illustre Coroa do Martyrio.

6 Naõ se pode dizer em poucas palavras o sentimento, q̃ teve sua may, quando soube, q̃ o seu Bẽjamin cõ tanta tyrania, como ellas costumaõ dizer, a deyxava. Queyxouse ao Padre Provincial Manoel Monteyro, de que lhe mandase seu filho, & tal filho, pera a India: desculpouse com dizer; que elle naõ interviera em tal resoluçaõ, porquanto a licença, com que o avizara, fora toda dispossissaõ do Reverendo Padre Geral agenceada pello Padre Joaõ de Britto seu filho, que na sua maõ só estivera, fazer, o que fez; que se nisso avia culpa, que toda era de seu filho; ajuntando a estas algumas razoẽs de consolassaõ; que nada obraraõ na may: antes tendo pera si, que poderia dobrar a seu filho, lhe fallou com todos os sentimentos, que o amor das mays affesta pera render nestas occasioẽs; os quais cabem mais na considerassaõ de quem os pondera, que na pena, de quẽ os escreve: de todos se valeo esta affligida Matrona, mas a experiencia lhe mostrou as poucas forças, que tem, quando as resoluçoẽs saõ de Deos. Vio nosso Missionario as lagrimas da may sem chorar, ouvio as suas queyxas, bem como as penhas do mar os açoutes das ondas mais empolladas.

ladas. Refpondeo muyto fenhor defi, que quando Deos chama, naõ hâ, que fazer cazo de pay, nem de may; que as vocaſſoẽs divinas, qual elle julgava ſer a ſua, ſe haõ de antepor a todas as humanas.

7 Só cuidaria, que avia de parar a qui a pertençaõ da may, quem naõ ſabe, quam efficazes coſtumaõ ſer os affectos, que tem, pera com os filhos, que muyto amaõ. Naõ deyxou pedra, que naõ moveſſe, pera conſeguir os ſeus intentos. Quis levar a couſa por poder, valeoſſe do Nuncio de ſua ſanctidade Franciſco Raviſſe; pedindolhe, ordenaſſe ao Padre Provincial da Companhia, que naõ mandaſſe a ſeu filho pera a India. Soube chegar com o negocio a tais alturas apertando de ſorte com o Nuncio; que eſte eſcreveo ao Padre Provincial pedindolhe, que naõ deyxaſſe, ir pera a India ao Padre Joaõ de Britto. Em ſemelhantes peſſoas o pedir tem muyta affinidade com o mandar.

8 Vioſſe perplexo com eſta carta, chamou ao Padre Joaõ de Britto, & lha leo: eſte o tirou de ſuſto, pedindolhe, que o levaſſe conſigo ao Nuncio, aſſim o fez: chegando a ſua prezença lhe diſſe o Padre Provincial como elle naõ mandava aquelle Religioſo pera a India, mas que elle pedira a tal licença ao Reverendo Padre Geral, de quem era o aviſo, & naõ ſeu; que diçeſſe elle a verdade: tomou o Padre Joaõ de Britto a maõ; deſculpando a ſeus Prelados, q̃ o naõ obrigaraõ, como nem obrigaõ a niguem, a emprender eſtas difficuldades, mas que muyto rogados, & depois de muytas provas concedem eſtas Miſſoẽs: Declaroulhe os motivos, que o levavaõ, todos da honra de Deos, & ſalvaſſaõ das almas: fallou com tanto eſpirito, & acerto, que o Nuncio deu as maõs; & ſe deſculpou com dizer, que hũa peſſoa, a quem naõ era bem, perdeſſe o reſpeito, o tinha metido neſte negocio, mas agora que elle via, & apalpava, que a vocaſſaõ tinha muyto de Deos, ſenaõ atrevia, a encontrala; antes, que ſe edificava ſobre maneira de reſoluçaõ taõ fervoroſa, em que achava muyto que louvar, & nada, que impedir.

9 Com eſta repoſta ficaraõ ambos deſaſuſtados, & ſe recolheraõ pera caza. Porem naõ baſtou, pera que a may do Padre Joaõ de Britto afroxaſſe na ſua pertençaõ. Como eſte appetite das mays he muytas vezes como o dos naufragantes, que a qualquer pedaço de taboa, que lhes occorre,

re, se arremessaõ, cuidando, que nella seguraõ o seu partido; lhe veyo ao entendimẽto offerecer ao Padre Provincial huma boa esmola pera a caza de Saõ Roque, se impedia esta jornada, em effeito lha offereceo. Admirouse o Padre Provincial de taõ desculpavel desvario em may, que tanto amava; & com o decoro, que pedia o respeito de taõ authorizada matrona, deu algumas razoẽs, com que totalmẽte a desenganou, & ella se veyo a persuadir, que era negocio sem remedio. Devese em todos estes tranzes venerar a sancta constancia do Padre Joaõ de Britto, o qual naõ obstante serem estes os excessos da may, & elles de si capazes de render penhas, a visitava frequentemente; & sahia das visitas, em que eraõ grandes as batarias, naõ só de nenhum modo vacillante nos seus propositos, mas cada ves mais confirmado.

CAPITULO XVII.

De como se embarcou pera a India, & do que lhe succedeo athe chegar à sua Missaõ.

1 AOs vinte, & quatro de Março de 1673 vespora do dia, em que se avia de embarcar, foi visitar a sua may, & se despedio della, sem lhe dizer, que aquella era a ultima ves, que a avia de ver: no dia seguinte, se meteo em a nao da India, & por huma breve carta se despedio de sua may, no mesmo dia levantou a nao o ferro, & partio pella barra fora.

2 Na jornada padeceo huma grave doença, naqual foi assistido com todo o amor, & caridade do capitaõ da nao Dom Rodrigo da Costa. Chegando a Goa tratou logo, de se por corrente nos estudos de Theologia, que lhe faltavaõ, em ordem a se desembaraçar, pera partir em demanda da sua missaõ de Madurê. Logo se pós naquella aspereza de vida, que lâ avia de guardar: naõ dormindo em cama, naõ comendo carne, nem peyxe; mas legumes, ervas, frutas, arroz, & tudo com grande moderassaõ.

3 Em Abril de mil seiscentos, setenta, & quatro, tratou de se expedir dos estudos, porque como era de felis ingenho, tinha jâ naquelle tempo estudado a Theologia, que

lhe bastava, tendo os Prelados sua grande comprehensaõ; pois naõ tendo os annos ordinarios de Theologia, dava della taõ cabal satisfaçaõ; lhe offereceraõ, ler Philosophia em Goa; escusouse, como quem naõ fora à India buscar os esplendores das cadeiras, mas os trabalhos das missoẽs.

4 Por tanto no ditto anno de 1674 se partio de Goa pera Ambalacata nas terras do Malabar, & dalli a pé pera a sua dezejada missaõ: hia por seu companheiro, & Superior da missaõ o Padre Andre Freyre: na sua maõ esteve fazerem a jornada com mais comodo, porque todo lhe offerecia a caridade do Padre Bras de Azevedo Provincial da Provincia do Malabar, mas o novo Missionario estava taõ fervoroso, que quis antes passar a pé, & com muytos incomodos as serras do Malabar.

5 Saõ aquelles caminhos infestados de muytos ladroẽs, por isso lhes eraõ necessarias guias praticas, que os levassem por lugares mais seguros; na primeira jornada antes de entrar nas serras, em ordem a tomarem guias, se detiveraõ junto de hum rio, veyo sobre elles muyta agoa; assim molhados se recolheraõ a caza de hum homem principal; logo concorreo grande multidaõ de serranos; vendoos em traje diverso daquelle, em que anda a gente branca na India, lhes fizeraõ muytas perguntas com que lhes gastaraõ grande parte da noyte. Acharaõ alli alguns Bracmenes, aquem o Padre Freyre fallou na sua lingua Tamul, & Badagâ, daqui naceo terem melhor agazalhado, do que cuidavaõ; mas todo este naõ passou de ficarem a hum canto da caza sem cama, cea, & sem fogo pera se enxugarem.

6 No dia seguinte se retiraraõ pera hum matto, aonde se enxugaraõ à sua vontade, & descansaraõ algum tanto, livres das molestissimas perguntas dos serranos. He esta gente taõ sobeja no perguntar, que naõ lhes occorre cousa, que naõ pesquise, & que naõ procure saber. Tomaraõ por guias a dous Bracmenes, a quem pagaraõ, pera que os encaminhassem. Faziaõ o seu caminho de noyte por evitar os ladrõs; eraõ no andar taõ apressados, que a penas os podia a companhar o nosso Missionario, davalhe o espirito as forças, que naõ tinha o corpo.

7 Passaraõ tambem por lugares, aonde avia muytos ursos, tigres, & elephantes sempre com grandes temores de serem preza daquellas feras, de que Deos os livrou; só

se

se avizinharaõ a hum elephante, o qual ainda, que lhes deu susto, os naõ acometeo: nesta forma acabaraõ de vencer aquellas serras em huma noyte, & parte do dia seguinte, em que andaraõ onze legoas com grande trabalho, & muytas empollas, que se lhe fizeraõ nos pés desacostumados a semelhantes rigores. Ainda lhe faltava mais de meyo caminho, que andar, pera chegarem as terras de Satiamangalaõ, aonde comessa esta Christãdade pella parte do Poente. Proseguindo a jornada chegaraõ a hum lugar, em que jâ avia Christaõs, com a prezensa destes foi taõ grande o gosto, que deu por bem empregadas as molestias da jornada.

8 Dentro de poucos dias lhe sobreveyo huma doença, que o poz nas ultimas; foi Deos servido darlhe saude sufficiente pera dentro de hum mes continuar a sua jornada pera o Reyno de Ginja. Partiraõ de Satiamangalaõ, & por estar impedido o caminho ordinario, o fizeraõ por humas asperas serras, das quais era huma taõ ingreme, que em passos, era necessario treparem por ella pegandose de humas em outras mattas pera senaõ despenharem.

9 Dous dias gastaraõ em passar estas serras, no ultimo os apanhou a noyte em hum estendido valle, donde a passaraõ com sobresalto causado dos tigres; mas a vigia continua de alguns da comitiva com o fogo, que accenderaõ, os livraraõ da quellas feras; que sentindo gente, em que fazer preza, naõ deyxavaõ de se avizinhar a ella. Continuando seu caminho, se encontraraõ em Comur com o Padre Antonio Ribeyro, & em Darmaburi com o Padre Jozeph Mocharelle ambos da nossa Companhia Missionarios da gloriosa missaõ de Maysur: alli com seus irmaõs descansaraõ alguns dias com o gosto, que naõ he necessario dizerse, porque se deyxa bẽ ver, & a palpar. Em trinta de Julho vespora de nosso sancto Patriarca chegaraõ a Residencia de Colley, alli com grande consolaçaõ sua, & dos Christaõs celebraraõ a festa do nosso sancto. Nesta Residencia, que jâ era da missaõ de Madurê, ficou o nosso Missionario, & tomou posse da quella vinha, que o Senhor lhe tinha encomendado, & elle buscara por tantos mares, & terras, deyxando patria, & tudo, o que com ella se deyxa.

CAPITULO XVIII.

Dasse breve noticia da missaõ de Madurê, traje, & modo de viver dos Missionarios della, & das Residencias de que conta.

1 CHegou o nosso Missionario à sua dezejada missaõ, bem como o caminhante sequioso à fonte perene, tratou logo de satisfazer às ansias da sua sede, ainda, que esta pareceo nelle sempre insaciavel. Porem antes que comessemos com seus gloriosos empregos, he bem, que demos alguma noticia desta missaõ, & modo com que se haõ nella, os que com tanto zelo a cultivaõ.

2 Madurê he a cidade principal da quelle Reyno, em que tem sua corte o Nayque, que como Rey o domina: he este Reyno parte do vasto imperio de Narsinga taõ celebre nas terras orientais: desta cidade tomou seu nome a missaõ. Por ser a cidade emporio de contractos, concorriaõ a ella, & vinhaõ alli commerciar Portuguezes, & mais Christaõs, que viviaõ na costa da Pescaria, Ceylaõ, Jafanapataõ, Nagapataõ, & outras praças, que foraõ dos Portuguezes.

3 Como alli acodiaõ tantos Christaõs por causa dos seus contractos, fundaraõ nella huma Igreja consagrada a Nossa Senhora; desta tinha cuidado hum Religioso da nossa Cõpanhia exercitando nella todos os nossos ministerios, pera os quais se fazia pratico na lingoa Tamul, que he universal naquelles Reynos; & com elle a hiaõ aprender os Missionarios, que aviaõ de cultivar as missoẽs da Pescaria, & Travancor.

4 Pellos annos de mil seiscentos, & hum pouco mais ou menos, foi à mesma corte, pera aprender a lingua o Padre Roberto Nobili da Companhia Italiano de naçaõ, & de sangue illustre, porque era da familia do Papa Marcello segundo, & sobrinho do Cardeal Roberto Belarmino tambem da nossa Companhia.

5 Aprendeo o Padre Roberto a lingua Tamul: ensinoulhe a experiencia, a grande difficuldade, que avia no Imperio de Narsinga pera a conversaõ dos gentios; aqual

toda

toda ſe ſundava no bayxo conceyto, que a gente deſtas terras, tem das de Europa, a quem chamaõ Pranguis, nome enrre elles o mais infame: a cauſa, que tem pera eſte conceito, he verem, que os Europeos admittem em ſuas cazas, & trato familiar a certos naturais da India chamados Pariâs, que na ſua opiniaõ he a couſa mais vil, & infame, que conſiderar ſe pode.

6 Nenhum genero de communicaſſaõ tem com elles, naõ lhes permittem morar nas ſuas povoaçoẽs, muyto menos entrar em ſuas cazas, ou ſervirſe delles em couſa alguma. Se as povoaçoẽs ſaõ de Bracmenes, nem os deyxaõ paſſar pellas ſuas ruas. Vendo os naturais, que os Europeos naõ ſó ſe ſervem dos Pariâs, mas que os admittem ao ſeu trato, & ainda à ſua meza, os tem a todos na meſma conta, & medem pella meſma medida. A tudo a juda verem que os Europeos comem carne de vaca, animal bemaventurado naquellas naçoẽs, porque tem pera ſi, que de huma vaca nacera o ſeu Deos Perumal, bebem vinho de palmeyra, & fazẽ outras, couzas, q̃ elles tẽ por abominaçoẽs, & as fazẽ tambem os Pariâs. He entre eſtas gentes ditto muy ordinario: Que menos mal he morrer, ou ir ao Inferno, que ſer diſcipulo de hum Prangûi.

7 Conſiderando eſtas difficuldades o Padre Roberto Nobili tratou de mudar de traje, & de eſtilo; fazendoſe, no que licitamente podia na volta da quellas gentes, pera as encaminhar ao Ceo. Vendo, que o gentio fazia grande eſtimaſſaõ dos Bracmanes, pellos ter por homens de caſta mais nobre, & pellos maiores letrados, que hâ, nem pode aver no mundo; & que ſó elles com ſegurança enſinaõ os caminhos da ſalvaſſaõ; determinou em tudo, o que ſem offenſa de Deos, pudeſſe, accomodarſe aos Bracmenes.

8 Pera eſte fim ſe deſpedio da Corte, & do trato do Padre que era tido, & avido de todos por Prangûi; & ſe veſtio no traje de Bracmene Saniâs, que monta tanto como dizer: de Religioſo letrado: negando ſer Prangúi, & affirmando, que era Saniâs Romano: ſerviaſe, como os outros, com Bracmenes, veſtia de huns panos de algodaõ tintos com almagre; comia ſó arroz, legumes, ervas, leyte, & lacticinios, que he o comer dos Bracmenes: trazia conſigo huma pelle de tigre, que lhe ſervia de aſſento de dia, & de noyte era ſua cama eſtendida ſobre a dura terra; na maõ hũ bor-

bordaõ comprido a modo de cana; na cabeça enrodilhado hum grande pano tambem vermelho; nos pés taimancas de pao lizas todas pella parte de ſima, ſem prezilha, mas com hum ſó torno de pao com ſua cabeça a modo de cravo naquelle lugar, junto do qual aſſenta o dedo polegar do pé; entre o qual, & o outro dedo metem aquelle cravo de pao, que he a unica prezilha, que tem a ſua taimanca pera naõ cahir do pé; he o pao, de que ella ſe faz leve, & elles com o uſo a meneaõ ſem os incommodos, que ſe reprezentaõ, a quem naõ uſa della. Neſte habito veſtido vimos todos na capella deſte Collegio de Evora ao Sancto Martyr Joaõ de Britto, q̃ quis viſſe toda eſta ſancta communidade, o traje, & modo, com que andava nas miſſoẽs. Eſte he o traje dos penitentes, & Religioſos daquelles Reynos; de que ſe veſtio aquelle Apoſtolico varaõ o Padre Roberto Nobili, & moſtrou o effeito, que o inſpirara Deos, porque ſe facilitou a converſaõ dos Bracmenes, & nobres convertendo ſe muytos, & conhecendo a falſidade das ſuas ſeytas Daqui teve principio o progreſſo deſta glorioſa miſſaõ, em que Deos fez taõ illuſtre ao noſſo Veneravel Padre Joaõ de Britto.

9 Seguiraõ logo muytos Religioſos da Companhia o ſancto exemplo do Padre Nobili: Porem depois ſe acomdaraõ ao inſtituto de Pendaras, o qual pera a converſaõ he mais acomodado, que o de Bracmene; porque os Bracmenes naõ podem tratar com gentes de caſtas bayxas, o que naõ tem os Pandaras; aos quais deu principio o Padre Balthezar da Coſta, de quem neſta obra eſcrevi. Aſſim podem prégar nos Reynos de Maduré, Ginja, & Velur, aonde os convertidos paſſaõ muyto alem de cem mil. Mas porque os poucos Miſſionarios naõ podem abranger per ſi a taõ dilatada ſeara: tem cada hum quatro, ſinco, ou mais Catequiſtas, & ſaõ de ordinario daquelles, a que os gentios, antes de ſe converterem, tinhaõ por mais doutos na ſua Ley: eſtes bem inſtruidos em à noſſa, vaõ pellas aldeas a enſinar o Catecíſmo a todos, os que o querem ouvir; & os Padres o enſinaõ nos lugares aonde eſtaõ, & por onde paſſaõ, & adminiſtraõ os Sacramentos.

10 Fazem eſtes Catequiſtas grande fruto, aſſim nos q̃ convertem; como nos que confundem, deſcobrindo os erros das ſeitas dos gentios, que elles ſabem muyto bem, &

convencem com as verdades da Fé. Na hora dá morte daõ o baptiſmo aos adultos, & aos meninos: aſſiſtem aos moribundos, enterraõ aos mortos; & exercitaõ outras obras de Miſericordia: todos os dias à noyte ajuntaõ os Chriſtaõs, aſſim juntos rezaõ a ladainha da Senhora, & fazem exame de conciencia. Depois, que o Catequiſta tem bem inſtruido aos convertidos, dâ aviſo ao Padre, pera q̃ os venha bautizar. He eſte modo, como ſe deyxa ver, muyto util; de que ſe ſegue baptizaremſe hum por outro anno ſinco mil almas. Padecem aſſim Catequiſtas, como Padres grandes perſeguiçoẽs dos gentios, as quais taõ longe eſtaõ de os esfriarem, que os afervoraõ mais.

11 Digamos agora o numero das Reſidencias, que avia na miſſaõ de Maduré, pera melhor intelligencia de toda eſta narraçaõ. Reſidencia chamamos àquelle lugar, aonde principalmente reſide o Padre Miſſionario, & do qual ſahe acultivar o deſtricto, que eſtâ á ſua conta. A miſſaõ do Maduré ſe dividia entaõ em doze Reſidencias. Mas como os nomes deſtas ſe mudam a cada paſſo, ſegundo a oportunidade, que os Padres tem, de fazer Igreja neſte, ou naquelle lugar, naõ ha porque gaſtar tempo, em referir os nomes das Reſidencias, em que entaõ eſtava repartida a miſſaõ. Ficou o Padre Joaõ de Britto numa Reſidencia, q̃ ſe chamava Colley muy dilatada em Chriſtandade theatro muyto à medida de ſeu agigantado eſpirito.

CAPITULO XIX.

Fas ſeu aſſento na Reſidencia de Colley, & de alguns prodigios, que no ſeu tempo alli ſuccederaõ.

1 LOgo, que tomou a ſeu cargo as Chriſtandades pertencentes a Reſidencia de Colley, dittoſa por certo entre as mais por ter a felis ſorte de ſer cultivada por taõ inſigne Miſſionario, ſe entregou todo a fabricala, & a abrir terra de novo, arrancando as idolatrias, & plantando o culto do verdadeyro Deos.

2 Como tinha tambem a ſeu cargo parte da Chriſtandade do Reyno de Tanjaor; pera ſe lhe acodir com mais comodo, deu ordem a fazer huma Igreja em Tatuanqueri,

que

que he huma povoaçaõ allem do rio Collaraõ, à qual em ſeus tempos acodiſſem os Chriſtaõs, a receber os Sacramentos, & a ſe conſolar. Conſeguio por terceira via as licenças neceſſarias dos Principes, que governavaõ a terra, eraõ irmaõs, & gentios; deraõ as licenças, que ſe lhe pediaõ, & cartazes, pera que o Padre pudeſſe, aſſiſtir nas ſuas terras, ſem alguem o impedir, & prégar muyto a ſeu ſalvo a Ley de Deos.

3 A'viſta de mercê taõ ſingular pareceo ao Padre, que elle por ſua peſſoa viſitaſſe aquelles dous Irmaõs, & lhes deſſe as graças da mercê recebida: aſſim o fez; acompanhado de dous Bracmenes Chriſtaõs pera authoridade de ſua peſſoa, ou pera melhor dizer, da ſancta Ley, que prégava. Fizeraõlhe os Principes grandes honras, & lhe prometteraõ ſeu favor, que o Padre eſtimou, como era bem, pera poder prégar com maior ſegurança, dos que recebiaõ noſſa ſancta Fé; que a de ſua peſſoa naõ era, a que lhe dava mais cuidado.

4 No tempo, que foi viſitar a eſtes dous Principes, lhe era neceſſario auzentarſe da ſua Reſidencia de Colley, em que naõ podia aſſiſtir ſem evidentes perigos, por cauſa das guerras com que o Sabagî deſinquietava todo aquelle deſtricto. Entaõ vio o grande acerto, que ouvera em ſe fazer a Igreja em Tatuanqueri, daqual acodia ſem ſoſſobro aos Chriſtaõs de Nolomandalaõ no Reyno de Tanjaor. O que lhe dava mais trabalho, era aſſiſtir aos Chriſtaõs Pariâs, o que naõ podia fazer ſenaõ de noyte, por ſer aquella gente, como aſſima diſſemos, de caſta taõ vil, que ſeria tido por abominavel o Padre Joaõ de Britto, ſe o viſſem tratar com elles; & avia perto algumas povoaçoẽs de Bracmenes, os quais nem ainda conſentem, que os Pariâs paſſem pellas ruas das ſuas povoaçoẽs, como ſe com iſſo ficaſſem contaminadas.

5 Com as guerras do Sabagî eraõ grandes as perturbaçoẽs das Reſidencias do Reyno de Ginja, & extraordinario o trabalho do Padre em lhes acodir, por naõ poderem os Chriſtaõs, que com os mais payzanos deſpovoavaõ os lugares, recorrer àquellas paragens, em que antes da guerra, ſe lhes adminiſtravaõ os Sacramentos; mas viaſe nelles tanto fervor, que pello meyo dos perigos buſcavaõ muytas vezes a ſua conſolaſſaõ, com muyta do Padre Joaõ de Brit-

to: por ſerem naquelle anno tantas as guerras em toda a Reſidencia receberaõ o ſancto baptiſmo ſó trezentos, & noventa, & foraõ catequizados duzentos.

6 Succederaõ naquella Reſidencia algumas maravilhas, com que Deos alentava aos Chriſtaõs, & confundia aos gentios. Dera o Padre Joaõ de Britto a hum dos ſeus Chriſtaõs hum olho de vibora, dos que vem da Ilha de Malta, & por meyo dos quais pella interceſſaõ de Saõ Paulo livra Deos a muytos do veneno de mordeduras peçonhentas. O Chriſtaõ o engaſtou em hum anel, contando a hum ſeu tio gentio a virtude daquelle olho. Zombou doque ſe lhe dizia, & como a experiencia naõ era difficultoſa, levado da curioſidade, pedio empreſtado o anel; mãdou bater o matto, donde ſahio huma cobra medonha, que aſſanhada arremetia pera o gentio; o qual eſcondendo a maõ, em que tinha o anel com o olho de vibora, moſtrava a outra maõ à cobra eſtendendoa pera ella; mas a cobra cõ a meſma furia ſe vinha mais avizinhando pera o morder, entaõ lhe moſtrou a outra maõ com o olho, que eſtava no anel, à viſta do qual cahio alli morta a cobra, com aſſombro de mais de noventa peſſoas entre Chriſtaõs, & gentios, que foraõ teſtimunhas deſte prodigio.

7 Em Tinepiambiaõ ouvio noſſa ſancta Fé, & a recebeo hum moſſo de dezaſeis annos; era nelle tanto o fervor, que nem pays, nem parentes o puderaõ apartar de noſſa ſancta Fé, por mais que batalharaõ com elle, & por mais moleſtias, que lhe deraõ adoeceo gravemente dizendo huns, que a doença era peçonha, outros, que era lepra; & os pays, & parentes, que era caſtigo dos ſeus Deoſes pellos aver deyxado, que ſó o curariaõ, ſe arenegaſſe da Ley de Deos: ajuntavaſe a tudo que os ſeus medicos pediaõ grãde quãtia de dinheiro pello curarẽ. Vendoſe neſte deſemparo o bom Chriſtaõ, acodio a Deos, tomãdo por interceſſor a Saõ Frãciſco de Xavier, a quẽ fez voto de dar hũa moeda, que na noſſa, valeria meyo toſtaõ pera ſe empregar em cera, que ardeſſe diante do ſancto. Foi taõ aceita a offerta, & bem ouvida a petiçaõ, que tendo-o todos por incuravel, depois de fazer o voto, ſe levantou ſaõ, & valente, como ſe tal enfermidade não tiveſſe paſſado por elle. Veyo logo à Igreja, que diſtava oyto legoas, cumprio o ſeu voto, contando tudo o que lhe tinha ſuccedido; & o referiaõ os meſ-

mos gentios, que tinhão ſido teſtimunhas, & o confeſſava ſua meſma may, que dalli ſe comeſſou com a graça divina a diſpor, pera ſer Chriſtão.

8 Em Marayão vendo hum Chriſtão, que hum ſeu parente gentio eſtava com doença mortal; o exortou a recebér o ſancto baptiſmo, porque ſó na Ley de Deos avia ſalvaſſão. Aſſentio ao que ſe lhe propunha, & inſtruido ſufficientemente recebeo o ſancto baptiſmo, & brevemente eſpirou. Entre outros, que quando morreo, alli aſſiſtiaõ, era hum ſeu parente gentio da infame ſeyta do Lingão, & Sacerdote dos idolos; o qual em eſpirando o moribundo comeſſou a grittar com grande admiraſſão, dizendo: Não vedes a alma do novo Chriſtão, que vai com extraordinaria pompa, & mageſtade em hum carro triumfante cercada toda de luzes pera o Ceo? Dos que aſſiſtiaõ, que parte erão Chriſtãos, & parte gentios nenhum vio eſta pompa; mas os Chriſtãos derão graças a Deos, que aſſim os confirmava; & dos gentios ſe converterão mais de trinta, perſuadindoſe, que em tal materia, não diria o ſeu Sacerdote mentira, ſó elle, que vio tãta luz, ficou tão cego como antes o eſtava nas ſuas idolatrias. Lingão he hum idolo tão obceno, que não cabe ſeu nome nas leys da modeſtia; ſua figura trazem pendente ao peſcoſſo, & ſaõ dos que mais difficultoſamente ſe convertem.

9 Em Matur vexava o Demonio, avia jâ muytos años a huma Bracmena gentia, irmãa de dous Bracmenes Chriſtãos: ouvindo ella as maravilhas, que Deos obrava por meyo dos ſeus prégadores, mandou pedir ao Padre Joaõ de Britto cinza benta, pera com ella ſe armar contra o Demonio: mãdoulha o Padre, & juntamente a dizer, que pera Deos lhe fazer aquella mercê, avia de deyxar a adoração dos idolos: tomou a cinza, & a pôs na cabeça com propoſito de ſer Chriſtão, ſe ficaſſe livre; & logo o Demonio a deyxou, & ella ſe converteo.

10 Em Tutuanqueri, & Cataguciparre ſe hião perdendo as ſearas por cauſa da lagarta, que as comia: vierão os gentios pedir remedio ao Padre, o qual lhe deu agoa bẽta, pera que em nome de Deos Omnipotente a lançaſſem nas ſuas ſearas: aſſim o fizeraõ, & a lagarta morreo logo toda, & as ſearas derão cupioſos fructos, como vio o meſmo Padre Joaõ de Britto: vioſſe mais o prodigio, porque as ſea-

fearas vizinhas, em que naõ lançaraõ agoa benta, perecceraõ. Com eftes, & outros alentos hia Deos confundindo aos gentios, & animando aos feus Chriftaõs; & delles fe referem muytos nas Annuas da Companhia, em que fe cõtaõ os progreffos das miffoens de Madurê.

CAPITULO XX.

He livre de hum grande perigo, reedifica a fua Igreja de Tutuanqueri, & difcorre por outras Chriftandades.

1 MUyto pago eftava o Sancto Padre da fua Igreja de Tutuanqueri pellos comodos, que lhe achava, pera adiantar a fua Chriftandade, mas brevemente fe lhe augou efte gofto com hum diluvio, que inundou toda aquella paragem, & lhe arruinou a fua Igreja. Quando elle a edificou foi junto ao rio Collaram em lugar eminẽte; ao qual, diziaõ os naturais mais antigos, nunca chegaraõ as enchẽtes do rio, por maiores, que ellas foffem.

2 Affiftia o Padre naquella cafa, & Igreja com defafete Chriftaõs, fenaõ quando alta noyte eftando recolhidos, ouviraõ grandes vozes na povoaçaõ, logo fofpeitaraõ, o q̃ poderia fer; levantaraõfe, & ja nefte tempo a agoa vinha entrando pellos canos, que fe tinhaõ feito pera que fahiffe a agoa, que chovia no patio da cafa, & da Igreja.

3 Comeffou cõ a agoa a crecer tãbem a fua affliçaõ; naõ viaõ, como pudeffem fahir della fendo grande a efcuridade da noyte, & naõ fabendo, em que alturas eftaria a inundaçaõ. O Padre Joaõ de Britto, que eftava no mefmo perigo, os animou: mandoulhes tapar os canos, por onde vinha entrando o rio, & fe foi com os Chriftaõs à Igreja, encomendarfe a Deos. Bem lhe occorreo entaõ valerfe de hum arvoredo, que diftava menos de hum tiro de pedra; mas porque naõ fabia, em que altura eftavaõ as agoas, & por haver alli muytas cobras peçonhentas, que fem duvida fe teriaõ fubido às arvores, & lhe fariaõ muyto mâ hofpedagem, naõ podendo livrarfe dellas, por fer de noyte, fe determinou, de fe deyxar ficar, a Deos, & a ventura como dizem.

4 Creceraõ tanto as agoas, que chegaraõ ao mais alto das taypas, que muravaõ a cerca, que sendo de terra, como tambem o era a casa, & a Igreja, se penetraraõ com a agoa, & sendo ja de dia vieraõ abayxo, entrando com tanto impeto, & copia a força da enchente, que ficaraõ metidos nella athe os peytos.

5 Nestes apertos restava buscarem o arvoredo; ja o demandavaõ metidos na agoa athe o pescosso, ferindo os pès com os espinhos, qne naõ deyxava ver, nem evitar a enchente; mas antes de chegarem às arvores, lhes deparou Deos as ruinas de huma casa fundada sobre duas muralhas de terra a estas se acolheraõ, & nestas se salvou o Padre com dezasete pessoas. Jâ que se viaõ em parte, livres da agoa, cahiraõ nas maõs da fome, porque a pressa apenas dera lugar, a se trazerem a si; & por terem crecido muyto as agoas, naõ era sem evidente perigo da vida voltar algum pello mesmo caminho, por onde alli vieraõ; pera trazer de casa algum pouco de arroz, como quer que lâ o achassem. Aventurouse hum dos Christaõs, & lançandose a nado, que de outra sorte naõ podia ser, trouxe como pode, algum pouco provimento, com que se acudio à extrema necessidade, em que se viaõ.

6 Estando todos nestas angustias, & o Padre Joaõ de Britto com oito, ou nove pessoas em hum lugar, & espaço taõ limitado, que ao comprido mal se podia deitar nelle huma pessoa; viraõ naõ sem grande horror, que muytas cobras peçonhentas, & disformes vinhaõ pella agoa demãdar aquelle mesmo lugar, em que elles estavaõ, fugindo tãbem da inundaçaõ. Destas os livrou Deus, valendose em primeiro lugar dos olhos de viboras, de que assima fallamos; & depois, da sua diligencia assim de noyte como de dia, afastandoas, & matandoas na agoa, quando queriaõ sobir pella parede, em que estavaõ; assim foi Deos servido, de que naõ mordessem pessoa alguma.

7 Comessando a chea em sesta de noyte dezasete de Dezembro, ao sabbado dava mostras, de se hir diminuindo, com que crecia o gosto nos naufragantes; mas este lhes durou pouco, porque ao Domingo viraõ, que as agoas sobiaõ; com o que se davaõ por perdidos, se Deos lhe naõ acodisse: hum palmo de agoa faltava, pera se sumergir o lugar, & todos com elle; quando a enchente chegando ao seu

maior

maior auge, foi abatendo de maneira, que ao terceiro dia puderaõ sahir do perigo, em que tinhaõ padecido todos os desabrigos, que se deyxa ver.

8 Porẽ como a chea lhe tinha derribado a casa, & tambem a quasi toda a povoaçaõ, que era de gentios; levantou no lugar, aonde estava huma choupana, em que passou a festa do Natal, consolandose, de que em semelhante, à em que estava tinha nacido seu Deos.

9 Neste desemparo naõ deyxou Deos de o favorecer com alguma especialidade; porque sabendo tudo aquelles dous Principes gentios, de que assima fallamos, lhe escreveraõ, offerecendolhe suas proprias casas, se dellas se quizesse servir; & quando naõ, que lhe mandariaõ logo fazer nova casa, em que pudesse assistir cõ todo o comodo. Deu o Padre graças a Deos, pello favorecer ainda por meyo dos gentios inimigos da sua ley, & levantou de novo a sua Igreja de Tutuanqueri naquelle lugar, aonde tinha escapado da inundaçaõ: ouve nisso muytas contradiçoens, que todas se venceraõ cõ o favor dos Principes gentios, & muyto mais com o de Deos.

10 Da qui lhe foi necessario passar ao reyno de Ginja, pera acudir às Christandades da Residencia de Catur, que estavaõ à sua conta. Alli edificou Igreja, & casa, na qual em o anno de mil seiscentos setenta, & oito celebrou a Pascoa com grande concurso dos Christaõs; discorrendo por a quella Residencia des-de o principio do anno.

11 Depois voltou à Provincia de Pandanalur em o reyno de Tanjaor, & à sua Igreja de Tutuanqueri, baptizou os Catecumenos, que havia nas terras circunvisinhas; & cumprindo com as mais obrigaçoens de administrar os Sacramentos; se partio pera a provincia de Combucânam, pera consolar, & assistir aos enfermos, & moribundos, que aquelle anno foraõ alli muytos por causa da falta, que ouve de chuvas. Recolhendose outra vez pera Tutuanqueri, lhe chegaraõ novas, que estava muyto mal hum velho, & antigo catequista chamado Navamarti: naõ obstante ter entaõ huma chaga em hum pé, que lhe empedia caminhar, logo se poz a caminho, & na quella noyte, & tres horas do outro dia andou a jornada commua de dous dias; porque voava nas azas do seu grande espirito. Chegado a Cabalacuri, aonde estava o Catequista, & o Sacramentou. Da-hi a pou-

a pouco tempo preparado com os empregos Apoſtolicos, em que tinha gaſtado a vida com muyto lucro das almas,eſpirou nas maõs do Padre Joaõ de Britto. Foi eſte catequiſta de vida ſancta, & exemplar, & por iſſo ſentida de todos a ſua morte. Acodia aos Chriſtaõs,ſem reparar em ſol, nem chuva, nem outros inconvenientes. Em tudo muyto obediente aos Padres. Frequentava com grande devaſſaõ os Sacramentos. As lagrimas eraõ nelle dom de Deos, em ouvindo qualquer couſa de devaſſaõ, ja nellas ſe lhe desfaziaõ os olhos. Teve grande compayxaõ dos pobres: em tudo fez vida de homem Apoſtolico, & juſto.

12 Depois que enterrou com muytas ſaudades ſuas, & de todos os Chriſtaõs ao bom Catequiſta Navamarti, paſſou ao Sul à provincia de Manarcoilo, a Sacramentar os Chriſtaõs, que havia doze annos naõ tinha lâ viſto Padre Miſſionario, & tantos havia, que lâ fora o Padre Freyre, depois nem ouve Padre, que lâ foſſe, nem occaſiaõ pera lâ hir. Detendoſe em Manarcoilo, quanto foi neceſſario; partio pera Carambatû: na qual o anno antecedente tinhaõ ſido muyto perſeguidos os Chriſtaõs, & retrocedido alguns Catecumenos, ainda que outros com a ſua conſtancia acreditaraõ muyto noſſa ſancta fé.

13 Por eſtarem alli as couſas taõ perturbadas, eraõ alguns de parecer, que o Padre naõ foſſe por hora àquellas terras; mas iſſo meſmo ſervia de eſtimulo ao ſancto Padre, & depois ſe vio, que neſta reſoluçaõ ouvera muyto acerto. He a provincia de Carambatû a ultima do Reyno de Tanjàor confinante com as terras do Maravâ;he pobre,aſſim porque as terras naõ tem a fertilidade, que as demais de Tanjaor; como pellas injuſtiças, dos que as trazem arrendadas.

14 Com ſer eſta miſeria da terra,ſaõ os gentios os mais ſoberbos, que o Padre encontrou naquellas regioens: inimigos capitais da ley de Deos, fazem mil injurias,& vexaſſoens, aos que a ſeguem. Muytos delles foraõ ver ao Padre,naõ por ouvir a ley de Deos,mas porque naõ tinhaõ viſto nas ſuas terras Sacerdote Europêo: ſó os Sacerdotes dos Idolos, pello odio, que lhe tinhaõ, ſe naõ venceraõ deſta curioſidade. Tinhaõ elles ſido a cauſa da perſeguiſſaõ, & dezejava o Padre vir com elles a diſputa: & aſſim lhe mandou dizer pellos gentios; que ſabendo, que perſe-
guiaõ

guiaõ a ſeus diſcipulos, por ſeguirem a ley do verdadeiro Deos, viera taõ de longe à quella provincia, pera lhes moſtrar com razoens evidentes a verdade da ley, que enſinava; & a mentira da que elles ſeguiaõ; por tanto dezejava muyto, que lhe fallaſſem.

15 Varias vezes lhe ſignificou eſte ſeu dezejo por terceiras peſſoas: em todas foi a repoſta: que nem haviaõ de fallar, nem diſputar com elle; porque matava os meninos, & depois de lhes queimar os corpos, punha aquella cinza na teſta das peſſoas, com que fallava; & que em lha pondo, os enfeitiçava de tal modo, que naõ tendo, que reſponder às ſuas rezoens ſeguiaõ todos a ſua doutrina; que ſe elles tambem foſſem a fallar, & a diſputar com elle, lhes ſuccederia o meſmo; & que convertendoſe, com ſeu exemplo, ſe converteria toda a provincia; & que deixado o culto dos ſeus Deoſes, veria peſte, que mataria a todos, ſem ficar peſſoa com vida.

16 Em quanto ſe gaſtava tẽpo neſtes recados de parte a parte; o ſancto Padre ſacramentava aos Chriſtaõs; & ſe converteraõ vinte, & quatro peſſoas dos gentios, dos quais baptizou a doze, que moſtraraõ grande fé; aos outros doze deyxou por entaõ ſem baptiſmo, pera os provar mais, & & no anno ſeguinte os baptizou. Acabando de conſolar aos Chriſtaõs de Carambatû, & aos que havia nas terras circunvizinhas; paſſou pera Xirrucarãbur, aonde a cultura ſe fazia ſem os ſoſſobros, & perturbaçoens, que havia em Manarcoilo.

CAPITULO XXI.

De como Deos o livrou de alguns perigos, & referemſe alguns caſtigos, que deu aos gentios, que perſeguiaõ aos Chriſtaõs.

1 NEſtes ſanctos empregos andava em roda viva, ſem tomar deſcanço algum, como quem ſó o tinha em trabalhar; quando lhe chegaraõ noticias, que em Tatuanqueri por ordem del-Rey huma eſquadra de ſoldados o buſcavaõ a elle, & aos Bracmenes Chriſtaõs, pera os prenderem a todos; que tinhaõ ſaqueado ſua pobre caſa; & como

como naõ acharaõ nella, o que queriaõ, entregaraõ ao guarda da povoaçaõ as pobres alfaias, que estavaõ na casa, pera que a todo o tempo, que por ordem del Rey se lhe pedissem, desse conta dellas. Por parecer dos Chistaõs mais experimentados, se determinou por entaõ a deixar o reyno de Tanjaor, & passar ao de Ginja; mudou de traje, porque o seu naõ tinha lâ as servintias, que em Tanjaor; & por naõ poder fazer o caminho por terra, o fez por mar cõ grande molestia sua, embarcandose à meya noyte. Dous mezes esteve no reyno de Ginja, no fim delles o avisaraõ, de que seguramente podia voltar a Tanjaor, porque as alteraçoens das guerras naõ davaõ lugar, a que el-Rey se divertisse em negocios de Religiaõ.

2 Voltando do Reyno de Ginja pera Tanjaor, tendo ja passado o rio Colaram, começou o inverno com tantos ventos, & chuvas, que parecia se acabava o mundo. Tres rios tinha passado nadando, quando a noyte o apanhou em hum matto, todo molhado, & quasi feito hum regelo, com o frio; foi Deos servido depararlhe alli huma choupana, em que se abrigou com hum Christaõ, que o acompanhava. Viraõse em grande falta, porque naõ tinhaõ, que comer; mas Deos, que se naõ esquece, de quem só vive lembrado delle, lhe acodio, porque junto da meya noyte vieraõ dous homens, que pareciaõ gentios, estes lhe trouxeraõ lenha, & fogo pera se enxugarem, & que comer pera ambos. Deraõ graças a Deos, por lhes acodir tanto a tempo, & aos que lhe fizeraõ a mercê, deu o Padre os agradecimentos, & huma boa contrapeçonha, que trazia consigo.

3 No dia seguinte se partiraõ acompanhando-os a chuva athe as quatro da tarde, em que chegaraõ à ribeyra chamada Manjavical, cuja corrente hia taõ furiosa, que nem ainda a puderaõ vencer a nado. Nos mattos proximos andavaõ huns pastores, aquem pediraõ huma gamela grande, pera meterem nella os livros, & os vestidos, & pegados a ella passar a ribeyra; pera isso offereciaõ boa paga aos pastores, que a naõ aceitaraõ, por quanto a haviaõ de trazer da sua povoaçaõ, que estava longe, & os caminhos muyto incomodos com a chuva. Perguntoulhe o Padre se na povoaçaõ achariaõ abrigo, pera poder passar aquella noyte: responderão, que não, porque tudo estava despo-

voado,

voado, & os moradores habitavão em choupanas.

4 Com efte defengano, & com o que tinha de naõ poder paffar a ribeyra, fe affentou de bayxo de hum efpinheiro, & comeffou a rezar o officio divino, expofto a paffar alli a noyte, cortado do frio, & da chuva, & fobre tudo da fome, porque todo o dia tinha caminhado em jejum, & neffe eftava àquellas horas.

5 Eftando neftas anguftias, vio, que da outra parte da ribeyra vinha correndo a grande preffa hum mancebo, o qual a grandes vozes perguntava aonde eftava alli o Padre penitente, que queria paffar a ribeyra, & naõ achava, quẽ o paffaffe? Levantou o Padre a voz, dando graças a Deos, & diffe, que elle era: paffou logo o mancebo a nado pera onde eftava o Padre, & fazendolhe a cortezia, que naquellas terras fe coftuma aos Religiofos, & penitentes; paffou em primeiro lugar o breviario, livros, & mais panos do Padre. Depois tornando, diffe ao Padre que naõ temeffe, & pegãdolhe de hum braço, o paffou da outra parte, fazendo o mefmo ao Chriftaõ: quando lhe quis agradecer o beneficio, achou, que tinha defaparecido, & ficou entendendo, que fora Anjo; pello qual favor taõ fingular fe reconheceo todo devedor a Deos; & chegando a huma povoaçaõ de Chriftaõs, que naõ diftava muyto, pera confolaçaõ de todos referio o beneficio, que recebera de Deos, & lhes encomendou, que por iffo lhe deffem as graças, que cabiaõ no feu affecto.

6 No dia feguinte molhado todo por caufa da muyta chuva chegou á fua Igreja de Xirimcarambur, aonde convocou os Chriftaõs, pera receberem os Sacramentos, & celebrarem a fefta do Natal. Tudo fe fez com grande devaçaõ; affiftindo alli o Padre athe o fim do anno de feifcentos, fetenta, & nove, em que deu o fancto baptifmo a novecentas peffoas.

7 No principio do anno de feifcentos, & oitenta pode voltar pera a fua Igreja de Cutur, por fe terem feito as pazes entre o Regulo Oreâr, & o Sabagî. Cuftoulhe muyto refgatar as alfayas da Igreja de Tutuanqueri, que como fica ditto, fe lhe tinhaõ tomado, quando o bufcaraõ, pera o prender. Celebrou a Pafcoa em Cutur, avendo gaftado athe aquelle tempo em difcorrer pello Reyno de Ginja vifitando, & facramentando as Chriftandades das Provincias

daquelle Reyno: voltou outra vez pera Tanjaor, a visitar a Christandade de Xolamandalaõ, & dar o baptismo a muytos Catecumenos, que o pediaõ com instancia. Dalli passou à Provincia de Manarcoil, naqual por falta de lugar pera administrar os Sacramentos aos das castas bayxas, esteve mais de quinze dias em hum matto espesso sem caza, nẽ abrigo, bebendo agoa enlodada de hum charco, que naõ avia por alli outra, & avia grande falta por causa de naõ ter chovido, ajuntandose a estes incomodos o çoçobro, que lhe davaõ os tigres, & os ladroẽs, que de todos hâ muytos naquella paragem, de que Deos, como em outras occasioẽs o livrou.

8 Confessou naquelle matto athe dous mil Christaõs, & deu o baptismo a cento, & sincoenta pessoas. Depois ainda que o detinhaõ os Christaõs, passou à Provincia de Carambatû, na qual sacramentou aos Christaõs, & teve varias disputas com os gentios: baptizou a nove de muyto boas familias; & celebrada a festa de nosso Patriarca Sancto Ignacio; fez huma pratica aos Christaõs, & despedindose delles com muytas lagrimas, depois de ter passado muytos rios a nado chegou à Provincia de Tirucaraur, taõ consumido com os trabalhos, que lhe sobreveyo huma grande febre, com huma postema em hum pé, de que esteve em perigo de vida. A esta doença se ajuntou no mesmo tempo huma de olhos, da qual lhe creceo no olho direito tanta carne espongiosa, que o davaõ jâ por perdido. Dezoito dias passou sem poder sossegar, empeyorando com as medicinas o achaque: recorreo nesta affliçaõ a Saõ Francisco de Xavier, fazendolhe voto de perseverar nas missoẽs athe a morte: no ponto em que acabou o seu voto, parou a dor, que estava na sua mayor intensaõ, & brevemẽte sarou do achaque, que padecia.

9 Como o Padre Joaõ de Britto naõ queria saude, pera a poupar, tanto que a recebeo por favor do Ceo, a foi logo empregando em seu serviço. Nos ultimos de Novẽbro se partio a visitar a Christandade do Norte na Residẽdencia de Ginja, pera celebrar em Catur a festa do Natal; alli soube como era morto o Bracmene Alinaexi quasi senhor daquella povoaçaõ, em que os Christaõs passavão de quatrocentos, & que com muytos falsos testimunhos vexou diante dos senhores daquellas terras, que eraõ gentios,

tios aos Chriſtãos, pera os lançar fora della.

10 Mandou eſte mao homem aviſar aos Chriſtãos, que no dia ſeguinte avia de fazer huma comedia aos ſeus Deoſes, & que elles naõ ſó aviaõ de contribuir pera os gaſtos, mas aviaõ de aſſiſtir em honra dos meſmos Deoſes à ſua plauſibilidade. Reſiſtiraõ os Chriſtãos aſſim à contribuiçaõ, como tambem à aſſiſtencia, por ambas ſerem contra a Ley de Deos. Com eſta repoſta ſe irou ſobremaneira o Bracmene, dizendo muytas blaſphemias da Ley de Deos, & fulminando grandes ameaças contra os que a ſeguiaõ, acrecentando, que no dia ſeguinte ſaberiaõ, o que elle podia: mas nada pode, porque naquella noyte morreo de repente, com aſſombro do gentiliſmo, & conſolaſſaõ dos Chriſtãos, que todos viraõ o grande cuidado, que Deos tẽ de quem o ſerve.

11 Alem deſta obrou Deos outras maravilhas, porq̃ muytos vieraõ ouvir o Cateciſmo, pera ſe verem livres do Demonio, que os vexava; & com a agoa do ſancto baptiſmo receberaõ a melhoria do corpo, & a da alma. O numero dos bautizados chegou aquelle anno a ſetecentos.

12 No principio do anno de mil ſeiscentos, & oitenta, & hum ſe achava o ſancto Padre em o Reyno de Ginja, em que paſſou a quareſma, & celebrou a Paſcoa; paſſaraõ de quatro mil os que receberaõ a ſagrada Communhão, & de trezentos os que foraõ baptizados.

13 Celebrada com grande ſolenidade a Paſcoa a pezar dos gentios, queria partir pera Tanjaor, quando lhe chegou a viſo da ſancta obediencia, que foſſe a Sancto Thome, feita eſta jornada; nos principios de Junho voltou pera Xalamandalaõ no Reyno de Tanjaor, em que as Chriſtandades eraõ muyto perſeguidas dos gentios; & por naõ aver Igreja comoda, pera aſſiſtir aos Chriſtãos de todas as caſtas, metido nos mattos, & pelas cazas dos meſmos Chriſtãos, lhes acodia, como lhe era poſſivel, & com grãde trabalho ſeu; mas o que mais pena lhe dava, era ver, que não podia acodir a todos, como deſejava, aſſim por ſerem muytos os Chriſtãos, como por ſerẽ muytos os lõges do deſtricto, que pertencia à ſua Reſidencia; & ſer hum ſó o Sacerdote que os avia de ſacramentar a todos.

14 Naquelle anno o livrou Deos de muytos, & grandes perigos, caſtigando com evidencia, aos que lhe queri-

ão tirar a vida em odio de noſſa ſãcta Fé. Depois de ter gaſtado quinze dias nos mattos de Tiruvadanturey, hum domingo de tarde ſe partio pera Carambatû; quando na meſma noyte do domingo cuidando os ladroẽs, que ainda alli eſtava, por ordem do Guarda mor da Provincia com maõ armada o vierão buſcar, pera lhe tirarem a vida, & roubarem, como elles ao depois confeſſaraõ; mas de tudo o livrou Deos, fruſtrando os maós intentos dos inimigos da ſua ſancta Ley.

15 Nos principios de Novembro ouve huma tempeſtade de chuva, & vento couſa tão extraordinaria, que não avia lembranças de outra, que com ella ſe pareceſſe: foi incrivel o eſtrago, que fez nas Provincias de Tanjaor; baſta dizer, que ſó na provincia de Tiruvarur, que he bem pequena, paſſaraõ os mortos de dez mil; foi couſa prodigioſa, que ſendo muytos os Chriſtãos naquella Provincia, nenhum morreo neſta inundação, que parece a mandara *D*eos ſomente pera caſtigar a ſeus inimigos.

16 Na Provincia de Pandanalur naõ foi tão grande a perda, huma ſó peſſoa morreo, eſte foi o Bracmene, que avia dous annos, quizera prender ao Padre em Tutuanqueri: vinhale entrando o rio por caza, tomou o dinheiro, que tinha, & com elle ſe foi ſahindo; quando ſobrevindo-lhe hum tufaõ de vento, o precipitou em o rio, aonde ſe afogou; & dalli a tres, ou quatro dias o acharaõ morto bem lõge do lugar, donde morava.

17 Por evitar o furor da meſma tempeſtade, ſe valeraõ athe oitenta Chriſtaõs de huma caza, que lhes parecia mais forte, porque jâ a chea tinha derribado as outras: naquella caza gaſtaraõ a noyte em oraçaõ com hum Catequiſta, pella menhãa amaynando o vento, ſe ſahiraõ, & a caza immediatamente cahio por terra. Foi eſte cazo de tanta admiração aos gentios, que muytos ſe converterão. Por cauſa deſta tempeſtade, & inundaçaõ não puderão os Catecumenos hir receber o baptiſmo, poriſſo naõ paſſaraõ os baptizados de ſeiſcentos, & oitenta.

18 No Reyno de Ginja caſtigou Deos a hum grande inimigo da ſua Ley; era poderoſo, vexava aos Prégadores da ſancta Ley, & a todos os Chriſtãos: huma vez lhe mandou queymar a Igreja do Colley, foi Deos ſervido entaõ, de que ſenaõ effeituaſe, & agora lhe quis dar o caſtigo, queymandoſelhe

mandoselhe sua propria caza, com o que nella avia, naõ muyto depois, que elle mandara por fogo à Igreja: sobre esta perda naõ podendo sofrer as vexassoẽs, que por dividas, que tinha a el-Rey, lhe fazião os seus ministros, tomou veneno sendo homicida de si mesmo. Com estes, & outros castigos açoutava Deos aos gentios pello mao trato, que faziaõ aos Christaõs; com que estes se animavaõ mais a sofrer as perseguiçoẽs dos gentios.

CAPITULO XXII.

Parte à Costa da Pescaria, & o que succedeo depois de voltar à missaõ referese a disputa, que teve com dous Letrados gentios.

1 EM Janeiro de 1680 se achava em Catur no Reyno de Ginja; alli assistio athe a Pascoa trabalhando incansavelmente: celebrou os officios da somana sancta com grande concurso dos Christaõs, & grande solenidade; a que a judarão muyto, os Padres Domingos de Almeyda, que passava pera Reytor do Collegio de Sancto Thome; & o Padre Jozeph da Silva, que se tinha retirado da sua Residencia, por causa das guerras, que nella avia.

2 Como as ceremonias, com que naquelles dias se fazem os officios divinos, eraõ cousa nova pera os Christaõs, assistiaõ a ellas com notavel Fé, & devassaõ. Por concorrerem à festa da Pascoa mais de sinco mil almas, & naõ ser a Igreja capaz, de taõ grande numero, se disse Missa em hum espaçoso campo, pera que todos a pudessem ouvir: os dous Padres ainda, que hiaõ achacados, alem de celebrarem os officios da somana sancta, assistiraõ de dia, & de noyte tanto em o confessionario, que quasi todos os Christaõs, que concorreraõ, se confessaraõ, & commungarão: dãdo Deos forças aos Padres pera naõ desfallecerem cõ tão excessivo trabalho.

3 Partiraõse os Padres Domingos de Almeyda pera a Residẽcia de Caranapatû; & o Padre Jozeph da Silva depois de livrar de hũa grave doẽça, por disposissaõ da obediẽcia foi pera a Residẽcia de Nunvadamû. Ao P. Joaõ de Britto estando de caminho pera Tanjaor lhe chegaraõ dous

dous avisos hum de Tanjaor, em que lhe diziaõ, ter passado ordem o Governador das Provincias do nacente pera o prenderem; o outro do Padre Andre Freyre, que lhe ordenava, passasse à costa da Pescaria, & Travancor a tratar certos negocios com o Padre Provincial.

4 Obedeceo logo, ao que se lhe ordenava, & por naõ ser moçaõ, naõ achou embarcassaõ alguma; donde lhe foi preciso, meterse em huma de menos segurança: quatorze dias navegaraõ contra a corrente das agoas, & furia dos ventos. Vendo que naõ era possivel chegar à Pescaria, dezembarcou nas terras do Maravâ, & por terra foi as costas da pescaria com outros Padres daquellas missoēs, com quem se consolou muyto, como tambem em ver aquella regiaõ, que ainda naõ tinha visto, naqual tanto trabalhou o grande Apostolo das Indias Saõ Francisco Xavier. Dalli passou a Travancor, aonde no Collegio do Topo achou ao Padre Provincial Gaspar Affonso, que o recebeo com grãde caridade, communicou com elle os negocios, que lhe encomendara o Padre Andre Freyre, & tomada sua sancta bençaõ, voltou pera a sua missaõ.

5 Embarcousse com os Padres Jeronimo Telles, & Luis de Mello, que cõ grãde espirito se consagraraõ à quella trabalhosa missaõ. Chegaraõ ao Reyno de Ginja depois de trinta, & sinco dias de viagem, naqual arribaraõ tres vezes, & duas estiveraõ quasi perdidos, huma por se lhe abrir a embarcassaõ em huma tempestade, outra porque os Mouros marinheiros os largaraõ em hum batel roto sem velas, nem remos; de todos estes perigos os livrou Deos, que se queria servir de suas vidas.

6 No fim de Setembro desembarcou no Reyno de Ginja cõ seus dous companheiros, com elles esteve athe dezoito de Dezembro, edificandose da grande applicassaõ, com que aprendiaõ a lingua Tamul, & zelo que nelles via de salvar almas. Aos dezoito de Dezembro se partio a visitar as Christandades de Tanjaor. Foraõ naquelle año oitocentos, & doze os que baptizou, & seriaõ mais, se as digressoēs, que fez, o naõ tiveraõ perto de seis mezes fora da missaõ.

7 Obrou Deos por aquelles tempos muytas maravilhas naquella Christandade; porque muytos endemoninhados ouvindo com fé o Catecismo, ficavaõ livres. Muy-

tos

tos enfermos cobraraõ ſaude ſó com lhe dizerem os Chriſtaõs o Catecismo, & lançarem agoa benta.

8 Tinha o Padre emprendido, que nenhum Chriſtaõ moraſſe em Pompeti, pellos impedimentos, que dalli naciaõ à converſaõ. No anno de 1681 fez grandes exceſſos, pera que os Chriſtaõs deyxaſſem aquella povoaçaõ: moſtrou Deos, que aquella era a ſua vontade, porque dando fogo em a caza de hum Chriſtaõ, foi queymando as outras, que todas eraõ de palha. Diſſelhes entaõ o Padre, que daquelle deſaſtre podiaõ entender, que ſenaõ ſervia Deos de morarem naquelle lugar; & ſe ouveſſe, quem naõ abriſſe os olhos, eſperaſſe por caſtigo mais rigoroſo, que hum rayo do Ceo no anno ſeguinte viria ſobre ſua caza. No anno ſeguinte, que foi de 1682 no meſmo mez cahio hum rayo ſobre a caza de hum Chriſtaõ, que fora o que mais tempo tinha morado naquella povoaçaõ, & jâ entaõ morava em outra, por iſſo naõ recebeo dano: os outros tinhaõ antes obedecido ao Padre quãdo os exhortou, depois de ſelhe abrazarem as cazas.

9 No principio do anno de ſeiſcentos, oitenta, & tres ſe achava o ſancto Padre nas terras, que confinam com a Provincia do Cabo, que he do Maravâ; quando o vieraõ buſcar dous gentios dos que entre elles ſaõ tidos por letrados, pera diſputar com elle, naõ tanto pera conhecer a verdade, quanto pera a impugnar.

10 Hâ neſte gentiliſmo hum celebre erro, a que elles chamaõ Eſcritura da cabeça; dizem pois, que o ſeu Deos Brumâ eſcrevera na cabeça dos homens tudo, quanto imaginaõ, dizem, & obraõ: que eſta eſcritura he cauſa antecedente, taõ efficaz de todas as acçoẽs humanas, que as naõ pode impedir nem o ſeu meſmo Deos Brumâ, nem qualquer outro poder.

11 Sobre aquella, que tem por verdade inconcuſſa, queriaõ diſputar com o Padre Joaõ de Britto: aceitou elle a diſputa, & em primeyro lugar lhes perguntou, que fundamento tinhaõ, pera admittir aquella eſcritura? Reſpõderaõ: Que o fundamento era, dizeremno aſſim todos os ſeus letrados, & ſer tido por primeyro principio, que ninguem nega, & de que ninguem duvida. Perguntoulhes mais; ſe o ſeu Deos podia dizer couſa falſa? Reſponderaõ, que naõ.

12 En-

12 Entaõ lhes argumentou nesta forma: duas seytas hâ entre vos, ambas oppostas: huma de Visnû, os que a seguem affirmaõ, que só elle he Deos, & naõ Xivem: os que seguem a de Xivem, dizem, que só este he Deos, & naõ Visnú: agora assim: Brumâ, como vos dizeis, naõ pode dizer cousa falsa, logo naõ pode escrever na cabeça destes sectarios, que Visnú era, & naõ era Deos, & que Xivem era, & naõ era Deos; porque dizer, que a mesma pessoa he, & naõ he Deos, he falsidade manifesta: donde se segue, que o que affirmaõ os de huma, & outra seyta, he effeito da vontade livre, & naõ da Escritura da cabeça, que vos outros fingis. Com este, & outros argumentos perceptiveis a qualquer entendimento mediocremente intelligente cõfutou, & claramente convenceo seus taõ desbaratados erros. A soluçaõ foi qual costumaõ dar aquelles, que naõ querem ver a verdade por mais clara que ella esteja, como nesta occasiaõ o estava. Disseraõ-lhe muytas palavras afrontosas, & ficaraõ nas suas idolatrias.

CAPITULO XXIII.

De huma grande perseguiçaõ, de que Deos livrou ao Padre, & aos Christaõs.

1 PArtio o Padre Joaõ de Britto da Provincia do Cabo pera Manarcoil, & dalli pera Combucânaõ; gastou na jornada quinze dias administrando os sacramentos, assistindo aos moribundos, & baptizando aos que os Catequistas tinhaõ instruido. Passou ao Reyno de Ginja, detevese em Catur athe a Pascoa, não sem sobresalto, por ter noticias certas, que o Governador do Paliao o queria prēder naquella solenidade.

2 Tinha dado esta noticia ao Padre hum Christão, escrivaõ da caza da polvora, homem de grande fé, & constancia, o qual por ella tinha padecido muyto com todos os seus parentes. Pouco tempo antes o Governador mandou lançar hum pregaõ, em que dizia; que aquelle escrivaõ, & todos os mais Christãos, pello serem erão infames, & como a tais, lhes mandava, que naõ morassem dentro das povoaçoēs, & fossem morar com os infames Pariâs, por serem

taïs como elles: que nenhum gentio tocaſſe nem ainda as ſuas roupas, porque baſtava ſomente tocalas, pera dalli por diante ficar infame.

3 Eſta afronta naquellas terras he maior, que entre elles ſer açoutado, enforcado, ou eſquartejado. Sofreraõ com grande animo taõ grande injuria aquelles bons, & ſanctos Chriſtaõs. Pedirão conſelho ao Padre, de como ſe averião em taõ grandes apertos; reſpondeolhes, que ſe avia de caminhar pera o Ceo conforme o que diz São Paulo: *Sive per infamiam, ſive per bonam famam.* E que com elles fallava Chriſto, quando dizia: *Beati eritis, cum ſeparaverint vos.* Por tanto, trataſſem de ſe ir pera outra terra, que Deos os ajudaria, porque eſtavaõ à ſua conta, como couſa muyto do ſeu agrado.

4 Reſolveraõſe a deyxar a fortaleza, & officios, que nella tinhão. Mas nem iſto lhes deyxou fazer o Governador, aquem Deos não faltaria com o caſtigo, como não faltou a hum Capitão, que fora o principal motor deſta perſeguição, o qual dentro de poucos dias ſe myrrou de ſorte, que veyo a morrer a eſta vida temporal, & à eterna.

5 Vendo o Padre as alteraçoẽs, que avia no Reyno de Ginja, determinou paſſar ao Tanjaor, em que era maior a Chriſtandade. Quando lhe chegaraõ noticias, que eſtavão lâ as couſas mais perturbadas; porque o Governador das Provincias do Leſte, aonde o Padre avia ſinco annos fizera huma ermida, tinha jurado de matar atodos os Chriſtãos, induzido por Ramanay que guarda mor daquellas Provincias, homem deshumano, & inimigo capital da Ley de Deos; temido de todos por ſua fereza muyto mais, que o meſmo Rey; & tambem grandemente reſpeitado por ſeu officio. Morava elle em Tramgambar dentro da fortaleza dos Dinamarquezes, por iſſo el-Rey naõ podia caſtigar ſeus deſatinos, & elle com eſta ſegurança ſe fazia mais inſolente.

6 Viſitando eſte homem ao Governador, lhe pedio com os encarecimẽtos, que lhe ditava o ſeu odio, queimaſſe a ermida, que o Padre tinha feito em Xirrucarambur, tomaſſe aos Chriſtãos, o que tinhaõ; & lhes queimaſſe as povoaçoẽs, & deſterraſſe das ſuas Provincias; porque era gẽte taõ mâ, que venderão hum boi vivo aos Pranguîs da fortaleza de Tramgambar, pera o comerem. He naquelles

Reynos taõ grande esta culpa, que ella só basta pera se darem os castigos mais infames, que alli se costumaõ dar. Ajuntou a esta accusaçaõ muytas mentiras contra a ley de Deos, & seus Prégadores: com as quais se accendeo tanto em ira, que assentou consigo de fazer ainda mais do que se lhe pedia: porem depois considerando devagar no ponto elle, & seus parentes,& temendo a furia dos Dinamarquezes, que naõ tomariaõ bem o desaforo; julgou por mais acertado dilatar o castigo, & esperar pera elle melhor conjunçaõ.

7 Ouviraõ isto alguns soldados Christaõs assim do Governador, como do Guardamór;& na mesma noyte fizeraõ aviso aos Christaõs, pera que se acautelassem: fizeraõ estes cõsulta entre si, & se determinaraõ fallar ao Governador, pedindolhe, que fizesse provar os crimes, que contra elles dera o Guardamór. Recebeos com agrado; quanto ao parecer, encomendoulhes, que cultivassem as terras, pera que el-Rey naõ tivesse perda na sua fazenda; & como fazendo, que naõ sabia do caso, os despedio com affabilidade, que elles entendiaõ, era fingida.

8 Considerando os Christaõs, que se instassem na sua petiçaõ, poderia vir algum mal aos soldados Christaõs, q̃ lhes tinhaõ dado os pontos; fizeraõ de tudo aviso ao Padre Joaõ de Britto; rogandolhe mandasse visitar ao Principe Oreâr, & pedir carta de favor pera aquelle Governador, que os perseguia; porque vendo, que hum Principe de tanto respeito se metia neste negocio, & os patrocinava, naõ executaria, o que Romanayque lhe tinha pedido.

9 Pareceo ao Padre, que o pedir tal carta era cousa muyto arriscada; porque se o Governador respondesse ao Principe, que os Christaõs vendiaõ bois aos Prangûis, pera os matarem; tomaria fogo, & conceberia odio entranhavel contra os Christaõs, procedendo a castigos gravissimos, quais os demanda o sacrilegio mais horrendo, que hâ naquellas terras, pera o qual naõ ha perdaõ: nem alli se cançaõ muyto com averiguar a verdade, mas basta dizerse, pera vir logo o castigo sobre os que saõ tidos por culpados.

10 Naõ se accomodaraõ com razoens de tanto pezo os Bracmenes Christaõs, tendo pera si, que aquella carta seria o unico remedio pera naõ perecer toda a Christandade.

dade. Neftes pontos o Padre João de Britto naõ obftante fer de parecer contrario, por naõ moftrar, que antepunha o feu juizo ao dos de mais, mãdou pedir a carta de favor, q̃ o Principe com muyto boa vontade lhe mandou paffar, & dizia affim.

11 *Eu, bom Senhor, que gozo grandes fortunas, & que fou companheiro da Infantaria, vos tenho a vòs o Panamarâtam na minha lembrança. Vòs fabeis muyto bem, que tenho nas minhas terras, & trato com muyta honra ao Religiofo do Senhor de tudo, & pello venerar, lhe fis nas minhas terras huma cafa, em que mora, & enfina aos feus difcipulos. Eu fei, que o ditto Religiofo tem tambem cafa nas terras do voffo governo, & affim vos ordeno, que trateis as fuas coufas com taõ grande benevolencia, que me dê eu por bem fervido.*

12 Athe aqui a carta, que levou hum foldado Chriftaõ, fem defcobrir, que o era: eftava o Governador, quando fe lhe entregou, em audiencia, & lendoa lhe refpondeo logo a feguinte carta.

13 *Eu efcravo de voffa Alteza olhando pera feus reais pês, lançado por terra o adoro. Recebi como excellente dom a real carta de voffa Alteza, & humildemente digo, que voffa Alteza por naõ ter verdadeira noticia dos procedimentos, dos que feguem a ley do Senhor de tudo, os favorece. Elles faõ taõ bayxos, & infolentes, que fem terem refpeito às leys, nem olharem pera o que he peccado, naõ sò vendem os feus bois vivos aos Prãgûis, mas compram os alheios, pera lhos irem vẽder a Tramgambar, & a Nagapatam, os quais Prangûis como gente viliffima, bayxiffima, infame, & barbara fem temor de Deos, nem dos homens faz logo cahir os dittos bois)* & notefe que efta palavra, *matar bois*, nenhum gentio a hâ de dizer em publico) *& os cortaõ, & comem. A grande malicia defte horrendo facrilegio he bem manifefta a voffa Alteza, que tudo conhece: o crime eftà provado por meu fenhor Ragupandidem, que pôs efpias pera fe certificar defta verdade, & tem ordenado, que de huma vez conclua com efta gente. E voffa Alteza como taõ amãte da virtude, & zelozo da juftiça, feja fervido de o naõ impedir, porque de outra maneira feraõ fem numero os bois, & vacas, que cahiraõ, cahindo fobre nòs o pezo de taõ execranda maldade, pella naõ impedir com o caftigo merecido, & pera eu executar em taõ malvada gente o que meu fenhor me tem ordenado, fico efperando licença de voffa Alteza.*

 14 Efta

14 Esta a carta do Governador, & pera fazer ao Padre, & Christaõs mais aborrecidos do povo, antes de a mandar a fez ler em publico, & pera que outros tivessem occasiaõ de a ver, a entregou aberta ao soldado: como este era Christaõ, a entregou ao Padre Joaõ de Britto, o qual a deixou ficar na sua maõ, porque se fosse à do Principe, podiaõ nacer della muytos infortunios; & como elles tenhaõ por costume ler estas cartas em publico, se a ouvissem os povos, naõ eraõ evitaveis os inconvenientes, que dahi teriaõ sua origem.

15 Encomẽdou aos Christaõs, fizessem oraçaõ a Deos, pera que acudisse, & naõ triumfasse a mentira. Ouvio Deos suas oraçoens, & dẽtro de dous mezes foi deposto aquelle Governador com grande infamia sua, por se lhe provar, que tinha roubado muyto a el-Rey. Permittio Deos fosse maior a sua infamia, porque concorrendo gente innumeravel, a se lavar no mar junto de hum pagode, que dizem ser o primeiro, que ouve naquelle imperio, originandose o cõcurso por causa de hum eclipse do sol; alli foi fama constãte, que el-Rey mandara cortar os pés, & as maõs a este Governador, por ser ladraõ: foi esta fama divulgada por seus inimigos; ainda que depois se soube, naõ chegara a tanto o castigo, ficou infamado entre innumeraveis gentes, que com essa opiniaõ se partiraõ daquelle lugar pera as suas terras.

CAPITULO XXIV.

Trabalhando nas suas Christandades o livra Deos de alguns perigos, & se refere hum caso prodigioso de S. Francisco de Xavier.

1 JUlgando o Padre, que naõ convinha passar a Tanjaor, se partio pera o Norte a visitar as Christandades das provincias Vetavanaõ, Tirunvaley, & Xemgama, & passar ao reyno de Golocondâ, donde lhe vieraõ noticias, havia esperanças de grande colheita. Despediose em Cornapatû do Padre Jeronimo Telles; & tendo andado tres dias de caminho chegou a huma povoaçaõ, chamada Tanrey, que estâ entre Vatavanam, & Tirunamaley; alli assistio

tio dentro de hum matto quasi por hum mez, servindolhe de casa o vaõ entre dous penedos, sobre o qual cahia huma arvore ; & de Igreja huma ramada , que preparou pera dizer Missa.

2 Muyto padeceo alli o servo de Deos com os Christaõs, que lhe assistiaõ; era o lugar infestado de Tigres, cobras, & outros bichos venenosos, q̃ os naõ permittiaõ estar sem continuos sobresaltos. O calor do sol era excessivo, havia grande falta do necessario; o trabalho era tanto, que de dia apenas tinha tempo , pera rezar o officio Divino,& de noyte escassamente lhe ficava algum espaço de tempo pera repousar; porque todo era pouco , pera ouvir confissoens, & baptizar aos Cathecumenos. De madrugada dizia a sua Missa, & quando vinha rompendo a aurora, ja os Christaõs depois de a ouvir, se hiaõ retirando pera as suas aldeas. Teve tambem alli muytas disputas com os gentios, nas quais as ordinarias soluçoens eraõ muytas injurias , & affrontas, que elle sofria com a sua ordinaria paciencia.

3 Seis dias havia, que estava naquelle mato , quando em huma sesta feira, tendose ja retirado os Christaõs pera as suas aldeas, a hum que ficou mais afastado , investiraõ dous soldados da infame seyta do Lingaõ, perguntaraõlhe pello seu Padre,que vinhaõ apostados a tirarlhe a vida,por ser taõ soberbo, que tendolhe os Governadores prohibido ensinar naquellas terras a sua doutrina , elle sem temor a vinha ensinar.

4 Quando os soldados mais apertavaõ com o Christaõ, o guarda da aldea, a cujo cargo està vigiar de noyte,& ver quem entra, & sahe della, conhecendo que o Christaõ era seu parente, disse aos soldados, que o deyxassem , que elle naõ sabia, do que lhe perguntavaõ, que viera a visitalo, & por fugir da calma, se partira de madrugada. Por este respeito o deyxaraõ os soldados, & elle se foi logo dar aviso ao Padre, de quã perto estavaõ os soldados , & da determinaçaõ, com que vinhaõ.

5 Ouvindo-os, recolheo,& occultou as alfayas sagradas; & com alguns Christaõs se pôs em oraçaõ, persuadidos , que Deos naquelle dia, em que dera a vida por nós, queria, que a dessem tambem por elle. Oito eraõ os Christaõs companheiros do Padre, & ja quasi se davaõ o parabẽ da ditosa sorte do martyrio ; mas como os soldados antes

de

de amanhecer naõ puderaõ atinar com a estancia do Padre, tanto que abrio a menhãa, deixaraõ seus maos intentos, & se retiraraõ, sem fazerem mais diligencia pello lugar, que buscavaõ.

6 Neste mesmo tempo eraõ grandes as hostilidades, q̃ fazia nas provincias de Veteranam, & Tirunamaley, em que o Padre estava, o Regulo Xilanayque por parte del-Rey de Mayssur: naõ havia quem puzesse freyo às insolencias, & cada qual fazia o que queria; taõ desordenado andava tudo com a perturbaçaõ da guerra. Succedeo pois que junto ao matto, donde assistia o Padre roubaraõ os ladroens setenta moedas de ouro a hum mercador pello meyo dia. Indose o roubado queyxar ao Governador da provincia, alguns dos seus ministros lhe aconselharaõ, que impuzesse o furto ao Padre Joaõ de Britto, dizendo, que os Christaõs, q̃ de todas as partes acodiaõ àquelle matto, por seu mandado haviaõ cometido aquelle furto: & que com esta capa o podia prender, & quando lhe sahisse das maõs com vida, seria com ordem de naõ voltar mais às suas terras a ensinar tal doutrina. Tooulhe o alvitre,& mandou logo pôr a ponto gente de pé,& de cavallo pera prender ao Padre; mas foi Deos servido, que por outra via se descobrissem os ladroens, & ficassem livres o Padre, & os Christaõs do perigo, que lhes estava armado.

7 Do Reyno de Ginja passou ao de Golocondâ; & chegando a Utaranalur Cidade muyto populosa, achou, q̃ muytos se tinhaõ resolvido a deyxar a adoraçaõ dos idolos. Dia do Espirito Sancto baptizou alli a cento, & oitẽta, que achou bem catequizados, & ensinou o catecismo a outros muytos. Porem como se naõ pudesse alli deter tanto tempo, deyxou dous catequistas, que fabricassem a seara; passou outra vez pera o Sul; atravessando pello reyno de Velur, entrou no de Ginja, aonde se deteve só quinze dias pera baptizar os catecumenos, & administrar os Sacramentos. Logo passou a Tanjaor apressando as jornadas por causa das inundaçoens dos rios, que ja vinhaõ começando.

8 Visitando as Christandades daquelle reyno, chegou a huma povoaçaõ chamada Xatipari, na qual em casa de hum Christaõ fez huma pequena ermida. Achou ter Deos alli perto obrado huma maravilha por intercessaõ de

S. Fran-

S. Francisco de Xavier, que he das prodigiosas, que tem obrado este grande Apostolo da India.

9 Guardavaõ gado tres moços, dous gentios, & hum Christaõ: veyo sobre elles hum grande chuveiro; pera se defenderem, se meteraõ debayxo de huma bem copada arvore; cahio hum rayo, que os matou a todos tres: buscaraõ os pays a seus filhos, & os acharaõ mortos ao pé da arvore; aos dous gentios enterraraõ seus pays com as ceremonias da infame seyta de Lirigam, da qual eraõ, & cujo idolo traziaõ pendente de seus pescoços. Ao Christaõ, q̃ tinha sido baptizado pello Padre Joaõ de Britto, como tã bem seus pays, levaraõ estes pera sua casa, pera o sepultar cõ as ceremonias da Igreja. Ja estavaõ pera o enterrar, quãdo sua may levada de huma grande fé, & devaçaõ, fez esta queyxa ao Sãcto Xavier, cujo nome tinha o seu filho morto: Meu Sancto glorioso, pouco tempo ha, que recebi a sancta ley, tendo firme confiança, que o Senhor, aquem eu servia, por vossa intercessaõ havia de amparar todas as minhas cousas, assim o tenho dito a meus parentes gentios, q̃ agora me lançaõ em rosto a desestrada morte de meu filho, que tem o vosso nome. Pera que elles se confundaõ, & todos vejamos a efficacia de vossa proteçaõ; vos rogo alcanceis vida a este meu filho. Palavras naõ eraõ dittas, quando com assombro da may se levantou o filho com vida diante de seus olhos, sem lezaõ alguma, amodo de quem se levantava de hũ suave, & doce sono. Logo o trouxeraõ à Igreja com huma offerta ao Sancto, dandolhe as devidas graças por mercê taõ assinalada; que servio de os confirmar mais na fé, & confundir ao gentilismo.

CAPITULO XXV.

Livrao Deos de ser prezo. Por meyo do sancto baptismo se livraõ muytos do poder do Demonio; & referese a singular constancia na fê de hum Christaõ chamado Gaudioso.

1 Visitadas as Christãdades das provincias de Manarcoil, & cabo da Calhameyra, chegou na antevespora de S. Lourenço à sua pobre casa de Xirucarambur aonde

onde acodia a maior parte das Christandades de Tanjaor. Aos 8 de Setembro passou ordem o novo Governador daquellas provincias, que succedeo ao que escreveo a carta, que assima referimos, pera que o prendessem, & se lhe confiscasse tudo: naõ se deu esta ordem à execuçaõ naquella noyte, porque sabendo della os Christaõs, depois de varias altercaçoens resolutamẽte disseraõ ao Governador, q̃ se prendia ao Padre, que logo haviaõ de despovoar a terra, & passar a outra. Eraõ ja muytos os Christaõs, & temendo que as rendas da coroa, que elle trazia arrendadas, teriaõ grandes diminuiçoens, se os Christaõs se ausentassem; passou segunda ordem, que naõ prendessem ao Padre.

2 Porem lâ pella meya noyte, instigado dos inimigos de Deos, mandou hum Capitaõ de cavallos com alguma gente de pé, pera que lhe cortasse a cabeça, sem se saber de donde lhe viera o golpe, & que lha trouxessem, porque a queria ver. Ja chegava perto do lugar, aonde estava o Padre, quando o Ceo sahio em sua defensa com huma grossa, & porfiada chuva acompanhada de relampagos, & trovoens taõ espantosos, q̃ parece cahia todo o Ceo sobre aquelles atrevidos homens; os quais em tanta confusaõ perderaõ o tino, & por entaõ deyxaraõ seus depravados intentos.

3 Mas como o Governador naõ estivesse mais, q̃ meya legoa de distancia do lugar, aonde assistia o Padre; os soldados da sua guarda, que eraõ quasi todos Christaõs, deraõ aviso ao Padre de tudo, o que passava. Sabendo tudo o Padre, & julgando com os mais Christaõs, que com elle assistiaõ, que o auzentarse naquella occasiaõ cedia em menoscabo da ley de Deos, se deyxaraõ ficar, aonde estavaõ; & Deos que tudo governa, mudou o coraçaõ daquelle idolatra pera naõ continuar em seus maos intentos.

4 Dahi a alguns dias se partio da quelle lugar pera o reyno de Ginja, aonde chegou depois de ter passado nem menos que sete rios a nado, ajudandose de algum pao, em que se pegava. Desde os ultimos de Setembro athe quatorze de Dezembro esteve naquellas Christandades, aonde o veyo visitar o Padre Jeronimo Telles, cõ quem se consolou. He este hum dos maiores alivios, que costumaõ ter nas suas peregrinaçoens os Missionarios, aquem o Ceo naõ falta com outros muytos. Dali passou com muytos traba-

lhos

lhos a Tanjaor, pera celebrar naquellas terras a festa do Natal, que se celebrou com notavel devaçaõ, & concurso dos fieis: desde a vespora de S. Thome athe dia de JESUS passaraõ de mil, & oitocentos, os que receberaõ os Sacramentos da confissaõ, & comunhaõ. Baptizou em todo este anno mil, & tres pessoas.

5 Foi grande a mercê, que fez Deos por meyo do baptismo a huma Bracmena gentia; o *D*emonio a tinha tomado à sua conta, vexandoa de mil modos, ja apertandolhe a garganta, ja andandolhe com a cabeça à roda com tanta vehemencia, que sete, ou oito pessoas a naõ podiaõ ter maõ. Outras vezes a lançava no matto, & alli a apertava,& intricava tanto, que naõ era facil tirala do lugar, donde o Demonio a lançara. Era muyto nobre, & rica,por isso mais notorio o seu trabalho. Ouvio dizer as maravilhas, que Deos obrava nos q̃ ouviaõ a ley sãcta,& se resolveo a deyxar os idolos. Por dez mezes ouvio o catecismo; depois de bem provada, a baptizou o Padre Joaõ de Britto, ficando livre dos desasossegos,em que a trazia o Demonio. Em lugar das vexaçoens do *D*emonio succederaõ as de seus parentes, que por se ter feito Christaã, a injuriavaõ, quanto podiaõ: tudo sofria com paciencia; servindo as molestias, que lhe davaõ os homens, de estimulo pera se unir mais cõ Deos.

6 Mais de vinte pessoas aquelle anno foraõ livres do Demonio pellas oraçoens do Padre. Huns com os feitiços estavaõ tisicos cõfirmados,outros taõ coyxos,q̃ se naõ podiaõ ter nos seus pés;sẽdo necessario,q̃ os parentes os trouxessem em andores: todos depois de catequizados recebẽdo o sancto baptismo cobraraõ saude na alma,& no corpo; & se recolheraõ alegres pera suas terras, deyxando muytos os andores em testimunho do beneficio recebido.

7 Assistindo o Padre em Tanjaor, levantou o Demonio huma das maiores perseguiçoens, que ouve naquelle reyno; começou esta na provincia de Carajambatû. O Padre Joaõ de Britto foi o primeiro, que alli plantou a fé, & athe aquelle tempo a cultivava com seu grande zelo,& fervor. No fim do anno de mil seiscentos oitenta, & quatro prenderaõ a hum Christaõ por nome Gaudioso de dezoito annos de idade; deraõlhe grandes tormentos, pera deyxar a fé: trinta, & dous dias esteve carregado de ferros em hũa

aſpera prizaõ; todos os dias o levavaõ a juizo, & o açoutavaõ, dandolhe golpes em todo o corpo, em que ja ſe naõ viaõ mais, que feridas; perſuadindo-o aſſim os Meſtres dos gentios, como os Magiſtrados, que todos eraõ ſeus parentes, & elle muyto nobre, que deyxaſſe a ley de Deos. Vẽdo que nenhum mao tratamento, nem perſuazoens o abrãdavam; com as lagrimas nos olhos lhe diſſeram a grande deshonra, que era de todos os ſeus parentes ſer tantas vezes açoutado por couſa taõ vil, & bayxa, como era ſer Chriſtaõ; que naõ avia maior deſcredito, que deyxar de adorar aos Deoſes, aquem reconheciaõ tantos letrados, Reys, & povos; em cuja honra ſe tinhaõ diſpendido tantos teſouros, pera lhes edificar templos grandioſos, & dignos da ſua divindade: que era eſtranho deſatino cuidar hum moço, que acertava, & que hiam errados tãtos ſabios. Logo lhe encareciaõ a nobreza da ſua familia, & a grande afronta, que por ſeu reſpeito padecia.

8 De todas eſtas, & outras razoẽs naõ fez cazo algum o bom Chriſtaõ; reſpondendo, que a ſua nobreza era padecer por Chriſto; que quanto ao ſeguirem poucos a Ley de Deos, pera elle nada importava; que ſó tratava de ſeguir a verdade, ſem olhos em que a ſeguiſſem muytos, ou poucos; que eſtava reſoluto a deyxar antes a vida, que a ley, por razão daqual eſtava prezo.

9 Enfureceraõſe tanto com eſta repoſta os gentios, q̃ no dia ſeguinte por publica ſentença o condenaraõ à morte. Succederaõ neſta occaſiaõ dous cazos, depois de o Chriſtaõ eſtar condenado, dignos de eterna memoria: foi o primeiro, que huma menina de onze annos, & Cathecumena, parenta muy chegada do Chriſtaõ, ſabendo o que paſſava, entrou no carcere, & pondoſe de joelhos a ſeus pés lhe diſſe: Meu Irmaõ, eu lhe invejo muyto a boa ſorte de dar a vida por Chriſto, rogolhe encarecidamente, que quãdo ſe vir diante de ſua divina Mageſtade, lhe peça, me dê ſemelhante ventura, & meyo pera receber o ſancto baptiſmo. Ficaram attonitos os guardas com tanta conſtancia, & hum delles com toda a ſua familia ſe reſolveo a deyxar os idolos, & ſeguir a Chriſto.

10 O ſegundo cazo foi, que aquelle ſancto Chriſtaõ deyxando fiador em o carcere, aquella noyte ſe foi deſpedir da may, da molher, & mais parentes, a quem o Padre

com

com outros muytos tinha baptizado o anno antecedente; aos quais fallou desta maneira: No dia de à menhaã vou dar a vida pella Ley de Christo; com nenhumas palavras posso explicar o gosto, que disso tenho: tres cousas vos peço: a primeira, que rogueis a Deos, que me dê perseverãça athe o fim: a segunda, que naõ tenhais por infamia vossa esta minha morte, antes pella mayor honra, que Deos faz aos que quer bem, daqual eu me reconheço, & sou indigno: a terceyra, que nem as perdas da honra, nem da fazenda, vos obriguem a deyxar a Ley de Deos. Responderaõ todos, que por cousa nenhuma deste mundo deyxarião a sancta Ley, que tinhaõ abraçado, & que estimavaõ mais, que suas vidas.

11 Depois de se consolarem, & animarem estes fervorosos Christaõs; o alentado mancebo Gaudioso com mayor gosto, do que sahira do carcere, se tornou a elle. Neste tempo estava o Padre Joaõ de Britto mais de noventa legoas daquelle lugar, & prezo pello Canaâs com grande rigor, & aperto: por esta causa naõ lhe foi possivel assistir a este seu Christão. Porem os Catequistas, & mais Christaõs sabendo, que Gaudioso naõ fora prezo por ordem del-Rey, mas por odio dos Magistrados seus parentes, trouxeraõ ordem do Governador, & General, pera que fosse solto, & se restituisse aos Christaõs tudo quanto lhe tinhaõ confiscado.

CAPITULO XXVI.

De como foi prezo, & solto; dasse tambem noticia de huma grande perseguiçaõ, que padeceo a Christandade em Tanjaor.

1 EM quanto Gaudioso em Tanjaor dava este singular exemplo de sua Fé, & constancia; esteve prezo com grande aperto o Padre Joaõ de Britto nas terras do Sul do Reyno de Maduré em huma Provincia, aonde athe aquelle tempo naõ tinhaõ entrado os Padres Missionarios. Alli, por naõ ter ainda caza, fez sua assistencia em hum palmar; nelle prégava a Fè de Christo a muyta gente, que cõcorria a ouvilo, da qual muytos a abraçaraõ.

2 Naõ sofreo o Demonio, que lhe escapassem tantas almas, & assim em huma noyte, que o Padre estava pera baptizar duzentos Catecumenos, se amotinaraõ os gentios da povoaçam visinha, & com muyta gente de armas, ao modo, que os Judeos a Christo no horto, o foraõ prender no palmar. Teve desta sua vinda noticia o sancto Padre, & à imitaçaõ de Christo lhes sahio ao encontro, preguntando, aquem buscavaõ? Neste tempo tiveraõ lugar os Catecumenos, pera se retirarem a seu salvo; foi prezo com os Catequistas, que o acompanhavam.

3 Nelles fartaraõ o seu odio; cruelmente os açoutaraõ, roubandolhe, quanto tinham. Muytas vezes vieraõ, pera lhes cortar as cabeças, que elles offereciam com mais vontade, do que os gentios lhas dezejavaõ tirar dos hombros. Porem nunca se a foutaraõ a lhes dar a morte, porq̃ a prizaõ nam fora feita por ordem do Nayque, nem dos governadores, mas só por odio das Castas, ou familias, que tinham por grande deshonra, que cousa sua recebesse a Ley de Deos: & assim depois de algum tempo os soltaraõ a todos.

4 Depois de sahir da prizaõ teve noticia o Padre Joaõ de Britto do que tinha passado com Gaudioso em Tanjaor, & com os de mais Christaõs; atravessando aquellas terras passou logo a Tanjaor, foi a caza de Gaudioso, a quem deu o parabem do valor, & constancia, com que tinha feito rosto aos gentios; & dalli mandou dizer aos que tinhaõ levantado a perseguiçaõ; que se nelles avia alguma duvida contra a Ley de Deos, naõ era justo a averiguassem com aquelle Christaõ, que naõ era letrado na Ley, que professava; que elle estava prezente, pera responder a tudo; & com razoẽs, & com a mesma vida prompto pera sahir a campo pella verdade. Naõ quizeraõ os gentios aceitar a disputa, ainda que sentiam muyto, que tantos desprezando aos seus Deoses, abraçassem a Fé dos Christaõs.

5 Levando mal o inimigo de nossas almas, que tantos gentios se convertessem fazendo em pedaços, metendo debayxo dos pés, & lançando no fogo, ou nos rios os idolos, que antes traziaõ ao pescosso: ordio a mais formidavel perseguiçaõ, que padeceraõ naquelle Reyno os Christaõs.

6 Sahio huma ordem do primeiro Ministro do Reyno, em que dispunha, que todos os Christaõs fossem prezos, & leva-

levados a Combucânaõ, aonde elle assistia: pera esta execuçaõ mandou ministros, & soldados por todo o Reyno. Começaraõ as prizoẽs dia de Reys nas Provincias do Norte, assistindo nesse tempo o Padre nas Provincias do Sul, aonde lhe chegou a noticia aos nove de Janeyro. Logo se poz a caminho pera Combucânaõ; mas os Christaõs, que athe alli naõ tinhaõ sido prezos, antes de o Padre entrar na cidade, lhe sahiraõ ao encontro, & cõ rezoẽs convincentes lhe persuadiraõ, que passasse o rio Colaraõ, que divide o Reyno de Tanjaor do de Ginja, pera delà com o seu conselho, & direçaõ assistir aos Christaõs de Tanjaor; que todos estavaõ pendentes da sua vida.

7 Julgou que tinhaõ razaõ; & posto por elles sobre hum feyxe de lenha passou o rio, que entaõ hia caudaloso. Daquelle posto acodia, quanto lhe era possivel, aos Christaõs. Jâ todos os carceres do Reyno estavaõ cheyos de Christaõs, a quem depois de confiscados os bens, davaõ crueis tormentos, pera deyxarem a Fé. Quizera o Padre visitar em pessoa ao Rey, & dar razaõ de si, & dos seus Christaõs, mas naõ teve occasiaõ. Crecendo de cada ves mais as ondas furiosas daquella tempestade; os Christaõs da corte, aonde athe entaõ naõ avia prizoẽs, em hum corpo pediraõ ao General do exercito, que era Mouro, os patrocinasse diante del-Rey, pera que lhes desse audiencia; & que se os achasse culpados, lhes mandasse a todos cortar logo as cabeças. Respondeo o Mouro, que a sua intercessaõ naõ poderia ser de grande effeyto, porque todos os Bracmenes estavaõ contra a Ley de Deos: mas que se a cazo se offerecesse occasiaõ, & el-Rey lho perguntasse, seria de parecer, que os ouvisse.

8 Sabendo hum gentio chamado Romanayque, que era o motor de toda esta perseguiçaõ, o que pertendiaõ os Christaõs por meyo daquelle Mouro; o mandou visitar, pedindo-lhe, naõ patrocinasse aos Christaõs, inimigos naõ menos do seu grande profeta Mafamede, que o eraõ de todos os Deoses daquelle Reyno; que os deyxasse acabar de huma vez; que se assim naõ fosse, em poucos annos naõ averia hum só homem, que adorasse aos Deoses; & que depois viriaõ os Europeos, & sogeitariaõ a todo o Reyno; q̃ esta era a traça, com que se tinhaõ feito senhores de tantas terras no Oriente. E pera que as suas razoẽs tivessem melhor

lhor aceitaçaõ no agrado daquelle Mouro, lhe mandou hũ grandioso prezente, & hum cavallo com todos os adereços de prata. Alegrouse o Mouro com a offerta, & dalli por diante mostrou em tudo mâ vontade aos Christaõs.

9 De tudo avizaraõ logo os Christaõs ao Padre, & todos os dias mandavaõ noticias por dous, & mais proprios, se eraõ necessarios. Estando as cousas nestas alturas; os Christãos da corte, dos quais muytos serviaõ de levar os provimentos à cavallaria, & elefantes del-Rey, determinaraõ de se retirar, & deyxar sem provimento os elefantes, & cavallos. Este conselho lhes deu hum Mouro principal, dizendo, que só por este caminho teriaõ audiencia del-Rey. Tendo el-Rey noticia, deque pereciaõ os cavallos, & elefantes, mandou logo examinar a causa daquella falta.

10 Jâ neste tempo estava passado decreto, que nenhũ Christaõ ficasse no Reyno, & que nelle senaõ pregasse mais a Ley de Deos. Conhecendo o Rey, & Ministros, que o faltarem os Christaõs com os provimentos aos elefantes,& cavallaria, tudo era, porque os naõ queria el-Rey ouvir, & pôr os olhos na sua justiça,o primeyro Ministro do Reyno chamou aos Christaõs mais principais, & lhes deu vista das culpas, que contra elles dera Romanayque, as quais se reduziaõ a quatro.

11 Primeyra, que os Christaõs nem adoravaõ aos seus Deoses,nem reverenciavaõ aos seus templos. Segunda, que naõ avia entre elles cousa particular, mas que athe as molheres eraõ commuas. Terceyra, que as Virgens aviaõ de ser violadas antes de se receberem. Quarta, que o timbre da Ley de Deos era beberem todos por hum mesmo pucaro de barro o leyte, & que bebiaõ cuspindo primeyro nelle, dizendo aos Christaõs, que se puzessem contra seu Rey por parte dos Europeos.

12 A estas calumnias responderaõ os Christaõs,que elles só adoravaõ ao verdadeyro Deos, que fez o Ceo, & a terra, que naõ adorariaõ a outro, ainda que lhes custasse a vida. Que a nenhum dos seus Deoses reconheciaõ por tal, nem faziaõ cazo dos seus templos. Que os outros capitulos, que se lhes davaõ, eraõ falsissimos; que se se provasse ser algum delles verdade, eraõ contentes, de que lhe tirassem as cabeças dos hombros, & confiscassem os bens, & sobre

bre tudo offereciam mil patacas pera el-Rey; de que passaram obrigaçam, & deram tambem fiança.

13 Passados que foram quinze dias, escreveo el-Rey ao Governador de Combucânam, que tinha prezo aos Christaõs, remettendolhe o assinado, que estes tinhaõ passado em Tanjaor, & aos mesmos, que o passaraõ. Extraordinario foi o sentimento daquelle Bracmene, por ver, q̃ taõ poucos Christaõs intẽtassem frustrar seus designios. Foraõ muytos de parecer, que os Christaõs fossem arrastados pella cidade, atados a caudas de jumentos, & mortos afrontosamente, que depois com algum crime imposto capeariam, ou desculpariam esta sua maldade.

14 Porem o Bracmene, que presidia lançou no meyo do consesso a carta del-Rey, dizendo: que se alguem se atrevia a provar alguma daquellas culpas, que naõ só âquelles, mas a todos os mais Christaõs mandaria logo matar; & que senaõ ouvesse, quem as provasse, que elle naõ mandava mais, que seu Rey; que só ordenava, se procedesse a castigo, depois de provados juridicamente os crimes, que se impunham. Como naõ ouvesse, quem os provasse; por sentẽça publica deu o Juis aos Christaõs por livres, & que pudessem viver na sua Ley, como athe aquelle tempo o faziaõ: desta sorte ficou revogado aquelle perniciosо decreto.

15 Todo este successo taõ diverso do que se temia, affirma na sua carta annua de mil seiscentos, & oitenta, & sinco o Padre Luis de Mello, a bayxo de Deos se devia às boas direçoẽs do Padre Joaõ de Britto, Superior, que entam era da missaõ; & diz o mesmo Missionario, que quando todos davaõ por acabada a Christandade, & a Fé no Reyno de Tanjaor, foi Deos servido, de que ficasse com mais credito, sendo este hum dos fructos, que deu aquella perseguiçaõ.

CAPITULO XXVII.

Padece com os seus Catequistas em o Reyno do Maravâ muytas prizoẽs, & tormentos, & como Deos o livrou da morte, a que estava condenado, & outras cousas, que entaõ succederaõ.

1 COmpostas assim, & quietas as cousas de Tanjaor, passou o sancto Padre ao Reyno do Maravâ, aonde avia

avia desoito annos naõ tinha ido Padre Missionario, por se temerem grandes perturbaçoẽs nas Christandades, que alli avia, a respeito da perseguiçaõ, que o Rey antecessor ao que entaõ dominava, havia levantado contra os Christaõs no anno de mil seiscentos sessenta, & nove, como se refere nas cartas annuas daquelle tempo.

2 Antes de entrar em taõ difficultosa empreza, consultou a hum Padre Missionario antigo; que por muytas razoẽs foi de parecer, que tal cousa naõ intentasse, pellos grandes perigos, & inconvenientes, que se offereciaõ. Respondeo o veneravel Padre, que elle naõ pedia conselho, se avia, ou naõ avia de passar ao Reyno de Maravâ, que isso tinha elle determinado comsigo, mas queria saber, que meyos lhe facilitariaõ a entrada; & como estes senaõ apontavaõ, que todo se punha nas maõs de Deos, que como a obra era toda sua, naõ deyxaria de o favorecer na jornada, como o ajudava nas demais.

3 Com esta resoluçaõ, & como quem a cousa, que menos estimava, era a vida temporal, em Mayo de mil seiscentos oitenta, & seis entrou no Reyno de Maravâ, com taõ bom successo, que athe os dezasete de Julho baptizou a mais de dous mil, & setenta; confessou a todos os Christaõs, assistindo de dia, & de noyte neste sancto ministerio, & no de baptizar; admirando os mesmos gentios, de que pudesse hum só homem aturar taõ excessivo trabalho.

4 Depois de consolar aquelles Christaõs, que como terra sequiosa avia dezoito annos esperavaõ a chuva do Ceo; aos dezasete de Julho partio pera as provincias do Norte, aonde antes mandara quatro Catequistas, que tinhão jâ doutrinado grande numero de Catecumenos. No caminho passando por Mangalaõ se encontrou com o Governador do exercito do Maravâ, que com mil soldados conduzia a maior parte da gente da cidade, & do Paço, pera hum Pagode distante oito legoas, em ordem a explorar com certa ceremonia, que usaõ, quem tinha furtado a el-Rey hum colar de preciosissimas perolas, & de muyto grande valor.

5 Visto naõ ser muyta a digressaõ, naõ serâ cousa de desgosto aquem ler, ouvir a superstiçaõ, & modo, com q̃ fazẽ esta diligencia, & he o seguinte. Na terça feyra ao meyo dia poem sobre hum altar hũa barra de ferro abrazada,

aqual

a qual vaõ lambendo os Sacerdotes do Pagode cada hum em nome de huma das pessoas, que hâ de fazer o juramento, & naõ dura mais, que athe a huma hora; se algum dos Sacerdotes queymou a lingoa, aquelle por cuja tençaõ lãbeo o ferro, fica culpado; & se a naõ queymou, he julgado por innocente. Depois de lamberem o ferro, fechaõ aos Sacerdotes em huma caza do mesmo Pagode athe as tres horas da tarde; neste tempo vaõ tres ministros dos principais, & raspandolhe muyto bem a lingoa com huma folha de palmeira, se dizem, que naõ esta queymada, fica tido por innocente aquelle por cuja tençaõ lambeo; & se affirmaõ, que se queymou, o daõ logo por culpado: naquella occasiaõ entre mais de mil pessoas, por cuja tençaõ se lambeo o ferro, só duas sahiraõ culpadas.

6 Sabendo pois o General, que conduzia esta gente pera o Pagode, que passava o nosso Missionario com sinco Catequistas, os mandou prender, & tomar quanto tinhaõ: mandou os açoutar cruelmente, persuadindoos, a que dissessem: Xivâ, Xivâ, nome de hum celebre idolo. Como nem o Padre, nem os Catequistas quizessem tomar na boca nome taõ infame, por mais que instaraõ os gentios athe alta noyte; carregaraõ de grilhoẽs ao Padre, & o amarraraõ a hum cepo no meyo da praça, & nelle puzeraõ tambem aos Catequistas com huma companhia de guarda.

7 Passaraõ toda a noyte em vela, à imitaçaõ de Christo em sua payxaõ, feytos ludibrio dos soldados. Pella menhaã concorreo gentio sem conto a ver os inimigos capitais dos seus Deoses; & aquelle cuidava fazia maior obsequio aos idolos, que mais afrontava aos prezos: naõ se podem dizer em poucas palavras as injurias, & mao tratamento, q̃ aqui se lhes fez a todos: huns lhe cospiaõ nos rostos, outros lhe davaõ bofetadas, outros com paos descarregavaõ sobre elles.

8 Neste penoso martyrio estiveraõ athe o meyo dia à torreyra do Sol, que era grande: Depois lhe deraõ tratos de agoa, que elles costumaõ dar nesta forma. Amarraõ ao padecente huma das maõs atras com huma corda, & o lançaõ em huma alagoa, aonde se lhe poem hum homem sobre o corpo, depois o tiraõ à praya, pera que diga, o que elles querem, que confesse. Tanto, que deraõ estes tratos de agoa assim ao Padre, como a seus companheiros, os leva-

raõ pera huma fortaleza chamada Calicoil,que diſtava tres legoas daquelle lugar.

9 No caminho os trataraõ com grande inhumanidade, & com muyto maior depois de chegarem à fortaleza. Era hum dos Catequiſtas homem jâ velho, tinhaſe criado no Paço, & por eſſa razaõ conhecido do General; naõ ſervio o conhecimento de outra couſa,mais que de ſer o principal objecto das indignaçoẽs do General: que mandou foſſe açoutado, o que ſe fez por mais de meya hora; depois, que nû o arraſtaſſem por hum monte abaxo, cheyo de eſpinhos, & pedras; & que hum a hum lhe arrancaſſem os cabellos das barbas; julgando todos, que eſtava jâ morto, o mandaraõ queymar com hum tiſſaõ de fogo em duas, ou tres partes do corpo; o que elle por entaõ naõ ſentio.

10 Ao Padre mandaraõ carregar de ferros nos pes; entre eſtes lhe meteraõ huma eſtaca, & junto deſta puzeraõ outra mais atras, em que lhe ataraõ as mãos pella parte das coſtas, ficando o corpo feito a modo de hum arco. Depois de o tirarem das eſtacas; a elle, & aos Catequiſtas carregados de ferros os meteraõ todos ſeis em huma pequena caza, em que apenas cabiaõ tres peſſoas; alli paſſaraõ aquella noyte; & jâ avia dous dias, & duas noytes, que naõ tinhaõ comido couſa alguma, ſuſtentandoſe dos tormentos, que com eſtes ſe alentavaõ antigamente os ſanctos Martyres, & à ſua imitaçaõ tinhão agora forças pera penar eſtes noſſos. Daquelle carcere os mudaraõ pera outro,ainda que mais largo, mais horroroſo pella eſcuridade,& mao cheyro; doze dias eſtiveraõ neſte carcere padecendo trabalhos extraordinarios; depois de ter paſſado tres dias inteiros ſem comer, lhe davaõ hum pouco de arros cozido em agoa de vinte em vinte, & quatro horas.

11 Paſſados os doze dias ordenou o General ao Governador da fortaleza, que lhe remeteſſe os prezos; aſſim o fez indo elles atados com cordas pellos pulſos; & pera os ſegurar, huma cõpanhia de ſoldados. Deſte modo andaraõ ſinco legoas por caminhos aſperos,de mattos, & penedias, com grandes calores: eraõ entaõ os da canicula. Chegados aonde eſtava o General, & aprezentados os prezos diante de grande numero de Miniſtros, lhes perguntou o Principal, ſe eſtavaõ aparelhados, pera dizer: Xivâ, Xivâ: como todos reſpondeſſem, que de nenhuma ſorte: lhes deraõ

raõ muytas bofetadas; dando a primeira ao sancto Padre Joaõ de Britto, offereceo elle a outra face, pera levar a segunda: o que vendo hum dos Ministros disse pera os outros: o primeyro, que ensinou a ley, que este segue, deyxou por preceito, o que elle agora fez.

12 Logo lhes intimaraõ a sentença do Rey, que dizia assim: Por este Gru, ou Mestre da ley do Senhor de tudo vir ensinar huma nova seyta a estes reynos em tudo cõtraria às nossas, & por naõ querer pronunciar o nome do grãde Deos Xivem, nem ordenar aos seus discipulos, que o pronunciem, lhe seraõ cortados os pés, & as maõs, & serà espetado, & o mesmo castigo se darà aos seus maiores Catequistas, & aos tres mais pequenos cortaraõ hũ pé, hũa maõ, os narizes, a lingua, as orelhas, & os deyxaraõ ir vivos.

13 Notificada esta sentença, açoutaraõ cruelissimamente ao Padre, & aos Catequistas grandes, dandolhe tãbem tratos encima de hũ penhasco de pedra pomes, sobre o qual os puzeraõ despidos, attado só hum pano pella cintura, & deytando-os ora de bruços, ora de costas, se lhe punhaõ sobre os corpos athe sete, ou oito pessoas; com este pezo se metiaõ pellos corpos os bicos das pedras. Quando se fazia esta crueldade, ardia tudo com o excessivo calor do sol, com o qual se lhes dobrava o tormento.

14 Depois veyo hum official com hum espeto de pao, em que havia de ser espetado o Padre, & huma enxô pera lhe cortar a elle, & aos Catequistas os pés, & as maõs: tudo estava a ponto; porem Deos, que só queria por entaõ provar a este seu servo, divertio a ultima execuçaõ; porque chegou naquelle tempo huma carta del-Rey ao General, em que a toda a pressa, cortando por quaisquer execuçoẽs, que tivesse entre maõs, lhe ordenava, marchasse logo com toda a gente de guerra, pera onde elle assistia, por quanto hum seu cunhado estava resoluto de se rebellar, trazendo em seu favor, & ajuda ao Rey de Tanjaor.

15 Porque o aperto naõ permittia demora alguma, & devia de a haver, ainda que naõ muyta, athe a ultima execuçaõ, se interrompeo tudo; logo os recolheraõ carregados de ferros em hum formidavel carcere, com grandes cautelas, pera que naõ se escapassem. Dezoito dias havia, q̃ estavaõ naquella clausura padecendo as vexaçoens, que se deyxaõ considerar: quando entrou no carcere hum escri-

vaõ, pera intimar ao Padre a sentença, que por informe do General lhe dava el-Rey: toda se presumia, em que o Padre fosse espetado, depois de lhe cortarem os pés, & as maõs. Ouvida esta notificaçaõ, perguntou o Padre, se a sentença se havia de executar alli, ou em outra parte? Respõdeo; que só se saberia, quãdo viesse segunda ordem del-Rey. Deu logo graças a Deos por taõ inestimavel mercê, & pedio aos Christaõs, que tambem lhas dessem: em acçaõ de graças rezaraõ todos o Rozario da Senhora, pedindolhe juntamente, que a todos lhes alcançasse a graça final.

16 Passados quatro dias chegou ordem del-Rey, pera que os prezos fossem levados à corte, que distava trinta legoas daquelle lugar: algemados de dous em dous, conduzidos por alguma soldadesca foraõ caminhando; chegaraõ à corte depois de sinco dias com os pés taõ chagados, & feridos, que athe aos mesmos gentios causavaõ compayxaõ. O carcere, em que os meteraõ, foi a estrebaria dos cavallos, tratando-os como se fossem brutos, & naõ homens: neste lugar esteve o sancto Padre mais de hum mez metido em grilhoens de extraordinaria grandeza.

17 Alli foraõ disputar com elle os maiores letrados do reyno; todos sahiraõ da disputa convencidos, & cheyos de tanta admiraçaõ, que foraõ dizer ao Rey, que o Padre ensinava huma doutrina rara, & singular, & ainda que era encontrada com a sua, elle a provava com razoens taõ firmes, & explicava com taõ boas comparaçoens, que quem as ouvia, as naõ podia desfazer. Isto diziaõ os que tinhaõ melhor entendimento; que os outros, aquem a sua cegueira naõ deyxava penetrar da verdade, diziaõ, que era ignorante, & que só o odio, q̃ tinha a seu Deos lhe fazia excogitar algumas razoens à primeira face verdadeiras, mas em si falsas, & pouco solidas.

18 Com estas noticias mandou o Rey por muytos ministros, & athe por seu filho mais velho, q̃ invocasse o nome de Xivem, ou que pello menos mandasse aos Christaõs, que o invocassem, porque tinha por grande vituperio, perderselhe em publico o respeito. Mas como estivesse certo, que o Padre naõ havia de vir em tal cousa; ordenou que viesse à sua prezẽça; estãdo diãte del-Rey, sẽ este lhe fallar em Xivẽ, teve cõ elle hũa larga pratica sobre as cousas de nossa sancta fé: pergũtoulhe pella doutrina, q̃ ensinava; respondeolhe

pondeolhe, que a sua doutrina era ensinar o caminho da salvaçaõ, & assim lhe explicou hum por hum os preceitos do Decalogo. Ouvio tudo com attençaõ, depois perguntou as duvidas, que se lhe offereciaõ: a todas satisfez o Padre taõ cabalmente, que o Rey diante de toda a sua corte disse: verdadeiramente que naõ ha, nem pode haver ley mais sancta, que esta; porque manda fazer o que he virtude, & fugir o que he peccado: & voltandose pera o Padre lhe disse, que se naõ esquecesse de ley taõ sancta, nem do Deos, que adorava; que elle naõ queria se executasse a sẽtença, que contra elle, & os seus Catequistas tinha assinado.

19 Aqui disse o General, que havia prezo ao Padre: & vós porque naõ invocais a Xivem? Respondeolhe: que só quem adorava a Xivem, o invocava; que elle só reconhecia por Deos verdadeiro, ao que criou o Ceo, & a terra, & tudo o que nelles ha, & que só a este havia de invocar. Ouvindo o Rey esta reposta disse ao Padre: Eu naõ vos ordeno, que invoqueis a Xivem, mas só vos mandei chamar, pera saber a doutrina, que ensinais: vinde ca à menhaã pella menhaã pera fallarmos mais de espaço nesta materia.

20 No dia seguinte soltaram aos Catequistas, deyxando na prizam ao Padre, pera que nam pudesse ir a palacio fallar com el-Rey; dizendo entre si, que nam convinha fallasse outra ves com o Rey, porque assim como fallando huma só ves o enfeitiçara de sorte, que revogou a sentença, que jâ tinha assinado; fallando segunda ves o enfeitiçaria tanto, que deyxada a adoraçam dos Deoses, seguiria só a ley do feiticeiro. Com estes temores o detiveram mais quinze dias prezo no mesmo lugar, em que quando viera, o meteram. Acabados elles, como viesse hum dia solene, em que el-Rey costuma dar perdam a todos, na vespora deste dia foraõ os Ministros aonde estava o Padre, & dando o recado da parte del-Rey, o puzeram em liberdade. Por este caminho Deos, que se queria ainda servir deste seu grande servo, & amigo, lhe faltou com o martyrio, guardandolho pera outra occasiam: dandolhe nesta as forças, que bastavam pera sofrer multiplicados martyrios; & sem comparaçam mais penosos, do que o seria a mesma morte.

21 Logo, que o Padre se vio fora dos rigores da pri-

zam, tratou por todas as vias fallar com el-Rey, pera o converter; & quando nam conseguisse este intento, pera alcãçar delle licença, pera poder sem estorvo algum prégar nos seus Reynos a Fé de Christo. Os gentios temendose disto mesmo, por todos os modos o impediam: mas pode tanto a agencia do Padre, que comprou o consentimento daquelles, em cuja maõ estava impedirem, ou darem esta entrada. Estando as cousas em tam boas alturas, lhe chegou ordem do seu Padre Provincial, pera que logo se visse com elle: obedeceo promptamente, deyxando pera outra occasiam o levar adiante a empreza, que agora tinha entre maõs: ainda que era de tantas consequencias, & parecia expolas todas a perigo, se largava esta occasiaõ, puderam mais com elle os respeitos à sancta obediencia, daqual senaõ queria afastar cousa alguma.

22 Succederam no tempo desta gloriosa prizam alguãs cousas prodigiosas: das quais seja a primeyra a commoçam, que fez em muytos a equidade de animo, com que sofria tantos tormentos, & injurias. Vieram muytos, & athe dos Bracmenes dizendo, se queriam converter, porq̃ ley, que ensinava a sofrer tam pacificamente injurias tam atrozes, & ainda estimalas mais, que as honras, naõ podia deyxar de ser verdadeyra. Tanta he a efficacia da virtude, que só vista troca os coraçoẽs, & os obriga a abraçar as difficuldades, por se avizinharem com ella.

23 Tambem foi admiravel o poderem corpos tam exhaustos aturar vivos os trabalhos, que temos referido; que parecia permittir Deos, ou querer as feridas nestes seus martyres, pera ter, que curar nelles; porque tantas, quãtas foram, em breves dias se saravam, sem que medicina alguma as ajudasse: ficando depois de tantas batalhas taõ saõs, & illesos, como antes de se meterem nellas por seu amor.

24 Naquelles tratos, que assima dissemos lhe deram sobre a pedra pomes, quebraram hum dos olhos a hum dos companheiros: consolou-o o Padre Joaõ de Britto, dizendolhe, que melhor era entrar com hum só olho no Ceo, q̃ ir com dous pera o Inferno; & fazendolhe o sinal da Cruz sobre o olho quebrado, foi Deos servido de o restituir logo à primeira inteireza, com admiraçam dos gentios, que viraõ esta maravilha com seus olhos, sem com isso acabarẽ de os abrir.

25 Naõ

25 Naõ passemos adiante sem deyxar aqui huma carta, que estando prezo, & condenado à morte escreveo ao Padre Provincial do Malabar, em que lhe dâ conta da sua prizam: diz pois assim. *Padre Provincial, dia de Sancto Aleyxo vindo de viagem me prendeo o Padrane do Maravâ, Cumarâ Pillis(assim se chama:)tomounos tudo; queria, que dissessemos Xivâ, Xivâ, que me largaria dandonos tudo; que nos faria honra, & daria licença pera prègar a Ley de Deos, & medaria huma Aldea, & hum cavallo. Respondi, & seis Christaõs, que foraõ prezos comigo, que naõ aviamos de dizer tal nome. Eu fui esbofeteado, & lançado em dous grilhoẽs, & amarrado ao cepo na rua aquella noyte, & o dia seguinte athe as duas horas da tarde. Os Christaõs especialmente Xelvem Catequista, & Xiran Gildean foraõ espancados taõ cruelmente, que lhe arrancaraõ a pelle das costas, & dos peitos, & foraõ lançados todos no cepo comigo.*

26 *Ao outro dia lhe deraõ tratos de agoa, & muytas feridas. Retrocedeo alli hum Culê, & era hum dos seis, & logo lhe fizeraõ honra, & o mandaraõ, & nos fomos levados em companhia do Padrane, & seu exercito à fortaleza de Calincoil, com notavel crueldade. Alli deraõ crueis tormentos a Xurapen, que se tem avido como glorioso Martyr. Nos fomos cõdenados a sermos atanazados; veyo fogo, tenazes, & mais aparelhos, mas naõ chegou à execuçaõ, porque a noyte acabou o dia: eu fui lançado em dous grilhoẽs, & os outros em hum, & fomos metidos em hum rigoroso carcere, aonde estivemos athe vinte, & oito: deste fomos trazidos, & amarrados com cordas a este Paganey, aonde chegamos mortos de fome, & sede, & abrazados do caminho; & em chegando nos intimaraõ sentença de morte, senaõ dissessemos Xivâ, Xivâ: & como dissessemos, que naõ aviamos de dizer tal nome, levamos muytos couces, bofetadas, & açoutes, tratos, & fomos lançados em grilhoẽs; & o Padrane se partio a confirmar a sentença com o Maravâ, & cada hora esperamos pella reposta. E estamos muyto contentes, & conformes com a divina vontade, que nos fas tanta mercê, como he dar a vida por sua sancta Ley. Vossa Reverencia me lance sua sancta bençaõ, & peça aos Padres todos me encomendem muyto a Deos, me dê a ultima graça, que eu me lembrarei de todos no Ceo. Julho 30 de 1686.*

Filho em Christo de Vossa Reverencia
Joaõ condenado à morte por Christo.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Da navegaçaõ, que fez a Portugal, & do que lhe ſuccedeo no tempo, que nelle eſteve: de como ſe eſcuſou de ſer Meſtre dos Principes, & alcançou licença del-Rey pera voltar pera as ſuas miſſoẽs.

1 PArtio o ſancto Miſſionario do Maravâ pera a Provincia do Malabar, a ver o que lhe queria o ſeu Padre Provincial: eſte o recebeo como a hum homem do Ceo, & que eſtivera taõ perto da Coroa do Martyrio; depois lhe diſſe, como tinha determinado, que paſſaſſe a Portugal, & dahi a Roma a dar conta a noſſo Reverendo Padre do eſtado daquella miſſaõ, & tratar com elle os negocios, que lhe tocavaõ. Eſcuſouſe da jornada, athe ſe por de joelhos diante do Padre Provincial, rogandolhe inſtantiſſimamente, que o naõ obrigaſſe a voltar a Europa, da qual ſe partira com animo de nunca mais a tornar a ver. Reſpõdeo o Padre Provincial, que ſua Reverencia viera à Religiaõ pera a ſervir no que ella ſe quizeſſe aproveitar dos ſeus preſtimos: aqui naõ teve, que replicar; ſenaõ pedirlhe a bençaõ, & as direçoẽs neceſſarias pera os negocios, que ſe aviaõ de tratar. Logo ſe partio pera Goa, naqual achou de viagem pera o Reyno ao Viſo-Rey Dom Franciſco de Tavora Conde de Alvor; que ſe alegrou ſummamente de o trazer em ſua Companhia. Vieraõ ao Braſil, aonde o Padre Joaõ de Britto eſteve no Collegio da Bahia athe partir a frota, & naos da India pera Portugal.

2 Em oito de Setembro de mil ſeiscentos oitenta, & oito chegou ao porto de Lisboa; deſembarcou, & depois de dar razaõ de ſi aos Prelados, a foi tambem dar a el-Rey Dom Pedro o ſegundo, em cuja real protecçaõ tinha as mais bem fundadas eſperanças dos ſeus negocios. Sua Mageſtade o recebeo com ſingular agrado, como quem eſtava muyto bem lembrado dos primeiros annos, em que o Padre Joaõ de Britto ſendo moço fidalgo lhe aſſiſtira em palacio; & muyto mais do grande fervor, com que ſe tinha occupado na converſaõ da gentilidade, do qual por noticias certas eſtava bem informado: tudo ajudou muyto, pera q̃ ſua

ſua Mageſtade agora lhe deſſe boas eſperanças, & ao depois, como veremos, bons deſpachos.

3 Paſſou logo aos Collegios de Santarem, Coimbra, Porto, & Braga pera com a ſua prezença afervorar aos noſſos Religioſos, & aceitar por companheiros de ſeus trabalhos aos que Deos tocaſſe, & eſcolheſſe pera tam glorioſa empreza. Chegou a Santarem, aonde ſe deteve o que baſtava; & dalli paſſou a Coimbra: no caminho junto da Villa da Golegam lhe diſſe o Padre, q̃ o acompanhava, que ſua Irmaã Dona Luiza Maria de Britto aſſiſtia no Pinheiro, que diſtava meya legoa do lugar, em que ſe achavaõ, & que pediam todas as boas razoẽs, que a foſſe viſitar. Reſpondeo; que elle naõ viera a Portugal ver parentes, mas a fazer os negocios da ſua Provincia; que na volta pera Lisboa cumpriria com aquella, que ſua Reverencia julgava ſer obrigaçaõ: naõ ſe aquietou o Padre com eſta repoſta, mas chegou com a ſua inſtancia a pontos de deſconfiança, ſe o Padre Joaõ de Britto perſiſtiſſe no ſeu propoſito: vendo elle iſto, por naõ deſcomprazer a quem lhe fazia taõ boa companhia, condeſcendeo com o poſtulado; foi a viſita, como couſa de paſſagem, & continuou o caminho.

4 Naõ foi eſte o maior lanço do ſeu deſapego, que jà neſte tempo o tinha moſtrado maior com ſua May. Em chegando a Lisboa, tanto que teve noticia, lhe eſcreveo com os encarecimentos de may, que ainda conſervava aquelle amor, com que procurara impedir a jornada pera a India; que pois avia quatorze annos, que della ſe tinha apartado, lhe pedia, ſe chegaſſe athe Portalegre, aonde morava, pera ſatisfazer ao exceſſivo dezejo, que tinha de ſe aviſtar com elle; que ſe naõ fora a diſtancia de vinte, & ſeis legoas (tantas fazem de Portalegre a Lisboa) & muito mais os ſeus annos, que jà naõ eraõ pera grandes caminhos; naõ tinha ella ſofrimento, que o naõ vieſſe ver a Lisboa, pera ſatisfazer a ſua ſede, ou ſaudades. Reſpondeo a eſta carta, que elle paſſava a Coimbra ſobre os negocios, que o trouxeraõ a Portugal, que na volta faria, por lhe dar eſta conſolaçaõ.

5 Na Cidade do Porto lhe fes grandes honras o Illuſtriſſimo Senhor Dom Joaõ de Souſa Biſpo da meſma Cidade, & muito particular amigo do Padre Britto, por ſe-

rem as familias de ambos servidoras da real caza de Bragança: vestiose no seu traje de Jogue, & fes as mais ceremonias diante do Bispo na varanda do Collegio do Porto; que elle vio com grandes mostras de piedade, edificandose, & chorando de consolaçaõ, de ver que se sogeitara a tal vida, & trage por amor de Deos. E lhe deu mui boas esmolas para a sua missaõ. Tambem em outros dias por dar gosto ao Cabido, a os Senhores da Camara, & aos Dezembargadores da Relaçaõ, que todos lho mereciaõ, fes as mesmas ceremonias diante delles, que fizera diante do Senhor Bispo. Quando chegou ao Collegio do Porto, querendo os Padres lavarlhe os pés, o naõ consentio; mas naõ se pode livrar de dous Irmaõs Coadjutores, que com grandes instancias lhe rogaraõ, lhes desse a consolaçaõ de lavarem huns pés, que estiveraõ aferrolhados em grilhoẽs pella fé: naõ pode resistir, dizendo, que avia muitos annos naõ tivera semelhante alivio. Depois lhe beijaraõ os vincos dos grilhoẽs, & os sinais das fontes, que se lhe fecharaõ pellas naõ poder curar em a prizaõ, por ter algemadas as maõs; & dizia o Santo Padre, que depois de fechadas tivera melhor saude; & que elle mesmo pasmava da saude, & forças, que sentia nos seus martirios.

6 Achouse em Coimbra pello Natal, mysterio, que com tanta piedade se celebra entre nòs, ajuntando-se toda a communidade por algumas noites daquelles dias nas capellas, em que se fazem os presepios, offertandose com amorosos colloquios, & lagrimas a Deos Menino reclinana sua desabrigada Lapinha. A' vista deste melhor Missionario representou à quelle numeroso, & Sancto Collegio, Seminario illustrissimo de varoẽs Apostolicos, as necessidades, que padecia de operarios a sua missaõ de Madurè, & as mais tocantes à provincia do Malabar.

7 Tendo alli afervorado aos nossos Religiosos, & feito as diligencias, pera que fora a Coimbra, tratou de voltar pera Lisboa: teve noticia sua May, que por hora naõ podia o Padre seu filho fazer a volta pella Cidade de Portalegre; & naõ podendo seu dezejo permittirlhe tantas demoras, se foi de Portalegre athe o Pinheiro, que fazem desaseis legoas, & alli em caza de sua filha o esperou, mandandolhe aviso, pera que naõ encaminhasse a jornada por outra parte. Na volta se avistou, & deteve alguns

dias

dias com ſua mãy, paſſando logo a Lisboa, aonde o chamavaõ os negocios da ſua provincia.

8 Queria paſſar a Roma, como paſſaõ os mais Procuradores das Provincias ultramarinas, a dar conta do eſtado das miſſoẽs, & a expedir com ſua Paternidade os negocios, que lhe pertencem: mas teve noticia, que naquelles tempos o Papa Innocencio obrigava a todos os Miſſionarios, que ſe achavam em Roma, que deſſem juramento de ſogeiçaõ, & obediencia ao tribunal de Propaganda fide; o qual juramento em os Miſſionarios Portuguezes tinha grandes inconvenientes, por ſer em prejuizo da coroa de Portugal. Propos eſte ponto, que era de tanta difficuldade, ao Reverendo Padre Geral, pera que viſſe o que ſe avia de fazer, & ſe convinha, que foſſe, ou naõ a Roma.

9 Dilatada a partida pera Roma athe chegar a repoſta de noſſo Reverendo Padre Geral; paſſou neſte entremeyo de tempo à Provincia de Alentejo a ſatisfazer com algumas obrigaçoẽs do ſeu officio, & a cumprir com alguns reſpeitos, que naõ podia eſcuzar. Chegou ao Collegio de Evora, & nelle fez por Miſſionarios as meſmas diligencias, que fizera em o de Coimbra; & teve alguns muito eſcolhidos; entre elles foi hum mancebo ſecular de boas prendas, & virtude, Collegial em o Collegio da Madre de Deos, & que tinha merecido o lugar por oppoſiçaõ; o qual com grande fervor ſem o ſaberem, & muito menos quererem ſeus pays, ſe foi pera Lisboa, entrou na Companhia pera as miſſoẽs do Santo Padre Joaõ de Britto, paſſou à India, & quando jà hia pera o Malabar, foi Deos ſervido de o levar pera ſi; dandoſe por contente com as ancias, & bons dezejos, que tinha moſtrado de o ſervir.

10 Neſta occaſiaõ vimos, os que eſtavamos no ſancto Collegio de Evora aquelle homem, de quem nas Annuas da Companhia tinhamos ouvido lêr quaſi tudo, o que fica eſcritto; & com grande conſolaçaõ abraçamos taõ ſancto hoſpede, & o ouvimos praticar à Communidade na capella do Collego; & ao depois veſtirſe naquelles ſeus andrajos ao modo, que andava na ſua miſſaõ, & aſſim veſtido appareceo, ou entrou pella capella dentro, em que aſſiſtia a Communidade pera ver taõ ſancto eſpectaculo; o qual elle com agrado de todos reprezentou com as ceremonias, que ſe uſaõ nas provincias, de que era Miſſiona-

rio. Aqui o ouvimos converſar muitas vezes, & podiaſe elle ouvir, porque nada tinha de moleſto, antes muito deſenfaſtiado nas ſuas praticas; o trato jucundo, & agradavel; ſingular affabilidade no ſeu modo, ſem genero algum de ſoberania affectada; com eſtes bons accidentes ſe fazia a ſua virtude amada geralmente de todos.

11 Morou as duas vezes, que eſteve neſte Collegio huma em o cubiculo do Padre Reytor, que entaõ eſtava de vago, a outra no ultimo cubiculo do corredor novo, que cahe pera o poente, & agora ſerve de alcoba ao cubiculo do Padre Provincial. Naõ pareçaõ eſcuſadas eſtas meudezas, aquem as lêr, que ſaõ grandes deſpertadores pera a virtude, ou aos que entraõ nos tais cubiculos, ou aos que moraõ nelles; & muito mais ſe os ſervos de Deos, que alli moraraõ, chegarem a ter o culto publico da Igreja; que eſperamos naõ faltarà a eſte glorioſo Martyr; por quãto poucos, ou nenhuns da Companhia tem mais abonados juridicamente os proceſſos pera a canonizaçaõ; que foi eſte o maior empenho de ſeu grande amigo o Padre Joaõ da Coſta, quando cà veyo da ſua miſſaõ, & foi a Roma por Procurador do Malabar; & com razaõ ſe gloriava muito de lhe ter feito eſte ſerviço. Na meza ſó comia daquellas couzas, que là comera na ſua miſſaõ, como ervas, frutas, & lacticinios; guardando em quanto cà andou neſta materia o meſmo rigor, que lá tinha.

12 De Evora ſe partio pera Portalegre, aonde morava ſua may; fez a jornada pella Villa de Monforte, aonde vivia ſeu Irmaõ Fernando Pereyra de Britto: depois de ter naquelle dia caminhado quatro legoas, chegou a caza de ſeu Irmaõ, & feita huma breve vizita, tratou de proſeguir a jornada com tençaõ de ir dormir a Portalegre: tal era o deſapego, com que ſe havia com hum Irmaõ, que tanto o eſtimava, & a quem naõ vira, depois que partio pera a India.

13 Naõ baſtaraõ inſtancias, pera o deter; & em effeito ſe pos a caminho, mas ao ſahir da Villa ſe meteo o ceo de permeyo com huma tormenta de chuva, & vento taõ grande, que em outras quaisquer circunſtancias impediria a jornada, quanto mais nas prezentes; em que eſtava junto de povoado, & da caza de ſeu Irmaõ, & ſem negocio preciſo, que o obrigaſſe. Mas nada baſtava pera o dobrar;

dobrar: athe que o Padre Doutor Andre Cardozo Cancellario da Univerſidade de Evora, que entaõ era o companheiro ſe voltou para o Padre Joaõ de Britto, & lhe diſſe com alguma galantaria: Meu Padre Joaõ de Britto, ſe voſſa Reverencia com tal dia, & por debaixo da agoa, & do vento quer ir hoje dormir a Portalegre, pareceme muito bem, và com Deos, que eu eſta noyte faço conta de dormir em hum lugar, que chamam Monforte, em caza de hum amigo, que ahi tenho, que ſe chama Fernaõ Pereyra de Britto, pella menhaã favorecendome o tempo, irei pera Portalegre em ſeguimento de voſſa Reverencia, & lá nos veremos. Vendo pois o incomodo, que dava a ſeu companheiro, & companheiro taõ authorizado, voltou pera caza do Irmaõ, & alli ficou o reſtante do dia, & aquella noyte ſomente.

14 Succedeo alli huma couza de grande novidade, em que ſe vio, como Deos lhe communicava noticia de couzas occultas: foi o cazo: que lhe pedio ſeu Irmaõ, quiſeſſe chegar com elle ao convento, das Religioſas de S. Franciſco, & lançar a bençaõ a huma ſobrinha ſua, filha de ſeu Irmaõ, que nelle eſtava. Reſiſtio, dando por eſcuſa o naõ ir a convento de Freyras; finalmente depois de muitas inſtancias chegou ao convento, aonde todas as Religioſas pellas noticias, que tinhaõ de ſuas virtudes, o dezejavaõ ver, como a homem ſancto; em eſpecial huma das demais authoridade chamada Maria dos Serafins, a qual tinha pedido a Fernaõ Pereyra, que vindo alli ſeu Irmaõ, em todo o cazo fizeſſe, com que foſſe ao convento, pera o verem.

15 Chegando o Padre à grade da Igreja concorreraõ todas as Religioſas, ſó faltava Maria dos Serafins, mandoulhe primeiro, & ſegundo recado, ſem ella chegar, dizendo ſempre, que logo vinha; a penas puderaõ os rogos deter ao Padre, pera que mandaſſe terceiro recado, porque ſe queria deſpedir; com eſte veyo Maria dos Serafins, pedio a bençaõ ao Padre, & começava a deſculpar a tardança, ſem dar as cauſas della: entaõ lhe diſſe o Padre eſtas palavras: Madre, a verdadeira tença he ſalvar, & tudo o mais deſta vida he nada; tratar da ſalvaçaõ, que as tenças cà ficaõ: & paſſando a outra couza com pouca mais dilaçaõ ſe deſpedio da ſobrinha, & mais Religioſas.

16 Paſſa-

16 Passados alguns dias, fallando Maria dos Serafins com Fernaõ Pereyra, lhe perguntou, se reparara nas primeiras palavras, que lhe dissera o Padre Britto? E respondendo, que naõ, lhas referio a Religiosa, & a elle se lhe excitaraõ algumas especies, de que o Padre as tinha ditto: entaõ lhe disse, como no tempo, em que lhe mandaraõ aquelles recados, estava buscando com grande ancia hum papel, que era necessario mostrarse em ordem a hum retro de trigo, que se lhe pagava; & vendo finalmente, que naõ apparecia, deixando os papeis por acudir ao segundo recado; disse consigo muito affligida: Bem fico eu agora, se perco a minha tença; & vindo jà neste tempo pera onde a chamavaõ, encõtrou com o terceiro recado,& chegando à vista do Padre lhe disse este: Madre, a verdadeira tença he salvar; & as mais palavras, que ficaõ referidas; com que ficou entendendo, que o Padre tivera conhecimento superior das causas da sua demora.

17 Chegando a Portalegre a primeira porta, a que se apeou, foi à do Bispo, que entaõ era Dom Joaõ Mascarenhas,grande affeiçoado a todas as cousas da Companhia, & muito em especial ao Padre Joaõ de Britto, de cujas virtudes tinha elle largas noticias; com elle se deteve cousa de duas horas, que ao Bispo pello affecto, que lhe tinha, pareceraõ espaço breve: dalli foi tomar a bençaõ a sua May, & depois pera o Collegio da nossa Companhia.

18 De Portalegre voltou a Lisboa, a dar calor aos negocios da sua Provincia. O primeiro foi pedir alguma renda pera os Catequistas da missaõ; neste ponto teve bons despachos de sua Magestade, que acrecentou ao favor a brevidade em o fazer. No modo com que se avia nas suas pertençoens, & negocios, observava sua Magestade o grande cabedal de prudencia, que avia no Padre Joaõ de Britto; & como o trato por causa dos seus negocios era muito frequente em palacio, de cada ves el-Rey se confirmava mais na sua opiniaõ; & se resolveo consigo, de o deyxar ficar no Reyno, pera se aproveitar do seu conselho, & prudencia; dando ao Padre algumas significaçoẽs desta sua vontade. Fazia-se elle desentendido;& só tratava de adiantar os negocios, que o levavaõ a palacio.

19 Neste mesmo tempo lhe cobraraõ grande affecto os senhores da Corte, & merecialho a sua virtude acompanha-

panhada de grande urbanidade, o trato dentro das leys da modestia sem as ceremonias, que o fazem desabrido: huma sancta, & amavel lhaneza com todos; com a qual dominava os coraçoens dos que o conversavaõ: todos julgavaõ por acerto ficar antes em Portugal, que voltar à India.

20 Depois de varias significaçoens da vontade del-Rey, a que o Padre se fazia desentendido, vendo sua Magestade, que naõ acodia a ellas, lhe declarou abertamente sua vontade, de que ficasse no Reyno, porque se queria servir dos seus prestimos. Aqui o Padre Joaõ de Britto com toda a modestia pedio a sua Magestade naõ lhe empedisse a volta pera a sua dezejada missaõ; dizendo, que elle naõ tinha mais prestimo, que pera Missionario; & que pera este ministerio o chamara Deos, que nelle queria dar a vida por seu amor: a este proposito allegou todas as razoẽs, que lhe subministrava seu grande espirito, & ardentissimo dezejo das missoens.

21 Naõ se dobrava sua Magestade; dizendolhe, que ainda pera o bem das suas missoens, era de maior proveito a sua assistencia em Portugal, do que em Maduré; porque ficando no Reyno mandaria todos os annos muitos, & escolhidos missionarios; tendo pera isso grandes comodos, por causa de sua real proteçaõ, que em tudo lhe avia de assistir. A isto respondeo, que a sua partida naõ tirava ouvesse muitos Missionarios; que pera os levar, viera elle a Portugal, & pera os mover com o seu exemplo, he, que agora queria voltar pera a India: antes se vissem, que se deyxava esquecer na patria, & na corte, se esfriariaõ com este seu exemplo menos edificativo; & taõ longe estava de adiantar as missoens, ficando no Reyno, que lhe seria de muitos detrimentos. Quanto à proteçam de sua Magestade, que do seu zelo de propagar a fé esperava, seria a mesma estando elle, ou naõ estando em Portugal: por tanto que sua Magestade lhe avia de dar licença, pera voltar outra ves pera a Inda. Nunca el-Rel largou palavra, em que mostrasse lhe dava licença, antes claramente dizia, que o naõ avia de deixar ir.

22 Neste tempo chegou reposta do nosso Reverendo Padre Geral Thyrso Gonzales daquella carta, que dissemos assima, & resolvia sua Paternidade, que fosse a Roma: deu conta a el-Rey, o qual mandando consultar este negocio;

gocio; reſultou da conſulta, que naõ convinha, nem era ſerviço ſeu, que o Padre Joaõ de Britto foſſe a Roma: diſſo meſmo avizou logo a noſſo Reverendo Padre; & entre tanto foi diſpondo as couzas de maneira, que quando chegaſſe a repoſta de Roma, eſtiveſſe deſembaraçado, pera ſe embarcar.

23 Como ſua Mageſtade eſtava com reſoluçaõ de impedir a jornada pera a India; conſiderava, em que occupaçaõ de ſeu ſerviço meteria ao Padre Joaõ de Britto. Occorreolhe, que dentro de poucos annos ſeria neceſſario Meſtre pera ſeus filhos o Sereniſſimo Principe Dom Joaõ, & o Senhor Infante Dom Franciſco; & concorrendo pera eſta occupaçaõ as prendas neceſſarias no Padre Joaõ de Britto, lhe diſſe, que o tinha deſtinado pera Meſtre de ſeus filhos, que eſſa era a razam, porque ſe naõ ſervia de que voltaſſe pera a India. Agradeceolhe o Padre a eſtimaçaõ, que delle fazia, & honra tanto ſobre a ſua esfera; de que elle com toda a ſubmiſſaõ ſe eſcuzava a ſua Mageſtade, porque Deos o chamava pera as ſuas miſſoens; que detelo em Portugal era materia eſcrupuloſa, porque o bem das almas ſe devia antepor a quaiſquer outras conveniencias: por tanto que ſe ſerviſſe ſua Mageſtade de mandar examinar eſte ponto na balança da conſciencia; & eſperava em Deos, que avia de mudar ſeu parecer; pois como taõ pio, & catholico naõ avia de antepor o ſeu ſerviço à maior gloria de Deos, & à ſalvaçam das almas, materias que ſempre puderaõ mais com os Sereniſſimos Reys de Portugal, que todas as razoens de eſtado.

24 Fizeraõ eſtas razoens qualquer abalo no animo de ſua Mageſtade como taõ pio, & catholico, que ſempre foi. Encomendou ao Padre Manoel Fernandes da noſſa Companhia ſeu Cõfeſſor, que conſultando eſte ponto com o Padre Sebaſtiaõ de Magalhaẽs (que depois foi Confeſſor do meſmo Rey) lhe diſſeſſem, ſe em impedir a jornada do Padre Joaõ de Britto avia algum encargo de conſciencia.

25 No tempo, que o Padre andava neſta ſancta lida, hia diſpondo tambem as couſas neceſſarias pera a navegaçaõ, que jà naõ diſtava muito. Era taõ grande a pena, que lhe dava a pertençaõ del-Rey; que por vezes diſſe: que ſe ſua Mageſtade o obrigaſſe a ficar em Portugal, ſe avia de fingir louco, & avia de andar tirando pedradas

aos

aos rapazes; pera que fazendose conceyto, que perdera o juiso, o deyxassem ir pera a sua missaõ.

26 Entendeo, que a Serenissima Rainha tinha particular empenho, em que ficasse no Reyno, & que em quanto ella naõ fosse de parecer, que o Padre se embarcasse, taõ pouco o seria el-Rey; que em tudo lhe avia de dar gosto. Buscou logo ao Padre Leopoldo Fués da nossa Companhia, Confessor da ditta Senhora; & lhe rogou com todas as instancias, que fizesse entender à Serenissima Rainha, que em o impedir encarregava sua consciencia; suggerindo as razoẽs, que persudiaõ esta verdade. Tomou o Padre Leopoldo Fués muyto à sua conta a petiçaõ do Padre Joaõ de Britto; cedeo a Rainha da sua pertençaõ, por se persuadir pellas razoẽs, que lhe dera seu Confessor, que nisso encarregava sua consciencia.

27 Neste tempo chegou carta ao Padre Joaõ de Britto de nosso Reverendo Padre Geral, em que o desobrigava de ir a Roma. Chegavase o tempo de partirem as naos pera a India, & faltava ainda ao Padre a licença expressa del-Rey: porem estava jâ taõ seguro de a conseguir, que quando fallava com el-Rey, lhe dizia; que suppunha, que Sua Magestade naõ avia de negar a licença, & que elle a tinha jâ por concedida. Naõ a deu el-Rey antes de ouvir o parecer do seu Confessor, & do Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs, aquem, como dissemos, tinha encomendado o exame deste ponto. A elle respondeo o Padre Confessor: Que visto o grande espirito do Padre era mais serviço de Deos, que Sua Magestade o naõ impedisse tornar pera as suas Missoẽs, & que este era tambem oparecer do Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs. Com esta reposta se deu el-Rey por convencido, & ainda que contra a sua propensam concedeo ao Padre Joaõ de Britto a licença, pella qual fazia taõ excessivas instancias. Cada hum pode considerar de tantos excessos, qual nesta occasiaõ seria o seu gosto; naõ via hora de se ver jâ fora de Portugal, temendo, que as cousas podiam tomar outro caminho, & verse em novos embaraços.

28 Começou a despedirse das pessoas, a que tinha obrigaçam, & tornou segunda vez a Portalegre, assim pera se despedir de sua may, como de seu grande amigo Dom Joaõ Mascarenhas, & dos mais, aquem devia graça especi-

al, como a ſeu Irmaõ, & outros amigos, a quem dizia: A Deos athe o dia do juizo, & eſta era a palavra mais commua nas ſuas deſpedidas.

29 Naõ ſe contentando com eſtas deſpedidas ſeu grande amigo o Biſpo Dom Joaõ Maſcarenhas, teve penſamentos de ir a Lisboa fazer as ultimas; mas ouve razoẽs muyto forçoſas, que deram corte a eſte ſeu grande affecto; pello menos aſſentou por cartas com o Padre Joaõ de Britto de ir athe Punhete, que he huma villa ſituada naquelle lugar, aonde o rio Zezere entra no Tejo, diſtante de Lisboa deſanove legoas, & qve alli viria tambem o Padre Joaõ de Britto. Partiram o Biſpo, de Portalegre; & o Padre, de Lisboa, & entraram na meſma hora em Punhete, como ſe cada hum foſſe regulando as jornadas pello outro. Alli fizeram as ultimas deſpedidas, em que o Biſpo chorou muytas lagrimas, & as nam podia conter: querendo elle acompanhar ao Padre, athe o meter no barco: porque as lagrimas lhe cahiam dos olhos ſem ceſſar, lhe diſſeram, os que lhe aſſiſtiam, que nam dizia bem com a decencia de hũ Biſpo chorar com tanto exceſſo naquella publicidade. O Padre lhe agradecia o affecto, & com huma benevola confiança eſtranhava tambem as lagrimas; entre as quais deſpedindo o barco, começou a auzencia dos corpos, durando ſempre a prezença dos affectos.

CAPITULO XXIX.

Parte pera a India, & como paſſou na viagem, athe chegar a Goa.

1 DEſpedindo jâ de todos os ſeus amigos, que eram muytos; eſperava com grandes anſias pello dia, em que ſe avia de embarcar com ſeus companheiros. Duas naos hiam aquelle anno pera a India. Na capitania ſe aviam de embarcar os outros Religioſos; o Padre Joaõ de Britto com mais dous companheiros na Almiranta. Chegado o dia, em que as naos aviam de partir, eſtavam jâ os outros Miſſionarios embarcados; ao Padre Joaõ de Britto lhe era neceſſario ſer o ultimo; por iſſo guardou pera o meſmo dia, em que as naos aviam de levantar ferro, o irſe embar-

embarcar: tanto, que ouvio a peça de leva, que he o final ultimo, que se dá, pera que se recolham à nao os que ham de fazer viagem; sahio o Padre do Collegio de Sancto Antaõ; & indo pera se embarcar, passou por Corte-real, & subio a dar com hum abraço o ultimo vale a Dom Pedro Luis de Menezes Marques de Marialva, hum dos seus mayores amigos.

2 Feito isto se despedia, quando lhe disse o Marques, que o naõ fizesse, sem ir beijar a maõ a el-Rey; respondeolhe, que no dia antes cumprira com aquella obrigaçam, & que naõ tinha jâ tempo, mais que pera se embarcar. Acodio o Marques, que as naos naõ despediam aquelle dia, por tanto, que naõ avia perigo na detença, em que sua Magestade teria gosto particular; logo mandou dar aviso a el-Rey, de que o Padre Joaõ de Britto estava alli pera lhe fallar; mandou dizer el-Rey, que subisse: assim o fez, fiado em que a detença lhe naõ faria prejuiso conforme o ditto do Marques, que tambem tomou à sua conta ter prestes huma fragatinha, pera se embarcar, quando se despedisse del-Rey.

3 Receberaõno suas Magestades Rey, & Rainha, que ambos o esperavam, com as demonstraçoẽs, que outras vezes. Em quanto se detinha fallando com elles, ouvio huma peça, com a qual se assustou dizendo, que as naos deviam de ir à vela; & jâ se lançava a beijar a maõ a sua Magestade; o qual o desasombrou, dizendo, que naõ podia ser botassem as naos pera fora naquelle dia. Com isto se foi detendo. No mesmo tempo hiam as naos quasi huma legoa pello rio abayxo, quando começou a assoprar hum vento favoravel; aproveitandose entam da occasiaõ os navegantes largaram mais o pano tratando de sahir aquelle dia pella barra fora. Estava o companheiro do Padre Joaõ de Britto a huma janela do paço, que cahia pera o rio, com os olhos em as naos, que jâ navegavam; & vendo, que quasi as perdia de vista, entrou a toda a pressa aonde estava o Padre com os Reys, & lhe disse muyto sentido: Padre, as naos se vam pella barra fora, & nos nos ficamos em terra.

4 Bem se deyxa ver, que pena teria, quem só estava desasosegado com estes temores. Deyxa logo aprezença del-Rey: sahe fora, encontrase com o Marques de Marial-

va, perguntalhe aonde eſtava a fragatinha, que ſua Senhoria lhe tinha ditto mandava pôr corrente, pera ſe embarcar? Reſpondeo o Marques, que elle mandara fazer todas as diligencias, & que nenhuma ſe achara, por terem ido todas a bordo das naos, que partiaõ. Que por momentos eſperava por hum criado, pello qual mandara fazer as ultimas diligencias. Neſte ponto appareceo o criado, dizendo, que naõ avia outra, mais que huma ao poſto da Boa viſta, mas que hum dos fragateiros eſtava tam fora deſi com vinho, que lhe parecia impoſſivel atinar com remo, ou podello menear. Partio logo o Padre em demanda da fragatinha, indo com elle o meſmo criado do Marques, que ſe chamava Antonio Martins, o qual affirmou com particular admiraçam, que quando caminhava, naõ ſabia, ſe hia pella terra, ſe pello ar; tal era a preſſa ou natural, ou ſobrenatural, comque buſcava aquelle ultimo remedio das ſuas anſias.

5 Chegados àquella paragem, que em Lisboa chamaõ Boa viſta; ſe meteo na fragata; & ſuccedeo, que o fragateiro, que diſſemos eſtava toldado do vinho, cahio no rio, quando jâ o Padre eſtava dentro da embarcaçaõ: teſtificou Antonio Martins, que o Padre Joaõ de Britto eſtendera o braço, & pegando do homem, como ſe fora hum pequeno pezo, em hum abrir, & fechar de olhos o tirara do mar, & o metera na embarcaçaõ. Logo com todo o calor mandou remar pera a nao Almiranta, fazendo muytos votos, & deprecaçoẽs ao Sancto Xavier, pera que o fizeſſe alcançar a nao, que buſcava.

6 Forcejava a fragata a toda a preſſa, quando o Marques de Alegrete Manoel Telles da Silva Vedor da fazenda real, voltando de deſpedir as naos, advirtio na preſſa da quella fragata; & como hum barco do alto vieſſe rio aſſima, deu ſinal, a que abordaſſe; & chegandoſe, lhe ordenou, que ſe foſſe àquella fragata, & ſe nella hia alguma peſſoa pera as naos, a tomaſſe, & foſſe no alcanſe dellas, athe lha meter dentro. Com eſta ordem voltou o barco ſobre a fragata, ao qual ſe paſſou o Padre Joaõ de Britto com ſeu companheiro; & logo deſpedio a velas, & a remos, executando a ordem do Marques. Todas eſtas diligencias ſeriaõ de pouco proveito, ſe o Capitaõ da Almiranta naõ fora hum grãde amigo do Padre Joaõ de Britto, por cuja interceſſaõ ſua

Ma-

Mageſtade lhe dera aquella capitania: vendo eſte, que o Padre faltava, & que as demoras naõ podiaõ ſer culpaveis, foi atraveſſando a nao, dando lugar a que chegaſſe. Paſſada jâ a torre de Saõ Giaõ, que he na boca da barra tres legoas de Lisboa, deu a nao viſta daquelle barco, que a vinha demandar: entaõ o Capitaõ fazendo conceyto, que nelle vinha o Padre, atraveſſou de todo a nao, com que deu lugar a que chegaſſe o barco; & recebeo ao Padre, & a ſeu companheiro com extraordinario goſto ſeu, & maior do Padre Joaõ de Britto, como de quem acabava de ſahir de humas anſias, que pera o ſeu fervor eraõ maiores, que as da morte. A muytos occorreo, que todas as demoras, que o detiveraõ em palacio, foraõ cuidadas, & ordidas, pera q̃ ſahindo as naos pella barra fora, ficaſſe o Padre no Reyno, & davaõ por fundamento deſtes diſcurſos as diligencias, que tinhaõ precedido, pera que ſe accomodaſſe com a vontade dos Sereniſſimos Reys, & goſto de ſeus amigos: porem como Deos era o Piloto, que governava a nao, elle teve cuidado de divertir todos os eſtorvos, que podiaõ retardar, ou impedir a navegaçaõ.

7 Recebido dentro em a nao nos braços dos que o eſperavaõ com elles abertos; largaraõ todo o pano, & foi navegando pera o Oriente eſte ſegundo Xavier, taõ parecido ao primeiro nas anſias de padecer, & dilatar o ſancto nome de Deos entre a inculta gentilidade. Neſta viagem, que foi grandemente trabalhoſa, naõ perdoou o Padre Joaõ de Britto a moleſtia ſua, por acodir ao bem eſpiritual, & corporal de ſeus proximos. Quanto nella padeceo, com nenhumas palavras ſe pode melhor explicar, que com as ſuas, & ſaõ de huma carta, que de Goa eſcreveo a ſeu Irmaõ Fernaõ Pereyra de Britto: dizem aſſim:

8 *Cheguei em quaſi ſete mezes de viagem aos tres de Novembro, tendo partido aos oito de Abril, dia, em que ſuas Mageſtades, & Altezas me fizeraõ as maiores honras do mundo, de que ſempre vivirei lembrado, & agradecido; & a maior, & de mais eſtima foi o darẽme licença pera voltar pera a minha miſſaõ, aonde com a graça divina faço conta de morrer. Na viagem eſtive mal, mas eſcapei pella miſericordia de Noſſo Senhor. Morreraõme dous Padres muyto bons ſujeitos, & muyto virtuoſos, que eraõ o Padre Manoel de Faria, & o Irmaõ Manoel de Figueiredo. Da gente da nao morreraõ perto*

to de quarenta; & todo o pezo me cahio às costas, porque era o unico sacerdote, que vinha na nao; porque hum frade Dominico, que tambem o era, nem dizia Missa, nem confessava, nem se levantava da cama por seus achaques; & dous Clerigos estavaõ suspensos das ordens. Espero, que Deos Nosso Senhor me hâ de perdoar alguns dos muytos castigos, que mereço por meus peccados, pello que padeci naquella nao. As doenças, os fedores, as fomes, as sedes, os frios, as calmas, as bonanças, os ventos contrarios, o desasossego continuo, & em fim tudo. Athe aqui a clausula daquella carta, em que dâ conta da sua navegaçaõ, em que teve bem, que offerecer a Deos, & em que imitar ao Sancto Xavier em semelhante viagem.

CAPITULO XXX.

Entra no Reyno do Maravâ, fas muytas conversões, entre ellas a de hum Principe; & por esta causa he prezo; referese tudo, o que passou athe fallar com o tyrano, que o condenou à morte.

1 CHegando a Goa com os trabalhos, que se deyxaõ ver na sua carta, se deteve alli athe Fevereyro de 1691, pera cobrar as forças, que perdera em taõ penosa navegaçaõ. Logo se embarcou pera o Malabar: deu conta ao seu Padre Provincial de tudo, o que tinha obrado na sua jornada: este o fez Visitador da missaõ: logo se pós a caminho, passou ao Reyno do Maravâ, em que Deos lhe tinha jâ feito aquelles grandes favores, que contamos, na prizaõ, que alli teve. Reynava na quelle Reyno do Maravâ o Principe Rauganada-devem, que se avia levantado cõ o dominio contra seu sobrinho o Princepe Taria-devem; era obedecido de todos, excepto de algumas terras, que reconheciaõ a seu legitimo Senhor.

2 Este regulo alem de ser cruelissimo, vicio taõ proprio dos tyranos, era por extremo contrario à Ley de Deos: seis annos avia, mandara elle ao Padre Joaõ de Britto, naõ prégasse no seu Reyno a Ley dos Christaõs, & como visse, que naõ desistia, lhe mandou dar os tormentos, que ficaõ dittos.

3 Che-

3 Chegado pois ao Maravâ visitou os bosques daquelle Reyno, que serviaõ como de Igrejas, aonde concorriaõ os Christaõs a receber os Sacramentos, & os Catecumenos o baptismo. Foi o fructo taõ copioso, que em quinze mezes, que alli assistio, baptizou passante de oito mil Catecumenos. Obrava Deos grandes maravilhas com os que recebiaõ o sancto baptismo, & ouviaõ o Catecismo: avia disto taõ grande fama entre os mesmos idolatras, que adoecendo mortalmente o Principe Tariadevem, & vendose desconfiado de todos os remedios humanos, ouvindo as maravilhas, que Deos obrava por meyo do Padre nos que se convertiaõ de veras à Ley de Deos; mandou dizer ao Padre o perigo, em que estava; pedindolhe, que o fosse instruir na Fé, que elle de coraçaõ queria abraçar a Ley de Deos, esperando, que só por este meyo alcançaria a saude, que dezejava.

4 Mandoulhe o Padre hum Catequista, pera o instruir; tanto que este chegou, vendo o estado, em que se achava o Principe, lhe disse sobre a cabeça o Evangelho, & lhe rezou hum Credo; no mesmo ponto, que acabou o Catequista, se achou o Principe naõ só livre do perigo, mas restituido a sua inteira saude, com admiraçaõ geral de todos, & mayor do Principe, que recebia o favor. Resoluto de se converter, mandou dizer ao Padre, que se visse com elle, pera o instruir, & baptizar. Como este Principe era antes taõ inimigo dos Christaõs, temeraõ estes naõ fosse fingimento, querendo por este meyo prender ao Padre: nada se levou destes discursos, & julgando, que o negocio era de Deos, se resolveo a ir fallar com o Principe.

5 Foi delle recebido com singular agrado, como quem estava tocado da maõ de Deos, & o queria buscar de veras. Achouo com grande disposiçaõ, pera receber o baptismo: em quanto tratava com elle sobre esta materia, como alli sem contradiçaõ podia prégar, o fez com seu grande espirito, & proveito de muytas almas. Depois de celebrada a festa dos Reys, baptizou logo mais de duzentos Catecumenos. Queria o Principe entrar em o numero daquelles baptizados; & só obstava o ter elle ao uso daquellas terras sinco molheres, das quais avia de largar quatro, ficando só com huma: proposlhe o Padre o que devia fazer nesta materia, pera lhe poder dar o sancto baptismo; ouvio tudo

sem

ſem mudar, nem esfriar nos ſeus ſanctos propoſitos. Chamou as ſinco molheres, & lhes diſſe, como eſtava reſoluto a braçar a Ley de Deos, mas que conforme as obrigaçoẽs dos que a profeſſaõ, naõ podia ter mais que huma ſó molher, & nomeou das ſinco aquella, de que fazia eleyçaõ; dizendo às outras, que ſe queriaõ viver no ſeu palacio ſeparadas, como ſe foſſem irmans ſuas, lhes conſignava, pera ſe ſuſtentarem, ametade da ſua fazenda. E feita eſta diligencia, ſe baptizou, porque naõ tinha outra couſa, que o detiveſſe.

6 Huma das quatro repudiadas era ſobrinha do tyrano Rauganada-devem, que tinha uſurpado o governo; delle ſe valeo a ſobrinha reprezentandolhe a ſua afronta, & tãbem a das outras tres, dandolhe ſobre iſſo as queyxas, que lhe ditava a ſua payxaõ, que era à medida do agravo; ſentindoſe muyto de que o Principe Taria-devem as injuriaſſe, por querer abraçar a Ley de Deos, que era a unica cauſa, que tinha pera lhes fazer aquelle deſacato; ſendo induzido por hum homem feiticeiro, que naquelles Reynos andava com encantos mudando o juiſo aos homens.

7 Aproveitaraõſe deſta occaſiaõ os Bracmenes, & Sacerdotes dos idolos, todos em hum corpo deraõ grandes queyxas ao tyrano contra o Prégador da Ley de Deos, eſtimulando-o a que lhe tiraſſe a vida: tomou à ſua conta arrezoar por todos neſta materia hum Bracmene de maior authoridade chamado Purpavanaõ: eſte com grandes ſignificaçoẽs de ſentimento reprezentou ao tirano o eſtrago, q̃ fazia no culto dos ſeus Deoſes a prégaçaõ do Evangelho: que os templos ſe hiaõ fazendo deſertos, as ceremonias eraõ deſprezadas, que aos Deoſes ſe faltava com os ſacrificios, & honras, com que ſempre foraõ venerados naquelle Reyno: que ſe Sua Alteza naõ punha remedio a tantos deſconcertos, deſpovoariaõ as terras, porque a ira dos Deoſes naõ podia deyxar de vir ſobre ellas com grandiſſimos caſtigos.

8 A quem eſtava propenſo, baſtava menos que o dito; logo mandou o tirano, que as Igrejas dos Chriſtaõs foſſem queymadas, & ſaqueadas ſuas cazas; que lhe levaſſem prezo ao Padre: encomendou eſta execuçaõ a ſeu Primo Tiru-vreyadeven. Naõ foi tanto o zelo de honrar aos Deoſes, ainda que eſte era grande, quanto a ambiçaõ de ſe con-

servar no governo, a maior causa de perseguir aos Christaõs; porque temia, que como eraõ jâ muytos, se se acostassem ao Principe Tariâ-deven, o poderiaõ lançar fora do governo, em que se tinha intruso: esta razaõ de estado era a que fazia muito pendor, & o obrigava a favorecer aos Bracmenes perseguindo taõ de veras a Ley de Deos, & a todos, os que a prégavaõ, & abraçavaõ. Com esta razaõ politica se accendia mais o grande odio, que tinha à Ley de Deos.

9 Aos oito de Janeyro se achava o Padre Joaõ de Britto nas terras de Tariâ-deven; & tendo naquelle dia administrado os Sacramentos a grande numero de gente; depois lhes mandou, que a toda a pressa se auzentassem, porque vinha sobre elles huma grande perseguiçaõ. A penas se tinhaõ partido os Christaõs, quando deraõ aviso ao Padre, q̃ huma tropa de cavallos o vinha buscar, aonde estava. Naõ se retirou, sendo que o pudera fazer, quando avisou aos seos Christaõs; mas o Ceo, que lhe deu aquella noticia, pera que as ovelhas naõ perigassem, tambem devia de lha dar, de que era chegado o tempo, em que queria coroar os seus trabalhos com a gloria do martyrio.

10 Por tanto com aquelle animo imitador de Christo, com que jâ o tinha feito em outras occasioẽs, sahio a receber os soldados, que o vinhaõ prender, com semblante notavelmente alegre, como quem se via jâ nas maõs do martyrio, a cujo alvo tinhaõ tirado sempre os seus incansaveis trabalhos. Logo que lançaraõ maõ delle, o injuriaraõ todos à competencia; veyo sobre o sancto Martyr hum chuveiro de golpes, & afrontas; & por fim dellas lhe ataraõ as maõs, depois de o terem metido muytas vezes debayxo dos pés: prenderaõ tambem com elle a hum seu Catequista, que se chamava Joaõ.

11 Começaraõ logo a ir conduzindo os prezos pera o lugar, aonde assistia Rauganada-deven: caminhavaõ ambos a pé, & queriaõ os soldados, que elles acompanhassem o passo dos cavallos, dandolhe pera isso muytos golpes: Quando exhaustos com o trabalho cahiaõ, q̃ eraõ naõ poucas vezes, os faziaõ levantar dandolhes muytos, & crueis golpes, trantandoos em tudo, como se fossem dous brutos. Nas povoaçoens, por onde passavaõ, eraõ tambem excessivos os opprobrios, que lhes faziaõ os idolatras, como

quem ſe perſuadia, que niſſo fazia ſingular obſequio a ſeus Deoſes.

12 Antes de chegarem à Corte, entraraõ em huma povoaçaõ chamada Anumandacurem: alli pararam os conductores, pera reforçar a guarda, porque temiam naõ ſe amotinaſſem os Chriſtaõs, & lhos vieſſem tirar. Em quanto comiaõ, ataram aos dous prezos a hum carro triunfal, em que coſtumavaõ levar os ſeus Deoſes, lançando huns pezados grilhoens ao Padre. Na menhaã do dia ſeguinte chegaraõ novos ſoldados, com que puderaõ ir ſeguindo o caminho athe a Corte. Como o Padre naõ pudeſſe jà dar hum paſſo, compadecido hum General do Maravá,que era grande Chriſtaõ, mandou ao caminho hum cavallo, pedindo ao conductor, mandaſſe pôr nelle ao Padre; como era peſſoa de reſpeito, condeſcenderaõ com a ſua petiçaõ.

13 Deſta ſorte a onze de Janeiro entraraõ Padre, & Catequiſta em Ramanadaburam Corte do principado, aonde morava o tyrano; mas porque entaõ eſtava fóra da Cidade, o meteraõ em hum idiondo carcere, athe que elle chegaſſe, & diſpuzeſſe o que ſe avia de fazer.

14 No tempo, em que o tyrano mandou prender ao Padre; mandou tambem aviſo a Candara-manuam, que he hum lugar, junto do qual tinha o Padre huma ermida, pera que a queimaſſem, prendendo a gente, que nella eſtiveſſe; ſaqueando tudo,o que nella achaſſem. O Governador da povoaçaõ naõ ſe dando por contente com executar a ordem de queimar, & roubar a ermida, ſaqueou tambem a caza de hum Catequiſta, & as de alguns Chriſtaõs, que viviaõ junto à ermida: depois prendeo ao Catequiſta chamado Mutû, & a dous meninos, que aprendiaõ o Catecismo chamados Arula-randam,& Mariadajen: mandouos açoutar inhumanamente, & algemados os levou à Corte, aonde entraraõ em doze de Janeyro, & foraõ metidos na meſma prizaõ, em que eſtava ſeu Meſtre o Padre Joaõ de Britto: recebeos com muitas lagrimas de conſolaçaõ, beijando muitas vezes as prizoens, que maneatavaõ a taõ innocentes cordeyros: naõ era menor a conſolaçaõ dos prezos, alegrandoſe de que Deos lhes fizeſſe mercê de padecerem por ſua honra. Naquelle carcere eſtiveraõ, athe que o tyrano chegou à Corte.

15 Trouxe elle em ſua companhia a ſeu primo Tiruvreya-

vreya-deven, que era o que tinha mandado por ordem do tyrano prender ao Padre: este mandou, que os prezos fossem trazidos a sua prezença, & tambem as cousas, que no saque se lhes tinhaõ tomado, que naõ eraõ taõ preciozas, como as queria a sua cobiça: entre estas pobres alfayas hia hum Crucifixo de lataõ, que elle cuidou ser de ouro, & pera ver se o era, o mandou tocar em huma pedra; mas achandose, que era de outro metal, cheyo de rayva perguntou ao Padre, que cousa era aquella imagem? Respondeo o Padre: He a imagem de meu Deos, & meu Senhor. Ouvindo esta reposta, elle com os mais começaraõ a dizer muitas blasfemias contra a sancta imagem; & com grande furia tirou com ella ao cham: lançouse por terra o sancto Padre, tomandoa nas maõs, beijandoa com muita devaçaõ, & ternura, abraçandoa, & apertandoa ao peito. Mais embravecido com isto aquelle ministro do Inferno lhe arrebatou das maõs a sancta imagem; & com a mesma furia lhe disse: Se a ley, que ensinava, era taõ sancta, como elle dizia, como ordenava, que os maridos naõ fizessem vida com suas molheres, & as repudiassem, que fora injustiça gravissima ter mandado isto ao Principe Taria-deven: & sem ouvir reposta, os mandou levar ao mesmo carcere, donde tinhaõ vindo.

16 Tambem o Principe Rauganada-deven intentou mandar, que os prezos viessem a sua prezença: obstaram a isto com todo o empenho os sacerdotes dos idolos por meyo do seu famozo Bracmene Purpuvanam; que dizia ao Principe, naõ convinha tal cousa, porque aquelle feiticeiro com os seus encantos trazia a si, & à sua ley a todos, os que fallavam com elle; por tanto, que nem ainda convinha velo dos olhos. Temia este, & os seus alliados, que mandando o Principe vir ante si o Padre, os mandaria disputar com elle, cousa, que de nenhum modo queriaõ, nem a sua soberba se accomodava bem com a confusam, que da disputa lhes avia de nacer. Accusaram ao Padre naõ só do crime de prègar a ley de Deos, & desterrar do mundo as ceremonias dos idolos, mas accumularam outros muitos crimes, taõ difficultosos de provar, como faceis de fingir. Achavase nesta occasiaõ prezente o Catholico Principe Taria-deven, que em tudo acodia pello Padre, como por cousa sua, & que muito lhe tocava.

17 Ouvindo Rauganada-deven os encarecimentos, que lhe diziam da efficacia dos feitiços: disse com os olhos postos em Taria-deven: Naõ podem estes feitiços ser mais poderosos, que os nossos; & senaõ veraõ todos, como faço, com que dentro de tres dias morra este feiticeiro à força dos nossos feitiços, sem alguem lhe tocar. Logo deu ordem a que se fizesse huma feitiçaria, que elles chamaõ Patîra-Guli-pugei, da qual a principal ceremonia he lançar no fogo a imagem daquelle, contra quem se ordenaõ os feitiços; entaõ formaraõ de barro huma do Padre, & a lançaraõ no fogo, tendo feito todas as mais ceremonias, de que se acompanha esta funçaõ.

18 No fim dos tres dias naõ duvidando do effeito, que a experiencia lhes mostrara em outras occasioens, mãdou ver ao carcere, se o Padre era jà, ou naõ era morto: acharaõno com muito mais alentos; porque lhos dera, quẽ os tirara aos feitiços. Começaram logo outra feitiçaria, que he a quinta substancia destas boticas: chamaõlhe elles Satpeviam, que dizem he a mais activa de todas; & pera nos naõ deyxarem em duvida, que assim he, quando a dispoem pera os outros, como a calcinaraõ pera o Padre; mandaraõ, que nos dias, em que com todos estes adjutorios pediam aos seus Deoses a morte pera aquelle seu inimigo, lhe naõ dessem cousa alguma de comer, antes o tratassem com a maior crueldade, que ser podia.

19 Assim o fizeraõ; mas Deos, que tinha muito à sua conta a vida deste seu servo, lha conservou entre taõ excessivos rigores, com os quais se alimentava de modo, que cada ves estava mais robusto. Conhecendo o tyrano a debilidade de suas mâs artes contra o servo de Deos; concebendo por isso grande furor, o voltou todo contra o Principe Taria-deven, & mais fidalgos Christaõs, q̃ lhe assistiam, mandando a todos, que adorassem a hum idolo, que alli estava, quando naõ, que logo lhes mandaria tirar a vida.

20 Resistio o Principe, dizendo, que elle só avia de adorar ao verdadeiro Deos, de quem recebera a vida da alma, & a saude milagrosa do corpo. Com igual constancia respondeo hum fidalgo chamado Para-deven: ajudavaos, & confirmavaos nesta constancia là do seu carcere o sancto Martyr com muitos avisos sanctos; do que de-

viaõ

viaõ a Deos, & a ſuas conſciencias: os caſtigos, que no outro mundo tem os maos, & o premio, que ſe dà aos bons. Da meſma ſorte animava aos companheiros das ſuas cadeas; inſtruindoos de como ſe aviam de aver, quando o tyrano os mandaſſe chamar a ſua prezença: tanto afervorou no dezejo do martyrio aos que com elle eſtavam, que ouvindo elles dizer, que o tyrano os determinava ſoltar, choraram muitas lagrimas, por naõ merecerem a fortuna de dar a vida por ſeu Deos.

21 Sabendo os Padres do Malabar da prizaõ, fomes, & ſedes, que padecia o ſancto Martyr; intentaraõ muitas vezes o Padre Provincial, & os Padres Joaõ da Coſta, & Manoel da Rocha acudirlhe por algum modo; mas era tanta a vigilancia das guardas, que tinhaõ ordens apertadiſſimas, pera lhe impedir toda a communicaçaõ exterior com os Chriſtaõs, que naõ davam lugar a ſe lograr alguma das muitas diligencias, que ſe faziaõ. Dos Gentios vinhaõ alguns às vezes ao carcere, huns por zombar do Padre, outros por diſputar com elle; a eſtes convencia com as razoẽs, & a todos com a paciencia nas injurias.

22 Todas as ſuas praticas eraõ ancioſos dezejos do martyrio: huma vez lhe ouviraõ eſtar dizendo: *Senhor, & Redemptor meu, em huma quinta feira foſtes prezo por minha cauſa, em huma quinta feira fui eu tambem prezo pella voſſa: concedeime agora, que aſſim como vós deſtes a vida por meu amor em huma crus, a dê eu por voſſo amor; & que eſte meu corpo ſeja deſpedaçado; pois naõ merece ſepultura, ſeja alimento de feras.* Naõ faltou Deos a taõ fervoroſa petiçaõ com o cumpraſe muito à vontade do ſancto Martyr, comomo logo ſe dirá.

CAPITULO XXXI.

Da ſua glorioſa morte, & tudo o mais, que antes, & depois della ſuccedeo.

1 VInte, & tres dias havia jà, que o Padre eſtava prezo; quando Rauganada-deven mandou, que elle, & ſeus companheiros vieſſem a juizo: temendo o tyrano fallar com

com o Padre, pello que lhe aviam metido na cabeça à cerca dos seus feitiços; mandou a Tiru-vreya-deven, que estava prezente, lhe perguntasse, se sabia modo, com que rebater o golpe de huma bala de artilharia, ou se podia fazer, com que chovesse todas as vezes, que fosse necessario? Ao que respondeo, que elle abominava todas as artes de feitiçaria. Mais de duas horas os detiveram em pè, & descubertos ao sol, que era intensissimo, feitos objecto de mil injurias, & afrontas. Depois mandou o tyrano, que tornassem pera o carcere, & dahi a pouco tempo ordenou, que lhe levassem a dous delles, que eram Mutû, & Arula-randam; em cuja companhia por permissaõ do tyrano foi tambem seu sancto Mestre o Padre Joaõ de Britto: animando-os com sua prezença, & palavras ao martirio, de que se tinhaõ mostrado taõ dezejosos. Sahiraõ do carcere fazendo gala das prizoens, que arastavaõ: chegados à prezença do tyrano, foraõ recebidos com muitas afrontas, & injurias: mandoulhes, que dissessem as oraçoens do seu Catecismo. Responderaõ, dando os sinais, que tinha de o ser, o verdadeiro Deos; & dizendo os dez preceitos do Decalogo, a cada palavra, que pronunciavaõ os dous Christaõs, dizia o barbaro a blasphemia, que lhe vinha à boca.

2 Perguntoulhes, se estavaõ com proposito de confirmar com a vida aquellas cousas, que diziaõ? Responderaõ, que naõ só com huma, que tinhaõ, mas se muitas tiveraõ, as deraõ todas de boa vontade em conrfirmaçaõ daquellas verdades. Acezo em ira o tyrano, mandou, que logo fossem arcabuseados, encomendando a execuçaõ a hum soldado conhecidamente destro na arte de atirar: pôs logo as cousas em ordem; & metendo à cara huma espingarda, que escolhera por melhor, & disparandoa, lhe errou fogo. Enfurecido o tyrano por este successo, mandou segunda ves levantar o caõ à espingarda, dizendolhe, que tirasse a huma parede, que apontava; tirou, & pegando fogo fez com duas balas, que despedio, sua brecha em a parede: entre tanto estavaõ immoveis os dous soldados de Christo, sem temor algum da morte, que taõ perto delles andava; mostrando mais valor, que os seus annos, que naõ passavaõ em hum de vinte, & dous; & no outro de quinze.

3 Rece-

3 Recreavase o sancto Padre de ver taõ bem lograda a sua doutrina; & doia-se, de que assim fosse vexada a innocencia: levantou a vòs, & disse ao tyrano: Se he culpa nestes meos discipulos seguirem a ley verdadeyra, toda esta culpa he minha, que os ensinei; por tanto naõ he bem, que elles, mas eu padeça: aqui me tendes: em mim executai todos os castigos, que estou mais aparelhado pera os sofrer, do que vós estais pera mos dar. O effeito destas palavras foy, que assim o tyrano, como todos, os que assistiaõ, cercaraõ ao sancto Martyr, & lhe deraõ tantas bofetadas, pancadas, & açoutes, que julgavaõ todos naõ sahiria dalli com vida. Tudo sofreo com tanta mansidaõ, que admirado hum gentio dos que isto viraõ, disse: Todos contradizem a ley deste homem como falsa, mas o seu grande sofrimento dá claras mostras, de que só ella sem duvida he a verdadeyra ley. Taõ efficazes saõ as vozes mudas da paciencia christaã, que athe pellos idolatras mais cegos, & obstinados se deixaõ perceber.

4 Depois deste mao tratamento lhe perguntou o tyrano pello livro da ley, que ensinava; acodio hum soldado offerecendolhe o Breviario do Padre, que era huma das alfayas, q̃ entrara no saque da sua Igreja: alegrouse muito com a peça; porque lhe tinhaõ ditto, que com esta naõ só illudia toda a sorte de feitiços, mas tambem quaisquer balas de artilharia. Logo perguntou ao Padre, se huma bala de espingarda poderia fazer mal àquelle livro? Respõdeo o Padre, que naturalmente sim podia: pera experimentar, o q̃ lhe tinhaõ persuadido, mandou como por escarnio atar o Breviario a huma galinha; & a hum soldado, que lhe tirasse com huma espingarda: succedeo, que dando na galinha, & fazendoa em pedaços, ficou illeso o Breviario: confuso o tyrano, mandou, que tirasse só ao Breviario: assim o fes, & do tiro ficou o Breviario algum tanto, ainda que naõ muito mordido. Vendo isto o tyrano começou a arguir o Padre de mentiroso, como se elle tivesse ditto, que bala nenhuma avia de fazer mal ao Breviario; sendo só contrario a verdade do que elle tinha ditto avia bem pouco tempo. Compadecido hum dos fidalgos gentios, que alli assistiaõ, das injurias do Padre, com modo, & urbanidade, que o tyrano se naõ enfurecesse, o certificou do que o Padre tinha ditto, estranhando

do tacitamente o falſo teſtimunho, que lhe levantava.

5 Aqui mudou de pratica o tyrano: devia ſer, quanto ao que parece, pera com eſte disfarce dar hum corte àquella ſua inadvertencia. Perguntou ao Padre, ſe eſtava lembrado, que avia alguns annos lhe tinha ſobpena de morte prohibido prègar nas ſuas terras a ley de Deos; & ſendolhe aſſim intimado, como ſe atrevera contra a ſua vontade tornar a prègar tal ley? Por eſte crime mandou logo, que foſſe arcabuzeado. Diſpuzeraõ na praça as preparaçoens neceſſarias, pera ſe executar o caſtigo: jà o Padre eſtava junto a hum maſtro, pera ſer alvo dos tiros, & ninguem os dezejava mais que elle.

6 Achou o tyrano alguns inconvenientes por entaõ na execuçaõ do caſtigo, temendo naõ ouveſſe alguma revolta, por cauſa do empenho do Principe Tariâ-deven: por tanto aſſentou comſigo tirarlhe avida fóra daquella publicidade, & lugar: pera eſte fim o remetteo à Cidade de Oreuy-ur, que eſte he o ſeu nome, ainda que os que eſcrevem da morte deſte ſancto Padre, affeiçoando o nome em ordem à pronuncia mais corrente, lhe chamaõ Urgur: eſtâ ſituada junto de hum rio chamado Pampárru nos fins do Reyno, diſtante da Corte duas jornadas; aonde aſſiſtia hum primo do tyrano por nome Urende-javen, taõ cruel, como elle era; a eſte mandou dizer, que lhe remetia aquelle prezo, pera que lhe tiraſſe a vida com a morte, que lhe pareceſſe.

7 Com eſta nova diſpoſiçaõ ſe deſpedio o ſancto Martyr dos companheiros das ſuas prizoens, que ficaraõ naquelle carcere; bem ſe deixa ver o ſentimento, com que o faria, do amor, com que os amava; foi levado a Urgur; o tratamento do caminho baſta dizer, que foi como nas outras jornadas. No ultimo de Janeiro chegou a Urgur; deuſe conta a Urende-javen, & por ſua ordem foi metido na prizaõ. Avia muitos annos, que eſte homem ſe achava leproſo, & quaſi entrévado; por eſta cauſa mandou vir ao Padre diante de ſi, & lhe pedio, que o ſaraſſe, porque tinha noticia, que de ſemelhantes curas tinha elle feito muitas. Reſpondeo o Padre, que elle naõ dava ſaude, que iſſo ſó o podia fazer Deos Creador do Ceo, & da terra; mas ſe tiveſſe preſtimo pera lhe preparar algum remedio humano, q̃ o faria com muyto boa vontade. Replicou o enfermo dizen-

dizendolhe, que bem sabia, que na sua maõ estava darlhe a morte, ou a vida; que se lhe desse saude, por este beneficio lhe daria elle avida, & que alem desta lhe daria hum prezente de grande valor. Respondeo o Padre, que tudo, quanto o mundo tem em conta, estimava elle em nada; que quanto à mercê, que lhe offerecia, da vida; elle só dezejara sempre dalla em testimunho da Ley de Deos, que ensinava; nem se persuadia, que apudesse empregar melhor, & que a maior mercê, que se lhe podia fazer, era tiraremlhe a vida por causa taõ sancta.

8 Teve tambem este tyrano varias disputas com o Padre, & mandou vir os seus Letrados, pera que disputassem com elle; a todos convenceo, sem algum delles se converter, porque naõ merecia a sua muyta cegueyra este favor da maõ de Deos. Vendo pois o tyrano, que instar com o Padre era perder tempo, & palavras; o mandou voltar ao carcere, dalli escreveo ao Padre Francisco Laynes da nossa Companhia a carta seguinte, fazendo tinta de hum carvaõ moido, & pena de huma palha.

9 *Aos vinte, & oito de Janeyro fui levado a juizo, & mandado arcabuzear diante do mesmo Rauganada-deven. Posto no lugar, em que avia de ser arcabuseado, & tudo em ordem, temendo o ditto Rauganada-deven algum motim no povo; apartandome dos meus gloriosos confessores de Christo, remetendome a seu primo Vrende-javen, o ultimo de Janeyro fui levado a juiso, em que ouve huma boa disputa; depois della tornaraõme a meter no carcere, aonde fico esperando a morte por meu Deos, & Senhor, que he o que unicamente vim buscar duas vezes à India, à missaõ, & às terras do Maravâ. Ainda que he muyto o trabalho, he muyto mayor o premio: fico muyto contente, & consolado in Domino: pois sendo a culpa, de que me accusaõ, virtude, o padecer por ella he grande gloria pera merecer: esta peço, & a sancta bençaõ de Vossa Reverencia, em cujos Sacrificios &c. Carcere tres de Fevereyro de mil seiscentos, noventa, & tres.*

10 No mesmo dia, que foi à vespora do martyrio escreveo tambem esta a seu grande amigo o Padre Joaõ da Costa Missionario do Malabar: *Sei muyto bem o muyto, que devo a Vossa Reverencia; Deos lho pagarâ. Manoel terâ informado a Vossa Reverencia de toda a minha prizaõ, & successos della. Fui remetido a Orey-ur, ultimamente pera ser degolado,*

golado. Padeci muyto no caminho; cheguei, & fui levado a juizo: confessei a Fê de Deos com largo exame: tornaraõme a meter no carcere, em que fico esperando o bom dia; pera o que peço instantemente a sancta bençaõ do Reverendo Padre Provincial, de Vossa Reverencia, & dos mais Padres, & seus sanctos sacrificios. Fico muyto consolado in Domino, & com boa saude. Os soldados sempre me assistem, por isso naõ sou mais largo. A Deos meu bom amigo. Fevereyro tres de 1693. Sirva esta pera todos os Reverendos Padres. Este anno bautizei quatro mil &c. Humilde servo, & amigo em Christo Joaõ.

11 Foraõ estas cartas escritas aos tres vespora do dia, em que avia de ser coroado: logo no dia seguinte, que eraõ quatro de Fevereyro, o mandou levar fora de Urgur a hum lugar distante, em hum outeiro, ou cabeço, que fica eminente ao rio Pamparru: a este elegeraõ pera altar de taõ sancta victima, como lâ os Judeos ao Calvario pera o sacrificio de Christo: & com grandes algazârras, & excessivas injurias de povo innumeravel, que concorreo, o levaraõ àquelle outeiro, em que avia de ser sacrificado: em chegando ao lugar, tirou o algos huma fouce, das com que roçaõ o matto, aqual eu vi, & beijei, quando câ a trouxe o Padre Joaõ da Costa; & a começou a afiar em huma pedra; sobre aqual se assentou o sancto Padre, fazendo oraçaõ a Deos, em quanto o algos preparava a ferramenta.

12 Neste mesmo tempo assistindo a este sancto espectaculo dous novos Christaõs, arderaõ à vista delle em tanto fogo do Ceo, que rompendo pella gente correraõ pera os algozes dizendo, que eraõ Christaõs; & que se offereciaõ pera fazer companhia na morte a seu sancto Mestre, dãdo as suas vidas pella mesma causa. Como os algozes naõ tinhaõ poder mais, que pera dar a morte ao Padre, prenderaõ aos dous Confessores de Christo, & os mandaraõ meter no carcere, athe saber a vontade do tyrano.

13 Logo arremetteraõ ao Padre, & o despojaraõ dos seus vestidos; he esta injuria na aceitaçaõ daquellas gentes maior, que o castigo, que se manda executar: achando, que tinha hum Relicario ao pescoço, & persuadidos, que alli trazia os feitiços, com que atodos encantava, & convertia; receosos de que se lhe pegasse o contagio, olhavaõ huns pera os outros, apontando pera o Relicario, como quem dizia, que se guardassem de tocar tal cousa: pera lho

tirarẽ

tirarem a ſeu ſalvo, vendo, que pendia de hum cordaõ, cõ hum alfange tiraraõ huma cutilada ao cordaõ, com que o cortaraõ, & deraõ no lado do Padre huma grande ferida.

14 Tanto que viraõ ſaltar fora do peſcoço o Relicario, mais afoutos, que antes, ſe chegaraõ ao Padre, que eſtava aſſentado, eſperando pello ultimo golpe: ataraõlhe as maõs, & barba, que trazia comprida, ao peyto: feita eſta diligencia, pegando o algos daquella fouce, que diſſemos, deu hum grande golpe pella parte de detras no peſcoço do ſancto Martyr, com que lhe cortou a cabeça, ficando eſta ſó pegada por huma pequena pelle junto à garganta. Succedeo neſte ponto huma couſa prodigioſa, & foi, que o corpo aſſim ferido avendo naturalmente de cahir pera diante, pera onde eſtava inclinado, cahio pera tras com os olhos abertos pera o Ceo, & os pes eſtendidos, ficando o corpo com toda a compoſtura. Vendo os algozes, que a cabeça eſtava ainda pegada por aquella tenue pelle ao demais corpo, como receando, que com os ſeus feitiços a tornaria a unir, lha cortaraõ de todo; depois lhe cortaraõ tambem as maõs, & os pés; & aſſim a cabeça, como pés, & maõs os ataraõ juntos à cintura do ſancto cadaver, & eſpetandoo em hum grande eſpeto de pao o arvoraraõ naquelle lugar, aonde eſteve oito dias, em hum dos quais por ordem do tyrano o puzeraõ em outro eſpeto muyto mais alto, que o primeyro.

15 No fim dos oito dias cahio o ſancto cadaver do eſpeto, & a cabeça rodando pellas aſperezas do monte foi cahir nas correntes da quelle rio, que lhe ſerviraõ de ſepultura: ficando aſſim em terra o ſancto cadaver, foi deſpedaçado, & comido das feras, que hâ muytas por aquelle ſitio, dando Deos cumprimento aos dezejos, que como aſſima diſſemos, tivera de ſer comido das feras por ſeu Deos. Os fragmentos foraõ recolhidos por dous Catequiſtas, que cõ pretexto de ir à montaria naquelle lugar, os ajuntaraõ, & recolheraõ com toda a veneraçaõ.

16 No meſmo dia, em que cortaraõ a cabeça ao ſancto Padre, a horas de meyo dia, eſtando repouzando o Padre Joaõ da Coſta, por ter caminhado o dia, & noyte antecedente, & parte daquelle dia ſem fazer intervallo na jornada, em ſonhos vio ao ſancto Martyr com a cabeça corta-

 da

da nas maõs; & entrando no mesmo ponto hum seu Catequista chamado Jorge, lhe referio o seu sonho, de que o Catequista o procurou divertir, dizendo, que era sonho, & como de tal naõ avia porque fazer cazo. Dahi a tres dias chegou hum Catequista chamado Manoel, acompanhado de hum daquelles dous Christaõs, que estando o Padre pera ser martyrizado se offereceraõ; & deraõ a nova da gloriosa morte do sancto Padre Joaõ de Britto. Conferindo pois o Padre Joaõ da Costa a hora, em que lhe apparecera o sancto Martyr, com aquella, em que os mensageiros diziaõ, que fora degolado, achou ser o mesmo tempo: distava o lugar, onde o Padre teve este misterioso sonho, quarenta legoas da cidade de Urgur; com este favor lhe quis pagar a sancta amizade, que entre si tinhaõ estes dous Missionarios.

17 Aos dous Christaõs, que dissemos prenderaõ, quãdo estavaõ a ponto de cortar a cabeça ao Padre, mandou o tyrano cortar as orelhas, & narizes, & com esta invejada deformidade sahir livres do carcere; naqual afronta huma só pena lhes durou, que foi o naõ ganhar a vida eterna, perdendo naquella occasiaõ com seu sancto Mestre a temporal; disgraça, que hum delles chorava com inconsolaveis lagrimas.

18 Tambem na mesma hora, que o sancto Padre acabou a vida em Urgur, soltaraõ em Ramanada-buraõ Corte do tyrano, distante de Urgur algumas jornadas, aos seus Catequistas, & companheiros, que alli deyxara prezos, despedindoos o tyrano com honra, contra o que se esperava: cumprindose huma profecia do sancto Martyr, em que tinha ditto, que só elle naquella perseguiçaõ avia de morrer. Consta esta profecia do processo authentico, que por mandado do Bispo de Meliapur Dom Gaspar Affonso se tirou da vida, & morte do sancto Padre Joaõ de Britto; pera que quando Deos for servido se lhe dê cá na terra aquelle culto, que tem os sanctos Martyres, que a Igreja tem declarado por tais. Acabou este sancto Padre aos 4 de Fevereyro de mil seiscentos noventa, & tres: tendo vivido na Cõpanhia quanto vai do anno de 1662 athe este, em que morreo; & servido nas missoẽs, & pera ellas desde o anno de 1673 athe o anno, em que foi degolado, entrando nesta cõta o tempo, que gastou a primeyra ves de Portugal athe

chegar à sua missaõ, & os annos, que gastou nesta segunda ves, que voltou ao Reyno, sobre os negocios da sua provincia, & missoẽs; em que conseguio de sua Magestade el-Rey Dom Pedro o Segundo muyto favoraveis despachos pera os augmentos daquellas Christandades.

CAPITULO XXXII.

Referese hum successo milagroso em honra do sancto Martyr, & se ponderaõ brevemente suas virtudes, & se referem outras cousas em honra sua.

1 PEra gloria de Deos, & honra do seu Martyr succedeo no anno seguinte ao de sua morte este milagre. Em huma Comarca chamada Totiaõ, que fica ao poente de Calpaliaõ, adoeceo hum gentio de huma ardentissima febre: vendose desconfiado da vida, mandou vir a hũ Christaõ chamado Gegani, o qual por acudir ao bem dos proximos por todos os caminhos, aprendeo alguma cousa de medicina, & ainda que toda esta naõ passava de huns principios confusos da faculdade, com tudo naquellas partes tinha nome de Medico, & como a tal acodio a elle o gentio, & se lhe pos todo nas maõs.

2 Por occasiaõ da cura introduzio o Christaõ praticas da Ley de Deos, exhortando ao gentio, que deyxados seus erros a abraçasse; que por meyo della asseguraria a saude da alma, & se disporia, pera que Deos lhe desse tambem a do corpo: dizendolhe pera este fim mil bens da Ley de Deos, & excellencias della. A isto respondeo o gentio; que como queria persuadirlhe, que a Ley dos Christaõs era boa, se avia taõ pouco, que o Principe Maravâ tinha mandado degolar a hum Mestre della com tanta infamia, quanta sabiaõ todos? Que se ella fora boa, nunca hum taõ grande Principe faria tantas diligencias pella extinguir: & que esta era a razaõ, que tinha pera naõ avaliar por boa esta Ley.

3 Aqui acodio o Catholico, dizendo; que dahi mesmo se provava ser boa; pois quem a professava, a estimava mais, que a mesma vida, como a estimou aquelle Mestre; de caminho disse muytos louvores das virtudes do Padre Joaõ de Britto, como estava diante de Deos, gozando o premio

do ſeu martyrio, & rogando por todos, os que ſe encomendavaõ a Deos por interceſſaõ dos ſeus merecimentos.

4 Ouvindo tudo o gentio diſſe ao Chriſtaõ: que ſe aquelle, que dizia ſer verdadeiro Deos, por interceſſaõ daquelle Meſtre, aquem de veras ſe encomendava, em credito da ſua Ley lhe tiraſſe a febre, em que ardia, dentro de vinte, & quatro horas; & ſe viſſe reduzido a perfeita ſaude, prometia fazerſe Chriſtaõ. Aceitou o Medico o partido, confiando em Deos, que pellos merecimentos do Padre Joaõ de Britto daria ſaude na alma, & no corpo ao enfermo: com eſta confiança ſe retirou pera caza: no dia ſeguinte voltou à hora emprazada, & tomando o pulſo ao ſeu enfermo, o achou ſem febre alguma, & dentro de poucos dias ſe vio reſtituido de todo à ſua perfeita ſaude: à viſta deſte taõ ſingular favor do Ceo, dando de maõ à idolatria, recebeo o ſancto baptiſmo. Eſte cazo refere o Padre Antonio Dias na carta annua da miſſaõ do anno de 1695.

5 Quem lendo eſta vida, & morte do ſancto Padre Joaõ de Britto deyxarâ de venerar neſte illuſtriſſimo Martyr hum tranſumpto daquelles grandes Meſtres da Igreja os ſanctos Apoſtolos, cujos empregos taõ apoſtadamente imitou; acompanhando eſta ſua vida Apoſtolica de todas as virtudes, com que ella coſtuma andar acompanhada? Que humildade taõ profunda, pois naõ queria couſa, que cedeſſe em honra ſua. A ſeu Irmaõ, que nos ſobreſcritos das cartas quando veyo ao Reyno, lhe eſcrevia ao principio, chamandoo: *Muyto Reverendo Padre, & Senhor Joaõ de Britto meu Irmaõ Procurador Geral do Malabar*; lhe dizia em huma repoſta: *Tambem vos peço, que quando me fizereis mercê eſcreverme, me naõ ponhais no ſobreſcrito mais, que: Ao Padre Joaõ de Britto da Companhia de JESU meu Irmaõ: & nada mais, porque eu naõ ſou muyto Reverendo, nem Senhor, porque ſou voſſo Irmaõ mais moço, & como tal, & como Religioſo ſou voſſo ſervo; & ſe vos chamo por vôs neſta ſuppoſiçaõ, he por naõ alterar neſtas circunſtancias o modo, porque ſempre vos tratei, podendo vôs imaginar no que era obrigaçaõ minha offença no que vos quero. E o ſer Procurador Geral he ſô pera os papeis, que o requerem ex officio, & naõ pera os ſobreſcritos, que ſô denotaõ fantaſtica. E fique iſto ditto por huma ves, que he jâ muyto tarde, mas mais val tarde, que nunca.*

6 Deſta

6 Desta humildade naceo, & tambem do dezejo, que tinha de salvar almas aquella sancta tezidaõ, que teve em fugir das honras, pera que os Serenissimos Reys o queriaõ em Portugal, sobre as quais escrevendo ao mesmo Irmaõ dis assim: *Eu vou taõ contente, como vim pezaroso; cuidar, que alguem me desviou, cuido, que he engano; porque eu nunca avia de ficar, porque sô no Ceo quero estar na patria, & por isso sô lâ me naõ quero apartar de vos.* Em outra tocando na mesma materia lhe dis referindo a morte do Padre Francisco de Almeyda: *Morreo de hum accidente, mas bem aparelhado o Padre Francisco de Almeyda, & eu perdi hum grandissimo amigo: seja Deos bendito, que tudo acaba em a morte: por isso eu me vou pera a India com tanto gosto, & mãdei fazer as ultimas instancias, ou pedi, que se fizessem pella Rainha Nossa Senhora, & dis sua Magestade, que me dâ licença, mas que daqui a dous annos me hâ de mandar chamar; mas espero em Deos, que se esqueça.* E ao Padre Joaõ da Costa escreveo das suas missoẽs: *Eu sempre disse a Vossa Reverencia, que naõ avia de tornar a Portugal; eu quero mais o Ceo, que a terra, & mais os mattos de Madure, que o paço de Portugal.* Das quais palavras, & certeza, com que as dis tambem parece, que o sancto Padre tinha noticia superior, de que naõ avia de voltar ao Reyno, ainda que sua Magestade lhe dissera, que dalli a dous annos o avia de mandar chamar; & em effeito ainda no anno de 1692, que foi o antecedente ao seu martyrio, lidou a Rainha neste ponto, & sobre elle escreveo da sua parte seu Confessor o Padre Leopoldo Fuês ao Reverendo Padre Geral, pera que mandasse vir da India ao Padre Joaõ de Britto; donde se infere, que naõ podia elle ter lâ o ultimo desengano das võtades Reais; pois a carta do Reverendo Padre pera o Padre Leopoldo foi dada em Roma aos 30 de Setembro de 1692, & chegou a Portugal dous mezes, & meyo antes da morte do sancto Padre.

7 Com que palavras se poderâ encarecer a grande cõfiança, que teve em Deos, naõ fogindo aos perigos, mas metendose nelles, quando era necessario pera sua maior gloria? Testimunha bem isto alem do que fica escrito esta breve carta ao Padre Joaõ da Costa: *Dizem agora, que o Maravâ tem ditto, que espera prenderme, & cortarme a cabeça, & assim pôr termo â prègaçaõ do Evangelho nas suas ter-*

terras; se assim o fizer, peraque he fallar? Iremos mais sedo pera o Ceo: & como esta nova esteja jâ muyto espalhada, julgo naõ ser gloria de Deos deyxar agora estas terras: eu naõ confio em mim nada, que sou hum grandissimo peccador, mas confio sô em Deos, que em semelhantes occasioẽs dâ simpliciter posse; & nas oraçoẽs, & sanctos sacrificios de Vossa Reverencia, que podem alcançar muyto de Deos; & assim com especialidade os peço agora. No entre tanto vai continuando a conversaõ, os baptismos, & a frequencia dos Sacramentos em maior numero, & de diversas partes pedem de novo Catequistas. E quanto melhor he isto, que todas as grandezas de Europa?

8 A sede de salvar almas foi nelle insaciavel; isso se vio em todas as suas obras, & palavras: as suas cartas todas cheiravaõ a Deos, metendo nellas muytas cousas sanctas, & espirituais, exhortando de caminho às virtudes, & bens da alma: destas estaõ semeadas as suas cartas, ainda quando respondia a negocios, que se lhe encomendavaõ: baste pera prova alem das que ficaõ apontadas esta a seu Irmaõ: *Saõ taõ grandes as occupaçoẽs, em que me acho, & o tropel de negocios, & visitas, que me levaõ o tempo, que sô furtando este a outras occupaçoẽs posso satisfazer a esta. Estimo vossa saude, & peço a Deos a empregueis sempre em o amar, que he sô o com que vos aveis de achar à hora da morte, & por toda a eternidade: a vosso serviço fica, a com que Nosso Senhor me favorece. Chegou o papel; queira Deos, que o faça eu bem nos seus divinos olhos, porque sô a conta, que tenho que lhe dar, he a que me atormenta. Deos vos guarde &c.*

9 O Padre Jeronimo Telles, de que assima se fez mençaõ, Missionario tambem de Madure, & de quem o sancto Martyr Joaõ de Britto câ em o Reyno disse, escrevendo a hum seu Irmaõ da nossa Companhia: *O Padre Jeronimo Telles he hoje o melhor Missionario, que tem a missaõ, & faz muytos, & muyto grandes serviços a Deos Nosso Senhor, à Igreja, & à Companhia: Vossa Reverencia pode dar muytas graças a Deos de ter tal Irmaõ, porque he hum sancto.*

10 Este Missionario escrevendo a seu Irmaõ em carta aos 4 de Agosto de 1684 diz assim, fallando do sancto Padre Joaõ de Britto: *As novas desta missaõ vaõ na Annua, que eu tresladei, por mo pedir o Padre Joaõ de Britto insigne Missionario, o qual sendo taõ illustre corre todos estes Reynos a pè descalço com tanto dezejo de acodir aos Christaõs, & aos*

que

que se convertem, que me parece hum verdadeiro retrato do Sancto Xavier.

11 Em outra dada em 3 de Janeyro de 1687, quando o sancto Padre avia de vir ao Reyno por Procurador, diz assim escrevendo ao mesmo Irmaõ: *Jâ lhe escrevi por via de Goa, mas porque depois disso succedeo a eleyçaõ do Procurador Geral a Roma, faço esta por via de França, pois pera Goa jâ naõ he tempo, pera significar em como vai o Padre Joaõ de Britto, varaõ verdadeyramente Apostolico, & insigne sogeito em toda a materia, que desde que veyo comigo desse Reyno, esteve sempre nesta missaõ, que augmẽtou extraordinariamente à custa de infinitos trabalhos, & horriveis perseguiçoẽs, & ultimò sendo Superior della sô usou de seus poderes, pera aliviar aos outros, & mortificarse mais a si, andando sempre em huma roda viva, & metendose nos maiores perigos, pera salvar as almas, & exaltar a Fê de Christo, por amor da qual foi prezo muytas vezes, & padeceo infinitos martyrios: a, este famoso Missionario, & grande Apostolo de nossos tempos devo eu alem de infinitas obrigaçoẽs, & innumeraveis favores hum affecto extraordinario.*

12 O mesmo em outra carta fallando do sancto Martyr, & do incansavel fervor, com que trabalhava, dis, que o Padre Joaõ de Britto se avia no zelo das almas, & trabalhos pellas salvar, taõ incansavelmente, que naõ sabia, que Saõ Francisco de Xavier se ouvesse com mais fervor nestas materias. Refiro os dittos deste Padre, que como era testimunha, & taõ abonada, dos Apostolicos empregos deste sancto Martyr, naõ tenho pera mim, que fallava tanto levado do affecto, que lhe merecia este, quanto pello que julgava do agigantado espirito, com que indefessamente procurava a salvaçaõ das almas à imitaçaõ do grande Apostolo do Oriente, dequem foi hum dos maiores imitadores, que teve a Companhia nas Apostolicas, & gloriosissimas missoẽs da India, como se deyxa bem ver de tudo, o que fica referido. E quem tiver noticia dos filhos da nossa Companhia, que nas Indias trabalharaõ incansavelmente na salvaçaõ das almas à imitaçaõ do Sancto Apostolo Saõ Francisco de Xavier, & conferir as obras, & fervores de cada hum com as do sancto Martyr Joaõ de Britto, porventura, que julgue, ou ao menos duvide, se as missoẽs da India depois do Sancto Xavier tiveraõ Missionario mais glorioso.

13 Nos annos ſeguintes aos de ſua morte veyo a eſte Reyno por Procurador do Malabar o Padre Joaõ da Coſta, & trouxe conſigo o cutelo, ou fouce de roçar matto, com que o degolaraõ, a qual por bom preço ſe ouve do gentio, dequem era; que ſenaõ queria desfazer della, por ter niſſo naõ ſei que agouro; mas deyxouſe vencer do dinheiro, que tudo vence, com condiçaõ, que lhe avia de tirar o cabo, q̃ de outra ſorte temia algum grande deſaſtre; facilmente ſe veyo no concerto, & ſe recolheo eſte precioſo inſtrumento.

14 O Padre lhe mandou na India fazer de filagrana de prata huma bem lavrada bainha, em que o meteo; & quando chegou ao Reyno o foi offerecer a el-Rey, o qual com grande piedade o beijou, porem naõ aceitou a offerta, dizendo, que melhor ficava na Companhia, aonde ſeria mais reſpeitada, & naõ correria perigo de ſe perder, & ſervia pera afervorar aos Miſſionarios.

15 Beijaraõ tambem a eſta ſancta Reliquia os Senhores da Corte amigos do Veneravel Padre naõ ſem grande affecto, & piedade lembrandoſe, que era inſtrumento do martyrio de hum homem, aquem avia taõ pouco tinhaõ converſado. Entre outros Senhores o Marques de Marialva tomandoo nas maõs, & fazendolhe as merecidas reverencias, diſſe diante de alguns Religioſos da Companhia: *Naõ ſei, quem fez mais, ſe o ſancto Padre Joaõ de Britto pello martyrio, ſe eu pello impedir*. Significando niſto, que elle fora hum dos mais empenhados, pera o Padre naõ voltar pera a India. Eſta peça ſe guarda na Procuratura do Malabar no Collegio de Sancto Antaõ em Lisboa.

16 Naõ he bem paſſemos em ſilencio huma profecia de ſeu glorioſo martyrio, que muytos ouviraõ em Portugal referir ao Padre Joaõ de Britto. Em huma das prizoẽs, que ficaõ referidas, antes de elle vir ao Reyno, eſtava tambem com ſeu Meſtre prezo hum menino Chriſtaõ; diſſelhe o ſancto Padre: ſe os gentios depois de me matarem, quizerem tambem matarte a ti, que has de fazer? Reſpondeo: Padre, os gentios nem a mim, nem a vos haõ de matar agora; mas vos heis de hir à voſſa terra, & heis de voltar pera eſta, & entaõ vos haõ de matar. O que tudo ſe cumprio à riſca: no ditto deſte menino tinha o ſancto Martyr grande fé, & delle nacia, ou porventura de revelaçaõ, que

tinha,

tinha, dizer assertivamente, que avia de voltar pera a sua Missaõ, & que lâ o esperavaõ os tormentos.

17 Alem das maravilhas assima referidas depois da morte do Veneravel Padre, tive noticia de outras, com q̃ Deos acreditou seu martyrio. No paço do Tirano Regunâda-devem huma sua cunhada, & hum filho desta ficaraõ livres do Demonio por receberem o sancto bautismo. O mesmo effeito se esperava em huma molher do mesmo tirano, que era Irmaã desta; & sua Irmaã por ordem do Padre Francisco Laynes a instruia no Catecismo. Todas estas conversoẽs se atribuem ao sangue do Padre Joaõ de Britto, pois succediaõ em caza do mesmo tirano, que o mandou matar.

18 Em Cornapata veyo à Igreja huma Christaã proxima ao parto, & sentia tais apertos, que se persuadia morreria. O Padre Jozeph Carvalho a consolou, & lhe deu huma firma de huma carta do Padre Joaõ de Britto; ella com grande Fé a tomou, & aplicou a si, & teve hum parto felicissimo. Poz ao menino por nome Joaõ em honra do Veneravel Martyr.

19 Huma Christaã padecia varias enfermidades; muytos remedios se lhe aplicaram, todos sem effeito. Vendo isto seus pays, lhe deraõ a beber da terra, em que fora derramado o sangue do Martyr, & com este remedio logo ficou livre de todas as enfermidades.

20 Foi evidente sinal da ira de Deos a morte de Marungichiaõ hum dos principais, que ordiraõ a morte do Padre. Depois della continuou em vexar os Christaõs, & dizendoselhe temesse algũ castigo de Deos; de tudo se ria, dizendo, queià tardava. Mas parecia queria Deos fosse o seu castigo no mesmo mez, emque o Padre morreo. Porque em Fevereiro no anno seguinte à morte do Padre o assaltou tal enfermidade, que corrompendoselhe as entranhas, as lançava pela boca. Lavrou a corrupçaõ logo por todo o corpo, despedindo de si tal cheyro, que ninguem a elle se podia chegar, & com esta dor, & vehemencia dentro de vinte, & quatro horas, que naõ durou mais a enfermidade, deu sua alma ao Demonio.

21 No mesmo mes deu tal peste na povoaçaõ, onde o Padre foi prezo, que de todos os moradores hum só ficou com vida, como pera testimunha do castigo, & açoute de

Deos. Estas cousas escreve nas Annuas de 1692, & 93 o veneravel Padre Jozeph Carvalho tambem ditozo Martyr na mesma missaõ.

22 O Padre Antonio Dias tem assim em huma Annua sua do Anno de 1692: *He grande a devaçaõ, que os Christaõs tem ao Veneravel Padre Joaõ de Britto, dos quais a alguns bebendo da terra do lugar, em que elle morreo, concedeo Deos filhos, carecendo delles muytos annos.*

23 Pera que se veja a grande opiniaõ, que tinha do sancto Martyr nosso Reverendo Padre Geral, ajuntemos aqui as cartas, que escreveo aos Confessores das Magestades, quando intentaraõ, que voltasse da India pera ser Mestre dos Principes.

Carta pera o Confessor del-Rey o Reverendo Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs.

24 *Recebi nesta posta huma carta de Vossa Reverencia escrita em sinco de Junho proxime passado, naqual me dâ noticia da grande propençaõ, que sua Magestade: que Deos guarde, mostra a que o Padre Joaõ de Britto torne a repetir a navegaçaõ da India pera Portugal. Creyo terâ Vossa Reverencia entendido, quam prompto estou, & estarei, pera executar assim nisto, como em tudo o mais, que se offerecer, quanto for do agrado, & serviço de sua Magestade mas jâ, que Vossa Reverencia me adverte, que a singular piedade, & recta intençaõ de sua Magestade sô pertende deyxar na escolha do Padre Britto ou ficar na India, ou voltar pera esse Reyno, conforme elle julgar, que serâ maior serviço de Deos; entendo me naõ estranharâ sua Magestade significar eu a Vossa Reverencia o que julgo nesta materia; & he, que a vinda do Padre Britto pera Portugal serà sem duvida contra o maior serviço de Deos, considerados os grandes talentos de Missionario, que a divina bondade comunicou ao ditto Padre, dandolhe zelo Apostolico pera dilatar nossa sancta Fê, & particular graça pera a prègar, & atrahir a ella com seu bom modo, & grande pericia da lingoa Malabar grande numero de gentios, & outras muytas prendas proprias de hum homem escolhido de Deos pera o servir na empreza das almas, naõ dos Christaõs em Europa, mas dos gentios na India, aonde os sobredittos talentos renderàm cento por hum, como jà mostra a experiencia do copioso fructo, que o Padre Britto colheo da sua prêgaçaõ no Malabar,*

labar, & em Portugal naõ frutificaráõ hum por cento.

25 *O mesmo julgo pondo os olhos no maior bem da missaõ do Malabar, a qual tendo a sua Magestade por seu singular protector, naõ perderà cousa alguma em Portugal com a auzencia do Padre Britto, & na India ganharà muyto com a sua prezença valendose dos seus talentos, zelo, & experiencia da missaõ, & pericia da lingua Malabar, & tendo nelle hum vivo exemplar de Missionarios Apostolicos; a cuja vista, & dos sinais, que no corpo lhe deyxaràõ os martyrios, que padeceo pella Fê, & amor de JESU Christo, conceberáõ grande fervor os Missionarios, & trabalharaõ com maior zelo, & desvelo no bẽ espiritual daquella missaõ; a qual se deve antepor a qualquer emolumento temporal, que o Padre Britto lhe poderia grangear com sua assistencia em Lisboa.*

26 *Pello contrario que desanimados ficaràõ os mesmos Missionarios, & que frios nos seus bons propositos todos aquelles Religiosos da Companhia, que pertendem passar de Europa às missoẽs do Malabar, se virem deyxar a empreza das almas, aquem devia ser nella sua guia, & Capitaõ? Pera huns, & outros serà este exemplo de grande escandalo, & pera o Padre Britto materia de naõ pouco discredito, porque o poderàõ tachar de inconstante, por voltar taõ presto pera o Reyno, donde partio em Março proxime passado, & de menos zelozo no serviço de Deos, por trocar os trabalhos da missaõ pello descanço de Portugal. Com que poderà facilmente perder em breve tempo a grande opiniaõ de sanctidade, que grangeou em tantos annos à custa de muytos trabalhos no Malabar, naõ costumando Deos concorrer com suas particulares graças, & singulares dons, com quem deyxa a empreza das almas, a que o chamou. Isto he o que diante de Deos entendo neste particular, remetendome sempre, & em tudo ao rectissimo parecer de sua Magestade, em cuja consciencia desencarrego a minha. E porque senaõ offerece outra cousa, acabo recomendandome nos sanctos sacrificios, & oraçoẽs de Vossa Reverencia Roma. 22 de Julho de 1690.*

Servo em Christo
Thyrso Gonzales.

A Carta pera o Reverendo Padre Leopoldo Fues Confessor da Rainha dis assim.

27 *As obrigaçoẽs, em que nos tem posto a Serenissima Ra-*

Rainha de Portugal, & a ſingular benevolencia, com que favorece, & patrocina eſta noſſa minima Companhia juſtiſſimamente pedem de nos, como devido tributo, naõ ſó o agradecimento, mas tambem hum animo promptiſſimo pera obedecer ao minimo aceno, & ſignificaçaõ da vontade de ſua real Mageſtade.

28 *Por eſta cauſa quizera eu com o exercicio da minha obediencia ſatisfazer ao grande dezejo, que tem a Sereniſſima Rainha, de que o Padre Joaõ de Britto deyxe a miſſaõ do Malabar, & venha pera Portugal movido das particulares razoẽs, que Voſſa Reverencia de mandado da ditta Sereniſſima Rainha me reprezentou. Porem conſiderado bem eſte negocio diante de Deos; julgo (& iſto meſmo eſcrevi jà ao Padre Sebaſtiaõ de Magalhaẽs ſignificaſſe ao Sereniſſimo Rey de Portugal) que cederâ em maior gloria de Deos, ſalvaçaõ das almas, acrecentamento da Provincia do Malabar, & maior honra do meſmo Padre Joaõ de Britto, ſenaõ divertirmos a taõ grande Miſſionario da empreza, pera a qual o Eſpirito Sancto o ſegregou, como a outro Apoſtolo das gentes, da Corte de Lisboa, & o levou de Portugal pera o Malabar. E como a Sereniſſima Rainha com todo ſeu coraçaõ, & affectos promova as obras de ſerviço de Deos, converſaõ das almas, & os progreſſos da miſſaõ do Malabar, tenho certa confiança, de que hà de levar a bem perſevere o Padre Britto fideliſſimo Miniſtro, & operario do Senhor em cultivar a vinha, que o meſmo Senhor lhe encomendou. Voſſa Reverencia em meu nome lançado aos reais pès da Sereniſſima Rainha de Portugal lhe renda immortais graças pellas innumeraveis merces, que temos recebido de ſua liberal maõ, & pello muyto credito, que logra a Companhia à ſombra de ſeu poderoſo patrocinio. Nos ſanctos Sacrificios de Voſſa Reverencia muyto me recomendo. Roma 30 de Setembro de 1692.*

Servo em o Senhor
Thyrſo Gonzales.

29 A vida, que aqui fica eſcritta, ſe recolheo da que deſte ſancto Martyr eſcreveo ſeu Irmaõ Fernaõ Pereyra de Britto conforme os documentos, que ſe lhe tinhaõ dado da Companhia, por eſte fidalgo levar em goſto ſer o eſcritor da vida de ſeu muy ſancto Irmaõ. Naõ ſe contentou elle com a ſimples narraçaõ das acçoẽs virtuoſas, mas ſobre ellas

ellas tecia ſeus diſcurſos politicos; que faziaõ algum tanto menos fluida, & aprazivel a liçaõ: por eſta, ou por qualquer outra cauſa ſe naõ imprimio aquella obra: della, como diſſe, recolhi eſtas noticias, acreſcentando outras certas de homens, que as ouviraõ ao meſmo ſancto Padre, & outras que nelle ſe obſervaraõ, quando veyo a Portugal. Tambem eſcreveraõ ſua vida em latim, & a imprimiraõ os noſſos Padres Francezes; mas muito diminuta por falta de noticias. Naõ apontou ſeu Irmaõ as cazas, & rua, onde nacera, o que lhe naõ era difficultozo, ſendo ainda viva ſua may. Poſto que neſte ponto fis depois alguma diligencia, nada pude deſcubrir, no que tive alguma pena, porque chegando, como eſperamos, a ſer canonizado, poderia ſervir a noticia, pera nellas ſe lhe levantar Igreja, como ao glorioſo S. Antonio. Só me diſſe hum noſſo Irmaõ Coadjutor muy velho, que elle o conhecera morar com ſua mãy na rua de Saõ Chriſtovaõ na Freguezia deſte Sancto em as cazas, que depois foraõ de hum Affonſo de Pina Caldas, letrado naquelles tempos mui conhecido em Lisboa.

CAPITULO XXXIII.

Vida do Padre Manoel Rodrigues Miſſionario de Madurè.

Em Goa.

Entra na Miſſaõ, & algumas couſas, que lhe ſuccederaõ, & nella obrou.

1 COm razaõ ſe pode gloriar a Villa de Vianna da Provincia de Alentejo no Arcebiſpado de Evora de ſer patria do Padre Manoel Rodrigues Miſſionario de grande eſpirito, & de excellentes virtudes na miſſaõ de Madurè. Tem eſta nobre Villa dado à Companhia homens de muytas letras, & virtude. Entre eſtes naõ merece lugar inferior o Padre Manoel Rodrigues. Chamavaõ-ſe ſeus pays Simaõ Rodrigues, & Catherina Dias. Sendo eſtudante do primeiro Curſo, & tendo dezaſete annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos vinte de Janeiro de 1642. Dezejozo de gaſtar ſua vida na converſaõ das almas paſſou à India no anno de 1647, poucos annos, como

como se vè, depois do fim do seu noviciado.

2 Pellos annos de 1663, anno mais, anno menos, jà o Padre Manoel Rodrigues estava na missaõ de Madurè, aonde trabalhou com grande espirito cousa de vinte,& dous annos; & trabalhara os mais de sua vida, se a obediencia o naõ occupara em governar assim na sua provincia do Malabar, como na de Goa. Deu principio aos seus empregos Apostolicos na Residencia de Candalur. Ouve por entaõ alli queitaçaõ, sem os gentios darem molestia ao Padre, nem aos Christaõs. Entre outras conversoẽs foi muy notavel a de hum Capitaõ, o qual era perseguido de huma doença terrivel: ora o privava dos sentidos, ora lhe tolhia os membros, ora fazia com ella tais gestos, & meneos, que bem se deixava entender tinha o diabo no corpo. Huns o tinhaõ por energumeno, outros atribuiam tudo a doença natural; & tudo era, porque à doença natural acreceo o enredo do Demonio.

3 Fes gastos excessivos com Medicos, & idolos, tudo sem algum proveito. Vendose com os cabedais perdidos sem melhora nos achaques; por conselho de alguns Christaõs foi ter com o Padre Manoel Rodrigues. No caminho padeceo accidentes terriveis, procurando o demonio desvialo, pera que naõ fallasse com o Padre. Finalmente vencidas as resistencias veyo a sua prezença. Foi cousa notavel, que aplicandolhe o Padre o Sancto Crucifixo, se sentio alliviado do mal, que o atormentava. Foi instruido na fé, & depois de bautizado, cessou a força, & extravagancias daquella malignidade, continuando só o que era nelle achaque natural. Procedeo como fervoroso Christaõ, & acabou a vida temporal com sinais de entrar na vida eterna.

4 No anno de 1666 teve a seu cuidado a Residencia de Mulipari, que era de grande destrito, porque alem do que tinha pera outros rumos, pera o sul era de tres dias de caminho. A maior parte deste anno gastou em compridas jornadas, vizitando por ordem do Padre Provincial as Residencias, de que consta a missaõ. Foraõ muytos os trabalhos, que padeceo nestes caminhos; entre elles o visitou Deos com hum taõ grande, que foi particular mercê do Ceo escapar delle com vida.

5 Foi o cazo, que voltando o Padre de Satiamangalam pera

pera a ſua Reſidencia,achou os caminhos perturbados com guerra, porque o Nayque de Madurê tinha decido ſobre alguns ſenhores ſeus vaſſalos rebeldes. Julgou o Padre,que poderia paſſar, ſegundo lhe tinhaõ affirmado alguns Chriſtaõs daquella terra. Era dia do Beato Luis Gonzaga, quando o Padre chegou a hum lugar; onde cuidava aver maior ſegurança, ſe achou no maior perigo; porque o ſenhor daquella terra temendoſe do Nayque mandou impedir os caminhos, & matar a quantos paſſaſſem. Antes de chegar ao lugar, onde eſtavam os ſoldados, quis Deos, que o chamaſſem pera hum enfermo, que eſtava às portas da morte, ſem ter recibido o ſancto baptiſmo; adminiſtroulho, & neſta demora taõ proveitoſa pera aquella alma eſteve a fortuna do Padre em eſcapar da morte. Acabando de bautizar o enfermo, & continuando ſeu caminho lhe veyo nas coſtas bradando hum ſoldado Chriſtaõ, que naõ paſſaſſe a diante, porque a todas as partes ſe tinha mandado ordem pera o matarem.

6 Com eſte aviſo ſe recolheo o Padre pera a fortaleza, em que eſtava o Regulo jà acompanhado de alguns Chriſtaõs, que alli ſerviam de ſoldados, & lhe tinhaõ vindo ao encontro. Querendoſe o Padre meter em huma ramada, lhe ſahio hum Badagâ, que depois de lhe perguntar, quem era, & donde vinha, o notificou, que foſſe diante do Regulo. Neſte paſſo ſe achou o Padre ſó com hum dos ſoldados Chriſtaõs, porque todos os mais o deſempararaõ. Parecialhe ao Padre, que fallando com o Regulo, & certificandoo de quem era, lhe naõ faria deſacato algum. O Badagâ o levou athe a porta da fortaleza, mas por mais inſtancias, que o Padre fez, nem o Badagâ, nem os que aſſiſtiaõ à porta, o quizeraõ deyxar entrar dentro.

7 Era muyta a gente, que ſahio a ver o Padre, & naõ faltaraõ alguns, que o receberaõ com palavras afrontoſas. Foi o Badagâ fallar com o Regulo, dizendolhe, o que lhe pareceo, de ſorte, que o Regulo ficou certificado, que o Padre trazia muito ouro: por iſſo deu ſentença condicionada, conforme o effeito depois moſtrou; que ſe aſſim foſſe, como lhe tinhaõ ditto, o mataſſem, & aos ſeus moços, & lhe trouxeſſem o recheo; quando naõ, que o deyxaſſem ir em paz. Com eſta reſoluçaõ veyo de dentro o Badagâ, que em ſegredo avizou aos ſoldados do

que aviam de fazer segundo a ordem do Regulo. Quis o Padre ficar aquella noyte na fortaleza, mas naõ se lhe deu lugar. Disseraõlhe, que se fosse pello mesmo caminho, por onde tinha vindo. Sahiraõ logo dous soldados, & o foraõ guiando pera hum matto, onde se avia de executar a ordem do Regulo.

8 Destes dous soldados hum era Christaõ, o qual chegandose a hum dos moços do Padre lhe disse em segredo, quanto se passava; por tanto tratassem das almas, porque a morte estava perto. Creo o Padre o aviso, por ser o soldado Christaõ; confessou aos moços, & elle se preparou pera morrer. Chegaraõ ao matto, donde sahiraõ oyto, ou dez soldados, que logo deraõ busca ao fato. E naõ achando em dinheiro mais, que alguns fanoẽs moeda ordinaria daquellas terras, que todos naõ faziaõ huma pataca, pasmados de acharem taõ pouco, começaraõ a olhar huns pera os outros. Tiraraõ aos moços as arrecadas de ouro, que levavaõ nas orelhas, conforme o uso da terra, deyxaram porem as do Padre, porque eraõ de pouco valor. Dos soldados dous estavaõ assẽtados; disse hum pera os demais, que cortassem a cabeça ao Padre, & aos seus moços.

9 Ouvindo o Padre esta sentença, sem mais demora se poz de joelhos, maõs levantadas pera o Ceo, & o pescoço offerecido ao golpe da espada. O mesmo à sua imitaçaõ fizeraõ os moços. Aquem naõ enternecerà esta acçaõ, que athe aos mesmos gentios enterneceo? Porque hum dos dous, que dissemos estavaõ assentados, & parecia ser o principal, a quem a facçaõ estava encomendada, vendo que quem assim se offerecia à morte, naõ podia deixar de ser Religioso de boa vida; lhe disse, que se levantasse, porque se naõ avia de executar nelle semelhante sentença. Como o Padre tinha dado credito ao Christaõ, que lhe tinha dito, que era ordem fossem todos mortos, persistio na mesma postura. O que vendo o gentio se levantou, & pegandolhe do braço o fez assentar junto de si.

10 Porem logo com grande desenfado lhe começou a perguntar, pera que serviaõ humas mezinhas, que no fato, q̃ tomaraõ, tinha achado? Respondeolhe o Padre sinceramente os prestimos, que tinhaõ as mesinhas. O que o Padre aqui teve por singular merce de Deos foi, que dando busca ao fato, naõ deraõ se de hum calis de cobre, que

que tinha a copa dourada; porque se o vissem, imaginariam ser todo de ouro, & porisso o matariam. Depois o despediraõ em companhia de dous soldados, que o acompanharaõ athe passar hum rio; alem do qual foraõ caminhando mais desasustados de semelhantes encontros ao passado, mas com tanta molestia, quanta o mesmo Padre em huma carta sua refere por estas palavras.

11 Aquella noyte, dis elle, dormimos ao sereno leves do fato, & dos estamagos; porque eramos sinco, & o arrôs naõ bastava pera hum, nem tinhamos com que o comprar, mas dando graças a Deos por nos livrar daquella, que amim pello titulo se me reprezentou pouco de receber, no dia seguinte athe o sol posto caminhamos junto do rio Caveri fartos de agoa, & mortos de fome, que à noyte nos mataraõ em casa de Chinapen Badagâ, naõ sem lagrimas daquelles Christaõs, que ouviraõ o referido. Isto he o que dis o Padre depois de escapar daquelle trance, que destes, & por esta causa padecem muytos os Padres Missionarios naquellas terras: porque como aquelles barbaros naõ conhecem o valor das almas, que os Missionarios alli vaõ grangear, persuademse, que possuem grossos thesouros; nem as muytas experiencias acabaõ de os desenganar.

12 Por estar a Residencia da Cidade de Madurè sem Padre, se revezaraõ em lhe acodir o Padre Andre Freyre, & o Padre Manoel Rodrigues. O Padre Manoel Rodrigues teve grande trabalho nos caminhos, porque os fes no inverno, que alli no tal tempo, mais que nas outras partes, saõ trabalhozos. Aos Christaõs acodia de noyte, por ter o contrario muytos inconvenientes naquella terra, a respeito de serem os Christaõs de castas inferiores, & segundo a barbaria dos povos seria cousa muy fea, se os gentios o vissem tratar com semelhante gente.

13 Nesta occasiaõ fez muytos bautimos notaveis; delles me contento com referir hum, por ser este homem grande ministro do demonio, assim em perseguir os Christaõs, como em celebrar com aparatos as festas dos idolos. Quis o diabo pagarlhe os serviços pello modo que costuma. E começando pella molher lha matou à força de tormentos. Logo entrou com elle, & o pôz em estado, que jà os parentes davaõ ordem à fogueyra, em que o aviaõ

de queymar. Neſte tempo chegou àquella povoaçaõ hum Catequiſta; pediraõlhe os Chriſtaõs, que foſſe ver aquelle homem, por quanto jà tinha dado palavra de ouvir o Catecismo, se se viſſe livre do demonio. Eſtava nos ultimos apertos. Certificouſe o Catequiſta da ſua vontade: Diſſelhe as couſas neceſſarias no tal conflicto, fazendolhe fazer actos de Fé, Eſperança, Caridade, & Contriçaõ. Poslhe vigia, dilatando o bautiſmo pera o ultimo trance, ſe o mal naõ afroyxaſſe. Mas foi Deos ſervido de ſe ir logo vendo melhoria de tal ſorte, que ao terceyro dia ſe achou de todo livre; & ſendo inſtruido competentemente, o Padre Manoel Rodrigues o bautizou pondolhe por nomē Xavier.

CAPITULO XXXIV.

Do que obrou, & lhe ſuccedeo na Reſidencia de Madurè.

1 NA Reſidencia de Madurè fez o Padre Manoel Rodrigues grandes ſerviços a Deos. Naquelle tempo eſtava aquella Cidade muy deſcahida de ſua antiga opulencia, por ter o Regulo mudado a Corte pera outra parte. Dalli acodia o Padre aos Chriſtaõs de varias provincias todas anexas a eſta Reſidencia, porque alem da provincia de Madurè tinha a de Utamapaliam tres dias de caminho diſtante pera o Poente; a do Maravà diſtante dous dias, & mais: a de Tenganje, & a de Caetarro tres, & quatro. Sendo grandiſſimas as difficuldades em diſcorrer por eſtas provincias, no tempo, que alli eſteve o Padre Manoel Rodrigues foraõ maiores por rezaõ da fome, roubos, guerras, & injuſtiças, que avia em todas aquellas provincias.

2 No meyo de tantos infortunios naõ deyxou de colher bom fruto dos ſeus trabalhos, ainda que naõ taõ copioſo, como nos annos de bonança. Tudo o meſmo Padre declara no paragrafo de huma carta ſua, que dis aſſim eſcrevendo ao Padre Andre Freyre. Prezentes devem ſer a Voſſa Reverencia as calamidades, que eſte anno paſſado ſobrevieraõ a eſte Reyno em geral, & muyto em particular por eſtas bandas: porque naõ falando na fome, que foi

tal,

tal, que duvido se das tres partes dos moradores ficou huma nesta provincia, que a naõ desemparasse; foraõ, & saõ ainda hoje tantas as tiranias; & em falta dos inimigos de fóra tantos os de dentro, que ninguem pode dizer, seguro estou. Os ministros Reais por huma parte, & estes saõ os mais perniciosos, os Maravàs por outra, & os ladroẽs por todas, & todos àquem mais hà de pilhar.

3 Isto he o que cà correo o anno passado, & ainda continua no prezente, porem naõ obstantes estes impedimentos fis daqui duas viagens às terras do sul. A Utamapaleam naõ pude ir, porem mandei là hum Catequista; que depois de dous mezes, que là gastou, voltou com grande difficuldade, deyxando feito pouco, ou nenhum fruto, assim por causa da fome, que hà muytos annos dura por aquellas partes, como tambem por razaõ da guerra, que hà tanto tempo, que anda aceza entre aquelles Regulos, sem acabar de ter fim. Nesta terra, aonde assisto, nada se fas de novo na conversaõ, nem vejo sinal de se poder fazer; salvo se Deos nosso Senhor, a quem tudo he facillimo, obrar alguma maravilha, ou de outro modo, que elle só sabe, & nós naõ alcançamos. Nas duas vezes, que fui às terras do sul bautizei cento, & sessenta, & quatro pessoas, naõ entrando neste numero as que na hora da morte recebendo o sagrado bautismo foraõ pera o Ceo, & as mais dellas eraõ crianças. Athe aqui o paragrafo da carta do Padre Manoel Rodrigues.

4 Avia neste tempo grande falta de Missionarios, por terem muytos espirado afogados com o immenso trabalho, que tinhaõ sobre seus hombros. Por isso creceo tambem o pezo, a os que ficaraõ com vida. Trabalhava este Padre, como se fosse igual ao numero de muytos obreiros.

5 Entre outras conversoens, que naquella terra fes, foi em tudo rara a de hum mercador gentio. Este deyxando a mercancia se fes Jogue tratando de viver como homem penitente, & espiritual na sua seyta, ou seytas, porque foraõ varias as que seguio em espaço de vinte annos, que teve esta vida, a qual acompanhou com extraordinarias penitencias, que fazia. Naõ fallando nas dos jejuns, & abstinencias, que eraõ rigorosas, porque passava dias inteiros, & às vezes muytos juntos, sem comer nada; quatorze annos antes de sua morte viveo com sua molher,

como

como se fossem irmaõs, & naõ cazados; cousa rara entre semelhantes penitentes, que de ordinario tem duas, & mais molheres, pera se parecerem mais com seus Deoses, de que prégaõ tiveraõ muytas, por lhes naõ bastar só huma; pera com tais exemplos capearem sua incontinencia.

6 Porèm todo este rigor, & todo este modo de vida, que tinha este mercador feito Jogue era mais mercancia, que fazia pera que o estimassem, que obsequio a seus Deoses, pera os agradar; porque naõ fazendo nenhum cazo delles, nem das seitas, em que elles saõ adorados por divindades, só tratava de se exaltar a si, como se elle fosse Deos entre os cegos, que por tal o tinhaõ, & veneravaõ. Este Jogue, que com mascara de virtude, & penitencia encobria huma soberba luceferina dentro de seu coraçaõ, levado della diante de hum Christaõ blasfemou hum dia da ley de Deos. O Christaõ o reprehendeo com grande zelo, & praticou com elle sobre alguns mysterios, & cousas da ley de Deos, de que o Jogue naõ tinha noticia; & foi com taõ bom successo, que tocandolhe Deos o coraçaõ logo o Jogue se resolvéo a ouvir o Catecismo.

7 Foilhe dito este com cautela, como se costuma dizer a semelhante gente. Hum anno inteiro se gastou em o provar na Fé, & em lhe propor os divinos mysterios, q̃ encerra. Era este homem doutissimo em suas seitas; & por esta razaõ foraõ muytas, & grandes as duvidas, que propos, pera alcançar melhor a verdade, como elle dizia. Em fim tiradas todas as duvidas, abraçando a ley de Deos de coraçaõ, o que antes era blasfemo se fes prègador do Evangelho; mostrando grande zelo, de que todos conhecessem a Deos. Porisso naõ só a sua molher, mas a todos os moradores da sua casta exhortava a se fazerem Christaõs, dandolhe conselhos saudaveis. Do seu corpo nada tratava, & pellos rigores antigos o tinha taõ debilitado, que naõ se podendo ter em pé, era necessario, que o levantassem duas pessoas.

8 Nesta forma se fes levar diante do Padre Manoel Rodrigues, quando foi vizitar aquella Christandade do sul, aonde elle estava esperando com grande ansia o sagrado bautismo, que recebeo da maõ do Padre; & foi com taõ grande fé, que o Padre lhe deu logo a sagrada Com-

munhaõ

munhaõ, parecendolhe, que naõ podia jà durar muytos dias com vida. E assim succedeo, porque só sinco dias, depois que se bautizou, esteve nesta vida miseravel, obrando Deos na sua morte grandes maravilhas: porque dous dias antes de morrer disse a sua molher; q̃ só aquelles dous dias teria de vida, & q̃ neste particular lhe guardasse segredo, athe elle espirar. Tanto q̃ espirou, notaraõ os circunstantes, q̃ no rosto lhe aparecera certa lus, & fermosura extraordinaria. Alem disto viraõ huma grande claridade, com aqual se persuadiram, que amanhecera, por ser aquelle tempo de madrugada; porèm desaparecendo logo ficou escuro, como antes, naõ amanhecendo se naõ dahi a mais de huma hora. Ditoso homem por certo, pois no meyo de tanta, & tam envelhecida cegueyra assim soube abraçar a verdade, & logo sahio dos perigos de a tornar a perder. Certo, que se o Padre Manoel Rodrigues naõ tivera outro premio de suas lõgas navegaçoens, compridas jornadas, & vida taõ penitente, mais que fazer este bautismo nos mattos de Madurè, tudo daria por bem empregado pella consolaçaõ de fazer tal bautismo.

9 O mais, que nesta Residencia padeceo, & trabalhou o Padre Manoel Rodrigues, refere elle mesmo em huma carta sua por estas palavras: No principio do anno de 1674 esperei em Madurè pello Padre Provincial conforme à sua ordem, porque alli se queria ver comigo, & com os mais Padres da missàm, que pudessem vir. Depois que o Padre Provincial voltou de Madurè pera a costa da Pescaria, fui eu, ainda que tarde, visitar os Christaõs, que ficam de Madurè pera o sul; porque naõ o fazendo entaõ, temia naõ o poder fazer dahi a muyto tempo, como succedeo depois, que se passou hum anno inteiro, sem poder fazer aquella jornada. Parti pois de Madurè no inverno, & chegando ao primeiro porto fiz avizo aos Christaõs da minha vinda. Depois de lhes administrar os Sacramentos, me veyo demandar hum Catequista, que catequiza, & està morador naquella provincia, & entaõ por razaõ das injustiças se tinha desterrado pera huma povoaçam junto às serras do Malabar, lugar pouco acomodado, pera exercitar nossos ministerios; porem como a festa do Natal estava perto, me resolvi a ir com elle pera aquelle posto, por naõ ter outro.

10 No

10 No primeiro dia cheguei à fortaleza de Caetarro jà de noyte, & na mesma noyte confessando os Christaõs, que alli avia, & dandolhes a Communhaõ me parti de madrugada fazendo a pé minha viagem por caminhos de muita agoa, & de grandes lamas, alem de serẽ infestados de hum Maravá ladram, que com bom numero de soldados andava roubando, & tinha atemorizado toda aquella terra. Aquelle dia jà no fim da jornada nos molhamos todos, & assim passamos aquella noyte em casa de hum Christaõ; & com o mesmo temor, que no dia antecedente, antes de amanhecer me parti por grandes levadas de agoa, deyxando avizo aos Christaõs, q̃ me fossem buscar ao lugar, pera onde caminhava.

11 Alem disto se ajuntou o aver de passar por lugares, & povoaçoens; onde temos grandes inimigos; & o posto, que era o fim da minha jornada, era huma povoaçaõ, em que avia muytos Bramanes, os maiores inimigos, que tem a Ley de Deos, & os mais soberbos, que hà nestas terras: se bem alguns delles alli se tem feito discipulos de hum Pareâ, que he tido por hum oraculo daquelles cegos; por esta razaõ nos foi tambem necessario entrar de noyte naquelle lugar, aonde os Christaõs nos receberaõ com grande alegria, & consolaçaõ.

12 Depois de alli chegar, em huma cazinha de palha, q̃ me largaraõ, fis hum altar, & concertei decentemẽte tudo o mais pera dizer Missa. Concorreraõ os Christaõs, que alli confessei, & aos quais dei a sagrada Communhaõ; mas naõ puderaõ vir todos, porque a chuva, que sem cessar choveo por espaço de oito, ou mais dias, os impedio. Neste tempo, que por razaõ das chuvas, & grandes frios ao pé daquellas serras, pera todos foi muy desabrido, cahi eu com hum dos Christaõs, que no caminho me acompanharaõ, enfermo: mas foi Deos servido, que naquelle sitio, aonde naõ tinha Medico, nem Enfermeiro, nem regalos, que hum enfermo costuma ter nos nossos Collegios, me parou a doença, pera ajudar àquelles Christaõs, dos quais os que estavaõ mais longe, depois de amaynar a chuva, se vieraõ confessar, & commungar.

13 Estando eu nesta povoaçaõ succederaõ os cazos seguintes. Em huma das oitavas do Natal, depois de eu ter dito Missa, advertiraõ os Christaõs, que junto da povoaçaõ

voaçaõ passava muyta gente de guerra, que mostrava fazer numero de duzentos homens; & advertindo conheceraõ, que era o Maravá ladraõ assima dito, que dahi pouco distante tinha roubado huma povoaçaõ muy rica, & morto nella muyta gente, & o mesmo fizera àquella, se Deos o naõ divertira; porque naquella occasiaõ, conforme me disse hum soldado Christaõ o sabia, trazia tambem intentos de a roubar. Depois, que os moradores souberaõ, que gente era aquella, tanto que a viraõ passar avante, logo despovoaraõ, & eu juntamente com elles: porque temeraõ, que o mal, que entaõ lhes naõ fizera, o fizesse depois. Eu dey muytas graças a Deos, por me livrar com aquelles Christaõs daquelle perigo taõ grande.

14 Outro cazo succedeo, & foi desta maneira. Avia poucos dias antes de eu ir àquella povoaçaõ, que fallecera hum Christaõ de boa vida. A molher, que tambem era Christaã, com duas filhas, q̃ tinha, o desemparou naquella doença, levãdo comsigo as filhas pera outra povoaçaõ, pera viver alli à sombra de huns seus parẽtes gentios. Naõ deyxou isto de causar escandalo entre os Christaõs. Depois da morte do marido veyo ella celebrar as exequias, cõforme o costume da terra; & com a filha mais pequena adoeceo gravemente, o que foi tido por castigo bem merecido, por ter desemparado a seu marido na enfermidade, de que morreo. Mortal era a enfermidade, que ella tinha, por isso lhe ministrei os Sacramentos, & fis o mais, que a occasiaõ pedia.

15 Entrou a enferma em agonia, porem foram tais as vizagens, & meneos, que os circunstantes cheyos de temor, & espanto a desempararaõ. Logo hum Christaõ bem entendido, a quem eu tinha encommendado, que naquella hora lhe metesse na maõ hum Crucifixo, que tinha indulgencia plenaria, entrando na caza da enferma lhe mostrou a sagrada imagem, animandoa, pera que naõ temesse o inimigo naquella hora. Com a vista do Sancto Crucifixo ficou a enferma quieta, & disse: Com a prezença deste Senhor se acabaraõ os meus temores; & se elle pouco antes aqui estivera comigo, naõ tinha eu, que temer. Depois de dizer isto, declarou huma horrenda vizaõ, que tivera, dizendo assim: Vi huma fantasma negra, fea, & de disforme grandeza, que vinha pera me pegar, & me levar

comsigo; mas tanto, que a imagem de Christo crucificado aqui entrou, logo fogio muyto longe, & ainda lá está. Acabando a enferma de referir isto, com a imagem de Nosso Redemptor nas maõs deu pacificamente a alma a seu Creador, como piamente podemos crer. A filha, que era de menor idade, tambem falleceo, & se foi pera o Ceo pellos merecimentos de JESU Christo com a graça do bautismo. Athe aqui o Padre naquella sua carta. Depois voltou a Madurê com semelhante trabalho ao que tinha padecido na jornada.

CAPITULO XXXV.

De como o Padre Manoel Rodrigues trabalhou, & do que lhe succedeo na Residencia de Varugapati.

1 DA Residencia de Madurè passou o Padre Manoel Rodrigues pera a de Varugapati alem do rio Colaraõ: he dilatada, & por falta de Missionarios avia annos naõ assistia nella Padre algum, mas revezadamente lhe acudiaõ os Padres, que tinhaõ cuidado das outras. Depois que o Padre Manoel Rodrigues, sendo Superior de toda a missaõ, alli começou a assistir, começaraõ tambem a concorrer os Christaõs, que avia muyto tempo naõ tinhaõ recebido os Sacramentos. Eraõ tantos em numero, que quatro, & sinco Padres teriaõ bem, que fazer, em dar expediçaõ às confissoẽs, que cada dia alli avia: & por naõ poder o Padre dar vazaõ a tantos, se detinhaõ alli muytos alguns dias, athe lhe chegar a sua vez. Ouve tambem muytos bautismos nos poucos mezes, que em Varugapati entaõ assistio: passaraõ estes de quatrocentos.

2 Por ser a Igreja, que alli avia, pequena pera concursos taõ grandes, tratou o Padre de fazer huma mais capas com ajuda dos Christaõs, que sendo gente pobre trabalharaõ nella com taõ grande fervor, que brevemente se acabou, com grande consolaçaõ de todos, & pezar dos inimigos da Fê. Nella celebrou o Padre com os seus Christaõs a festa da Paschoa. Porem com a vinda do Sabagî, que dahi a poucos mezes deceo com exercito sobre aquella provincia; naõ só a Igreja, mas tambem o Padre Manoel Rodrigues com mais alguns Padres, que alli entaõ se acharaõ,

cor-

correraõ grande riſco entre aquelles barbaros.

3 O cazo foi, que vindo o Sabagî pacificamente àquellas terras, & publicando a fama delle, que nenhum inſulto conſentia fazerem os ſeus ſoldados, caſtigando ſeveramẽte àquelles, que cometiaõ culpas ainda muyto leves. Todos ſem nenhum temor ſe deyxaraõ eſtar em ſuas cazas, o Padre Manoel Rodrigues com os mais Padres fez o meſmo. Porem o effeito moſtrou o contrario, do que a fama tinha divulgado. Porque depois que o Sabagî aſſentou o ſeu arrayal junto do rio Colaraõ, dalli ſahiaõ os ſoldados de cavallo cõ muyta gente a buſcar palha pera a cavallaria; & naõ ſe contentando com a que achavaõ nos palheiros, & medas, desfaziaõ tambem as cazas, que todas ſaõ palhaças.

4 Chegando à Igreja do Padre, que entaõ eſtava cuberta de novo com boa palha, a começaraõ a deſmanchar; & naõ contentes com iſto queriaõ levar prezos aos Padres Manoel Rodrigues, Andre Freyre, & ao veneravel Padre Joaõ de Britto, que alli ſe achavaõ, dizendo ſer gente, que tinha fogido da rota dos Mouros, que pouco antes tinha avido no Reyno de Ginja. Vendo os Padres a ſemrazaõ daquella gente, cuja lingua naõ entendiaõ, como nem elles a dos Padres, do modo que puderaõ, lhe ſignificaraõ ſerem Religioſos penitentes, que nenhum trato tinhaõ com os Mouros. Em fim hum delles, que parecia ſer principal, dandolhes credito, naõ ſó naõ fez, o que intentava, mas fazendo-lhes cortezia os deyxou, & ſe foi com os mais ſoldados. Entaõ os Padres, pera naõ terem outro tal encontro, ſe retiraraõ pera lugar mais ſeguro, ficando aquella caza, & Igreja a Deos, & à ventura. Deos a guardou naõ ſó aquella ves, mas tambem a ſegunda, quando o exercito do Sabagî voltou de Ginja, pera ir dar ſobre Tanjaor.

5 Naõ eſcaparaõ porem as ſearas naquella Provincia, porque cortaraõ a mayor parte dellas, pera ſuſtentar os cavallos, tendo neſta parte os Chriſtaõs grandes perdas, & continuos ſobreſaltos, por cauſa dos quais ſe retiraraõ cõ ſuas familias pera os mattos. Neſta occaſiaõ fez tambem nelles ſeu aſſento o Padre Manoel Rodrigues tendo grandes incomodos aſſim por falta do neceſſario pera ſe viver, como por ſer obrigado a eſtar em choupanas. Deſta ſorte aſſim as ovelhas, como o paſtor andaraõ algum tempo por

aquelles mattos, athe que amaynando as desenquietaçoẽs tornaraõ pera suas cazas.

6 Na mesma occasiaõ, em que esta Residencia esteve perturbada com as armas do Sabagî, procurou o Demonio fazer tambem a sua, & meter em trabalho aos Christaõs. Succedeo tudo na forma seguinte. Junto do rio Colaraõ morava hum mancebo Christaõ homem de grande fé, chamavase Xavier. Este pello trato, que teve com hum gentio, o persuadio na ultima doença a ser Christaõ, instruido como sofria o tempo, o bautizou, & brevemente morreo. Xavier, & os mais Christaõs com grande pompa o levaraõ à sepultura. Naõ pode sofrer este espectaculo hum Jogue da infame seyta do Lingaõ, cujo torpissimo idolo estes malditos trazem ao pescoço, custoulhe pella vida, que tãtos da sua casta, quais eraõ aquelles Christaõs, tivessem deyxado o Lingaõ por seguir a Ley de Deos, de que a elle se lhe diminuiaõ consideravelmente os lucros com a falta de tantos discipulos.

7 Ajuntando pois outros da sua facçam, & seyta, no meyo da pompa funeral deu sobre os Christaõs; & sabendo ser Xavier a causa de tudo, lançando mam delle, o começou com os mais a espancar cruelmente. No meyo das pancadas lhe dizia, que largasse a Ley de Deos; a que respondia Xavier, que antes perderia a vida. Naõ contente o Jogue tratou de levar prezo a Xavier diante do Senhor daquellas terras, & fazerlhe queyxa contra os Christaõs, de que desprezavaõ aos seus Deoses. Antes disto tomou as contas a muytos Christaõs, & as atou nos seus pés, & assim andou passeando com grande soberba, & desprezo da Ley de Deos.

8 Quizeraõ os Christaõs compor aquella desordem por meyo das justiças das povoaçoẽs, mas estas estavaõ sobornadas pello Jogue, por isso foi sem fructo esta diligencia. Logo recorreram ao Padre Manoel Rodrigues por conselho neste aperto, & a saber o modo, com que se aviaõ de aver diante do Senhor principal da Provincia, pera cuja prezença estavaõ emprazados. Porque os gentios lhe tinham por força feito passar hum assinado, em que se obrigavaõ a pagar pera o paço certa quantia de dinheiro, se disputando com os gentios ficassem delles vencidos; & a mesma pena pagariaõ os gentios, se elles fossem os vencidos.

Ven-

Vendo o Padre este aperto, & conhecendo bem os embustes dos Iogues, os animou com as esperanças da victoria. A causa encomendou a hum Christaõ parente do Senhor da Provincia, homem de grande Fé, muy lido nas suas historias, & no falar eloquente. Avia razoẽs, pera que nem o Padre, nem algum dos seus Catequistas sahisse naquella occasiaõ a campo; mas estava de aviso, pera que pedindoo o aperto, se meter nelle como bom pastor.

9 Cõ esta reposta, & resoluçaõ se partiraõ os Christaõs cheyos de animo, & confiados em Deos. E o Christaõ, a quem se encomendou o negocio, o fez taõ bem, como o pudera fazer qualquer Catequista dos mais versados nas seitas dos Iogues. Depois do Iogue ajuntar muytos da sua seyta de Xiven, & muytos da seita de Vixnu, que pera estas funçoẽs todos se dam as maõs sendo entresi notavelmente opostos, fez diante do Senhor da terra a queyxa, que assima dissemos: Que jâ naõ avia Deoses, porque os Christaõs alem de dizer, que os naõ avia, os desprezavaõ.

10 O Governador gostava muyto do Christaõ, aquem o negocio se encomendara, & por vezes tinha praticado com elle sobre cousas da Fé, perguntoulhe com agrado, q̃ negocio, & queyxa era aquella? O Christaõ, que estava senhor da questam, lhe disse, que os Christaõs a ninguem tinhaõ feito mal, que só ensinavam o caminho da salvaçam, a quem o queria seguir, & que o Iogue, que se queyxava dos Christaõs tinha delinquido gravemente, fazendose juis em materia, que lhe naõ competia, & castigado com deshumanidade a hum Christaõ, que lhe naõ tinha feito algum agravo. Ouvindo o Governador estas, & outras razoẽs semelhantes naõ differio por entam a este negocio, fazendo pouco cazo das queyxas dos Iogues, que todos os dias em hum corpo como amotinados vinham à porta do paço a pedir lhe fizessem justiça.

11 Mostrava o Governador grande desejo de se inteirar das verdades de nossa sancta Fè; pera isto tinha varias praticas com o Christam, o qual lhe descobrio os erros das suas seitas com taõ bom successo, que o Governador queymou alguns livros, que tinha de feitiçarias, & cousas torpes. Continuando dezejava saber a certeza de outras cousas, em que comũmente tropeça toda aquella gentilidade; huma foi a transmigraçaõ das almas, que aquellas gentes fin-

fingiraõ dizendo: que hâ outra geraçam, na qual ſe da o premio pellas virtudes, & caſtigo pellos peccados, que ſe fizeraõ na primeira. De ſorte, que quem foi virtuoſo neſta geraçaõ, na ſeguinte paſſando ſua alma a outro corpo naſce Rey, grande Senhor, ou com alguma das felicidades deſta vida; pello contrario ſuccede ao que foi peccador. Moſtrou o Chriſtaõ com boas razoẽs, naõ aver ſegunda geraçam, mais que a prezente. Ao que elle diſſe nem o Governador, nem os ſeus letrados tiveraõ, que reſponder. Neſtas praticas ſe gaſtou quaſi hum mes. Enfadado o Iogue de tantas demoras amotinou naõ ſó as caſtas inferiores, mas tambem aos Bramanes da cidade, pera ſe porem em campo pellos ſeus Deoſes.

12 Entre eſtes hum Bramane grande Meſtre da Ley, o qual por grandeza levava ſempre diante deſi, ainda na lus do meyo dia, hum pagem com huma tocha aceza, quis diſputar com o Chriſtaõ; mas a poucos paſſos vio bem a pouca lus, que dava a ſua tocha, porque as razoẽs do Chriſtaõ como lus maior eſcureceraõ os ſeus argumentos, em que naõ avia mais, que fumos. Entendendo o Governador a verdade, ainda que a nam abraçou, lhe pareceo, que nam era bem contradizela. Por tanto encomendou a alguns homens do ſeu paço, que compuzeſſem eſte negocio de ſorte, que aos Chriſtaõs ſe deſſe alguma ſatisfaçam, pois ſem razaõ foram agravados.

13 Aſſim o fizeram, mandaram chamar ao Iogue, & ao Chriſtaõ agravado. Trouxe o Iogue conſigo grande numero de gentios, com o Chriſtaõ vieram poucos Chriſtaõs. Informados elles do ſuccedido reprehenderam graviſſimamente ao Iogue, por ſe atrever a caſtigar como juis, ſendo elle hum pobre pedinte. Mandaraõlhe reſtituir as contas, que tinha tomado aos Chriſtaõs. Fez alguma repugnancia, em dar as contas, de que elles enfadados lhe mandaram alli diante de todos dar muytos peſcoçoẽs. Querendo evitar eſtes, ſe foi retirando pera tras, & vergonhoſamente cahio dentro de huma cova, ficando ſua ſoberba muy bem humilhada, & eſcarnecida. Reſtituio as contas, & os juizes por ultima reſoluçam diſſeram aos Chriſtaõs, que ou elles, ou ſeus Meſtres podiam prègar a ſua doutrina naquella Provincia, & que quem os impediſſe, ſeria caſtigado com rigor, & aſpereza. Deſta ſorte ſe deſvanceo aquella tempeſtade

peſtade com ſummó goſto dos Chriſtaõs, & do Padre Manoel Rodrigues, que com ſeus conſelhos os dirigio, & com ſuas oraçoẽs os ajudou.

14 Padecia jà neſte tempo o Padre Manoel Rodrigues muytos achaques, cauſados dos ſeus trabalhos; mas os achaques naõ eram cauſa de afroxar nas obrigaçoẽs de Miſſionario, porque nenhum amor tinha a ſeu corpo. Fez neſte tempo algumas jornadas acodindo a outras partes. Dellas da conta ao Padre Andre Freyre em huma carta na forma ſeguinte. Prezente he a Voſſa Reverencia, como ſahindo eu deſte poſto em Julho de 1677, na conformidade, & pellas cauſas, que tambem lhe ſaõ prezentes, voltei aqui jà entrado Janeyro, & naõ mais ſedo; aſſim por gaſtar tres mezes no ir, & vir das coſtas da Peſcaria, & Travancor; como porque quando cheguei jâ perto, achei eſtar por aqui alojado o exercito do Sabagí; que me tinha primeyro obrigado a deyxar eſte lugar mais depreſſa, do que eu, & os mais imaginavamos.

15 Neſte perſiſti athe Mayo, & naõ ocioſo, como Voſſa Reverencia vio, poriſſo naõ deſcrevo eſte meu ocio. No principio de Mayo me obrigou a ſahir daqui a doença do Padre Vicente Duarte, que Deos tem. Voltei meado Outubro, & no tempo, que aſſiſti na minha Reſidencia, que naõ foram ſete mezes completos, fis quinhentos, & quarẽta bautiſmos; a fora os que ſe bautizaram na hora da morte, que naõ foram poucos, mas nos os naõ coſtumamos eſcrever, porque ſuppomos, o eſtam ja no livro da vida. Entre os dittos bautiſmos me parecem dignos de memoria os dous ſeguintes. Bem conhece Voſſa Reverencia o gentio cabeça deſta povoaçaõ; o qual aſſim por naõ ter filhos da primeyra, & legitima molher, como pella razaõ ordinaria de terem muytas eſtes gentios, cazou com a ſegunda, daqual tem jà dous, ambos bautizados, & a may por cauſa dos meſmos he catecumena, & naõ mais pello impedimento tocado, que ſó com a morte de algum dos tres poderâ ceſſar.

16 Varias vezes ſe tem malogrado os partos da primeyra molher com naõ pequeno ſentimento ſeu, & do marido, que lhe tem mais affeiçaõ aſſim pello natural, que todos louvam, como pello ſangue derivado dos Dureis, ou ſenhores de Catalur, & Parambur, qualidades, que faltam

na

na segunda. Pario pois finalmente esta sentida may hum filho, em cujo nacimento por muyto dezejado fez o pay grandes demonstraçoẽs de alegria com banquetes, festas, & outros gastos, tendo nelles a maior parte Bramanes, & Jogues; aquem este anno com demazia por occasiaõ do parto antes de vir a lus, & depois deu mais os ouvidos, que nunca; gastando com elles muyto, & fazendose por seu conselho devoto do idolo Perumal, cujo sinete, ou marca lhe imprimiram nos hombros com hum ferro abrazado, como ordinariamente fazem a semelhantes devotos; pagando por ser assim ferrado, & cauterizado o salario, que se costuma, ou ainda mais, a hum, que aqui veyo do Pagode de Xirangam a cavallo à custa, & por grandeza do novo candidato.

17 Celebrou depois disto nesta povoaçam a festa a hũ Diabo, com que me causou nam pouca molestia, por se ajudar nella por força dos Christaõs; porem bem o pagou logo com a perda da fazenda, & desterro, que teve por causa das guerras, que sobrevieram. Na conjunçam do dito parto, estrondos de festa, & alegria, referindome hum Christaõ por miudo os gastos, que alli se faziaõ, & com quem; & as felicidades, que assim Bramanes, como Jogues ominavaõ à criança, & aos pays; a estes as que costumam, & àquella as que elles ignoravaõ, mas Deos por sua boca declarava, como depois vimos. Disse eu entaõ pera o Padre Joaõ de Britto, que estava comigo, & pera os mais circunstantes lastimados todos da cegueira do gentio, assim pella razaõ commua de proximo, como pella particular de nos ter Deos à sua sombra dado aqui abrigo, & lugar de assistencia, que muytos annos procuramos em outra parte sẽ effeito: disse pois, que só Deos dando alguma doença àquella criança, ou à may, podia fazer mudar de intentos, & allumiar tanta cegueira.

18 Eis que no dia seguinte enferma a criança de sorte, que os pays, & todos os mais assim parentes, como profetas falsos desconfiaraõ do que tinhaõ dito em suas profecias, & do favor dos seus idolos, aos quais atribuindolhes o bom successo daquelle parto, tinhaõ primeiro invocado, & solenizado. Por tanto contra o que o Diabo, & seus ministros pertendiaõ, resolveraõse os pays, que o filho moribundo fosse bautizado, que por este meyo viveria, como

ti-

tinhaõ vivido os dous da segunda molher, recebendo em semelhante perigo o bautismo. Mandei logo lâ hum Catequista, que por achar a criança em grande aperto, lhe deu o sancto bautismo, & naquella mesma noyte foi Deos servido de lhe dar a vida eterna, & naõ a temporal, que os pays só intentavam.

19 Com a morte da criança, prantos, & tristezas dos pays toda a congregaçam dos profetas mentirosos desapareceo, sentidos tambem todos elles, naõ daquella morte, mas porque com ella tinham fim os banquetes, em que tam abundantemente achavam de comer, que he o fim total de seus embustes, & mentiras; & naõ pouco se lastimam ao prezente, em que a may da ditta criança com beneplacito do marido fica ouvindo o Catecismo, & a exemplo seu tãbem outras; porque sentindose ella outra ves pejada, deyxando de seguir ao marido em sua cegueira, com esperanças de melhor fortuna se resolveo a ouvir o Catecismo; cõ que espero virâ a ser toda esta povoaçam de Christaõs, porque nella mais saõ jâ estes, que os gentios.

20 O segundo cazo foi desta maneira. Huma molher filha de Christaõs cazada com hum gentio, de quem tinha jâ tres filhos (naõ avia certeza se de pequena fora bautizada) indo hum dia vizitar a seus pais, no caminho foi vizitada do Diabo, que se apoderou della fortemente. O marido querendoa livrar, se foi ter com hum Bramane feiticeiro, que a experiencia tinha mostrado, lançara alguns Diabos com suas rezas, & ceremonias. Fez o Bramane, recebendo primeiro a paga, o que suas mâs artes lhe ensinavam, porem sem proveito: antes indignado aquelle espirito maligno contra elle, & dizendolhe: vos amim afugentar? Lhe pegou com os dentes de hum braço, & o tratou como costumaõ os caẽs, quando estam mais rayvosos.

21 Afrontado o Bramane de lhe sahir tanto ao contrario, do que tinha experimentado em outros, se resolveo tomar vingança do cazo, & envestindo com a endemoninhada, foraõ tantos os couces, que lhe deu, que lhe lançou fora duas das armas, com que o tinha ofendido. Deyxando pois semelhante medico, em quem a enferma achou mezinhas tam custosas, a levaraõ a outros, que tambem depois de pagos (porque por aqui, como Vossa Re-

 verencia

verencia sabe, primeyro se paga a cura, & depois se daõ as mezinhas, pera que nem o preço destas falte, aquem as vẽde, que de ordinario saõ os Medicos, nem succeda ficar o trabalho sem paga) fizeraõ tudo, o que sabiam, porem sem mais fruto, que tornar a pobre paciente cauterizada em varias partes do corpo. Finalmente valendose dos Christaõs, como ordinariamente fazem, primeyro com humas contas, & depois com huma Cruz se vio aquella pobre molher livre do Diabo, mas naõ de todo, porque faltandolhe a Cruz tornou outra ves a ser atormentada delle. Ouvio o Catecismo com o marido, & filhos, & entam sendo juntamente bautizada com elles ficou de todo livre. Athe aqui a carta do Padre Manoel Rodrigues.

CAPITULO XXXVI.

Do mais, que o Padre Manoel Rodrigues padeceo nesta Residencia, & na de Candalur. E de sua morte.

1 ENtre as digressoẽs, que fez este os annos, que cultivou a Residencia de Varugapati, foram algumas em assistir a Religiosos nossos Missionarios nas suas doenças. Adoecendo mortalmente o Padre Vicente Duarte em Aneicareipaleam muytos dias de caminho de Varugapati, tendo noticia o Padre Manoel Rodrigues, fes aquella jornada a toda apressa, mas quando chegou, jâ Deos o tinha alliviado dos trabalhos desta vida mortal. Teve cõ tudo a ida do Padre muytas utilidades. Em primeiro lugar servio de aguar o gosto, que tinhaõ os gentios, assim de se ter pouco antes por hum desastre queymado aquella caza, & Igreja, como pella morte do Padre. Logo tratou de reedificar a Igreja, em que teve algumas contradiçoẽs, porque os inimigos da Fé por meyo de hum novo Governador lhe fizeram parar a obra.

2 Tinhaõ os Christaõs prudentemente encuberto algum tempo a morte do Padre Vicente Duarte, athe chegar o Padre Manoel Rodrigues. Assim que a morte se divulgou veyo logo o Governador a ver o Padre, naõ tanto pello ver, & saudar, mas pera lançar maõ, do que por alli achasse; & assim o teria feito, se os Christaõs naõ tiveram

encu-

encuberto à morte. Tudo porem ſe compos por via de hũ cunhado do Governador, homem de melhor condiçaõ. Eſte vindo viſitar ao Padre, lhe deſcobrio, o que os gentios tinham influido no Governador, dando por cauſa pera o odiar, que aonde elle eſtava, naõ chovia; he eſta huma das ordinarias culpas, que os gentios formaõ naquellas terras contra os Padres, dizendo ſer caſtigo dos ſeus Deoſes, pellos permittirem entre ſi, & nas ſuas povoaçoẽs. Mas brevemente Deos confundio eſta calumnia, porque choveo tanto, que o trabalho de tres mezes, que o Governador gaſtou com naõ pequena opreſſam dos naturais em fabricar hum aſſude, a chuva de huma ſó noyte aſſim o desfez com a enchente do rio, que naõ ficou pedra ſobre pedra. Entre os gentios, que naõ eram contrarios aos Chriſtaõs, alguns diſſeraõ ſer aquella ruina caſtigo do que o Governador tinha feito ao Padre.

3 Depois de compor as couſas deſta Reſidencia, ſe recolheo pera Varugapati. No principio de 1679 lhe foi preciſo ir a Elamangalam, que diſta dalli pera o Poente, como ſete dias de caminho. A cauſa foi a doença do Padre Joaõ Antonio Amadio, que lhe falleceo nos braços. No tempo, que o Padre eſteve auzente, ouve grandes revoltas em Varugapati, tudo originado dos inimigos da Fé; por iſſo quando o Padre voltou, andou primeiro à roda daquella terra tomando as alturas às couſas.

4 Finalmente gentios, & Chriſtaõs o foraõ chamar, & trouxeraõ com grande alegria pera Varugapati. Porem como viſſe, que naõ ſe dava comprimento à palavra de ſe reſtituir, o que ſe lhe tinha tomado, nada deu por ſeguro: & aſſim ſe tornou a deſviar. Paſſou a feſta do Natal em Vandaley. Alli acodiram muytos Chriſtaõs: todo o apparato da feſta teve muyta ſemelhança com o deſemparo da cova de Belem. Tudo ſe fez em huma pobre, & deſabrigada palhota. Depois voltou pera Varugapati tomando as couſas melhor ar.

5 Deſta Reſidencia, aonde tantos annos aſſiſtio, & cultivou com incanſaveis trabalhos, pois he certo, que o q̃ aqui eſcrevo, he couſa muy pouca, pera o que elles em ſi foram, paſſou pera a Reſidencia de Candalur, que fica nos mattos, onde habitam os ladroẽs; & alli viviaõ os Miſſionarios com menos deſenquietaçaõ: mas todo o deſaſſoſego

ſe guardou pera o Padre Manoel Rodrigues. As cauſas, porque foi pera aquelle poſto, & as perturbaçoẽs, que ſobrevieram, conta elle em huma ſua carta, que quero aqui ajuntar por ſuas meſmas palavras; que nenhumas podem melhor pintar com as ſuas proprias cores eſtes trabalhos, que as palavras de quem os experimentou.

6 Vam correndo (dis o Padre) dous annos, como a Voſſa Reverencia he prezente, que fui mandado perá eſte poſto a fim de fugir viagens, por jâ me ſentir incapaz dellas; porem Deos Noſſo Senhor parece naõ he ſervido, que eu eſteja ſem as fazer, nem faça neſte lugar muyta detença; o que parece mais conforme aſſim ao noſſo particular inſtituto, como no eſtado de viandantes convem a todos, os que ſomos individuos da natureza humana.

7 Acabada a feſta do Natal do anno antecedente, & eſtando eu aqui pera celebrar a do primeyro dia de Janeiro de 1682 de noſſa Redempçaõ, ſem o poder fazer, nem dizer miſſa, por cauſa do Maravà, que correo vinha; parti daqui de madrugada, & na Igreja das chagas fis huma, & outra couſa; & depois tornando pera eſte lugar com melhores novas, em breves dias foi neceſſario voltar, & com reſoluçaõ de naõ tornar a vir, antes de as perturbaçoẽs tomarem aſſento firme. Porem quando menos o cuidava, me obrigou a caridade a ſahir dalli a todo riſco jâ entrada a quareſma, & amedrontado tudo por eſtas partes com a vizinhança do Maravâ. E havendo eu de atraveſſar varias eſtradas continuadas entaõ delle, pera Tricherapali, pera ir fazer companhia ao Padre Rodrigo de Abreu, que me aviſou ficava febricitante cõ dous Chriſtaõs, que o tinhaõ acompanhado a fazer humas cõfiſſoẽs nas ſerras; aonde a malignidade da agoa (com a detença, que lâ fez naõ paſſar de quatro dias) parece, foi a cauſa do dito accidente; parti deſte lugar hum domingo, & athe chegar a Pacuri jâ alto meyo dia, & ſol de Março, tive tres ſuſtos do Maravâ.

8 Logo ao partir me encontrei com alguns, mas como me acompanhavaõ dous Chriſtaõs da meſma naçaõ, que tinhaõ vindo à Igreja, por merce de Deos paſſei ſem riſco; porem elles admirados de me ver foraõ encarados em mim, athe lhe faltar de viſta. Depois ouvimos da parte do ſul tocar tambores Reais, que hiaõ marchando pera o norte. E como o tal ſom nos deu cuidado (porque vindo o exer-

exercito marchando por aquelle rumo, era negocio impossivel escaparmos do seu encontro) feita primeiro consulta; & resolvendo nella continuar a viagem ao som dos tambores, que tocavaõ muyto perto, fomos apressando o passo; & chegados a Varuga, pararaõ aquellas vozes; & se viram em parte do sul varios sombreiros, & cavallos, & sem alli mo descobrirem, mas só depois de passado o perigo, apeamos em Pacacuri *Fervente sole.*

9 Dalli feito depressa de comer, & eu entre tanto satisfazendo às pensoẽs de sacerdote, pellas tres, ou quatro horas da tarde sahi guiado por hum Christaõ, que o Padre enfermo tinha mandado, athe o fim da jornada, aonde cheguei pella meya noyte; o que sem a tal guia (por nem eu, nem os mais, que me acompanhavaõ a tais horas, sabermos o caminho) naõ era possivel cõseguir; como nem sem impecilhos passar, como passei, hum posto assistido pellos Maysures, que em tal occasiaõ me teriaõ por sospeito, & mais sabendo o rumo donde eu vinha, & deyxava o Maravâ, que entaõ ou sincero, ou fingido fazia as partes do Nayque.

10 Achei o Padre muyto fraco, & posto, que melhorado das febres, naõ de todo livre dellas; & por isso lhe assisti, athe passar a festa da Paschoa, & o izentar do trabalho, que temos nella. Porem nem esta passei alli sem sustos, porque antes de dizer missa, tendo nos dias antes confessado muytos, & pera o fazer no da festa ainda cousa de sincoenta, estando actualmente confessando deraõ rebate, que vinha o Maravâ. Como esta vos de sua vinda corria avia dias, & por isso se temia, facilmente se lhe deu credito. Porem ainda, que o rebate sahio falso, as confissoẽs pararaõ naquelle dia, & só a suas horas ouve lugar de missa. Fazẽdo pois ainda por alguns dias companhia ao Padre; & certo de o Maravâ, depois da rota entre o Maysur, & Sabagî, se ter retirado com medo deste; & tambem certo de ter cessado huma nova, que por via dos Christaõs daquella naçaõ nos veyo, de o dito Maravâ querer entender com elles pello serem, & com os Mestres, que os ensinaraõ, & deyxando ao Padre ja melhorado, me despedi delle. Pera me desviar de algum impecilho no caminho, fis tambem de lâ viagem de noyte, & foy Deos servido de me trazer aqui, como tinha levado lâ a salvamento, se bẽ cansado, & moido como hum sal.

11 Mas

11 Mas naõ foi isto bastante pera eu aqui me deter, antes brevemente me retirei por causa de hum Maniagar, que veyo sobre estas terras, & segundo diziaõ, tambem sobre nós. E foi necessario safar daqui com as vitualhas pera as bandas de Aur; onde o medo, que por alli avia dos ladroens, me naõ deyxava fazer lama demasiada. Passei a ver ao Padre Rodrigo de Abreu segunda ves, por estar ainda com algumas reliquias da doença passada. E já antes desta caritativa tinha feito varias viagens da mesma qualidade; & huma foi acodir com os Sacramentos a Favassei. Era daquella familia dos cassadores taõ augmentada nesta missaõ daquem, & dalem do rio Colaraõ, de cujo crecimento depois de Deos, foi esta Christaã causa por primeira na fé, que sempre conservou muyto viva com singular devaçaõ, & sanctos procedimentos.

12 Aos Padres mostrava, & tinha tanto affecto, quando os via, como se visse Anjos. E ainda que esta ves escapou, como a idade era jà muyta, & por isso nem alcatruzada se podia bem menear, em Novembro do anno, de que fallamos, quando menos o cuidavam, vindo as molheres do serviço do campo, a acharaõ em passamento, parece que de todo destituida do calor natural, mas ainda em seu juizo; com que lhes advertio algumas couzas pera bem de sua alma; que alli entregou a seu Creador, como de sua misericordia nos persuadem esperar tantos annos de boa vida desta boa velha.

13 Na ida, & vinda desta jornada me naõ faltou, em que exercitar a paciencia, naõ só com a repitiçaõ das dores, & achaque do braço direyto, mas tambem com hum accidente de pedra, que me molestou dez dias, em que me fez companhia com toda a caridade o Padre Jozeph da Sylva meu vizinho, & duvido se com a mesma lhe assisti eu em hum accidente de dor de olhos, que o molestou ouros tantos, ou mais dias, passando por causa delle este bom companheiro algumas noytes sem dormir, & com maiores merecimentos, do que eu nas minhas andanças, & molestias.

14 Como pois o sobredito Maniagar durou pouco no governo, & tambem nesta vida, porque os ladroens o mataraõ, indo elle fugindo de Tanjaor pera Tricherapali, aonde o queriaõ prender, & como com sua morte ficou

isto mais quieto; jà com algumas noticias de ser morto o Nayque de Madurè, me despedi do Padre Rodrigo de Abreu, & de noyte como fis à ida pera lâ, me vim recolhendo pera aqui; cuidando teria lugar de fazer menos viagens: porèm com a morte do Nayque ficou tudo peor, do que estava; & estes ladroens, que naõ perdem occasiam, estavaõ à lerta; & vendo o governo banzeiro, começaram a fazer das suas, primeiro ao longe, & depois junto da Cidade de Tricherapali.

15 Por razaõ deste desaforo deram os do governo com algum poder sobre as ladroeyras; & dando sacco em huma povoaçaõ nas arrayas dellas, a qual era menos culpada, & matando alli duas pessoas se recolheraõ. No dia pois, em que elles alli deraõ, sahi daqui pera ir acodir a alguns doentes alem da dita povoaçaõ, por onde avia de passar; & tendo noticia do que passava, depois de ter andado boa parte do caminho, arribei pera este posto; aonde, & em todas estas ladroeiras sabido o successo, & correndo cada hora novas, que vinha cavalaria da Cidade, ficou isto por aqui notavelmente medrozo; & tanto, que dous dias antes do Natal de noyte com grande orvalho, & mayor frio, estando eu jà repouzando, me vieram acordar, dizendo, que infallivelmente vinha cavalaria em numero, & se nam sabia a hora de vir, nem o lugar, em que trazia a proa.

16 Os moradores com estas novas deyxando o fato, & cabanas (se bem eu ia dantes tinha mandado levar daqui os mais das nossas vitualhas) começaraõ a ir sahindo cadaqual pera seu rumo: & eu com os que me acompanhavaõ, fui seguindo o do Nascente; & depois de parar hum pouco afastado da povoaçaõ com a companhia, que comigo foi, sentindo o rigor do frio, que ajudava muyto hum diluvio de orvalho, que cahia; vendo, que o nascer do sol estava ainda vagaroso, & fazer fogo em tal occasiaõ naõ servia ao intento do desvio, me fis na volta de Cunampati; aonde, & naõ aqui, tive a festa do Natal. Se bem parece foi Deos assim servido, porque como o Padre meu vizinho he nas forças, o que sabemos; & seu espirito as excede, & o concurso dos Christaõs alli foi grande, a naõ ter quem o ajudasse (como nos Christaõs naõ ha prudencia, nem paciencia pera esperar) se o Padre pera satis-

fazer

fazer a ſeu dezejo, ſe puzeſſe a confeſſalos de dia, & de noyte, difficultoſamente eſcaparia de alguma doença com o trabalho.

17 Alguns dias depois da feſta me retirei pera aqui, aſſim porque os temores da cavalaria de algum modo ceſſaraõ, como por ſobrevirem alli alguns impedimentos à noſſa aſſiſtencia, que ſuponho terà o Padre Jozeph da Silva referido a Voſſa Reverencia, & ſerà Deos ſervido deſviar, pera nas occaſioens nos naõ vermos de todo deſemparados ſem hum lugar ſeguro pera nós, & noſſas vitualhas; porem nem por aqui o eſtou eu ainda: & eſta he a razaõ de naõ começar huma Igreja em falta da de Candalur; que por cauſa dos Maniagares, que nella ſe vinhaõ alojar, mandei totalmente deſcobrir; & ſó exiſtem as paredes, que o inverno futuro desfará: nem cuido, que teremos ſegurança, em quanto as embrulhadas do Reyno naõ ceſſarẽ, & ouver cabeça certa, que governe.

18 E com iſto tenho referido a Voſſa Reverencia ſe naõ todas, a mayor parte de minhas viagens, & ſuas cauſas no anno, de que fallamos; em que os Catequiſtas pellas meſmas obraraõ pouco neſta reſidencia; & os que eſtaõ na Cidade de Tricherapali, quaſi nada, excepto o fazerem alguns bautiſmos no artigo da morte, & acodirem nelle com caridade aos enfermos. Foraõ pois os bautiſmos eſte anno entrando tambem alguns dados pellos Catequiſtas em artigo da morte, quatrocentos, & ſinco, & ainda que ſaõ mais, do que foraõ no anno de 1680 naõ chegam a igualar, os que antigamente eraõ, nem pode deyxar de ſer aſſim, por aver tantas perturbaçoens em todo eſte tempo.

19 Athe aqui, o que o Padre Manoel Rodrigues dis de ſuas moleſtias, & viagens ameudadas, & trabalhoſas, que o eram ainda mais pera quem eſtava taõ achacado, & cercado de trabalhos, como elle eſtava em eſpaço de mais de vinte, & hum annos de Miſſaõ; em que naõ ſó neſta, mas em outras muytas Reſidencias della tinha trabalhado com grande eſpirito, & zelo da converſaõ das almas. Depois de ter vivido, & ſervido por eſpaço de vinte, & dous annos neſta laborioſiſſima Miſſam de Madurè, ſem perdoar a lida, nem trabalho por converter almas a Deos, tendo feito grandes ſerviços a Deos; os Superio-

res

res attendendo tambem a ſeus muytos achaques, o applicaraõ a outras occupaçoens em climas mais amoroſos. Bem quizera o Padre antes morrer ao pè de huma mouta deſemparado dos alivios humanos; que eſtes favores, que ſe faziam a ſeus achaques. Mas como, quem he Religioſo ſancto, como elle era, naõ tem outra vontade mais, que a de ſeus Superiores, com ella ſe hà de acomodar; & he mais virtude, que encoſtar aos proprios dictames, ainda que ſe reprezentem mais ſanctos.

20 Como o talento deſte Padre era de grande esfera, lhe encomendaram varios governos: No anno de 1686 era Provincial da Provincia do Malabar. Depois foi promovido a ſer Provincial da Provincia de Goa. Em todas eſtas occupaçoẽs deu muytos exemplos de virtudes Religioſas, avendoſe com grande zelo no cuidado da obſervancia, indo diante aos mais com o ſeu exemplo.

21 Foi tido por homem ſevero. Duas vezes foi Provincial da Provincia de Goa, & neſtes ſeus governos deſpedio a muytos da Companhia, porque o mereciam. Da ſegunda ves, que foi Provincial, depois de ter algum tempo de governo, lhe ſobreveyo a doença, de que morreo. Preparouſe, como quem vivera tam ſanctamente. Eſtando neſta hora, hum Padre grave, que julgava tinha excedido nos muytos, que deſpedio, eſperava deſſe diſto alguma ſatisfaçaõ; porem como o viſſe tam deſabafado, lhe perguntou, ſe tinha alguma couſa, que entaõ lhe deſſe pena; como reſpondeſe; que naõ: inſtou, dizendo dos muytos, que deſpedira, & que era bem deſſe diſſo alguma ſatisfaçaõ. A iſto diſſe: meu Padre, dos que deſpedi nenhum eſcrupulo tenho; de algum eſcrupulo, que tive dos que naõ deſpedi, jà eſtou confeſſado. Depois com ſuma paz entregou ſua ditoſa alma nas maõs de ſeu Criador, a quem tinha feito ſerviços taõ glorioſos em todos os annos de ſua vida. Sua morte foi em Goa, athe a prezente naõ tive noticia do anno, mez, & dia.

CAPITULO XXXVII.

Vida do Padre Leopoldo Fues Confeſſor da Sereniſſima Rainha de Portugal Dona Maria Sophia.

Em Lisboa 26 de Outubro de 1697.

1 AInda, que o Padre Leopoldo Fuês naõ teve por patria ao reyno de Portugal, com tudo eſſes annos,

que entre nós viveo, moſtro tanto amor a eſta provincia, deu nella taõ excellentes exemplos, que naõ pede a boa correſpondencia, os deixemos eſquecer. Viveo neſta caza dos Noviços de Lisboa, por tanto aqui he o lugar neſta obra mais acomodado, pois eſtes ſanctos Irmaõs tiveraõ ſeus exemplos vivos entre ſi, bem he os tenhaõ tambem eſcritos. Naceo eſte Padre em Brunſui na Saxonia em Alemanha aos 18 de Abril de 1642, de gente illuſtre; ainda que neſta materia nunca ſe ouvio de ſua boca huma ſó palavra; & tendo alguns Irmaõs Religioſos, era muito pouco o comercio, que com elles tinha; moſtrandoſe neſta materia homem deſapegado diſto q̃ chamamos carne, & ſangue: nem ſe ſabe, lhe mandaſſe couſa alguma, das muitas curioſidades, que ordinariamente coſtumaõ paſſar pellas maõs, dos que tem occupaçaõ ſemelhante à que teve o Padre Leopoldo.

2 Entrou na Companhia de JESU aos 2 de Outubro de 1657 na qual fes a profiçaõ do quarto voto em 15 de Agoſto de 1675. Aſſiſtio muitos annos na Corte do Eleitor Palatino, ſendo Meſtre, & Confeſſor de ſeus filhos. Donde veyo pera Portugal por Confeſſor da Rainha Dona Maria Sophia, a que o meſmo Padre Leopoldo Fuês tinha dirigido nas materias de eſpirito desde a idade de ſeis annos; & por eſta cauſa lhe teve ſempre a ditta Senhora grande reſpeito: às boas direcçoens deſte Padre ſe deve a grande piedade, com que ſempre edifficou a todo o ſeu Reyno, em que foi grandemente amada de todos, em quanto viveo, & ſentida ſua morte, mais que a de qualqualquer outra Rainha.

3 Ao Padre Leopoldo Fuês deve a Companhia o grande amor, que ſempre teve a noſſas couſas, por iſſo a nomeavaõ alguns, *Regina Apoſtolorum*: & ella na verdade moſtrou ſempre, que era mãy da Companhia patrocinando-a com ſeu real amparo, & enriquicendo-a com o Real Collegio de Beja, que lhe fundou, & com muytos ornamentos preciozos, que deu a todas as noſſas cazas de Lisboa.

4 Depois de chegar a eſte Reyno o Padre Leopoldo Fuês com a Senhora Rainha, eſcolheo das cazas, que temos em Lisboa, a do Noviciado, pera ſua morada: neſta viveo, & neſta veyo a morrer. Em todas as ſuas acçoens

ſe

ſe moſtrava homem grande Religioſo, & que tinha ſingular eſtimaçaõ do exercicio das virtudes. Tinha a ſua oraçaõ da Communidade na tribuna, que do clauſtro donde morava, cahe pera a Igreja: alem deſta oraçaõ, quando ſe levantava a Communidade ordinariamente tinhaõ jà gaſtado algum tempo neſte ſancto exercicio no meſmo lugar. Acabada a Miſſa, gaſtava muyto mais tempo, que o ordinario, em dar graças a Deos.

5 Todos os annos tinha duas vezes os Exercicios de S. Ignacio; & era de notavel exemplo a ſeveridade do ſeu retiro neſte ſancto tempo. Naõ admittia genero algum de viſita nem dos de caza, nem dos de fora, por mais illuſtres, que foſſem: ſe o vinhaõ neſtas occaſioens a buſcar Condes, ou Marquezes, ou algum Biſpo, ſe hiaõ, ſem lhe fallar: Direi dous cazos, de que eu ſou teſtemunha: hum foi, que o veyo viſitar o Nuncio de ſua Sanctidade, que entaõ era Cardeal; & dandoſe recado ao Padre, reſpondeo: que eſtava em Exercicios, em os acabando, iria ſaber de ſua Eminencia, o que lhe ordenava: & com eſta repoſta ſe recolheo o Cardeal outra ves pera o ſeu coche ſem genero algum de diſſabor; como quem ſabia, que eſte era o eſtilo, que guardava inviolavelmente o Padre Leopoldo Fuês no tempo dos Exercicios.

6 O outro ſucceſſo paſſou naõ menos, que com a Rainha ſua Confeſſada: veyo eſta ao Noviciado, como fazia algumas vezes particularmente no tempo da quareſma, a ter oraçaõ na Capella no tempo do Paſſo, & ouvir a meditaçaõ do P. M. & colloquios dos Irmaõs Noviſſos; deuſe recado ao Padre Leopoldo Fuês, de que ſua Mageſtade eſtava em caza: elle ſe deyxou ficar, ſem lhe vir aſſiſtir; dizendo, que ſua Mageſtade ſabia muyto bem, o rigor, que elle ſempre obſervara nos Exercicios, & que diſſo, ſe naõ avia de aggradar, nem neſtas occaſioens eſperava delle aſſiſtencias algumas.

7 A todos nos cauſou aſſim admiraçaõ, como edifficaçaõ; como tambem huma grande opiniaõ do reſpeito, que eſta Senhora tinha ao Padre ſeu Confeſſor: & nos deixou a nós eſte grande exemplo da ſeveridade, com que nos devemos portar em taõ ſagrado tempo, como he eſte dos Exercicios de noſſo S. Patriarca.

8 A' noyte acabado o repouzo hia ouvir liçaõ Eſpiri-

tual à Capella, & a meditaçaõ q̃ o P. Reytor propunha aos Irmaõs Noviços pera a oraçaõ do dia ſeguinte. Naõ faltava nos exercicios da Communidade, que eraõ de mortificaçaõ; como ſervir à meſa, lavar a louça na cozinha, tomar diſciplina nas coſtas em o refeitorio nos dias, que ſe coſtuma entre nós. Aſſim meſmo dizia varias vezes a ſua culpa da cadeyra do refeytorio, & fazia eſte acto de humildade com tanta ſumiſſaõ, dizendo de ſi tantas confuſoens, que edificava ſumamente a todos, depois em penitencia deſtas ſuas faltas comia na meſa, em que por penitencia ſe come entre nos.

9 Foi muito inimigo da ocioſidade, ſempre o achariaõ occupado. Avendo pouco tempo, que ſe tinha levantado de huma doença, & quando ainda ſe nam podia ter em pê, entrando eu no ſeu cubiculo, o achei aſſentado em huma cadeira, lendo por hum livro; & como reparaſſe no divertimento, apontando o dano, que lhe podia fazer, me reſpondeo: Que nam podia eſtar ocioſo, & que tinha por menos mal eſſe dano, que o eſtar ſem fazer alguma couſa.

10 Occupouſe em traduzir em latim os ſermoens do Padre Antonio Vieyra, & imprimiraõ ſe em Colonia todas eſtas obras, que verteo em latim o Padre Leopoldo Fuês. Eſtimou grandemente ao Padre Antonio Vieyra, & todas as ſuas couſas; a elle ſe devem todas as boas diligencias, que ſe applicaram, pera que fallecendo o Padre Antonio Vieyra, ſe nam esbrangeſſem os ſeus manuſcriptos, antes ſe conſervaſſem todos como partos precioſiſſimos do mais excellente ingenho, q̃ venerou o ſeculo de ſeiſcentos.

11 Foi homem naturalmente pudico em todas as ſuas acçoens, & notou hum Irmam, que o a companhou muitos annos, que ſendo tam continuo o trato em palacio, & com os Senhores Infantes, nunca, ſendo elles criancinhas, puzera a maõ na cabeça a algum delles, ou o tocara em ſinal da benevolencia, & amor, que lhes tinha.

12 Lembrame, que na ultima enfermidade, guardou ſempre grande compoſiçaõ, & recato, como o pudera guardar o mais pudibundo Noviſſo; pondo grande cuidado, em que todo o corpo eſtiveſſe cuberto com toda a decencia. Indolhe hum Irmaõ a applicar huma medecina como deſcobriſſe, ou comeſſaſſe a deſcobrir hum pê do doente, eſte todo deſinquieto, lhe diſſe: Irmaõ, Irmaõ honeſtida-

ſtidade: encommedãdolhe muito a vigilancia neſta materia, tanto das meninas dos ſeus olhos.

13 Viſitando a hum ſenhor grande deſte Reyno, deu com os olhos em algumas pinturas nada decentes, no fim da viſita ao deſpedirſe, cheo de hũ ſanto zelo; lhe eſtranhou ter nas ſalas do ſeu palacio aquellas pinturas obſcenas, dizẽdolhe, q̃ ſe as naõ mãdaſſe tirar, lhe naõ tornaria a caza.

14 Teve muyto ſingular amor à ſua Religiaõ, & o moſtrou em muytas occaſioens acodindo por ſuas couſas, & empenhando pera iſſo as valias, que tinha com a Rainha. O que bem ſe vio na demanda das couſas tocantes ao Collegio do Santo Xavier de Lisboa; na qual ſem duvida ſe viriaõ a conſeguir todos os bons effeitos; ſe por algumas razoens particulares, que niſſo intervieraõ ainda da parte da Companhia, ſe naõ deſiſtiſſe da noſſa pertençaõ.

15 Pera eſtas occaſioens, em que ſe tratava dos negocios da Religiaõ, he que guardava os ſeus valimentos: naõ pera as pertençoens, que tiveſſem alguns Religioſos noſſos em ordem a adiantar o partido de ſeus parentes: & era já taõ conhecida eſta ſua izençaõ, que nenhum ſe lhe atrevia a pedir ſeu patrocinio pera ſemelhantes negocios: mas quando a couſa era da Companhia naõ era neceſſario muyto, pera elle a tomar com eſpecialidade à ſua conta.

16 De Beja lhe eſcreveraõ, que o Feitor de hum Conde deſte Reyno impedia, ſe tiraſſe pedra pera o novo Collegio em huma fazenda, que era daquelle Conde; logo ſem demora alguma, ſe foi a ſua caza o Padre Leopoldo Fuês; & a poucas palavras lhe diſſe: Senhor, de Beja ſe eſcreve iſto; Voſſa Senhoria advirta, que as obras daquelle Collegio ſaõ da Rainha minha Senhora; & que Voſſa Senhoria tem duas filhas em palacio no ſerviço da meſma Rainha: naõ foi neceſſario mais, pera que o Conde eſcreveſſe logo ao ſeu Feitor, que de nenhum modo impediſſe, tirarſe toda a pedra, que quizeſſe pera o Collegio, nas ſuas terras; nem taõ illuſtre Senhor fazia cazo deſtas pouquidades, mas os Feitores cuidaõ às vezes, que ganhaõ muito com eſtes alvitres; em outras couſas os querem ſeus amos mais advertidos, & elles o naõ ſaõ, particularmente quando intervem o ſeu commodo proprio.

17 Ouve grandes debates àcerca da fundaçaõ do Colle-

Collegio de Beja, os quais todos se venceraõ com ajuda de Deos, que tomou pera isso por instrumento ao Padre Leopoldo Fuês. Elle foi o primeiro, que fallou à Rainha, & a persuadio, a que fundasse o Collegio de Beja; & alhanou as difficuldades, que a podiaõ desviar destes sanctos intentos.

18 Teve grande devaçaõ à Senhora, nas Vigilias das suas festas jejuava a paõ, & agoa. Estando na mesa, varias vezes por descuido, dos que preparaõ o refeitorio, lhe faltou alguma parte principal, & mais precisa pera seus achaques, da raçaõ, que se lhe costumava pôr: mas nunca deu o minimo sinal desta falta, accommodandose com ella, como o fizera, se achasse tudo preparado.

19 Dava muytas esmolas aos pobres, & tambem à caza em que morava. Com as suas esmolas se fes o retabolo do S. Christo da Igreja do Noviciado. Ajuntou huma muito boa livraria, a maior parte della cõstava de livros humanistas, porque tinha especial affecto a esta faculdade: ficou esta por sua morte ao Collegio de Beja, porque em vida lha tinha applicado com licença de nosso Reverendo Padre Geral.

20 Foi o Padre Leopoldo muito devoto de Christo Crucificado: em estando achacado, o tinha quasi sempre nas maõs, & lhe fazia muytos colloquios; visitava muytas vezes na Igreja o altar do Santo Crucifixo. Parece foi vaticinio desta devaçaõ, o que tinha a contecido ao Padre Leopoldo sendo menino; mandaraõ fazer delle hum retrato, & o pintor, que o tirou muyto ao natural, lhe pintou na maõ hum Crucifixo, & debaixo do pé as armas da sua familia; que tambem foi hum como presagio do pouco, que as avia de estimar. Em honra de Christo Crucificado tinha especial devaçaõ a Sãcta Maria Magdalena, pello grande affecto, que a Sancta lhe tivera assistindolhe ao pé da Cruz.

21 Tinha grande zelo do bem assim espiritual, como corporal do proximo; deste lhe nacia a assistencia, que fazia no confessionario, todos os dias, que avia confissoens na caza, onde estava. Tinha ditto ao Porteiro o avisasse, quando as ouvesse, como aos demais Sacerdotes; naõ querendo, que o ser Confessor da Rainha, o izentasse daquelle sancto exercicio. Assistia com todas as boas diligen-

cias

cias aos hereges, em que avia alguma inclinassaõ, a se converterem, & destes se reduziraõ sete por sua industria; aos quais favorecia, quanto estava na sua mam. Se adoecia algum; elle em pessoa o hia visitar ajudandoo assim com sanctos avisos, como com esmolas, se avia dellas necessidade.

22 Em huma occasiaõ se chegou a elle o Irmaõ seu cõpanheiro, & lhe reprezentou a grande miseria, em que estava certo enfermo pobre; pera que o Padre o socorresse cõ alguma esmola, aqual elle lhe queria logo levar: aqui lhe disse o Padre Leopoldo: Pois eu irei com vosco: & tomando ambos as capas, foi à caza daquelle pobre, aquem achou deitado sobre huma vil esteira; consolouo, abrigou com suas caritativas maõs a desnudez do enfermo; & dandolhe huma boa esmola, se recolheo pera caza.

23 Dizia a sua missa com devaçaõ, & no altar mor, acabada ella, que durava tres quartos tinha meya hora de oraçaõ dando a Deos as graças por aquelle singular beneficio. Quando fazia com o corpo alguma reverencia a Deos, as fazia taõ profundas, que quasi tocava a terra. Varias vezes jâ alta noyte o achou seu companheiro diante do Sanctissimo cõ os braços estendidos, & derramando muytas lagrimas, & com a mesma postura o achou tambẽ outras vezes no seu cubiculo diante de Christo Crucificado.

24 Alem das sobreditas devaçoẽs à Senhora todos os dias lhe rezava o seu officio; & tambem a coroa com grande pausa, & devaçaõ gastando nella meya hora: alem de lhe jejuar as vigilias das suas festas a paõ, & agoa, como fica ditto, nunca faltava no jejum dos sabbados; & a visitava todos os dias na sua capella, que tem em o Noviciado nos corredores debayxo.

25 No palacio teve sempre grande circunspecçaõ em todas as suas acçoẽs, particularmente nos olhos, & foi nestes taõ recatado, que alguma Senhora das de palacio disse, que nunca pudera ver, de que cor eraõ os olhos do Padre Leopoldo. Nas visitas de Senhoras illustres, que por razaõ de seu officio, naõ podia evitar; sempre tinha o Companheiro jnnto de si, & só quando se avia de tratar alguma cousa de segredo, o mandava a fastar, quanto bastava, pera naõ ouvir, o que se fallava, ficando sempre à vista; nem permittia o contrario.

26 Em

26 Em quanto ſe podia ſervir, no que tocava ao ſeu cubiculo, como em fazer a cama, & mais couſas; naõ conſentia, que as fizeſſe o Companheiro.

27 Sobreveo ao Padre Leopoldo huma fiſtula de bayxo da barba, que lhe deu muyto, que padecer aſſim pela moleſtia della, como tambem pella muyta, que tinha no modo de a trazer reparada, que era atando huma faixa por debayxo da barba no alto da cabeça; eſta lhe durou aberta muytos annos, ſem aver remedio algum, que a fechaſſe. Succedia algumas vezes faltarlhe por eſquecimento o Cõpanheiro com as curas coſtumadas; calavaſe o Padre, & ſomente quando apparecia o Irmaõ, ſe ſubria modeſtamente, com que dava a entender o deſcuido do Cõpanheiro. Queyxandoſe eſte, de que o naõ avizaſſe, pois ſabia, que tudo fora eſquecimento; lhe dizia o Padre: Perdoaime Irmaõ a moleſtia, que vos dou; como ſentido ainda daquella leve ſinificaçaõ, com que dava a entender o deſcuido, em que tinha cahido.

28 Varias vezes o Irmaõ Noviço lhe faltou em o refeitorio por inadvertencia cõ a raçaõ de vinho; & como o Padre Miniſtro advertindo o deſcuido, penitenciaſſe ao Irmaõ, pera que dalli por diante foſſe mais lembrado: o Padre Leopoldo, como ouviſſe no refeitorio a penitencia, ſe moſtrou depois ſentido ao Padre Miniſtro, de que por ſeu reſpeito, ſe tiveſſe dado qualquer moleſtia âquelle Irmaõ Noviço.

29 Communicava os ſeus interiores ao ſeu Padre eſpiritual com grande amor, & confiança, aproveitandoſe de todos os aviſos, que lhe dava;como quem naõ fazia aquella acçaõ de virtude por ceremonia. E diſſe o veneravel Padre Joaõ da Fonſeca, que foi ſeu Confeſſor muytos annos, que venerava muyto no Padre Leopoldo a meudeza, com que ſe confeſſava fazendo cazo dos atomos mais pequenos, como ſe foſſem grandes defeitos.

30 Neſtas, & outras virtudes ſe exercitou os onze annos, que viveo neſte Reyno: quando lhe veyo a infermidade, de que morreo; durou eſta vinte, & quatro dias: a origem della attribuiraõ alguns àquella fiſtula, que tinha, aqual algum tempo antes deſta doença; tinha deſpedido deſi, dous oſſiculos, ou laſcas de oſſos das gengivas, & depois ſe fechou; tomando outra via o humor, que deſcarre-

gava

gava pela fiſtula: começou pois a doença cõ hum tumor na parte infima do ventre; que ſe ajuiſou, ſeria alguma poſtema, applicaraõſe-lhe alguns remedios reſolutivos por tranſpiraçaõ, cõ os quais ſe desfez, ou retirou pera dentro o humor, que era cauſa da inchaçaõ; porem o enfermo foi ſempre de mal em peyor; ſem ſortirem effeito os muy tos medicamentos, que lhe applicaraõ os melhores Medicos, & Surgioẽs da Corte, que todos por ordem da Rainha lhe aſſiſtiaõ, & ella frequentemente mandava ſaber do eſtado da doença.

31 Neſte tempo foi viſitado por muytas peſſoas illuſtres, porque geralmente era eſtimado de todos pela ſuavidade, & candura, que reſpeitavaõ em ſeus ſanctos coſtumes, que taõ proveitoſos tinhaõ ſido a eſte Reyno pela excellente educaſſaõ, & piedade ſingular, com que deſde os primeiros annos tinha inſtruido a Senhora Rainha de Portugal. Porem a maior parte do tempo gaſtava cõ Deos, com Chriſto Crucificado, cuja imagem quaſi ſempre tinha nas maõs, fazendolhe muytos colloquios, & fervoroſas jaculatorias; todo reſignado em ſua divina võtade.

32 Aos principios, em quanto deu qualquer lugar a doença, nunca deyxou de rezar o officio divino, ſendo, que tinha mais que baſtante cauſa pera o deyxar; & ſó nelle quis a diſpenſaçaõ, que lhe deu a total impoſſibilidade de o rezar. A noyte antes de morrer inſtou, lhe deſſem o ſancto Viatico, o qual ſe tinha dilatado, por parecer aos Medicos, que ainda naõ obrigava a neceſſidade; nem avia, porque dar eſſe ſuſto à Rainha, a qual, tinhaõ pera ſi, que eſtava pejada, & que cõ a nova podia ter alguma perturbaçaõ nociva; porque ſabiaõ o grande amor, & affecto, que ſempre tivera ao Padre ſeu Cõfeſſor, & o quanto coſtumava ſentir ainda as ſuas indiſpoſiçoẽs de menor momento.

33 Cõ tudo, viſta a inſtancia do doente, ſe lhe trouxe o ſancto Viatico, ao qual fez hum terniſſimo colloquio cõ muytas lagrimas ſuas, & dos que acõpanhavam ao Senhor; pedio perdaõ a todos da deſedificaçaõ, que tinha dado naquella caza: depois recebeo o Diviniſſimo Sacramento: & dahi a couſa de meya hora pedio a ſancta Unçaõ, que logo ſe lhe deu, indo elle meſmo reſpõdendo ao Sacerdote, que lha dava. Recebidos aſſim os Sacramentos, o mais tempo athe as duas horas da noyte, em que morreo, gaſtou tendo

nas maõs a imagem de Christo Crucificado, fazendo fervorosos actos de Esperança, Fé, & Caridade: quando se avisinhava jâ a ultima hora da vida, pedio lhe metessem na maõ huma vela aceza, & ao Padre seu Cõfessor, que lhe lesse a Payxam de Christo escripta por Saõ Joaõ: neste tempo levantou os olhos ao Ceo cõ hum modo tam elevado, & soberano, que o notou muyto o veneravel Padre Joaõ da Fõseca, que entam era seu Confessor, & lhe assistia; & mo referio por cousa digna de reparo especial, a crecentãdo, que por ventura naquelle tempo, fizera Deos algum mimo especial àquelle virtuoso Padre, cuja vida fora de homem justo. Depois abayxando os olhos nomeando cõ humas vozes jà truncadas o Sanctissimo nome de JESU, deu a alma a seu Criador aos 26 de Outubro duas horas depois da meya noyte no anno de 1697. Tendo 40 annos de Cõpanhia, & 22 annos de professo.

34 Esta he huma breve summa da vida, & morte do Padre Leopoldo Fues. Depois de morto ficou com o rosto aprazivel; cõcorreram a suas exequias muytos dos Senhores grandes do Reyno, & muytos Religiosos de todas as Religioēs; com os quais se encheo a Igreja do Noviciado de Lisboa: seu corpo foi posto em hum caixam fechado cõ duas chaves, que se meteo em huma das sepulturas do cruzeiro. Foi sua morte sentida de todos, os que tiveraõ conhecimento de sua bondade, & virtude; particularmente da Rainha Regente sua confessada, que o estimava, como se fora seu pay; & grandemente se edificou da humildade, cõ que estando pera morrer, lhe mandara pedir perdam do mal, que a servira.

35 Nem he bem passemos em silencio pera prova, do que esta Senhora estimava ao Padre Leopoldo, a grande demonstraçaõ, que fez a primeira vez, que adoeceo gravemente em o Noviciado de Lisboa; vindo ella mesmo em pessoa ao visitar; & metendo-se no cubiculo do enfermo, se fechou só cõ elle, & se deteve largo tempo; estando esperando toda a sua comitiva. Depois de morto, mãdou dizer muytas missas por sua alma; & ordenou, se lhe levassem algumas alfaias suas, como a imagem do sancto Crucifixo, com que morrera, & outras; que estimou como prendas de homem tam virtuoso, como ella sabia ser o seu Padre Leopoldo.

36 Foi este veneravel Padre verdadeyro Israelita sem genero algum de dobrez, era de natural benigno, & dotado de huma innocente candura; muyto amigo da sua Religiam, cujos creditos zelou sempre grandemente, & procurou adiantar, quanto pode: como em effeito adiantou em todas as occasioẽs, que disso selhe offereceram: por todas estas razoẽs, & pello sancto, & bom exemplo, cõ que viveo nesta Provincia, & nos edificou, he justo, fique esta breve memoria aos vindouros em sinal do nosso agradecimento. Tudo o que aqui fica escritto se recolheo dos testemunhos de pessoas, que cõ elle viveraõ, & souberaõ de suas cousas, & da maior parte destas fui eu testemunha de vista os annos, que vivi em o Noviciado de Lisboa, aonde tambem morava o Padre Leopoldo Fues.

CAPITULO XXXVIII.

Vida do Padre Joaõ Furtado.

Em Coimbra aos 5. de Fever. de 1700.

1 O Padre Joaõ Furtado foi homem de vida inculpavel, porem taõ amigo do retiro, que de suas virtuosas acçoẽs a menor parte he, a de q̃ temos noticia: delle se pòde dizer, que foi hũ vivo retrato da perfeiçaõ, & meudeza, cõ que se deve portar hum verdadeyro Religioso da Cõpanhia. O que de suas virtudes se sabe, assim do que se disse nas cõferencias, que dellas se fizeraõ em o Collegio de Coimbra, onde morreo, como do que disseram alguns em particular, he o seguinte.

2 Nasceo o veneravel Padre Joaõ Furtado em a cidade de Lisboa; seus pays foram Ambrosio Gouvea de Mẽdoça, & Izabel Pereyra; entrou na Cõpanhia em Lisboa aos 20 de Novembro de 1644, tendo de idade dezaseis annos: acabado o Noviciado foi estudar ao Collegio de Coimbra: soube cõ grande primor as letras humanas; & sendo, que cõcorreo cõ muytos de escolhidos engenhos, & nas letras humanas de nome conhecido, na composiçaõ do anno de 1651, levou o Irmaõ Joaõ Furtado os primeiros premios de proza, elegia, & epigrama; & naõ lhe faltou voto pera levar tambem o primeyro de Heroico, mas por naõ accumular todos em hum só; sendo tantos, & taõ bons

os themas, que cõpetiam; tomada huma leve causa, se lhe deu o segundo premio de heroico. Sendo, que a nota,que se punha pareceo a muytos, naõ ser sufficiente, pera lhe tirarem o primeyro premio; nunca do Irmaõ Furtado se ouvio a minima queyxa; antes na sua virtuosa opiniaõ lhe tinham feito grande favor nos premios, que lhe tinham dado.

3 Notavasse tambem, que fazendo todos singular estimaçaõ de suas boas prendas, nunca se vio nelle sinal algũ, ou de se ter a si em mais, ou de ter aos outros em menos: antes nelle tudo era humildade, & comedimento Religioso. Na Philosophia, que estudou no mesmo Collegio, foi assim mesmo grande estudante; & tanto, que hum de seus cõdiscipulos, que ao depois leo Theologia em a Universidade de Evora, cõfessou, que avendo entre seus cõdiscipulos muytos singulares estudantes, só o argumento do Irmaõ Joaõ Furtado lhe dava, em que entender; & quando lhe avia de argumentar, o fazia estar cõ susto, porque a experiencia lhe tinha ensinado, que os argumentos deste seu cõdiscipulo tinhaõ sempre grande pezo, & vinhaõ muyto bem cõsiderados.

4 Sendo tam aventajados os progressos na Philosophia; eraõ maiores, os que fazia no exercicio das virtudes, que sempre na Religiam foram o seu principal estudo: cõtra os seus procedimentos nunca ouve a minima queyxa, antes eraõ elles de tanta edificaçam, que sendo jâ do quarto Curso, todas as vezes, que podia; hia ter repouso cõ aquelles Irmaõs do Recolhimento, que avia menos tempo tinham vindo do Noviciado; tendo disso particular gosto assim o Padre Reytor como o Padre Prefeito do Recolhimento, que na cõta, que tomava aos Irmaõs, se lhe diziam, que tiveram repouso cõ o Irmaõ Furtado; tinha por muyto certo, que no tal repouso, naõ poderia ter avido cousa digna de se notar; porque em sua prezensa nenhum teria atrevimento pera fazer, ou dizer cousa, que de si tivesse algum defeito.

5 Nem por isso era de enfado aos Irmaõs do Recolhimento; porque a sua pratica alem de ser espiritual, era muyto alegre, & desenfastiada a todos, os que cõ elle fallavam. Sendo do terceiro Curso na quaresma de 1651, acompanhou a hum Padre que foi em missaõ à villa de Tor-

res novas: paſſada a Paſcoa foi cõ o meſmo Padre a Lisboa, & ſe hoſpedou em a caza de Saõ Roque. Pedio logo o Irmaõ Furtado licença pera ter repouſo com os Irmaõs Noviços, que aſſiſtem naquella caza; & aſſentado cõ elles em o chaõ o tinha, na capellinha dos enfermos com grande cõſolaçam dos Irmaõs Noviços, & naõ menor aproveitamento de ſeu eſpirito. O meſmo fazia no tempo da recreaçam, em quanto eſteve naquella caza.

6 Leo o Padre Joaõ Furtado Philoſophia em Evora cõ nome de grande, & virtuoſo Meſtre; todos os diſcipulos veneravaõ, & viaõ nelle huma grande innocencia de coſtumes, & eſtudo da perfeiçaõ Religioſa. Vêz ouve, em que entrando algum em o ſeu cubiculo no fim das ferias, conheceo nelle alguma affliçam, por cauſa da pouca poſtilla, cõ que ſe achava no fim das ferias, & lhe diſſe: como aſſim eſtâ Voſſa Reverenſia tam falto de poſtila tendo tido todo eſte tempo pera a fazer? Aqui acodio o Padre com huma grande candura, & ſancta ſinceridade: Chariſſimo, levoume muyto tempo, o examinar nos Autores ſe eſtavaõ allegados cõ fidelidade, & certeza, por eſtes livros, aos quais me encoſto, quando componho. Moſtrando neſta repoſta, ſe perſuadia, poderia aver algum genero de mentira, em pôr alguma allegaçam de outro modo, do que na verdade era da qual meudeza demaſiadamente eſcrupuloſa, ſe deyxa bem ver a grende pureza de cõſciencia, em q̃ ſe procurava conſervar.

7 Leo aſſim meſmo alguns annos Theologia em Evora cõ cadeyra de ſubſtituto; depois o mandou a obediencia pera Roma, a fazer o officio de Reviſor, onde eſteve algũs annos, & dalli voltando pera o Reyno, foi decano da Theologia de Coimbra: Prefeito do Recolhimento no meſmo Collegio; & tudo o que lhe reſtou da vida alli gaſtou cõ ſancta, & edificativa velhice.

8 Hum Padre, que era Miniſtro do Recolhimento, no tempo, que o Padre Furtado era Prefeito; diſſe que em tres annos, que fizera aquella occupaçam de Miniſtro, poderia jurar, que nunca vira, que o Padre Joaõ Furtado quebraſe a minima regra da Cõpanhia antes era põtualiſſimo na obſervancia de todas. Hia ter as viſitas cõ os meſmos Irmaõs acabada a claſſe. Foi couſa de grande edificaçam, a que fazia todos os dias; depois de irem os noſſos

Ir-

Irmaõs pera as ſuas claſſes, tomava o Padre o ſeu tinteiro, & paſta, & ſe hia à livraria publica do Collegio, onde gaſtava todo o tempo das claſſes em fazer ſeus notados; & em dando o ſinal a acabar o eſtudo; ſe recolhia outra ves pera o Noviciado, aonde entaõ eſtava o Recolhimento; cuja diſtancia pellas ſubidas, que tem, he moleſta ainda aos de menos annos, mas a virtude deſte Padre facilitava todas eſſas difficuldades: às quais podia occorrer, levando cõ licença, livros pera o ſeu cubiculo, que facilmente ſe lhe cõcederia. Deſte modo evitava a ocioſidade, cõ mais moleſtia ſua, & cõ muyta edificaçam noſſa.

9 No officio de Prefeito do Recolhimento nunca ſe meteo no governo, & diſpoſiçoẽs do Padre Miniſtro, deyxando a cada officio, o que lhe tocava. Se alguma ves encõtrava a alguns Irmaõs quebrando o ſilencio, a ſua reprehençam era, paſſando por elles, dar hum como ſuſpiro; ſinal da pena, que tinha, de que ſe quebraſſe a regra. Quando cõ a palavra era neceſſario eſtranhar algum defeito, o fazia cõ tanta manſidaõ, & modeſtia, que emendandoſe o delinquente, procurava, nam lhe foſſem as ſuas palavras de alguma affliçam, ou de pena.

10 Hum dia de cõpoſiçoẽs o perturbaram dentro do cubiculo os Irmaõs, que fallavam no corredor: ſahio à porta, pera moderar aquelle deſcuido, ou cõ a ſua prezença, ou cõ as ſuas palavras; & como deſſe cõ os olhos em hum Irmaõ, que era grande parte daquella pouca cautela, & ſe occultava de tras de huma meza de eſtudo, das que eſtavaõ no corredor: o Padre Furtado pondo nelle os olhos com grande urbanidade, ſó lhe diſſe gracioſamente o de Horacio: *Quandoque bonus dormitat Homerus.* E ainda que a deſinquietaçam, que lhe tinha dado, merecia maior reprehençaõ, naõ cabia eſta na ſumma bõdade do Padre Joaõ Furtado.

11 Quando faziaõ alguma acçam publica, hia aos ſeus cubiculos, & dandolhe os parabens ſe alegrava do bõ ſucceſſo, que tivera. Foi o Padre Joaõ Furtado homem muyto modeſto, & cõpoſto: os olhos andavam ſempre como os coſtumam trazer os noſſos Irmaõs Noviços; por todos quantos paſſava inclinava ſempre a cabeça fazendolhe reverencia; & neſtas materias ſempre procurava, de ſe anticipar a todos, & de os reſpeitar, como ſe lhe foſſem Superiores.

res. As maõs nunca lhe cahiam da cintura pera bayxo, tendoas quietas cõ a decencia, que manda a noſſa regra da modeſtia. No ſilencio foi obſervantiſſimo; em dando o ſinal a acabar o repouſo, nam dizia mais palavra alguma. Em ſe tangendo a alguma obediencia, acodia põtualmente, & nos ultimos annos, quando jâ nam podia acodir cõ aquella diligencia, cõ que antes o coſtumava fazer, ſe anticipava, ſahindo do ſeu cubiculo antes de ſe dar o ſinal cõ a campa pera acodir a comunidade.

12 Foi tambem muyto pobre, & amante deſta virtude; o que bem ſe vio em varias occaſioẽs, achandoſe falto de huns oculos, por nam ter, cõ que os cõprar, pedio ao Padre Reytor huma eſmola pera eſte effeito; & depois de os cõprar, como lhe ſobejaſſem alguns reaes, os levou ao Padre Reytor dandolhe as graças pela eſmola, que lhe tinham feito.

13 Pelo amor, que tinha a eſta virtude, nam queria, que chamaſſem ſeu, ao que eſtava debayxo da ſua maõ; como à ſua janella eſtiveſſe huma parreyra pouco cõcertada, ſe lhe offereceo hum noſſo Irmaõ eſtudante dizendo, que ſendo ſua Reverencia cõtente, lhe cõcertaria a ſua parreyra; nam ſe agradou o Padre daquella palavra, ſua; & cõ boas palavras, lhe diſſe: que lhe agradecia muyto aquella boa võtade, mas que a parreyra era da Religiaõ, & nam ſua; por tanto, que ella teria cuidado, de lhe fazer o beneficio neceſſario.

14 Tinha certas horas, em q̃ todos os dias viſitava os enfermos; nas quais viſitas todo ſe reveſtia de affabilidade, alegrandoos cõ praticas ſuaves, & que nada tinham de enfadonhas. Nas ſuas cõverſaçoẽs nunca ſe ouvio palavra de murmuraçam, & ſe acazo ſe dizia palavra, que cheiraſſe a ella, logo ſe calava, & cõ a carregaçam do ſemblante dava a entender, o quanto lhe deſagradava todo o genero de murmuraçam. Nunca da ſua boca ſe ouvio palavra ſinificativa de alguma queyxa dos Superiores, ſendo, que lhe nam faltaram occaſioẽs, em que as queyxas poderiam ter alguma deſculpa, mas a ſua modeſtia, & ſofrimento nunca davam lugar a ellas. Nam ſe metia cõ vidas alheas, ſó tratava de ſe meter cõſigo, & com o que tocava a occupaçam, que fazia.

15 Era por extremo deſapegado de tudo, o que era car-

carne, & ſangue, ou couſas, que tem affinidade com eſta materia. Eſtando no Collegio de Coimbra, o veyo, aver hũ ſeu ſobrinho, que avia mais de vinte annos, que o naõ vira, ao qual tomando a viſita de pê, em poucas palavras ſe-deſpedio delle, dizendolhe, que nunca mais o buſcaſſe, porque lhe naõ avia de vir a fallar à portaria. Foi tam recolhido, que vivendo muytos annos em o Collegio de Coimbra, nunca pedio licença, pera ir fora, nem ſe vio fallar com ſeculares na portaria, mais, que quando foi a fallar cõ ſeu ſobrinho, em que moſtrou o deſapego, que temos referido.

16 Reſava o ſeu officio divino de joelhos, & com grãde attençaõ. Tinha notavel piedade, & a moſtrava nas couſas de devaçaõ, particularmente no tremendo ſacrificio da Miſſa, que celebrava com muyta pauſa, & reverencia. Tinha ſingular amor à obſervancia das regras, as quais guardava com toda a exaçaõ: em huma conferencia, q̃ fez em Coimbra o Padre Provincial, ſobre, que meyos nos ajudariaõ pera a obſervancia do noſſo Inſtituto; a conſideraçaõ, que deu o Padre Joaõ Furtado, foi, que nos ajudaria o ter amor as regras; & inſtituto, que profeſſamos; deu alma a eſta ſua conſideraçaõ cõ o de David em os Pſalmos: *Meditabar in mandatis tuis, quæ dilexi nimis*; Aonde outra letra tem: *Deliciabar in mandatis*; Porque os tinha por delicias, os guardava cõ o cuidado, que elle de ſi confeſſa em outros lugares: inculcou neſta occaſiam o Padre Joaõ Furtado o meyo, de que elle ſe aproveitava, pera ſer tam extremado na obſervancia.

17 Teve tambem muyto eſpecial devaçaõ à Virgem Senhora, & nos deyxou della evidentes indicios nas muitas dedicatorias, que lhe fez na ſua Philoſophia; em todas as materias, que de novo compunha, fazia em o principio ſua dedicatoria à Virgem Senhora, taõ culta, pia, & affectuoſa, que claramente ſe deyxa ver naciaõ as palavras de hum coraçaõ, que todo era da Virgem May. Mas porque as minhas palavras nam podem ſinificar, quanto explicam as ſuas; nam ſerâ couſa moleſta, referir aqui algumas clauſulas daquellas dedicatorias.

18 Na dos additamentos à Logica, dis aſſim: *Virgini Matri dulciſſimæ, Sanctiſſimæ, Auguſtiſſimæ, dedicatio. Nec meritis ſatis tuis, Mater dulciſſima, nec votis meis ſatis,* *Phi-*

Philosophicum laborem initio a me tibi universim fuisse dicatũ: parum nimis est maiores quasdam ejusdem partes de integro tibi sistere, cui vellem singulas quæstiones, imo & characteres singulos, nominatim consecrare. Accipies igitur hoc opusculum non tam ad exiguam lucernam, quam ad immensum tuum splendorem, Luna pulchrior, lucubratum, obsequii magis erga te mei, quam Conimbricensis Logicæ additamentum. Com esta mesma piedade, & cultura estam feitas todas as outras dedicatorias, que saõ muytas, & se podem ver nas postillas deste Religioso Padre; eu as deyxo; porque pella piedade, & amor pera com esta Senhora, com que està composta a referida, se deyxa bem ver o nectar de devaçaõ, com que suavisou todas as outras.

19 Seguia em tudo a cõmunidade, com aquella meudeza, que estilam os nossos Irmaõs Noviços; porque o Padre Furtado em toda a sua vida nam fez outra cousa mais, que ser perpetuamente nos seus procedimentos hum muito apontado Noviço. Muytos Padres, que o conheceram, & trataram por muytos annos, confessaram, que nunca viram nelle acçam, que cheirasse a peccado venial. Foi dotado de huma pudicicia Angelica; por causa desta sofreo muytos annos o achaque, de que finalmente veyo a morrer, sendo que se permittira as curas, que a surgia applica a semelhantes quebras da natureza, pudera viver mais annos, ou passar com menos incõmodo, os que lhe restavam de vida: mas o seu pudór natural naõ deu lugar aos costumados reparos, & assim se accõmodou sempre com as molestias, que nam podia deyxar de padecer muyto grandes. Nam era a menor em tam observante Padre o impedirlhe aquelle achaque, o servir no refeitorio à meza; quando o avisavam pera aquelle ministerio, a sua desculpa ordinaria era, dizer com grande submissaõ: Eu nam posso; porque temo de quebrar. Costumava dizer isto, quando o achaque à penas dava lugar a andar em pé.

20 Em huma occasiaõ, que por causa de descançar alguma da gente moça, que assistia de noyte a alguns doentes, que avia de perigo em o Collegio, se aproveitou o Padre Ministro dos Padres velhos da caza, pera assistirem de dia por seu turno algumas horas aos enfermos; notou o mesmo Padre a boa graça, & diligencia, com que o Padre Furtado accodia a assistir o tempo, que o avisavam estivesse

com algum doente; ſem nunca ſe deſcobrir nelle palavra alguma, ou ſinal, com que procuraſſe, deſviarſe neſta, ou naquella hora da tal aſſiſtencia.

21 Padeceo o Padre Joaõ Furtado por toda a vida huma desfeita tempeſtade de eſcrupulos, com que parece o quis Deos provar, & nelles lhe deu muyto, que padecer em os largos annos, que viveo com eſta anſioſa penalidade.

22 Chegoulhe finalmente por caza a doença, de que morreo, que toda ſe originou da roura, que tinha avia muytos annos, cujos remedios tinha dilatado athe naõ mais o ſeu pudôr natural. Quando ſe lhe acodio, foi jâ taõ fora de occaſiaõ, que nenhum effeito ſortiraõ os remedios, que ſe lhe applicaram. Em todo o tempo, que a doença lhe durou, ſe occupava em louvores de Deos, levandolhe todas as palavras aquelle Senhor, aquem ſempre ſe dera, & entregara de todo o coraçaõ.

23 Quando neſta ultima doença o aviſaraõ, pera morrer, nada ſe alterou com a nova: a ſua confiçam foi huma reconciliaçaõ breve, dizendo a ſeu Confeſſor: Padre iſto baſta, porque jâ tenho feito todas as diligencias moraes: de ſorte, que com o aviſo da morte, ſe pos fim aos eſcrupulos do Padre Ioaõ Furtado: a razaõ devia ſer, a que dizia o Padre Iozeph de Seyxas: Que os eſcrupulos do Padre Ioaõ Furtado naõ eraõ depois, ſenaõ antes de obrar.

24 Neſte tempo diſſe o Padre Reytor ao Padre, com quem ſe cõfeſſava o doente, lhe declaraſſe da ſua parte, que tinha ſua Reverencia licença pera aſſinar peſſoas, porquem levava em goſto, ſe repartiſſem os ſeus papeis: agradeceo o doente a benevolencia, que com elle uſava o Padre Reytor, mas naõ veyo em aceytar a tal licença, dizendo: que diſpuzeſſe o Superior do pobre cabedal, que deyxava, como melhor lhe pareceſſe.

25 Morreo *in oſculo domini* aos ſinco de Fevereyro de 1700, tendo primeiro tomado com grande piedade o Sancto Viatico, & Extrema-unçaõ; deyxando a todos grandes ſinais, de que era homem predeſtinado. Foi geral em todos o bom conceyto de ſua ſancta vida, & religioſiſſimos coſtumes: & naõ faltaraõ muytos Religioſos noſſos, que com grande devaçaõ tocavaõ as contas em ſeu veneravel roſto, recolhendo tambem alguns pedaços de ſeu veſti-

vestido. Ainda se estendeo a mais a devaçaõ de outros, que depois de estar jà na Capella o cadaver, lhe descalçaraõ os çapatos, cortaraõ as unhas de ambos os pés, & com ellas algumas particulas da mesma carne; & tambem lhe cortaraõ as unhas das maõs, & parte dos cabellos da cabeça, & barba, pera os conservarem como reliquias de homem Sancto.

26 Tinha 72 annos completos, quando morreo, de Companhia sincoenta, & seis annos, & dous mezes, & meyo: & de Professo do quarto voto 35 annos, & meyo. Foi tido, & avido por homem justo, & de vida innocente, em cujos procedimentos ninguem achou, que culpar; sempre guardou aquelle teôr de vida, que aprendeo em o Noviciado. Foi muyto douto em todas as faculdades, que aprendeo, bem verdade he, que a multidaõ de escrupulos, que por toda a vida o perseguio, naõ deu lugar, a que sahissem, & se lograssem as relevantes prendas, & grande cabedal de sabedoria, com que Deos o enriquecera.

27 Os papeis, que deixou foraõ muytos quadernos de prègaçoens, & de praticas em Portugues; teve o Padre Joaõ Furtado grande liçaõ das sanctas Escripturas, & Sanctos Padres. Deyxou mais seis, ou sette tomos de Moral em latim todos perfeytos, athe na letra, & acabados como pera a estampa, com suas introduçoens, resumos de paragrafos à margem, & seus indices no fim de cada tomo. E posto, que nestas obras sempre se acosta a algum Author, que resume; com tudo dis de sua caza, refuta, estabelece, tudo em claro, & perfeito estilo, como quem o teve aureo em todas as suas postillas, como testemunhaõ, os que as versaraõ. Só pera escrever estes tomos de Moral, com a perfeiçaõ de letra, com que estaõ, quasi sem risca, nem borraõ algum, se requeriaõ muytos annos, & demanda muyto trabalho só a escriptura, quanto mais o estudo requisito pera os compor.

CAPITULO XXXIX.

Vida do Padre Ignacio Rodrigues.

Sua patria, entrada na Companhia, & annos, que nelle viveo.

No mar aos 5. de Mayo de 1702.

1 O Padre Ignacio Rodrigues, cujas virtudes escrevo, foi hum dos homens, a quem tiveram por sancto, &

amigo de Deos, todos os q̃ o conhecerão, & tratarão; de vida inculpavel, de exemplo muy singular, & digno de que se perpetue na memoria de todos, pera edificação dos vindouros, & dos que vivêmos com elle; & pera que todos os da Companhia demos graças a Deos por nos dar tam sancto Irmaõ; & pera que entendamos, que em todos os tempos andão entre nós, homens de virtude mais, que ordinaria; os quais nos devem servir de estimulo no caminho da perfeição, considerando, que o seu barro, & o nosso sam de huma mesma especie.

2 Naceo este ditoso Padre na Villa de Chaves, que he huma das melhores da provincia de Traslosmontes, de seus principios se começou a ver, que era dado por Deos com alguma especialidade, porque as oraçoens de sua may lhe conservarão a vida. Naõ sei porque enfadamento a avò do Padre Ignacio, lançou à sua filha huma maldiçaõ, que dos filhos que tivesse nenhum se lograsse, nem lhe passasse do joelho pera sima. Permittio Deos por seus occultos juizos, que a praga tivesse seu effeito; porque tendo alguns filhos, nenhum delles se chegava a lograr, & morria nos primeiros annos: vivendo com esta ansia, recorreo à Senhora, & ao Sanctissimo Sacramento, pedindo instantemente a Deos, lhe deixasse ver logrado a algum filho: tendo este, a quem pôs o nome de Antonio, conseguio com suas oraçoens, que nam moresse, como os mais.

3 Viose assim do despacho desta petição, como de todo o mais teor de sua vida, que Antonio era filho de oraçoens, que ordinariamente costumão ser filhos de benção. Era propenso a usar de caridade com os pobres; em certa occasiam chegando à sua porta hum pobre mui roto, & desabrigado, recolhendo-o dentro de casa, o pôs consigo à mesa, & depois o meteo na sua cama, em que o pobre dormio, & descansou. Depois de exercitar este acto de caridade, sentio dentro de si particulares impulsos de ser Religioso da Companhia, os quais se lhe forão sempre conservando, athe os pôr em execução. Tambem ajudou a os fomentar o trato com os Religiosos da Companhia, a quem teve por Mestres no Collegio de Monterrey em Galiza nas fronteiras daquelle Reyno, naõ longe da villa de Chaves. Sendo Provincial da Companhia o Padre Doutor Manoel Correa, passando pela villa de Chaves com o Padre seu

com-

companheiro, que era natural daquella terra, ſe lhe offereceo o noſſo eſtudante ſinificando ſeus antigos dezejos; vendo nelle o bom ſitio, que tinha pera a Companhia, o admittio, & feitas as diligencias ordinarias, foi mandado entrar em o Noviciado de Coimbra.

4 Entrou naquelle ſancto Noviciado aos onze de Mayo de 1695 tendo de idade quaſi dezanove annos: pouco tempo ſe deteve alli, porque mandando a ſancta obediencia alguns Irmaõs Noviços pera Lisboa, hum delles ſoi o noſſo Irmaõ Ignacio, a quem mudou o nome o Padre Meſtre dos Noviços attendendo, a que avia outros do meſmo nome, & ſobrenome na Provincia. Chegando a Lisboa, como o tempo de Noviço em Coimbra foſſe muy pouco, ainda a modeſtia naõ tinha feito nelle o habito de ter os olhos bayxos, antes com as licenças da jornada eſtava neſte particular como o dia, em que tomou a roupeta, por iſſo entrando pelo cubiculo do Padre Reytor do Noviciado, ſe pôs com os olhos abertos, & vendo a livraria do cubiculo diſſe muyto alegre pera o Padre Reytor: O là quanto de livros naõ eſtamos nós mal. Quãdo o Padre Reytor ouvio eſta ſinceridade, & vio o ſitio do novo hoſpede, diſſe dentro de ſi: Bem aviado eſtou com tal Noviço, naõ nos falta aqui, que desbaſtar.

5 Nos principios moſtrou alguma eſperteza, a qual pouco a pouco ſe lhe foi cerceando, com a deſtreza, com que o coſtumaõ fazer os Meſtres expertos: Depois com as meditaçoens, & praticas do Padre Reytor de tal modo ſe penetrou de Deos, que ſe começou a entregar de veras ao exercicio das virtudes, como veremos, quando abayxo fallarmos de cada huma de perſi, que agora ſó vou dizendo huma breve ſuma da ſua vida.

6 A todos os Noviços era hum vivo eſpelho de perfeiçaõ. Acabado o Noviciado eſtudou letras humanas na meſma caza, aonde entam à imitaçaõ do que ſe uſa em Roma, ſe eſtudavaõ. Com os eſtudos em nada desdiſſe dos fervores de Noviço. Teve naquelle tempo por ſeu Meſtre eſpiritual ao Padre Joaõ da Fonſeca, em cujas virtudes teve muyto que imitar. Era o Irmaõ Ignacio de feliz engenho, que percebia com facilidade, & prompto no que obrava. Soube muy bem as letras humanas. No fallar latim foi expedito, & obſervante na regra, que manda, aos

que

que estudam, fallar na lingua latina. De Lisboa foi mandado estudar Philosophia a Evora, & sendo, que em Lisboa padecia muyto de hum achaque procedido de secura, & via, que em Evora se poderia augmentar, se accommodou com a obediencia, daqual nunca se desviou hum só apice.

7 Estudou em Evora alguns annos com geral edificaçaõ de todos, & opiniaõ de virtude: athe que sabendo o Padre Provincial o muyto, que padecia do seu antigo achaque o mandou passar pera Coimbra, pera ver, se com o clima diverso tinha alguma melhoria. Antes que passe a diante naõ quero deyxar em silencio, o que lhe aconteceo, quando em Evora ouve de sahir do Recolhimento, por se lhe ter jà acabado o tempo; sinificoulhe o Padre Ministro, que se o Irmaõ Ignacio naõ tivesse disso pena, teria elle gosto, que ficasse no Recolhimento por todo o tempo, que estudasse Philosophia; respondeo, que elle por si estava prompto, vivendo na forma dos demais, como se ainda naõ tivesse acabado o seu tempo: porem como a cousa era nova; naõ se quis fiar de si; mas consultou a hum Padre, que lhe dissesse, qual lhe estava melhor pera o aproveitamento do seu espirito; que elle estava prompto a executar, o que elle resolvesse; & julgandoo assim, pedir aos Superiores, o deyxassem ficar. Respondeolhe, que fizesse, o que faziaõ os mais, que o ponto estava em fazer da sua parte, por se naõ esfriar nos fervores sanctos, que em si sentia. A este conselho se accomodou, dando aos Irmaõs do Collegio os mesmos exemplos de virtude, que dera aos do Recolhimento.

8 Procedendo assim em Evora, como em Coimbra com a mesma igualdade de costumes, sem por achaques, affroxar alguma cousa em seus fervores, o chamou Deos pera as gloriosas missoens do Oriente, que pertendeo com grandes instacias, & conseguio com a difficuldade, que no fim se dirá, toda originada da sua virtude, & mais dotes naturais, todos elles completos pera os nossos minysterios. Concorriaõ no Irmaõ Ignacio todas as boas prendas, que o podiaõ fazer estimado nesta Provincia, porque sabia bem as faculdades, que estudou, & era muyto pera as ensinar nas mais esplendidas cadeiras; o genio amavel, o trato suave, & bem quisto de todos: a sua virtude a ninguem era

peza-

pezada. Porem as mesmas razoens, que a outros serviriaõ de laços, que os atassem, foraõ pera elle os motivos do seu desengano, considerando, que assim tinha mais, que offerecer a Deos.

9 Hia em o setimo anno de Religiaõ, & no quarto de Philosophia, quando foi avizado pera a Missaõ da India, de que recebeo gosto incrivel, & o sinificaõ as cartas, que naquelle tempo escreveo a alguns seus condiscipulos. Passou a Lisboa, tomou ordens de Missa, & a celebrou com grande consolaçaõ sua. Chegando o tempo da monçaõ se embarcou taõ rico de boas obras, como ellas por si o iraõ mostrando.

CAPITULO XL.

Da devaçaõ, que tinha ao Beato Luis; & como procurou de o imitar em tudo. Como o imitou na devaçaõ ao Santissimo, & à Senhora.

1 FOi singularmente devoto do nosso B. Luis Gonzaga, a vida deste Sancto era a regra da sua. Esmerouse tanto em o imitar, que muytos diziaõ, que se se perdesse a vida do B. Luis a podiaõ tresladar pela vida do Padre Ignacio Rodrigues. Lia frequentemẽte sua vida, & quasi a sabia de memoria. Quando algum o arguia de alguma sancta extravagancia, ou rigor, que usava comsigo: era reposta nelle muy ordinaria: Assim o fazia o B. Luis. Ajuntou hum dia quatro condiscipulos, & assentou com elles, q̃ cada hum na polis, em que se achasse, metesse pratica de Deos, peraque assim pouco a pouco se fosse conservando este bom costume, dizendo, que esse era o modo do B. Luis Gonzaga. Repetia, & trazia muytas vezes à pratica os ditos mais especiais do B. Luis nas materias da virtude, & sentia particular jubilo, quando lhe fallavaõ nelle, como cousa que amava de coraçaõ. No primeiro anno, que se examinou de Philosophia, hum dos Padres examinadores sabendo este seu affecto pera com o sancto, argumentandolhe nos sinais, formou toda a sua duvida, nas açussenas, que o B. Luis tem na maõ, se eraõ sinal ex instituto, ou natu-

natural da ſua pureza: Tanto que ouvio nomear ao ſeu Sancto ſe alegrou por extremo, & reſpondeo com agrado ſeu, & de todos os mais, que nas palavras, & ſemblante liam o ſeu grande affecto. Aſſim meſmo era grandemente affeiçoado ao ſancto Irmaõ Joaõ Brecmáns: as vidas deſtes ſanctiſſimos Irmaõs eraõ o norte por onde governava ſuas acçoens.

2 Aſſim como a primeira, & maior devaçaõ, que teve o Sancto Luis Gonzaga foi a do Sanctiſſimo Sacramento, eſta foi tambem ſingulariſſima no Padre Ignacio Rodrigues. O cuidado, com que ſe preparava pera o receber, era quanto eſtava na ſua maõ. Os dias da ſemana Quinta, Seſta, & Sabbado lhe ſerviaõ, pera ſe diſpor em ordem ao receber; Domingo, Segunda, Terça, & Quarta, pera lhe dar as graças pello aver recebido; pedindo naquelles dias aos Sanctos Anjos, & mais moradores do Ceo o enſinaſſem, a prepararſe, pera receber taõ ſoberano hoſpede; & nos outros lhes rogava o ajudaſſem, a darlhe as graças, por ter viſitado ſua alma.

3 Nas veſperas de communhaõ gaſtava mais tempo em oraçaõ. Là no interior de ſua alma tinha effigiado huma cuſtodia, ſervindolhe de peanha ſeu coraçaõ, aſſiſtindo ao Sanctiſſimo todos os Anjos, & outros muytos Sanctos, que conforme ſua devaçaõ punha de guarda em Laus perenne ao Senhor, a quem elle tambem aſſiſtia com todas as potencias, & ſentidos.

4 A ſua oraçaõ tinha ordinariamente diante do Sanctiſſimo. Nos oito dias, que tinha de ferias na quinta a ſua maior aſſiſtencia era na Capella em prezença do Sanctiſſimo Sacramento, ſendo eſta frequente aſſiſtencia a maior parte das ſuas recreaçoens na quelles oito dias. Coſtumaſe em Evora levar na quinta-feyra Sancta o Sanctiſſimo pera a Capella do Recolhimento, por ficar mais perto da Igreja. No tempo, que alli eſtava o Senhor athe Sabbado da allelluia, naõ ſomente aſſiſtia de continuo na Capella, mas fes concerto com muytos Irmaõs, peraque naquelles dias por ſeu turno aſſiſtiſſem, & cortejaſſem a taõ ſoberano Senhor, que ſe dignava ſer hoſpede do ſeu Recolhimento.

5 Succedeolhe hum dia de quinta, que o era tambem de communhaõ, por cauſa de ajudar a huma Miſſa, naõ com-

commungar no tempo, que os mais o fizeraõ: dandoſe ſinal com a campa pera a Communidade partir pera a quinta, determinou o Padre Miniſtro do Recolhimento, que elle foſſe tambem por naõ ficar ſó em caza, & q̃ naõ commungaſſe aquelle dia: teve o ſervo de Deos tanta pena, que como hum menino começou a chorar de ſentimento; pello que o Padre Miniſtro, que amava muyto ſua virtude, pello naõ deſconſolar, o deixou ficar em caza aquelle dia, pera naõ perder a communhaõ, que eraõ todas as ſuas delicias.

6 Depois de commungar, alem do quarto, que todos em comunidade gaſtam em dar graças a Deos, gaſtava elle os tres quartos, que faltam athe a hora, em que ſe dâ ſinal ao eſtudo. Huma communhaõ lhe ſervia de aparelho pera outra, & muytas juntas de preparaçam pera o receber em algum dia mais ſolemne. Nas veſporas de cõmunham ſendo do Recolhimento, & tambem quando jâ era do Collegio, hia fallar de Deos com os Irmaõs Noviços, & o fazia com tanto fervor, & agrado, que todos appeteçiam foſſe ſeu cõpanheiro, pera ſe accenderem mais nos dezejos de receber ao Senhor. De muytas cõſideraçoẽs ſe ajudava pera o receber com mais devaçam; mas a conſideraçaõ, em que a ſentia mayor, era a da Cananêa: *Nam, & catelli edunt de micis, quæ cadunt de menſis dominorum ſuorum*; Cõſideravaſe como hum gozinho junto daquella ſacroſancta meſa, eſperando que della cahiſſe aquelle divino ſuſtento, com que ſó ſe ſatisfaziaõ ſuas anſias.

7 Quando na capella ouvia dar ſinal com a campainha a levantar o Senhor, o hia adorar aſſiſtindo-lhe athe commungar o Sacerdote. No dia de Corpus Chriſti era continuo na capella, o meſmo fazia em Lisboa no tempo do Laus-perenne aſſiſtindo no coro da Igreja do Noviciado, ſem nunca ſe aſſentar diante do Senhor.

8 Do myſterio do Nacimento de Chriſto Noſſo Senhor foi tambem por extremo devoto. Em prova deſta devaçaõ referio hum Religioſo, que ſendo ſeu inſtruido, hum mez antes do Natal o ſentia levantar todas as noytes, tanto que ſoava a meya noyte, a ter meya hora de oraçaõ cõſiderando neſte myſterio, & que o ouvia chorar, & ſendo, que ſó lançava ſobre ſi a roupeta, dizia naõ ſentir frio algum, effeitos do grande calor, que ardia dentro em ſua

alma. Esta mesma devaçam inculcava ao seu instruido; & pera acordar sempre à meya noyte, lhe aconselhou, rezasse tres Padres Nossos, & Ave Marias às Almas do Purgatorio, que elle assim o fazia, & que em dando a meya noyte em ponto logo acordava pera a sua devaçam; fez o instruido o mesmo, & cõ grande admiraçaõ sua experimentou, que no ponto, que soava a meya noyte, acordava, ainda que estivesse em o mais profundo sono. Foi devotissimo das Almas do Purgatorio, & lhe tinha applicado toda a satisfaçam das suas obras.

9 Na devaçaõ da Senhora se assinalou sempre muyto à imitaçam do B. Luis. O nome ordinario, com que a tomava na boca, era o de Minha Senhora; & avisitava muytas vezes nas suas capellas pedindolhe perdam do mal, que a servia. Nas vesporas das suas solenidades eram tam rigorosos os jejuns, que muytas vezes, por queyxas, que de tanto rigor tinhaõ os Superiores, o mandavam outra vez à meza ordenando-lhe, que comesse.

10 No tempo, que estudava humanidades, fazia muitas vezes declamaçoẽs em obsequio da Senhora, & quando na classe as reprezentava, o fazia com tanto affecto de honrar, & engrandecer suas excellencias, que no semblãte se lia o fervente amor, que abrazava seu coraçaõ, resumbrando nas mesmas faces huma graça do Ceo, que só vendose, como eu a vi muytas vezes, se explica; & me occorria, que com aquelle affecto devia reprezentar as suas declamaçoẽs o nosso Beato Estanislao, como se lê na sua vida. O estilo todo era affectuoso, tirando muyto pera o do glorioso Sancto Illefonso, quando ansiosamente multiplica palavras laudatorias desta Senhora, parecendolhe todas muy poucas pera explicar o excessivo do seu affecto.

11 Disse varias vezes, que hum dos maiores gostos, que teria, era andar por todo o mundo pregando a devaçam da Senhora. Tambem se lhe ouvio dizer, que se a sua disgraça fosse tanta, que o despedissem da Companhia, elle tinha feito escrito à Senhora, de servir em qualquer Religiam, & que todos os lucros do seu trabalho se aviaõ de gastar em seu culto, & obsequio, como os do escravo em utilidade de seu Senhor.

12 Todos os dias rezava de joelhos, o Rosario, & officio da Senhora. Nos sabbados, alem do jejum, trazia o cili-

cilicio. Das prerogativas do Rosario fallava com tantos fervores, que a muytos, que o ouviam, fez propor de o rezarem toda a vida. Nas doutrinas, que fazia, sempre inculcava a devaçaõ da Senhora com tal efficacia,que a metia dentro nos coraçoẽs: algum nosso Religioso confessou, que alguma cousa de devaçam, que em si achava pella misericordia de Deos, a devia toda às praticas deste virtuoso Padre, cõ as quais experimentava em sua alma particular devaçam, & ternura pera as cousas de Deos.

13 Nam se lhe passou com o Noviciado o sancto costume das Novenas antes das festas da Senhora, este cõservou sempre, reservando pera elle, quando o tinha desempedido, o quarto antes da Ladainha, no qual depois de rezar certo numero de Ave Marias, & Salve Rainhas, se detinha em meditar nas prerogativas da Senhora: este mesmo estilo guardava por todo o oitavario das suas festas.

14 Nos dias, que hia à quinta, nam sò visitava a Senhora muytas vezes na capella, mas com hum sancto modo, & agrado cõvidava a muytos dos Irmaõs, pera tambẽ a irem visitar. A primeira cousa, que perguntava aos meninos, aos estudantes, & à gente do campo, com que fallava, era, que devaçam tinham à Senhora, depois com exẽplos, que lhes trazia, & com muytas razoẽs os exhortava a lhe terem particular devaçaõ.

15 Todas as vezes, que ouvia, horas, ou quartos do relogio, alem de outras breves devaçoẽs, fazia à Senhora muytas jaculatorias. Quando estudava Philosophia, a cada paragrapho da postilla a saudava com a Ave Maria. Nas vesporas das suas solenidades lhe fazia sempre especiais mortificaçoẽs, & tomava disciplina publica no refeitorio.

16 Quando veyo do Noviciado de Lisboa pera Evora, pello caminho tudo era dizer louvores da Senhora,cantarlhe Ladainhas, & com este seu bom exemplo afervorou tanto aos companheiros, que todos faziam o mesmo, gastando quasi todo o tempo em honrar, & venerar a May de Deos, de quem com aquelles affectos à imitaçam de seu grande devoto, se confessavam em tudo verdadeyros filhos.

17 Costumava elle dizer, que era o mais desestrado peccador, que avia no mundo,assim se explica sua profun-

da humildade, mas que tinha grande cõfiança na May de Deos, & que por meyo do seu Rosario, esperava, lhe alcançaria de Deos hum acto de cõtriçaõ, & verdadeiro arrependimento de todas as suas culpas, na hora da morte. Quando ou hia a exercicio, ou à quinta, & encontrava, algumas flores, às recolhia, pera fazer dellas offerta à Senhora, & lhe ornar os seus altares. Nos dias de quinta tinha por especial recreaçaõ varrer a capella em obsequio da Senhora, & no tempo das flores, ornarlhe tambem cõ ellas o seu altar. Tinha tam alto cõceyto desta devaçaõ, que dizia, parecerlhe impossivel perderse alguma alma, que fosse devota da Senhora, accrecentando, que Deos se dava por empenhado em a salvar, ainda que fosse do peccador mais perdido, & estragado. Finalmente o Padre Ignacio naõ parece, que era seu, mas todo desta Senhora; com ella andava sempre na boca, & no coraçaõ, procurando por todos os modos ser hum de seus maiores filhos, & devotos.

CAPITULO XLI.

De sua rara mortificaçaõ.

1 DAs mais virtudes quero em primeiro lugar referir os exemplos de sua mortificaçaõ; porque nesta virtude deu tantos, & taõ raros, que podem competir, com os que nos deyxaram os sanctos, que mais estudo fizeraõ della, a qual reconhecem todos por fundamento deste fermoso edificio da perfeiçaõ Evangelica, & sem ella he hir fundando no ar.

2 Sempre, & em todas as cousas, que podia, & o deyxavam, se perseguio, privandose de tudo, o que lhe podia ser de gosto. Os olhos sempre os trazia cahidos, & ouve algum mais esperto, que com sancta curiosidade o observou muytos tempos, pera ver se em alguma occasiaõ o apanhava com elles levantados, & por fim das suas diligencias veyo a cõfessar, que depois de todas ellas, nam sabia, de que cor fossem os olhos do Padre Ignacio Rodrigues. Outro, que teve com elle trato muy particular em o Noviciado de Lisboa, & no Collegio de Evora, disse, que em todos aquelles annos nunca lhe vira os olhos levantados.

3 Antes era isto jà tam notorio, que indo huma vez os Irmaõs cõ elle pella cerca de Lisboa, em tempo, que padecia excessivas dores de cabeça, começaram a importuna-lo, que olhasse pera a cidade em ordem a tomar algum alivio: destas instancias só tirarаõ delle; levantar os olhos pera o Ceo, & logo os tornou a sua antiga postu ra, sem poderem acabar com elle, que os puzesse na cidade.

4 Quando hia à quinta (como se conta do Beato Luis) se lhe perguntassem, que cousas avia nella, naõ saberia respõder; & o mesmo acõtecia, quando cõ os mais Irmaõs sahia ao campo a fazer exercicio. O que mais he de admirar, nem ainda quando entrava nos templos lhe veriaõ levantar os olhos, pera ver o ornato, cõ que estavam.

5 No dia, em que a Senhora Rainha de Inglaterra entrou na cidade de Evora, foram todos os Religiosos da Cõpanhia, excepto Noviços, esperala ao caminho, & assim vieram todos diante da mesma Senhora. Avendo por toda a cidade, & ruas por onde passava, cousas muy plausiveis, & curiosas, quais as costumam aver nas entradas dos Reys em as cidades, o Padre Ignacio passou por entre ellas sem dar fé de cousa alguma; porque ao depois em caza, fallando os outros diante delle do sumptuoso dos arcos, & do singular ornato das fontes da cidade, & mais cousas apparatosas, elle se achava em tudo tam novo, como se naõ tivera ido com os mais; por quanto só hia alli cõ o corpo, que os sentidos todos hiam embebidos em Deos. Esta mesma mortificaçam observava nas procissoẽs, quando por acõpanhar a outros, succedia acharse nellas, ou por onde ellas passavam.

6 Parece, que naõ tinha o Padre Ignacio olhos pera os por em creatura alguma, pois os naõ poria fitos em homem algum, & muyto menos em mulheres; que a pureza dos homens sanctos naõ permitte ver semelhantes objectos ainda com aquella indifferença de vista, cõ que se vê huma pedra, ou huma arvore; & tem por abominaçaõ dar ainda de improviso com os olhos, em quem pode de qualquer modo, que seja, desenquietar-lhe os affectos. Exemplo he este, que o Padre Ignacio aprendeo do seu Beato Luis, que sendo menino, & vivendo annos no serviço da Imperatriz, nunca soube de que cor era.

7 Fugia muyto de ouvir discantes, & aquellas musi-

cas, que por alguma celebridade Academica succedia aver nas aulas; & pellas evitar mortificando seus ouvidos, sob capa de algum pretexto, que a sua virtude logo descobria, se ficava no cubiculo.

8 Mortificava o olfacto cõ naõ cheirar flor, ou herva suave; & se em alguma occasiaõ por urbanidade se lhe offerecia alguma flor, se escusava modestamente de a aceitar, privando este sentido de qualquer recreaçaõ, que dalli lhe pudesse nacer.

9 O sentido, que trouxe em huma perpetua tortura foi o do gosto. Tinha lido, que a Senhora dissera a huma Religiosa grande serva sua, & que procurava saber, em q̃ mais lhe poderia agradar, que observasse tres cousas: primeira, que guardasse sua pureza cõ toda a exacçaõ. Segunda, que aceitasse cõ bõ animo, o que as outras rejeitassem. Terceira, que se privasse na meza dos melhores bocados. Todas as observou põtualmente por entender o especial gosto, que disso receberia a Senhora; mas em especial, & cõ excesso a terceira; porque sempre na meza se privava, do que era melhor, & podia ser de mais gosto.

10 No principio do anno propunha à Senhora de se abster em seu obsequio de tal fruta por todo aquelle anno, & assim o passava todo sem a tocar, ainda que naõ tivesse outra na meza. Ouve veroẽs inteiros, que naõ meteo genero algum de fruta na boca, dissimulando esta sua mortificaçaõ cõ dizer, que lhe naõ fazia bem, sendo assim, que conduzia muyto a sua frescura pera o achaque, de que tãto padecia.

11 Se em alguma occasiaõ era obrigado a comer de algum prato mais bem preparado, elle o destemperava cõ agoa fria, ou de outro modo, & o tornava desenxabido; porem isto fazia cõ tal disfarce, que só o percebia, quem tinha noticia destas suas sanctas invençoẽs, & de proposito o observava. Hum seu condiscipulo, que o tratou com mais familiaridade, cõfessou, que nunca lhe vira comer doce, nem ainda quando estava doente.

12 Huma vez lhe disseram, que o paõ ralo era bõ pera o achaque, que padecia, contentoulhe muyto este remedio, pera ter occasiaõ de comer mais vezes do paõ dos moços, sem se cuidar o fazia por mortificaçaõ, mas somente por medicina.

13 Naõ

13 Naõ tocava couſa particular, que ſe lhe puzeſſe; da porçaõ comia muy pouco, & o mais tempo ſe lhe paſſava em a revolver, pera que lhe naõ trouxeſſem couza alguma, o que elle aborrecia, & moſtrava ſentir. Vinha muytas vezes da meſa, quaſi ſem comer, & por eſta cauſa os Superiores o mandavaõ ſegunda ves à meſa, & com eſpecialidade obſervar ſe comia, ou naõ comia.

14 Sobre todas foi muy heroica a mortificaçaõ, com que em certa occaſiaõ ſe vonceo; porque vendo no corredor hum eſcarro nojento, & aſqueroſo, & ſentindo em ſi aquelle horror, que conſigo trazem ſemelhantes objectos, com hum valor incrivel, ſe lançou por terra, & o ſorveo.

15 Achouſelhe hum caderninho, em que tinha eſcritas mortificaçoens eſpeciais pera os dias da ſemana: como, naõ aver de beber agoa à ſeſta-feyra por todo o dia, em honra da ſede, que por noſſo amor Chriſto Senhor noſſo tinha padecido na cruz. Outro dia naõ ſe aſſentar no cubiculo, nem fora delle, quanto lhe foſſe poſſivel, & neſta forma tinha outras pellos dias da ſemana.

16 Por cauſa de ſuas continuas, & rigoroſas abſtinencias ſe lhe debilitou de ſorte o eſtamago, que apenas podia digerir o alimento, ainda que foſſe muy pouco; por eſta cauſa chegou a tal eſtado, que ſe cuidava, ſer tiſico confirmado.

17 Naõ fez menor guerra ao ſentido do tacto, do que a fez aos outros, martyrizandoſe em todo ſeu corpo. Pedio a hum ſeu condiſcipulo, lhe mandaſſe fazer a Lisboa dous cilicios de ferro pera os braços com quatro ordens de bicos; reſiſtio por vezes o condiſcipulo, mas finalmente vencido de ſuas ſanctas importunaçoens, lhos mandou vir muyto à medida do ſeu dezejo; elle os aceitou com incrivel goſto, & agradecimento, dizendolhe, que tinha licença dos Superiores, pera uſar delles. Afora eſtes tinha outros cilicios, que eſtes eraõ os ſeus mais prezados cabedais, & entre todos hum deſmarcado, que ſó vello era tormento, quanto mais uſar delle.

18 Chegou a lançar eſpinhos, & ortigas na cama revolvendoſe entre ellas, como o fizera entre as mais mimoſas flores; mas prohibindolhe o Confeſſor eſta mortificaçaõ, logo inventou outras, com que a ſuprir; & niſto, diſſe

ſe hum Padre, que foi ſeu Miniſtro do Recolhimento em Evora, era muy notavel eſte ſervo de Deos; porque quando lhe atalhava alguma mortificaçaõ, pera attentar por ſua ſaude, logo o ſeu fervor deſcobria, & inventava outras; & que lidar com elle neſta materia, era lidar com a Hidra de Hercules, que cortada huma pullavaõ muytas cabeças; o que mais canoniza eſta ſua virtude ſaõ os modos ſanctos, com que conſeguia muytas licenças, pera ſe mortificar, no que era agradavelmente importuno.

19 Diſſe eſte meſmo Padre, q̃ dandolhe huã vez licença pera certa mortificaçaõ, vira em ſeu roſto hũa alegria taõ do Ceo, q̃ por muytos tempos lhe ficou impreſſa na memoria a imagem della; & q̃ notara, que o ſervo de Deos, como fugindo naõ ſe advertiſſe naquelle jubilo, ſe ſahira logo do cubiculo em ouvindo o ſim do Superior.

20 Sendo Noviço naõ trazia veſte no tempo do inverno, pera que o penetraſſe o frio, & foi neceſſario, mandarlhe o Padre Reytor, que a trouxeſſe. Do gibaõ uſava muy poucas vezes. O cilicio punha duas horas todos os dias, nos de communhaõ athe o jantar. Diſſe hum Religioſo, a quem elle em o Noviciado inſtruia, que quaſi ſempre eſtava de joelhos no cubiculo, & que neſta poſtura fazia as ſuas devaçoens, & que reparara, paſſarenſe ſemanas inteiras, em que ſe naõ aſſentava, excepto naquellas occaſioens, em que naõ podia fazer o contrario, como era nas praticas, doutrinas, & refeitorio.

21 Na cama lhe acharaõ por vezes paos nodoſos, ſobre os quais ſe deitava: dãdo em o Noviciado fé deſta extravagancia o cõpanheiro do cubiculo, o diſſe ao Padre Reytor, q̃ em peſſoa veyo examinar, o q̃ paſſava, & achandoos metidos na cama, o reprehendeo ſeveramente, & ainda o chegou a cõminar, que ſe ſe naõ moderaſſe em ſemelhantes extravagancias, o avia de deſpedir da Companhia; ainda que dizia iſto ſó pello aterrar; porque ſabia, que os principios donde nacia eſta ſancta fome de ſe mortificar, todos eraõ de Deos, ſem as feces, que às vezes ſe miſturaõ neſtas extravagancias.

22 Sendo Irmaõ do Recolhimento, quando lhe davaõ ſiroulas, as hia offerecer a outros Irmaõs, pedindolhe por grande mercê, que lhas aceitaſſem, & ſe o faziaõ, recebia goſto muy particular. Neſte meſmo eſtado, ſe lhe davaõ

vaõ alguma penitencia, a recebia com ſignificaçoens de goſto eſpecial; occaſiaõ ouve, em que avizado pera huma penitencia, depois de ler a forma, a beijou, & ajoelhando com alegria incrivel, a deu ao Irmaõ Sottominiſtro.

23 Ainda que a ſua vida foi hum perpetuo jejum, nas ſeſtas feyras da Quareſma jejuava a paõ, & agoa em honra da Payxaõ do Senhor, de que tambem foi devotiſſimo.

24 A' imitaçaõ do S. Xavier apertava algumas vezes com cordeis aquellas partes do corpo, que lemos na vida do ſancto Apoſtolo. Outras vezes metia pedrinhas nos çapatos, pera mortificar os pés.

25 Quando era preciſo eſtar aſſentado, como na meſa, & outros lugares, pera neſſe lugar de deſcanſo o naõ ter, eſtava ſem ſe encoſtar, & aſſentado na extremidade do banco. Finalmente diſſeraõ todos os que o trataraõ, q̃ neſta virtude quaſi paſſou a exceſſo, & que naõ ouve couſa, em que podendo, naõ deſſe deſgoſto a ſeu corpo, a quem caſtigava com ſeveriſſimas diſciplinas, taõ fortemente, que nellas empregava todas as forças, que ainda que naõ eraõ muytas, o dezejo de ſe caſtigar neſtas occaſioens lhe dobrava os alentos.

CAPITULO XLII.

De ſua fervoroſa oraçaõ, & outras virtudes.

1 DEſte deſapego de ſi naciaõ as ancias, que tinha de ſe unir com ſeu Deos pello trato com elle na oraçaõ. O tempo que lhe crecia das ſuas obrigaçoens, o gaſtava todo com Deos. Retiravaſe das recreaçoens ordinarias, pera ter oraçaõ. Em Evora ſendo do Recolhimẽto ſe eſcondia muytas vezes em hũa vaã de bayxo da eſcada do Noviciado, & naquelle retiro lobrego gaſtava mui- horas em oraçaõ, como ſe eſtivera na cova de algum deſerto, ſem que alguem deſſe fé delle; ſó as teas de aranha, de que às vezes ſahia acompanhado, davaõ a entender o lugar, aonde eſtivera, athe que alli o foraõ achar os outros Irmaõs.

2 Em Lisboa, quando eſtudava, logo em ſe levantando, ſe hia ter oraçaõ à tribuna, & em dando a campa ſinal à oraçaõ, hia pera a Capella, a ter a ſua hora com os

demais. A poſtura era de joelhos, athe que ſe lhe ordenou, eſtiveſſe hum quarto de joelhos, outro de pè, & aſſim os foſſe alternando. Quando por ſua muyta fraqueza era obrigado a ſe aſſentar algum pouco, o fazia aſſentandoſe ſobre os pés de tal modo, que aſſim aquella parte, como o mais corpo eſtava atormentado.

3 Muytas vezes com licença ficava em oraçaõ, depois de ſe recolher a Communidade. Em Evora tinhaõ os Irmaõs do Recolhimento tal opiniaõ da ſua virtude, que no tempo da oraçaõ, que ſe tem na capella, muytos procuravaõ ficar junto delle, pera a terem melhor, porque com eſta ſancta vizinhança experimentavaõ em ſi mais fervor, & recolhimento interior de ſuas potencias, como ſe o que tinha eſte ſervo de Deos, ſe lhe communicaſſe a elles. Nos dias de almoço, em dando os tres quartos, quando os mais hiaõ ao refeitorio, elle ſe hia à Capella, & alli gaſtava aquelle quarto athe a hora em oraçaõ, dando alimento à alma no tempo, que os mais o davaõ ao corpo.

4 Os dia de quinta eraõ pera elle dias de oraçaõ. Pedia licença pera ir ter oraçaõ à Capella, & affeiçoava a outros, pera o acompanharem, & todos juntos vinhaõ orar no tempo, que os outros ſe recreavaõ. Tambem ſendo do Recolhimento pedia licença pera ſe afaſtar do jogo, & em algum lugar ſolitario fazia as ſuas devaçoens, & depois tinha oraçaõ por largo tempo.

5 Andava taõ actuado no cuidar em Deos, que podemos dizer delle, que andava em perpetua oraçaõ, nem pera elle avia goſto maiór, que tratar com Doos, ou fallar de ſuas excellencias. Algum achaque, de que padeceo muyto, ſe crê era mais originado da contençaõ, com que ſe embebia todo em Deos, violentando com eſta força eſpiritual as operaçoens das potencias interiores; no modo que ſe lê ſuccedia a outros ſanctos, & em eſpecial ao B. Luis Gonzaga.

6 Da Pobreza ſe tratou ſempre como filho, que muyto a amava. Naõ ſomente ſe perſuadia, que o peyor de caza ſe lhe avia de dar, conforme o diz a regra, mas com muytas razoens perſuadia elle ao Irmaõ, que tinha a ſeu cargo repartir os veſtidos, lhe deſſe a elle o mais velho, & o peyor, que tiveſſe em ſeu poder.

7 Occaſiaõ ouve, em que naõ avendo outros çapatos, que

que ſe lhe dar ſe naõ huns novos, & pedindo a decencia deixaſſe, os que trazia, aceitou os novos, depois com licença os deu a outro Irmaõ, pera lhe dar os uſados, que trazia.

8 Do amor, que tinha de viver daſapegado de tudo, nacia, que em tendo alguns premios, ou livros, os repartia pellos Irmaõs, rogandolhe, que lhe fizeſſem graça de lhos aceitar. Vindolhe algum dinheiro de ſeus parentes o empregou em livros, depois conſiderando, que por aquelle caminho ſe lhe podia o coraçaõ ir affeiçoando às couſas da terra, pedio licença ao Padre Reytor, pera os deſtribuir pellos Irmaõs, outros levou ao Padre Reytor, pera que os aplicaſſe, conforme lhe pareceſſe melhor. Da meſma ſorte diſtribuio outros papeis, & poſtillas, & ouve tempo, em que hum Irmaõ ſeu companheiro, como elle confeſſou, lhe naõ vio tiveſſe outra couſa mais que Horas, cilicios, diſciplinas, & hum reſiſto de papel da Senhora da Conceyçaõ.

9 Acazo hum dia de inverno à noyte, quebrandoſelhe hum pedaço do ourelo, como a couſa inutil, o lançou pella janela no patio do Recolhimento. Depois de ſe recolher, lhe começou a vir eſcrupulo (que deſtes padeceo muyto) que podia chover de noyte, & que levando a agoa aquelle fragmento, ſe poderia intupir o cano, por onde deſagua o patio, & aver alguma ruina contra a ſancta pobreza; logo ſe levantou, & o foi lançar, aonde naõ pudeſſe ſer nocivo: depois alliviado deſte eſcrupulo ſe tornou a recolher.

10 Na pureza ſempre entre nós viveo mais como Anjo, que como homem. Baſtava pera prova aquella cautela taõ ſingular, que teve nos olhos, & fica referida aſſima. Tinha por grande deſar neſta virtude aceitar na maõ alhea, qualquer couſa, que ſe lhe offereceſſe por benevolencia, como huma flor, & ſemelhantes meudezas. Dizia, que ſe por falta alguma dos outros avia de ir aos Superiores, era por faltas contra a regra de tocar, aſſim pello que tinha de liviandade, como tambem porque eſtes deſcuidos davaõ occaſiaõ a incentivos menos puros.

11 Na obediencia ſe moſtrou taõ pontual, como Sancto Ignacio quer, o ſejaõ todos os ſeus filhos. Naõ ſe contentando com acodir ao ſinal da campa, eſtando expedi-

to o hia esperar nos lugares, pera que elle se dava. Se o sinal da campa o apanhava occupado, largava no mesmo ponto, quanto tinha entre maõs. Do amor desta virtude nacia o que tinha a seus Superiores, que era grande. Ainda que sentia em si particular propensaõ às penitencias, & mortificaçoens, sempre se ajustava com as prohibiçoens do Superior, & Confessores. Bem verdade he, que desejava, que tudo, o que lhe ordenavaõ, fosse sempre contra a sua inclinaçaõ, & que todas as obediencias fossem afflictivas; & as que mais sentia, eraõ, as que se ordenavaõ ao seu alivio.

12 Quando ajudava a algum official de caza na sua officina lhe guardava o mesmo respeito, que ao Superior. Disse huma ves diante do Irmaõ Sottoministro do Recolhimento huma palavra, que lhe pareceo mais aspera; & tendo pera si, que fora pouco respeito ao Superior, foi depois pedir ao mesmo Irmaõ, que lhe perdoasse, & que lhe desse penitencia por aquella falta. Deste respeito vinha, que nas occasioens, que se offereciaõ, de servir a algum Superior, o fazia com particular contentamento, dezejando em tudo darlhe o gosto, que pudesse.

13 A humildade foi nelle à medida das mais virtudes, fazendo muy a meudo aquellas acçoens, em que ella mais se deixa ver. Por isso comia no chaõ muytas vezes, beijava os pés aos outros Religiosos; & sendo jà do Recolhimento pedia, lhe notassem as faltas, entendendo todos, que a petiçaõ nacia do dezejo, que tinha de se humilhar, & abater. No mesmo estado de Irmaõ do Recolhimento, pedio, lhe dessem hum Instrutor, como se fas em o Noviciado, & como o Padre Ministro, por lhe fazer gosto, lho concedesse; elle lhe obedecia com aquella candura, que o fizera o Noviço mais observante.

14 Aborrecia todo o genero de esplendor proprio, & por esta causa dizia, que se ensinasse, só gostaria de alguma escola de lêr, porque nella estava livre de acçoens, que fossem de seu lusimento.

15 Nas composiçoens, ainda que por fazer, o que manda a Religiaõ, se cansava nos themas, & procurava de os compor com acerto, & perfeiçaõ, pedia a Deos, que lhe naõ desse o gosto de levar premio. E quando depois de o ter dado, succedia descubrir algum erro, se alegrava,

quan-

quanto outros ſe coſtumaõ entriſtecer.

16 Occaſiaõ ouve, em que merecendo hum thema ſeu o premio, o Padre Prefeito por equivocaçaõ dos numeros o deu a outro, eſtando elle prezente, & ſabendo que o thema com o premio lhe pertencia, ſe calou, ficando mais contente, do que o ficara com o premio.

17 Lendo liçaõ eſpiritual ou na meſa, ou na Capella, cahia em erros no ler, pera que mandandoo repetir, ouveſſe occaſioens de ſeu deſprezo, & de o terem por inepto os mais Noviços.

18 Quando eſtudando Philoſophia argumentava, & via que o ſeu argumento podia ſer de algum deſdouro ao defendente, deſiſtia na maior força delle. Outras vezes defendendo ſe moſtrava apanhado no argumento, ou por ſua humildade, ou por aſſim dar melhor lugar à gloria do arguente com a qual ſe alegrava pello muyto que conduzia, pera elle ſe humilhar.

19 Em Evora, & Coimbra o quizeraõ fazer Sottominiſtro dos Irmaõs Noviços; porèm com todos os modos, & razoens, que a ſua virtude lhe ſuggeria, ſe eſcuſou, porque aquella occupaçaõ, quanto elle cuidava, tinha algum tanto de honrinha; vendo os Superiores, que diſſo tomava alguma pena, admittiraõ ſuas eſcuſas.

20 Envergonhavaſe muyto, quando alguem lhe pedia, que o encommendaſſe a Deos, & muyto mais ſe lhe chamavaõ ſantinho, porque ſó queria o deſprezaſſem, & das ſuas oraçoens tinha muy bayxo conceyto, ſendo que o tinha grande das oraçoens dos outros Irmaõs, por iſſo era facil em fazer contratos eſpirituaes.

21 Naõ ſei, que favor lhe fes o Padre Miniſtro do Recolhimento, & entendendo o verdadeiro humilde, que cedia em ſeu louvor, entrou no cubiculo do Padre Miniſtro, & poſto de joelhos começou a chorar, & ſoluçar em modo, que cuſtou muyto ao Padre Miniſtro conſolalo naquella ſua magoa, & triſteza. Em o Noviciado pedio com grandes inſtancias ao Padre Reytor, lhe deſſe o grao de Irmaõ Coadjutor temporal, que elle julgava dizer melhor com o eſpirito de humildade, que o grao de eſtudante, que de ſi condus mais pera a altives; que elle taõ de veras aborrecia.

22 Nos officios humildes ſe occupava com particular jubilo;

jubilo, buſcando todos os miniſterios, que conduziam pera eſta virtude, como levar a ſeus hombros a caldeira dos pobres athe a portaria, o que fazia muytas vezes, & outros ſemelhantes miniſterios.

23 De todas eſtas virtudes, & amor que tinha a Deos naceo o grande amor, que teve aos proximos, procurando naõ ſer penoſo a algum delles; por eſta cauſa era contrario a fallar nos repouſos de Philoſophias, porque ſendo eſtas materias occaſionadas a porfiar, poderia ſucceder diſgoſtar a algum de ſeus Irmaõs.

24 Entendeo, que hum Religioſo eſtava delle agravado, & ſendo que naõ achava em ſi culpa daquelle diſſabor, que o outro tinha, ſe foi ter com elle, & com todas as veras, como ſe foſſe culpado, lhe pedio perdaõ. Naõ queria, nem conſentia, que em ſua prezença ſe murmuraſſe de ſeus Irmaõs; & por extremo aborrecia eſte vicio tam perniciozo nas Communidades Religioſas. Se entre alguns do ſeu eſtado ſuccedia aver diſſençaõ; elle ſe metia ora com huns, ora com outros, & tam boas, & ſantas razoens, & com tal modo lhas ſabia dizer, que deſterrava todos os diſſabores, que avia entre huns, & outros, & que elle julgava offenderem levemente a caridade de Irmaõs; & neſta materia fez muytos ſerviços a Deos, & à Religiaõ como certificaraõ, os que com elle vivêraõ.

25 No jogo, & mais recreaçoens nada tinha de injucundo, antes era hum dos que faziaõ mais alegremente a ſua funçaõ, dandolhe Deos hum agrado pera com todos, & elle a todos ſe amolgava, ſem por iſſo ter diminuiçoens a ſua virtude: tudo fazia por dar contentamento a ſeus Irmaõs, que amava como a ſi meſmo.

26 Nos repouzos o ſeu trato era com os que via mais inclinados à virtude; notavaſe, que os que tinhaõ mais trato com elle aproveitavaõ muyto nas virtudes. Tinha eſpecial modo, pera ſe meter com os deſconſolados, & com os que ſe hiaõ esfriando na virtude, afervorando a eſtes, & dando àquelles cõſolaçaõ nas ſuas affliçoens. Nos argumentos, quando via, que o defendente naõ eſtava na razaõ, elle cortando por ſi lha inſinuava, pera que naõ ficaſſe deſgoſtado ſeu Irmaõ.

27 Quando eſtudava humanidades, vendo que alguns Irmaõs naõ podiaõ eſtudar ſem grande difficuldade

as

as liçoens de hum dos livros classicos, comprou com o seu dinheiro hum commento, & o pôz na livraria publica, pera que os menos adiantados se fossem ajudando com aquelle subsidio: o que elle fez levado da caridade, & dezejo, de que naõ tivessem tanta molestia com aquella liçaõ.

28 Este amor caritativo se via mais no servir aos enfermos: pera lhes assistir, deixava muytas vezes de ir à quinta; quando via, que lhe poderiam negar a licença, andava nos dias antes catequizando ao Superior, pera que o deyxasse ficar em caza, trazendolhe muytas razoens pera o persuadir, a que lhe concedesse a licença.

CAPITULO XLIII.

Opiniaõ, que se teve de sua virtude, & de sua ditosa morte.

1 COm todas estas virtudes, que eraõ notorias a todos, se teve delle hum geral conceyto de Irmaõ Sancto. A hum Padre dos mais graves, & doutos do Collegio de Evora ouvi dizer, fallando deste servo de Deos: Que elle por aquella virtude, & sanctidade, que nelle considerava, lhe tinha dentro de si hum particular respeito, como o podia ter a hum homem de muytos annos, & de muyta autoridade. Outro Religioso, estando o Barbeiro pera fazer o cabello ao Padre Ignacio, disse pera alguns, que alli se achavaõ: a este hei de recolher os cabellos por reliquia, porque he hum sancto. Muytos Padres graves no Collegio de Evora, observando a modestia, com que se avia no servir da mesa; disseraõ ao seu Padre Ministro do Recolhimento: Que o Irmaõ Ignacio lhes parecia moço Angelico. Os Padres, que foraõ seus Ministros em o Recolhimento de Evora, disseraõ, que naõ tinhaõ conhecido Noviço mais fervoroso, nem mais meudo em todas as cousas, do que no Recolhimento o era este servo de Deos: que naõ avia cousa por minima, que fosse, peraque naõ pedisse licença, que tudo queria fosse regulado pella vontade do Superior. A todos, os que me lembra ter ouvido fallar deste virtuoso Padre, ouvi sempre dizer, que

que era ſancto, & de vida muy exemplar, & ajuſtada com a regra de ſancto Ignacio, cujos apices eraõ pera elle como os Mandamentos da Ley de Deos, aſſim os obſervava a todos: nem denota outra couſa aquella mortificaçaõ, que por ſe ajuſtar com a regra buſcou em todas as couſas poſſiveis, à imitaçaõ do B. Luis Gonzaga, a quem em tudo procurou de veras imitar.

2 Pera abonar cabalmente ſuas virtudes, quero aqui ajuntar por fim, & coroa dellas o teſtemunho, que deſte grande ſervo de Deos deu por eſcrito o Padre Miguel Dias, que foy ſeu Meſtre ſendo Noviço em Lisboa; o qual por ſuas meſmas palavras he o ſeguinte: Em todo o tempo, que fui Meſtre de Noviços do Padre Ignacio Rodrigues na caza da Provaçaõ de Lisboa, fis conceito, que a ſua virtude mais que ordinaria, com que reſplandecia entre os outros Noviços, dava certas eſperanças de perſeverar nella pello tempo adiante, como moſtrou a experiencia: porque era muy dado à oraçaõ, & prezença de Deos, muy devoto, ſem biocos, nem ceremonias, muy candido, & ſincero com todos, & em particular com os Superiores; muy docil, & inclinado a todo o genero de virtude, & muy caritativo, & agradavel a todos, tomando muytas vezes pera ſi o trabalho, que era ſuperior a ſuas forças, por aliviar aos outros.

3 Em particular obſervei nelle hum eſpirito de mortificaçaõ, & penitencia, taõ ſingular, que ſe lhe naõ fora à maõ, negandolhe grande parte das penitencias, pera que me pedia licença, perderia as forças, & a ſaude; como hia perdendo com a muyta abſtinencia, que fazia; & por iſſo foy neceſſario porlhe taxa, determinandolhe com toda a meudeza a quantidade, que avia de comer, do paõ, da porçaõ, do poſpaſto, & mais couſas. E geralmente em todo o genero de penitencias, & aſperezas era taõ fervoroſo, que algumas vezes me pareceo conveniente, reprehendelo com aſpereza,& ainda ameaçalo (pera lhe meter terror, & ver ſe com iſto o podia moderar) que o avia de deſpedir por extravagante, ſe naõ ſe emendaſſe.

4 Em huma noyte de ſeſta feyra da Semana Sancta, depois de eu ter gaſtado com os Noviços tempo conſideravel em ſanctas conſideraçoens, & colloquios ao Senhor morto,& à Virgem Sanctiſſima em ſua ſoledade, os mandei

reco-

recolher aos ſeus cubiculos, & dormir o reſtante da noy-te. Dahi a pouco (ou a cazo, ou por alguma ſoſpeita, que tive, de que o Irmaõ Ignacio faria alguma extravagancia naquella ſagrada noyte) entrei em hum cubiculo, em que eſtava huma fermoſa imagem de vulto do Senhor *Ecce homo*, & achei nelle ao Irmaõ Ignacio de joelhos atado pello peſcoço com huma ponta da corda, que era comprida, com que a Sancta imagem tinha atadas as maõs; & aſſim atado exterior, & interiormente com ſeu Deos eſtava em oraçaõ com hum geſto taõ devoto, que me compungio, & enterneceo.

5 Quando ſoube, que eu tinha a meu cargo o cuidado da Provincia, logo me eſcreveo huma carta, em que dizia: Agora ſim, que tenho hum pay, que me hà de conceder licença pera as mortificaçoens, & penitencias, que dezejo; & foy apontando muytas em particular: mas eu, que o conhecia bem, & ſabia, que o ſeu eſpirito era maior, que as ſuas forças, o remeti ao arbitrio do ſeu Confeſſor, ao qual por terceira peſſoa mandei avizar, que foſſe muyto attento com elle, em lhe conceder as penitencias, que pediſſe, porque era demaſiadamente fervoroſo neſte particular.

6 Dous annos me andou pedindo com grande inſtancia a miſſaõ da India, particularmente huma vez, que me eſcreveo neſta materia huma carta muy larga, allegando, que tinha feito voto de ir, & outras muytas razoens com tanta deſcriçaõ, & eſpirito, que moſtrandoa eu ao Padre Joaõ Pereyra meu companheyro, & Secretario da Provincia, ſe admirou muyto do grande eſpirito, & prudencia deſte ſervo de Deos, dezejando ſummamente de o conhecer: & quando o vio no Collegio de Coimbra, ſe affeiçoou muyto à ſua virtude, & agradavel modo de proceder.

7 Mas porque eu, por naõ defraudar a Provincia de tal ſogeito, o deſenganei, que lhe naõ avia de conceder licença de ir pera a India, inſtou com taõ repetidas, & fervoroſas cartas, que entrei em eſcrupulo de lhe impedir a miſſaõ; & pera me livrar delle, propus a ſua pertençaõ na conſulta da Provincia, explicando aos Padres Conſultores a virtude, & excellentes partes deſte ſogeito; & tendo pera mim, que naõ ſeriaõ de parecer, que a Provincia

o largaſſe; mas ſuccedeo ao contrario, porque todos uniformemente julgaraõ, que Deos o chamava pera a India. Com iſto lhe dei licença com grande repugnancia minha; que parece me adevinhava o coraçtõ, que nem a India, nem Portugal o aviaõ de lograr, como na realidade ſuccedeo, anticipandoſe o Ceo ao levar pera ſi, antes de chegar a Goa.

8 Athe aqui o teſtemunho do Padre Miguel Dias ſeu Meſtre dos Noviços, & na ſua carta me dizia; naõ contar mais particularidades das ſuas virtudes, porque jà eu as tinha de outras peſſoas, & noticias neſta ſua vida, que eu lhe mandei, pera a lêr, & ver ſe nella avia alguma couſa, que deſdiſſeſſe do conceito, & opiniaõ, que tinha deſte ſervo de Deos, como quem ſabia com mais certeza o teôr de ſua ſancta vida. Com eſte grande cabedal de virtudes ſe achava eſte ſervo do Senhor, quando no anno de 1702 o avizaraõ pera a miſſaõ da India, que tanto dezejara, & naõ conſeguira o ſeu Beato Luis Gonzaga. Pera ella ſe embarcou no dito anno. Entrado em a navegaçaõ ſobrevieraõ muytas, & muy graves doenças em a nao. Neſta nao, como me diſſe hum Padre Miſſionario, nas viagens, que fez, ſempre ouve muytas doenças, & aſſim parecia eſtar inficionada, como as cazas em que hà doenças contagioſas. Foſſe, como foſſe; ella ſe abrazou em doenças, de que morreraõ muytos paſſageiros.

9 Quis o Senhor dar eſta occaſiaõ ao Padre Ignacio Rodrigues, pera ſer na morte imitador do ſeu Beato Luis, como o fora na vida; originandoſe ſua morte de ſervir aos enfermos, como a do Beato Luis. Acodia com grande fervor a toda a ſorte de miſeraveis, ſem fazer reparo em ſi.

10 O Padre Franciſco Furtado da noſſa Companhia ſeu condiſcipulo, & companheiro me eſcreveo em huma ſua o ſeguinte ſobre os fervores, & morte deſte ſeu bẽdito companheiro: Depois, que nos embarcamos (diz o Padre) continuou ſempre eſte Padre com o meſmo fervor de vida, & como na nao creſciaõ as occaſioens, pera exercitar obras de caridade, a que o fervor o levava, era continuo nas confiſſoens, doutrinas, & acodir aos doentes, naõ ſe eſquecendo de buſcar na meſma nao lugar mais eſcuſo, pera tomar cada dia huma rija diſciplina.

11 Aſſi-

11 Assistindo a noyte do Domingo da Resurreiçaõ pera a segunda feyra a hum moribundo, contrahio huma maligna, que em breves dias o tirou de seus sentidos; mas pouco antes de morrer, tornou em si com perfeito juizo, & se confessou comigo, que era ja o unico Confessor, que restava na nao, por quanto o Padre Joaõ da Rocha jà neste tempo naõ dava acordo de si; & eu posto, que estava tambem com maligna, tinha com tudo alguns intervallos, nos quais ficava em mim.

12 Este foy o unico Sacramento, que tomou o dito Padre, por naõ aver, quem lhe pudesse ministrar o do Sanctissimo Viatico; & querendolhe eu ministrar o da Sancta Unçaõ, se achou naõ avia o Sancto oleo, por se ter entornado. Depois de confessado, passando algũ tempo me fiz levar outra vez em braços ao seu beliche, & lhe perguntei, se tinha alguma cousa, de que se quizesse reconciliar, ou alguma pena? E me disse com bom semblante, que naõ.

13 Morreo nos principios de Mayo, & foy muy sentida sua morte de todos, dos quais era tido por Sancto. Varias vezes me communicou os grandes dezejos, que sentia de servir a Deos nestas partes: & naõ sei, se foy castigo de Deos a esta Provincia de Goa, privala de hum taõ grande sogeyto; em cujas oraçoens me encomendo muytas vezes pedindolhe rogue a Deos lá no Ceo por este seu indigno companheyro. Athe aqui a carta do Padre Francisco Furtado, em que refere a morte do Padre Ignacio Rodrigues. Depois me escreveo o mesmo Padre Furtado, que o Padre falecera em sinco de Mayo.

14 Tudo o que nesta vida fica escrito recolhi daquelles seus condiscipulos, & contemporaneos, que foraõ testemunhas de vista de suas virtudes, & me alegro muyto de ter feyto este pequeno obsequio a taõ sancto discipulo, de quem fui Mestre nas letras humanas em o Noviciado de Lisboa, & em quem sempre reconheci virtude mais, que ordinaria. Algumas cousas, que destas virtudes parecem mais reconditas, contava elle a alguns, que via inclinados à virtude nas praticas particulares, dizendo o que elle nesta, & naquella virtude exercitava; & sabia aquelle, diante de quem o dizia, naõ tinha nisto outro intento, se naõ fomentar a virtude naquelles, que

via a ella propenſos com alguma eſpecialidade; ſem niſto intervir genero algum de vaidade, ou hipocrizia: dos quais vicios ſe ſabia eſtar muy alheyo o Padre Ignacio Rodrigues.

CAPITULO XLIV.

Vida do Padre Diogo Vidal Miſſionario da China, & de Tunquim.

Paſſa à China, alcança grandes favores pera a Cidade de Macao. Trata de abrir Chriſtandade em Quamſi.

No mar anno de 1704.

1 O Padre Diogo Vidal naceo em Rio de Mouro termo da Villa de Caſcais do Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays ſe chamaraõ Domingos dos Sanctos, & Maria da Sylveira. Entrou na Companhia em Lisboa. Depois eſtudou no Collegio de Coimbra. No anno de 1684 ſe embarcou pera a India, com intentos de gaſtar ſua vida nas miſſoens pertencentes a Macao. Paſſou à China, reſidio muytos annos na Provincia de Cantaõ fazendo com grande zelo todos os miniſterios de homem Apoſtolico, andando de humas em outras povoaçoens quaſi ſem parar acodindo aos Chriſtaõs. Eſta vida de todos os Miſſionarios he hum continuo exercicio de todas as virtudes, pois ſem ellas mal ſe poderiaõ ſofrer tantos incõmodos, & tantas fadigas, humas ſobre outras.

2 Naõ ſe atou a caridade deſte Padre aos ſeus Chriſtaõs de Cantaõ, fez hum grandiſſimo ſerviço à Cidade de Macao, porque ſem ella tal couſa cuidar, a honrou, & livrou de opreſſoens iniquiſſimas, com que de continuo a aſſombravaõ, & deſenquietavaõ os Chinas, em cujas terras, & a cuja merce alli eſtà há tantos annos eſta glorioſa colonia de Portuguezes, & Deos com ſua eſpecial providencia a defende; porque acabando ella, ſe acabaõ as glorioſas Chriſtandades, que dalli dependem, & ſe fomentaõ.

3 No anno de 1692, em que o Emperador da China tinha dado por decreto Real liberdade, pera que no ſeu Imperio ſe pudeſſe livremente ſeguir, & abraçar a Ley de Deos,

Deos, se achava a Cidade de Macao oprimida da pobreza, assim por terem os contratantes Portuguezes padecido grandes perdas nos seus contratos, como por causa dos Chinas, que moravaõ na Cidade, & tinhaõ algum genero de mando. Estes, & outros vadios Chinas cada dia sahiaõ com historias, & enredos, pera tirarem dinheiro dos pobres Portuguezes; com as quais molestias muyto pertubavaõ a todos, nem ellas eram facilmente remediaveis.

4 Sabendo os Senhores de Macao o grande valimento, que o Padre Diogo Vidal tinha com o Viso-Rey da Provincia de Cantaõ, lhe enviaraõ huma petiçaõ, em que relatavaõ as suas molestias, & causa dellas, pera que fizesse por alcançar do Viso-Rey provizaõ, com que se puzesse remedio a tantos desaforos. Tinha este negocio gravissimas difficuldades; mas todas venceo o bom meneo, & diligencias, que o Padre aplicou; sem despezas da Cidade, que se tal quizesse concluir à força de dinheiro, faria gastos immensos, & mais provavel era, que sem effeito: pois alẽ de outras cousas era preciso mãdar sahir de Macao muytos moradores Chinas, que eraõ a origem destas perturbaçoens. Tudo conseguio, porque sincoenta, & oyto mercadores Chinas foraõ mandados despejar, & naõ pôr mais pè em Macao. Com isto ficou a Cidade desabafada, mas naõ o ficou o Padre Diogo Vidal.

5 Davalhe grande pena vêr o desprezo, com que os Chinas tratavaõ aos Senhores mais nobres de Macao, a os Templos, & aos Sacerdotes. Quanto aos nobres os tratavaõ os Mandarinetes Chinas diante dos tribunais mayores como a subditos. Aos Padres chamavaõ Bonzos; ao Senhor Bispo Rey dos Bonzos, às Igrejas Pagodes, aos do governo nomes de pouca estimaçaõ, como tambem o eraõ todos os sobreditos nomes. As quais cousas, que na Europa naõ mostraõ a vileza, que alli arguem, remediou o Padre, alcançando do Viso-Rey hum alvará, em que a todas as cousas se davam nomes graves, & decentes. Ao Bispo se chamava Doutor da sabedoria, que governa a Ley. A Igreja, Sala do Senhor do Ceo; & nesta conformidade se foraõ dando às mais cousas nomes de respeyto, & autoridade, pelos quais só seriaõ dalli por diante nomeadas. E isto se observa entre os Chinas com notavel rigor, ninguem pode fazer o contrario sob gravissimas penas,

nas,

nas, que elles à risca executaõ. Foraõ todas estas graças, que o Padre conseguio de grande honra pera a cidade, & pera as cousas da Religiaõ. O dito alvara se mandou em Macao abrir em huma grande pedra, & pôr em lugar publico, pera que à sua vista mudem os Chinas o desprezo, que tinhaõ de nossas cousas em estimaçaõ. Cousa foi esta de tãto porte, que com rezam pode a cidade de Macao contar ao Padre Diogo Vidal entre os mais insignes bemfeitores.

6 Naquella missaõ naõ avia perseguiçoẽs, & assim vivia o Padre quieto discorrendo pellas aldeas, em que avia Christaõs; os quais ordinariamente eraõ muy pobres; & sendo que os Chinas geralmente saõ tibios, & naõ taõ fervorosos como outras Christandades do Oriente, avia muytos de grande devaçaõ, & fervor, especialmente nas molheres, em quem o amor de Deos naquella terra mais se atea; porque nellas acha melhor disposiçaõ. Tem na China as molheres grande honestidade, & recolhimento, por isso saõ as vidas mais innocentes. Na Igreja se naõ ajuntaõ com os homens, mas tem Igrejas à parte, aonde assistem aos officicios divinos com toda a quietaçaõ, & modestia.

7 Naõ se atando o P. Diogo Vidal só às aldeas, que a seu cargo estavaõ, determinou abrir nova missaõ na provincia de Quamsi. O Collegio de Macao dentro da China tem por destrito seu as provincias de Quamtum, onde està Cantaõ, & a provincia de Quamsi, a cuja metropoli foy o Padre Diogo Vidal. Esta provincia confina com o Reyno de Tunquim: jà nesta ouve antigamenre Padres da Companhia, mas fosse ou por guerras, ou por maos climas naõ duraraõ ali muyto, nem a este tempo se sabia, onde tivessem vivido, ou fossem sepultados.

8 Depois que o Tartaro entrou na China, & della se fez senhor, esteve aquella provincia muytos annos sem se sogeitar; & depois de estar sogeita, assim por aver falta de sogeitos, como pellas grandes difficuldades, que costuma aver naquelle Imperio em abrir novas Christandades, naõ ouve modo, com que se pudesse mandar algum Padre àquella provincia; ate que no anno de 1687 governando aquellas duas provincias hum Mandarim afeiçoado aos Padres da Companhia, que tinha consigo hum secular, que estimava, este fora irmaõ da Companhia, o Padre Philipuchi bem conhecido pello grande milagre que nelle obrou

Saõ Francisco Xavier, se quis aproveitar da ocaziaõ, pera introduzir em Quam si algum Missionario.

9 Em primeiro lugar deu ordem a cazas na metropoli, pera depois ir o Padre. As cazas se acharaõ, offerecendo-as o Governador àquelle secular, & elle as offereceo aos da Companhia. Naõ bastava isto pera algum Padre poder emprender aquella viagem: pois os Chinas de nenhuã sorte ali permitiriaõ estrangeiros, nem o Mandarim, por ter outros superiores, com o seu favor podia emparar os Padres, quanto bastava pera ser firme a segurança.

10 Ha nos Chinas hum costume entre elles de grande piedade, & he visitar as sepulturas de seus antepassados, & he crime impedirse a alguem esta piedade. Deste meyo se aproveitaraõ nesta ocasiaõ os Padres. E assim se fez huma petiçaõ ao supremo Mandarim, pedindolhe permitisse, fosse ali hum Padre a tratar das sepulturrs dos nossos. O Mandarim poz o seu despacho, peraque o Governador da cidade Metropoli de Quamsi examinasse, se avia ali sepulturas de nossos. Esta petiçaõ mandou entregar ao Padre Philipuchi, que visto ter jà cazas, & ser o Governador da cidade affeiçoado, podia mandar là Padre com bastante segurança. Assim por estar o despacho passado em nome do Padre Joaquim Calmes, & este falecer, como por outros embaraços, cessou por entaõ esta empreza.

11 No anno seguinte vendo os Clerigos Francezes, quam bem corria com os da Companhia aquelle grande Mandarim, & que entre os Mandarins naõ se faz delles aos da Companhia a distinçaõ, que hà entre huns, & outros, pertenderaõ dar à execuçaõ, oque intentara, & tinha em aberto o Padre Philipuchi: pera isto disseraõ, serem irmaõs do nosso Padre Verbeest, que era Presidente das Matematicas, visitaraõ, & fizeraõ seu prezente ao Mandarim, tratouos como aos da Companhia. Meteraõlhe huma petiçaõ na forma, da que fica dita; que teve o mesmo despacho.

12 Naõ passaraõ muytos dias, em que hum dos Clerigos teve naõ sei que desconfiança de hum Christaõ, que neste negocio os tinha ajudado; levado ou da sua payxaõ, ou por meter medo ao Christaõ desembainhou huma catana, com a qual deu alguns golpes em hum livro de couro, onde o Christaõ (segundo he estilo dos Chinas) guardava

os

os papeis das vizitas. Divulgouſe o deſacato entre os Chinas, & chegou ao Mandarim ; ao qual moderaraõ com lhe dizerem, que aquelle homem tinha de quando em quando furias de louco.

13 Com tudo ordenou o Mandarim ao Chriſtaõ, que lhe levaſſe o ſeu deſpacho. Os Clerigos perſuadidos ſer aquillo naõ do Mandarim, mas do Chriſtaõ, naõ lhe quizeraõ entregar o papel. O Chriſtaõ ſe ouve com cautela reſpondendo ao Mandarim, que como aquelle homem eſtava louco, temia pedirlhe o papel, porque poderia fazer algum deſatino. O Mandarim, que era prudende, & naõ lhe faltavaõ caminhos pera impedir a execuçaõ do ſeu deſpacho, calou, & ſó diſſe: embora, perderaõ o ſeu viatico, & gaſtos da jornada. De tudo iſto foraõ avizados os Clerigos, mas de nada fizeraõ cazo. Trataraõ do caminho, como aviaõ neceſſariamẽte de paſſar pella cidade, onde eſte Mandarim eſtava, o tornaraõ a viſitar, porem o Mandarim ſe naõ quis ver com elles, mas ainda os tratou com honra, reſpondendo ao ſeu papel das viſitas, & mandandolhe algumas couſas de comer. Pera contraminar o ſeu primeiro deſpacho avizou aos Mandarins da Metropoli, que ſe lâ apareceſſem huns eſtrangeiros com tal deſpacho ſeu, ſoubeſſem, ꝗ eſtava revogado, & era de nenhum vigor.

14 Continuaraõ os Clerigos a ſua viagem, & chegando à Metropoli viſitaraõ hum Mandarim, que os recebeo bem. Deu eſte logo conta ao Viſo-Rey dos novos hoſpedes, o qual por ter o avizo ſobredito, ſe enfadou, & mandou meter logo em prizaõ ao China, que os guiara. Com iſto o Mandarim ſe foi ter com os Clerigos, contandolhes, o que paſſava, & dizendolhes, ſe voltaſſem logo, ſe naõ queriaõ ter algum grande trabalho. Aſſim o fizeraõ tirando deſta jornada nenhuma outra couſa mais, que gaſtos, & deixarẽna mais difficultoſa.

15 Ficaraõ muy ſentidos os Clerigos, & ſem advertir nas couſas, que deraõ, a ſe fruſtrar o ſeu trabalho; imaginaraõ, que tudo lhes viera do Padre Franciſco Xavier Philipuchi, que aſſiſtia em Cantaõ, & era Viſitador da Companhia. Sobre iſto formaraõ grandes queixas contra o Padre, & o citaraõ a juizo. No que ouve muytos dares, & tomares, que naõ fazem ao meu intento : o qual ſó foi com eſta breve noticia moſtrar a difficuldade da empreza, que tomou

mou em ſerviço de Deos o Padre Diogo Vidal, & as cauſas de naõ conſeguir adequadamente, o que pertendia.

CAPITULO XLV.

Da jornada, que o Padre Diogo Vidal fez à Metropoli de Quamſi, pera fundar nova Chriſtandade.

1 PAſſaraõ os annos athe 1692, ſem ſe tratar de fazer Chriſtandade na Metropoli de Quamſi. No anno de 92 ſahindo o decreto, pello qual ſe concedeo a liberdade da ley de Deos na China, eſcreveo o Padre Vidal ao Padre Viſitador Franciſco Nogueyra, acodiſſe às almas da provincia de Quamſi, pois eraõ annexas às miſſoens do Collegio de Macao, & na tal provincia naõ avia Igreja alguma. Eſtava a provincia de Macao pobre, mas naõ obſtante iſſo o Padre Viſitador ajuntou dinheiro, que enviou ao Padre Vidal com ordem, aque puzeſſe todas as induſtrias, pera paſſar à Metropoli de Quamſi, & nella abrir Igreja, & Chriſtandade.

2 Preparouſe o Padre com alguns preſentes pera os Mandarins, juntamente vio, ſe avia a carta de doaçaõ, ou de venda das cazas na Metropoli, mas ſó ſe achou a petiçaõ com o deſpacho em nome do Padre Joaquim Calmes; as cazas já eſtavaõ em terceiro ſenhor. Confiado em Deos, & levando carta do Padre Antonio Thomas, que era valido do Emperador, pera o Supremo Mandarim daquellas provincias, & outra pera o Viſo-Rey de Quamſi, ſe poz a caminho aos 13 de Dezembro de 1692. Preparando hum preſente de oyto couſas viſitou ao Supremo Mandarim, o qual o tratou com tanta honra, que dis o Padre, naõ cria, que depois que a China he China, Mandarim de tanta dignidade fizeſſe ſemelhante honra a homem Europeo.

3 Era a caza deſte homem taõ alteada, que huma Irmaã do Emperador eſtava cazada com hum Irmaõ deſte Mandarim. Recebeo elle todo o preſente do Padre, que tambem iſto he honra grande, & ſingular favor. Deu de premio aos moços ſeis tacis, mandou logo ao barco preſente de oito couſas de comer, & no dia ſeguinte foi em peſſoa pagar a viſita, couſa, que naõ fazem ſenaõ a peſſoas da ſua

calidade. No terceiro dia convidou ao Padre pera banquete. Visitou aos outros Mandarins, & todos à vista da honra, que o Supremo lhe fizera, o trataraõ com a mesma cortésia.

4 A este Mandarim deu noticia, em como na Metropoli de Quamsi tiveraõ os da Companhia caza, aqual por falta de comodidade naõ tinhaõ ido concertar, que lhe pedia hum mandado, peraque o povo daquella cidade o naõ impedisse. E tambem lhe disse das sepulturas dos nossos. Passou o Mandarim ordem ao Governador da Metropoli, peraque examinados aquelles pontos, & achando serem como a petiçaõ dizia, de tudo desse provisam ao Padre.

5 He estilo entre os Chinas fazerse logo aviso a todo o destrito do Supremo Mandarim, das cousas notaveis, que em seu tribunal succedem; & assim se divulgou logo a extraordinaria honra, comque tratou ao Padre. Despediose o Padre pedindolhe guarda, por ser o caminho infestado de ladroẽs. Ordenou elle, que de humas em outras estancias de soldados certo numero acompanhasse ao Padre athe a Metropoli de Quamsi. Tudo se executou à risca, porque na China a obediencia aos Mandarins he pontualissima, porquanto elles se fazem mui respeitados. Por todo o caminho visitava aos Mandarins das cidades, os quais todos imitavaõ o exemplo do Supremo Mandarim. Com esta ocasiaõ ouve por todas aquellas terras alguma noticia da ley de Deos, que aquelles povos naõ tinhaõ.

6 Aos nove de Janeyro de 1693 chegou à Metropoli de Quamsi. Era jà perto da noyte, & o Viso-Rey tinha fechado o seu palacio. Com tudo pareceo conveniente ir logo visitalo, assim porque jâ todos sabiaõ da chegada do Padre, como porque seria muyto mais honra, & credito, se naquelle tempo se visse com o Viso-Rey. Tinha o Padre naõ só tençaõ de abrir ali Igreja, mas se pudesse tambem comunicaçaõ com os nossos Padres de Tunquim, & Cochinchina, porque seria esta communicaçaõ de grandes utilidades, pera serem providos os Missionarios. Teve esta visita bom successo, porque o Viso-Rey o recebeo, & naõ permittio fosse para o barco, antes o mandou aposentar em huma hospedaria sua, & pôr à porta guarda de soldados, como a pessoa illustre. No dia seguinte o foi visitar levando consigo o seu châ Tartaro, que se fez com leyte; he esta corte-

cortesia sinal de grande honra ; porque he dar a entender, que em pessoa vai servir ao hospede.

7 Deulhe a carta do Padre Antonio Thomas, & quão do vio lhe falava em Igreja, ficou suspenso ; & respondeo, que elle naõ podia dar tal licẽça, visto ali naõ termos antes cazas, & como o Padre referisse a licença , que antes se dera ao Padre Joaquim Calmes, respondeo , que essa fora revogada aos Europeos, que antes lâ tinhaõ ido: por quanto este era o mesmo Viso-Rey, que teve as desconfianças com os Clerigos Francezes. Declaroulhe o Padre, que aquelles Clerigos naõ eraõ da Companhia , por tanto que o despacho do Padre da Companhia estava em pe, & só se dilatara por causa de morrer o Padre.

8 Como os outros Mandarins costumaõ observar, & acomodarse à vontade do poder mayor, como entenderaõ a desafeiçaõ deste à nova Igreja , todos foraõ desviando o negocio, & pertençaõ do Padre. Vendo elle, que estando o Viso-Rey averso, era remar contra a marê, considerando tambem , que entender com as cazas antigas era trabalho de balde, tratou de comprar outras por terceira pessoa, pois ao Padre ninguem se atreveria a venderlhas por medo do Viso-Rey. Hum mancebo China , que o acompanhava , comprou humas com pretexto de serem pera seu Pay , & as trespassou aos Padres.

9 Estando este negocio nas sobreditas alturas , tendo o Padre tomado o pulso às cousas, julgou que o deterse mais tempo tinha seus perigos , porque podia descahir da grande honra, em que estava; & tambem porque os moços lhe adoeceraõ todos, por ser clima de roins ares. Por estas causas tratou de se despedir. Na despedida tambem o Viso-Rey lhe fez notaveis honras , & lhe mandou de presente sessenta tacis, quatro peças de seda, dous copinhos de prata , & quatro colheres. Recebeo o Padre as mais cousas, excepto a prata, porque tambem o Viso-Rey recebeo parte do prezente do Padre. Nestes fins lhe disse o Padre amigavelmente, que naõ sabia , se algum dos Padres o tinha agravado, pois com elle mostrava estes rigores. A isto disse o Viso-Rey, que antes o Padre Verbiest lhe tinha dado hũs oculos , & tambem conhecia ao Padre Thomas Pereyra, que de nenhum fora desgostado , mas que elle naõ podia dizer contra o que julgava ; & pegando da maõ ao Padre

em final de benevolencia lhe disse duas, ou tres vezes, naõ imaginasse, era seu contrario.

10 Ainda que o Padre nesta viagem naõ conseguio os intentos de abrir Igreja; foi esta jornada de grandissimo credito pera nossa Santa Fé entre aquellas gentes, onde era desconhecida. Levava o Padre quantidade de livros, que repartio por todos os Mandarins assim nas cidades, por onde passou, como na Metropoli de Quamsi. Mandou tambem alli imprimir o decreto do Emperador, & repartio muytas copias delle, deixandoas tambem fixadas nas portas da hospedaria, peraque soubessem avia no Imperio liberdade de seguir a ley de Deos. Como o Padre era tratado com tanta honra, & sahia pellas ruas jà a cavallo, jà em cadeira; sahiaõ innumeraveis a velo, & lhe chamavam hum grande Senhor da ley de Deos: donde se seguio, que nem grande, nem pequeno deyxou de saber havia ley de Deos.

11 Nem esta fama foi sem fruto espiritual das almas: por quanto à gente, que os Mandarins deraõ ao Padre pera o servir, mandou elle ensinar o catecismo, & deu livros, & bautizou a tres, que se dispuzeraõ, & instruiraõ, quanto bastava. Antes de se partir, vieraõ juntos todos os Escrivaẽs de hum tribunal com seu papel de visita, pedindolhe quizessem deixar ver ao Padre, porque o queriaõ conhecer, & abaterlhe cabeça. No papel disiaõ, vinhaõ abater cabeça, & entrar na ley. Na mesma hospedaria disse o Padre muytas vezes Missa. Na volta foi visitando segunda vez aos Mandarins. Chegando à cidade, onde residia o Supremo Mandarim, o visitou, & lhe fez petiçaõ, em que declarava o succedido particularmente àcerca das cazas, que estavaõ em outro dono. Insistia o Padre nisto, naõ pellas cazas, mas porque fazia muyto à sua pertençaõ saber se tiveraõ antes ali cazas os da Companhia. Tambem nesta ocasiaõ fez restituir a sepultura do Padre Nicolao Smogolesqui Polaco, sobre a qual indignamente se tinhaõ levantado algumas cazas de soldados, & outro povo. Por petiçaõ do Padre as mandou logo derrubar, & restituir a sepultura, segundo estilo Sinico. Naõ foi este favor taõ pequeno, que o Padre Verbiest o naõ pertendesse os annos antes, & o naõ pôde alcançar, sem pera isso ser bastante sua grande autoridade, & muyto valimento com os Mandarins.

12 Esta provincia de Quamsi he huma das mais despovoadas da China, montuosa, de ares, & agoas roins. Tem quatro generos de gentes, que os Chinas distinguem por letras, que significam alguns animais, porgue tem a estas gentes por barbaras, & huma daquellas quatro castas dizem ser gente, que todos nacem com cauda como brutos. Hà entre os Chinas huma grande politica, que nenhum Mandarim hà de ser natural naõ só da terra, mas nem ainda da provincia, onde governa; porque assim estaõ os naturais mais sogeitos. Só esta provincia alem do Supremo Mandarim tem hum natural da terra. Os naturais ordinariamente naõ vivem nas Cidades, porque nestas moraõ Chinas de outras provincias, mas em aldeas, & palhoças fora das cidades, & pellos campos.

13 He provincia pobre: muy infestada de tigres, & serpentes. O caminho de Cantaõ athe a Metropoli daquella provincia he hum rio continuado, mas chegando à provincia todo corre entre montes muy perigoso assim pela penedia, como por outros incomodos, que só a paciencia dos Chinas o pode navegar, pois he huma continua subida de montes, & em partes parece mais facil levar os barcos aos hombros, que pella agoa. E dis o Padre, que havia dia, no qual por causa destas sobidas escaçamente se podia andar legoa, & meya com excessivo trabalho dos marinheiros: se ficaõ fora das estancias dos soldados, ha grande perigo de ladroens, & dos tigres, & de noyte huns, & outros fazem preza nos passageiros. De huma ves correo o Padre grande perigo, porque as agoas corriaõ com tal furia, que levaraõ consigo o barco, & a os marinheiros, que por cordas o puxavaõ à sirga, & dando em huma pedra esteve quasi perdido, fez muyta agoa; & tiveraõ bem, que lidar, pera se ver fora deste trabalho. O Padre Diogo Vidal attribue ao Anjo da Guarda, escaparem de perigo tam evidente. Esta he em suma a jornada, que pera gloria de Deos o Padre Vidal emprendeo. No que toca ao caminho, que procurou abrir pera Cochinchina, & Tunquim, por incomodos, que isso por entaõ teve, nam sortio effeito. Consideradas bem as cousas de Quamsi, julgou o Padre, que continuandose em fundar alli Christandade, seria a missaõ huma das mais trabalhosas, & Apostolicas da China.

CAPI-

CAPITULO XLVI.

Passa o Padre Diogo Vidal a Tunquim, & de algumas cousas que passou, athe ir pera a aldea de Hien.

1 DA China passou este fervoroso Padre por ordem da obediencia ao Reyno de Tunquim. Esta viagẽ se fez no anno de 1694. O Padre Provincial Francisco Nogueyra, sendo Visitador tinha metido às escondidas em Tunquim alguns Religiosos da Companhia, por quanto estava alli prohibida com severas leys a promulgaçaõ da fé. Na volta pera Macao disse El-Rey ao Padre Francisco Nogueyra, que voltando o barco, & levandolhe alguma louça da China trataria da estancia dos Padres no seu Reyno: cõ esta tanta, ou quanta esperança, o Padre Francisco Nogueyra, jà Provincial, & os mais Padres de Macao julgaraõ, que convinha a jornada por ver, se o Rey compria sua palavra, & seria de grande consolaçaõ pera toda a Christandade, se os Padres alli assistissem às claras.

2 Pareceo ir em pessoa o Padre Provincial, por quanto se o Rey o naõ visse lâ, se poderia desculpar com isto, pera naõ deyxar ficar os Padres; levou consigo às claras aos Padres Diogo Vidal, & Joaõ de Sequeyra; & disfarçados pera os esconder no Reyno ao Padre Isidoro Luci Italiano, & mais a dous Padres, & hum Irmaõ de naçaõ Tunquins. Partiraõ de Macao aos 29 de Março de 1694, chegaraõ a Tunquim aos 15 de Abril.

3 Logo que chegaraõ, antes do barco ser visitado, os tres Padres se meteraõ às escondidas pella terra dentro, cõ ornamentos sagrados, & cousas de devaçaõ, porque vindo às maõs dos gentios seriaõ queimadas. Entraraõ os Mandarins no barco, levaraõ do fato, quanto quizeraõ, naõ deixando nem ainda o necessario, pera se aviar pera a volta a Macao.

4 A o Padre Provincial, & a os dous Padres Joaõ de Sequeyra, & Diogo Vidal, os levaraõ à Corte, & ao Irmaõ Ignacio com titulo de Moço dos Padres. Chegados à Corte foraõ admitidos à presença do Rey, que os tratou com benevolencia, & recebeo os prezentes, assim elle como o

Prin-

Principe. Visitaram aos principais Mandarins da Corte, & todos lhe deram boas esperanças, de que el-Rey os deyxaria ficar no Reyno, o que os Europeos Inglezes, Olandezes, & Francezes julgavam por impossivel por causa do grande odio, que elles sabiam tinha o Rey à Ley de Deos.

5 Os Feytores Inglezes, & Olandezes visitaram aos Padres, como alli costumaõ os Europeos, quando alguns vem de novo, só o Bispo de Auren, & os seus Clerigos Francezes faltaraõ nesta benevolencia, cousa de que muyto se escandalizaram os mesmos hereges. Por quanto estes Francezes se queriam alli introduzir cõ o governo espiritual, sendo aquelle Reyno da jurisdiçaõ do Bispo de Macao, & do padroado dos Reys de Portugal: pelo pouco que gostavaõ de ver naquellas terras aos da Companhia, os naõ visitaram, devendo pello menos dissimular a sua payxam, por naõ dar, que falar aos hereges.

6 O alvoroço, & alegria dos Christaõs, & Catequistas foy taõ grande, que choraraõ de consolaçaõ. De todas as Provincias concorreram à caza dos Padres; era tanto o fervor, que por evitar alguma revoluçam nos gentios, os Padres naõ admitiam visitas se naõ de noyte, & de poucos. Mas ainda que a diligencia dos Padres foy grande, valeo pouco; porque era tanto o dezejo de os ver, que rompiaõ as paredes das cazas, & entravam; por serem as cazas de palha naõ era difficultosa a irrupçaõ. Se os Catequistas os reprehendiam; a reposta era, que naõ queriam mais, que ver aos Padres, & voltar; & alguns ouve, que estiveram tres, & quatro dias esperando às portas da caza alguma conjunçaõ de falar com os Padres.

7 A missam estava muy perturbada com aquelle Bispo, & Clerigos Francezes, porque o Bispo, & seus Clerigos diziaõ, que todos os que se confessavaõ com os da Companhia, hiaõ pera o Inferno, pois naõ tinhaõ poder pera absolver. Levava o Padre Vidal provisaõ do Bispo de Macao, pera ser alli seu Vigario da vara, o que aceytou por naõ aver clerigo, que o fosse. Fez logo sabedor ao Bispo de Auren da sua provisaõ, & lhe mandou mostrar a Bulla justificada, pella qual constava ser o Bispo de Macao Prelado daquellas Christandades: porem elle se deyxou ficar com estes papeis, & à carta respondeo, ser elle, &

naõ

naõ o Bispo de Macao Prelado daquella Igreja; & mandou intimar aos Christaõs, que o seguiaõ, que todas as confissoens feytas com os Padres da Companhia eraõ nullas, por naõ terem poder pera absolver. Bem se deyxa ver a perturbaçaõ, que tais divisoens causariaõ, & certo que estas Christandades por causa destes Clerigos tem padecido muyto detrimento, pois he sem duvida, que se achou, que muytos eraõ inficionados com os erros de Jansenio, & transfundiaõ esta sua peçonha nos neofitos; & porque os da Companhia sempre a ferro, & a fogo perseguem aos hereges, por isso tanto os aborrecem. Saõ os Jansenistas gente muy dissimulada, & por esta razaõ perseguem mais a seu salvo, vendendose virtuosos, sendo que saõ lobos com pelle de ovelha.

8 Muytos faziaõ negociaçaõ das confiçoens, aceytando dinheiro por ellas, cousa na verdade, que as fazia pezadas. E os pobres Christaõs se persuadiaõ, que sem dar dinheyro naõ avia absolviçaõ. Ao nosso Padre Leaõ Gonzaga lhe succedeo nisto hum cazo, que quero referir, & prova bem a persuazaõ, em que a avareza de tais Missionarios tinha metido aos neofitos. Pediolhe hum Christaõ, se o queria confessar; respondeo o Padre; que de boa vontade: tirou logo da bolsa cousa de huma pataca, que deu ao Padre, & elle a aceitou persuadido ser alguma restituiçaõ. Ficou o penitente parado, entaõ lhe disse o Padre, que determinava com aquelle dinheyro? Imaginou o homem, que o Padre fazia reparo em ser pouco; & disse: Padre, eu sou hum homem pobre, & naõ tenho por hora mais, que este dinheyro; se naõ basta pera eu poder confessar todos os meus pecados, confessarei tres, ou quatro; & quando tiver mais, entaõ o trarei, & confessarei os outros. Ficou o Padre atonito com tal cousa, & lhe deu logo o dinheyro, dizendo, se confessasse, pois os da Companhia naõ levavaõ dinheyro por confissoens. Confessado este foy dar novas aos outros Christaõs, de que estava alli hum Padre da Companhia, que confessava de graça. Causou esta entre elles novidade tanto abalo, que teve o Padre de os confessar a todos, & os deyxou consoladissimos, rogandolhe, que passasse por alli muytas vezes. Nesta materia pudera eu contar muytas cousas, mas naõ hà porque deter em referir semelhantes desordens, que naõ podem

podem deyxar de cortar o coraçaõ aos Religiosos da Companhia, pays, & primeyros Apostolos daquellas Christandades.

9 Depois de o Padre Provincial vizitar grande parte daquella Christandade, sem nisso ter impedimento, voltou à Corte, aonde deyxara aos Padres Diogo Vidal, & Joaõ de Sequeyra, que alli tinhaõ feyto muytos serviços a Deos, & só o Padre Vidal tinha bautizado 225 adultos, sendo que avia só tres mezes estavaõ na Corte. Imaginava o Padre Provincial, que voltaria no barco pera Macao; & queria saber do Rey o modo, com que os dous Padres aviam de ficar descubertos em Tunquim. Feitas todas as diligencias pera effeito deste negocio; foy o despacho del-Rey, que os Padres poderiaõ ficar em Hien, que he huma aldea deputada pera morarem todos os estrangeyros. Ordenou mais, que ficassem entregues ao Governador da Provincia do Sul.

10 Este chamou logo aos Padres, & lhes disse, que el-Rey lhes dava a licença de ficarem em Tunquim com os moços, que trouxeraõ de Macao, porque naõ era contente se servissem com Tunquins. Acrecentou mais, que naõ tratariaõ os Padres com os Christaõs, nem prègariaõ aos gentios. Naõ ficaraõ contentes os Padres, mas responderaõ, que no que pudessem, & fosse licito, naõ fal tariaõ em dar gosto a el-Rey. Responderaõ com esta equivocaçaõ, porque todos os Christaõs lhes asseguravaõ, que tudo aquillo era medo, que lhe queriaõ meter, & q̃ os Tunquins logo se esfriavaõ na execuçaõ de suas leys. Naõ sentiaõ os Padres tanto o ficar em Hien, quanto averem de estar debayxo das disposiçoens, & querer do Governador daquella Provincia, que era inimigo capital dos Christaõs, & da sancta Cruz em tanto extremo, que vendo em hum dia, que por occasiaõ de festas, que se faziaõ a el-Rey, huma nao Ingleza lançara a sua bandeyra, em que esta naçaõ usa da Cruz, elle a mandou tirar, & queimar, sem ter algum respeito à solenidade do dia.

11 Sendo pois tal este homem, julgaraõ os Padres por cousa ociosa ficar em Hien: a isto disseraõ os Christaõs; que aquella habitaçaõ era commua aos estrangeyros, & que alli estiveraõ jà os nossos Padres quasi com o mesmo aperto, & prohibiçaõ, & actualmente estavaõ os Cleri-

gos Francezes: só o Bispo de Auren depois de muytos annos com ricos prezentes, que deu ao Rey, & Mandarins, alcançou morar na Corte com trajos de secular, & mercador, tratandose por Feytor delRey de França; & da dita Corte naõ só naõ podia sahir às aldeas, mas nem na Corte podia tratar com os Christaõs, se naõ às escondidas. Demais que tambem os Padres, ao menos trez vezes no anno, aviaõ de ir à Corte offerecer seus prezentes ao Rey; & que neste tempo ainda que às escondidas podiam tratar na conversam dos gentios, & sacramentar os Christaõs. Disto resultaria novo animo nos Christaõs, sabendo que o Rey tinha concedido licença, de ficarem os Padres descubertos no seu Reyno: a qual cousa naõ era pequeno favor, sendo tanto o odio, que os gentios tinhaõ à fé: que as cousas podiaõ tomar outro semblante, & conseguirse alguma liberdade.

12 Por estas razoens julgaraõ os Padres, convinha ficar ainda com aquelles apertos. Toda a duvida era, se ficaria tambem o Padre Provincial, porque os Christaõs instavam, que ficasse. Muytas razoens tinha pera voltar pera Macao. Primeyramente nem elle sabia a lingua da terra, nem a sua muyta idade dava jà lugar pera a aprender. Alem disto o Padre, que lhe avia de succeder no governo, naõ poderia vir a Tunquim, pera se inteyrar dos negocios do governo, que estavam em aberto. A tudo se ajuntava estar o Collegio de Macao muy falto de sogeytos. Por estas razoens disseram os Padres ser conveniente a sua partida. Logo que o Mandarim teve disto noticia, mandou intimar aos Padres, que se o Padre Provincial se fosse, tambem os mais se aviaõ de partir com elle. Isto supposto se resolveo o Padre Provincial a ficar, esperando occasiaõ, em que sem detrimento alcançasse licença, pera se ir pera Macao, como em effeyto succedeo, como adiante refirirei.

13 Aos 7 de Agosto de 1694 estando o Padre Provincial muy doente mandou o Governador, a quem os Padres estavam encommendados, que logo se fossem pera Hien em companhia de hum seu soldado, o qual lhe apontaria lugar, onde assistissem athe sua chegada. Logo os Padres com tres moços, que trouxeram de Macao, & com o Irmaõ Ignacio Martins, se puzeram a caminho. Deixou o Padre Provincial o seu fatinho na Corte, porque o Man-

darim

darim os admonira, que lhe avia de queymar todas as cousas de devaçam, que no seu fato lhe achasse. Levaraõ somente alguns livros, & hum ornamento pera dizer Missa dissimulado com a outra roupa, & fato.

14 Tanto que os 3 Padres chegaram a Hien, que dista da Corte tres dias de caminho, começaram a experimentar trabalhos; porque logo que desembarcaraõ, o soldado os levou à caza das vigias dos soldados, onde costumavam estar os malfeytores prezos; alli os entregou ao Capitaõ dos soldados, que os recebeo com muyta galhofa; encõmendou às vigias, que naõ deyxassem fallar com elles a pessoa alguma; & que nem a buscar de comer sahisse algum, sem ir com boa guarda. Sobre estas recomendaçoens, os meteram em hum canto daquella tristissima caza, naõ só estreyto, & immundo, mas tam cheyo de ratos, & formigas, que naõ podiam os Padres pôr os pés no chaõ, sem serem molestados daquellas sevandijas. Tomaram por melhor partido irem dormir entre os soldados, que com os seus tangeres, & desenvolturas os naõ deyxavam pegar no sono. A todos isto molestava grandemente, & mais ao Padre Provincial por causa da doença, que o affligia.

15 Chegando pouco depois o seu fatinho, se ajuntaram à roda delle os soldados, & meudamente foram vendo tudo, pera ver se achavam veronicas, & cousas de devaçam. A cazo encontraram duas contas, & huma veronica, & como se tivessem dado em alguma grande preza, fizeram muyta festa; naõ só naõ quizeram restituir estas cousas, mas de novo tornaram a revolver o fato. Mas como naõ achassem mais das cousas, que buscavam, investiram com os Padres, & lhes mandaram tirar tudo, o que traziam nas mangas, & algibeyras. Foram abrindo os livros, & breviarios, & como nelles vissem as estampas, os foram pondo tambem de parte, pera os levarem. Depois de muytas instancias, restituiraõ os breviarios com condiçam, que vindo o Mandarim da Corte, & pedindo estas cousas lhas entregariam: só o ornamento da Missa por vir de mistura com as outras cousas escapou. Dando com a pedra de ara, a descozeram, & achando no meyo a sancta Reliquia, se persuadiram avia alli cousa de preço, & tanto cavaram, & boliram, que se naõ deram por satisfeytos athe lhe naõ verem o fundo.

16 Com escapar o ornamento, em dous mezes lhe naõ foi possivel dizerem huma só Missa, temendo ser sentidos, porque as vigias eram rigorosissimas de dia, & de noyte. Huma só consolaçaõ os alentava, & era, que vindo da Corte o Mandarim afroxariam alguma cousa estes rigores. Porem estas esperanças brevemente se vio, que eram fallîdas.

CAPITULO XLVII.

Padece o Padre Diogo Vidal muytos trabalhos, he desterrado por causa da fé, & sua sancta morte.

1 LOgo, que o Governador chegou da Corte, o Carcereyro lhe levou as duas contas, & veronica, q̃ no fato dos Padres tinha descuberto. Foy tābẽ o Padre Diogo Vidal a caza do Governador com o Padre Joaõ de Sequeira pera fazerem seu requerimento. Ficou no carcere o Padre Provincial, por estar doente de cama. O Mandarim alem de lhe naõ dar audiencia, mandou logo queymar as contas, & veronica; & depois mandou dizer aos Padres, que lhe entregassem todos os livros, & cousas de devaçaõ, que traziam em seus corpos. A isto responderam, que as mais cousas de devaçaõ, que tinhaõ consigo, eram do seu uso, & naõ pera repartirem aos Christaõs; que se elle lhe naõ consentia viverem como Christaõs, que eraõ, os desenganasse, que de outra sorte naõ podiam ficar naquelle Reyno. Com esta resoluçaõ veyo o Mandarim em que ficassem com as suas cousas de devaçaõ, mas que as aviam de dar a rol, porque achandoselhe outras seriam castigados; & ordenoulhes, que lhe mandassem os livros, que os queria ver, & depois os restituiria. Fiados nesta palavra lhos mandaram assim os Europeos, como os da lingua China.

2 Considerando o Padre Provincial, que o Mandarim naõ guardara a palavra, que lhe tinha dado, de que podia ter os seus livros, & temendo que vendo as estampas os mandaria queymar, recolheo os breviarios à cama, onde estava enfermo, & disse ao Capitaõ, que tinha os mais livros, que aquelles nem podia, nem avia de entregar, ain-

da

da que lhe mandassem cortar a cabeça. Levou o Capitaõ isto muyto a mal, & mandou a hum soldado, que lhos tomasse por força. Chegando o soldado à cama, o Padre Provincial se abraçou com os livros, dizendo por acenos, porque naõ sabia a lingua, que lhe cortasse a cabeça, que quanto livros os naõ avia de entregar. Vendo elles isto, levaraõ os outros livros contando ao Governador, o que passara. Calouse o Governador, & vendo os livros Europeos, como naõ ouvesse, quem os entendesse, os mandou restituir. Mandou rever bem os Sinicos, & encontrando nelles hum Catecismo, o mandou logo queymar, deyxou ficar dos outros, que lhe podiaõ servir, os mais restituio.

3 Imaginavaõ os Padres, que com isto aquietasse o Governador, & lhes assignasse lugar, em que morassem, conforme a disposiçaõ del-Rey. Mas elle os deyxou ficar no mesmo carcere encomendando de novo às vigias, q̃ os guardassem bem. Como huma vez naõ acompanhassem ao moço, que fora buscar agoa aos Padres, os multou em pena pecuniaria. Alem disto deu ordem a hum escrivaõ, que todos os dias desse busca ao fato dos Padres; foi esta vexaçaõ, & apertos taõ extraordinarios, que athe os gentios se magoavam.

4 Ali os veyo vizitar certo Mandarim, que era da caza do Principe herdeyro do Reyno, que foi hum grande favor: as lagrimas lhe vieram aos olhos vendo taõ excessivas tiranias, & lhe prometeo de fazer com o Principe, que fossem pera a Corte, mas nunca o pode conseguir. Outros naõ sabendo os sanctos fins, que os Padres tinhaõ nesta sua prizam, atonitos diziam: de maneira, que os outros pera se verem soltos, & livres dos carceres, gastam quanto tẽ; & vos gastastes, quanta prata trouxestes de Macao, pera vos vires meter nesta immunda prizam? Em fim atodos enternecia tanto sofrimento, & se magoavam de tantas tiranias.

5 Só o Governador pera mais os consumir, nem ainda os queria ouvir, mas tudo o que entre elle, & os Padres passava, avia de ser por meyo dos seus officiais. Nam se acabava de persuadir, que os Padres deyxassem de ter mais contas, & veronicas; por isso instava, lhe dessem por escrito todas, as que tinhaõ do seu uso. Os Padres temẽdo, que

que confeſſando as que tinham do ſeu uſo, lhas mandaſſe tomar por força, & queymaſſe, foram dilatando; mas como creceſſem as inſtancias, & promeſſas de as naõ tomar, pediram eſcrivam, que fizeſſe o rol: tudo vinha a ſer quatro veronicas, & ſinco contas, as que os Padres, & moços tinham. Feita a liſta, naõ ſe deu por contente o Governador, ordenou fizeſſem outra, & que acreſcentaſſem, que que achandoſelhe mais das apontadas, ſe ſogeytavam a todo o caſtigo, que por iſſo lhes foſſe dado. Foram os Padres diſſimulando com eſta ſegunda obrigaçaõ, & differindoa pera outro tempo.

6 Inſtavam, que lhes aſſignaſſe lugar, pera fazerem caza: depois de importunado, elle em peſſoa foi ver o chaõ, que lhes avia de conceder, pera fabricarem ſua habitaçaõ. Aſſignoulhes hum muyto eſtreyto, todo rodeado de moradores, & de tres vigias, que de dia, & de noyte os vigiaſſem: a huma pôs defronte da porta. Vieram fazer eſta mais choupana, que caza, os Catequiſtas da Corte, concorreram os Padres com os materiaes, que eram bambus, certo genero de canas groſſas, & eſteyras, concorrendo alguns Chriſtaõs com eſmolas. Acabada a caza ſe paſſaraõ a ella, ficaram com mais alguma largueza: podiam com mais ſocego lêr por hum livro, & dizer de quando em quando Miſſa, ainda que de noyte, & com grandes cautelas. Quanto às vigias, & apertos, pera que ninguem fallaſſe com os Padres, nem foſſem fóra ſem levar guarda, era tudo quaſi com o rigor, que antes, pois athe a porta lhe fechavam por fóra. Pera o Irmaõ Ignacio Martins ir à Corte buſcar algumas cazas, aſſim chamaõ alli a certa moeda, pera o ſuſtento dos Padres, dava o Governador raras vezes licença, porque dizia, que hia lá fallar com os Chriſtaõs; quando lha concedia, era por eſcrito, & ſomente por tantos dias, ameaçandoo, que ſe fogiſſe, ou ſe detiveſſe mais, ſeria caſtigado gravemente.

7 Tinha tal odio à Ley de Deos, que nenhum Chriſtaõ ſe atrevia a ir àquella aldea, por medo do Governador. A huns mercadores, que vieram a ſeus negocios, ſabendo que eram Chriſtaõs, os mandou prender, & apenar, ſó por preſumir, que tinham vindo a fim de fallar com os Padres, couſa que aos mercadores nam paſſara por penſamento. Mandou ſeus ſoldados por toda a ſua provin-

cia

cia pera q̃ lhe trouxessem prezos a todos os Christaõs, prometendo premios aos mais diligentes. Fes notaveis crueldades nos que lhe vieram às maõs, que foraõ muytos.

8 Aos Padres apertava de cada ves mais. Avia quasi anno, & meyo, que estavam naquella prizam. Morreolhes hum dos moços, & os outros dous lhe adoeceram. Por esta causa foram obrigados a lavarem por suas maõs a roupa, fazer a cozinha, & o mais serviço da pobre caza. Tudo sofriam fundados na esperança, que os Christaõs lhes davam, de que o Mandarim afroxaria, como na verdade succedeo. Dali se cõmunicavaõ por cartas com os Padres, que andavam occultos, com os Catequistas, & Christaõs; & jà quãdo os Padres queriam sahir fora de caza, naõ os acompanhavam os guardas. Qando pelo anno novo (como era costume) foram à Corte offerecer seus prezentes ao Rey, & Mandarins, naõ lhes poz soldado, que os vigiasse: por isso na Corte podiaõ sacramentar aos Christaõs, & bautizar aos adultos, que se convertiam. Voltando da Corte acharaõ agrado no Governador, bem contra o que podiaõ esperar de homem taõ perverso, & taõ inimigo de Deos.

9 Daqui tomou occasiaõ o Padre Provincial pera lhe pedir licença, em ordem a voltar pera Macao pelo Imperio da China. Respondeo com affabilidade, que isso naõ estava na sua maõ, que era cousa del-Rey. Por esta causa foy o Padre à Corte; aonde el-Rey, & os Mandarins o trataram com benevolencia: despacharam tudo, como pedia: porque lhe deram licença, pera se voltar por terra, & levar consigo os moços, que trouxera de Macao; & que os Padres, que ficavam em Hien, fossem servidos por moços Tunquins: pera isto lhes deyxou tomar dous Catequistas, dos que assistiaõ na Corte: com esta disposiçaõ de cousas ficaraõ os Padres em Hien mais desabafados, & com o commodo, que dezejavaõ, pera aprender a lingua. O Padre Provincial Francisco Nogueyra se partio pera Macao.

10 Tres vezes no anno podiam os Padres ir à Corte a vizitar com seus prezentes a el-Rey, & alli lhes era concedido deterse quinze dias, nos quais o seu disvelo era sacramentar os Christaõs. No anno de 1696 voltou de Macao o Padre Provincial Francisco Nogueyra trazendo consi-

comſigo alguns Padres, que meteo occultamente na miſſaõ. Depois de muytos trabalhos chegou à Corte, vizitou a el-Rey. No meſmo tempo vieram de Hien os dous Padres Diogo Vidal, & Joaõ de Sequeyra viſitar a el-Rey. Achou o Padre Provincial benevolencia no Rey. Pediolhe, que pois os Padres ſe achavam taõ mal em Hien, lhes concedeſſe morar em outra parte: imaginando, que por eſta via ficariaõ livres das vigias, & apertos daquelle Mandarim taõ inimigo da Ley de Deos.

11 Naõ ſuccedeo eſte intento, ainda que El-Rey deu a licença, porque cometendo a execuçaõ della ao meſmo Mandarim, eſte naõ quis, que os Padres ficaſſem fora de ſeu poder; & em comprimento do deſpacho intentava mudar aos Padres pera outra caza, onde os apertos ou foſſem maiores, ou pelo menos iguais: por eſta razaõ os Padres ſe deyxaraõ da ſua pertençaõ. Os Padres Vidal, & Sequeyra ſe voltaraõ pera o carcere de Hien; & o Padre Provincial caminhou por terra pera Macao com intentos de abrir novo caminho pella provincia de Quamſi da China; mas naõ podendo ter effeito, voltou atras, pera ſeguir o caminho, que o anno antes abrira. Neſta volta foi prezo dos Mandarins por cauſa da cruel perſeguiçaõ, que ſe levantou contra os Padres, de que elle naõ tinha noticia.

12 A origem foi a ſeguinte: Por via dos Olandezes ſe mandava aos Padres de Tunquim hum caixote de contas, veronicas, & couſas de devaçaõ; jà outras vezes por eſta via lhe foraõ, & as tiravaõ da nao; mas agora foi tal a vigilancia, que o naõ puderaõ fazer. Foi o caixote entre as mais couzas pera a alfandega. Abrioſe no ultimo de Julho de 1696. Deu logo o Mandarim conta a El-Rey, que ſahio de ſi com furor; mandou prender os Padres, & Catequiſtas, & dar buſca nas Igrejas. O Padre Joaõ de Sequeyra eſtava graviſſimamente enfermo na Corte, onde com licença ſe tinha ido curar: puzeraõlhe rigorozas vigias, & ordenou El-Rey, que o Governador de Hien lhe trouxeſſe à Corte ao Padre Vidal.

13 Tanto que o Governador teve eſta carta, mandou ao Padre Vidal foſſe à Corte em companhia de hum dos ſeus officiais. Em chegando foi levado a palacio, aonde ſahio hum valido del-Rey, & em ſeu nome lhe perguntou; como tendo El-Rey prohibido vieſſem a ſeu Reyno aquellas

cou-

cousas se atrevera a mandalas vir. A isto respondeo, que aquellas cousas se mandaraõ de Europa, aonde se naõ sabia, oque passava em Tunquim, & que os Olandezes por boa cortesia, que com os Padres tinhaõ, naõ abriraõ o cayxote. Avendose o Padre na reposta sempre com palavras, que desviavaõ de si a mentira, & naõ descobriaõ ser o cayxote mandado de Macao.

14 Chegou neste tempo o Governador de Hien, elle com o valido entraraõ a falar a El-Rey, deyxando alli hum Escrivaõ, que tomasse a reposta do Padre, sua patria, & lugares, onde estivera. Feito isto, avisaraõ ao Padre, que fosse pera a caza, que o Governador de Hien tinha na corte. Os Mandarins ficaraõ em conferencia quasi athe a noyte. Logo que o Governador sahio do paço, se foi pera Hien; deixou ordem, que levassem ao Padre Sequeyra pera a caza, onde o Padre Vidal estava. Dalli os levariaõ a palacio sendo chamados; & ultimamente conforme a ordem del-Rey lhos levariaõ a Hien.

15 Aos 2 de Agosto mandou o valido, que levassem ao Padre Vidal a huma praça junto ao templo de certo idolo. Estando alli o Padre esperando, chegou o valido rodeado de soldados: quatro homens traziaõ a seus hombros o cayxote dos premios, outros traziaõ em cestos alguns livros, taboas de estampar, & ferros de hostias, que se apanharaõ na caza de hum Christaõ. Tudo se poz no meyo da praça, o valido cõ os seus adjuntos se recolheraõ à sõbra do alpendre daquelle tẽplo, cujas portas estavaõ fechadas. A'sombra do alpendre se tinhaõ estendido algũas esteiras, que saõ os seus tribunais; estando sobre ellas em pe com as costas pera o templo, fizeraõ vir perante si ao Padre Vidal: entaõ o valido da parte do Rey lhe falou nesta forma: Jà vos sabieis, que a fé de Christo he prohibida nestes Reynos. Tinhavos El-Rey dado licença pera ficar em Hien, pera o irdes cortejar nos tempos costumados. Agora vos tomou estas cousas, & segundo as leys do Reyno vos devia tirar a vida: mas como o seu animo he taõ grande, vos manda restituir as cousas de valor, & a prata, q̃ se vos tomou, & perdoa a vida; porem as cousas, que pertencem à Religiaõ as manda queymar em publico.

16 A estas palavras respondeo o Padre Vidal: Quanto aos premios, contas, & veronicas tenho dado razaõ: quanto

to a me perdoar El-Rey a vida, eu lhe agradeço o beneficio, mas se por prégar a verdadeira fé, me mãdara matar, seria pera mim grande gloria: quando eu vim a Tunquim, jà vim offerecido a morrer por esta causa, porque em toda a parte diante de Reys, & Mandarins hei de professar as verdades, que ensino. Esta pratica atalhou o Mandarim, dizendo, que jà El-Rey lhe tinha perdoado, por tanto convinha agradecerlhe o beneficio; porque senaõ fora esta grande piedade del-Rey, que figura era o Padre pera escapar com vida? Logo o mandou afastar pera huma banda, & elle com os seus adjuntos se assentou nas esteiras. Mandaraõ accender fogo, & indo tirando cada cousa de per si do cayxote as hiam lançando no fogo, no qual ultimamente lançaraõ o cayxote, livros, & os ferros das hostias quebrados. As cinzas de tudo se lançaraõ no rio; & chamando outra ves perante si ao Padre, lhe entregaraõ o dinheiro, vidros, & outras cousas de algum valor, que vinhaõ no cayxote.

17 Feito assim tudo isto, mandaraõ ao Padre acompanhado de soldados pera a caza, onde estava de cama o Padre Joaõ de Sequeyra com ordem, que logo partissem pera Hien, & alli executariaõ as ordens, que o Governador lhe desse. Chegados os Padres a Hien, lhes mandou dizer o Governador, estivessem promptos pera partir logo, que viesse ordem del-Rey. No dia seguinte, que eraõ oyto de Agosto lhe mandou dizer, era chegada a ordem, & que na menhaã do dia seguinte aviam sem replica de partir.

18 Mandou tambem a hum Mandarim com quatro escrivaens, pera tomarem a rol tudo, oque os Padres aviaõ de levar: naõ custou pouco ao Padre Vidal livrar o ornamento da Missa. Vendo o rol, duas vezes mandou dizer ao Padre, q̃ se tinha alguma cousa prohibida, a entregasse, porque achandoselhe nos lugares, por onde avia de passar, teria gravissimo trabalho. Finalmente partiraõ de Hien em huma barca, na qual hia hum Mandarim, & junto a esta outra chea de soldados. Chegando à provincia do Leste foraõ entregues ao Governador com carta do Governador de Hien.

19 Alli por falta de barca se detiveraõ tres, ou quatro dias, & com licença dos guardas algumas devotas Christans lhe trouxeraõ seus refrescos. O Governador mandou visitar ao Padre, dizendo, que se compadecia do seu trabalho;

mas

mas que era ordem del-Rey, que naõ podia deyxar de a executar. Logo que apareceo barca, continuaraõ, ao principio seguindo-os huma só barca de soldados, ao depois quatro, padecendo muytos incomodos. Antes de chegar aos fins de Tunquim morreo o bemdito Padre Joaõ de Sequeyra da molestia da jornada, como em sua vida escrevo. O Padre Diogo Vidal teve modo, comque dos confins da China se tornou a introduzir na missaõ de Tunquim; nella trabalhou com grandes perigos de vida, athe que a santa obediencia o chamou de Macao, pera onde partio em Mayo de 1698, tendose empregado na cultura das almas por espaço de anno, & meyo, depois que foi desterrado.

20 O Padre Provincial Francisco Nogueyra faleceo ditosamente na prizam, quãdo vinha em ferros pera a Corte. Era este Padre natural de Lisboa homem de grande espirito; & de grandes espiritos. Entrou na Companhia na India. Servio muytos annos na Provincia de Goa; depois passou a ser Visitador da Provincia de Japam, & Vice-provincia da China: onde fez cousas muy heroicas, que me naõ pertence escrever. O Padre Diogo Vidal veyo depois a Portugal, & dahi a Roma; voltou pera o Oriente no anno de 1704. Na viagem morreo tam sanctamẽte, como tinha vivido tantos annos. Sua morte foi na linha, porque encostandose a nao a Guinê contrahiram os passageiros muytas, & graves doenças, de que morreo grãde numero delles, & destas acabou o Padre Vidal com morte de sancto, como me referio o Padre Feliz Jozeph Pereyra, que o confessou, mas naõ se lembrava nem do mez, nẽ do dia de sua morte. O mez ou foi Mayo, ou Junho.

CAPITULO XLVIII.

Do Padre Agostinho de Lima, & Irmaõ Manoel de Almeyda estudante.

Em Braga an. 1660 aos 6. de Janeiro

1 NAceo o Padre Agostinho de Lima em Regalados terra do Arcebispado de Braga. Seus pays se chamaram Fructuoso Alvres, & Catherina Pires. Entrou na Companhia aos 9 de Março de 1620 na caza do Monte Olivete de Lisboa. Ja neste tempo contava vinte, & hum

annos de idade, & estudava cazos de consciencia. Foi dos Padres Coadjutores espirituais de virtude, que ouve nesta Provincia. Aquella tesidam, & modo, em que se poz no seu Noviciado, esse conservou toda a vida, o que entre nos he sinal de grande virtude.

2 O mais do tempo gastou na occupaçam de Ministro, porque o foi no Collegio de Coimbra, no de Sancto Antaõ, na caza dos Noviços, & no Collegio de Braga. Sempre se ouve com toda a rectidaõ, & inteireza, despido de affectos rasteiros, que fazem os animos mais affeiçoados a estes, que àquelles. Nas penitencias, que dava, lhe ficavam devendo dinheiro; taõ bom, & suave era o modo, q̃ tinha com os culpados. Comsigo usou de grande rigor. Duas vezes no dia se disciplinava, athe derramar sangue. Dous dias na somana, & às vesporas das festas o seu comer naõ era outro mais, que paõ de milho, & agoa. Na meza naõ tocava iguaria alguma fora do comer grosseiro, que na communidade he ordinario.

3 Em trinta, & sinco annos naõ dormio em cama, humas vezes tirava os lançois, outras o colcham, ficando sobre as taboas, & muytas vezes dormia no cham. Fazendo grande frio, punha a cabeça de bayxo do esguicho aberto do lavatorio, & alli deyxava decer a agoa pello corpo, fingindo, que se lavava. Por dentro andava mui mal enroupado, pera que o frio o magoasse.

4 A sua pobreza foi rara. Quinze annos trouxe os mesmos çapatos, os quais elle remendava, & pregava com taxinhas os pedaços de sola, como he costume fazerem os rusticos, & os pobres. Tinhase muyto odio a si mesmo, & se atenuou tanto, que no seu corpo nam parecia aver mais, que ossos, & sobre elles a pelle. Naõ avia pera elle obediencia mais penoza, que aquella, a que se ajuntava honra, & estimaçaõ. Avendo as Freyras do Monsaõ de passar pera Braga, nomeou o Cabido de Braga a dous homens graves de cada Religiaõ, pera que fossem conduzidas com o decoro, que se lhes devia. Dos dous da Companhia foi hũ o Padre Lima: quando lhe deram o aviso, tendo aquillo por estimaçam, que delle se fazia, pedio com grandes veras o escusassem, dizendo ser hum idiota, & Coadjutor espiritual, que pera nada prestava, & outras razoẽs deste jaẽs, que naõ tiveram outro effeito, senaõ conhecerse mais sua humildade.

5 Nas

5 Nas cousas de obediencia, em que só concorria mortificaçaõ, ninguem era mais prompto. Estando na Residencia do Canal, o mandou chamar o Padre Provincial, pera que fosse pera o Collegio de Bragança: passava nesste tempo jâ de sessenta annos. Sendo a terra de clima taõ rigoroso, elle sem demora se preparou pera a jornada, mostrando no rosto alegria. Entaõ lhe disse certo Religioso: que a sua idade naõ era jâ pera Bragança: a que elle respondeo alegre: Tudo hâ de ser contemplar na virtude da obediencia, & nada executar? Com a qual reposta deu a entender, quam disposto estava, pera dar à execuçaõ, o que lhe fosse mandado.

6 Pera com os pobres era de tanta caridade, que elle, cingido hum avental, lhe repartia à portaria todos os dias a esmola, que se lhe costuma dar; & chamava algum Irmaõ estudante, que lhes ensinasse a doutrina, dizendo, que pera aquillo naõ tinha prestimo. No ouvir confissoẽs foi incãsavel; aos mais pobres ouvia de melhor vontade, & com os rudes se detinha mais tempo examinandoos, & instruindoos na doutrina Christaã. Ainda que nas confissoẽs era com os penitentes algum tanto severo, nem por isso a gente fogia delle, antes se chegavaõ a elle com mais confiança, & dezejo, de que os ouvisse.

7 Admiravase muyto, quando ouvindo confissoẽs de Religiosos nossos, se lhe dizia algum defeito mais carregado, naõ sabendo, como pudesse cahir semelhante descuido em hum Religioso. Naõ se persuadindo, que outrem cometesse, o que elle naõ faria. A sua consciencia fiava consigo muy delgado, à penas em seus defeitos se acharia macula de culpa venial. Na conversaçaõ era agradavel ainda que com os homens fallava muy pouco, sendo assim, que o trato com Deos lhe levava algumas sete horas. Nunca o viram ociozo; no cubiculo ou rezava, ou se ocupava em alguma outra cousa. Quem o naõ achasse no seu cubiculo, o avia de buscar em o coro, onde cessando as obrigaçoẽs, era certo.

8 Este trato com Deos se vio mais em o Noviciado de Lisboa, onde a solidam convida ao trato com Deos. Alli compos humas devotas meditaçoẽs, nas quais estampou o fervor de seu espirito. Alli era o primeiro nos officios humildes, & tambem se deu com cuidado ao estudo dos ca-

zos de consciencia. Todos os annos tinha dez dias de exercicios espirituais de Sancto Ignacio: nestes a penas sofria, que alguem lhe falasse, querendoos somente pera fallar cõ seu Deos.

9 Foi homem, em cuja lingua se naõ ouvio murmuraçaõ, a todos respeitava, & venerava. Cuidouse, que tivera revelaçaõ de sua morte, porque disso deu alguns sinais. Logo, que se sogeitou à cama, visitandoo certo Padre lhe disse, pera o alegrar: Tambem os Atlantes cahem, meu Padre Lima? Respondeo: jâ nos naõ falta senaõ a Igreja. Tendo grandes dores, naõ se lhe ouvio palavra, em que as significasse, levandoas com admiravel paciencia. Depois de recebidos os Sacramentos acabou sanctamente em Braga no anno de 1660 aos 6 de Janeiro. Ouve particular sentimẽto em sua morte, & todos a boca chea o chamavam sancto. Procuravam aver reliquias suas. O Padre Andre Cardozo, que morreo sendo Cancellario da Universidade de Evora, & na carta Annua escreveo suas virtudes, dis que estimava em muyto suas disciplinas, as quais conservava ensangoentadas. Hum fidalgo muy illustre pedio suas contas dizendo, as pezaria a ouro, porque lhas dessem.

Em Coimbra aos 13. de Março de 1641.

10 *O Irmaõ Manoel de Almeyda* naceo em Alheira no Arcebispado de Braga. Nesta cidade começou a estudar com grandes mostras de feliz engenho, porque em dezoito mezes de estudo soube muy bem o latim. Era o melhor de seus condiscipulos no saber, & na virtude. Naturalmente foi modesto, & bem inclinado. Todos os dias ouvia Missa, & prégaçaõ, quando a avia no Collegio. Estranhava tanto travessuras, & trato menos grave, que jâ o conheciaõ, & diante delle eraõ obrigados os condiscipulos a estar compostos. Sua vida era de moço innocente.

11 O Senhor, que o queria pera si, lhe deu hum fervente dezejo de ser Religioso. Costumava elle ir todos os sabbados visitar huma imagem de Nossa Senhora, em hum mosteiro da Piedade, que fica algum tanto afastado de Braga. Alli diante da Senhora, elle, & outro estudante seu amigo fizeram firme proposito de se abraçar com a Cruz de Christo em Religiaõ. Ambos o cumpriraõ na Companhia. Teve tanto gosto de o aceitarem na Companhia, q̃ dizia alguns dias antes de entrar a seus Irmaõs, que se lhe dissessem, que naõ avia de ser Apostolo, & que os Padres o naõ queriaõ, de pasmo morreria.

12 Aos

12 Aos estudantes, aquem tomava liçaõ, levava com taõ bom modo, que dando conta dos que a naõ sabiaõ (o que fazia com huma summissaõ, & encolhimento, olhando pera o Mestre, o qual no rosto lhe lia o sentimento, que tinha de ver castigar alguem) nenhum se escandalizava delle. Depois, que entrou em dezejos de ser da Companhia, frequentava muyto a nossa Igreja, tendo nella oraçaõ, & commungando a meudo; por isso diziaõ delle os Condiscipulos, que jâ era Apostolo. Sabendo elles, que estava aceito, lhe rogavam mil bens, porque todos o amavaõ grandemente, & diziaõ, que bem certas lhe sahiraõ as sospeitas, que tinhaõ, de que avia de ser Apostolo. Na tarde, em que o avisaraõ pera entrar, o levaraõ os Mestres ao refeitorio, onde nenhuma cousa quis comer, dando por reposta, que com o prazer, que tinha de estar recebido na Companhia, se lhe fora o apetite de comer.

13 Foi ser Noviço a Lisboa, onde entrou na Companhia aos 23 de Dezembro de 1638. Estando na primeira provaçaõ, parecia Noviço provecto no tempo de Religiaõ. Fallava de Deos com tal modo, & fervor, que a todos espantava. Naõ se queria, senaõ como os mais, assentar no cham. Logo se poz em huma modestia taõ serrada, como se jâ andasse com a roupeta. Sendo elle este, antes de se por em andar com os Irmaõs, bem se infere, qual seria depois. Se lhe davaõ alguma reprehensaõ, naõ por faltas, que elle fizesse, pois ninguem se lembrou, que por esta causa lhe dessem alguma penitencia, ainda leve, mostrava tanta serenidade, que nunca se lhe vio mostra de impaciencia, antes recebia as reprehensoẽs com rosto alegre, como quem gostava muyto de ser mortificado, & desestimado.

14 Tendo seis mezes de Noviciado, seu Mestre o Padre Francisco de Tavora lhe entregou alguns Irmaõs, pera os instruir, avendo outros mais antigos, que o podiaõ fazer. Nas devaçoẽs, & cousas espirituais parecia incansavel, sempre as fazia de joelhos, ou em pé. Era muy amigo dos exercicios de humildade, & com huma sancta sofreguidaõ se pegava sempre, ao que sentia mais repugnancia. Nunca se lhe ouvio palavra, que cheirasse a proprio louvor. Os mais o punhaõ huns aos outros por exemplo de Noviços perfeitos, & em quem se ve muyto de Deos. Folgava muyto de levar, & trazer a panela dos pobres, & de a lavar cõ asseyo, & curiosidade.

15 Nun-

15 Nunca replicou, ao que o companheiro mais antigo lhe dizia; tanto, que alguma vez o Padre Reytor lhe chegou a dizer por modo de graça: Basta, que obedeceis mais ao companheiro, do que amim? Isto dizia, porque algumas vezes lhe mandava fazer alguma cousa, sem saber, que o Padre Reytor lhe tinha dito o contrario, & o bom Irmaõ com huma sancta singeleza, supondo teria o Irmaõ outra ordem, à risca lhe obedecia. Se lhe perguntava alguma vez o companheiro em cousa de trabalho, se tinha ordem encontrada do Padre Reytor, elle se calava, por naõ mostrar, que se queria forrar ao trabalho, & constrangido, em voz, que mal se entendia, dizia somente; Que sim.

16 Nas acçoẽs de obediencia era a mesma pontualidade. Muytas vezes quando se dava sinal a ir emendar as materias, se via levar a letra meya feita, porque no ponto que dava o sinal, cessava em continuar a letra, em que estava com a pena. Na guarda das regras se pode bem igualar aos nossos sanctos Religiosos, que costumamos propor como exemplares da observancia. Huma vez disse ao companheiro, que hia ao Padre Reytor, & que logo vinha, porque hia pedir licença pera beber. Tardou quasi meya hora. Depois no tempo de fallar lhe perguntou o cõpanheiro, se ficara dando conta depois de pedida a licença? Respondeo, que naõ, mas que logo se viera. Perguntado, onde se detivera tanto, deu por reposta com a boca cheya de rizo, que antes, que fosse pedir licença, guardara a regra, que diz, que se recolhaõ a ter oraçaõ, & que tivera hũ quarto de oraçaõ, antes que fosse ao cubiculo do Padre Reytor.

17 No silencio foi taõ observante, que naõ respondia ao companheiro, senaõ perguntado a segunda vez, que parece considerava primeiro, o que avia de responder. A sua ordinaria reposta era, sim, ou naõ, conforme o conselho de Christo. Amava muyto a sancta pobreza, & sempre pera si tomava o peyor. Indo huma vez tomar a capa, trouxe a mais rota, o companheiro lhe mandou buscar outra melhor: trouxe a segunda, que pouco se differençava da primeyra; athe que finalmente lhe ordenou trouxesse a melhor de todas, o que fez, por se acomodar com a sancta obediencia. Procurava, quanto em si era, aliviar aos outros do trabalho: por isso quando hia à quinta, fazia sempre

pre por trazer algumas coufas das alfayas do refeitorio, q̃ de caza fe tinhaõ levado. Sendo de pouca idade, naõ avia trabalho, com que fenaõ abraçaffe.

18 Em fuas devaçoẽs era muy frequente, & affectuofo. Ordinariamente o achavaõ na tribuna do Sanctiffimo Sacramento. Nos dias fanctos, acabado o tempo de fallar, hia pera hum cubiculo, que eftava como capella, por ter em fi o *Ecce homo*; onde gaftava meya hora em oraçaõ, & tambem tomava ordinariamente fua difciplina. O cilicio punha muytas vezes, tirandoo humas ao jantar, outras à noyte. Dormia fobre as taboas da barra todas as vefporas de Noffa Senhora. Levantavafe muytas vezes antes da communidade, & tinha huma hora inteira de oraçaõ.

19 Comia frequentemente no chaõ, em pé, & de efmolas, & paõ dos pobres, tanto que parecia ter feito propofito de nunca comer na meza. Na devaçaõ da Senhora foi exceffivo. Quem o quizeffe achar, o tinha certo na fua capellinha dos enfermos. Alem do Officio ordinario rezava o da Conceyçaõ. Tinha modo particular de rezar a coroa da Senhora. Em hum quaderninho de maõ, que fez em o Noviciado, tem as palavras feguintes: Antes de começar o Officio, direi o hymno: *Veni Creator Spiritus.* Alem difto direi aquella oraçaõ, que diz: *Ure igne, Sancte Spiritus.* O que no Officio fe hâ de guardar, he ifto: rezalo alternativamente por imaginaçaõ com a Virgem Noffa Senhora, tirando, que nas Matinas aquellas liçoẽs da Sagrada Efcritura fingirei dizelas a Virgem, & logo direi tudo o mais, que a Igreja acrefcenta, & aquellas faudaçoẽs à Senhora de Laudes, & Vefporas, fó as direi, & tambem ao acabar do Officio fó nas Completas.

20 Naquella liçaõ: *Ego mater dilectionis*, dirâ a Virgem Senhora; & logo fó direi o Cantico de Simeaõ com tudo o mais, confiderando, que quem tem ouvido tantos louvores à Senhora, & da Senhora, naõ lhe falta nada, & affim o direi em acçaõ de graças. Alem difto todos os *Gloria Patri*, hum acto de amor de Deos, & nas antifonas da Senhora hum acto conforme a fignificaçaõ; acabando com as ladainhas da Senhora, & varias oraçoẽs. Athe aqui as palavras defte virtuofo Irmaõ.

21 Era devotiffimo de Saõ Jozeph, rezando-lhe fempre o feu Officio. Naõ fe pode declarar a devaçaõ, que

teve pera com o Sancto Bautista. As devaçoẽs, que lhe fazia, eraõ muytas. Fallava de suas virtudes com grande fervor. Sua liçaõ espiritual entre dia era ler a vida do Beato Luis Gonzaga, & della assim mesmo fallava com muyto espirito. Tambem foi muy devoto das sanctas almas do Purgatorio, esta devaçaõ procurava infundir nos outros. Todos os dias rezava as ladainhas dos Sanctos, que segundo o costume da Companhia lhe tinhaõ cahido por sorte os mezes, que della tinha. Estes hia escrevendo em hum quaderno, em que tinha escritas outras devaçoẽs.

22 Tinha as horas do dia repartidas por varios sanctos, a quem nellas se encomendava; & dizia assim nos seus apontamentos: Estes sanctos saõ, pera que cada hum me guarde de offender a Deos naquella hora, que aqui està posto; rezando todas as horas alem da Salve Rainha hum Padre nosso, & huma Ave Maria com alguns colloquios, & suspiros. Tinha sinco sanctos, aos quais tinha encomendado a guarda dos sinco sentidos: a saber, o ver a Saõ Bernardo, o ouvir a Sancto Aleyxo, o gostar a Saõ Paulo, o cheirar a Saõ Ioaõ de Deos, o apalpar a Saõ Francisco Seraphico.

23 Acabado seu Noviciado foi mandado estudar a Coimbra. Por ter alli alguns conhecidos, disse, que folgara antes ir, pera onde estivesse escondido em algum canto. No caminho sempre tomava disciplina, & se algum dia o naõ podia fazer, a dobrava no dia seguinte. Indo o Companheiro a cavallo lhe disse, que alugasse outra cavalgadura; ao que elle agradecendo-lhe a caridade, respondeo, que em quanto tivesse seu corpo naõ tinha necessidade de pés alheyos.

24 Entrou em Coimbra dia de Sancto Thomas de Aquino, sendo examinado foi mandado à terceira classe; onde andou somente quatro dias. Aos treze de Março aos tres quartos pera as tres da tarde se recolheo em parte, onde naõ podia ser facilmente achado. Os companheiros, q̃ com elle hiaõ pera a classe, foraõ, & nada disseraõ athe as sete horas. Entaõ advertindose mais nisto, o foraõ achar em lugar fechado por dentro opprimido de hum grande accidente, que lhe tolhera a falla. Foi levado em braços pera hum cubiculo, aonde acabou de espirar em 13 de Março de 1641. Ouve sinais, de que o accidente procedera

de

de postema, que lhe arrebentou. No dia antes se tinha confessado, & cõmungado, & sua vida era taõ sancta, que sempre estava disposto pera esta ultima hora.

CAPITULO XLIX.

Vida, & virtudes do Irmaõ Luis Soares estudante.

Evora 29. de Julho de 1705.

1 COm muyta razaõ se pode dizer dos nossos dous amantissimos Irmaõs Francisco Pacheco, & Luis Soares, o que no seu pranto disse David: *Saul, & Jonathas amabiles, & decori in vita sua, in morte quoque non sunt divisi.* Foraõ as vidas destes dous Irmaõs em tudo muy semelhantes, & esta boa semelhança os fez entre si muy amigos em o Senhor. Ambos eraõ companheiros de cubiculo, ambos no mesmo dia adoeceraõ, o Irmaõ Pacheco morreo em huma segunda feira, & na seguinte segunda feira nos levou Deos ao Irmaõ Luis: de ambos ouve igual opiniaõ de virtude, nos que com elles tratavaõ, & viaõ mais de perto seus bons procedimentos. A vida do Irmaõ Pacheco vai escrita em outro lugar. O Irmaõ Luis Soares naceo na cidade do Porto. Em estudante teve grande inclinaçaõ aos exercicios de virtude, macerando seu corpo com cilicio, & disciplina. Esta tomava elle frequentemente nas costas, de que se seguio ter taõ sentida esta parte do corpo, que na Companhia naõ avia cousa pera elle mais penosa, que as disciplinas, que conforme o nosso louvavel costume tomamos no refeitorio nas vesporas dos dias mais solemnes; mas a ellas nunca faltou. De idade de dez annos athe entrar na Companhia jejuou alem dos sabbados da Senhora, todas as Quaresmas, & mais dias, que a Igreja manda jejuar.

2. Reg. 1. 23.

2 Inclinouse a ser Religioso de Saõ Francisco; esteve aceito na ditta ordem: cada dia esperava pella patente do Padre Provincial, pera tomar o habito. He certo, que lha remeteo, mas ella por estas, ou aquellas cousas, nunca lhe chegou à maõ. Enfadado destas demoras, porque o estava tambem do mundo; pedio com grande instancia a Companhia, & dentro de pouco tempo foi admittido nella, dando graças a Deos de conseguir taõ depressa estes dezejos; si-

final de que Deos queria o ferviffe antes na Companhia. Pera apreffar a fua pertençaõ veyo bufcar a Coimbra ao Padre Provincial, o qual fe pagou muyto do feu fervor, & vifto fer taõ grande, o aceitou.

3 Foi tomar a roupeta, & fer Noviço em Lisboa: alli entrou aos 11 de Fevereyro de 1703, fendo jâ de idade mais crecida, que a ordinaria, de que coftumamos receber os eftudantes, porque paffava de vinte annos. No mefmo dia com elle entrou outro, que tambem viera do Porto; & no mefmo fe foi do Noviciado, fem fe atrever com a vida, antes de a experimentar; ainda que o Irmaõ Luis fentio o defacerto do companheiro, naõ foi iffo parte pera o esfriar; antes depois fe reconhecia mais obrigado a Deos, por naõ permittir nelle femelhante defvario.

4 Pera dizer, que neftes dous annos procedeo como fancto, baftava dizer, que foi Noviço, como os quer a Cõpanhia. Naõ avia nelle genero algum de dobrez, em tudo muy lifo com Deos, & com os Superiores. Na fua boca naõ fe vio, nem della fe ouvio palavra impertinente, de que fe naõ pudeffe tirar fruto. Por ventura daqui naceo, que alguns menos perfeitos naõ tinhaõ tanto gofto de eftar com elle nos repouzos; & como outros notaffem ao Superior o defvio, que eftes procuravaõ ter naquelle tempo do Irmaõ Soares: eftranhando-lhes o Padre Reytor a fua imprudencia, lhes diffe: Naõ goftais do Irmaõ Soares, porque naõ fois taõ perfeitos como elle he; & a fua virtude he hũa tacita reprehenfaõ das voffas diftracçoẽs, & da voffa pouca perfeiçaõ.

5 O feu fallar mais ordinario era das excellencias da Senhora, a quem tinha entranhavel amor. O feu officio rezava fempre de joelhos, & nelle gaftava largo tempo, pella maior parte mais de huma hora. O dezejo de fe avilitar foi huma das fuas principais virtudes: a effe refpeito agenceava, que na cozinha fe lhe deffem quafi fempre as alfayas mais cuftofas de esfregar, & niffo moftrava ter particular gofto; affim por fe mortificar mais, como porque os outros ficaffem mais alliviados.

6 No veftido era mais amigo do que mais conduzia pera o defprezo: as fuas roupetas lâ dava modo, com que fempre foffem curtas, & affim as trazia ordinariamente. Prefentio, que hum Irmaõ grande, que fora cozinheiro, fe

des-

desfizera de huns çapatos de boa medida, & muytos remendos; contentouse delles o Irmaõ Soares, & ouve licēça, pera que se lhe desse aquella peça, da qual vivia muy pago, pellas mesmas razoēs, porque outros a rejeitariaõ. Quando ouve de ir pera o Collegio de Evora, naõ obstante serem taõ incommodos os çapatos, pera fazer o seu caminho a pé, naõ os quis largar: por ser a jornada no inverno, & a pè, succedia chegarem os Irmaõs à pousada molhados; & quando o Irmaõ Soares tirava os çapatos, estarem taõ cheos de agoa, & taõ pezados, que tomandoos os Irmaõs nas maõs se admiravaõ, como pudesse com elles levantar os pés do chaõ; & dizendo-lhe, que aquillo naõ era pera se trazer, respondia: Quanto estes, meus Irmaõs, naõ faço eu conta de os deyxar. Isto dizia muyto em seu ser, & muy de veras; mostrando lhe tinha o mesmo amor, que costumam os ricos do mundo ter a alguma peça de artificio, & valor particular, que trazem em cabeça de morgado.

7 Era muy dado ao sancto exercicio da oraçaõ. Alem dos tempos ordinarios, gastava nella o mais tempo, que podia. Nos dias de exercicios de Sancto Ignacio naõ se contentava com as quatro horas, porque a estas acrescentava mais. Como tambem as visitas do Senhor, & da Senhora nesses dias eraõ mais compridas. Quando peregrinava fazia quanto estava na sua maõ, por naõ começar de menhaã o caminho, sem primeyro aver tido a sua hora de oraçaõ: a qual naõ gostava de ter, indo andando, como nestas occasioens estilaõ, os que peregrinaõ. Ouve occasiaõ, em que foy preciso, partirse logo de menhaã da pousada; hia o Irmaõ Soares muy sentido, por naõ poder ter antes a sua oraçaõ: a pouco caminho andado, vio huma Igreja do campo fechada, & chegandose a ella disse aos companheyros: Meus Irmaõs, aqui avemos de ter a nossa oraçaõ: & logo se pôz de joelhos da parte de fóra; & passado o espaço da hora, continuaraõ o seu caminho.

8 Nestas peregrinaçoens era nas suas devaçoens exactissimo; tinha elle tantas, que só em commemoraçoens, que fazia depois de rezar o officio, lhe succedia gastar tres quartos de tempo; porque tudo fazia muy pausado. Por lhe naõ faltar o tempo, nem as guardar pera a noyte, pedia aos outros Irmaõs se fossem diante fallando entre si, &

elle ſe hia alguma diſtancia mais atrâs comprindo com as devaçoens. Neſtas peregrinaçoens naõ obrava couſa, que naõ foſſe de exemplo aos cõpanheyros. Se algum hia mais canſado, elle lhe tomava os alforginhos, & os levava juntamente com os ſeus. Do paõ, que recolhiam das eſmolas, elle ſe pegava, pera o ſeu ſuſtento, ao paõ de rala. Contou hum dos Irmãos, que o acompanhou, que na peregrinaçaõ, que fizera com o Irmaõ Soares, Deos os provera ſempre abaſtadamente, que devia ſer pello cuidado, que tinha deſte ſeu ſervo. Quando em alguma hoſpedagẽ lhe davaõ huma ſó cama pera todos, o Irmaõ Soares ſempre queria, & procurava ſer, o que dos tres avia de dormir veſtido no meyo dos dous Irmaõs, pera que elles deſcanſaſſem entre os lançois.

9 No cubiculo eſtava muyto de joelhos, ordinariamente neſta poſtura o achavam, quando eſtava ſó no cubiculo. Diante do Senhor na tribuna gaſtava largo tempo. Nos dias de communhaõ, depois do quarto, que todos gaſtaõ em dar graças ao Senhor, elle ſe deyxava ficar por mais tempo: nos tais dias jà o Irmaõ Noviço ſabia, que alli o avia de ir avizar pera ir com os mais a tomar o ſeu almoço. O tempo antes da Miſſa tambem o gaſtava em oraçaõ, quando avia de commungar. Pera dar expediçaõ ao muyto, que rezava, quaſi ſempre andava com as contas na maõ. Sendo dos mais pontuais em acudir aos exercicios ſanctos, era o ultimo, que depois de acabar o tempo, ſe recolhia do lugar, em que ſe coſtumaõ fazer. Finalmente o Irmaõ Soares foy Noviço de grande, & ſingular perfeyçaõ; muy candido, & ſincero, & de veras dezejoſo de ſe apurar nas virtudes: na obediencia pontualiſſimo, que ſoar o ſinal da campa, & acodir elle era o meſmo. Era muy affeyçoado à liçaõ eſpiritual, particularmente de hum livrinho, que trouxera, quando entrou, do qual uſou ſempre, & lhe chamava o ſeu *fidus Achates*.

10 Foy Irmaõ, de quem diſſeram uniformemente os que foraõ Noviços com elle, que nos repouzos nunca diſſe palavra, que naõ foſſe de Deos. Que nunca lhe ſahio da boca palavra, que foſſe moleſta, ou offendeſſe a algum Irmaõ. Que nos dias de quinta a ſua mayor aſſiſtencia, depois de jugar por ſeu turno, quando o avizavaõ, era na capella, com licença, que pera iſſo pedia: & alli lhe

hiaõ

hiaõ dar o avizo, quando avia de entrar no jogo, pera se recrear com os mais: que parecia naõ ter este Irmaõ alivio cabal, se naõ estava com o corpo diante de Deos, que quanto o pensamento de crer he, q̃ nunca delle se afastava.

11 Entre tantos exercicios de sanctidade gastou os dous annos de Noviço. Pouco tempo antes de entrar nos ultimos exercicios, depois de avizado pera os votos, lhe perguntou o Padre Reytor: Quando era o dia, em que avia de entrar em exercicios? Respondeo, que era, quando sua Reverencia ordenasse; o mesmo respondeo ao Irmaõ Sottoministro, que o dia era, quando parecesse ao Padre Reytor. Elle mesmo contou aos Irmaõs, que na vespora de fazer os seus votos gastara muyta parte da noyte em se aparelhar, pera os fazer com perfeyçaõ, & fervor. Quando na mesma vespora tomou a sua disciplina nas costas, como he sancto costume dos nossos Irmaõs, que acabaõ o Noviciado, & disse a sua culpa, fes esta acçaõ acompanhada de tantas lagrimas, que quasi naõ podia pronunciar as palavras, enternecendo aos Irmaõs, que o ouviraõ.

12 Este cabedal de virtudes, ou o cabedal, que estas cousas denotam, tinha grangeado o Irmaõ Soares; quando foy mandado estudar ao Collegio de Evora: foram seus companheyros dous Irmaõs Noviços, dos quais era hum o Irmaõ Francisco Pacheco, que jà hia avizado pera fazer os seus votos. Nesta jornada deu o Irmaõ Soares os exemplos, que costumou nas outras peregrinaçoens. Dizia aos Irmaõs, que elle nos seus estudos nada esperava de si, nem de si fiaria cousa alguma, mas muyto no amparo da Virgem Senhora, a quem tinha escolhido por protectora sua muy especial. Tinhalhe elle cordialissima devaçaõ, & lhe fazia muytos obsequios, por isso confiava tanto no seu patrocinio.

13 No Collegio de Evora se hospedou em o Noviciado, & nelle esteve alguns mezes: avendose com tanta compostura, sesudeza, & assistencia nas capellas, q̃ depois de tempos disse o Padre Mestre dos Noviços a seu companheyro: Padre, este Irmaõ me parece cousa, que tem muyto de Deos; porque o seu modo em tudo naõ està sem virtude solida. Respondeo o Padre: nessa mesma opiniaõ vivia eu. Em todos os mezes, que viveo depois de Noviço, naõ desdisse em cousa alguma da sanctidade, que trou-

trouxera do Noviciado. Na oraçaõ era tam continuo, q̃ achandoo o Superior nas capellas em tempos de estudo (cuidava o bom Irmaõ o podia fazer) o mandava recolher ao seu cubiculo dizendolhe, que no tal tempo a boa oraçaõ era estudar bem.

14 Quando hia com os mais Irmaõs ouvir o sermaõ à Igreja, antes de elle principiar, se retirava pera hum canto da tribuna, & se punha em oraçaõ, ou rezava pellas horas. Depois de ouvir a sua Missa na capella, se deyxava ficar ordinariamente de joelhos por espaço de hum quarto. Nos dias antes da festa de Corpus Christi, por se andar armando a capella, permittem aos Irmaõs ter o seu exame nos cubiculos, que he costume entre elles ter na capella; o Irmaõ Soares se hia ao retrete da livraria, & alli diante de huma cruz, que está sobre a estante, gastava os tempos do exame, por lhe parecer, que assim era mais conforme ao costume de se naõ ter no cubiculo.

15 Nas suas praticas procurava meter sempre consideraçoens sanctas; particularmente nas vesporas de communhaõ, perguntando, cõ q̃ consideraçaõ se poderia no dia seguinte receber melhor ao Sanctissimo? E como alguns naõ dizendo consideraçaõ algũa lhe pedissem, propuzesse elle a sua: o fazia logo procurando despertar nos mais os fervores, que elle em si queria. Succedia algumas vezes acharse com Irmaõs, que gostam mais de outras praticas, como de estudos, ou cousas indifferentes, & a prezença do Irmaõ Soares, por só querer fallar das cousas sanctas, lhes era menos suave: por tanto jà sabiaõ, como o aviaõ de obrigar a se retirar; diziaõ cousas impertinentes, & de que se naõ tirava fruto: entaõ o Irmaõ Soares dando hum ponto na boca, pouco a pouco se hia escoando; & despedindose se hia pera a capella ter oraçaõ, & fallar com Deos, & a rogar por aquelles Irmaõs, pera que fossem inclinados às cousas sanctas.

16 Escrevia o Irmaõ Soares com perfeyçaõ, pediolhe hum dos Irmaõs, lhe tresladasse alguns poemas; desculpouse, dizendo, que tinha muyto, que fazer; & apartandose, se foy pôr em oraçaõ na capellinha de nossa Senhora da Modestia do Noviciado: dahi a pouco espaço de tempo indo em sua busca aquelle Irmaõ, que lhe pedira, lhe tresladasse as poezias; & achandoo em oraçaõ,

lhe

lhe disse: Isto he, Irmaõ, o que elle tinha, que fazer? Respondeo mansamente: pois que? Irmaõ, isto naõ he mais, que todos esses versos?

17 Todos os Irmaõs affirmaram, que no Recolhimento naõ dissera palavra, nem que de longe cheyrasse a huma leve murmuraçaõ, nem que molestasse a alguem: antes era taõ accommodado, que em tudo cortava sempre por si. No jogo, em que he facil cahir huma palavra de enfadamento, a naõ ouvio alguem da boca deste Irmaõ. Antes gostando muyto estar em o Noviciado, quando lhe mandaraõ, passasse a morar no Recolhimento, disse: tinha nisso gosto, só por naõ ser de pena com as suas idas, & vindas ao Irmaõ Noviço, que tinha cuidado da portaria, a quem lhe parecia, naõ podia deyxar de ser molesto. Se algum Irmaõ o reprehendia, ou se enfadava de alguma sua inadvertencia; a sua reposta era hum profundo silencio, & sofrer com toda a paciencia. Se no jogo se seguia pera jogar, & tendo jà pegado no malho, via que outro se levantava pera o mesmo; logo o punha de parte, dando lugar a que o outro entrasse no jogo.

18 No refeytorio comia muytas vezes no chaõ, & de esmolas, & beijava os pés: eraõ nelle tam ameudados estes exercicios, que na menhaã, em que no Collegio se divulgou o seu falecimento, naõ cahindo hum Religioso do Collegio, em que Irmaõ fosse: perguntou, se acazo era hum, que no refeytorio andava sempre a comer no chaõ, de esmolas, & a beijar os pés? E dizendoselhe, que esse era, disse que lhe parecia ser sancto. Tambem hia frequentemente lavar a louça à cozinha. Em pedir licença pera as cousas ainda mais meudas, se via o particular amor, que tinha assim à sancta pobreza, como às regras, & ordens dos Superiores, contra as quais naõ cometteria advertidamente o minimo defeyto. Disse o seu Padre Ministro, que neste particular naõ vira Irmaõ, que fiasse mais delgado: & porque entre a lida, que o Padre tinha, sentia alguma importunidade sancta no pedir das licenças deste servo de Deos; lhe deu alguma em geral, por se livrar de lhe ir tam frequentemente à porta do cubiculo.

19 Das faltas, que via necessitarem de emenda em alguns Irmaõs, as dizia ao seu Padre Ministro; pedindolhe, que somente os avizasse sem penitencia, porque

puzessem cobro sobre suas acçoens. No Recolhimento foy sempre companheyro do Irmaõ Francisco Pacheco em hum cubiculo dos mais proximos à porta do Recolhimento, porque tinhaõ a seu cuidado acodir à campa da porta. Disseram alguns Irmaõs ao Irmaõ Luis Soares, que se escusasse daquelle cuidado de ser porteyro; a isso respondia; que lá estava o Padre Ministro, que dispuzesse, o que julgasse; que elle em tal cousa naõ avia de falar. O Irmaõ Pacheco sentindo, que aquellas persuasoens pudessem obrigar ao Irmaõ Soares a procurar outro cubiculo: lhe pedia tal cousa naõ fizesse; porque lhe custava muyto carecer de taõ virtuoso companheyro. Assim se conservaraõ no mesmo apozento estes dous benditos Irmaõs, dandose hum ao outro sanctos, & virtuosos exemplos. Ambos com o apetite de estudar; sem attender aos incomodos, que os excessos trazem à saude, succedia tresnoytarense, levantandose muy de madrugada, quando as suas idades pediaõ dormir.

20 Finalmente foy Deos servido, que no mesmo dia adoeceraõ, & foy necessario passarem ao Irmaõ Soares pera outro cubiculo: a doença ao principio naõ mostrou taõ maos sintomas, como a do Irmaõ Pacheco; mas foy lavrando mais de vagar. Tratou logo de se dispor pera o caminho da outra vida. Tinha elle taõ bem ajustada a sua vida, que considerar na morte, lhe naõ dava genero algum de abalo: quando lhe fallavaõ em vida, ou em morte: a sua reposta era: O que Deos quizer. A paz, & tranquillidade era tanta, quanta explicar se naõ pode: que he a ditta, de quem antes de chegar à morte, se tem disposto pera ella com huma vida sancta, como o tinha feyto este servo do Senhor. Recebeo os Sacramentos com grandes affectos significadores do seu muyto amor de Deos.

21 Depois intendendose o mal, lhe deu em delirios; nelles mostrou sempre os bons habitos, que na vida tivera: vindolhe à boca muytas cousas sanctas, como dizer, que os Sanctos Anjos lhe andavaõ baylando por sima da cabeça. Que o Sancto Xavier o queria levar pera as missoens, & cousas deste, & semelhante jaes: frequentemente dizia aos Irmaõs, que lhe assistiam, ou entravam no cubiculo: Irmaõs, alegria, alegria, & elle a mostrava muy particular. Na noyte ultima de sua vida, fazendolhe

o Pa-

o Padre, que assistia, colloquios, elle os hia repetindo com a voz cansada: por mais que o Padre lhe dizia repetisse aquellas cousas só lá no coraçaõ, toda via forcejava com a voz. Nesta forma foy passando athe junto das duas horas depois da meya noyte, nos vinte, & nove de Junho dia dos Apostolos Saõ Pedro, & Saõ Paulo, & naquelle tempo com grande paz, & sossego se desatou aquella ditosa alma do corpo; & se foy pera seu Creador, a quem taõ deveras tinha servido. He cousa digna de grande ponderaçaõ o ser sua morte dia dos gloriosos Apostolos Saõ Pedro, & Saõ Paulo: porque foy devotissimo destes dous Sanctos. Quando de Lisboa veyo pera Evora disse hum dos companheyros, que era notavel o affecto, que o Irmaõ Soares mostrava ter a estes Sanctos, fallando delles como de seus singulares protectores, & como quem os venerava, & obsequiava com especialidade. Cubriraõ tambem os Irmaõs o corpo do Irmaõ Soares, assim como tinhaõ usado com o do Irmaõ Pacheco, com muytas flores, & cravos, & outras hervas cheyrosas; todas simbolo das muytas virtudes, com que sua alma tinha florecido em vida. Foy o Irmaõ Luis Soares de muyta bondade, grande affecto às cousas de Deos; nos seus gestos, & acçoens pausado, & modesto: o semblante de si estava dizẽdo virtude, & sanctidade; nem palavras, nem obras avia nelle, que espirassem outra cousa: tal foy o Irmaõ, que o Ceo brevemente nos roubou, como invejozo, de que estivesse mais na terra, quem se tinha feyto taõ merecedor da gloria em pouco mais de dous annos, & quatro mezes, que viveo na Companhia. Do Irmaõ Soares dis em huma carta sua o Padre Reytor do Noviciado de Lisboa estas palavras: *Eu sempre tive ao Irmaõ Soares por bom, & verdadeyro, sincero, & sem refolho algum; & na consulta da provincia pera os votos disse eu, que naõ só era bom Noviço, santinho, mas me parecia indistrahivel.* Athe aqui a clausula da ditta carta; que bem se deyxa ver o muyto, que dis em poucas palavras.

22 O pay do Irmaõ Luis Soares escrevendoselhe a morte do filho, fallando dos procedimentos, que tivera antes de ser da Companhia, dis o seguinte: *Desde que teve uso de razaõ, começou a ser inclinado a boas obras, indo todos os dias à Missa com muyta devaçaõ, rezando todos os dias à*

Senhora o ſeu Roſario, jejuandolhe todos os Sabbados: tendo muytas devaçoens a varios Sanctos. E de dez, ou doze annos de idade começou a uzar de ſeu cilicio, & indo todas as ſegundas, quartas, & ſeſtas feyras à diſciplina, & oraçaõ à capella dos Terceyros, & os mais dias, q̃ là naõ hia a tinha ſempre em caza. Todos os Domingos ſe cõfeſſava, os annos primeyros com os Padres Carmelitas, athe os quatorze, ou quinze, & ao depois athe ir pera a Companhia ſe confeſſava com os Padres Congregados. Filho, que nunca deu cauſa aos pays de o caſtigarem, ſempre obedecendolhes em tudo, o que lhe ordenavaõ. Sempre paciente em alguma affliçaõ, que tiveſſe; nunca agravou a peſſoa alguma; a todos agradava. Entre oitenta, ou cem condiſcipulos, que ſeu Meſtre trazia, elle era o de que mais ſe agradava. Foy ſoldado dous annos aqui no Porto, aquelles proximos a ſe recolher na Companhia; mas nem por iſſo deyxava de ouvir Miſſa todos os dias, nem de ſatisfazer ao mais aſſima ditto. Iſto paſſa na realidade. Athe aqui parte da carta do pay do Irmaõ Luis Soares por ſuas meſmas palavras. Donde ſe ve, que o Irmaõ Soares jà era muyto dado a Deos antes de entrar na Companhia.

CAPITULO L.

Vida, & morte do Padre Amaro Fernandes.

Evora 2 de Maio de 1705.

1 O Padre Amaro Fernandes homem de ſingular virtude, & grande bondade nos deyxou cheyos de ſaudades, pois quando a Companhia eſperava começar a recolher os fructos dos ſeus eſtudos, & do augmento de ſuas virtudes, foi Deos ſervido de o levar pera ſi ſendo Theologo do quarto anno. Naceo eſte Padre na Villa de Montalvaõ em o Biſpado de Portalegre: neſta cidade eſtudou latim, pertendeo a Companhia, & foi admittido nella; deu principio ao ſeu Noviciado em Lisboa aos 29 de Setembro de 1689, tendo 17 annos de idade. Foraõ ſempre ſeus procedimentos de verdadeiro Noviço. A Coimbra foi cõtinuar nos ultimos mezes o ſeu Noviciado, & alli fez os votos, & eſteve algum tempo, athe que com outros Irmaõs foi mandado eſtudar Philoſophia em Evora. No fim deſte eſtudo o mandaraõ enſinar latim na Ilha de Saõ Miguel.

Vol-

Voltando pera o Reyno, enſinou a meſma faculdade no Collegio de Setuval, & dalli veyo eſtudar Theologia em Evora, aonde foi ſua morte; como diremos depois de dar huma breve noticia de ſuas virtudes.

2 Todos entendem, que na vida religioſa a origem das virtudes, & fonte dellas he o trato familiar com Deos na oraçaõ. Naõ ha duvida, que o Padre Amaro fez della o ſeu primeiro cabedal. Logo de Noviço ſe foi vendo, quã-to a ella era inclinado. Porque com Deos gaſtava o tempo, que lhe ſobrava das occupaçoẽs, que eſtavaõ a ſeu cargo. Humas vezes diante de huns reziſtos ſanctos, que tinha no ſeu cubiculo; as mais na tribuna diante do Sanctiſſimo: & reparouſe, que ſempre ſe punha a hum dos cantos mais eſ-curos della, por ſe naõ dar fé da muyta aſſiſtencia, que alli fazia.

3 Pellos annos adiante tambem era achado muytas vezes em oraçaõ no cubiculo fora dos tempos, em que to-dos oraõ. Pellas quarenta horas, & ſomana ſancta na quinta feira, o achavaõ alta noyte tendo oraçaõ diante do Senhor, taõ immovel, que parecia homem todo elevado em Deos. Na ſeſta feira ſancta de menhãa indo com outro Religioſo correr as Igrejas, onde avia ſepulcro, o Padre Amaro em todas fazia a ſua oraçaõ com grande pauza, & naõ como de corrida; & notouſe, que ſó ao deſpedirſe abria os olhos pera o ſepulcro, & logo os compunha, & ſe retirava; dando a entender, naõ eraõ as ſuas idas, pera ver a curioſidade dos ſepulcros, & apparato das Igrejas, mas ſó pera em diverſos templos fazer reverencia ao Senhor. Na capella da Con-ceyçaõ do Collegio de Evora gaſtava muytas horas, em eſ-pecial nas ſeſtas feiras da Quareſma, quando eſtava deſcu-berta a ſancta imagem de Chriſto morto, que eſtà debayxo do altar: diante della ſe detinha horas eſquecidas, ſem dar fé, de quem entrava, ou ſahia. Naõ era eſta oraçaõ ſó nos templos, & capellas, aonde era certo, quando naõ eſtava no cubiculo; mas tambem quando hia pellos corredores, porque ſe avia com hum modo, que denotava andar com o penſamento em Deos. Quando neſtas occaſioẽs lhe per-guntavaõ alguma couſa, reſpondia como homem paſmado, & que tendo o ſentido fixo em outra couſa, o apartavaõ da ſua conſideraçaõ. Nas aulas, quando eſcrevia, ou aſſi-ſtia às explicaçoẽs, dava de ſi muytos ſinais de quem levã-

tava

tava o penſamento a Deos; aſſim o entendia, quem tinha delle mais particular noticia.

4 Do recolhimento das potencias interiores nacia a compoſtura, & recato dos ſentidos exteriores. Os ſeus olhos andavaõ poſtos em terra. Cuidouſe, & com bons fũdamentos, que nunca os puzera em roſto de molher alguma. Antes huma quinta feira ſancta pedindolhe hum Religioſo, quizeſſe ſer ſeu companheiro, pera viſitarem as Igrejas, antes de entrarem ao officio. Reſpondeo, que de boa vontade o acompanharia na menhaã da ſeſta feira ſancta; porem, que naõ era conveniente ir no tempo, que pedia; por andarem as ruas, & Igrejas cheyas de molheres, & que poderia ſucceder dar com os olhos em alguma, contra o que de ſi eſtâ dizendo, & pedindo a modeſtia, & decoro da Companhia. Succedeo dizer-lhe hum Padre, que na quinta feira coſtumava ir a maior parte da cõmunidade; por tanto, que naõ avia, porque dilatar o goſto daquelle Religioſo. Entaõ ſe deyxou vencer. Porem como os Prelados naõ quizeſſem dar licença no tal dia, por ventura pella meſma razaõ, porque repugnava o Padre Amaro: ficou muy alegre, tendo aquella vontade do Superior por grande providencia divina, que naõ queria tiveſſe a modeſtia dos filhos da Companhia o minimo perigo de qualquer deſar.

5 Nas ruas ſempre hia com os olhos cahidos; & quando era companheiro dos que viſitavaõ molheres, eſtava muy modeſto, ſem levantar olhos. Diſſeraõ muytos, que nunca eſtando à meza lhe viraõ os olhos levantados, nem dar fé, dequem andava no refeitorio.

6 Andavaõ eſtas virtudes acompanhadas de grande mortificaçaõ, ſem a qual ellas ſe naõ achaõ. Nunca o viraõ cheirar huma ſó flor: em tempos de primavera quis hum Padre tentar, o que nelle avia de rigor neſta materia, & colhendo huma flor, inſtou com o Padre Amaro, que a cheiraſſe; mas nunca tal couſa com elle pode acabar. O meſmo Padre na ultima doença do Padre Amaro, pera lhe cõfortar o cerebro, abrio huma cayxinha de balſamo apopletico, & lha offereceo, & ainda inſtou, pera que a cheiraſſe: taõ pouco tiveraõ effeito eſtas inſtancias.

7 A cazo trocandoſe o ſeu barrete cõ o de outro Religioſo, eſte lhe achou dentro pregado hum alfinete; & entendeo

tendeo o trazia pera com elle mortificar, & picar as maõs, quando as tinha no barrete. As ſuas diſciplinas eraõ largas, & rigoroſas, & as tomava muytas vezes fora de horas, por naõ ſer ſentido. A continuaçaõ dellas ſe deyxou mais conhecer na ultima doença, quando ſendo neceſſario ſarjalo, tinha as partes, que ſe coſtumam ferir com a diſciplina, taõ callejadas, que a lanceta entrava por ellas com trabalho, & como por couſa enrijada: reparando muyto o meſmo official em couſa pera elle taõ eſtranha. No comer foi muy parco: dizia naõ goſtar de jantares, em que ſe dava mais do ordinario, & nelles naõ comia mais do coſtumado. Na Theologia ſe aſſentava nos bancos de fora por naõ eſtar encoſtado. Sendo Meſtre de latim nas Ilhas, vendo os eſtudantes a ſua modeſtia, modo retirado, & mortificado; diziaõ, ſer bom pera Meſtre de Noviços.

8 Na obediencia deu tantos exemplos, quantas foraõ as acçoẽs de obediencia, que ſe lhe encomendaraõ; pois nunca ſe eſcuſava dellas. A's confiſſoẽs de noyte acodia em o avizando com grande pontualidade, a qualquer hora que foſſe, & dizia ter niſſo goſto. Pera elle baſtava dizerſelhe, que o Superior mandava iſto, ou àquillo, pera ſem replica alguma lhe dar cumprimento. Quando o avizavam pera diſputas, ou concluſoẽs, naõ tinha outra palavra, ſenaõ dizer, que ſim. Tambem ſe notou a muyta pontualidade, com que acodio ao ſinal da campa; de tudo ſe deſembaraçava, em ſoando. Na virtude da pobreza quam exacto foſſe, & quam amante, teſtimunhou o ſeu veſtido interior, que era pobriſſimo; & todas as mais alfayas do ſeu uſo, que eraõ couſa muy limitada. Por naõ gaſtar papel, fazia quadernos das concluſoẽs manuſcritas, & coſtas de cartas, & nelles fazia os ſeus apontamentos.

9 Pera prova de ſua grande caridade, baſtava dizer, que nunca da ſua boca ſe ouvio murmuraçaõ. Se diante de ſua prezença algum metia praticas de murmuraçaõ, logo as atalhava, naõ conſentindo foſſem adiante. Entre os do ſeu tempo tinha tres modos, com que dava corte a eſtas taõ commuas, como perniciosas praticas: o primeyro modo era meter de permeyo alguma nova: ſe lhe naõ ſuccedia, entrava com o ſegundo modo, deſculpando a peſſoa, de quem ſe detrahia, dizendo: teria ſua razaõ, & que a tẽçaõ na obra ſeria boa, & ſancta. Quando finalmente via, q̃ tra-

trabalhava de balde, ſe deſpedia com eſtas palavras: Naõ querem,ora fiquemſe embora. Tinha ditto ao Irmaõ Sanchriſtaõ, que quando algum Padre naõ pudeſſe dizer a primeira Miſſa, o chamaſſe a elle, & naõ moleſtaſſe a outros, que ſempre o acharia prompto, pera lhe acodir nas faltas. Aos doentes ſervia com grande amor; foi eſte taõ ſingular, que ficou muyto na memoria dos Irmaõs do Recolhimento, ſó de aſſiſtir algum tempo entre elles por Miniſtro de ſubſtituiçaõ.

10 Goſtava muyto com as acçoẽs de humildade: ſendo Noviço ſempre ſe adiantava, pera fazer as couſas de maior abatimento, como em alimpar os lugares menos limpos. Na cozinha fazia ſempre por lhe cahir em caza o esfregar as panelas; & porque ſabia, que o Irmaõ cozinheiro na repartiçaõ dos officios da cozinha, ſempre em primeiro lugar dava eſte cuidado, hia com diligencia; & ſe punha mais proximo a elle, pera que lhe cahiſſem as caldeyras, & panelas; que ordinariamente eraõ ſuas. No ſeu fallar,quãdo contava entre os Irmaõs alguns exemplos, o fazia com palavras taõ charras, & modo taõ groſſeiro, que parecia ſer hum toſco Irmaõ Coadjutor: iſſo meſmo moſtrava procurar, em ordem ao deſprezarem, & terem por menos culto.

11 Naõ ſó em Noviço, mas depois fallava muyto das couſas de Deos, & neſtas praticas moſtrava goſto, como quem tanto o tinha no coraçaõ. Muytas vezes o ouviaõ eſtar no ſeu cubiculo fazendo fervoroſas jaculatorias. Ainda depois, que na doença lhe ſobrevieraõ freneſis, dizia palavras ſanctas, & que levavaõ a Deos, pera onde o levavaõ as ſuas propenſoẽs. A ſua devaçaõ à Senhora foi conhecidamente grande. Na meza do cubiculo tinha diante dos olhos huma imagem da Senhora com o Menino nos braços, na qual ſe eſtava revendo de continuo.

12 Em o Noviciado ſe vio logo quam ternamente tinha no ſeu affecto a devaçaõ da Senhora. Naõ avia pratica, em que mais ſe ſaboreaſſe, que na das excellencias da Virgem May, que aſſim a nomeava de ordinario. Quando os Irmaõs o queriaõ alegrar,lhe diziaõ: Hoje, Irmaõ Amaro Fernandez, avemos de fallar da Virgem May. Muytas vezes a viſitava nas ſuas capellas. Na Ilha de Saõ Miguel, quando eſtava na quinta, frequentemente ſe retirava pera

a ca-

a capellinha da Senhora a tratar com Deos, & com a Virgẽ May. Na mesma quinta gostava muyto de cantar a ladainha da Senhora. Notouse, que tendo sua tentaçaõ de cãtar, quando estava na quinta: tudo quanto cantava era ao divino; & ainda algumas letrinhas indifferentes, que de si naõ tinhaõ cousa, que desdissesse da gravidade, & decoro Religioso, elle as acomodava ao divino, naõ querendo, que na sua boca tivessẽ lugar ainda hũs longes de profanidade.

13 Ajuntava com estas, & mais virtudes hum grande amor à Companhia, mostrando ter pleno conhecimento do grande bem, que tinha em ser contado no numero de seus filhos. Despediraõ no Collegio de Evora a hum Irmaõ Theologo. Acazo certo Padre tambem Theologo entrou no cubiculo do Padre Amaro, contandolhe o que passava: & acrecentou, se fora aquelle Theologo da Companhia por desconsolado: a isto disse o Padre Amaro: *Eu confesso, que ainda que me mandassem pera huma cozinha por incapas de ser Sacerdote, & ainda que me fizessem moço da cozinha, tirandome a roupeta, com tanto que fosse sempre da Companhia, tudo aceitaria sem çoçobro.* Costumava tambẽ dizer, pera mostrar, quam fixo estava na sua vocaçaõ: Que elle era professo do quarto voto, que o naõ podia a Companhia despedir. Significando cõ estas palavras q̃ na Cõpanhia a melhor segurança saõ os melhores procedimentos.

14 Da sua muyta bondade, & virtude nacia ser amigo de dar a todos gosto, ainda com discomodo seu: algumas vezes tendo chegado de fora, estando sem descansar; succedia, que algum Religioso sem saber viera de fora, lhe pedia, quizesse ser seu companheiro, pera satisfazer na cidade a estas, ou aquellas obrigaçoẽs; por lhe dar gosto cortava pello seu descanso, & ainda repugnancia, pera fazer a vontade a seu Irmaõ. Se a cazo o outro entendendo tinha chegado de fora, lhe dava satisfaçaõ de tal cousa lhe pedir: o Padre Amaro instava em dar comprimento ao que dezejava; dizendo, que pouco hia no seu trabalho.

15 Esta bondade o fazia bem quisto de todos, & athe aceito ainda aos mesmos brutos. Na Ilha de Saõ Miguel tinha hum Religioso no seu cubiculo hum canario; estando em tudo pago daquella avezinha, só lhe descontentava a braveza, & esquivança. Fez todas as diligencias, q̃ pode, pella amançar; mas todas foraõ debalde, porque depois

pois dellas eſtava taõ ariſco, como antes. Contou tudo ao Padre Amaro, que era Meſtre de latim; eſte lhe diſſe, que lha mandaſſe pera o cubiculo. Aſſim o fez; & dentro de poucos dias ſe domeſticou tanto o canario, que era hum doce feitiço de todos. Fazendo taõ engraçados meneyos com o bico, & com as azinhas, quando ſe lhe offerecia com a maõ alguma couſa de comer, que dava grande recreaçaõ naõ menos com elles, que com a harmonia do ſeu canto. Conſideradas as diligencias, que o outro Religioſo fizera pera tirar as eſquivanças do canario; & as poucas, com q̃ o Padre Amaro de bravio o fez meigueyro: entrou o Religioſo em penſamentos, de que a virtude do Padre Amaro dobrou a fereza do paſſarinho, & naõ as diligencias; ou eſtas ajudadas da virtude de quem as fazia.

16 Tendo paſſado o diſcurſo de ſua vida em muyta obſervancia, & virtude, eſtando quaſi no fim dos annos de Theologia, lhe ſobreveyo huma terrivel doença de febre maligna. Ainda que por toda avida ſe diſpos pera amorte, o fez entaõ applicando as diligencias, que eſtavaõ na ſua maõ. Recebeo o Sancto Viatico hum dia antemenhaã, por ſe ver de repente taõ apertado, que cuidou fallecer. No entre tanto fez muytos colloquios, como quem tanto ſe tinha habituado nas couſas ſanctas. Huma vez diſſe, que pera aquellas horas ſe naõ aviaõ de guardar as couſas tocãtes à ſalvaçaõ; por quanto a força do mal debilita tanto as potencias, que nem hum acto de amor de Deos ſe pode fazer com fervor, & eſpirito.

17 Sobreviераõlhe delirios; nos quais nunca ſahio em palavras deſcompoſtas. Tiveraõ muytos por indicio de ſer homem predeſtinado, ſahir neſtas palavras: *Eu naõ ſe me dà de morrer: ſegurei aminha ſalvaçaõ, & fis bem.* Tambem moſtrava ter ſeus lucidos intervallos, & nelles, ou moſtras delles diſſe as palavras ſobreditas. Morreo em Evora na madrugada dos dous de Mayo de mil ſetecentos, & ſinco. Depois de ſua morte foi ditto vulgar entre todos, que o Padre Amaro Fernandes era ſancto, & juſto. Eſte conſenſo cõmũ em toda hũa cõmunidade taõ numeroſa, ſancta, & douta como a do Collegio de Evora, he hum abonadiſſimo teſtemunho da muyta ſanctidade deſte ſervo de Deos.

F I M.

C A-

CATALOGO

DE ALGUNS ESCRITORES DA nossa Companhia, que foraõ Noviços em Lisboa.

NESTE Catalogo apontarei alguns Religiosos, que escreveraõ, & imprimiraõ, como o faço nas outras cazas, referindo os que foraõ Noviços em alguma das cazas, que segundo o q̃ fica contado, ouve em Lisboa. Nisto costumo seguir o que se faz na Bibliotheca geral da Companhia, aonde nem todos imprimiraõ livros grandes, & de tudo se faz mençaõ, ainda de cousas pequenas, por ser esse o costume de todos, os que fizeraõ Bibliothecas, cujo intento foy saberse das tais obras, ou grandes, ou pequenas, como tambem pella mesma causa se referem obras, que ficaraõ manuscritas. Isto suposto, vamos seguindo a ordem do Alphabeto.

Padre Adriaõ Pedro natural de Lisboa entrou na Companhia aos 3 de Junho de 1649, tendo 17 annos de idade. Ensinou Philosophia em Lisboa, foy Procurador Geral do Malabar, & Japaõ, Reytor do Collegio de Coimbra, & depois do de Sancto Antaõ. Escreveo as vidas do Irmaõ Antonio Homem Coadjutor temporal, & a do Irmaõ Bernardo de Mello estudante, cujos treslados manuscritos se guardam no cartorio de Coimbra. Escreveo sobre as Excellencias de Lisboa. Morreo no Collegio de S. Antaõ aos 17 de Março de 1713.

Padre Antonio Carneyro natural de Lisboa, onde entrou na Companhia aos 7 de Abril de 1676. Foy Reytor do Collegio da Ilha de S. Miguel, Preposito da caza de Villaviçoza, & Mestre dos Noviços no Collegio de Coimbra. Imprimio humas Meditaçoens dos Exercicios espirituais

de nosso Sancto Padre. Compos mais hum livro de Meditaçoens pera todos os dias do anno das virtudes de hũ dos Sanctos daquelle dia, intitulado *Sanctuario Mental*. Este livro se imprimio em Lisboa; o outro em Coimbra.

Padre *Antonio de Macedo* natural de Coimbra entrou aos 25 de Agosto de 1626. Sua vida fica escrita, & como por seu meyo obrou Deos a cõversaõ da Rainha Christina. Ensinou letras humanas, & Theologia Moral. Foy Reytor do Noviciado de Lisboa, do Collegio de Evora, & duas vezes Preposito da caza de Saõ Roque, onde sanctamente falleceo aos 15 de Julho de 1693. Compoz, & imprimio em Paris *Lusitaniam Infulatam, & Purpuratam, seu Pontificibus, & Cardinalibus illustratam.* A vida do Padre Joaõ de Almeyda em latim impressa em Padua. Elogios, & coroaçaõ da Rainha Christina, impressas em Estocolmio. As conclusoens Rhetoricas cheyas de erudiçaõ, que teve na Ilha da Madeyra. Os Sanctos Titulares, impresso em Lisboa. Todas estas obras saõ em latim.

Padre Antonio da Sylva natural de Aveyro Bispado de Coimbra entrou aos 7 de Março de 1622, tendo 17 annos de idade. Sete annos ensinou letras humanas, & Rhetorica, outros sete Theologia Moral. Morreo sanctamente em Santarem aos 18 de Abril de 1666. Imprimio hum compendio da vida do Sancto Xavier.

Padre Ayres de Almeyda natural de Santarem entrou na Companhia aos 24 de Março de 1649, tendo vinte annos de idade. Ensinou entre nós as sciencias athe a cadeyra de Prima de Theologia em o Collegio de Coimbra com nome de grande Mestre. No mesmo Collegio morreo sanctamente aos sete de Março de 1704. Foy sofredor de molestias, que lhe nam faltaraõ. Na ultima doença naõ quis pedir licença, pera dar cousa alguma do seu uso, deixando tudo nas maõs do Prelado, tendo escrupulo do contrario. Foy Calificador do Sancto Officio. Imprimio em Coimbra hum Sermaõ do Acto da Fé, que prègou em o anno de 1697.

B

PAdre *Doutor Bento Pereyra* naceo em Borba no Arcebispado de Evora: foy filho de huma Irmaã dos dous Padres Bentos Fernandes, hum Martyr insigne, outro insigne,

ſigne Eſcriturario, entrou aos 27 de Junho de 1620, tendo quinze annos de idade. Depois de eſtudar Philoſophia em Coimbra, enſinou ſeis annos letras humanas, & Rhetorica em Evora, com nome de grande Meſtre. Antes de ſer Sacerdote compos ſinco volumes de juſta grandeza, dos quais logo ſe dirá. Em Evora enſinou Philoſophia. Leo Theologia por vinte annos, parte em Lisboa, & parte em Evora: onde tomou o grão de Doutor aos 24 de Fevereyro de 1647. Foy Calificador do Sancto Officio. Em Roma foy Reviſor dos livros da Companhia. Voltando de Italia governou o Collegio dos Irlandezes em Lisboa; onde tambem foy Meſtre de Theologia. Foy homem de coſtumes inculpaveis. Por toda a vida naõ teve outras contas de rezar, mais que as meſmas, que lhe deraõ em o Noviciado. Muy amigo das couſas ſanctas, & devoto da Senhora. Foy de eſtudo incanſavel. Por naõ perder tempo, quando ſeu pay o vinha vizitar a Evora, lhe fazia avizo, o naõ viſſe ſe naõ na hora, em que depois do jantar fallaõ entre ſi os Religioſos. Quando ſervia à meza, tinha conſigo hum livro, & pondo na meza o comer, lia pello ſeu livro. Tudo fazia por aproveitar o tempo. Veyo a perder a memoria nos ultimos annos em forma, q̃ naõ ſabia o cubiculo, em que morava; & eu, que algum tempo o ſervi, o levava, & trazia do refeytorio. Quaſi todo o dia gaſtava em ler pello Breviario. Quando lhe fallavaõ de couſas ſanctas, fallava ſempre a propoſito, nas mais variava, como homem, que ficou como hum menino antes do uſo da razaõ, totalmente deſmemoriado. Morreo em Evora aos 4 de Fevereyro de 1681. Compoz a Proſodia, que ſe tem impreſſo muytas vezes, & anda nas maõs de todos, a qual ultimamente foy amplificada pello Padre Mathias de Saõ Germaõ natural de Monçarás, que do muyto trabalho, que niſto teve, entiſicou, & morreo. *Arte da lingua Portugueza* impreſſa em Leaõ de França. *Pallas Togata* impreſſa em Evora. Hum tomo de *Moribus gentium*, o qual manuſcrito ſe conſerva na livraria do Collegio de Portalegre. *Hum commento de Horacio* em dous tomos, que ſe conſerva manuſcrito no Collegio de Sancto Antaõ de Lisboa. Imprimio hum intitulado *Academia*, em que trata da Republica literaria. Outro intitulado *Elucidarium Theologiæ moralis, & utriuſque juris, exponens proprietatem*

ſer-

sermonis Theologici, Canonici, & Civilis. Mais huma *Sũma de Moral* em dous tomos, que dizem ser nesta faculdade a melhor Sũma, que tem sahido a luz. Mais hum grande volume, que intitulou *Concionabilia*, que trata de prégaçoens; este manuscrito se conserva no Collegio de Beja. Outros, de que trata separadamente a Bibliotheca da Companhia, como *Thesouro da lingua latina, Florilegio*, saõ partes, que andaõ encorporadas na Prosodia. Imprimio *Promptuarium Juridicum, complectens omnes resolutiones secundum jus commune, & Lusitanicum. Regras gerais da Ortographia* Portugueza, *& Latina* impressas em Lisboa. Tambem fez hum compendio dos livros de Matrimonio do Padre Sanches; que athe o prezente se naõ imprimio.

C

Padre Christovaõ Ferreyra natural da Zevreyra no Arcebispado de Lisboa entrou em Coimbra aos 27 de Novembro de 1596, passou parte do seu Noviciado em Campolide. Sua tragedia, & ditoso fim em seu lugar fica escrito. Morreo Martyr em Japaõ, anno de 1652. Escreveo as Annuas de Japaõ de 1627.

D

Padre Diogo Lobo natural de Tangere em Africa entrou aos 20 de Novembro de 1644. Ensinou letras humanas, & Rhetorica em Lisboa. Teve singular talento pera os pulpitos, foy Prègador dos Reys Dom Affonso sexto, & Dom Pedro Segundo. Nos ultimos annos padeceo estupor em hum braço: indo de Lisboa a Coimbra, pera se curar, prègou alli o Advento, & avia de prègar as menhaãs da Quaresma, quando lhe veyo a doença, de que morreo aos 20 de Março de 1691. Deyxou hum, ou dous tomos de sermoens preparados pera a imprensa; por causa da morte de seu Autor naõ sahiraõ a luz. Dos seus sermoens sahiraõ dous impressos em hum volume, que se imprimio de sermoens de prégadores nomeados daquelle tempo.

Padre *Duarte de Sande* natural de Guimaraens no Arcebispado de Braga entrou na caza de Saõ Roque em Ju-

nho de 1562. Ensinou Rhetorica em Coimbra. Foy grande Prégador, & Superior. Passou à India no anno de 1578. Governou o Collegio de Baçaim, foy Superior da missaõ da China, & Reytor do Collegio de Macao. Entrou a prégar na China, onde converteo muytos gentios. Morreo sanctamente em Macao no anno de 1600. Escreveo huma Relaçaõ da China pera o Padre Preposito Geral. Mais o Itinerario dos Principes do Japaõ, que delle partiraõ pera Roma no anno de 1584.

F

PAdre *Francisco Ayres* natural da Amieyra no Priorado do Crato. Sua vida, & virtudes escrevo em seu lugar. Morreo sanctamente na caza do Noviciado de Lisboa aos 11 de Novembro de 1664. Sendo cego, tendo por escreventes os Noviços, ditou alguns livros espirituais, que imprimio, cujos titulos sam: *Directorio espiritual pera o caminho do Ceo. Triumphos do amor divino contra os desprimores humanos. Exemplares metaphoricos da origem das virtudes. Parallelos Academicos entre duas Universidades divina, & profana. Imagem de prudentes, & espelho de ignorantes. Epitome espiritual de tudo, o que deve saber o Christaõ, do que deve crer, & obrar.*

P*adre Francisco da Fonseca* natural da Cidade de Evora sendo estudante Theologo, & Mestre em Artes entrou na Companhia em Lisboa aos 26 de Março de 1685. Ensinou letras humanas, prégou alguns annos. Sendo Procurador Geral da India foy por Confessor do Embayxador de Portugal o Marques de Alegrete à Corte de Viena de Austria, alli no anno de 1708 se imprimio com nome suposto de Affonso Franco hum Compendio muy perfeyto da vida de Sam Joaõ Nepomuceno, Padroeyro do Reyno do Boemia, composto pello mesmo Padre; & com elle o officio, & ladainhas do mesmo Sancto. Compos mais hum livro desta jornada do Embayxador, & vinda da Senhora Rainha de Portugal, obra muy asseada, & grandemente curiosa, o qual athe o prezente se naõ imprimio.

P*adre Francisco da Cruz* natural do Louriçal Bispado de Coimbra entrou em Coimbra aos 9 de Dezembro de 1643, tendo 14 annos de idade. Em Coimbra esteve só onze

onze dias, logo foy pera o Noviciado de Lisboa. Ensinou letras humanas, Philosophia, & Theologia. Foy Revisor em Roma. Reytor do Collegio de S. Antaõ. Mestre, & Confessor do Principe Dom Joaõ, que agora he Dom Joaõ o Quinto Rey de Portugal, & o seja por muytos, & ditosos annos. Neste anno de 1709 se começou a habitar hum Convento de Religiosas no Louriçal, que por respeito deste Padre mandou fazer a piedade del-Rey nosso Senhor. Foy o Padre Francisco da Cruz muy amigo das cousas de Deos, & tinha grande modo pera encaminhar as almas ao serviço de Deos. Falleceo na caza de S. Roque aos 29 de Janeyro de 1706. Tinha entre maõs huma Bibliotheca de todos os Autores Portuguezes, na qual obra tinha tido muyto trabalho. O que estava feyto deste manuscrito se deu ao Excellentissimo Senhor Dom Francisco Xavier Conde da Ericeyra, grandemente affeyçoado à Companhia, por elle com instancia o pedir pera a sua nobilissima livraria, como quem he taõ curioso, & amigo dos livros, & em seu poder se conserva.

P*adre Dom Francisco Lainez* natural de Lisboa, entrou aos 16 de Outubro de 1672, tendo 16 annos de idade. Foy pera a India no anno de 1681. Trabalhou muytos annos na Missaõ de Maduré, onde sofreo muytos tormentos pela fé; voltou a Europa, & foy a Roma sobre negocios da Missaõ. Em Lisboa foy sagrado Bispo de Meliapor aos 18 de Março de 1708, & nesse anno tornou pera a India. Compoz, & imprimio em Roma no anno de 1707 hum livro intitulado: *Defensio Indicarum Missionum, Madurensis, Maysurensis, & Carnatensis edita occasione decreti ab Illustrissimo Domino Patriarcha Antiocheno D. Carolo Maylard de Tournon Visitatore Apostolico in Indiis Orientalibus lati.*

P*adre Doutor Francisco Soares* Lusitano natural de Torres-Vedras no Arcebipado de Lisboa filho de pays muy illustres. Entrou na Companhia aos 5 de Fevereyro de 1619. De sua sabedoria, & excellentes virtudes escrevo em sua vida. Foy homem de grande paciencia, & teve bem, em que a exercitar. Morreo de hum incendio casual em Jerumenha no Bispado de Elvas aos 19 de Janeyro de 1659. Escreveo, & imprimio em 4 tomos toda a Philosophia. A Universidade de Evora lhe imprimio hum to-

mo

mo de *Pœnitentia*, que deixou acabado. Tambem deixou acabado outro das Censuras Ecclesiasticas, & da Bulla da Cea, que athe agora se naõ imprimio. Como tambem huns Commentarios sobre a primeyra parte de Sancto Thomas, que ficaraõ acabados.

G

PAdre *Gaspar Villela* natural de Avis no Arcebispado de Evora, Missionario insigne de Japaõ, cuja vida fica escrita nesta obra, falleceo em Goa no anno de 1572. Escreveo hum livro sobre as questoens, que lhe propuzeraõ os sabios de Meaco. Traduzio alguns livros na lingua mais elegante da Corte de Japaõ. Escreveo muytas Relaçoens, ou cartas das cousas de Japaõ, que andaõ impressas no volume, que mandou dar à imprensa o Illustrissimo Senhor Dom Theotonio de Bragança Arcebispo de Evora.

I

PAdre *Joaõ Coutinho* natural do Pombal no Bispado de Coimbra entrou na Companhia em Lisboa aos 7 de Setembro de 1660, tendo 18 annos de idade. Ensinou letras humanas, governou o Collegio de Setuval. Morreo sanctamente em Coimbra na noyte dos 23 pera os 24 de Abril de 1709. Compoz, & imprimio tres tomos de discursos concionatorios, que intitulou *Estromas*.

Padre *Joaõ Furtado* natural de Lisboa entrou aos 20 de Novembro de 1644, tendo 16 annos de idade. Ensinou letras humanas, Philosophia, & Theologia em Evora, foy depois Revisor em Roma. Suas virtudes ficaõ escritas em sua vida. Morreo sanctamente em Coimbra aos sinco de Fevereyro de 1700. Deixou seis, ou sete tomos de Moral em latim todos perfeitos, & acabados como pera a Imprensa.

Padre *Joaõ Monteyro* natural de Mezaõfrio no Bispado do Porto entrou aos 12 de Abril de 1620, tendo 16 annos de idade. Acabados os estudos navegou pera a India. Em Goa foi Mestre dos Noviços. Ensinou Philosophia, & Theologia em Macao. No anno de 1636 entrou na Chi-

na, onde fez grande fruto nas almas. Morreo no anno de 1648. Compoz, & imprimio em lingua Sinica hum *Compendio da Ley divina.* Outro livro do verdadeyro, & falso culto de Deos, no qual trata da adoraçaõ.

Padre Joaõ de Payva natural de Lisboa entrou aos 20 de Novembro de 1660, tendo 56 annos de idade, era Conego Quartanario na Sé de Lisboa. O seu grao foi de Coadjutor espiritual. Muy observante das regras: ouve delle opiniaõ de homem sancto, & a sua resoluçaõ de entrar na Companhia assim denota. Acabou sanctamente seus dias na caza professa de Saõ Roque aos 23 de Março de 1682. Imprimio com nome de Joaõ de Britto hum compendio das ceremonias da Missa.

Padre Jorge da Costa natural de Azeitaõ no Arcebispado de Lisboa entrou aos 4 de Mayo de 1626. Ensinou Rhetorica em Coimbra, Philosophia em Evora, onde foi Lente de Escritura, & tomou o grao de Doutor aos 25 de Novembro de 1653. Foi Reytor do Collegio de Setuval, Preposito da caza de Villaviçoza, Procurador a Roma. Era homem de muyta caridade, acodindo a pobres, & miseraveis. Foi Cancellario da Universidade de Evora, da qual occupaçaõ voltando pera a caza de Saõ Roque nella morreo aos 24 de Abril de 1688. Imprimio hum elogio de Ludovico 13 Rey de França. Hum sermaõ do nome de JESU. Hum sermaõ do Jubileu concedido por Innocencio X. Hũ sermaõ da Circũcisaõ cõ allegoria mysteriosa.

Padre Jozeph Soares natural de Setuval entrou aos 3 de Outubro de 1644, tendo 15 annos de idade. Ensinou letras humanas no Collegio de Sancto Antaõ. Morreo no de Evora aos 15 de Setembro de 1658. Compoz o Cartapacio de Syntaxe, de que ordinariamente se usa nas escolas.

L

PAdre Luis Alvres natural de Saõ Romaõ Bispado de Coimbra entrou aos 27 de Abril de 1629, tẽdo 14 annos de idade. Ensinou letras humanas, & Philosophia em Coimbra, onde foi Lẽte de Escritura. Foi Reytor dos Collegios de Angra, do Porto, de Evora, Provincial, & Preposito da caza de Saõ Roque. Morreo na caza de Saõ Roque aos 13 de Janeyro de 1709. Imprimio Em Evora: *Amor Sagrado.*

grado. Inferno custoso, Ceo de graça. Mais hum sermaõ, q̃ fez no Acto da Fé. Mais dous tomos de sermoens em Portugues. Imprimio em Latim *Josephum Rachelis filium illustrẽ.*

Padre Luis Froes natural da cidade de Beja no Arcebispado de Evora, entrou no anno de 1547, & no seguinte passou à India, & foi hum dos insignes fundadores da Christandade de Japaõ, como se ve em sua gloriosa vida, q̃ fica escrita. Illustrou este Heroe grandemente as cousas da Companhia na India, & Japaõ com suas cartas, que deraõ materia a grandes volumes. Dellas andaõ muytas impressas por ordem do Illustrissimo Senhor Dom Theotonio Arcebispo de Evora. No anno, que vieraõ a Euroupa os Senhores Japoẽs, esteve aponto de vir com elles, & teve disso grandes dezejos, por afervorar com sua prezença aos nossos, aquem de continuo com suas cartas tinha afervorado. Fallando desta occasiaõ em huma carta, que de Macao no anno de 1593 escreveo aos Padres, & Irmaõs dos Collegios de Coimbra, & Evora, tem estas palavras. *Quando foraõ os Embaixadores, estive na ultima disposiçaõ, pera se introduzir esta forma: no qual tempo podem os carissimos Irmaõs considerar com quanta vivacidade faria meus largos discursos no modo, que teria pera muyto de proposito gastar com elles largas, & diffusas horas de repouso. Levava traçada no entendimento, pera lhe propor no primeiro lugar a phisionomia do* Padre *Mestre Francisco de sancta memoria, seu modo de dizer Missa, ao qual ajudei muytas vezes em Goa, a suavidade da sua communicaçaõ, a efficacia das suas palavras, o exẽplo de sua vida, o roteiro dos annos, que viveo na India, com muytas particularidades annexas a esta materia. No segundo lugar lhe ouvera de tratar de todos os varoens perfeitos, homens insignes, & eminentes, com que a Companhia lançou seus fundamentos nestas partes Orientais, pella communicaçaõ, que com elles tive, dos quais sabia muytas, & muy raras cousas.*

Nesta forma vai continuando as cousas, que lhes diria. Logo diz, em como o Padre Gaspar Coelho Vice-Provincial de Japaõ lhe ordenou compuzesse a Historia de Japaõ, em que gastou sinco, ou seis annos continuos, & que muitas vezes escrevia dez horas no dia pello affectuoso dezejo, que tinha de acabar aquella obra, & a mandar a seus Irmaõs. Diz, que a dividira em tres partes: na primeira tratava precisamente do clima, altura, calidades, costumes, ritos,

origem do Japaõ. Na ſegunda de como o Padre Meſtre Franciſco partio de Goa pera Japaõ com ſeus companheiros, & de como a poderoſa, & immaculada Ley Evangelica com a luz da ſua verdade rompeo por aquellas denſas trevas, & do fruto, que em diverſos Reynos ſe foi fazendo des do anno de 1549, que o Padre Meſtre Franciſco lâ chegou, athe o anno de 78, que ſaõ trinta annos; & a terceira parte, que he maior, que as duas precedentes, toma ſeu exordio da converſaõ del-Rey Franciſco de Bungo athe agora. Mas porque a calidade da Hiſtoria, & o pezo della requere ſer muy exactamente limada, & metida na força da diligente examinaçaõ, fica o Padre Vizitador Alexandre Valignano encarregado, pera tomar o aſſumpto deſta reviſta, & ainda eſte anno de 93 a tornou noſſo Padre Geral a encomendar encarecidamente, que ſe acabaſſe, & ſe vier a effeito, creyo ſerà hum pedaço de recreaçaõ aos cariſſimos Irmaõs, que com taõ intenſo amor dezejaõ ſaber as couſas de Japaõ, & acharſe nellas, & o que na Hiſtoria naõ menos lhe agradarâ, ſeraõ as couſas, de que athe agora naõ tiveraõ noticia, por aver muytas, que naõ foraõ referidas nas cartas, que lâ foraõ enviadas.

Quis referir, o que diz àcerca deſta Hiſtoria de Japaõ por ſuas palavras, por quanto della naõ faz mençaõ a Bibliotheca da Companhia, ſenaõ com palavras, que a confũdẽ com o volume das ſuas cartas. Que feito ſeja da tal Hiſtoria, ſe ſe conſerva em Macao, Goa, ou Roma, eu o naõ acho eſcrito. Sẽ duvida, q̃ ſerà couſa muy curioſa. O Padre Froes achãdoſe mal em Macao, voltou a Japaõ, onde morreo a 8 de Julho de 1597. O Catalogo dos varoẽs illuſtres da Cõpanhia, q̃ ſe le em Roma, o tem em 8 de Janeiro do dito anno.

M

Padre Doutor Manoel Correa natural de Loanda em Angola entrou aos 31 de Mayo de 1651, tẽdo 15 annos de idade. Enſinou letras humanas, Rhetorica, Philoſophia, Theologia moral, & Eſpeculativa em Evora, athe a cadeira de Prima, onde ſe formou Doutor na ſancta Theologia. Foi Reytor do Collegio de Coimbra, Procurador a Roma, Provincial, & Aſſiſtente em Roma do Padre Thyrſo Gonzales; depois foi Revizor, & neſte officio falleceo em Ro-

ma aos 29 de Agosto de 1708. Foi muy devoto da Senhora, em seu obsequio dotou com renda, & ornou com muytas, & muy ricas peças a capella da Conceyçaõ dentro no Collegio de Evora. Compoz hum livro de conselhos, & pareceres de Moral, o qual se imprimio em Roma depois de sua morte, intitulado *Idea Conciliaria*.

Padre Manoel de Oliveira natural de Lisboa entrou aos 7 de Outubro de 1671. Ensinou letras humanas, & Rethorica, Philosophia, & Theologia em Coimbra, onde foi Lente de Prima. Imprimio hum sermaõ feito nas exequias da Rainha Dona Maria Sophia.

Padre Doutor Manoel Luis natural de Beja no Arcebispado de Evora entrou aos sinco de Abril de 1622, tendo 14 annos de idade. Ensinou letras humanas, Philosophia, & foi lente de Escritura em Evora, onde tomou o grao de Doutor aos 24 de Fevereiro de 1647. Foi Procurador a Roma, Reytor dos Collegios de Sancto Antaõ, & Evora, onde fez obras de grande utilidade. Era de genio muyto amavel, & grande coraçaõ, que com nada abafava. Morreo em Evora aos 13 de Dezembro de 1682. Compoz em Latim a vida do Principe Dom Theodosio, filho primogenito del-Rey Dom Joaõ o Quarto, que se imprimio em Evora.

Padre Doutor Manoel Pereyra natural da Arruda no Arcebispado de Lisboa entrou aos 27 de Março de 1634, de 14 annos de idade. Ensinou letras humanas, Philosophia, & Theologia. Foi Lente de Prima em Evora. Governou os Collegios de Braga, & Evora: neste governo foi a Roma à Congregaçaõ geral, em que foi eleito o Reverendo Padre Carlos de Noyele. Trouxe bulla, & indulgencias, pera na Igreja do Collegio de Evora erigir, como fez, a Irmandade da Senhora da Boa Morte, que sempre foi em grandes augmentos. Pagoulhe a Senhora esta devaçaõ com a boa morte, que lhe deu. Veyolhe huma suppressaõ alta, em q̃ teve dores excessivas. Elle as sofreo com notavel conformidade com a vontade de Deos, & com ellas purificado piamente se pode crer o levou a Senhora a gozar o premio da sua devaçaõ. Morreo sendo Reytor do Collegio de Evora aos 14 de Dezembro de 1683. Tinha disposto pera dar à imprensa a Materia de Restituiçaõ, a qual obra todos louvavaõ muyto, porem sua morte dilatou athe o prezente a ditta impressaõ.

Pa-

Padre Manoel Pinheiro natural da cidade de Ponta Delgada na Ilha de Saõ Miguel entrou na Companhia em o Noviciado, que ouve na caza de Saõ Roque, aos oito de Março de 1573, tendo dezasete annos de idade. Dezejozo de gastar sua vida nas missoẽs, passou à India no anno de 1591. No de 1594 entrou no Reyno do Mogor com o Padre Jeronimo Xavier, onde por dilatar a fé, padeceo muytas molestias, & esteve a perigo de perder a vida. Huma ves lhes misturaraõ cousa na comida, que a elle, & aos mais de caza fez taõ profundo letargo, que a seu salvo entraraõ os ladroẽs, & os roubaraõ. No anno de 1607 foi mãdado a Goa como embaixador do Mogor, aonde com bõ successo compos a paz entre os Mogores, & Portuguezes. Tornou pera a missaõ. Carregandoo jâ os achaques se recolheo a Goa, aonde falleceo pellos anno de 1618. Escreveo as Annuas de 1599 da missaõ do Mogor. Delle se faz mençaõ na Bibliotheca da Companhia.

Padre Manoel Pires natural de Estremos no Arcebispado de Evora entrou aos 29 de Fevereiro de 1667, tendo 15 annos de idade. Exercitou muytos annos officio de prégador na Ilha de Saõ Miguel. Pera esta faculdade tinha grandes talentos. Depois ensinou Philosophia em Evora. Estando prégador na caza de Saõ Roque, o escolheo por seu Confessor a Senhora Dona Catherina Rainha de Inglaterra, à qual foi muy aceito por sua grande prudencia, & juizo profundo em comprehensaõ de quaisquer cousas grandes, em que tinha muyto acerto, & resoluçaõ. Era muy desinteressado: podendo ser muy util a seus parentes, naõ tratou disso. Todo o seu valimento quis pera abrigar as cousas de sua may a Companhia. Por seu respeito favoreceo a dita Senhora muyto nossas cousas, & acodio com grossas esmolas às cazas professas, & às missoẽs da India, & se fez fundadora do seu Noviciado. Deyxou huma boa livraria à caza de Villaviçosa; & dos cahidos da congrua, q̃ se lhe dava, aplicou a mayor parte ao Noviciado da India, & o de mais a alguns Collegios pobres. Morreo na caza de Saõ Roque aos 5 de Janeyro de 1708. Deyxou dispostos pera a imprensa alguns volumes de Sermoẽs, que se espera sahirâõ a luz.

Padre Manoel dos Reys natural de Loures junto a Lisboa entrou na Companhia em Lisboa aos 20 de Novembro de

1652.

1652. Foi de primeiros talentos. Ensinou Rhetorica, Philosophia, & Escritura em Coimbra. Foi insigne prégador. Imprimio hum sermaõ de Sancto Thomas de Villanova, & depois de sua morte se ordenaraõ pera a imprensa tres volumes dos seus sermoẽs. Foi muyto humilde: por isso fazendoo Reytor do Collegio de Braga, naõ aquietou, athe o naõ escusarem. Morreo sanctamente em Braga aos 21 de Abril de 1699.

Padre Manoel de Sâ natural da Torre de Moncorvo no Arcebispado de Braga entrou em Coimbra aos 13 de Fevereyro de 1675, acabou em Lisboa. Foi pera a India no anno de 1680, onde ensinou as sciencias com grande nome. No anno de 1708 chegou a Portugal, & logo em 709 voltou pera a India nomeado Patriarca de Ethiopia. Deyxou câ hum volume de sermoẽs, que pouco depois se imprimio. Tambem compoz huma Relaçaõ de successos no cerco de Mombaça, que se guarda no cartorio da India no Collegio de Sancto Antaõ. [illegible]

Padre Miguel Dias natural de Lisboa entrou na Companhia ao 1 de Novembro de 1650, tendo 14 annos de idade. Foi Mestre dos Noviços em Evora, Reytor do Collegio de Portalegre, onde começou a Igreja nova, q̃ jâ ha annos, que se acabou, contra o que imaginava, quando lhe lançou a primeira pedra. Depois foi Mestre dos Noviços em Coimbra, desta ocupaçaõ foi ser em Roma Penitencieiro em Saõ Pedro, & depois substituto, ou Secretario da Assistencia de Portugal. Vindo de Roma foi Reytor dos Noviços em Lisboa, logo Confessor da Rainha de Portugal Dona Maria Sophia. Fallecendo esta Senhora, foi eleito Provincial, depois Preposito da caza de Saõ Roque: indo a Roma à eleyçaõ do Reverendo Padre Geral Miguel Angelo, ficou seu Assistente. Por occasiaõ das exequias, que a naçaõ Portugueza fez na Igreja de Sancto Antonio a el-Rey Dom Pedro Segundo, prégou o Padre Miguel Dias, o sermaõ se imprimio em Roma no anno de 1707. No anno de 1714 tornou pera Portugal. Imprimio mais hum livro em oitavo, cujo titulo he: *Ultimo instante entre a vida, & a morte.* Mais outro em oitavo, cujo titulo he, *Aparelho Eucharistico.*

Pa-

P

P *Adre Pedro de Amaral* natural de Azurar no Biſpado de Viſeu entrou aos 10 de Janeiro de 1626, tendo quinze pera dezaſeis annos de idade. Foi quinze annos Lente de Eſcritura em Coimbra. Compoz huma expoſiçaõ ſobre o Cãtico da Magnificat, que ſahio a luz em Evora. Governou o Collegio de Braga. Exercitou ſempre o miniſterio da prègaçaõ, pera o qual foi incanſavel, & com muyta honra da Companhia. Tambem compos hum volume de ſermoẽs em latim, que deyxou corrente pera ſe dar a lus. Falleceo em ſancta velhice na caza de Saõ Roque aos 29 de Dezembro de 1711.

S

P *Adre Doutor Sebaſtiaõ Barradas* natural de Lisboa entrou aos 26 de Setembro de 1558. Sua ſancta vida, & virtudes admiraveis eſcrevo diffuſamente, porque foi homem em tudo aſſombroſo, & hum dos maiores, com que Deos honrou a noſſa Companhia. Enſinou Rhetorica, & Philoſophia. Foi Lente de Eſcritura em Coimbra, & o mais tempo em Evora, onde tomou o grao de Doutor. Morreo em Coimbra aos 14 de Abril de 1615. Compoz quatro volumes ſobre os Evangelhos, os quais por ſer obra em tudo rara, ſe imprimiraõ muytas vezes. Mais o Itinerario dos filhos de Iſrael pera a terra de promiſſaõ; eſte ſe imprimio depois de ſua morte.

Padre Sebaſtiaõ de Novais natural de Braga entrou aos 11 de Outubro de 1632. Enſinou letras humanas, & Rhetorica por ſete annos, Theologia Moral por nove, Theologia eſpeculativa por ſeis. Foi Reytor do Collegio de Santarem; teve pera os pulpitos talento ſingular. Compoz em honra da Conceyçaõ da Senhora hum elegante livro intitulado: *Lilium inter ſpinas, ſive Cõceptus Dei Genitricis incõtaminatus.* Imprimioſe em Coimbra anno de 1648. O Padre Novais morreo na caza de Saõ Roque.

Padre Simaõ da Gama natural de Lisboa entrou aos dez de Junho de 1657, tendo 16 annos de idade. Imprimio ſete tomos de ſermoens.

INDICE

DAS VIRTUDES. O PRIMEIRO numero he das paginas, o ſegundo dos paragraphos.

A

C

D

E

F

H

L

M

N

O

LAUS DEO

ERRATAS.

Pag.	§.	Regr.	Errata.	Emenda.
17	25	1	nelle	nella
25	10	4	mam a	a mam
24	14	10	se diga.	Poderiaõ ter.
51	2	2	saõ de	de sam
76	3	5	começarem	começaram.
88	11	1	devia	dizia.
120	12	3	Reverendissima	Reverencia
129	14	9	pia	piæ
136	9	8	asprayada	esprayada
155	25	4	fazendo	fallando
156	27	5	cousa	per cousa
171	10	7	per	pera.
172	13	5	pro	por.
177	8	1	hum	huma
177	9	3	Portnguezes	Portugues
179	6	6	ctem,	crem
179	7	1	tem	crem
199	9	3	o sabe	os sabe
227	11	1	altercraçoens	altercaçoens
227	11	1	despedio Padre	se despedio o Padre
230	11	5	que toda	que de toda
230	11	5	deque Nobunanga	que Nobunanga
238	6	8	gregando	pregando
248	13	4	pera uovas conversans	pera novas conversoens
249	18	1	teve,que se divertir	teve, emque se divertir
261	6	1	pue naõ	que naõ
275	12	10	os despedia	& os despedia
277	8	7	Baradas	Barradas
296	8	7	pederiaõ	poderiaõ
305	15	3	recolleraõ	recolheraõ
310	5	4	ao Irmaõ	o Irmaõ
359	8	2	da da ordem	da ordem
368	10	5	seus lugares	de seus lugares
376	6	1	tomava	tomada
387	1	7	Estavamos	distavamos
404	4	1	no que	ao que
406	1	6	urino	trino:
418	10	7	os deligencias	as deligencias
439	1	2	tinhale	tinhalhe
369	13	3	Philipinas	Philippinas
466	15	5	persistetemente	persistentemente
470	13	6	meterem	meter em
477	3	14	pro	por
482	19	6	covalesceute	convalescente
484	24	29	que escreveo	que se escreveo
497	7	10	buscava	o buscava
503	3	11	o quem	o que
526	7	2	hnm	hum
521	3	9	estretissimamente	estreitissimamente
540	2	5	bem o espaço	bom espaço
546	7	3	tomora	tomàra
548	4	8	dos ouros	dos outros
550	10	15	raturalmente	naturalmente
552	5	8	bem nome	bom nome
553	6	9	hemens	homens
582	20	1	Nogeuyra	Nogueyra
596	1	8	Confimaria	Confirmaria
611	6	1	ourro	outro
617	9	17	opportet	oportet
640	8	2	merececem	merecem
652	20	10	dispculos	discipulos
671	4	3	Ee	Fè
715	4	3	ttabalhos	trabalhos
724	14	3	era	pera
734	6	2	tando	atando
756	5	11	nossos	mossos
762	3	4	,	;
762	3	4	tendo	vendo.
ibid.	4	5	todo	tudo.
ibid.	6	3	conza	couza.
764	tit.	3.	conta	consta.
765	5	6	enrre	entre.
ibid.	6	12	outras, couzas,	outras couzas,
772	6	7	Deus	Deos
804	1	9	prezumia	rezumia
810	6	5	reclina	reclinado
818	1	1	Despedindo	Despedido
844	24	8	Magestade mas	Magestade: mas
851	13	1	bautimos	bautismos
ibid.	12	12	cossos	nossos.
870	13	34	ouros	outros
871	16	17	os mais	o mais
874	1	1	mostro	mostrou
875	4	5	tinhaõ	tinha
887	12	16	tinhaõ	tinha
903	14	9	vonceo	venceo
905	1	28	mui	muitas
965		7	annes	annos
974		15	anno	annos
973		6	conciliaria	consiliarii.